

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

VOLUME VII

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

DA

SECRETARIA DA AGRICULTURA

SÃO PAULO — BRASIL

1 9 5 1

Os ARQUIVOS DE ZOOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO virão a lume sob a forma de separatas ou fascículos sucessivos e de paginação corrida, de modo a se enfeixarem anualmente em volume independente.

A distribuição dos fascículos só se fará oficialmente de modo restrito e na medida necessária à garantia dos direitos de prioridade. A dos volumes será feita posteriormente às instituições que mantenham, com o Departamento, permuta regular de publicações.

A grafia dos artigos insertos nos ARQUIVOS será uniforme e obedecerá às regras estabelecidas pela reforma oficial, cabendo aos autores 100 separatas.

Tôda a correspondência referente aos ARQUIVOS, assim como os originais destinados à publicação, devem ser endereçados ao Diretor do Departamento de Zoologia.

As publicações enviadas em permuta com os presentes ARQUIVOS serão endereçadas explicitamente à

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA
DA AGRICULTURA

Avenida Nazaré, 571 — Caixa Postal, 7172

SÃO PAULO — BRASIL

ARQUIVOS DE ZOOLOGIA

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

VOLUME VII

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

DA

SECRETARIA DA AGRICULTURA

SÃO PAULO — BRASIL

1 9 5 1

S U M Á R I O

	Págs
Prefácio —	
N.º 1 — CARRERA, MESSIAS Contribuição ao conhecimento dos <i>Asilidae</i> neotropi- cais (<i>Diptera</i>) — I — Sobre as espécies brasileiras com esporão na tibia	1
N.º 2 — SOARES, B.A.M. e SOARES, H.E.M. Monografia dos gêneros de Opiliões neotrópicos	149
N.º 3 — PINTO, OLIVÉRIO Esbôço monográfico dos <i>Columbidae</i> brasileiros	241
N.º 4 — VIEIRA, C. Xenartros e Marsupiais do Estado de São Paulo	325
N.º 5 — LANE, FREDERICO Cerambicídeos Neotrópicos. II — Sobre a posição sis- temática de alguns gêneros	363
N.º 6 — AMARAL, AFRÂNIO DO Codificação da Nomenclatura Zoológica	379
N.º 7 — TRAVASSOS, L. (Filho) Líquido para preservação das estruturas internas de Lepidópteros e demais Insetos que habitualmente se montam em alfinetes	439
N.º 8 — CAMARGO, H.F.A. Descrição de dois alótipos e algumas anotações mor- fológicas sobre Aranhas brasileiras (<i>Arachnida</i> — <i>Araneae</i> [<i>Dysderidae</i> , <i>Argiopidae</i> , <i>Selenopidae</i> , <i>Clubio- nidae</i>])	445
N.º 9 — TRAVASSOS, LAURO O Gênero <i>Pulchrosoma</i> TRAVASSOS, 1916 e sua situação no sistema de Trematódeos	465
N.º 10 — ALMEIDA, R. F. d' Ligeiras observações sobre o Gênero <i>Cithaerias</i> HÜB- NER, 1819 (<i>Lep. Satyridae</i>)	493

P R E F Á C I O

Em que pese o largo interstício dentro do qual vieram a lume os artigos enfeixados no presente tomo, assinala êle a passagem do primeiro decênio de vida dos "Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo". Nossa confiança nos dias vindouros vai ainda além da natural satisfação que temos em registrar o fato, pelo realce particular que êste adquire em face da resistência oferecida pela nossa revista ao influxo das muitas cricunstâncias desfavoráveis com que tivemos de lutar nestes passados anos, incluídas nesse número as oriundas do signo mavórtico que dir-se-ia ter feito coincidir o advento do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura com o início do último conflito mundial. Não nos caberia porém julgar até onde terá ela sabido realizar os seus fins, conservando-se fiel àquele programa que na apresentação do volume inaugural declaramos "resumir-se em auxiliar modestamente o progresso das ciências e contribuir para o melhor conhecimento da terra brasileira".

A muitos se afigurará, talvez, esforço mal retribuído, o de manter-se tão custoso órgão de publicidade técnica em língua quase fechada ainda aos círculos científicos do mundo. Sem ir ao ponto de enxergar nessa atitude alguma reminiscência daquela xenofilia de que nos argüira certa vez o espírito crítico de um grande escritor pátrio, recusamo-nos a aceitar, sem larga restrição, tal modo de ver. Conviremos, quando muito, em que lhe assista parte de razão, acreditando mesmo que dêsse desconhecimento do idioma decorra o silêncio feito às vêzes em torno de trabalhos e contribuições que tenham por veículo a língua pátria. Parte apenas, vale repetir, porquanto, como prova da grande relatividade do malsinado óbice, atitude tão

esquiva não é de uso quando o caso se ofereça para se lhes contrariarem as conclusões, apontarem-se-lhes as falhas, imperfeições e deslises.

E já que o caráter ecumênico do saber humano jamais contará a seu serviço com a unidade de língua, ideal inatingível, dever é de cada nação, pelos frutos de sua inteligência ou de seu trabalho, valorizar a sua, impondo-a à consideração das que se lhe tenham avantajado em difusão, prestígio e influência. Longe portanto de ser perdido, o sacrifício transitório de que falávamos redundará em benefícios e merecimentos, entre os quais por certo não será o último a consciência de um alto dever cumprido para com o que de mais nobre e precioso pode um povo possuir em seu patrimônio.

São Paulo, 20 de Junho de 1951.

OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS *ASILIDAE* NEOTROPICAIS (*DIPTERA*)

I — SÔBRE AS ESPÉCIES BRASILEIRAS COM ESPORÃO NA TÍBIA

p o r

MESSIAS CARRERA

INTRODUÇÃO

Póde-se afirmar, de um modo geral, que é bastante precário o conhecimento de nossa fauna dipterológica, principalmente naqueles grupos aos quais não se atribue importância médica, veterinária ou agrícola. São raros os trabalhos nacionais que tratem da sistemática de uma subfamília ou de uma tribo de dípteros de interesse puramente zoológico. As publicações monográficas de autores estrangeiros quase sempre incluem escasso material brasileiro, não se conseguindo, por isso mesmo, encontrar neles elementos seguros para a identificação da maioria dos nossos dípteros.

E' precisamente o que acontece com a família *Asilidae*, cujas espécies, para serem identificadas, requerem do sistematista a estafante tarefa de consulta às diagnoses que se encontram esparsas em numerosos periódicos, muitas vezes de difícil aquisição ou escritas em linguagem ambígua, obscura ou insuficiente.

Com o estudo que realizamos sobre as espécies brasileiras de asilídeos que apresentam um esporão no ápice da tibia anterior, carácter bastante visível que facilmente distingue estas espécies, pretendemos ter afastado, neste grupo de dípteros, tais dificuldades.

O material que estudamos é quase todo brasileiro, principalmente dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro; foram examinados apenas alguns espécimes da República Argentina, Paraguai, Chile, Colômbia e Guiana Inglesa.

As nossas identificações foram baseadas exclusivamente na interpretação de diagnoses, dada a impossibilidade de examinarmos tipos, depositados em diferentes instituições estrangeiras.

Os exemplares, antes de serem estudados, foram desengordurados em uma mistura constituída por $\frac{3}{4}$ de éter e $\frac{1}{4}$ de xilol, afim de permitirem melhor observação de suas cores.

Desejamos deixar consignado nossos profundos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho. Ao Dr. STANLEY W. BROMLEY, do Bartlett Tree Research Laboratories, Estados Unidos, pelas indicações de algumas novas espécies e pela doação de material; ao Dr. G. H. HARDY, da Universidade de Queensland, Austrália, pelas valiosas sugestões; aos DRS. JUAN M. BOSQ, do Instituto de Sanidad Vegetal, República Argentina; HUGO DE SOUZA LOPES, do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; PETR WYGODZINSKY, do Instituto de Experimentação Agrícola, Rio de Janeiro; MAURO P. BARRETTO, da Faculdade de Medicina de São Paulo; JONH LANE, da Faculdade de Higiene de São Paulo; RENATO L. DE ARAUJO, do Instituto Biológico de São Paulo; RODOLFO LANGE, do Museu Paranaense de Curitiba e GERT HATSCHBACH, de Curitiba, Estado do Paraná, pelo material que colocaram à nossa disposição; aos colegas deste Departamento pelos diversos auxílios que nos prestaram; ao Sr. GIRO PASTORE, pelas fotografias que ilustram êste trabalho; ao Sr. EURICO DE CAMARGO, pela dactilografia do original manuscrito. Seria uma enorme injustiça, si nestes agradecimentos não tributássemos a nossa mais sincera gratidão, pela valiosa cooperação da colega Dna. MARIA APARECIDA VULCANO D'ANDRETTA, quer na inestimável ajuda da revisão dos originais, confrontando as descrições com os exemplares descritos, quer na primorosa confecção dos desenhos.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE A CLASSIFICAÇÃO DOS *ASILIDAE*

O antigo sistema de classificação para os *Asilidae*, estabelecido por LOEW em 1847, não obstante as tentativas do seu aperfeiçoamento realizadas por SCHINER (1868), WILLISTON (1908) e HERMANN (1920), pela fragilidade da sua estrutura, muito dificilmente poderia manter-se ante os novos conhecimentos adquiridos na sistemática deste grupo de dípteros.

HARDY, procurando afastar a ineficiência de tal sistema, já há muito apontada por vários autores, desde 1920 tem coordenado elementos para uma classificação mais apropriada e, em 1934-1935, baseado em caracteres de maior estabilidade propoz um novo critério para a divisão dos asilídeos australianos, tendo ainda em 1948 estendido a planificação geral do seu sistema a todas as outras regiões faunísticas do globo.

Procurando adaptar para a fauna Neotrópica os caracteres usados por HARDY em seu sistema, verificamos que os mesmos, com pequenas discordâncias, se ajustam perfeitamente a uma divisão geral da família, pois eliminam os defeitos da classificação de LOEW, onde certos grupos de espécies não tinham localização definida.

Das quatro subfamílias abrangidas pela família *Asilidae*, duas apenas foram conservadas por HARDY, *Dasyopogoninae* e *Asilinae*, passando à categoria de tribo as duas outras restantes, *Leptogasterinae* e *Laphriinae*, a primeira uma tribo de *Asilinae*, a segunda de *Dasyopogoninae*.

A caracterização das duas subfamílias é baseada na forma das antenas e no número de artículos dos palpos :

Dasyopogoninae — terceiro artículo antenal sem arista, provido de um minúsculo espinho situado no ápice ou sobre a borda dorsal, ou então de um estilo uni ou bi-articulado; palpos geralmente formados por dois artículos.

Asilinae — terceiro artículo antenal provido de uma arista terminal, quase sempre longa, filiforme e com uma articulação basal; palpos sempre formados por um artículo.

A subfamília *Dasyopogoninae*, bastante heterogênea, incorpora um grande número de formas, entre as quais as que apresentam um esporão no ápice da tibia anterior e as que apresentam espinhos no 9º tergito da genitália das fêmeas, caracteres estes que, embora não sejam constantes nesta subfamília, nunca são encontrados em *Asilinae*. O mesmo acontece com a célula marginal da asa que pôde ser aberta ou fechada e com os palpos que somente em uma tribo são formados por um único artículo. Em *Asilinae* a célula marginal é quase sempre fechada e os palpos são sempre formados por um só artículo.

Pelos caracteres acima, ficam os asilídeos nitidamente separados em dois grupos, entre os quais, segundo HARDY, não se conhece nenhuma espécie estabelecendo ponte entre ambos. De todos estes caracte-

res a forma das antenas é o que mais individualiza os dois agrupamentos, pois, presentemente, não sabemos de qualquer outro que tenha a propriedade de ser constante e exclusivo a uma ou outra subfamília.

Cumpre-nos assinalar, entretanto, que nos gêneros *Glaphyropyga* Schiner, *Leinendera* Carrera e *Lycomyia* Bigot, indiscutivelmente da subfamília *Asilinae*, a arista é muito reduzida, e que no gênero *Atractia* Macquart, sem dúvida uma *Dasypogoninae*, o terceiro articulo antenal se prolonga de tal forma que parece uma arista. Em ambos os casos, porém, esses aspectos contraditórios são falsos, pois nos três primeiros gêneros, a arista, apesar de reduzida, pode ser perfeitamente homologada às das *Asilinae*, e, no último, já se demonstrou, o que nós também já constatamos, tratar-se de um prolongamento filiforme do terceiro articulo e não de uma arista caracterizada por uma articulação basal.

Com excepção da tribo *Xenomyzini*, que se caracteriza pela forma da cabeça que é muito larga e constringida dorso-ventralmente na faixa fronto-facial (*Holcocephala*), a subfamília *Dasypogoninae* compreende duas secções: a primeira, formada por tribos, cujas espécies apresentam o prosterno largamente expandido, de forma a unir-se ao pronoto ou a dele separar-se apenas por uma sutura; a segunda formada por tribos, cujas espécies apresentam o prosterno reduzido a uma placa quitinosa, situada entre as coxas anteriores e separada do pronoto por uma larga área membranosa.

As nossas observações têm revelado ser êste carácter bastante eficiente, pois não encontramos ainda em nossa fauna, espécies em que a sua interpretação fosse duvidosa. Nos exemplares muito secos, este carácter pode ser facilmente constatado pelos rebordos da placa que são salientes e estabelecem nitidamente o seu contorno.

As espécies estudadas neste trabalho pertencem à subfamília *Dasypogoninae* e fazem parte da segunda secção, estando incluídas em duas tribos, *Megapodini*, por nós estabelecida e *Saropogonini*.

Baseados no esquema geral do sistema de HARDY, procuramos organizar uma chave para as tribos de *Dasypogoninae* da fauna Neotropical, onde as duas acima poderão ser rapidamente reconhecidas.

CHAVE PARA AS TRIBOS NEOTROPICAIS DE *DASYPOGONINAE*

- | | |
|---|-----------------------|
| 1 — Cabeça muito larga e constringida dorso-ventralmente na faixa fronto-facial | <i>Xenomyzini</i> |
| Cabeça de forma normal (p. ex.: figs.: 38 e 42) | 2 |
| 2 — Prosterno contíguo com o pronoto, nunca reduzido | 3 |
| Prosterno reduzido, isolado do pronoto por uma larga área membranosa | 6 |
| 3 — Célula marginal aberta; genitália das fêmeas com ou sem espinhos | 4 |
| Célula marginal fechada; genitália das fêmeas sem espinhos | 5 |
| 4 — Fronte e face, ao nível das antenas, nitidamente mais estreitas que o vértice e margem bucal; genitália das fêmeas com nítidos espinhos | <i>Stichopogonini</i> |
| Fronte e face, ao nível das antenas, praticamente tão largas quanto o vértice e a borda bucal; genitália das fêmeas sem espinhos | <i>Laphystiini</i> |
| 5 — Antenas com o terceiro articulo apresentando um minúsculo espinho situado sobre a borda dorsal, às vezes próximo ao ápice | <i>Atomosiini</i> |

- Antenas com o terceiro artículo apresentando um minúsculo espinho apical ou então ausente *Laphriini*
- 6 — Genitália dos machos sem forceps superiores; com o 9º tergito fundido ao 9º esternito, formando um anel completo; genitália das fêmeas sem espinhos no 9º tergito; palpos com um só artículo; esporão apical nas tíbias anteriores presente *Megapodini*
- Genitália dos machos com forceps superiores; com o 9º tergito separado do 9º esternito; genitália das fêmeas com espinhos no 9º tergito; palpos com dois artículos; esporão apical nas tíbias anteriores presente ou ausente *Saropogonini*

Todas as espécies neotrópicas que conhecemos fazendo parte da tribo *Saropogonini* apresentam o 9º tergito da genitália dos machos formado por dois escleritos, existindo sempre forceps superiores nessas espécies. Entretanto, as formas típicas de *Saropogonini*, desconhecidas por nós, apresentam o 9º tergito da genitália dos machos formado por um único esclerito ou apenas fendido longitudinalmente em sua linha mediana, não formando forceps superiores.

O objeto do presente trabalho é a sistemática da tribo *Megapodini* e parte da tribo *Saropogonini*, as duas únicas tribos que incluem todas as espécies neotrópicas com um esporão no ápice da tíbia anterior. A estas espécies limitamos o nosso estudo.

Tribo MEGAPODINI, nova

Antenas com o terceiro artículo de forma largamente fusiforme ou globosa; palpos com um só artículo; prosterno consistindo de uma placa adjacente às coxas anteriores e separada do pronoto por uma larga área membranosa; tíbias anteriores com um grosso esporão apical; asas com a célula marginal fechada e peciolada, exceto em *Senobasis* onde é largamente aberta; abdômen no mínimo com sete segmentos visíveis; genitália dos ♂♂ (figs. 185 a 187) com o 9º tergito e o 9º esternito fundidos, formando um anel completo; o 9º tergito não forma forceps superiores, mas em *Senobasis* mostra duas pequenas projeções; genitália das ♀♀ (figs. 188 a 191) com o 9º tergito sem espinhos.

Esta tribo é restrita às Américas Central e do Sul e compreende os seguintes gêneros: *Megapoda* Macquart, *Pronomopsis* Hermann, *Doryclus* Jaenicke, *Pseudorus* Walker e *Senobasis* Macquart. Todos eles, com exceção de *Senobasis*, eram incluídos na antiga subfamília *Laphriinae* devido à forma das antenas e nervulação das asas. *Laphriinae*, entretanto, como já dissemos, é uma entidade taxionômica reduzida à categoria de tribo, na qual, em absoluto, não cabem os gêneros citados que devem constituir uma tribo distinta.

HERMANN, em 1912 e depois em 1920, incluiu estes gêneros, exceto *Senobasis*, em um agrupamento que denominou *Acanthocneminae*. Apesar do sufixo *inae*, próprio de subfamília, este agrupamento teria um valor de tribo, de vez que constituía uma divisão de uma subfamília. De qualquer forma, entretanto, esta denominação não pode prevalecer pelo simples fato de não existir nenhum gênero cujo nome forneça um radical para a sua formação.

O elemento de ligação entre *Megapodini* e *Saropogonini* parece estar representado pelo gênero *Senobasis* Macquart, o qual, de acordo com o

critério estabelecido, pertence indubitavelmente aos *Megapodini*, mas possui as nervuras das asas semelhantes aos *Saropogonini*, isto é, célula marginal aberta.

Os gêneros desta tribo podem ser separados facilmente pela chave que damos a seguir.

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE MEGAPODINI

- | | |
|---|--------------------------|
| 1 — Face acentuadamente côncava no meio e saliente na borda bucal; ovipositor largo na base e com o ápice fino e dirigido para cima; genitália dos ♂ ♂ alongada no mesmo sentido do abdômen | 2 |
| Face sem concavidade mediana; ovipositor cônico, truncado; genitália dos ♂ ♂ globosa ou expandida para baixo | 3 |
| 2 — Mesotórax avançado anteriormente de forma a que o mesonoto quase encubra a cabeça (fig. 9); tíbias e tarsos posteriores não dilatados | <i>Pseudorus</i> Walk. |
| Mesotórax normal; tíbias e tarsos posteriores dilatados (fig. 40) | <i>Doryclus</i> Jaenn. |
| 3 — Célula marginal aberta; região pós-escutelar sem pêlos. Célula marginal fechada e peciolada; região pós-escutelar com pêlos | 4 |
| 4 — Face com a borda bucal expandida para baixo em forma de nariz; lados da face com pêlos; pernas não muito longas | <i>Pronomopsis</i> Herm. |
| Face com a borda bucal pontuda para a frente (fig. 37); lados da face sem pêlos; pernas muito longas..... | <i>Megapoda</i> Macq. |

MEGAPODA Macquart

Megapoda MACQUART, 1834, p. 288; 1838, p. 59; HERMANN, 1912, p. 16.

CARACTERES — Cabeça: face um pouco mais larga em baixo, gradualmente saliente desde a base das antenas até a borda bucal, onde há uma pequena projeção sobre a qual se situa o mistax, formado por duas longas cerdas e alguns grossos pêlos, sendo no restante completamente nua; fronte de lados paralelos, tendo lateralmente uma pequena protuberância e alguns pêlos; calo ocelar grande, pouco afastado da base das antenas, sem cerdas, mas com alguns pêlos no declive posterior; occipício com cerdas e pêlos; probóscida longa e fina, quase duas vezes o comprimento dos palpos; estes são cilíndricos; antenas com o primeiro artigo um pouco maior que o segundo, ambos com cerdas e pêlos; terceiro artigo largamente fusiforme, terminado por um estilo nítido e na extremidade do qual se insere um minúsculo espinho.

Tórax: mesonoto plano em cima; cerdas laterais curtas e grossas; dorso-centrais rudimentares; escutelo sem cerdas, mas com alguns pêlos no dorso; região pós-escutelar com pilosidade lateral; "metapleura" revestida de pêlos, mas sem cerdas.

Pernas bastante longas, delgadas e com cerdas curtas; garras pontiagudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas estreitas; célula marginal, quarta posterior e anal fechadas e pecioladas; duas células submarginais presentes; a primeira célula basal bem maior que a segunda.

Abdômen pouco mais fino posteriormente, cerdas laterais relativamente curtas e presentes só no primeiro segmento; genitália dos ♂ grande, salientando-se na mesma direção do abdômen; genitália das ♀ curta e cônica.

GENÓTIPO: *Laphria labiata* F., 1805, por designação de MACQUART, 1838.

Conta este gênero com apenas duas espécies, ambas do Brasil: *labiata* (F.) e *rufiventris* Roeder, 1887 (Berl. Ent. Zeitschr. 31 : 78). Esta última foi descrita da Amazônia e sua diagnose não nos foi acessível.

Megapoda labiata (F.)

(Fig. 1)

Laphria labiata F., 1805, p. 160; WIEDEMANN, 1828, p. 499.

Megapoda labiata (F.), MACQUART, 1838, p. 59; HERMANN, 1912, p. 18.

Megapoda cyanea MACQUART, 1834, p. 288.

Dasygogon rufimanus PERTY, 1830/4, p. 181. T. 36, f. 6.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 22-34 mm.; da asa 22-31 mm.

Cabeça (fig. 37) mais larga que o tórax; face amarela nos ♂, amarelo-escura nas ♀, da borda bucal para baixo pardo-escura brilhante; mistax preto; fronte e base das antenas preto brilhante; ao longo da margem ocular existe uma fina faixa de pruina amarelada; pilosidade da fronte, atrás do calo ocelar e no occipício preta; barba preta; palpos (fig. 109) pretos com cerdas e pêlos pretos; probóscida pardacenta, brilhante; antenas com os dois primeiros artículos pretos e com cerdas e pêlos pretos; o terceiro artículo vermelho ferrugíneo com algumas pequenas cerdas pretas na borda dorsal; espinho do estilo preto.

Tórax: protórax preto brilhante com pêlos pretos; disco do mesonoto preto pardacento, preto brilhante nas margens laterais e posterior, com uma faixa longitudinal escura, estreita, afinada posteriormente e quase alcançando a sutura pré-escutelar; escutelo, região pós-escutelar e pleuras preto brilhante com reflexos metálicos de cor azulada; pilosidade do mesonoto preta, pouco abundante e curta; cerdas pretas: 1 pré-sutural, 1 supra-alar e 1 ou 2 pós-alaes.

Pernas pretas, exceto na superfície ventral dos fêmures anteriores que é amarelo-clara, nos basitarsos das pernas anteriores que são amarelo-avermelhados e nos tarsos restantes dessas mesmas pernas que são vermelho-ferrugíneos bastante escuros; pêlos e cerdas pretos, exceto no basitarso das pernas anteriores (figs. 126 e 133) onde há, de forma predominante, pilosidade amarelo-avermelhada. Garras pretas; pulvilos pardacentos.

Asas inteiramente pardacentas, com reflexos de cor violeta; nervuras pardoescuras. Halteres pardacentos, um pouco mais claros no capítulo.

Abdômen com reflexos metálicos de cor azul esverdeada nos ♂, azul violeta nas ♀, recoberto de curta pilosidade preta; no primeiro segmento, lateralmente, encontram-se algumas curtas cerdas pretas; ventre com a mesma coloração do dorso, apenas com pilosidade pouco mais longa; terminália do ♂ (figs. 185 a 187) com longa pilosidade preta; genitália da ♀ (figs. 188-191).

MATERIAL EXAMINADO. — 2 ♂ e 3 ♀ Nos. 62.406, 62.455, 62.681, 62.683 (Depto. Zoologia); uma ♀ foi devolvida ao Instituto Oswaldo Cruz.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estação do Rio de Janeiro: Terezópolis, abril de 1938 (S.F.A.); Palmeiras, janeiro de 1939 (S. LOPES). — Estado do Espírito Santo, 1906 (E. GARBE). — Estado de Mato Grosso: Maracajú, fevereiro de 1937. — Estado do Amazonas: São Paulo de Olivença, julho de 1935 (ZELLIBOR-HAUFF).

O porte agigantado desta espécie de *Asilidae*, coloca-a entre as maiores mósca que se conhecem. Entretanto, um dos espécimes que examinamos (Palmeiras, Estado do Rio), apresenta um tamanho que não vai além de 22 mm., ao passo que em todos os outros encontramos um comprimento superior a 30 mm., sem contar as antenas. Verificando os caracteres dêste exemplar que fugia ao normal pelo seu porte relativamente pequeno, nada achamos que o pudesse diferenciar dos outros espécimes, a não ser a coloração pardacenta de sua face e a coloração preta do terceiro artículo antenal.

PRONOMOPSIS Hermann

Pronomopsis HERMANN, 1912, p. 18.

Não conhecemos êste gênero que foi descrito para duas espécies, uma da Argentina Ocidental (Mendoza) e outra de uma localidade do Peru, situada a 4.000 metros de altitude.

De acordo com a sua diagnose original, seus principais caracteres são os seguintes: face gradualmente saliente, mas formando na borda bucal um grande prolongamento em forma de nariz voltado para baixo e na extremidade do qual se inserem quatro longas cerdas; nos lados da face existe pilosidade mais ou menos longa; fronte e vértice pilosos; calo ocelar nu, mas com um tufo de pêlos no seu declive posterior; occipício sem cerdas desenvolvidas; probóscida e palpos como nos gêneros vizinhos; terceiro artículo antenal dilatado, uma vez e meia tão longo quanto os dois basais reunidos e tendo na extremidade um estilo curto e de forma cônica. Tórax pouco elevado; cerdas do mesonoto rudimentares; escutelo sem cerdas, mas com pilosidade dorsal; calosidades laterais da região pós-escutelar com pêlos. Pernas mais curtas e grossas do que em *Megapoda*; tíbias fracamente entumecidas no ápice, com pilosidade pouco abundante. Asas com célula marginal fechada; ramo anterior da quinta nervura radial com a forma de um S dirigido para cima. Abdômen da ♀ com sete segmentos visíveis além da genitalia, alargando-se posteriormente e com pilosidade lateral mais ou menos densa; ovipositor voltado para baixo, tendo no ápice fina pilosidade.

Por designação original a espécie tipo dêste gênero é *Pronomopsis chalybea* Hermann, 1912, da República Argentina, Mendoza.

DORYCLUS Jaennicke

Doryclus JAENNICKE, 1867, p. 366; HERMANN, 1912, p. 12.

Ampyx WALKER, 1855, p. 564 (praeoc. Crust. Emmr. 1845).

CARACTERES — Cabeça mais larga que o tórax; face tão larga quanto a largura de um olho, côncava no meio, mais saliente na borda bucal; mistax ausente ou representado por três ou quatro muito pequenas cerdas situadas na elevação da borda da boca; fronte com a mesma largura da face, um pouco saliente no meio e com pilosidade atrás das antenas e nos lados do calo ocelar; êste nu, exceto no seu declive posterior; occipício com pêlos, às vezes com uma ou outra cerda; probóscida fina e alongada, quase duas vezes o comprimento dos palpos que são cilíndricos; primeiro artículo das antenas pouco maior que o segundo, ambos com cerdas longas; o terceiro com a base estreita e

depois de forma oval, uma vez e meia maior que os dois basais reunidos, com a borda dorsal sem pêlos, no ápice com um minúsculo espinho.

Tórax com o mesonoto plano, tendo na margem anterior duas pequenas projeções; cerdas laterais presentes; dorso-centrais pequenas; escutelo com pilosidade, às vezes, muito escassa; região pós-escutelar desenvolvida e com alguma pilosidade.

Pernas delgadas; ápice das tíbias posteriores entumecido como também o basitarso dessas mesmas pernas, sendo os artículos tarsais restantes curtos e globosos, exceto o último que é um pouco alongado e semelhante ao dos pares anteriores; esporão apical das tíbias anteriores alongado. Garras pontiagudas; pulvilos e empódio desenvolvidos.

Asas com a célula marginal fechada; duas células sub-marginais; quarta célula posterior e anal fechadas; nervura transversa anterior situada pouco antes do meio da célula discal.

Abdômen mais estreito no ápice, sem cerdas, mas com fina pilosidade eriçada; genitália do ♂ alongada; ovipositor cônico e voltado para cima.

GENÓTIPO: *Asilus distendens* Wiedemann, 1828, por designação de JAENNICKE, 1867.

Segundo NEAVE (1939), *Doryclus* é um nome já usado por RAFINESQUE, em 1815, para *Orthoptera*.

As espécies brasileiras dêste gênero podem ser separadas da maneira seguinte:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1 — Asas hialinas em ambos os sexos | <i>distendens</i> (Wied.) |
| Asas com manchas escuras | 2 |
| 2 — Asas, em ambos os sexos, pardacentas com manchas amarelas | <i>crassitarsis</i> (Macq.) |
| Asas das ♀♀ com duas manchas pardacentas, transversais, uma pouco antes do meio e outra no último terço da asa | 3 |
| 3 — Palpos amarelos; abdômen escuro com reflexo azul metálico; tarsos das pernas posteriores pretos em contraste com as tíbias que são vermelhas | <i>varipennis</i> (Walk.) |
| Palpos pretos; abdômen avermelhado; tarsos das pernas posteriores vermelho-escuros como as tíbias ... | <i>guentheri</i> Arrib. |

Doryclus distendens (Wiedemann)

Asilus distendens WIEDEMANN, 1828, p. 571.

Doryclus distendens (WIED.), JAENNICKE, 1867, p. 366, T. 44, f. 3; CURRAN, 1942, p. 56.

Doryclus guentheri ARRIBALZAGA, 1882, p. 186 (♂, nec ♀).

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Niger; abdomine chalybeo; pedibus posticis apice dilatatis. Schwarz, mit stahlblauem Hinterleib, und an der Spitze erweiterten hintersten Beinen. — 5 Linien ♂. — Aus Brasilien.

Leider fehlt das Endglied der Fühler, und da die zweite Flügellader eben daselbst endet, wo die dritte sich mit der ersten oder Rippe verbindet, so ist vorerst nich mit Sicherheit zu entscheiden, ob diese Art wirklich zu *Asilus* gehöre. Russel schwarz, Wurzel und Taster rötlichbraun mit schwarzen Borsten. Untergesicht sehr kurz, glatt, bräunlich durchscheinend, unten an jeder Seite mit einem weiss-

schillernden Flecken. Fühlerwurzel bräunlichschwarz, schwarzbehaart; Stirne schwärzlich; Hinterkopf graugelbbbehaart. Mittelleib schwarz, obenauf mit deutlich weissgrauen Striemen; Hinterrücken gross, sehr schräg liegend, querrunzelig, am Rande weisslichschimmernd. Hinterleib kurz; Seitenränder hinter der Wurzel wenig konkav, tief stahlblau; After mit vorragender rothbrauner geschlossener Zange. Flügel wasserklar, mit schwarzbraunen Adern. Beine glänzend schwarz; von den mittlern ist nichts übrig, an dem einzigen linken hintersten Beine sind nur noch zwei Fussglieder vorhanden: Schienen hinter der Hälfte keulförmig erweitert, an den Seiten dicht und kurz schwarzborstig, unten röhlichgelbbbehaart; erstes Fussglied lang, breit und an den Seiten schwarzborstig; zweites fast um drei Viertel kürzer. — Im Frankfurter Museum. — Zur ersten Horde.”

HERMANN (1912), considerou *guentheri* Arribalzaga, 1882, da Argentina, como sinónima de *distendens*, com o que não estamos inteiramente de acordo, pois as ♀ ♀ da espécie de ARRIBALZAGA mostram manchas escuras nas asas que em *distendens* são hialinas. Entretanto esta sinonímia é possível com o ♂ de *guentheri*, cuja descrição, em confronto com a de *distendens*, indica apenas algumas diferenças sem importância.

Ao nosso ver, ARRIBALZAGA considerou como dimorfismo sexual o que na realidade representava caracteres de duas espécies, pois, enquanto o ♂ de *guentheri* parece realmente ser igual a *distendens*, a ♀ parece ser uma boa espécie que se separa de *varipennis* Walk., 1855, pela coloração das pernas e do abdômen, segundo se verifica pela descrição de OSTEN SACKEN, 1887, que examinou o tipo desta última espécie no Museu Britânico.

CURRAN (1942), confere a *distendens* caracteres que precisam ser confirmados. Com efeito, diz este autor que *distendens* é a única espécie que possui as pernas completamente pretas, baseado, naturalmente, na diagnose original. Mas, como se admitir este fato, si nessa mesma diagnose WIEDEMANN assevera ter na sua frente um exemplar danificado, no qual as pernas medianas e parte das posteriores não existiam? Ao que parece, aquele exemplar nem mesmo as pernas anteriores possuía, pois é isso que se deduz da figura do espécime, provavelmente tipo, dado por JAENNICKE (1867).

Outro carácter que CURRAN atribue a *distendens* e que está em contradição com a diagnose original é o que se refere às rugosidades do metanoto. Diz esse autor que *distendens* tem o metanoto liso, mas na diagnose original lê-se claramente o seguinte: “Hinterrücken gross, sehr schrag liegend, querrunzelig”.

Estes dois caracteres foram usados por CURRAN para diferenciar uma sua nova espécie, *panamensis*, cuja posição, com o que foi exposto, se torna bastante duvidosa.

Doryclus crassitarsis (Macq.)

(Fig. 6)

Megapoda crassitarsis MACQ., 1846, pg. 70.

Doryclus crassitarsis (MACQ.), KERTÉSZ, 1909, pg. 162; CURRAN, 1942, pg. 56.

REDESCRIPÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 13-15 mm.; da asa 13-15 mm.

Cabeça (Fig. 34): face, fronte, occipício de cor avermelhada, brilhante; sobre a elevação da borda bucal alguns pequeninos pêlos pretos e, nos lados da face, com

u'a mancha triangular formada por minúscula pilosidade branco-amarelada, acompanhando a borda clipeal; atrás das antenas e nos lados da fronte se encontra pilosidade preta; calo ocelar com pilosidade amarelada no declive posterior; occipício com pilosidade amarelada, às vezes, misturada com preta; metade inferior da margem orbital com pruiniosidade esbranquiçada; barba amarelada; probóscida e palpos (fig. 112) avermelhados, a probóscida um pouco mais escura, os palpos com pilosidade amarelada na metade basal e preta na apical; antenas (fig. 100) avermelhadas, às vezes, muito escuras, com cerdas e pêlos pretos nos dois artículos basais.

Tórax: protórax avermelhado, com pilosidade amarela; mesonoto vermelho escuro, com três faixas longitudinais de pruiniosidade esbranquiçada; a faixa mediana dividida em toda sua extensão por uma linha glabra e terminando no meio da distância entre as suturas transversa e pré-escutelar; as laterais terminam quase na sutura pré-escutelar e se iniciam no meio do pré-escuto; estas faixas são muito visíveis conforme a incidência luminosa; pilosidade preta, às vezes, em mistura com pilosidade amarelada posteriormente; cerdas curtas e pretas; uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar, junto com pilosidade amarela; dorso-centrais rudimentares; escutelo com escassa e curta pilosidade dorsal de cor amarelada, mais abundante nos ♂♂; região pós-escutelar vermelha, rugosa em cima, com pruiniosidade branca nos lados e escassa pilosidade clara em toda a sua superfície; pleuras avermelhadas, brilhantes; "metapleura" com esparsa, curta e fina pilosidade esbranquiçada; o resto das pleuras com muito escassa pilosidade amarelada e curta; "mesopleura" com mancha preta.

Pernas (Pr. 16, figs. 139 e 140): coxas avermelhado-escuras, brilhantes, com pilosidade amarelada; todos os fêmures são vermelho-escuros; cerdas e pêlos pretos, exceto alguns finos e curtos pêlos amarelos às vezes presentes no fêmur anterior e alguma pilosidade amarela que sempre existe na superfície ventral das tíbias posteriores; tíbias anteriores pretas; as medianas e posteriores vermelho-escuras; basitarso das pernas anteriores preto ou vermelho escuro, os artículos tarsais restantes sempre mais claros; os tarsos das pernas medianas vermelhos e os das posteriores mais escuros, quase pretos. Garras amarelo-avermelhadas com o ápice preto; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 171) pardacentas com manchas amareladas que deixam mais clara a porção basal, mediana e apical. Halteres pardo-escuros.

Abdômen avermelhado, mais escuro que o tórax, com manchas pretas irregulares; esparsa pilosidade clara, curta e eriçada, os três últimos segmentos com pilosidade preta; no ventre a pilosidade é inteiramente preta; terminália do ♂ avermelhada com pêlos pretos, no ápice amarelada, tão longa quanto os três últimos segmentos do abdômen; terminália da ♀ quase preta, com esparsa pilosidade amarelada.

MATERIAL EXAMINADO. — 2 ♂♂ e 16 ♀♀, Nos. 111.141 a 111.152.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Itaporanga, N. B. Antonina, janeiro de 1946 (M. P. BARRETTO).

Esta espécie, pela coloração das asas, distingue-se facilmente entre as demais do gênero.

Doryclus varipennis (Walker)

Ampyx varipennis WALKER, 1855, pg. 564.

Doryclus varipennis (WALK.), OSTEN SACKEN, 1887, pg. 182.

REDESCRIBÇÃO — ♀. Comprimento do corpo 12 mm.; da asa 12 mm..

Cabeça: face amarelo-avermelhada, brilhante, com a borda bucal inteiramente nua, nos lados com alguns curtos pêlos amarelos, e mais acima com u'a mancha

formada por minúscula pilosidade branca; fronte mais escura que a face, com pêlos pretos atrás das antenas e nos lados; calo ocelar com pêlos amarelados no seu declive posterior; occipício com grossa pilosidade amarelada, exceto em baixo onde há alguns pêlos pretos; órbita ocular com pruinose branca inferiormente; barba amarela, escassa; probóscida pardacento-escura, brilhante; palpos amarelo-avermelhados, a metade basal com pêlos amarelos em baixo e pretos em cima, a metade apical inteiramente com pêlos pretos; os três artículos das antenas avermelhados, os dois basais com cerdas e pêlos pretos.

Tórax: protórax quase preto, com pilosidade amarela; mesonoto avermelhado escuro, brilhante, exceto na porção central que é preto com faixas longitudinais de pruinose branco-amarelada; a faixa mediana é cuneiforme, bi-seccionada em toda sua extensão por uma linha glabra e terminada muito antes da sutura pré-escutelar; as laterais juntam-se com a mediana anteriormente, afastando-se depois para terminarem quase sobre a sutura pré-escutelar; pilosidade preta, curta e grossa, nos lados com muito escassos e finos pêlos claros; cerdas pretas e curtas: uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar, onde há pilosidade amarela; dorso-centrais pequenas; escutelo com muito escassa e curta pilosidade amarelada; região pós-escutelar com rugosidades e alguns pêlos claros em cima, nos lados com pruinose esbranquiçada; pleuras avermelhadas, brilhantes; "mesopleura" escura no meio; "metapleura" com fina pilosidade amarela.

Pernas brilhantes; coxas vermelho-escuras com pilosidade amarelada; fêmures vermelhos; tíbias anteriores e tarsos de todas as pernas pretos; tíbias medianas e posteriores inteiramente vermelhas; cerdas e pêlos pretos, exceto nas tíbias posteriores onde há, ventralmente, pilosidade amarela. Garras pretas com a base amarela; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 172) hialinas com duas manchas pardacentas, uma pouco antes do meio da asa e outra cobrindo todo o seu terço apical, deixando levemente mais claro apenas o meio da 2a. célula sub-marginal; célula costal amarelada; a 1a. célula posterior é um pouquinho estreitada na margem da asa; nervuras pardacentas. Halteres pardacentos, capítulo bem escuro.

Abdômen azul escuro, com reflexos metálicos; o primeiro segmento um pouco pardacento na base; pilosidade amarelada, eriçada e não muito abundante; ventre pardo bem escuro; terminália preta com pilosidade amarelada.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♀ N.º 111.048.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Porto Cabral, Rio Paraná, março de 1944 (TRAV. F.º, CARRERA e DENTE).

A única diferença que encontramos entre o espécime que possuímos e a descrição de OSTEN SACKEN (1887) para *varipennis*; está na ausência de cor preta no ápice das quatro tíbias posteriores, pois em nosso exemplar essas tíbias são inteiramente avermelhadas.

Doryclus varipennis foi descrita de Santarém, Estado do Pará, e o espécime tipo faz parte da coleção de H. W. BATES, no Museu Britânico. OSTEN SACKEN examinou este espécime, tendo suplementado a descrição de WALKER com os caracteres de um outro exemplar, procedente da Guatemala, que considerou como *varipennis*.

CURRAN (1942), lembrou a possibilidade de ser esta espécie sinónima da *latipes* Wulp, 1870, de Surinam e também de *cyaneiventris* Macq., 1846, do México. A esta sinonímia talvez possa se juntar, no futuro, *guentheri* Arrib., 1882 (♀, nec ♂ = *distendens*), da Argentina, espécie que no momento achamos melhor conservar.

Doryclus guentheri Arribalzaga

Doryclus guentheri ARRIB., 1882, pg. 186 (♀ nec ♂ = *distendens*).

Um exemplar que examinamos concorda com a descrição de ARRIBALZAGA, exceto na coloração das antenas que são inteiramente pretas. Os caracteres deste espécime que o diferenciam de *varipennis*, são os seguintes: face vermelho-escura; palpos vermelhos na metade basal, pretos na apical, com pilosidade amarela mais abundante que a preta; antenas pretas, exceto na base do primeiro artículo que é avermelhada; só os tarsos anteriores são pretos, sendo os das quatro pernas posteriores vermelhos como as tíbias; abdômen vermelho escuro.

Não dispondo de material mais representativo, consideramos esta identificação como provisória, pois é provável que esta espécie e *varipennis* sejam uma só.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♀ N.º 111.049.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Atibaia, fevereiro de 1947 (E. NAVAJAS).

PSEUDORUS Walker

Pseudorus WALKER, 1851, p. 103.

CARACTERES — Cabeça duas vezes mais larga que alta; face aproximadamente tão larga como cada olho, côncava no meio e saliente na borda bucal onde existem pequenas e finas cerdas formando o mistax; fronte tão larga quanto a face, um pouco saliente na porção mediana, com raros pêlos laterais; calo ocelar sem cerdas; occipício com fina pilosidade formando a coroa occipital, uma ou outra cerda superiormente; probóscida fina e alongada, duas vezes e meia mais longa que os palpos que são cilíndricos; primeiro artículo das antenas pouco maior que o segundo, ambos com cerdas na borda dorsal; terceiro artículo de forma oval, quase três vezes mais longo que os dois basais reunidos, com a borda superior lisa e com um microscópico espinho no ápice. Tórax com o mesonoto projetado para cima e para a frente de modo a superpor-se à cabeça; uma única cerda pré-sutural; dorso-centrais finas e pequenas; escutelo nu; região pós-escutelar desenvolvida e com alguns pêlos laterais. Pernas delgadas; tíbias e basitarsos das pernas posteriores não dilatados como em *Doryclus*; esporão apical da tibia anterior curto e grosso. Garras pontiagudas; pulvilos e empódio desenvolvidos. Asas com a célula marginal fechada ou aberta; duas ou três células submarginais; quarta célula posterior às vezes fechada e peciolada, às vezes aberta mas bem estreitada na margem; célula anal fechada e com longo pecíolo: nervura transversa anterior situada sobre o terço proximal da célula discoidal. Abdômen brilhante como todo o corpo, fusiforme, sem cerdas, mas com fina e escassa pilosidade mais conspícua lateralmente; ovipositor cônico e voltado para cima.

GENÓTIPO: *Pseudorus piceus* Walker, 1851.

Este gênero é parecido com *Doryclus*, do qual se distingue pela enorme projecção anterior do mesonoto e pela forma das tíbias e basitarsos das pernas posteriores que não são dilatados.

As espécies conhecidas de *Pseudorus* podem ser separadas rapidamente do modo seguinte:

1 — Três células submarginais	2
Duas células submarginais	3
2 — Célula marginal largamente aberta	<i>hermanni</i> , n. sp.
Célula marginal fechada	<i>piceus</i> Walker
3 — Mesonoto com uma acentuada corcunda, ultrapassando a cabeça; asas pardacentas com manchas amarelas ..	<i>d'andrettae</i> , n. sp.
Corcunda do mesonoto pouco acentuada; asas inteiramente pardacentas	<i>bicolor</i> Bellardi

Pseudorus hermanni, n. sp.

Pseudorus piceus HERMANN, 1912, p. 13, fig. 5 (nec WALKER, 1851).

HERMANN, em 1912, considerou como *Pseudorus piceus* dois exemplares do Museu de Viena, que apresentam nas asas uma disposição de nervuras completamente diferente daquela que se verifica na figura que WALKER deu para *piceus*. De fato, segundo se depreende da diagnose de *piceus*, esta espécie apresenta a célula marginal fechada e peçiolada e as três células submarginais se originam de uma nervura transversa, espúria, dividindo a primeira célula submarginal em duas. Estes caracteres não se encontram na figura da asa que HERMANN deu para os exemplares que examinou, pois verifica-se nessa figura não só a célula marginal largamente aberta, como também uma formação diferente das três células submarginais, que se originam de uma nervura apendicular que se prolonga até a segunda longitudinal e nasce no ângulo formado pela terceira.

Com estes caracteres de nervulação, acreditamos que os espécimes examinados por HERMANN representam uma espécie diferente de todas as conhecidas para o gênero, razão pela qual a consideramos nova.

Os dois espécimes que representariam os tipos desta espécie são procedentes do Brasil conforme SCHINER (1866, p. 703). Não sabemos se os mesmos ainda existem.

Pseudorus piceus Walker

Pseudorus piceus WALKER, 1851, p. 103, P. 4, f. 5-5a.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Fem. Piceus, abdominis apice ferrugineo, antennis rufis basi ferrugineis, articulo 2.^o nigro, pedibus piceis, tibiis basi fulvis tarsis posticis basi flavis, alis anticè fulvis fuscoque unimaculatis posticè cinereis, apice fuscis.

Body pitchy, shining: thinly clothed with short black hairs: head black, transverse, as broad as the chest: eyes black; facets very small: sucker black, its tip clothed with pale yellow hairs; palpi dark ferruginous, clothed with tawny hairs: feelers as long as the head, first and second joints clothed with a few black bristles; first joint dark ferruginous; second black; third bright pale red: abdomen pitchy, shining, about twice the length of the chest, linear for half the length from the base, tapering slightly from thence to the tip, which is ferruginous: legs pitchy, shining, beset with black bristles, which are mostly on the shanks; shanks tawny at the base; claws black; foot-cushions tawny; hind feet yellow at the base: wings tawny beneath the fore border, gray towards the hind border for more than two-thirds from the base, dark brown from thence to the tips; a large brown spot at one-third of the length of the tawny part; wing-ribs pitchy; veins black; poisers tawny. Length of the body 8 lines; of the wings 17 lines. South America."

Pseudorus bicolor Bellardi

Pseudorus bicolor BELLARDI, 1861, p. 11, P. 1, f. 20.

DIAGNOSE ORIGINAL: — “♀ — Nigro-cyaneus et ferrugineus. Capite lato, depresso, thorace latiore: fronte latissima, brevi, excavata, ad verticem valde depresso, nigra, nitida, villis nonnullis nigris: tuberculo ocellorum mediocriter proeminente, nigro-setuloso: antenis nigris; articulo primo cylindrico, longo; secundo brevi; tertio magno, valde inflato; duobus primis longe et dense nigro-setulosis: facie latissima, cum marginibus parallelis, brevissima, inferne excavata, ad epistoma inflata, tota nigra, nitida: marginibus internis oculorum albis: mystace simplici; setulis paucis, exilissimis, nigris: genis nigris; barba rara, brevi, nigra: proboscide longa, nigra: palpis longis, nigris, dense et longe nigro-setosis: occipite nigro, nitido, inferne ad margines laterales unimaculato; macula lata, cinereo-pollinosa. Thorace longitudinaliter antice sulcato, nitido, ferrugineo-rufescente, antice breviter et rare nigro-tomentoso, postice nigro, nitido: pleuris et pectore colore thoracis, nitidis: scutello nigro: metathorace nigro, nitido, subrufescente: halteribus magnis, nigris. Adbomine longo, ad basim subcoarctato, ad apicem acuminato, toto nigro-cyaneo, nitido, villis nonnullis nigris ad latera primi et secundi segmenti: oviductu et ventre cum abdomine concoloribus. Pedibus praelongis, gracilibus, nigris, nitidis; spinis brevibus, nigris, femorum paucis, tibiaram et tarsorum crebris: unguiculis valde arcuatis, nigris: onychiis longis, flavofuscis. Alis longis, dense fuliginosis, subopacis, medio nonnullarum cellularum subhyalino: prima cellula posteriore late aperta; quarta clausa, breviter appendiculata.”

Pseudorus d'andrettae, n. sp.

(Fig. 9)

♀: — Comprimento do corpo 12 — 13 mm.; das asas 11,5 — 13 mm.

Cabeça (fig. 35): face, frente, vértice e occipício vermelho brilhante; junto aos olhos, nos lados da face e do occipício, existe microscópica pilosidade branca; sobre a elevação da borda bucal alguns pêlos amarelados formando o mistax; nos lados da frente e do vértice encontra-se esparsa pilosidade preta; calo ocelar preto brilhante, tendo no declive posterior pilosidade amarelada que se estende pelo occipício; barba esparsa e amarelada; probóscida vermelha na base e preta nos 3/4 apicais; palpos (fig. 111) avermelhados com pêlos amarelos; primeiro artículo das antenas (fig. 101) vermelho, o segundo preto, ambos brilhantes e com longas cerdas pretas na borda superior; o terceiro artículo vermelho-laranja revestido de finíssima pruinosidade esbranquiçada que só é visível com certa incidência luminosa.

Tórax: protórax vermelho brilhante, com esparsa pilosidade amarela; mesonoto vermelho escuro, brilhante, tendo às vezes, acima dos calos umerais, u'a mancha preta de forma oval; sobre a corcunda do mesonoto há duas manchas irregulares de pruinosidade preta escondendo o tegumento; entre estas manchas e percorrendo a curva anterior da citada corcunda, existe uma faixa de pruina castanha que se estende para além da sutura transversa em forma de uma estreita cunha; sobre o mesonoto existe ainda esparsa pilosidade preta, mais abundante anteriormente; dorso-centrais rudimentares; escutelo pequeno, com um friso preto na margem onde existe muito curta e rala pilosidade clara; região pós-escutelar vermelho-brilhante com pêlos amarelados; pleuras vermelhas, brilhantes, com alguns pequenos pêlos amarelados na porção anterior e sobre a “metapleura”, onde são mais longos.

Pernas (Pr. 16, figs. 141 e 142) vermelhas brilhantes, os tarsos um pouco escurecidos; cerdas curtas e pretas; pilosidade preta, abundante nos tarsos e no

ápice das tíbias posteriores, inferiormente; esporão apical. (Pr. 16, fig. 143) das tíbias anteriores curto e forte, tendo pouco antes da sua base uma muito curta cerda espiniforme. Garras pretas e pontiagudas; pulvilos amarelo-ocres.

Asas (fig. 170) pardacentas na metade apical e sobre a bifurcação da nervura radial, o resto amarelado; célula marginal fechada, mas com pecíolo indistinto; duas células submarginais; quarta posterior fechada por uma nervura sinuosa e peciolada; anal fechada e longamente peciolada. Halteres amarelo-ocres.

Abdômen vermelho enegrecido, brilhante, com raros pêlos amarelos nos lados dos segmentos; sobre o dorso a pilosidade é muito curta, escassíssima e de cor escura; ventre como o dorso. Genitália de conformação semelhante à das espécies de *Dorylus*, com pilosidade amarela no ápice.

TIPOS: — Holótipo ♀ N.º 103.955 e 4 parátipos ♀ ♀, sendo 2 com os Nos. 103.956 e 103.957. Dois parátipos foram devolvidos ao Dr. Mauro Pereira Barretto da Faculdade de Medicina de São Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Itaporanga, N.B. Antonina, janeiro de 1946 (BARRETTO).

Denominamos esta espécie em homenagem à Sra. MARIA APARECIDA VULCANO D'ANDRETTA, distinta colega, cuja cooperação neste trabalho foi de valor inestimável.

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é muito próxima de *piceus* da qual se distingue pela presença de duas células submarginais e não três, pela quarta célula posterior fechada e peciolada e pela sua coloração geral que é vermelha e não preta.

Não pôde ser confundida com *bicolor* porque a corcunda do mesonoto é bastante acentuada e a coloração das asas é pardacenta com manchas amareladas e não inteiramente pardacenta.

SENOBASIS Macquart

Senobasis MACQ., 1838, p. 52.

Lochites SCHINER, 1866, p. 671.

Stenobasis KERTÉSZ, 1909, p. 123.

Lochitomyia BRÈTHES, 1924, p. 105.

CARACTERES — Cabeça mais larga que o tórax; face de lados paralelos, às vezes, levemente mais larga em baixo, plana em cima e pouco saliente na borda bucal ou projetada para a frente, nessa região, em forma de um nariz; calo ocelar pouco saliente, sem cerdas; terceiro artícuo antenal globoso distalmente e com um pequeno espinho subapical colocado em uma pequena fóvea; os dois artícuos basais subiguais; palpos cilíndricos, não muito longos; probóscida comprimida lateralmente. Mesonoto plano em cima; escutelo sem cerdas. Pernas relativamente longas e finas; tíbia anterior com um grosso esporão no ápice; garras pontiagudas ou não; pulvilos sempre desenvolvidos. Asas com a célula marginal largamente aberta; anal fechada e pedunculada; nervura transversa anterior situada além do meio da discal. Abdômen um pouco estreitado na base ou com os lados paralelos; nos machos a genitália é voltada para baixo e o 9.º tergito com duas projeções apicais.

GENÓTIPO: *Senobasis analis* Macq., 1838, por designação original.

A sinonímia entre *Lochites* e *Senobasis* foi apontada pela primeira vez por WILLISTON em 1889, não sendo, entretanto, admitida pelos autores subsequentes. KERTÉSZ, por exemplo, considerou em seu catálogo os dois gêneros como distintos, corrigindo o nome de *Senobasis* para *Stenobasis*; BRÉTHES também considerou *Lochites* como um bom gênero, pois propoz um novo nome para o mesmo, por ser êle preocupado.

Compulsando-se, porém, a bibliografia não é possível chegar-se a uma conclusão diferente da que chegou WILLISTON. De fato, SCHINER, não interpretou corretamente os caracteres de *Senobasis*, pois considerou como pertencentes a êste gênero espécies do gênero *Blepharepium*. Quanto a êste último SCHINER não tinha certeza de sua validade, achando-o indistinguível de *Dasyopogon*. Com esta errônea interpretação, é claro que as verdadeiras espécies de *Senobasis* ficaram sem um gênero para as conter, razão pela qual creou então *Lochites*.

As espécies que examinamos dêste gênero apresentam sempre no mesonoto uma semelhante disposição de manchas, havendo, invariavelmente, duas manchas pretas alongadas e laterais separadas por uma faixa de cor clara.

A forma do abdômen em algumas espécies é estreitada no segundo segmento, mas em outras não se verifica constrição alguma, sendo os seus lados quase paralelos.

Os pulvilos são sempre desenvolvidos; as garras de um modo geral são pontiagudas, mas em *rhombungulata*, n. sp. elas são obtusas.

As espécies de *Senobasis* podem ser separadas pela chave que damos abaixo:

CHAVE PARA ESPÉCIES DE *SENOBASIS*

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 — Abdômen completamente brilhante; asas largas | <i>lopesi</i> , n. sp. |
| Abdômen sempre fosco, às vezes brilhante só os últimos segmentos; asas de largura normal | 2 |
| 2 — Antenas sempre de coloração escura, no mínimo pardacentas, tendendo para o preto, às vezes alguns artículos são mais claros | 3 |
| Antenas com todos os artículos sempre de cor clara, amarelo-avermelhados ou, no máximo, vermelhos | 9 |
| 3 — Garras com a ponta obtusa (fig. 150) | <i>rhombungulata</i> , n. sp. |
| Garras pontiagudas | 4 |
| 4 — Mesonoto com faixa clara sobre a sutura transversa, formando uma cruz com a faixa mediana longitudinal | <i>staurophora</i> (Schiner) |
| Mesonoto com as faixas pretas longitudinais não interrompidas na sutura transversa | 5 |
| 5 — Face com a borda bucal bastante saliente, em forma de longo nariz | <i>bromleyana</i> , n. sp. |
| Face plana ou com leve saliência sobre a borda bucal | 6 |
| 6 — Segmentos abdominais anteriores inteiramente de cor amarela | <i> analis</i> Macq. |
| Segmentos abdominais anteriores com manchas pretas dorsais | 7 |
| 7 — Abdômen dos ♂♂ nitidamente claviforme; abdômen das ♀♀ com as margens posteriores do segundo e terceiro segmentos pretas; antenas inteiramente pretas | <i>mendax</i> Curran |

Abdômen dos ♂♂ de lados paralelos, a genitália, às vezes, mais larga que a largura do abdômen; abdômen das ♀♀ com as margens posteriores do segundo e terceiro segmentos amarelas; antenas não inteiramente pretas	8	
8 — Face dos ♂♂ com pêlos pretos acima do mistax; terceiro articulo antenal vermelho, os dois primeiros pretos; abdômen com manchas pretas dorsais de forma triangular (fig. 3)		<i>lanei</i> , n. sp.
Face dos ♂♂ sem pêlos pretos acima do mistax; antenas com os dois primeiros artículos amarelos ou inteiramente pretas; abdômen com manchas pretas dorsais de forma quadrangular		<i>claripennis</i> (Schiner)
9 — Segundo e terceiro segmentos abdominais amarelo-avermelhados (existindo manchas escuras, estas são indistintas e sem forma definida)	10	
Segundo e terceiro segmentos abdominais amarelados com nítidas manchas escuras que assumem formas definidas	11	
10 — Espécie pequena (10 mm.); quinto e sexto segmentos abdominais escuros, sem brilho, sétimo e oitavo preto-brilhantes		<i>almeidai</i> Carrera
Espécie grande (19 mm.); sexto e sétimo segmentos abdominais pretos com manchas avermelhadas		<i>tibialis</i> Curran
11 — Segundo, terceiro e quarto segmentos abdominais com manchas pretas dorsais de forma quadrangular, sendo todas as margens de cor amarela ..	12	
Segundo, terceiro e quarto segmentos abdominais com manchas pretas não quadrangulares	13	
12 — As manchas pretas dos segmentos abdominais são grandes e as margens estreitamente amarelas ou apenas escurecidas; pernas de cor escura		<i>claripennis</i> (Schiner)
As manchas pretas dos segmentos abdominais são menores e as margens são largamente amarelas; pernas de cor clara		<i>apicalis</i> (Schiner)
13 — Dorso dos segmentos medianos do abdômen com u'a mancha central, preta, de forma triangular		<i>mundata</i> (Wied.)
Segmentos medianos do abdômen com duas manchas pretas que ocupam os cantos ântero-laterais, sendo amarelo no resto (fig. 92)		<i>gyrophora</i> (Schiner)

Senobasis analis Macq., *staurophora* (Schiner), e *tibialis* Curran são espécies que não conhecemos e que foram incluídas na chave computando-se os caracteres assinalados em suas diagnoses originais. *Senobasis ornata* (Wied.) foi excluída.

Senobasis fenestrata Macq., 1838, não pode ser *Senobasis*, pois sua diagnose original assinala ausência de esporão na tibia anterior. Essa diagnose foi baseada em material danificado no qual faltava o terceiro articulo antenal.

Lochites asiloides Bigot, 1878, segundo a descrição do autor esta espécie apresenta no mesonoto quatro faixas pretas, sendo as laterais curtas e a mediana dividida ao meio. Estas marcações do tórax não existem em nenhuma espécie de *Senobasis* que conhecemos, pois nelas o mesonoto apresenta sempre duas largas faixas pretas. Acreditamos que *asiloides* não pertença a êste gênero.

Lochites fulvus Bigot, 1878, pela coloração pardo-avermelhada do mesonoto, pensamos que também esta espécie deva ser excluída de *Senobasis*.

Senobasis modesta Bigot, 1878, muito provavelmente não é *Senobasis* e sim *Blepharepium*.

Senobasis analis Macquart

Senobasis analis Macq., 1838, p. 53, T. 5, f. 1.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Thorace nigro. Abdomine rufo, apice nigro. Alis flavidis, apice fusco. Long. 7 l. ♂.

Face et côtés du front brunâtre, à duvet fauve; moustache fauve. Barbe jaunâtre. Front noir. Antennes noires; premier article testacé. Thorax noir mat, à ligne dorsale grise; une bande fauve, de chaque côté, au-dessus des ailes jusqu'aux épaules; côtés à grande tache fauve en avant des ailes. Abdomen d'un fauve assez pâle; sixième et septième segments noirs, ainsi que l'armure copulatrice, qui est luisante. Pieds fauves; jambes à extrémité noire; antérieures terminées par un ergot; intermédiaires noires; tarsi noirs. Ailes d'un jaune pâle jusqu'aux deux tiers de leur longueur, ensuite brunes.

Du Brésil, Lamana. Leschenault. Musém."

Senobasis lopesi, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo: 15,5 mm.; da asa 13 mm.

Cabeça: face pouco saliente na borda bucal, recoberta de pruiniosidade branca prateada; mistax formado por seis cerdas esbranquiçadas, sendo quatro na borda bucal e duas mais acima, além de alguns pêlos de cor também esbranquiçados; fronte e vértice negro-brilhantes, exceto em um fino friso de pruiniosidade amarelada bordejando os olhos; calo ocelar com ocelos amarelados, tendo em cima pruiniosidade amarelada; occipício com pruiniosidade pardo-escuro, havendo, superiormente, duas pequeninas manchas de pruiniosidade amarela, uma de cada lado, onde se implantam duas cerdas também amarelas; parte inferior do occipício com pruiniosidade amarelada, tendo de cada lado uma longa mancha escura; cerdas amareladas na porção superior como também a pilosidade da porção inferior; barba amarelada; probóscida e palpos negro-brilhantes, este último com grossa pilosidade amarelo-escuro; antenas com o primeiro artículo vermelho escuro, o segundo amarelo avermelhado e o terceiro avermelhado com ú'a mancha preta arredondada no ápice, pilosidade amarelada.

Tórax: protórax recoberto de pruiniosidade pardo-escuro em cima e dourada nos lados, com escassa pilosidade amarelada; mesonoto com as duas comuns faixas pretas longitudinais que alcançam os cantos do escutelo como também sua porção inferior; faixa mediana cinzenta; margens laterais amarelas se estendendo sobre os úmeros e calos pós-alares; pilosidade muito escassa e amarelada; cerdas amareladas: duas pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; um par de dorso-centrais posteriores não muito longas; escutelo com pruiniosidade dourada no dorso e na margem posterior; região pós-escutelar com pruiniosidade dourada e com sombras escuras irregulares; pleuras amareladas com escassa pilosidade também amarelada.

Pernas: coxas com pruiniosidade e pêlos de coloração semelhante à das pleuras, sendo mais escuras no par médio e posterior; fêmures vermelho-amarelados, brilhantes, tendo na superfície dorsal mancha preta de extensão variável; tíbias vermelho-amareladas, brilhantes, mais escurecidas irregularmente na porção mediana; tarsos vermelhos, exceto o último artículo que tem a porção apical castanho escuro; a pilosidade e as cerdas de todas as pernas são de cor avermelhada. Garras pretas, pontiagudas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 165) amareladas, largas; microtríquia muito escassa; ramo anterior da 3.^a longitudinal terminando pouco além do ápice da asa. Halteres pardo-escuros.

Abdômen brilhante; o primeiro segmento todo preto e com duas pequenas cerdas amarelas laterais; segundo, terceiro e quarto tergitos com as margens laterais amarelo-avermelhadas e pretos no dorso, havendo no meio da cor preta dorsal pequena mancha amarelo-avermelhada; quinto, sexto e sétimo tergitos pretos; oitavo preto em cima, mas com as margens laterais e posterior amarelo-avermelhadas; pilosidade amarelada e escassa; ventre com a mesma coloração dos tergitos e com pruinossidade amarela na borda posterior dos esternitos; genitália amarelo-avermelhada em cima e amarelo vivo em baixo.

♂ : — Desconhecido.

HOLÓTIPO: — 1 ♀ depositado na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Terezópolis, janeiro de 1940 (FREITAS e LOPES).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Em nenhuma espécie de *Senobasis* que conhecemos o abdômen se mostra inteiramente brilhante como acontece com a espécie aqui descrita. As asas, pela sua largura, são também características desta espécie. Estes dois caracteres são suficientes para isolarem esta espécie de todas as outras do gênero.

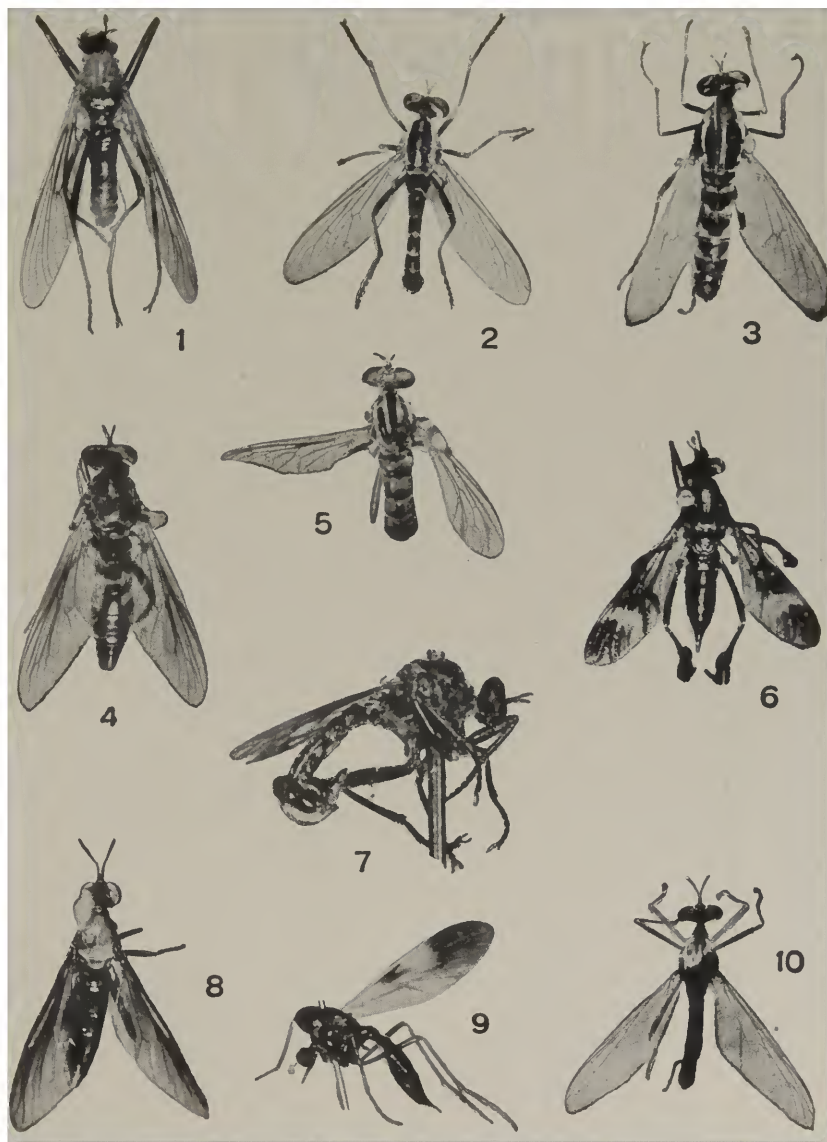
Senobasis rhombungulata n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 21 mm.; da asa 17 mm.

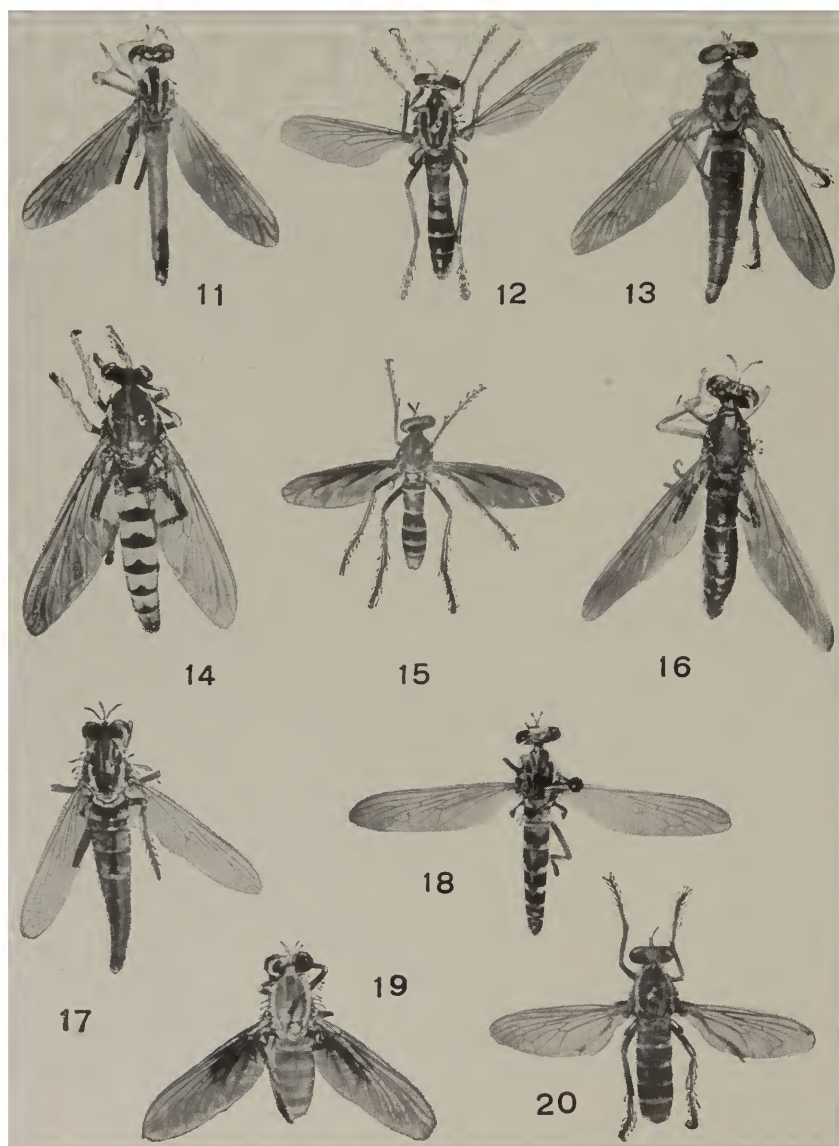
Cabeça: face pouco saliente em baixo, recoberta de pruinossidade dourada; mistax com quatro cerdas amareladas na borda bucal junto com pequenos pêlos dessa mesma cor, que se estendem até quase o meio da face; fronte com pruinossidade dourada nos lados indo até próximo do vértice, sendo o meio castanho escuro com três pequenos sulcos brilhantes longitudinais entre o calo ocelar e a base das antenas; calo ocelar preto fosco com três ocelos amarelados; vértice negro brilhante; porção superior do occipício recoberta de pruinossidade pardo-escuro, sendo o restante cinzento claro; coroa de cerdas pretas na metade superior, pilosidade esbranquiçada na inferior; barba branca; probóscida preta brilhante; palpos pretos com grossa pilosidade escura; antenas bastante escuras, exceto o primeiro artigo e o ápice do terceiro que são vermelho- amarelados; os dois artigos basais com cerdas pretas, o terceiro com algumas muito pequenas na borda dorsal.

Tórax: protórax com pruinossidade em cima pardo-escuro e em baixo dourada, com pilosidade fina e amarelada; mesonoto com as duas comuns faixas longitudinais pretas que se estendem até os cantos laterais do escutelo e recobrem também a margem posterior; a faixa cinzenta mediana se estende até o dorso do escutelo e as amarelas dos lados recobrem os calos umerais e pós-alares; pilosidade preta muito escassa e curta, pêlos maiores existem sobre as faixas amarelas laterais; cerdas pretas: uma ou duas pré-suturais bem desenvolvidas, três supra-alares, três pós-alares e dorso-centrais posteriores de tamanhos variáveis, sendo as três últimas mais longas; região pós-escutelar preta com pruinossidade cinzenta; pleuras recobertas de pruinossidade amarela, exceto na região superior da "mesopleura" onde é pardacenta; pilosidade fina e escassa de cor amarelada, mas na "metapleura" existem também pêlos pretos.

Pernas: coxas recobertas de pruinossidade amarela e densa pilosidade dessa mesma cor; fêmures vermelhos, brilhantes e com o ápice preto em cima; tíbias vermelho-escuras, pretas no ápice; as cerdas e pêlos são de cor preta, mas nas tíbias anteriores e posteriores existe, na face ventral, pilosidade ruiva em forma de escova; o esporão apical das tíbias anteriores é grosso, pouco pontudo e dirigido para uma elevação dos basitarsos; tarsos pretos com grossas e curtas cerdas também pretas; garras (Pr. 16, fig. 150) grossas mas não pontiagudas; pulvilos amarelos e quase do tamanho das garras.



Estampa I
(Vide a explicação das figs. à pág. 143)



Estampa II
(Explicação das figs. na pág. 143)

Asas com tonalidade amarelada, vítreas; microtríquia abundante sobre as nervuras, mais conspicua no ápice e na célula sub-costal, quase inexistente nos 3/4 basais da asa. Halteres castanho-escuros.

Abdômen pouco mais estreito nos segmentos anteriores; o primeiro segmento é todo preto e tem lateralmente duas cerdas pretas junto à fina pilosidade amarelada; o segundo tergito pardo escuro na base, seguindo-se uma faixa transversa cinzenta e depois grande mancha preta de forma quadrangular que alcança a margem posterior, mas não se estende para os lados onde a cor é também cinzenta; terceiro, quarto e quinto tergitos apresentam mancha preta dorsal de forma trapezoidal, sendo os lados e a base do 3.º cinzentos; sexto tergito inteiramente preto; sétimo recoberto de pruinose dourada; oitavo vermelho brilhante; a pilosidade do abdômen é curta e de cor preta no dorso de todos os segmentos, lateralmente, porém, ela é esbranquiçada nos cinco primeiros e preta nos restantes; ventre cinzento com pilosidade esbranquiçada, exceto os dois últimos esternitos que são avermelhados com pilosidade preta; genitália avermelhada, brilhante e com pêlos claros.

♂ : — Desconhecido.

HOLÓTIPO: ♀ depositado na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, dezembro de 1932 (L. TRAVASSOS col.).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — A coloração do abdômen e a forma das garras são caracteres que tornam esta espécie distinta entre todas as demais deste gênero, pois em nenhuma outra tais caracteres são encontrados.

Senobasis staurophora (Schiner)

Lochites staurophorus SCHINER, 1868, p. 164.

Esta espécie foi descrita da Colômbia. Há nela um carácter, segundo sua diagnose original, que a distingue entre todas as que conhecemos. É a coloração clara sobre a sutura transversa do mesonoto que forma com a faixa mediana uma cruz de cor amarelada.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Rückenschild sammtschwarz, mit einer weissem Längslinie auf der Mitte und einer eben solchen Querlinie über der Naht, so dass diese beiden Linien ein regelmässiges Kreuz bilden, die Ränder weissgelb, was sich um die Schulterbeulen etwas verbreitert; Brustseiten hell aschgrau, oben ins Gelbliche ziehend. Schildchen mattgrau, ganz nackt; Hinterrücken glänzend schwarz. Hinterleib ziemlich lang und fast gleich breit, die ersten vier Ringe hell aschgrau, die folgenden sammtschwarz; bei den Weibchen auf der Mitte der grauen Ringe schwarze Rückenflecke, die sich zuweilen so stark ausbreiten, dass von der grauen Farbe nur wenig übrig bleibt; der Bauch ganz grau; Genitalien des Männchens schwarz, gelb behaart, auf der Unterseite mit einigen schwarzen Börstchen; bei dem Weibchen gleichfalls schwarz, oben gelb behaart, unten schwarzborstig. Kopf schwarz; Untergesicht breit und gleichbreit, dicht messinggelb bestäubt mit weissem Schiller; Knebelbart fast bis zur Gesichtsmitte reichend, oben sehr schütter, die Borsten gelblichweiss; Rüssel und Taster schwarz und schwarz behaart; Fühler schwarz, die beiden Basalglieder schwarz beborstet. Beine glänzend schwarz; Hüften grau bestäubt; die Schienen besonders die der Vorderbeine an der Basis pechbraun, was sich oft weiterhin ausbreitet und in den lichtesten Varietäten zuweilen nur die Spitze freilässt. Flügel bräunlichgelb tingirt, die Spitze intensiv grau, was bis zur ersten Hinterrandzelle herabreicht, die am Ende kaum etwas verengt ist. 10". Aus Südamerika (Columbien)."

Senobasis mendax Curran

Senobasis mendax CURRAN, 1934, p. 333; 1934, p. 180, f. 138.

Examinamos três parátipos desta espécie que nos foram ofertados pelo Dr. Stanley W. Bromley.

Os únicos caracteres que desejamos acrescentar à sua diagnose original referem-se à face que é completamente plana e à forma coarctada do abdômen dos machos.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Black, the intermediate abdominal segments with broad basal bands of grayish pollen, the sides of the abdomen wholly pollinose. Length, 14 to 16 mm.

Male. — Face and broad sides of front on lower two-thirds golden pollinose, the two nasal bristles white or black, the sparse facial hairs black; front shining; occiput gray pollinose, the hairs mostly black, chiefly pale on the lower half, not abundant. Palpi black, with black hair. Antennae black, the first segment with reddish tinge beneath: third segment broad on apical half, pointed, with black hairs above.

Mesonotum dull black with a pale yellowish median vitta and golden-yellow side margins, the pleura and coxae gray pollinose, the pollen becoming brown on the upper part of the mesopleura. The few dorsal hairs are black, the pleura with very fine whitish hairs; bristles black. Scutellum moderately golden-brown pollinose, without hair or bristles. Hypopleural bristles black and whitish.

Legs black, the femora reddish on their lower half, the short hair and bristles black; pubescence of front tibiae blackish. The long pulvilli are brown.

Wings cinereous hyaline, the apical third or less blackish. Squamae brown with very short brown fringe. Halteres brown with reddish knob.

Abdomen opaque black, the apical half of the seventh segment and genitalia more or less metallic blue. Basal two-thirds of the second, more than half of the third and about half of the fourth segment grayish or yellowish-gray pollinose leaving a large anteriorly rounded black posterior spot, the sides of these segments very broadly pollinose, the pollen tapering from the base of the fourth to the apex of the sixth segment. Hair sparse, appressed, black, pale yellowish on the sides of the first four segments and on the disc of the first, whitish on the genitalia.

Female. — The legs are usually wholly black, the nasal bristles generally pale and usually a second weak lateral pair present. The second abdominal segment is brownish pollinose on the basal third, the third on the basal fourth or less while the fifth and following segments are metallic and often have reddish tips."

Senobasis bromleyana, n. sp.

♂ ♀ : — Comprimento do corpo 13 — 18 mm.; da asa 10,5 — 15 mm.

Cabeça (fig. 30): fronte recoberta de pruinoidade amarela, exceto no meio onde há uma estreita região preta brilhante que vai do calo ocelar até a base das antenas; vértice preto brilhante, com alguns pêlos pretos; calo ocelar preto fosco; occipício revestido de pruina castanho-escura na margem ocular, superiormente, e cinzenta no restante; pilosidade preta; barba amarelada; probóscida preta brilhante; palpos pretos com pêlos pretos; face recoberta de pruina amarela, muito saliente na borda bucal, onde tem a aparência de um nariz; mistax constituído por duas cerdas amarelas, não muito grandes e alguns finos pêlos claros sobre a saliência bucal; antenas pretas com pêlos pretos, que no 3.^o artículo são muito pequenos e situados na borda superior.

Tórax: mesonoto preto aveludado, com uma faixa longitudinal mediana cinzenta, de lados paralelos e se estendendo desde a margem anterior até sobre o escutelo; as margens laterais estão revestidas de pruina amarela, recobrando os calos umerais; calos pós-alares com pruina castanha; pilosidade fina e amarelada pouco mais longa nos machos; cerdas pretas e finas: uma pré-sutural, uma ou duas supra-alares e duas ou três nos calos pós-alares; cinco ou seis dorso-centrais posteriores; escutelo amarelo cinzento dorsalmente e castanho na margem; região pós-escutelar recoberta de pruinoidade castanha, exceto lateralmente onde é amarela; pleuras recobertas

de pruina amarelo-clara, "mesopleura" com a porção superior castanha e com finos pêlos amarelos.

Pernas: coxas anteriores e medianas com pruinose amarela, as posteriores castanha; fêmures pretos na superfície dorsal e amarelo na ventral, às vezes, todo preto no par posterior; tíbias castanho-escuras ou pretas, exceto na base, em pequena extensão, onde é amarela ou mais clara; tarsos castanho-escuros ou pretos; pilosidade curta, escura; cerdas pequenas, amarelas ou avermelhadas, nos tarsos algumas são pretas. Garras pretas; pulvilos castanhos.

Asas claras, levemente escurecidas no ápice e na metade posterior da célula subcostal. Halteres amarelo-avermelhados, capítulo mais escuro.

Abdômen: primeiro tergito preto; segundo preto com uma faixa transversal, pouco antes do meio, de cor amarela como as margens laterais e posterior; terceiro e quarto largamente amarelo em todas as margens e preto no meio, formando u'a mancha, menor nos machos e mais ou menos triangular, sendo quadrangular nas fêmeas; quinto só com as margens laterais amarelas; os tergitos restantes pretos, nas fêmeas os dois últimos brilhantes e o último com margens avermelhadas; pilosidade curta e preta, exceto nos lados do primeiro e segundo tergitos onde é amarela e mais longa; ventre cinza amarelado, com fina pilosidade clara.

HOLÓTIPO: ♂ n.º 62.266, alótipo ♀ n.º 62.606 e 9 parátipos (1 ♂ e 8 ♀ ♀): holótipo, alótipo, um parátipo ♂ n.º 111.050 e 4 parátipos ♀ ♀ nos. 62.234, 62.608, 111.051 e 111.052 depositados na coleção do Depto. de Zoologia, S. Paulo; 2 parátipos ♀ ♀ na coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; 1 parátipo ♀ na coleção do Instituto de Experimentação Agrícola, Rio de Janeiro; 1 parátipo ♀ enviado ao Dr. Stanley W. Bromley, Estados Unidos.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Campos do Jordão, janeiro de 1936 (F. Lane) e março de 1946 (A. Ramalho).

LOCALIDADES ADICIONAIS. — Estado de São Paulo: Campos do Jordão, 1.600 metros, março de 1945 (Wygodzinsky); Rio Claro, janeiro e fevereiro de 1947. — Estado de Goiás: Campinas (Worontzov). — Estado de Minas Gerais: Calado. Rio Doce, fevereiro de 1939 (Martins e Lopes); Belo Horizonte, Caixa d'Areia, janeiro de 1939 (Martins, Lopes e Mangabeira).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é próxima de *claripennis* (Schiner) e de *mendax* Curran, das quais se distingue pela enorme projeção da borda bucal.

Além deste carácter podemos distingui-la de *claripennis* pela cor preta das antenas e pela pilosidade das pleuras e do mesonoto. Com referência a *mendax* podemos distingui-la, ainda, pela faixa longitudinal mediana do mesonoto que é paralela e recobre o escutelo, pela coloração e forma do abdômen que, nos machos, não é claviforme.

Senobasis lanei, n. sp.

(Fig. 3)

♂: — Comprimento do corpo 15 — 17 mm.; da asa 14 — 15 mm.

Cabeça: face pouco saliente na borda bucal, recoberta de pruinose amarelodourada; mistax com algumas grossas cerdas amareladas e outras muito finas e curtas de cor preta espalhando-se até quase o meio da face, acima da qual se encontra ainda, lateralmente, um ou outro pequenino pêlo de cor escura; fronte inteiramente recoberta de pruinose pardo-escura ou preta, havendo de cada lado alguns curtos pêlos pretos; vértice preto fosco; occipício com pruinose preta em cima e cinzenta em baixo, pêlos e cerdas de cor preta, exceto na porção inferior onde existe pilosidade branca como a barba; probóscida e palpos pretos, este último com grossos pêlos pretos em mistura com outros de cor parda bem escura; antenas

com pequenas cerdas e pêlos pretos ou castanho-escuros, o primeiro e segundo artículos pretos, o terceiro vermelho com a extremidade basal escurecida.

Tórax: protórax com pruiniosidade preta e pilosidade amarela; mesonoto com as duas manchas comuns pretas e alongadas que alcançam os cantos laterais do escutelo; faixa mediana cinzenta e não muito larga; margem anterior do mesonoto e a região ao lado dos calos umerais recoberta de pruiniosidade avermelhada; margens laterais com pruiniosidade amarela que recobre também o calo umeral; pilosidade preta, sobre os calos umerais alguns pêlos amarelos; cerdas pretas: 2 pré-suturais, 2 supra-alares, 2 pós-alares com alguns pêlos amarelos e 4 ou 5 dorso-centrais posteriores; escutelo escuro na margem e com pruiniosidade castanha ou amarelo-escura sobre o dorso; região pós-escutelar castanho-escura, mais clara nos lados; pleuras recobertas de pruiniosidade cinzento-prateada, exceto na porção superior da "mesopleura" e sobre toda a "metapleura" onde a pruiniosidade é dourada; a pilosidade das pleuras é escassa e de cor branca, mas na calosidade "metapleural" ela é preta e bem fina.

Pernas: coxas revestidas de pruiniosidade cinzento-prateada com pilosidade esbranquiçada; trocanteres pretos; fêmures castanho-escuros na superfície dorsal, amarelo-avermelhados na ventral; tíbias anteriores e medianas de coloração semelhante à dos fêmures, tibia posterior amarela na metade basal, avermelhada na metade apical mas com o ápice preto dorsalmente; basitarsos das pernas anteriores e medianas pretos na superfície dorsal e vermelho-escuros na ventral; o basitarso posterior vermelho escuro em cima, pouco mais claro em baixo; os outros artículos tarsais de todas as pernas são inteiramente pretos; as cerdas dos tarsos são de cor castanha, mas no último artículo elas são pretas; na metade apical da superfície ventral das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores existe grossa pilosidade de cor amarelo-dourada em forma de escova; pilosidade amarela se encontra nas tíbias, mas nos tarsos, dorsalmente, a pilosidade é preta. Garras pretas; pulvilos pardo-escuros.

Asas com brilho vidrado e levemente amarelada.

Abdômen: primeiro segmento preto, exceto nos cantos laterais que são amarelo-sujos e onde existem uma cerda e pêlos amarelos; segundo segmento escuro na base, seguindo-se depois uma faixa transversal de pruiniosidade amarela que reveste as margens laterais e a borda posterior, ficando no meio, dorsalmente, u'a mancha preta fosca de contôrno quadrangular mas com o lado posterior sinuoso; terceiro e quarto segmentos com mancha preta fosca de forma triangular, com o vértice voltado para a borda posterior, sendo todas as margens recobertas de pruiniosidade amarelo sujo; quinto segmento com mancha dorsal escura de forma aproximadamente igual a do segundo, margens laterais e posterior amareladas; sexto e sétimo segmentos preto-foscocompletamente, exceto pequena mancha amarelada situada nos cantos ântero-laterais do sexto; com exceção destes dois últimos segmentos que possuem pilosidade preta, uniforme, a pilosidade dos segmentos restantes é amarelada, escassa dorsalmente, mais abundante e fina nas margens laterais, principalmente no segundo segmento; ventre revestido de pruiniosidade cinzenta com longa pilosidade esbranquiçada; genitália preta brilhante; densa pilosidade amarelada.

♀ : — Comprimento do corpo 18 mm.; da asa de 17 mm.

Face com pilosidade menos abundante que no ♂, completamente amarela; as manchas pretas do mesonoto alcançam a margem anterior com uma tonalidade avermelhado-escura; abdômen mais largo que no ♂; as manchas pretas no dorso dos segmentos abdominais são triangulares, mas o vértice é mais arredondado; no quinto segmento essa mancha preta é mais extensa, recobrindo toda a margem anterior e quase toda a posterior, deixando somente as laterais amarelas; sexto e sétimo segmentos preto-foscocompletamente; oitavo preto brilhante; a pilosidade do abdômen é muito mais escassa e menor que a verificada nos machos; a genitália é brilhante, vermelha com manchas pretas e pilosidade amarelada.

HOLÓTIPO: 1 ♂ N.º 62.625, alótipo N.º 111.053 e 1 parátipo ♂ N.º 111.054, depositados na coleção do Depto. de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Campos do Jordão, janeiro de 1936 (holótipo), dezembro de 1944 (alótipo) (F. Lane col.) e dezembro de 1945 (J. Lane col.).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie parece ser próxima de *mundata* (Wied.) pela coloração do abdômen, mas separa-se nitidamente pela cor das antenas que é preta nos dois artículos basais e vermelha no apical; pela coloração dos tarsos inteiramente pretos, sem anel basal de cor amarela; pela pruiniosidade das pleuras cinzento-prateada e pela coloração dos três últimos segmentos abdominais.

Dedicamos esta espécie ao Dr. FREDERICO LANE que muito tem contribuído para o progresso da coleção de dípteros deste Departamento.

Senobasis claripennis (Schiner)

Lochites claripennis SCHINER, 1867, p. 369.

REDESCRIÇÃO — ♂. Comprimento do corpo: 11 — 13 mm.; da asa 8 — 9,5 mm.

Cabeça: face recoberta de pruiniosidade branca amarelada, levemente saliente na borda bucal; mistax formado por duas cerdas longas e amareladas, tendo pouco acima alguns finos pêlos brancos; fronte preta no meio, mas logo atrás das antenas e largamente nos lados são recobertas de pruiniosidade branco-amarelada que vai se tornando dourada a medida que se aproxima do vértice; calo ocelar com alguns curtos pêlos pretos, os ocelos são amarelados e envolvidos de pruiniosidade dourada; vértice preto brilhante com raros pelinhos pretos; porção superior do occipício recoberta de pruiniosidade pardo-escuro, a porção inferior, bem mais extensa que a primeira, recoberta de pruiniosidade amarelada; cerdas e pêlos amarelados; barba branca; probóscida preta brilhante; palpos (fig. 110) pardo-escuros com grossa pilosidade avermelhada; antenas (fig. 102) pardacentas com zonas escuras no segundo e terceiro artículos, o primeiro artigo sempre mais claro que os restantes, amarelado, com ligeira pruiniosidade amarela; os pêlos e as cerdas das antenas são pretos, exceto algumas do primeiro artigo que são de coloração clara.

Tórax: protórax recoberto de pruiniosidade pardo-escuro em cima e amarelada em baixo, com fina pilosidade esbranquiçada; mesonoto com as duas manchas pretas alongadas abrangendo a borda anterior e todo o escutelo, e conforme a incidência luminosa todo o dorso se torna dourado; faixa longitudinal mediana amarelo-acinzentada, as laterais douradas, recobrindo os úmeros que são de um amarelo mais claro; pêlos e cerdas amarelos: 2 pré-suturais, 1 supra-alar, 1 pós-alar e várias dorso-centrais posteriores desenvolvidas; região pós-escutelar pardo-escuro com manchas douradas laterais; pleuras recobertas de pruiniosidade cinzento-amarelada, exceto anteriormente e na porção superior da "mesopleura" onde a pruiniosidade é dourada; pilosidade escassa, fina e amarelada.

Pernas: coxas recobertas de pruiniosidade branco-amarelada e pilosidade esbranquiçada pouco abundante, havendo no restante das pernas pilosidade preta, curta e grossa; fêmures pardo-escuros na superfície dorsal e amarelados na ventral (às vezes os fêmures posteriores são inteiramente escuros); tíbias anteriores e medianas castanho-escuras, quase pretas; tíbias posteriores (Pr. 16, fig. 152) amareladas nos 2/3 basais da superfície dorsal, castanho-escuro na superfície ventral e em todo o terço apical; tarsos pretos ou castanho-escuros (em dois ♂ a base dos tarsos é amarela); todas as cerdas das pernas são curtas e amarelo-avermelhadas, exceto nos três últimos artículos tarsais onde existem algumas cerdas pretas: Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 164) estreitas, iridescentes e com nervuras pretas; microtriquia pouco abundante. Halteres pardacentos.

Abdômen delgado, pouco mais estreito no terceiro segmento; o primeiro segmento todo preto com pilosidade amarelada nos lados; o segundo com mancha semi-circular na porção basal e indo até a pseudo-sutura, sobre a qual se encontra uma faixa de pruina amarela, sendo o restante do segmento escuro dorsalmente com as margens amarelas; terceiro, quarto e quinto tergitos com a porção basal e as margens laterais amarelas (no quarto, às vezes, também a margem posterior é amarela), sendo o restante preto ou pardo escuro; sexto inteiramente escuro, fosco; sétimo preto brilhante com reflexos azulados; pilosidade dos quatro primeiros segmentos amarelada e escassa; ventre amarelo pardacento exceto o último esternito que é pardo escuro; pilosidade clara; genitália (figs. 192 a 196) pardo-escuro, brilhante, com abundante pilosidade amarelada e com uma placa ventral de cor amarelo vivo.

♀ : — Comprimento do corpo 11 — 17 mm.; da asa 9,5 — 14 mm.

Mais robusta que o macho do qual difere pelo seguinte: pruiniosidade facial dourada; occipício com cerdas pretas na porção superior; antenas de coloração mais escura; pernas pouco mais escuras, os tarsos sempre inteiramente enegrecidos; abdômen mais largo que o dos machos, a margem anterior dos segmentos é pardacenta em vez de amarela e, sendo em extensão muito menor, ficam os tergitos mais escuros que o verificado nos ♂♂; a margem posterior dos segmentos 2-6 é sempre pardacenta em pequena extensão; sétimo e oitavo segmentos preto-brilhantes com reflexos azulados; ovipositor amarelo avermelhado (fig. 197).

MATERIAL EXAMINADO. — 7 ♂♂ e 29 ♀♀, sendo 5 ♀♀ e 10 ♂♂ com os números: 111.057 a 111.068 e 103.959 a 103.961. A procedência desse material é a seguinte:

Estado de Minas Gerais: Arceburgo, 1 de dezembro de 1946 (M. P. BARRETTO). — Estado do Rio de Janeiro: Palmeiras, dezembro de 1938 e janeiro de 1939 (S. LOPES col.); Corcovado, janeiro de 1934 (L. TRAVASSOS col.); Angra dos Reis, dezembro de 1931 (L. TRAVASSOS col.); Japuiba, dezembro de 1940 (OLIVEIRA E VENTEL col.) e novembro de 1945 (J. LANE col.); Castorina, janeiro de 1937 (TRAV. & OITICA col.). — Estado de São Paulo: São Vicente, Praia das Vacas, janeiro de 1945 (M. CARRERA col.). — Estado do Paraná: El Dorado, janeiro de 1945 (HATSCHBACH).

Senobasis almeidai Carrera

Senobasis almeidai CARRERA, 1946, p. 121-124.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Fêmea. Comprimento do corpo 10 mm.; da asa 8 mm.

Cabeça: fronte negra, brilhante somente em um estreito sulco longitudinal que se estende do calo ocelar à base das antenas, o resto é fosco com muito esparsa polinosidade esbranquiçada; calo ocelar preto, com ocelos castanhos e alguns pêlos amarelados muito finos; vértice com muito leve pruiniosidade amarelada; occipício com pruiniosidade cinzenta, finas cerdas amareladas em cima e delicada pilosidade branca em baixo; face coberta por polinosidade amarelada, suja no meio; mistax composto de duas cerdas longas esbranquiçadas e alguns finos pêlos brancos; antenas amareladas nos dois artículos basais, vermelha no terceiro; primeiro e segundo artículo com pequenas cerdas pretas, no segundo, porém, existem duas de comprimento maior que as restantes, sendo uma preta na borda superior e outra amarela na inferior; o terceiro artículo é estreito na base, globoso no ápice, com muito curtos pêlos superiormente e com um pequeno espinho apical; palpos cilíndricos, pardo-escuros com grossos pêlos amarelos; probóscida negro-brilhante.

Torax: — Disco do mesonoto preto com uma faixa longitudinal mediana de cor cinzenta se estendendo sobre o escutelo; margens laterais do mesonoto com polinosidade esbranquiçada que se espalha pelos escleritos pleurais e pelas coxas; escuto com finíssimas dorso-centrais amarelas; uma cerda présutural, uma supralar e uma no calo postalar de coloração preta ou avermelhada; "metapleura" somente com poucos pêlos brancos muito finos.

Abdômen: — O primeiro tergito com a metade basal preta e a apical amarelo-ocre, tendo nos lados alguns pêlos amarelados; o segundo e terceiro tergitos também amarelo ocre com manchas levemente escurecidas, situadas, uma na margem anterior do segundo e duas, de forma triangular, em cada lado do segundo e terceiro; o quarto tergito escuro em cima e amarelo ocre lateralmente; o quinto e o sexto negro fosco; sétimo e oitavo negro brilhante. Sobre os tergitos de cor preta existe curta pilosidade preta; os dois primeiros esternitos amarelo ocre, os restantes enegrecidos, exceto o último que é de cor ocre e possui pilosidade branca, mais ou menos longa, sem contudo ser densa; recobrimdo todo o ventre existe pruinosidade cinzenta com exceção do último esternito.

Pernas pretas exceto a face inferior dos fêmures, o quinto basal das tíbias anteriores e medianas e o terço basal das tíbias posteriores que são amarelos; nos tarsos existem em baixo, cerdas avermelhadas e, em cima, pretas; nas tíbias e nos tarsos anteriores e posteriores existe curta e grossa pilosidade amarela ventral. Asas hialinas, muito levemente sombreada no ápice devido à presença de mais densa microtríquia que, no resto da asa, é muito esparsa, praticamente inexistente. Halteres pardo-escuros.

Macho desconhecido".

Entre todas as espécies que conhecemos deste gênero, nenhuma é tão pequena quanto esta. Suas dimensões não vão além de 10 mm., medida sempre ultrapassada pelas outras. É uma espécie facilmente reconhecível pela sua coloração: as antenas são amarelo-avermelhadas; as faixas do mesonoto são todas cinzentas em fundo preto, não apresentando aquele contraste comum nas outras espécies entre a faixa mediana, quase sempre cinzenta, e as laterais, sempre amarela; o segundo e terceiro tergitos abdominais são avermelhados, quase que inteiramente, pois as sombras escuras aí existentes são muito tênues; no quarto tergito há uma mistura de cor avermelhada com preto de forma imprecisa; quinto e sexto tergitos preto-aveludados; sétimo e oitavo preto-brilhantes.

Examinamos o holótipo, 1 ♀ N° 62.267. Estado de São Paulo, Araquara.

Senobasis tibialis Curran

Senobasis tibialis CURRAN, 1934, p. 332.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Differs from *analis* in having the anterior and posterior tibiae wholly reddish, antennae wholly reddish and the seventh abdominal segment of the female mostly opaque black dorsally. Length, 19 mm.

Female. — Face, cheeks, and lower fourth of front reddish yellow; face yellow pollinose, the front with ochreous pollen on the lower two-thirds; vertex shining black, occiput grayish pollinose. Hair and bristles yellow, reddish toward the vertex; four or six whitish oral bristles. Antennae reddish yellow.

Mesonotum opaque black, the broad margins reddish, with pale golden pollen, a rather narrow median vitta gray. Pleura brownish red, with pale golden pollen. Scutellum reddish, the corners black. Hair yellowish, the few hairs on the dark part of the mesonotum black.

Anterior legs reddish, their tarsi black; middle legs blackish with the broad base of femora and tibiae reddish; posterior legs reddish, the femora more or less brown except basally, the apices of the first and second tarsal segments and the whole of the apical segments, black. Hair and bristles reddish or reddish yellow, the tarsal hair mostly black.

Wings with grayish tinge which becomes more marked apically. Squamae reddish brown; halteres brown with reddish stems.

Abdomen deep reddish or brownish red, the basal half of the first segment except laterally, a fascia on the middle of the sixth segment which widens laterally to occupy all but the posterior border and the seventh segment except the apex, black; venter black on the apical half. Abdomen opaque; a broad basal fascia on the sixth segment, a large basal, transverse, subrectangular spot on either side of the seventh segment and the genitalia, shining black. Venter with brownish-gray pollen. Hair pale on basal half of abdomen, black on apical half."

Não conhecemos esta espécie que é originária da Guiana Inglesa. CURRAN distingue-a de *analis* Macq. por possuir a tíbia anterior e posterior completamente avermelhadas, pelas antenas que são desta mesma cor e pelo sétimo segmento abdominal da fêmea que é preto opaco dorsalmente.

Senobasis apicalis (Schiner)

Lochites apicalis SCHINER, 1867, p. 370.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Unterscheidt sich von *L. claripennis* durch Folgendes: Die Längstriemen des Rückenschildes sind graugelb, die schwarzen Makeln auf den Hinterleibsringen sind grösser und lassen nur den Hinterrand und die Seiten der Ringe schmal frei; die Fühler sind rothgelb und die glashellen Flügel sind an der Spitze fleckenartig braun gesäumt. Alles sonst wie bei der genannten Art, nur ist sie kleiner und noch schlanker. 4 1/2 Lin."

Um único exemplar que identificamos discorda da diagnose diferencial de SCHINER somente por delicada diferença de cor das faixas do mesonoto, que são amarelás e não amarelo acinzentado. E' característico desta espécie as manchas pretas de forma quadrangular no dorso dos segmentos medianos do abdômen e a coloração das asas, muito límpidas, com um pequeno escurecimento no ápice. O nosso exemplar mede 13 a 14 mm. de comprimento.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♀. Estado do Paraná: Iguassu, dezembro de 1941 (Com. E.N.V.), da coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Senobasis mundata (Wied.)

Dasypogon mundatus WIED., 1828, p. 569.

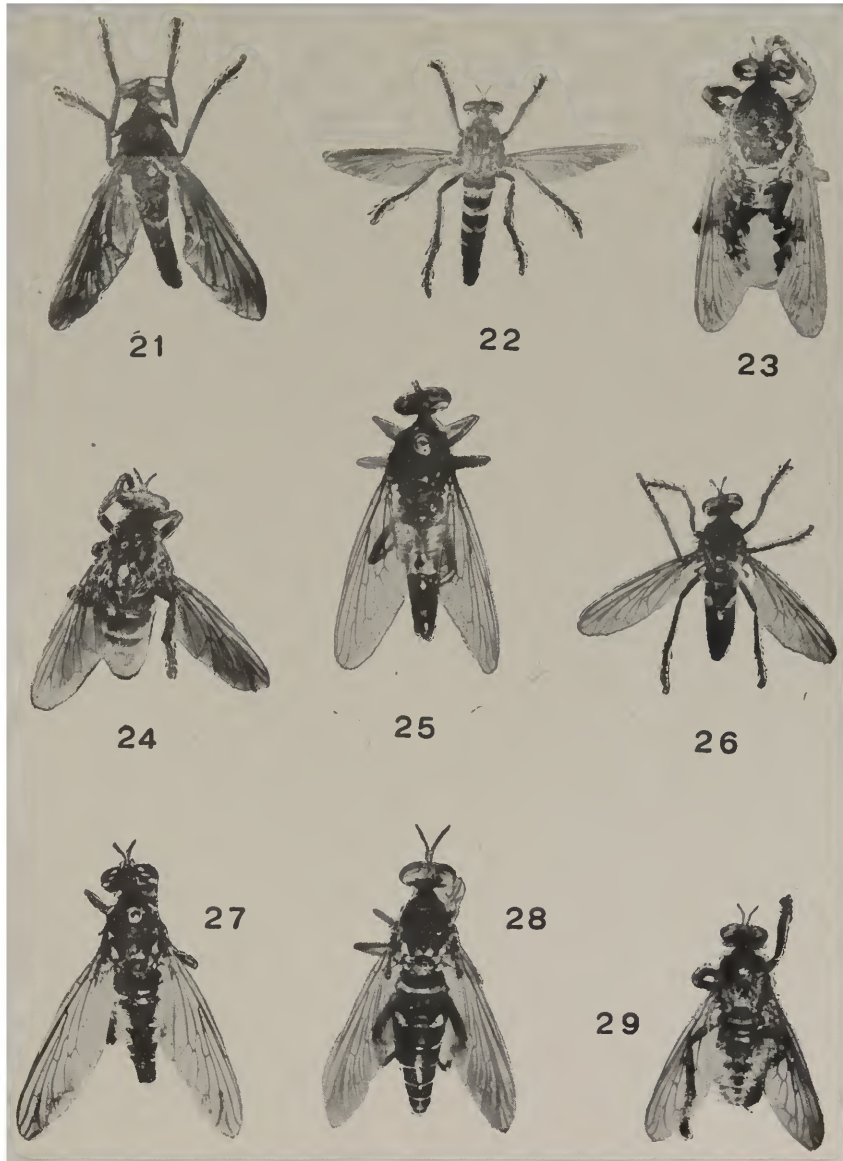
Senobasis mundata (WIED.), Loew, 1851, p. 12.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Niger; thorace vittis, abdomine fasciis flavis; pedibus flavidis: tarsorum articulis apice nigris. Schwarz, mit gelben Striemen des Rückenschildes und gleichfarbigen Binden des Hinterleibes; braungelben Beinen mit schwarzen Spitzen der Fussglieder. — 7 Linien. ♀ — Aus Brasilien.

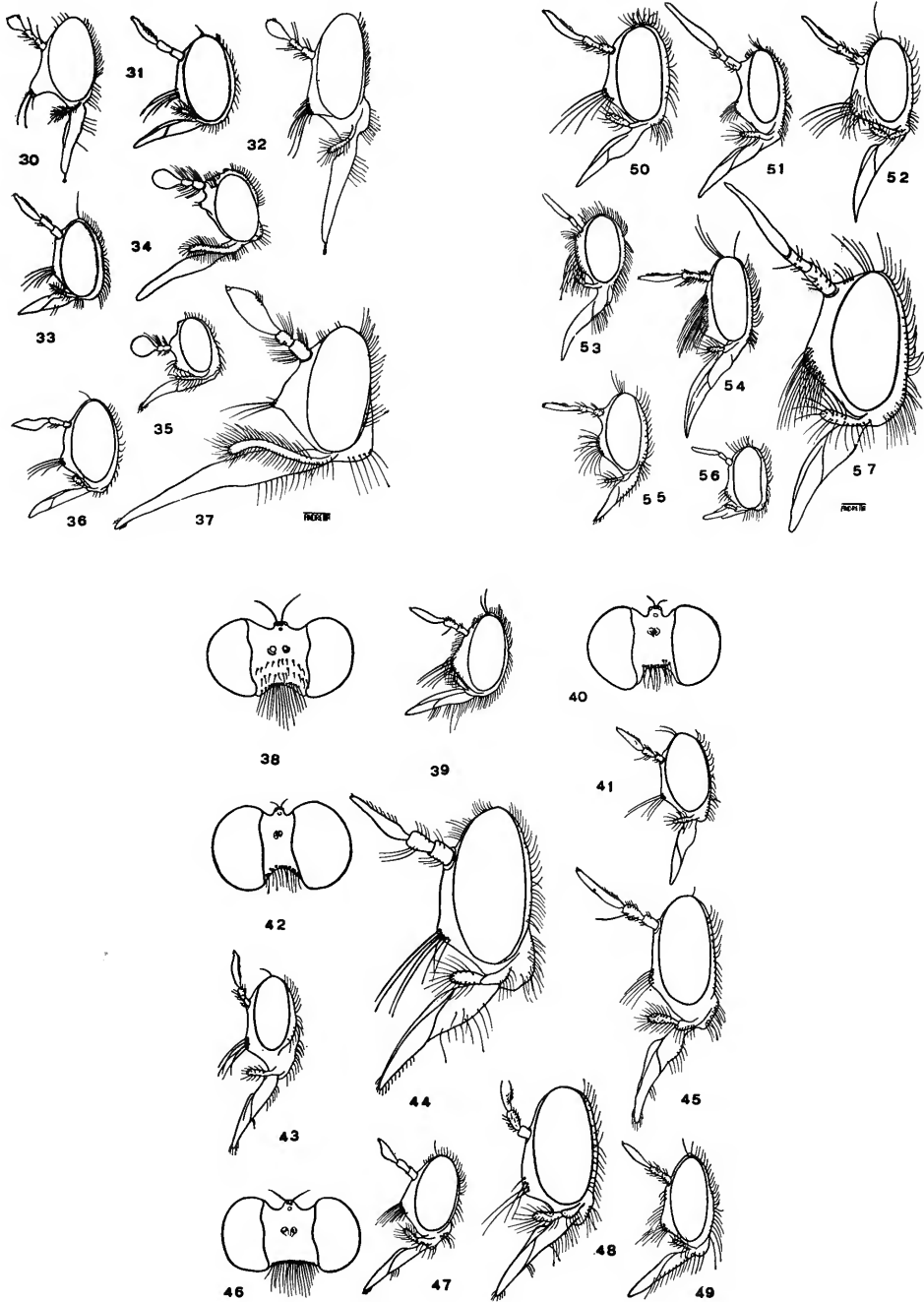
Hat Aehnlichkeit mit *D. ornatus*; doch berechtigt wohl die Färbung ihn als eigene Art aufzuführen. Fühler braungelb; Untergesicht gelblich mit weissen Schimmer; Knebelbart und Borsten gelblichweiss. Rückenschild schwarz, mit drei messinggelben Striemen, Schildchen und Hinterrücken messinggelb; Brustseiten bleicher gelb (weshalb es vielleicht besser wäre zu fagen: Mittelleib gelb, mit zwei breiten schwarzen Striemen). Hinterleib schwarz, mit gelben Binden und Seitenrändern; das Schwarze theilt sich auf mehreren Abschnitten durch einen vom Hinterrande derselben dazwischen tretenden gelblichen Keil; die zwei letzten Abschnitte ganz schwarz und zwar der letzte in's Stahlbläulich fallend. Flügel gelblich, an der aussersten Spitze rauchgraulich. Beine braungelb; vordere Schienen oben auf bräunlichschwarz und an Wurzel und Spitze braungelb. Alle Füsse schwarzbraun, mit gelben Wurzeln ihrer Glieder. — Im Frankfurter Museum."

Não conhecemos esta espécie, considerada por LOEW como *Senobasis*.

Quando SCHINER (1866) reviu os asilideos de WIEDEMANN, disse não conhecer esta espécie, cujo tipo foi depositado no Museu de Francfort.



Estampa III
(Explicação das figs. nas págs. 143-4)



Estampa IV
(Explicação das figs. na pág. 144)

Pelos caracteres assinalados na diagnose original não há dúvida de que se trata de um *Senobasis*, pois o próprio WIEDEMANN a compara com *ornatu*, espécie esta que SCHINER usou para crear *Lochites*, gênero que consideramos sinónimo de *Senobasis*.

Senobasis gyrophora (Schiner)

(Fig. 2)

Lochites gyrophorus SCHINER, 1868, p. 164.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 16 — 22 mm.; da asa 12,5 — 16,5 mm.

Cabeça (fig. 32): face ligeiramente saliente na borda bucal, recoberta de pruinoseidade branco-prateada; mistax esbranquiçado, formado por quatro grossas cerdas e algumas outras mais delgadas em mistura com alguns pêlos finos que alcançam a metade inferior da face; fronte com pruinoseidade dourada acima das antenas e nos lados, sendo no meio preto brilhante como no vértice; sobre o calo ocelar há pruinoseidade dourada; occipício, em cima, com pruinoseidade pardo-amarelada, no restante com pruinoseidade amarelo-esbranquiçada; cerdas e pêlos amarelos; barba esbranquiçada; probóscida pardo-escura, brilhante; palpos castanhos com pilosidade amarela; antenas amarelo-avermelhadas, os dois primeiros artículos mais claros, cerdas e pêlos castanhos.

Tórax: protórax com pruinoseidade amarelada, tendo superiormente uma faixa polinosa pardacento-escura, com fina pilosidade amarelada; mesonoto com as duas comuns manchas longitudinais pretas que na sua parte anterior tem uma coloração mais clara, pardacenta; posteriormente elas alcançam os cantos do escutelo escurecendo-os; a faixa mediana que separa as duas manchas pretas é de cor amarela mais clara que à das margens laterais; os calos umerais e pós-alares são amarelos; pilosidade amarelada, escassa, havendo alguns pêlos pretos sobre as manchas pretas; cerdas castanhas: 2 longas dorso-centrais posteriores que ficam no fim de uma fileira de curtas cerdas, fileira essa que se inicia muito antes da sutura transversa; 2 pré-suturais, 2 supra-alares, 2 pós-alares; escutelo escuro, recoberto de pruinoseidade dourada; região pós-escutelar recoberta de pruinoseidade amarela com duas manchas escuras nos lados; pleuras recobertas de pruinoseidade amarelada; pilosidade desta mesma cor, fina e escassa.

Pernas amarelo-avermelhadas e com os tarsos vermelhos; coxas com pruinoseidade e pêlos amarelados; fêmures brilhantes, às vezes com a superfície dorsal escurecida, principalmente no último par; tíbias anteriores e medianas com extensa mancha vermelha no dorso; tíbias posteriores quase sempre unicolores; articulações pretas entre os fêmures e as tíbias e entre estas e os tarsos; pêlos e cerdas ocráceos; garras pretas apicalmente; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 166) iridescentes; célula sub-costal escura na metade apical; basícosta com pequenos pêlos amarelos; nervura transversa anterior situada além do meio da célula discal; anal peciolada. Halteres amarelos; capítulo pardacento.

Abdômen com os lados paralelos; metade anterior do primeiro segmento preta, o restante amarelo, tendo lateralmente longos pêlos amarelos e, às vezes, uma ou outra cerda dessa mesma cor; segundo segmento preto na margem anterior à qual se segue uma faixa transversal de cor amarelada e duas manchas pardacento-escuras, de forma triangular, cujo vértice é posterior, sendo o restante amarelado; estas manchas escuras se repetem nos segmentos 3 — 5, juntando-se, em alguns exemplares, pela base; sexto e sétimo segmentos quase inteiramente escuros, sem brilho, havendo no meio pequena mancha amarelada e na borda posterior fino friso também de cor amarelada; as margens laterais de todos os segmentos são amareladas; pilosidade amarela, mais escura nos dois últimos segmentos; ventre amarelado com

fina pilosidade amarelada; genitália dos ♂ ♂ vermelho-escuro, brilhante, com pêlos amarelos e mais ou menos globosa.

MATERIAL EXAMINADO. — 3 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀, sendo os exemplares Nos. 62.268 — 62.233 — 111.055 e 111.056 da coleção do Depto. de Zoologia de São Paulo e os restantes na coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (1 ♂) e na coleção do Instituto de Experimentação Agrícola, Rio de Janeiro (1 ♂). São as seguintes as procedências do material estudado: — Estado do Rio de Janeiro: Corcovado, outubro de 1936 (L. TRAVASSOS); Angra dos Reis, novembro de 1945 (J. LANE). — Estado de São Paulo: Guarujá, janeiro de 1941 (M. CARRERA); Serra da Cantareira, Cuca, dezembro de 1940 (GUIMARÃES & TRAVASSOS FO.); Bananal, Bocaina, janeiro de 1937 (D. MENDES). — Estado de Santa Catarina: Nova Teutonia (F. PLAUMANN).

Os caracteres dos nossos espécimes concordam muito bem com a diagnose de SCHINER, mas a figura 10 da prancha 2 do "Reise der Novara", para esta espécie, mostra os desenhos do abdômen em posição inversa àquela que SCHINER descreveu e àquela que se verifica em nosso material. Preferimos concordar com o que diz a descrição, atribuindo ao desenho um erro na sua execução ou impressão.

Senobasis ornata (Wied.)

Laphria ornata WIED., 1819, p. 49.

Dasygogon ornatus (WIED.), WIED., 1828, p. 386 et 585.

Lochites ornatus (WIED.), SCHINER, 1866, p. 677; 1867, p. 369.

Não conhecemos esta espécie e como não nos foi possível obter a sua diagnose original, publicada no Zoolog. Magaz. de 1819, pág. 49, transcrevemos as descrições publicadas pelo mesmo autor nas páginas 386 e 585 do Auss. zweifl. de 1828.

"Ater; thorace albido-trivittato, abdomine testaceo, basi atro (Femina); atro, fasciis duabus lateribusque albidis (Mas.); alis flavidis apice fuscis. Tiefschwarz; Rückenschild mit drei weisslichen Striemen; Hinterleib ziegelroth mit schwarzer Wurzel (Sie) oder tiefschwarz, zwei Binden und die Seiten weisslich (Er); Flügel gelblich mit bräunlicher Spitze. — 8 Linien ♂ : — Aus Brasilien.

Fühler schwarz, Endglied mitten verdickt. Untergesicht messinggelb, dem Goldenen sich nähernd. Knebelbart und Knebelborsten weisslich. Rückenschild tiefschwarz, mit graulichweisser, schmaler, dicht vor dem Schildchen ein wenig erweiterter, einen schwarzen Punkt enthaltender Mittelstrieme; die Seitenstriemen liegen dicht über den Flügelwurzeln, sind ein wenig breiter und meistens gelblicher; Schildchen schwarz; Hinterrücken und Brustseiten graulichweiss. Erster Hinterleibsabschnitt tiefschwarz; hierauf folgt eine graulichweisse Binde, der nächste Abschnitt gelblich ziegelroth, mit zwei schwarzen Flecken, welche sich bei einigen so verbreiten, dass nur in der Mitte vom Rothen wenig übrig bleibt, folgende Abschnitte gelblichziegelroth. Bauch ziegelroth, nur an den zwei Wurzelabschnitten in der Mitte schwärzlich. Flügel etwas gelblich, an der Spitze schwarzbräunlich; Schwinger schwarz. Beine schwarz, zuweilen mit etwas Braun gemischt; untere Fläche der vordersten Schenkel fast kastanienbraun.

Bei dem Männchen ist der Hinterleib schwarz, an der Wurzel mit zwei graulichweissen schmalen Binden und eben solchen Seitenrändern; der Bauch überall graulichweiss mit röthlichen Einschnitten; After gelblichweissbehaart. — In meiner Sammlung."

"Aendert ab mit schwarzen, gelbbandirten Hinterleib, der auch an den Seitenrändern, bis etwa zur Hälfte der Länge, bleich gelblich ist; die Binden liegen an den Einschnitten. Am Rückenschild sind die drei Striemen, und auch die Brustseiten fast goldgelb."

Tribo SAROPOGONINI Hardy

Antenas com o terceiro artículo fusiforme ou alongado; palpos com dois artículos, sendo às vezes pouco nítida a separação de ambos; pros-

terno consistindo de uma placa adjacente às coxas anteriores e separada do pronoto por uma larga área membranosa; tíbias anteriores com ou sem esporão apical; asas com a célula marginal sempre aberta; genitália dos ♂♂ com o 9º tergito e o 9º esternito separados por membranas laterais; 9º tergito dividido ao longo de sua linha mediana, formando, os dois escleritos, forceps superiores bem desenvolvidos; genitália das ♀♀ com o 9º tergito provido de espinhos nítidos (acantoforito).

Esta tribo reúne um grande número de gêneros que, no futuro talvez possam, alguns deles, servir para a formação de novos agrupamentos tri-bais. As espécies de *Saropogonini* da fauna neotrópica apresentam, como um dos seus principais caracteres, a estrutura da genitália dos ♂♂ que mostra o 9º tergito largamente separado em dois escleritos, os forceps superiores, segundo a designação de HARDY. As formas típicas desta tribo, entretanto, apresentam o 9º tergito, quando muito com uma sutura ao longo de sua linha mediana, sendo completamente ausentes os forceps superiores. Não conhecemos nenhuma espécie de *Saropogonini* com este carácter.

Como neste trabalho não cuidamos das espécies cujas tíbias anteriores são inermes, a chave que se segue inclui somente gêneros formados por espécies possuidoras de esporão.

- | | | |
|---|----|--------------------------|
| 1 — Terceiro artículo antenal com o estilo reduzido a um minúsculo espinho inserido em uma depressão apical ou subapical, ou então sem estilo, mas com um espinho situado na borda dorsal desse artículo | 2 | |
| Terceiro artículo antenal com um nítido estilo de forma piramidal, às vezes formado por mais de um segmento | 14 | |
| 2 — Escutelo com cerdas | 3 | |
| Escutelo sem cerdas | 11 | |
| 3 — Pulvilos das pernas posteriores atrofiados, no máximo alcançando o terço basal da garra | | <i>Caenarolia</i> Thoms. |
| Pulvilos das pernas posteriores desenvolvidos, sempre maiores que o terço basal da garra | 4 | |
| 4 — Palpos com os dois artículos contínuos | 5 | |
| Palpos com os dois artículos formando um ângulo mais ou menos reto | 9 | |
| 5 — Face mais larga que 1/3 da largura total da cabeça ou mais larga que a largura de um olho (fig. 38) | | <i>Allopogon</i> Schin. |
| Face mais estreita que 1/3 da largura total da cabeça ou mais estreita que a largura de um olho | 6 | |
| 6 — Terceiro artículo antenal dilatado no meio, fusiforme, nunca duas vezes maior que os dois basais reunidos | 7 | |
| Terceiro artículo antenal de lados quase paralelos, sempre duas ou mais vezes maior que os dois basais reunidos | 8 | |
| 7 — Região mediana da fronte geralmente sem pilosidade; calo ocelar quase sempre com duas cerdas apenas; abdômen nunca apresentando faixas transversais de longa pilosidade situada na borda posterior dos tergitos | | <i>Diogmites</i> Loew |
| Região mediana da fronte com abundante pilosidade; calo ocelar sempre com mais de duas cer- | | |

- das; abdômen com os primeiros tergitos apresentando faixas transversais de longa pilosidade situada na borda posterior (fig. 22) *Neodiogmites*, n. g.
- 8 — Face inclinada, gradualmente saliente de cima para baixo (fig. 57) *Lastaurus* Loew
Face saliente na borda bucal, mais ou menos plana em cima (fig. 51) *Lastaurax*, n. g.
- 9 — Face convexa em toda a sua extensão e toda coberta de pêlos (fig. 53) *Lastaurina* Curran
Face apenas saliente na borda bucal onde existem cerdas (fig. 50) *Lastauroides*, n. g.
Face gradualmente saliente de cima para baixo ... 10
- 10 — Face com pilosidade muito fina e densa nos 3/4 inferiores, sem cerdas na borda bucal (fig. 54) *Lastauropsis*, n. g.
Face com cerdas na borda bucal e alguns pêlos pouco acima (fig. 52) *Lastauronia*, n. g.
- 11 — Asa com a quarta célula posterior aberta (fig. 179) *Macrocolus* Engel
Asa com a quarta célula posterior fechada 12
- 12 — Terceiro artigo antenal com um pequeno espinho na borda dorsal, mediano ou subapical; espécies delgadas (figs. 95 e 96) *Mirolestes* Curran
Terceiro artigo antenal com espinho apical, nunca na borda dorsal; espécies robustas 13
- 13 — Abdômen claviforme; terceiro artigo antenal com as extremidades mais finas que o meio *Blepharepium* Rond.
Abdômen afinado posteriormente; terceiro artigo antenal mais largo na base *Phonicocleptes* Arribalz.
- 14 — Escutelo sem cerdas nem pêlos 15
Escutelo com cerdas ou com pilosidade mais ou menos longa 16
- 15 — Quarta célula posterior da asa fechada; antena com estilo pouco menor que o terceiro artigo *Cyrtophrys* Loew
Quarta célula posterior da asa fechada ou aberta; antena com estilo pequeno, sempre muito menor que o terceiro artigo *Deromyia* Phil.
- 16 — Estilo antenal formado por um único artigo tendo no ápice um minúsculo espinho 17
Estilo antenal formado por dois artigos, tendo no ápice do segundo um minúsculo espinho 18
- 17 — Mesonoto com dorso-centrais desenvolvidas; mistax formado por longas cerdas; fronte com numerosos pêlos laterais *Araiopogon*, n. g.
Mesonoto sem dorso-centrais desenvolvidas; mistax formado por cerdas muito curtas; fronte sem pilosidade lateral; 5.^o e 6.^o tergitos do abdômen dos ♂♂ com um aglomerado de cerdas equamiformes nos lados *Cleptomyia*, n. g.
- 18 — Pulvilos atrofiados *Theromyia* Willst.
Pulvilos desenvolvidos 19
- 19 — Tarsos das pernas anteriores longos, duplamente maiores que a tibia; face fortemente saliente *Annamyia* Pritch.
Tarsos das pernas anteriores de comprimento normal; face saliente só na borda bucal 20
- 20 — Face mais larga em baixo que na base das antenas; mistax denso e confinado à metade inferior da face; escutelo com alguma pilosidade dorsal e cerdas marginais numerosas (fig. 93) *Aphamartania* Schin.

Face de lados paralelos; mistax esparso e chegando quase até a base das antenas; escutelo unicamente provido de um par de cerdas marginais (fig. 92) *Aspidopyga*, n. g

CAENAROLIA Thomson

Caenarolia THOMSON, 1869, p. 470; ALDRICH, 1923, p. 5; HERMANN, 1925, p. 141.

CARACTERES — Face plana, um pouco mais saliente na borda bucal, mais larga que a metade da largura de um olho, às vezes tão larga como nas espécies de *Allopogon*, sem pilosidade entre a borda bucal e a base das antenas; mistax confinado à margem da boca e formado por grossas cerdas e alguns pêlos pouco acima; fronte tão larga quanto a face, os lados, junto à órbita ocular, curvos, com poucos pêlos laterais, que, às vezes, só são presentes no vértice; calo ocelar com duas enormes cerdas e um par de pequenos pêlos atrás, nem sempre presente; probóscida pontuda, quilhada; palpos com os dois artículos contínuos; o segundo com uma pequena saliência subapical; segundo artículo antenal maior que o primeiro, o terceiro maior que os dois basais reunidos, fusiforme e com curta pilosidade dorsal na metade anterior.

Tórax com cerdas laterais desenvolvidas, as dorso-centrais às vezes atrofiadas; escutelo com um par de cerdas marginais; região pós-escutelar nua.

Pernas com cerdas curtas e grossas; os três artículos tarsais medianos das pernas posteriores pequenos e globosos; pulvilos das pernas anteriores desenvolvidos, os das medianas às vezes atrofiados e os das posteriores sempre pequenos, menores que 1/3 das garras; empódio grande; esporão das tíbias anteriores inserido em uma pequena projeção apical.

Asas grandes, maiores que o abdômen.

Abdômen às vezes mais largo na porção basal, às vezes só os dois últimos segmentos mais estreitos, outras vezes fusiforme; sem cerdas desenvolvidas, exceto nos lados do primeiro segmento; genitália dos machos com uma rotação de quase 180 graus, situando-se as peças do proctiger no canto formado pela união do tergito com o esternito. Em algumas espécies existe dimorfismo sexual, e, neste caso, os machos diferem das fêmeas por apresentarem intensa pruinosidade prateada revestindo grande parte do abdômen e, às vezes, também enfusamento na porção basal da asa.

GENÓTIPO: *Caenarolia longipennis* Thomson, 1869

Este gênero é muito afim de *Allopogon* do qual se distingue principalmente pela grande atrofia dos pulvilos posteriores, pela forma do abdômen pouco alongado e mais grosso, e pela ausência de pilosidade na superfície facial. A largura da face, quase sempre menos larga que a largura de um olho e o dimorfismo sexual, que se verificá em algumas de suas espécies, são caracteres que também podem auxiliar a separação destes gêneros.

A afinidade deste gênero com *Leptogaster* Meigen, assinalada por THOMSON quando o descreveu, não pode ser tomada em consideração, conforme se verifica pela sua própria diagnose, confirmada pela figura 6 da prancha 9 do trabalho original que representa *C. longipennis*, espécie tipo do gênero.

Este fato já foi constatado e assinalado por alguns autores. ALDRICH (1923), embora considerando *Caenarolia* como um *Leptogasterinae*, apontou a considerável diferença que a nervulação dêste gênero apresenta em confronto com a de um *Leptogaster*. HERMANN (1925) mostrou também a errônea localização sistemática de *Caenarolia*, afirmando tratar-se de um verdadeiro *Dasypogoninae*.

O material que estudamos ofereceu-nos a oportunidade de comprovar a exatidão dos argumentos dos autores acima, pois sem dúvida *Caenarolia* é um gênero que deve ser integrado na subfamília *Dasypogoninae*, da qual até agora esteve afastado em virtude da afinidade pouco exata que THOMSON lhe atribuiu.

ALDRICH considerou êste gênero como sinônimo de *Acroniches* Williston, o que positivamente não está certo, pois *Acroniches* não possui esporão nas tíbias anteriores, razão pela qual não faz parte do grupo que estamos tratando. Embora a diagnose de *Caenarolia* não se refira a êste esporão, ele é bem nítido na figura dada por THOMSON.

Presentemente fazem parte dêste gênero quatro espécies, dentre as quais três foram descritas em gêneros diferentes. E' possível que nestas condições se encontrem outras, mas só o exame dos espécimes-tipos poderá revelar a verdadeira localização delas.

Em virtude do dimorfismo sexual encontrado em algumas espécies, organizamos uma chave para cada sexo.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DO GÊNERO CAENAROLIA

♂ ♂

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 — Asas levemente escurecidas de forma irregular pela sua superfície; 4.º, 5.º e 6.º segmentos do abdômen revestidos de pruinosidade prateada | <i>argyrocineta</i> (Schiner) |
| Asas intensamente escurecidas na base e no resto límpidas; abdômen com ou sem pruinosidade prateada | 2 |
| 2 — Cerdas dorso-centrais muito pequenas, indistintas das outras do mesonoto; abdômen inteiramente revestido de pruinosidade prateada, exceto o primeiro segmento (fig. 161) | <i>spitzi</i> , n. sp. |
| Cerdas dorso-centrais desenvolvidas; abdômen ferruginoso ou vermelho alaranjado sem pruinosidade prateada no dorso (fig. 163) | <i>basalis</i> (Curran) |

♀ ♀

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 — Asas intensamente escurecidas na base e no resto límpidas (fig. 163) | <i>basalis</i> (Curran) |
| Asas sem o contraste acima, mas levemente escurecidas de forma irregular pela sua superfície ... | 2 |
| 2 — Cerdas dorso-centrais muito pequenas, indistintas das outras do mesonoto; borda lateral dos tergitos abdominais inteiramente prateada (fig. 162) ... | <i>spitzi</i> , n. sp. |
| Cerdas dorso-centrais muito desenvolvidas; borda lateral dos tergitos abdominais escura no canto anterior e prateada no posterior | 3 |
| 3 — Abdômen com os quatro primeiros segmentos pretos no dorso, os segmentos restantes amarelo-avermelhados | <i>argyrocineta</i> (Schiner) |
| Abdômen com todos os segmentos vermelho alaranjado no dorso, havendo nos quatro primeiros u'a mancha preta de cada lado | <i>longipennis</i> Thoms. |

Caenarolia longipennis Thomson

(Fig. 20)

Caenarolia longipennis THOMSON, 1869, p. 471, T. IX, f. 6.

REDESCRIÇÃO — ♀. Cabeça: face e fronte recobertas de pruinoseidade amarela, nos lados da boca testáceo, com alguns pequenos pêlos em cima do mistax que é formado por grossas cerdas pretas; fronte com alguns pêlos nos lados, nas margens oculares e no vértice; calo ocelar revestido de pruinoseidade amarela, com um par de longas cerdas pretas e um ou dois pares de pequenos pêlos pretos; occipício recoberto de pruinoseidade amarela, com cerdas pretas atrás do calo ocelar, ao redor dos olhos e em baixo; barba preta; probóscida preta brilhante, base testácea e alguns pêlos pretos em baixo; palpos (fig. 123) pardo-avermelhados com pêlos pretos; antenas (fig. 78) amarelo-avermelhadas, o terceiro artículo às vezes mais escuro, fusiforme, uma vez e meia maior que os basais reunidos, com pequenas cerdas na metade basal da borda superior; o primeiro artículo pouco mais que a metade do segundo aproximadamente, ambos com pequenas cerdas pretas.

Tórax: protórax recoberto de pruinoseidade amarela, com pêlos e cerdas pretas; disco de mesonoto com pruinoseidade pardacenta; no dorso se encontram três faixas pardo-escuras, as laterais elípticas e divididas pela pruinoseidade clara que existe sobre a sutura transversa, a mediana separada em duas faixas desde a margem anterior até a metade do escuto; pruinoseidade amarela existe nos lados do mesonoto; pilosidade setiforme, preta e escassa; cerdas pretas: uma ou duas nos calos umerais, pequenas, três ou quatro pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares, dois pares de dorso-centrais posteriores desenvolvidas; escutelo pardacento com pruinoseidade amarela, mais escura na margem onde se encontra um par de cerdas pretas; região pós-escutelar recoberta de pruinoseidade amarela; pleuras recobertas de pruinoseidade amarela, exceto em uma faixa mediana de cor castanha que parte do protórax e vae até a base do abdômen; alguns pêlos pretos no meio; "metapleura" com cerdas e pêlos pretos.

Pernas (figs. 156 e 160): coxas com pruinoseidade castanha, as medianas e posteriores, às vezes amarelas e mais escuras em baixo, com cerdas e pêlos pretos; os fêmures do par posterior avermelhados, o resto das pernas amarelo avermelhado, exceto no último artículo dos tarsos que é mais escuro, avermelhado, às vezes, quase preto, inteiramente ou só na metade apical; pilosidade preta, exceto em baixo das tíbias anteriores e posteriores onde há pilosidade amarelo-avermelhada; cerdas pretas, curtas, abundantes nos artículos tarsais. Garras pretas; pulvilos anteriores amarelos, grandes, os medianos e posteriores vestigiais.

Asas levemente amareladas, no ápice um pouco cinzentas; nervuras pardacentas. Halteres amarelo-avermelhados, escuros no capítulo.

Abdômen amarelo avermelhado; em cada lado do segundo ao sexto tergitos se encontra mancha preta de extensão variável, muito reduzida no último, mas recobrindo sempre os cantos ântero-laterais, sendo os cantos póstero-laterais recobertos de pruinoseidade branca; margem posterior do 1.º ao 5.º tergito amarelo-aveludada; os tergitos restantes amarelo-brilhantes; pilosidade preta, muito curta e escassa, exceto nos lados do primeiro tergito onde é longa, abundante e em mistura com cerdas pretas; nos quatro últimos tergitos a pilosidade é amarela; ventre amarelo avermelhado, com pêlos pretos anteriormente e depois amarelos; genitália com pêlos amarelos e espinhos avermelhado-escuros.

♂ : — Desconhecido.

MATERIAL EXAMINADO. — 3 ♀ ♀, com as seguintes procedências. — Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, dezembro de 1931 (L. TRAVASSOS), N.º 108.389; Deodoro, dezembro de 1934 (W. ZIKAN) na coleção do Instituto de Experimentação

Agrícola do Rio de Janeiro, novembro de 1939 (MANGABEIRA) na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Entre as espécies de *Caenarolia*, esta se caracteriza pela forma do abdômen que só se estreita nos dois ou três últimos segmentos, sendo os anteriores de lados paralelos; o seu tamanho, no material que examinamos, foi sempre maior do que o comum observado nas outras espécies. Outros caracteres diferenciais podem ser verificados pela chave.

Caenarolia argyrocincta (Schiner)

Saropogon argyrocinctus SCHINER, 1867, p. 370.

Allopongon dimidiatus CURRAN, 1935, p. 4.

REDESCRIBÇÃO — ♂. Cabeça (fig. 31): face e fronte recobertas de pruinossidade amarelada, pardacenta nos lados da cavidade oral, com alguns pêlos pretos acima do mistax que é formado por cerdas pretas situadas na borda bucal; fronte com alguns pêlos pretos nos lados, nas órbitas oculares e no vértice; calo ocelar recoberto de pruinossidade amarelada, com um par de longas cerdas pretas e dois pequenos pêlos atrás; occipício com pruinossidade amarelada atrás do calo ocelar e ao longo das margens oculares, pardacenta no resto, cerdas pretas, curtas na coroa occipital; barba preta; probóscida preta; palpos pardo-avermelhados, escuros, com cerdosidade preta; antenas amarelo-avermelhadas, o terceiro artículo, às vezes mais escuro; sobre os artículos basais se encontram alguns pêlos pretos; o terceiro artículo é dilatado no meio, duas vezes mais longo que os dois primeiros reunidos, com alguns pêlos na face externa e sobre a borda dorsal, não indo além da metade do artículo.

Tórax: protórax recoberto de pruinossidade amarelada em cima e pardo-escuro em baixo, com cerdas e pêlos pretos; mesonoto recoberto de pruinossidade dourada, pardacenta no meio onde existem três faixas pardo-escuras, as laterais fusiformes, separadas na sutura transversa, a mediana se iniciando na margem anterior do mesonoto, dividida longitudinalmente por uma linha que é dourada no declive anterior e pardacenta posteriormente; pilosidade setiforme, preta; cerdas pretas, uma nos calos umerais, três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; dois pares de dorso-centrais posteriores desenvolvidas; escutelo com pruinossidade amarelo-pardacenta e duas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar revestida de pruinossidade dourada, mais escura atrás do escutelo; pleuras pardacento-escuras, exceto na metade superior da "mesopleura" que é amarela e sobre a porção inferior da "sternopleura" e "pteropectura" que estão recobertas de um amarelo pardacento vivo; alguns pêlos pretos no meio, na "metapleura" com cerdas pretas.

Pernas: coxas recobertas de pruinossidade pardacento-escuro, com pêlos e cerdas pretos; fêmures e tíbias brilhantes, vermelho-amarelados, exceto os 3/4 basais dos fêmures posteriores que são pretos; basitarsos amarelo-avermelhados com o ápice preto ou pardo bem escuro; segundo e terceiro tarsos amarelos com o ápice preto; quarto e quinto tarsos totalmente pretos; pilosidade preta, exceto na face inferior das tíbias do par anterior e posterior que é amarela; cerdas pretas e curtas. Garras pretas; pulvidos amarelos, os das pernas anteriores grandes, os das pernas medianas e posteriores muito pequenos.

Asas muito leve e uniformemente pardacentas, no ápice um pouco sombreada; nervuras pardo-avermelhadas. Halteres pardo-avermelhados, às vezes mais escuros no capítulo.

Abdômen: primeiro tergito pardo-escuro, com borda posterior amarelo-avermelhada e uma pequena mancha pruinosa amarela de cada lado; o segundo tergito, antes da pseudo-sutura, com mancha pardacenta lisa, basal e de forma semi-circular,

vindo depois pruiniosidade amarela que forma u'a mancha estreita no meio e alarga-se para os lados, chegando a recobrir as margens laterais; depois da pseudo-sutura o segundo tergito é preto aveludado em cima e amarelo avermelhado na margem posterior e branco nos cantos látero-posteriores; o terceiro tergito é semelhante ao segundo, isto é, semelhante a região posterior à pseudo-sutura; quarto, quinto e sexto tergitos com tegumento escuro, mas recoberto de pruiniosidade prateada, levemente amarelada nas margens laterais e posterior, principalmente no sexto; sétimo tergito recoberto de pruiniosidade avermelhada, escura na porção anterior; o oitavo apenas visível; pilosidade preta e curta, exceto nos lados do primeiro segmento onde ela é maior e com cerdas pretas; ventre pardacento-liso, os últimos esternitos pretos. Genitália avermelhado-escura com pilosidade grosseira e vermelha.

♀. Difere do macho pelo seguinte: 3.º artigo antenal mais escuro; mesonoto avermelhado, com as faixas muito pouco nítidas; pleuras avermelhadas, com pruiniosidade dourada na porção inferior; fêmures posteriores quase inteiramente avermelhados, ápice das tíbias posteriores pretos; quarto, quinto e sexto tergitos abdominais sem pruiniosidade prateada; o terceiro e o quarto são irregularmente escuros na porção anterior, avermelhados na posterior e com os cantos pótero-laterais amarelo-acinzentados; quinto e sexto tergitos amarelo-avermelhados, sujo de preto em cima, cantos ântero-laterais pretos e pótero-laterais amarelo-acinzentados; sétimo e oitavo amarelo-avermelhados, brilhantes, o oitavo com pequenas manchas pretas irregulares; pilosidade preta nos quatro primeiros segmentos, amarelo-avermelhada nos quatro últimos, na borda posterior do oitavo com pequenas cerdas amarelas; ventre pardacento. Genitália com pêlos amarelos, espinhos avermelhados.

MATERIAL EXAMINADO. — 3 ♂♂ e 1 ♀ Nos. 62.253, 103.945 e 108.388. Um ♂ foi devolvido à coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Rio de Janeiro: Itatiaia, 500-1.000 metros, abril de 1945 (M. P. BARRETTO); Tinguá, abril de 1940; Angra dos Reis, dezembro de 1932 (L. TRAVASSOS).

Esta espécie se distingue entre todas as outras pela presença de pruiniosidade prateada no quarto, quinto e sexto tergitos dos machos; pela coloração escura dos segmentos do abdômen, exceto os dois últimos que são amarelo-avermelhados, muito mais claros que os anteriores, nas fêmeas. As fêmeas desta espécie são muito parecidas com *spitzi*, n. sp., mas podem ser reconhecidas pela coloração das asas um pouco mais escuras, pelos pulvilos das pernas medianas que são muito pequenos, sendo em *spitzi* mais desenvolvidos; pela coloração do abdômen que não apresenta pruiniosidade prateada ao longo de toda a margem lateral de quase todos os tergitos; pela cor avermelhada do quinto e sexto tergitos.

Caenarolia basalis (Curran)

(Fig. 19)

Allopogon basalis CURRAN, 1935, p. 3.

REDESCRIÇÃO — ♂. Cabeça (fig. 36): face e fronte de tegumento vermelho recoberto esparsamente por pruiniosidade dourada, tornando-se pardacento-escura ao redor da cavidade da boca; mistax formado por cerdas pretas situadas sobre pequena saliência da borda bucal; fronte com alguns pêlos pretos laterais; calo ocelar grande, com duas longas cerdas pretas e dois pequenos pêlos pretos atrás; occipício avermelhado com pruiniosidade dourada atrás do calo ocelar e ao longo das órbitas oculares, o resto com pruiniosidade pardacento-escura; cerdas desenvolvidas, pretas, ausentes no meio; barba preta; probóscida preta, um pouco testácea na metade basal; palpos pardacento-escuros com pilosidade preta; antenas amarelo-avermelhadas, com minúculas cerdas pretas, formando no terceiro artigo uma fileira que

vai pouco além da metade anterior da borda dorsal; o segundo artículo uma vez e meia maior que o primeiro, o terceiro dilatado no meio e quase duas vezes maior que os basais reunidos.

Tórax: mesonoto vermelho-ferruginoso, com três discretas faixas pretas longitudinais e pruiniosidade dourada nas margens laterais; pilosidade preta, curta e setiforme; cerdas pretas e desenvolvidas; duas cerdas nos calos umerais, quatro pré-suturais, duas supra-alares e duas nos calos pós-alares; um ou dois pares de dorso-centrais posteriores desenvolvidos; escutelo avermelhado com pruiniosidade dourada e duas longas cerdas marginais pretas; região pós-escutelar avermelhada com pruiniosidade dourada; pleuras recobertas de pruiniosidade pardacento-escura, quase preta, exceto na borda superior de "mesopleura" que é amarelada; alguns pêlos pretos no meio e na "metapleura" com cerdas pretas.

Pernas: coxas com pruiniosidade pardacento-escura, algumas cerdas e pêlos pretos; fêmures e tíbias vermelhos, brilhantes, com cerdas e pêlos pretos, curtos; pilosidade amarela e curta se encontra na superfície ventral das tíbias do par anterior e posterior; tarsos com grossas e curtas cerdas pretas; basitarsos amarelos nos 3/4 anteriores e preto no 1/4 posterior; os tarsos restantes inteiramente pretos. Garras pretas; pulvilos das pernas anteriores amarelo-claros, grandes, nas medianas e posteriores vestigiais.

Asas (fig. 163) pardacentas no 1/3 basal, hialinas nos 2/3 restantes, setor anal um pouco mais claro. Halteres ferruginosos, capítulo mais escuro.

Abdômen vermelho-ferruginoso, às vezes alaranjado e com muito esparsa pruiniosidade clara; os cantos ântero-laterais de cada tergito pretos e os cantos pósterolaterais com pruiniosidade prateada, às vezes, se estendendo pelo dorso do tergito, principalmente no sétimo; pilosidade muito escassa, grossa, curta e preta nos lados dos segmentos, exceto no primeiro onde é abundante, maior e com cerdas pretas; ventre preto, com as margens anteriores amarelas e alguma pilosidade preta. Genitália vermelho-escura com cerdas pretas.

♀. As diferenças entre os dois sexos encontradas em nosso material se resumem nas seguintes: a face é muito menos escura na margem oral e a pruiniosidade que a recobre, parcial ou inteiramente, às vezes é branca; o mesonoto é revestido de pruiniosidade mais clara e as faixas longitudinais são menos nítidas; as pleuras, em baixo, são também recobertas de pruiniosidade mais clara; as coxas, principalmente as anteriores, são avermelhadas e recobertas de pruiniosidade amarelada; o abdômen é cor de laranja dorsalmente, sendo o quinto e sexto tergitos recobertos de pruiniosidade de brilho prateado, mais ou menos intenso segundo a incidência luminosa; o sétimo e oitavo tergitos são brilhantes.

ALÓTIPO: — ♀ N.º 62.251.

MATERIAL EXAMINADO. — 4 ♂♂ e 5 ♀♀ com as seguintes procedências: alótipo e mais 2 ♂♂ Nos. 62.252 e 62.235, Estado de São Paulo, Anhangá, novembro de 1924 e dezembro de 1926 (R. SPITZ). 3 ♀♀ e 2 ♂♂ (1 ♂ N.º 108.446 e 1 ♀ N.º 108.445), Estado de Mato Grosso, Faz. Murtinho, dezembro de 1929 (R. SPITZ). 1 ♀ N.º 62.619, República do Paraguai, Vilarica, dezembro de 1926 (F. SCHADE). Duas fêmeas foram devolvidas para a coleção do Instituto Biológico de São Paulo e 1 ♂ para a coleção do Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro.

Esta espécie é facilmente reconhecível pela cor pardo-escura que ocupa todo o terço basal da asa, presente em ambos os sexos; pela cor do abdômen, laranja com pruiniosidade prateada nas fêmeas e ferruginoso nos machos. A diagnose original indica para esta espécie um tamanho de 12 mm, mas em nosso material encontramos uma variação compreendida entre 12 a 18,5 mm, sem incluir as antenas.

Como só o macho foi descrito originalmente, elegemos como alótipo um dos exemplares fêmea da nossa coleção.

Caenarolia spitzii, n. sp.

♂ : — Comprimento do corpo, sem antenas 13 — 16,5 mm.; da asa 10 — 12,5 mm.

Cabeça (fig. 33): face e fronte recobertas de pruinoseidade prateada; a face é pardo-escura em baixo, nos lados da borda bucal; mistax composto de cerdas e pêlos pretos; na fronte existe pilosidade preta nos lados; calo ocelar com pruinoseidade amarelo-dourada e duas longas cerdas pretas; vértice com pruinoseidade parda que se estende, em parte, pelo occipício; este tem nas margens oculares pruinoseidade amarelada, sendo o resto castanho-escuro; cerdas occipitais e barba pretas; palpos pretos com pequenas cerdas dessa mesma cor; probóscida preta brilhante; antenas amarelo-avermelhadas, sendo o primeiro artícuo e a base do terceiro bastante escuros, o segundo quase duas vezes o comprimento do 1.º; pequenas cerdas pretas.

Tórax: protórax castanho claro; mesonoto com três faixas longitudinais castanho-escuras separadas por pruina castanho-clara; as faixas laterais são maculiformes, levemente interrompidas na sutura transversa e confluindo com a mediana na região pré-escutelar; a mediana dividida longitudinalmente de forma quase imperceptível; cerdas e pêlos pretos; 1 ou 2 nos calos umerais, 3 pré-suturais, 2 supra-alares e 2 nos calos pós-alares; escutelo com a mesma cor do mesonoto, mais escuro no dorso e com duas longas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar com manchas dourado-escuras laterais; "mesopleura" com pequena mancha pruinosa dourada em cima; cerdas e pêlos pretos existem na "metapleura".

Pernas: coxas com a mesma cor do tórax e com cerdas pretas; fêmures e tíbias avermelhados, brilhantes e com pequenas cerdas e pêlos pretos; articulações tibio-tarsais pretas; as tíbias posteriores com a superfície ventral recoberta por pilosidade branco-amarelada; basitarsos de todas as pernas amarelos, exceto no ápice que é preto; o segundo tarso, às vezes, também é amarelo na base; os tarsos restantes são pretos. Garras pretas; pulvilos das pernas anteriores pouco maiores que a metade das garras, os das pernas posteriores e medianas mais ou menos 1/3 do comprimento das garras.

Asas (fig. 161) com o quarto basal, ou pouco menos, de cor pardacenta; o restante completamente hialino; nervuras pardacentas; nervura transversa anterior sobre o 1/4 basal da célula discal. Halteres castanho-escuros.

Abdômen: todos os tergitos, com exceção do primeiro, porção basal do 2.º e a genitália, completamente recobertos de pruinoseidade prateada; o primeiro segmento com pêlos e cerdas pretos laterais, os restantes com rala pilosidade esbranquiçada; ventre com pruinoseidade castanha, mais escuro posteriormente e com pêlos também castanhos; genitália avermelhada com abundantes cerdas amarelas e alguns pêlos pretos.

♀. Distingue-se do ♂ pelo seguinte: antenas avermelhadas, unicolores; tórax de coloração mais clara, sendo as faixas do disco do mesonoto pouco nítidas, os lados de cor dourada; pleuras e coxas douradas; exceto na região mediana das pleuras que é pardo-escura, coloração esta que se estende pela parte inferior do protórax; os basitarsos um pouco mais escuros que o verificado nos ♂♂, asas (fig. 162) inteiramente hialinas, sem mancha parda basal, levemente amareladas, porém, na região das álulas; o abdômen, com exceção do 7.º e 8.º segmentos que são amarelos, apresenta manchas pardas no dorso, sendo nas bordas laterais e posterior, prateado-pruinoso; nas margens laterais a pruinoseidade prateada é mais larga nos cantos posteriores; ventre semelhante ao dorso, mas com pruina esbranquiçada no ápice; genitália amarelo-avermelhada com pequenos pêlos amarelos e espinhos avermelhados.

TIPO: — Holótipo ♂ N.º 103.950, alótipo ♀ N.º 108.386 e 3 parátipos (2 ♀♀ e 1 ♂), sendo uma ♀ N.º 108.387; um dos parátipos ♀ foi depositado na coleção

do Instituto Biológico de São Paulo e o ♂ no Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de Minas Gerais: Araguari, março de 1930 (R. SPITZ). — Estado de Goiás: Vianópolis, março de 1930 (R. SPITZ) (alótipo).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é próxima de *basalis* Curran, da qual se distingue por vários caracteres: os ♂♂ pela mancha parda na base da asa que é bastante menor e pela pruinosidade prateada que recobre quase totalmente o abdômen; as ♀♀ pela ausência de mancha pardacenta na base da asa e pela coloração do abdômen.

Com referência a *argyrocineta* e *longipennis* os ♂♂ se distinguem pelos caracteres já acima apontados e as ♀♀ pela cor do abdômen que tem as margens laterais inteiramente prateadas, o que a distingue da primeira, e por ter somente o ápice amarelo-avermelhado o que a distingue da segunda.

ALLOPOGON Schiner

Allopegon SCHINER, 1866, p. 670.

Caracteres — Cabeça: face quase duas vezes mais larga do que alta ou tão larga quanto a largura de um olho, plana, mais saliente na borda bucal que na base das antenas; mistax formado por grossas cerdas situadas na borda bucal, com ou sem pilosidade entre a base das antenas e as cerdas do mistax; fronte larga, mas pouco extensa, com fina pilosidade lateral, às vezes pouco abundante e limitada ao vértice; calo ocelar grande, com longas cerdas, mas não numerosas; occipício com cerdas e densa pilosidade; probóscida pouco maior que a largura da face; palpos com o segundo artigo levemente dilatado; antenas com o primeiro artigo um pouco menor que o segundo; o terceiro com curta pilosidade na borda dorsal e com um minúsculo espinho no ápice.

Tórax: protórax sem cerdas, mas com fina e longa pilosidade; mesonoto com pilosidade não muito longa, maior e pouco mais densa nos machos; cerdas laterais e dorso-centrais posteriores muito desenvolvidas; escutelo com um par de longas cerdas marginais.

Pernas com cerdas grossas; garras finas e alongadas; pulvilos maiores ou menores que a metade das garras; empódio desenvolvido.

Asas estreitas; geralmente mais curtas que o abdômen e a microtríquia, às vezes inexistente.

Abdômen largo na base; cerdas desenvolvidas nos lados do primeiro segmento; genitália do ♂ pouco saliente, com uma rotação de 90 graus aproximadamente.

GENÓTIPO: *Dasypogon vittatus* Wiedemann, 1828, por designação original.

Para a caracterização deste gênero estudamos as três espécies que SCHINER incluiu em sua diagnose original: *vittatus* (genótipo), *necans* e *tessellatus*.

E' ele próximo de *Diogmites* Loew, 1866, do qual se distingue pela grande largura da face, sempre mais larga que alta e nunca menos que a largura de um olho. E' este o único caráter que permite separar *Allopegon* de *Diogmites* com certa segurança, pois o comprimento dos pulvilos, que tem sido empregado para a separação destes dois gêneros, não é constante, visto haver espécies de *Diogmites* com pulvilos de tama-

nho igual ou menor que os de *Allopogon*. A pilosidade da superfície facial também é um carácter falho, pois ela não existe em *A. tessellatus* e alguns *Diogmites* têm-na logo acima da borda bucal.

A distribuição geográfica do gênero *Allopogon* compreende exclusivamente a América do Sul. *Allopogon vittatus* e *tessellatus* foram descritas de Montevideo, mas no material que estudamos, a primeira é procedente da Argentina e a segunda dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio Grande do Sul. *Allopogon necans* foi descrita do Brasil e o exemplar que examinamos é procedente de Araguari, Estado de Minas Gerais.

Estas três espécies são as únicas que conseguimos reconhecer, mas acreditamos que outras, já descritas em gêneros diferentes, devam fazer parte de *Allopogon*. Estão neste caso *Deromyia weyenberghi* e *D. placida* Wulp, 1882, da Argentina, em cujas diagnoses se encontram referências à largura da face característica de *Allopogon*, além de outros caracteres também cabíveis em *Diogmites*, naquele tempo conhecido como *Deromyia*.

ARRIBALZAGA (1880 e 1881) descreveu duas espécies de *Allopogon*, *ferrugineus* e *infumatus*, distinguindo-as entre as espécies desse gênero justamente pela estreiteza da face que ambas apresentavam, o que nos leva a acreditar devam estas espécies figurar como *Diogmites*.

Sobre *Dasypogon annulitarsis* Rondani, 1868, julgada por ARIBALZAGA como um *Allopogon* e por KERTÉSZ igual a *A. vittatus*, nada podemos dizer por não nos ter sido acessível a diagnose de RONDANI.

Como não conseguimos reconhecer as espécies de VAN DER WULP, transcrevemos, mais adiante, as suas diagnoses originais, excluindo-as da chave que organizamos.

CHAVE PARA ESPÉCIES DE ALLOPOGON

- 1 — Face sem pilosidade entre a base das antenas e o mistax; pernas recobertas por grossa pilosidade branca; segmentos abdominais com as margens laterais e posterior de cor branca (fig. 18) *tessellatus* (Wied.)
- Face com fina pilosidade desde a base das antenas; pernas sem a pilosidade acima referida; segmentos abdominais com a margem posterior amarelada e, de cada lado, com uma pequena faixa longitudinal escura afastada da borda lateral 2
- 2 — Face com pruiniosidade amarela viva; mesonoto amarelo com faixas pretas muito nítidas; palpos com pêlos amarelos; asas levemente escurecidas no ápice *necans* (Wied.)
- Face com pruiniosidade cinzento-amarelada; mesonoto cinzento amarelado com faixas pardas de limites pouco nítidos; palpos com pêlos pretos; asas inteiramente claras (fig. 17) *vittatus* (Wied.)

Allopogon vittatus (Wied.)

(Fig. 17)

Dasypogon vittatus WIED., 1828, p. 389.

Dasypogon longiungulatus MACQ., 1838, p. 36; KERTÉSZ, 1909, p. 119.

Allopogon vittatus (WIED.), SCHINER, 1866, p. 670.

Allopogon gracilis BIGOT, 1878, p. 418; KERTÉSZ, 1909, p. 119.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Cabeça (figs. 38 e 39): face revestida de pruinossidade amarelada e com finos pêlos, esparsos, de cor branca espalhados desde a margem bucal até a base das antenas; mistax formado por numerosas e grossas cerdas brancas situadas na borda da boca; fronte com a mesma pruinossidade e pilosidade da face; calo ocelar com duas enormes cerdas amarelas, às vezes pretas, finos pêlos amarelos atrás e, como o vértice, um pouco mais escuro que a fronte; occipício com pruinossidade amarela na margem dos olhos, preta no meio; em cima se encontram grossas cerdas amarelas, havendo no resto abundante pilosidade amarelada; barba branca; probóscida preta brilhante, ocrácea na base; segundo artículo dos palpos (fig. 125), formando um acentuado ângulo com o primeiro e com grossos pêlos pretos, às vezes com alguns amarelos em mistura; o primeiro artículo achatado e com pêlos amarelados; antenas (fig. 75) ocráceas, mais clara no primeiro artículo, o terceiro pardacento no ápice e na metade basal da borda superior onde existe curta pilosidade preta; nos dois primeiros artículos se encontram pêlos pretos e algumas cerdas amareladas em baixo.

Tórax: protórax com pilosidade esbranquiçada e uma ou duas cerdas amarelas nos lados; mesonoto com três faixas longitudinais pretas ou pardo-escuras, a mediana, atingindo o protórax e o escutelo, tem no meio uma linha de pruina amarela que se inicia na margem anterior e termina pouco antes da sutura pré-escutelar; as laterais são reduzidas a três manchas separadas por pruinossidade amarela; margens laterais também revestidas por pruina amarela; calos umerais castanhos e revestidos de pruinossidade amarela e com três cerdas da mesma cor; a pilosidade do mesonoto é esparsa e preta, mas anteriormente se encontram finos pêlos amarelados com abundância; cerdas pretas e longas; três ou quatro pré-suturais, duas supra-alares e duas ou três pós-alares; dorso-centrais posteriores muito desenvolvidas; escutelo pardo escuro com pruina amarela em cima, mais claro marginalmente, com um par de longas cerdas pretas; pleuras revestidas de pruinossidade amarelada, com alguns pêlos amarelados ou pretos na "sternopleura"; "metapleura" com uma fileira de cerdas pretas e alguma pilosidade amarelada.

Pernas (figs. 154 e 159): coxas revestidas de pruinossidade amarelada, com pêlos inteiramente amarelos ou em mistura com pêlos pretos, o mesmo acontecendo com as cerdas aí existentes; o resto das pernas é de cor ocrácea, com curta pilosidade preta e amarela, e grossas cerdas também pretas, abundantes nas articulações tarsais; o quarto artículo tarsal é o menor de todos, tendo o distitarso duas vezes o seu comprimento. Garras pretas; pulvilos amarelados, tão grandes quanto a metade das garras; empódio desenvolvido.

Asas claras, hialinas, microtríquia quase inexistente; nervuras ocráceas. Halteres ocráceos.

Abdômen revestido de pruinossidade castanha, às vezes mais clara na borda posterior dos segmentos; sobre cada tergito, no meio, existe u'a mancha parda bem escura que forma pela sua continuidade uma faixa longitudinal desde o primeiro segmento onde é mais larga até o sétimo nas ♀ ♀ e até o oitavo nos ♂ ♂; de cada lado dos tergitos, há uma pequena mancha escura, alongada, inclinada, que não alcança a margem posterior; nas ♀ ♀ a margem posterior do sexto tergito, o quinto apical do sétimo e todo o oitavo são castanho-brilhantes; a pilosidade do abdômen é preta; o primeiro tergito, nos lados, apresenta cerdas e pêlos pretos nos ♂ ♂, mas nas ♀ ♀ os pêlos são amarelados; ventre castanho com pilosidade amarela e preta; genitália dos ♂ ♂ ocrácea ou preta com longa pilosidade preta; genitália das ♀ ♀ com espinhos escuros e pilosidade amarelada.

MATERIAL EXAMINADO. — 2 ♂ ♂ e 1 ♀ Nos. 111.266 a 111.268.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — República Argentina: Buenos Aires (J. Bosq.).

***Allopogon necans* (Wied.)**

Dasyopogon necans WIED., 1828, p. 392.

Allopogon necans (WIED.), SCHINER, 1866, p. 678.

REDESCRIBÇÃO — ♀. Cabeça (fig. 49): face recoberta de pruinose amarela e com pequenos pêlos também amarelos próximo à base das antenas; mistax com cerdas e pêlos amarelos, estes situados bem acima da borda bucal; fronte com pruinose amarela e com alguns curtos pêlos pretos situados na margem ocular e sobre duas pequenas elevações entre o calo ocelar e as antenas; calo ocelar recoberto de pruinose pardo-escura, e quatro cerdas, sendo duas amarelas, pequenas, na frente e duas pretas, muito longas, atrás; vértice com pêlos pretos e com a mesma pruinose do calo ocelar se estendendo pela região pós-ocelar até o pescoço, mas deixando duas manchas amarelas de cada lado; o resto do occipício está recoberto de pruinose amarela, apresentando pêlos e cerdas dessa mesma cor em maior quantidade logo acima do pescoço; barba amarelada; palpos pardo-escuros com pilosidade amarela; probóscida preta; antenas ocráceas, levemente escurecidas no terço basal e no ápice do terceiro artículo; o primeiro artículo com pequenas cerdas pretas no lado superior e amarelas no inferior, o segundo com pequenas cerdas pretas, destacando-se uma, muito grande, na face inferior; o terceiro com pequenas cerdas pretas na face dorsal até o meio do artículo.

Tórax: pronoto com pruinose pardo-escura em cima e amarelo-clara nos lados; mesonoto amarelo, com três faixas escuras longitudinais, chegando quase até a sutura escutelar; a faixa mediana dividida por pruina amarela no seu terço anterior, as laterais interrompidas na sutura transversa e no prescuto; pilosidade preta, curta e muito esparsa; calos umerais com duas cerdas pretas; três cerdas pré-suturais, duas supra-alares e duas nos calos pós-alares onde também existe curta pilosidade preta e amarela misturada; escutelo escuro no dorso, claro na margem, com duas enormes cerdas pretas; pleuras completamente recobertas de pruinose amarela; "metapleura" com cerdas e pêlos amarelos.

Pernas: coxas escuras recobertas de pruina, pêlos e cerdas amarelos; o restante das pernas ocráceas, preta no ápice do fêmur posterior, no ápice das tíbias medianas e posteriores, no ápice dos três primeiros artigos tarsais e inteiramente nos dois últimos; pêlos e cerdas pretos, exceto na face ventral das tíbias e tarsos anteriores e posteriores. Garras pretas; empódio ocráceo; pulvilos amarelos e pouco maiores que a metade das garras.

Asas hialinas, pouco mais escuras na margem posterior, devido a microtríquia aí existente.

Abdômen pardo, com manchas castanhas, sendo uma dorsal e duas alongadas, oblíquas, de cada lado do tergito, separadas por pruina amarela; a pilosidade é preta e curta, exceto no primeiro segmento onde existe, de cada lado, pêlos e cerdas amarelos; ventre recoberto de pruinose amarela e com fina pilosidade amarelada nos esternitos anteriores e preta nos posteriores; genitália com espinhos e pêlos pretos.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♀ N.º 62.269, Estado de Minas Gerais, Araguari, fevereiro de 1930 (R. SPITZ).

A aparência geral desta espécie é a de um *Diogmites*, podendo mesmo ser confundida com algumas espécies deste gênero si não for examinada com certo cuidado. A grande largura de sua face, entretanto, permite distingui-la imediatamente.

E' próxima de *A. vittatus* da qual se separa pela cor amarela das cerdas dos palpos, pela pruinose amarela mais viva que recobre todo o seu corpo, e pelas asas que não são tão límpidas como em *vittatus*.

Allopegon tessellatus (Wied.)

(Fig. 18)

Dasypogon tessellatus WIED., 1828, p. 390.*Allopegon tessellatus* (WIED.), SCHINER, 1866, p. 678.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo sem antenas 17 — 19 mm.; da asa 14 — 15 mm.

Cabeça (figs. 46 e 47) mais larga que o tórax; a face amarela completamente, recoberta de pruinoseidade branca; mistax formado por grossas cerdas brancas; frônte revestida de pruinoseidade branca; calo ocelar com duas longas cerdas amarelas, às vezes pretas; vértice com pruinoseidade clara e pêlos amarelados; occipício com cerdas amarelas e pêlos brancos, com pruinoseidade branca ao longo da órbita ocular e amarelo-avermelhada no meio; barba branca; probóscida preta brilhante, ocrácea na porção basal e com raros pêlos brancos em baixo; palpos (fig. 124) ocráceos e com grossos pêlos brancos; antenas (fig. 74) ocráceas, mais clara na base dos artículos, o primeiro, a base do segundo e do terceiro com pruinoseidade branco-amarelada, e todos com pequenas cerdas brancas e pretas; o terceiro artículo é estreito na base e bojudo no meio.

Tórax: protórax com longa pilosidade branca; mesonoto com pruinoseidade amarelada e com faixas longitudinais de cor parda que não se separam nitidamente; as laterais têm a forma de manchas, pequenas ou grandes, interrompidas ou não; a mediana que é a faixa mais nítida de todas, se estende do pronoto ao escutelo, sendo nos extremos às vezes deluída; essa faixa é dividida ao meio, em quase toda sua extensão longitudinal, por uma larga linha de pruinoseidade amarelada; no meio do mesonoto a pilosidade é preta, curta e grossa e nas margens laterais é branca, mais fina e longa; cerdas pretas, às vezes amarelas; no calo umeral uma ou duas cerdas; dorso-centrais posteriores muito desenvolvidas; 3 pré-suturais, 2 supra-alares e 2 ou 3 nos calos pós-alares; escutelo com pruinoseidade amarela ou pardacenta e com duas longas cerdas pretas; pleuras com pruinoseidade esbranquiçada, na "mesopleura" pardacenta; "metapleura" com cerdas e pêlos amarelos.

Pernas: coxas pardacentas com pruinoseidade, pêlos e cerdas brancos; o restante das pernas ocráceo, apresentando pilosidade branca bastante densa, exceto nos quatro últimos tarsos que são recobertos de pêlos pretos; todas as cerdas são pretas, curtas e grossas; os quatro últimos tarsos são vermelhos, bem mais escuros que o resto das pernas; pulvilos amarelados, pouco maiores que a metade das garras.

Asas (fig. 169) inteiramente hialinas; nervuras ocráceas. Halteres ocráceos.

Abdômen: os tergitos apresentam mancha pruinosa pardacenta, sendo a margem posterior recoberta de pruina branca; esta mancha pardacenta, quando o inseto é examinado com certa incidência luminosa muda de tonalidade, do amarelo ao preto; nos lados de cada tergito também existe alguma pruinoseidade branca; o primeiro segmento tem nos lados cerdas amarelas e longa pilosidade branca; nos lados dos segmentos esta pilosidade branca também existe, mas é muito menor; todos os segmentos apresentam dorsalmente curtos pêlos de cor preta; ventre com pruinoseidade e finos pêlos brancos; na ♀ o sétimo e oitavo tergitos têm a cor parda predominando; genitália com espinhos pretos; no ♂ só o oitavo segmento é pardacento; a genitália é torcida, sua cor é escura e tem grossas cerdas pretas e amarelas.

MATERIAL EXAMINADO. — 8 ♂ ♂ e 5 ♀ ♀ Nos. 108.447 a 108.449 e 108.456 a 108.461 com as seguintes procedências: — Estado do Rio Grande do Sul: Santa Maria, 1926 (A. RONNA). — Estado de Pernambuco: Tapera, agosto de 1937 (R. CARVALHO). — Estado do Rio Grande do Norte: Natal, março de 1939 (D. C.

ALVES); Macaíba, abril de 1939 (D. C. ALVES). — Estado do Ceará: Quixeramobim, outubro de 1940 (SHANNON & ALVES); Russas, fevereiro de 1940 (SHANNON & ALVES). Dois machos foram devolvidos ao Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro e um ao Sr. JOHN LANE desta Capital.

Esta espécie se distingue de *necans* e *vittatus* pela ausência de pilosidade facial entre a base das antenas e o mistax, pelas marcações dos segmentos abdominais e pela grossa e densa pilosidade branca que recobre as pernas.

Allopogon weyenberghi (Wulp.)

Deromyia weyenberghi WULF, 1882, p. 93.

DIAGNOSE ORIGINAL: — “Ex cinereo ochraceus; facie et mystace pallide flavis; barba alba; thorace subvittato; pleuris albedo-cinereis; abdomine fasciis subfuscis in segmentorum singulorum medio; pedibus tetaceis; tarsorum articulis ultimis fuscis; alis hyalinis, ad summum apicem griseis; vena transversa media in cellulae discoidalis medio. — ♂ ♀ long. 19 — 21,5 mm.

Aangezicht bijna de halve breedte van den kop innemende, witachtig geel; knevelbaard van dezelfde kleur; voorhoofd meer grauwegeel even als het achterhoofd; dit laatste met gele beharing; kinbaard wit; op den ocellen-knobbel twee zwarte borstels. Sprieten bruingeel; de beide eerste leden met zwarte borstels. Zuiger zwart; palpen bruingeel met gele beharing. Thorax en schildje grauwachting okergeel, op den thorax drie onduidelijke bruine langsbanden, de middenste van voren gespleten; borstzijden witachtig grijs; in de zijden en van achteren op den thorax, alsmede aan den achterrand van het schildje, zwarte borstels. Achterlijf slank, grauwachting geel; elke ring met een bruinen dwarsband, die den voorrand noch den achterrand bereikt en ter wederzijde zich naar voren ombuigt; de kleine mannelijke genitalien met lange, deels gele, deels zwarte haren bezet; de doornachtige borsteltjes aan den anus van het ♀ zwart. De lange, maar niettemin vrij stevig gebouwde pooten bruingeel; heupen grijs bestoven; de drie laatste tarsenleden zwartbruin; al de dijen en de voorscheenen met korte, achterste scheenen met langere stijve zwarte borstels; tarsen met vele dergelijke zwarte borstels; de doorn aan het eind der voorscheenen zwart. Kolfjes bruingeel. Vleugels glasachtig, met flauwe geelachtige tint, aan de uiterste spits een weinig grijs; middeldwarsader op het midden der schijffel.

Een mannetje en twee wijfjes van Argentina (Weyenbergh).”

Allopogon placidus (Wulp)

Deromyia placida WULF, 1882, p. 94.

DIAGNOSE ORIGINAL: — “*D. Weyenberghi* similis; sed abdomine testaceo immaculato; alarum apice et margine posteriori griseis; vena transversa media ante medium cellulae discoidalis. — ♂ long. 17,5 — 21 mm.

Zeer verwant aan de vorige en in de meeste opzigten daarmede overeenkomende, zoodat het voldoende is de verschillen hier aan te geven. De beharing der palpen is bruin: de banden op den thorax zijn iets duidelijker; het achterlijf is eenkleurig bruingeel en naar achteren meer verdund; de genitalien glanziger; de borstels aan de achterscheenen iets zwakker; de vleugels hebben aan de spits en den achterrand een vrij breeden grijzen zoom, die bij wijze van eene veeg nog indringt in de schijffel, in de vierde achtercel en in de anaal-cel; de middeldwarsader staat niet op, maar vóór het midden der schijffel.

Twee mannetjes van dezelfde herkomst als voren.

BLEPHAREPIUM Rondani

Blepharepium RONDANI, 1848, p. 89; ARRIBALZAGA, 1881, p. 22; ENGEL, 1929, p. 469; WILLISTON, 1901, p. 310.

Senobasis SCHINER, 1866 (nec MACQUART, 1838), p. 655.

Planetolestes ARRIBALZAGA, 1879, p. 147; OSTEN SACKEN, 1887, p. 171.

CARACTERES — Cabeça: face tão larga ou pouco mais que a largura de um olho, plana; mistax formado por cerdas situadas na borda bucal; fronte com raros pêlos nos lados; calo ocelar com duas pequenas cerdas e alguns curtos pêlos atrás; occipício com cerdas finas e pouco abundantes: barba escassa; probóscida fina, comprimida lateralmente, quase três vezes tão longa quanto os palpos; a junção dos artigos dos palpos pouco nítida; antenas com o terceiro artigo fusiforme, estilo representado por um pequeno espinho apical.

Tórax pouco piloso, com cerdas não muito longas, as dorso-centrais pouco desenvolvidas, sempre minúsculas, exceto as posteriores que às vezes são bem maiores que as anteriores (só em *luridum*); escutelo apenas pruinoso, sem cerdas nem pêlos; região pós-escutelar sem pilosidade nos calos laterais.

Pernas com cerdas curtas, espiniformes. Garras pontiagudas; pulvilos do último par de pernas sempre menores que os quatro anteriores, excepcionalmente do mesmo tamanho em *lynchi*, n. sp.

Asas sempre escurecidas de pardacento, mais forte na margem anterior; nervura transversa que fecha a quarta célula posterior perpendicular.

Abdômen claviforme ou pelo menos um pouco estreitado no segundo e terceiro segmentos; pilosidade pequena, pouco abundante. Genitália dos ♂ globosa, pouco saliente, torcida; o proctiger sub-ventral.

GENÓTIPO: *Blepharepium luridum* Rondani, 1848, por monotipia.

A ausência de cerdas no escutelo separa este gênero de *Alloponon* e *Diognites*. A forma clavada do abdômen e a forma do terceiro artigo antenal o distinguem de *Phonicocleptes*; a escassez de pilosidade que recobre o corpo das espécies deste gênero o separa dos gêneros do complexo *Lastaurus*; a forma das antenas o separa dos gêneros restantes.

As espécies que SCHINER considerou como *Senobasis* pertencem ao gênero *Blepharepium*.

A distribuição geográfica de *Blepharepium* é restrita à América Central e do Sul.

Na chave para espécies que damos a seguir não nos foi possível incluir uma espécie de Cuba, *annulatum* Bigot, e três outras do Peru, *vorax*, *inca* e *bassleri*. Transcrevemos mais adiante as diagnoses originais destas três últimas.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE BLEPHAREPIUM

- | | |
|--|---|
| 1 — Palpos com pêlos pretos e amarelos; geralmente o abdômen não mostra pruinoidade amarela na borda posterior dos segmentos | 2 |
| Palpos somente com pêlos amarelos; geralmente o abdômen mostra intensa pruinoidade amarela na borda posterior dos segmentos | 5 |
| 2 — Terceiro artigo antenal preto e com pequenas cerdas ocupando os 3/4 basais da borda dorsal; manchas laterais do mesonoto amarelo cinza e não divididas pela pruinoidade da sutura transversa | 3 |
| Terceiro artigo antenal avermelhado, às vezes muito escuro, com pequenas cerdas na borda dorsal nunca passando da metade basal; manchas la- | |

- terais do mesonoto pretas ou ferruginosas, quase sempre divididas pela pruinose da sutura transversa 4
- 3 — Cerdas dorso-centrais posteriores atrofiadas; tíbias do primeiro par de pernas pretas ou bem mais escuras que as das outras pernas; os dois artículos basais das antenas pretos; espécie de tegumento escuro *maculipennis* (Macq.)
- Cerdas dorso-centrais posteriores desenvolvidas (1 par); tíbias do primeiro par de pernas avermelhadas como as restantes; os dois artículos basais das antenas avermelhados; espécie de tegumento avermelhado *luridum* Rondani
- 4 — Mesonoto preto com larga mancha de pruinose amarelo vivo na frente do escutelo; todas as pernas são escuras; espécie de coloração geral preta *cayennense* (F.)
- Mesonoto avermelhado com pequena mancha de pruinose amarelo-pálida na frente do escutelo; pernas avermelhadas, só os fêmures, às vezes, são mais escuros; espécie de coloração geral avermelhada, ferruginosa *lynchi*, n. sp.
- 5 — Abdômen com os cinco últimos segmentos preto-brilhantes; asas amarelo-claras *subcontractum* (Walk.)
- Abdômen com os cinco últimos segmentos apresentando pruinose amarela na metade posterior; asas pardacentas 6
- 6 — Terceiro artículo antenal com pequenos pêlos apenas na metade basal da borda dorsal; asas pardacentas na margem anterior e cinzentas no ápice e margem posterior; fêmures posteriores pretos na metade basal (às vezes, somente um pouco mais escuros que as outras pernas, às vezes sem escurecimento algum); pronoto bastante escurecido, com pouca pruinose amarela *secabile* (Walk.)
- Terceiro artículo antenal com pequenos pêlos quase até o ápice; asas pardacentas na borda dorsal, mais claras no ápice e na borda posterior, com pequena mancha hialina no início da célula discal e no meio da primeira posterior; todas as pernas amarelo-avermelhadas; pronoto com pruinose amarela, muito pouco escurecida (fig. 15) *coarctatum* (Perty)

Dasypogon bonariensis Macquart, 1838, foi considerada por ARRIBALZAGA como sinónima de *B. coarctatum* (Perty), com o que não podemos concordar, pois MACQUART assinala na diagnose de sua espécie a inexistência de esporão nas tíbias anteriores, excluindo-a, portanto, do grupo de asilídeos de que estamos tratando.

Blepharepium luridum Rondani

Blepharepium luridum RONDANI, 1848, p. 89.

REDESCRIBÇÃO — ♀. Cabeça (Pr. 16, fig. 60): tegumento da face amarelo-avermelhado, com pruinose esbranquiçada; mistax formado por cerdas amareladas; fronte, occipício e calo ocelar com pruinose amarela; vértice preto brilhante; cerdas occipitais pretas; barba com alguns pêlos pretos, outros pardacentos; probóscida pardacenta, mais clara na base e com alguns pêlos amarelos em baixo; palpos amarelos, com pêlos pretos no segundo artículo, amarelo-pardacentos no pri-

meiro; antenas com os dois artículos basais pardo-avermelhados, o terceiro bem escuro, pouco maior que duas vezes os basais reunidos, com pilosidade preta nos 3/4 basais da borda dorsal.

Tórax: protórax pardacento, com pruinoidade amarela, pêlos pretos em cima e pardacentos nos lados; mesonoto com uma faixa longitudinal mediana de cor parda, larga na margem anterior que é escavada e onde existe pequena mancha fusiforme de pruinoidade amarelo-pálida; entre as margens laterais e esta faixa o tegumento é preto revestido de pruina amarela, que se torna mais escura conforme a incidência luminosa, e que se estende da margem anterior até a posterior; calos umerais, margens laterais até a raiz das asas e calos pós-alares externamente de cor pardo-avermelhada; sobre a raiz das asas e nos calos pós-alares internamente existe pruinoidade amarela; cerdas pretas; dorso-centrais muito pequenas, mas posteriormente se encontram dois pares bem desenvolvidos; cerdas laterais de tamanho moderado: 3 — 2 — 1; escutelo revestido de pruinoidade amarelo-avermelhada; região pós-escutelar recoberta de pruinoidade amarela, tornando-se escura segundo a incidência da luz; pleuras pardo-avermelhadas, com duas faixas verticais de pruinoidade branca bordejada de amarelo; a primeira faixa desce da "mesopleura" até as coxas medianas e a segunda, mais estreita, desce da "metapleura" até a coxa posterior; alguma pilosidade amarela existe na "sternopleura" e, junto com finas cerdas pretas, na "metapleura".

Pernas: coxas com pruinoidade, pêlos e cerdas esbranquiçados; o resto das pernas amarelo-avermelhadas, com cerdas e curta pilosidade preta, exceto nas tíbias e basitarsos das pernas do primeiro e último par onde existe pilosidade amarelo-avermelhada. Garras pretas; pulvilos anteriores quase tão grandes quanto as garras, os medianos tão grandes quanto a metade destas e os posteriores menores que este último comprimento.

Asas pardo-amareladas, mais escuras na borda anterior; setor anal largamente hialino; na base da célula discal existe uma larga mancha hialina e no meio da primeira célula posterior outra de tonalidade amarelo-clara. Halteres ferruginosos, escuros.

Abdômen avermelhado; o primeiro segmento é bem escuro na base, com pêlos amarelos e cerdas pretas laterais; o segundo segmento é amarelo claro no meio, com as margens escuras; os restantes mostram um friso amarelo, muito fino, na margem posterior; o último tem no dorso alguma pruinoidade clara; pilosidade amarelada e preta, esta menos abundante; esternitos com a mesma coloração dos tergitos. Genitália das ♀ ♀ com espinhos avermelhados, pequenos.

MATERIAL EXAMINADO. — 2 ♀ ♀, uma N.º 108.473.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Amazonas: Manacapuru, outubro de 1936. — Estado do Pará: Abaeté, maio de 1938. Este último exemplar foi devolvido à coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

A concordância quase integral dos caracteres destes espécimes com os assinalados na diagnose de RONDANI, não nos permite duvidar da sua identificação.

A coloração do mesonoto de *luridum* é semelhante a de *maculipennis* (Macq.), da qual difere, principalmente, pela cor das antenas que é escura apenas no terceiro artículo, pela cor do abdômen que não é preto em parte alguma, pela cor das asas que são de um pardacento mais claro e pela cor do primeiro par de pernas que é amarelo-avermelhada.

B. luridum é a única espécie que conhecemos deste gênero que apresenta cerdas dorso-centrais posteriores desenvolvidas. Em todas as outras espécies estas cerdas, tanto anteriores como posteriores, são bastante atrofiadas.

Blepharepium maculipennis (Macquart)

Senobasis maculipennis MACQ., 1855, p. 51.

Blepharepium maculipennis ARRIBALZ., 1881, p. 25.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Cabeça: tegumento da face e da fronte preto, com pruinoseidade branca, amarelo pardacento na base das antenas; mistax formado por cerdas branco-amareladas; fronte com pruinoseidade branca em baixo, preta brilhante no resto, até o vértice; calo ocelar com pruinoseidade amarela e pequenas cerdas pretas; occipício com pruinoseidade cinzento-amarelada e cerdas pretas; barba castanho-escura; probóscida preta, um pouco avermelhada na base; palpos pardo-avermelhados, com pêlos pretos no segundo artícuo e amarelo-pardacentos no primeiro; antenas pretas, na articulação do segundo para o terceiro artícuo pardo amarelado; terceiro artícuo duas vezes maior que os basais reunidos, com pequenas cerdas pretas cobrindo os 3/4 basais da borda dorsal.

Tórax: protórax preto com manchas de pruina castanha, com cerdas e pêlos pretos; mesonoto com uma faixa mediana longitudinal cuneiforme de cor pardacento-escura; na margem anterior do mesonoto, dividindo essa faixa em um V, há uma pequena mancha elíptica de pruinoseidade amarela; percorrendo cada lado dessa faixa há uma larga linha de pruinoseidade amarelo-arruivada que se funde antes do escutelo, formando u'a mancha sub-retangular dessa mesma cor; entre esta linha e as margens laterais que são recobertas de pruinoseidade pardo-avermelhada, há pruinoseidade amarela sobre tegumento preto que se estende da margem anterior à posterior; na margem anterior, de cada lado da faixa mediana, há pruinoseidade pardacenta com tonalidade clara e escura que recobre os calos umerais, e se prolonga até a raiz das asas e calos pós-alares externamente; pruinoseidade amarela se encontra sobre os calos pós-alares internamente; sobre esta pruinoseidade há alguma pilosidade amarela; cerdas pretas; dorso-centrais minúsculas, as laterais desenvolvidas: 3 ou 4 — 2 — 1; escutelo e região pós-escutelar recobertas de pruinoseidade dourada; pleuras pardacentas, escuras, com duas faixas verticais de pruinoseidade amarelo-esbranquiçada, uma desde a "mesopleura" até as coxas medianas e outra, mais estreita, desde a "metapleura" até as coxas posteriores; alguma pilosidade amarelada existe no meio das pleuras e misturadas com finas cerdas pretas sobre a "metapleura".

Pernas avermelhadas; coxas revestidas de pruinoseidade branca e com algumas cerdas e pêlos brancos; o primeiro par de pernas bem escuro, quase preto, principalmente nas tíbias e basitarsos; cerdas e pêlos pretos, exceto nas tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores, onde há densa pilosidade dourada; os pulvilos do primeiro par de pernas são quase tão grandes quanto as garras, os das pernas medianas e posteriores pouco menores que a metade do comprimento das garras.

Asas com enfuscamento pardo escuro na borda anterior; setor anal e base da célula discal com larga mancha hialina; no meio da primeira célula posterior há também uma pequena mancha clara. Halteres ferruginosos, pretos no ápice.

Abdômen: na ♀ os dois primeiros segmentos são avermelhados e os restantes pretos, pouco brilhantes; no ♂ os segmentos são todos avermelhados, apenas um pouco mais escuros nos quatro últimos; os três primeiros segmentos, em ambos os sexos, apresentam pilosidade esbranquiçada, muito rala, e os segmentos restantes pilosidade preta; nos lados do primeiro segmento se encontram pêlos amarelos em mistura com cerdas pretas e amarelas; esternitos semelhantes aos tergitos, mas com a margem posterior de cada um de coloração amarelada. Genitália do ♂ vermelho-escura com pilosidade amarela; genitália da ♀ com espinhos pretos.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♂ e 1 ♀ N.º 108.472.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de Mato Grosso: B. Tapirapé, 1940 (CARVALHO). — Estado do Rio Grande do Norte: Macaíba, abril de 1939 (D. C. ALVES). O primeiro exemplar foi devolvido à coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Esta espécie foi descrita sem indicação de pátria.

Os espécimes que possuímos concordam muito bem com a descrição de MACQUART. A coloração do mesonoto é muito semelhante à de *luridum*, mais se distingue nitidamente desta e de todas as outras espécies do gênero pela coloração inteiramente preta das antenas, pela coloração escura das pernas do primeiro par, pela mancha da borda anterior da asa que é pardacenta muito escura e pela coloração escura dos quatro ou cinco últimos segmentos do abdômen.

Blepharepium cayennense (F.)

Asilus cayennensis F., 1787, p. 360.

Dasygogon cayennensis (F.), WIED., 1821, p. 220.

Senobasis auricincta SCHINER, 1867, p. 371.

Blepharepium cayennense (F.), BROMLEY, 1929, p. 279.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Cabeça: face, porção inferior da fronte e órbita occipital com pruinose amarela; vértice preto brilhante; cerdas do mistax amarelo-esbranquiçadas; cerdas occipitais pretas; barba preta com alguns pêlos claros; probóscida pardo-escura; palpos pardo-amarelados com pêlos pretos; antenas castanho-claras, o terceiro artigo muito escuro, com a pilosidade da borda dorsal não ultrapassando a metade basal.

Tórax preto com faixa mediana pardacenta no mesonoto, dividida no meio por pruinose amarela; esta faixa é larga na borda anterior e tem nos lados pruinose amarelo-vivo que na frente do escutelo forma uma grande mancha sub-retangular; pruinose amarela também se encontra, anteriormente, entre essa faixa e os calos umerais, assim como nas margens laterais do mesonoto, interrompida, porém, na sutura transversa; cerdas dorso-centrais atrofiadas; três cerdas pré-suturais, duas supra-alares e uma pós-alar; escutelo recoberto de pruinose amarelo vivo, nos cantos pardacento; região pós-escutelar com pruinose amarela atrás do escutelo e nos calos laterais, intercalado de pardacento; pleurás pretas, com larga faixa vertical amarela, desde a "mesopleura" até as coxas medianas; sobre as coxas posteriores há também mancha amarela.

Penas: coxas pardo-escuras revestidas de pruina amarela com cerdas e pêlos pretos no 1.º par e amarelas nos dois pares restantes; o resto das pernas pardo-escuras com cerdas e pêlos pretos; tíbias e tarsos do primeiro e último par com pilosidade arruivada, densa; pulvilos anteriores quase do tamanho das garras, medianos e posteriores no máximo tão grandes como a metade das garras.

Asas pardacentas, mais escuras na borda anterior; setor anal mais ou menos hialino; a mancha mais clara na base da célula discal e no meio da primeira posterior apenas perceptível. Halteres pardo-escuros.

Abdômen preto; os três primeiros segmentos com a borda posterior nitidamente amarela pruinosa; nos segmentos restantes há apenas um fino friso mais claro muito pouco nítido nos ♂♂; terço anterior do segundo segmento amarelo. Genitália do ♂ preta, brilhante, com pêlos pretos; genitália da ♀ com espinhos avermelhados. No ♂ a pruina amarela é muito menos intensa que na ♀.

MATERIAL EXAMINADO. — 1 ♂ e 1 ♀ Nos. 111.215 e 111.216.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Guiana Inglesa: Kartabo, Bartica District, junho de 1924 e junho de 1922 (M. D. HAVILAND). Devemos à gentileza do DR. STANLEY W. BROMLEY este material que nos foi enviado com a sua própria identificação: *cayennense*.

Os caracteres assinalados na diagnose de *auricinctum* Schiner, espécie descrita de SURINAM, não permitem sua diferenciação com *cayennense*.

Blepharepium lynchi, n. sp.

♂ ♀ : — Comprimento do corpo 22 — 24 mm. da asa 17 — 18 mm.

Cabeça: face recoberta de pruinossidade dourada; mistax formado por cerdas amarelas, entre as quais uma de cor preta (caráter excepcional encontrado apenas em um espécime); fronte com pruinossidade amarelo-clara e alguns pêlos pretos nos lados e sobre o calo ocelar; vértice pardacento, fosco; occipício com pruinossidade amarela e cerdas pretas, às vezes pardacentas atrás do calo ocelar; barba amarelo-castanha; probóscida amarelo-avermelhada; palpos (fig. 117) amarelos, com pilosidade preta no segundo artícuo, amarela no primeiro; antenas (fig. 71) amarelo-avermelhadas, com pequenas cerdas pretas; o segundo artícuo maior que o primeiro; o terceiro quase duas vezes os basais reunidos, fusiforme, com pêlos pretos na borda dorsal até pouco além da metade basal.

Tórax: pronoto escurecido em cima, amarelo pardacento nos lados; pêlos e cerdas pretos ou castanhos; mesonoto vermelho ferruginoso, com uma faixa mediana castanho-escura, alargada na margem anterior até a sutura dos calos umerais; esta faixa é dividida longitudinalmente por uma linha amarela desde a margem anterior até a região pré-escutelar onde se junta com duas linhas amarelas que margeiam a referida faixa; estas duas linhas na frente se estendem para os lados, indo recobrir as margens laterais do mesonoto, exceto na raiz da asa onde ela é interrompida pelas manchas ferruginosas; estas manchas se estreitam na sutura transversa devido à pruinossidade amarela que existe sobre esta sutura; calos umerais pardo-avermelhados, mais claros que a faixa mediana; calos pós-alaes pardacentos, com pruinossidade amarela externamente; sutura escutelar com pruinossidade enegrecida, escurecendo também os cantos do escutelo e descendo pela região pós-escutelar; escutelo, exceto os cantos, revestido de pruinossidade amarela; região pós-escutelar com pruinossidade amarela atrás do escutelo e sobre os calos laterais, intercalado com a pruinossidade pardacento-escura que desce dos cantos do escutelo; alguma pilosidade amarela existe nos lados do mesonoto; cerdas pretas; dorso-centrais minúsculas, as laterais desenvolvidas: 3 ou 4 — 2 — 1 ou 2; pleuras avermelhadas, com duas faixas verticais de pruinossidade dourada, uma descendo da "mesopleura" até as coxas medianas e outra, mais estreita, descendo da "metapleura" até as coxas posteriores; uma terceira faixa de cor preta existe entre as duas amarelas; pêlos amarelados e cerdas pretas existem sobre a "metapleura".

Pernas: coxas avermelhadas nos dois primeiros pares, no último escura, todas recobertas de pruinossidade esbranquiçada, com pêlos e cerdas brancos, havendo no par anterior algumas cerdas pretas; o resto das pernas de cor amarelo-avermelhada, exceto os fêmures posteriores que são quase inteiramente enegrecidos ou, pelo menos, mais escuros; às vezes, os fêmures medianos também são mais escuros; cerdas pretas; pilosidade amarelada; pulvilos pouco menores que as garras, todos do mesmo tamanho, exceto os últimos que são um pouco menores.

Asas pardacentas, mais escuras na borda anterior; setor anal e base da célula discal hialina; o meio da primeira célula posterior com mancha clara. Haiteres amarelos ou ferruginoso-escuros.

Abdômen vermelho ferruginoso, a margem posterior de cada segmento é amarela, havendo no 5.º, 6.º e 7.º pruinossidade dourada recobrindo-lhes o dorso; o

primeiro segmento é preto, exceto a margem posterior que é amarela; o segundo é preto na base e depois de um vermelho mais claro que os outros segmentos, havendo entre estas duas cores uma faixa dourada; pilosidade preta, mas com pêlos amarelos esparsos irregularmente pelo dorso dos segmentos; cerdas pretas nos lados do primeiro segmento; esternitos com a mesma cor dos tergitos, sem pruiniosidade, mas com pêlos mais longos. Genitália dos ♂ ♂ avermelhada, com pilosidade amarela; genitália das ♀ ♀ com pêlos amarelos e espinhos avermelhados.

TIPO: Holótipo ♂ N.º 111.217, alótipo ♀ N.º 111.218 e 7 parátipos (4 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀, sendo um ♂ N.º 111.219 e uma ♀ N.º 111.220); um parátipo ♂ foi devolvido à coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, um parátipo ♀ foi devolvido ao Dr. Juan M. Bosq em Buenos Ayres, dois parátipos ♂ ♂ e um ♀ devolvidos ao Dr. Stanley W. Bromley em Connecticut, U.S.A.

LOCALIDADE TIPO. — República Argentina: Delta, Abra Vieja, fevereiro de 1926 (J. BOSQ).

LOCALIDADES ADICIONAIS. — República Argentina: Buenos Ayres (J. BOSQ). — República do Paraguai: Villarica, janeiro de 1937 (F. SCHADE); Sapucay, dezembro de 1927 (F. SCHADE). — Brasil: Estado de São Paulo, Porto Cabral, Rio Paraná, março e abril de 1944 (L. TRAVASSOS); Estado do Espírito Santo, abril de 1898 (J. MICHAELIS); Estado do Rio de Janeiro, Friburgo, fevereiro de 1934 (J. OITICICA).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie poderia ser confundida com *coarctatum* ou com *secabile* devido à pruiniosidade amarela que elas possuem sobre o abdômen e devido à coloração semelhante do mesonoto, diferindo porém na cor do tegumento dos tergitos abdominais que são ferruginosos em *lynchi* e não pretos. Póde-se estabelecer a separação destas espécies também pela pilosidade preta dos palpos e pelo comprimento dos pulvilos. As asas de *lynchi* são como as de *coarctatum* e a coloração das pernas mais ou menos como as de *secabile*.

Entre as espécies que também apresentam pilosidade preta nos palpos, distingue-se *lynchi* pela coloração do mesonoto e pela pruiniosidade amarela do abdômen.

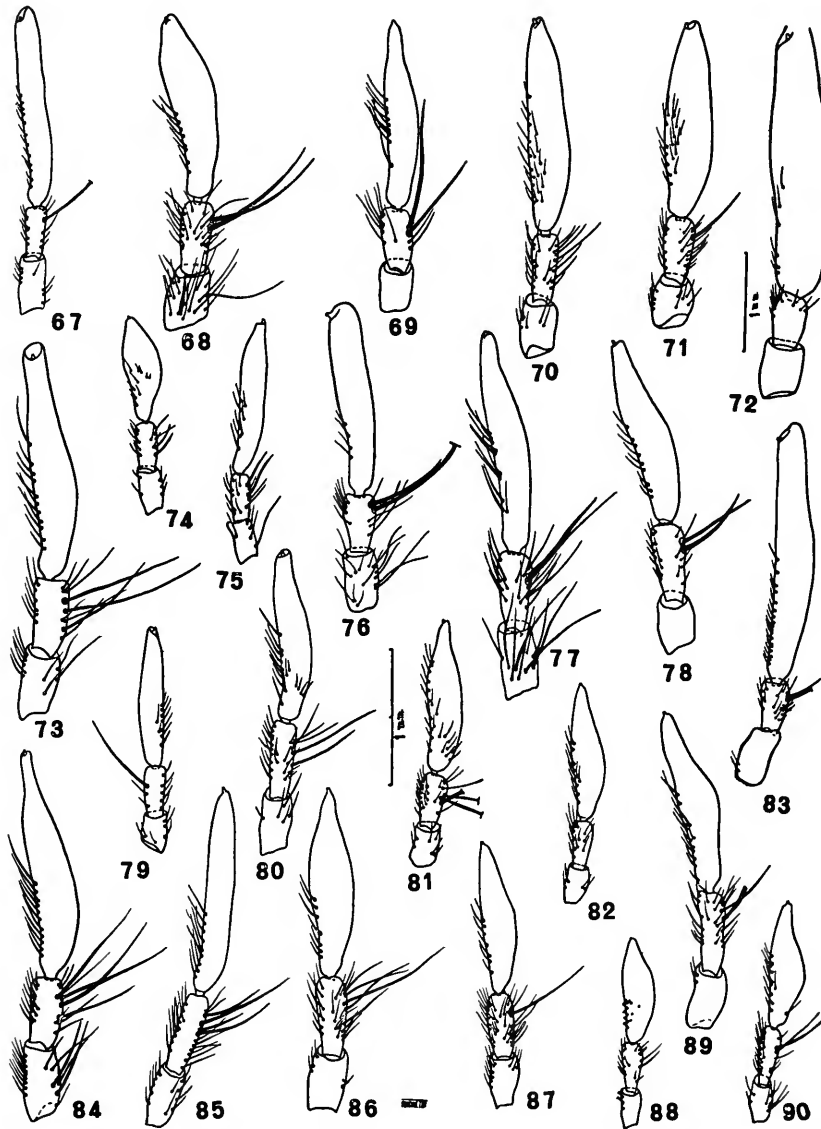
Acreditamos que ARRIBALZAGA (1879, p. 150 e 1881, p. 22/5) em sua monografia sobre asilídeos argentinos, considerou como *coarctatum* justamente esta espécie que descrevemos como *lynchi*, denominação com a qual pretendemos homenagear o citado autor.

Blepharepium subcontractum (Walker)

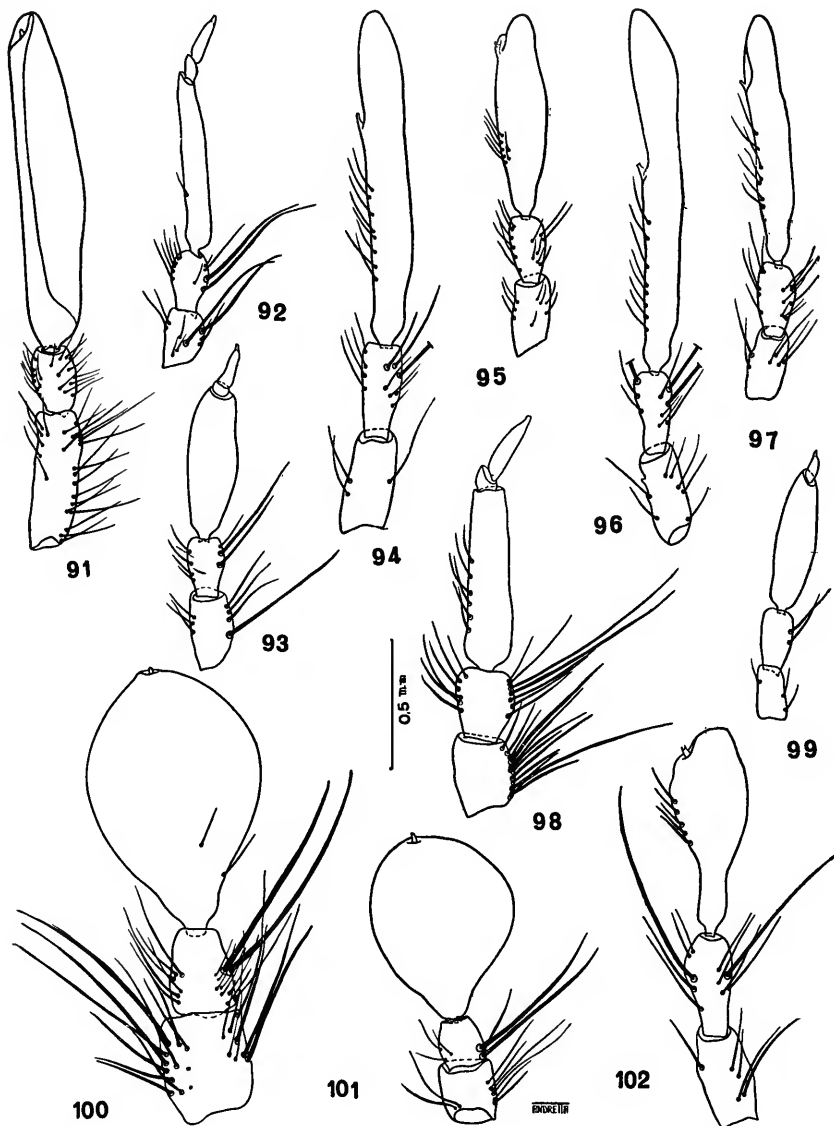
Dasygogon subcontractus WALKER, 1856, p. 455; ARRIBALZAGA, 1881, p. 24.

REDESCRIÇÃO — ♀. Cabeça: face e fronte recobertas de pruiniosidade amarelo-dourada; em baixo das antenas e no meio da fronte existe pequena região nua, de cor pardacenta e com a forma linear na face e arredondada na fronte; mistax formado por cerdas amarelo-avermelhadas situadas na borda bucal, tendo em cima alguns pequenos pêlos da mesma cor; vértice pardo escuro; occipício com pruiniosidade dourada, exceto em duas manchas transversais escuras, superiormente; pêlos e cerdas occipitais amarelo-avermelhados; probóscida e palpos amarelo-avermelhados, este último com cerdas dessa mesma cor; antenas amarelo-avermelhadas, com pêlos pretos e também alguns amarelos na porção inferior dos dois artículos basais; terceiro artículo longo, fino na ponta, com a pilosidade da borda superior quase até o ápice.

Tórax recoberto de pruiniosidade dourada e com pêlos dessa mesma cor; mesonoto com uma faixa mediana pardo-avermelhada, fina posteriormente e bastante larga na borda anterior; esta faixa só é dividida ao meio na sua metade anterior,



Estampa V
(Explicação das figs. nas págs. 144-5)



Estampa VI
(Explicação das figs. na pág. 145)

e isto por pruiniosidade amarelo-dourada; esta pruiniosidade se estende também pelos lados dessa faixa, separando-a das manchas laterais que são negras e bi-seccionadas por pruiniosidade amarela existente sobre a sutura transversa; lateralmente existe longa pilosidade amarela e no meio muito escassa pilosidade preta; fileira de cerdas laterais: 3 — 2 — 1; cerdas dorso-centrais muito pouco desenvolvidas; pleuras quase inteiramente revestidas de pruiniosidade dourada, com duas manchas verticais, alongadas, de pruiniosidade pardo-avermelhada, uma na porção anterior da "sternopleura" e outra na margem posterior da "pteropleura"; "metapleura" com cerdas pretas e amarelas junto com pilosidade amarela.

Pernas: coxas amarelas revestidas de pruiniosidade dourada com cerdas e pêlos amarelos; o resto das pernas inteiramente amarelo-avermelhado, com pilosidade preta, exceto na superfície ventral das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores, onde existe densa pilosidade avermelhada; pulvilos posteriores menores que 1/3 das garras.

Asas inteiramente amareladas, mais intensa na borda anterior. Halteres ferruginosos na haste e pretos no capítulo.

Abdômen: primeiro segmento com a metade anterior preta e a posterior amarelo-dourada; o segundo segmento com duas manchas pretas semi-circulares situadas na margem anterior e o resto amarelo dourado, pouco mais escuro anteriormente; os lados deste segmento são paralelos e um pouco mais estreito que o primeiro; o terceiro na margem anterior é tão largo quanto o segundo, mas posteriormente ele se alarga; é amarelo brilhante na base, depois enegrecido e recoberto de pruiniosidade amarelada; a sua margem posterior é amarelo-avermelhada; o quarto segmento, juntamente com todos os seguintes, é preto brilhante; o último tergito é recoberto de pruina amarela; pilosidade amarela e preta no 1.º, 2.º e 3.º segmentos e preta desde o 4.º ao 7.º, sendo no 8.º inteiramente amarela; no 1.º lateralmente há cerdas pretas e pêlos amarelos; esternitos de coloração e pilosidade semelhante aos tergitos.

MATERIAL EXAMINADO. — Uma ♀ N.º 108.471 do Depto. de Zoologia.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Pará: Urucuritiba, março de 1923 (C. H. T. TOWNSEND).

Esta espécie foi descrita da região amazônica e distingue-se entre as demais do gênero pela coloração das asas que é amarelo-clara, um pouco mais escura na borda anterior; pela coloração do abdômen que é amarela no segundo segmento e preta brilhante nos cinco últimos.

Devido à cor do abdômen esta espécie poderia ser confundida com *cayennense* (F.) da qual, entretanto, é inteiramente diferente, pois *cayennense* é uma espécie muito escura e *subcontractum*, com exceção do abdômen, é de um amarelo vivo. Além disso tem a coloração das asas, dos tarsos e pilosidade dos palpos amarela e não preta.

Blepharepium secabile (Walker)

Dasypogon secabilis WALKER, 1860, p. 276; ARRIBALZAGA, 1879. p. 150.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Cabeça: face recoberta de pruiniosidade dourada; mistax formado por cerdas amarelo-esbranquiçadas e alguns grossos pêlos pouco acima da borda bucal; fronte com pruiniosidade amarela e pêlos amarelos e pretos lateralmente; vértice pardacento, às vezes escuro, brilhante; calo ocelar com duas pequenas cerdas pretas; occipício escuro com pruiniosidade e cerdas amarelas; barba amarela; probóscida amarelo-pardacenta, com longos pêlos amarelos em baixo; palpos amarelo-pardacentos, mais claros que a probóscida, com pilosidade inteiramente amarela; antenas amarelo-avermelhadas, com pequenas cerdas amarelas ou pretas; no terceiro artículo nunca ultrapassam a metade basal da borda superior.

Tórax: protórax preto, com duas manchas de pruinossidade amarela lateralmente; cerdas pequenas, pardacentas, às vezes escuras; pilosidade amarelada; mesonoto com uma larga faixa parda, dividida longitudinalmente por uma linha de pruinossidade mais clara, muito apagada posteriormente, mas bastante nítida na borda anterior do mesonoto; de cada lado desta faixa existe grande mancha preta ou ferruginosa bem escura; na margem anterior do mesonoto, nos lados da faixa mediana e recobrimdo parte dos calos umerais, se encontra pruinossidade amarela que se estende também pelas margens laterais; na porção inferior dos calos umerais e superior dos calos pós-alares há pruinossidade pardacenta; antes da sutura pré-escutelar há pruinossidade amarela ou pardacenta segundo a incidência luminosa, que se espalha até os calos pós-alares; sutura pré-escutelar escura; pilosidade amarela, fina e escassa se acha nos lados do mesonoto, esta pilosidade às vezes é preta; cerdas pretas; dorso-centrais atrofiadas, as laterais: 3 — 2 — 1; escutelo revestido de pruinossidade amarela, exceto nos cantos que são escuros; região pós-escutelar preta e com esparsa pruinossidade amarela atrás do escutelo, calosidades laterais amarelo vivo; pleuras pretas com duas faixas verticais de pruinossidade amarela, uma ocupando a metade posterior da "mesopleura" e "sternopleura" e parte inferior da "pteropleura" e outra, mais estreita, recobrimdo a "metapleura" e "hypopleura"; na "metapleura" se encontram cerdas pretas e pêlos amarelos.

Pernas: coxas escuras, mas com pruinossidade, cerdas e pêlos amarelo-esbranquiçados; o resto das pernas amarelo avermelhado, exceto os fêmures medianos e posteriores que geralmente apresentam a cor preta em certa extensão basal; a cor preta dos fêmures tem uma extensão variável e, às vezes, só se encontra um pequeno escurecimento nesta parte das pernas; cerdas pretas; pilosidade amarela (em um exemplar da República do Panamá, a pilosidade é preta em grande parte das pernas). Garras pretas; pulvilos amarelados, os das pernas anteriores maiores que a metade das garras, os das medianas mais ou menos com esse comprimento e os das posteriores sempre menores.

Asas pardacentas na metade anterior e pardo acinzentado na posterior; as manchas hialinas do setor anal e da base da célula discal que geralmente são nítidas nas outras espécies, não existem nesta. Halteres pardacento-escuros, às vezes amarelados.

Abdômen preto, com faixas transversais de pruinossidade amarela revestindo largamente a margem posterior dos segmentos, exceto no segundo que apenas mostra um friso amarelo coincidindo com a margem, como também no sétimo tergito dos ♂♂ e no sétimo e oitavo das ♀♀ que são inteiramente recobertos por esta pruinossidade; nas ♀♀ o segundo tergito é avermelhado e nos ♂♂ o segundo e geralmente também o terceiro; pilosidade preta, às vezes mesclada de amarelo; nos lados do 1.º segmento existem cerdas pretas e pêlos amarelos ou pretos; ventre escuro, amarelo no 2.º esternito, com muito menos pruinossidade amarela que o dorso. Genitália dos ♂♂ pardacento-escura com pilosidade amarela; genitália das ♀♀ com espinhos avermelhados.

MATERIAL EXAMINADO. — 3 ♂♂ e 5 ♀♀, sendo 2 ♂♂ e 3 ♀♀ com os seguintes números: 108.476 a 108.479 e 62.239.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Santo André, janeiro de 1945 (A. ZOPPEI); Ipiranga, (data). — Estado do Paraná: Vila Velha, março de 1944 (R. LANGE). — Estado de Goiás: Leopoldo Bulhões, dezembro de 1933 (R. SPITZ). — Estado de Minas Gerais: Serra do Cipó, fevereiro de 1939 (MONTI, RIBEIRO, LOPES e TUPINAMBÁ). — Estado de Pernambuco: Tapera, abril de 1928 (PICKEL). — República do Panamá: Gatun, 31 de maio de 1930.

A discussão desta espécie já foi feita quando tratamos de *coarctatum* com a qual ela mais se assemelha. Seus caracteres principais e que a distinguem das demais são os seguintes: coloração preta dos fêmures

medianos e posteriores; coloração muito escura das pleuras cujas faixas amarelas verticais são mais estreitas; pilosidade do terceiro artigo antenal bastante reduzida e só presente na metade basal da sua borda superior; coloração das asas com as manchas hialinas do ângulo anal e base da discal praticamente inexistentes. A coloração preta dos fêmures não é um carácter constante, podendo, por vezes, faltar completamente, embora nestes casos se verifique uma tonalidade de cor mais intensa que nas outras partes das pernas.

Blepharepium coarctatum (Perty)

(Fig. 15)

Laphria coarctata PERTY, 1833, p. 181, T. 36, f. 4.

Planetolestes coarctatus (PERTY), ARRIBALZAGA, 1879, p. 150.

Blepharepium coarctatum (PERTY), ARRIBALZAGA, 1881, p. 24.

REDESCRIPÇÃO. — ♂ ♀. Cabeça: face recoberta de pruinose dourada; mistax formado por cerdas amarelas situadas na borda bucal, havendo pouco acima alguns grossos pêlos também amarelos; fronte com pruinose dourada na metade inferior, preta brilhante na metade superior e no vértice, tendo lateralmente pilosidade preta; occipício com pruinose dourada e com uma faixa transversal pardacenta, cerdas pretas ou amarelas atrás do calo ocelar, mas ao longo das margens orbitais são sempre amarelas; barba amarela; probóscida amarelo-avermelhada; palpos (fig. 118) amarelos com pêlos amarelos; antenas (fig. 70) amarelo-avermelhadas, com pequenas cerdas pretas que, no terceiro artigo, chegam quase até o ápice da borda dorsal; este artigo é tão longo quanto duas vezes os basais reunidos.

Tórax: protórax com pruinose dourada, exceto no pronoto, onde é pardacenta ou pelo menos mais escura; pilosidade amarela lateral e pequenas cerdas pretas ou pardacento-escuras em cima; mesonoto com uma faixa pardacenta, estreitada posteriormente e dividida na margem anterior por pruinose amarela em forma de pequena mancha fusiforme; de cada lado desta faixa se encontra uma linha de pruinose amarela que se funde na frente da sutura pré-escutelar; margem anterior-do mesonoto de cor dourada, às vezes um pouco escurecida, como também os calos umerais; manchas laterais vermelho-ferruginosas, cada uma dividida ao meio pela pruinose amarela da sutura transversa; margens laterais com pruinose amarela, interrompida sobre a raiz das asas devido uma expansão da mancha ferruginosa lateral; cerdas e pêlos pretos; dorso-centrais muito pequenas; cerdas laterais: 3 — 2 — 2 ou 3, no calo pós-alar se encontra também pilosidade amarela; escutelo revestido de pruinose dourada, pardacento-escuro nos cantos; região pós-escutelar com pruinose amarela atrás do escutelo e nas calosidades laterais, intercalando-se com pruinose pardacenta; pleuras com pruinose dourada, havendo duas faixas pardo-escuras verticais, uma desde o espiráculo anterior até as coxas anteriores e outra, mais estreita, desde a raiz das asas até as coxas posteriores; pêlos amarelos no meio; sobre a "metapleura" existem cerdas pretas e pêlos amarelos.

Pernas: coxas revestidas de pruinose branco-amarelada, com pêlos e cerdas amarelos; o resto das pernas é avermelhado, com cerdas e pêlos pretos, exceto na face ventral das tíbias do par anterior e posterior e sobre os tarsos, onde é dourada: os pulvidos anteriores são tão longos quanto 3/4 das garras ou mais, os medianos pouco menos que a metade e os posteriores menos que 1/3.

Asas pardacentas, mais escuras na margem anterior, com mancha hialina no setor anal e no início da célula discal; no meio da primeira célula posterior há uma pequena mancha amarelada. Halteres amarelos ou pardacento-escuros.

Abdômen preto ou avermelhado escuro, amarelo na margem posterior dos segmentos, revestido de pruinose amarela mais intensa posteriormente; o segundo tergito avermelhado, sempre um pouco mais claro que os outros, com pruinose dourada na base e nos 3/4 apicais das margens laterais; o sétimo tergito nos ♂♂ e o oitavo nas ♀♀ amarelos e inteiramente revestidos de pruinose amarela; pilosidade preta nos 6 primeiros segmentos, amarela nos seguintes; nos lados do primeiro segmento há pêlos amarelos e cerdas pretas; ventre mais claro que o dorso, com pilosidade preta anterior e amarela na margem posterior. Genitália amarelo-avermelhada, com pêlos amarelos; nas ♀♀ com espinhos avermelhados.

MATERIAL EXAMINADO. — 3 ♂♂ e 8 ♀♀, sendo 2 ♂♂ e 7 ♀♀ com os números: 108.462 a 108.470.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Onda Verde, janeiro de 1946 (F. LANE). — Estado de Mato Grosso: Maracaju, maio e junho de 1937 (S. F. A.); Bodoquena, novembro de 1941 (Com. I. O. C.). — Estado de Minas Gerais: Lassance, 30-31 janeiro de 1939 (MARTINS, LOPES e MANGABEIRA).

Esta espécie é próxima de *secabile* da qual se distingue pelos seguintes caracteres: coloração sempre inteiramente avermelhada das pernas; coloração das asas que apresentam mancha hialina na metade basal das células anal e axilar, no ápice da segunda basal e na base da discal; pilosidade da borda superior do terceiro artigo antenal se estendendo além de sua metade basal.

B. subcontractum que também apresenta pilosidade amarela nos palpos, se distingue de *coarctatum* pela coloração do abdômen que é preto brilhante nos 2/3 posteriores, sem pruinose amarela.

As espécies restantes apresentam pilosidade preta nos palpos, carácter que as diferenciam de *coarctatum*. *B. lynchi* apresenta muitas afinidades com *coarctatum* por apresentar a coloração mais ou menos semelhante do mesonoto e do abdômen, mas a cor de suas pernas e o comprimento dos seus pulvilos são diferentes.

B. luridum, descrita do Brasil, foi considerada por ARRIBALZAGA e ENGEL como sinónima de *coarctatum* (Perty) com o que não concordamos, pois em nosso material existem exemplares que concordam muito bem com as respectivas diagnoses. O desenho de *coarctatum* dado por PERTY não concorda com a descrição de *luridum* e estas espécies podem ser facilmente separadas pelo seguinte: em *coarctatum* o terceiro artigo antenal é amarelo avermelhado e não preto como em *luridum*; o mesonoto em *coarctatum* tem de cada lado grande mancha ferruginosa, havendo na frente e atrás pruinose amarela; em *luridum* não existem manchas assim, pois de cada lado da faixa mediana se encontra pruinose amarelo-oliva que se estende da borda anterior até a posterior; o abdômen em *coarctatum* está revestido largamente de pruinose amarela na borda posterior dos segmentos, mas em *luridum* os segmentos abdominais são avermelhados.

Blepharepium vorax Curran

Blepharepium vorax CURRAN, 1942, p. 53.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Legs wholly reddish; mesonotum dark reddish with blackish sides; wings dull orange with dark apex and broad posterior border. Length, 18 to 19 mm.

Male. — Face, cheeks and anterior border of the front reddish in ground color, the face and front whitish pollinose; front shining black, with brown pollen on

the sides and vertex. Occiput black, the pollen somewhat brassy but broadly grayish white along the orbits, the hair black. Mystax whitish, composed of more than twenty bristles. Palpi reddish, with black hair on the apical half. Antennae reddish, black haired, the third segment long and tapering apically.

Mesonotum dull dark reddish, a sublateral interrupted stripe and the posterior border black; a pair of narrow median vittae, which unite behind, and two lateral spots very pale brassy yellowish; hair sparse, black. Pleura dull blackish, the propleura, a broad band on the mesopleura and upper part of the sternopleura and another below the squamae reddish, the pollen pale brassy yellow; lateral slopes of the metanotum yellowish in ground color, separated from the pale pollinose median area by a broad brown stripe. Scutellum reddish yellow with the narrow base and sides brown. Hair on sternopleura black above, yellow below.

Legs reddish, the trochanters brown or black; hair black, golden yellow on the broad anteroventral surface of the front tibiae and on the posterior and ventral surfaces of the posterior tibiae except at the base.

Wings dull orange or brownish yellow with the broad apex and posterior border dark, smoky or brownish. Knob of halteres brown.

Abdomen blackish, the apex of the first segment, the second except basally and the sides and apex of the third reddish, the apices of the following segments similarly colored. Hair black, yellow on the tips of the two apical segments and on the genitalia. Pollen, cinereous yellow basally, more golden yellow beyond the third segment, the fourth to sixth segments with large lateral triangles of brown pollen basally on each side. Second and third sternites reddish with yellow hair, the apical sternites and the hair mostly reddish yellow. Genitalia reddish, the base shining black below.

Female. — The basal segment of the ovipositor is broadly reddish apically and bears tawny hair; the apical sternites have only black pile."

Blepharepium inca Curran

Blepharepium inca CURRAN, 1942, p. 54.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Black, wings luteous to bright orange with the broad apex and posterior, border dark. Length. 18 to 24 mm.

Male. — Face usually brownish in ground color with the margins broadly reddish or yellowish, rarely almost all reddish yellow, the cheeks brownish and with brown pollen; face and lower half of the front very pale brassy yellow pollinose, almost whitish. Front shining black, the sides broadly opaque. Occiput black, the orbits broadly grayish yellow, the central portion with rich brownish yellow to yellowish brown pollen. Hair black. Antennae usually dark reddish, the third segment often brown on the apical half or more, all the segments rarely brown or blackish. Palpi reddish yellow, the apical half brown below, the hair mostly black. Proboscis reddish to pale castaneous.

Thorax black in ground color, the humeri paler. Mesonotum with a brownish vitta that is divided anteriorly and bordered with brownish yellow; the lateral spots, scutellum and notopleural spots brassy yellow, the pleura with the usual pale pollinose bands of brassy yellow, that on the mesopleura broadly white in front, the propleura usually without conspicuous pale pollen. Hair black. Scutellum yellow in ground color.

Legs dark reddish, the coxae brown in ground color, the femora and tibiae blackish or dark castaneous posteriorly and ventrally, the posterior tibiae rarely almost all blackish. Hair black, tawny on the ventral surface of the posterior tibiae and anteroventrally on the front tibiae.

Wings rather variable in color, often bright orange yellow with the broad apex and posterior border smoky and the costal border darkened basally, or the pale area luteous, rarely poorly defined. Halteres with brown knobs.

Abdomen black, the apices of the second and following segments reddish and with bright reddish yellow pollen; basal segments with cinereous yellow pollen, the following with brown pollen except apically, the apical segments with more or less broad preapical bands of rather olivaceous pollen. Hair black, rarely a few yellow hairs on the sides of the apical segment. Second sternite mostly reddish, the basal sternites with yellow hair. Genitalia partly reddish, sometimes with wholly pale hair, but the base usually bears black hairs.

Female. — The genital segment bears only pale hair."

Blepharepium bassleri Curran

Blepharepium bassleri CURRAN, 1942, p. 54.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Femora bicolored; front coxae wholly pale haired; tarsi black haired; wings luteous or pale brownish orange with weak dark posterior border and apex. Length, 18 to 20 mm.

Female. — Face and cheeks reddish, the face with a roughened ferruginous stripe on the upper half; pollen brassy yellowish, brighter on the occiput; upper part of front shining black with a narrow band of brown pollen at the vertex and along the orbits. Bristles black but a number of fine yellow ones on the lower part of the occiput. Antennae brownish red, the third segment sometimes mostly brown. Palpi dark reddish, the hair yellow, partly black on the apical half.

Thorax blackish in ground color, the humeri and lateral margins of the mesonotum more or less reddish, the propleura partly reddish, and there is a large spot on the upper part of the sternopleura that sometimes extends onto the mesopleura; lateral slopes of the mesonotum usually reddish and usually a reddish spot below the posterior spiracle. The mesonotum has the usual dark and brassy yellow stripes and the pleura the usual brown bands. Scutellum brassy yellow above, brownish luteous on the upper part of the apex and with yellow pollen below.

Legs reddish, the femora dark brown or castaneous posteriorly and ventrally, the tibiae dark behind except apically. Hair black, yellow on the anterior coxae.

Wings brownish yellow to dusky orange, the apex and posterior border broadly darker but less contrasting than in *var.* Knob of halteres black or reddish.

Abdomen black, the apices of the segments narrowly reddish, the pale color expanded on the sides of the second segment. Hair black, yellow on the first segment, broad apex of the second, basal three sternites and genitalia."

PHONICOCLEPTES Arribalzaga

Phonicocleptes ARRIBALZAGA, 1881, p. 18.

O conjunto dos seguintes caracteres separam nitidamente este gênero entre os demais até agora descritos: cabeça duplamente mais larga que alta; face mais larga que a largura de um olho, bastante saliente em toda a sua extensão, sem pêlos, exceto na borda bucal onde existem alguns em mistura com as cerdas do mistax; a margem ocular, em baixo, está separada da região clipeal por uma profunda cavidade; fronte com a mesma largura da face, mas muito curta; calo ocelar sem cerda alguma; os dois primeiros artigos antenais sub-iguais, muito pequenos em relação ao terceiro que é três vezes mais longo que os dois basais reunidos; é mais largo na porção basal e apresenta no ápice profunda cavidade, tendo no centro um microscópico espinho; palpos com a porção apical mais dilatada, não mostrando uma nítida separação entre os dois artigos que é reconhecida apenas por uma constrição mediana; probóscida afinada na ponta e com elevada quilha dorsal.

Tórax com o mesonoto plano; cerdas dorso-centrais atrofiadas, exceto um ou dois pares pré-escutelares; duas ou três cerdas umerais, pequenas; três ou quatro pré-suturais; supra-alares abundantes, enfileiradas, com algumas cerdas muito desenvolvidas e outras pequenas; duas ou três pós-alares; escutelo sem cerdas; calosidade da região pós-escutelar nuas.

Pernas longas; tíbias anteriores com um grosso esporão apical que se assenta sobre uma saliência do basitarso; pulvilos desenvolvidos, mas nunca maiores que a metade das garras.

Asas estreitas; quarta célula posterior fechada e peciolada.

Abdômen largo na base, afinando-se gradativamente para o ápice; cerdas laterais só existentes no primeiro segmento; genitália do ♂ saliente, torcida, ficando os tergitos quase em situação ventral.

GENÓTIPO: *Phonicocleptes busiris* Arribalzaga, 1881, por monotipia.

Este gênero foi estabelecido para uma espécie capturada em Chacabuco, República Argentina e representada por um único exemplar fêmea. VAN DER WULP (1882), assinalando a presença de um macho na coleção WEYENBERGH, considerou *Phonicocleptes* um gênero próximo de *Allopogon* e *Deromyia*, o que não nos parece exato. Com referência a este último, acreditamos que VAN DER WULP estaria se referindo a *Diogmites*, gênero que ele não diferenciava de *Deromyia* e que, segundo parece, só ocorre no Chile. De qualquer forma, a conformação do corpo, a estrutura das antenas e a nervulação das asas de *Phonicocleptes* são muito diferentes do que se verifica nesse gênero.

Phonicocleptes separa-se de *Diogmites* principalmente pela forma de suas antenas e pela ausência de cerdas no calo ocelar e no escutelo. Estes mesmos caracteres o distinguem de *Allopogon* com o qual, pela forma da face, parece apresentar maior afinidade, mas assim mesmo bastante remota.

À primeira vista e de um modo superficial, *Phonicocleptes* lembra um *Dicranus* devido à sua enorme estatura e à sua coloração. *Dicranus*, entretanto, é um gênero que está fóra do conjunto que estamos estudando, pois suas espécies não possuem esporão apical nas tíbias anteriores.

As afinidades de *Phonicocleptes* se revelam mais íntimas com *Blepharepium*, do qual se distingue pela forma do abdômen que não é estreitado na base, pela largura da face sempre maior que a de um olho e pelo comprimento dos pulvilos, sempre maiores que aqueles existentes nas espécies deste último gênero.

Além do genótipo, faz parte deste gênero mais uma espécie que recentemente descrevemos, originária do Estado do Paraná. Provavelmente *Dasyogon spectans* Walker, 1851, descrita sem indicação de pátria, também seja um *Phonicocleptes* e admitindo-se isto como exato, podemos separar as três espécies do gênero pela chave seguinte:

- | | |
|--|-------------------------|
| 1 — Cerdas dos palpos e do occipício pretas; tórax pardo escuro; segmentos do abdômen ferruginosos com borda posterior preta | <i>busiris</i> Arribal. |
| Cerdas dos palpos e do occipício amarelas; tórax vermelho ferruginoso; segmentos do abdômen amarelo-aveludados com borda posterior preta | 2 |
| 2 — Segundo segmento abdominal preto | <i>spectans</i> (Walk.) |
| Segundo segmento abdominal amarelo claro com a base e a margem posterior preta (fig. 14) | <i>langei</i> Carrera |

Phonicocleptes busiris Arribalzaga

Phonicocleptes busiris ARRIBALZAGA, 1881, p. 21.

DIAGNOSE ORAGINAL: — " ♀. Fusco-nigra, tergo abdominequè laete rubro-ferrugineis sive lateritiis, hoc incisuris nigris; capite aureo-tomentoso; mystace albo: barba, nec non setis setulisque omnibus, nigra; mesonoto leviter aureo-pruinoso, vitta media vix quam reliquo dilutiore, subobsoleta, retroversum sensim attenuata, utrimque setulis destituta, medio a linea longitudinali fuscescenti, uniseriatim setulosa, divisa, ornato; pleuris coxisque leviter albo-sericeo-pruinosis, illis ad partim refescentibus s. obsolete lateritio-maculatis; tibiis tarsisque anterioribus obscure fuscans; pube interna tibiarum metatarsorumque anticorum et posticorum nigra, fulvo-sericeo-micante; pulvillis fuscis; seta interunguali ferruginea; alis limpidis, apice posticeque exacte ut in *Allopogonibus* Heydenii et ferrugineo infumatis,

cellula humerali radicalibusque obscure fusco-melleis, nervis fuscis, plus minusve distincte dilute fuscano-marginatis; halteribus fuscescentibus. Long. 30 mm.

Hab. observ.: Buenos Aires (CHACABUCO).

Cabeza cubierta de tomento dorado sedoso, mas abundante en la cara que en lo demás. Cara con el tegumento anaranjado rojizo. Vértice y occipucio pardirojos. Ojos celestes, en el animal vivo. Antenas pardas, un poco rojizas en la base, con las cerditas negras; el tercer artejo con ligera pruinosidad leonada. Mostacho blanco. Palpos y trompa pardos píceos, lustrosos. Barba, cerdas de los palpos, cerditas del vértice y corona setígera del occipucio negros.

Tórax pardinegro, con el tergo rojo ferruginoso ó ladrilloso y con todas sus cerdas y cerditas negras. Mesonoto revestido de una ligera pruinosidad dorada sedosa y con una banda longitudinal media, á penas mas clara que el fondo y, por consiguiente, poco visible, gradualmente atenuada hácia atras, no setulosa, excepto en su linea longitudinal media, la cual es un poco parduzca y lleva una série de cerditas. Flancos con manchas rojizas mal limitadas, probablemente mas ó menos aparentes segun los individuos. Patas pardinegras, con todas sus cerdas y cerditas negras; ancas con pruinosidad como la pleural; tibias y tarsos anteriores morenos, es decir, mas claros que lo demas; pubescencia interna de las tibias y tarsos del primer y tercer pares, negra, con reflejos leonados sedosos: uñuelas negras; ventosas pardas; cerda interunguinal roja ferruginosa. Alas límpidas con el extremo y el borde posterior ahumados exactamente de la misma manera que en los *Allopogon Heydenii* y *ferrugineus*; nervaduras pardas, mas ó menos distintamente orilladas de pardo amarillento claro; celdillas humeral y radicales pardas méleas oscuras. Balancines parduzcos, un poco rojizos.

Abdómen rojo ferruginoso vivo, poco lustroso, con ligera pruinosidde blanca sedosa em los costados y el vientre, y con todas sus cerdas y cerditas negras; primer segmento negro, con el disco del arco dorsal rojo; los restantes con el borde posterior orillado de negro, tanto por arriba como por debajo. Oviducto erizado de espinitas subverticales ferruginosas; su corona espinígera igualmente ferruginosa."

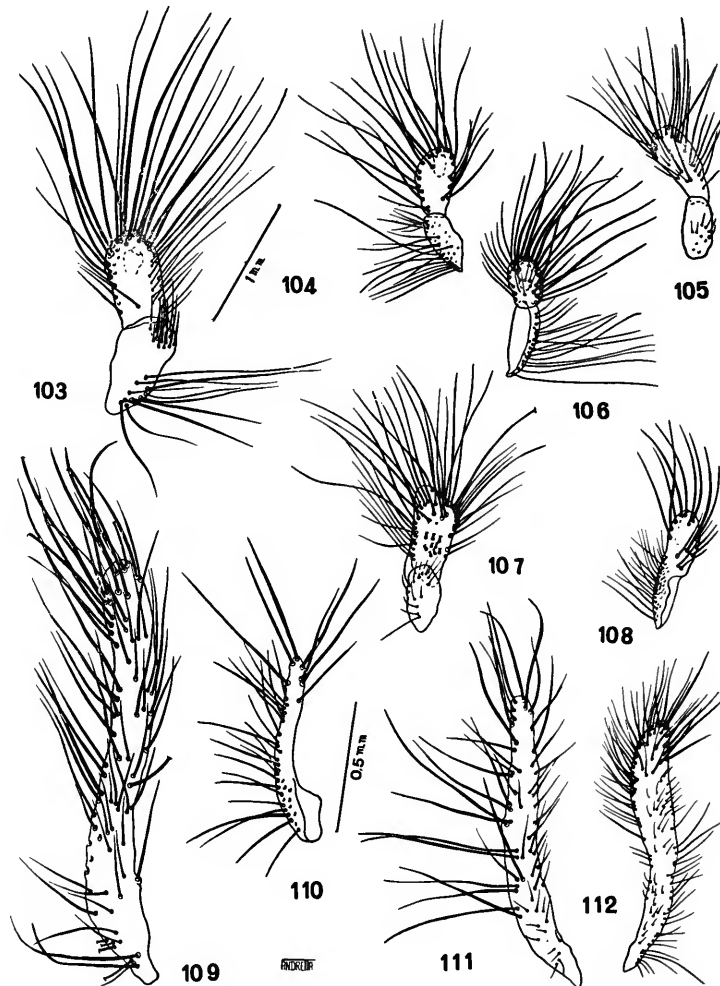
Phonicocleptes spectans (Walker)

Dasypogon spectans WALKER, 1851, p. 88.

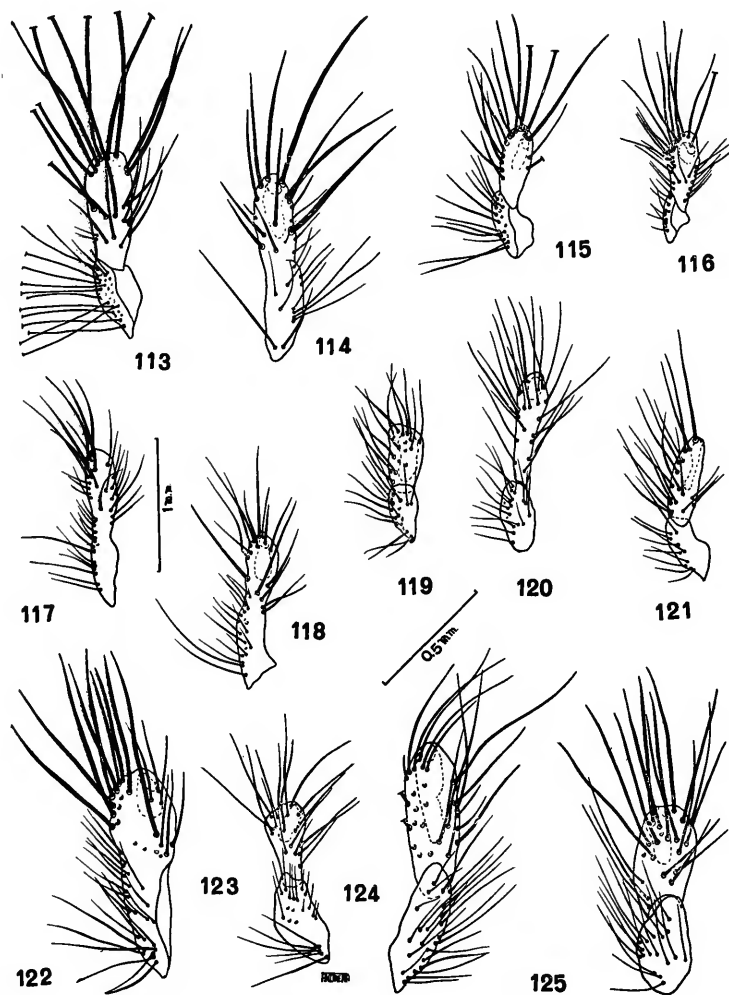
Na descrição desta espécie não se encontra a menção de sua pátria, mas os caracteres assinalados indicam que ela faz parte dêste gênero, só conhecido na região Neotropical.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Ferrugineus, capite abdomineque fulvis, abdominis basi et segmentorum marginibus posticis nigris, antennis pedibusque ferrugineis, alis subfulvis apice margineque postico subcinereis.

Head tawny, adorned in front with a golden covering, beset behind the eyes with a row of red bristles; epistoma thickly armed with pale yellow spines: eyes bronzed, flat, and composed of large facets in front: sucker black; palpi tawny, clothed with ferruginous bristles: feelers ferruginous; first and second joints beset with black bristles: chest ferruginous; sides and breast paler: abdomen bright tawny, narrower than the chest and more than twice its length, tapering from the base to the tip, which is clothed with a tuft of ferruginous hairs; first and second segments black, the former having on each side an angular, tawny spot, which is clothed with ferruginous hairs; hind borders of the following segments adorned with black bands, which are angular in the middle and successively decrease from the third to the seventh segment: legs ferruginous, armed with black spines; feet darker towards the tips; claws black; foot-cushions tawny; tip-spines of fore-shanks black, curved: wings pale tawny, grayish towards the tips and along the hind borders; wing-ribs, veins and poisers ferruginous. Length of the body 17 lines; of the wings 22 lines."



Estampa VII
(Explicação das figs. na pág. 145)



Estampa VIII
(Explicação das figs. nas págs. 145-6)

Phonicocleptes langei Carrera

Phonicocleptes langei CARRERA, 1948, p. 268.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo, sem antenas 37 mm.; da asa 26 mm.

Cabeça (Pr. 16, fig. 66) duplamente mais larga que alta; face saliente gradativamente, mais larga que a largura de um olho, toda recoberta de pruinosidade amarela; mistax limitado à borda bucal e composto de rígidas cerdas brancas; fronte muito curta com pruinosidade amarela e, em parte, esbranquiçada; calo ocelar avermelhado com ocelos escuros e sem cerdas; vértice avermelhado; com pequenas cerdas laterais amareladas, uma ou outra preta; occipício avermelhado em cima, com pruinosidade branco-amarelada no meio e nas margens orbitais, no resto castanho escuro; todas as cerdas ocráceas; barba amarelada; probóscida preta com a base ocrácea; palpos (fig. 122) ocráceos, com cerdas e pêlos amarelados; antenas (fig. 72) avermelhadas, o primeiro artícuo, às vezes mais claro; os artícuos basais pequenos, o 1.^o um pouco maior, e com curta pilosidade preta e amarela; o terceiro artícuo alongado, largo na base e mais fino no ápice; a borda superior desse artícuo possui pequenas cerdas pretas e amarelas somente na metade basal.

Tórax vermelho ferrugíneo; protórax com pruinosidade branca nos lados e com cerdas e pêlos amarelos; calos umerais às vezes mais claros que o resto do tórax e com duas cerdas amarelas; mesonoto com pruinosidade branco-amarelada, mais acentuada atrás dos calos umerais e antes da sutura transversa; pequenos e esparsos pêlos pretos e alguns amarelos, mais abundantes e muito maiores nos lados; cerdas pretas ou amarelas; as dorso-centrais pequenas e reduzidas a dois pares posteriores; 3 grandes pré-suturais, 3 supra-alares grandes e algumas outras pequenas, 2 nos calos pós-alares junto de um pequeno tufo de pêlos amarelos; escutelo e região pós-escutelar avermelhados, a região onde se situam os espiráculos anteriores é preto-aveludada e se estendendo até a raiz das asas; pleuras vermelho-ferrugíneas; "sternopleura" com alguns pequenos pêlos amarelos; "metapleura" com uma fileira de cerdas amarelas e alguns pêlos dessa mesma cor.

Pernas: coxas com a mesma cor das pleuras, as articulações pretas com pêlos e cerdas amarelos; trocanter posterior com cerdas pretas; fêmures avermelhados, tíbias e tarsos mais claros, exceto os dois últimos que são castanhos; cerdas curtas e pretas, pilosidade esparsa, pequena e amarela, exceto nos dois últimos tarsos onde é preta; na face ventral das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores existe curta e abundante pilosidade dourada; esporão das tíbias anteriores recurvado para frente e para baixo; saliência do 1.^o tarso com curtos e grossos espinhos cuneiformes. Garras pretas, tão grandes quanto o último artícuo tarsal; pulvilos ocráceos e chegando pouco além da metade das garras; empódio ocráceo, grande, atingindo, às vezes, o ápice das garras.

Asas com enrugamento no interior das células, amareladas; nervuras ocráceas; o meio das células pouco mais claro; nervura transversa anterior situada pouco antes do meio da célula discal; segunda célula sub-marginal e segunda posterior largamente abertas na margem da asa; primeira célula posterior levemente estreitada; quarta célula posterior não terminando em ângulo agudo; célula anal fechada na borda da asa. Halteres ocráceos.

Abdômen mais largo na base que no ápice; primeiro tergito preto aveludado, com uma grande mancha amarela de cada lado, onde se encontra pilosidade dessa mesma cor com algumas cerdas pretas e amarelas; os tergitos restantes de cor amarelo-clara e com a metade posterior coberta de preto aveludado, formando um triângulo cujo vértice está no meio do segmento e a base coincidindo com a sua margem posterior; no 7.^o tergito a cor preta de forma triangular se reduz a uma

faixa, sendo nas ♀♀ ausente no 8.º que é brilhante; a base do segundo tergito é preto-aveludada; os esternitos são amarelos, com a margem posterior preta, correspondendo a coloração dos tergitos; pilosidade amarela; genitália vermelha com densa pilosidade também avermelhada.

Esta redescrção foi baseada no exame do material típico (3 ♂♂ e 2 ♀♀) procedente do Estado do Paraná, Vila Velha, março de 1944 (R. LANGE e J. LEPREVOST), fevereiro de 1945 (HATSCHBACH), El Dorado, janeiro de 1945 (HATSCHBACH).

Distingue-se de *P. busiris* por apresentar as cerdas dos palpos, a barba, a pilosidade do vértice e a coroa de cerdas occipitais de cor amarela e não preta; pela cor do tórax inteiramente avermelhada, ferruginosa, e não pardo-escura; pela coloração amarela de todas as tíbias e não somente as das pernas anteriores como em *busiris*; pela coloração amarela e preta dos segmentos abdominais e não ferruginosa com a borda posterior preta.

Esta espécie concorda muito bem com a diagnose de *Dasygogon spectans* Walker, 1851, descrita sem indicação de pátria. A única diferença de vulto que constatamos está no segundo segmento abdominal que WALKER diz ser preto, enquanto que em *langei* esse segmento é amarelo claro com a base e a borda posterior preta. Si admitirmos que WALKER considerou a pseudo-sutura existente no segundo segmento como uma verdadeira sutura formando dois segmentos, então a sua diagnose concordaria com os caracteres do nosso material nesse ponto, mas, neste caso, êle teria citado oito segmentos abdominais e não sete como se depreende de sua diagnose.

DIOGMITES Loew

Diogmites LOEW, 1866, p. 21 (Cent. VII N.º 36, nota); OSTEN SACKEN, 1878, p. 72; 1887, p. 173; MALLOCH, 1928, p. 299; ENGEL, 1929, p. 469; BROMLEY, 1936, p. 225; CARRERA, 1948, p. 115-116.

CARACTERES — Cabeça: face nunca tão larga quanto a largura de um olho, plana em cima, pouco saliente na borda bucal; mistax formado por cerdas situadas na margem da boca ou ocupando, no máximo, o terço inferior da face; fronte um pouco alargada no meio, com pilosidade lateral raramente abundante; calo ocelar com um par de cerdas desenvolvidas; probóscida fina no ápice, quilhada em cima; segundo artículo dos palpos unido ao primeiro de forma contínua, sem ângulo, mais desenvolvido que o primeiro, articulação, às vezes, pouco nítida; antenas com o segundo artículo um pouco maior que o primeiro, o terceiro nunca menor que os basais reunidos; o terceiro artículo é fusiforme, com um minúsculo espinho no ápice e pilosidade ao longo da borda dorsal.

Tórax com pilosidade não muito abundante; cerdas geralmente desenvolvidas; dorso-centrais, às vezes, atrofiadas; escutelo com um par de cerdas marginais.

Pernas robustas, mas nunca muito entumecidas; garras pontiagudas; pulvilos raramente menores que a metade das garras.

Asas quase sempre estreitas e não ultrapassando o ápice do abdômen (em *coffeatus* são largas e ultrapassam o ápice do abdômen); quarta célula posterior fechada.

Abdômen geralmente mais largo na base, mas a forma clavada se encontra em algumas espécies, principalmente nas ♀♀; a pilosidade abdominal nunca é abundante; genitália do ♂ saliente, de tamanho

moderado, com uma rotação aproximadamente de 90 graus, pois o proctiger fica situado num dos lados do abdômen.

GENÓTIPO: *Diogmites platypterus* Loew, 1866, por designação de COQUILLET, 1910.

Não conhecemos o genótipo que é uma espécie da América do Norte. Os caracteres que mencionamos para o gênero foram obtidos das espécies que examinamos.

Durante algum tempo foi este gênero considerado, erradamente, sinônimo de *Deromyia* Philippi, 1865. Hoje, porém, os seus caracteres estão perfeitamente estabelecidos e acreditamos não mais seja possível esta confusão que teve seu início com VAN DER WULP (1882) e foi continuada pelo apoio insistente de WILLISTON, apesar das contestações de OSTEN SACKEN. COQUILLET em 1910, estabelece os genótipos desses gêneros, considerando-os porém como sinônimos, aliás como já o fizera ALDRICH (1905) e KERTÉSZ (1909) em seus catálogos. Em 1928, MALLOCH, e em 1929, ENGEL, assinalam as flagrantes diferenças entre esses dois gêneros, indicando assim a impossibilidade de união de ambos. Apesar disso, *Deromyia* e *Diogmites* continuaram a figurar como um só gênero, até que em 1936, BROMLEY estabelece definitivamente a sua separação, depois de ter estudado espécies do Chile, pátria do genótipo de *Deromyia*, e espécies dos Estados Unidos, pátria do genótipo de *Diogmites*.

As espécies brasileiras de *Diogmites* que conhecemos, apresentam o corpo alongado, pilosidade pouco abundante e sempre recumbente, isto é, estendida sobre o tegumento; a coloração geral varia, sendo o amarelo, vermelho e castanho as cores predominantes; a face é sempre mais estreita que a largura de um olho; o mistax raramente se eleva acima da borda bucal; o mesonoto ora apresenta faixas longitudinais muito nítidas como em *winthemii* e *vulgaris*, ora muito apagadas como em *coffeatus*; cerdas dorso-centrais posteriores geralmente desenvolvidas, mas às vezes obsoletas como em *anomalus* e *vulgaris*; o abdômen, às vezes é levemente estrangulado na sua porção basal, às vezes é mais largo na base que no ápice; pode ser unicolor como em *castaneus* ou com manchas escuras formando diferentes desenhos; a pilosidade do abdômen é muito escassa e curta; as pernas geralmente são pouco pilosas, mas apresentam grossas cerdas, em maior número nas tíbias e nos tarsos; os pulvilos são de tamanho normal, mas em *anomalus* eles são muito curtos nas pernas posteriores; a nervulação das asas sofre poucas modificações; em um parátipo de *anomalus* a célula marginal é fechada na borda da asa; a coloração das asas é, às vezes, quase hialina como em *wygodzinkyi*, às vezes coloridas de amarelo em toda a sua superfície como em *coffeatus* ou mesmo bastante sombreadas como em *obscurus*.

Entre o material à nossa mão encontramos várias espécies para as quais nenhuma diagnose se adaptava perfeitamente, sendo por isso descritas como novas.

Acreditamos que várias espécies descritas no antigo gênero *Dasy-pogon*, nada mais sejam que verdadeiros *Diogmites*, mas o seu reconhecimento se reveste de grande dificuldade, pois suas diagnoses, além de reduzidas, acentuam geralmente caracteres comuns a muitas. Não só por isso, mas também pelas inúmeras espécies desconhecidas que a nossa fauna deve conter, achamos que o número das aqui tratadas representam apenas uma minoria insignificante.

Com o fim de facilitar o reconhecimento das espécies aqui estudadas, apresentamos a seguinte chave:

CHAVE PARA ESPÉCIES DE *DIOGMITES*

- 1 — Coloração geral preta; asas amarelas 2
 Coloração geral amarela, castanha ou vermelha, unicolor ou com manchas pretas; asas claras, raramente amareladas ou escuras 3
- 2 — Antenas pretas; segundo e terceiro segmentos abdominais apenas com a margem posterior cinzenta *coffeatus* (Wied.)
 Antenas amarelo-avermelhadas; segundo, terceiro e quarto segmentos abdominais com a metade posterior, ou pouco menos, cinzenta *nigricauda* Curran
- 3 — Asas com um intenso sombreado pardacento ao longo das nervuras, deixando apenas um claro no meio das células *obscurus*, n. sp.
 Asas claras ou muito levemente escurecidas 4
- 4 — Tergitos do abdômen com manchas escuras, arredondadas e centrais; cerdas dorso-centrais atrofiadas *anomalous* Carrera
 Tergitos do abdômen com marcações diferentes; cerdas dorso-centrais desenvolvidas (em *vulgaris* as dorso-centrais são pequenas, mas o abdômen tem outra coloração e é coarctado) 5
- 5 — Abdômen mais estreito no segundo e terceiro segmentos; os três últimos tergitos de cor preta e os anteriores amarelos com ou sem manchas pretas 6
 Abdômen de lados paralelos, ou mais largos anteriormente e com outra coloração 7
- 6 — Faixa mediana do mesonoto não alargada anteriormente até os calos umerais; cerdas dorso-centrais menores que a metade das laterais (fig. 12) *vulgaris* Carrera
 Faixa mediana do mesonoto alargada anteriormente até atrás dos calos umerais; cerdas dorso-centrais posteriores grandes *bifasciatus*, n. sp.
- 7 — Mesonoto com faixas longitudinais pretas ou castanho-escuras, havendo um nítido contraste com a cor clara da pruinosidade que recobre o resto do mesonoto 8
 Mesonoto com faixas longitudinais castanho-claras, não havendo contraste nítido com a pruinosidade do resto do mesonoto 11
- 8 — Tíbias posteriores com o terço apical preto; ápice do basitarso e os tarsos restantes das pernas posteriores pretos; tergitos do abdômen sem pruinosidade clara nas margens laterais 9
 Tíbias posteriores unicolores ou apenas escurecidas no ápice; tarsos posteriores avermelhados ou amarelos com o ápice preto, exceto os dois últimos artículos que são totalmente pretos; tergitos do abdômen com pruinosidade clara nas margens laterais 10
- 9 — Faixa mediana do mesonoto recobrimdo também a região mediana do pronoto; escutelo amarelo avermelhado (fig. 11) *winthemi* (Wied.)
 Faixa mediana do mesonoto não se estendendo ao pronoto; escutelo escuro dorsalmente *parvus*, Carrera
- 10 — Tergitos do abdômen avermelhados e com pruinosidade cinza nas margens laterais; tíbias e tarsos posteriores vermelhos *wygodzinskyi*, n. sp.

- Tergitos do abdômen com pruinoidade amarela nas margens laterais e posterior, castanho no meio e escuro no resto; tíbias e tarsos posteriores amarelos e com o ápice escurecido, exceto os dois últimos artículos que são totalmente pretos *bromleyi* n. sp.
- 11 — Tergitos do abdômen amarelo-claros nas margens laterais e posterior, castanho-claros no meio e no restante escuro; espécie pequena (12 mm.) .. *alvesi*, n. sp.
- Tergitos do abdômen quase inteiramente castanhos, apenas as margens laterais são levemente mais claras; espécies grandes (14 — 24 mm.) 12
- 12 — Abdômen com pilosidade muito curta, preta dorsal e amarela lateralmente; espécie delgada e de cor geral pardacenta *ferrugineus* (Arribalz.)
- Abdômen com pilosidade amarela, longa lateralmente; espécie robusta e de cor geral castanho-avermelhada (fig. 13) *castaneus* (Macq.)

Muitas espécies, por nós consideradas como verdadeiros *Diogmites*, não puderam ser incluídas nesta chave. São elas: *lineola* Bromley, *maculatus* Curran, *brunneus* (F.), *intactus* (Wied.), *aberrans* (Wied.), *inclusus* (Walker) e *examinans* (Walker).

Dasygogon fasciatus Macq., 1834, segundo a sua diagnose não possui esporão na tíbia anterior, não sendo, portanto, um *Diogmites*.

Diogmites coffeatus (Wied.)

(Fig. 16)

Dasygogon coffeatus WIED., 1819, p. 49; 1828, p. 374.

REDESCRIPÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo, sem antenas 14 — 21 mm.: asa 12 — 18 mm.

Cabeça (fig. 45): fronte com pruinoidade parda muito escura, às vezes mais clara na margem ocular; calo ocelar preto e com 2 ou 4 pequenas cerdas pretas; vértice preto com alguma pruinoidade parda; occipício preto com manchas pruinoidas de cor amarelo-esbranquiçadas situadas na órbita ocular e no meio, isto é, uma em cada lado do pescoço; cerdas pretas em cima e branco-amareladas em baixo; barba amarelada; probóscida preta brilhante com alguns pêlos amarelados em baixo; palpos castanho-escuros com cerdas e pêlos pretos; face com tegumento preto revestida de pruinoidade amarelada, mais escura no meio e nua nos lados da borda bucal; mistax composto de cerdas brancas; antenas (fig. 85) pretas com cerdas pretas, o 2.º artículo mais claro, principalmente no ápice e uma vez e meia maior que o 1.º; o 3.º uma vez e meia tão longo quanto os basais reunidos.

Tórax: protórax preto com pruinoidade castanha, cerdas pretas e algumas brancas em baixo; calos umerais com pruinoidade castanha; mesonoto preto, com a faixa mediana dividida anteriormente por pruina amarela, que se torna castanha posteriormente; atrás dos calos umerais existe mancha triangular de pruina amarela ou castanha de acordo com a incidência de luz, manchas estas que se estendem ao longo da faixa mediana, separando-a de duas regiões pretas laterais; duas pequenas manchas pruinoidas amarelas se encontram no meio do mesonoto ao nível da sutura transversa; nas margens laterais há pruinoidade amarela que se estende até o calo pós-alar; cerdas pretas; dorso-centrais posteriores desenvolvidas; cerdas laterais: 2 ou 3 — 2 — 2; escutelo preto com pruinoidade castanha e duas longas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar preta revestida de pruinoidade castanha; pleuras pretas recobertas de pruinoidade castanha, exceto no canto inferior da "mesopleura", no lado anterior da "pteropleura" e em baixo

da "hypopleura", onde existe pruinosidade dourada; espiráculos com pruinosidade amarela; "metapleura" com cerdas e pêlos pretos.

Pernas: coxas pretas revestidas de pruina amarela e com pêlos e cerdas amarelados; os dois pares de pernas anteriores são amarelos, exceto na face dorsal dos fêmures e das tíbias que são pretos; pernas posteriores pretas exceto os tarsos que são amarelos; nas fêmeas os fêmures e tíbias posteriores são mais escuros, muitas vezes quase pretos; na face ventral das tíbias e dos basitarsos das pernas anteriores e posteriores existe densa e curta pilosidade dourada que é mais abundante nas posteriores; cerdas pretas; pulvilos amarelos e quase do tamanho das garras.

Asas (fig. 174) inteiramente amarelas, mais intenso na margem anterior; nervuras amarelas; nervura transversa anterior situada quase sobre o meio da célula discal. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen preto; o 1.º tergito, na metade anterior, com manchas laterais par-dacentas e arredondadas, nos lados com alguns pêlos brancos e cerdas pretas e pêlos brancos na margem posterior; 2.º e 3.º tergitos com esparsa pilosidade branca nas margens laterais e posterior onde existe também pruinosidade branca; os outros tergitos completamente pretos e mais brilhantes; revestidos de pilosidade preta nos ♂♂, havendo nas ♀♀ pilosidade e cerdas amarelas nos dois últimos segmentos; esternitos acompanhando a coloração dos tergitos, mas a pilosidade branca é espalhada e esparsa; genitália dos ♂♂ com uma torção de 90 graus e de cor amarela com longas cerdas amarelas e alguns pêlos pretos; genitália da ♀ com espinhos avermelhados e pêlos amarelos.

Como só o ♂ desta espécie foi descrito, consideramos como alótipo um espécime ♀ N.º 62.244, capturado no Estado de São Paulo, Mogi das Cruzes.

MATERIAL EXAMINADO. — 6 ♂♂ e 19 ♀♀; os espécimes Nos. 62.244, 62.227, 62.270, 62.272 a 62.275 e 111.102 a 111.109 pertencem à coleção deste Departamento.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Mogi das Cruzes, fevereiro de 1938 e janeiro de 1939 (M. CARRERA). — Estado do Rio de Janeiro: Nova Friburgo, 900 mts., janeiro de 1946 (WYGODZINSKY); Distrito Federal, abril de 1938 (S.F.A.); Palmeiras, dezembro de 1938 e janeiro de 1939 (S. LOPES); P. Frontin, novembro de 1937 (A. MELO); Terezópolis, abril de 1938 (S.F.A.); Itatiaia, 800 mts., dezembro de 1933 (LOPES e CUNHA). — Estado de Minas Gerais: Cambuquira, fevereiro de 1941 (LOPES e GOMES); Mariana, março de 1919 (FONSECA).

Esta espécie é afim de *nigricauda* Curran, da qual se distingue pelas antenas pretas e pela cor do abdômen que apresenta marcações bastante diferentes das de *nigricauda*.

Diogmites nigricauda (Curran)

Deromyia nigricauda CURRAN, 1925, p. 259; BROMLEY, in CURRAN, 1934, p. 335.

Nada temos para acrescentar à diagnose original desta espécie que é muito próxima de *coffeatus* (Wied.), da qual se distingue pelos caracteres assinalados em nossa chave. Examinamos dois exemplares ♀♀ da Guiana Inglesa de onde ela foi descrita.

DIAGNOSE ORIGINAL: "Length, 22 to 24 mm. Male. Head rusty yellowish, clothed with whitish pollen on the face and lower portion of the occiput. Mystax composed of whitish or yellowish tinged bristles in a shallow triangle, those above the oral row much weaker. Beard white or very pale yellowish; bristles behind the eyes, pale below, becoming brown above. Proboscis shining brown, with basal third reddish, the hairs yellow; palpi reddish, with yellow bristles and a few black ones intermixed. Antennae reddish yellow, the third segment reddish brown; antennal bristles brown; third segment bristly above on the basal half.

Thorax reddish brown; mesonotum brown, from posterior view with a pair of moderately separated golden median vittae which connect along the suture and along the humeri with the golden pollinose lateral margins; pleura with more greyish pollen which has a brassy tinge or is even quite brassy, the mesopleura, however, with more brownish pollen. Hairs and bristles of the dorsum black; acrostical hairs obsolete before the scutellum; dorso-central bristles only developed behind the wing-base, longer behind but nevertheless short and weak. Humeri with yellowish hairs and three short black bristles in front. Sternopleura with some fine yellow hair above. Scutellum reddish, golden pollinose on the flat upper surface; two black apical bristles.

Legs rusty reddish yellow; posterior tibiae ferruginous except the under side; posterior tarsi ferruginous except the first segment; apical two segments of the anterior four tarsi and the immediate apices of the preceding segments and of the tibiae, ferruginous. Anterior basitarsus with a patch of strong, almost parallel-sided "tubercles" basally and without bristles beneath.

Wings strongly tinged with luteous, the broad apical and posterior border darker. Halteres reddish.

First abdominal segment brown with narrow grey pollinose apex, the sides rusty reddish; base of second segment reddish except in the middle, apical half gray, the intermediate portion opaque black. Third and fourth segments chiefly gray, the opaque black base widened in the middle; apices of second and third segments narrowly yellow. Fifth to seventh segments opaque brownish black, with black hair. Sides of first four segments clothed with brownish pollen and yellowish to reddish hair, the hair elsewhere black. Genitalia ferruginous.

Female. Eighth abdominal segment opaque brownish black with the margin shining; ovipositor with five fairly strong spines on either side."

Diogmites obscurus, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 18 mm; da asa 17 mm.

Cabeça: face avermelhada, recoberta de pruiniosidade amarela, pouco mais larga que a metade da largura de um olho; mistax formado por cerdas amareladas; fronte e vértice com a mesma coloração e pruiniosidade da face, com alguns pequenos pêlos pretos junto à margem ocular; calo acelar recoberto com a mesma pruiniosidade da fronte e com dois pequenos pêlos pretos; occipício recoberto de pruiniosidade dourada, exceto nos lados, em cima, onde existem duas manchas escuras com a forma de um crescente lunar; cerdas pós-ocelares amarelo-avermelhadas, uma delas quase preta; cerdas da coroa occipital amarelo-avermelhadas; barba amarelada; probóscida preta, brilhante; palpos castanhos, com curtos pêlos pretos; antenas amarelo-avermelhadas, com pequenas cerdas pretas, no segundo artículo há uma bem maior que as outras; terceiro artículo pouco maior que os dois basais reunidos.

Tórax recoberto de pruiniosidade pardo-amarelada; no protórax existe pilosidade amarela lateral e algumas pequenas cerdas pretas ou castanhas na margem anterior do pronoto; mesonoto com faixas pardo-avermelhadas pouco distintas; pêlos e cerdas pretos; uma nos calos umerais, três pré-suturais, duas supra-alares e duas nos calos pós-alares; dorso-centrais aparentemente reduzidas, pois no único exemplar que possuímos só se encontram, posteriormente, duas pequenas cicatrizes destas cerdas; escutelo com duas cerdas pretas marginais, avermelhado e recoberto com a mesma pruiniosidade do mesonoto; região pós-escutelar dourada; pleuras com pruiniosidade pardo-amarelada; "metapleura" com algumas cerdas e pêlos pretos.

Pernas avermelhadas com o ápice das tíbias medianas e posteriores nitidamente escurecidos; em todas as pernas o ápice dos basitarsos, a metade apical do segundo artículo tarsal e todos os tarsos restantes são pretos; pilosidade preta, exceto na face ventral das tíbias e dos basitarsos das pernas anteriores e posteriores onde a pilosidade é amarelo-pardacenta. Garras pretas; pulvilos amarelo-avermelhados.

Asas (fig. 177) com intenso sombreado pardacento ao longo das nervuras, ficando as células com uma região clara no meio; célula anal estreitamente aberta;

existe, em direção ao interior da célula discal, um apêndice de nervura quase em continuação à nervura M2. Halteres pardo-amarelados, mais escuro no capítulo.

Abdômen castanho pardacento; sobre o dorso dos segmentos encontra-se pequenas manchas enegrecidas com uma disposição irregular; o último tergito brilhante; o primeiro segmento com algumas cerdas pretas laterais e rala pilosidade amarelada; pilosidade curta e preta existe espalhada sobre os tergitos; ventre com a mesma cor e pilosidade dos tergitos. Genitália brilhante, com espinhos avermelhados e curta pilosidade preta.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: — Holótipo ♀ N. 62.271, depositado na coleção do Depto. de Zoologia, Preando um Hymenoptero (Formicidae).

LOCALIDADE TIPO. — Estado de Goiaz dezembro de 1933 (R. SPITZ).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Entre todos os *Diogmites* Sul Americanos, êste é o único que conhecemos com as asas tão intensamente enfuscadas de pardacento. A espécie que maiores afinidades parece apresentar com *obscurus*, é *sallei* Bellardi, 1861, descrita do México. A separação entre estas duas espécies, entretanto, pode ser feita facilmente pela coloração preta existente nos tarsos de *obscurus*.

Com referência às outras espécies do gênero ela pode ser distinguida pelos seguintes caracteres: enfuscamento pardacento das asas; pouca nitidez das faixas escuras do mesonoto; cor castanha, praticamente uniforme, existente no abdômen; cor preta dos artículos tarsais.

Diogmites anomalus Carrera

Diogmites anomalus CARRERA, 1947, p. 40.

DIAGNOSE ORIGINAL: — ♀. Comprimento do corpo, sem antenas 16 — 18 mms.; da asa 12,5 — 13,5 mm.

Cabeça (figs. 40 e 41): Face, fronte, vértice e occipício recobertos de pruinosidade amarela; mistax branco; tubérculo ocelar com ocelos de cor castanho-escura e duas cerdas pretas, havendo, às vezes, também pêlos amarelos; barba e cerdas do occipício amarelas; probóscida castanho-escura com a base ocrácea, tendo dois ou três pêlos brancos em baixo, quase no meio; palpos amarelo-avermelhados com cerdas e pêlos amarelos; antenas (fig. 79) amarelo-avermelhadas, o terceiro artículo pouco mais escuro; o primeiro com algumas pequenas cerdas amarelas e alguns pêlos pretos; o segundo com cerdas pretas, uma bem desenvolvida, e alguns pêlos amarelos.

Tórax amarelo-polinoso; cerdas do pronoto amarelas; mesonoto com três faixas longitudinais de cor pardacenta, as laterais com a forma de manchas alongadas interrompidas na sutura transversa e a mediana que não se estende pelo pronoto é dividida ao meio por uma linha de polinosidade amarela que não alcança a extremidade anterior dessa faixa; cerdas pretas; 1 nos calos umerais, 3 pré-suturais, 2 supra-alares e 2 nos calos pós-alares em mistura com alguns pêlos amarelos; cerdas dorso-centrais não se diferenciando das pequeninas cerdas que existem sobre o mesonoto; escutelo inteiramente amarelo-polinoso com 2 longas cerdas pretas; calosidades situadas antes dos halteres com cerdas e pêlos amarelos.

Pernas amarelo-avermelhadas com cerdas pretas; coxas com polinosidade e cerdas amarelas; os três últimos tarsos das pernas anteriores e medianas, o ápice das tíbias posteriores, o ápice do basitarso posterior e todos os outros tarsos das pernas posteriores são pouco mais escuros que o restante das pernas, tendo uma cor avermelhada mais intensa; os pulvilos das pernas anteriores pouco maiores que a metade das garras; os pulvilos das pernas medianas e posteriores chegam somente até o meio das garras.

Asas (fig. 175) quase hialinas, com muito tênue tintura amarelada; no ápice levemente mais escura; nervuras pardacentas; a transversa anterior situada bem antes do meio da célula discal; célula anal aberta; em um parátipo a célula marginal é fechada, pois a segunda nervura longitudinal termina no mesmo ponto em que a primeira.

Abdômen: os seis primeiros tergitos apresentam larga mancha preta mediana, sendo os lados e a borda posterior recobertos de pruiniosidade amarela; às vezes, os lados do 3.º, 4.º e 5.º segmentos apresentam mancha linear escura que parte da borda anterior mas não chega até a posterior; o 7.º e 8.º segmentos amarelo-avermelhados, brilhantes; curta pilosidade amarela e preta, muito esparsa, existe em todos os segmentos; o primeiro tergito tem nos lados cerdas e finos pêlos amarelos; ventre inteiramente recoberto de pruiniosidade amarelo-esbranquiçada; genitália com pêlos amarelos e grossos espinhos pretos.

♂. — Desconhecido".

Confrontando a diagnose de *Dasygogon intactus* Wied., 1828, com o material que serviu para a descrição de *anomalus*, verificamos grande semelhança de caracteres entre ambas. Podemos assinalar, entretanto, as seguintes diferenças: as manchas laterais do mesonoto de *anomalus* são alongadas e não arredondadas; as manchas douradas, nos lados dos segmentos abdominais, não têm a forma triangular, sendo antes bem extensas e cobrindo todos os tergitos, exceto na porção mediana dorsal de cada um que é pardacento; a coloração geral dos segmentos abdominais é amarelo-dourada bem clara e não escura como em *intactus*; os dois últimos segmentos abdominais em *anomalus* são amarelo-vivos, brilhantes, e em *intactus* são os três últimos segmentos abdominais lisos e avermelhados. Em *anomalus*, às vezes, próximo às margens laterais dos segmentos do abdômen encontra-se, de cada lado, u'a mancha pardacenta, alongada, que não alcança a borda posterior, carácter não assinalado para *intactus*.

Examinamos o material típico desta espécie pertencente ao Departamento de Zoologia que consta do seguinte: 1 ♀ N° 62.229 (holótipo), São Paulo, Ipiranga, janeiro de 1940 (F. LANE); 1 ♀ N° 103.949 (parátipo), Paraguai, Assunção, fevereiro de 1944 (Miss. Cient. Bras.) e 1 ♂ (parátipo) da coleção do Instituto Biológico, capturada em Mato Grosso, Fazenda Murtinho, dezembro de 1929 (R. SPITZ col.).

Diogmites vulgaris Carrera

(Fig. 12)

Diogmites lindigii CARRERA, 1947, p. 39 (nec SCHINER, 1868).

Diogmites vulgaris CARRERA, 1947, p. 266.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 12 — 19 mm.; da asa 11 — 18 mm.

Cabeça (figs. 42 e 43): face pouco mais larga que a metade da largura de um olho, recoberta de pruiniosidade amarelo-esbranquiçada; mistax formado por cerdas branco-amareladas e situadas na borda bucal; fronte com pruiniosidade amarela e com alguns pequenos pêlos pretos na margem ocular; vértice e calo ocelar pardo escuro, este último com duas pequenas cerdas pretas; occipício com pruiniosidade amarelada e duas manchas escuras, transversais, superiormente; cerdas pós-ocelares pretas, cerdas da coroa occipital pretas em cima e amareladas em baixo; barba branco-amarelada; probóscida preto-brilhante com o terço basal amarelo; palpos (fig. 114) amarelo-avermelhado com pêlos pretos em cima e ama-

relados em baixo; antenas (fig. 82) amarelo-avermelhadas com pequeninas cerdas pretas que no terceiro articulo se estendem até pouco além da metade basal da borda superior; o segundo articulo maior que o primeiro, o terceiro maior que os dois basais reunidos e discretamente dilatado no meio.

Tórax recoberto de pruiniosidade amarela; protórax com pêlos amarelados e pequenas cerdas pretas no pronoto; mesonoto com três faixas longitudinais negras, a mediana cobrindo um pouco o protórax, não expandida na parte anterior mas fina na posterior, dividida longitudinalmente por uma linha muito nítida e amarelada na frente, pardacenta, muito fina e ténue atrás; as faixas laterais divididas pela sutura transversa, formando na frente mancha oblonga e atrás mancha cuneiforme; a pruiniosidade que recobre os calos umerais é de um amarelo mais vivo que a do resto do tórax; pequenos pêlos setiformes de cor preta existem sobre o mesonoto, alguns se estendendo ao longo da parte clara que separa as faixas longitudinais e formando duas ou três dorso-centrais posteriores, que se distinguem das outras cerdinhas da série por serem pouco mais desenvolvidas; cerdas pretas; uma pequena nos calos umerais, duas ou três pré-suturais, duas supra-alares e uma pós-alar (nos parátipos de Goiás existem duas pós-alares); escutelo com pruiniosidade amarela um pouco sombreada no dorso, mas marginalmente de um amarelo vivo; as duas cerdas marginais pretas; região pós-escutelar amarelada com um leve sombreado em baixo do escutelo. Pleuras com pruiniosidade amarela, com uma sombra cinzenta escura se estendendo desde a porção superior da "mesopleura" até a região que fica entre as coxas anteriores e medianas, e daqui pela porção inferior das pleuras; "metapleura" com uma fileira de cerdas pretas e alguns pêlos amarelos.

Pernas (Pr. 16, figs. 145 e 149): coxas recobertas de pruiniosidade amarelo-esbranquiçada com pêlos e cerdas dessa mesma cor; o resto das pernas amarelo avermelhado com pêlos e cerdas pretos sempre muito custos; existe sempre pequena mancha preta no ápice das coxas, na margem interna dos trocânteres e na articulação dos fêmures com as tíbias; o ápice das tíbias e dos tarsos são avermelhados; a face ventral das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores está recoberta por densa e curta pilosidade amarela que, muito escassamente, também existe nos tarsos restantes, mesmo nos das pernas medianas. Garras pretas; pulvilos amarelados e bem maiores que a metade das garras.

Asas levemente amareladas, iridescentes, a metade posterior recoberta por densa microtríquia dando a essa região uma tonalidade cinzenta; nervuras ferruginosas. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen do ♂: — O segundo e terceiro segmentos são mais estreitos que os restantes; sobre os tergitos existe curta pilosidade preta dorsal e amarela lateral; o primeiro segmento é largamente amarelo na margem anterior e muito finamente na posterior, sendo preto no meio e tendo nos lados algumas cerdas pretas e pêlos amarelos; o segundo segmento é amarelo e tem, anteriormente, duas pequenas manchas arredondadas e pardacentas, uma de cada lado, e, lateralmente, outra mancha alongada e da mesma cor que não alcança margem alguma; o terceiro segmento é amarelo com um pequeno sombreado escuro lateral; o quarto é amarelo nas margens e pardo-escuro no meio; o quinto, sexto e sétimo pardo-escuros no dorso e com um fino friso amarelo nas bordas posterior e laterais; nos lados destes segmentos existe esparsa pruiniosidade clara que forma u'a mancha sub-triangular por onde se estende a pilosidade amarela já referida; ventre com os três últimos esternitos mais escuros, recobertos de pruiniosidade clara e com pequenos pêlos amarelos. Genitália (figs. 203 a 210) pardo-amarelada, brilhante, com longa pilosidade amarela.

A coloração do abdômen em alguns parátipos apresenta variações que se resumem nas seguintes: o segundo e terceiro segmentos são pardo-escuros em cima e pretos nas margens laterais, sendo os segmentos restantes pretos e com pilosidade amarela muito escassa; ventre quase inteiramente preto. Em outros exemplares

a pilosidade amarela nas margens laterais dos segmentos é muito nítida, o segundo e terceiro segmentos são pardo-escuros na parte anterior, amarelos na margem posterior e pretos no meio, sendo os segmentos posteriores pretos, às vezes, brilhantes, com ou sem friso amarelo na margem posterior; genitália preta e avermelhada.

Abdômen da ♀: só o segundo segmento é mais estreito que os restantes que formam um conjunto fusiforme; primeiro e segundo segmentos com a disposição de manchas semelhantes às do macho, sendo as cores, entretanto, mais escuras; o terceiro segmento tem as margens laterais e posterior amarelas e no dorso uma mistura irregular de escuro com vermelho; quarto, quinto, sexto e sétimo segmentos pretos com as margens laterais e posterior finamente amarelas, conforme a incidência luminosa estes segmentos apresentam-se recobertos de pruina amarelo-avermelhada; a pilosidade é semelhante à do macho, exceto lateralmente onde existem muito poucos pêlos amarelos; ventre com pilosidade amarela e pruinoseidade cinzenta revestindo um tegumento avermelhado com sombras escuras; genitália (figs. 198 a 202) com pilosidade dourada e espinhos avermelhados.

Também nas fêmeas encontramos algumas variações na coloração do abdômen. Alguns parátipos apresentam o segundo e o terceiro segmentos inteiramente amarelo-avermelhados, sendo os restantes pretos, brilhantes, com a borda posterior amarela, em maior extensão no quarto segmento, diminuindo nos segmentos seguintes. Em outros parátipos o segundo segmento é amarelo avermelhado em cima e em todas as margens, ficando de cada lado, u'a mancha preta irregular; pilosidade amarela lateral mais conspícua. Existem espécimes nos quais o abdômen é completamente escuro, percebendo-se, levemente, pruinoseidade amarela lateral avançando para o dorso dos segmentos.

MATERIAL EXAMINADO. — Holótipo ♂ N.º 111.025 e alótipo ♀ N.º 111.026 depositados na coleção do Departamento de Zoologia. 85 parátipos (25 ♂♂ e 60 ♀♀) que foram assim distribuídos: 11 ♂♂ e 31 ♀♀ Nos. 111.027 a 111.038, 62.224 a 62.226, 62.276, 62.277, 62.279, 62.340, 62.314 e 62.316 a 62.324 depositados no Departamento de Zoologia; 2 ♂♂ e 4 ♀♀ na coleção do Instituto Biológico de São Paulo; 2 ♂♂ e 5 ♀♀ na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; 1 ♂ e 5 ♀♀ na coleção do Museu Paranaense de Curitiba; 4 ♂♂ e 4 ♀♀ entregues ao Dr. MAURO P. BARRETTO da Faculdade de Medicina de São Paulo; 2 ♀♀ na coleção do Instituto Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro; 1 ♂ e 2 ♀♀ enviados ao Dr. STANLEY W. BROMLEY; 1 ♂ e 2 ♀♀ enviados ao United States National Museum de Washington; 1 ♂ e 1 ♀ enviados ao Museum of Comparative Zoology; 1 ♂ e 1 ♀ enviados ao British Museum of Natural History de Londres.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Guatapará, janeiro de 1945 (M. CARRERA col.).

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Rio Claro, outubro de 1939 e janeiro de 1941 (Pde. PEREIRA); Várzea, janeiro de 1941 (M. CARREIRA); Leme, fevereiro de 1930 (M. C. LEITE); Onda Verde, janeiro de 1946 (F. LANE); São José dos Campos, dezembro de 1934 (H. S. LOPES); Capital, janeiro de 1930 e janeiro de 1933 (M. C. LEITE), dezembro de 1940 (M. CARRERA), janeiro de 1941 (D'AMICO), fevereiro de 1944 (O. M. PINTO), janeiro de 1945 (A. ZOPPEI), dezembro de 1945 (M. P. BARRETTO); Cajurú, fevereiro de 1947 (M. P. BARRETTO). — Estado de Goiás: Campinas, dezembro de 1935, janeiro de 1936 e fevereiro de 1936 (R. SPITZ), dezembro de 1936 (BORGMEIER e H. S. LOPES). — Estado de Minas Gerais: Pouso Alegre, janeiro de 1946 (Pde. PEREIRA); Arceburgo, dezembro de 1946 (M. P. BARRETTO).

O segundo e terceiro segmentos abdominais desta espécie apresentam grande variação de cor, sendo, às vezes, completamente amarelos, às vezes com manchas pretas ou mesmo inteiramente pretos, exceto nas margens. A coloração do abdômen de *Dasygogon lindigii* Schiner com

a qual *vulgaris* foi a princípio confundida faz lembrar um *Blepharepium*, pela cor dos segmentos abdominais.

Pela vulgaridade do material que possuímos, achamos provável tenha esta espécie já sido descrita por algum outro autor e colocada em outro gênero, talvez mesmo o antigo *Dasypogon*.

As suas relações com as outras espécies do gênero podem ser verificadas pela chave que organizamos. A espécie que mais se lhe aproxima está descrita em seguida com o nome de *bifasciatus*.

Diogmites bifasciatus, n. sp.

♂ ♀ : — Comprimento do corpo 13 — 18 mm.; da asa 12,5 — 15,5 mm.

Cabeça: face tão larga quanto a metade da largura de um olho, recoberta de pruinose dourada; mistax formado por cerdas e alguns pêlos amarelo-esbranquiçados situados sobre a borda bucal; fronte recoberta de pruinose amarela, mais escura na base das antenas, onde, pouco acima, se encontra uma mancha preta, com a forma de um losango; junto à órbita ocular existem alguns pêlos pretos; calo ocelar pardo escuro com duas ou quatro pequenas cerdas pretas; vértice pardo escuro como o calo ocelar e com alguns curtos pêlos pretos nos lados; occipício com pruinose amarelo-clara exceto atrás do calo ocelar e em duas manchas, uma de cada lado do pescoço, de cor pardacenta como o vértice; cerdas da coroa occipital pretas em cima, amarelas nos lados e em baixo; barba amarela; probóscida pardacenta, brilhante, mais clara na base; palpos pardo-avermelhados, com cerdas pretas e pardacentas, no primeiro artigo com pilosidade amarela; antenas (fig. 87) amarelo-avermelhadas, o terceiro artigo um pouco mais escuro, todos com pequenas cerdas pretas, maiores no segundo artigo de onde se destacam algumas bem grandes; no terceiro estas pequenas cerdas não ultrapassam a metade basal da borda superior; o segundo artigo um pouco mais longo que o primeiro, o terceiro pouco maior que os dois basais reunidos.

Tórax: protórax recoberto de pruinose amarela nos lados e pardacenta em cima, com pequenas cerdas pretas na margem anterior do pronoto e cerdas amarelas nos lobos laterais; mesonoto com três faixas pretas longitudinais, havendo entre elas pruinose amarela; a faixa mediana é bastante dilatada na margem anterior do mesonoto, chegando até quase os calos umerais, e é dividida em toda a sua extensão por uma linha de pruinose amarela sempre nítida na porção anterior; as faixas laterais são interrompidas pela sutura transversa, formando duas manchas, a anterior arredondada e a posterior cuneiforme; calos umerais recobertos de pruinose amarela com duas cerdas pretas e alguns pêlos amarelos que se estendem também pelas margens laterais do mesonoto; sobre as regiões recobertas de pruinose amarela encontram-se pêlos pretos; cerdas pretas; dorso-centrais posteriores mais desenvolvidas que as anteriores; cerdas laterais muito grandes; três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; escutelo inteiramente amarelo dourado nos ♂♂ e nas ♀♀ pardo-amarelado no dorso e amarelo na margem; duas longas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar amarelo-dourada com sombras escuras; pleuras recobertas de pruinose dourada, com duas faixas verticais de pruinose pardacenta, uma desde a "mesopleura", junto ao espiráculo anterior, até entre as coxas das pernas anteriores e medianas, e outra desde a base da asa até as coxas das pernas posteriores; "metpleura" recoberta de pruinose amarela com uma fileira de cerdas pretas e alguns pêlos amarelos.

Pernas amarelas, com cerdas pretas, exceto nas coxas que são recobertas de pruinose dourada com cerdas amareladas; o ápice das coxas, a margem interna dos trocânteres e a articulação do fêmur com a tíbia são de cor preta; curta pilosidade preta existe sobre as pernas, mas na superfície ventral das tíbias e tarsos

do primeiro e terceiro par existe curta e abundante pilosidade amarelo-dourada. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas amareladas com microtríquia abundante no centro das células; nervuras amarelo-avermelhadas. Halteres com a haste amarelo-pardacenta e o capítulo pardo escuro.

Abdômen com os lados quase paralelos, pouco mais estreito que o tórax; primeiro segmento com u'a mancha triangular de cor pardacenta no dorso, sendo os lados e a margem posterior amarelo-dourados, segundo, terceiro e quarto segmentos com mancha pardacenta dorsal e os cantos póstero-laterais e a margem posterior amarelos, assim a cor amarela recobre toda a margem posterior e se expande nos lados onde forma mancha triangular; o quarto segmento às vezes é de coloração apenas mais escura, mas em geral todos segmentos a começar do quarto em diante são pretos, brilhantes, com a margem posterior finamente amarela e, nos lados, sempre com alguma pruinoseidade pardacenta, principalmente nas ♀♀ onde esta pruinoseidade quase recobre todo o oitavo tergito; no primeiro segmento existem algumas cerdas pretas laterais; nos quatro primeiros segmentos se encontra pilosidade amarela sobre as regiões amarelas, sendo lateralmente um pouco alongada e nas regiões de cor pardacenta a pilosidade é preta com raros pêlos amarelos, exceto no oitavo segmento das ♀♀ onde é inteiramente amarela; ventre com os três segmentos basais amarelados e os restantes pardo-escuros. Genitália do ♂ amarela, brilhante, com cerdas e pêlos amarelos; genitália da ♀ com espinhos avermelhados e curtos pêlos amarelados.

TIPOS: — Holótipo ♂ N.º 62.231, alótipo ♀ N.º 62.230 e 3 parátipos (1 ♂ e 2 ♀) n.º 62.315. Dois parátipos (♂ ♀) devolvidos ao Dr. Stanley W. Bromley.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Juquiá, janeiro e outubro de 1939 (J. LANE).

LOCALIDADE ADICIONAL. — Estado de São Paulo: Guarujá, janeiro de 1944 (M. CARRERA).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é afim de *vulgaris*. Distingue-se dela pelos seguintes caracteres principais: a faixa mediana do mesonoto se alarga na margem anterior e escurece a sutura dos calos umerais; as dorso-centrais posteriores são muito desenvolvidas; nas pleuras existem duas faixas pardacentas verticais muito distintas; a coloração do abdômen de *bifasciatus* tem uma leve semelhança com a de *vulgaris*, diferindo pela presença de manchas douradas de forma triangular nos cantos póstero-laterais dos segmentos anteriores, segmentos estes que em *vulgaris* apresentam uma coloração variável, mas geralmente amarela com sombras pretas laterais ou dorsais.

A semelhança dos caracteres desta espécie com os assinalados na diagnose de *Dasypogon fasciatus* Macquart, 1834, descrita da Guiana Francesa, não pode ser tomada em consideração porque essa espécie foi incluída por MACQUART no grupo daquelas que não possuem esporão no ápice das tíbias anteriores, estando fora, portanto, do grupo de espécies de que estamos tratando.

Diogmites winthemi (Wied.)

(Fig. 11)

Dasypogon winthemi WIED., 1821, p. 223.

Deromyia winthemi (WIED.), WULF, 1882, p. 93.

Diogmites winthemi (WIED.), OSTEN SACKEN, 1887, p. 177.

REDESCRIPÇÃO — ♂ ♀. Cabeça: face recoberta de pruinoseidade amarela; mistax formado de cerdas esbranquiçadas, ocupando os 2/3 inferiores da face;

fronte revestida de pruiniosidade amarela havendo entre a base das antenas e o calo ocelar uma linha preta alargada no meio; junto à margem ocular há alguns raros pêlos amarelos; calo ocelar pardacento-escuro com duas cerdas amarelas; vértice preto ou pardacento-escuro; occipício com pruiniosidade amarela ao longo da margem ocular, atrás do vértice e nos lados do pescoço, sendo no resto pardacento escuro como o vértice; cerdas occipitais amarelas; barba amarela; probóscida e palpos (fig. 116) pardacento-escuros, a probóscida amarelada na base, os palpos com o segundo articulo mais globoso que o primeiro, com pilosidade preta; antenas (fig. 89) amarelo-avermelhadas, o primeiro articulo muito claro, o terceiro escurecido no ápice; no primeiro articulo há pequenas cerdas amarelas, no segundo e terceiro pretas, neste último se estendendo pela metade basal da face externa e nos 2/3 basais da borda superior.

Tórax: mesonoto com uma faixa preta que se estende sobre o pronoto e vai até a sutura pré-escutelar; de cada lado dessa faixa se encontram duas manchas pretas ou pardacentas separadas pela pruiniosidade amarela da sutura transversa, sendo a porção anterior da mancha de forma quadrangular e a posterior alongada; o resto do tórax é revestido de pruiniosidade amarela; pilosidade amarela; cerdas dorso-centrais desenvolvidas, as anteriores de cor amarela ou pardacenta, as posteriores grandes e pretas; cerdas laterais pretas: 3 — 2 — 2; escutelo amarelo pardacento, com duas longas cerdas pretas marginais; no meio das pleuras há alguma pilosidade amarela; a "metapleura" com pêlos e cerdas amarelos.

Pernas: coxas com pruiniosidade, pêlos e cerdas amarelos; fêmures e tíbias amarelo-avermelhados, exceto no ápice dos fêmures medianos e posteriores e no ápice das tíbias do último par que são pretos; no primeiro par de pernas o basitarso, o segundo articulo tarsal e a metade basal do terceiro são amarelos, preto no resto; no par mediano o basitarso e a metade basal do segundo articulo são amarelos, sendo preto no restante; no último par o basitarso é amarelo, exceto no ápice que é preto como todos os artigos seguintes; pilosidade preta, exceto nas tíbias e basitarsos onde há pilosidade amarela, muito pouco abundante no par mediano; cerdas pretas, exceto nas tíbias anteriores e medianas onde são amarelo-avermelhadas ou pardacentas. Garras pretas; pulvilos amarelos, grandes.

Asas (fig. 178) levemente amareladas; microtríquia presente no quarto apical da asa e no meio das células da margem posterior e célula discal. Halteres pardacentos, capitulo escuro.

Abdômen amarelo avermelhado, nos ♂♂ um pouco mais escuro, pardacento e com o sexto, sétimo e oitavo tergitos pretos, brilhantes; nas ♀♀ o sétimo e oitavo tergitos são preto-brilhantes no meio e avermelhados lateralmente, às vezes a margem posterior do sexto tergito também é preta; a pilosidade é amarela, exceto nas zonas de cor preta onde tem esta mesma cor; nos ♂♂ há pêlos pretos também nos outros segmentos; nos lados do primeiro segmento existem cerdas amarelo-avermelhadas; ventre amarelo-pardacento, com pilosidade amarela. Genitália dos ♂♂ vermelho-escuro com pêlos e cerdas pretos; da ♀ com espinhos avermelhados.

MATERIAL EXAMINADO. — 6 ♂♂ e 19 ♀♀ (6 ♂♂ e 10 ♀♀ com os números 62.228, 62.232, 62.236 e 111.110 a 111.122).

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Rio de Janeiro: Distrito Federal, outubro e dezembro de 1937, abril e maio de 1938, janeiro e dezembro de 1939 (S. F. A.), março de 1940 (R. C. SHANNON); Petrópolis, 1930 (VOGEL), fevereiro de 1934 (R. UETER); Terezópolis, janeiro de 1940 (LOPES); Jacarepaguá, novembro de 1932 (H. S. LOPES); Angra dos Reis, janeiro de 1935 (D. MENDES). — Estado de Minas Gerais: Cambuqueira, janeiro de 1938 (S.F.A.). — Estado de São Paulo: Mogí das Cruzes, fevereiro de 1940 (M. CARRERA); Capital, janeiro de 1945 (M. P. BARRETTO); Embú, fevereiro de 1946 (F. LANE). — República da Colômbia: Restrepo (P. C. A. ANTUNES).

Esta espécie pode ser facilmente reconhecida pelos seguintes caracteres: a ponta do terceiro artículo antenal é bem escura; a faixa mediana do mesonoto não é dividida ao meio e se estende desde o protórax à sutura pré-escutelar e as faixas laterais são em forma de manchas, separadas pela pruiniosidade da sutura transversa; as pernas posteriores têm o ápice dos fêmures, o quarto apical das tíbias, o ápice dos basitarsos e todos os tarsos restantes de cor preta; o abdômen é quase unicolor, amarelo avermelhado, às vezes completamente escuro, com os dois ou três últimos segmentos apresentando manchas pretas brilhantes. O comprimento varia entre 17 a 25 mm.

Diogmites parvus Carrera

Diogmites parvus CARRERA, 1948, p. 120.

REDESCRIÇÃO — ♂. Comprimento do corpo 13 mm.; da asa 10 mm.

Cabeça: face tão larga quanto a metade de um olho, recoberta de pruiniosidade prateada, mistax formado por cerdas de cor branca, sem pêlos, aglomeradas no meio da borda bucal; fronte recoberta de pruiniosidade amarela muito clara, com alguns pequenos pêlos amarelos junto à órbita ocular; calo ocelar saliente, recoberto de pruiniosidade amarelo-escura, com duas pequenas cerdas pretas; vértice pouco mais escuro que a fronte; cerdas pós-ocelares pretas; occipício com pruiniosidade amarela, mais clara ao redor dos olhos; coroa de cerdas occipitais amarelas exceto umas quatro ou cinco na porção superior que são pretas; barba branca; probóscida quase preta, brilhante; palpos pardos com pêlos pretos; antenas (fig. 88) com os dois artículos basais amarelo claro, o terceiro avermelhado; o primeiro artículo menor que o segundo e com uma ou outra cerda muito pequena, o segundo com cerdas pretas pequenas e em número relativamente abundante, o terceiro é um pouco maior que os dois basais reunidos, bem dilatado na sua porção mediana e tem na metade basal da borda superior uma fileira de pequenas cerdas pretas.

Tórax recoberto de pruiniosidade amarelo-dourada com alguns pêlos amarelos no protórax e algumas cerdas pretas no pronoto; mesonoto com três nítidas faixas longitudinais pretas, sobre as quais se encontra pruina pardacenta; a faixa mediana não é dividida ao meio, mas anteriormente ela se dilata, não chegando porém até os calos umerais; as faixas laterais devido sua interrupção na sutura transversa têm a forma de duas manchas, sendo arredondada a anterior e alongada a posterior; cerdas e pêlos pretos; no meio e nos lados da faixa longitudinal existem três fileiras de pequenas cerdas, sendo a mediana limitada ao prescuto e as laterais vão mais além e formam três dorso-centrais posteriores longas; uma cerda umeral, três pré-suturais, duas supra-alares e duas sobre os calos pós-alares; escutelo com pruiniosidade amarelo-escura no dorso e amarelo-dourada na margem onde se encontram duas longas cerdas pretas; região pós-escutelar como também as pleuras, inteiramente de um amarelo dourado muito vivo; metanoto com cerdas pretas e alguns pêlos amarelos.

Pernas amarelas com cerdas pretas; as coxas com a mesma pruiniosidade das pleuras e com grossos pêlos amarelos; as pernas anteriores com curtos pêlos pretos na superfície dorsal dos fêmures e na das tíbias, como também nos quatro últimos tarsos; o restante destas pernas com curta pilosidade amarela; os dois últimos tarsos como também o ápice do terceiro pardo-escuros; nas pernas medianas a pilosidade amarela é menos abundante que no par anterior, recobrindo somente pequena porção das tíbias e dos tarsos; nestas pernas os três últimos artículos tarsais e o ápice do quarto artículo são pardos bem escuros; nas pernas posteriores os fêmures são pretos no ápice, as tíbias têm quase todo o terço apical pardo bem escuro, o ápice do basitarso é preto e todos os quatro tarsos restantes são inteira-

mente pretos; a pilosidade amarelo-dourada nestas pernas existe somente na superfície ventral das tíbias e dos basitarsos. Garras pretas; pulvilos amarelos, muito maiores que a metade das garras.

Asas levemente amareladas, iridescentes, com microtríquia no ápice e margem posterior; nervuras amarelas; nervura transversa anterior dupla, formando uma pequena célula bastante larga na asa direita e muito reduzida na esquerda; célula anal aberta. Halteres pardo-avermelhados, haste mais clara.

Abdômen mais largo na base que no ápice, amarelo-avermelhado, mais escuro no dorso onde existem pêlos pretos, nos lados amarelo mais claro onde existem pêlos amarelos; a cor amarela nas margens laterais se estende da borda anterior à posterior, formando mancha retangular nos cinco primeiros tergitos; no sexto tergito esta mancha amarela é triangular e se estende por toda a margem posterior do tergito, a disposição desta mancha, uma de cada lado, faz com que o tergito mostre dorsalmente outra mancha escura também triangular, mas com a base voltada para a margem anterior; sétimo tergito um pouco brilhante e de coloração preta no meio da borda posterior; nos lados do primeiro segmento abdominal existem algumas cerdas amarelo-avermelhadas; ventre amarelado com uma sombra preta, situada além do meio e com pêlos amarelos. Genitália amarelo-avermelhada, brilhante e com pilosidade pardo-escura.

♀ : — Desconhecida.

MATERIAL EXAMINADO. — Examinamos o holótipo, depositado na coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, cuja procedência é a seguinte: Estado do Amazonas, Rio Parauari, fevereiro de 1937 (WORONTZOW).

Esta espécie concorda em grande parte com a descrição de *Dasy-pogon inclusus* Walker, diferindo pelo seguinte: as cerdas que formam o mistax de *parvus* são muito mais numerosas; nas pernas posteriores o ápice dos fêmures, o terço apical das tíbias, o ápice dos basitarsos e todos os tarsos seguintes são pretos, sendo em *inclusus* ferruginosos apenas os dois últimos tarsos.

Além dos caracteres assinalados na chave esta espécie pode ser separada de *winthemi* (Wied.) pela cor branca do mistax, pela forma do terceiro artículo antenal, pela cor amarela do vértice e pela cor preta das cerdas pós-ocelares.

Diogmites inclusus (Walk.)

Dasy-pogon inclusus WALKER, 1851, p. 95.

Diogmites inclusus (WALK.), CARRERA, 1948, p. 119.

Não conhecemos esta espécie que, pelos caracteres assinalados em sua descrição, é muito próxima de *parvus*.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Albido-flavus, thorace vittis tribus nigris ornato, abdomine fulvo, antennis basi pedibusque flavis, alis limpidis apice subcinereis.

Head broader than the chest, adorned with a whitish covering, beset behind the eyes with a row of black bristles, adorned beneath with a few white hairs; two black bristles on the tubercle of the eyelets; epistoma armed with six or eight white spines; eyes bronzed; fore part flat, its facets very large: sucker black, clothed at the tip with whitish hairs; palpi pitchy, beset with black bristles; first and second joints of the feelers beset with black bristles; first joint pale yellow; second tawny: chest and breast whitish yellow; disk of the chest black, excepting two whitish stripes, which are curved outward in front: abdomen tawny, linear, much narrower than the chest and rather less than twice its length: legs yellow, thinly clothed with very short black hairs, armed with black bristles and spines; fourth and fifth joints of the feet ferruginous; pulvilli yellow; claws black, tawny

at the base; tip-spines of fore-shanks much curved: wings colourless; tips pale gray; wing-ribs tawny; veins black, tawny at the base; poisers tawny. Length of the body 4 lines; of the wings 9 lines."

Diogmites wygodzinskyi, n. sp.

♂ ♀ : — Comprimento do corpo 15 — 17 mm.; das asas 12 — 14 mm.

Cabeça: face mais larga que a metade da largura de um olho, recoberta como a fronte de pruiniosidade esbranquiçada; mistax branco e limitado à borda bucal que é um pouco saliente; probóscida preta brilhante; palpos pretos na base, pardo-escuros no artículo apical e com pilosidade preta; barba esbranquiçada; cerdas ocelares, pós-ocelares e occipitais superiores pretas; as cerdas inferiores da coroa occipital são brancas; occipício pardacento, mais claro na borda ocular; antenas (fig. 90) amarelo-avermelhadas com pêlos pretos, o segundo artículo quase duas vezes o comprimento do primeiro, o terceiro com o comprimento igual a uma vez e meia o comprimento dos dois basais reunidos, bastante dilatado no meio e com pêlos pretos na metade basal da borda superior.

Tórax amarelo pardacento com cerdas pretas, exceto no protórax, em baixo, onde existe pilosidade branca; mesonoto com três faixas longitudinais de cor pardo-escura, a mediana dividida em duas por uma faixa mais clara, as laterais maculiformes, divididas em três porções, sendo a última em forma de cunha e a primeira mais larga e situada na metade posterior do prescuto; no meio e nos lados da faixa mediana existe curta pilosidade preta disposta em três fileiras que posteriormente formam três ou quatro dorso-centrais; três cerdas pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; escutelo amarelo pardacento em cima, avermelhado na margem onde estão duas longas cerdas pretas; pleuras revestidas de pruina amarelada; metanoto com cerdas e alguns pêlos pretos.

Pernas (Pr. 16, figs. 146 e 147): coxas com pruiniosidade esbranquiçada e cerdas brancas; o resto das pernas vermelho com cerdas pretas, sendo os tarsos um pouco mais escuros; pilosidade preta exceto na superfície inferior das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores onde existe densa pilosidade amarelo-dourada; pequeno espinho preto se encontra na base do esporão apical das tíbias anteriores; garras pretas; pulvilos amarelos e alcançando pouco menos que 3/4 do comprimento das garras.

Asas hialinas, com microtríquia no interior das células. Halteres amarelo-avermelhados, capítulo mais escuro.

Abdômen mais largo na base que no ápice, avermelhado; os dois ou três últimos segmentos, às vezes, pouco mais escuros nos machos, sendo nas fêmeas os dois últimos brilhantes; a pilosidade sobre os tergitos é muito escassa, curta e de cor preta; no primeiro existem lateralmente algumas cerdas amareladas em mistura com algumas pretas; as margens laterais dos segmentos são revestidas de pruiniosidade branco-amarelada e, pouco acima dessa margem, se encontra u'a mancha escura, alongada, geralmente muito nítida no terceiro, quarto e quinto segmentos; ventre amarelado com fina pilosidade amarela; genitália do ♂ vermelho-escura com cerdas pretas; genitália da ♀ com pilosidade curta, amarela e espinhos pretos.

TIPOS: — Holótipo ♂, alótipo ♀ N.º 111.123 e 13 parátipos (3 ♂ ♂ e 10 ♀ ♀) a serem depositados como segue: holótipo e três parátipos ♀ ♀ na coleção do Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro; 2 parátipos ♀ ♀ na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; 1 parátipo ♀ enviado ao Dr. S. W. Bromley; alótipo e 7 parátipos (3 ♂ ♂ e 4 ♀ ♀) Nos. 111.124 a 111.127 e 111.261 a 111.263 na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Quilômetro 47 da estrada Rio-São Paulo, abril e dezembro de 1943 (WYGODZINSKY col.), janeiro de 1944 (O. BRAGA col. e MIRANDA col.), março de 1944 (D. MENDES col.).

LOCALIDADE ADICIONAL. — Estado do Rio Grande do Norte: Ceará Mirim, outubro de 1940 (DEUSDEDIT ALVES col.).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Esta espécie é próxima de *ferrugineus* (Arribalz.), da qual se distingue pela sua coloração geral avermelhada, pela cor amarelo-cinza do mesonoto com três faixas escuras longitudinais, pela pruina branca nas margens laterais dos segmentos do abdômen e pela linha escura nos lados desses mesmos segmentos que são inclinadas.

Dedicamos esta espécie ao insigne entomologista Dr. PETR WYGODZINSKY que nos tem fornecido abundante material.

Diogmites bromleyi, n. sp.

♂ ♀: — Comprimento do corpo 17 — 19 mm.; asa 13 — 14 mm.

Cabeça: face tão larga quanto a metade da largura de um olho, recoberta de pruinoidade amarela como a fronte; mistax composto de longas cerdas brancas dispostas em duas fileiras sobre a borda bucal; fronte com uma pequena mancha preta, em forma de losango, entre a base das antenas e o calo ocelar; alguns pequenos pêlos pretos e amarelos existem junto à órbita dos olhos; calo ocelar escuro recoberto de pruinoidade amarela e com duas cerdas pretas; vértice pardo escuro; occipício recoberto de pruinoidade amarela exceto em duas manchas pretas transversais, oblíquas, formando um V muito aberto e cujo vértice se acenta sobre o pescoço; cerdas pós-ocelares pardacentas ou pretas; coroa de cerdas occipitais amarelada; barba branca; probóscida preta brilhante; palpos pretos com pêlos pretos; antenas (fig. 81) amarelo-avermelhadas, os dois primeiros artículos mais claros, com pequenas cerdas pretas; terceiro artículo uma vez e meia maior que os dois basais reunidos, com pequenas cerdas sobre quase toda a borda superior e se estendendo também pela superfície externa, inferiormente.

Tórax recoberto de pruinoidade amarela, mais escura no mesonoto; protórax com pêlos amarelos, pardacentos no pronoto que é escuro em virtude da faixa mediana longitudinal do mesonoto que se prolonga até aí; as faixas do mesonoto são pardacento-escuras, a mediana não é dividida ao meio, mas na borda anterior é mais clara e expandida para os lados até alcançar a sutura dos calos umerais; esta faixa vai até a sutura pré-escutelar e escurece um pouco o dorso do escutelo; as faixas laterais são largamente separadas pela pruinoidade amarela da sutura transversa; o ápice destas faixas se expande, recobrindo em parte os calos pós-alares; calos umerais mais claros, com uma cerda preta e alguns pequenos pêlos; sobre o mesonoto a pilosidade é preta, curta e grossa; cerdas pretas; dois ou três pares de dorso-centrais posteriores desenvolvidas, três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; escutelo com a borda amarela e com duas longas cerdas marginais; região pós-escutelar recoberta de pruinoidade amarela, com uma sombra escura em forma de um arco em baixo do escutelo; pleuras com pruinoidade dourada; "metapleura" com uma fileira de cerdas pretas e pilosidade amarela.

Pernas: coxas recobertas de pruinoidade dourada, com pêlos e cerdas amareladas; o resto das pernas amarelo-avermelhado, com cerdas e pêlos pretos, exceto na superfície ventral das tíbias e basitarsos das pernas anteriores e posteriores onde há pilosidade amarela; nas tíbias e basitarsos das pernas medianas esta pilosidade é muito escassa; ápice dos fêmures medianos e posteriores avermelhados; tíbias posteriores também com o ápice avermelhado, porém em maior extensão que nos fêmures; o último tarso de todas as pernas é pardo escuro, como também a metade apical do penúltimo tarso; todos os outros tarsos são avermelhados no ápice, exceto no das pernas posteriores que tem o ápice quase preto. Garras pretas; pulvilos longos e amarelos.

Asas (fig. 173) levemente amareladas, iridescentes, com microtríquia escurecendo um pouco o terço apical e a borda posterior; nervuras pardacentas; célula

anal fechada na borda da asa; nervura transversa anterior situada pouco além do meio da célula discal. Halteres pardacentos, com a haste mais clara.

Abdômen pardo escuro, exceto nas bordas laterais e posterior onde a cor é amarela; no meio de cada tergito, dorsalmente, existe mancha irregular, amarelo-pardacenta, que às vezes se une à borda posterior; primeiro segmento pardo escuro anteriormente, com longas cerdas e pêlos amarelados nos lados (às vezes a primeira cerda da série é preta); no segundo segmento, a porção que fica antes da pseudo sutura, é de cor amarelo-pardacenta; na porção que fica além dessa pseudo sutura encontra-se u'a mancha central, arredondada ou irregular, de cor amarelada; o oitavo tergito é brilhante, preto nos lados, avermelhado no meio, nas margens laterais e posterior; este tergito nos ♂♂ é muito curto; a pilosidade do abdômen é preta, exceto nas margens laterais onde é amarela; ventre com pruinose acinzentada e pêlos amarelados; o abdômen nos ♂♂ tem os lados paralelos e mais estreito que o tórax, nas ♀♀ é mais largo anteriormente. Genitália do ♂ amarelo-avermelhada, com cerdas e pêlos pretos; genitália da ♀ mostra espinhos avermelhados e pilosidade amarela.

TIPO: — Holótipo ♂, alótipo ♀, N.º 111.210, e 10 parátipos 5 ♂♂ e 5 ♀♀). Holótipo, 2 parátipos ♂♂ e 2 ♀♀ depositados na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; um parátipo ♀ enviado ao Dr. Stanley W. Bromley; o alótipo e os restantes parátipos N.os 111.211 a 111.214 e 62.278 na coleção deste Departamento.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de Minas Gerais: Cambuquira, fevereiro de 1941 (LOPES E GOMES).

LOCALIDADE ADICIONAL. — Estado de Goiás: Campinas, fevereiro de 1936 (R. SPITZ).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Segundo nos informou o Dr. BROMLEY esta espécie é afim de *lineola* Bromley, descrita de Mato Grosso, região da Chapada. As diferenças que existem entre estas espécies podem se resumir no seguinte: em *bromleyi* as cerdas pós-ocelares e occipitais geralmente são amarelas e não pretas; a faixa mediana do mesonoto recobre o pronoto e vai até sobre o escutelo; a disposição de cores sobre o abdômen é diferente daquela representada na figura da diagnose original de *lineola*.

Esta espécie distingue-se de *brunneus* por ter a faixa mediana do mesonoto não dividida.

O nome desta espécie é uma homenagem ao Dr. STANLEY W. BROMLEY, a quem devemos inúmeras gentilezas, não só por nos fornecer preciosos pareceres como também por nos permitir a descrição de espécies sul americanas, enviadas de sua própria coleção.

Diogmites alvesi, n. sp.

♂ ? — Comprimento do corpo 12 mm.; da asa 9 mm.

Cabeça: face aproximadamente tão larga quanto a metade da largura de um olho, recoberta de pruinose amarelo-esbranquiçada; mistax formado por cerdas esbranquiçadas, muito separadas uma das outras e chegando quase até o meio da face; fronte recoberta de pruinose amarelo-clara, com um sutura que vai desde o calo ocelar até a base das antenas, sem pilosidade alguma na órbita ocular; calo ocelar recoberto com a mesma pruinose da fronte e com duas pequenas cerdas pretas; vértice também recoberto com a mesma pruinose da fronte sem pilosidade alguma; occipício recoberto de pruinose amarela, dourada atrás do

calo ocelar, bem clara ao redor dos olhos e com sombras escuras no meio, superiormente; todas as cerdas occipitais amarelas; barba esbranquiçada; probóscida e palpos pardacento-escuros, os palpos com pilosidade amarelo-escura; antenas amarelas com pequenas cerdas pretas; o terceiro artículo um pouco mais escuro, tão longo quanto os dois basais reunidos, dilatado no meio e com pequenas cerdas na borda superior cobrindo os 2/3 basais.

Tórax recoberto de pruiniosidade amarelo-dourada; pêlos e cerdas do protórax amarelos; mesonoto com uma faixa longitudinal pardacenta muito nítida, tendo de cada lado u'a mancha bastante apagada; a faixa mediana é dividida distintamente ao meio por um linha de pruiniosidade amarelo-dourada sobre a qual se encontra uma fileira de pequenos pêlos pretos que vai até o meio do mesonoto; a pilosidade do mesonoto é curta e preta, exceto na base das asas e sobre os calos pós-alares onde ela é amarela; duas ou três dorso-centrais posteriores pretas e desenvolvidas; duas pequenas cerdas amarelas nos calos umerais, três pré-suturais, duas supra-alades e duas pós-alares, pretas; escutelo recoberto de pruiniosidade dourada, com duas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar com pruiniosidade dourada; pleuras recobertas de pruiniosidade mais clara que a do mesonoto; "metapleura" com uma fileira de cerdas pretas e alguns finos pêlos amarelos.

Pernas: coxas com pruiniosidade dourada, cerdas e pêlos amarelos; o resto das pernas é amarelo com cerdas pretas; nas pernas anteriores e medianas o ápice dos quatro primeiros tarsos e todo o último é de cor castanha; nas pernas posteriores essa cor se encontra no ápice dos fêmures, no ápice das tíbias, no ápice dos três primeiros artículos tarsais e inteiramente nos dois últimos tarsos; pilosidade preta, exceto na face ventral das tíbias e dos três primeiros tarsos das pernas anteriores, como também nos fêmures, na face ventral das tíbias e dos tarsos das pernas posteriores onde existe pilosidade amarela; esta pilosidade nas pernas medianas é muito escassa, existindo apenas alguns pêlos nos tarsos. Garras pretas; pulvilos grandes, amarelo-esbranquiçados.

Asas estreitas, iridescentes, com microtríquia na metade apical e borda posterior; nervuras pardacentas; célula anal fechada na borda da asa. Halteres pardacentos.

Abdômen mais estreito que o tórax, de lados paralelos; o primeiro segmento com mancha lateral amarelada, borda anterior e porção mediana pardacentas, pilosidade preta e curta, nos lados cerdas e pêlos amarelos; o segundo segmento apresenta coloração preta basal e de cada lado do tergito uma faixa oblíqua escura que não chega até a borda posterior, havendo entre elas a coloração castanha; as margens laterais e posterior são de cor amarela, mais larga no canto posterior; 3.º tergito em diante a disposição de cor é semelhante à do 2.º, não havendo porém a coloração preta da porção basal; pilosidade preta em cima e amarela posterior e lateralmente; ventre castanho, recoberto de pruiniosidade cinza e esparsa pilosidade amarelada. Genitália vermelha com cerdas e pêlos amarelados e alguns pretos.

♀ : — Desconhecida.

TIPO: — Holótipo ♂ N.º 111.039, depositado na coleção do Depto. de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio Grande do Norte: Natal, março de 1939 (D. C. ALVES).

O nome desta espécie é uma homenagem ao Sr. DEUSDEDIT C. ALVES, a quem devemos precioso material.

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie apresenta caracteres que concordam, em parte, com os assinalados na diagnose de *Diogmites maculatus* Curran, espécie originária da Ilha de Puná existente no Golfo de Guayaquil, Equador. Podemos indicar os seguintes caracteres diferenciais: cerdas pós-ocelares e occipitais todas de cor amarela; palpos

com pilosidade amarelo-escuro; as manchas escuras laterais dos segmentos do abdômen não são mais largas que a mancha mediana amarelo-pardacenta e sim pouco mais estreitas e inclinadas. Na diagnose de CURRAN não encontramos referência à coloração pardacenta do ápice dos fêmures, das tíbias e dos tarsos das pernas posteriores que se encontra em *alvesi*.

Pela coloração do abdômen, *alvesi* se aproxima de *lineola* e de *bromleyi*. Distingue-se de ambas, entretanto, pela existência de faixas pardacentas muito claras no mesonoto e não pardacento-escuro; distingue-se ainda de *lineola* pela pilosidade amarelo-escuro dos palpos; pelas cerdas amarelas e não pretas existentes no occipício e no protórax; pela ausência de faixa cinzenta no segundo tergito do abdômen presente em *lineola*. Distingue-se de *bromleyi* pelas marcações dos segmentos do abdômen.

Diogmites brunneus (F.) tem faixas pretas no mesonoto.

Diogmites maculatus Curran

Diogmites maculatus CURRAN, 1934, p. 1.

A coloração do abdômen, assinalada na diagnose original desta espécie, mostra certa semelhança com a que existe em *alvesi*, *bromleyi*, *lineola* e *brunneus*.

Descrita da Ilha de Puná, Golfo de Guayaquil.

Diogmites brunneus (F.)

Asilus brunneus F., 1787 p. 359.

Dasypogon brunneus (F.), 1805, p. 165; WIEDEMANN, 1828, p. 382; SCHINER, 1866, p. 677.

Diogmites brunneus (F.), OST. SACK., 1874, p. 184.

Deromyia brunnea (F.), WILLISTON, 1891, p. 75.

Não conhecemos esta espécie que foi descrita da Guiana Inglesa. Transcrevemos a diagnose de WIEDEMANN, 1828, por ser a mais detalhada:

“Thorace subaurario, nigro-vittato; abdomine ferrugineo: lateribus fuscis, marginibus flavis. Mit fast kiesgelbem schwarzgestriemten Rückenschilde und rostgelbem Hinterleibe, mit bräunlichen Seiten und gelben Rändern. 9 1/2 Linien. Aus Kayenne.

Fühler rostgelb. Bart gelblich; Knebelbart und Knebelborsten weiss; Untergesicht messinggelb. Mittelstriemen des Rückenschildes durch eine sehr feine Linie getheilt, hinten abgekürzt; Seitenstriemen vorne abgekürzt; zweimal unterbrochen; Seiten gelblich; Brustseiten aschgraulichgelb. Hinterleibsabschnitte mitten sehr satt rostgelb, an den Seiten mehr wie an der Wurzel braun, die Seitenränder selbst, nebst den Einschnitten ochergelb. Bauch mit breitgelblichen Einschnitten. Flügel wasserklar, an der Spitze und dem Innerande graulich; Schwinger schmutziggelb mit bräunlichem Knopfe. Beine rostgelb, hinterste Schenkel und Schienen zuweilen satter braun. — In Fabricius und meiner Sammlung. An dem Fabricischen Exemplar findet sich die sonderbare Abweichung am rechten Flügel, dass der äussere Ast der Gabelader durch eine Querader mit der zweiten Längsader in Verbindung steht.

Aendert ab: Ein wenig grösser mit ocherbraunen Rückenschildstriemen und braunem Hinterleib, mit an den Seiten breiteren, in der Mitte schmälere gelblichen Einschnitten. — In meiner Sammlung.”

Diogmites intactus (Wied.)

Dasypogon intactus WIED., 1828, p. 371.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Thorace aurato, fuscato-vittato; abdomine nigro: incisuris maculisque utrinque trigonis auratis; pedibus ferruginosis. Mit vergoldetem, bräunlichgestriemten Rückenschilde; schwarzen Hinterleibe mit goldenen Einschnitten und dreieckigen Seitenflecken, und rostbraunen Beinen. — 13 1/3 Linien ♂ — Aus Südamerika.

Fühler rötlich rostgelb; Endglied spindelförmig; Untergesicht golden; Knebelbart und Bart gelblichweiss, Stirn und Hinterkopf golden. Rückenschild schön golden mit drei schimmelgraulichbraunen Striemen, die an abgeriebenen Exemplaren mehr rostbräunlich erscheinen, welches die mittlere vorn immer ist: diese ist auch mit zwei braunen Linien bezeichnet; Seitenstriemen an der Naht unterbrochen; vor und hinter der Naht steht noch ein eirunder brauner Flecken; Schildchen und Hinterrücken golden; Brustseiten lichtgoldschillernd. Erster Hinterleibsabschnitt rostbraun, an der Spitze in der Mitte schmaler, an beiden Seiten breiter golden; der zweite äusserst kurze Abschnitt gelblichbraun, an jeder Seite mit einem licht goldschillernden dreieckigen Flecken (oder vielmehr am ganzen Seitenrande und zwar nach hinten zu viel breiter golden) und eben solchem Hinterrande; Abschnitte 3 bis 6 bräunlichschwarz; nach hinten zu allmählig rostbräunlich und an jeder Seite mit sehr licht goldenen in's Messinggelbe übergehenden dreieckigen Flecken und Einschnitten: am dritten und vierten Abschnitte ist sogar der Wurzelrand goldschillernd; Abschnitte 7 bis 9 glatt und rötlich. Bei etwas minder vollkommen erhaltenen Exemplaren ist das Schwarze der Abschnitte in der Mitte ein wenig unterbrochen. Flügel durchsichtig gelblich, an der Spitze sehr lichtbräunlich, an der Randzellen und an der Wurzel des Unterrippenfeldes am wenigsten gefärbt; Schwinger rostbräunlich. Beine rostbräunlich mit schwarzen Borsten oder vielmehr Dornen; Spitze der Schienen und die Fusswurzeln beide an der Innenseite mit sehr kurzen aber dichtstehenden goldgelben Härchen. — In meiner Sammlung."

Diogmites aberrans (Wied.)

Dasypogon aberrans WIED., 1821, p. 223; 1828, p. 389.

Deromyia aberrans (WIED.), BROMLEY, 1934, p. 335.

Transcrevemos a diagnose de 1828, do próprio WIEDEMANN, por não conhecermos a original.

"Ochraceus; thoracis fundo orichalceo-micante; vibrissis mystaceque albis. Ocherbraun; Rückenschildgrund messingschillernd; Knebelbart und Knebelborsten weiss. — 7 1/2 — Linien. — Aus Südamerika.

Fühler ocherbraun, an der Wurzel viel lichter, Untergesicht messingschillernd; Hinterkopf haargreis, an jeder Seite mit schwarzen Mondflecken, im Umkreise gelblich seidenglänzend. Rücken in gelbem lichtmessingschillernden Grunde mit drei ocherbraunen Striemen: die mittlere völlig ganz mit einer schwärzlichbraunen Langlinie, die Seitenstriemen vorn abgekürzt und an der Naht unterbrochen. Hinterleib ocherbraun, mit gelblichen Einschnitten. Flügel lichtbräunlich, Adern wasserklar gesäumt und wie bei *Dasyp. reticulatus* Fabr. verlaufend. Hinterste Beine kaum oder gar nicht satter ocherbraun. — Im königl. Museum zu Kopenhagen unter der falschen Benennung *Das. testaceus*."

Diogmites examinans (Walker)

Dasypogon examinans WALKER, 1851, p. 90.

Deromyia examinans (WALK.), BROMLEY, 1934, p. 335.

Diogmites examinans (WALK.), CARRERA, 1948, p. 116.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Fulvus, capite flavo, pectore cervino, antennis pedibusque fulvis, alis cinereis ad costam subfulvis, basi nervorumque marginibus nonnullis sublimpidis.

Head a little broader than the chest, adorned with a yellow covering, beset behind the eyes with a fringe of black bristles; epistoma armed with about sixteen white spines: eyes bronzed; fore part flat, its facets unusually large; sucker

black; palpi black, clothed with black bristles; feelers tawny; first and second joints beset with black bristles; third spindle-shaped, clothed with a few black hairs, darker and a little longer than the first and the second: chest tawny, beset along each side with black bristles: sides and breast fawn-colour: abdomen tawny, a little narrower than the chest and rather more than twice its length, tapering from the base to the tip, which is armed with tawny spines: legs tawny, clothed with short tawny hairs and with black spines; claws and tips of the feet black, the former tawny at the base; foot-cushions yellow; tip-spines of the foreshanks black, curved: wings gray, with a tawny tinge beneath the fore border, almost colourless at the base and along the borders of some of the veins in the disk; wing-ribs tawny; veins black, tawny at the base and along the fore border; poisers tawny. Length of the body 10 lines; of the wings 20 lines."

Diogmites lineola (Bromley)

Deromyia lineola BROMLEY in CURRAN, 1934, p. 335.

Não conhecemos esta espécie que é originária de Mato Grosso.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "This is a rather striking species from Brazil having a length of 17 to 20 mm. A yellowish species with the dark brown markings on the thorax, characteristic of many species of this genus, and a row of large black maculations on each side of the abdomen.

Antennae yellow with black hairs, the third segment darkest, nearly brown. Face light yellowish pruinose. Mystax light yellow. Proboscis and palpi, as well as the palpal hairs, black. Postocellar and occipital bristles, black. Two black bristles on ocellar tubercle. Beard very thin, light yellowish, the postgenal bristles light yellowish. Thorax yellowish, the pleura with a light silvery bloom. Prothoracic bristles black for the most part; bristles of mesonotum black; a row of three or four black bristles and a few white hairs on the metapleura (parascutellum). The median thoracic line broadens anteriorly, extending over the pronotum where it becomes black; posteriorly it narrows, not quite reaching the scutellum, the two lateral spots of the same color as the median line. The scutellum is brownish, with a yellowish margin and bears two black bristles.

The wings are nearly hyaline, the interior of the cells along the posterior border and apex are very slightly smoky. Halteres yellowish.

Legs yellow with sparse black bristles. Coxal hairs and bristles light yellowish. The posterior femora bear a brownish spot at the apex and the distal portion of the posterior tibia is also brownish.

The venter of the abdomen is entirely yellowish. The narrow margins of the tergites on each side are yellowish, as are the posterior margins. The first and second segments bear a grayish band, but the succeeding segments bear black markings on each side leaving a broad median area of light orange which becomes narrower on the posterior segments. Genitalia yellowish. In the female, the ovipositor is dark reddish with slightly darker spines and fine black hairs."

Diogmites ferrugineus (Arribalzaga)

Alloponon ferrugineus ARRIBALZ., 1880, p. 182.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 14 — 24 mm.; da asa 11 -- 18 mm.

Cabeça: face mais larga que metade da largura de um olho, recoberta de pruinose amarela; mistax formado por duas fileiras transversais de cerdas branco-amareladas; probóscida preta, brilhante, com a metade basal amarelada; palpos amarelo-avermelhados com pêlos pretos; fronte, vértice e calo ocelar recobertos de pruinose amarelo-esbranquiçada, com alguns pequenos pêlos pretos na margem ocular e duas pequenas cerdas sobre o calo ocelar; occipício recoberto de pruinose cinzento-amarelada, escurecido na porção mediana e mais amarela atrás do calo ocelar; cerdas pós-ocelares pardo-escuras, quase pretas ou amarelo-avermelhadas; cerdas da coroa occipital amareladas; barba esbranquiçada; antenas (fig. 80) com os dois artículos basais amarelo-claros e o apical amarelo avermelhado com pequenas cerdas pretas; o 3.º artículo pouco maior que os dois basais reuni-

dos; as pequenas cerdas do terceiro artículo estão situadas sobre a sua borda dorsal e chegam até pouco além da sua metade basal.

Tórax recoberto de pruinossidade cinzento-amarelada; o protórax com pilosidade branca em baixo e na borda anterior do pronoto, onde também existem algumas finas cerdas pretas; mesonoto com faixas longitudinais de cor pardacenta, apagadas, sendo a mediana estreita e dividida ao meio por uma linha que se alarga anteriormente; examinado por trás, os desenhos do mesonoto apresentam aspecto diferente; as faixas laterais têm a forma de manchas alongadas e são divididas pela sutura transversa em duas partes, sendo a anterior fina e alongada, afastada dos calos umerais e a posterior cuneiforme; calos umerais com pruinossidade um pouco mais amarelada e com uma cerda preta; sobre as regiões claras do mesonoto se encontram pequenos pêlos pretos; cerdas pretas; três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares onde se encontram também finos pêlos amarelados; dois ou três pares de dorso-centrais posteriores desenvolvidos; escutelo com pruinossidade cinzenta no dorso e amarelada na margem onde existem duas longas cerdas pretas; região pós-escutelar e as pleuras recobertas de pruinossidade cinzenta; "metapleura" com cerdas pretas e curta pilosidade amarela.

Pernas (Pr. 16, fig. 148): coxas com a mesma pruinossidade das pleuras e com algumas cerdas e pêlos esbranquiçados; a coloração do resto das pernas é amarela, um pouco escurecida no dorso dos fêmures; em todas as pernas os dois últimos artículos tarsais são pardacento-claros, como também o ápice dos três primeiros artículos; nas pernas posteriores a articulação do fêmur com a tibia e o ápice das tibias são pardacento-escuros; todas as cerdas são pretas; a pilosidade também é preta, exceto na metade posterior da superfície ventral das tibias anteriores e posteriores, na superfície ventral de todos os basitarsos (muito pouco no das pernas medianas) onde existe pilosidade amarela. Garras pretas; pulvilos longos e amarelos.

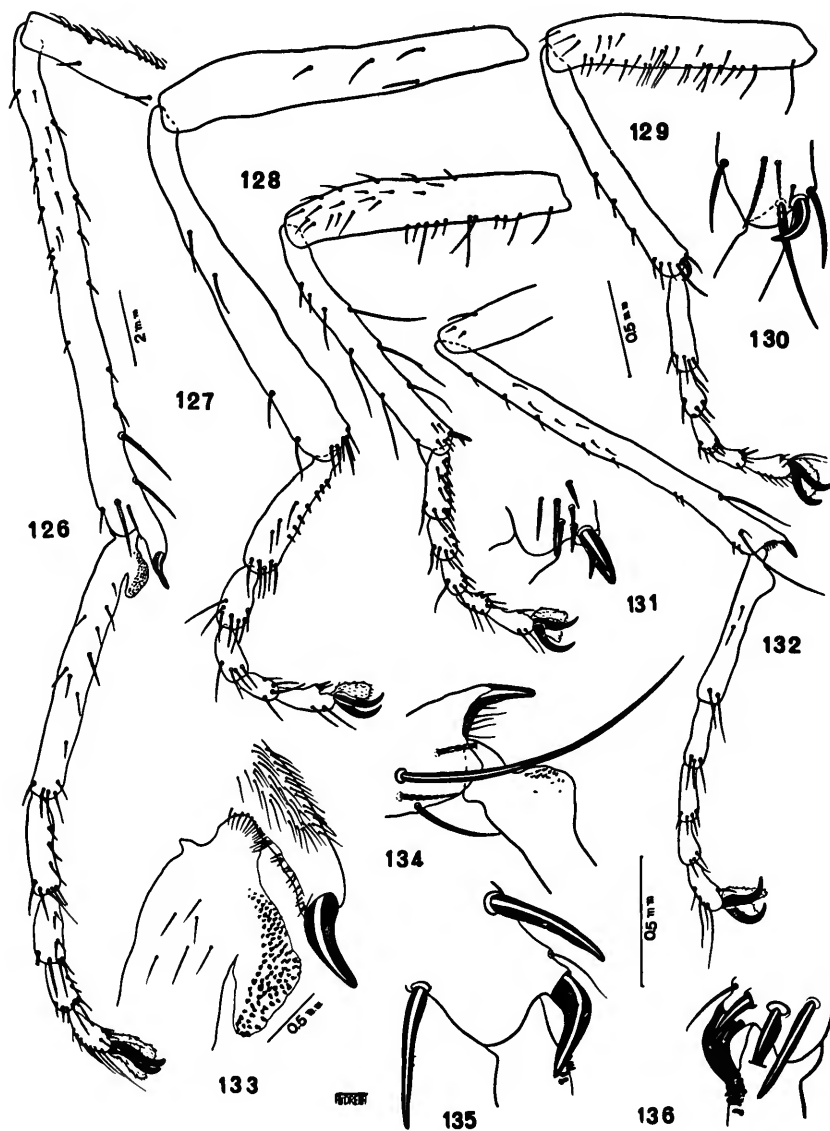
Asas hialinas, iridescentes, claras, exceto no terço e borda posterior onde existe microtríquia escurecendo muito levemente essas regiões; nervuras pardacentas. Halteres pardacentos, haste mais clara.

Abdômen mais estreito que o tórax, de lados quase paralelos, pouco mais fino no ápice; todos os tergitos de coloração pardacento-clara com as margens laterais recobertas de discreta pruinossidade mais clara, tendo ao lado uma linha escura, em sentido paralelo a essa margem; pilosidade curta e preta, nas bordas laterais alguns pequenos pêlos esbranquiçados; nos lados do primeiro segmento há algumas longas cerdas pretas e pêlos amarelos; ventre com a mesma cor dos tergitos e com escassa pilosidade clara. Genitália do ♂ amarelo-avermelhada, com longas cerdas pretas e pêlos amarelados; genitália da ♀ com espinhos pretos.

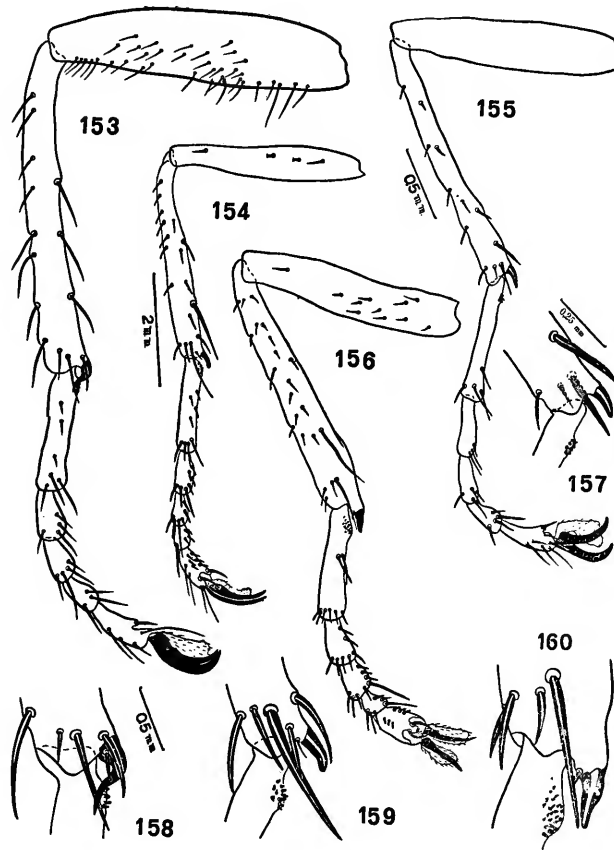
MATERIAL EXAMINADO. — 4 ♂♂ e 2 ♀♀: dois ♂♂ e uma ♀ Nos. 111.264, 111.265 e 111.040 da coleção do Departamento de Zoologia, São Paulo; dois ♂♂ da coleção do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; uma ♀ enviada ao Dr. JUAN BOSQ, República Argentina.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de Mato Grosso: Salobra, outubro de 1935 e novembro de 1941 (Com. I.O.C.). — República Argentina: Santiago del Estero, Rio Salado (WAGNER); Cordoba, Balnearia, janeiro de 1933.

Esta espécie é aparentada com *wygodzinskyi*, da qual se distingue pela sua coloração geral amarelo-pardacenta e não avermelhada; pelas faixas longitudinais do mesonoto que são muito pouco nítidas, sem contraste com a cor da pruinossidade do resto do mesonoto; pela linha escura nos lados dos segmentos abdominais que é paralela à margem lateral e não inclinada; essa linha une a margem anterior à posterior de cada segmento, o que não acontece em *wygodzinskyi*.



Estampa IX
(Explicação das figs. na pág. 146)



Estampa X
(Explicação na pág. 146)

Difere de *castaneus* pela cor mais desmaiada do seu corpo e pela ausência de pilosidade amarela, mais ou menos longa, nas margens laterais dos segmentos do abdômen. Difere de *winthemi* pela coloração do mesonoto e das pernas.

Diogmites castaneus (Macq.)

Dasyopogon castaneus MACQ., 1838, p. 35.

Diogmites castaneus (MACQ.), CARRERA, 1948, p. 118.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Cabeça (fig. 48): face e mistax esbranquiçados; fronte amarelo-clara; calo ocelar grande com quatro pequenas cerdas amareladas; cerdas pós-ocelares pretas, mas as da coroa occipital são amareladas como a barba; pruinoseidade do occipício clara na margem orbital e escura no meio; probóscida preta, brilhante; palpos pretos ou pardos bem escuros e com pêlos pretos no 2.º artigo e amarelos na base do primeiro; antenas com os dois artigos basais amarelos bem claros, o terceiro vermelho amarelado.

Tórax: mesonoto castanho claro, com três faixas mais escuras; na faixa mediana existem três filas de pequenas cerdas pretas que posteriormente formam três longas dorso-centrais; pilosidade preta e amarela; os pêlos se implantam em pequenas manchas pardacentas; cerdas pretas: três pré-suturais, duas supra-alares e duas pós-alares; escutelo com a mesma cor do abdômen, mas a margem é pouco mais clara e com duas longas cerdas pretas; pleuras pardacentas bem claras; "metapleura" com pêlos amarelos e cerdas pretas.

Pernas amarelo-avermelhadas, os dois últimos artigos tarsais das pernas anteriores pretos como os três últimos das medianas e posteriores. Garras pretas; pulvilos quase tão grandes como as garras.

Asas (fig. 176) levemente amareladas; o interior das células da metade apical da asa é discretamente sombreado, deixando ao longo das nervuras u'a margem vítrea.

Abdômen unicolor, castanho ou amarelo-avermelhado, inteiramente recoberto de pilosidade dourada, mais longa nos lados dos três primeiros tergitos; alguma pilosidade preta existe na margem posterior do primeiro, 7.º e 8.º segmentos em alguns espécimens; cerdas laterais do 1.º segmento amarelas; ventre com a mesma cor e pilosidade do dorso, menos pruinoso entretanto. Genitália do ♂ pardacento-escuro ou com a mesma cor do abdômen; pilosidade preta em cima e avermelhada em baixo; genitália da ♀ com espinhos vermelhos e pequenas cerdas amarelas na margem posterior do 8.º tergito.

Esta espécie foi descrita do Pará e o nosso material, que concorda integralmente com a diagnose de Macquart, também é procedente daquele Estado.

MATERIAL EXAMINADO. — 2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀, sendo 1 ♂ N.º 111.072 e 1 ♀ N.º 111.073 da coleção do Departamento de Zoologia, São Paulo.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Pará: Cachoeira do Tronco, Rio Cuminá, agosto e setembro de 1936 (ALMEIDA col.); dois machos são desta procedência e designamos um deles como alótipo que será depositado na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro junto com mais duas fêmeas; Belém, Utinga, setembro de 1938 (DAMASCENO col.). — Estado do Amazonas: Maués, fevereiro de 1932.

NEODIOGMITES, n. gen.

CARACTERES — Cabeça tão larga quanto o tórax; face plana, gradualmente se salientando de cima para baixo, pouco mais larga que a metade de um olho, sem pêlos; mistax formado por grossas cerdas si-

tuadas sobre a borda bucal; fronte com longa pilosidade lateral; calo ocelar com muitas cerdas; os dois artículos dos palpos contíguos, isto é, não formando ângulo na inserção de um com o outro; os dois primeiros artículos das antenas sub-iguais, o terceiro dilatado no meio, quase tão grande quanto duas vezes os dois basais reunidos.

Tórax com grossas cerdas laterais; dorso-centrais iniciando-se pouco antes da sutura transversa; escutelo com cerdas marginais.

Pernas robustas, sub-cilíndricas; tarsos grossos; esporão apical das tíbias anteriores curto, grosso na base e bastante recurvado; garras pontiagudas; pulvilos quase tão grandes quanto as garras; empódio pouco menor que os pulvilos.

Asas: primeira célula basal pouco maior que a segunda.

Abdômen mais largo na base; os quatro primeiros segmentos com longa pilosidade na margem posterior em ambos os sexos; nas fêmeas só o último segmento é brilhante. Genitália dos machos apical, saliente, com uma rotação de 90 graus aproximadamente.

GENÓTIPO: *Dasypogon melanogaster* Wiedemann, 1821.

Os principais caracteres deste gênero, aqueles que permitem a sua rápida separação entre os demais, são os seguintes: face plana, gradualmente mais saliente de cima para baixo; artículos dos palpos não formam ângulo; o abdômen apresenta longa pilosidade na margem posterior dos quatro primeiros segmentos, tanto nos machos como nas fêmeas.

Neodiogmites se distingue de *Diogmites* pela longa pilosidade situada na margem posterior dos quatro primeiros segmentos abdominais; distingue-se de *Lastauroides*, n. gen., pela forma da face que não apresenta saliência abrupta na borda bucal e pela disposição dos artículos dos palpos, que são contínuos, não formando ângulo.

Constitui este gênero uma ligação entre *Diogmites* e *Lastauroides*, sendo este último mais próximo ao complexo *Lastaurus*.

Além da espécie tipo deve incluir este gênero uma nova espécie que mais adiante descrevemos com o nome de *tenebrosus*. A separação de ambas pode ser feita rapidamente pela coloração das asas, em *tenebrosus* intensamente preta (Fig. 21).

Neodiogmites melanogaster (Wied.)

(Fig. 22)

Dasypogon melanogaster WIED., 1821, p. 215.

Dasypogon grandis MACQ., 1846, p. 63, T. 6, f. 8.

Dasypogon rapax WALK., 1851, p. 88.

Diogmites melanogaster (WIED.), BROMLEY, 1946, p. 107.

REDESCRIBÇÃO — ♂ ♀. Comprimento do corpo 37 mm. (sem antenas); asa 28 mm.

Cabeça (fig. 44): fronte com pruiniosidade amarelo-escuro e com pêlos pretos; tubérculo ocelar, na frente, com a mesma pruiniosidade da fronte e com 6 longas cerdas pretas, tendo em mistura grossos pêlos também pretos; vértice de cor castanho-escuro como também a porção posterior do calo ocelar; occipício com pruiniosidade amarelo-escuro e cerdas negras, porém, em baixo existe pilosidade amarelada; barba branca; probóscida negra brilhante, com alguns longos pêlos brancos em baixo; palpos (fig. 113) pretos com cerdas pretas e amarelas; face amarelo-esbran-

quiçada, exceto em baixo, nos lados da borda bucal, onde é pardacenta; mistax com grossas cerdas brancas, sendo algumas de cor escura, quase pretas; antenas (fig. 34) castanhas bem escuras.

Tórax: protórax castanho escuro; mesonoto castanho com três faixas de cor castanho-escura, a mediana não chega até o escutelo e é dividida ao meio por uma linha escura; cerdas pretas, sendo 4 pré-suturais, 3 supra-alares e 3 ou 4 nos calos pós-alares; dorso-centrais posteriores desenvolvidas; escutelo com pruinoseidade dourada no dorso e castanho-escura na margem, com 2 cerdas pretas marginais: região pós-escutelar castanho-escura com manchas douradas nos lados; pleuras com pruinoseidade amarelada; "mesopleura" pardacenta em cima e com abundante pilosidade preta; "metapleura" com um tufo de cerdas e pêlos pretos.

Pernas (Pr. 16, figs. 144 e 151): coxas com pruinoseidade esbranquiçada, longos pêlos e cerdas brancos, as anteriores com algumas cerdas pretas em mistura; fêmures e tíbias ferruginosos muito escuros, principalmente as medianas e posteriores; os dois últimos artículos tarsais das pernas anteriores, os três das medianas e os quatro das posteriores são intensamente negros; cerdas e garras negras; pulvilos amarelos, quase do tamanho das garras.

Asas sombreadas de amarelo ao longo das nervuras, deixando um claro no meio das células; nervuras de cor castanho-clara; a nervura transversa anterior situada antes do meio da célula discal; célula anal fechada na borda da asa. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen negro fosco, exceto nos lados do 6.^o e 7.^o segmentos que apresentam mancha dourada e o 8.^o que tem reflexos avermelhados; na borda posterior do 1.^o, 2.^o, 3.^o e 4.^o segmentos existe longa pilosidade recumbente de cor branco-prateada que nos ♂♂ é mais abundante; a pilosidade restante dos tergitos é curta e preta; nos lados do 1.^o segmento há um tufo de cerdas pretas; ventre escuro com esparsa e longa pilosidade branca situada anteriormente; genitália do ♂ preta brilhante; genitália da ♀ ventralmente avermelhada, com curtos pêlos ruivos e grossos espinhos pretos.

MATERIAL EXAMINADO. — 4 ♂♂ e 3 ♀♀, sendo os exemplares Nos. 111.069 a 111.071 pertencentes à coleção do Departamento de Zoologia, São Paulo.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Rio de Janeiro: quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo, novembro de 1944 (P. WYGODZINSKY); Corvocado, maio de 1933 (L. TRAVASSOS); Paineiras, fevereiro de 1934 (L. TRAVASSOS); Palmeiras, janeiro de 1939 (H. LOPES). — Estado do Paraná: El Dorado, janeiro de 1945 (HATSCHBACH).

Esta espécie permaneceu, desde a sua descrição, entre aquelas do gênero *Dasypogon*, tendo passado recentemente para *Diogmites*.

Confrontando-se as diagnoses de *D. grandis* e de *D. rapax* com os caracteres de *D. melanogaster*, verificamos que a única diferença que poderia separar as duas primeiras espécies desta última, estaria na cor do mistax, indicado como preto em *melanogaster* e branco em *grandis* e *rapax*. Este caráter, entretanto, não se mostrou constante em nosso material, havendo espécimes que apresentam mistura de cerdas brancas e pretas, enquanto outros apresentam o mistax formado por cerdas de coloração pardacenta. No resto, os caracteres assinalados são os mesmos para os três nomes.

Neodiogmites tenebrosus, n. sp.

(Fig. 21)

♀: — Comprimento do corpo, sem antenas, 32 mm.; da asa 25 mm.

Cabeça: fronte, calo ocelar, vértice e occipício completamente pretos como também as cerdas e pêlos aí existentes; na fronte a pilosidade é lateral; no tubér-

culo ocelar existem quatro pêlos situados atrás de duas longas cerdas; barba branco-amarelada; probóscida preta brilhante com pêlos pretos em baixo; palpos pretos com cerdas e pêlos pretos; face preta exceto duas pequenas manchas polinosas de cor amarela situadas nos lados à altura da borda bucal; mistax inteiramente negro; antenas (fig. 73) pretas com cerdas e pêlos pretos, o último artículo com minúscula pilosidade clara; o segundo artículo quase do mesmo comprimento que o primeiro, o terceiro pouco menor que duas vezes o comprimento dos dois basais reunidos.

Tórax completamente preto, exceto sobre os espiráculos anteriores onde há pruinose amarelada; mesonoto fosco nas regiões onde se situam as faixas e aveludado no restante; três cerdas pré-suturais, duas ou três supra-alares e quatro nos calos pós-alares; cerdas dorso-centrais posteriores não muito desenvolvidas como as laterais; as cerdas dorso-centrais anteriores são reduzidas a pequenos pêlos; escutelo com duas cerdas marginais; "mesopleura" com pêlos pretos; "metapleura" com um tufo de cerdas e pêlos pretos.

Pernas completamente pretas; as cerdas das coxas são amarelas, mas nas do último par existem também algumas pretas; todas as outras cerdas são pretas; pulvilos amarelo-vivos e quase do tamanho das garras.

Asas largas, maiores que o comprimento do abdômen; inteiramente enfumaçadas de preto, somente as álulas um pouco mais claras. Nervuras castanho-escuras; a transversa anterior oblíqua e situada pouco antes do meio da célula discal; célula anal fechada na borda da asa.

Abdômen fino no ápice, preto-fosco, exceto o último segmento que é brilhante; pilosidade preta, relativamente longa, existe na metade anterior do primeiro e segundo tergitos; a borda posterior do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º tergitos está revestida de pilosidade branco-amarelada, mais abundante no 2.º e 3.º e reduzida a alguns pêlos no 4.º; o 1.º tergito tem nos lados, além de cerdas pretas, longa pilosidade preta em mistura com pêlos brancos; os esternitos só apresentam pêlos brancos nos cantos posteriores e em pequena quantidade; genitália castanho bem escura com pilosidade curta da mesma cor, além de grossos espinhos negros.

HOLÓTIPO: 1 ♀, N.º 62.377, depositado na coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado da Bahia: Jequié, dezembro de 1932 (CAMARGO).

Distingue-se de *melanogaster* pela coloração preta de todo o corpo e pelas asas que são largas e inteiramente escuras.

LASTAURUS Loew

Lastaurus LOEW, 1851, p. 11; WILLISTON, 1891, p. 73.

Morimna WALKER, 1851, p. 104.

Como não conhecemos o genótipo, transcrevemos a diagnose original do gênero: "Eine neue Untergattung, welche ich *Lastaurus* nenne, will sich nicht gut in die Reihe der übrigen einfügen; am nächsten stehen die Arten derselben noch den *Dasypogonen* vom Baue des *Das. Diadema*; viel mehr aber gleichen sie in ihrem ganzen Habitus stark-behaarten *Mallophora* Arten; das Untergesicht ist breit und flach, der Knebelbart auf den Mundrand beschränkt, die Rüsselspitze etwas abwärts geneigt; Fühler sehr schlank, besonders das dritte, linienförmige Glied derselben, welches auf der Oberseite behaart ist; die Fühler stehen ein klein wenig von einander entfernt; Beine etwas plump, die Schienen etwas verdickt, die Behaarung an ihnen dichter und länger als an den Schenkeln, wodurch sie noch plumper erscheinen. Die Flügel sind

schmal, die 2te Hinterrandszelle ist etwas breit, die 4te vor dem Flügelrande, die 6te am Flügelrande geschlossen oder auch nur fast geschlossen; die Adergabel ist durch Aufsetzung des sanft geschwungenen Vorderastes auf den ungebrochen aus dem Stiele fortgesetzten Hinterast gebildet. Die Grundfarbe aller mir bekannten Arten ist tiefschwarz. Die Behaarung ist entweder ganz schwarz oder am Hinterleibe in grösserer oder geringerer Ausdehnung gelb oder fuchsroth."

Entre o material que estudamos e que em "senso latiore" se adaptaria a êste gênero, encontramos espécies com caracteres morfológicos tão dissemelhantes que a sua separação em grupos genéricos distintos, ou pelo menos subgenéricos, se tornou necessária. De fato, existem espécies que, apresentando o mesmo aspecto geral das de *Lastaurus*, distinguem-se, entretanto, por certos caracteres estruturais que não permitem a sua localização nesse gênero, a menos que se modificasse profundamente o conceito do mesmo.

Por essa razão resolvemos restringir o gênero *Lastaurus* de modo a incluir apenas as espécies que, apresentando uma compleição bastante robusta e um aspecto muito semelhante ao de uma *Mallophora*, se distinguíssem pela forma da face inclinada e gradualmente mais saliente de cima para baixo, pela forma do terceiro artículo antenal que não é fusiforme, mas sempre mais longo que duas vezes os basais reunidos e pela junção dos dois artículos dos palpos que são contínuos, não formando ângulo.

Dessa forma, para as espécies que de um modo ou de outro, não se adaptam a esta definição, novas entidades genéricas foram creadas, tomando-se como base os três seguintes caracteres: forma da face, forma do terceiro artículo antenal e disposição dos artículos dos palpos. Com estes caracteres estabelecemos quatro novos gêneros que, junto a *Lastaurus* Loew e *Lastaurina* Curran, formam um complexo que pode ser separado da seguinte maneira:

- | | |
|---|-----------------------------|
| 1 — Face acentuadamente convexa em toda sua extensão (fig. 53) | <i>Lastaurina</i> Curran |
| Face gradualmente se salientando de cima para baixo ... | 2 |
| Face saliente só na borda bucal | 4 |
| 2 — Terceiro artículo da antena alongado, não fusiforme; palpos contínuos, não formando ângulo na junção dos dois artículos (fig. 57) | <i>Lastaurus</i> Loew |
| Terceiro artículo da antena fusiforme; palpos formando ângulo na junção dos dois artículos | 3 |
| 3 — Face com os 3/4 inferiores recobertos por densa e longa pilosidade, sem cerdas (fig. 54) | <i>Lastauropsis</i> , n. g. |
| Face com pilosidade situada na metade inferior, menos densa e com cerdas na borda bucal (fig. 52) | <i>Lastauronia</i> , n. g. |
| 4 — Terceiro artículo da antena alongado, não fusiforme; palpos contínuos, não formando ângulo na junção dos dois artículos (fig. 51) | <i>Lastaurax</i> , n. g. |
| Terceiro artículo da antena fusiforme; palpos formando um ângulo na junção dos dois artículos (fig. 50) .. | <i>Lastauroides</i> , n. g. |

Todavia, cumpre-nos dizer, que o complexo assim estabelecido não nos satisfaz plenamente e é provável que se modifique no futuro, quando

mais abundante material possa ser examinado. No momento, porém, o arranjo proposto é o que nos pareceu mais razoável.

Em todas as espécies do complexo *Lastaurus*, os ♂ são muito mais pilosos que as ♀.

Acreditamos que o conjunto de gêneros que forma êste complexo possa ligar-se a *Diogmites* Loew através de *Neodiogmites*, n. gên. e *Lastauroides*, n. gên. O genótipo de *Neodiogmites* é *Dasypogon melanogaster* (Wied.) e o de *Lastauroides* é *alexanderi*, n. sp., muito próxima de *hirtuosus* (Wied.). Assim *Diogmites*, *Neodiogmites*, *Lastauroides* e *Lastaurus* s. l. constituiriam os élos de uma cadeia que não está ao nosso alcance dizer qual seria o seu início, de onde ela derivou e quais as formas que eventualmente daí surgiram. Entre os Asilidae estudados, estes gêneros são os únicos que, ao nosso ver, formam um verdadeiro encadeamento, com caracteres de transição mais ou menos acentuados.

O genótipo de *Lastaurus* é *anthracinus* Loew, do México. Além desta espécie fazem parte deste gênero as seguintes descritas da Venezuela, Colômbia e América Central: *mutabilis* Loew, *fallax* (Macq.), *lugubris* (Macq.), *mallophoroides* (Walker), *transiens* (Walk.), *bombimorpha* (Rond.) e *fenestratus* Bigot. A esta juntamos mais uma do Brasil, descrita páginas adiante.

Como não conhecemos as oito espécies acima citadas, transcrevemos suas diagnoses originais.

Lastaurus anthracinus Loew

Lastaurus anthracinus LOEW, 1851, p. 12; OSTEN SACKEN, 1887, p. 179. T. 3, f. 10.

Descrita do México e constatada também na Guatemala por OSTEN SACKEN.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Ganz tief sammtschwarz; Flügel schwarz mit violettem Schimmer. Hinterleib für eine Art dieser Gattung kahl, besonders nach hinten hin und da mit starkem Glanze. Der Dornenkranz am Ende des Hinterleibes besonders gross. — Körperlänge: 12 Linien."

Lastaurus mutabilis Loew

Lastaurus mutabilis LOEW, 1851, p. 12; OSTEN SACKEN, 1887, p. 180.

Descrita da Colômbia e constatada também na Costa Rica e Panamá por OSTEN SACKEN.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Der vorigen Art sehr ähnlich, doch viel kleiner; die Behaarung auf der Oberseite des Hinterleibes ist bei dem Männchen sehr dicht, aber nicht sehr lang, gleichgeschoren; bei dem Weibchen wird sie gegen das Ende des Hinterleibes hin immer dünner und lässt da die glänzend schwarze Grundfarbe deutlich erkennen; an den Seiten des Hinterleibes ist sie länger als auf der Mitte. Die Behaarung an Kopf, Thorax und Beinen ist durchaus tiefschwarz, doch sind die Spitzen der einzelnen Haare auf dem Schildchen und an der Aussenseite der Schienen oft braun oder fuchsrothlich. Die Behaarung des Hinterleibes ist in ihrer Färbung ganz überaus veränderlich; auf dem 1sten Ringe, auf der Basis des 2ten und auf der Haltzange ist sie stets schwarz; alles übrige ist entweder fuchsroth, oder es erstreckt sich die schwarze Behaarung der Hinterleibsbasis weiter nach hinten, so dass nur die 3, oder gar nur die beiden letzten Ringe fuchsroth behaart sind; ja bei den Männchen geht zuweilen die Farbe der Behaarung nur gegen das Ende des Hinterleibes in das Braune oder Braunrothe über. In allen Fällen ist die Behaarung, welche vor der schwarzen auf der Haltzange vorhergeht, die hellste auf dem ganzen Hinterleib. Die Farbe der hellern Behaarung des Hinterleibes ist oft statt fuchsroth mehr orangeroth und geht nach hinten hin ganz

in das Hellgelbe über. Bei unreifen Exemplaren ist die Farbe der Beine braun, die der Schienen gelbraun; die Grundfarbe der Füße ist bei den meisten Exemplaren mehr braun als schwarz. Die Flügel sind deutlich geschwärzt und haben einen, nicht bei allen Exemplaren deutlichen, violetten Schimmer. — Länge: 9 Linien."

Lastaurus fallax (Macq.)

Dasypogon fallax MACQ., 1846, p. 63, T. 7, f. 5.

Lastaurus fallax (MACQ.), LOEW, 1851, p. 12; SCHINER, 1867, p. 373.

Descrita de Nova Granada. Foi constatada a sua ocorrência no Brasil por SCHINER.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Crassus, hirsutus, ater. Abdomine rufo, apice nigro. Alis fuscis.

Long. 9 1/2 l. ♀. Abdomen à poils fauves; les trois derniers segments noirs, à poils fauves. Pieds noirs, épais; jambes antérieures munies d'un ergot recourbé. Ailes brunes, à reflets violets; quatrième cellule postérieure fermée.

Cette espèce a entièrement l'aspect des Mallophores avec les caractères des Dasypogons."

Lastaurus lugubris (Macq.)

Dasypogon lugubris MACQ., 1846, p. 64.

Lastaurus lugubris (MACQ.), LOEW, 1851, p. 12; SCHINER, 1867, p. 373.

Descrita de Nova Granada.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Crassus, hirsutus, ater. Alis fuscis.

Long. 7 1/2. l. ♀. Semblable au *D. fallax*, excepté: corps entièrement noir, moins velu. Abdomen d'un noir bronzé. Les huit pointes qui terminent l'abdomen testacées."

Lastaurus mallophoroides (Walk.)

Morimna mallophoroides WALKER, 1851, p. 104, T. 4, f. 2; SCHINER, 1867, p. 373.

Lastaurus mallophoroides (WALK.), WILLISTON, 1891, p. 73.

Descrita da Colômbia. Tem sido considerada sinónima de *fallax*.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Mas. Atra, thorace antico scutello abdomineque flavo hirtis, abdomine apicem versus purpureo aut viridi nitente, antennis, pedibusque nigris, tarsis piceis, alis nigro-purpureis.

Body deep black, thickly clothed with short black hairs: head clothed with longer black hairs, adorned with a ferruginous covering, beset behind and beneath with black bristles; face beset with long black bristles towards the epistoma: eyes bronzed: fore part flat, its facets much larger than those elsewhere: sucker black, clothed at the tip with short yellow hairs: palpi black, thickly beset with black bristles: feelers black; first and second joints of equal length, beset with black bristles: chest beset on each side and behind with black bristles: abdomen slightly tapering from the base to the tip, shorter than the chest, fringed on each side, purple or metallic-green and shining from the middle to the tip, which is clothed with yellow hairs: legs black, fringed with black hairs, beset with black bristles; feet pitchy; foot-cushions tawny; hind shanks rather long; tipspines of the fore-shanks stout, curved: wings blackish, adorned with purple reflections, wing-ribs, veins and poisers black. Length of the body 8 lines; of the wings 18 lines."

Lastaurus transiens (Walk.)

Dasypogon transiens WALK., 1849, p. 364.

Morimna transiens (WALK.), WALK., 1854, p. 429.

Lastaurus transiens (WALK.), WILLISTON, 1891, p. 73.

Descrita da Venezuela.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Niger, pilis, nigris vestitus, thorace vittis tribus cinereis, abdomine pilis ferrugineis vestito, antennis pedibusque nigris, alis fuscis.

Resembles a *Laphria*; and some of the species of *Dasygogon*, *Laphria* and *Asilus* form parallel series, like those of *Empis* and *Rhamphomyia*. Body black, thickly clothed with black hairs: head a little narrower than the chest: tubercle of the eyelets beset with a tuft of black bristles; front covered with silky brown down; clypeus thickly armed with long black bristles: eyes black; fore part flat, composed of large facets, its border quite distinct and not blending with the facets of the other part: lip short, stout, deep black, its tip clothed with short tawny hairs; feelers black; first and second joints beset with black hairs and bristles; second joint a little longer than the first; third joint nearly linear or slightly tapering from the middle to each end, clothed above with short black hairs, more than twice the length of the first and of the second joints; chest with three indistinct very dark gray stripes; middle stripe long and linear; side stripes short and oblique: abdomen nearly linear, convex, thickly clothed with ferruginous hairs, armed at the tip with short black spines, a little narrower than the chest and nearly twice its length: legs stout, black, thickly clothed with black hairs; shanks and feet also beset with black spines; claws black; foot-cushions pale tawny; fore shanks armed at the tip beneath with a curved black tooth, corresponding to some little tubercles beneath the base of the feet; wings dark brown, wing-ribs and veins black; poisers piceous. Length of the body $10\frac{1}{2}$ lines, of the wings 18 lines."

Lastaurus bombimorpha (Rond.)

Dasygogon bombimorpha RONDANI, 1850, p. 368.

Descrita da América Equatorial. Só podemos consultar a página 368 da diagnose desta espécie que, apesar disso, não deixa dúvida quanto a sua verdadeira localização genérica.

DIAGNOSE ORIGINAL (só a p. 368): — "Species incerti generis nam exemplar a me observatum antennis caret. Inter *Dasygogones* eum locavi quia directione venarum et areolarum forma in alis abservatis distat certe a *Laphriellis* et *Asiliellis*; ratione vero aliorum characterum magis generi *Dasygogoni* quam aliis ejusdem sectionis proximus videtur.

Foem. Longit. mill. 22.

Ater, abdomine, basi et summo apice exceptis, rufohirtum.

Totus ater, abdomine rufo-hirto basi ed apice nigris, segmento anali spinulis nigris armato. Pedes nigro-pilosi et setosi, tibiis posticis extrinsecus pilis aliquibus albicantibus; pulvillis tarsorum albidis."

Lastaurus fenestratus Bigot

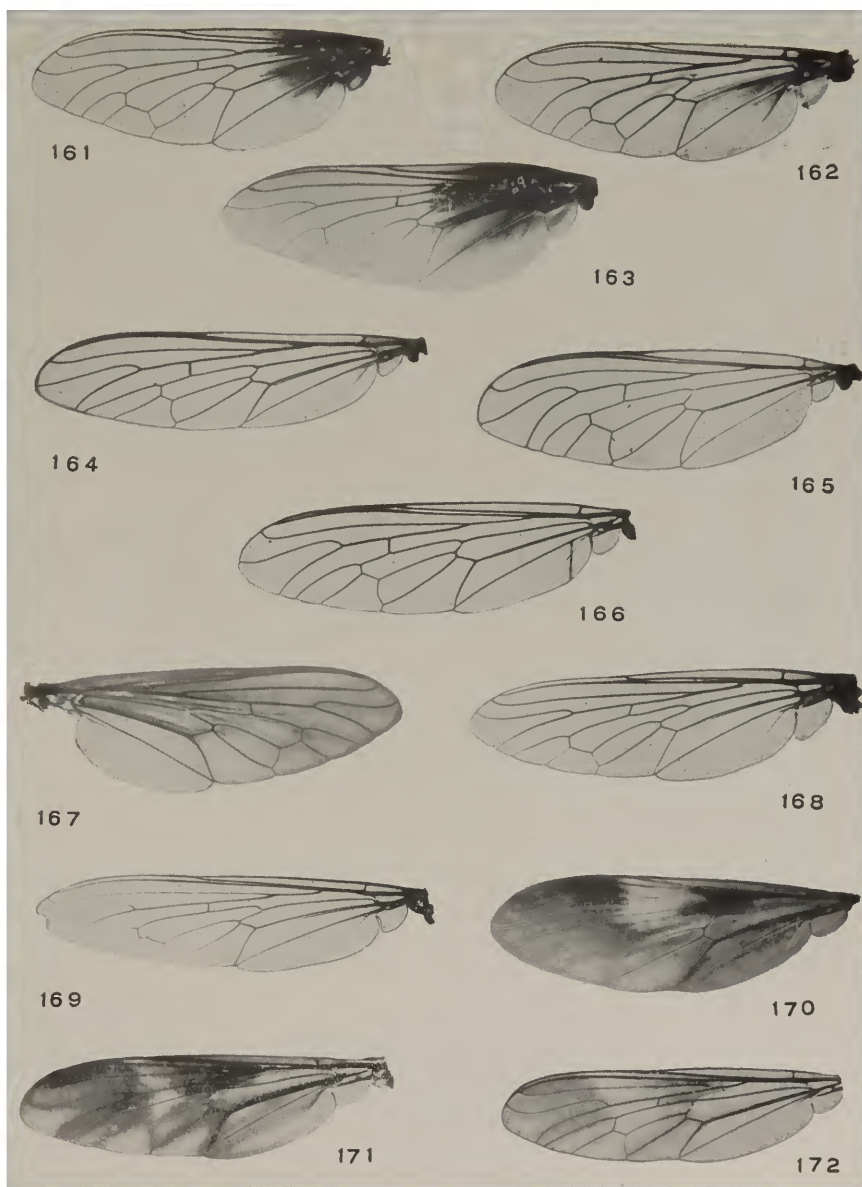
Lastaurus fenestratus BIGOT, 1878, p. 424.

Descrita de Nova Granada. E' possível que se trate realmente de um *Lastaurus*, pois a diagnose desta espécie se baseia n'uma fêmea que é sempre menos pilosa que os machos. Pela mistura de cerdas amarelas e pretas no mesonoto, entretanto, assemelha-se a *Lastauroides mixtus*, n. sp. descrita mais adiante.

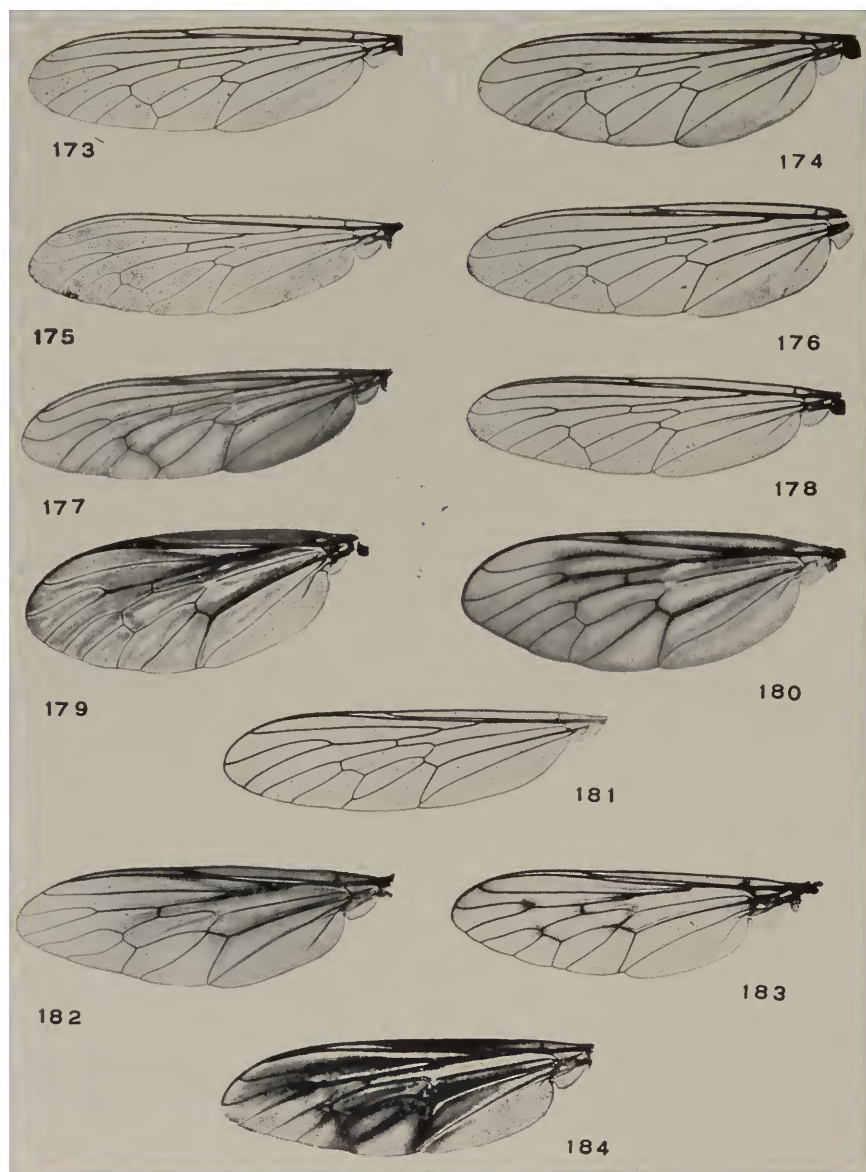
DIAGNOSE ORIGINAL: — "♀. — Long. 14 mill.

Niger: antennis castaneis; palpis nigro setosis, mystace pallidè flavo, barbâ nigrâ, setis occipitis et verticis pallidè fulvis, facie pallidè cinereâ; thorace, scapulis, et, retrorsum utrinque, macrochaetis fulvis, supernè nonnullis nigris intermixtis, pleuris et abdomine nitidis; halteribus fulvis; trochanteribus flavo setosis; pedibus castaneis, posticis fuscis, pulvillis testaceis, macrochaetis nigris; alis ferè hyalinis, venis pallidè sed latè fusco limbatis.

Noir: antennes brunes, palpes noirs, à poils noirs; moustache d'un blanc jaunâtre ainsi que la barbe, soies de la base des antennes, du vertex et de l'occiput, d'un fauve obscur; thorax à villosité jaunâtre courte et clair-semée, de même que sur les côtés à la base de l'abdomen, sur les côtés du disque, en arrière, ainsi que



Estampa XI
(Explicação das figs. na pág. 146)



Estampa XII
(Explicação nas págs. 146-7)

sur l'écusson, en dessus quelques macrochètes fauves, quelques autres de couleur noire, épaulés fauves, en dessus flancs et abdomen luisants; hanches d'un noir luisant, avec des poils jaunes; balanciers fauves, pieds d'un rougeâtre obscur, un peu brunâtre à la base des cuisses, les postérieures brunes, macrochètes noirs; pelotes testacées; ailes presque hyalines, nervures brunes, un peu fauves à la base et largement bordées d'un brunâtre pale."

Lastaurus robustus, n. sp.

(Fig. 24)

♂ : — Comprimento do corpo 30 mm.; da asa 22 mm.

Cabeça (fig. 57): face larga, preta, recoberta nos lados e sobre o mistax de pruinósidade esbranquiçada, sem pêlos, com um mistax muito denso e formado por cerdas amarelas e situadas na borda bucal, nos lados das antenas a pruinósidade é pardo-escura; fronte preta com pêlos pretos e alguns amarelos sobre a borda ocular e nos lados logo acima das antenas; calo ocelar pouco saliente, com grossos e longos pêlos amarelos e alguns pretos; occipício recoberto de pruinósidade pardo-escura, com longa pilosidade amarela na porção superior e preta ao redor dos olhos; barba preta; probóscida preta com pêlos pretos em baixo; palpos (fig. 103) pretos com abundantes cerdas pretas; antenas (fig. 67) inteiramente pretas; os dois primeiros artigos sub-iguais, com pêlos pretos e alguns amarelos, longos no segundo artigo onde também se insere longa cerda preta; o terceiro artigo é fino e longo, com uma fileira dorsal de pêlos pretos nos 2/3 basais; fóvea dorso-apical.

Tórax preto aveludado; cerdas pretas no protórax; mesonoto com duas finas faixas foscas longitudinais medianas e duas manchas alongadas, laterais, também foscas; esparsa pilosidade amarela existe anteriormente; nos lados a pilosidade é mais longa, preta, tendo em mistura pêlos amarelos; na metade posterior encontra-se pilosidade amarela em mistura com raros pêlos pretos; só existem dorso-centrais posteriores que são longas e amarelas; calos umerais castanho-escuros, com pêlos pretos e alguns amarelos em cima; quatro cerdas pré-suturais, sendo três pretas e a última amarela, uma fileira de cinco ou seis cerdas formam as supra-alares, sendo algumas amarelas e outras pretas, calos pós-alares com pêlos pretos e quatro cerdas, sendo três amarelas e uma preta; escutelo sem pêlos, recoberto de pruinósidade escura e com duas longas cerdas amarelas marginais; região pós-escutelar com pruinósidade castanho-escura; pleuras castanho-escuras com pilosidade preta na borda posterior da "mesopleura" e um tufo de pêlos e longas cerdas pretas na "metapleura".

Pernas fortes, inteiramente pretas; coxas anteriores e medianas com longas cerdas e pêlos amarelos anteriormente, as posteriores com cerdas delgadas na borda inferior; o restante das pernas com cerdas e pêlos pretos; fêmures e tíbias com a mesma grossura; garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas castanho-claras, quase pretas na sua inserção com o tórax; nervuras ocráceas; porção basal da costa com pilosidade preta; nervura transversa anterior situada pouco além do terço basal da célula discal; célula anal fechada na borda da asa. Halteres pretos com a haste ocrácea.

Abdômen preto; do segundo segmento em diante densamente recoberto de pilosidade amarela, pouco mais longa nos lados; o primeiro segmento com pêlos pretos abundantes e muito longos lateralmente; ventre com pruinósidade pardacenta e rala pilosidade preta; genitália preta, saliente, inteiramente revestida por longa pilosidade amarela.

♀ : — Desconhecida.

Tipo: Holótipo ♂ N.º 62.259, na coleção do Depto. de Zoologia, São Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de Minas Gerais: Araguari, março de 1930 (R. SPITZ).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — A pilosidade amarela, recobrando o abdômen desta espécie, com exceção do primeiro segmento que é preto, constitui um caráter não encontrado em nenhuma das espécies de *Lastaurus*, “senc strictiore” até agora descritas.

LASTAUROIDES, n. gen.

CARACTERES — Cabeça: face plana em cima, sempre com uma pequena saliência na borda bucal; mistax formado por longas cerdas situadas na margem oral; fronte com abundante pilosidade nos lados e no vértice; calo ocelar saliente com um tufo de várias cerdas; probós-cida quilhada em cima e levemente inclinada para baixo; palpos formando um ângulo na junção dos dois artículos, excepcionalmente contínuos; terceiro artículo da antena com a base e o ápice mais finos e raramente maior que duas vezes os dois basais reunidos.

Tórax: cerdas laterais do mesonoto desenvolvidas; dorso-centrais raramente inexistentes antes da sutura; escutelo com um par de longas cerdas marginais, às vezes com pilosidade entre elas; região pós-escutelar nua; “mesopleura” quase sempre com longa pilosidade.

Pernas, de um modo geral, delgadas (muito robustas em *crassitarsis*). Garras pontiagudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas: primeira célula basal pouco maior que a segunda, às vezes, do mesmo comprimento.

Abdômen: os quatro primeiros segmentos, nos ♂♂, com longa pilosidade lateral, às vezes abundante, nas ♀♀ sempre bastante reduzida. Genitália dos ♂♂ saliente, com uma rotação de 90 graus aproximadamente.

GENÓTIPO: *Lastauroides alexanderi*, n. sp.

Os seguintes caracteres distinguem este gênero entre os demais do complexo *Lastaurus*: a disposição em ângulo dos dois artículos dos palpos; a forma da face plana em cima e saliente na borda da boca; terceiro artículo antenal fusiforme, raramente maior que duas vezes os basais reunidos.

Além das espécies adiante descritas como novas, fazem parte ainda deste gênero, as seguintes: *Dasypogon melaleucus* Schiner, *Dasypogon hirtuosus* Wiedemann e *Dasypogon crassitarsis* Macquart.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE LASTAUROIDES

- | | |
|--|--------------------------------|
| 1 — Mistax inteiramente preto | 2 |
| Mistax formado por cerdas pretas e pêlos brancos em cima, ou por cerdas amarelas em baixo e pretas em cima, ou somente por cerdas amarelas | 6 |
| 2 — Pernas inteiramente pretas | 3 |
| Pernas avermelhadas, com os tarsos pretos | 5 |
| 3 — Fronte com cerdas brancas; occipício com pêlos brancos | <i>melaleucus</i> (Schiner) |
| Fronte com cerdas pretas; occipício com pêlos pretos | 4 |
| 4 — Face com pruinossidade dourada; barba branca..... | <i>niger</i> , n. sp. |
| Face com pruinossidade branca; barba preta | <i>albomarginatus</i> , n. sp. |

- 5 — Fêmures com a metade basal, ou mais, preta, o resto avermelhado; nos ♂♂ o abdômen é recoberto por pilosidade amarela, mais abundante e longa nos lados dos três primeiros segmentos; nas ♀♀ as asas são um pouco mais escuras na metade apical *hirtuosus* (Wied.)
- Fêmures quase inteiramente avermelhados; os ♂♂ com o abdômen recoberto por muito densa e longa pilosidade branca nos quatro primeiros segmentos e por pilosidade preta e curta nos segmentos restantes; nas ♀♀ as asas são inteiramente enfuscadas (fig. 50) *alexanderi*, n. sp.
- 6 — Mistax formado por cerdas pretas e pêlos brancos em cima; tarsos grossos; asas escuras e com intenso reflexo violeta *crassitarsis* (Macq.)
- Mistax sem pêlos brancos em cima, mas formado por cerdas pretas e amarelas ou somente por cerdas amareladas; tarsos de grossura normal; asas pouco escurecidas, sem reflexo algum 7
- 7 — Face com saliência bucal bem desenvolvida e sobre a qual existem cerdas pretas, exceto na margem da boca onde há uma fileira de cerdas amarelas; tíbias e tarsos inteiramente avermelhados (fig. 55) *mixtus*, n. sp.
- Face com saliência bucal moderada e com poucas cerdas, todas de cor amarela; ápice das tíbias e todos os tarsos pretos (fig. 56) *modestus*, n. sp.

Lastauroides alexanderi, n. sp.

(Figs. 25 e 26)

♂ : — Comprimento do corpo 16 — 18,5 mm.; da asa 12 — 15 mm.

Cabeça (fig. 50): face recoberta de pruinossidade amarela, pardacenta nos lados das antenas; mistax composto de cerdas pretas, formando duas fileiras sobre a saliência bucal; fronte recoberta de pruinossidade castanho e com numerosos pêlos pretos ao longo da margem ocular e de cada lado, pouco acima da inserção das antenas; calo ocelar pardo escuro e com numerosas e longas cerdas pretas; occipício revestido de pruinossidade pardacenta atrás do calo ocelar e do vértice, sendo no restante de pruinossidade cinzenta, com cerdas e pêlos pretos; barba branca; probóscida preta, com pêlos brancos em baixo; palpos (fig. 105) pretos, brilhantes, o primeiro articulo com pilosidade branca, o segundo com cerdas pretas; antenas (fig. 68) pretas, os dois primeiros artículos com cerdas pretas, o terceiro com pilosidade preta no dorso, mas não indo além da metade basal.

Tórax: protórax revestido de pruinossidade castanha, com fina pilosidade branca em baixo e cerdas e pêlos pretos em cima; mesonoto preto, exceto nas margens laterais onde existe pruinossidade castanha que se estende desde os calos umerais até os lados da região pós-escutelar; pruinossidade desta cor encontra-se também em duas linhas que se estendem ao longo das dorso-centrais e se espalham na altura dos calos umerais e na região pré-escutelar (esta pruinossidade castanha é melhor visível quando se examina o inseto por trás); pela disposição desta pruina, conclue-se, que o mesonoto apresenta três faixas longitudinais pretas, mas que são nítidas quando vistas com certa incidência luminosa; pêlos e cerdas pretos; dorso-centrais desenvolvidas, principalmente as posteriores; três cerdas pré-suturais, três supra-alares e três pós-alares, existindo também nesta última região alguns pêlos claros; escutelo pardacento em cima e mais escuro na margem onde se implantam duas longas cerdas pretas; região pós-escutelar escura atrás do escutelo, com pruinossidade castanha sobre as calosidades laterais; pleuras recobertas de pruinossidade castanha, mas escura em uma região central da "mesopleu-

ra" e completamente branca na borda inferior da "pteropleura" e "hipopleura"; pilosidade longa e preta, na "metapleura" em mistura com cerdas pretas e na "hipopleura", às vezes, em mistura com pilosidade branca muito fina.

Pernas: coxas revestidas de pruina castanha, às vezes cinzenta, com pilosidade fina de cor branca e algumas cerdas pretas; trocanteres pretos, com pêlos pretos e brancos; fêmures avermelhados, escuros na base e com pilosidade preta; tíbias avermelhadas nos 3/4 basais e pretas no 1/4 apical, às vezes menos, com pêlos e cerdas pretos, exceto na superfície dorsal do par anterior, na superfície pósterodorsal das medianas onde a pilosidade é amarela e curta; tarsos inteiramente pretos, com cerdas e pêlos pretos. Garras pretas; pulvilos amarelos; empódio grande.

Asas levemente escurecidas de pardacento; microtríquia revestindo toda a superfície; nervuras castanhas; nervura costal com pequenas cerdas pretas. Halteres ocráceos.

Addômem preto, havendo nos lados dos quatro primeiros tergitos mancha pruinosa de coloração branca de onde parte densa e fina pilosidade também branca; esta pilosidade se dirige para os lados e é bastante longa no segundo e terceiro tergitos, diminuindo no quarto; no primeiro e segundo tergitos esta pilosidade abrange também a margem posterior; no quarto tergito, em virtude da diminuição desta pilosidade, o seu dorso apresenta largo espaço preto que é muito reduzido nos dois tergitos anteriores a este; todos os tergitos restantes apresentam somente pilosidade preta e curta; esternitos com pruinosa acinzentada e fina pilosidade branca. Genitália preta brilhante, com numerosas cerdas pretas.

♀: — Semelhante ao macho, exceto na coloração das asas e na pilosidade do abdômen.

As asas são intensamente escurecidas de pardacento, e o abdômen apresenta muito escassa pilosidade branca lateral e mancha pruinosa cinzenta somente nos três primeiros tergitos; no primeiro tergito existe lateralmente algumas cerdas pretas junto com outras brancas; no segundo tergito existe larga mancha de pruinosa cinzenta lateralmente e sobre essa mancha escassa pilosidade esbranquiçada; o terceiro tergito é quase inteiramente enegrecido, havendo nos lados da margem posterior uma pequena mancha esbranquiçada com pêlos claros; os tergitos restantes são pretos, brilhantes, havendo nos dois últimos alguns curtos pêlos amarelados; os dois primeiros esternitos recobertos de pruinosa cinzenta e com fina pilosidade esbranquiçada; o terceiro com alguma pruinosa branca no meio, preta no resto e com finos pêlos brancos; o quarto inteiramente preto brilhante com pêlos claros; os restantes esternitos preto-brilhantes com pêlos pretos; genitália com espinhos pretos e pilosidade amarelada.

TIPO: Holótipo ♂, alótipo ♀, Nº 111.161 e 7 parátipos, 2 ♀♀ e 5 ♂♂, depositados como segue: holótipo e um parátipo ♀ na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; um parátipo ♀ na coleção do Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro; 4 parátipos (2 ♀♀ e 2 ♂♂) N.os 62.256, 111.162 a 111.164 neste Departamento; um parátipo ♀ enviado ao Dr. Stanley W. Bromley, de Connecticut, Estados Unidos da America do Norte.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, Jussural, novembro de 1934 (L. TRAVASSOS).

LOCALIDADES ADICIONAIS. — Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, Japuíba, outubro de 1936 (TRAV. & LOPES) e (D. MENDES); Jussural, dezembro de 1934 (TRAV., OITICICA e J. LINS); Serra de Macaé, outubro de 1909 (E. GARBE). — Estado de São Paulo: Santo André, janeiro de 1942 (R. SPITZ).

A denominação que demos a esta espécie representa uma homenagem ao Dr. CHARLES P. ALEXANDER, de Massachusetts, América do Norte, dipterólogo a quem tributamos grande admiração.

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é afim de *Lastauroides hirtuosus* (Wied.) da qual difere pela coloração da pilosidade do seu corpo que é branca, exceto nos três últimos segmentos abdominais onde é preta e pelos fêmures que são pretos apenas em pequena extensão basal. Os machos, nos 3 primeiros tergitos abdominais, mostram pilosidade mais densa e recobrendo quase todo o tergito.

Lastauroides hirtuosus (Wied.)

(Fig. 27)

Dasypogon hirtuosus WIEDEMANN, 1821, p. 227.

REDESCRIBÇÃO — ♂. Cabeça: face recoberta de pruinoseidade amarela; mistax formado por cerdas pretas situadas sobre a borda bucal; fronte, calo ocelar e vértice com pruinoseidade pardacenta e densa pilosidade preta, no calo ocelar com um tufo de longas cerdas; occipício pardacento atrás do calo ocelar, cinzento amarelado no resto, com pêlos e cerdas pretos; barba amarelada; probóscida preta, com longos pêlos amarelos em baixo; palpos pretos, o primeiro articulo com longa pilosidade amarela, o segundo com grossa pilosidade preta; antenas pardacento-escuras, com cerdas e pêlos pretos, nos dois artículos basais muito longas, no apical pequenas e situadas sobre a borda dorsal da metade anterior.

Tórax: pronoto pardacento escuro com cerdas e pêlos pretos; os lados e a frente do protórax recobertos de pruinoseidade amarelo-pardacenta com longa pilosidade amarela e alguns pêlos pretos, mesonoto preto no meio e com as margens laterais recobertas de pruinoseidade amarelo-pardacenta; examinando-se por trás verifica-se, ao longo da fileira de dorso-centrais, uma linha de pruinoseidade amarela, um pouco dilatada na frente; pilosidade longa e preta; cerdas pretas, calos umerais com numerosos pêlos e três cerdas; quatro pré-suturais, três supra-alares, três pós-alares; dorso-centrais finas e longas; escutelo com pruinoseidade amarelo-pardacenta em cima e pardo-escuro na margem, onde se encontram duas longas cerdas pretas, tendo entre elas grossos pêlos também pretos; região pós-escutelar pardacenta bem escura atrás do escutelo e amarela pruinosa sobre as calosidades laterais; pleuras recobertas de pruinoseidade amarelo-pardacenta, com longa pilosidade preta, exceto na "metapleura" onde há cerdas pretas em mistura com longa pilosidade amarela.

Pernas: coxas recobertas de pruinoseidade amarelo-pardacenta e longa pilosidade amarela, no primeiro par também com algumas cerdas pretas e outras amarelas; metade basal dos fêmures, terço apical das tíbias e todos os tarsos preto-brilhantes, no resto vermelhas; cerdas pretas; pilosidade longa e preta, exceto na face externa das tíbias anteriores e medianas onde é amarela; alguma pilosidade amarela também existe sobre os fêmures médios e posteriores, sobre a tíbia posterior e sobre os basitarsos, mas em quantidade muito menor. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas levemente escurecidas de pardacento ao longo das nervuras; setor anal e médio, mais claros, vítreos. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen preto, com pilosidade amarela, muito longa nos lados dos três primeiros segmentos, mais curta nos segmentos seguintes; cerdas laterais do primeiro segmento amarelas; ventre preto, com longa pilosidade amarela. Genitália preta brilhante, com cerdas e pêlos pretos; proctiger com pilosidade amarela.

♀: — Muito menos pilosa que o ♂; cerdas laterais do primeiro segmento do abdômen pretas; quarto tergito preto aveludado com alguns pêlos amarelos nas margens laterais; os tergitos seguintes preto-brilhantes, com pilosidade preta, curta; ventre pardacento escuro, com pêlos amarelados, os dois últimos esternitos preto-brilhantes. Genitália com grossos espinhos pretos e pilosidade arruivada.

MATERIAL EXAMINADO. — Um ♂ e uma ♀ Nos. 62.261 e 111.166.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado do Rio de Janeiro: Itatiaia, 1.200 mts., fevereiro de 1941 (R. C. SHANNON); Petrópolis (SPANHAUER).

Esta espécie é próxima de *alexanderi* da qual se distingue pelos seguintes caracteres: pilosidade do corpo de cor amarela; nos ♂♂, a pilosidade dos segmentos anteriores do abdômen é em quantidade menor do que o verificado em *alexanderi*; todos os segmentos abdominais de *hirtuosus* tem pilosidade amarela, ao passo que em *alexanderi* há pilosidade branca nos anteriores e preta nos posteriores; a cor preta dos fêmures é muito mais extensa; as asas são pardacentas ao longo das nervuras, tanto nos ♂♂ como nas ♀♀, ao passo que em *alexanderi* os ♂♂ têm as asas leves e uniformemente escurecidas e as ♀♀ as têm intensamente escuras. *L. hirtuosus* também é um pouco maior que *alexanderi*.

Lastauroides melaleucus (Schiner)

Dasygogon melaleucus SCHINER, 1868, p. 165.

Não conhecemos esta espécie, mas sua diagnose original não deixa dúvidas quanto à sua verdadeira posição genérica.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "Schwarz; Rückenschild glanzlos, am Rande weiss bestäubt, auf der Mitte mit zwei feinen weissen Längslinien, welche durch ebensolche Querlinien mit dem weissen Rande zusammenhängen; Schildchen und Brustseiten weissgrau. Hinterleib lang gestreckt, die ersten vier Ringe in Folge einer, nur in gewisser Richtung deutlicher vortretender, blauweisslichen Bereifung matt, die übrigen glänzend; Genitalien des Männchens klein, glänzend schwarz, mit fahler Behaarung; Legeröhre des Weibchens stumpf, mit einem Dornenkranze. Kopf ziemlich flach; Untergesicht schneeweiss bestäubt, ganz eben, am Mundrande kaum etwas erhoben, der Knebelbart auf den Mundrand beschränkt, weissborstige Stirne und Hinterkopf weissgrau bestäubt; die Behaarung des Hinterkopfes weiss; Borstenkranz schwarz; Fühler schwarz, das zweite Glied länger als das erste, beide unten schwarzborstig, das dritte elliptisch, kaum länger als die beiden Basalglieder zusammen, oben etwas behaart; der Griffel rudimentär; Taster gross, keulenförmig, schwarz und schwarz beborstet; Rüssel ziemlich weit vorstehend, glänzend schwarz. Beine durchaus schwarz und auch schwarz beborstet, nur die Hüften sind weissgrau bestäubt; die Tarsen in Folge der dichten Beborstung sehr plump erscheinend. Flügel intensiv schwarz, die Anal — und Axillarzelle, so wie der Flügellappen glashell, die Grenze scharf; vierte Hinterrandzelle geschlossen und lang gestielt. 8 — 9". Ein Männchen und drei Weibchen aus Südamerika."

Lastauroides albomarginatus, n. sp.

♀: — Comprimento do corpo 17 mm; das asas 14 mm.

Cabeça: face revestida de pruinoseidade branca; mistax composto de cerdas pretas situadas sobre a elevação da borda bucal; fronte preta, com pruinoseidade branca ao longo das margens oculares; sobre estas e também pouco acima da inserção das antenas encontram-se pêlos pretos; calo ocelar preto com várias cerdas pretas; occipício com cerdas e pêlos pretos; atrás do calo ocelar com pruinoseidade branca formando duas faixas, uma dando a volta pela órbita dos olhos e outra descendo do vértice rodeia o pescoço, ficando assim, de cada lado do pescoço, u'a mancha escura com a forma de um crescente lunar; barba preta; probóscida e palpos pretos com pêlos e cerdas pretos; as antenas não podem ser descritas porque o único exemplar que possuímos as têm quebradas.

Tórax preto, com pêlos e cerdas pretos; mesonoto com pruinoseidade branca em todas as suas margens, no meio preto e com duas linhas longitudinais esbranquiçadas, muito finas e pouco distintas; estas linhas se espalham atrás dos calos umerais e sobre a sutura pré-escutelar, unindo-se à pruinoseidade branca das margens

laterais; dorso-centrais desenvolvidas, formando uma fileira que se inicia antes da sutura transversa; entre a pilosidade dos calos umerais se encontram três cerdas; três ou quatro grandes pré-suturais, três supra-alares e três pós-alares; escutelo com pruinose branca em cima e um ou dois pares de cerdas marginais (encontram-se na margem do escutelo uma cerda de um lado e duas de outro), tendo entre elas pilosidade preta; região pós-escutelar preta atrás do escutelo e com pruinose branca sobre os calos laterais; pleuras com pruinose branca e pêlos pretos sobre a "mesopleura" e "metapleura", nesta última junto com cerdas pretas.

Pernas pretas com pêlos e cerdas pretos; coxas recobertas de pruinose branca, as anteriores com cerdas brancas, uma ou outra de cor preta, pilosidade branca em baixo e preta em cima; as médias e posteriores com cerdas e pêlos brancos, entre os quais alguns pêlos pretos; as coxas posteriores com muito poucas cerdas; a articulação dos fêmures com as tíbias é de cor amarelada. Garras pretas; pulvilos pardacentos.

Asas pardacentas ao longo das nervuras, deixando no meio das células uma região mais clara; nervuras pardo-escuras. Halteres pretos.

Abdômen preto, fosco nos quatro primeiros tergitos, brilhantes nos seguintes e com pilosidade preta no dorso; o primeiro tergito mostra nos lados pêlos brancos na margem anterior e pretos na posterior, estes em mistura com cerdas pretas; nos lados do segundo e terceiro tergitos existe longa pilosidade branca, mas pouco abundante; a margem posterior do sétimo tergito é testácea e o oitavo tem em cima alguns curtos pêlos amarelos; ventre preto-fosco e com pêlos brancos na porção anterior, brilhante e com pêlos pretos na posterior. Genitália com curtos pêlos brancos e grossos espinhos pretos.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: Holótipo ♀ N.º 62.367, depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Alto da Serra, março de 1926 (R. SPITZ).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie, pela pruinose branca que lhe circunda o mesonoto, assemelha-se a *melaleucus* (Schiner), da qual se distingue, entretanto, por apresentar cerdas e pêlos inteiramente pretos na fronte e no occipício, ao envez de brancos como em *melaleucus*. As asas de *albomarginatus* são escuras apenas ao longo das nervuras e as de *melaleucus* são intensivamente pretas. Estas duas espécies são as únicas conhecidas neste gênero que apresentam pruinose branca ao redor do disco do mesonoto.

Lastauroides niger, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 15 mm.; das asas 11 mm.

Cabeça: face recoberta de pruinose amarela; mistax formado por fileiras de cerdas pretas sobre a borda bucal; fronte com pruinose cinzento-amarelada, exceto ao longo das órbitas que é amarela e próximo a inserção das antenas que é preta; pilosidade preta se encontra marginando os olhos, sobre as manchas pretas da base das antenas e no vértice; calo ocelar pardo enegrecido com oito longas e finas cerdas pretas; occipício preto atrás do calo ocelar, com pruinose cinzenta no resto; cerdas e pêlos pretos se encontram atrás do calo ocelar e ao longo da margem dos olhos; barba branca; probóscida pardo-escura, com longos pêlos brancos em baixo; palpos pretos, reluzentes, com pilosidade branca no primeiro artigo, preta com um ou outro pêlo branco no segundo; antenas pardo-escuras, com pêlos e longas cerdas pretas nos dois primeiros artigos; o terceiro com alguns pequenos pêlos pretos no meio da borda dorsal.

Tórax preto, com pruinossidade pardacenta sobre o protórax, sobre as margens laterais, pleuras, escutelo e região pós-escutelar; no protórax encontram-se pêlos e cerdas pretos em cima, fina e longa pilosidade branca em baixo; mesonoto com pêlos e cerdas pretos; duas finas faixas esbranquiçadas, muito indistintas, percorrem a linha das cerdas dorso-centrais; estas cerdas formam uma fileira que se inicia antes da sutura transversa; sobre os calos umerais existem pêlos e cerdas pretos; quatro pré-suturais, quatro supra-alares e quatro pós-alares, onde há também alguns pequenos pêlos esbranquiçados; escutelo com a margem preta e duas enormes cerdas pretas, havendo entre elas longos pêlos pretos; "mesopleura" com pêlos pretos na porção superior e brancos na inferior; "metapleura" com longa pilosidade branca e algumas cerdas pretas.

Pernas: coxas recobertas de pruinossidade branco-amarelada, com longa pilosidade branca; nas do primeiro par de pernas existem alguns pêlos e cerdas pretos; o restante das pernas é inteiramente preto, exceto na articulação dos fêmures com as tíbias que é amarela; os pêlos e as cerdas são de cor preta, exceto nos fêmures anteriores e medianos onde há fina pilosidade branca na superfície ventral, mais escassa no par mediano; tarsos de grossura normal. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas estreitas, levemente escurcidas devido a microtríquia que as reveste; nervuras pardacento-escuras; nervura transversa anterior situada sobre o terço anterior da célula discal; célula marginal estreitada na borda da asa; célula anal aberta. Halteres pardo-escuros, um pouco mais claros na haste.

Abdômen preto, fosco nos quatro primeiros tergitos, brilhante nos tergitos seguintes; nos quatro tergitos anteriores se encontra u'a mancha de cada lado de forma triangular e formada por pruinossidade cinzenta, havendo sobre ela pilosidade branca; estas manchas cinzentas abrangem as margens laterais e posterior; nos lados do primeiro tergito se encontram grossas cerdas pretas e alguns pêlos pretos no meio de pilosidade branca; os pêlos que revestem os tergitos dorsalmente são pretos; ventre com pruinossidade e pilosidade branca na metade anterior, preto brilhante com pêlos pretos na posterior. Genitália com pêlos e espinhos pretos.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: Holótipo ♀ N.º 111.165, depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Distrito Federal, abril de 1938 (S. F. A.).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — A fêmea desta espécie é parecida com a fêmea de *alexanderi* da qual se distingue rapidamente por não possuir as asas enfuscadas de pardacento. Ela difere de *albomarginatus* pela pruinossidade amarela da face, pela pruinossidade pardacenta do tórax, pela pilosidade branca da barba e do protórax e pelas manchas de pruinossidade branca nos lados dos quatro primeiros segmentos abdominais. Difere de *melaleucus* pela ausência de pêlos brancos na fronte e no occipício e também pela ausência de pruinossidade branca nos lados do mesonoto.

Lastauroides crassitarsis (Macq.)

Dasypogon crassitarsis MACQUART, 1838, p. 36.

Diogmites atratus BIGOT, 1878, p. 415.

REDESCRIÇÃO — ♀. Cabeça: face com pruinossidade branca; mistax formado por cerdas pretas, tendo em cima outras cerdas de cor branca um pouco menores; fronte preta com pruinossidade esbranquiçada e grossa pilosidade preta ao longo das

órbitas oculares e nos lados; calo ocelar com várias cerdas pretas, entre as quais dois pares muito desenvolvidos; occipício com pruinosidade cinzenta, pêlos e cerdas pretos; barba com pêlos brancos e pretos misturados; probóscida preta, com pêlos pretos e curvada para baixo; palpos pretos com pêlos e cerdas pretos; antenas pretas, o segundo artículo um pouco avermelhado, com pêlos e algumas cerdas pretos.

Tórax preto, com alguma pruinosidade branca nos lados; protórax com pêlos e cerdas pretos, próximo ao pescoço a pilosidade é ruiva; mesonoto com linhas longitudinais esbranquiçadas, pouco distintas e que partem de duas regiões de pruinosidade branca situadas nos lados dos calos umerais; escassa pilosidade preta; cerdas dorso-centrais presentes antes da sutura transversa; sobre esta sutura existe pruinosidade branca que se espalha pelos lados do mesonoto; cerdas laterais pretas; três pré-suturais, quatro supra-alares e três nos calos pós-alares; escutelo com pruinosidade branca e duas cerdas pretas marginais; região pós-escutelar preta atrás do escutelo, com pruinosidade branca nas calosidades laterais; pleuras com pilosidade preta na "mesopleura" e na "metapleura" junto com cerdas pretas.

Pernas: coxas com pruinosidade esbranquiçada; nas anteriores com cerdas e pêlos pretos, nas medianas e posteriores com cerdas pretas e pêlos amarelos; o resto das pernas vermelho-escuro com cerdas e pêlos pretos, exceto na face posterior das tíbias anteriores e médias onde existe alguma pilosidade branca, mais abundante nas médias; tarsos grossos, robustos, com curtas e grossas cerdas e pêlos pretos. Garras pretas; pulvilos amarelo-escuros.

Asas (fig. 167) pardas, muito escuras, com intenso reflexo de cor violeta; nervuras pretas. Halteres vermelho-amarelados.

Abdômen preto, os quatro últimos segmentos brilhantes; no primeiro tergito encontra-se pilosidade amarelada na margem posterior e nos lados, em mistura com pilosidade e cerdas pretas; o segundo tergito com pilosidade esbranquiçada lateral, onde também se encontra mancha pruinososa dessa mesma cor; os tergitos restantes só possuem pilosidade preta; ventre preto, com pêlos pretos. Genitália com curtos pêlos arruivados.

Redescrição baseada em 2 ♀♀ com as seguintes procedências: Estado de São Paulo: Cantareira, janeiro de 1914 (E. GARBE) N.º 62.369 e Estado do Rio de Janeiro: Angra dos Reis, dezembro de 1932 (L. TRAVASSOS), devolvido à coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

Os caracteres que distinguem esta espécie de todas as que examinamos consistem, principalmente, na grossura dos tarsos e na coloração das asas que apresentam reflexos intensos de cor violeta. As ♀♀ de *alexanderi* apresentam as asas também escurecidas, mas êste reflexo violeta não existe e suas pernas são delgadas.

As descrições de MACQUART e de BIGOT adaptam-se ao mesmo inseto e referem-se somente aos machos que não conhecemos, mas os dois caracteres que citamos acima, tornam esta espécie muito característica.

Lastauroides mixtus, n. sp.

♂ : — Comprimento do corpo 14 mm.; da asa 12 mm.

Cabeça (fig. 55): face recoberta de pruinosidade amarela, com a elevação da borda bucal bastante acentuada e sobre a qual se situam as cerdas do mistax que são pretas em cima e amarelas na margem da boca; fronte recoberta de pruinosidade pardo-escuro e com abundante e longa pilosidade preta nos lados; calo ocelar preto com ocelos amarelos e com um tufo de longas cerdas pretas, muito finas;

occipício preto atrás do vértice, com pruinossidade amarela no resto, cerdas e pêlos pretos; barba amarela com alguns pêlos pretos; probóscida preta com pilosidade amarela em baixo; palpos pretos, o primeiro artícuo com pêlos amarelos, o segundo com grossa pilosidade preta; antenas pretas, o primeiro e segundo artícuos com cerdas pretas e uma ou outra amarela; o terceiro com pequenos pêlos pretos no meio da borda superior.

Tórax preto, com longos pêlos pretos, pouco abundantes; margens laterais do mesonoto recobertas de pruinossidade amarela que vai desde os calos umerais até os pós-alares; nos lados dos calos umerais se iniciam duas faixas longitudinais de pruinossidade amarela que, anteriormente, se encostam na pruinossidade lateral e se estendem depois ao longo da fileira de cerdas dorso-centrais, terminando pouco antes da sutura pré-escutelar; dessa forma, o disco do mesonoto pode ser descrito como tendo a cor preta limitada a uma faixa mediana e duas manchas separadas pela pruinossidade amarela da sutura transversa; dorso-centrais pretas, mais desenvolvidas as posteriores; cerdas e pêlos pretos se encontram sobre os calos umerais que são de cor castanha; cerdas laterais amarelas: três pré-suturais, três supra-alares e quatro pós-alares; escutelo com pruinossidade amarela em cima, preta na margem onde se inserem duas longas cerdas amarelas, tendo entre elas fina e longa pilosidade preta; região pós-escutelar escura, com pruinossidade amarela sobre as calosidades laterais; pleuras recobertas de pruinossidade cinza e pardacenta, com longa pilosidade preta na "mesopleura" e um tufo de cerdas e pêlos amarelos, muito compridos, na "metapleura".

Pernas: coxas recobertas de pruinossidade cinza e com pêlos amarelos; fêmures pretos, brilhantes, exceto o quinto apical que é vermelho; a pilosidade do primeiro par de pernas é longa e preta, a do segundo é amarela em mistura com preta e a do terceiro é amarela, exceto na superfície ântero-dorsal onde é preta e curta: tíbias inteiramente avermelhadas, com cerdas pretas predominando no primeiro par e ocráceas nos pares seguintes; a pilosidade é curta, preta em cima e amarela em baixo; tarsos avermelhados, com pêlos e cerdas pretos, exceto inferiormente onde sempre há alguma pilosidade amarela. Garras amarelas no terço basal e pretas no restante; pulvilos amarelos.

Asas claras com microtríquia no interior das células, mais abundante nas da borda costal e apical, o que as tornam um pouco mais escuras; nervuras costal e primeira longitudinal mais claras que as nervuras restantes que são pardo-escuras. Halteres ocráceos.

Abdômen preto-aveludado com as margens laterais dos cinco primeiros tergitos recobertas de pruinossidade amarela; no 1.º tergito lateralmente há cerdas amarelas; pilosidade amarela e longa se encontra nos lados do primeiro ao quarto tergitos, dorsalmente esta pilosidade é mais escassa e curta; nos três últimos tergitos a pilosidade é inteiramente preta; ventre com pruinossidade amarelada; a pilosidade é longa e escassa, amarela anteriormente, preta nos dois últimos esternitos. Genitália preta brilhante com cerdas e pêlos pretos.

♀ : — Desconhecida.

TIPO: Holótipo ♂ N.º 62.262, depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Campos do Jordão, novembro de 1931 (P. C. A. ANTUNES).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie é próxima de *hirtuosus* (Wied.) da qual se distingue, porém, pela fileira de cerdas amarelas no mistax, pela pilosidade preta dos últimos segmentos abdominais e pela coloração inteiramente avermelhada das tíbias e tarsos. Há também alguma semelhança com *alexanderi*, mas as cerdas amarelas do mistax, a coloração das tíbias e tarsos e a pilosidade amarela do abdômen não permitem qualquer confusão.

Lastauroides modestus, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 13 mm.; das asas 10 mm.

Cabeça (fig. 56): face recoberta de pruinosidade amarela; mistax formado por uma fileira de cerdas amarelo-claras sobre a margem bucal; fronte preta, exceto ao longo das órbitas oculares e acima da inserção das antenas onde há pruinosidade parda e longa pilosidade preta; calo ocelar preto com pêlos e cerdas pretos; vértice preto com alguns pêlos pretos; occipício preto com pruinosidade cinzenta ao redor da margem ocular, cerdas e pêlos pretos na porção superior e pilosidade amarela na inferior; barba amarelada; probóscida grossa na base, preta, com longos pêlos amarelados em baixo; palpos pretos, com pêlos amarelados no primeiro artigo e pretos misturados com brancos no segundo; antenas pretas, com pêlos e cerdas pretos nos artigos basais e alguns pequenos pêlos pretos na metade anterior da borda dorsal do terceiro; este artigo apresenta uma compressão sub-apical e é pouco estreito na base.

Tórax preto com pruinosidade amarelada nas margens laterais do mesonoto e esparsamente sobre o protórax; no protórax se encontram pêlos e cerdas pretos em cima, pêlos amarelados em baixo; mesonoto com duas finas faixas cinzentas ao longo da fileira de cerdas dorso-centrais; estas duas faixas apresentam expansões para os lados na altura dos calos umerais, sobre a sutura transversa e sobre toda a região pré-escutelar; desse modo, pode-se dizer que o mesonoto apresenta no meio uma larga faixa preta e castanha e nos lados duas manchas da mesma cor, arredondadas e quase inteiramente separadas pela sutura transversa; pêlos e cerdas pretos; dorso-centrais se iniciando antes da sutura transversa, as posteriores mais desenvolvidas que as anteriores; calos umerais castanhos e recobertos de pruinosidade amarelada, com cerdas e pêlos pretos; três cerdas pré-suturais, duas supra-alares e três nos calos pós-alares; escutelo preto, com pruinosidade amarelada nos cantos laterais e duas grandes cerdas pretas na margem, entre as quais alguns pêlos pretos; região pós-escutelar preta atrás do escutelo e com pruinosidade amarela sobre as calosidades laterais; pleuras com pruinosidade amarelada, exceto no meio da "mesopleura", na metade anterior da "sternopleura" e sobre a porção inferior da "pteropectura" que são pretas; pilosidade preta existe sobre a "mesopleura", preta e amarelada sobre a "sternopleura", amarelada sobre a "pteropectura" e "metapleura", havendo nesta última também cerdas amarelas.

Pernas: coxas pretas, com pruinosidade amarelada e longa pilosidade dessa mesma cor; nas do primeiro par de pernas se encontram alguns pêlos amarelados e cerdas amarelas; trocânteres pretos; fêmures vermelhos com a base preta, sendo que nos anteriores a cor preta ocupa quase toda a metade basal, nos médios o sexto basal e nos posteriores apenas a articulação com os trocânteres; a pilosidade dos fêmures é preta em cima e amarelada em baixo, muito escassa no último par; todas as cerdas são pretas; tíbias ocráceas com quase todo o terço apical preto; cerdas pretas e pilosidade amarela na face posterior e preta na anterior, exceto nos do último par onde a pilosidade amarela quase envolve toda a tíbia; tarsos inteiramente pretos, com cerdas e pêlos pretos, exceto na superfície ventral onde há curta pilosidade amarela, muito escassa no par mediano. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas estreitas, levemente escurecidas de pardacento devido a microtríquia entre as células; nervuras ocráceas; célula anal aberta. Halteres ocráceos.

Abdômen preto, fosco nos quatro primeiros segmentos, brilhante nos quatro últimos; a pilosidade é amarela, curta dorsalmente e longa nos lados dos quatro primeiros tergitos; estes quatro tergitos mostram nas margens laterais mancha de pruinosidade amarelada; no primeiro tergito há alguns pêlos pretos misturados com amarelos na margem posterior e com algumas cerdas também amarelas nos

lados; ventre com pilosidade amarelada, os três últimos esternitos preto-brilhantes, os restantes anteriores revestidos de pruinossidade amarelada. Genitália com espinhos grossos e pretos.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: Holótipo ♀ N.º 62.732, depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Campos do Jordão, dezembro de 1944 (F. LANE).

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Esta espécie é próxima de *niger*, dela se distinguindo pela coloração avermelhada das pernas, pela pilosidade amarela dos tergitos abdominais e pelas cerdas amarelas que formam o mistax. A coloração dos fêmures, a forma da saliência bucal separam-na de *mixtus*.

LASTAURONIA, n. gen.

CARACTERES — Cabeça: face inclinada e gradualmente se salientando de cima para baixo, a metade superior nua, a inferior com alguma pilosidade que se cruza com as finas cerdas do mistax sobre a borda bucal; fronte com pilosidade lateral abundante; calo ocelar saliente e com oito a dez cerdas longas; os dois artículos dos palpos não são contínuos, isto é, o segundo se insere no ápice do primeiro, formando um ângulo; probóscida pouco maior que as antenas, quilhada em cima e com fina ponta levemente inclinada para baixo; primeiro artículo das antenas um pouco menor que o segundo, os dois reunidos quase alcançam um comprimento igual à metade do terceiro, êste sub-fusifforme.

Tórax: protórax com abundante pilosidade e dois o utrês pares de cerdas nos lobos laterais; sobre o pescoço com uma fileira de longas e finas cerdas; mesonoto com cerdas laterais e dorso-centrais desenvolvidas; as dorso-centrais se estendem desde a borda anterior até a posterior do mesonoto; calos umerais com seis cerdas e alguns pêlos; a pilosidade do mesonoto é mais abundante nas margens; escutelo com cinco cerdas marginais, três de um lado e duas de outro, em mistura com longa e fina pilosidade; região pós-escutelar nua; "mesopleura" e "metapleura" com longa pilosidade.

Pernas fortes; esporão apical das tíbias anteriores curto e bastante agudo; garras pontudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas: primeira célula basal pouco maior que a segunda.

Abdômen com pilosidade lateral mais longa nos lados dos quatro primeiros tergitos, no meio a pilosidade é curta; os dois últimos segmentos bem mais estreitos que os anteriores.

GENÓTIPO: *Lastauronia travassosi*, n. sp.

Êste gênero distingue-se de *Lastaurus* pela forma dos palpos e das antenas; distingue-se de *Lastauropsis* pela forma do mistax; dos gêneros restantes deste complexo, pela forma da face. O genótipo é a única espécie do gênero presentemente.

Lastauronia travassosi, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 16 mm.; das asas 13 mm.

Cabeça (fig. 52): face recoberta de pruinossidade amarelada; mistax denso, formado por grossa pilosidade amarela que encobre quase toda a metade inferior

da face e por longas cerdas amarelas que se implantam na borda bucal; fronte com pruiniosidade pardacenta, preta no meio e tendo nos lados numerosos pêlos pretos e amarelos bastante longos; calo ocelar recoberto de pruiniosidade pardacenta, com grandes oçelos amarelos e vários pares de enormes cerdas pretas; occipício avermelhado atrás do calo ocelar, escuro desde o vértice até o pescoço e com pruiniosidade esbranquiçada no restante; coroa de cerdas occipitais preta, nos lados com cerdas e pilosidade amarelo-clara; barba amarela; probóscida preta, com mancha amarela antes do meio e o ápice amarelo-avermelhado, com longa pilosidade amarela em baixo; palpos (fig. 104) pardo-avermelhados, o primeiro artícuo com pilosidade amarela, o segundo com pêlos amarelos e cerdas pretas; antenas (fig. 69) avermelhadas, os dois primeiros artícuos com numerosas cerdas pretas, o terceiro com algumas pequenas cerdas na porção mediana da borda dorsal; o segundo artícuo é um pouco maior que o primeiro, o terceiro é fino no terço apical e pouco maior que duas vezes os dois basais reunidos.

Tórax: protórax pardacento em cima e amarelado nos lados, onde se encontra densa pilosidade também amarelada e cerdas pretas; mesonoto com pruiniosidade castanho-escura e com duas faixas laterais e uma mediana longitudinal mais clara, esta última bem visível na altura da sutura transversa; vista por trás, a região pré-escutelar é recoberta de pruiniosidade dourada, avançando para a frente em duas faixas dorso-centrais que só podem ser vistas com certa incidência luminosa. Nas margens laterais, formando um semi-círculo, há pruina amarela que se inicia nos calos umerais, recobre os calos pós-alares, o dorso do escutelo e os lados da região pós-escutelar; na sutura transversa esta pruiniosidade avança para o meio do mesonoto; sobre o mesonoto encontra-se longa e esparsa pilosidade preta que, nos lados e atrás, se mistura com pilosidade amarela; cerdas dorso-centrais pretas, desenvolvidas e iniciando-se na borda anterior do mesonoto; calos umerais com alguns pêlos amarelos e grossas cerdas pretas; cerdas laterais pretas; cinco pré-suturais, três ou quatro supra-alares e quatro ou cinco pós-alares; escutelo com pruiniosidade amarelada em cima e avermelhada em baixo e marginalmente, com duas longas cerdas pretas de um lado e três de outro, havendo entre elas longa pilosidade amarelo-clara; região pós-escutelar escura no meio, com pruiniosidade amarelada nos lados; pleuras com pruiniosidade amarelada, escura na "mesopleura" onde existe longa pilosidade amarela; sobre a "metapleura" encontram-se grandes cerdas pretas e pêlos amarelos.

Pernas avermelhadas, exceto as coxas que estão encobertas por pruiniosidade cinzenta e onde se inserem longos pêlos amarelos e algumas cerdas pretas; fêmures do par anterior com cerdas e pêlos pretos, fêmures médios e posteriores com alguns pêlos pretos e grande quantidade de amarelos e cerdas amarelas; tôdas as tíbias com pilosidade amarela e numerosas cerdas pretas, havendo nas do par anterior pilosidade preta na face ventral que é muito reduzida nas do par mediano e posterior; tarsos com pêlos amarelos em cima e alguns pretos em baixo, com numerosas cerdas pretas, curtas e muito fortes. Garras pretas; pulvilos amarelos, grandes; empódio pouco maior que os pulvilos.

Asas claras, levemente acinzentadas no ápice e na borda posterior; nervuras ocráceas; nervura costal recoberta por pequenas cerdas pretas que na base são em maior número e entremeadas por cerdas amarelas. Halteres ocráceos.

Abdômen: primeiro tergito preto com duas pequenas manchas alaranjadas, uma na margem anterior e outra na posterior, sendo as margens laterais recobertas por pruina cinzenta; longa pilosidade e cerdas amarelas se encontram nos lados deste tergito; segundo tergito preto com u'a mancha alaranjada de forma triangular e com pruiniosidade cinzenta recobrimdo largamente as margens laterais; neste tergito a pilosidade é amarela, muito fina e escassa em cima, abundante e longa nos lados; terceiro, quarto e quinto tergitos alaranjados no meio, com u'a mancha preta de cada lado, não chegando até a borda posterior nem até as laterais

que são largamente recobertas por pruiniosidade cinzenta; sobre a pruiniosidade cinzenta lateral, centralmente, há uma pequena mancha arredondada de cor preta; as manchas pretas laterais progressivamente diminuem de tamanho à medida que aumentam às de cor alaranjada; pilosidade amarela, pequena e escassa em cima, mais longa e fina nos lados, o que acontece também no quarto e quinto tergitos; sexto, sétimo e oitavo tergitos alaranjados, brilhantes, mais escuros nos lados e com curta pilosidade amarela; o sexto e o sétimo com as margens laterais finamente recobertas de pruiniosidade cinzenta; o oitavo quase inteiramente alaranjado; esternitos recobertos de pruiniosidade amarelada exceto sobre três manchas de tonalidade ocrácea no meio; estas manchas têm formas diversas, a central é triangular e as laterais são arredondadas; as margens posteriores dos esternitos são amarelas, mas não têm pruiniosidade; a pilosidade nestes escleritos é longa, fina e também de cor amarela. Genitália avermelhada com pêlos amarelos e espinhos pretos.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: Holótipo ♀ N.º 111.181 depositado na coleção do Depto. de Zoologia, S. Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de São Paulo: Capital, outubro de 1934 (L. TRAVASSOS FILHO).

O nome desta espécie representa uma homenagem ao nosso colega e grande amigo Dr. LAURO TRAVASSOS FILHO, a quem devemos precioso material.

LASTAURINA Curran

Lastaurina CURRAN, 1934, p. 171.

Lastaurina CURRAN, 1935, p. 5.

CARACTERES — Corpo inteiramente recoberto por densa pilosidade, nas ♀♀ menos abundante; face convexa desde a base das antenas até a borda bucal e toda recoberta de pêlos; calo ocelar saliente e com quatro pares de longas cerdas; probóscida maior que as antenas; a articulação dos palpos forma um ângulo; terceiro articulo antenal levemente fusiforme.

Tórax: mesonoto com cerdas laterais e dorso-centrais muito desenvolvidas; as dorso-centrais formando uma fileira que se inicia próximo à margem anterior do mesonoto; escutelo com dois ou três pares de cerdas marginais e longa pilosidade; região pós-escutelar nua.

Pernas robustas com curtas e grossas cerdas.

Asas com a primeira célula basal maior que a segunda.

Abdômen recoberto inteiramente por pilosidade bastante densa, sendo nas ♀♀ muito menos abundante; neste sexo os três últimos segmentos abdominais são lisos e brilhantes; genitália do ♂ torcida mais ou menos de 90 graus.

GENÓTIPO: *Dasygogon ardens* Wied., 1828, por designação original.

Entre os gêneros do complexo *Lastaurus*, este se distingue com facilidade pela forma da face inteiramente convexa e revestida de pêlos. A espécie redescrita abaixo é a única conhecida, presentemente.

Lastaurina ardens (Wied.)

Dasygogon ardens WIED., 1828, p. 391.

Lastaurus ardens (WIED.), SCHINER, 1866, p. 678.

Lastaurina ardens (WIED.), CURRAN, 1935, p. 5.

REDESCRIÇÃO — ♂. Cabeça (fig. 63): face recoberta de pêlos amarelos, finos sedosos, desde a base das antenas até a margem bucal, onde se situam as cerdas do mistax que também são amarelas, sobressaindo-se às vezes de entre a densa pilosidade facial; fronte castanha, variando do claro ao escuro, com dois tufos de pêlos amarelos, um de cada lado; calo ocelar preto, com várias cerdas finas, pretas, em mistura com amarelas; occipício com pruiniosidade amarelada e densa pilosidade amarela; probóscida preta, amarelada na porção inferior da metade basal, com pêlos amarelos, ápice pontudo e inclinado para baixo; palpos (fig. 106) alaranjados, o primeiro artículo, às vezes mais escuro, pilosidade amarela; antenas (fig. 76) alaranjadas, ápice do terceiro artículo escuro, nos dois artículos basais encontra-se pilosidade amarela, sobressaindo-se do segundo uma cerda preta; o terceiro artículo com alguns pequenos pêlos amarelos na borda dorsal formando uma fileira que chega até pouco além do meio do artículo.

Tórax inteiramente recoberto de longa pilosidade amarela; tegumento do mesonoto amarelo avermelhado, com duas finas faixas longitudinais medianas de cor preta e duas outras manchas fusiformes laterais da mesma cor, porém divididas transversalmente pela pruiniosidade clara presente sobre a sutura transversa; cerdas dorso-centrais desenvolvidas, pretas e formando uma série que se inicia próximo à borda anterior do prescuto; cerdas laterais pretas: quatro pré-suturais, quatro supra-alares e quatro nos calos pós-alares, havendo entre estas uma inteiramente amarela e outras com a metade basal preta e a apical amarela; escutelo com pruiniosidade amarela e na margem cinco ou seis fortes cerdas pretas em mistura com longa pilosidade também amarela; região pós-escutelar escura atrás do escutelo e com pruiniosidade amarela sobre as calosidades laterais; pleuras com pruiniosidade pardacenta e longa pilosidade amarela.

Pernas avermelhadas, exceto as coxas que são pretas, revestidas de pilosidade exclusivamente amarela; cerdas pretas, geralmente pequenas. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 168) vítreas, levemente amareladas, com o ápice e borda posterior um pouco escurecidas devido a persença de microtríquia; o início da nervura costal, até a umeral, recoberta de pequenas cerdas amarelas e no resto pretas; nervuras castanho-claras. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen com o tegumento preto-fosco e revestido de intensa e hirta pilosidade amarela; a margem posterior dos tergitos é amarela; ventre com pilosidade amarela. Genitália preta em cima, avermelhada em baixo e com pilosidade amarela.

♀: — Semelhante ao macho nos caracteres essenciais, sendo as seguintes as diferenças constatadas: a pilosidade do corpo é muito menos abundante, mais curta e permitindo facilmente verificar-se a coloração e desenhos do tegumento; os segmentos abdominais, exceto os três últimos que são avermelhados, brilhantes e com pilosidade extremamente curta, apresentam a cor preta na metade basal e avermelhada no resto.

MATERIAL EXAMINADO. — 7 ♂♂ e 4 ♀♀ Nos. 62.236, 62.257, 62.258, 104.447, 104.448, 111.159 e 111.160, com as seguintes procedências: — Estado de São Paulo: São Caetano, março de 1926 (R. SPITZ); São Bernardo, março de 1927 (R. SPITZ); Capital, janeiro de 1908 (LUEDERWALDT), junho de 1938 (SCHUREL). — Estado do Paraná: Ponta Grossa, janeiro de 1944 (HATSCHBACH). — Estado de Mato Grosso: Faz. Murtinho, dezembro de 1929 (R. SPITZ).

LASTAUROPSIS, n. gen.

CARACTERES — Cabeça: face inclinada e gradualmente se salientando de cima para baixo; os 3/4 inferiores completamente recobertos por densa e uniforme pilosidade que desce sobre a borda bucal onde não se distinguem cerdas; fronte com pilosidade lateral abundante; calo

ocelar saliente e com um tufo de longas cerdas; os dois artículos dos palpos não contínuos, isto é, sobre o ápice do primeiro, se superpõem à extremidade basal do segundo, formando um ângulo; probóscida maior que as antenas, com uma quilha dorsal bem pronunciada e uma ponta aguda e inclinada para baixo; os dois primeiros artículos das antenas subiguais, o terceiro uma vez e meia maior que os dois basais reunidos, fusiforme, o ápice mais fino que o resto do artículo.

Tórax: protórax com abundantes cerdas e pêlos; mesonoto com cerdas laterais desenvolvidas como também a dupla fileira de dorso-centrais que se estende desde a altura dos calos umerais até a margem posterior; calos umerais com seis grossas cerdas; pilosidade mais abundante em todas as margens do mesonoto; escutelo com duas longas cerdas marginais, havendo entre elas longa pilosidade convergente; região pós-escutelar nua; pleuras com longa pilosidade na "mesopleura" e na "metapleura".

Pernas fortes com cerdas curtas; esporão apical das tíbias anteriores curto e bastante agudo. Garras pontudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas: primeira célula basal maior que a segunda (si a 1a. basal = 1, a 2a. basal = 4/5).

Abdômen inteiramente recoberto de pêlos, escassos no primeiro segmento, abundantes e dirigidos para os lados nos restantes. Genitália do macho pouco saliente, torcida, as peças laterais situadas uma dorsal e outra ventral.

GENÓTIPO: *Lastauropsis villosus*, n. sp.

Caracteriza-se êste gênero entre os demais deste complexo, pela forma da face inclinada como em *Lastaurus*, mas com um espesso tufo de pêlos que recobre inteiramente os seus 3/4 inferiores; o tamanho pequeno e fusiforme do terceiro artículo da antena e a posição dos artículos dos palpos, podem servir também como caracteres diferenciais entre êle, *Lastaurus* e *Lastaurax*. Presentemente, só uma espécie faz parte deste gênero.

Lastauropsis villosus, n. sp.

(Fig. 29)

♂: — Comprimento do corpo 21 mm.; da asa 17 mm.

Cabeça (fig. 54): face quase toda escondida por um tufo compacto de finos pêlos amarelos, cujo comprimento ultrapassa os palpos, sem cerdas, com pruinossidade pardacenta na base das antenas que se estende pela frente; em cada lado da região mediana da frente e nas margens dos olhos existe longa pilosidade preta; calo ocelar grande, escuro, com numerosas e longas cerdas pretas; ocelos grandes e amarelos; vértice com pruinossidade pardacenta; occipício com pruinossidade pardacenta, mais escura atrás do calo ocelar, com numerosas cerdas e pêlos pretos; barba amarela; probóscida pardo-escuro, amarelada na base e com uma faixa também amarelada no meio, tendo em baixo longa pilosidade preta; palpos (fig. 107) castanho-escuros, com numerosas e grandes cerdas pretas; antenas (fig. 77) pardo-avermelhadas, o primeiro artículo mais escuro, com cerdas pretas, formando no apical uma fileira que ocupa a porção mediana dorsal.

Tórax pardo avermelhado, exceto nas margens laterais do mesonoto que são pardo-claras; protórax com cerdas e pêlos pretos, algumas cerdas amarelas sobre o pescoço e um tufo de longas cerdas pretas em mistura com pêlos amarelos sobre o esclerito acima das coxas; mesonoto com esparsa e longa cerdasidade preta entre a

qual se encontra uma ou outra cerda amarela; calos umerais com grossas cerdas pretas; a fileira de dorso-centrais se inicia antes da sutura transversa e é formada por longas cerdas pretas; na margem posterior do mesonoto se encontram algumas finas cerdas amarelas; cerdas laterais pretas; quatro pré-suturais, três supra-alares e quatro ou cinco nos calos pós-alares; escutelo pardacento escuro com um ou dois pares de cerdas marginas pretas (em um lado há uma única e no outro duas cerdas); no meio da margem escutelar existem longos pêlos amarelos convergentes e cruzados; região pós-escutelar preta, levemente pardacenta sobre as calosidades laterais; pleuras pardacentas; longa pilosidade preta e amarela existe na margem posterior da "mesopleura" e sobre a "metapleura" onde também se encontram grossas cerdas pretas.

Pernas: coxas com a mesma pruinosidade das pleuras, abundantes pêlos e cerdas pretos, havendo também nas coxas medianas e posteriores alguns pêlos amarelos; o resto das pernas é castanho avermelhado com curtas e grossas cerdas pretas; no par anterior a pilosidade é inteiramente preta; no mediano, as tíbias têm alguma pilosidade amarela na metade basal da superfície ântero-dorsal; no par posterior a pilosidade predominante é a amarela, limitando-se a pilosidade preta a alguns esparsos pêlos sobre a face inferior dos fêmures, em toda a face interna das tíbias, na face inferior do basitarso e em todos os tarsos restantes, exceto no segundo artigo onde ainda se encontram alguns pêlos amarelos. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas castanho-claras ao longo de todas as nervuras, de forma que no meio de cada célula existe sempre uma região mais clara; nervuras avermelhadas; a nervura costal, na base, mostra pequenas cerdas amarelas em mistura com outras pretas voltadas para a face inferior. Halteres pardo-avermelhados.

Abdômen preto aveludado, densamente recoberto de longa pilosidade amarela dirigida para os lados, havendo no meio de cada tergito escassa pilosidade; o primeiro tergito é quase todo preto, tendo na margem posterior alguma pilosidade amarela que nos lados é mais densa, fina e em mistura com grossas cerdas pretas; a margem anterior do segundo tergito não tem pêlos amarelos e daí em diante as regiões pretas vão se tornando cada vez menores; a contar do terceiro tergito as regiões laterais de cada um deles mostram em baixo da pilosidade amarela uma pruinosidade esbranquiçada; ventre com pruinosidade pardo-amarelada e pilosidade amarela. Genitália com o nono tergito preto brilhante, pequeno, com pêlos amarelos; nono esternito virado para o lado, amarelo no meio e mais escuro nas margens; outras peças da genitália avermelhadas.

♀ : — Desconhecida.

TIPO: Holótipo ♂ N.º 62.260, depositado na coleção do Depto. de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Paraná: Rio Negro, janeiro de 1929.

A pilosidade recobrimdo a face desta espécie torna-a facilmente reconhecível entre todas as do complexo *Lastaurus*.

LASTAURAX, n. gen.

CARACTERES — Cabeça: face plana no meio, saliente na borda bucal e na base das antenas; mistax situado na borda da boca; fronte com grossa pilosidade lateral; calo ocelar com um tufo de finas cerdas; os dois artigos dos palpos um em seguida ao outro, não havendo ângulo algum na junção dos mesmos; probóscida aproximadamente tão longa quanto o segundo e terceiro artigos antenais reunidos, fina na ponta e com uma nítida quilha dorsal; os dois primeiros artigos da antena de comprimentos sub-iguais, o terceiro quase duas vezes e meia mais longo que os dois basais reunidos, muito pouco dilatado no meio, linear, e com uma concavidade sub-apical.

Tórax: pronoto com abundante pilosidade lateral; mesonoto com dorso-centrais desenvolvidas desde o meio do prescuto até a sutura pré-escutelar; cerdas laterais grandes; pilosidade mais abundante nos lados do mesonoto que no meio; escutelo com duas longas cerdas marginais e alguns raros pêlos também marginais; região pós-escutelar com calosidades laterais desenvolvidas, porém nuas; pleuras com alguns pêlos no meio, na "metapleurá" muito longos.

Pernas delgadas, com cerdas curtas; esporão apical das tíbias anteriores fino, curto e recurvado. Garras pontudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas: primeira célula basal maior que a segunda (si a 1a. basal = 1, a 2a. basal = 3/4).

Abdômen cônico, com pilosidade pouco abundante, exceto nos lados do primeiro tergito onde ela é mais conspícua.

GENÓTIPO: *Lastaurax lanei*, n. sp.

Este gênero se distingue de *Lastaurus* principalmente pela forma da face que é saliente na borda bucal e na base das antenas, sendo plana no meio; pela conformação do corpo mais franzina em relação ao verificado nas espécies de *Lastaurus*; êste mesmo carácter, junto com a forma dos palpos e das antenas, separam-no dos outros gêneros deste complexo, exceto *Lastauroides*, n. gên. cuja conformação facial é semelhante.

Presentemente, neste gênero, o genótipo é a sua única espécie, cuja forma masculina não conhecemos, mas é de se presumir que os machos apresentem pilosidade mais abundante, como é a regra no conjunto de gêneros que forma o complexo *Lastaurus*.

Lastaurax lanei, n. sp.

(Fig. 28)

♀ : — Comprimento do corpo 16 — 17 mm.; da asa 12 — 13 mm.

Cabeça (fig. 51): face recoberta de pruinoidade amarelo-dourada; mistax confinado à elevação da borda bucal, formado por cerdas amarelas, algumas grossas e longas, outras finas e curtas; fronte com pruinoidade amarela nos lados, encontrando-se próximo à base das antenas muitas cerdas pretas; no meio da fronte há uma região triangular preta brilhante; calo ocelar saliente, recoberto de pruinoidade escura e com oito a dez cerdas pretas; vértice com pruinoidade amarela e alguns curtos pêlos pretos; occipício recoberto de pruinoidade amarela e com mancha escura atrás do calo ocelar, todas as cerdas amarelas, as da porção superior mais fortes que as da coroa occipital; barba amarela; probóscida pardo-escura com alguns finos pêlos amarelos em baixo; palpos (fig. 108) pardo-escuros com pilosidade amarela; antenas (fig. 83) com os dois primeiros artículos pardo-amarelados e o terceiro preto; pequenas cerdas pretas se encontram nos dois primeiros e na borda dorsal do terceiro até pouco além da sua metade basal; fôvea dorso-apical.

Tórax: protórax preto em cima e amarelo pruinoso nos lados onde também se encontram algumas cerdas e muitos pêlos amarelos; no pescoço há uma coroa de finas cerdas amarelas; mesonoto preto com esparsa, grossa e curta pilosidade amarela, que é mais densa nas margens anterior e laterais, onde também se encontra pruinoidade amarela que se estende desde os calos umerais até a região pós-escutelar; na borda anterior encontra-se uma pequena mancha linear de pruinoidade amarela de onde parte uma fileira de pequenas cerdas também amarelas, mas interrompidas por algumas pretas, que chega até a sutura transversa; cerdas dorso-centrais pretas, iniciando-se a série na altura dos calos umerais, as posteriores maiores que as anteriores; cerdas laterais pretas: três pré-suturais, duas enormes

supra-alares e três nos calos pós-alares onde a mais externa é amarela; escutelo escuro, com pruiniosidade amarelada e duas cerdas pretas marginais, tendo entre elas alguns pêlos amarelos; região pós-escutelar escura no meio, amarela pruinosa lateralmente; pleuras com pruiniosidade amarelada exceto na porção mediana da “mesopleura” e sobre as coxas onde a cor é preta com muito leve pruiniosidade cinzenta; na margem posterior da “mesopleura” existe pilosidade amarela e na “metapleura” um tufo de longos pêlos também amarelos.

Pernas: coxas pretas com alguma pruiniosidade cinzenta e pilosidade amarela que é reduzida nas coxas posteriores; fêmures ocráceos, pouco mais escuros nos dois pares posteriores, com pilosidade preta, exceto nos dois pares anteriores onde existe pilosidade amarela que é mais longa na face posterior; no fêmur anterior encontram-se duas pequenas cerdas pretas, uma pouco além do meio e outra pré-apical, no mediano uma pré-apical e no posterior uma situada antes da metade basal; tíbias amarelas com pêlos e cerdas pretos, exceto na face inferior das do primeiro e último par de pernas onde se encontra pilosidade amarela, muito reduzida no par mediano; basitarso do par anterior com a mesma cor das tíbias e pilosidade amarela em baixo; o primeiro e segundo tarsos amarelos na base e castanho-escuros no resto como todos os tarsos seguintes; o basitarso e o segundo tarso das pernas medianas como no par anterior, mas os outros artículos tarsais são castanho-escuros; nas pernas posteriores os basitarsos são ocráceos no 2/3 basais, com pilosidade amarela, densa e curta em baixo e o ápice como os tarsos restantes castanho-escuros, exceto o 2.º que é ocráceo na base; esporão apical das tíbias anteriores muito delgado e recurvado; pulvilos amarelados.

Asas de coloração levemente pardacenta; nervuras ocráceas; a costal no seu início com grossos pêlos amarelos voltados para a face inferior da asa. Halteres ocráceo-escuros.

Abdômen preto, pouco piloso; o primeiro tergito com pêlos amarelos na metade posterior, mais finos e maiores nos lados, onde se encontra também uma fileira de quatro cerdas amarelas; neste tergito os lados e a borda posterior são discretamente revestidos de pruiniosidade amarela; segundo tergito com u'a mancha triangular de pruiniosidade amarela, coberta de pêlos amarelos e situada de cada lado da metade posterior; no terceiro tergito estas mesmas manchas existem, porém mais estreitas e menos perceptíveis; no quarto tergito a borda posterior tem uma pruiniosidade esbranquiçada muito tênue e a membrana inter-segmental é amarela o que também se verifica nos tergitos seguintes; quinto, sexto, sétimo e oitavo tergitos mais brilhantes que os anteriores; a metade posterior do sétimo e oitavo é ocráceo escuro; esternitos pretos, com pruiniosidade esbranquiçada e alguns pêlos amarelos; espinhos da genitália vermelho-escuros.

♂ : — Desconhecido.

TIPO: Holótipo ♀ N.º 111.098 e 1 parátipo ♀ N.º 111.099, depositados na coleção do Depto. de Zoologia, de São Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Tinguá, janeiro de 1941 e dezembro de 1940 (S.F.A.).

Dedicamos esta espécie ao Sr. JOHN LANE a quem devemos a orientação dos primeiros passos no estudo dos dípteros. Pelo entusiasmo que soube nos incutir, pelo mundo maravilhoso que nos descortinou, esta homenagem é muito humilde e representa apenas um preito de sincera e grande amizade.

MIROLESTES Curran

Myolestes BRÈTHES, 1904, p. 338 (nom. prec.).

Myolestes KERTÉSZ, 1909, p. 123.

Mirolestes CURRAN, 1935, p. 1 (nom. nov.).

CARACTERES — Corpo bastante delgado, pouco piloso; cabeça mais larga que o tórax; face plana, pouco saliente na borda bucal, de lados paralelos e tão larga quanto $3/4$ da largura de um olho; mistax pouco abundante, formado por pêlos e algumas cerdas situadas sobre a borda bucal ou pouco mais acima; fronte nua, com a mesma largura da face, quase sempre brilhante; calo ocelar sem cerdas; cerdas da coroa occipital pequenas; probóscida comprimida lateralmente, às vezes larga na base; palpos cilíndricos; os dois primeiros artigos antenais aproximadamente do mesmo comprimento, o terceiro entre uma a mais de duas vezes o tamanho dos dois basais reunidos, sem estilo apical, mas apresentando um pequeno entalhe na borda dorsal onde se situa minúsculo espinho.

Tórax recoberto de pruinose; mesonoto normalmente abaulado, com cerdas laterais desenvolvidas, dorso-centrais pequenas; escutelo sem cerdas; região pós-escutelar pruinosa, sem pêlos.

Pernas delgadas, com poucas cerdas sempre pequenas; esporão apical das tíbias anteriores achatado, largo na base e não muito comprido; garras pontiagudas; pulvilos desenvolvidos.

Asas com a quarta célula posterior fechada em ângulo agudo e peciolada.

Abdômen delgado, sempre brilhante, pouco mais estreito na base, com muito escassa pilosidade e sem cerdas, exceto nos lados do primeiro segmento onde se encontram alguns pêlos e curtas cerdas. Genitália do ♂ invertida.

GENÓTIPO: *Myolestes lynchii* Brèthes, por designação original.

Esta espécie foi descrita de Tucuman, República Argentina. A ocorrência mais septentrional que encontramos para este gênero foi Rio Doce, Estado do Espírito Santo.

Quando BRÈTHES descreveu este gênero, assinalou suas relações com *Phonicocleptes*, *Tolmerolestes* e *Cylicomera*, com os quais não encontramos afinidade alguma. Os dois últimos gêneros estão constituídos por espécies que não apresentam esporão no ápice das tíbias anteriores e, com referência a *Phonicocleptes*, as suas afinidades se mostram bastante remotas, não havendo entre as espécies destes gêneros caracteres que as possam aproximar.

Os gêneros mais afins de *Mirolestes* são *Macrocolus*, de um lado, e *Deromyia*, de outro. Distingue-se, entretanto, de *Macrocolus*, entre outros caracteres, pelo revestimento do seu tegumento, pela forma mais larga da cabeça, pela estrutura das antenas, pela nervulação das asas e pela forma do abdômen. Os caracteres principais que separam *Mirolestes* de *Deromyia* são a ausência de um estilo no ápice do terceiro artigo antenal, a forma mais larga e chata da cabeça e, em parte, a escassa cerdosidade do corpo. Em *Mirolestes lynchii* o terceiro artigo da antena tem uma forma aproximada à daquela que, em geral, se encontra nas espécies de *Deromyia*, enquanto que, em *Mirolestes barbiellinii* a forma desse artigo é mais próxima da que se encontra em *Macrocolus*.

Cumpre-nos agora assinalar a semelhança enorme que encontramos entre os caracteres de *Mirolestes* e aqueles mencionados na diagnose original de *Cyrtophrys* Loew, 1851, gênero estabelecido para uma espécie do Brasil, *attenuatus*, que até agora não foi redescoberta. O único caráter diferencial que se verifica entre estes dois gêneros, é a ausência, em *Mirolestes*, de um estilo antenal, que em *Cyrtophrys*, se-

gundo assinala LOEW, é pouco menor que o terceiro artículo da antena. Mais evidente se torna esta semelhança, quando se verifica a grande similaridade existente entre os caracteres de *Mirolestes barbiellinii* e aqueles mencionados para *Cyrtophrys attenuatus*. Fazendo-se abstração do estilo antenal que foi mencionado para *Cyrtophrys*, é tão grande a semelhança entre este gênero e *Mirolestes* que chega-se mesmo a pensar na possibilidade de ter LOEW examinado menos minuciosamente o material que teve em suas mãos e acreditar-se tenha ele considerado como estilo, toda a porção apical do terceiro artículo da antena, a partir daquele entalhe que nitidamente se mostra no dorso dêsse artículo em *Mirolestes barbiellinii* (vide fig. 96). Não nos sendo possível examinar o tipo de *attenuatus*, resolvemos considerar *Mirolestes* e *Cyrtophrys* como gêneros distintos, até que seja um dia, provávelmente, demonstrado o contrário.

As espécies de *Mirolestes* podem ser separadas pela chave que damos a seguir.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE MIROLESTES

- 1 — Terceiro artículo antenal maior que duas vezes o comprimento dos dois basais reunidos e com um espinho situado próximo do meio; o mesonoto dos ♂♂ com pruinosa prateada na metade anterior, nas ♀♀ com esparsa pruinosa amarela (fig. 96) *barbiellinii* Curran
- Terceiro artículo antenal nunca maior que duas vezes o comprimento dos dois basais reunidos e com um espinho situado sempre além do meio; faixa longitudinal mediana do mesonoto dividida pelo menos em toda a sua metade anterior 2
- 2 — Antenas pardo-escuras, a metade apical do terceiro artículo, ou mesmo todo ele, preto; o espinho do 3.º artículo situado no penúltimo sexto 3
- Antenas completamente amarelo-avermelhadas; o espinho do terceiro artículo situado no último sexto (fig. 95) *lynchii* (Brèthes)
- 3 — Tarsos das pernas anteriores completamente brancos, exceto o último artículo que é bem escuro; pruinosa do mesonoto esbranquiçada (fig. 94) *albimanus*, n. sp.
- Tarsos das pernas posteriores amarelo-avermelhados, o ápice dos artículos mais escuro; pruinosa do mesonoto parda ou dourada (fig. 97) *fascialis* Curran

Mirolestes barbiellinii Curran

(Fig. 10)

Mirolestes barbiellinii CURRAN, 1935, p. 1.

DESCRIÇÃO DO ALÓTIPO. — Cabeça (Pr. 16, fig. 62): face toda recoberta de pruina prateada, exceto na base das antenas onde sempre é pardacenta; mistax formado por pêlos e cerdas brancos; fronte preto-brilhante, com as órbitas recobertas de pruina amarela; calo ocelar pouco desenvolvido; occipício com pruina castanha e duas cerdas pretas pós-ocelares; margem ocular recoberta de pruina prateada e com pêlos brancos; barba amarelo-clara; probóscida preta com a porção apical ocrácea; palpos (fig. 120) ocráceos ou castanho-escuros, com pêlos pretos; antenas (fig. 96) pretas com pruina amarelo-escuro e pilosidade preta se estendendo pela borda superior do 3.º artículo, o qual é tão longo quanto duas vezes os basais reunidos.

Tórax: pronoto preto, em cima com alguns finos pêlos de cor clara, com a porção lateral inferior revestida de pruinoseidade prateada; mesonoto castanho com o prescuto denso e totalmente recoberto de pruinoseidade prateada quase escondendo as faixas longitudinais; cerdas pretas; dorso-centrais posteriores desenvolvidas; as laterais 1-1-1; escutelo castanho recoberto em cima com pruinoseidade amarela; região pós-escutelar castanha com pruina amarela nos lados; pleuras com pruinoseidade prateada se estendendo pela porção mediana; a porção anterior e posterior de cor castanha com pruina amarela formando duas faixas verticais; "metapleura" com pêlos e cerdas amarelos.

Pernas (figs. 132 e 134): coxas anteriores e medianas recobertas densamente de pruina prateada, a posterior de pruina amarela; fêmur do 1.º par amarelo, os restantes ocráceos; tíbias ocráceas, com exceção da porção apical do 3.º par que é mais clara; tarsos ocráceos no 3.º par, sendo os outros castanhos, às vezes completamente pretos. Garras pretas; empódio ocráceo.

Asas (fig. 181) hialinas, iridescentes, com o ápice e parte da borda posterior ligeiramente escurecidos devido a presença de microtríquia. No alótipo a nervura transversa posterior é incompleta. Halteres ocráceos com capitulo mais escuro.

Abdômen castanho-escuro, brilhante; nos lados do 1.º segmento com cerdas e pêlos ocráceos; pilosidade esparsa de cor preta; ventre mais claro, assim como a genitália.

Alótipo ♂, depositado na coleção do Instituto Biológico do Estado de São Paulo.

Examinamos mais 11 ♂♂ e 13 ♀♀ com as seguintes procedências. — Estado de São Paulo: Capital, abril de 1926 (BARBIELLINI col.); Horto Florestal, janeiro de 1944 (J. LANE) e fevereiro de 1944 (RAMALHO); Santo Amaro, janeiro de 1940 (S. B. PESSOA col.); Cajurú, Coqueiros, fevereiro de 1947 (BARRETTO); Campos do Jordão, janeiro de 1936 (F. LANE col.). — Estado do Rio de Janeiro: Terezópolis, janeiro de 1940 (FREITAS e LOPES col.); Palmeiras, janeiro de 1939 (H. S. LOPES col.); Angra dos Reis, outubro de 1934 (L. TRAVASSOS e H. S. LOPES col.), dezembro de 1932 (L. TRAVASSOS col.), dezembro de 1940 (OLIVEIRA e VENTEL col.). — Estado de Minas Gerais: Cambuquira, fevereiro de 1941 (H. S. LOPES col.); Calado, Rio Doce, fevereiro de 1939 (MARTINS e LOPES col.).

Os exemplares sob os números 108.394 a 108.398, 108.413, 111.153 a 111.155, 62.327, 62.328 e 62.333 fazem parte da coleção do Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo; o restante do material pertence à coleção do Instituto Biológico de São Paulo e Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro.

O principal carácter que diferencia os ♂♂ das ♀♀ é a intensa pruinoseidade prateada que reveste a face e a porção anterior do tórax dos ♂♂.

E' esta a única espécie do gênero que possui o terceiro artículo antenal maior que duas vezes o comprimento dos basais reunidos. Conforme já assinalamos, a sua diferenciação com *Cyrtophrys attenuatus* Loew, 1851, verifica-se exclusivamente pela forma desse artículo.

Parte do material à nossa mão é provavelmente da mesma origem que aquele estudado por CURRAN quando descreveu sua nova espécie, pois também foi capturado em São Paulo pelo Conde BARBIELLINI. Com isto, consideramos remota a possibilidade de termos examinado espécie diferente da de CURRAN, que só descreveu a fêmea.

Mirolestes albimanus, n. sp.

♀: — Comprimento do corpo, sem antenas 14 — 16 mm.; asa 10,5 — 12,5 mm.

Cabeça: face recoberta com pruinoseidade amarelo-clara; mistax composto de cerdas e pêlos branco-amarelados, sobressaindo-se entre as cerdas, duas bem gran-

des; fronte e vértice de cor castanha, brilhante, mais clara na base das antenas e com pruiniosidade amarela nas órbitas; calo ocelar com um pouco de pruiniosidade amarela, atrás com curtos pêlos pretos; occipício recoberto de pruiniosidade amarelo-clara, exceto em duas manchas com pruiniosidade pardacenta nos cantos superiores dos olhos; coroa de cerdas occipitais amarelo-claras, exceto as duas iniciais que são pardas; um par de pós-ocelares também pardas; barba amarelada; probóscida preta com a base ocrácea; palpos ocráceos, pouco mais escuro no último artigo, com grossa pilosidade preta; antenas (fig. 94) castanho-escuras com os dois primeiros artigos sub-iguais em comprimento, com pilosidade preta e amarelada nos dois primeiros artigos e só preta na borda dorsal do 3.º, o qual acha-se recoberto de pruina amarela; o terceiro artigo uma vez e meia o comprimento dos dois basais reunidos, com um espinho situado no terço apical.

Tórax: protórax recoberto de pruiniosidade pardo-escuro em cima e amarelada em baixo e com pilosidade amarelo-clara; mesonoto com pruiniosidade amarelo-esbranquiçada e com três faixas longitudinais pardo-escuro; a faixa mediana alonga-se até o escutelo e é nitidamente dividida ao meio até pouco além da sutura transversa; as faixas laterais são pequenas e finas, alargando-se abruptamente na sutura transversal e não alcançam os calos umerais nem a sutura escutelar; pilosidade curta e preta; cerdas pretas; dorso-centrais muito pequenas; cerdas laterais: 1-1-1; escutelo rugoso no dorso e com a mesma pruiniosidade do mesonoto, que muda de cor quando visto sob certa incidência luminosa; região pós-escutelar castanha com pruina amarela; pleuras com pruiniosidade amarelo-esbranquiçada, tendo anteriormente uma faixa vertical pardo-escuro que vai desde os calos umerais até a região situada entre as coxas anteriores e medianas; posteriormente há apenas um vestígio de uma segunda faixa; a pilosidade das pleuras é de cor amarelo-clara, havendo uma fileira de cerdas relativamente grandes e de cor pardo-escuro e amarela sobre a "metapleura".

Pernas: coxas recobertas de pruiniosidade amarelo-esbranquiçada e com alguns pêlos amarelados; todos os fêmures são ocráceos, mais escuros na superfície dorsal e com pilosidade ocrácea; tíbias anteriores castanho-escuro, na metade basal da superfície ventral mais claras; tíbias medianas ocráceas, com pilosidade e cerdas da mesma cor; tíbias posteriores amarelo-avermelhadas e com curta pilosidade dourada muito densa na metade apical da superfície ventral que existe também nas tíbias anteriores; tarsos anteriores amarelo-claros e com curta e densa pilosidade branco-amarelada, exceto o último que é castanho-escuro e com pêlos pretos; tarsos medianos ocráceos, cerdas da mesma cor, pêlos pretos em cima e amarelados em baixo; tarsos posteriores amarelo-claros e com cerdas e pêlos amarelo-escuros; o ápice do último artigo é castanho e com pêlos pretos. Garras pretas com a base avermelhada; pulvilos amarelados.

Asas hialinas; nervuras castanho-escuro; alguma microtríquia no ápice da asa torna essa região levemente mais escura; nervura transversa anterior situada sobre o quarto basal da célula discal. Halteres pardo-escuros.

Abdômen castanho avermelhado, às vezes com os dois últimos segmentos mais claros, brilhantes; nos lados do 1.º segmento existem pêlos e cerdas amarelos e muito esparsa pilosidade; esternitos de cor e pilosidade semelhantes aos tergitos; genitália com espinhos vermelho-escuros e alguns pêlos amarelos.

HOLÓTIPO ♀, N.º 108.404; 1 parátipo ♀ N.º 108.405, depositados na coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Terezópolis e Distrito Federal, abril de 1938 (S.F.A.).

DISCUSSÃO TAXIONÓMICA: — Esta espécie se distingue de todas as conhecidas deste gênero pela coloração branca dos tarsos anteriores. Pela forma do seu terceiro artigo antenal ela se aproxima de *lynchii* (Brèthes), da qual se distingue, não só pelo comprimento maior desse artigo como pelo carácter dos tarsos já referido.

Mirolestes fascialis Curran*Mirolestes fascialis* CURRAN, 1935, p. 2.

DESCRIÇÃO DO ALÓTIPO. — Face com pruinoidade branca; mistax formado por algumas cerdas e pêlos brancos um pouco acima da borda bucal; fronte castanho-escuro brilhante, com pruinoidade amarelada nas margens oculares se estendendo sobre o calo ocelar e pelo occipício; cerdas occipitais amareladas, pequenas, exceto duas de cor preta e maiores atrás do calo ocelar; barba amarelada; probóscida preta com a base ocrácea; palpos castanhos, com pêlos pretos; antenas (fig. 97) amarelo-pardacentas, o terceiro articulo um pouco mais escuro, preto no ápice; pilosidade preta.

Tórax com o mesonoto revestido de pruinoidade amarelo-pardacenta e nas pleuras amarelo-esbranquiçada; três faixas longitudinais escuras sobre o mesonoto, a mediana largamente dividida em toda sua extensão e quase chegando até a sutura pré-escutelar; as laterais, às vezes pouco nítidas; cerdas pretas; uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar; dorso-centrais pequenas; escutelo e região pós-escutelar recobertos de pruinoidade que conforme a incidência luminosa, é amarelada ou pardacento-escuro; pleuras com escassa pilosidade amarelada, sendo na "metapleura" mais longa e mais abundante, com uma faixa vertical de cor escura, partindo do espiráculo anterior e terminando entre as coxas do primeiro e segundo par de pernas.

Pernas: coxas com a mesma pruinoidade das pleuras e com pêlos claros; o restó amarelo pardacento; tarsos um pouco mais escuros no ápice dos articulos, o último inteiramente escurecido; cerdas amarelas, exceto as dos tarsos que são pretas; garras pretas com a base amarela; pulvilos amarelos.

Asas hialinas, com microtríquia escurecendo um pouco a porção apical; nervuras pardacento-escuras; nervura transversa anterior antes do meio da célula discal. Halteres amarelados, mais escuros no capítulo.

Abdômen pardo avermelhado, brilhante, com manchas escuras, irregulares, sobre os segmentos, às vezes inteiramente escuro, quase preto; pilosidade clara, escassa e curta; nos lados do primeiro segmento encontram-se algumas pequenas cerdas amareladas. Genitália do ♂ preta ou vermelho-escuro, brilhante.

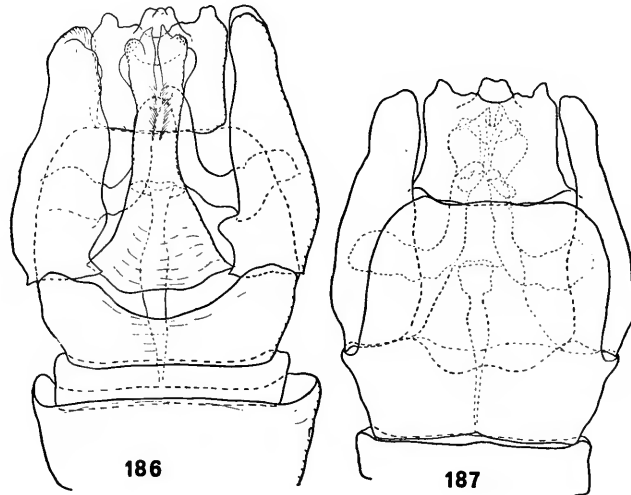
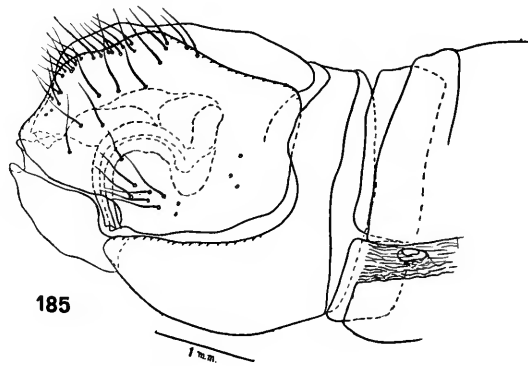
Esta espécie só era conhecida pela descrição da fêmea. Os caracteres discordantes do macho são os seguintes: face com pruina branca; fronte castanho-escuro; occipício com pruinoidade branca; o abdômen tem uma pilosidade escassa, porém mais conspícua que na fêmea.

ALÓTIPO ♂, N.º 108.411, depositado no Departamento de Zoologia.

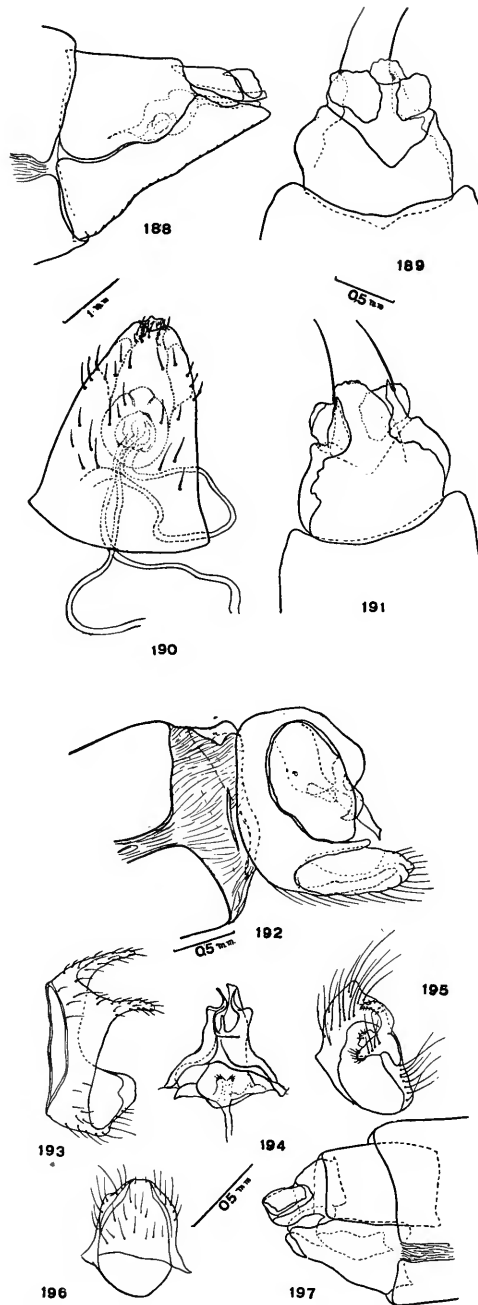
Examinamos mais 13 ♂♂ e 21 ♀♀ com as seguintes procedências. — Estado de São Paulo: Capital, abril de 1926 (BARBIELLINI); Ipiranga, abril de 1936 (L. MORRETES col.); Jardim Paulista, março de 1943 (RAMALHO col.); Osasco, abril de 1939 (J. LANE col.); Monte Alegre, maio de 1944 (J. L. LIMA col.); Campos do Jordão, 1.600 metros, março de 1945 (P. WYGODZINSKY col.), março de 1946 (A. RAMALHO). — Estado do Rio de Janeiro: Nova Friburgo, abril de 1937 (H. S. LOPES col.); Itatiaia, 500 a 1.000 metros, abril e maio de 1945 (M. P. BARRETTO col.). Os exemplares numerados de 108.390 a 108.393, de 108.406 a 108.412 e de 62.329 a 62.332 pertencem à coleção do Departamento de Zoologia de São Paulo.

Mirolestes lynchii (Brèthes)*Myolestes lynchii* BRÈTHES, 1904, p. 338.*Mirolestes pleuralis* CURRAN, 1935, p. 3.

REDESCRIÇÃO — ♂♀. Cabeça (Pr. 16, fig. 59): face inteiramente revestida de pruinoidade amarelo-dourada; mistax formado por duas cerdas e alguns pêlos



Estampa XIII
(Explicação na pág. 147)



Estampa XIV
(Explicação das figs. na pág. 147)

amarelos, estes situados pouco acima da borda bucal; fronte no ♂ revestida com a mesma pruiniosidade da face, nas ♀ quase toda castanho-brilhante, limitando-se a pruiniosidade a cobrir somente as margens oculares, o calo ocelar e a base das antenas; atrás do calo ocelar existem muito curtos pêlos e, mais abaixo, duas cerdas ocráceas ou pardacentas; cerdas da coroa occipital pequenas, amarelas; barba amarelada; probóscida pardo-escura; palpos ocráceos, às vezes escurecidos, principalmente no ápice, com pilosidade parda ou preta; antenas (fig. 95) ocráceo-avermelhadas com curta pilosidade preta; o terceiro artigo pouco mais que uma vez e meia o comprimento dos dois basais reunidos, com uma pequena escavação dorsal situada no último sexto do artigo.

Tórax recoberto de pruiniosidade dourada, com muito escassa pilosidade; no mesonoto se encontram quatro faixas longitudinais escuras, sendo as laterais, às vezes pouco perceptíveis e divididas em três manchas, as medianas muito finas, jutando-se na região pré-escutelar; cerdas pretas: uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar; dorso-centrais pequenas; escutelo e região pós-escutelar recobertos de pruiniosidade dourada; pleuras com uma faixa pardacenta, vertical, se estendendo desde o espiráculo anterior até entre as coxas do primeiro e segundo par de pernas; pilosidade só presente na "metapleura", muito escassa, amarela.

Pernas ocráceas, mais escuras nos tarsos; fêmures posteriores com um anel mais claro antes do ápice ou inteiramente mais escuro que o resto das pernas; no ♂ as cerdas são pretas, nas ♀ ocráceas; pilosidade amarelada e preta; garras pretas com a base clara; pulvilos amarelo-claros.

Asas amareladas; microtríquia presente nas células apicais e na margem posterior; nervuras pardacento-escuras; nervura transversa anterior antes do meio da célula discal. Halteres ocráceos, mais escuros no ápice.

Abdômen ocráceo ou pardacento-escuro, brilhante, com escassa pilosidade preta e uma ou duas cerdas pequenas, de cor amarela, nos lados do primeiro segmento; genitália do ♂ amarela com pêlos e cerdas douradas; genitália da fêmea com espinhos ocráceos.

Examinamos 1 ♂ e 5 ♀ com as seguintes procedências. — Estado de Mato Grosso: Maracajú, maio de 1937 (S.F.A.). — Estado do Paraná: Ponta Grossa, novembro de 1945 (PINHEIRO MACHADO). — Estado de Santa Catarina: Nova Teutônia, fevereiro de 1937, fevereiro e março de 1938 (PLAUMANN). Os exemplares Nos. 108.400 a 108.403 fazem parte da coleção deste Departamento.

Esta espécie é próxima de *fascialis* da qual se distingue pela forma do terceiro artigo antenal que é mais curto e apresenta uma pequena escavação quase no ápice; em *fascialis* essa escavação se encontra bem afastada do ápice, sendo esse artigo de tamanho maior.

As diagnoses de BRÈTHES e CURRAN assinalam caracteres que se diferenciam apenas por mínimas tonalidades de cor, tais como avermelhado e ferrugíneo, vermelho-escuro e "piceo-negrusco". A cor dos palpos, segundo a descrição de *lynchii*, é preta, e segundo a de *pleuralis*, é avermelhada com a base preta, carácter que não tomamos em consideração para separar essas espécies, pois em nosso material os exemplares mostram os palpos de cor inteiramente ocrácea no macho, sendo nas fêmeas mais escura ou então com o ápice preto.

Consideramos também como idênticas as formas indicadas para o terceiro artigo antenal. Para êsse artigo, BRÈTHES assinalou uma cicatriz situada próximo da extremidade, e CURRAN no sexto apical, o que não constitui diferença significativa.

Quando CURRAN descreveu *pleuralis*, distinguiu-a de *lynchii* em uma chave sinóptica, tomando como carácter diferencial as faixas longitudinais do mesonoto e indicou então, para sua espécie, a presença de quatro

faixas e para a espécie de BRÈTHES três. Não sabemos si CURRAN examinou o tipo desta última, mas o fato é que a diagnose de *lynchii*, com referência a estas faixas, indica claramente a divisão longitudinal da faixa mediana que, junto com as duas laterais, perfazem também um total de quatro faixas.

MACROCOLUS Engel

Macrocolus ENGEL, 1929, p. 470.

CARACTERES — Cabeça mais estreita que o tórax, tão larga quanto duas vezes a altura dos olhos, aproximadamente; face plana no meio, levemente saliente na borda bucal e na base das antenas, pouco mais larga em baixo, ao nível das antenas tão larga quanto a metade da largura de um olho e tão alta quanto $\frac{3}{4}$ da altura dos olhos; mistax composto de finas cerdas e só presentes na borda da boca; fronte em um plano quase perpendicular ao plano da face, curta e brilhante; calo ocelar saliente, sem cerdas, mas às vezes com pequeninos pêlos; occipício levemente convexo, coroa de cerdas occipitais, às vezes ausente em cima; probóscida tão longa quanto os dois artículos basais das antenas, pouco mais larga na base e com quilha dorsal normalmente acentuada; palpos pequenos, aproximadamente $\frac{1}{3}$ do tamanho da probóscida; antenas mais longas que a largura da cabeça, aproximadamente uma vez e meia essa largura; primeiro artículo quase três vezes mais comprido que o segundo, ambos com pilosidade; terceiro artículo tão grande quanto duas vezes os basais reunidos, sem dilatação acentuada, com uma cavidade sub-apical onde se insere pequeno espinho.

Tórax com o mesonoto normalmente abaulado, brilhante como o resto do corpo; pêlos e cerdas pouco desenvolvidos, exceto as cerdas laterais que são relativamente grandes; escutelo sem cerdas; região pós-escutelar nua.

Pernas delgadas, as posteriores mais longas que as quatro anteriores; cerdas curtas; os tarsos das pernas medianas e anteriores têm um comprimento igual ao das tíbias; esporão apical das tíbias anteriores fino e bastante agudo; garras pontiagudas; pulvilos desenvolvidos; empódio não muito longo.

Asas largas; quarta célula posterior aberta; célula anal aberta ou fechada.

Abdômen sem cerdas, exceto nos lados do primeiro segmento; tão largo quanto o tórax e pouco mais estreito no ápice.

GENÓTIPO: *Macrocolus bicolor* Engel, 1929, por designação original.

Este gênero só era conhecido pelo seu genótipo, uma espécie encontrada na Bolívia e no Paraguai. Sua distribuição geográfica, entretanto, revelou-se-nos mais ampla, pois não só encontramos esta mesma espécie ocorrendo no Estado de São Paulo, como uma outra, ainda não descrita, *barrettoi*, ocorrendo no Estado de Minas Gerais.

Os caracteres mais conspícuos dêste gênero são os seguintes: tegumento com intenso brilho, quase inteiramente desprovido de pruinossidade; comprimento e forma das antenas, implantadas muito em cima, reduzindo bastante a extensão da fronte; quarta célula posterior da asa largamente aberta. O gênero que mais se lhe aproxima é *Mirolestes*, do qual se distingue por esses mesmos caracteres, exceto o brilho do tegumento.

As duas espécies conhecidas de *Macrocolus* apresentam, de relance, o aspecto dos *Therevidae*. Elas podem ser separadas rapidamente do modo seguinte:

- asas intensamente escuras; todas as pernas pretas (fig. 179) *bicolor* Engel
 asas escuras ao longo das nervuras nos 3/4 basais; pernas
 anteriores avermelhadas (fig. 180) *barrettoi*, n. sp.

Macrocolus bicolor Engel

(Fig. 8)

Macrocolus bicolor ENGEL, 1929, p. 471.

REDESCRIÇÃO — ♂ ♀. Cabeça (Pr. 16, fig. 61): face recoberta de pruinoseidade cinzento-prateada nos 2/3 inferiores e pardacenta no terço superior, sendo a base das antenas negro-brilhante como a fronte; mistax composto de cerdas pretas presentes na borda bucal; calo ocelar com pequenos pêlos pretos; occipício preto-brilhante na região pós-ocelar, com pruinoseidade branca marginando os olhos e pruinoseidade pardacenta no meio; cerdas e pêlos occipitais de cor preta; barba preta; probóscida e palpos (fig. 119) pretos com pilosidade preta; antenas (fig. 91) pretas, os dois artículos basais com pêlos pretos, o terceiro com esparsa pruinoseidade pardacenta.

Tórax: protórax preto brilhante com pilosidade preta e algumas cerdas também pretas na margem anterior; mesonoto e pleuras vermelho-amarelados, brilhantes; pêlos e cerdas pretos; duas ou três pré-suturais, uma supra-alar; calosidades pós-alares sem cerdas, mas com esparsa pilosidade; dois pares de dorso-centrais posteriores mais desenvolvidos; calos umerais um pouco escurecidos; duas manchas pretas existem na porção ântero-lateral do mesonoto, às vezes com uma outra pequena no meio destas duas e outras vezes com três manchas alongadas, pequenas, situadas posteriormente; escutelo sem cerdas, mas com muito curta pilosidade no dorso; região pós-escutelar com um pouco de pruinoseidade amarela nos lados; "metapleura" com alguns pêlos e cerdas pretos; parte superior da "mesopleura" um pouco mais escura.

Pernas (Pr. 16, figs. 137 e 138) totalmente pretas, brilhantes, exceto as coxas das quatro pernas anteriores que são de cor avermelhada nos lados; pêlos e cerdas pretos, curtos, com uma densa pilosidade amarelada na metade apical da face ventral das tíbias anteriores e posteriores que se estende também pela face ventral dos tarsos, sendo mais conspícua nos basitarsos; garras pretas; pulvilos pardacento-claros.

Asas (fig. 179) completamente escuras, com reflexos de cor violeta e verde; as células posteriores apresentam uma porção mediana mais clara, porém muito tênue; às vezes o ramo anterior da 3.^a nervura longitudinal (R4) mostra um pequeno apêndice na base; quarta célula posterior largamente aberta; anal também aberta; nervura transversa anterior sobre o meio da célula discal; microtríquia recobrendo toda a superfície da asa. Halteres com o capítulo amarelo e a haste enfuscada.

Abdômem preto, brilhante, com esparsa e curta pilosidade preta; nos lados do primeiro segmento com algumas pequenas cerdas pretas; ventre semelhante ao dorso; genitália com pequena pilosidade preta.

Redescrição baseada em 3 exemplares, um ♂ e duas ♀ ♀, Nos. 111.041, 111.086 e 111.087.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Estado de São Paulo: Araçatuba, Córrego Azul, fevereiro de 1946 (M. P. BARRETTO); Vera Cruz, Fazenda Boa Esperança, 1940 e abril de 1939 (A. RAMALHO).

A cor preto-brilhante das pernas, o intenso escurecimento das asas e as manchas pretas do mesonoto distinguem rapidamente esta espécie daquela que descrevemos a seguir.

Macrocolus barrettoi, n. sp.

♀ : — Comprimento do corpo 12 mm.; da asa 10 mm.

Cabeça: face recoberta de pruinoseidade amarela na metade inferior, pardacenta na superior, brilhante nos lados da base das antenas; bochechas amarelas; mistax composto de seis cerdas ocráceas, bem separadas uma das outras; fronte preto-brilhante; calo ocelar com ocelos avermelhados, sem pilosidade alguma; occipício preto-brilhante na região pós-ocelar, com pruinoseidade clara na margem ocular e com cerdas de cor ocrácea formando a coroa occipital; barba ocrácea; probóscida castanho-escura, com alguns pequenos pêlos amarelos; palpos castanho-escuros, com pêlos curtos da mesma cor; o primeiro artículo 3 vezes menor que o segundo; antenas com os dois primeiros artículos pardacento-escuros, com pilosidade preta; o terceiro artículo inexistente no único exemplar estudado.

Tórax brilhante, vermelho-amarelado, exceto na borda anterior do protórax que é preto, e nos cantos póstero-laterais do mesonoto; pêlos e cerdas, bastante escassos, pretos; uma pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar; dorso-centrais anteriores pequenas (as posteriores destruídas); mesonoto sem vestígios de faixas longitudinais anteriormente; escutelo amarelo-avermelhado, com muito raros e curtos pêlos dorsais; região pós-escutelar vermelho-amarelada com sombras escuras no meio, havendo nos lados pruinoseidade dourada; pleuras com a mesma cor do mesonoto, sem pêlos, exceto na "metapleura" que é recoberta de pruina, cerdas e pêlos de cor amarela.

Pernas brilhantes; coxas com a mesma cor das pleuras, as posteriores um pouco mais escuras, com pruina, pêlos e cerdas amarelos; as quatro pernas anteriores amarelas, exceto a metade apical das tíbias medianas que é pardacenta; o par posterior castanho escuro; as cerdas são curtas, pretas; a pilosidade que recobre as pernas anteriores e medianas é amarela e a que recobre as pernas posteriores é amarelo-escura; na superfície ventral das tíbias anteriores e posteriores, apicalmente, existe grossa e curta pilosidade amarela, disposta como em uma escova, se estendendo também pelos tarsos. Garras pretas; pulvilos amarelados.

Asas (fig. 180) bastante largas, com enfuscamento pardo ao longo das nervuras, deixando no meio das células uma pequena região clara, assim como no ápice; quarta célula posterior aberta; anal fechada. Halteres avermelhados, com pruina amarela.

Abdômen pardacento-escuro, quase preto, exceto na base do segundo segmento que é ocráceo e em pequena porção da margem posterior dos segmentos seguintes que é de cor amarelada; pilosidade escassa, curta e amarela; o primeiro segmento tem nos lados alguns pêlos e cerdas de cor preta; ventre um pouco mais claro que o dorso; genitália com espinhos avermelhados e fina pilosidade amarelada.

♂ : — Desconhecido.

HOLÓTIPO ♀, N.º 111.074, depositado na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE TIPO. — Estado de Minas Gerais: Arassuaí, outubro de 1929 (THIEMAN).

O nome desta espécie representa uma homenagem ao Dr. MAURO PEREIRA BARRETTO, da Faculdade de Medicina de São Paulo, a quem devemos precioso material.

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA: — Esta espécie distingue-se nitidamente de *bicolor* pelo seguinte: o mistax é ocráceo e não preto; região pós-ocelar completamente nua; protórax preto unicamente na borda anterior; mesonoto sem as duas manchas pretas ântero-laterais; uma cerda pré-sutural, uma supra-alar e uma pós-alar, enquanto em *bicolor* existem duas ou três pré-suturais, uma supra-alar e nenhuma pós-alar; as pernas anteriores e medianas de *barrettoi* são ocráceas e não pretas; o enfuscamento das asas é muito menos intenso que em *bicolor*; o segundo segmento do abdômen é na base avermelhado e não preto intenso.

CYRTOPHRYS Loew

Cyrtophrys LOEW, 1851, p. 3.

Não conhecemos êste gênero, mas entre os caracteres que LOEW lhe atribuiu, encontramos um único que o distingue perfeitamente dos demais. Este caráter se encontra na antena, que apresenta um estilo pouco mais curto que o terceiro artículo. O restante dos caracteres mencionados na diagnose original, combina de forma tão absoluta com os caracteres do gênero *Mirolestes*, que a suspeita de uma sinonímia entre ambos não é impossível.

A única espécie de *Cyrtophrys* descrita é *attenuatus*, do Brasil, sobre a qual já nos referimos quando estudamos o gênero *Mirolestes*.

Transcrevemos abaixo a descrição original de *Cyrtophrys attenuatus* onde estão incluídos também os caracteres genéricos.

Cyrtophrys attenuatus Loew

Cyrtophrys attenuatus LOEW, 1851, p. 3.

DIAGNOSE ORIGINAL: — “ ♂. Von der schlanken Körpergestalt einer *Dioctria* und sehr nackt; auch der Kopf von der Gestalt wie bei *Dioctria*; am Mundrande nur ein sparsamer Knebelbart; die Stirn in der Fühlergegend stark gewölbt und glänzend. Das 1ste Fühlerglied wenig länger als das 2te; das 3te Glied etwas länger als die beiden ersten Glieder zusammen, auf der Oberseite behaart; der Fühlergriffel dick, wenig kürzer als das 3te Fühlerglied, dem der *Dioctria* Arten in seinen Baue sehr ähnlich. Beine sehr schlank; die Schienen mit vereinzelt, langen, borstenartigen Haaren, die vordersten mit schlankem Enddorn. Füsse ebenfalls schlank, das erste Glied an allen bedeutend verlängert. Flügel ziemlich lang und schmal; das Geäder derselben fast wie bei *Dioctria*, doch ist die 4te Hinterrandszelle schon weit vor dem Flügelrande, die 6te unmittelbar vor demselben geschlossen. — Das Gesicht hat bei gegenwärtiger Art einen seidenartigen Schimmer, welcher am Augenrande weiss, auf der Mitte braun ist; in dem überaus sparsamen weisslichen Knebelbarte zeichnen sich 2 etwas stärkere Haare aus. Fühler und Stirn schwarz, letztere stark glänzend. Hinterkopf mit silberweissem Schimmer, welcher in anderer Richtung eine tiefschwarze Färbung, annimmt, besonders auf einer runden Stelle in der Nähe der obren Augenecke. Thorax obenauf dunkelbraun mit hellern Linien und Strichelchen, welche die gewöhnlichen Striemen trennen und zum Theil begrenzen. Brustseiten ziemlich dunkelbraun mit 2 sehr deutlichen seidenartig weisschimmernden Binden, deren vordere viel schmaler ist und von der Schulterecke bis zum Ende der Vorderhüfte gerade herabläuft, während die breite hintere von der Gegend vor der Flügelwurzel bis zum Ende der Mittehüfte reicht. Hinterleib glänzend, einfarbig dunkelbraun mit schmalen schwarzen Hinterrandssäumen an den einzelnen Ringen. Beine braungelb, die Schienen und Füsse dunkler; auch die Mittel — und Hinterschenkel etwas verdunkelt und ein Stück vor der Spitze mit der, an den Hinterschenkeln deutlicher, Spur eines hellern Ringes. — Flügel glasartig, an der Spitze und am Hinterrande mit einer kaum bemerkbaren Spur grauer Trübung. Flügeladern dunkelbraun, nur die ganz am Vorderrande Braungelb. — Körperlänge: 5 1/2 Linien.”

DEROMYIA Philippi

Deromyia PHILIPPI, 1865, p. 705.

Êste gênero só ocorre no Chile.

As espécies descritas como *Deromyia*, que não pertençam à fauna chilena, fazem parte do gênero *Diogmites* Loew ou *Allopogon* Schiner.

GENÓTIPO: *Deromyia gracilis* Philippi, 1865, por designação de WILLISTON, 1901.

Transcrevemos as diagnoses originais do gênero e da sua espécie tipo:

DIAGNOSE DO GÊNERO: "Caput transversum, breve, imberbe. Oculi (in utroque sexu?) distantes, glabri. Antennae tuberculo nullo insertae; articulis duobus primis elongatis, subaequalibus, subcylindricis; tertio antecedentes simul sumtos subaequante, compresso, basi paullo angustiore, stylo brevi, crasso terminato. Facies plana, brevis, glabra, modo setae quatuor in labro; epistoma haud prominens. Proboscis caput aequans; palpi filiformes. Collum longum. Abdomen angustum lineare, glaberrimum, segmento ultimo hirtello. Alarum cellula marginalis aperta, quarta postica clausa vel aperta. Pedes graciles, parce setosi, caeterum glaberrimi; tibiae anticae unco parum curvo terminatae; tarsi moniliformes; femora postica et tibiae posticae clavatae; pulvilli duo.

Diese sonderbare Gattung erinnert durch die Verlängerung der beiden ersten Fühlerglieder an *Dioctria*, und durch den schlanken Leib und die schlanken Beine an *Leptogaster*, während sie durch das kurze kahle Gesicht und den von hinten nach vorn aufsteigenden Mund sehr eigenthümlich ist."

Deromyia gracilis Phil.

Deromyia gracilis PHIL., 1865, p. 706, T. 26, f. 29.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "D. thorace testaceo, fusco-trivittato; abdomine aurantiaco, maculis duabus atris in segmento secundo, anteriore majore, ornato; pedibus aurantiaco-rufis; alis flavescentibus. Long. 6 1/2 lin., extens. alar. 9 1/4 lin.

Das Gesicht ist blassgelb, etwas ins Graue oder Bräunliche ziehend; Stirn und Scheitel sind tiefschwarz, glänzend. Die Fühler sind dunkel rothbraun mit schwärzlicher Spitze. Der Rüssel ist schwarz, die Taster sind bräunlich mit schwarzen Borsten. Der Hinterkopf ist grau mit vier braunen Striemen, die strahlenartig vom Hals ausgehen; er trägt oben ein paar Borsten, unten ein paar Härchen. Die Vorderbrust ist sattelförmig, mit erhabenem Vorder — und Hinterrand, grau mit schwarzer Mittelstrieme. Die Mittelbrust ist sehr gewölbt, bräunlich grau (wie das Schildchen), und mit wenigen kurzen Börstchen besetzt. In der Mitte verläuft vom Vorderrande an bis beinahe zum Schildchen eine beinahe schwarze Strieme und in der hinteren Hälfte jederseits eine braune. Der Hinterleib ist mit Ausnahme des letzten, mit kurzen Börstchen besetzten Segmentes ganz kahl, doch stehen am Hinterrande des ersten Segmentes jederseits ein paar kurze Börstchen. Dieser Ring ist dunkelbraun, bis auf den gelbrothen Hinterrand. Der zweite ist im ersten Viertel oder Drittel kohlschwarz und stark glänzend und hat im zweiten Drittel einen ebenfalls stark glänzenden, schwarzen Fleck. Die Tarsen sind dunkler braun, die Klauen schwarz, die Haftlappen weisslich. Schwinger braun. Die vierte hintere Zelle der Flügel geschlossen."

ARAIPOGON, n. g.

CARACTERES: — Cabeça pouco mais estreita que o tórax; face tão larga quanto a metade de um olho, levemente mais larga na região clipeal que na base das antenas, plana em cima e muito pouco saliente na borda bucal; mistax formado por uma fileira de cerdas situadas na margem epistomática, às vezes constituído por muitas cerdas, mas nunca ultrapassando os 2/3 inferiores da face; fronte com as margens laterais curvas e com algumas finas cerdas que não chegam ao meio da fronte; calo ocelar com várias cerdas de espessuras e tamanhos semelhantes às da fronte, às vezes destacando-se duas mais longas; occipício com cerdas; probóscida pontuda, quilhada em cima, quase duas vezes tão longa quanto os palpos; êstes com dois artículos desenvolvidos, sendo o segundo sub-fusiforme e com uma fôvea no ápice, cerdoso; antenas com os dois primeiros artículos de igual tamanho e cerdas; o terceiro uma vez e meia o comprimento dos basais reunidos, tendo no ápice um estilo grosso

e com um só artículo, na extremidade do qual h  uma escava o com um minúsculo espinho.

Tórax: pronoto com cerdas numerosas; mesonoto com pilosidade curta, cerdiforme, não muito abundante; cerdas laterais desenvolvidas; as dorso-centrais e as acrosticais posteriores são grandes, confundindo-se as anteriores com o resto da pilosidade; escutelo com cerdas marginais desenvolvidas; região p s-escutelar sem pêlos; pleuras nuas, exceto na "metapleura" onde há finas cerdas e p los.

Pernas robustas; os fêmures mais grossos que as tíbias; p los e cerdas pouco abundantes, exceto nas coxas anteriores onde há densa pilosidade; esporão no ápice das tíbias anteriores desenvolvido; garras pontiagudas; pulvilos grandes.

Asas tão longas quanto o abdômen; base da costal com grossa pilosidade; 4a. célula posterior aberta.

Abdômen mais largo na base, estreitando-se a partir do 5  segmento; cerdas laterais presentes são no 1  segmento; genitália dos machos com o 9  tergito dividido e separado, formando forceps superiores; genitália das fêmeas com espinhos.

GENÓTIPO: *Dasypogon gayi* Macquart, 1838.

As espécies chilenas que examinamos e que eram includidas em *Saropogon*, apresentam o 9  tergito da genitália dos ♂♂ dividido em dois escleritos, formando forceps superiores. Nas espécies de *Saropogon* (sens. str.), segundo HARDY, não existe este carácter, sendo o 9  tergito apenas fendido em sua linha mediana, mas não formando os forceps.

Dessa forma, as espécies do Chile, conhecidas como *Saropogon*, passam a fazer parte de *Araiopogon*, um novo gênero que talvez seja exclusivo da costa ocidental da América do Sul.

Não conhecemos as espécies da América do Norte descritas como *Saropogon*, razão pela qual nada podemos dizer sobre a posi o sistemática das mesmas.

Saropogon argyrocinetus Schiner, 1867, descrita do Brasil, pertence ao gênero *Caenarolia*; *Saropogon mellipes* Bromley, 1934, da Guiana Inglesa, provavelmente seja uma *Cleptomysia*, novo gênero que descrevemos páginas adiante.

Araiopogon gayi (Macq.)

Dasypogon gayi MACQ., 1838, p. 37.

Saropogon gayi (MACQ.), WILLIST., 1891, p. 74.

Dasypogon (*Saropogon*) *chalybeiventris* LOEW. 1851 p. 5.

REDESCRIP O — ♂ ♀. Cabeça: face preta revestida de pruinossidade branca; mistax formado por uma fileira de cerdas pretas situadas na borda bucal; fronte preta com pruinossidade branca e p los pretos, às vezes brancos, nos lados; calo ocelar com vários pêlos pretos; occipício preto com pruina branca na margem ocular e com numerosas cerdas pretas; barba branca e  s vezes com alguns pêlos pretos nos ♂♂, inteiramente preta nas ♀♀; probóscida preto-brilhante, nos ♂♂ com longa pilosidade branca na porão basal, inferiormente, nas ♀♀ a pilosidade é menos abundante e quase toda preta; palpos pretos com cerdas pretas, nos ♂♂ o primeiro artículo com pilosidade branca; antenas pretas ou castanho-escuras, os dois primeiros artículos com cerdas pretas, o 3.  com pilosidade na borda dorsal, não chegando até o meio do artículo.

Tórax preto; protórax com pêlos e cerdas; mesonoto com pruinoidade esbranquiçada formando uma linha mediana longitudinal e duas largas e extensas manchas laterais; nos calos umerais a pruina branca é mais densa; pilosidade preta ou esbranquiçada, mais longa nos lados, atrás dos calos umerais; cerdas pretas; escutelo preto, com pruina esbranquiçada nos lados e quatro cerdas marginais, convergentes; região pós-escutelar preto-brilhante atrás do escutelo, com pruinoidade esbranquiçada nos calos laterais; pleuras preto-brilhantes, exceto na margem superior da "mesopleura" onde há pruina branca; "metapleura" com finas cerdas pretas.

Pernas: coxas, fêmures e tarsos pretos; tíbias amarelo-avermelhadas com o ápice preto, em extensão menor nas tíbias posteriores; coxas anteriores com pruina branca na frente e densa pilosidade branca com alguns pêlos pretos, nas ♀♀ esta pilosidade é mais escassa; cerdas curtas e pretas; garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas escuras, com intenso reflexo de cor violeta nos 3/4 basais; pilosidade da base da costal grossa e de cor branca nos ♂♂, preta nas ♀♀; célula anal aberta. Halteres amarelo-avermelhados.

Abdômen com reflexos metálicos azul-violeta, muito intensos nos ♂♂; pilosidade curta e preta, exceto nos lados do 1.º segmento onde é longa e em mistura com cerdas também pretas; esternitos com a mesma cor dos tergitos, mas com pilosidade mais longa. Genitália do ♂ muito pouco torcida, preto-brilhante e com densa e grossa pilosidade preta; genitália da ♀ com espinhos pretos.

MATERIAL EXAMINADO. — 4 ♂♂ e 1 ♀ Nos. 62.216, 62.217, 62.248, 111.185 e 111.186.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — Chile: agosto de 1923, 1921 (A. FAZ); S. Bernardo, outubro de 1944.

CLEPTOMYIA, n. gên.

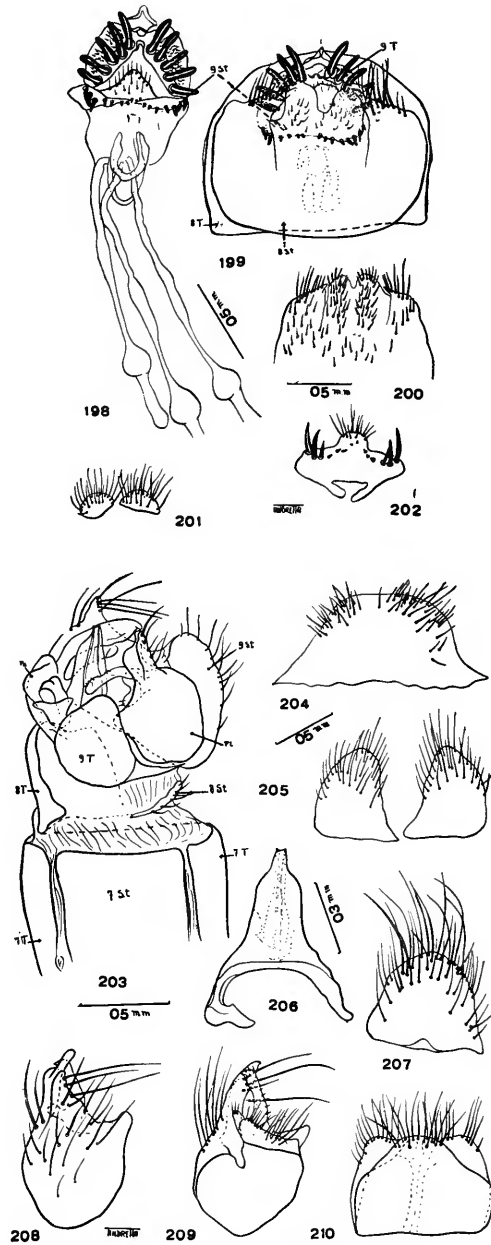
CARACTERES: Cabeça mais larga que o tórax e duas vezes mais larga que alta; face, ao nível das antenas, mais estreita que na borda bucal, sem pêlos; mistax formado por curtas cerdas situadas pouco acima da margem da boca; fronte de lados quase paralelos, sem pilosidade alguma; calo ocelar grande, com duas pequenas cerdas e alguns minúsculos pêlos; probóscida grossa, pouco mais que duas vezes o comprimento dos palpos; antenas com os dois artículos basais de igual tamanho; o terceiro igual ou pouco maior que os dois primeiros reunidos, com estilo apical munido de um pequeno espinho na extremidade.

Tórax: mesonoto com cerdas dorso-centrais muito pouco desenvolvidas, as laterais normais, pilosidade escassa; escutelo com cerdas marginais; calosidades laterais da região pós-escutelar nuas; pleuras sem pêlos, exceto na "metapleura".

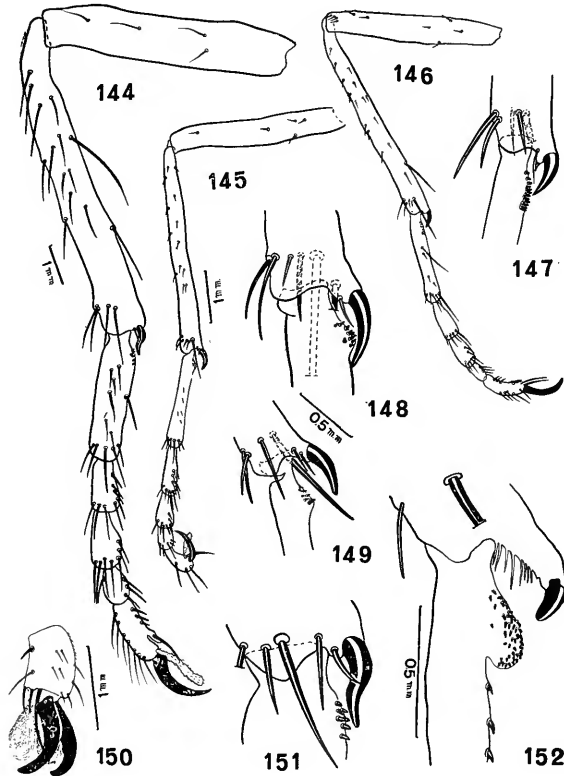
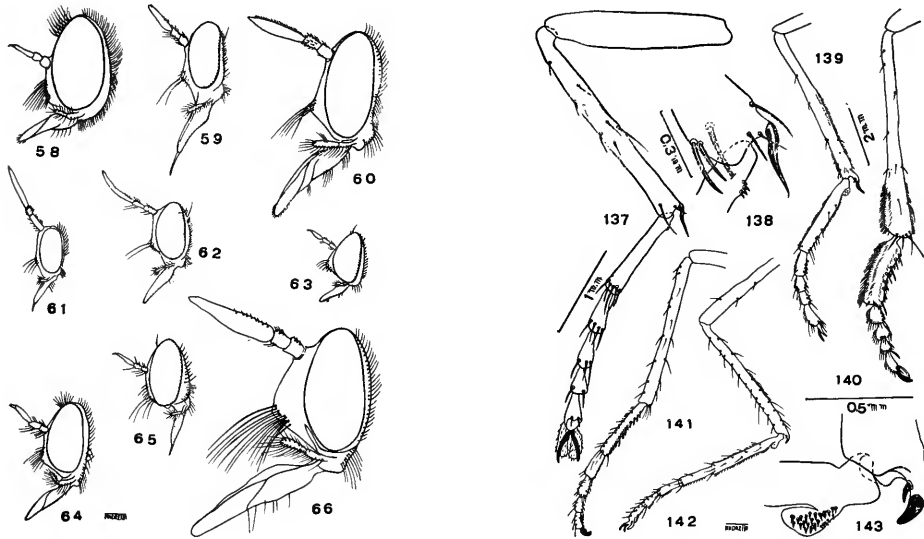
Pernas delgadas, com pequenas cerdas; esporão apical das tíbias anteriores curto e grosso na base, a ponta sobre uma saliência do basitarsos; garras pontiagudas; pulvilos longos.

Asas com a quarta célula posterior e a anal abertas.

Abdômen do ♂ com sete segmentos vistos de cima, excetuando a genitália; 8º tergito muito reduzido; lados paralelos; cerdas existentes só no primeiro tergito lateralmente; nos lados do quinto e sexto tergitos há um aglomerado compacto de pequenas formações semelhantes a bastonetes que escondem, em parte, a pilosidade; genitália grande e saliente; nono tergito em posição ventral. Abdômen da ♀ com oito segmentos vistos de cima, lados paralelos até o 3º segmento, os restan-



Estampa XV
(Explicação das figs. na pág. 147)



Estampa XVI
(Explicação das figs. nas págs. 147-8)

tes afinando-se para o ápice; quinto e sexto tergitos sem o aglomerado de bastonetes assinalado para os ♂♂.

GENÓTIPO: *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.

Este gênero é próximo de *Lestomyia* Williston, 1883, cujos representantes até agora conhecidos fazem parte da fauna norte-americana. *Cleptomyia* distingue-se de *Lestomyia* pelos seguintes caracteres: a face é menos aliente, o mistax é composto de curtas cerdas guarnecendo somente a borda bucal, a fronte é desprovida de pêlos, o calo ocelar sem pilosidade longa, tórax muito pouco piloso, cerdas dorso-centrais atrofiadas, pernas com cerdas curtas e esparsas, pulvilos pouco menores que as garras.

Provavelmente, *Saropogon mellipes* Bromley, 1934, da Guiana Inglesa também seja deste gênero.

Cleptomyia bacillifera, n. sp.

(Fig. 5)

♂ : — Comprimento do corpo 9 — 11 mm.; da asa 7 — 10 mm.

Cabeça — (Pr. 16, fig. 63): face tão alta quanto a altura da fronte, recoberta, como esta, de pruinosidade cinza-amarelada, sem pêlos; mistax formado por cerdas curtas situadas pouco acima da borda bucal; fronte também sem pilosidade alguma, exceto no vértice onde se encontram dois minúsculos pêlos; calo ocelar com algumas muito pequenas cerdas; occipício com pruinosidade cinzenta, algumas cerdas, em cima, e as que formam a coroa occipital de cor amarelada; barba amarelada; probóscida pardo-escura como os palpos, estes com alguns pêlos claros; antenas (fig. 99) amareladas, levemente mais escuras na base do primeiro articulo e na metade apical do terceiro, pequenas cerdas existem nos dois articulos basais, mais longas as do segundo; terceiro articulo sem cerdas na borda dorsal; estilo subcônico, terminando por um pequeno articulo espiniforme de cor preta.

Tórax: protórax revestido de pruinosidade cinza e com alguns pêlos esbranquiçados sobre os lobos laterais, além de algumas cerdas amareladas sobre a margem anterior do pronoto; mesonoto revestido também de pruinosidade cinza, com três faixas pardo-escuras longitudinais, sendo a mediana dividida em duas por uma linha mais clara, não muito nítida, e terminando antes da sutura escutelar; as laterais com a forma de manchas alongadas, se iniciando no meio do prescuto e terminando nos cantos internos do calo pós-alar; calos umerais com pruinosidade amarelo-clara; cerdas dorso-centrais muito pequenas e semelhantes aos outros pêlos que recobrem o disco do mesonoto; cerdas laterais amareladas, sendo três ou quatro, pré-suturais das quais três muito desenvolvidas, uma supra-alar e uma sobre o calo pós-alar, junto com alguns pêlos da mesma cor; escutelo com pruinosidade cinzenta, tornando-se escura segundo a incidência luminosa e com um par de cerdas marginais de cor amarelada (em dois exemplares se notam duas cerdas de um lado e uma do outro); região pós-escutelar branco-amarelada atrás do escutelo, branca mais clara nas calosidade laterais; pleuras castanhas com pruinosidade cinza, sendo na "mesopleura" amarelada no meio; "metapleura" com algumas cerdas e pêlos amarelados.

Pernas (figs. 155 e 157): coxas castanhas, recobertas de pruinosidade amarelo-clara, com muito pequenas cerdas e pêlos da mesma cor; trocânteres pardo-escuros; fêmures ocráceos, às vezes mais claros na porção basal do par posterior; as tíbias anteriores e médias são totalmente ocráceas; as posteriores com a metade basal ocrácea e a apical castanha; tarsos todos de cor castanha; a pilosidade das pernas é curta e amarelada, exceto nos últimos articulos tarsais onde há alguma pilosidade preta. Garras pretas; pulvilos amarelos.

Asas (fig. 184) castanhas, exceto a primeira célula basal que é hialina; nervuras mais escuras; nervura costal com pequenos pêlos amarelos; nervura transversa anterior situada além do meio da célula discal; quarta célula posterior aberta, estreitada na margem da asa. Halteres amarelo-claros, escuros na base do pedúnculo.

Abdômen com os quatro primeiros tergitos recobertos de pruiniosidade cinzenta, deixando, porém, no segundo, terceiro e quarto uma larga margem posterior de cor preto-brilhante; os três tergitos restantes são de cor castanha, com pruiniosidade cinzento-amarelada na margem anterior que é bastante espalhada no quinto tergito, mas quase inexistente no sexto; o sétimo tergito é apenas visível; as margens laterais dos três últimos tergitos estão recobertas de pruiniosidade branca; carácter notável existe nos lados do quinto e sexto tergitos que apresentam um aglomerado de pequenas cerdas esquamiformes, ocráceas, ocupando uma região de contorno circular; sobre todos os tergitos encontra-se pilosidade clara; nos lados do primeiro há algumas cerdas amareladas; esternitos acompanhando a coloração dos tergitos, exceto os dois últimos que são pretos; genitália avermelhado-escura com algumas cerdas e pêlos claros.

♀ — A fêmea é mais robusta que o macho e apresenta as seguintes diferenças: face e fronte recobertas de pruiniosidade amarelo-escura; antenas com o primeiro artigo bem escuro (os artigos restantes faltam no único exemplar estudado); pruiniosidade do tórax amarela; pruiniosidade das coxas amarelo-dourada; os quatro últimos tergitos abdominais são castanhos, com pruiniosidade esbranquiçada somente na base do quarto; no quinto e sexto tergitos não se encontra o aglomerado de cerdas esquamiformes; genitália com espinhos pardo-escuros e fina pilosidade amarelada.

HOLÓTIPO ♂ N.º 111.156, alótipo ♀ N.º 111.157 e um parátipo ♂ N.º 111.158, depositados na coleção do Departamento de Zoologia.

LOCALIDADE DO TIPO. — O holótipo foi capturado no Estado do Ceará, Russas, fevereiro de 1940 (SHANNON & ALVES); o alótipo no Estado do Rio Grande do Norte, Macaíba, abril de 1939 (ALVES); o parátipo no Estado do Piauí, Campo Grande, novembro de 1939 (SHANNON & ALVES).

APHAMARTANIA Schiner

Aphamartania SCHINER, 1866, p. 671; PRITCHARD, 1941, p. 133.

Como não possuímos nenhum exemplar da espécie tipo de *Aphamartania*, restringimo-nos à transcrição da diagnose genérica feita por SCHINER.

“Von gedrungenem Körperbaue, kurz und plump. Aus der Untergruppe der Dasypogoninen mit einem dornartigen Fortsatze am Ende der Vorderschienen. Untergesicht fast eben, nur auf der unteren Hälfte etwas erhoben, mit dichtem bis auf die Gesichtsmitte reichenden Knebelbarte und auch weiter bis zu den Fühlern mit einzelnen Härchen. Das dritte Fühlerglied streifenförmig, der kurze Endgriffel an der Spitze mit einem Dörnchen, zuweilen schief abstehend. Schildchenrand beborstet. Hinterleib kurz und breit, etwas eingebogen; Genitalien des Männchens dickkolbig, ungefähr wie bei *Cylindrophora* Phil. die Klappen gegen den Bauch gerichtet; Legeröhre des Weibchens breit hinten abgestutzt. Beine robust, Klauen und Haftläppchen gross.

Flügel mässig breit, erste Hinterrandzelle gegen das Ende zu etwas verengt, vierte breit offen, Analzelle geschlossen. Als typische Art betrachte ich eine neue Art aus Chile: *Aphamartania Frauenfeldti*”

A distribuição geográfica deste gênero parece abranger toda a América meridional a Leste dos Andes e, segundo PRITCHARD (1941), chega até o Panamá.

SCHINER, quando descreveu este gênero, designou como seu genótipo uma espécie que ainda não estava descrita, *frauenfeldi*, dizendo ser ela originária do Chile. Tempos depois, quando descreveu essa espécie, indicou a Venezuela como a sua pátria, o que acreditamos seja a verdadeira.

A igualdade deste gênero com *Theromyia* Williston (nom. nov. para *Cylindrophora* Philippi), admitida pelos autores, não nos parece razoável. De fato, além do fator zoogeográfico, pois as espécies de *Theromyia* só têm sido assinaladas na região compreendida entre a Cordilheira dos Andes e o litoral do Oceano Pacífico, encontramos fatores de ordem estrutural suficientes para considerar *Aphamartania* um gênero distinto de *Theromyia*.

O gênero *Aphamartania* apresenta os seguintes caracteres inexistentes em *Theromyia*: pilosidade do corpo fina, não muito densa; mistax formado por finas cerdas que, embora abundantes, não escondem o tegumento; tíbias posteriores dos ♂ sem cerdas espiniformes; pulvilos desenvolvidos.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DE APHAMARTANIA

- | | |
|--|---------------------------|
| 1 — Tíbia posterior fina anteriormente e grossa no quarto apical; basitarso das pernas posteriores mais grosso que os restantes; célula anal fechada e com um longo pecíolo | <i>marga</i> Pritch. |
| Tíbia posterior gradualmente mais grossa da base para o ápice; basitarso das pernas posteriores tão grosso como os restantes; célula anal aberta ou fechada na margem da asa | 2 |
| 2 — Asas enfumaçadas na metade proximal, o resto hialino .. | <i>frauenfeldi</i> Schin. |
| Asas levemente escurecidas, mas com as nervuras transversas e as bifurcações de forma muito mais intensa | 3 |
| 3 — Abdômen fosco, o primeiro segmento com pêlos pretos .. | <i>digna</i> Pritch. |
| Abdômen brilhante, o primeiro segmento com pêlos brancos | 4 |
| 4 — Mistax cobrindo quase toda a face; pernas pretas | <i>maculipennis</i> Macq. |
| Mistax cobrindo a metade inferior da face; pernas ferruginosas (fig. 64) | <i>pritchardi</i> Carrera |

Esta chave é uma modificação da que foi organizada por PRITCHARD em 1941. Como este autor, nós também não conseguimos incluir nela *Aphamartania breviventris* (Macq., 1847, pág. 21), do Brasil, devido à deficiência dos caracteres assinalados em sua diagnose original. Esta espécie foi descrita no gênero *Dasygogon* e WILLISTON (1891) colocou-a em *Theromyia*, passando-a KERTÉSZ (1909) para *Aphamartania*. É claro que não se trata de um *Dasygogon*, mas também não encontramos elementos de real valor em sua descrição que permita localizá-la em *Aphamartania*.

Aphamartania frauenfeldi Schiner

Aphamartania frauenfeldi SCHINER, 1867, p. 372.

Espécie por nós desconhecida e não constatada ainda no Brasil. Como é a espécie tipo do gênero, convém reproduzir sua diagnose original.

“Braun: Rückenschild mit drei schwarzbraunen, heller gesäumten Längsstreifen; die mittelste durch eine feine vorne gespaltene Linie getheilt, die seitlichen in drei Flecke aufgelöst; alle Zwischenräume etwas weisschimmernd nur mit in Reihen geordneten Borsten besetzt; ebensolche Borsten um die Flügelbasis; Schildchen dunkel braunroth, weisschimmernd, mit hellen Randborsten; Brustseiten glänzend braunroth mit schwarzen Flecken. Hinterleib glänzend schwarz, die Seiten, Ringeinschnitte und der Bauch bräunlichroth; Genitalien braun, weisslich behaart, sehr dick, die inneren Organe complicirt. Kopf dunkel braunroth, in gewisser Richtung um die Augenränder weiss schimmernd; Knebelbart fahlgelb, etwas über die Gesichtsmitte hinaufreichend; Hinterkopf und Backenbart weisslich; Rüssel schwarz; Fühler dunkel rostgelb, die Basalglieder auf der Unterseite gelblichweiss beborstet; drittes Glied schmal und so lang als die beiden Basalglieder zusammen, mit deutlichem Griffel. Beine dunkel kastanienrothbraun, glänzend, der Enddorn der Vorderschienen klein; die kurze anliegende Behaarung weisslich, die Grundfarbe nicht alterirend, an der Spitze der Mittelschenkel oben eine einzelne Borste, die sehr stark verdickten Hinterschenkel mit zerstreuten, die Schienen und Tarsen mit vielen Borsten besetzt, welche vorherrschend gelblich sind; Halftlappen sehr gross. Flügel an der Basalhälfte braun, um die Queradern intensiver, an der Spitzenhälfte glashell; erste und vierte Hinterrandzelle offen. 5 — 5 1/2”. Venezuela (Kaaden 1857).”

Aphamartania digna Pritchard

Aphamartania digna PRITCHARD, 1941, p. 137 p. 16, f. 2.

Espécie descrita do Peru. Não a conhecemos.

DIAGNOSE ORIGINAL: — “Closely allied to *frauenfeldi* Schiner, differing essentially in having the wings rather uniformly fuscus rather than hyaline on the distal half; the male genitalia smaller with the distal section of the inferior forceps but little widened with the median tooth very small. The front is entirely pollinose, the frontal setae black; the mystax extends above more on either side; the lateral hairs of the first abdominal segment are black, the mesonotal setae and the bristles on the legs are entirely black; and the legs are tawny rather than castaneous.

Male. — Head ochreous pollinose, the front and vertex brown pollinose; mystax, beard, vestiture of palpi, occiput, and proximal antennal segments whitish, frontals and ocellars in part black; antennae brown. Thorax tawny in ground color except for black mesonotal vittae; ochreous pollinose except for vittae; mesonotum clothed except on the vittae with black, stout setae; several black posterior dorsocentrals poorly differentiated; lateral bristles yellowish or black; three presutural, two supraalar, three postcallar on either side; mesonotal vittae rather broad, dull black, the lateral vittae nearly divided at the transverse suture. Scutellum ochreous pollinose, with four pairs strong, marginal, yellowish bristles. Vestiture of prothorax, coxae, and hypopleura pale. Legs tawny, the femora a little darker; bristles entirely black; fine setae on femora and tibiae pale; anterior basitarsus about twice as long as distal tarsal segment. Wings rather evenly fuscus, the costal cell and cross-veins and furcations brownish. Abdomen dull black above, brown pollinose, the lateral margin evenly and the venter tawny; lateral hairs short, thin, white. Genitalia tawny with pale yellowish hairs; distal portion of inferior forceps with broad inner projection, beyond this elongate, with the small median tooth, curved inwardly. Length, 9,5 mm.

Female. — Similar, the legs a little paler, the distal abdominal segments tawny. Length, 11 mm.”

Aphamartania maculipennis (Macq.)

Dasypogon maculipennis MACQUART, 1838, p. 37, T. 3, fig. 8.

Aphamartania maculipennis (MACQ.), CARRERA, 1945, p. 170.

Esta espécie é muito próxima de *pritchardi* da qual se separa pelos caracteres assinalados na chave e mencionados em sua diagnose original que é a seguinte:

“Niger. Thorace cinereo-vittato. Alis fuscans maculatis. Long. 4 3/4 l”. ♂.

Face et front d'un gris jaunâtre; moustache jaunâtre, couvrant toute la face. Barbe blanchâtre. Antennes noires, à poils jaunâtres endessous. Thorax à quatre

bandes d'un gris roussâtre, velues, et trois noires, nues. Abdomen noir; bords latéraux testacés, à duvet blanchâtre; septième segment et organe copulateur testacés, à poils jaunâtres; ce dernier très-épais, accompagné d'un long filament corné partant du haut et qui s'abaisse en tournant endessous. Pieds noirs; tarsi antérieurs sans saillie distincte. Ailes assez courtes, un peu grisâtres; une petite tache brunâtre sur les nervures transversales."

Aphamartania pritchardi Carrera

(Fig. 7)

Aphamartania pritchardi CARRERA, 1943, p. 120.

Esta espécie foi descrita de um único exemplar ♂. Com o exame de dois casais recentemente chegados às nossas mãos, nos foi possível constatar que as diferenças entre os sexos apenas se encontram nos órgãos da reprodução.

DIAGNOSE ORIGINAL: -- "Comprimento: — 10 mm. (Sem antenas) — asa: 7,5 mm.

MACHO — Cabeça (Pr. 16, fig. 64) amarelada: fronte com uma pilosidade parda lateral e inferior, no meio bem mais escura; próximo ao tubérculo ocelar, de cada lado da fronte, emergem alguns pêlos amarelos; tubérculo ocelar grande, preto e com muitas cerdas; estas cerdas são longas, algumas pretas outras amarelas; os ocelos são grandes, sendo o anterior o maior, e todos de côr amarela. Vértice com a mesma côr da fronte. Occipício preto com pruinoidade esbranquiçada e pilosidade longa da mesma côr; barba esbranquiçada; as cerdas dos palpos pouco mais escuras; face com pilosidade pardacenta; mistax denso, esbranquiçado e cobrindo a metade inferior da face que é levemente convexa; antenas (fig. 93) de cor escura; os dois artículos basais do mesmo tamanho; o primeiro cilíndrico e com cerdas amareladas, o segundo arredondado na extremidade distal e com cerdas pretas; o terceiro artículo tão longo quanto os dois basais reunidos.

Tórax com duas faixas medianas de côr preta e duas laterais, menores, de contórno irregular, também pretas e separadas pela sutura transversa; o resto com pruinoidade pardacenta e recoberto por cerdas pretas em mistura com algumas amarelas; os calos humerais ferruginosos e com cerdas pretas; logo atrás dos calos humerais se encontra um tufo de longos pêlos amarelos; 3 cerdas pré-suturais, 2 supra-alares e 3 nos calos posteriores, sendo todas elas grandes e amarelas; escutelo semi-circular com 4 pares de cerdas marginais, longas e amarelas. Pleuras pardacentas com pruinoidade amarela; "mesopleura" com longa pilosidade amarela; na "metapleura" esta pilosidade é densa, amarela e, superiormente, preta.

Patas (figs. 153 e 158) ferruginosas com fina pilosidade amarela, mais densa na parte interna das tíbias anteriores e com cerdas curtas e grossas de côr preta e amarela; o primeiro artículo tarsal é, aproximadamente, duas vezes o tamanho do último. Garras negras com base clara. Pulvilos quase do tamanho das garras.

Asas (fig. 183) quase hialinas, com reflexos verde-amarelados; as bifurcações das veias, como também as veias transversais, são rodeadas por um pequeno enfumaçamento, dando a aparência, a olho nú, de pequenos pontos escuros. As células costal e sub-costal são pardacentas. A célula anal é aberta.

Abdômen preto brilhante no dorso, mais claro ventralmente e com manchas amarelo-escuras nos lados; o primeiro segmento apresenta lateralmente um tufo de longos pêlos brancos; nos segmentos seguintes estes pêlos são menores, também brancos e localizados na metade distal de cada um.

Genitália pardo-escura recoberta por densa pilosidade longa e amarelada além de cerdas dessa mesma côr. O segundo segmento genital apresenta larga mancha escura mediana; os pêlos do 8.º esternito são longos e eriçados; forceps inferiores com a porção distal negra e bastante quitinizada, apresentando três prolongamentos

agudos e curvados sobre o penis que é de cor ferrugínea, longo, curvo e com a porção distal mais estreita que a basal."

MATERIAL EXAMINADO. — Além do holótipo, depositado na col. deste Departamento sob o N.º 103.958, examinamos mais quatro exemplares, 2 ♂♂ e 2 ♀♀, entre os quais escolhemos uma ♀, N.º 103.962, para alótipo; um ♂ tem o N.º 103.963, outro foi devolvido ao Dr. MAURO P. BARRETTO e uma ♀ foi enviada ao Dr. STANLEY W. BROMLEY.

PROCEDÊNCIA DO MATERIAL. — O holótipo é de Curitiba, Estado do Paraná; o alótipo e os três espécimes restantes são do Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia, 500 — 1.000 metros, agosto de 1946 (BARRETTO).

Aphamartania marga Pritchard

Aphamartania marga PRITCHARD, 1941, p. 138, p. 16, f. 4.

Espécie descrita de Tucuman, República Argentina. Os caracteres indicados por PRITCHARD a isolam completamente dentro deste gênero.

Não-conhecemos esta espécie, cuja distribuição geográfica possivelmente também abranja o Brasil. Transcrevemos, por isso, sua diagnose original.

"*Marga* differs from all other species included in the genus by the slender body, the slender legs, the enlarged hind basitarsus and distal end of the hind tibia, the small, scant mystax, and the single pair of marginal scutellars.

Male. — Head with pollen of face buff, of front and vertex dark brown, of occiput cinereous. Hairs of head white; mystax sparse, not reaching eyes laterally and nearly divided medially; ocellars short, numerous. Thorax largely yellowish in ground color except disc of mesonotum, buff pollinose except disc of mesonotum. Prothorax rather sparsely clothed with long white hairs. Mesonotum except lateral margins and calli black, velvety brown pollinose; clothed laterally and along the line of the dorsocentrals with long white hairs; post-sutural dorsocentrals long; lateral bristles white; three presutural, three supraalar, and three postcallar on either side. Scutellum with disc brownish pollinose, marginally cinereous pollinose, with two white scutellars. Hypopleural bristles fine. Legs shining brown, the hind femur below and proximal two-thirds of hind tibia tawny; bristles of anterior four legs black, of posterior pair whitish; setae of legs white except on anterior four tibiae and tarsi black; anterior basitarsus twice as long as last tarsal segment; hind femora slender especially proximally, without bristles; hind tibia incrassate on distal fourth, hind basitarsus incrassate. Wings brownish on proximal half, fading into a paler fuscus distally; costal cell darker brown; anal cell closed and long petiole. Abdomen shining black above, the lateral margins yellowish and extending inwards along caudal margin of each segment; rather long, white hairs sparsely on sides of proximal two segments. Genitalia yellowish, the superior forceps brownish; clothed with white hairs and bristles. Length 9 mm.

Female. — Similar. Length, 10 mm."

THEROMYIA Williston

Cylindrophora PHILIPPI, 1865, p. 704 (preoc.).

Lynchia WILLISTON, 1889, p. 255 (preoc.).

Myiothera WILLISTON, 1889, p. 259 (preoc.).

Theromyia WILLISTON, 1891, p. 73.

O revestimento piloso, extraordinariamente grosso, eriçado e muito denso; o mystax (Pr. 16, fig. 58) compacto e formado por curtas e fortes cerdas; as tíbias posteriores dos ♂♂ apresentando na face anterior uma fileira de quatro cerdas curtas e grossas como espinhos (figs. 135 e 136); os pulvilos rudimentares são caracteres que distinguem *Theromyia* de *Aphamartania*.

As três espécies que presentemente fazem parte deste gênero, *muri-na* Phil. (genótipo), *calopyga* Schiner e *nana* Pritchard, se distribuem pela borda ocidental da América do Sul, a Oeste da cordilheira andina.

ANNAMYIA Pritchard

Annamyia PRITCHARD, 1941, p. 131.

Distingue-se este gênero de *Aphamartania* pelo grande comprimento dos tarsos do primeiro par de pernas, que é duas vezes mais longo que a tibia anterior e pela face que é bastante saliente e apresenta um mistax de fortes cerdas sobre a sua superfície.

A única espécie conhecida deste gênero é *maren* Pritchard, originária de Diamantina, Estado de Minas Gerais, que não conhecemos, razão pela qual transcrevemos abaixo as diagnoses originais.

DESCRIÇÃO ORIGINAL DO GÊNERO: "Face at antennae about one-half the width of one eye at this level; front slightly convergent above; face moderately divergent below, the distance between the eyes below nearly twice as wide as that at the antennae. Facial gibbosity gradually developed from the antennae, well elevated orally, projecting beyond the eyes, as seen from the side, by a distance as great as the length of the first two antennal segments. Mystax moderately sparse, covering the entire face, composed of stout bristles and a few hairs. First two antennal segments subequal; third antennal segment one and one-half times the length of first two segments combined, parallel sided, bare of setae; style actutely tapering distally, as long as second antennal segment, two segmented with the proximal division very short, distally provided with a minute spine. Prosternum reduced to an isolated sclerite; mesonotum moderately arched, with moderate vestiture; metasternum widely divided; mesonotum with strong bristles laterally; one pair posterior dorsocentrals; scutellum moderately convex with one pair marginal bristles. Legs elongate, slender; femora without bristles; anterior tibia with a sigmoid distal spur, the anterior basitarsus provided with several minute nodulations in connection with this spur; anterior tarsus very elongate, twice as long as anterior tibia, the basitarsus a little over twice as long as the following two segments, the distal segments progressively decreasing slightly in length; claws slender, acute; pulvilli well developed, about as long as claws. Wing a little over three times as long as broad; marginal, posterior, and anal cells open, the fourth posterior cell narrowed distally; anal lobe well developed. Abdomen elongate, four times as long as wide, depressed, nearly bare; lateral bristles of first segment hardly differentiated from the hairs. Male genitalia enlarged, strongly developed cephalad and caudad, inverted.

Genotype. *Annamyia maren* new species."

Annamyia maren Pritchard

Annamyia maren PRITCHARD, 1941, p. 132.

DIAGNOSE ORIGINAL: — "A moderately elongate species; thorace reddish with three black mesonotal stripes; abdomen black with a caudal white fascia on each segment; legs castaneous; wings fuliginose, paler distally and in the cells. Length 13 mm.

Male. — Face and front reddish in ground color, the face white pollinose, bare and shining below antennae, the front brownish pollinose; mystax in large part, bristles of palpi, of proximal two antennal segments, and of ocellar tubercle black;

mystax laterally white. Occiput black in ground color, cinereous pollinose, white pilose. Thorax and coxae largely reddish in ground color, the prothorax, mesonotal vittae, scutellum, postnotum, and posterior coxae black in ground color; thoracic pollen thin above, rather buff colored, denser on sides below and whitish; pile of prothorax and pleura white; three mesonotal vittae bare, dull black, broad; mesonotal setae mostly dark brownish, recumbent; mesonotal bristles black; one pair posterior dorsocentrals, and on either side two presutural, one or two supraalar, one or two postcallar; scutellum with one pair marginal bristles. Legs castaneous, shining, clothed with sparse white hairs and black bristles; tarsal setae black. Wings fuliginose, the distal fourth paler, cells interiorly paler, with a clear hyaline streak in first marginal and first basal cells, inner portion of fourth posterior cell and discal cell. Abdomen black in ground color, dull black pollinose, each segment except last with a transverse whitish pollinose fascia covering the caudal fifth and widening on lateral margins to cover most of the segment. Genitalia shining dark yellowish, the distal process of inferior forceps black; ventral plate deeply impressed as seen from above, with a distal bifid prolongation as seen from below; hairs on genitalia above white, bristles below black."

ASPIDOPYGA, n. gen.

CARACTERES — Cabeça duas vezes mais larga que alta; face completamente plana, sem saliência alguma, acompanhando a curva da órbita ocular quando vista de perfil, de lados paralelos e tão larga quanto a metade da largura de um olho; mistax nos ♂♂ formado por finas cerdas, muito esparsas, maiores na borda bucal e ocupando os 2/3 inferiores da face; nas ♀♀ o mistax ocupa a metade inferior da face e as cerdas da borda bucal são longas, mas as que ficam acima são pequenas e menos abundantes que nos ♂♂; fronte de lados paralelos, com uma altura igual a 3/4 à da facial, com alguns pequenos pêlos laterais, em cima e nos lados do vértice; calo ocelar com cerdas e alguns pequenos pêlos; probóscida aproximadamente tão longa quanto 3/4 da largura da face, com a extremidade pouco aguda; palpos finos; antenas com os dois primeiros artículos de igual comprimento, o terceiro alongado, pouco mais fino que os basais e mais longo que duas vezes o comprimento destes, contendo com o estilo que é formado por dois artículos; o segundo destes artículos termina por um pequeno espinho e é três vezes maior que aquele que o antecede.

Tórax com pilosidade escassa, mais abundante no protórax; cerdas dorso-centrais grandes e em uma fileira que se inicia antes da sutura transversa; nos ♂♂ as cerdas dorso-centrais anteriores são mais desenvolvidas que nas ♀♀; cerdas laterais grandes; escutelo com cerdas marginais.

Pernas de grossura normal; esporão apical das tíbias anteriores curto e curvo; no ápice das tíbias medianas, em baixo, há uma pequena saliência onde se inserem duas pequenas e grossas cerdas espiniformes; na superfície inferior dos basitarsos das pernas posteriores existe uma fileira de pequenos espinhos; garras pontiagudas; pulvilos grandes.

Asas: quarta célula posterior e anal abertas; nervuras M1 e M2 sinuosas.

Abdômen com oito segmentos visíveis por cima; os dois primeiros um pouco mais estreitos que os seguintes; nas ♀♀ os últimos segmentos se afinam gradualmente; genitália do ♂ com o nono tergito apresentando dois largos prolongamentos laterais, voltados para baixo e de forma retangular.

GENÓTIPO: *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.

Este gênero se distingue perfeitamente entre os demais pela forma do 9º tergito dos ♂♂ que apresenta duas grandes placas laterais envolvendo toda a genitália. Mostra, entretanto, alguma afinidade com o gênero *Cophura* Osten Sacken, 1887, do qual difere, não só pelo caráter acima referido, como também pela forma do mistax, pela quetotaxia do mesonoto e pela presença de cerdas marginais no escutelo. As espécies de *Cophura* se distribuem pela América do Norte.

Aspidopyga cophuroides, n. sp.

(Fig. 4)

♂ : — Comprimento do corpo 11 — 12,5; da asa 9 — 10 mm.

Cabeça (Pr. 16, fig. 65): face recoberta de pruinose amarelada; as cerdas do mistax que se situam na borda bucal são de cor pardacenta, as que estão acima destas são de cor amarelada; fronte e calo ocelar pretos, revestidos de pruinose amarelada; na base das antenas a pruina é ausente num espaço triangular; nos lados da fronte, em cima, há alguns pêlos amarelados, sobre o calo ocelar duas a quatro cerdas pardacentas e alguns pequenos pêlos; occipício com pruinose pardacenta atrás do calo ocelar, cinzenta-amarelada no resto; algumas cerdas pardacentas se encontram superiormente e ao redor da margem ocular, sendo esta guarnecida em baixo de pilosidade amarelada; barba esbranquiçada; probóscida e palpos (fig. 121) castanho-escuros, brilhantes, a probóscida com alguns pêlos amarelados na metade basal inferior, os palpos com finas cerdas pardacentas; antenas (fig. 92) pardo-escuras, os dois primeiros artículos com cerdas pardacentas, algumas muito longas; o terceiro revestido de esparsa pruinose pardacenta; estilo terminado por um fino espinho brilhante.

Tórax: protórax recoberto de pruinose cinza-amarelada ou parda, mais escura sobre o pronoto, com longa pilosidade amarelada; mesonoto revestido também de pruinose cinza-amarelada ou parda, apresentando, porém, larga faixa mediana longitudinal, de lados paralelos, de cor preta que termina pouco depois da sutura transversa, sendo dividida em toda sua extensão por uma linha esbranquiçada pouco perceptível; em cada lado dessa faixa se encontram três manchas pretas; a primeira antes de sutura transversa e de forma circular, a segunda oblonga tendo sobre ela alguma pruina amarela e a terceira nos lados internos dos calos pós-alares de forma triangular muito pequena; os calos umerais densamente revestidos de pruinose amarela; pilosidade amarelo-pardacenta, às vezes amarela, muito esparsa; cerdas dorso-centrais pardo-amareladas, desenvolvidas e se iniciando pouco depois da margem anterior do mesonoto; cerdas laterais pardacentas, duas longas pré-suturais, duas supra-alares e duas ou três pós-alares; calos umerais com algumas pequenas cerdas e pêlos; margem do escutelo mais clara que a superfície dorsal e com duas finas e longas cerdas; região pós-escutelar escura atrás do escutelo e clara sobre as calosidades laterais; pleuras anteriormente recobertas de pruinose parda e o restante de cor cinza; "metapleura" com um tufo de finas e longas cerdas pardacentas.

Pernas (figs. 127 a 131): coxas recobertas de pruinose pardo-amarelada, às vezes escurecidas, com finas cerdas de cor pardacenta; o resto das pernas pardo-escuro, completamente pretas em alguns exemplares, com os tarsos avermelhados em outros; cerdas de cor amarelo-escura, numerosas nas tíbias, muitas são pequenas, outras maiores; pilosidade amarela; as tíbias posteriores com a extremidade proximal avermelhada. Garras avermelhadas na base, pretas em seguida; pulvilos amarelo-avermelhados.

Asas (fig. 182) pardacentas, mais escuras no setor radial; nervuras de cor castanha; nervura transversa anterior pouco depois do meio da célula discal; nervuras M1 e M2 sinuosas; segunda célula posterior um pouco estreitada antes

da margem da asa; célula anal aberta. Halteres pardo-amarelados, escuros no pedúnculo.

Abdômen pardo-escuro com faixas transversais de pruinoidade cinzenta situadas na metade posterior dos tergitos, mas interrompidas no meio; no quarto tergito esta faixa é pouco distinta e nos seguintes ela se espalha por quase toda a superfície dos mesmos; a pilosidade é amarela, mas às vezes bastante escura nos tergitos posteriores; nos lados do primeiro segmento existem algumas finas cerdas amarelas; nos lados do segundo a pilosidade é bastante longa; esternitos com pruinoidade cinzenta e margem posterior pardacenta; os dois esternitos antes da genitália com grossa e densa pilosidade pardacenta. Genitália com o nono tergito expandido nos lados, formando duas grandes placas; preta ou avermelhada, brilhante, com pilosidade amarela pouco abundante.

♀ : — Difere dos ♂ ♂ pelo seguinte: face e fronte recobertas de pruinoidade bronzeada, mais escura na fronte; cerdas e pêlos do mistax pardacentos; calo ocelar sempre com duas cerdas; pruinoidade do tórax pardo-bronzeada; fêmures pardo-escuros, tíbias e tarsos avermelhados, às vezes bastante claros; abdômen mais escuro, só no segundo tergito a faixa transversal cinzenta é larga e bastante nítida, no terceiro, quarto e quinto essa faixa se reduz a uma pequena mancha de cada lado; margem posterior do quinto tergito e todos os tergitos seguintes de cor preta, brilhantes; pilosidade pardacenta; os três últimos esternitos também preto-brilhantes, com pilosidade escassa; genitália com espinhos preto-avermelhados e pilosidade amarela.

HOLÓTIPO ♂, alótipo ♀ e 15 parátipos (5 ♂ ♂ e 10 ♀ ♀) depositados como segue: holótipo, 1 parátipo ♂ e 4 ♀ ♀ na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; alótipo N.º 111.090, 3 parátipos ♂ ♂ e 4 ♀ ♀ Nos. 111.091 a 111.097 na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo; 2 parátipos ♀ ♀ na coleção do Instituto de Experimentação Agrícola do Rio de Janeiro; 1 parátipo ♂ enviado ao Dr. STANLEY W. BROMLEY.

LOCALIDADE TIPO. — Estado do Rio de Janeiro: Palmeiras, janeiro 1939 (H. S. LOPES).

LOCALIDADES ADICIONAIS. — Estado do Rio de Janeiro: Jardim Botânico, março de 1935 (H. S. LOPES); Distrito Federal, novembro de 1938 (S. F. A.); Nova Friburgo, 900 metros, janeiro de 1946 (P. WYGODZINSKY); Angra dos Reis, Japuíba, janeiro de 1935 (D. MENDES). — Estado de Minas Gerais: Calado, Rio Doce, fevereiro de 1939 (MARTINS & LOPES). — Estado de São Paulo: Cidade Jardim, fevereiro de 1943 (M. CARRERA).

ABSTRACT

A systematic arrangement for the Neotropical Asilidae with a spur on the front tibiae is proposed in this work. The division of the family, however, is based on the general plan established by Hardy (1934-5 and 1948).

All neotropical asilids with a spur belong to tribes *Megapodini* and *Saropogonini*. The former tribe includes those genera of Dasypogoninae that possess one-segmented palpi; a prosternum completely isolated from the pronotum by a broad membranous area; an apical spur on the front tibiae; the two uppermost radial veins generally meeting before the wing margin, thus forming a closed and petiolated marginal cell, except *Senobasis* in which the marginal cell is open; 9th. tergite of male genitalia fused with the 9th. sternite, forming a complete ring; 9th. tergite of male genitalia entire, not forming upper forceps, in *Senobasis* with two apical projections; 9th. tergite of female genitalia divided in two plates (acanthophorites), but without spines.

The second tribe has already been discriminated by Hardy, but in the Neotropical fauna this tribe includes only species of Dasypogoninae that possess two-segmented palpi; a prosternum completely isolated from the pronotum by a broad membranous area; apical spur on the front tibiae present or absent; marginal cell open; 9th. tergite of male genitalia separated from 9th. sternite by lateral membranes; 9th. tergite of male genitalia comprising two sclerites, thus forming

well defined upper forceps; 9th. tergite of female genitalia divided in two plates (acanthophorites) and with developed spines.

In the typical *Saropogonini*, however, the 9th. tergite of the male genitalia has no developed upper forceps, being entire or split along its median line. Neotropical species with this character are unknown at present.

Neotropical Dasypogoninae, include the following tribes: *Xenomyzini*, *Stichopogonini*, *Laphystiini*, *Atomosiini*, *Laphriini*, *Megapodini* and *Saropogonini*.

KEY TO DASYPOGONINAE TRIBES

- | | |
|---|-----------------------|
| 1 — Head very wide and dorso-ventrally constricted in the fronto-facial space | <i>Xenomyzini</i> |
| Head normal | 2 |
| 2 — Prosternum contiguous with the pronotum, never reduced ... | 3 |
| Prosternum reduced, isolated from the pronotum by a broad membranous area | 6 |
| 3 — Marginal cell open; female genitalia with or without spines | 4 |
| Marginal cell closed and petiolated; female genitalia without spines | 5 |
| 4 — Female genitalia with conspicuous spines; front an face at the level of the antennae distinctly narrower than the vertex and oral margin | <i>Stichopogonini</i> |
| Female genitalia without spines; front and face at the level of the antennae practically as wide as the vertex and oral margin | <i>Laphystiini</i> |
| 5 — Antennae with the third segment with a minute spine on its dorsal border, sometimes subapical | <i>Atomosiini</i> |
| Antennae with the third segment with an apical spine or without a spine | <i>Laphriini</i> |
| 6 — Male genitalia with the 9th. tergite fused to the 9th. sternite, forming a complete ring; without upper forceps; female genitalia without spines on the 9th. tergite; palpi with only one segment; front tibiae with an apical spur | <i>Megapodini</i> |
| Male genitalia with the 9th. tergite separated from the 9th. sternite; with developed upper forceps; female genitalia with spines on the 9th. tergite; palpi generally two-segmented; apical spur on the front tibiae present or absent | <i>Saropogonini</i> |

The tribe *Megapodini* is exclusively Neotropical and is composed of five genera, the characters of which may be summarized in the following key

- | | |
|---|--------------------------|
| 1 — Face conspicuously excavated in the middle and projecting in the oral margin; ovipositor wide at base and directed upwards; male genitalia in the same direction of the abdomen | 2 |
| Face without median concavity; ovipositor tapering-truncate; male genitalia bulbous and expanded downwards | 3 |
| 2 — Mesothorax projecting anteriorly, sometimes overlapping the head; posterior tibiae and tarsi not dilated ... | <i>Pseudorus</i> Walker |
| Mesothorax normal; posterior tibiae and tarsi dilated .. | <i>Doryclus</i> Jaenn. |
| 3 — Marginal cell open; pos-scutellar region without pile .. | <i>Senobasis</i> Macq. |
| Marginal cell closed; post-scutellar region pilose | 4 |
| 4 — Face with the oral margin expanded downwards, as a nose; sides of the face pilose; legs not very long | <i>Pronomopsis</i> Herm. |
| Face with the oral margin pointed, not expanded downwards; sides of the face without pile; legs very long | <i>Megapoda</i> Macq. |

All these genera, except *Pronomopsis*, are redescribed and keys for species are given.

Doryclus crassitarsis (Macq.) and *D. varipennis* (Walk.) are redescribed. *D. guentheri* Arribalzaga is considered a good species from the female described; the male, however, is a synonym of *distendens* (Wied.).

In *Pseudorus*, the two specimens studied by Hermann (1912) and identified as *piceus* Walker, we consider as a new species: *hermanni*. Another new species of this same genus, *d'andrettae*, is described.

Senobasis belongs to Hermann's Acanthocneminae. This denomination can not be maintained, since it is not based upon a generic name.

Lochites Schiner is a synonym of *Senobasis* as Williston has pointed out in 1889.

Senobasis fenestrata Macq., *asiloides* (Bigot), *fulvus* (Bigot) and *modesta* Bigot are excluded from *Senobasis*. The following new species of this genus are described: *lopesi*, *rhombungulata*, *bromleyana* and *lanei*. Redescriptions of *S. claripennis* and *S. gyrophora* (Schiner) are given.

The tribe *Saropogonini* includes species with or without a spur on the front tibiae. The species with a spur belong to genera that may be separated as follows:

- | | | |
|--|----|-----------------------------|
| 1 — Style of antennae reduced to a minute spine placed in an apical or subapical depression; or without a style, or yet with a spine on the dorsal border of the third segment | 2 | |
| Style developed, conical, sometimes with more than one segment | 14 | |
| 2 — Scutellum with bristles | 3 | |
| Scutellum without bristles | 11 | |
| 3 — Pulvilli of the hind pair of legs reduced, at most reaching the basal third of the claws | | <i>Caenarolia</i> Thoms. |
| Pulvilli of the hind pair of legs not reduced, always longer than the basal third of the claws | 4 | |
| 4 — The two palpal segments in the same direction ... | 5 | |
| The two palpal segments forming an almost right angle | 9 | |
| 5 — Face wider than one third the total wideness of the head or as broad as one eye | | <i>Allopogon</i> Schiner |
| Face narrower than one third the total wideness of the head or narrower than an eye | 6 | |
| 6 — Third antennal segment spindle shaped, never longer than the basal two segments together | 7 | |
| Third antennal segment parallel-sided, always longer than twice the basal two segments together | 8 | |
| 7 — Middle of the front usually without pilosity; ocellar tubercle almost always with two bristles; abdomen never with transverse bands of long pilosity on the posterior border of the tergites | | <i>Diogmites</i> Loew |
| Middle of the front with abundant pilosity; ocellar tubercle always with more than two bristles; abdomen with the first three tergites clothed on the posterior border with long pilosity | | <i>Neodiogmites</i> , n. g. |
| 8 — Face inclined, gradually salient from base of antennae to oral margin | | <i>Lastaurus</i> Loew |
| Face salient on oral margin, more or less flat above | | <i>Lastaurax</i> , n. g. |
| 9 — Face convex and entirely clothed with hairs | | <i>Lastaurina</i> Curran |
| Face convex only on oral margin, where there are many bristles | | <i>Lastauroides</i> , n. g. |
| Face inclined, gradually salient from base of antennae to oral margin | 10 | |

- | | |
|--|---------------------------------|
| 10 — Face with very fine, silky, dense pilosity on the lower three fourths, without bristles on the oral margin | <i>Lastauropsis</i> , n. g. |
| Face with bristles on the oral margin and some hairs above | <i>Lastauronia</i> , n. g. |
| 11 — Fourth posterior cell open | <i>Macrocolus</i> Engel |
| Fourth posterior cell closed | 12 |
| 12 — Third antennal segment with a minute spine on the dorsal border, median or subapical; slender species | <i>Mirolestes</i> Curran |
| Third antennal segment with an apical spine, never on the dorsal border; robust species | 13 |
| 13 — Abdomen clavate; third antennal segment spindle shaped | <i>Blepharepium</i> Rond. |
| Abdomen tapering from base to tip; third antennal segment wider at base | <i>Phonicocleptes</i> Arribalz. |
| 14 — Scutellum without bristles or pile | 15 |
| Scutellum with bristles or pile | 16 |
| 15 — Fourth posterior cell closed; style almost as long as the third antennal segment | <i>Cyrtophrys</i> Loew |
| Fourth posterior cell closed or open; style always much smaller than the third antennal segment | <i>Deromyia</i> Phil. |
| 16 — Antennal style with one segment and having a minute apical spine | 17 |
| Antennal style two-segmented, having on the tip of the second a minute spine | 18 |
| 17 — Dorso-central bristles developed; mystax formed by long bristles; front with abundant lateral pilosity | <i>Araiopogon</i> , n. g. |
| Dorso-central bristles not developed; mystax formed by very short bristles; front without lateral pilosity; fifth and sixth abdominal tergites with an agglomeration of squamiform bristles on the sides (♂) | <i>Cleptomyia</i> , n. g. |
| 18 — Pulvilli not developed | <i>Theromyia</i> Phil. |
| Pulvilli developed | 19 |
| 19 — Tarsi of the anterior pair of legs very long, twice as long as the tibiae of the same legs; face strongly salient | <i>Annamyia</i> Pritch. |
| Tarsi of the anterior pair of legs of normal length; face salient only on the oral border | 20 |
| 20 — Face, on the level of the antennae, wider than on the oral border; mystax compact and on the lower half of the face; scutellum with many marginal bristles and some dorsal pilosity | <i>Aphamartania</i> Schin. |
| Face parallel sided; mystax sparse and reaching almost to base of antennae; scutellum with only a pair of marginal bristles | <i>Aspidopyga</i> , n. g. |

The principal records on these genera are the following;

Caenarolia — This genus has been considered a *Leptogasterinae*, being now placed among the *Dasypogoninae* due to its affinities with *Allopogon*, from which it can be separated by the undeveloped pulvilli and by the less wider face. Its synonymy with *Acronyches* Williston, pointed by Aldrich (1923), can not be accepted. The genus, as well as its genotype, are redescribed and a key for the species is given. *Caenarolia spitzii*, new species, is also described.

Allopogon — The recognition of this genus is very easy. It is near to *Diogmites*, from which it may be separated by the wideness of the face. The three species

credited to *Allopon* by Schiner are redescribed: *vittatus*, *tessellatus* and *necans*. Van der Wulp's *Deromyia weyenberghi* and *D. placida* are here included, and Arribalzaga's *Allopon ferrugineus* and *A. infumatus*, are transferred to *Diogmites*.

Blepharepium — The absence of scutellar marginal bristles distinguishes this genus from *Allopon* and *Diogmites*: the club-shaped abdomen from *Phonicocleptes* and the reduced body pilosity, from *Lastaurus*. The species that Schiner considered as *Senobasis* belong to *Blepharepium*. Redescriptions of *maculipennis* (Macq.), *luridum* Rond., *cayennense* (F.), *subcontractum* (Walk.), *secabile* (Walk.) and *coarctatum* (Perty) are made. *Blepharepium lynchi* is described as a new species; it is very probable that this species represents what Arribalzaga considered as *coarctatum*.

Phonicocleptes — This genus is discussed and its affinities with *Blepharepium* are given. *Dasypon spectans* Walker is placed in this genus due to its similarity with *langei* Carrera.

Diogmites — Since Bromley (1936) has pointed the exact systematic position of this genus, nothing more needs to be added on this question. It is to be believed that this genus is very abundant in species widespread in South America, and so, many of those species described as *Dasypon*, by earlier authors, very probably belong to it. Five new species are described: *obscurus*, *bifasciatus*, *wygodzinskyi*, *bromleyi* and *alvesi*. *Dasypon coffeatus* Wied. and *Allopon ferrugineus* Arribalzaga, now placed among *Diogmites*, are redescribed as well as *D. winthemi* Wied. These species, together with *nigricauda* Curran, *anomalous*, *vilgaris*, *parvus* Carrera and *castaneus* Macquart, are included in a key for their separation. *Diogmites lineola* Bromley, *maculatus* Curran, *brunneus* (F.), *intactus* (Wied.), *aberrans* (Wied.), *inclusus* (Walk.) and *examinans* (Walk.), though considered as true *Diogmites*, were not included in the key.

Neodiogmites — This new genus is erected for *Dasypon melanogaster* Wiedemann. It is near to *Diogmites* but distinct by its bands of pilosity on the posterior margins of the first three or four abdominal segments. This genus is a connecting link between *Diogmites* and the *Lastaurus* complex. *Neodiogmites tenebrosus*, new species, from Bahia, is the second described species, and easily distinguished from *melanogaster* by its entirely black wings.

Lastaurus — This genus represents a complex of several forms, to which a tentative arrangement is proposed. Those robust species, *Mallophora*-like, that possess the face inclined, gradually salient downwards, with absence of the spindle shaped third antennal segment, and continuous two palpal joints are considered as true *Lastaurus*. For the others species that do not have this combination of characters, generic, or at least subgeneric entities are proposed.

The *Lastaurus* complex may be separated as follows:

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1 — Face convex in all its extension | <i>Lastaurina</i> Curran |
| Face gradually salient downwards | 2 |
| Face salient only on oral border | 4 |
| 2 — Third antennal segment long, not spindle-shaped; the palpal segments continuous | <i>Lastaurus</i> Loew |
| Third antennal segment spindle-shaped; the two palpal segments forming an angle | 3 |
| 3 — Face with its lower three fourths clothed with long and thick pilosity, without bristles | <i>Lastauropsis</i> , n. g. |
| Face with sparse pilosity situated on lower half and with bristles on the oral margin | <i>Lastauronia</i> , n. g. |
| 4 — Third antennal segment long, not spindle-shaped; the two palpal segments continuous | <i>Lastaurax</i> , n. g. |
| Third antennal segment spindle-shaped; the two palpal segments forming an angle | <i>Lastauroides</i> , n. g. |

This arrangement does not entirely satisfy us, and in the future may be modified. This complex could be united to *Diogmites* through *Neodiogmites* and *Lastauroides*. The following species belong to *Lastaurus* (sens. str.): *anthracinus* Loew (genotype), *mutabilis* Loew, *fallax* (Macq.), *lugubris* (Macq.), *mallophoroides* (Walk.), *transiens* (Walk.), *bombimorpha* (Rond.) and *fenestratus* Bigot. All these species were described from the North Hemisphere and to them is added a new species, *robustus*, from Minas Gerais State.

Lastauroides is based on *alexanderi*, new species, and is near *hirtuosus* (Wied.). In the key for species the following are included: *melaleucus* (Schiner), *crassitarsis* (Macq.), *hirtuosus* (Wied.), and *niger*, *albomarginatus*, *alexanderi*, *mixtus* and *modestus*, new species.

Lastauronia is erected for one new species, *travassosi*.

Lastaurina comprises only *Dasypogon ardens* Wiedemann, a very characteristic species from South America.

Lastauroopsis is also a monotypic genus, comprising only *villosus*, a new species very easily recognizable.

Lastaurax is formed for a new species, *lanei*, from Rio de Janeiro.

Mirolestes — This genus, very probably, is the same described by Loew in 1851 as *Cyrtophrys*, in which a style as long as the third antennal segment is consigned. With the exception of this character *Cyrtophrys attenuatus*, by its diagnosis, is identical to *Mirolestes barbiellini*. It is to be supposed that Loew misunderstood the structure of the antennae of his material, and that only the examination of the type specimen could decide this question. *Mirolestes* is near *Macrocolus* and *Deromyia*. Four species belong to this genus, *albimanus* being a new one, and by the shape of the third antennal segment they can be easily separated. The genotype *lynchii* (Brèthes), *barbiellini* and *fascialis* Curran are redescribed. *Mirolestes pleuralis* Curran is identical to *lynchii*.

Macrocolus — This genus was described from the Bolivian and Paraguayan Chaco. It is very characteristic by the position of the antennae, placed on the top of the head. To *bicolor*, its genotype, a new species named *barrettoi*, from Minas Gerais State, is added. These two species may be separated by the coloration of the wings and legs.

Cyrtophrys — Unknown to us. Perhaps *Mirolestes* is a synonym. The original diagnosis of genus and genotype, *attenuatus*, are translated.

Deromyia — Restricted to Chile. Translations of the generic diagnosis and genotype, *gracilis*, are made.

Araiopogon — This genus is erected for the reception of some of the Chilean species described or considered as *Saropogon*. These species have the 9th. tergite of the male genitalia developed as upper forceps, and in *Saropogon*, sens. str., according to Hardy, the 9th. tergite is only split along its median line. The genotype of this genus is *Dasypogon gayi* Macquart.

Cleptomyia — New genus near to *Lestomyia* Williston. Its genotype presents a very peculiar character in the fifth and sixth abdominal segments of male which are clothed laterally by an agglomeration of squamiform bristles. Its unique species, *bacillifera*, is from Northeastern Brazil. *Saropogon mellipes* Bromley, from British Guyana, very probably belongs to this genus.

Aphamartania — A key, based on Pritchard, is organized to include the following species: *marga* Pritchard, *frauenfeldi* Schiner, *digna* Pritchard, *maculipennis* (Macquart) and *pritchardi* Carrera. This genus is considered distinct from *Theromyia*. Its geographical distribution is South America, East of the Andes.

Theromyia — This genus is distinct from *Aphamartania* by the thick, hirsute and compact pilosity clothing the body; by the mystax with short and strong bristles; by the spiniform bristles on the anterior surface of the hind tibiae of the males, and by the atrophied pulvilli. It seems that this genus is confined to the Pacific border of South America.

Annamyia — Unknown to us. According to its diagnosis it is marked by the great length of the tarsi of the first pair of legs. It is monotypic and described from Diamantina, Minas Gerais State. A translation of the original description is given.

Aspidopyga — Near *Cophura*, but the male genitalia is very peculiar, with its 9th. tergite expanded in two large lateral plates. The mystax, the chaetotaxy of the mesonotum, and the marginal scutellar bristles are also distinguishing characters. Comprises but one species: *cophuroides* here described.

B I B L I O G R A F I A

ALDRICH, J. M.

1905 — A Catalogue of North American Diptera. — Smithsonian Miscellaneous Collections 46:1-680.

1923 — New Genera of two-winged flies of the subfamily Leptogastrinae of the Family Asilidae — Proc. U. S. Nat. Mus. 62 (art. 20):1-6.

ARRIBALZAGA, E. L.

- 1879 — *Asilides Argentinos*. — An. Soc. Cient. Argent. 7:145-153.
 1880 — *Idem, idem*, 9:26-33 et 174-185.
 1881 — *Idem, idem*, 11:17-30.
 1882 — *Idem, idem*, 13:185-192.

BACK, E. A.

- 1909 — The Robber-flies of America, north of Mexico, belonging to the Subfamilies Leptogastrinae and Dasypogoninae. — Trans. Amer. Ent. Soc. 35:137-400, Pl. II-XII.

BELLARDI, L.

- 1861 — Saggio di Ditterologia Messicana, Torino. Parte II, pp. 1-93, 2 Pls.

BIGOT, J. M. F.

- 1878 — Diptères nouveaux ou peu connus. 10e. part. — Ann. Soc. Ent. France 8 (5):401-446.

BRÈTHES, J.

- 1907 — Catálogo de los Dípteros de las Repúblicas del Plata. An. Mus. Nac. Bs. Aires, 16:277-305.
 1924 — Sur quelques diptères chiliens. — Rev. Chil. Hist. Nat. 28:104-111 (Não consult.).

BROMLEY, S. W.

- 1929 — New Asilidae from Mexico (Diptera) — Psyche 36:45-47.
 1929 — The Asilidae of Cuba (Diptera) — Ann. Ent. Soc. Amer. 22:272-294, pl. 1.
 1932 — Diptera of Patagonia and South Chile. Part V, f. 3 (Asilidae) pp. 261-282.
 1934 — in Curran, Dipt. of Kartabo, British Guiana. — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66:287-523, 54 figs.
 1936 — The genus *Diogmites* in the United States of America with descriptions of new species (Diptera: Asilidae) — Journ. N. Y. Ent. Soc. 44:225-237.
 1946 — The robber flies of Brazil (Asilidae, Diptera) — Livro de Homenag. R. F. d'Almeida pp. 103-120, 1 est.

BROWN, C. J. D.

- 1929 — A morphological and systematical study of Utah Asilidae (Diptera). — Trans. Amer. Ent. Soc. 54:294-320. Pl. XXVIII-XXX.

CARRERA, M.

- 1943 — Nova espécie de *Aphamartania* Schiner, 1866, de Curitiba (Dipt. Asilidae). — Arq. Mus. Paranaense 3:119-122, Est. X.
 1945 — Pequenas notas sobre Asilidae I — Sobre algumas espécies dos gêneros *Townsendia*, *Hypenetes* e *Aphamartania*. — Pap. Avulsos 5:167-174.
 1946 — Nova espécie de *Senobasis* Macq., 1838 (Diptera, Asilidae) — Livro de Homenag. R. F. d'Almeida pp. 121-124.
 1947 — Asilídeos coligidos no Paraguai pela Missão Científica Brasileira (Diptera). — Pap. Avulsos 8:39-48.
 1947 — Segunda relação de alguns Asilidae (Diptera) e suas presas, com a descrição prévia de duas novas espécies. — Pap. Avulsos, 8:265-271.
 1948 — Sobre as espécies de *Diogmites* da fauna Amazônica (Diptera, Asilidae) — Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, 10:115-122.

COLE, F. R.

- 1927 — A study of the terminal abdominal structures of male Diptera. — Proc. Calif. Acad. Scienc. 16:397-499.

COQUILLET, D. W.

- 1910 — The type-species of the North American genera of Diptera — Proc. U. S. Nat. Mus. 37:499-647.

CRAMPTON, G. C.

- 1942 — Guide to the Insects of Connecticut, Part VI. The Diptera or true flies of Connecticut. External morphology. — State Geol. Not. Hist. Surv. Conn. Bull. N.º 64:10-165.

CURRAN, C. H.

- 1925 — Description of four new Neotropical Diptera — Trans. Amer. Ent. Soc. Philad. 51:259-261.
- 1930 — New American Asilidae (Diptera) — Amer. Mus. Nov. N.º 425:1-21.
- 1931 — Idem, part II — Amer. Mus. Nov. N.º 487:1-25.
- 1934 — Idem, part III — Amer. Mus. Nov. N.º 752:1-18.
- 1934 — The Families and Genera of North American Diptera (Asilidae) pp. 167-184.
- 1934 — The Diptera of Kartabo, Bartica District, British Guiana — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 66:287-523 — 54 figs.
- 1935 — New American Asilidae (Dipt.), part. IV — Amer. Mus. Nov. N.º 806:1-12.
- 1942 — American Diptera — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 80:51-84.

ENDERLEIN, G.

- 1914 — Dipterologisch Studien XII — Zur Kenntnis der Asilidensubfamilien Dasypogoninae und Archilaphrinae. — Wien Ent Zeitg. 33:151-154.

ENGEL, E. O.

- 1929 — Die Ausbeute der deutschen Chaco-Expedition 1925/26. Asilidae. (Diptera) — Konowia 8, H. 4, p. 457-474.

FABRICIUS, J. C.

- 1787 — Mantissa Insectorum. 2 vols. (Não consult.).
- 1805 — Systema Antliatorum. Brunsvigae.

HARDY, G. H.

- 1926 — A new classification of Australian robberflies belonging to the subfamily Dasypogoninae (Diptera, Asilidae) — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 51:305-312.
- 1927 — Further notes on a new classification of Australian robberflies (Diptera, Asilidae) — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 52:387-398.
- 1928 — Third contribution towards a new classification of Australian Asilidae — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 53:469-473.
- 1929 — Fourth contribution towards a new classification of Australian Asilidae — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 54:353-360.
- 1930 — Fifth contribution towards a new classification of Australian Asilidae (Diptera) — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 55:249-260.
- 1934/35 — The Asilidae of Australia — Part I-IV — Ann. Mag. Nat. Hist. 13 (10):498-525, 14 (10):1-35, 15 (10):161-187, 16 (10):405-426.
- 1940 — Miscellaneous notes on Australian Diptera. VII. On body-colour: and on species of Tabanidae, Cyrtidae and Asiloidea. — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 65:484-493.
- 1942 — Miscellaneous notes on Australian Diptera. IX. Superfamily Asiloidea. — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 67:197-204.
- 1944 — Miscellaneous notes on Australian Diptera. X. Distribution, classification and the *Tabanus posticus*-group. — Proc. Linn. Soc. N. S. W. 69:76-86.
- 1948 — On classifying Asilidae — Ent. Month. Mag. 84:116-119.

HERMANN, F.

- 1912 — Beiträge zur Kenntnis der südamerikanischen Dipterenfauna: Fam. Asilidae. — Nova Acta Abh. Kais. Leop. — Carol. Deuts. Akad. Naturf. 96:1-275, Pl. I-V.
- 1920 — Beitrag zur allgemeinen Systematik der Asiliden — Zool. Jahrbücher, Abt. Syst. Geogr. Biol. der Tiere 43:161-194.
- 1924/25 — Die Gattungen der Leptogastrinen (Dipt.) — Verh. Zool. Bot. Ges. Wien 74/75:140-152.

JAENNICKE, F.

- 1867 — Neue exotische Dipteren — Abh. Senckenberg. Ges. 6:311-408, 2 pls.

KERTÉSZ, C.

- 1909 — Catalogus Dipteriorum. Asilidae 4:49-313.

LOEW, H.

1847 — Ueber die europäischen Raubfliegen (Diptera asilica) — *Linnaea Entomol.* 2:384-568.

1851 — Bemerkungen über die Familie der Asiliden — in *Progr. Realschule Meseritz* pp. 1-22.

1865/72 — *Diptera Americae Septentrionalis indigena*, Cent. VII, pp. 61-114.

LUNDBECK, W.

1908 — *Diptera Danica*, Part II, Asilidae, pp. 1-87.

MACQUART, M. J.

1834 — *Histoire Naturelle des Insectes — Diptères (Suite à Buffon)* 1:275-316.

1838 — *Diptère exotiques nouveaux ou peu connus* 1, part 2:14-156, pl. 2-12.

1846 — *Idem — Suppl.* 1:59-96, pl. 6-8.

1847 — *Idem — Suppl.* 2:32-46, pl. 1.

1848 — *Idem — Suppl.* 3:19-31, pl. 1-3.

1850 — *Idem — Suppl.* 4:61-96, pl. 6-9.

1855 — *Idem — Suppl.* 5:48-66, pl. 2.

MALLOCH, J. R.

1928 — Notes on Australian Diptera XIV — *Proc. Linn. Soc. N. S. W.* 53:295-309.

NEAVE, S. A.

1939/40 — *Nomenclator Zoologicus*. London. 4 vols.

PERTY, M.

1830/34 — *Delect. animal, articul. Brasil.* 180-182, Pl. 36.

PHILIPPI, R. A.

1865 — Aufzählung der chilenischen Dipteren. — *Verh. Zool. Bot. Ges. Wien* 15:595-782, Pl. XIII-XIX.

PRITCHARD, A. E.

1941 — *Annamyia*, a new genus of Asilidae, with a revision of the genus *Apharmartania* Schiner (Diptera) — *Proc. Ent. Soc. Washington* 43:131-140.

1943 — Revision of the Genus *Cophura* Osten Sacken (Diptera: Asilidae). — *Ann. Ent. Soc. Amer.* 36:281-309, Pl. I.

ROEDER, V. von

1887 — *Berl. Ent. Zeitschr.* 31:78 (Não consult.).

RONDANI, C.

1848 — *Esame di varie specie d'insetti ditteri brasiliani.* — in Truqui, *Studi Entomologici* 1 (f. 2) Asilidae. pp 89-97.

1850 — *Ditteri dell'America Equatoriale.* — *Nuovi Annali delle Scienze Naturali, Bologna, Ser. 3,* 2:368.

SACKEN, C. R. OSTEN

1878 — *Catalogue of the described Diptera of North America*, Ed. II. — *Smithsonian Miscellaneous Collections* (270) pp. I-XLVI, 1-276.

1887 — *Biol. Centr. Amer. Diptera.* 1:167-212 (Asilidae) Pl. 3.

SCHINER, J. R.

1866 — Die Wiedemann'schen Asiliden — *Verh. Zool. Bot. Ges. Wien* 16:649-848.

1867 — Neue oder weniger bekannte Asiliden des K. zoologischen Hofcabinetes in Wien: — *Verh. Zool. Bot. Ges. Wien* 17:355-412.

1868 — *Reise der österreichischen Fregatte Novara. Zool. Dipt. Asilidae* 155-195, pl. II.

STUARDO O., C.

1946 — *Catalogo de los Dipteros de Chile. (Asilidae)* pp. 80-85.

THOMSOM, C. G.

1868 — Kongliga Svenska Fregatten *Eugenies Resa Omkring Jorden*, *Zool. Ins.* 470-471 — Pl. 9 f. 6.

WALKER, F.

1849 — List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum 2:231-484.

- 1850 — *Insecta Saundersiana* Part II Asilidae pp. 84-156 Pl. III-IV.
 1854 — List of the specimens of dipterous insects in the collection of the British Museum 6, Suppl. 2:377-506.
 1855 — *Idem*, 7, Suppl. 3:507-775.
 1856 — *Insecta Saundersiana* Part V, Asilidae pp. 455-458.
 1860 — Characters of undescribed Diptera in the collection of W. W. Saunders. — *Trans. Entom. Soc. London*, n. ser. 5:268-334.
- WIEDEMANN, C. R. W.
 1819 — *Brasilianische zweiflugler*. *Zool. Mag.* (Não consult.).
 1821 — *Diptera exotica* (Não consult.).
 1828 — *Aussereuropaische zweiflügelige Insecten* — Asilidae — 1:364-572.
- WILLISTON, S. W.
 1883 — On the North American Asilidae (*Dasypogoninae*, *Laphrinae*), with a new genus of *Syrphidae* — *Trans. Amer. Ent. Soc. Philad.* 11:1-35, pl. I-II.
 1889 — Notes on Asilidae — *Psyche*, 5:255-259.
 1891 — Catalogue of the Described species of South American Asilidae — *Trans. Amer. Ent. Soc. Philad.* 18:67-91.
 1901 — *Biol. Centr. Amer. Dipt. Suppl.* 1:298-332.
 1908 — *Manual of North American Diptera* ed. III — Asilidae — pp. 192-204 et 388.
- WULP, F. M. van der
 1870 — *Opmerkingen Omtrent Uitlandsche Asiliden*. — *Tijdsch. Ent.* 13:207-217, Pl. 9.
 1882 — *Amerikaansche Diptera*. — *Tijdsch. Ent.* 25:77-136, Pl. 9-10.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS

PRANCHA I

- Fig. 1 — *Megapoda labiata* (F.).
 2 — *Senobasis gyrophora* (Schiner).
 3 — *Senobasis lanei*, n. sp.
 4 — *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 5 — *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.
 6 — *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
 7 — *Aphamartania pritchardi* Carrera.
 8 — *Macrocolus bicolor* Engel.
 9 — *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
 10 — *Mirolestes barbiellini* Curran.

PRANCHA II

- Fig. 11 — *Diogmites winthemi* (Wied.).
 12 — *Diogmites vulgaris* Carrera.
 13 — *Diogmites castaneus* (Macq.).
 14 — *Phonicocleptes langei* Carrera.
 15 — *Blepharepium coarctatum* (Perty).
 16 — *Diogmites coffeatus* (Wied.).
 17 — *Allopogon vittatus* (Wied.).
 18 — *Allopogon tessellatus* (Wied.).
 19 — *Caenarolia basalis* (Curran).
 20 — *Caenarolia longipennis* Thoms.

PRANCHA III

- Fig. 21 — *Neodiogmites tenebrosus*, n. sp.
 22 — *Neodiogmites melanogaster* (Wied.).

- 23 — *Lastauronia travassosi*, n. sp.
 24 — *Lastaurus robustus*, n. sp.
 25 — *Lastauroides alexanderi*, n. sp. ♂.
 26 — *Lastauroides alexanderi*, n. sp. ♀.
 27 — *Lastauroides hirtuosus* (Wied.).
 28 — *Lastaurax lanei*, n. sp.
 29 — *Lastauropsis villosus*, n. sp.

PRANCHA IV

- Fig. 30 — Cabeça em perfil de *Senobasis bromleyana*, n. sp.
 31 — " " " " *Caenarolia argyrocineta* (Schiner).
 32 — " " " " *Senobasis gyrophora* (Schiner).
 33 — " " " " *Caenarolia spitzzi*, n. sp.
 34 — " " " " *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
 35 — " " " " *Pseudorus d'andrettæ*, n. sp.
 36 — " " " " *Caenarolia basalis* (Curran).
 37 — " " " " *Megapoda labiata* (F.).
 38 — *Allopogon vittatus* (Wied.), cabeça vista de frente.
 39 — *Allopogon vittatus* (Wied.), cabeça em perfil.
 40 — *Diogmites anomalus* Carrera, cabeça vista de frente.
 41 — *Diogmites anomalus* Carrera, cabeça em perfil.
 42 — *Diogmites vulgaris* Carrera, cabeça vista de frente.
 43 — *Diogmites vulgaris* Carrera, cabeça em perfil.
 44 — *Neodiogmites melanogaster* (Wied.), cabeça em perfil.
 45 — *Diogmites coffeatus* (Wied.), cabeça em perfil.
 46 — *Allopogon tessellatus* (Wied.), cabeça vista de frente.
 47 — *Allopogon tessellatus* (Wied.), cabeça em perfil.
 48 — *Diogmites castaneus* (Macq.), cabeça em perfil.
 49 — *Allopogon necans* (Wied.), cabeça em perfil.
 50 — Cabeça em perfil de *Lastauroides alexanderi*, n. sp.
 51 — " " " " *Lastaurax lanei*, n. sp.
 52 — " " " " *Lastauronia travassosi*, n. sp.
 53 — " " " " *Lastaurina ardens* (Wied.).
 54 — " " " " *Lastauropsis villosus*, n. sp.
 55 — " " " " *Lastauroides mixtus*, n. sp.
 56 — " " " " *Lastauroides modestus*, n. sp.
 57 — " " " " *Lastaurus robustus*, n. sp.

PRANCHA V

- Fig. 67 — Antena de *Lastaurus robustus*, n. sp.
 68 — " " *Lastauroides alexanderi*, n. sp.
 69 — " " *Lastauronia travassosi*, n. sp.
 70 — " " *Blepharepium coarctatum* (Perty).
 71 — " " *Blepharepium lynchi*, n. sp.
 72 — " " *Phonicocleptes langei* Carrera.
 73 — " " *Neodiogmites tenebrosus*, n. sp.
 74 — " " *Allopogon tessellatus* (Wied.).
 75 — " " *Allopogon vittatus* (Wied.).
 76 — " " *Lastaurina ardens* (Wied.).
 77 — " " *Lastauropsis villosus*, n. sp.
 78 — " " *Caenarolia longipennis* Thoms.
 79 — " " *Diogmites anomalus* Carrera
 80 — " " *Diogmites ferrugineus* Arribalzaga.

- Fig. 81 — Antena de *Diogmites bromleyi*, n. sp.
 82 — " " *Diogmites vulgaris* Carrera.
 83 — " " *Lastaurax lanei*, n. sp.
 84 — " " *Neodiogmites melanogaster* (Wied.).
 85 — " " *Diogmites coffeatus* (Wied.).
 86 — " " *Diogmites castaneus* (Macq.).
 87 — " " *Diogmites bifasciatus*, n. sp.
 88 — " " *Diogmites parvus* Carrera.
 89 — " " *Diogmites winthemi* (Wied.).
 90 — " " *Diogmites wygodzinskyi*, n. sp.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 67 a 71, 74 a 83, 85 a 90; 72, 73 e 84).

PRANCHA VI

- Fig. 91 — Antena de *Macrocolus bicolor* Engel.
 92 — " " *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 93 — " " *Aphamartania pritchardi* Carrera.
 94 — " " *Mirolestes albimanus*, n. sp.
 95 — " " *Mirolestes lynchi* (Bréth.).
 96 — " " *Mirolestes barbiellini* Curran.
 97 — " " *Mirolestes fascialis* Curran
 98 — " " *Theromyia murina* (Phil.).
 99 — " " *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.
 100 — " " *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
 101 — " " *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
 102 — " " *Senobasis claripennis* (Schiner).

PRANCHA VII

- Fig. 103 — Palpo de *Lastaurus robustus*, n. sp.
 104 — " " *Lastauronia travassosi*, n. sp.
 105 — " " *Lastauroides alexanderi*, n. sp.
 106 — " " *Lastaurina ardens* (Wied.).
 107 — " " *Lastauroopsis villosus*, n. sp.
 108 — " " *Lastaurax lanei*, n. sp.
 109 — " " *Megapoda labiata* (F.).
 110 — " " *Senobasis claripennis* (Schiner).
 111 — " " *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
 112 — " " *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 103 a 109 e 112; 110 e 111).

PRANCHA VIII

- Fig. 113 — Palpo de *Neodiogmites melanogaster* (Wied.).
 114 — " " *Diogmites vulgaris* Carrera.
 115 — " " *Diogmites castaneus* (Macq.).
 116 — " " *Diogmites winthemi* (Wied.).
 117 — " " *Blepharepium lynchi*, n. sp.
 118 — " " *Blepharepium coarctatum* (Perty).
 119 — " " *Macrocolus bicolor* Engel.
 120 — " " *Mirolestes barbiellini* Curran.
 121 — " " *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 122 — " " *Phonicocleptes langei* Carrera.
 123 — " " *Caenarolia longipennis* Thoms.

- Fig. 124 — Palpo de *Allopogon tessellatus* (Wied.).
 125 — " " *Allopogon vittatus* Wied.).
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 113, 115, 116 a 118, 122 e 123; 114, 119 a 121, 124 e 125).

PRANCHA IX

- Fig. 126 — Perna anterior de *Megapoda labiata* (F.).
 127 — Perna posterior de *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 128 — Perna mediana de *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 129 — Perna anterior de *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 130 — Esporão apical da tibia anterior de *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 131 — Ápice da tibia mediana de *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 132 — Perna anterior de *Mirolestes barbiellinii* Curran.
 133 — Esporão apical da tibia anterior de *Megapoda labiata* (F.).
 134 — Idem, idem de *Mirolestes barbiellinii* Curran
 135 — Idem, idem de *Theromyia murina* (Phil.).
 136 — Idem, idem de *Theromyia murina* (Phil.), visto pela face interna.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 127 a 129 e 132; 130, 131, 134 a 136).

PRANCHA X

- Fig. 153 — Perna anterior de *Aphamartania pritchardi* Carrera.
 154 — Idem, idem de *Allopogon vittatus* (Wied.).
 155 — Idem, idem de *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.
 156 — Idem, idem de *Caenarolia longipennis* Thoms.
 157 — Esporão apical da tibia anterior de *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.
 158 — Idem, idem de *Aphamartania pritchardi* Carrera.
 159 — Idem, idem de *Allopogon vittatus* (Wied.),
 160 — Idem, idem de *Caenarolia longipennis* Thoms.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 153, 154 e 156; 158 a 159).

PRANCHA XI

- Fig. 161 — Asa de *Caenarolia spitzi*, n. sp. ♂.
 162 — " " *Caenarolia spitzi*, n. sp. ♀.
 163 — " " *Caenarolia basalis* (Curran).
 164 — " " *Senobasis claripennis* (Schiner).
 165 — " " *Senobasis lopesi*, n. sp.
 166 — " " *Senobasis gyrophora* (Schiner).
 167 — " " *Lastauroides crassitarsis* (Macq.).
 168 — " " *Lastaurina ardens* (Wied.).
 169 — " " *Allopogon tessellatus* (Wied.).
 170 — " " *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
 171 — " " *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
 172 — " " *Doryclus varipennis* (Walker).

PRANCHA XII

- Fig. 173 — Asa de *Diogmites bromleyi*, n. sp.
 174 — " " *Diogmites coffeatus* (Wied.).
 175 — " " *Diogmites anomalus* Carrera.
 176 — " " *Diogmites castaneus* (Macq.).
 177 — " " *Diogmites obscurus*, n. sp.
 178 — " " *Diogmites winthemi* (Wied.).
 179 — " " *Macrocolus bicolor* Engel.

- Fig. 180 — Asa de *Macrocolus barrettoi*, n. sp.
 181 — " " *Mirolestes barbiellini* Curran.
 182 — " " *Aspidopyga cophuroides*, n. sp.
 183 — " " *Aphamartania pritchardi* Carrera.
 184 — " " *Cleptomysia bacillifera*, n. sp.

PRANCHA XIII

- Fig. 185 — Genitália do ♂ de *Megapoda labiata* (F.), vista lateral.
 186 — " " " " *Megapoda labiata* (F.), vista dorsal.
 187 — " " " " *Megapoda labiata* (F.), vista ventral.

PRANCHA XIV

- Fig. 188 — Genitália da ♀ de *Megapoda labiata* (F.), vista lateral.
 189 — Idem, idem, vista dorsal do 9.º tergito e placas anais.
 190 — Idem, idem, vista ventral do 8.º esternito.
 191 — Idem, idem, vista ventral do 9.º tergito e placas anais.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 188 e 190; 189 e 191).
 192 — Genitália do ♂ de *Senobasis claripennis* (Schiner), vista lateral.
 193 — 9.º tergito e 9.º esternito do ♂ de *Senobasis claripennis* (Schiner), cuja fusão forma um anel completo.
 194 — Falósoma de *Senobasis claripennis* (Schiner).
 195 — Face interna da peça lateral da genitália do ♂ de *Senobasis claripennis* (Schiner).
 196 — Placas anais da terminália do ♂ de *Senobasis claripennis* (Schiner).
 197 — Genitália da ♀ de *Senobasis claripennis* (Schiner), vista lateral.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 192, 193 e 197; 194 a 196)

PRANCHA XV

- Fig. 198 — 9.º tergito e 9.º esternito da ♀ de *Diogmites vulgaris* Carrera, vista ventral.
 199 — Genitália da ♀ de *Diogmites vulgaris* Carrera, vista ventral.
 200 — 8.º esternito da ♀ de *Diogmites vulgaris* Carrera, vista ventral.
 201 — Placas anais da ♀ de *Diogmites vulgaris* Carrera.
 202 — 9.º esternito da ♀ de *Diogmites vulgaris* Carrera, vista ventral.
 (As figuras 198, 199, 201 e 202 na mesma escala).
 203 — Genitália do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera, vista ventral.
 204 — 8.º tergito do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera, face dorsal.
 205 — 9.º tergito do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera, face dorsal.
 206 — Falósoma de *Diogmites vulgaris* Carrera.
 207 — 9.º esternito do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera, face ventral.
 208 — Face externa da peça lateral da genitália do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera.
 209 — Face interna da peça lateral da genitália do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera.
 210 — Placas anais do ♂ de *Diogmites vulgaris* Carrera.
 (Respectivamente na mesma escala as figuras 203, 208 e 209; 204, 205 e 207; 206 e 210).

PRANCHA XVI

- Fig. 58 — Cabeça em perfil de *Theromyia murina* (Phil.).
 59 — " " " " *Mirolestes lynchi* (Bréth.).
 60 — " " " " *Blepharepium luridum* Rond..
 61 — " " " " *Macrocolus bicolor* Engel.

- Fig. 62 — Cabeça em perfil de *Mirolestes barbiellini* Curran.
63 — " " " " *Cleptomyia bacillifera*, n. sp.
64 — " " " " *Aphamartania pritchardi* Carrera.
65 — " " " " *Aspidopyga cophuroides*, n. sp..
66 — " " " " *Phonicocleptes langei* Carrera.
137 — Perna anterior de *Macrocolus bicolor* Engel.
138 — Esporão apical da tibia anterior de *Macrocolus bicolor* Engel.
139 — Perna anterior de *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
140 — Perna posterior de *Doryclus crassitarsis* (Macq.).
141 — Perna posterior de *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
142 — Perna anterior de *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
143 — Esporão apical da tibia anterior de *Pseudorus d'andrettae*, n. sp.
(As figuras 139 a 142 na mesma escala).
144 — Perna anterior de *Neodiogmites melanogaster* (Wied.).
145 — Idem, idem de *Diogmites vulgaris* Carrera.
146 — Idem, idem de *Diogmites wygodzinskyi*, n. sp.
147 — Esporão apical da tibia anterior de *Diogmites wygodzinskyi*, n. sp.
148 — Idem, idem de *Diogmites ferrugineus* (Arribalzaga).
149 — Idem, idem de *Diogmites vulgaris* Carrera.
150 — Garras de *Senobasis rhombungulata*, n. sp.
151 — Esporão apical da tibia anterior de *Neodiogmites melanogaster* (Wied).
152 — Idem, idem de *Senobasis claripennis* (Schiner).
(Respectivamente na mesma escala as figuras 147, 148, 149 e 151; 145 e 146).

MONOGRAFIA DOS GÊNEROS DE OPILIÕES NEOTRÓPICOS

I I

p o r

BENEDICTO A. M. SOARES

e

HÉLIA E. M. SOARES

I N T R O D U Ç Ã O

No volume anterior destes Arquivos [Cf. Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo, 1948, 5 (9) : 553-635] demos início à publicação da Monografia dos gêneros de opiliões neotrópicos.”

Conforme aí justificamos, vimo-nos na contingência de publicá-la por partes, de acôrdo com o espaço disponível na revista deste Departamento.

Por mera conveniência prática, resolvemos iniciá-la com a família *Gonyleptidae*, a que contem os opiliões mais representativos da nossa fauna e, pela mesma razão, as subfamílias e os gêneros foram colocados em ordem alfabética.

Já tratamos das subfamílias *Bourguyinae*, *Caelopyginae*, *Cranainae* e *Goniosominae*. No presente trabalho vamos estudar as seguintes : *Gonyleptinae*, *Hernandariinae*, *Heterocranainae*, *Manaosbiinae* e *Mitobatinae*.

Família GONYLEPTIDAE

(CONTINUAÇÃO)

Subfamília GONYLEPTINAE

Ancas posteriores excedendo a margem lateral do escudo dorsal em tôda a sua extensão. Escudo dorsal com quatro sulcos, os dois primeiros quase sempre unidos por um sulco longitudinal mediano. Quelíceras normais nos dois sexos. Todos os segmentos dos palpos de igual espessura. Pernas relativamente curtas e robustas. Fêmures IV do macho com apófises e espinhos. Tarsos III e IV com duas unhas lisas, com pseudoníquio e sem escópula.

Seus gêneros se podem separar pela seguinte chave :

- | | | | |
|-----|--|----|---|
| 1. | Todo o escudo abdominal inerme | 2 | |
| | Ao menos uma das áreas do escudo abdominal armada | 3 | |
| 2. | (1) Todos os tergitos livres inermes | 4 | |
| | Tergito livre I inerme, II e III com um espinho | 5 | |
| 3. | (1) Sòmente a área IV armada | 11 | |
| | Área III sempre armada | 12 | |
| 4. | (2) Cômoro ocular inerme | | <i>Liogonyleptoides</i> Mello-Leitão, 1925. |
| | Cômoro ocular armado | 6 | |
| 5. | (2) Cômoro ocular armado | 9 | |
| | Cômoro ocular inerme | 10 | |
| 6. | (4) Opérculo anal dorsal armado de um espinho mediano | | <i>Angistrypigus</i> Roewer, 1943. |
| | Opérculo anal dorsal inerme | 7 | |
| 7. | (6) Tarsos III e IV de 6 segmentos | | <i>Haversia</i> Roewer, 1913. |
| | Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos . | 8 | |
| 8. | (7) Cômoro ocular armado de dois espinhos .. | 65 | |
| | Cômoro ocular com uma elevação mediana .. | | <i>Crypturocytia</i> Mello-Leitão, 1932. |
| 9. | (5) Cômoro ocular armado de um tubérculo mediano | | <i>Styloleptes</i> Piza, 1943. |
| | Cômoro ocular armado de dois espinhos .. | 87 | |
| 10. | (5) Tarsos III e IV de 6 segmentos | | <i>Glysterus</i> Roewer, 1931. |
| | Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos | | <i>Styloplasthos</i> Roewer, 1930. |
| 11. | (3) Área IV armada de dois espinhos, bem como os tergitos livres e o opérculo anal | | |
| | Área IV com armação ímpar | 30 | <i>Tumbesia</i> Loman, 1899. |
| 12. | (3) Sòmente a área III armada, as outras inermes | 13 | |

Além da área III, pelo menos uma outra área armada	14	
13.(12) Tergitos livres inermes	15	
Pelo menos um tergito livre armado	16	
14.(12) Área III com armação impar ou com uma elevação mediana provida de dois espi- nhos ou tubérculos geminados ou não	27	
Área III com armação par	28	
15.(13) Área III com dois tubérculos ou espinhos, ou com forte espinho mediano	17	
Área III com uma eminência mamilar me- diana, ou com uma apófice bifida ...		<i>Theliospelta</i> Mello-Leitão, 1937, e <i>Wygodzinskyia</i> Soares et Soares, 1945.
16.(13) Todos os tergitos livres armados	25	
Pelo menos um tergito livre inerme	36	
17.(15) Cômoro ocular inerme	18	
Cômoro ocular armado	19	
18.(17) Opérculo anal inerme		<i>Diconospelta</i> Canals, 1934.
Opérculo anal com um espinho mediano ..		<i>Hoggellula</i> Roewer, 1930.
19.(17) Cômoro ocular com um tubérculo ou espi- nho mediano		<i>Therezopolis</i> Mello-Leitão, 1923.
Cômoro ocular com dois tubérculos ou espi- nhos	20	
20.(19) Fêmur dos palpos inerme	21	
Fêmur dos palpos armado	22	
21.(20) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos	23	
Tarsos III e IV de 6 segmentos		<i>Huasampillia</i> Roewer, 1913.
22.(20) Área III com um espinho		<i>Orguesia</i> Roewer, 1913.
Área III com dois espinhos	24	
23.(21) Opérculo anal armado		<i>Angistripygus</i> Roewer, 1943.
Opérculo anal inerme	84	
24.(22) Tarsos I de 5 segmentos, II e IV de mais de 6, III de 6		<i>Fonckia</i> Roewer, 1913.
Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6		<i>Stephanocranion</i> Mello-Lei- tão, 1931.
25.(16) Área III com um espinho, tergito livre I com um tubérculo, tergitos livres II e III com um espinho		<i>Monocerodynus</i> Mello-Lei- tão, 1940.
Área III com dois espinhos	26	
26.(25) Tergitos livres I, II e III com dois espinhos		<i>Tupacarana</i> Mello-Leitão, 1939.
Tergitos livres I, II e III com um tubérculo ou espinho		<i>Metagonyleptooides</i> Mello- Leitão, 1923.
27.(14) Áreas I e II com dois tubérculos, IV inerme	29	
Áreas I e II com dois tubérculos e IV ar- mada	88	
28.(14) Áreas I e II inermes, III e IV armadas ..	39	
Pelo menos áreas I ou II armada	40	

29.(27) Tergitos livres inermes	31	
Tergitos livres II e III sempre armados .	32	
30.(11) Área IV e tergitos livres com um tubérculo ou espinho mediano		<i>Pertyana</i> Mello-Leitão, 1927 (só fêmeas).
Área IV com um cone mediano robusto no macho, inerme na fêmea, tergitos livres inermes		<i>Inhuma</i> Piza, 1938.
31.(29) Área III com uma elevação granulosa no macho e com uma apófise provida de dois espinhos na fêmea		<i>Sodreana</i> Mello-Leitão, 1922. <i>Deltaspidium</i> Roewer, 1927.
Área III com um cone bífido no macho ...		
32.(29) Tergito livre I inerme, tergitos livres II e III armados	33	
Todos os tergitos livres armados	34	
33.(32) Cômoro ocular com armação impar		<i>Acrogonyleptoides</i> Mello- Leitão, 1931.
Cômoro ocular com armação par	35	
34.(32) Área III com uma elevação mediana com dois tubérculos ou espinhos		<i>Adelphobunus</i> Mello-Leitão, 1935, e <i>Acrogonyleptoides</i> Mello-Leitão, 1931.
Área III com uma apófise mediana, fêmur dos palpos com dois espinhos numa ele- vação apical interna		<i>Bocaina</i> Piza, 1943.
35.(33) Área III com uma elevação mediana provi- da de dois espinhos		<i>Acrogonyleptes</i> Roewer, 1916.
Área III com uma elevação mediana ma- milar		<i>Caxambusia</i> Mello-Leitão, 1935.
36.(16) Sòmente o tergitto livre II ou o tergitto livre III armado	67	
Tergitos livres II e III armados	37	
37.(36) Tergitos livres II e III de ângulos laterais salientes, espiniformes	38	
Tergitos livres II e III sem ângulos late- rais salientes	83	
38.(37) Opérculo anal inerme		<i>Triaenosoma</i> Roewer, 1913.
Opérculo anal armado de um espinho me- diano		<i>Thaumatoleptes</i> Roewer, 1913.
39.(28) Área IV com um tubérculo, tergitos livres I, II e III com um tubérculo no macho ou com um espinho na fêmea		<i>Guascaleptes</i> Mello-Leitão, 1933.
Área IV com dois tubérculos, bem como os tergitos livres		<i>Pachylibunus</i> Roewer, 1913.
40.(28) Entre as áreas I e II sòmente a área I ar- mada	41	
Entre as áreas I e II, sòmente a área II ou as áreas I e II armadas	42	
41.(40) Tergitos livres inermes	43	
Pelo menos um tergitto livre armado	44	
42.(40) Sòmente a área II armada	46	
Áreas I e II armadas	47	

43.(41) Cômoro ocular com armação impar	<i>Allogonyleptes</i> Roewer, 1916.
Cômoro ocular com armação par	<i>Jupuvura</i> Mello-Leitão.
44.(41) Só o tergito livre II armado	<i>Drastus</i> Roewer, 1943.
Dois ou três tergitos livres armados	44-A
44-A. (44) Tergitos livres II e III com armação par	<i>Araucanoleptes</i> Mello-Leitão, 1946.
Tergitos livres II e III com armação impar	44-B
44-B.(44-A) Tergito livre I com armação impar ..	<i>Adhynastes</i> Roewer, 1930.
Tergito livre I inerme	45
45. (44-B) Fêmur dos palpos inerme	<i>Pegada</i> Roewer, 1930.
Fêmur dos palpos armado	<i>Gonyleptellus</i> Roewer, 1930.
46.(42) Área IV e tergitos livres inermes	55
Área IV e tergitos livres com um espinho mediano	<i>Pertyana</i> Mello-Leitão, 1927.
47.(42) Áreas I, II e III armadas, IV inerme	48
Todas as áreas armadas	49
48.(47) Área III com duas elevações muito granuladas no macho, com dois tubérculos ou espinhos na fêmea	<i>Neosadocus</i> Mello-Leitão, 1923.
Área III com dois tubérculos ou espinhos em ambos os sexos	48-A
48-A. (48) Tergitos livres inermes	50
Pelo menos um dos tergitos livres armado	51
49.(47) Área III com duas elevações muito granuladas no macho, com dois tubérculos ou espinhos na fêmea	<i>Neosadocus</i> Mello-Leitão, 1923.
Área III com dois tubérculos ou espinhos em ambos os sexos	49-A
49-A. (49) Fêmur dos palpos inerme	62
Fêmur dos palpos armado	63
50.(48-A) Fêmur dos palpos inerme	52
Fêmur dos palpos armado	<i>Gonyleptes</i> Kirby, 1818.
51.(48-A) Todos os tergitos livres armados	56
Somente um ou dois tergitos livres armados	57
52.(50) Cômoro ocular com um espinho	77
Cômoro ocular com armação par	53
53.(52) Cômoro ocular com dois espinhos geminados	<i>Proweyhia</i> Mello-Leitão, 1927.
Cômoro ocular com duas elevações separadas	54
54.(53) Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos ..	85
Tarsos III de 5 ou 6 segmentos, IV de 6 ..	<i>Bullaepus</i> Roewer, 1930.
55.(46) Área III com dois espinhos confluentes ..	<i>Corralia</i> Roewer, 1913.
Área III com dois tubérculos	<i>Progonyleptes</i> Roewer, 1913.
56.(51) Fêmur dos palpos inerme	<i>Metagonyleptes</i> Roewer, 1913.

Fêmur dos palpos armado	58	
57.(51) Sòmente um tergito livre armado	59	
Dois tergitos livres armados	60	
58.(56) Tergitos livres com armação par		<i>Sadocus</i> Soerensen, 1886.
Área IV e tergito livre I com armação im- par ou inermes, tergitos livres II e III com armação impar		<i>Paragonyleptes</i> Roewer, 1913.
59.(57) Sòmente o tergito livre III armado de um espinho ou tubérculo mediano, tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6		<i>Paragonyleptes</i> Roewer, 1913.
Sòmente o tergito livre II armado	61	
60.(57) Opérculo anal dorsal inerme	64	
Opérculo anal dorsal armado de um espi- nho mediano, tergitos livres II e III com um espinho mediano, fêmur dos palpos armado		<i>Uracantholeptes</i> Mello-Lei- tão, 1926.
61.(59) Tergito livre II com um espinho mediano, fêmur dos palpos armado		<i>Heterogonyleptes</i> Roewer, 1913.
Tergito livre II com uma apófise mediana robusta, fêmur dos palpos inerme ...	91	
62.(49-A) Opérculo anal dorsal com dois tubérculos ou espinhos	68	
Opérculo anal dorsal inerme	69	
63.(49-A) Opérculo anal dorsal com dois tubérculos ou com um espinho	80	
Opérculo anal inerme	79	
64.(60) Fêmur dos palpos inerme		<i>Hanseniella</i> Mello-Leitão, 1927.
Fêmur dos palpos armado	66	
65. (8) Fêmur dos palpos inerme		<i>Pachyleptes</i> Mello-Leitão, 1932, e <i>Inhuma</i> Piza, 1938 (só fêmeas).
Fêmur dos palpos com um espinho apical interno		<i>Holoversia</i> Mello-Leitão, 1940.
66.(64) Cômoro ocular com uma elevação mediana		<i>Caldasius</i> Roewer, 1930.
Cômoro ocular com dois tubérculos ou es- pinhos, tergitos livres II e III com tu- bérculo ou espinho mediano, tarsos I de 5 ou 6 segmentos, os outros de mais de 6		<i>Paragonyleptes</i> Roewer, 1913.
67.(36) Opérculo anal inerme	82	
Opérculo anal e tergito livre II com um es- pinho mediano		<i>Melloa</i> Roewer, 1930.
68.(62) Placa anal dorsal com dois tubérculos, bem como as áreas I, II e IV do escudo abdominal e os tergitos livres, área III com dois tubérculos ou espinhos		<i>Neogonyleptes</i> Roewer, 1913.
Placa anal dorsal com dois espinhos, áreas I a IV e tergito livre I com dois tubér- culos, tergito livre II com um espinho e tergito livre III com um espinho me- diano e dois menores laterais		<i>Triacnomeros</i> Roewer, 1913.

69.(62) Tergito livre I com armação par	70	
Tergito livre I com armação ímpar	71	
70.(69) Tergito livre I com dois tubérculos ou espinhos	72	
Tergito livre I com quatro tubérculos, áreas I e II com dois tubérculos, III com dois espinhos, IV com quatro tubérculos, tergitos livres II e III com um espinho		<i>Nictheroya</i> Mello-Leitão, 1927.
71.(69) Área IV com dois tubérculos	86	
Área IV com um espinho	73	
72.(70) Tergito livre III inerte, área IV e tergitos livres I e II com dois tubérculos ou espinhos		<i>Giltaya</i> Mello-Leitão, 1932
Tergito livre III armado	74	
73.(71) Tergito livre III inerte, I e II com um espinho		<i>Eugonyleptes</i> Roewer, 1913.
Tergitos livres com um espinho		<i>Ilhaia</i> Roewer, 1913.
74.(72) Tergito livre III com um tubérculo ou espinho, ou com três espinhos	75	
Tergito livre III com armação par	76	
75.(74) Tergito livre III com três espinhos	78	
Tergito livre III com um tubérculo ou espinho mediano		<i>Ilhaia</i> Roewer, 1913.
76.(74) Tergito livre II com armação ímpar		<i>Bunoleptes</i> Mello-Leitão, 1935.
Tergito livre II com armação par		<i>Gonazula</i> Roewer, 1930.
77.(52) Opérculo anal ventral inerte		<i>Carlotta</i> Roewer, 1943.
Opérculo anal ventral com um tubérculo . .		<i>Quixaba</i> Mello-Leitão, 1944.
78.(75) Cômoro ocular com dois espinhos geminados		<i>Proweyhia</i> Mello-Leitão, 1927.
Cômoro ocular com dois espinhos ou tubérculos separados	81	
79.(63) Área IV com um espinho ou tubérculo, cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos		<i>Paragonyleptes</i> Roewer, 1913.
Área IV com dois tubérculos		<i>Sadocus</i> Soerensen, 1886.
80.(63) Opérculo anal dorsal com dois tubérculos		<i>Proctobunoides</i> Mello-Leitão, 1944.
Opérculo anal dorsal com um espinho ou tubérculo mediano		<i>Gonypernoides</i> Mello-Leitão, 1932.
81.(78) Área IV com dois tubérculos		<i>Xundarava</i> Mello-Leitão, 1927.
Área IV com três espinhos		<i>Cryptomeloleptes</i> Mello-Leitão, 1931.
82.(67) Tergito livre III com um tubérculo ou espinho mediano		<i>Ubatubesia</i> Soares, 1944.
Só o tergitto livre II armado	90	
83.(37) Área III com dois espinhos rombos, geminados, no ápice de uma grande elevação mediana		<i>Xenoleptes</i> Mello-Leitão, 1942.
Área III com armação par		<i>Metagonyleptoides</i> Mello-Leitão, 1923.

- 84.(23) Cômoro ocular e área III com dois espinhos
Cômoro ocular e área III com dois pequenos tubérculos ou inermes *Progonyleptoides* Roewer, 1916.
Liogonyleptoides Mello-Leitão, 1925.
- 85.(54) Opérculo anal inerte nos dois sexos *Geraecormobius* Holmberg.
Opérculo anal com um tubérculo mediano no macho, por vezes inerte na fêmea *Cadeadoius* Mello-Leitão, 1936.
- 86.(71) Cômoro ocular com armação par *Ilhaia* Roewer, 1913.
Cômoro ocular com armação impar *Paraproweyhia* Soares et Soares, 1947.
87. (9) Fêmur dos palpos inerte, tergito livre III com um espinho trifido *Triaenoplus* Roewer, 1943.
Fêmur dos palpos com espinho apical interno, tergito livre III com espinho simples *Opisthoplites* Soerensen, 1884.
- 88.(27) Cômoro ocular com um espinho mediano .. *Acrogonyleptoides* Mello-Leitão, 1931.
Cômoro ocular com dois espinhos 89
- 89.(88) Fêmur dos palpos inerte, área III com um tubérculo mediano, dando idéia de que é formado por dois tubérculos geminados *Melloleitiana* Soares, 1943.
Fêmur dos palpos com espinho apical interno, área III com uma elevação mediana romba, larga *Centroleptes* Roewer, 1943.
- 90.(82) Tergito livre II com um espinho mediano . *Heliella* Soares, 1945.
Tergito livre II com um par de espinhos .. *Comboyus* Roewer, 1943.
- 91.(61) Tarsos III e IV de 6 segmentos *Hernandria* Banks, 1909.
Tarsos III e IV de mais de 6 segmentos .. *Urodiabunus* Mello-Leitão, 1935.

Gênero ACROGONYLEPTES Roewer

Acrogonyleptes Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82-A (2) : 136; Roewer, 1923, W.: 464, 507, Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 29 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 390; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.a. pte.) : 235, 317; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Acrogonyleptes spinifrons* Roewer, 1916, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com uma elevação mediana provida de dois espinhos, IV e tergito livre I inermes, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Acrogonyleptes spinifrons Roewer.

Acrogonyleptes spinifrons Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82-A (2) : 136, fig. 32; Roewer, 1923, W.: 508, fig. 635; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 390; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.a. pte.) : 317, fig. 187.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero ACROGONYLEPTOIDES Mello-Leitão.

Acrogonyleptoides Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 134; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 105.

TIPO: *Acrogonyleptoides exochus* Mello-Leitão, 1931, por designação original.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I e II com dois tubérculos; III com alta elevação mediana bífida; IV e tergito livre I inermes ou com um espinho mediano; tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos muito delgado (exceção na sub-família), inerme. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de mais de 6.

Acrogonyleptoides exochus Mello-Leitão.

Acrogonyleptoides exochus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 134, fig. 7; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192, 194; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Rio Negro; Barigui — Curitiba).

TIPO: ♂, n.º 11.391, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Acrogonyleptoides piraquarensis Soares et Soares.

Acrogonyleptoides piraquarensis Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102, 103, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPO: ♂, na coleção Gert Hatschbach.

Gênero **ADELPHOBUNUS** Mello-Leitão.

Adelphobunus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 392; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Adelphobunus singularis* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com uma elevação, com dois tubérculos geminados; área IV inerme. Tergitos livres I a III com um tubérculo mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Adelphobunus pulcher Mello-Leitão.

Adelphobunus pulcher Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 393, fig. 20; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso (Pôrto Ricardo).

TIPO: ♂, n.º 42.362, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Adelphobunus singularis Mello-Leitão.

Adelphobunus singularis Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 392, fig. 19; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 232.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeirão Pires).

TIPO: ♂, n.º 17, no Instituto Butantã.

Gênero **ADHYNASTES** Roewer

Adhynastes Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 438; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 273; Mello-Leitão, 1945, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Adhynastes tenuis* Roewer, 1930, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I do escudo dorsal com dois tubérculos, II e IV inermes, III com dois espinhos. Tergitos livres I a III com um espinho mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Adhynastes tenuis Roewer.

Adhynastes tenuis Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 439, fig. 41;

Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 274.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro — Tijuca).

TIPOS: 2 ♂ ♂, n.º 1.340/28, na coleção ROEWER.

Gênero **ALLOGONYLEPTES** Roewer.

Allogonyleptes Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82-A (2) : 132; Roewer, 1923, W. : 464, 506; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 26 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 257; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Allogonyleptes insignitus* Roewer, 1916, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I do escudo dorsal com dois tubérculos, II e IV inermes, III com dois espinhos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Allogonyleptes insignitus Roewer.

Allogonyleptes insignitus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82-A (2) : 132, fig. 29; Roewer, 1923, W. : 507, fig. 634; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 258, fig. 135.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **ANGISTRIPYGUS** Roewer.

Angistripygus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 48.

Langesia Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 197; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 105.

TIPO: *Angistripygus patellaris* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal e tergitos livres I a III inermes. Área III com armação par ou inerte. Opérculo anal com robusto espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Angistripygus patellaris Roewer.

Angistripygus patellaris Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 49, est. 6 fig. 54.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5847/55.

Angistripygus unicus (Soares).

Langesia unica Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 195, 198, fig. 2; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102, 105; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65, 73, fig. 6; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 210; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 250.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Alto da Serra da Graciosa; Banhado — Piraquara).

TIPO: ♀, no Museu Paranaense. ALÓTIPO ♂, na coleção GOFFERJÉ. PARÁ-TIPOS (2 ♂ ♂), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **ARAUCANOLEPTES** Mello-Leitão.

Araucanoleptes Mello-Leitão, 1946, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (35) : 4.

TIPO: *Araucanoleptes exceptionalis* Mello-Leitão, 1946, por designação original.

Cômodo ocular com dois robustos espinhos. Área I com dois tubérculos, II inerme, III com dois espinhos. Área IV e tergito livre I com dois tubérculos (♂) ou com dois espinhos (♀). Tergitos livres II e III com dois espinhos (rombos no macho, muito robustos na fêmea). Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos provido de um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Araucanoleptes exceptionalis Mello-Leitão.

Araucanoleptes exceptionalis Mello-Leitão, 1946, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (35) : 5, fig. 5.

HABITAT: Barra do Rio Bueno (Sul do Chile).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de História Natural de Montevideo (Uruguay).

Gênero **BOCAINA** Piza.

Bocaina Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 46.

TIPO: *Bocaina marmorata* Piza, 1943, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com uma apófise mediana, IV inerme. Tergitos livres I a III com um espinho mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos com dois espinhos apicais internos colocados sobre uma pequena elevação. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Bocaina marmorata Piza.

Bocaina marmorata Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 46, fig. 5; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 497.

HABITAT: Brasil (Serra da Bocaina).

TIPO: ♀, n.º 810, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **BULLAEPUS** Roewer.

Bullaepus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 399; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 289; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Gonoleptes enoplus* Chamberlin, 1916, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com duas elevações maiores, IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III de 5 (segundo a diagnose de Chamberlin o número de segmentos dos tarsos é de 5, mas, de acordo com a figura dada por este autor, seu número é de 6), IV de 6. Fêmur dos palpos inerme.

Bullaepus enoplus (Chamberlin).

Gonoleptes enoplus Chamberlin, 1916, Bull. Mus. Comp. Zool., Harvard, 60 (6) : 181, pr. 2, fig. 7, 8, pr. 3, fig. 1 — 5.

Bullaepus enoplus, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 399, fig. 23, 24.

HABITAT: Peru, San Miguel (6.000 pés).

TIPO: ♂, n.º 126, no Mus. Comp. Zool. Harvard.

Gênero **BUNOLEPTES** Mello-Leitão.

Bunoleptes Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 398; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Bunoleptes armatus* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal com dois tubérculos hemisféricos, área III com dois tubérculos elipsoides; tergitos livres I e III com dois tubérculos, tergito livre II com um tubérculo ou espinho mediano; opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Bunoleptes armatus Mello-Leitão.

Bunoleptes armatus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 393, fig. 23; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17): 194; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 353; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47): 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro — Jacarepaguá, Caixa D'Água Camorim, Tijuca).

TIPO: ♂, n.º 42.477, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero CADEADOIUS Mello-Leitão.

Cadeadoius Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 15; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5): 71.

TIPO: *Cadeadoius pungens* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I do escudo dorsal indivisa. Áreas I e II com dois pequenos tubérculos, área III com dois espinhos robustíssimos na fêmea, com dois baixos tubérculos cônicos no macho. Área IV e tergitos livres inerme. Opérculo anal com um tubérculo mediano no macho, tubérculo este muito menor na fêmea e, por vezes, ausente. Fêmur dos palpos inerme. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Cadeadoius pungens Mello-Leitão.

Cadeadoius pungens Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4): 16, fig. 12; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9): 215; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8): 102; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5): 64, 70, fig. 4; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18): 210; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21): 250.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cadeado; Marumbi; Marumbi — margens do rio Taquaral; Banhado — Piraquara; Ruínas de Vila Pinheirinho; Vista Cavalcanti).

TIPO: ♀, n.º 42.272, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Gênero CALDASIUS Roewer.

Caldasius Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 345, 413; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 235, 313; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 104.

TIPO: *Caldasius trochanteralis* Roewer, 1930, por designação dos autores, no presente momento.

Cômodo ocular com uma elevação mediana. Áreas I a III do escudo dorsal com dois tubérculos, área IV e tergito livre I inerme, tergitos livres II e III com um espinho ou cone mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Caldasius maculatus Roewer.

Caldasius maculatus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 413, 415, fig. 31 c; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 315.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

TIPO: ♂, n.º 1.814/35, na coleção ROEWER.

***Caldasius nigripes* Mello-Leitão.**

Caldasius nigripes Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (2): 162, fig. 4; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 144.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa — Estação Biológica do Museu Nacional).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que está depositado.

***Caldasius trochanteralis* Roewer.**

Caldasius trochanteralis Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 413, 414, fig. 30, 31 a, b; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 314.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Caldas).

TIPO: ♂, n.º 1.326/14, na coleção ROEWER.

Gênero CARLOTTA Roewer.

Carlotta Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 40.

Ullia Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 41.

Pseudoneogonyleptooides Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 147.

TIPO: *Carlotta serratipes* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Área I dividida ao meio por um sulco longitudinal, com dois tubérculos. Área II com dois tubérculos ou pequenos espinhos. Área III com dois espinhos. Área IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Carlotta dubia* (Soares).**

Pseudoneogonyleptooides dubius Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13): 145, 149, fig. 4; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 509; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (20): 235, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa; Fazenda Chaves — Município de Santa Leopoldina).

TIPO: ♀, n.º E.407 C.243, ALÓTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Carlotta furcata* (Roewer).**

Ullia furcata Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 41, est. 4, fig. 44.

HABITAT: Brasil (Tocantins — Cametá).

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 2503/38.

***Carlotta serratipes* Roewer.**

Carlotta serratipes Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 41, est. 5, fig. 43.

HABITAT: Brasil (Tocantins — Cametá).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 2504/39.

Gênero CAXAMBUSIA Mello-Leitão.

Caxambusia Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 395; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 104.

TIPO: *Caxambusia variegata* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos; área III com uma elevação mediana mamilar; área IV, tergito livre I e opérculo anal inermes; tergitos livres II e III com uma tubérculo mediano. Fêmures dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Caxambusia variegata Mello-Leitão.

Caxambusia variegata Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 395, fig. 21;
Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis — Morro de Caxambu).

TIPO: ♂, n.º 41.997, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **CENTROLEPTES** Roewer.

Centroleptes Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 45.

TIPO: *Centroleptes flavus* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Áreas I e II com dois tubérculos, III com uma elevação mediana romba, larga. Área IV e tergitos livres I a III com pequeno espinho mediano. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Centroleptes flavus Roewer.

Centroleptes flavus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 45, est. 6, fig. 50.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6430/63.

Gênero **COMBOYUS** Roewer.

Comboyus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 49.

TIPO: *Comboyus albilineatus* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Área III do escudo dorsal e tergito livre II com dois espinhos. As outras áreas, os tergitos livres I e III e o opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Comboyus albilineatus Roewer.

Comboyus albilineatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 49, est. 6, fig. 55.

HABITAT: Panamá (Monte Comboy, 300 metros).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 3873/43.

Gênero **CORRALIA** Roewer.

Corralia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 187; Roewer, 1923, W. : 464, 471; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 27 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 308; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Gonyleptes depressus* Loman, 1899, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área II com dois tubérculos, III com dois espinhos confluentes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Corralia depressa (Loman).

Gonyleptes depressus Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 4, 2 : 4, pr. 1, fig. 2;
Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyl.), p. 29 (Sep.).

Corralia depressa, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79-A (4) : 188, fig. 78; Roewer,
1923, W.: 471, fig. 590.

HABITAT: Chile (Corral).

TIPO: ♂, no Museu de Berlim.

Gênero **CRYPTOMELOLEPTES** Mello-Leitão.

Cryptomeloleptes Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 1937; Mello-Leitão,
1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Cryptomeloleptes spinosus* Mello-Leitão, 1931, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a III com dois tubérculos baixos e áreas IV com três espinhos medianos. Tergito livre I com dois espinhos medianos. II e III com três. Opérculo anal inermes. Escudo dorsal duas vezes mais largo que o cefalotórax, regularmente arredondado, ocultando inteiramente as ancas IV. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Unhas lisas. Ancas IV muito mais robustas que III.

Cryptomeloleptes spinosus Mello-Leitão.

Cryptomeloleptes spinosus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 138, fig. 9;
Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq.
Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá).

TIPO: ♂, n.º 11.392, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **CRYPTUROCYTIA** Mello-Leitão.

Crypturocytia Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 236, 458,
478; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 123; Mello-Leitão, 1935, Arq.
Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Crypturocytia crypturocytia* Mello-Leitão, 1932, por monotipia.

Cefalotórax cerca de quatro vezes mais estreito que o escudo abdominal dorsal. Cômodo ocular oval transverso, a igual distância da borda anterior e do sulco I, com uma elevação mediana cônica. Áreas I a IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes ou com pequeno espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Crypturocytia crypturocytia Mello-Leitão.

Crypturocytia crypturocytia Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) :
236, 478; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 123; Soares, 1945, Arq.
Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (material seco, de exposição).

Gênero **DELTASPIDIUM** Roewer.

Deltaspidium Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 348; Roewer,
1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 416; Mello-Leitão, 1932, Rev.
Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 288; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36
(1934) : 104.

TIPO: *Deltaspidium bresslaui* Roewer, 1927, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos; área III com uma elevação mediana com um par de espinhos divergentes no ápice. Área IV, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inerne. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Deltaspidium bresslaui Roewer.

Deltaspidium bresslaui Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 343, fig. 16; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 416, pr. 4, fig. 3; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 288.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis; Petrópolis).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Frankfurt (a. M.).

Gênero **DICONOSPELTA** Canals.

Diconospelta Canals, 1934, Estudios Aracnológicos, 5 : 3; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 103; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 625.

TIPO: *Diconospelta Gallardoi* Canals, 1934, por monotipia.

Cômodo ocular largo, baixo e inerne. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III com duas grandes apófises cônicas. Tarsos I de 5 segmentos, II de mais de 6, III e IV de 6. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno.

Diconospelta Gallardoi Canals.

Diconospelta Gallardoi Canals, 1934, Estudios Aracnológicos, 5 : 4, fig. 1; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

HABITAT: Argentina (Correntoso, Nahuel Huapí).

TIPO: ♂, no Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia".

Diconospelta vazferreirae Mello-Leitão.

Diconospelta vazferreirae Mello-Leitão, 1946, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (35): 4.

HABITAT: Barra del Rio Bueno (Sul do Chile).

TIPO: ♀, no Museu de História de Montevideo (Uruguay).

Gênero **DRASTUS** Roewer.

Drastus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 46.

TIPO: *Drastus hamatus* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I e III com dois tubérculos. Áreas II e IV, tergitos livres I e III e opérculo anal inermes. Tergito livre II com um grupo de 3 espinhos baixos. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Drastus hamatus Roewer.

Drastus hamatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 48, est. 6, fig. 52.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6431/64.

Gênero **EUGONYLEPTES** Roewer.

Eugonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 219; Roewer, 1923, W. : 464, 482; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 29 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 347; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 235, 337, 458; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 105; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 625.

TIPO: *Gonyleptes scaber* Kirby, 1818, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, área IV e tergitos livres I e II com um espinho mediano, tergito livre III e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Eugonyleptes scaber (Kirby).

Gonyleptes scaber Kirby, 1818, Tr. Linn. Soc. London, 12 : 453; Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 202; C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 33, fig. 553 (♂) 554 (♀); Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 103; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 113.

Discocyrtus (?) *scaber*, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 30 (Sep.).

Eugonyleptes scaber, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79-A (4) : 219; Roewer, 1923, W. : 482; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

HABITAT: Região de La Plata, ou Chile (Valdivia).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Britânico.

Gênero FONCKIA Roewer.

Fonckia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 175; Roewer, 1923, W. : 464, 466; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 25 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 124; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 245; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Gonyleptes processigerus* Soerensen, 1902, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, II e IV de mais de 6, III de 6.

Fonckia processigera (Soerensen).

Gonyleptes processigerus Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 25 (Sep.).

Fonckia processigera, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 175, fig. 74; Roewer, 1923, W. : 466, fig. 585.

HABITAT: Chile (Puerto Montt).

TIPO: ♂, no Museu de Berlim.

Gênero GERAECORMOBIUS Holmberg.

Geraecormobius Holmberg, 1888, Bol. Ac. Argentin. 10 : 211; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 20; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 354 (= *Geraecormobiella* Mello-Leitão, 1931).

Weyhia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 190; Roewer, 1923, W. : 464, 471; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 137, 187; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 27 (Sep.); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 344; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 354; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 126; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 281; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 141, 143; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 20, 104; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 386; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 - 36) : 292; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 284; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

Geraecormobiella Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 127; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

Gonyleptoides Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 170, 253; Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 340; Roewer, 1923, W.: 464, 496; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 153, 191; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 382; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 234, 303; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 104; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 257 (= *Moreiranula* Roewer, 1930 = *Progonyleptoidellus* Piza, 1940 = *Piraquara*, Piza 1943).

Moreiranula Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 348, 440; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 127; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 234, 287; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 104.

Progonyleptoidellus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 63.

Piraquara Piza, 1943, Rev. Brasil. Biol., 3 (2): 258.

TIPO: *Geraecormobius silvarum* Holmberg, 1888.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Geraecormobius absconsus (Mello-Leitão).

Weyhia absconsa Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 281, 284 (fig. 175), 479.

Geraecormobius absconsus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 22; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 354.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

TIPO: ♂, n.º 1.501, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius acanthoscelis (Bertkau).

Ancistrotus acanthoscelis Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43: 103, pr. 2, fig. 37.

Gonyleptoides acanthoscelis, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 253, fig. 103; Roewer, 1923, W.: 496, fig. 623; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 153, 191; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 308, fig. 179; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 258.

HABITAT: Brasil (Pedra Açu).

TIPO: ♂, no Museu de Bruxelas.

Geraecormobius androgynus (Piza).

Progonyleptoidellus androgynus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 63, fig. 11.

Gonyleptoides androgynus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 258; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18): 281; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13): 501.

Metarthrodes melanacanthus Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, 1913 (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 174.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra, Rio Grande).

TIPO: ♀, n.º 934, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Geraecormobius anomalus (Mello-Leitão).

Weyhia anomala Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 126; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 105.

Geraecormobius anomalus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 21; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15): 177; Soares,

1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 192; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 354.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Rio Negro).

TIPO: ♀, n.º 11.378, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Geraecormobius armatus* (Roewer).**

Weyhia armata Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 190, 191, fig. 79; Roewer, 1923, W.: 472, fig. 591; Mello-Leitão, 1923, (pars), Arq. Mus. Nac., 24: 137; Roewer, 1930 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 354, 355; Mello-Leitão, 1931, An. Acad. Bras. Cien., 3 (2): 84; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 281, 285, fig. 176; Mello-Leitão, 1937 (pars), Mem. Inst. But., 10 (1935—36): 292; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17: 625.

Geraecormobius armatus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 21; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27): 252; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8): 192; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 354.

HABITAT: Brasil (Paranaguá, Petrópolis, Santos, Terezópolis, Itatiaia, S. Inácio, Tijuca, Caxambu, Cachoeirinha, Itapiranga).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Hamburgo e na coleção ROEWER.

***Geraecormobius atroluteus* (Roewer), comb. n.**

Cadeadoius atroluteus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 45, est. 6, fig. 51.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPOS: 2 ♂♂ e 5 ♀♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6428/61.

***Geraecormobius bisignatus* (Mello-Leitão).**

Weyhia bisignata Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 141 (fig. 7), 143; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 106.

Geraecormobius bisignatus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 22; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9): 354.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♂, n.º 27.321, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Geraecormobius bispinifrons* (Roewer).**

Geraecormobiella bispinifrons Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3): 42, est. 5, fig. 46.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5082/45.

***Geraecormobius bresslaui* (Roewer).**

Weyhia bresslaui Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 344, fig. 11, 11 a; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 354, 356, pr. 6, fig. 1; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.): 282, 285, fig. 178; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 143.

Geraecormobius bresslaui, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 21.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis — Serra dos Órgãos).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Frankfurt (a. M.).

***Geraecormobius carioca* Mello-Leitão.**

Geraecormobius carioca Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 18 (fig. 22), 22.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Ilha do Governador).

TIPOS: ♂ e ♀, não encontrados no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 53.927, segundo a diagnose original).

***Geracormobius cervicornis* Mello-Leitão.**

Geracormobius cervicornis Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 17 (fig. 21), 22.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Sai).

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 53.924, segundo a diagnose original).

***Geracormobius cervifrons* Mello-Leitão.**

Geracormobius spinifrons Mello-Leitão, 1942, nec *Geracormobius spinifrons* (Mello-Leitão, 1923), An. Acad. Bras. Cien., 14 (2) : 161, fig. 3; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 144.

Geracormobius cervifrons Mello-Leitão, 1944, Com. Zool. Mus. Montevideo, 1 (21) : 4.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa — Estação Biológica do Museu Nacional).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que se acha depositado.

***Geracormobius cheloides* Mello-Leitão.**

Geracormobius cheloides Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 19 (fig. 23), 22; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 354.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá).

TIPO: ♂, n.º 58.236, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (provavelmente).

***Geracormobius clavifemur* (Mello-Leitão).**

Weyhia clavifemur Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 401, 416; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 354, 356; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 282, 286, fig. 177.

Geracormobius clavifemur, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 22; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 354.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPO: ♂, n.º 1.496, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Geracormobius convexus* (Mello-Leitão).**

Geracormobiella convexa Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 128; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

Geracormobius convexus, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 354.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro.

TIPO: ♂, n.º 18.203, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Geracormobius cunhai* Soares.**

Geracormobius cunhai Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (13) : 108, fig. 1, 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Pôrto Cabral).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.595 C.786, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Geracormobius curvicornis* (Roewer).**

Weyhia curvicornis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 193, fig. 80; Roewer, 1923, W. : 472, 473, fig. 592; Mello-Leitão, 1923, (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 137; Roewer, 1930 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem. 27 (3) : 354, 355; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 281, 282, fig. 171.

Geracormobius curvicornis, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 20; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis Jacarepaguá).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER. PARÁTIPO ♂, no Museu de Paris.

Geraecormobius curvifemur (Soares).

Gonyleptoides curvifemur Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282, 291, fig. 3, 4; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 502.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, n.º E.555 G.700, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Geraecormobius granulatus (Mello-Leitão).

Weyhia granulata Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 285, fig. 7.

Geraecormobius granulatus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 21; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 249; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 232; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Piraí), Estado de São Paulo (Guapira).

TIPO: ♂, n.º 69, no Instituto Butantã.

Geraecormobius marumbiensis (Soares).

Gonyleptoides marumbiensis Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 195, 196, fig. 1.

Geraecormobius marumbiensis, Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 64, 72, fig. 5; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 210.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Marumbi — margens do rio Taquaral; Ruínas de Vila Pinheirinho).

TIPO: ♀, no Museu Paranaense. PARÁTIPO ♀, n.º E.578 C.768, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. ALÓTIPO ♂, na coleção Gofferjé.

Geraecormobius melanostomus (Mello-Leitão).

Moreiranula melanostoma Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 129, fig. 17; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Gonyleptoides melanostomus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

HABITAT: Brasil, Itatiaia (2.100 metros).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 13.211, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius montis (Mello-Leitão).

Weyhia montis Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 386, fig. 15; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Geraecormobius montis, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 21; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis — Independência).

TIPO: ♂, n.º 42.461, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius moreirae (Mello-Leitão).

Gonyleptoides moreirae Mello-Leitão, 1932, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 340; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 153 (fig. 24), 191; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

Moreiranula moreirae, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 440, fig. 42; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 287, fig. 180.

HABITAT: Brasil, Itatiaia.

TIPO: ♂, n.º 1.511, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius nanus (Mello-Leitão).

Weyhia nana Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 388, fig. 16; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Geraecormobius nanus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 20; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Viçosa).

TIPO: ♂, n.º 42.354, ou 42.696, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius niger (Mello-Leitão).

Gonyleptoides niger Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 21, fig. 14; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape).

TIPO: ♀, n.º 41.811, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Geraecormobius pallidimanu (Mello-Leitão).

Weyhia pallidimanu Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 20 (fig. 13), 106.

Geraecormobius pallidimanu, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 21; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 233.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 3 e 22, no Instituto Butantã.

Geraecormobius parvus (Roewer).

Weyhia parva Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 133, fig. 30; Roewer, 1923, W. : 472, 473, fig. 594; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 354; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 281, 284, fig. 174.

Geraecormobius parvus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 22; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos), Estado do Rio de Janeiro (Niterói, Jacarepaguá).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Geraecormobius princeps (Piza).

Anomaloleptes princeps Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 59, fig. 7.

Geraecormobius princeps, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 249; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 222; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 497.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Guarauna, Cachoeirinha).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.106 C.55, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Geraecormobius rohri (Mello-Leitão).

Weyhia rohri Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 142, fig. 8; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Weyhia serriperma Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 284, fig. 6.

Geraecormobius rohri, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 20; Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3 : 206, fig. 1; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 272 (= *Weyhia serriperma* Mello-Leitão, 1937); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 233; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192, 194; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 209; Soares, 1945, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (9) : 355; Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba, 20

(9-12) : 366; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 64; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (12) : 137.

Geraecormobius serriperma, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool., Est. São Paulo, 1 : 21.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba — Barigui, Banhado — Piraquara), Estado de Santa Catarina (Porto União).

TIPOS: ♂, n.º 27.610, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♀ (alótipo), no Museu Paranaense; ♂, n.º 73, no Instituto Butantã (tipo de *Weyhia serriperma* Mello-Leitão, 1937).

***Geraecormobius salebrosus* (Roewer).**

Weyhia salebrosa Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 190, 194, fig. 81; Roewer, 1923, W. : 472, 473, fig. 593; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 137; Roewer, 1930 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 354, 355; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 281, 282, fig. 172; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 143.

Geraecormobius salebrosus, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool., Est. São Paulo, 1 : 21.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPOS: 3 ♂ e 4 ♀, na coleção ROEWER.

***Geraecormobius schubarti* (Piza).**

Piraquara schubarti Piza, 1943, Rev. Brasil. Biol., 3 (2) : 258, fig. 3.

Gonyleptoides schubarti, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258; Soares, 1946, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (13) : 502.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Serra Piraquara — Itanhaém; Rio Grande).

TIPO: ♂, na coleção PIZA.

***Geraecormobius silvarum* Holmberg.**

Geraecormobius silvarum Holmberg, 1888, Bol. Ac. Argentín., 10 : 211; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 468; Roewer, 1923, W. : 585; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 36) : 292; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 21; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Santa-Ana; Argentina (Loreto — Misiones).

TIPOS: não há indicação do lugar em que foram depositados (♂ e ♀).

***Geraecormobius spinifrons* (Mello-Leitão).**

Weyhia spinifrons Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 23 : 137; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 354, 355; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 281, 283, fig. 173.

Geraecormobius spinifrons, Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 21.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♀, não encontrado na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero *GILTAYA* Mello-Leitão.

Giltaya Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 459, 466, 482; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Giltaya solitaria* Mello-Leitão, 1932, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos arredondados; área IV e tergitos livres I e II com dois tubérculos pontudos ou espinhos; tergito livre III e placa anal dorsal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Giltaya solitaria Mello-Leitão.

Giltaya solitaria Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 467; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá, Niterói).

TIPO: ♂, n.º 1.473, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **GLYSTERUS** Roewer.

Glysterus Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 159, 161.

Rooma Goodnight e Goodnight, 1942, Amer. Mus. Nov., 1184 : 16.

Phalacroburnus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 37.

TIPO: *Glysterus scutatus* Roewer, 1931, por monotopia.

Cômodo ocular inerte. Escudo dorsal com 4 áreas, por vezes mal delimitadas, tendo-se a impressão de que só há dois sulcos no escudo. Tôdas as áreas inermes. Tergito livre I e opérculo anal inermes. Tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Glysterus laeviscutatus (Roewer).

Phalacroburnus laeviscutatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 37, est. 4, fig. 38.

HABITAT: Costa Rica (Hamburg Farm).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 3872/42.

Glysterus scutatus (Roewer).

Glysterus scutatus Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (1 — 3) : 162, fig. 26; Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340 : 13 (= *Rooma caudaspina* Goodnight e Goodnight, 1942).

Rooma caudaspina Goodnight e Goodnight, 1942, Amer. Mus. Nov., 1184 : 17, fig. 35.

HABITAT: Costa Rica (Port Limon).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER, n.º 1465/1. Os tipos de *Rooma caudaspina*, ♂ e ♀, se acham no American Museum of Natural History.

Gênero **GONAZULA** Roewer.

Gonazula Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 417; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 341; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

Laneius Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1) : 6; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258.

TIPO: *Gonazula gibbosa* Roewer, 1930, por monotopia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a IV do escudo dorsal com duas elevações, tergitos livres I a III com duas elevações; opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos ou mais de 6, os outros de mais de 5.

Gonazula fuscopicta (Soares).

Laneius fuscopictus Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1) : 2, 6, fig. 3; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 258; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 503.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Boracéia — Município de Salesópolis).

HOLÓTIPO ♀, n.º E.190 C.96, e ALÓTIPO ♂, n.º E.190 C.96, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonazula gibbosa Roewer.

Gonazula gibbosa Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 418, fig. 32;
Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 342.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 1.328/16, na coleção ROEWER.

Gênero GONYLEPTELLUS Roewer.

Gonyleptellus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 427; Mello
Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 270, 458; Mello-Leitão,
1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Gonyleptellus multimaculatus* Roewer, 1930, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Área I do escudo dorsal com dois tubérculos, áreas II, IV, tergito livre I e opérculo anal inermes, área III com dois espinhos, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Gonyleptellus multimaculatus Roewer.

Gonyleptellus multimaculatus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 428,
pr. 7, fig. 4; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 270;
Goodnight e Goodnight, 1947, Fieldiana: Zoology, 32 (1) : 42 (Publication
592).

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis, Tijuca).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 5.299 da coleção SIMON, no Museu de Paris. PARÁTIPO ♀,
n.º 8.595 da coleção SIMON, no Museu de Paris. PARÁTIPOS (2 ♂♂ e 3
♀♀), n.º 1.335/23, na coleção ROEWER.

Gênero GONYLEPTES Kirby.

Gonyleptes Kirby, 1818 (pars), Tr. Linn. Soc. London, 12: 452; Perty, 1832
(pars), Delect. An. Artic., p. 205; C. L. Koch, 1839 (pars), Arach., 7 : 29,
36, etc.; Gervais, 1844 (pars), in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 102, etc.; C. L.
Koch, 1845, Arach., 12 : 22; Butler, 1873 (pars), Ann. Nat. Hist., ser. 4,
11 : 113, etc.; Bertkau, 1880 (pars), Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 95, 97,
100, etc.; Soerensen, 1884 (pars), Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 603; Soeren-
sen, 1902 (pars), Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 30 (Sep.);
Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 170, 225; Mello-Leitão, 1922, Ann.
Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 335; Roewer, 1923, W. : 464, 484; Mello-Leitão,
1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 139, 189; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul.,
14 : 30 (Sep.); Giltay, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belgique, 68 : 84; Roewer,
1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 364; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus.
Nac., 33 : 133; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 289;
Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Soares, Papéis Avulsos
Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 247 (= *Melloleitaniella* Piza, 1940).

Melloleitaniella Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 60.

Metagoniosoma Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 139; Roewer, 1923,
W. : 465, 504; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 32 (Sep.); Roewer
1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 349; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul.,
17 (2a. pte.) : 234, 309; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 110.

TIPO: *Gonyleptes horridus* Kirby, 1818.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Gonyleptes acanthopus (Quoy et Gaimard).

Phalangium acanthopus Quoy e Gaimard, 1824, Voyage de l'Uranie, Zool., p. 546, pr. 62, fig. 2 (♂), 3 (♀).

Eusarcus grandis Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 203, pr. 40, fig. 2 (♀).

Gonyleptes horridus C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 29, fig. 551 (♂), 552 (♀); Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 102.

Eusarchus grandis, Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 112.

Gonyleptes acanthopus, Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 113; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 4, 14 : 603; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 226, 229, fig. 95; Roewer, 1923, W. : 484, 485, fig. 609; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 139, 139; Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 401; Roewer, 1939, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365, 366; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 293, fig. 147; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 355.

Gonyleptes acanthopus imbecillus Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 97.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Copacabana, Petrópolis, Jacarepaguá), Estado de Santa Catarina (Joinville), Estado de Minas Gerais, Itatiáia.

TIPO: ♂, no Museu de Paris.

Gonyleptes almeidai Soares et Soares.

Gonyleptes almeidai Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (22) : 204, fig. 2, 3; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 222, 224.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Itacurussá, Pedra Branca, Parati).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonyleptes armatus Perty.

Gonyleptes armatus Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 205, pr. 39, fig. 13; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 103; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 113; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 240; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 140; Roewer, 1923, W. : 490.

HABITAT: Brasil (Rio Negro).

TIPO: não há indicação do lugar em que está depositado.

Gonyleptes atrus Mello-Leitão.

Gonyleptes atrus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 140, fig. 16; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 370, fig. 7; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 304, fig. 164; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 247; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 356; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 493.

Gonyleptes niger Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.), fig. 167.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Itatiáia, Tijuca), Estado de São Paulo (Campos do Jordão), Monte Serrat.

TIPOS: 3 ♂♂ e 3 ♀♀, n.º 42, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonyleptes barbiellinii Mello-Leitão.

Gonyleptes barbiellinii Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 298 (fig. 155), 479; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 356; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 498.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião, Poço Grande).

TIPO: ♂, n.º 1.459, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gonyleptes borgmeieri Mello-Leitão.

Gonyleptes borgmeieri Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 292, 305, 480.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 766, segundo a diagnose original).

Gonyleptes brieni (Giltay).

Weyhia brieni Giltay, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belgique, 68 : 83, fig. 1.

Gonyleptes brieni, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366 (373, fig. 9; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 133; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 292, 307; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 253, 255; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 356.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Itatiáia), Estado de São Paulo (Gua-pira, Campos do Jordão).

TIPO: ♂, no Museu de Bruxelas.

Gonyleptes bunoweyhioides (Piza).

Melloleitaniella bunoweyhiodes Piza, 1934, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 41, fig. 2.

Gonyleptes bunoweyhioides, Soares, e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 254, 255; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 499.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Serra da Bocaina, São Francisco Xavier Serra da Mantiqueira).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 810, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonyleptes calcaripes (Roewer).

Metagoniosoma calcaripes Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 139, fig. 34; Roewer, 1923, W. : 505, fig. 630; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 309, fig. 168.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gonyleptes cancellatus Roewer.

Gonyleptes cancellatus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 127, fig. 26; Roewer, 1923, W. : 484, 489, fig. 615; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 296, fig. 152.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gonyleptes cervus Roewer.

Gonyleptes cervus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 227, 238, fig. 99; Roewer, 1923, W. : 484, 488, fig. 613; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 141, 189, (pars); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365, 367 (pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 295, fig. 150; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 356; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15) : 196.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais (Itatiáia), Estado do Rio de Janeiro (Silvestre e Realengo), Estado do Espírito Santo (Colatina).

TIPO: ♂ e ♀, na coleção ROEWER.

Gonyleptes crassus Mello-Leitão.

Gonyleptes crassus Mello-Leitão, 1944, An. Acad. Bras. Cien., 16 (1) : 19.

HABITAT: Brasil, Rio de Janeiro.

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que está depositado.

Gonyleptes curvicornis Mello-Leitão.

Gonyleptes curvicornis Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 292, 305, fig. 166.

HABITAT: Brasil, Itatiaia.

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde deveria estar depositado, segundo a diagnose original.

Gonyleptes curvipes C. L. Koch.

Gonyleptes curvipes C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 36, fig. 555 (♂); Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 4, 14 : 603; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 226, 231, fig. 96; Roewer, 1923, W. : 484, 486, fig. 610; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 141, 189; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 297, fig. 154.

Gonyleptes horridus Bertkau, 1880, nec Kirby, 1818, Mém. Cour. Ac. Belgique. 43 (2) : 100.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Tijuca), Estado de São Paulo (São Paulo).

TIPO: ♂, no Museu de Viena.

Gonyleptes eneodon Mello-Leitão.

Gonyleptes eneodon Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 133, fig. 6; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 356.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 11.379, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gonyleptes espiritosantensis Soares.

Gonyleptes espiritosantensis Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 145, 146, fig. 2, 3; Soares 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 499.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chaves — Município de Santa Leopoldina).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.392 C.270, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonyleptes fragilis Mello-Leitão.

Gonyleptes fragilis Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 141; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365, 371; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 296, fig. 151; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 55 (= *Gonyleptes perlatus* Piza, 1938); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16) : 221; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 281; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 233; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 500.

Gonyleptes perlatus Piza, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3 — 4) : 135, Est. 4, fig. A; Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 49, fig. 7.

Gonyleptes flavipes Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 189 (chave).

Weyhia curvicornis Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, 1913 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 137.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, (Alto da Serra, Barra do Ribeira de Iguape, Praia Grande, Poço Grande, Raiz da Serra).

TIPO: ♀, n.º E.108 C.56, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Na coleção PIZA há dois machos que são os tipos de *Gonyleptes perlatus* Piza, 1938, bem como uma fêmea, alótipo desta suposta espécie.

Gonyleptes gertschi Soares et Soares

Gonyleptes gertschi Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 1, 4, figs. 1 e 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro, Distrito Federal (Tijuca).

HOLÓTIPO ♂, ALÓTIPO ♀ e PARÁTIPOS (♂ e 2 ♀♀), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonyleptes granulatus (Piza).

Melloleitaniella granulata Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 61, fig. 8.

Gonyleptes granulatus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 247; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 234; Soares, 1946, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (13) : 501.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Itatiba, Mogí das Cruzes, Serra da Cantareira).

TIPO: ♂, n.º 1.002, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; ALÓTIPO ♀, n.º E.273 C.150, no mesmo Departamento.

Gonyleptes guttatus Roewer.

Gonyleptes guttatus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 125, fig. 25; Roewer, 1923, W. : 484, 489, fig. 614; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 301, fig. 161.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que se acha depositado.

Gonyleptes horridus Kirby.

Gonyleptes horridus Kirby, 1818, Tr. Linn. Soc. London, 12 : 452 (♂), pr. 22, fig. 16; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 112; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., 14 : 603; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammerl. (Gonyl.), p. 30 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 226, 227, fig. 94; Roewer, 1923, W. : 484, fig. 608; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 142, 189 (pars); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365, 366 (pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 289, 292, fig. 145; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 2 (Sep.); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 145; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 173 (= *Gonyleptes lacrimosus* Mello-Leitão, 1932); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 6 (17) : 194; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 223; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 234; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 5 (28) : 271; Soares, 1945, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (9) : 356; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 1.

Gonyleptes lacrimosus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 294, fig. 148.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis, Tijuca, Jacarepaguá, Realengo, Bico do Papagaio, Mendes, Serra de Bangú, Reprêsa dos Ciganos, Caixa d'Água Camorim, Iguacú Velho, Grajaú), Estado de São Paulo (São Paulo), Estado do Espírito Santo (Chaves — Município de Santa Leopoldina); Surinam; Guiana Francesa. É espécie muito comum no Rio de Janeiro e em São Paulo.

TIPO: ♂, no Museu Britânico. No Museu Nacional há três machos, tipos de *Gonyleptes lacrimosus* Mello-Leitão, 1932.

Gonyleptes lanei Piza.

Gonyleptes lanei Piza, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3—4) : 136, Est. 4, fig. B, C.

Gonyleptes pectinatus Mello-Leitão, 1923, nec Koch, 1845, Arq. Mus. Nac., 24 : 143.

Gonyleptes sp. Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 497.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Linha Santos-Juquiá), Estado do Rio de Janeiro (Serra de Macaé).

TIPOS: 1 ♂ e 4 ♀♀, na coleção PIZA.

Gonyleptes metropolitanum (Mello-Leitão).

Metagoniosoma metropolitanum Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 310 (fig. 169), 480; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro).

TIPO: ♂, n.º 1.498, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gonyleptes paucigranulatus Mello-Leitão.

Gonyleptes paucigranulatus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 143, 189; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365, 371; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPO: ♂, n.º 1.457, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gonyleptes parcigranulatus, n. n.

Gonyleptes paucigranulatus Mello-Leitão, 1932, nec *Gonyleptes paucigranulatus* Mello-Leitão, 1923, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 293 (fig. 146), 479.

HABITAT: Itatiaia.

TIPO: ♀, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde deveria estar depositado, segundo a diagnose original.

Gonyleptes pectinatus C. L. Koch.

Gonyleptes pectinatus C. L. Koch, 1845, Arach., 12 : 22, fig. 971; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 113; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 235, fig. 98; Roewer, 1923, W. : 484, 487, fig. 612; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 143, 189 (pars); Bristowe, 1925, Trans. Ent. Soc. London, 1924 : 502, est. 48, fig. 9; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 367 (pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 300, fig. 158, 159; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

HABITAT: Brasil (Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais — Itatiaia).

TIPO: ♂, no Museu de Berlim.

Gonyleptes pectinipes Roewer.

Gonyleptes pectinipes Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 128, fig. 27; Roewer, 1923, W. : 484, 490; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 367; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 302, fig. 161.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos), Estado do Rio de Janeiro (Tijuca).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gonyleptes pseudogranulatus Soares et Soares.

Gonyleptes pseudogranulatus Soares et Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (16) : 213, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Fazenda Matão — Serra Negra).

TIPO: ♂, n.º E.646 C.948, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Gonyleptes pugilator* Mello-Leitão.**

Gonyleptes pugilator Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 297, 303, fig. 163; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (20) : 222.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado, segundo a diagnose original.

***Gonyleptes pustulatus* Soerensen.**

Gonyleptes pustulatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 603; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 227, 237; Roewer, 1923, W. : 484, 487; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 144, 189; Roewer, 1930 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 367; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 302.

HABITAT: Brasil.

TIPO: ♂, no Museu de Copenhagen.

***Gonyleptes pseudoguttatus* Giltay.**

Gonyleptes pseudoguttatus Giltay, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belgique, 68 : 34; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 372, fig. 8; Mello-Leitão, 1932 Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 292, 306.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Itatiaia).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Bruxelas.

***Gonyleptes recentissimus* Mello-Leitão.**

Gonyleptes recentissimus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 292, 304 (fig. 165), 480.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Gonyleptes saprophilus* Mello-Leitão.**

Gonyleptes saprophilus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 335; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 144 (fig. 18), 190; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 366, 369, fig. 6; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 299, fig. 156; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 176 (= *Gonyleptes itatiaiae* Mello-Leitão, 1932); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 357.

Gonyleptes itatiaiae Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 300 (fig. 157), 479.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Itatiaia).

TIPOS: ♂ ♂, n.º 1.466, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Há neste Museu espécimes determinados como *Gonyleptes itatiaiae* com os numeros 1.472 e 1.458.

***Gonyleptes ubatubae* Soares.**

Gonyleptes ubatubae Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1—2) : 88, fig. 4, 5.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ubatuba).

HOLÓTIPO ♂ e **ALÓTIPO** ♀, n.º E.564 C.732, e E.563 C.757, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Gonyleptes vatus* Berktau.**

Gonyleptes vatus Berktau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 95, pr. 2, fig. 35; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 227, 233, fig. 97; Roewer, 1923,

W. : 484, 487, fig. 611; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 145, 189; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 365; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 290, 294, fig. 149.

HABITAT: Brasil (São João del Rei ou Terezópolis).

TIPO: ♂, no Museu de Bruxelas.

Gonyleptes viridisagittatus Soares et Soares.

Gonyleptes viridisagittatus Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (31) : 287, fig. 1, 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos de Jordão).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero GONYPERNOIDES Mello-Leitão.

Gonypernoides Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 459, 465; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Gonypernoides fragilis* Mello-Leitão, 1932, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Áreas I e II do escudo abdominal com dois tubérculos, III com dois espinhos; área IV e tergitos livres I e II com um tubérculo mediano, tergito livre III com alto espinho dirigido para trás. Placa anal dorsal com um espinho. Áreas I a III divididas por um sulco longitudinal mediano. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Gonypernoides damicoi Soares et Soares.

Gonypernoides damicoi Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 5 (27) : 254, 255, fig. 2, 3, 4.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Francisco Xavier — Serra da Mantiqueira).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.613 C.824, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gonypernoides fragilis Mello-Leitão.

Gonypernoides fragilis Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 465, fig. 14; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358.

HABITAT: Brasil, Itatiaia.

TIPO: ♀, n.º 1.503, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero GUASCALEPTES Mello-Leitão.

Guascaleptes Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 137; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Guascaleptes indivisus* Mello-Leitão, 1933, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Não há sulco de separação entre o cefalotórax e o escudo abdominal nem entre as áreas I a III, não existindo igualmente o sulco mediano da área I. Área III com dois tubérculos; área IV com um tubérculo mediano; tergitos livres I, II e III com um tubérculo pontudo (♂) ou espinho (♀). Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos (os três basais mais dilatados no macho), os outros de mais de 6.

Guascaleptes indivisus Mello-Leitão.

Guascaleptes indivisus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 133, fig. 4; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul.

TIPO: ♂, n.º 26.918, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **HANSENIELLA** Mello-Leitão.

Hanseniella Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 18; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 421; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 312; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

Friburgoia Mello-Leitão, 1932, Bol. Mus. Nac., 8 : 72; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Hanseniella perditia* Mello-Leitão, 1927, por monotipia.

Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Área I do escudo abdominal com dois tubérculos; áreas II e III com dois tubérculos ou espinhos. Área IV e tergito livre I inermes; tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Hanseniella impar (Mello-Leitão).

Friburgoia impar Mello-Leitão, 1932, Bol. Mus. Nac., 8 : 72; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Friburgo).

TIPO: ♀, n.º 16.134, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Hanseniella maxima (Roewer), comb. n.

Acrogonyleptes maximus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 391, fig. 18; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 317, 318; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba).

TIPO: ♂, n.º 1.331/19, na coleção ROEWER.

Hanseniella perditia Mello-Leitão.

Hanseniella perditia Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 18; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 421; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 313, fig. 195.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPO: ♀, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde deveria estar depositado, segundo a indicação do autor da espécie, em 1932.

Gênero **HAVERSIA** Roewer.

Haversia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 170; Roewer, 1923, W. : 464, 465; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 24; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 237, 458; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Gonyleptes defensus* Butler, 1876, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6.

Haversia defensa (Butler).

Gonyleptes defensus Butler, 1876, J. Linn. Soc., 12 : 152, pr. 8, fig. 4.

Haversia defensa, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 171, fig. 72; Roewer, 1923, W. : 465, fig. 583.

HABITAT: Ilhas Falkland.

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Britânico.

Gênero **HELIELLA** Soares.

Heliella Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (29) : 277.

TIPO: *Heliella singularis* Soares, 1945, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV inermes, área III com dois espinhos. Tergitos livres I e III inermes, II com um espinho mediano, muito mais robusto no macho. Opérculo anal dorsal e ventral inermes. Área I inteira. Fêmur dos palpos inermes. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Heliella singularis Soares.

Heliella singularis Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (29) : 278, fig. 1; Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric. Piracicaba, 20 (9 — 12) : 366, 369, fig. 1; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 8 (21) : 250.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Ipiranga, Banhado — Piraquara).

HOLÓTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Paranaense. PARÁTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (n.º E.642 C.942).

Gênero **HERNANDRIA** Banks.

Hernandria Banks, 1909, Proc. Acad. Philad., p. 230; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 461, 463; Roewer, 1923, W. : 582, 583; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 159; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 130; Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340 : 13.

Parahernandria Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340 : 14.

TIPO: *Hernandria spinosa* Banks, 1909.

Cômodo ocular com dois espinhos. Escudo dorsal com 4 áreas. Área I inteira ou dividida ao meio por um sulco longitudinal mediano. Áreas I e II com dois tubérculos, área III com dois espinhos ou tubérculos. Área IV e tergitos livres I e III inermes. Tergito livre II com um espinho mediano. Ancas IV dilatadas lateralmente. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos. Garras lisas. Tarsos sem escópula.

Hernandria spinosa Banks.

Hernandria spinosa Banks, 1909, Proc. Acad. Philad., p. 230; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 463; Roewer, 1923, W. : 583; Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340 : 13, figs. 34-35.

HABITAT: Costa Rica (Santa Maria Dota).

TIPO: no Museum of Comparative Zoology, Cambridge, Massachusetts.

Hernandria ventralis Banks.

Hernandria ventralis Banks, 1914, Proc. Acad. Philad., 65 : 680; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 163.

Parahernandria ventralis, Goodnight e Goodnight, 1947, Amer. Mus. Nov., 1340 : 14, figs. 36-37.

HABITAT: Costa Rica (Santa Maria Dota).

TIPO: ♀, no Museum of Comparative Zoology, Cambridge, Massachusetts.

Gênero **HETEROGONYLEPTES** Roewer.

Heterogonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 179; Roewer, 1923, W. : 464, 467; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 25 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver.

Brem., 27 (3) : 344, 349; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 312; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Eusarcus muticus* Perty, 1832, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos; área IV, tergitos livres I e III e placa anal dorsal inermes; tergito livre II com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Heterogonyleptes muticus (Perty).

Eusarcus muticus Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 203, n.º 4.

Gonyleptes muticus, C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 41, fig. 557; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 114; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 606.

Eusarcus muticus, Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 113.

Heterogonyleptes muticus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 180; Roewer, 1923, W. : 468; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134, 187; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 312.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia.

TIPO: ♀, no Museu de München.

Gênero HOGGELLULA Roewer.

Hoggellula Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 397; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 245; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPOS: *Sadocus vallentini* Hogg, 1913, por designação original.

Cômodo ocular inermes. Áreas I, II e IV do escudo dorsal e tergitos livres inermes, áreas III com um par de tubérculos, opérculo anal com um tubérculo (♂) ou com um espinho (♀) mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos; II de mais de 6, III e IV de 6.

Hoggellula vallentini (Hogg).

Sadocus vallentini Hogg, 1913, Proc. Zool. Soc. London, p. 48, pr. 2, fig. 7 — 7 c.

Hoggellula vallentini, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 397, fig. 22;

Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30 B (10) : 2.

HABITAT: Ilhas Falkland.

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.299-1.304, no Museu Britânico.

Gênero HOLOVERSIA Mello-Leitão.

Holoversia Mello-Leitão, 1940, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 1 : 41.

TIPO: *Holoversia nigra* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área I inteira. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos anteriores de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Holoversia nigra Mello-Leitão.

Holoversia nigra Mello-Leitão, 1940, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 1 : 41; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Serra do Cipó).

TIPO: ♂, n.º 238, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **HUASAMPILLIA** Roewer.

Huasampillia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 172; Roewer, 1923, W. : 464, 465; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 25 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 245; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

Lucma Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 394; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 245; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Gonyleptes* *terribilis* Butler, 1876, por monotipia.

Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I, II e IV, tergitos livres e placa anal dorsal inermes; área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 5 segmentos, II de 6 ou mais de 6, III e IV de 6.

Huasampillia albipustulata Roewer.

Huasampillia albipustulata Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 38, est. 4, fig. 40.

HABITAT: Perú.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5842/51.

Huasampillia scotia (Chamberlin).

Gonyleptes *scotia* Chamberlin, 1916, Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard, 60 (6) : 186, pr. 3, fig. 6 — 8, pr. 4, fig. 1 — 2.

Lucma *scotia*, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 394, fig. 19 — 21.

HABITAT: Perú (Lucma — 7.000 pés).

TIPO: ♂, n.º 129, no Mus. Comp. Zool. Harvard; parátipos (2 ♂ ♂), n.º 130, no mesmo Museu.

Huasampillia terribilis (Butler).

Gonyleptes *terribilis* Butler, 1876, J. Linn. Soc., 12 : 151, pr. 8, fig. 1.

Huasampillia terribilis, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 173, fig. 72; Roewer, 1923, W. : 466, fig. 584.

HABITAT: Perú (Huasampilla).

TIPO: ♂, no Museu Britânico.

Gênero **ILHAIA** Roewer.

Ilhaia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 221; Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 334; Roewer, 1923, W. : 464, 482; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 29 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 362; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 345; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 401; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 56 (= *Eduardoius* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 175 (= *Penygorna* Mello-Leitão, 1936); Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 73, 75 (= *Arleius* Mello-Leitão, 1935 = *Ziltaia* Mello-Leitão, 1936).

Eduardoius Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2) : 94; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 343; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

Penygorna Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 30 (Sep.); Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 286; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 22.

Arleius Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 22, 105.

Ziltuia Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 27 (Sep.)

TIPO: *Ilhaia cuspidata* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos; área IV com dois tubérculos ou espinhos ou com um espinho mediano; tergito livre I com armação par ou impar, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Placa anal dorsal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Ilhaia bimaculata* (Mello-Leitão).**

Penygorna bimaculata Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 286, fig. 8.

Arleius bimaculatus, Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 232.

Ilhaia bimaculata, Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 76.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Colônia).

TIPO: n.º 71, no Instituto Butantã.

***Ilhaia cuspidata* Roewer.**

Ilhaia cuspidata Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 221, fig. 92; Roewer, 1923, W. : 483, fig. 606; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 363; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 346, 347, fig. 221; Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1) : 2; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 55 (= *Ilhaia fluminensis* Mello-Leitão, 1922); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16) : 221; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (21) : 312; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 171 (= *Eduardoius granulatus* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 502; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 76; Soares e Soares, 1948, Com. Zool., Mus. Montevideo, 2 (47) : 2.

Ilhaia fluminensis Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 334; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 363, fig. 4; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 346, fig. 220.

Eduardoius granulatus Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2) : 95; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 344.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Ilha Grande, Pinheiro, Itatiaia — Fazenda Penedo), Estado de São Paulo (Piquete, Boracéia, Alto da Serra).

TIPO: ♂ na coleção ROEWER. No Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, com o n.º 503, estão os tipos de *Ilhaia fluminensis* Mello-Leitão, 1922. No Museu Nacional do Rio de Janeiro está depositado o tipo de *Ilhaia granulosa* (Mello-Leitão, 1931).

***Ilhaia fidelis* (Mello-Leitão).**

Eduardoius fidelis Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2) : 95; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 344; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358.

Ilhaia fidelis, Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 76.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro).

TIPO: ♀, n.º 1.408, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Ihaia incisa* (Mello-Leitão).**

Arleius incisus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 22, fig. 15; Soares, 1945, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (9) : 353.

Ihaia incisa, Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 76.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Gávea, Bico do Papagaio).

TIPO: ♂, n.º 41.759, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Ihaia intermedia* Mello-Leitão.**

Ihaia intermedia Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 401, fig. 25; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) 107; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 175 (= *Penygorna infuscata* Mello-Leitão, 1936); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 234; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 77.

Penygorna infuscata Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 31, fig. 26 (Sep.).

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Viçosa).

TIPO: ♂, n.º 46, no Instituto Butantã. No Museu Nacional do Rio de Janeiro estão depositados os tipos de *Penygorna infuscata* Mello-Leitão, 1936, sob n.º 42.695 (♂ e ♀).

***Ihaia lucida* (Mello-Leitão).**

Penygorna lucida Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 22, fig. 24.

Arleius lucidus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 177; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 222.

Ihaia lucida, Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 77.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Pôrto Alegre, São Francisco de Paula).

TIPOS: ♂ e ♀, não encontrados no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 56.301, segundo a diagnose original).

***Ihaia lutescens* (Roewer).**

Eduardoius lutescens Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 44, est. 5, fig. 48.

HABITAT: Brasil (Mendes).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5392/58.

***Ihaia meridionalis* Mello-Leitão.**

Ihaia meridionalis Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 417; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 363; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 346, 347 (fig. 222), 483; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 358; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 7 (4) : 77.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPO: ♀, n.º 1.474, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Ihaia nigrifemur* (Mello-Leitão).**

Ziltaia nigrifemur Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 27, fig. 23; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

Ihaia nigrifemur, Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (4) : 77; Soares, 1946, Rev. Brasil. Biol., 6 (3) : 385, 386, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis; Nova Friburgo).

TIPO: ♂, n.º 42.230, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Alótipo ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Ilhaia sulina Soares et Soares.

Ilhaia sulina Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 210, 215, figs. 2, 2-A e 3.

HABITAT: Florestal (Piraquara), Estado do Paraná.

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção HATSCHBACH.

Gênero **INHUMA** Piza.

Inhuma Piza, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3 — 4) : 136.

TIPO: *Inhuma pessoai* Piza, 1938, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I a III do escudo dorsal inermes, IV com robusta apófise mediana no macho e inerme na fêmea. Área I dividida longitudinalmente ao meio. Opérculo anal, tergitos e esternitos livres inermes. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos anteriores de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Porção terminal de todos os tarsos de 3 artículos.

Inhuma pessoai Piza.

Inhuma pessoai Piza, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3 — 4) : 137, fig. 1; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 3 (13) : 206; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 503.

HABITAT: Brasil, Estado de Goiás (Inhuma; Fazenda Monjolinho — Município de Corumbá).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º E.93 C.51, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **JUPUVURA** Mello-Leitão.

Jupuvura Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 15.

Mendesius Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 41.

TIPO: *Jupuvura virescens* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos. Sulcos I e II unidos por um sulco longitudinal mediano. Área I com dois tubérculos, III com dois espinhos, as outras áreas do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6 segmentos.

Jupuvura albipunctata (Roewer).

Mendesius albipunctatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 41, est. 5, fig. 45.

HABITAT: Brasil (Mendes).

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5389/47.

Jupuvura virescens Mello-Leitão.

Jupuvura virescens Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 16, fig. 12;

Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359.

HABITAT: Brasil (Jupuvura).

TIPO: ♂, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **LIOGONYLEPTOIDES** Mello-Leitão.

Progonyleptoides Mello-Leitão, 1922, nec *Progonyleptoides* Roewer, 1916, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 333; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 135.

Liogonyleptoides Mello-Leitão, 1925, Bol. Mus. Nac., 1 (6) : 455; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 27 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 410; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 238; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 36) : 292; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (11) : 193 (= *Anomaloleptes* Mello-Leitão, 1935).

Anomaloleptes Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 17, 103; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 13.

TIPO: *Progonyleptes inermis* Mello-Leitão, 1922, por designação original.

Cômodo ocular inerte ou com dois pequenos tubérculos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III inerte ou com dois pequenos tubérculos. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Liogonyleptoides capichaba Soares et Soares.

Liogonyleptoides capichaba Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (19) : 230, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Fazenda Nosso Senhor do Bonfim, Município de Santa Teresa, Distrito Tancredinho).

HOLÓTIPO ♀ e PARÁTIPO ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Liogonyleptoides curvifemur Roewer.

Liogonyleptoides curvifemur Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1—3) : 40, est. 5, fig. 42.

HABITAT: Brasil (Itatiáia: Agulhas Negras, 2900 metros).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5391/49.

Liogonyleptoides inermis (Mello-Leitão).

Progonyleptoides inermis Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 334; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 136, fig. 14.

Progonyleptoides cimex Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 136, 187.

Liogonyleptoides inermis, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 410, fig. 28; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 238; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (11) : 193 [= *Liogonyleptoides cimex* (Mello-Leitão, 1922) = *Liogonyleptoides calcaratus* Piza, 1936 = *Anomaloleptes singularis* Mello-Leitão, 1935]; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282; Soares, 1945, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s. 7 (3 — 4) : 9; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 223; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 234; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 503.

Liogonyleptoides cimex, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 410, 411; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 238, fig. 129; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 1936) : 292.

Anomaloleptes singularis Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 17, fig. 9.

Liogonyleptoides calcaratus Piza, 1936, Folia Clinica et Biologica, 8 (2) : 51, fig. 1, 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra, Piracicaba, Ilha das Fleas, Barretos, Corumbatai, Lusitânia, Guiana, Guapira, Cascalho, Guaianaz, São

Paulo — Vila Albertina, Funil, Silvânia, Rio Claro, Laranja Azêda, Anápolis), Estado de Santa Catarina (Mafra), Estado do Rio de Janeiro.

TIPOS: n.º 45, n.º 472 e n.º 489, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; n.º 4, no Instituto Butantã (tipos de *Anomaloleptes singularis* Mello-Leitão, 1936); na coleção PIZA (tipos de *Liogonyleptoides calcaratus* Piza, 1936).

Liogonyleptoides curticornis (Mello-Leitão).

Anomaloleptes curticornis Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 13, fig. 16.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ilha de São Sebastião).

TIPO: ♂, não encontrado no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde estaria depositado segundo a diagnose original (Museu Paulista).

Gênero **MELLOA** Roewer.

Melloa Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 407; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 246; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Heterogonyleptes incertus* Mello-Leitão, 1928, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Área III do escudo dorsal com dois tubérculos; I, II e IV e tergitos livres I e III inermes; tergito livre II e placa anal dorsal com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Melloa incerta (Mello-Leitão).

Heterogonyleptes incertus Mello-Leitão, 1928, Bol. Mus. Nac., 4 (2) : 12, fig. 4, 5.

Melloa incerta, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 408, fig. 27; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 246, fig. 182, 183; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359.

HABITAT: Brasil, Estado de Pernambuco (Tapera).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPOS (2 ♂♂ e 1 ♀) na coleção ROEWER, n.º 948/6.

Gênero **MELLOLEITANIANA** Soares.

Melloleitania Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3 : 207; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 215.

TIPO: *Melloleitania curitibae* Soares, 1943, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I inteira, não dividida por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II e IV do escudo dorsal com dois tubérculos, os da área IV menores. Área III com um tubérculo mamilar mediano, dando idéia de que é formado por dois tubérculos geminados. Tergito livre I inermes, II e III com um tubérculo mediano. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de mais de 6.

Melloleitania curitibae Soares.

Melloleitania curitibae Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3 : 206, 207, fig. 2; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192, 195; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 209, 215, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba, Volta Grande, Marumbí).

HÓLOTIPO ♂ e ALÓTIPO ♀, no Museu Paranaense.

Melloleitania pectinifemur Soares et Soares.

Melloleitania pectinifemur Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 250, 253, figs. 2 e 3.

HABITAT: Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil.

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção GOFFERJÉ.

Melloleitania rioldariensis Soares et Soares.

Melloleitania rioldariensis Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba, 20 (9—12) : 366, 370, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Rio D'Areia).

TIPO: ♂, no Museu Paranaense.

Gênero **METAGONYLEPTES** Roewer.

Metagonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 207; Roewer, 1923, W. : 464, 478; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 28 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 359; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 330; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 8 (1933—34) : 416; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 272 (= *Geogonys* Mello-Leitão, 1937).

Geogonys Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 : 292.

TIPO: *Gonyleptes carinatus* Soerensen, 1884, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, IV inerme. Tergitos livres I, II e III com um tubérculo ou espinho mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Metagonyleptes armatifrons Roewer.

Metagonyleptes armatifrons Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 135, fig. 31; Roewer, 1923, W. : 478, 481, fig. 605; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 360; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 334, fig. 211.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Metagonyleptes calcar Roewer.

Metagonyleptes calcar Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 208, 215, fig. 90; Roewer, 1923, W. : 478, 480, fig. 603; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 360; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 331, fig. 207.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia.

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Metagonyleptes carinatus (Soerensen).

Gonyleptes carinatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 607.

Metagonyleptes carinatus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (14) : 208, 209; Roewer, 1923, W. : 478; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 360; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 331.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Copenhagen.

Metagonyleptes curvispinosus (Mello-Leitão).

Nygoleptes curvispinosus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 389, fig. 17;
Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107.

Metagonyleptes curvispinosus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 267; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 236; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Lagoa, Lagoa Santa).

TIPOS: 2 ♂ e 1 ♀, n.º 30, no Instituto Butantã. PARÁTIPO n.º 42.480, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Metagonyleptes grandis Roewer.

Metagonyleptes grandis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 208, 210, fig. 87; Roewer, 1923, W. : 478, fig. 600; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 402; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 360, 361; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 332, fig. 208; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 359.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio Grande do Sul (Santa Cruz, Lages), Estado de Santa Catarina.

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Hamburgo e na coleção ROEWER.

Metagonyleptes hamatus Roewer.

Metagonyleptes hamatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 208, 213, fig. 89; Roewer, 1923, W. : 478, 480, fig. 602; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 360; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 333, fig. 210.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♂, no coleção ROEWER.

Metagonyleptes incertus (Mello-Leitão).

Geraecormobius incertus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 17, fig. 20.

Metagonyleptes incertus, Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (24) : 223, 224, fig. 1; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 360.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba; Jussara — Angra dos Reis).

TIPO: ♂, n.º 184, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO ♀, neste mesmo Museu.

Metagonyleptes mamillatus Soares.

Metagonyleptes mamillatus Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282, 293, fig. 5; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 504.

Currala luteolimbata Piza, 1946, Anais Esc. Sup. Agr. "Luiz de Queiroz", 3 : 366, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra — Paranapiacaba).

TIPO: ♂, n.º E.555 C.704, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; ALÓTIPO ♀, na coleção PIZA (tipo de *Currala luteolimbata*).

Metagonyleptes misandrus Mello-Leitão.

Metagonyleptes misandrus Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933 — 1934) : 416, fig. 7; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 236; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 360.

HABITAT: não há indicação da procedência do tipo. No Museu Nacional há um exemplar procedente de São Paulo.

TIPO: ♀, n.º 12, no Instituto Butantã.

Metagonyleptes pallidipalpis (Mello-Leitão).

Geogonys pallidipalpis Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 1936) : 292, fig. 3.

Metagonyleptes pallidipalpis, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo 4 (17) : 272; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 236.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (S. Leopoldo).

TIPO: ♂, no Instituto Butantã (n.º 37).

Metagonyleptes pectiniger Roewer.

Metagonyleptes pectiniger Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 208, 212, fig. 88; Roewer, 1923, W. : 478, 479, fig. 601; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brém., 27 (3) : 360, 361; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 335, fig. 213.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Metagonyleptes pygoplus Mello-Leitão.

Metagonyleptes pygoplus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 334, (fig 212), 482.

HABITAT: Brasil, Rio de Janeiro.

TIPO: ♀, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado, segundo a diagnose original.

Metagonyleptes serratus Roewer.

Metagonyleptes serratus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 208, 217, fig. 91; Roewer, 1923, W. : 478, 481, fig. 604; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 138, 188; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brém., 27 (3) : 360; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 333, fig. 209.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♂ e ♀, na coleção ROEWER.

Metagonyleptes torulosus Roewer.

Metagonyleptes torulosus Roewer, 1930 Abh. Nat. Ver. Brém., 27 (3) : 360, 361, fig. 3; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 336.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 1.329/17, na coleção ROEWER.

Gênero METAGONYLEPTOIDES Mello-Leitão.

Metagonyleptoides Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 145; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brém., 27 (3) : 348, 429; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 250; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 255 (= *Moojenia* Mello-Leitão, 1935 = *Anisoleptes* Piza, 1940); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 173 (= *Kainganga* Mello-Leitão, 1933).

Moojenia Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 383; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103; Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14 — 17 (1938 — 1941) : 9.

Anisoleptes Piza, 1940, Arq. Zool., Est. São Paulo, 1 : 61; Piza, 1940, Revista de Agricultura, Piracicaba, São Paulo, 15 (7—8) : 316.

Kainganga Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 143; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 407, 409 (= *Paragonyleptes* Roewer, 1913).

TIPO: *Metagonyleptoides anomalus* Mello-Leitão, 1923, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal e opérculo anal inermes, área III com dois tubérculos ou espinhos medianos. Tergitos livres no macho: I com um tubérculo mediano ou inermes, II e III com um tubérculo mediano. Tergitos livres na fêmea: I com um espinho mediano ou inermes, II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Metagonyleptoides anomalus Mello-Leitão.

Metagonyleptoides anomalus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 145, 190; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 429, fig. 36; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 250, fig. 206; Piza, 1940, Revista de Agricultura, Piracicaba, São Paulo, 15 (7—8) : 317; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 257; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 172 (= *Gonyleptes tijucanus* Mello-Leitão, 1932 = *Paragonyleptes luteispinis* Mello-Leitão, 1932 = *Kainganga flangei* Mello-Leitão, 1933); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17) : 195; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; Soares, 1945, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (9) : 360; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 2.

Gonyleptes tijucanus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 291, 301 (fig. 160), 480.

Paragonyleptes luteispinis Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 463 (fig. 15, 16), 481.

Kainganga flangei Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 144, fig. 9; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 : 11.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro — Tijuca, Grajaú, Jacarepaguá), Estado do Paraná (Cachoeirinha), Estado do Amazonas (São Paulo de Olivença).

TIPOS: ♀, n.º 1.494, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; n.º 1.489, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Gonyleptes tijucanus* Mello-Leitão, 1932); n.º 1.493, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipos de *Paragonyleptes luteispinis* Mello-Leitão, 1932); n.º 26.920, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Kainganga flangei* Mello-Leitão, 1933).

Metagonyleptoides bicalcaratus (Mello-Leitão).

Moojenia bicalcarata Mello-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14 — 17 (1938 — 1941) : 9, fig. 7.

Metagonyleptoides bicalcaratus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 257; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 144, 145; Soares, 1945, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (9) : 360; Soares, 1946, Arq. Zool., Est. São Paulo, 4 (13) : 505.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Colatina, rio São José).

TIPOS: n.º 58.209, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. É este o único material da espécie que existe no Museu Nacional, se bem que o seu número não corresponda ao da diagnose original.

Metagonyleptoides cupidensis Soares et Soares.

Metagonyleptoides cupidensis Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15) : 196, figs. 1, 1 A.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chapada de Cupido, Município de Linhares).

TIPO: ♀, n.º 2.913, na coleção OTTO SCHUBART.

Metagonyleptoides perlatus (Mello-Leitão).

Moojenia perlata Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 384, fig. 13.

Anisoleptes condecoratus Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 62, fig. 9, 10.

Metagonyleptoides condecoratus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 257.

Metagonyleptoides perlatus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 257, 271 (= *Anisoleptes condecoratus* Piza, 1940); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 145; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., 5 (25) : 236; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 360; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 505.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Viçosa; rio Matipoó), Estado do Espírito Santo (Chaves — Município de Santa Leopoldina).

TIPOS: ♂, n.º 42.361, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Os tipos de *Anisoleptes condecoratus* Piza, 1940, estão depositados no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, sob n.º 767.

Gênero MONOCERODYNUS Mello-Leitão.

Monocerodynus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool., Est. São Paulo, 1 : 12.

TIPO: *Monocerodynus variolosus* Mello-Leitão, 1940, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Sulcos I e II unidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II e IV e opérculo anal inermes. Área III e tergitos livres II e III com um espinho mediano, tergito livre I com um tubérculo mediano. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Monocerodynus variolosus Mello-Leitão.

Monocerodynus variolosus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 12, fig. 15; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 360.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Viçosa).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 58.042, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero NEOGONYLEPTES Roewer.

Neogonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 199; Roewer, 1923, W. : 464, 475; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 28 (Sep.) 5; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.a pte.) : 236, 342; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac. 36 (1934) : 105.

Neogonyleptoides Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 203; Roewer, 1923, W. : 464, 476; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 28 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.a pte.) : 236, 348; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., (1934) : 105.

TIPO: *Gonyleptes docilis* Butler, 1876, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal com dois tubérculos, área III com dois tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Neogonyleptes chilensis (Roewer).

Neogonyleptoides chilensis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 203, 205, fig. 85, 86; Roewer, 1923, W. : 476, 477, fig. 598, 599.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Neogonyleptes docilis (Butler).

Gonyleptes docilis Butler, 1876, J. Linn. Soc. London, 12 : 154, pr. 8, fig. 2, 2 a; Loman, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. 4, 2 : 3, pr. 1, fig. 1; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 24 (Sep.).

Neogonyleptes docilis, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 199, fig. 83; Roewer, 1923, W. : 475, fig. 596.

HABITAT: Chile (Corral, Concepcion, Puerto Montt).

TIPO: ♂, no Museu Britânico.

Neogonyleptes frontalis (Soerensen).

Gonyleptes frontalis Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 28 (Sep.).

Neogonyleptes frontalis, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 199, 210; Roewer, 1923, W. : 475, 476.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPO: ♀, no Museu de Copenhagen.

Neogonyleptes karschii (Soerensen).

Gonyleptes karschii Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammelr. (Gonyl.), p. 26 (Sep.).

Neogonyleptoides karschii, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 203, fig. 84; Roewer, 1923, W. : 476, fig. 597.

HABITAT: Chile (Puerto Montt).

TIPOS: 2 ♂ e 3 ♀, no Museu de Berlim.

Gênero **NEOSADOCUS** Mello-Leitão.

Neosadocus Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31, 54 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 411; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 348; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 243 (= *Bunoweyhia* Mello-Leitão, 1935 = *Polybunos* Piza, 1943); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 250 (= *Ilhania* Mello-Leitão, 1936).

Bunoweyhia Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 18, 104; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 390.

Polybunos Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 44.

Ilhania Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 14.

TIPO: *Sadocus bufo* Mello-Leitão, 1923, por designação original.

Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Área I com dois tubérculos, II com dois tubérculos ou espinhos, III com duas elevações muito granulosas no macho e com dois espinhos ou tubérculos na fêmea. Área IV inerte, com um par de tubérculos ou com um espinho. Tergito livre I inerte, com um tubérculo ou espinho ou com dois tubérculos ou dois espinhos. Tergito livre II inerte, com um ou com dois tubérculos ou espinhos. Tergito livre III inerte ou com um tubérculo ou espinho. Fêmur dos palpos inerte ou com pequeno espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Neosadocus bufo (Mello-Leitão).

Sadocus bufo Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 151, fig. 23.

Neosadocus bufo, Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31 (Sep.); Roewer, 1930 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 411, fig. 29; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 348, fig. 219; Soares, 1943, Arq. Mus. Paranaense, 3 : 205; Soares, 1944 (pars), Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 244 (= *Polybunus tuberculatus* Piza, 1943); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 251 (= *Ilhania robusta* Mello-Leitão, 1936); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (21) : 309; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192, 195; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 209, 217; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361; Soares e Soares, 1945, Revista de Agricultura, Piracicaba, 20 (9—12) : 366, 368; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 505; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102, 105; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (12) : 137; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 211; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 250.

Ilhania robusta Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3—4) : 14, fig. 11.

Polybunus tuberculatus Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 45, fig. 4.

Weyhia armata Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 137.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Poço Grande, Batea), Estado do Paraná (Antonina; Caiobá — Paranaguá; Barigui, Mercês, Pilarzinho — Curitiba; Vale do Ribeira — Paranai; Banhado — Piraguara; Florestal; Volta Grande; Marumbí).

TIPOS: 4 ♂♂, n.º 504, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; n.º 42.289, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipos de *Ilhania robusta* Mello-Leitão, 1936); n.º E.118 C.66, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (tipo de *Polybunus tuberculatus* Piza, 1943).

Neosadocus latus (Mello-Leitão).

Bunoweyhia lata Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 390, fig. 18; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107.

Neosadocus latus, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso (Lussanvira).

TIPO: ♂, n.º 42.364, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Neosadocus minor (Mello-Leitão).

Bunoweyhia minor Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 19, fig. 12, 12 a.

Neosadocus minor, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Paranapiacaba, Jupuruva).

TIPO: ♂, n.º 41.806, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Neosadocus variabilis (Mello-Leitão).

Bunoweyhia variabilis Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 18, fig. 10, 10 a; Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1) : 2; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16) : 222; Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1—2) : 89.

Neosadocus variabilis, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (21) : 309;

Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 5 (27) : 253;
Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361; Soares, 1946, Arq. Zool.
Est. São Paulo, 4 (13) : 506.

Sadocus bufo Mello-Leitão, 1923, (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 51.

Weyhia armata Mello-Leitão, 1923, nec Roewer, 1913 (pars), Arq. Mus. Nac.,
24 : 137.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape; Rio Iporanga; Ipo-
ranga; Alto da Serra; Boracéia — Município de Salesópolis; Ubatuba; Batea),
Estado do Paraná, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 41.803, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **NICTHEROYA** Mello-Leitão.

Nictheroya Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 19; Mello-Leitão, 1926,
Rev. Mus. Paul., 14 : 28 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27
(3) : 346, 419; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 349;
Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Nictheroya incerta* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo abdominal com dois
tubérculos, III com dois espinhos, IV e tergito livre I com quatro tubérculos, tergitos
livres II e III com um espinho mediano. Placa anal dorsal inerte. Fêmur dos
palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Nictheroya incerta* Mello-Leitão.**

Nictheroya incerta Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 19; Roewer, 1930,
Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 419; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul.,
17 (2a. pte.) : 350, fig. 218; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São
Paulo 6 (15) : 176; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

TIPO: ♀, n.º 1.398, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **OPISTHOPLITES** Soerensen.

Opisthoplites Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., 3, 14 : 615; Roewer, 1913,
Arch. Naturg., 79 A (4) : 170, 255; Roewer, 1923, W. : 464, 496; Mello-
Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 154; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul.,
14 : 32; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 382; Mello-
Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 239; Mello-Leitão, 1935,
Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Opisthoplites ypsilon* Soerensen, 1884.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I a IV do escudo
dorsal e tergito livre I inermes. Tergitos livres II e III com um espinho mediano.
Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os
tarsos de mais de 6 segmentos.

***Opisthoplites ypsilon* Soerensen.**

Opisthoplites ypsilon Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 615; Roewer,
1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 256; Roewer, 1923, W. : 496; Mello-Leitão,
1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 154, 191; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem.,
27 (3) : 382; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 239;
Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♀, no Museu de Copenhagen.

Gênero **ORGUESIA** Roewer.

Orguesia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 177; Roewer, 1923, W. : 464, 467; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 25 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 242; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Orguesia armata* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III com forte espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

***Orguesia armata* Roewer.**

Orguesia armata Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (14) : 177, fig. 75; Roewer, 1923, W. : 467, fig. 586; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134, 187; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 242, fig. 130.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Serra dos Órgãos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **PACHYLEPTES** Mello-Leitão.

Pachyleptes Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 458, 459, 478; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Pachyleptes tetracanthus* Mello-Leitão, 1932, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Fêmur dos palpos com uma fila de espinhos ventrais, mas sem espinho apical interno. Áreas I a IV do escudo abdominal, tergitos livres e opérculo inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Pachyleptes tetracanthus* Mello-Leitão.**

Pachyleptes tetracanthus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 459, fig. 13; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jacarepaguá).

TIPO: ♂, n.º 1.945, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PACHYLIBUNUS** Roewer.

Pachylibunus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 163, 183; Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 333; Roewer, 1923, W. : 464, 469; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134, 187; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 26 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 351; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 252; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Pachylibunus grandis* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I e II do escudo dorsal e opérculo anal inermes, áreas III e IV e tergitos livres com dois tubérculos ou espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Pachylibunus armatissimus* Roewer.**

Pachylibunus armatissimus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 130, fig. 28; Roewer, 1923, W. : 469, fig. 589; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 351; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 252, 253, fig. 204.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Pachylibunus gomesianus Mello-Leitão.

Pachylibunus gomesianus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 333; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 135, 187; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 351, 352; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 252, 254, fig. 205; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 361.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Ouro Preto).

TIPO: ♂, n.º 1.508, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Pachylibunus grandis Roewer.

Pachylibunus grandis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 184, fig. 77; Roewer, 1923, W. : 469, fig. 588; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134, 187; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 351; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 252, fig. 203.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Pachylibunus hamatus Roewer.

Pachylibunus hamatus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 352, fig. 1; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 252, 254.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Caraça).

TIPO: ♂, n.º 1.324/12, na coleção ROEWER.

Gênero **PARAGONYLEPTES** Roewer.

Paragonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 170, 240; Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 337; Roewer, 1923, W. : 464, 491; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 147, 190; Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93 : 183; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 30, 53 (Sep.); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 345; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 375; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 318, 463; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Piza, 1942, Rev. Brasil., Biol., 2 (4) : 408, 409 (= *Soerensenia* Mello-Leitão, 1926 = *Gonyleptilus* Roewer, 1927 = *Moreira* Roewer, 1930 = *Gonyperna* Roewer, 1930 = *Caldasiella* Mello-Leitão, 1931 = *Leptogonyys* Mello-Leitão, 1932 = *Kainganga* Mello-leitão, 1933 = *Kaingangoides* Piza, 1938); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 252 (= *Diplocaldasius* Mello-Leitão, 1924); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 166 (= *Costalimaiella* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364 (= *Acanthogonyleptes* Mello-Leitão, 1922).

Acanthogonyleptes Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 336; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 146; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 30 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 426; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 311; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Soares 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 54 (= *Nygoleptes* Mello-Leitão, 1931).

Nygoleptes Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 130; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 389.

Soerensenia Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31, 54; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 430; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 132; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 328; Mello-

- Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 407, 409.
- Gonyleptilus* Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 345; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 435; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 339; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 400; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 406, 409.
- Moreira* Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 341; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 325; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 145; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 406, 409.
- Gonyperna* Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 437; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 337, 459; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 146; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 404, 409.
- Caldasiella* Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 129; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 144; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3) : 350; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 407, 409.
- Leptogonyys* Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 464, 481; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 409.
- Kaingangoides* Piza, 1938, Folia Clinica et Biologica, 10 (4) : 119; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 408, 409.
- Diplocaldasius* Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933 — 1934) : 414.
- Paranastus* Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 44.
- TIPO: *Gonyleptes bicuspидatus* C. L. Koch, 1839, por designação original.
- Escudo dorsal com quatro sulcos, dos quais os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal mediano. Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois tubérculos ou espinhos, IV inerme, com um tubérculo mediano ou com uma apófise mediana. Tergito livre I com um tubérculo mediano, com um espinho ou inerme. Tergitos livres II e III com um tubérculo ou espinho mediano. Opérculo anal inerme. Fêmur dos palpos com um ou dois espinhos apicais internos. Tarsos I de 5 ou 6 segmentos, os outros de mais de 6.
- Paragonyleptes albicirculatus** (Roewer).
- Moreira albicirculata* Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 44, est. 5 fig. 47.
- HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).
- TIPOS: 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6427/60.
- Paragonyleptes alticola** Mello-Leitão.
- Paragonyleptes alticola* Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 337; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 147; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 413; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 171 (= *Soerensenia transfasciata* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.
- Moreira alticola*, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 432; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 325, 326, fig. 192; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 145, fig. 11.
- Soerensenia transfasciata* Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 132; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.
- Paragonyleptes transfaciatus*, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 414.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPOS: ♂, n.º 18.206, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♂ e ♀, n.º 27.172, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (ANDRÓTIPOS); ♀, n.º 11.385, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Soerensenia transfasciata* Mello-Leitão, 1931).

Paragonyleptes antiquus (Mello-Leitão).

Gonyleptes antiquus Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 9 (1933 — 1934) : 415, fig. 6; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 53 (= *Anoploleptes dubium* Piza, 1940).

Anoploleptes dubium Piza, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 56, fig. 4.

Paragonyleptes antiquus, Soares, 1945, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, 7 (3 — 4) : 9, 11, fig. 1; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 237; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 507.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Anápolis; Poço Grande).

TIPO: ♂, n.º 11, no Instituto Butantã; n.º 401, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (tipo de *Anoploleptes diu bium* Piza, 1940); ♀ (ALÓTIPO), na coleção OTTO SCHUBART.

Paragonyleptes asperulus (Roewer).

Moreira asperula Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 432, 433, fig. 38; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 326.

Paragonyleptes asperulus, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 414.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Caraça, Caldas).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 7.922, no Museu de Paris (coleção SIMON). PARÁTIPOS ♂ e ♀, n.º 1.337/25, na coleção ROEWER.

Paragonyleptes auricola Mello-Leitão.

Paragonyleptes auricola Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93 : 183, fig. 4; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 53 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 375, 378, fig. 11; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 104; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 320, fig. 189; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 413; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Morro Velho).

TIPO: ♀, n.º 1.491 ou 1.515, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Paragonyleptes bicuspidatus (C. L. Koch).

Gonyleptes bicuspidatus C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 39, fig. 556; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 114; Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 98; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 602.

Paragonyleptes bicuspidatus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 241, fig. 100; Roewer, 1923, W. : 491, fig. 617; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 148; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 375, 376; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 320, fig. 188; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro — Tijuca).

TIPO: ♀, no Museu de Viena. No Museu de Copenhagen há dois machos e três fêmeas determinadas por SOERENSEN. No Museu de Berlim há uma determinada por SOERENSEN. ROEWER possui um macho em sua coleção.

Paragonyleptes bimaculatus (Soerensen).

Gonyleptes bimaculatus Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 605.

Paragonyleptes binaculatus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 241, 243; Roewer, 1923, W. : 491; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 149, 190; Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 345; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 375, 376; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 322; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 413; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis), Estado de Mato Grosso.

TIPO: ♀, no Museu de Copenhagen.

Paragonyleptes calcaratus Roewer.

Paragonyleptes calcaratus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 376, 380, fig. 13; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 324; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 414; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro — Tijuca; Terezópolis).

TIPO: ♂, n.º 1.334/22, na coleção ROEWER.

Paragonyleptes curvispina (Mello-Leitão).

Gonyperna curvispina Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 146, fig. 12; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Paragonyleptes curvispina, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 415; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17) : 195; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362; Soares e Soares, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (12) : 138, 140, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Cachoeirinha), Estado de São Paulo (Monte Alegre — município de Amparo).

TIPO: ♂, n.º 26.919, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. ALÓTIPO ♀, na coleção Joram Leprevost. PARÁTIPOS (2 ♀ ♀), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Paragonyleptes divaricatus (Roewer).

Gonyperna divaricata Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 437, fig. 40, pr. 7, fig. 8; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 338.

Paragonyleptes divaricatus, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 414; Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba), Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.339/27, na coleção ROEWER.

Paragonyleptes dubius Mello-Leitão.

Paragonyleptes dubius Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 322 (fig. 191), 481; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 414.

HABITAT: Brasil, Estado de Mato Grosso.

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado segundo a diagnose original.

Paragonyleptes editus (Roewer).

Paranastus editus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 45, est. 6, fi. 49.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5848/56.

Paragonyleptes fallax (Mello-Leitão).

Metagonyleptes fallax Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 330, 336 (fig. 214), 482.

Leptogonyx marmoratus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 464, 481.

Paragonyleptes marmoratus, Piza, Rev. Brasil. Biol., 2 (14) : 412, 414.

Paragonyleptes fallax, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 169 [= *Paragonyleptes marmoratus* (Mello-Leitão, 1932)]; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 362.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPOS: ♂, n.º 1. 517, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; 1 ♂ (exemplar sêco, de exposição, no Museu Nacional do Rio de Janeiro [tipo de *Paragonyleptes marmoratus* (Mello-Leitão, 1932)]).

Paragonyleptes frontalis (Roewer).

Moreira frontalis Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 432, 434, fig. 39; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 325, 327.

Paragonyleptes frontalis, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 414.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Matozinhos), Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 8.410 na coleção SIMON, no Museu de Paris. PARÁTIPOS (♂ e ♀), na coleção ROEWER, n.º 1.338/26.

Paragonyleptes fulvigranulatus Mello-Leitão.

Paragonyleptes fulvigranulatus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 339; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 149, fig. 21, 21 a; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 413; Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (11) : 195 [= *Paragonyleptes pardalis* (Piza, 1938)]; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 253 [= *Paragonyleptes pustulosus* (Mello-Leitão, 1939) = *Diplocaldasius pallidus* Mello-Leitão, 1934]; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 166 (= *Costalimaiella conspicua* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 237; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 252, 253; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 363; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 507.

Soerensenia fulvigranulata, Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 54 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 430, fig. 37; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 328, fig. 215.

Costalimaiella conspicua Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 136, fig. 18; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Diplocaldasius pallidus Mello-Leitão, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933 — 1934) : 415, fig. 5; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Kaingangoides pardalis Piza, 1938, Folia Clinica et Biologia, São Paulo, 10 (4) : 120, fig. 6.

Caldasiella pustulosa Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3) : 350, fig. 6.

Gonyperna incus Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 39, fig. 1; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 404.

Paragonyleptes pardalis Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 410, 411, 415 (= *Gonyperna incus* Piza, 1943).

Paragonyleptes pustulosus, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 415.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra; Campos de Itatiaia; Guarulhos; Campos do Jordão; Jaraguá), Estado do Rio de Janeiro (Itatiaia; Rio de Janeiro — Jacarepaguá), Estado de Goiaz.

TIPOS: 2 ♂♂, n.º 464, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; 1 ♂, n.º E.114 C.62, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (tipo de *Gonyperna incus* Piza, 1943); n.º 19.210, uma fêmea, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Costalimaiella conspicua* Mello-Leitão, 1931); 1 ♀, n.º 10, no Instituto Butantã (tipo de *Diplocaldasius pallidus* Mello-Leitão, 1934); 1 ♂, na coleção PIZA (tipo de *Kaingangoides pardalis* Piza, 1938). O tipo de *Caldasiella pustulosa* Mello-Leitão, 1939, não foi encontrado no Instituto Butantã, onde estaria depositado, segundo a diagnose original.

Paragonyleptes gonypernoides (Piza).

Gonyleptilus gonypernoides Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 48, fig. 6.

Paragonyleptes gonypernoides, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 415; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (18) : 205, fig. 2; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 238; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 252; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 508.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Serra da Bocaina; Campos do Jordão).

TIPO: ♂, n.º 803, e ALÓTIPO ♀, n.º E.582 C.774, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Paragonyleptes hamiferus (Mello-Leitão).

Gonyleptilus hamiferus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 400, fig. 24; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107.

Paragonyleptes hamiferus, Piza, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 415; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 238.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Cantareira).

TIPO: ♂, n.º 20, no Instituto Butantã.

Paragonyleptes mutilatus (Mello-Leitão).

Gonyperna mutilata Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 338, 339.

Paragonyleptes mutilatas, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 414.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião).

TIPO: ♀, sem indicação do lugar em que foi depositada.

Paragonyleptes niger (Mello-Leitão).

Caldasiella nigra Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 130, fig. 16; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Paragonyleptes nigrus, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 414; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 363.

HABITAT: Brasil (Itatiaia).

TIPO: ♀, n.º 18.205, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Paragonyleptes pictus Piza.

Caldasiella marmorata Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 144, fig. 10; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Paragonyleptes pictus Piza, 1942 (n. n.), Rev. Brasil., 2 (4) : 411, 414; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 363.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Paraopeba; Viçosa).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 26.921, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Paragonyleptes pulcher (Mello-Leitão).

Acanthogonyleptes pulcher Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 336; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 146 (fig. 19, 19 a), 190; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 426, fig. 35; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 311, fig. 181; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 54 (= *Nygoleptes ornatus* Mello-Leitão, 1931).

Nygoleptes ornatus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 131, fig. 5; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

Paragonyleptes pulcher, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 508.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra).

TIPOS: ♂♂, n.º 447 e 509, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; ♂, n.º 11.386, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Nygoleptes ornatus* Mello-Leitão, 1931).

Paragonyleptes pygoplus Roewer.

Paragonyleptes pygoplus Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 137, fig. 33; Roewer, 1923, W. : 491, 492, fig. 618; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 376; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 321, fig. 190; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol. 2 (4) : 411, 413, 415; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos; Cantareira).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Paragonyleptes serranus Soares.

Paragonyleptes serranus Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 196, 199, figs. 3 e 4; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 209; Soares e Soares, 1945, Rev. de Agric., Piracicaba, 20 (9—12) : 367; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 211; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 250.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Alto da Serra Graciosa; Volta Grande; Banhado — Piraquara; Marumbi; Ipiranga; Florestal; Gruta de Campinhos — Bocaiuva).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu Paranaense. PARÁTIPOS, ♂ e ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (n.º E.576 C.766 e n.º E.577 C.767).

Paragonyleptes simoni Roewer.

Paragonyleptes simoni Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 375, 379, fig. 12; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 324; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 414.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 5.321, no Museu de Paris (coleção SIMON). PARÁTIPOS (3 ♂♂ e 1 ♀), na coleção ROEWER, n.º 1.333/21.

Paragonyleptes soaresi Mello-Leitão.

Caldasiella anomala Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2 (1) : 2, 8, fig. 4.

Paragonyleptes anomalus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (7) : 274.

Paragonyleptes soaresi Mello-Leitão, 1944 (n. s.), Com. Zool. Mus. Montevideo, 1 (21) : 4; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 509.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Boracéia, município de Salesópolis).

Esta espécie é, muito provavelmente, sinônimo de *Paragonyleptes editus* (Roewer).

HOLÓTIPO ♂, n.º E.190 C.99, e **ALÓTIPO** ♀, n.º E.190 C.104, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Paragonyleptes triacanthus Mello-Leitão.

Paragonyleptes triacanthus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Hist., ser. 9, 9 : 339; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 150, fig. 22, 22 a; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 375, 376, fig. 10; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 319, 323, fig. 193; Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 412, 413; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 274; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 508.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Campos de Itatiaia) ou São Paulo (Poço Grande).

TIPO: ♂, n.º 513, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Paragonyleptes umbonatus (Roewer).

Gonyleptilus umbonatus Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 345, fig. 12, 13, 14; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 435, pr. 7, fig. 5, 6, 7; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 340, fig. 216.

Paragonyleptes umbonatus, Piza, 1942, Rev. Brasil. Biol., 2 (4) : 411, 413.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis; Nova Friburgo).

TIPOS: ♂ e ♀, no Senckenberg Mus. Frankfurt (a. M.). **PARÁTIPOS** neste mesmo Museu e na coleção ROEWER, n.º 257/1.

Gênero **PARAPROWEYHIA** Soares et Soares

Paraproweyhia Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (12) : 138.

Cômoro ocular com um espinho mediano. Tôdas as áreas do escudo dorsal com um par de pequenos tubérculos. Tergitos livres I a III com um espinho mediano. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de mais de 6. **GENÓTIPO:** *Paraproweyhia curitibae* Soares e Soares, 1947, por designação original.

Este gênero é mais afim de *Proweyhia* Mello-Leitão, 1927, de que difere por apresentar o cômoro ocular armado de um único espinho mediano (*Proweyhia* possui o cômoro ocular armado de dois espinhos geminados).

Paraproweyhia curitibae Soares et Soares.

Paraproweyhia curitibae Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (12) : 138, 139, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Curitiba).

TIPO: ♀, na coleção JORAM LEPREVOST.

Gênero **PEGADA** Roewer.

Pegada Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 420; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 269, 458; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Pegada oedipoda* Roewer, 1930, por monotipia.

Cômoro ocular com dois tubérculos. Área I do escudo dorsal com dois tubérculos, áreas II e IV, e tergito livre I inermes, área III com um par de elevações, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Pegada oedipoda Roewer.

Pegada oedipoda Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 420, fig. 33;
Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 269.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 1.330/18, na coleção ROEWER.

Gênero **PERTYANA** Mello-Leitão.

Pertyana Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 18; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem. 27 (3) : 347, 422; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 256; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Pertyana ronae* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I, II e III do escudo dorsal inermes ou as áreas II e III, no macho, com um par de tubérculos baixos, pouco nítidos. Área IV e tergitos livres com um tubérculo ou espinho mediano. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Pertyana ronae Mello-Leitão.

Pertyana ronae Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 18; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 422; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 104; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 257, fig. 217; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio Grande do Sul (Caxias).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.385, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **PROCTOBUNOIDES** Mello-Leitão.

Proctobunoides Mello-Leitão, 1944, An. Acad. Bras. Cien., 16 (1) : 20.

TIPO: *Proctobunoides tuberosus* Mello-Leitão, 1944, por designação original.

Cômoro ocular com dois tubérculos. Área I do escudo dorsal dividida por um sulco mediano. Áreas I a IV e tergitos livres I a III e opérculo anal com dois tubérculos arredondados. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Proctobunoides tuberosus Mello-Leitão.

Proctobunoides tuberosus Mello-Leitão, 1944, An. Acad. Bras. Cien., 16 (1) : 20.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Iguape).

TIPO: ♀, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero **PROGONYLEPTES** Roewer.

Progonyleptes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 186; Roewer, 1923, W. : 464, 470; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 27 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 353; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 233, 256; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 15.

TIPO: *Gonyleptes borellii* Soerensen, 1895, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I e IV do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, áreas II e III com dois tubérculos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Progonyleptes borellii (Soerensen).

Gonyleptes borellii Soerensen, 1894-95, Boll. Mus. Torino, 10 (210) : 3.

Progonyleptes borellii, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 185; Roewer, 1923, W. : 470; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 354; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

HABITAT: Paraguay e Argentina (Chaco).

TIPO: ♀, no Museu de Turim (provavelmente).

Progonyleptes marmoratus Mello-Leitão.

Progonyleptes marmoratus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 15, fig. 18.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Mayrink).

TIPO: ♂, não encontrado no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, onde estaria depositado, segundo a diagnose original.

Gênero **PROGONYLEPTOIDES** (Roewer)

Progonyleptoides Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 124; Roewer, 1923, W. : 464, 495; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 27 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 381; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 246; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 385; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

Huadquina Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 403; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 245; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

Paranabius Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 48.

TIPO: *Progonyleptoides spinifrons* Roewer, 1916, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal inermes, área III com dois espinhos. Tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5, 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Progonyleptoides castaneus (Roewer).

Paranabius castaneus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 48, est. 6, fig. 53.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná.

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5846/54.

Progonyleptoides huadquinae (Chamberlin).

Gonoleptes huadquinae Chamberlin, 1916, Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard, 60 (6) : 183, pr. 4, fig. 3 — 8.

Huadquina huadquinae, Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 403, fig. 25.

HABITAT: Perú — Huadquina (5.000 pés), San Miguel (6.000 pés).

TIPO: ♀, n.º 127, no Mus. Comp. Zool. Harvard. PARÁTIPO ♀, n.º 128, no mesmo Museu.

Progonyleptoides pustulosus Mello-Leitão.

Progonyleptoides pustulosus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 385, fig. 14; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Jussaral — Angra dos Reis).

TIPO: ♂, n.º 42.427, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Progonyleptoides spinifrons Roewer.

Progonyleptoides spinifrons Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 91, 124, fig. 24; Roewer, 1923, W. : 495, fig. 622; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 246, fig. 133.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Gênero **PROWEYHIA** Mello-Leitão.

Proweyhia Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 414; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 404; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 234, 279; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 165 (= *Metaxundarava* Mello-Leitão, 1927).

Metaxundarava Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 20; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 401; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 340; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Proweyhia una* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômoro ocular com dois espinhos geminados. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, área IV e tergitos livres inermes ou a área IV e os tergitos livres I e II com dois tubérculos, e o tergito livre III com três tubérculos pontudos ou espinhos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III de 6 ou mais de 6, II e IV de mais de 6.

Proweyhia heloisae H. Soares.

Proweyhia heloisae H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 210, 217, fig. 3; Soares e Soares, 1945, Rev. da Agric., Piracicaba, 20 (9 — 12) : 367, 369.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Barigui — Curitiba).

TIPO: ♂, Museu Paranaense.

Proweyhia una Mello-Leitão.

Proweyhia una Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 414; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 405; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 280, fig. 170; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 165 (= *Metaxundarava heterotypica* Mello-Leitão, 1927); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364.

Metaxundarava heterotypica Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 20; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 401; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 341.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Blumenau).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.468, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♂ e ♀, n.º 1.477, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipos de *Metaxundarava heterotypica* Mello-Leitão, 1927).

Gênero **QUIXABA** Mello-Leitão.

Quixaba Mello-Leitão, 1944, An. Acad. Bras. Cien., 16 (1) : 17.

TIPO: *Quixaba atrolutea* Mello-Leitão, 1944, por designação original.

Cômoro ocular com alto espinho mediano. Áreas I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos, a área I dividida por um sulco longitudinal mediano. Área IV, tergitos livres e opérculo anal dorsal inermes. Opérculo anal ventral com um tubérculo mediano. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Quixaba atrolutea Mello-Leitão.

Quixaba atrolutea Mello-Leitão, 1944, An. Acad. Bras. Cien., 16 (1) : 18, fig. 6, 7; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15) : 193.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero *SADOCUS* Soerensen.

Sadocus Soerensen, 1886, in Koch (Keyserling), Arach. Austral., 2 Hälfte : 85; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (*Gonyleptiden*), p. 13 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 170, 244; Roewer, 1923, W. : 464, 492; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 151, 190; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 31 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 381; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 136; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 296, 348; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 166 (= *Parasadocus* Mello-Leitão, 1927).

Parasadocus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 20; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 425; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 325, 329; Mello-Leitão, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Gonyleptes polyacanthus* Gervais, 1847.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal com dois tubérculos, a área IV podendo também ser inermes. Área III com dois espinhos. Tergito livre I com dois tubérculos, II e III com dois espinhos muito mais altos na fêmea. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Sadocus catharinensis Mello-Leitão.

Sadocus catharinensis Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 152, 190; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 166 (= *Sadocus aquifugus* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (20) : 222; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 364.

Parasadocus catharinensis, Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 20; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 425; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 329.

Sadocus aquifugus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 136, fig. 8; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 106.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Joinville).

TIPOS: ♀, n.º 1.510, no Museu Nacional do Rio de Janeiro; ♂ e ♀, n.º 11.390, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipos de *Sadocus aquifugus* Mello-Leitão, 1931).

Sadocus conspicillatus Roewer.

Sadocus conspicillatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 245, 251, pr. 1, fig. 3; Roewer, 1923, W. : 493, 495, fig. 621.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção ROEWER.

Sadocus dilatatus Roewer.

Sadocus dilatatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 245, 249, fig. 102; Roewer, 1923, W. : 493, 494, fig. 620.

HABITAT: Chile (Concepcion).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Sadocus guttatus Soerensen.

Sadocus guttatus Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (*Gonyleptiden*), p. 15 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (14) : 245, 248; Roewer, 1923, W. : 493, 494.

HABITAT: Chile (Lebu).

TIPO: ♂, no Museu de Copenhagen.

Sadocus polyacanthus (Gervais).

Gonyleptes polyacanthus Gervais, 1847, in Walckenaer, Ins. Apt., 4 : 576; Gervais, 1849, in Gay, Hist. Chile, Zool., 4, pr. 1, fig. 7, 7 b; Butler, 1873, Ann. Nat. Hist., ser. 4, 11 : 114.

Sadocus vitellinosulcatus Soerensen, 1886, in Koch (Keyserling), Arach, Austral., 2 Hälfte : 85, pr. 6, fig. 7.

Gonyleptes platei Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 4, 2 : 5, pr. 1, fig. 3, 3 a.

Sadocus polyacanthus, Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 14 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 245, fig. 101; Roewer, 1923, W. : 493, fig. 619; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 381; Canals, 1934, Estudios Aracnológicos, 5 : 6; Roewer, 1938, Arkiv för Zoologi, Stockholm, 30 B (10) : 6; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

HABITAT: Chile (Corral, Valdivia, Estaneilla, Puerto Montt, Concepcion, Magalhães, Santiago, Valparaíso); Argentina (Patagonia, Nahuel Huapi — Correntoso, Puerto Blest, Lago Frías).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Paris; ♂, no Museu de Berlim (tipo de *Gonyleptes platei* Loman, 1899).

Gênero **SODREANA** Mello-Leitão.

Sodreana Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 347; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 175; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 35 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 122, 136; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 355, 360; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 12.

TIPO: *Sodreana sodreana* Mello-Leitão, 1922, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, área III com uma elevação mediana granulosa no macho e com alta apófise provida de dois espinhos apicais na fêmea, área IV, tergitos livres e placa anal dorsal inermes. Palpos de fêmeas delgados e inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Unhas dos tarsos III e IV lisas.

Sodreana sodreana Mello-Leitão.

Sodreana sodreana Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Hist., ser. 9, 9 : 348; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 176, fig. 34; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 137, fig. 14; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 360, fig. 225; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 12, fig. 1, 2; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (10) : 154; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16) : 222; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 282; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17) : 195; H. Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (23) : 210; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 509.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis), Estado de São Paulo (Alto da Serra; Monte Alegre — Município de Amparo; São Paulo; Fazenda Ponte Alta — município de Amparo).

TIPO: ♂, n.º 482, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. HOMEÓTIPO ♂ e ALÓTIPO (♀), n.º E.523 C.416, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **STEPHANOCRANION** Mello-Leitão.

Stephanocranion Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 123; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 14.

TIPO: *Stephanocranion bimaculatus* Mello-Leitão, 1931, por designação original.

Cômodo ocular com dois tubérculos. Áreas I, II e IV, tergitos livres e opérculo anal inermes; área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Stephanocranion bimaculatus Mello-Leitão.

Stephanocranion bimaculatus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 124, fig. 3; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 365.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis ou Jacarepaguá).

TIPO: ♀, n.º 11.384, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Stephanocranion gonyleptoides Soares et Soares.

Stephanocranion gonyleptoides Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (22) : 203, fig. 1; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15) : 196.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chaves — Município de Santa Leopoldina).

TIPOS: 2 ♂♂, n.º E.387 C.273, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Stephanocranion serrulatum Mello-Leitão.

Stephanocranion serrulatum Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 14, fig. 17.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).

TIPO: ♂, na coleção MELLO-LEITÃO.

Gênero **STYLOLEPTES** Piza.

Styloleptes Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 43.

TIPO: *Styloleptes conspersus* Piza, 1943, por designação original.

Cômodo ocular com uma apófise tuberculiforme mediana. Escudo dorsal com quatro áreas, tôdas inermes. Área I dividida longitudinalmente ao meio. Tergitos livres II e III com um espinho mediano. Tergito livre I e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Styloleptes conspersus Piza.

Styloleptes conspersus Piza, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (3) : 43, fig. 3; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 509.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Juquiá — Cabeça d'Anta).

TIPO: ♀, n.º E.115 C.63, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **STYLOPISTHOS** Roewer.

Stylopisthos Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 348, 441; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 239; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Stylopisthos laevibunus* Roewer, 1930, por monotipia.

Cômodo ocular inermes. Áreas I a IV do escudo dorsal, tergito livre I e placa anal dorsal inermes; tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Stylopisthos laevibunus Roewer.

Stylopisthos laevibunus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 441, fig. 43; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 240.

HABITAT: Brasil, Estado de Pernambuco.

TIPO: ♂, n.º 1.815/36, na coleção ROEWER.

Gênero THAUMATOLEPTES Roewer.

Thaumatoleptes Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 405; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 247; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

TIPO: *Thaumatoleptes rugosus* Roewer, 1930, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal e tergito livre I inermes, área III com dois tubérculos, tergitos livres II e III de ângulos laterais salientes, espiniformes; placa anal dorsal com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Thaumatoleptes rugosus Roewer.

Thaumatoleptes rugosus Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 26 (3) : 405, fig. 26; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 248.

HABITAT: Brasil, Estado do Ceará (Fortaleza).

TIPOS: 2 ♂ e 1 ♀, n.º 1.323/11, na coleção ROEWER.

Gênero THELIOSPELTA Mello-Leitão.

Theliospelta Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 282.

TIPO: *Theliospelta granulata* Mello-Leitão, 1937, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo abdominal, tergitos livres e opérculo anal inermes; área I dividida por um sulco mediano; área III com uma eminência mamilar mediana. Palpos de fêmur e patela delgados e inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Theliospelta granulata Mello-Leitão.

Theliospelta granulata Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11 : 283, fig. 5; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 238.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Inhaíba).

TIPO: ♂, n.º 67, no Instituto Butantã.

Gênero THEREZOPOLIS Mello-Leitão.

Therezopolis Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 133; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 25 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 402; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 241, 460 (= *Vitiches* Roewer, 1927); Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 26 (Sep.); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 169 (= *Paraorguesia* Mello-Leitão, 1927).

Vitiches Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 347; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 343, 392; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 241, 460; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

Paraorguesia Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 16; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 26 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 345, 413; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 243; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Therezopolis therezopolis* Mello-Leitão, 1923, por designação original.

Cômodo ocular com um tubérculo ou espinho mediano. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com um grande espinho mediano. Fêmur dos palpos inermes ou com pequeno espinho apical interno. Tarsos I de 4, 5 ou 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Therezopolis franciscoi* Soares et Soares.**

Therezopolis franciscoi Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (30) : 281, fig. 1, 2; Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (15) : 196.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Chaves — município de Santa Leopoldina).

TIPOS: ♂ e ♀, PARÁTIPO ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Therezopolis magnifica* Roewer.**

Therezopolis magnifica Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 40, est. 5, fig. 41.

HABITAT: Brasil (Tocantins — Cametá).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 2502/37.

***Therezopolis roseus* Mello-Leitão.**

Therezopolis roseus Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 26, fig. 21, 22 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 365; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 510.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis), Estado de São Paulo (Serra da Bocaina).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 42.692, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

***Therezopolis sawayai* H. Soares.**

Therezopolis sawayai H. Soares, 1946, Rev. Brasil. Biol., 6 (3) : 387, fig. 3.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo).

TIPO: ♂, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

***Therezopolis therezopolis* Mello-Leitão.**

Therezopolis therezopolis Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 133, 187; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 402; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 241; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (15) : 169 [*Therezopolis viridilimbatus* (Roewer, 1927) = *Paraorguesia albiornata* Mello-Leitão, 1927]; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 365.

Vitiches viridilimbata Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 347, fig. 15; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 392, pr. 4, fig. 2; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 241, fig. 131.

Therezopolis viridilimbatus, Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 460.

Paraorguesia albiornata Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 17; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 413; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 243, fig. 132.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Therezópolis; Niterói).

TIPOS: o tipo de *Therezopolis therezopolis* Mello-Leitão, 1923, está perdido. No Museu Nacional do Rio de Janeiro está o tipo de *Paraorguesia albiornata* Mello-Leitão, 1927, n.º 1.487. No Museu de Frankfurt há dois machos, tipos de *Vitiches viridilimbata* Roewer, 1927.

Gênero **TRIAENOMEROS** Roewer.

Triauenomeros Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 223; Roewer, 1923, W. : 464, 483; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 345; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105.

TIPO: *Triauenomeros olivaceus* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Tôdas as áreas do escudo dorsal e tergito livre I com dois tubérculos, tergito livre II com um espinho mediano, tergito livre III com um espinho maior mediano e dois pequenos ao lado do espinho maior; placa anal dorsal com dois espinhos. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Triauenomeros olivaceus Roewer.

Triauenomeros olivaceus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 224, fig. 93; Roewer, 1923, W. : 483, fig. 607.

HABITAT: Chile (Valdivia).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Gênero **TRIAENOPLUS** Roewer.

Triauenoplus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 37.

TIPO: *Triauenoplus calcartibialis* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômoro ocular com um par de pequenos espinhos. Áreas I a IV do escudo dorsal, tergito livre I e opérculo anal inermes. Tergito livre II com um espinho mediano. Tergito livre III com um espinho trifido. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 5 segmentos, III e IV de 6, II de mais de 6.

Triauenoplus calcartibialis Roewer.

Triauenoplus calcartibialis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 38, est. 4, fig. 39.

HABITAT: Costa Rica (Poas).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6432/65.

Gênero **TRIAENOSOMA** Roewer.

Triauenosoma Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 168, 181; Roewer, 1923, W. : 464, 468; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 26, 52 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 344, 349 (= *Pseudotriauenosoma* Mello-Leitão, 1927); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 232, 248; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 103.

Pseudotriauenosoma Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 17.

TIPO: *Triauenosoma singularis* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal e tergito livre I inermes, área III com dois tubérculos medianos, tergito livre II com um espinho mediano e de ângulos laterais salientes, espiniformes, tergito livre III de ângulos laterais salientes. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6.

Triauenosoma bahiensis Mello-Leitão.

Triauenosoma bahiensis Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 52 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 350; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 249, fig. 185; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 365.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia.

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 1.483, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. PARÁTIPOS na coleção BRISTOWE e 1 ♀ na coleção ROEWER, n.º 947/5.

***Triaenosoma singularis* Roewer.**

Triaenosoma singularis Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (14) : 182, fig. 76; Roewer, 1923, W. : 469, fig. 587; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 134, 187; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 350 (= *Pseudotriaenosoma pickeli* Mello-Leitão, 1927); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 249, fig. 184; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 365.

Pseudotriaenosoma pickeli Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 17.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado de Pernambuco (Tapera), Estado da Bahia, Ilha Fernando Noronha.

TIPO: ♂, na coleção ROEWER. Na coleção ROEWER, sob n.º 1.322/10, há um parátipo ♂ de *Pseudotriaenosoma pickeli* Mello-Leitão, 1927.

Gênero **TUMBESIA** Loman.

Tumbesia Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 4, 2 : 10; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 23 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 169, 196; Roewer, 1923, W. : 464, 474; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 28 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 346, 357; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 231, 240; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 102.

TIPO: *Tumbesia fuliginosa* Loman, 1899.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a III do escudo dorsal inermes, área IV com um par de espinhos medianos e com os ângulos laterais mais ou menos salientes, espiniformes. Tergitos livres e placa anal dorsal com um par de espinhos. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

***Tumbesia aculeata* Roewer.**

Tumbesia aculeata Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 358, fig. 2.

HABITAT: Chile (Santiago).

TIPOS: 3 ♂ ♂ e 1 ♀, n.º 1.327/15, na coleção ROEWER.

***Tumbesia fuliginosa* Loman.**

Tumbesia fuliginosa Loman, 1899, Zool. Jahrb., Suppl. 4, 2 : 10, pr. 1, fig. 9, 9 a; Soerensen, 1902, Ergebn. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 24 (Sep.); Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4) : 197, fig. 82; Roewer, 1923, W. : 474, fig. 595; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 358.

HABITAT: Chile (Tumbes).

TIPOS: 9 ♀ ♀, no Museu de Berlim.

Gênero **TUPACARANA** Mello-Leitão.

Tupacarana Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3) : 348.

TIPO: *Tupacarana serrina* Mello-Leitão, 1939, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Sulcos I e II do escudo dorsal unidos por um sulco longitudinal mediano. Áreas I, II e IV inermes, III com dois espinhos. Tergitos livres com um par de tubérculos ou espinhos. Opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Tupacarana gofferjéi Soares et Soares.

Tupacarana gofferjéi Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65, 75, figs. 7 e 8.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção GOFFERJÉ.

Tupacarana marmorata Mello-Leitão.

Tupacarana marmorata Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3) : 348, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPO: ♀, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estaria depositado segundo a diagnose original.

Tupacarana serrina Mello-Leitão.

Tupacarana serrina Mello-Leitão, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3) : 348, fig. 4.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPOS: ♂ e ♀, não encontrados no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde estariam depositados, segundo a diagnose original.

Gênero **UBATUBESIA** Soares.

Ubatubesia Soares, 1944, Boletim de Industria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1 — 2) : 89.

TIPO: *Ubatubesia oliverioi* Soares, 1944, por designação original.

Cômodo ocular inerte. Áreas I, II e IV do escudo dorsal inermes, III com alto e robusto espinho mediano. Tergitos livres I e II e opérculo anal inermes. Tergito livre III com um pequeno tubérculo ou com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III de 6, II e IV de mais de 6.

Ubatubesia oliverioi Soares.

Ubatubesia oliverioi Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1 — 2) : 89, fig. 6, 7.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ubatuba).

HOLÓTIPO ♂, n.º E.563 C.731, e ALÓTIPO ♀, n.º E.562 C. 728, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Ubatubesia travassosi Soares et Soares.

Ubatubesia travassosi Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (6) : 85, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis).

TIPO: ♂, n.º E.666 C.891, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **URACANTHOLEPTES** Mello-Leitão.

Uracantholeptes Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 30 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 423; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 235, 315; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Paragonyleptes anomalus* Mello-Leitão, 1922, por designação original.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Áreas, I, II e III do escudo dorsal com dois tubérculos baixos, área IV e tergitos livres I inerte. Tergito livre II com pequeno cone mediano, tergitos livres III com grande cone mediano, muito maior que o do tergitos livres II. Placa anal dorsal com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Uracantholeptes anomalus (Mello-Leitão).

Paragonyleptes anomalus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 338; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 147, fig. 20.

Uracantholeptes anomalus, Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 30 (Sep.); Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 424, fig. 34; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 316, fig. 194; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 510.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Piquete ou Ilha de São Sebastião).

TIPO: ♂, n.º 35, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero URODIABUNUS Mello-Leitão.

Urodiabunus Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 396; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 104.

TIPO: *Urodiabunus arlei* Mello-Leitão, 1935, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, área III com dois espinhos; área IV, tergitos livres I e III e opérculo anal inermes; tergito livre II com uma robusta apófise dirigida para trás. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Urodiabunus arlei Mello-Leitão.

Urodiabunus arlei Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 397, fig. 22; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 107; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis — Independência).

TIPO: ♂, n.º 42.476, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero WYGODZINSKYIA Soares et Soares.

Wygodzinskyia Soares e Soares, 1945, Rev. Brasil. Biol., 5 (3) : 339.

TIPO: *Wygodzinskyia viridiornata* Soares e Soares, 1945, por designação original.

Cômodo ocular com forte espinho mediano dirigido para a frente. Áreas I, II, IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Área III com alta apófise mediana bífida. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 5 segmentos, os outros de 6. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Wygodzinskyia viridiornata Soares et Soares.

Wygodzinskyia viridiornata Soares e Soares, 1945, Rev. Brasil. Biol., 5 (3) : 340, fig. 1; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (6) : 87, fig. 2.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos do Jordão; Cantareira — Chapadão).

TIPO: ♀ e ALÓTIPO ♂ (n.º E.667 C.892), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero XENOLEPTES Mello-Leitão.

Xenoleptes Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (2) : 160.

TIPO: *Xenoleptes nigrimanus* Mello-Leitão, 1942, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergito livre I e opérculo anal inermes. Área III com dois espinhos rombos, geminados, no ápice de uma grande elevação cônica. Tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Xenoleptes nigrimanus Mello-Leitão.

Xenoleptes nigrimanus Mello-Leitão, 1942, An. Acad. Bras. Cien., 14 (2) : 160, fig. 2; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (13) : 144.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo (Santa Teresa — Estação Biológica do Museu Nacional do Rio de Janeiro).

TIPO: ♂, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero XUNDARAVA Mello-Leitão.

Xundarava Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 19; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 347, 423; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 236, 343; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 105; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 13 (Sep.).

TIPO: *Xundarava holacantha* Mello-Leitão, 1927, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I a IV do escudo dorsal e tergitos livres I e II com dois tubérculos, tergito livre III com três tubérculos pontudos ou espinhos. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Xundarava anomala Mello-Leitão.

Xundarava anomala Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 13, fig. 10 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 210; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Antonina; Banhado).

TIPOS: ♂ e ♀, n.º 42.282, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Xundarava holacantha Mello-Leitão.

Xundarava holacantha Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 20; Roewer, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3) : 423; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 343; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

TIPO: ♀, n.º 469 (ou 993 ou 55), no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Há, nos *Gonyleptinae*, dois gêneros que, por terem sido descritos para formas jovens, suas diagnoses não puderam ser claramente estabelecidas. As diagnoses originais desses gêneros são insuficientes, para que possam ser caracterizados. Seus genótipos são, pois, inidentificáveis. São os seguintes:

Gênero COLLONYCHIUM Bertkau.

Collonychium Bertkau, 1880, Mém. Cour. Ac. Belgique, 43 : 108.

TIPO: *Collonychium bicuspidatum* Bertkau, 1880, por monotypia.

Collonychium bicuspidatum Bertkau.

Collonychium bicuspidatum Bertkau, 1880, Mém. Cour. Ac. Belgique, 43 : 108, pr. 2, fig. 39; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 468; Roewer, 1923, W. : 585.

HABITAT: Brasil (Copacabana). (1)

TIPO: 1 exemplar, sem indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero **MISCHONYX** Bertkau. (2)

Mischonyx Bertkau, 1880, Mém. Cour. Ac. Belgique, 43 : 106; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 22.

TIPO: *Mischonyx squalidus* Bertkau, 1880, por monotipia.

Mischonyx squalidus Bertkau.

Mischonyx squalidus Bertkau, 1880, Mém. Cour. Ac. Belgique, 43 : 107, pr. 2, fig. 38, 38 a, 38 b; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (15) : 468; Roewer, 1923, W. : 584; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 22.

HABITAT: Brasil (Copacabana). (1)

TIPO: 1 exemplar, sem indicação do lugar em que foi depositado.

H E R N A N D A R I I N A E

Ancas posteriores só excedendo a margem lateral do escudo dorsal em seu ângulo apical externo. Contorno do corpo mais ou menos ovalar. Escudo dorsal somente com dois sulcos transversais, correspondendo ao primeiro e ao último das outras subfamílias. Quelíceras pouco desenvolvidas em ambos os sexos. Pernas curtas e robustas. Fêmures IV do macho com apófises e espinhos. Tarsos III e IV com duas unhas lisas, com pseudoníquio e sem escópula.

Seus gêneros se separam pela seguinte chave:

- | | | | |
|--------|--|---|--|
| 1. | Escudo dorsal inerme | 2 | |
| | Escudo dorsal armado | 3 | |
| 2. (1) | Opérculo anal com grande espinho mediano,
cômoro ocular com dois tubérculos | | <i>Stygnoleptes</i> Banks, 1914. |
| | Opérculo anal e cômoro ocular inermes | | <i>Glysteroides</i> Roewer, 1943. |
| 3. (1) | Escudo dorsal com 3 pares de tubérculos,
área marginal posterior e tergitos livres
com armação ímpar | | <i>Hernandaria</i> Soerensen,
1884. |
| | Escudo dorsal com 2 pares de espinhos, área
marginal posterior inerme, tergitos livres
com armação par | | <i>Saramacia</i> Roewer, 1913. |

Gênero **GLYSTEROIDES** Roewer.

Glysteroides Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 66.

TIPO: *Glysteroides costaricensis* Roewer, 1943 por designação do autor no presente momento.

Cômoro ocular inerme. Escudo dorsal, tergito livre I e opérculo anal inermes. Tergito livre II com um espinho mediano. Tergito livre III com robusto espinho mediano trifido. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I, III e IV de 6 segmentos, II de mais de 6. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Glysteroides costaricensis Roewer.

Glysteroides costaricensis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 66, est. 9, fig. 79.

HABITAT: Costa Rica (Hamburg Farm.).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 3034/2.

(1) BERTKAU escreve Copa Cobana; trata-se, sem dúvida, de Copacabana (Rio de Janeiro).

(2) Os gêneros *Paragonyleptes* Roewer, 1913, e *Ilhaia* Roewer, 1913 (= *Arleius* Mello-Leitão, 1935) são muito afins de *Mischonyx* Bertkau, 1880.

Glysteroides guatemalensis Roewer.

Glysteroides guatemalensis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 66, est. 9, fig. 80.

HABITAT: Guatemala.

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 7375/4.

Gênero HERNANDARIA Soerensen.

Hernandaria Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 598; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 461; Roewer, 1923, W. : 582; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 42 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 159; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 130; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

TIPO: *Hernandaria scabricula* Soerensen, 1884.

Cômodo ocular com dois espinhos. Escudo dorsal apenas com dois sulcos. Escudo dorsal com três pares de tubérculos; área marginal posterior e tergitos livres com um tubérculo mediano pequeno e rombo no macho ou com um tubérculo grande e pontudo na fêmea. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 5 segmentos, III de 6, II e IV de mais de 6.

Hernandaria scabricula Soerensen.

Hernandaria scabricula Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser., 3, 14 : 599; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 461; Roewer, 1923, W. : 582; Mello-Leitão, 1939, Physis, 17 : 625.

HABITAT: Argentina (Santa Fé — margem do Paraná, perto de Villa Hernandaria).

TIPOS: no Museu de Copenhagen.

Gênero SARAMACIA Roewer.

Saramacia Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 461, 465; Roewer, 1923, W. : 582, 584; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 43 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 159; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 130, 131.

TIPO: *Saramacia aurilimbata* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Escudo dorsal apenas com dois sulcos, com dois pares de espinhos, um anterior e outro posterior, maior. Área marginal posterior inerte. Tergitos livres I, II e III com um par de espinhos. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos inerte. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Saramacia aurilimbata Roewer.

Saramacia aurilimbata Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 466, fig. 181; Roewer, 1923, W. : 584, fig. 731.

HABITAT: Surinan (Saramaca).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Gênero STYGNOLEPTES Banks.

Stygnoleptes Banks, 1914, Proc. Acad. Philad., 65 : 682; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 159.

TIPO: *Stygnoleptes analis* Banks, 1914.

Cômodo ocular com um par de tubérculos. Escudo dorsal inerte. Tergitos livres II e III com dois tubérculos. Opérculo anal com grande espinho mediano. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de 3 segmentos, III de 4, II de 6, IV de 5.

Stygnoleptes analis Banks.

Stygnoleptes analis Banks, 1914, Proc. Acad. Philad., 65 : 682, pr. 28, fig. 6 e 13;
Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 160, fig. 25.

HABITAT: Costa Rica (Turrialba).

TIPO: ♂, na coleção BANKS.

HETEROCRANAINE

Ancas IV só excedendo a margem lateral do escudo dorsal em seu ângulo apical externo. Contorno do corpo mais ou menos ovalar. Escudo dorsal com quatro sulcos transversais, os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal mediano. Quelíceras robustas, geralmente mais desenvolvidas no macho. Fêmures dos palpos com uma fila externa de dentes ou tubérculos. Pernas longas e delgadas. Tarsos III e IV com duas unhas pectíneas, com pseudoníquio e sem escópula.

Pela seguinte chave podemos separar os gêneros desta subfamília:

- | | | |
|--------|--|-----------------------------------|
| 1. | Tergitos livres I a III com dois tubérculos, fêmur dos palpos com um espinho apical interno, tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6 | <i>Syncranus</i> Roewer, 1913. |
| | Tergitos livres I e II inermes, fêmur dos palpos inerte, todos os tarsos de mais de 6 segmentos | 2 |
| 2. (1) | Área II do escudo dorsal inerte | <i>Miradorius</i> Roewer, 1923. |
| | Área II com dois tubérculos | <i>Heterocranus</i> Roewer, 1913. |

Gênero HETEROCRANUS Roewer.

Heterocranus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 418; Roewer, 1923, W. : 568; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 41 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 126, 127.

TIPO: *Cranaus margaritipalpis* Simon, 1879, por monotipia.

Cômoros oculares com dois espinhos. Área I dividida. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois altos espinhos, IV inerte. Tergitos livres I e II e placa anal dorsal inermes, tergito livre III com dois tubérculos. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Heterocranus margaritipalpis (Simon).

Cranaus margaritipalpis Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique. 22 : 239.

Heterocranus margaritipalpis, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 418, fig. 166; Roewer, 1923, W. : 568, fig. 712.

HABITAT: Equador.

TIPOS: no Museu de Bruxelas. PARÁTIPO ♂, na coleção SIMON.

Gênero MIRADORIUS Roewer.

Rivetocranus Roewer, 1914, Miss. Mésure Arc. Mérid., 10 (2) : 139; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 41 (Sep.).

Miradorius Roewer, 1923, W. : 568, 569; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 146; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 126, 127.

TIPO: *Rivetocranus lutescens* Roewer, 1914.

Cômoros oculares com dois pequenos espinhos. Sulco longitudinal que une os sulcos transversais I e II muito largo. Área I do escudo abdominal com dois tubérculos baixos, II e IV inermes, III com dois altos espinhos. Tergitos livres I e II inermes, III com dois tubérculos. Quelíceras do macho de segundo segmento muito

mais dilatado. Palpos do comprimento do corpo, o fêmur sem espinho apical interno. Pernas longas e delgadas, de fêmures curvos em S. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Miradorius lutescens (Roewer).

Riveticranaus lutescens Roewer, 1914, Miss. Mésure Arc. Mérid., 10 (2) : 139, pr. 13, fig. 11 — 11 b.

Miradorius lutescens, Roewer, 1923, W. : 569, fig. 714, 715; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 146.

HABITAT: Equador (Mirador; Troya; Santa Inez; Riobamba).

TIPOS: ♂ e ♀, no Museu de Paris. PARÁTIPO na coleção ROEWER.

Gênero **SYNCRANAUS** Roewer.

Syncranaus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 418, 420; Roewer, 1923, W. : 568, 569; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 177; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 41 (Sep.); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 126.

TIPO: *Syncranaus cribrum* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Área I dividida. Área I com dois tubérculos, III com dois espinhos, II e IV inermes. Todos os tergitos livres com dois tubérculos. Placa anal dorsal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Syncranaus cribrum Roewer.

Syncranaus cribrum Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 421, pr. 1, fig. 7; Roewer, 1923, W. : 569, fig. 713; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 177, 186; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 126, fig. 66.

HABITAT: Brasil, Estado do Pará (Cameté — rio Tocantins).

TIPOS: na coleção SIMON.

Subfamília **MANAOSBIINAE** ROEWER, 1943

Gonyleptidae com cômodo ocular comum a ambos os olhos. Escudo dorsal com 4 sulcos, e, portanto, 4 áreas. Ancas IV, quando o animal é visto por cima, visíveis em grande parte de sua extensão. Fêmur dos palpos de comprimento normal e mais espesso que o fêmur I. Fêmur IV de comprimento normal e espinhoso. Tarsos III e IV com duas garras lisas e com densa escópula, muito desenvolvida.

Gênero **MANAOSBIA** Roewer.

Manaosbia Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 56.

TIPO: *Manaosbia scopulata* Roewer, 1943, por monotipia.

Cômodo ocular com dois pequenos espinhos. Área I com dois tubérculos. Área III com dois espinhos. As outras áreas, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6. Porção terminal dos tarsos I e II de 3 segmentos.

Manaosbia scopulata Roewer.

Manaosbia scopulata Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 56, est. 7, fig. 66.

HABITAT: Brasil, Estado do Amazonas (Manaos).

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5855/1.

MITOBATINAE

Ancas posteriores excedendo o escudo dorsal em tôda a sua extensão. Escudo dorsal com quatro sulcos, os dois primeiros unidos por um sulco longitudinal me-

diano. Quelíceras pouco desenvolvidas, normais nos dois sexos. Palpos do mesmo comprimento que o corpo, todos os segmentos com a mesma espessura. Pernas longas e delgadas. Fêmures IV do macho excessivamente longos, inermes. Tarsos III e IV com duas unhas lisas, com pseudoníquio e sem escópula.

Seus gêneros se separam pela seguinte chave:

- | | | | |
|-----|---|----|--|
| 1. | Tergitos livres inermes | 2 | |
| | Pelo menos um tergito livre armado | 3 | |
| 2. | (1) Só a área III armada | 6 | |
| | Além da área III, pelo menos mais uma
área armada | 7 | |
| 3. | (1) Tôdas as áreas do escudo dorsal inermes .. | 4 | |
| | Ao menos uma área do escudo dorsal arma-
da | 5 | |
| 4. | (3) Só o tergito livre II com um espinho ou tu-
bérculo | | <i>Asarcus</i> C. L. Koch, 1839. |
| | Só os tergitos livres II e III com uma ele-
vação mediana | 12 | |
| 5. | (3) Sòmente uma área armada | 9 | |
| | Duas ou três áreas armadas | 10 | |
| 6. | (2) Fêmur dos palpos inerme | | <i>Metamitobates</i> Roewer,
1913. |
| | Fêmur dos palpos armado | | <i>Ancistrotellus</i> Roewer, 1923. |
| 7. | (2) Áreas III e IV com dois espinhos | | <i>Promitobates</i> Roewer, 1913. |
| | Áreas I e II com dois tubérculos, III com
dois espinhos | 8 | |
| 8. | (7) Fêmur dos palpos inerme | | <i>Mitoperna</i> Roewer, 1931. |
| | Fêmur dos palpos armado | | |
| 9. | (5) Área III armada | 11 | <i>Mitobates</i> Sundevall, 1833. |
| | Área I com dois tubérculos, tergito livre II
com armação impar, III com armação
impar ou inerme, Cômoro ocular com
um tubérculo | | <i>Asarcus</i> C. L. Koch, 1839. |
| 10. | (5) Duas áreas armadas | 13 | |
| | Três áreas armadas | 14 | |
| 11. | (9) Tergito livre III com um espinho | | <i>Metasarcus</i> Roewer, 1913. |
| | Todos os tergitos livres com dois tubérculos | | <i>Roeweria</i> Mello-Leitão,
1923. |
| 12. | (4) Cômoro ocular inerme, fêmur dos palpos
com um espinho apical interno | | <i>Cnemoleptes</i> Mello-Leitão,
1941. |
| | Cômoro ocular armado | 17 | |
| 13. | (10) Só as áreas III e IV armadas | 15 | |
| | Área II com dois tubérculos, III com dois
espinhos, tergito livre II com um espi-
nho, III com três espinhos | | <i>Iporangaia</i> Mello-Leitão,
1935. |
| 14. | (10) Opérculo anal ventral com dois pequenos es-
pinhos, áreas I e III com dois espinhos,
II com dois tubérculos, tergitos livres
II e III com dois espinhos, cômoro
ocular com dois espinhos | | <i>Mitobatulina</i> Mello-Leitão,
1941. |
| | Opérculo anal dorsal e ventral inermes .. | 16 | |

- 15.(13) Áreas III e IV com dois espinhos, tergito livre III com um espinho, opérculo anal inerte *Promitobates* Roewer, 1913.
- Áreas III e IV com dois espinhos, bem como os tergitos livres e o cômodo ocular, opérculo anal com dois tubérculos *Metaroeeria* Mello-Leitão, 1936.
- 16.(14) Áreas I e IV e tergitos livres com dois tubérculos, área III e cômodo ocular com dois espinhos *Mitobatula* Roewer, 1931.
- Áreas I e II com dois tubérculos, III com dois espinhos, tergitos livres I e III inermes, II com um espinho *Bugabitia* Roewer, 1915.
- 17.(12) Cômodo ocular com uma elevação mediana
 Cômodo ocular com dois espinhos *Asarcus* C. L. Koch, 1839.
Leptoconemus C. L. Koch, 1839.

Gênero **ANCISTROTELLUS** Roewer.

Ancistrotus C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 43, 45, 48; Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 104, 105; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 293; Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 141; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 165, 193; Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93 : 183; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 33, 55 (Sep.).

Dolichoscelis Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 609.

Ancistrotellus Roewer, 1923, W. : 508, 512 (n. n. para *Ancistrotus* C. L. Koch, 1839); Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 350; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 110; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 391; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 24, 108; Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 37 (Sep.); Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 26; Soares, 1945, T. : 21 (= *Neoancistrotus* Mello-Leitão, 1927); Soares et Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 5 (= *Neomitobatooides* Mello-Leitão, 1933).

Neomitobatooides Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 148.

Neoancistrotus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 21; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 121; Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 143; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 397; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 25, 108; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 28.

TIPO: *Goniosoma squalida* Perty, 1832.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e opérculo anal inermes, área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Ancistrotellus anomalus Mello-Leitão.

Ancistrotellus anomalus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 24 (fig. 17), 109.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Bico do Papagaio).

TIPOS: não encontrados no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 41.787, segundo a diagnose original).

Ancistrotellus bellus Soares.

Ancistrotellus bellus Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1 — 2) : 90, fig. 8, 9.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ubatuba).

HOLÓTIPO ♂, n.º E.562 C.742, e **ALÓTIPO** ♀, n.º E.567 C.748, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Ancistrotellus bifurcatus (C. L. Koch).

Ancistrotus bifurcatus C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 45, fig. 559 (♀); Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 165, 193; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 293, 295, fig. 118.

Goniosoma bifurcatum, Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 233.

Dolichoscelis bifurcatus, Soerensen, 1884, Naturg., Tidsskr., ser. 3, 14 : 609.

Ancistrotellus bifurcatus, Roewer, 1923, W. : 512, 513, fig. 641; Roewer, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40 : 350; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 110, 111; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 392, fig. 256; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro, Estado da Bahia, Estado de Minas Gerais (Gorduras — Fazenda na Serra do Curral).

TIPO: no Museu de Viena.

Ancistrotellus bipustulatus Mello-Leitão.

Ancistrotellus bipustulatus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 26, fig. 28; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17) : 195; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Jacarepaguá, Caixa D'Água Camorim).

TIPO: provavelmente n.º 417, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. O tipo indicado na diagnose original, n.º 53.922, coligido em Sai (Rio de Janeiro), não foi encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus bristowei (Mello-Leitão).

Ancistrotus bristowei Mello-Leitão, 1924, Ann. Soc. Ent. France, 93 : 183, fig. 5, 6; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 55 (Sep.).

Ancistrotellus bristowei, Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 110, 111, fig. 3; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 394, fig. 258; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 366.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Diamantina).

TIPO: n.º 1.523, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus dubius Mello-Leitão.

Ancistrotellus dubius Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 393, fig. 257; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Jacarepaguá).

TIPOS: no Museu Nacional do Rio de Janeiro há opiliões determinados como sendo desta espécie nos tubos n.º 42.227 (4 exemplares), 42.229 (1 exemplar) e 1.533 (2 exemplares), não havendo indicação de tipo.

Ancistrotellus elegantulus (Mello-Leitão).

Neoancistrotus elegantulus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 28, fig. 30.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Mangaratiba).

TIPO: ♂, na coleção MELLO-LEITÃO.

Ancistrotellus gracilis (Roewer).

Ancistrotus gracilis Roewer, 1916, Arch. Naturg., 82 A (2) : 91, 141, fig. 35.

Ancistrotellus gracilis, Roewer, 1923, W. : 512, 514, fig. 642; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 110; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 392, 396, fig. 261.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Ancistrotellus guapimirim Soares et Soares.

Ancistrotellus guapimirim Soares e Soares, 1946, Livro de homenagem a R. F. d'Almeida, São Paulo, n.º 38 : 315, fig. 1.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Guapimirim).

TIPO: ♂, na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Est. de São Paulo.

Ancistrotellus insperatus Soares et Soares, 1947.

Ancistrotellus insperatus Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65, 77, fig. 9.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPO: ♂, na coleção GOFFERJÉ.

Ancistrotellus intermedius Mello-Leitão.

Ancistrotellus intermedius Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 37, fig. 33 (Sep.); Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 192; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Antonina).

TIPOS: n.º 42.694, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus maculipalpi Soares et Soares.

Ancistrotellus maculipalpi Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 2, 5, figs. 3 e 4.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Tijuca, Grajaú).

HOLÓTIPO ♂, ALÓTIPO ♀, PARÁTIPOS (2 ♂ ♂) e METÁTIPOS (6 ♂ ♂ e 1 ♀), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Ancistrotellus melacanthus Mello-Leitão.

Ancistrotellus melacanthus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 392, 395 (fig. 260), 485.

HABITAT: Brasil (Rio de Janeiro).

TIPO: não há indicação do lugar em que está depositado.

Ancistrotellus nigripes (Mello-Leitão).

Neoancistrotus nigripes Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 25, fig. 18; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape).

TIPO: n.º 41.836, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus nigroides Soares et Soares.

Ancistrotellus nigroides Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 65, 78, fig. 11.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara).

TIPO: ♀, na coleção GOFFERJÉ.

Ancistrotellus nigromaculatus (Mello-Leitão).

Neoancistrotus nigromaculatus Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 143, fig. 19; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 2, 7, fig. 6.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Bico do Papagaio, Jacarepaguá, Tijuca — Açude Solidão, 450 metros; Boa Vista — Estrada do Açude).

TIPO: n.º 18.208, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (♂). Alótipo ♀, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Ancistrotellus obscurus Mello-Leitão.

Ancistrotellus obscurus Mello-Leitão, 1931, Bol. Mus. Nac., 7 (2) : 96; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 392, 396, 484; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Pinheiro).

TIPO: n.º 1.530, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus perlatus Mello-Leitão.

Ancistrotellus perlatus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 392, (fig. 255), 483; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 6 (17) : 195.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Caixa D'Água Camorim).

TIPO: ♀, na coleção MELLO-LEITÃO.

Ancistrotellus rosae (Mello-Leitão).

Noemitobatoides rosae Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 149, fig. 15; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Realengo).

TIPOS: n.º 27.065, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus squalidus (Perty).

Goniosoma squalidum Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 202, n.º 2; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 107; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 233.

Ancistrotus squalidus, C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 43, fig. 558; Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 105; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 293, fig. 117; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 166, 193 (pars).

Ancistrotus urceolaris Bertkau, 1880, Mem. Cour. Ac. Belgique, 43 : 104.

Ancistrotellus squalidus, Roewer, 1923, W. : 512, fig. 640; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 110, 111 (pars); Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 392, 394, fig. 259; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis ou São João del Rei), Estado da Bahia.

♀ determinada por KOCH: no Museu de München (provavelmente).

Material estudado por BERTKAU: no Museu de Bruxelas.

ROEWER possui exemplares dos dois sexos em sua coleção.

Ancistrotellus thiacanthus (Mello-Leitão).

Neoancistrotus thiacanthus Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 21; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 121; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 397, fig. 262; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Niterói).

TIPO: n.º 1.520, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Ancistrotellus tijucae Soares.

Ancistrotellus tijucae Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 6 (17) : 195, 197, fig. 1; Soares e Soares, 1948, Com. Zool. Mus. Montevideo, 2 (47) : 2, 6, fig. 5.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Pico da Tijuca, altitude de 1.018 metros e Açude Solidão).

TIPO: ♂, n.º 2.398, na coleção OTTO SCHUBART: ALÓTIPOS (2 ♀ ♀); no Departamento de Zoolofgia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo).

Ancistrotellus viridigranulatus Soares et Soares.

Ancistrotellus viridigranulatus Soares e Soares, 1946, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 7 (8) : 102, 106, fig. 3; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (15) : 66, 79, fig. 10; Soares e Soares, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 211; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 250.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara, Marumbí — margens do rio Taquaral).

TIPO: ♂, na coleção GERT HATSCHBACH. ALÓTIPO ♀, na coleção Gofferjé.

Gênero ASARCUS C. L. Koch.

Asarcus C. L. Koch, 1839, Arach, 7 : 68; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 234; Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 616; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 283, 299; Roewer, 1923, W. : 509, 515; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 168, 193; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 35 (Sep.) : Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 112, Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 409; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 108; Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 255 (= *Bogdana* Mello-Leitão, 1940).

Bogdana Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 27.

TIPO: *Asarcus longipes* C. L. Koch. 1839.

Cômodo ocular com uma elevação mediana. Área I do escudo dorsal com dois tubérculos ou inerme, as outras áreas inermes. Tergito livre I e placa anal dorsal inermes, tergito livre II com um espinho mediano, tergito livre III com uma elevação mediana ou inerme. Fêmur dos palpos da face ventral armada e com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, ou de mais de 6, os outros de mais de 6.

Asarcus corallipes Simon.

Asarcus corallipes Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 325; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 299, 301, fig. 121; Roewer, 1923, W. : 515, 516, fig. 645; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 168, 193; Roewer, 1931 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 112, 113; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 409, fig. 273.

HABITAT: Brasil.

TIPO: no Museu de Paris.

Asarcus ingenuus (Mello-Leitão).

Bogdana ingenua Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 27, fig. 29.

Asarcus ingenuus, Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 252, 253, 254; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

Asarcus lutescens Mello-Leitão, 1923, nec Soerensen, 1884 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 168.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Campos do Jordão).

TIPO: n.º 127, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (♂).

Asarcus longipes C. L. Koch.

Asarcus longipes C. L. Koch, 1839, Arach. 7 : 68, fig. 569; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 234; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 300, fig. 120; Roewer, 1923, W. : 515, fig. 644; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 168, 194; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 112; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 409, 410, fig. 274.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia.

TIPO: no Museu de Viena.

Asarcus lutescens Soerensen.

Asarcus lutescens Soerensen, 1884, Naturh. Tidsskr., ser. 3, 14 : 617; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 300, 303, fig. 122; Roewer, 1923, W. : 515, 516, fig. 646; Mello-Leitão, 1923 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 168, 193; Roewer, 1931, (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 112, 113; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 409, 410, fig. 275; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♀, no Museu de Copenhagen (provavelmente).

Asarcus nigriconspersus Soares et Soares.

Asarcus nigriconspersus Soares e Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (27) : 254, 259, fig. 5, 6.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Francisco Xavier — Serra da Mantiqueira).

HOLÓTIPO ♂ e **ALÓTIPO** ♀, n.º E.613 C.827, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Asarcus pallidus Mello-Leitão.

Asarcus pallidus Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 168; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 113; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 409, 411; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 283, 289, fig. 2; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (18) : 510.

Asarcus corallipes Mello-Leitão, 1923, nec Simon, 1379 (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 168.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Piquete; Alto da Serra).

TIPOS: n.º 499, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero **BUGABITIA** Roewer.

Bugabittia Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81 A (3) : 109; Roewer, 1923, W. : 503, 518; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 33 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 107; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 404; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

TIPO: *Bugabittia triacantha* Roewer, 1915, por monotipia.

Cômoro com duas elevações. Áreas I e II com dois tubérculos, III com dois espinhos, IV e tergitos livres I e II inermes, tergito livre II com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho interno. Tarsos I e III de 6 segmentos, II de mais de 6.

Bugabittia triacantha Roewer.

Bugabittia triacantha Roewer, 1915, Arch. Naturg., 81 A (3) : 3, 109, fig. 59; Roewer, 1923, W. : 518, fig. 648.

HABITAT: Colômbia (*Bugabittia*).

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Gênero **CNEMOLEPTES** Mello-Leitão.

Cnemoleptes Mello-Leitão, 1941, Rev. Brasil. Biol., 1 (4) : 440.

TIPO: *Cnemoleptes passarellii* Mello-Leitão, 1941, por designação original.

Cômodo ocular inerte. Áreas do escudo dorsal e tergito livre I inermes. Tergitos livres II e III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Cnemoleptes passarellii Mello-Leitão.

Cnemoleptes passarellii Mello-Leitão, 1941, Rev. Brasil. Biol., 1 (4) : 440; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Barro Branco).

TIPOS: n.º 196, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero IPORANGAIA Mello-Leitão.

Iporangaia Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 26, 109.

TIPO: *Iporangaia pustulosa* Mello-Leitão, 1935, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e IV do escudo abdominal, tergito livre I e opérculo anal inermes. Área II com dois tubérculos e III com dois espinhos; tergito livre II com um espinho mediano e tergito livre III com espinhos, o médio bem maior. Fêmur dos palpos inerte. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Iporangaia pustulosa Mello-Leitão.

Iporangaia pustulosa Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 26, fig. 19; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (rio Iporanga).

TIPOS: n.º 41.801, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero LEPTOCNEMUS C. L. Koch.

Leptocnemus C. L. Koch, 1838, Arach., 7 : 92; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 297; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 34 (Sep.).

Leptocnema, Roewer, 1923, W. : 508, 514; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 411; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 108.

TIPO: *Goniosoma sulphureum* Perty, 1832.

Cômodo ocular com dois espinhos. Todas as áreas do escudo dorsal inermes. Tergito livre I e opérculo anal inermes, tergitos livres II e III com um espinho mediano. Áreas laterais com um espinho perto do ângulo lateral posterior da área IV. Fêmur dos palpos inerte. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

Leptocnemus sulphureus (Perty).

Goniosoma sulphureum Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 202, n.º 4; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 108.

Leptocnemus sulphureus, C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 92, fig. 578; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 297, fig. 119; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 167, 193.

Leptocnema sulphurea, Roewer, 1923, W. : 514, fig. 643; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 411, fig. 277.

Asarcus sulphureus, Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 236.

HABITAT: Brasil.

TIPO de PERTY e material estudado por KOCH: no Museu de München.

No Museu de Viena há uma fêmea determinada por KOCH.

Gênero METAMITOBATES Roewer.

Metamitobates Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 287; Roewer, 1923, W. : 508, 510; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164; Mello-Leitão,

1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 34 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 400; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 108.

Neomitobates Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 289; Roewer, 1923, W. : 508, 511; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164, 192; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 33 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 398; Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 148; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 108.

TIPO: *Metamitobates genusulphureus* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres e placa anal dorsal inermes, área III com dois espinhos. Fêmur dos palpos inerme. Tarsos I de 6 segmentos ou mais de 6, os outros de mais de 6.

Metamitobates cancellatus (Roewer).

Neomitobates cancellatus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 290, 291, fig. 116; Roewer, 1923, W. : 511, 512, fig. 639; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164, 193; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 398, 399, fig. 264.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo.

TIPO: ♀, no coleção ROEWER.

Metamitobates genusulphureus Roewer.

Metamitobates genusulphureus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 288; Roewer, 1923, W. : 510; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164, 193; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 400.

HABITAT: Brasil, Estado da Bahia.

TIPO: ♂, na coleção ROEWER.

Metamitobates gracilipes (Roewer).

Neomitobates gracilipes Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 290, fig. 115. Roewer, 1923, W. : 511, fig. 638; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164, 193; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 398, 399, fig. 263.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Santos).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Metamibotates venustus (Mello-Leitão).

Neomitobates venustus Mello-Leitão, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2) : 148, fig. 13, 14; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Terezópolis).

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu número seria 41.472, segundo a diagnose original).

Gênero METAROEWERIA Mello-Leitão.

Metaroeweria Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 38 (Sep.).

TIPO: *Metaroeweria insignis* Mello-Leitão, 1936, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal inermes, III com dois robustos espinhos, IV e tergitos livres I a III com dois pequenos espinhos. Opérculo anal com dois tubérculos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Metaroeweria insignis Mello-Leitão.

Metaroeweria insignis Mello-Leitão, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3 — 4) : 39, fig. 34; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Jacarepaguá).

TIPO: n.º 42.551, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Gênero **METASARCUS** Roewer.

Metasarcus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 283, 304; Roewer, 1923, W. : 509, 517; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 34 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 107; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 408; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 108.

TIPO: *Metasarcus bolivianus* Roewer, 1913, por monotipia.

Cômoro ocular profundamente sulcado, com uma elevação hemisférica de cada lado do sulco. Áreas I, II e IV do escudo dorsal, tergitos livres I e II e placa anal dorsal inermes, área III com dois espinhos e tergito livre III com um espinho mediano. Fêmur dos palpos de face ventral armada e com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

***Metasarcus bolivianus* Roewer.**

Metasarcus bolivianus Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 305, fig. 123; Roewer, 1923, W. : 517, fig. 647.

HABITAT: Bolívia (Grão Chaco).

TIPO: ♀, na coleção ROEWER.

Gênero **MITOBATES** Sundevall.

Mitobates Sundevall, 1833, Consp. Arach.; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 108, 113; Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 234; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 283; Roewer, 1923, W. : 508, 509; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 162, 194; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 34 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 167; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 405; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Dolichoscelis Hope, 1837, Tr. Linn. Soc. London, 17 : 397; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 108, 113.

TIPO: *Goniosoma conspersum* Perty, 1832.

Cômoro ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois espinhos, IV, tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos.

***Mitobates albipunctatus* Roewer.**

Mitobates albipunctatus Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 50, est. 6, fig. 57.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná.

TIPO: ♀, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 5850/4.

***Mitobates conspersus* (Perty).**

Goniosoma conspersum Perty, 1832, Delect. An. Artic., p. 202, n.º 5; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 108.

Mitobates triangularis Sundevall, 1833, Consp. Arach.; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 108.

Dolichoscelis haworthii Hope, 1837, Tr. Linn. Soc. London, 17 : 397; Gervais, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., 3 : 113.

Ancistrotus conspersus, C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 50, fig. 561 (fig. = *Ancistrotocerus*).

Mitobates conspersus, Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 234; Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 283, fig. 113; Roewer, 1923, W. : 509, fig. 636; Mello-Leitão, 1923, (pars), Arq. Mus. Nac., 24 : 162, 194; Roewer, 1931 (pars), Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 107; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 405, fig. 269.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro (Nova Friburgo; Distrito Federal — Tijuca), Estado da Bahia.

TIPO de PERTY e material examinado por KOCH: no Museu de München (provavelmente).

Mitobates stygnoides Mello-Leitão.

Mitobates stygnoides Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 163, 194; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 107, fig. 1; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 405, 406, fig. 270; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 367.

HABITAT: Brasil, Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal — Tijuca).

TIPOS: n.º 1.528, n.º 1.519, e n.º 1.522, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

PARÁTIPO na coleção ROEWER, n.º 949/4.

Gênero MITOBATULA Roewer.

Mitobatula Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 119; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 413; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

TIPO: *Mitobatula castanea* Roewer, 1931, por monotypia.

Cômoros oculares com dois espinhos. Áreas I e IV do escudo dorsal, tergitos livres I, II e III com dois tubérculos; área II inerte e III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Mitobatula castanea Roewer.

Mitobatula castanea Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 119, fig. 7; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 413.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Serra Azul).

TIPO: ♂, n.º 1.391/2, na coleção ROEWER.

Mitobatula coxalis Roewer.

Mitobatula coxalis Roewer, 1943, Senckenbergiana, 26 (1 — 3) : 50, est. 7, fig. 56.

HABITAT: Brasil (Nova Teutônia).

TIPO: ♂, no Museu Senckenberg (Col. ROEWER), n.º 6433/6.

Gênero MITOBATULINA Mello-Leitão.

Mitobatulina Mello-Leitão, 1941, An. Acad. Bras. Cien., 13 (3) : 170.

TIPO: *Mitobatulina armatissima* Mello-Leitão, 1941, por designação original.

Cômoros oculares com dois robustos espinhos. Áreas I e III com dois robustos espinhos, II com dois tubérculos, IV e tergito livre I inermes; tergitos livres II e III com dois espinhos. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos. Opérculo anal ventral com dois tubérculos cônicos ou pequenos espinhos.

Mitobatulina armatissima Mello-Leitão.

Mitobatulina armatissima Mello-Leitão, 1941, An. Acad. Bras. Cien., 13 (3) : 170, fig. 5.

HABITAT: Colômbia (Puerto Asis).

TIPO: não há indicação do lugar em que foi depositado.

Gênero MITOPERNA Roewer.

Mitoperna Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 115; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 412; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Mitopernoides Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1 — 2) : 91.

TIPO: *Neomitobates maximus* Giltay, 1928, por monotipia.

Cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal com dois tubérculos, III com dois espinhos, IV e tergitos livres inermes. Fêmur dos palpos inermes. Tarsos I de 6 segmentos ou mais de 6, os outros de mais de 6.

Mitoperna maxima (Giltay).

Neomitobates maximus Giltay, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belgique, 68 : 84.

Mitoperna maxima, Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 115, fig. 5; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 412.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Piassaguera).

TIPO: ♀, no Museu de Bruxelas.

Mitoperna variabilis (Soares).

Mitopernoides variabilis Soares, 1944, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 7 (1 — 2) : 91, 92, fig. 10.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ubatuba).

CÓTIPOS n.º E.567 C.743 (2 ♀ ♀), E.562 C.744 (1 ♀), e E.563 C.761 (1 ♀), no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Gênero PROMITOBATES Roewer.

Promitobates Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 282, 285; Roewer, 1923, W. : 508, 510; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 163; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 34 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 108; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390, 400; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 1936) : 293; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s. 6 (3) : 57, 58 (= *Promitobatoides* Mello-Leitão, 1927 = *Batomites* Mello-Leitão, 1931); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 248 (= *Leonardosia* Mello-Leitão, 1935).

Promitobatoides Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 21; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 114; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 390 (*Promitobates* err.), 403; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Batomites Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 140; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 27, 109; Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 409; Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 29.

Leonardosia Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 28, 109.

TIPO: *Ancistrotus hexacanthus* C. L. Koch, 1839, por monotipia.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I e II do escudo dorsal, tergitos livres I e II e opérculo anal inermes. Áreas III e IV com dois espinhos. Tergito livre III inermes ou com um espinho mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, ou mais de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Promitobates decoratus Mello-Leitão.

Promitobates decoratus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 401, 402 (fig. 267), 484; Mello-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10 (1935 — 1936) : 293.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião).

TIPO: ♂, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (segundo a diagnose original, tem o número 958, da coleção MELLO-LEITÃO).

Promitobates difficilis (Mello-Leitão).

Batomites difficilis Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 141, fig. 11; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Promitobates difficilis, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina.

TIPOS: n.º 11.395, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Promitobates granulosissimus Mello-Leitão.

Promitobates granulosissimus Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 401 (fig. 266), 484.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (São Sebastião).

TIPO: ♀, não encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (seu numero é 959, da coleção MELLO-LEITÃO, segundo a diagnose original).

Promitobates hatschbachi H. Soares.

Promitobates hatschbachi H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 210, 219, fig 4, 5, 6; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 66; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (18) : 211; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (21) : 251.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Banhado — Piraquara, Volta Grande, Florestal, Marumbi — margens do rio Taquaral, Ruínas de Vila Pinheirinho).

TIPOS: ♂ e ♀, na coleção do Museu Paranaense. Parátipo ♀, na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Promitobates heteracanthus (Mello-Leitão).

Batomites heteracanthus Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 27 (fig. 20), 109.

Promitobates heteracanthus, Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape).

TIPOS: n.º 41.810, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Promitobates hexacanthus (C. L. Koch).

Ancistrotus hexacanthus C. L. Koch, 1839, Arach., 7 : 48, fig. 560.

Goniosoma hexacanthum, Simon, 1879, Ann. Soc. Ent. Belgique, 22 : 233.

Promitobates hexacanthus, Roewer, 1913, Arch. Naturg., 79 A (5) : 286, fig. 114; Roewer, 1923, W. : 510, fig. 637; Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 163, 194; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 109; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 401, fig. 265.

HABITAT: Brasil (rio Negro).

TIPO: ♀, no Museu de Viena.

Promitobates margaritatus Roewer.

Promitobates margaritatus Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 109, fig. 2; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 401, 403.

HABITAT: Brasil, Estado de Minas Gerais (Itatiáia).

TIPO: n.º 1.392/3, na coleção ROEWER.

Promitobates mendax H. Soares.

Promitobates sp. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (8) : 196.

Promitobates mendax H. Soares, 1945, Arq. Mus. Paranaense, 4 (9) : 210, 222, fig. 7, 8, 9; Soares e Soares, 1945, Rev. da Agric., Piracicaba, 20 (9 — 12) : 367, 368; Soares e Soares, 1947, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 8 (5) : 66.

HABITAT: Brasil, Estado do Paraná (Barigui, Mercês — Curitiba).

TIPO: ♂ e ♀, no Museu Paranaense.

Promitobates nitidus (Mello-Leitão).

Leonardosia nitida Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 28 (fig. 21), 109.

Promitobates nitidus, Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 248; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Ribeira do Iguape, Iporanga).

TIPO: n.º 41.803, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Promitobates ornatus (Mello-Leitão).

Neomitobates ornatus Mello-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9 : 343, Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 164 (fig. 29, 29 a), 193.

Promitobatoides ornatus, Mello-Leitão, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2) : 22; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 114, fig. 4; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 404, fig. 268.

Promitobates ornatus, Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s., 6 (3) : 56 (= *Batomites spitzi* Mello-Leitão, 1931 = *Batomites intermedius* Mello-Leitão, 1935 = *Batomites nitidus* Mello-Leitão, 1940); Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (12) : 117; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (16) : 222; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17) : 248; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (18) : 283; Soares, 1945, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 5 (25) : 238; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 368; Soares, 1946, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (13) : 511.

Batomites spitzi Mello-Leitão, 1931, Arq. Mus. Nac., 33 : 142, fig. 12; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Batomites intermedius Mello-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9 : 409, fig. 31; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

Batomites nitidus Mello-Leitão, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1 : 29, fig. 31.

HABITAT: Brasil, Estado de São Paulo (Alto da Serra, Poço Grande, Juquiá, Boracéia — município de Salesópolis, Minas do Iporanga, Batea).

TIPOS: N.º 41 e n.º 494, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; n.º 11.394, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Batomites spitzi* Mello-Leitão, 1931); n.º 42.323, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (tipo de *Batomites intermedius* Mello-Leitão, 1935); n.º 52, no Instituto Butantã (parátipos de *Batomites intermedius* Mello-Leitão, 1935). Quanto ao tipo de *Batomites nitidus* Mello-Leitão, 1940, não há indicação de lugar em que foi depositado.

Gênero **ROEWERIA** Mello-Leitão.

Roeweria Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 166; Mello-Leitão, 1926, Rev. Mus. Paul., 14 : 33 (Sep.); Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 106, 118; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 391, 408; Mello-Leitão, 1935, Arq. Mus. Nac., 36 (1934) : 109.

TIPO: *Roeweria bittencourti* Mello-Leitão, 1923, por designação original.

Cômodo ocular com dois espinhos. Áreas I, II e IV do escudo dorsal inermes, III com dois espinhos. Tergitos livres I a III com dois tubérculos. Placa anal dorsal inerme. Fêmur dos palpos de face ventral armada e com um espinho apical interno. Tarsos I de 6 segmentos, os outros de mais de 6.

Roeweria bittencourti Mello-Leitão.

Roeweria bittencourti Mello-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24 : 167, 193; Mello-Leitão, 1927, Rev. Mus. Paul., 15 : 402; Roewer, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2 — 3) : 118; Mello-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2a. pte.) : 403, fig. 272; Soares, 1945, Arq. Zool. Est. São Paulo, 4 (9) : 369.

HABITAT: Brasil, Estado de Santa Catarina (Joinville).

TIPOS: n.º 1.526, no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

ESBOÇO MONOGRÁFICO DOS *COLUMBIDAE* BRASILEIROS

p o r
OLIVÉRIO PINTO

S U M Á R I O

	<i>Págs.</i>		<i>Págs.</i>
Introdução	241	<i>Scardafella squammata</i>	273
Generalidades	242	<i>Uropelia campestris</i>	276
Parte especial	244	<i>Columbina picui</i>	280
Chave para os gêneros de <i>Columbidae</i>	245	<i>Columbigallina talpacoti</i>	284
<i>Columba plumbea</i>	249	<i>Columbigallina minuta</i>	290
<i>Columba subvinacea</i>	253	<i>Columbigallina passerina</i>	290
<i>Columba speciosa</i>	256	<i>Leptotila verreauxi</i>	294
<i>Columba picazuro</i>	258	<i>Leptotila rufaxilla</i>	301
<i>Columba maculosa</i>	262	<i>Claravis pretiosa</i>	308
<i>Columba cayennensis</i>	262	<i>Claravis godefrida</i>	311
<i>Oreopeleia violacea</i>	268	<i>Oxypelia cyanopsis</i>	314
<i>Oreopeleia montana</i>	270	<i>Zenaidura auriculata</i>	316

I. I N T R O D U Ç Ã O

Não se decepcionem os que ao compulsarem o presente trabalho, e os outros que por ventura lhe venham a seguir a esteira, nada encontram capaz de lembrar as grandes monografias que a intervalos vemos enriquecer a literatura ornitológica, abrindo às vezes perspectivas imprevistas ao estudo científico das Aves, ou traçando novos rumos ao progresso dos conhecimentos relacionados com o seu domínio.

Verdade é que, inicialmente, prendeu-se ele à idéia, longo tempo acarinhada, de um tratado descritivo das Aves do Brasil, do qual o Catálogo por nós publicado anos atrás seria o arcabouço e alicerce. Mas, à vista da manifesta impossibilidade, criada pelas circunstâncias, de levar avante a tentadora empresa, imaginamos imprimir aos nossos trabalhos orientação nova, apresentando em forma singela, e sem grandes compromissos com as praxes rigidamente seguidas pelos especialistas, o compêndio da história natural de alguns grupos, cingindo-nos à sua representação no solo pátrio e escolhendo-os entre os que a experiência

demonstra interessarem mais particularmente, por este ou aquele motivo, os amantes de nossa natureza e os poucos entre nós afeiçoados ao seu estudo.

Neste sentido é este esboço da fauna brasileira de Colúmbidas a primeira tentativa; tentativa ainda assim algo frusta, porque entre os fatores a conspirar contra o seu melhor acabamento esteve sempre a hostilidade constante de estranhas preocupações, e a escassez de tempo para uma aplicação continuada.

Pelas razões expostas é que se decidiu conferir título próprio a cada espécie, antes de entrar no estudo particular das respectivas subespécies, também denominadas raças geográficas. Pois, ao passo que a individualidade das primeiras é facilmente reconhecida através de uma denominação popular, as últimas escapam de ordinário à percepção do observador comum, só se patenteando à luz das coleções dos museus, e sob a análise minuciosa dos ornitologistas experimentados.

Convém igualmente assinalar que na parte referente à sinonímia foram excluídas todas as citações estranhas ao Brasil. Em compensação, como as mudanças experimentadas no correr dos anos pela avifauna de cada lugar não raro falseiam a distribuição geográfica atribuída a cada espécie ou raça, houve grande cuidado em dar a lista completa das localidades brasileiras mencionadas na bibliografia. Por motivo semelhante, antepuzemos um asterisco a cada localidade ou estação de coleta de onde existem exemplares na coleção estudada.

Todo o material utilizado no presente trabalho pertence às coleções do atual Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, das quais fazem parte as outrora pertencentes ao Museu Paulista.

As figuras, sem exceção originais, devem-se à pena habil do sr. J. F. TOLEDO e fazem parte de uma extensa coleção de desenhos ornitológicos adquiridos há alguns anos pela supra-mencionada repartição.

II. G E N E R A L I D A D E S

Um conjunto de feições próprias, que vão desde a grande similitude de forma e fisionomia a traços comuns de temperamento e hábitos, permite até aos mais inexpertos reconhecer de pronto os *Columbiformes* como um grupo natural, correspondendo aos seus representantes de maior porte o nome vulgar de pombas, e cabendo aos menores o comum apelido de rolas.

Uma primeira característica, entre as mais salientes, temo-la na conformação especial do bico, que só na parte terminal, de ordinário algo entumescida, se apresenta rijo e córneo como na generalidade das aves, enquanto que na base é de consistência branda, antes membranosa, e às vezes acrescido de carúnculas ou tubérculos. As narinas, em forma de fenda estreita (tipo esquizorrino), são parcialmente encobertas por uma valva; as patas, curtas, apresentam revestimento de penas até o calcanhar ou a porção mais alta do tarso, que de ordinário é perfeitamente liso, e revestido de placas ou escudos, retangulares no lado anterior (acrotársio), e hexagonais nas faces restantes; os dedos, de ordinário bastante longos, e situados todos no mesmo plano (o polegar ao mesmo nível dos três dedos anteriores), como convém às aves boas marchadoras, são livres até a base; a plumagem, muito densa e compacta, está

presa a uma pele muito fina e delicada, da qual com grande facilidade se destaca, sem deixar penugem. As penas de contorno, desprovidas de hipóptilo, possuem, em compensação, grande cópia de barbas penuginosas na parte basal do raque, que é comparativamente muito espessa e caracteristicamente achatada. As asas, de 10 rêmiges primárias (abstração feita da externa rudimentar), são com muito raras exceções (p. ex. *Scardafella*, entre os gêneros brasileiros), do tipo diastatáxico (5.^a rêmige secundária ausente). A cauda, de regra curta, é nos gêneros brasileiros quase sempre de 12 rectrizes (14 em *Zenaidura*), ora iguais, (cauda truncada), ora de comprimento decrescente das centrais para as laterais (cauda arredondada), às vezes por grande diferença (cauda escalariforme ou graduada).

Bem dotados quanto à faculdade de vôo, passam os pombos da fauna indígena a maior parte do tempo sobre as árvores, de onde tiram não raro todo o seu sustento, estritamente vegetariano, e constituído de bagas e sementes, que engolem inteiras, como colhidas; as espécies menores, inclusive as juritis, frequentam lugares descobertos, descendo amiúde ao solo à busca do alimento, constituído de sementinhas e fragmentos vegetais de qualquer espécie. Suaves de índole e tímidos por natureza, carecem de qualquer meio activo de defesa; sua protecção diante dos perigos confiam-na principalmente à agilidade das asas e à prudência de seu instinto, recursos tanto mais eficazes quanto de modo geral a generalidade das espécies possui hábitos sociáveis e vive aos bandos mais ou menos numerosos. Ao beber, usando um privilégio recusado às outras aves, mantêm a cabeça baixa, sorvendo a água em sucção contínua, ao em vez de erguerem o bico a cada deglutição.

Essas particularidades morfológicas e bionômicas são muito importantes, senão suficientes, para a caracterização superficial das aves do grupo em estudo; mas quase nada dizem sobre as suas relações de afinidade e parentesco com os demais representantes da série ornitológica. Para atender a essa condição básica da classificação é evidentemente necessário consultar a organização interna, destacando os pontos de contacto ou de divergência que ela apresenta em confronto com o das outras ordens, levando em conta, antes de tudo, o valor que o estudo destas últimas, comparadas entre si, permite atribuir a cada um. A estrutura do paladar ósseo, uma das que o gênio de HUXLEY demonstrou mais aptas a servir de base às primeiras grandes divisões da Classe, situa os pombos entre as aves *esquizognatas*, ou sejam aquelas cujo céu da boca é anteriormente fendido de cada lado da linha mediana, no normal ocupada pelo vômer, que além de ser caracteristicamente adelgado e pontiagudo na extremidade anterior, se mantem assim mais ou menos distante dos maxilo-palatinos, ao em vez de com estes se articular em íntima união. Sem embargo, nos *Columbiformes* essa estrutura fundamental é algo modificada pela atrofia completa do osso em questão, que só excepcionalmente existe (*Didunculus*).

Pondo de parte os *Gruiformes* (grous, jacamins, saracuras) e outras ordens de aves *esquizognatas* (*Procelariiformes*, *Colymbiformes* etc.) mais ou menos nitidamente definidas por este ou aquele conjunto de disposições particulares, a estrutura do paladar ósseo aproxima os *Columbiformes* (pombos e próximos afins) dos *Charadriiformes* (maçaricos, narcejas e gaivotas) e dos *Galliformes*, ordem esta com que durante muito tempo, desde CUVIER, estiveram confundidos. Entretanto, mesmo com estas duas ordens, que no consenso hoje são as que têm com

os *Columbiformes* mais estreitas relações filogenéticas, bastante remoto é o parentesco, divergindo os autores no tocante a qual das duas se deve dar preeminência sob este ponto de vista. As apófises *basipterigoides*, outro elemento da morfologia do crânio muito significativo no que respeita à Classificação, existem tipicamente em todos os *Columbiformes*, constituindo novo traço de união com os *Charadriiformes*, que as possuem sempre bem desenvolvidas e rigorosamente homólogas¹. Outra característica anatômica comum às três ordens correlatas é a presença de dois entalhes ou incisuras no *metasterno*, uma lateral, grande, e outra medial, menor, e às vezes reduzida a simples janela. O contrário porém se dá com o ângulo da mandíbula, que sendo rombo e obtuso nos *Columbiformes*, é caracteristicamente prolongado em ponta recurva tanto nos *Charadriiformes*, como nos *Galliformes*. A este traço de dissemelhança, dos menos importantes aliás, deve acrescentar-se a ausência constante de *hipocleidão*, por isso que as clavículas se unem em forma de U (*fúrcula*) simples, podendo às vezes manter-se à distância do esterno, ou, em certos gêneros aberrantes (*Duculus* etc.), nem mesmo se unirem uma à outra.

O aparelho digestivo possui muitas disposições comuns com o dos Galliformes, o que está em relação com o análogo regime alimentar; o papo, grande e dividido em duas bolsas laterais, fornece durante a criação dos filhotes abundante secreção leitosa (carácter privativo da ordem), que regurgitada pelos pais, serve àqueles de sustento; a moela, muito variável de acordo com o regime alimentar predominante, é grande e musculosa nas espécies granívoras; os cegos, ao revés do que acontece com os *Galliformes*, quando não faltam de todo, são muito reduzidos, ou rudimentares.

Os sexos são em geral semelhantes nos pombos; quando existe dimorfismo, ele de ordinário se limita a uma diferença maior ou menor no colorido da plumagem. Os ninhos são construídos habitualmente sobre árvores, em ôcos de troncos, ou mais raramente no chão; os ovos, cujo número é de um ou dois nas espécies de maior porte, são invariavelmente brancos e imaculados; os filhotes, em cuja criação ambos os sexos revezam seus cuidados, são rigorosamente nidícolas, vindo ao mundo nus e de olhos fechados, e assim permanecendo durante muitos dias.

III. PARTE ESPECIAL

Das famílias em que os *Columbiformes* se deixam naturalmente dividir, só nos interessará no presente trabalho a dos *Columbidae*, como sendo a única representada no hemisfério ocidental; reúne ela os representantes mais típicos da ordem, a qual conta mais de 200 espécies espalhadas por todas as regiões do globo (destacando-se a região indo-australiana pelo número e variedades de formas), com excepção apenas das regiões polares, quase todas de vida essencialmente arbórea e excelentes voadoras.

A chave que damos a seguir permite o reconhecimento fácil de todos os gêneros representados na avifauna brasileira.

(1) Nas aves galináceas, as chamadas apófises além de ocuparem posição um pouco diferente, seriam de origem diversa, e portanto não comparáveis morfológicamente às dos maçaricos e pombos.

CHAVE PARA A DETERMINAÇÃO DOS GÊNEROS DE
COLUMBIDAE BRASILEIROS

- A. Cauda com 12 rectrizes, muito variável no tocante ao comprimento relativo das últimas
- B. Rêmige primária externa (a primeira, de fora para dentro) normalmente conformada, semelhante às demais
- C. Tamanho grande ou mediano (comprimento de asa mais de 100 mms.) asas pontiagudas (as primárias excedem muito as secundárias)
- D. Tarso curto, de comprimento nunca sensivelmente superior ao do dedo médio, sem a unha; asa mais longa e mais aguda (as primárias mais longas excedendo às mais longas secundárias, de mais de um terço do comprimento da asa) *Columba*
- DD. Tarso de comprimento maior que o do dedo médio, sem a unha; asa mais curta e mais arredondada (as primárias mais longas excedem as secundárias de menos de um terço do comprimento da asa) *Oreopeleia*
- CC. Tamanho pequeno (comprimento de asa menos de 100 mms.); asas arredondadas (as primárias, pouco excedentes às secundárias e quase ocultas sob as coberteiras superiores)
- E. Cauda longa, de comprimento nunca inferior ao da asa; quarta rêmige primária (a contar de fora) sem entalhe nem dente na barba interna
- F. Plumagem pintada de manchas transversais semilunares, o que lhe dá aspecto escamoso característico; asas sem espelho *Scardafella*
- FF. Plumagem uniforme, sem manchas; asas com pequenos espelhos de brilho metálico *Uropelia*
- EE. Cauda de comprimento decididamente inferior ao da asa; barba interna da quarta primária com o bordo bruscamente entalhado em forma de dente
- G. Rectrizes laterais inteiramente brancas *Columbina*
- GG. Rectrizes laterais sem branco, ou apenas marginadas de branco na parte terminal *Columbigallina*
- BB. Rêmige externa (da ave adulta) brusca e fortemente afilada na porção terminal
- H. Porte relativamente grande (ordinariamente mais de 25 cms. de compr. total); asas (lado superior) imaculadas, de colorido semelhante ao do dorso; plumagem de igual colorido nos dous sexos *Leptotila*
- HH. Porte pequeno ou meão (não mais de 24 cms. de compr. total, e às vezes muito menos); asas (lado externo) enfeitadas de nódoas ou manchas; sexos mais ou menos diferentes no tocante ao colorido da plumagem

- I. Tamanho médio (asa de mais de 100 mms. de compr.); cauda truncada, ou senão fracamente graduada; asas pontiagudas, com as primárias externas excedendo de muito às mais longas secundárias; plumagem cinzento-ardosiada nos machos e pardo-olivácea, misturada de canela, nas fêmeas *Claravis*
- II. Tamanho muito pequeno (asa com menos de 80 mms. de compr.); cauda fortemente graduada (as rétrizes laterais muito mais curtas do que as centrais); plumagem pardo-ferruginosa nos dois sexos, mais carregada nos machos do que nas fêmeas *Oxyptelia*
- AA. Cauda com 14 rectrizes, escalariforme ou, pelo menos, fortemente arredondada; de cada lado do pescoço, abaixo do ouvido, uma nódoa azul-negra característica *Zenaidura*

Gênero COLUMBA Linné

Columba LINNÉ, 1758, Syst. Nat., 10a. edit., I, p. 162. Tipo, *Columba oenas* LINNÉ, designado por VIGORS (Trans. Linn. Soc. Lond., XIV, 1825, p. 481).

Lepidoenas REICHENBACH, 1852, Av. Syst. Nat., p. XXV. Tipo, *Columba speciosa* GMELIN, por monotipia.

Chloroenas REICHENBACH, 1852, Av. Syst. Nat., p. XXV. Tipo, *Columba monilis* VIGORS (= *Columba fasciata* Say), por monotipia.

Picazurus DES MURS, 1854, Chenu, Encycl. d'Hist. Natur., Oiseaux, VI, p. 39. Tipo, *Columba picazuro* TEMM., por tautonímia.

Oenoenas SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 248 (no texto). Tipo *Columba nigrirostris* SCLATER, por designação de RIDGWAY (Bull. Un. St. Mus., L., pte. 7, 1916, p. 323).

Notioenas RIDGWAY, 1915, Proc. Biol. Soc. Wash., XXVIII, p. 106. Tipo, *Columba maculosa* TEMM., por designação original.

Reune este gênero as pombas pròpriamente ditas, ou sejam, no que toca à avifauna brasileira, os representantes maiores da família. Entre as suas companheiras, distinguem-se ainda as pombas deste grupo pelo grande comprimento dos dedos, e relativa brevidade do tarso (de comprimento quando muito igual ao do dedo médio, sem a unha). As asas, longas e pontiagudas, assinalam-se pelo grande comprimento e configuração normal (a externa não afilada na ponta) das rêmiges primárias, as mais longas das quais excedem as secundárias de mais de um terço do comprimento da asa; a cauda, de 12 rectrizes iguais (cauda truncada) em comprimento, ou apenas diminuindo gradualmente das centrais para as laterais (cauda arredondada), é constantemente mais curta do que a asa.

Diferenças de segunda ordem induziram alguns ornitologistas a repartir as espécies entre vários grupos de precária difinição, aos quais se tem dado por vezes o valor de gêneros autônomos, como o indica a sinónímia dada acima. Para só mencionar o que interessa à avifauna brasileira, pelo comprimento maior da cauda (mais de $\frac{3}{4}$ do da asa), de todos o mais merecedor talvez de tal título é *Oenoenas*, com as espécies *Columba subvinacea* e *Columba plumbea* na fauna indígena; por outro lado, a maior brevidade da cauda (de comprimento equivalente à metade do da asa) valeu a *Columba maculosa* tornar-se o tipo do gênero *Notioenas* Ridgw.; o desenho escamoso da plumagem fez separar *Columba speciosa* no gênero *Lepidoenas*, enquanto que a restrição

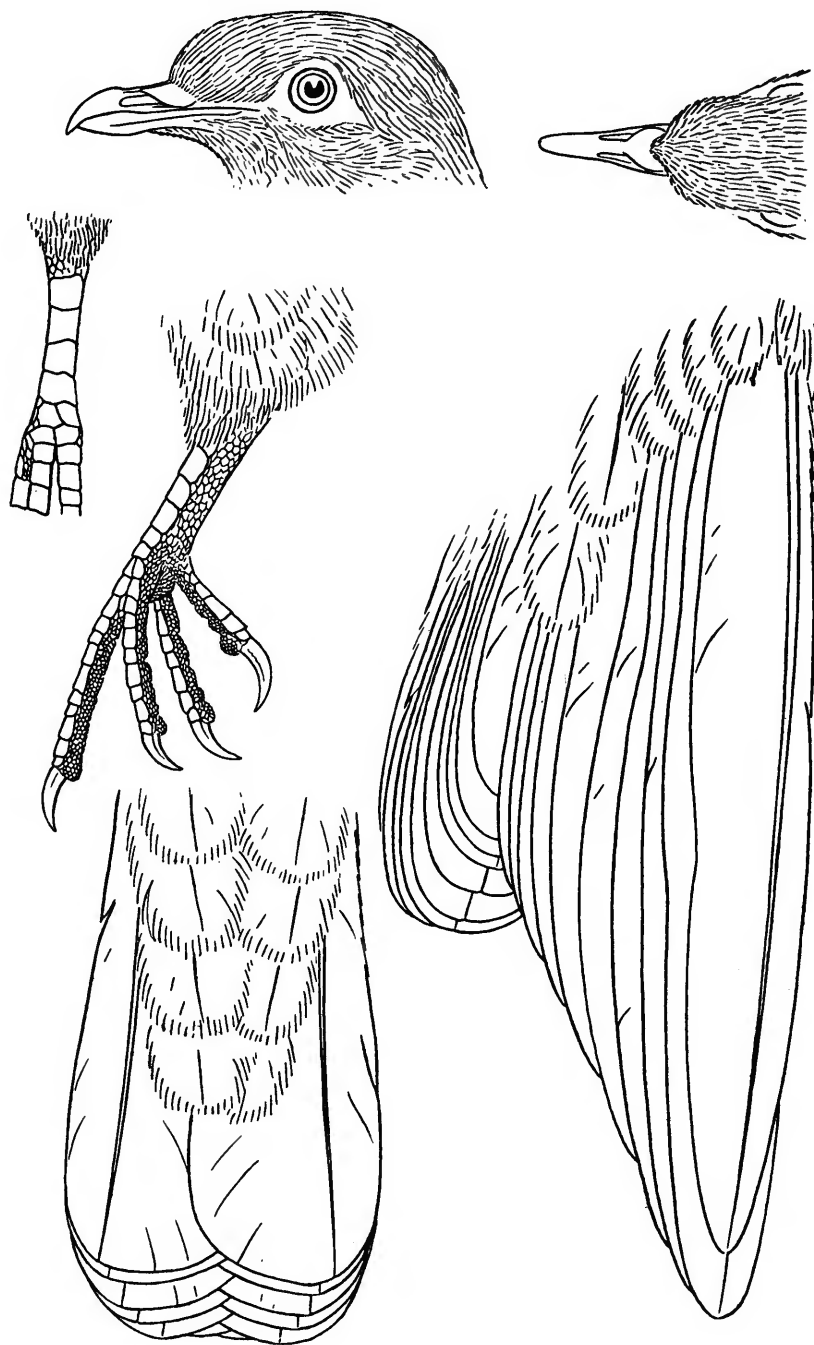


Fig. 1 — *Columba picazuro venturiana* TEMMINCK. ♂ de Itaquí (Rio Grande do Sul).

do referido desenho à parte trazeira do pescoço, de par com algumas peculiaridades morfológicas, serviu de base para o gênero *Picazurus* Des Murs, tendo *Columba picazuro* Temm. por tipo; finalmente, *Chloroenas* inclui, ao lado de outras espécies americanas, a chamada pomba do ar, *Columba cayennensis*.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA*

- A. Cauda relativamente longa, com mais de três quartos do comprimento da asa
- B. Tamanho maior (160 a 190 mms. de comprimento de asa)¹ e bico proporcionalmente mais longo (14 a 18 mms.) e mais delgado (altura máxima nunca maior que um terço do comprimento); colorido predominante cinzento ou pardo-acinzentado, com banho vináceo mais ou menos acentuado; barba interna das rêmiges e coberteiras inferiores da asa cor de cinza, sem qualquer mescla de ferrugem (Guianas, Bacia amazônica, Brasil oriental) *C. plumbea*
- BB. Tamanho menor (145 a 160 mms. de asa), com bico mais curto (11 a 13 mms.) e proporcionalmente mais grosso (altura pouco menos do que a metade do comprimento); banho purpúreo muito mais acentuado em toda a plumagem; barba interna das rêmiges e coberteiras inferiores das asas frequentemente tingidas de tons ruivos ou ferrugíneos (Venezuela, Guianas e Brasil septentrional) *C. subvinacea*²
- AA. Cauda mais curta, com muito menos de dois terços do comprimento da asa
- C. Penas do pescoço, manto e alto do peito (também, menos distintamente, o resto das partes inferiores) enfeitadas de orla semilunar violáceo-esverdeada, dando à plumagem aspecto escamoso característico; coberteiras infracaudais brancas, ou quase, com a fímbria escurecida (zonas quentes da América cisandina, desde o sul do México até o Paraguay e, no Brasil, o Estado de Santa Catarina) *C. speciosa*
- CC. Partes inferiores cinzentas, mais ou menos tingidas de vináceo ou pardo, nenhuma diferença apreciável de colorido existindo entre a fímbria e a porção central das penas; coberteiras infracaudais cinzentas
- D. Parte posterior do pescoço e região interescapular guarnecidas de penas marginadas de preto, dando ali à plumagem aspecto mais ou menos escamoso (leste da Bolívia, norte da República Argentina, Brasil Central e este-septentrional) *C. picazuro*
- DD. Plumagem da parte posterior do pescoço e da região interescapular sem nenhum desenho especial que a destaque
- E. Penas do dorso e coberteiras superiores das asas manchadas de branco na ponta; occiput e nuca de cor semelhante à do resto do píleo (sudeste do Peru, Bolívia septentrional e central, Paraguay, Uruguay, norte da Argentina, inclusive o território brasileiro fronteiro) *C. maculosa*

1) — As medidas referem-se ordinariamente aos machos adultos, abstração feita dos casos accidentais ou aberrantes.

2) — Nesta espécie admitem-se várias raças geográficas, difíceis de pôr em chave por causa da tenuidade das diferenças em que assenta sua delicada caracterização.

- EE. Dorso e asas sem nenhuma pinta ou mancha; occiput e nuca com forte lustro verde-metálico, em flagrante contraste com o dorso e a metade anterior do pléio (sul do México, América Central e zonas quentes da América Meridional cisandina) *C. cayennensis*

Columba plumbea Vieillot

Esta pomba foi descrita tènicamente pela primeira vez por VIEILLOT (1818), com base num exemplar levado para o Museu de Paris em 1816 por DELALANDE Filho, que, como se sabe, fez todas as suas colecções zoológicas nos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Poucos anos mais tarde foi ela novamente descrita pelo Príncipe MAXIMILIANO DE WIED, que a obtivera nas matas do sertão de Ilhéus e do Rio de Contas, registrando-lhe o nome usual de "pomba amargosa". Esta denominação, que deriva do gosto peculiar da carne, é hoje em dia ainda a mais comum; ela corresponde precisamente ao nome túpico *picaçuroba* (de *picaçu*, pomba e *rob*, amargo)¹, assinalado primeiramente por MARCGRAVE, e ainda em nossos dias frequentemente empregado para designar a espécie. É crença, abonada por alguns autores, como BERTONI², que o referido sabor tem origem em certas frutas, de que a ave costuma alimentar-se; seja como fôr, afirma GOELDI³ que a carne do peito é muito saborosa, ao contrário da das côxas e outras partes.

Com o correr dos tempos, o nome *picaçuroba*, com as suas inúmeras variantes (v.g. *picuçaroba*, *caçaroba*, *caçuirova*, *saroba*, *sarova*) perdeu também o nome sua acepção precisa, aplicando-se amiúde a outras pombas do mesmo grupo, sem consideração pelo sabor da carne respectiva.

A ciência ornitológica reconhece hoje em *Columba plumbea* quatro subespécies brasileiras, que passaremos a descrever, na mesma ordem seguida na chave abaixo :

RESUMO DIAGNÓSTICO DAS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA PLUMBEA*

- A. Tamanho maior; partes inferiores cor de cinza, levemente banhadas de vináceo
- B. Bico mais comprido; colorido geral muito mais carregado e partes inferiores distintamente lavadas de vinho (Brasil este-meridional) *C. p. plumbea*
- BB. Bico um pouco menor; plumagem cinzento-clara, com as partes inferiores quase sem tons vináceos (Brasil central) *C. p. baeri*
- AA. Tamanho um pouco menor e partes inferiores muito mais tingidas de vináceo
- C. Infracaudais e lado inferior da cauda pardo-escuros (margem sul do alto Amazonas) *C. p. pallescens*
- CC. Ditas pardo-claras (Guianas e margens ambas do baixo Amazonas) *C. p. wallacei*

1) Cf. RODOLFO GARCIA, Bol. Mus. Nac., V. N.º 3, p. 38 (1929).

2) A. W. BERTONI, Vocab. Zool. Guarani, em Anais do 3.º Congresso Latino-Americano, vol. VI, p. 588 (1910).

3) Aves do Brasil, p. 374.

MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂		♀ ♀	
	asa	cauda	asa	cauda
<i>Columba plumbea plumbea</i>				
Ilha do Cardoso (São Paulo)	192	165		
Serra da Bocaina (São Paulo)	179	154		
idem idem			178	152
idem idem			173	137
Alto da Serra (São Paulo)	180	140		
Campos do Itatiaia (Rio de Janeiro)	182	148		
Rio Jucuruçu (Bahia)			170	133
<i>Columba plumbea pallescens</i>				
João Pessoa, Rio Jurua (Rio Amazonas, sul)	173	135		
Santa Cruz, Rio Eiru (Rio Amazonas, sul)	171	132		
<i>Columba plumbea wallacei</i>				
Rio Atabani (Rio Amazonas, norte)	173	130		
<i>Columba plumbea baeri</i>				
Inhumas (Gozaz)			180	145

Columba plumbea plumbea Vieillot

Columba plumbea VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit. XXVI, p. 358: "Brésil" (tipo dos arredores do Rio de Janeiro, coleccionado em 1816, por DELALANDE). — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 176 (= p. 80 da separata): Taquara, Arroio Grande. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Museum, XXI, p. 323, em parte: "Brazil". — IHERING, 1889, Anuário do Estado do Rio Gr. do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço; idem, 1889, Rev. do Museu Paulista, III, p. 398: Iguape (ex *R. Krone*); idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163: Cantagalo (ex *Euler*), Nova Friburgo (ex *Burmeister*). — MIRANDA RIBEIRO, 1906, Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, XIII, p. 180: Serra do Itatiaia; idem 1923, loc. cit., XXIV, p. 253: Itatiaia. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brasil, Aves, p. 20: Ipiranga, Alto da Serra, São Sebastião, Vargem Alegre, Campos do Itatiaia. — LÜDERWALDT, 1909, Zool. Jahrb. (System.) XXVII, p. 338: Serra do Itatiaia. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, pp. 460 e 492: Vera Guarani (Rio Iguazu).

Chloroenas plumbea PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 274, em parte: Itararé, Mato-Dentro, Rio Borrachudo. — BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn. XXII, p. 240: Blumenau.

Columba locutrix WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 118: Rio Ilhéus; idem, idem, p. 213: Giboia (perto de Conquista); idem, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV (2), p. 455: Ilhéus e Giboia.

Columba infuscata LICHTENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berl. Mus., p. 66: Bahia.

Chloroenas infuscata BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Thiere Bras., III, p. 292: Nova Friburgo. — GOELDI, 1894, As Aves do Brasil, p. 374: Serra dos Orgãos.

Columba plumbea plumbea SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 116: Rio Claro, Serra da Esperança, Cândido de Abreu (próximo do Rio Ivaí). — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 281: Serra do Itatiaia. — FINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 62: Rio Jucuruçu; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 158: Rio Jucuruçu, Vargem Alegre, Itatiaia, São Sebastião, Alto da Serra, Vanuire, Ilha do Cardoso, São Carlos (?). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 469: Fazenda Caioá (Rio Paranapanema), Roça Nova, Vitória, etc.

Oenoenas plumbea plumbea RIDGWAY, 1916, Bull. Un. St. Nat. Mus., L, pte. VII, p. 324: Paraguay e sul do Brasil.

Oenoenas plumbea locutrix RIDGWAY, 1916, publ. cit. p. 325, em parte: Bahia e Pernambuco (?).

Columba plumbea locutrix PETERS, 1937, Check-List Bds. World, III, p. 73: Ieste do Brasil (Bahia e Pernambuco).

DESCRIÇÃO. Um ♂ adulto de Terezópolis, coleccionado em junho de 1942 pelo Sr. Pedro de M. Britto (Serviço da Febre Amarela) pode ser considerado topotípico da espécie nomeada por VIEILLOT: médio dorso e asas cinzento-pardas, com leve brilho verde-bronzeado; alto

da cabeça cinzento-avinhado, sem nenhum brilho visível e muito mais claro na metade anterior do que do meio para a nuca; região interescapular fortemente tingida de violeta ou vinho e distintamente marcada de manchas transversais mais claras, cambiando para o ferrugem; coberteiras superiores da cauda e rectrizes pardo-escuras, quase sem brilho; partes inferiores cor de cinza, muito mais claras do que as superiores e lavadas de vinho, principalmente no peito e no pescoço; mento e garganta ainda mais claros, tocados de fulvo; coberteiras infracaudais da mesma cor do abdome; lado inferior das rectrizes pardo-cinzentas, de colorido uniforme da base à ponta; bico preto, pés vermelhos escuros. Medidas: asa 195 mms., cauda 156 mms., bico 15 mms.

Os caracteres descritos no exemplar de Terezópolis, e considerados típicos da espécie, variam entre limites relativamente largos, dentro de uma mesma população e independentemente de sexo ou idade; assim é que se observam diferenças maiores ou menores no colorido das partes superiores e de cauda (ora mais parda, ora mais anegrada), no lustro metálico das costas e das asas, no banho vináceo que não raro interessa o próprio abdome (como num ♂ de Vanuire, perto de Glicério, oeste de São Paulo). Varia também muito o matiz e a abundância das manchas da região interescapular; mas parecem constantes nos adultos de ambos os sexos, achando-se presentes em todos os exemplares do Brasil este-meridional constantes da coleção ao nosso dispôr. SZTOLCMAN aduz a este propósito interessantes observações e comentários, tendentes a demonstrar que as manchas em questão aumentam em número e tamanho com o desenvolvimento da ave. Feitas estas ressalvas, na descrição acima enquadram-se satisfatoriamente todas as populações distribuídas, desde os limites com o Paraguay (Rio Paraná), pelos estados meridionais e este-meridionais do Brasil, inclusive a faixa oriental florestada de leste e sudeste de Minas Gerais, representada na coleção em estudo por um exemplar insexuado de Vargem Alegre (perto de Mariana).

Uma ♀ do Rio Jucuruçu, no sul da Bahia (Prado), por nós colecionada em 1933, suporta perfeitamente o confronto com as de São Paulo e Rio de Janeiro; assim, não nos parece possível separar *Columba locutrix* Wied, cujos tipos foram obtidos na faixa costeira da Bahia, um pouco mais ao norte (perto de Belmonte e Ilhéus).

DISTRIBUIÇÃO: Nordeste do Paraguay (Alto Paraná, Puerto Bertoni), sul e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande, São Lourenço); Santa Catarina (Blumenau); Paraná (Rio Borrachudo, Vera Guarani, Rio Claro, Serra da Esperança, Cândido de Abreu); São Paulo (Iguape, *Alto da Serra, *São Sebastião, Itararé, *Vanuire, *Ilha do Cardoso, *Rio Juquiá, *Barra do Rio Dourado, *Serra da Bocaina, *Porto Marcondes); Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Cantagalo, Nova Friburgo, *Terezópolis, *Serra do Itatiaia); Espírito Santo (Vitória); leste de Minas Gerais (*Vargem Alegre); sul da Bahia (Ilhéus, Conquista, *Rio Jucuruçu).

***Columba plumbea baeri* Hellmayr**

Columba plumbea baeri HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 91: cidade de Goiaz (A. BAER. col.). — PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XX, p. 37: Rio das Almas (próx. de Jaraguá), Inhumas (no Rio Meia Ponte). — HELLWAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 471: Rio São Miguel (próx. de Cavalcanti).

Columba plumbea (não de VIEILLOT) REINHARDT, 1870, Vidensk Medd. Naturhist. Foren., p. 58: Sant'Ana dos Alegres, Paracatu, Lagoa Santa).

Chloroenas plumbea PELZELN, 1870, Zur. Ornith. Brasiliens: cidade de Goiaz (Natterer).

Esta raça substitui no Brasil Central *C. p. plumbea* e está seguramente representada por um exemplar do Departamento de Zoologia rotulado como ♀ e procedente de Inhumas (antiga Goiabeira), localidade do sul de Goiaz, a leste e não longe da cidade do mesmo nome, sua pátria típica. Nosso exemplar, como alhures ficou dito, concorda fielmente com a descrição original, e destaca-se à primeira vista de qualquer dos do Brasil meridional e oriental. Toda a plumagem é muito mais clara, especialmente a das partes inferiores, cinzento-claras, com tons vináceos apenas perceptíveis; o alto da cabeça, de côr plúmbea apenas mais carregada que a das partes inferiores, clareia na metade anterior e é quase isento de vináceo; o mento, pouco mais claro do que a cabeça, e igualmente pobre de tons vináceos, não apresenta manchas distintas; o dorso e as asas são pardos, quase sem brilho.

A área de dispersão desta raça, segundo HELLMAYR, que teve em mãos exemplares de Araguari, estende-se para leste até o chamado Triângulo Mineiro, mas não há elementos para se afirmar com segurança em que pontos ela cede o lugar à raça típica da espécie; paremos duvidoso que ela alcance a região do Rio das Velhas, visto como o nosso exemplar de Vargem Alegre, mencionado acima, é caracteristicamente de *C. p. plumbea*. Com estas restrições, e baseando-nos principalmente em alheio testemunho, é que daremos para *C. plumbea baeri* a seguinte

DISTRIBUIÇÃO. Matas interiores do Brasil centro-oriental: oeste de Minas Gerais (Paracatu, Sant'Ana dos Alegres, Lagoa Santa, Rio Jordão), Goiaz (cid. de Goiaz, *Rio das Almas, *Inhumas, Rio S. Miguel).

***Columba plumbea pallescens* Sneathlage**

Columba plumbea pallescens SNEATHLAGE, 1908, Journ. f. Ornithol., LVI, p. 22: Bom Lugar (Rio Purús); idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Bom Lugar. — TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L. p. 187: Hiutanahã, Arimã. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 471: Santo Antônio, Igarapé do Gordão. — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungs. Sv. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 45: João Pessoa.

Esta raça é-nos conhecida através de vários indivíduos de ambos os sexos, procedentes do alto Juruá (João Pessoa) e seu pequeno afluente oriental, Rio Eiru (Santa Cruz); a julgar por estes exemplares, ela se caracteriza, antes de tudo, pela cor carregada do dorso e das asas, pardo-escuros, com forte mistura de oliva, e ainda pela tonalidade francamente vinácea de todas as partes inferiores. O tamanho das aves amazônicas é também sensivelmente inferior ao das do sul do Brasil, com que aliás não se deixam confundir. As manchas do manto parecem faltar em cinquenta por cento dos exemplares adultos.

A área de distribuição de *C. plumbea pallescens* é ainda mal conhecida, admitindo-se que nas porções mais altas da Amazônia passa a ser substituída por *C. plumbea bogotensis* (BERL. & LEVERKÜHN), raça cujos caracteres são extraordinariamente semelhantes, mas de que só temos conhecimento através dos autores.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste do Equador (Rio Tigre, Rio Carapino, Raya Yaco), nordeste do Peru (Puerto Indiana, rio Ucayali), extremo oeste do Brasil, ao sul do Rio Solimões: Rio Juruá (*João Pessoa, Igarapé do Gordão, *Santa Cruz, Santo Antônio), Rio Purus (Bom Lugar, Hiutanahã, Arimã).

***Columba plumbea wallacei* Chubb**

Columba plumbea wallacei CHUBB, 1917, Bull. Brit. Orn. Cl. XXXVIII, p. 32: Rio Capim (leste do Pará); idem, 1919, Ibis, p. 31: Rio Capim. — TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 186: Vila Braga, Óbidos, Manacapuru. — GRISCOM & GREENWAY, 141, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 135: Óbidos, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, Pte. I, N.º 1, p. 473: Boim, Vila Acará, Tomé-açu.

Columba plumbea pallescens (não de SNETHLAGE, 1908) HELLMAYR, 1912, Abhandl. mathem.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 79; Santo Antônio do Prata, Ipitinga. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Santa Helena. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: Castanhal. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 66: Tapirapuã (Rio Sipotuba). — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 158: Rio Atabani.

Columba vinácea (não de TEMMINCK), SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 590: Rio Capim.

Columba plumbea (não de VIEILLOT) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 323, em parte: Rio Capim. — GOELDI, 1903, Ibis, p. 499: Rio Capim.

Columba locutrix (não de WIED) RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarem.

Columba plumbea bogotensis (não de BERLEPSCH & LEVERKÜHN) HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 383: Rio Capim.

Um exemplar do Rio Atabani, na margem septentrional do Rio Amazonas (região de Itacoatiara), de sexo indeterminado, mas aparentemente ♂ adulto, confirma a existência de uma quarta raça, muito semelhante a *C. plumbea pallescens*, mas ainda assim suficientemente caracterizada. Comparado com os da série do alto Juruá, o do Rio Atabani difere pelo violáceo mais puro (sem mescla apreciável de cinza) e mais uniforme do píleo, e principalmente pelo colorido muito mais claro das coberteiras infra-caudais e do lado inferior das rectrizes. Estas diferenças não foram apontadas nem por TODD nem pelos que depois dele se têm ocupado da matéria, mas temos pouca dúvida de que o nosso exemplar deva pertencer à raça descrita por CHUBB com o nome de *C. plumbea wallacei*. A distribuição atribuída a esta subespécie, além das três Guianas, abrange as duas margens do baixo Amazonas, desde a foz até os Rios Negro e Tapajós.

Há ainda na coleção do Departamento de Zoologia um outro exemplar do Rio Atabani; trata-se porém de uma ♀ demasiado jovem para que se possa levar em conta o colorido da plumagem.

DISTRIBUIÇÃO: Guianas Francesa, (Rio Oyapock, Pied Saut), Holandesa (Javaweg) e Inglesa (Rio Demerara, New River, Rio Essequibo, Bartica Grove, Camacusa), e Brasil oeste-septentrional, ao norte e ao sul do baixo Amazonas e do trecho adjacente do Rio Solimões: baixo Solimões (Manacapuru), *Rio Atabani, Óbidos, Rio Tapajós (Boim, Vila Braga, Santarem), Rio Jamauchim (Santa Helena), todo leste do Pará (Rio Acará, Ipitinga, Prata, Castanhal) e norte extremo de Mato Grosso (Tapirapuã).

***Columba subvinacea* (Lawrence)**

Chloroenas subvinacea LAWRENCE, 1868, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., IX, p. 135: Dota (Costa Rica).

A referência mais antiga às pombas deste grupo cabe a TEMMINCK (1811), que utilizando nome já ocupado por GMELIN, (1789), descreveu sob a denominação de *Columba vinacea* um exemplar da Guiana Francesa, que hoje sabemos pertencer à mesma ave batisada posterior-

mente como *Columba purpureotincta* RIDGWAY. Todas se assemelham extraordinariamente às do grupo encabeçado por *C. plumbea*, e si não fosse o facto de existirem em algumas regiões, como a Amazônia, subespécies de umas e de outras, haveria talvez conveniência em tratá-las todas como simples raças geográficas de uma mesma espécie. Isso aliás afina com o senso do povo, que no Amazonas as chama indistintamente de "pomba amargosa". Comparadas com as de *C. plumbea*, as principais características das raças de *C. subvinacea* estão no porte mais reduzido (145 a 150 mms. de asa), no bico decididamente menor e proporcionalmente mais grosso (altura pouco menor que a metade do comprimento do culmen), na cor acanelada das coberteiras inferiores das asas e, principalmente, no colorido geral mais carregado da plumagem, cujo banho vináceo é muito mais intenso do que em qualquer das raças de *C. plumbea*. Não obstante, neste particular, algumas raças da última se aproximam extraordinariamente das de *C. vinacea*, embaraçando não raro a clara compreensão das relações entre os dois grupos, que SALVADORI (Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 323) e outros não souberam devidamente distinguir.

A área de distribuição desta espécie, em que o mais recente Catálogo reconhece nada menos de oito raças geográficas, abrange a porção tropical da América Central (Costa Rica, Panamá) e todo o oeste-setentrional da América do Sul, inclusive a Amazônia brasileira, onde vivem as duas formas abaixo descritas.

***Columba subvinacea purpureotincta* Ridgway**

Columba purpureotincta RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Nat. Mus., X, p. 594, nota margin.: Demerara (Guiana Inglesa). — BERL. & HARTERT, 1902, Novit. Zool. IX, p. 117: Maipures (Rio Orenoco). — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, II, N.º 6, p. 68: Turiaçu. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Turiaçu.

Columba subvinacea purpureotincta TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L. p. 188: Rio Yuruan (Venezuela). — HELLMAYR & CONOVE, 1942, op. cit., p. 467, em parte: Serra da Lua (Rio Branco), Vila Acará (Rio Acará). — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 399: São Gabriel.

As características desta pomba foram minuciosamente estudadas por BERLEPSCH & HARTERT (1902), que as puzeram em confronto com as de *C. plumbea*. HELLMAYR & CONOVER, últimos revisores do assunto, referem a *C. subvinacea purpureotincta* não só as populações do norte extremo do Amazonas (Rio Branco), como ainda as da mais baixa porção do referido rio, aí incluída a margem meridional (Rio Tocantins), as de leste do Pará (região de Belém e cercanias) e norte do Maranhão. Não possuímos material para formar opinião própria sobre o assunto; todavia, inclinamo-nos a seguir neste particular o parecer de GRISCOM & GREENWAY, para quem toda a baixa Amazônia estaria compreendida na área de *C. subvinacea recondita*. Aliás, todos estes autores são unânimes em referir a esta forma as aves da região de Óbidos, que geográficamente é lícito incluir na baixa porção da margem septentrional do Rio Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO: Sudeste da Venezuela (Ciudad Bolivar, alto Orenoco, Rio Cassiquiare, Rio Yuruan, monte Roraima), Guiana Inglesa (Rio Demerara, Bartica Grove, Camacuse, Rio Rupununi, Quonga, Rio Caramang, Ourumee), norte extremo do Brasil: Rio Branco (Serra da Lua, perto de Boa Vista), alto Rio Negro (São Gabriel).

***Columba subvinacea recondita* Todd**

Columba subvinacea recondita TODD, 1937, Proc. Biol. Soc. Wash., L, p. 187: Colônia do Mojuí (marg. direita do Rio Tapajós, perto de Santarem). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 135: Óbidos, Santarem, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, p. 465: Óbidos, Lago Cuipeva, Arimã, Hiutanahã, Lábrea, Nova Olinda, Vila Braga, Boim, Tauari etc.

Columba purpureotineta (não de RIDGWAY) SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Ornithol., LVI, p. 538: Alcobaça (Rio Tocantins); idem, 1914 Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62: Alcobaça, Rio Gurupi; idem, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 68: Turiaçu. — HELLMAYR, 1929, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Turiaçu. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159: Lago Canaçari.

Columba vinacea purpureotineta HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 267, em parte: Vila Acará (Rio Acará).

Chloroenas plumbea var. PELZELN, 1870, Orn. Bras. III, p. 275: Engenho do Gama (Rio Guaporé), Borba (Rio Madeira).

Columba plumbea palleescens (não de SNETHLAGE) HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 415: Aliança, Jamarizinho.

Atribuível à presente subespécie conhecemos apenas um ♂ adulto do Lago Canaçari, na margem septentrional do Rio Amazonas, próximo de Itacoatiara. Comparado com os da série do alto Juruá, dá a impressão de divergir racialmente deles, destacando-se pela tonalidade um pouco mais clara das partes superiores e das rectrizes, o porte mais reduzido (156 mms. de asa, mínimo raramente encontrado nas aves do Juruá) e, especialmente, a pequenez do bico, cujo culmen não ultrapassa 12 ½ mms.

DISTRIBUIÇÃO: Margem direita e esquerda do médio e baixo Amazonas, até o norte do Maranhão: margem septentrional do baixo Solimões (Codajás, *fide* Gyldenstolpe) e do Amazonas (*Lago Canaçari, Óbidos), Rio Purus (Arimã Hiutanahã, Lábrea, Nova Olinda), rios Madeira (Borba, Aliança), Gi-Paraná (Jamarizinho) e Guaporé (Engenho do Gama), Rio Tapajós (Vila Braga, Boim, Santarem, Pinhel, Tauari), Rio Tocantins (Alcobaça) região de Belém (Rio Acará), Rio Gurupi, norte do Maranhão (Turiaçu).

***Columba subvinacea olgivie-granti* Chubb**

Columba olgivie-granti CHUBB, 1917, Bull. Brit. Orn. Club, XXXVIII, p. 5: Guayabamba (norte do Perú).

Columba subvinacea olgivie-granti GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Akadem. Handl., XXII, n.º 3, p. 46: João Pessoa, Santo Antônio (alto Juruá).

Já atrás, a propósito de um exemplar do Lago Canaçari identificado como de *C. subvinacea recondita*, fizemos referência às diferenças que ele apresenta em confronto com as aves do alto Juruá, bem representadas nas coleções do Departamento de Zoologia por 2 ♂♂ e 6 ♀♀ de João Pessoa (antiga São Felipe) e Santa Cruz (Rio Eiru). Embora não possuamos outros elementos de convicção afora razões de origem zoogeográfica, admitimos, a exemplo de GYLDENSTOLPE, que estas populações da porção ocidental extrema da Amazônia brasileira sejam inseparáveis das do nordeste do Peru, a que cabe o nome proposto por CHUBB. De acordo com este conceito, para fixar as características da raça amazônico-peruana, descreveremos um ♂ adulto de Santa Cruz. Toda a plumagem, inclusive as próprias rectrizes, bem iluminada sob luz difusa, é mais ou menos lavada de vináceo; o píleo, o pescoço e a região interescapular são vináceos, misturados de cinza; o dorso e as asas pardacentos, lustrados de bronze e vinho, em proporção mais ou menos iguais; as supracaudais e a cauda algo mais escurecidas, distintamente lustradas de vinho; o mento e a garganta avinhado-bran-

cacentos, em contraste com o pescoço e o restante das partes inferiores, que são de um vináceo-cinza apenas mais claro que o do alto da cabeça e do manto; infracaudais e lado inferior das rectrizes pardo-cinzentas, menos tingidas de vináceo do que o abdome e o peito. Medidas: asa 163 mms., cauda 132 mms., culmen 14 mms. Nos demais exemplares o comprimento de asa varia entre 156 a 163 mms.; o da cauda, entre 127 a 132 mms.; o do culmen, entre 13 a 14 mms.

DISTRIBUIÇÃO: Leste do Peru (Rio Ucayali, Rio Huallaga, Cosni-pata, Huambo, Guayabamba), do Equador (Sarayacu, Rio Tigre, Baeza) e da Bolívia (Rio Surutu, Santa Cruz, Buena Vista, Cochabamba, Rio Espírito Santo, Rio Yapacani), extremo noroeste do Brasil: alto Juruá (João Pessoa), Rio Eiru (Santo Antonio, Santa Cruz).

Columba speciosa Gmelin

Columba speciosa GMELIN, 1789, Syst. Nat., I, p. 783 (baseada no "Pigeon ramier, de Cayenne, de Buffon e Daubenton, Pl. Enlum. 213: Cayenne (Guiana Francesa). — WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 251: Rio Mucuri; idem, 1832, Beitr. Naturg. Bras., IV, p. 452: Camamu. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 590: Pará (= Belém). — ALLEN, 1893, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., V, p. 148: Chapada (H. SMITH col.). — RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 161: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 281: Pará (= Belém, WALLACE col.), Bahia (WUCHERER), Engenho do Gama (NATTERER), Chapada. — GOELDI, 1897, Ibis, pp. 153 e 160: Counani; idem, 1893, loc. cit., p. 499: Rio Capim; idem, 1894, As Aves do Brasil, p. 377 (hábitos etc.). — HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 383: próxim. de Belém (= St^o Antônio do Prata). — IHER. & IHERING, 1907, Cat. Fauna Brasil., I (Aves), p. 19: Iguape, São Francisco (Santa Catarina). — REISER, 1910, Denks. math. — naturwiss. Kl. Akad. Wien, LXXVI, p. 100: Miritiba (SHWANDA col.). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 61: Monte Alegre, Cuçari, Ilha Goiana, Faro, Guimarães. — LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, (2), p. 96: Ilhéus. — NAUMBURG, 1930, Bull. Un. St. Nat. Mus., LX, p. 66: Rio Roosevelt. — PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 36: Jaraguá, "Rio Jaraguá" errore (= Rio das Almas); idem, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Santarém, Ilhéus, Itabuna, Rio das Almas, São Luiz de Cáceres, Vitória de Botucatu, Iguape, Olímpia. — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michig., N.º 349, p. 6: Marajó. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 134: Tauari, Santarém, Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 434: Serra da Lua, Rio Acará, Rio Capim, Lago Cuipeva, Boim, Tauari, Caxiricatuba. — PINTO & CAMARGO, 1948, Papéis Avulsos do Dept^o. de Zool., VIII, p. 302: Chavantina, Rio Pindaíba, Aragarças.

Lepidoenas speciosa PELZELN, 1870, Zur. Orn. Brasil., (3), p. 274: Rio Guaporé (Engenho do Gama), Rio Madeira (Ribeirão), Barra do Rio Negro (= Manáus), Pará (= Belém).

Não se tem notícia dos nomes que teria esta espécie entre os índios; mas, desde cedo passou ela a ser chamada pelos colonos de "Pomba trocaz", por causa certamente de sua semelhança com a que em Portugal é assim apelidada. E', sem dúvida, a mais bonita das pombas indígenas, principalmente em se tratando de machos adultos, que a seguir descreveremos, com base num exemplar proveniente de Ilhéus (Nº 11.862 da col. do Dept. de Zoologia de São Paulo), na costa meridional do Estado da Bahia. Alto da cabeça, desde a fronte até a nuca cor de chocolate, com fraco banho de vinho; costas francamente cor de chocolate, lavadas de vinho, com reflexos violáceos muito visíveis sob incidência conveniente de luz; cauda preta, da base à ponta; pescoço guarnecido em toda volta de penas orladas de verde metálico, cambiando em violeta, e com a porção subterminal branca, o que dá ali à plumagem aspecto escamoso característico; região interescapular semelhante ao pescoço, com a diferença de terem as penas a parte subterminal tingida de ferrugíneo,

e tanto mais fortemente quanto mais se aproximam do dorso; alto do peito a princípio escamoso como o pescoço, mas perdendo gradativamente este aspecto até o abdome, que é esbranquiçado, com as penas mais ou menos debruadas de escuros; infracaudais brancas, com a orla extrema escurecida. Medidas: asa 297 mms., cauda 115 mms., culmen 23 mms.

Abstração de seu porte mais exíguo, a fêmea difere à primeira vista dos machos pela plumagem muito menos vistosa; o píleo, o pescoço e a região interescapular assemelham-se aos dos últimos, mas o restante das partes superiores é pardo-escuro, com muito raros indícios de chocolate, ao mesmo tempo que no lado inferior o desenho escamoso da plumagem do pescoço acusto atinge o alto do peito, sempre muito mais claro do que nos machos.

O bico e as patas são vermelho-carmezim em ambos os sexos, passando rapidamente a amarelo nos exemplares preparados.

A distribuição desta espécie é bastante ampla, abrangendo, sem dar margem a variação perceptível, os paizes quentes da America, desde o sul do México até o Paraguay e, no Brasil, o Estado de Santa Catarina. De habitat estritamente silvestre, vae ela cada vez mais escasseando entre nós com a derrubada das matas e o avanço da civilização. Por isso, enquanto é ainda bastante comum no baixo Amazonas e em algumas zonas do Brasil Central, já hoje não se vê senão excepcionalmente nos Estados do Sul. Pessoalmente, encontramos-a com abundância, quase quinze anos atrás, no sul de Goiaz (região do Rio das Almas). Observamos-a quase sempre em bandos, comendo frutinhas nas árvores grandes da mata; ocasiões houve, porém, em que deparamos com exemplares solitários, descansando entre dous vôos, não raro sob os rigores do sol. Pelo príncipe de WIED, sabemos que põe dous ovos brancos, em ninho mal feito, de gravetos.

DISTRIBUIÇÃO : Zonas florestadas de clima quente da América cisandina (localmente, como no Equador, também por vezes a vertente pacífica), desde o sul do México até o Paraguay, inclusive quase todo Brasil: sudeste do México (estados de Vera Cruz, Oaxaca, Yucatan), América Central (leste de Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá), Colombia (Rio Magdalena, Antioquia, Santa Marta, Remedios, Nóvita, Buena Vista, Villavicencio, Noanamá), Venezuela (Rio Orenoco, Maipures, Rio Caura, monte Roraima), Trinidad, Guianas Inglesa (Rio Essequibo), Rio Demerara, Rio Mazaruni, Rio Ituribisci, Camacusa, Bartica Grove), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), Equador (Zamora, Rio Suno, San Javier, Rio Napo, Sarayacu, Gualaquiza, Esmeraldas), leste do Peru (Chamicuros, Chyavetas, La Mercéd, Amable Maria), nordeste da Bolívia (baixo Rio Beni), leste do Paraguay (Puerto Bertoni) e Brasil: alto Rio Madeira, Rio Negro (Barra do Rio Negro), Rio Branco (Serra da Lua), *Rio Anibá, Rio Jamundá (Faro), Monte Alegre, Lago Cuiveva, Rio Cunani, Ilha de Marajó, Rio Tapajós (Boim, Vila Braga, Ilha Goiana, *Santarém, Diamantina, *Piquiatuba, Tauari, *Caxiricatuba), Rio Capim, Rio Acará, norte do Maranhão (Miritiba, Guimarães), sul da Bahia (Camamu, *Ilhéus, *Itabuna), Espírito Santo (*Pau Gigante), São Paulo (*Iguape, *Vitória de Botucatu, Lins, Olímpia), Santa Catarina (São Francisco), Goiaz (*Rio das Almas, *Jaraquá, *Rio Claro, Rio Araguaia), Mato Grosso (*Rio das Mortes, Chapada, *S. Luiz de Cáceres, Rio Guaporé, Rio Roosevelt).

Columba picazuro Temminck

Columba picazuro TEMMINCK, 1818, Hist. Nat. des Pigeons et Gallin., I, pp. 111 e 149 (basado em "Picazuro" de Azara): Paraguay.

Dos pombos selvagens brasileiros é este o que alcança porte mais avantajado e também seguramente, um dos mais bonitos. É fácil de reconhecer pelo desenho escamoso da plumagem na base do pescoço, à maneira de um largo semi-colar, interrompido no lado inferior. Isso lhe dá alguma semelhança com *Columba speciosa* e explica porque em certos lugares (p. ex. Cuiabá, *fide* NATTERER) é ele conhecido pelo mesmo nome popular de "Pomba trocáz". Os guaranis do Paraguay, como nos tempos de AZARA, conhecem-no ainda hoje pelo nome de "Picazuró" (cf. WETMORE, 1926), reservado em outros lugares, quiçá com mais propriedade, para *Columba plumbea*. Também goza algures do apelido de "Pomba verdadeira", registrado na Bahia pelo príncipe de WIED, e de aplicação tão imprecisa quanto o seu equivalente "Pomba legítima". A espécie parece ocorrer, pelo menos acidentalmente, em todo o Brasil, com exclusão aparente da Hiléia; mas até aqui só tem sido registrada em poucos Estados. Nessa área, pode-se claramente reconhecer três raças geográficas, de que iremos nos ocupar dentro de pouco.

Em seu conhecido trabalho sôbre as aves da Argentina e vizinhas repúblicas¹, dá-nos WETMORE informações interessantes sobre o modo de vida deste pombo, que observara repetidas vezes; ora aos bandos, à procura de alimento no chão, ou descansando sobre as árvores, ora em vôo solitário, ou aos pequenos grupos. No Uruguay (La Paloma), um ninho da raça meridional foi encontrado pelo mesmo ornitologista em fins de janeiro. De forma irregular e cêrca de 70 mms. de diâmetro, estava situado num galho horizontal de árvore, a pouco mais de dois metros de altura; era feito de capim e gravetos, e continha um filhote, já meio emplumado.

MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
São Lourenço (Rio Gr. do Sul)	240	135	20			
Idem, idem	234	140	19			
Rio Aricá (Mato Grosso)	228	125	16			
Idem, idem	227	116	20			
Idem, idem	(219)	117	20			
Corumbá (Mato Grosso)				200	115	20
Cuiabá (Mato Grosso)				222	121	18
Barra do Rio Grande (Bahia) ..	213	118	22			
Idem, idem				201	116	20

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
COLUMBA PICAZURO

- A. Plumagem mais clara; tamanho menor, medindo geralmente a asa menos de 130 mms. de comprimento nos ♂ ♂ adultos
- B. Coberteiras superiores das asas de colorido aproximadamente pardo e uniforme, abstração feita das mais externas, que são marginadas de branco (norte da Argentina, Bolívia, Brasil este-meridional e ocidental) *C. picazuro picazuro*

1) ALEXANDER WETMORE, "Observations on the birds of Argentina, Paraguay, Uruguay, and Chile", em *Un. St. National Museum, Bulletin* 133, pp. 182-5.

- BB. Coberteiras superiores das asas com os bordos mais ou menos tingidos de branco, cor predominante em todo bordo externo da asa (Brasil centro-oriental e septentrional) *C. picazuro marginalis*
- AA. Plumagem de colorido geral mais carregado, com o abdome e as infracaudais intensamente tingidos de cinza; tamanho sensivelmente maior, a asa medindo ordinariamente mais de 130 mms. nos ♂♂ adultos *C. picazuro venturiana*

***Columba picazuro picazuro* Temminck**

Columba picazuro SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus. XXI, p. 271, em parte: Cuiabá, Engenho do Gama (NATTERER) etc.; idem, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Urucum. — GRANT, 1911, The Ibis, p. 459: Porto Esperança. — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Ornithol., p. 25: São Luiz de Cáceres. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados.

Columba picazuro picazuro PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 155, em parte: Corumbá (GARBE col.); idem, 1940, Arquivos de Zool. do Est. de S. Paulo, I, p. 9: Santo Antônio (do Rio Abaixo). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 436, em parte (localids. da Bolívia, Paraguay e Mato Grosso): Cuiabá. — PINTO, 1949, Bolet. Mus. Parense E. Goeldi, X, pp. 343 e 345: Cuiabá, Rio Aricá.

Crossophthalmus gymnophthalmus (não *Columba gymnophthalmus* TEMMINCK) PELZELN, 1870, Zur. Orn. Brasiliens, III, p. 274: Cuiabá, Sangrador, Engenho do Capit. Gama (Rio Guaporé, NATTERER, col.).

A descrição que se segue é a de um ♂ adulto do Rio Aricá (afluente oriental do Rio Cuiabá), colecionado pelo Autor em 21 de maio de 1944: píleo, desde a fronte até a nuca, avinhado claro, com mistura de cinza, principalmente no alto da cabeça; pescoço a princípio da mesma cor da nuca, mas, do meio para trás, tanto em cima como dos lados, caracteristicamente ornado de penas oureladas de um debrum semi-lunar preto, o que dá ao conjunto elegante aspecto escamoso, tornado muito saliente pelo contraste com o colorido da porção subterminal das penas, que é branca-azulada no começo, mas se torna cada vez mais tingida de vinho em direção à base do pescoço; região interescapular a princípio semelhante ao pescoço, mas perdendo rapidamente o aspecto escamoso, com possuírem as penas o debrum cada vez menos negro, e menos distinta a parte subterminal branco-avinhada; porção alta do dorso, como também as adjacentes coberteiras superiores das asas, cor sombria de cinza, com mescla de pardo; baixo dorso, uropígio e coberteiras superiores da cauda cinzento-plúmbeas; rectrizes da mesma cor, enegrecendo progressivamente em direção à extremidade; primárias cor clara de cinza na barba externa, com as pontas e a barba interna escuras; coberteiras superiores externas da asa cinzento-plúmbeas, com as bordas brancas; garganta de colorido claro, branco-avinhado, passando insensivelmente ao cinzento-avinhado nas partes laterais da cabeça e anterior do pescoço; colo cinzento-avinhado; peito e médio abdome da mesma cor, com leve mescla de pardo-amarelado; flancos, côxas e crisso cinzento-plúmbeos e, com exceção dos primeiros, levemente tocados de vinho; coberteiras inferiores das asas e da cauda plúmbeos. O comprimento da asa é neste exemplar de 228 mms.; o da cauda 125 e o do culmen 16. Por inadvertência, não foram tomadas as características das partes que a conservação fariam descorar. Todavia, WETMORE,¹ tendo em mãos um ♂ adulto de Formosa (norte extremo da República Argentina), informa que o bico é cinzento-azulado (plumbêo), mais escurado na ponta; a cera cor neutra de cinza; a pele nua à volta dos

1) ALEX. WETMORE, Bull. Un. St. Nat. Mus., p. 183 (1926).

olhos vermelha, abstraidas as pálpebras, que são cinzentas, com o rebordo vermelho; a íris cor de carne; as patas vermelhas e as unhas escuras.

As fêmeas pouco diferem dos machos; têm todavia o porte menor, as costas mais desbotadas e, sobretudo, as partes inferiores menos avinhadas, mais pardo-amareladas. Dous exemplares deste sexo, um de Corumbá (E. GARBE. col., 1917) e outro de Cuiabá (OLALLA col., 1944), apresentam as mesmas características, demonstrando que a espécie nesta parte ocidental de Mato Grosso forma uma população homogênea e, com todas as probabilidades, inseparável tanto das do sudeste da Bolívia como das do Paraguai, sua pátria típica. São todavia incertos os limites entre a área geográfica desta raça e a de *C. p. venturiana*.

DISTRIBUIÇÃO: Norte extremo da Argentina (Formosa, ? Tucumán), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija), Paraguai (Puerto Pinasco) e Brasil oeste-meridional: Mato Grosso (*Corumbá, Urucum, Descalvados, São Luiz de Cáceres, Cuiabá, Sangrador, *Santo Antônio, *Rio Aricá, Engenho do Gama).

Columba picazuro venturiana Hartert

Columba picazuro venturiana HARTERT, 1909, Novitates Zoologicae, XVI, p. 260: tipo de Mocovi (nordeste da República Argentina, prov. de Santa Fé).

Columba picazuro (não de TEMMINCK) BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo. — IHERING, 1889, Anuário do Rio Gr. do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., I, Aves, p. 18, em parte: São Lourenço.

Columba picazuro picazuro NAUMBURG, 1932, Amer. Mus. Novit. N.º 554, p. 4, em parte: São Lourenço, Lagoa do Forno (perto de Torres). — PINTO, 1938, Rev. Museu Paul., XXII, p. 155, em parte: São Lourenço, Itaquí. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 436, em parte: (Uruguay, Buenos Aires, Rio Grande do Sul).

Picazuro picazuro reichenbachii (não de BONAPARTE) WETMORE, 1926, Bull. 133 Un. St. Nat. Mus., pag. 184: Uruguay e leste da Argentina (Buenos Aires, Corrientes etc..)

HARTERT, baseando-se em material do norte da Argentina (Tucumán, Salta e Santa Fé), e escolhendo um exemplar de Mocovi (prov. de Santa Fé), descreve esta raça como semelhante a *C. p. picazuro*, mas fácil de distinguir pelo colorido mais carregado da frente, nuca, uropígio e supracaudais. WETMORE estudando um macho adulto de San Vicente, nele reconhece a forma meridional escura separada por HARTERT, identificando-a todavia com *Crossophthalmus reichenbachii* BONAPARTE, cujos tipos supoz originários da Patagonia (um ♂ adulto) e do Paraguai (um jovem, "at least so characterized"). Todavia, o exame direto do material ainda existente no Museu de Paris permitiu ulteriormente a HELLMAYR¹ esclarecer a confusão existente a seu respeito, provando à luz dos assentamentos encontrados nos rótulos dos espécimes, que *Crossophthalmus reichenbachii*, longe de se aplicar às pombas do presente grupo, deve reverter à sinonímia de *Columba maculosa* TEMM., a que provam pertencer quaisquer dos dous exemplares que teriam servido a BONAPARTE para descrever a sua espécie. Por outro lado, opina o referido autor pela inseparabilidade das aves do norte da Argentina e do Uruguay, reduzindo, em consequência, *C. p. venturiana* a mero sinônimo de *C. p. picazuro*, tal como já fizera a Sra. NAUMBURG², dez anos antes.

1) HELLMAYR & CONOVER, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 440, nota 1 (1942).

2) Amer. Mus. Novit., N.º 554, p. 3 (1932).

Não obstante, um macho adulto, coleccionado por E. GARBE em Itaqui, nas fronteiras do Brasil com o Uruguay, diverge logo à primeira vista dos de Mato Grosso, demonstrando pertencer a raça particular, que não hesitamos em identificar com a nomeada por HARTERT, tão grande é a concordância de suas características com a diagnose da última. Robustece ainda este juízo a presença de outro exemplar do Rio Grande do Sul (Colônia São Lourenço, ENSLEN col.), que, embora sem sexo especificado, é também, sem nenhuma dúvida, um macho adulto, e em tudo parecido com o de Itaqui. Comparados com o de Mato Grosso, e abstração feita de seu porte sensivelmente mais avantajado, estes machos do Rio Grande do Sul diferem ao primeiro exame pela tonalidade geral muito mais carregada da plumagem, tanto do alto da cabeça e das costas, como das partes inferiores, onde o baixo abdome e as tíbias são predominantemente plúmbeas, e as infracaudais quase exclusivamente desta cor; também as primárias e as retrizes são mais escuras, e menor a quantidade de branco no rebordo das coberteiras superiores das asas.

No que se refere à área de dispersão de *C. picazuro venturiana*, não há dados para lhe traçar de modo preciso os limites septentrionais, visto como, conforme observaram WETMORE, LAUBMANN¹ e outros, já na região do Chaco, que abrange na República Argentina o distrito de Formosa, é ela substituída por *C. picazuro picazuro*.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da República Argentina (Buenos Aires, Santa Fé, Corrientes), Uruguay (San Vicente, Rio Negro, Rocha) e extremo sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Taquara, *São Lourenço, *Itaqui).

***Columba picazuro marginalis* Naumburg**

Columba picazuro marginalis NAUMBURG, 1932, Amer. Mus. Novit., N.º 554, p. 3: Corrente (loc. típica), Parnaguá, Rio Parnaíba (Floriano, Belo Horizonte), Ibiapaba, Barra do Rio Grande, Remanso, Soledade, Santa Rita do Rio Preto. — PINTO, VTCR, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Cidade da Barra (= Barra do Rio Grande), Pirapora. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 438: Ibiapaba, Parnaguá, Soledade.

Columba picazuro (não de TEMMINCK) FORBES, 1881, Ibis, p. 356: Paraíba e Pernambuco (Quipapá, Garunhuns). — ? HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 90: Rio Araguaia. — REISER, 1910, Denkschr. Math.-naturwiss. Kl. Akd. Wien, LXXVI, p. 86: Soledade (no Rio São Francisco, perto de Caraíba), Barra do Rio Grande. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 462: Ibiapaba (Col. de CONOVER).

Columba leucoptera (não de LINNÉ) WIED, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 242 (241 da ed. in-8vo): Rio de Contas.

Columba poeciloptera (não de VIEILLOT) WIED, 1833, Beitr. Naturg. Bras., IV, 2, p. 459: "in den Wäldern des oberen *Rio das Contas* Flüge".

É-nos esta subespécie conhecida através de um casal de Barra do Rio Grande (Rio S. Francisco, Bahia), coleccionado em 1908 por E. Garbe. Tomando em consideração principal o macho adulto, vê-se que ela difere das anteriormente estudadas em mais de um caráter, entre os quais avultam: a maior quantidade de branco nas bordas das coberteiras das asas; a cor muito mais desbotada, pardo-suja, das penas do dorso e das asas, cuja orla é ainda nitidamente mais clara; pela tonalidade francamente vinácea, sem mescla apreciável de cinza, das partes inferiores; o cinzento mais claro das supracaudais e o preto menos retinto da porção terminal das retrizes; o porte muito reduzi-

1) ALF. LAUBMANN, "Die Vögel von Paraguay", em Wissenschaftliche Ergebnisse der Deutschen Gran Chaco-Expedition, Bd. I, p. 131 (1939).

do etc. Nos jovens há pouco vináceo (mais pardo-amarelado) e falta a faixa branca na borda da asa (REISER).

Esta raça habita as zonas secas do nordeste do Brasil, até, pelo menos, o interior do Piauí (Parnagua, Rio Parnaíba, Ibiapaba) e, ao que parece, também uma parte de Goiás, onde deve ceder o lugar à forma típica da espécie. No dizer de REISER, é esta entre as suas congêneres a mais abundante na região do Rio Grande (noroeste da Bahia), onde aparece na companhia de *C. cayennensis sylvestris*. O ninho encontrado em fins de maio pelo mesmo ornitólogo numa ilha do lago Parnaguá continha apenas um ovo, medindo 38 mms. de compr. por 28,5 mms. de largura.

DISTRIBUIÇÃO: Brasil oriental e este-septentrional: Minas Gerais (Rio S. Francisco, *Pirapora), Bahia (Rio de Contas, *Barra do Rio Grande, Remanso, Soledade, Santa Rita do Rio Preto), Pernambuco (Quipapá, Garanhuns), Paraíba, Piauí (Ibiapaba, Corrente, Floriano, Belo Horizontê, Parnaguá),? Goiás (Rio Araguaia).

Columba maculosa Temminck

Columba maculosa TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Fig. et Gallin., I, pp. 113 e 450 (baseado em "Paloma cobijas manchadas" de AZARA): Paraguay.

Entre as pombas brasileiras do gênero *Columba*, é principalmente com *C. pacazuro* que o presente possui mais traços de semelhança; mas desta difere à primeira vista no colorido uniforme do pescoço, a que falta qualquer vestígio do semicolar de penas debruadas de preto, e pela presença de uma nódoa apical branca nas penas do manto e coberteiras superiores das asas.

A área de distribuição da espécie compreende, de um lado, as regiões de clima frio ou temperado da porção meridional da América do Sul, incluso o sul extremo do Brasil, e, de outro lado, sob a forma de uma raça bem diferenciada (*C. m. albipennis*), as partes montanhosas da Bolívia e do Peru, a leste dos Andes.

Columba maculosa maculosa Temminck

Columba maculosa maculosa PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 156: Uruguaiana.

Notioenas maculosa maculosa WETMORE, 1926, Bull. Un. St. Nat. Mus., N.º 133, p. 185: (Uruguay).

Dos autores que podemos consultar, IHERING & IHERING, no conhecido catálogo das "Aves do Brasil" publicado em 1907, são os primeiros a acrescentar o sul do Brasil à área geográfica desta subespécie, sob o testemunho de OUSTALET. Um ♂ adulto, coleccionado posteriormente (julho de 1914) por E. GARBE em Uruguaiana e já mencionado por nós no "Catálogo das Aves do Brasil", (1.ª parte, 1938), confirmam a sua ocorrência no Rio Grande do Sul, onde provavelmente não vai muito além da zona fronteira com o Uruguai.

O colorido da plumagem, tomado o macho de Uruguaiana por modelo, é semelhante nos dois sexos e pode ser descrito como se segue: o alto da cabeça, o pescoço, o manto e todas as partes inferiores são de cor cinzento-avinhada clara, com predominância de cinza no vértice, bochechas, garganta, baixo abdome e coberteiras inferiores da cauda; a região interescapular e coberteiras superiores das asas sepio-pardacentas, com a extremidade manchada de uma nódoa subtriangular branca, de contornos mal definidos; coberteiras superiores marginais da asa cinzento-escuras, com estreito debrum terminal branco; primárias cin-

zento-escuras, anegrando-se progressivamente da base para a ponta, que é debruada distintamente de branco; dorso, uropígio e coberteiras supra-caudais cinzento-plúmbeas; rectrizes plúmbeas na base e anegradas na metade terminal. Medidas: asa 206 mms., cauda 115 mms., culmen 15 mms. O bico, nas aves mortas de fresco, é escuro; as patas vermelhas; as unhas pretas (WETMORE, 1926).

Segundo WETMORE, que sob a denominação de *Notioenas maculosa fallax* (SCHLEGEL)¹ admite a separabilidade das populações distribuídas pelo oeste e centro da Argentina, o bico é de cor escura na ave recém-abatida; a iris cinzenta, as patas vermelhas, as unhas pretas.

DISTRIBUIÇÃO: República Argentina (Patagonia, Rio Negro, Chubut, Mendoza, Buenos Ayres, Entre Rios, Córdoba, La Rioja, Catamarca, Tucumán, Salta), Uruguay (Paysandú, Lazcano, Rio Negro, Rocha, Cerro Largo, Treinta y Três), sul da Bolívia (Tarija), Paraguay e regiões fronteiriças do Brasil oeste-meridional: sudoeste de Mato Grosso² e oeste do Rio Grande do Sul (*Uruguiana).

Columba cayennensis Bonnaterra

E' esta pomba muito fácil de reconhecer entre as suas congêneres pelo brilho acatassolado, verde-brônzeo ou purpurino, da nuca e adjacências. Em que pese o caráter precário das denominações vulgares, é ela a que sob o nome típico de "picaçu", ou "pocaçu" (contração de *picui* pomba e *açu*, grande), vem mencionada nos roteiros e notícias dos velhos cronistas. Isso tem a sua explicação no fato de ser a espécie mais comum em quase toda a faixa costeira do Brasil, em muitos pontos da qual, como na Bahia (PINTO, 1935), o nome indígena é usual ainda nos dias de hoje.

HELLMAYR & CONOVER reconheceram na presente espécie nada menos de cinco raças geográficas, distribuídas ao longo de toda América tropical, desde o México, até o Paraguay e o nordeste da Argentina. Dessas, duas ocorrem em território brasileiro.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE *COLUMBA CAYENNENSIS*

- A. Rectrizes, em toda sua extensão, cinzento-escuras (porção septentrional da América do Sul; até a margem esquerda do Rio Amazonas) *Columba cayennensis cayennensis*
- AA. Rectrizes com a parte terminal cinzento-clara, em frisante contraste com a porção restante (desde a margem direita do Amazonas até o Paraguay e o norte da Argentina) *Columba cayennensis sylvestris*

Columba cayennensis cayennensis Bonnaterra

Columba cayennensis BONNATERRE, 1792, Tabl. Enc. Méth. Orn., I, livr. 51, p. 234 (baseada em "Le Pigeon Ramier de Cayenne" de Hollande, Abregé d'Hist. Nat., II, p. 214): Cayenne.

- 1) *Chloroenas fallax* SCHLEGEL, 1873, Mus. Hist. Nat. Pays-Bas, IV, p. 80 (Rio Negro, Patagônia).
- 2) A inclusão do Estado de Mato Grosso baseia-se no testemunho de A. STEULLET & A. DEAUTIER (Obra del Cincuentenario del Museo de La Plata, tomo I, 3a. entrega, 1939, pp. 691-692), únicos autores a mencionar a ocorrência da espécie no Estado em questão. Embora nada se saiba de positivo sobre o exemplar do Museo de La Plata, é fora de dúvida que só pode provir da zona brasileira fronteiriça com o Paraguay ou a Argentina.

- Columba rufina* TEMMINCK, 1810, em TEMM. & KNIP, Les Pigeons, I, Colombes, p. 59, pl. 24: "la Guyane Française". — SCLATER & SALVIN, 1869, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana (WALLACE col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI p. 287 (em parte); Pará, Ilha Mexiana. — GOELDI, 1897, Ibis, p. 160: Cunani (GOELDI col., 1895). — HAGMANN, 1907, Zool. Jahrb., XXVI, p. 41: Mexiana (HAGMANN, 1901). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. GOELDI, VIII, p. 62 (em parte): Ilha de Marajó (Pacoval, Pindobal, S. Natal), Mexiana, Faro.
- Chloroenas rufina* PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 275: Barcelos, Manáus, Forte do Rio Branco (NATTERER col.).
- Columba rufina rufina* HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik, Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 121: Ilha Mexiana (crítica). — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Iniv. Mich., N.º 349, p. 2: Ilha Caviana (STEEER, col., 1871).
- Columba rufina andersoni* CORY, 1915, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 294: Serra da Lua (ANDERSON col.).
- Columba cayennensis cayennensis* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 455: Serra da Lua, Óbidos, Lago Cuipeva, boca do Igarapé Piaba. — FRIEDMANN, 1948 Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, p. 398: Santa Izabel, São Gabriel (alto Rio Negro).

Em seu sentido restrito *Columba cayennensis* apresenta,, segundo HELLMAYR & CONOVER, caracteres intermediários entre a raça central-americana denominada *C. cayennensis pallidicrissa* CHUBB e *C. c. sylvestris* VIEILLOT, forma legitimamente brasileira, que em minúcia iremos estudar dentro de pouco. O que a distingue desta última é a cor muito mais clara das rectrizes, cuja porção terminal não faz, por isso, senão contraste muito fraco com a base. Não é todavia fácil delimitar-lhe a área geográfica com base nesta diferença, já pela irregularidade da zona de transição entre as duas raças, já pela amplitude das variações individuais de certas populações de *C. c. sylvestris*. Ao que dizem os modernos autores, a distribuição de *C. c. cayennensis* no Brasil estender-se-ia dos limites com as Guianas à margem septentrional do baixo Amazonas, desde o estuário até o Rio Jamundá (GRISCOM & GREENWAY, 1941), ou mesmo o baixo Rio Negro (HELLMAYR & CONOVER, 1941). Falta-nos material para formar opinião a respeito; mas a nossa série de Itacoatiara, recusa-se a confirmar tão extensa distribuição para oeste, assemelhando-se decididamente à do Brasil meridional no que tange ao acentuado contraste entre a extremidade, desbotada, e a porção restante, enegrecida, das rectrizes.

DISTRIBUIÇÃO: Porção cisandina de leste da Colombia (Villavicencio) e do Equador (Rio Suno, Rio Napo); Venezuela (Rio Cassiquiare, Rio Orenoco, monte Roraima, Puerto Ayacucho); Guianas Inglesa (Bartica, Rio Essequibo, Rio Abary, Georgetown), Holandesa (Paramaribo) e Francesa (Cayenne, Isle le Père); Brasil oeste-septentrional, da margem esquerda do baixo Amazonas para o norte, desde o Rio Negro até o estuário: Rio Negro (Manáus, Barcelos, Santa Izabel, São Gabriel), Rio Branco (Forte do Rio Branco, Serra da Lua, Caracarai), Rio Tacutu, Rio Surumu (Frechal), norte extremo do Pará (Cunani), *Itacoatiara e adjacências (*Lago do Serpa, *Lago Canaçari), Rio Jamundá (Faro), Óbidos, Lago Guipeva, Igarapé Piava, ilhas do Delta (Marajó, Mexiana, Caviana).

***Columba cayennensis sylvestris* Vieillot**

- Columba sylvestris* VIEILLOT, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat. nouv. édit., XXVI, p. 366 (baseada na "Paloma montés" de Azara, Apuntam., N.º 319): Paraguay.
- Columba rufina* (não de TEMMINCK) WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 301 (298 da ed. in-8vo.): Trancoso; idem, 1821, loc. cit., II, p. 341 (340 na ed. in-8vo.): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte); idem, 1833, Beitrage Natur-

- ges. Bras., IV, (2), p. 453: Rio de Janeiro, Rio Mucuri, Alcobaça, Peruípe, Caravelas, Belmonte. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 59: Lagoa Santa. — ALLEN, 1876, Bull. Essex. Inst., VIII, p. 82: Romes (?), perto de Santarem. — FORBES, 1881, Ibis, p. 356: Paraíba. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeitschr. Ges. Ornithol., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo; RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarem. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 287, em parte: Itararé (NATTERER), Pelotas Chapada (H. SMITH). — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 148: Chapada (H. SMITH). — H. v. IHERING, 1899, Anuário do R. G. do Sul, XVI, p. 145: Mundo Novo; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 398: São Paulo. — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brasil., I, Aves, p. 19: Iguapé, "Ourinho" (= Jacarèzinho). — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, pp. 516 e 538: Ilha Goiana (Rio Tapajós), Arumateua (Rio Tocantins). — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 86; "Caesarea" (= Senzala) das Cabras" (Rio Grande), Faz. Taboão (Rio Preto). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 62, em parte: Benedites, Arumateua, I. Goiana. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: "Pará" (= Belém).
- Chlorooenas rufina* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 29: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 275, em parte: Taipas, Porto do Jacaré, Ipanema, Itararé, Tijuco, Borda do Mato, Pitanguí, Rio Borrachudo.
- Columba rufina sylvestris* HELLMAYR, 1908, Novitates Zoologicae, XV, p. 91: Goiaz (cidade); idem, 1910, loc. cit., XVII, p. 415: Humaitá (Rio Madeira); idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 463: Tranqueira. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, pp. 459 e 492: Vera Guarany (Rio Iguapé), Rio dos Índios. — REISER, 1925, Denks. math.-naturwiss. Kl. Akad. Wiss. Wien, LXXVI, p. 463: Piauí. — SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 115: Fazenda Ferreira (Rio da Areia). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 66: Água Branca de Corumbá. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, (2a. pte.), p. 22: Valparaízo, Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba; idem, 1935, loc. cit., XIX, p. 61: Ilha de Madre de Deus, Curupeba; idem, 1937, loc. cit., XX, p. 37: Fazenda Formiga (Rio das Almas); idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 157: Primeira Cruz, Ilha de Madre de Deus, Crixás (= Pilar), Jaraguá, Iguapé, Olímpia, Valparaízo, Jacarèzinho, Miranda, Três Lagoas, Sant'Ana do Paranaíba; idem, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Santo Antônio, Chapada. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 134: Rio Tapajós.
- Columba cayennensis sylvestris* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII (Catal. Bds. Americas), pte. I, N.º 1, p. 458: Rio Acará, Vitória (Rio Xingu), Boim (Rio Tapajós, m. esq.), Caxiricatuba (id., marg. dir.), Humaitá (Rio Madeira), Canutama (Rio Purus), Rio Manacapuru, Tranqueira, Rio Grande, Faz. Taboão (Rio Preto), Macaco Seco (perto de Andaraí), Veadeiros, Faz. Caioá (Rio Paranapanema), Água Suja (pto. de Bagagem), Vacaria. — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, N.º 3, p. 44: João Pessoa, Lago Grande (Rio Juruá). — PINTO, 1948, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes).

Entre os pombos selvagens autóctones é este um dos mais comuns e, por ser também o que mais se aproxima das zonas cultivadas, o único conhecido em muitas partes, pela gente do campo. A descrição que se segue é a de um ♂ adulto procedente de Porto Marcondes (Rio Paranapanema, Estado de S. Paulo): alto da cabeça avinhado na metade anterior; na posterior, do vértice à nuca, cinzento, com intenso brilho metálico verde-bronze, cambiando em violáceo; parte baixa do pescoço e porção interescapular subjacente violáceo-acinzentadas; alto do dorso e coberteiras superiores das asas avinhado-ferruginosas; dorso e supracaudais cinzento-plúmbeos; primárias plúmbeo-anegradas; rémiges terciárias pardacentas; coberteiras inferiores das asas plúmbeas; recítrizes plúmbeo-anegradas, com o quarto terminal brancacento, em contraste maior ou menor com a parte restante; mento e garganta cinza muito claro, quase branco, sem limites nítidos com as partes contíguas; lado anterior do pescoço e peito avinhados, com mescla de cinza e toques

de ferrugem; abdome cinzento-plúmbeo, esmaecendo na parte média e junto às infracaudais, plúmbeo-esbranquiçadas; bico pardo-escuro, patas vermelhas.

MEDIDAS (em milímetros)

Columba cayennensis cayennensis

	asa		cauda	
	♂	♂	♀	♀
Itacoatiara (marg. direita do Amazonas)	172	114		
Idem, idem			166	114
Lago Canaçari (marg. direita do Amazonas)	170	111		
Idem, idem			175	104

Columba cayennensis sylvestris

Lago do Batista	189	121		
Idem, idem	185	118		
Idem, idem			179	117
Rio Curuá do Sul (Pará)	179	117		
Aramaná (Rio Tapajós)	185	120		
Santarém (Rio Tapajós)			174	113
Porto Marcondes (Rio Paranapanema)	195	122		
Lins (oeste de S. Paulo)	188	110		
Idem, idem			180	112
Porto Marcondes (Rio Paranapanema)			186	111
Porto Cabral (Rio Paraná)			185	122
Rio das Almas (Goiaz)	185	115		
Rio Verde (Goiaz)			185	114
Miranda (Mato Grosso)	188	117		
Rio Aricá (Mato Grosso)	175	113		
Ilha Madre de Deus (Bahia)	180	120		
Colatina (Espírito Santo)			185	122

Os caracteres estão sujeitos a variações individuais, não somente no que respeita à dupla coloração das rectrizes, como à maior ou menor abundância de ferrugem nas coberteiras superiores das asas, etc. As fêmeas, além de um pouco menores, têm as costas e as coberteiras das asas pardacentas, com variável banho de oliva, e quase sem tons de vinho ou ferrugem.

A variação no colorido das rectrizes é muito importante do ponto de vista das relações de *C. c. sylvestris* com as raças vizinhas, e especialmente com a forma guianense. E' de admitir-se que as aves de São Paulo e sul de Mato Grosso, de nós bem conhecidas, apresentam características semelhantes às do Paraguay. Nelas é sempre evidente o contraste formado pela porção terminal branco-acinzentada das rectrizes, fora daí quase pretas. Marchando para o norte, via litorânea, este contraste vae-se atenuando com terem as rectrizes colorido geral cada vez mais claro, a ponto de exemplares da Bahia (Ilha de Madre de Deus, Recôncavo) e mesmo do Espírito Santo (Colatina) quase não se poderem diferenciar dos do Maranhão e margem direita do baixo Amazonas (Rio Tapajós); espécimes do centro de Mato Grosso (Rio Aricá) combinam também com os do nordeste, sob este particular. Já os de Lago do Batista (a leste do baixo Madeira), no trecho médio da margem meridional do Amazonas, concordam muito mais com os de São Paulo. Os da região de Itacoatiara, ao norte do Rio Amazonas, apesar das variações, aproximam-se também muito mais dos do Brasil meridional do que dos da Bahia e Rio Tapajós, parecendo autorizar assim a ampliação da área geográfica de *C. c. sylvestris* até aquele habitat septentrional.

A “pomba do ar” dos paulistas, ou “pocaçu” dos baianos, ainda costuma ser bastante frequente onde perdurem reservas grandes de mata, ou não a tenham exterminado os caçadores. Encontramo-la em numerosos bandos, há mais de três lustros, na região de Valparaízo (oeste de São Paulo) e Sant’Ana do Paranaíba (sudeste de Mato Grosso), banquetando-se nas mais altas copas, não longe do povoado. No Recôncavo da Bahia (Ilha de Madre de Deus), durante os meses de verão visitavam regularmente as quixabeiras, árvores das caatingas, que por essa época se enche de frutos maduros. GOELDI fala de sua quantidade profusa em Marajó e outras ilhas do delta Amazônico; mas o quase nada que se sabe de sua nidificação e hábitos diz bastante da ignorância ainda existente no que respeita à vida das nossas aves mais comuns.

DISTRIBUIÇÃO. Leste do Perú (La Merced, Chirimoto, Rio Ucayali, Chamicuro, Urubamba) e da Bolívia (Rio Beni, La Paz, Cochabamba, Tarija, Santa Cruz); Paraguay (Sapucay, Villa Rica, Colonia Riso, Alto Paraná, Puerto Casado, Amambai); norte da Argentina (Misiones, Tucumán, Corrientes, La Rioja, Santa Fé, Chaco, Formosa); Brasil, da margem esquerda do Rio Solimões e da direita do Rio Amazonas ao extremo sul: Rio Solimões (Manacapuru), Rio Juruá (João Pessoa), Rio Madeira (*Lago do Batista, Humaitá), Rio Tapajós (Boim, *Santarém, *Caxiricatuba, *Piquiatuba), Rio Curuá, Rio Xingú (Vitória), Rio Tocantins (Ilha Goiana, Arumateua), leste do Pará (Benevides), Estado do Maranhão (Tranqueira, *Primeira Cruz), Piauí, Paraíba, Bahia (Rio Grande, São Marcelo, Rio Preto, Macaco Seco, *Ilha de Madre de Deus, *Ilhéus, Rio Belmonte, Trancoso, Alcobaca, Peruípe, Caravelas, Rio Mucuri), Espírito Santo (Colatina), Rio de Janeiro (Porto Real), Minas Gerais (Lagoa Santa, Água Suja), São Paulo (*Iguape, *Juquiá, Itararé, Ipanema, Tijuco, Taipas, Faz. Caioá, *Rio Paranapanema, *Assiz, *Valparaízo, *Lins, *Barra do Rio Dourado, Rio Paraná, *Porto Cabral), Paraná (Jacarèzinho, Pitangui, Rio Borrachudo, Rio dos Índios, Vera Guarani, Rio Iguaçú), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, Pelotas), Mato Grosso (Corumbá, *Miranda, *Três Lagoas, *Sant’Ana do Paranaíba, *Cuiabá, Chapada, *Santo Antonio, *Rio Aricá, *Rio das Mortes, Vacaria), Goiás (cid. de Goiás, *Rio das Almas, Veadeiros, *Pilar, *Rio Claro).

Gênero **OREOPELEIA** Reichenbach

Oreopeleia REICHENBECH, 1852, Av. Syst. Natur., p. XXV. Tipo, por designação original, “*Columba martinicana*” de BRISSON (= *Columba martinica* LINNÉ).

Compreende este gênero pombas de porte mediano, antes terrestres de hábitos e de aspecto semelhante aos de *Leptotila*, donde serem também correntemente chamadas “juritis”. Destas, todavia, se distinguem em caracteres importantes, dos quais a forma normal (não afilada na parte terminal) da primária externa é, talvez, de todos o mais saliente. Outras feições peculiares às espécies do grupo são a cauda arredondada, de 12 retrizes subiguais, sempre muito mais curta do que a asa; dedos, relativamente curtos (o médio, sem a unha, sempre muito mais curto do que o tarso); tarso revestido de largos escudos transversais na face anterior e de pequenas escamas hexagonais na posterior; região perióftálmica desnuda; plumagem de colorido pleno, sem manchas nem pintas (salvo, em certas espécies exóticas, uma lista escura nas bochechas), mas frequentemente lustrada de reflexos metálicos no lado superior.

Grupo exclusivamente neotrópico, abrange uma vintena de espécies distribuídas pelas regiões quentes das três Américas, desde o sul dos Estados Unidos e o México, através das Antilhas, da América Central e da Colômbia (a leste e a oeste dos Andes), e de quase toda América Meridional cisandina, até o Paraguay.

CHAVE DIAGNÓSTICA DAS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE
OREOPELEIA

- ♂ ♂ — partes superiores ruivo-ametistinas, com mistura de pardo-azeitonado nas coberteiras superiores das asas; partes inferiores brancas, com o peito sombreado de cinzento-vináceo; ♀ ♀ — partes superiores pardo-bronzeadas, com o manto tingido de violeta e as supracaudais côr de cobre; primárias côr de ferrugem, passando a bronzino na parte terminal; rectrizes côr escura de cobre, lustradas de violeta; abdome e infra-caudais brancos *Oreopeleia violacea*
- ♂ ♂ — as partes superiores pardo-azeitonadas, com o píleo cinzento, lustrado de bronze no vértice e a região interescapular fortemente tingida de violeta; partes inferiores ocráceo-aleonadas, com a garganta esbranquiçada e o peito mais ou menos tingido de pardo-ametista; ♀ ♀ — partes superiores inteiramente verde-bronze, com exceção apenas da fronte, mais ou menos lavada de ferrugem; primárias pardo-bronzeadas; rectrizes côr de bronze, como o dorso; abdome e infra-caudais de colorido baio ou aleonado *Oreopeleia montana*

Oreopeleia violacea (Temm. & Knip)

Columba violacea TEMMINCK, 1810, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, p. 67, pl. 29: "le Nouveau Monde", local. errônea, em substituição à qual HELLMAYR & CONOVER propuseram o Rio de Janeiro.¹

Nenhuma referência a esta pomba pudemos rastrear nas notícias e crônicas sobre o Brasil antigo, ignorando-se mesmo si ela jamais recebeu, do índio ou do sertanejo, nome particular, capaz de distingui-la de sua congênera. A espécie teve a sua primeira descrição de TEMMINCK, em começos do século passado, com base num exemplar único do Museu de Paris, de incerta procedência. HELLMAYR & CONOVER (1942), de quem haurimos esses informes, aventam a possibilidade de ser ele originário do Rio de Janeiro, que porisso sugerem como localidade típica. Essa proposta fica porém naturalmente prejudicada pela reiterada sugestão anterior de PINTO², que escolhera como tal a Bahia.

Segundo o conceito de HELLMAYR (1906), nisso acompanhado pelos autores modernos, a espécie compreende duas raças geográficas, uma das quais, *Oreopeleia violacea albiventer* (LAWRENCE), limitada ao sul da América Central e norte adjacente da Colômbia.

Oreopeleia violacea violacea (Temminck & Knip).

Geotrygon violacea SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit., Mus., XXI, p. 565, parte: Bahia. — IHERING, 1894, Rev. Mus. Paul., III, p. 404: São Paulo; idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163: Cantagalo. — LIMA, 1920, Rev. Mus. Paul., XII, 2a. pte., p. 96: Ilhéus (GARBE).

Geotrygon violacea violacea HELLMAYR, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 384: Sto. Antonio do Prata, Rio Jordão, Vitória; idem, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 97: Prata.

1) Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. 1, n.º 1, p. 606, nota 1 (1942).

2) Revista do Mus. Paulista, XIX, p. 69 (1935); id., XXII, p. 169 (1938).

Oreopeleia violacea PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., p. 279: Ipanema (NATTERER).

Oreopeleia violacea violacea PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 69: Serra do Palhão, Rio Jucurucu, Ilhéus; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 169: Ilhéus, Franca, Ituverava.

Oreopelia violacea violacea SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Vermelho (CHROSTOWSKI).

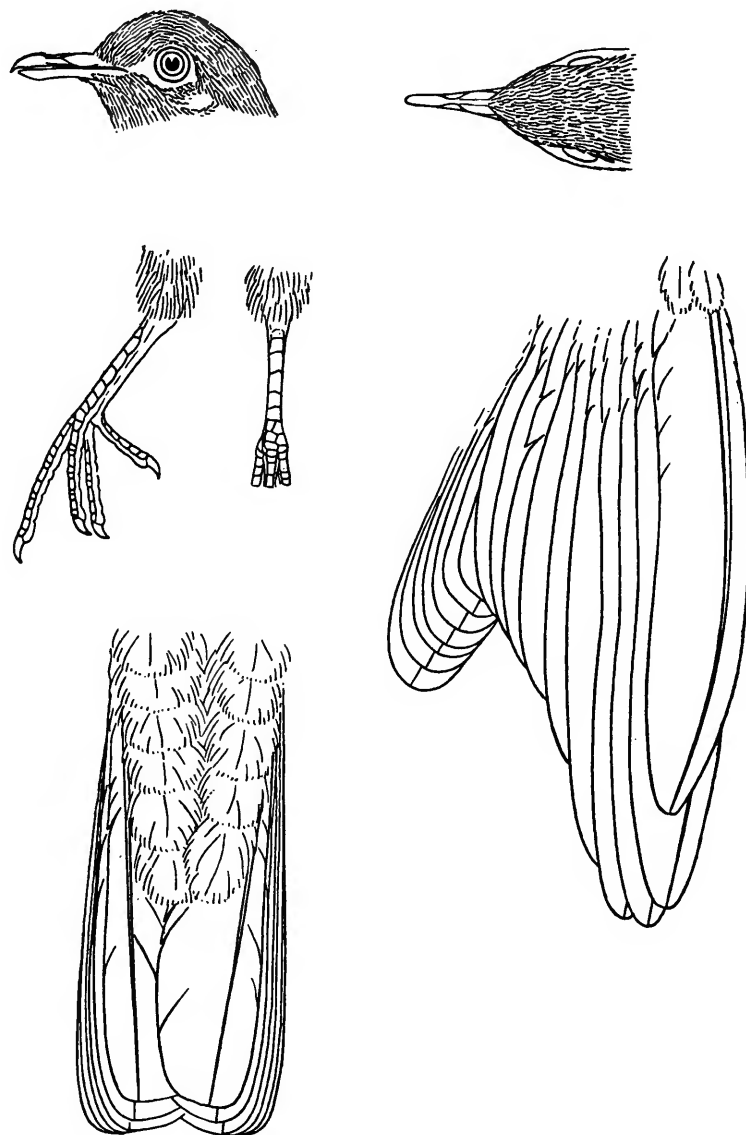


Fig. 2 — *Oreopeleia violacea violacea* (TEMM. & KINP). ♂ de Franca (São Paulo).

A descrição que se segue é a de um macho adulto coleccionado em novembro de 1932 na Serra do Palhão (próximo do Rio Gongogi, Bahia) pelo sr. WALTER GARBE.

O alto da cabeça, quase branco na frente, é na metade anterior de cor clara, tirante a cinza, com leve banho vináceo; o vértice, muito mais escuro que o resto, é fortemente lustrado de reflexos brônzeos, com cambiantes de violeta; nuca cinzento-avinhada, passando gradativamente ao violeta ametistino no manto e região interescapular; baixo dorso pardo-azeitonado, com mescla de violeta; uropígio e supracaudais violáceo-arruivados; coberteiras superiores das asas e secundárias pardo-azeitonadas, lustradas de violeta; primárias cor de canela, com a parte terminal escurecida; rectrizes violáceo-arruivadas no lado superior e acaneladas na inferior, com a ponta pardo-escura; lados da cabeça cor muito clara de cinza, lavada de vinho; mento e garganta brancos, passando a vináceo claro no peito; abdome branco, irregularmente manchado de tons creme; infracaudais brancas, com a borda externa tingida parcialmente de ferrugem; bico e patas vermelhos. Medidas: asa 149 mms; cauda 92 mms; bico 16 mms.

A fêmea equivale ao macho em tamanho, mas difere bastante na plumagem, tendo as partes superiores e as asas pardo-azeitonadas, lustradas de bronze na nuca e de ametista no manto; as primárias são pardo-escuras, com a borda externa acanelada; as supra-caudais e o lado superior das rectrizes são violáceo-acaneladas; a garganta branca, o peito pardo-acinzentado, o abdome e as infracaudais brancos.

Muito menos comum do que a sua congênera, esta pomba frequenta as matas tanto do norte, como do sul do Brasil, conforme a seguir vai pormenorizado.

DISTRIBUIÇÃO. Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Santa Bárbara), Bolívia (Santa Cruz, Buena Vista), Brasil este-septentrional e meridional: Pará (Prata), Bahia (*Ilheus, *Serra do Palhão, Rio Jucuruçu), Espírito Santo (*Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cantagalo, leste de Minas Gerais (*Rio Doce), São Paulo (Ipanema, *Franca, Ituverava, *Porto Cabral), Paraná (Vermelho, não longe de Guaruapuava).

Oreopeleia montana (Linné)

Columba montana LINNÉ, 1758, Syst. Nat., ed. 10, pte. 1, p. 163 (baseada em "The Mountain Partridge" de Edwards, Nat. Hist. of Birds, III, p. e pl. 119, e em SLOANE, Voyage in Jamaica, II, p. 304, pl. 261, fig. 1): Jamaica.

Com HELLMAYR & CONOVER, aceitamos o ponto de vista de BOND (*Auk*, XLIX, 1932, p. 494), para quem *Oreopeleia martinica* (LINN.), estranha ao Brasil, e a nossa "pomba cabocla" de que a seguir nos ocuparemos, são simples variedades geográficas da presente espécie.

Oreopeleia montana montana (Linné).

Columba montana WAGLER, 1827, Syst. Av., I, fol. 16, spec. 75: Paraguay, Brasil, Cayenne, Jamaica. — WIED, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, (2), p. 479: Cabo Frio, Rio Mucuri, Caravelas, Belmonte, Porto Seguro.

Geotrygon montana SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. London, p. 591: alto Rio Negro, Pará (WALLACE). — REINHARDT, 1879, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 58: Lagoa Santa. — BERLEPSCH, 1873, Journ. f. Ornith., XXI, p. 248: Blumenau. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 178: Taquara, Arroio Grande. — CHAPMAN & RIKER, 1891, *Auk*, VIII, p. 162: Diamantina. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 567: Rio Negro e Pará (WALLACE), Bahia (WUCHERER). — IHERING, 1889, Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 404: Iguape (KRONE); idem, 1900, loc. cit., IV, p. 163; Cantagalo, Nova Friburgo (EULER). — IHER. & IHERING, 1907 Cat.

Faun. Brasil., Aves, p. 25: Iguape. — GOELDI, 1903, Ibis, p. 499: Rio Capim. — HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 407: Humaitá; idem, 1910, loc. cit., p. 417: Aliança, Calama; idem 1912, Abh. Math.-physik. Kl. Akad. Wiss., XXVI, N.º 2, p. 97: Rio Capim, Pará. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 22: Monte Verde; idem, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 68: Pará, Mocajutuba, Anindeua, Sta. Isabel, Benevides, Peixe Boi, Cametá, Rio Curuá, Boim, Óbidos.

Oreopeleia montana PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 279: Mato Dentro, Ipanema, Morungaba, Vila Bela de Mato Grosso, Borba, Manáus, Marabitanas, Pará. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LVIII, p. 151: Rio Guamá. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 543: Manacapuru; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 170: Manacapuru, Óbidos, Santarém, Iguape, Ilha do Cardoso. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 139: Tauari, Óbidos, Santarém.

Oreopelia montana BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 206: Nova Friburgo. — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn. XXII, p. 230: Cantagalo.

Oreopeleia montana montana HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 602: Utinga, Lago Cuipeua, Rio Acará, Tomé Açu, Boim, Caxiricatuba, Tauari, Labrea, Rio Manacapuru. — H. F. A. CAMARGO, 1946, Papéis Avulsos do Dept. de Zool., VII, p. 157: Boracéia. — PINTO, 1947, Arquivos de Zoologia, V, p. 337: Rio Pracupi. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Nat. Mus., XCVII, pág. 402: São Gabriel.

Vive esta pomba exclusivamente nas grandes matas, onde se alimenta de preferência no chão, à maneira das rolas e jurutis, donde os nomes de “Juruti vermelha” e “Juruti da mata”, por que é habitualmente conhecida entre os sertanejos. Segundo o Príncipe MAXIMILIANO, a quem parece ter escapado a existência de duas espécies no gênero, era ela conhecida entre os tupis da costa por “Parari”; mas este nome, si em algum tempo gozou de acepção mais precisa, tornou-se comum a várias pombas indígenas de aparência e hábitos mais ou menos semelhantes. GOELDI (Aves do Brasil, 1894, p. 371) refere ainda as denominações de “Pomba cabocla” e “Juruti piranga”; mas é impossível dizer se esta última, tirada evidentemente de PELZELN (*ex* NATTERER manusc.) teria curso normal entre os índios, ou se, pelo contrário, a cunharam, por analogia, os ulteriores ocupantes da terra. RICARDO KRONE, num exemplar remetido de Iguape (sul de São Paulo) para o Museu Paulista, registra o apelido de “Rola do mato grosso”, evidentemente alusivo à vida mateira da espécie.

Descrita originariamente na Jamaica, é esta pomba encontrada em quase toda América Meridional cisandina, a partir do sul do México, América Central e Grandes Antilhas, até o norte do Paraguay, inclusive a bacia Amazônica e todos os Estados do Brasil. Nesta extensa área as populações mantêm invariáveis as características da raça, que passamos a descrever, com base num macho adulto de Vila Ema (arredores da Cidade de São Paulo), colecionado em 30 de março de 1947 pelo sr. E. DENTE, auxiliar-preparador do Departamento de Zoologia: lado superior ruivo-purpúreo com a fonte ferruginosa e cambiando a pardo-azeitonado no baixo dorso, nas supracaudais e coberteiras superiores das asas; lados da cabeça e do pescoço ruivo-purpúreos, com uma faixa branco-arruivada nas bochechas; rectrizes pardo-azeitonadas, com lustro vináceo e mescla apreciável de ruivo; mento e garganta esbranquiçados, com toques de ferrugem; lado inferior do pescoço, colo, e peito pardo-arruivados, com forte banho vináceo; abdome e infra-caudais ocráceo-aleonados, com mescla irregular de ferrugem; coberteiras inferiores das asas cor intensa de ferrugem e rectrizes cor de canela, escurecidas na parte terminal. O bico e as patas vermelhos, muito descolorados pela dessecação. Medidas: asas 136 mms; cauda 85 mms; culmen (abstraida a porção basal, plumada) 13 mms.

De exemplar a exemplar essas características experimentam largas variações, ora pela grande predominância do brilho purpúreo, especialmente no pescoço e região interescapular, ora pela maior ou menor abundância dos tons de ferrugens no abdome.

As fêmeas diferem à primeira vista dos machos, com terem as partes superiores inteiramente pardo-oliváceas e, como também as partes inferiores, sem qualquer vestígio de vinho ou púrpura: a parte anterior do píleo é tingida de ferrugem, o peito pardo-arruivado, e o abdome branco-aleonado claro.

DISTRIBUIÇÃO. Flórida (acidental), sul do México (Vera Cruz etc.), Grandes Antilhas (Cuba, Jamaica, São Domingos, Porto Rico, São Thomas etc.), América Central (Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá), Colômbia (Puerto Valdivia, Florencia, Bonda), Venezuela (Merida, Rio Cassiquiare, Cerro Yapacana), Trinidad, Guianas, Ecuador (Sarayacu, Zamora, Rio Peripa), Peru (Yurimaguas, Marcapta, Rio Ucayali, Chamicuros), Bolívia (Tiloñilo), norte do Paraguai (Alto Paraná) e quase todo Brasil: Rio Negro (São Gabriel), Rio Solimões (*Manacapuru) e baixo Amazonas (*Igarapé Anibá, *Rio Atabani, *Lago do Serpa, *Itacoatiara, *Óbidos), Rio Juruá (*João Pessoa) e Rio Eiru (*Sta. Cruz), Rio Purus (Monte Verde), Rio Madeira (Humaitá, Aliança, Calama), Rio Tapajós (*Santarém, *Caxiricatuba, Boim, *Rio Arapiuns), Rio Curuá, *Rio Pracupi, Rio Tocantins (Cامتá), leste do Pará (Rio Capim, Benevides, Peixe Boi, Sta. Isabel), Bahia (Caravelas, Belmonte, Porto Seguro, Rio Mucuri), Espírito Santo (*Pau Gigante), Rio de Janeiro (Cabo Frio, Cantagalo, *Distrito Federal), Minas Gerais (Lagoa Santa), São Paulo (*Iguape, *Cananéia, *Vila Ema, *Rio Juquiá), Sta. Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Arroio Grande).

O ninho observado por GOELDI na serra dos Orgãos, durante o mês de setembro, "era antes uma depressão primitiva entre um punhado de folhas finas de árvores e taquaras" ficava a cerca de um metro do chão, e continha dois borrachos, ainda, cegos e seminus.

Gênero SCARDAFELLA Bonaparte

Scardafella BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 1, p. 24: Tipo, por designação original, *Columba squamosa* TEMMINCK (= *Columba squammata* LESSON).

O desenho escamoso da plumagem, resultante da orla semilunar preta que enfeita cada pena, é atributo comum e saliente de todos os colúmbidas deste grupo neotrópico, também dos vulgarmente conhecidos pelo nome de rolas. A cauda, de comprimento pelo menos igual ao da asa, é constituída de 12 rectrizes sub-iguais e de ponta extensivamente branca nos pares laterais.

Scardafella squammata (LESSON), que é das duas espécies do gênero a única representada na América do Sul, distingue-se de *S. inca* (LESSON), sua similar norte-americana, pelo tamanho maior, cor denegrída (em vez de acanelada) da barba externa das rêmiges primárias, coberteiras superiores do bordo da asa largamente tingidas de branco e desenho escamoso muito mais nítido em todas as partes da plumagem, e interessando nas partes inferiores também o peito (quase imaculado em *inca*).

Scardafella squammata (Lesson)

Columba squammata LESSON, 1831, *Traité d'Ornithologie*, livr. 6, p. 474 — baseada em *Columba squamosa* TEMMINCK & KNIP, 1810 (não BONNATERRE, 1792), *Les Pigeons*, vol. I, p. 59: Bahia.

Distinguem-se nesta espécie duas raças geográficas, uma das quais (*S. s. ridgwayi* RICHMOND) está confinada à região costeira da Colômbia

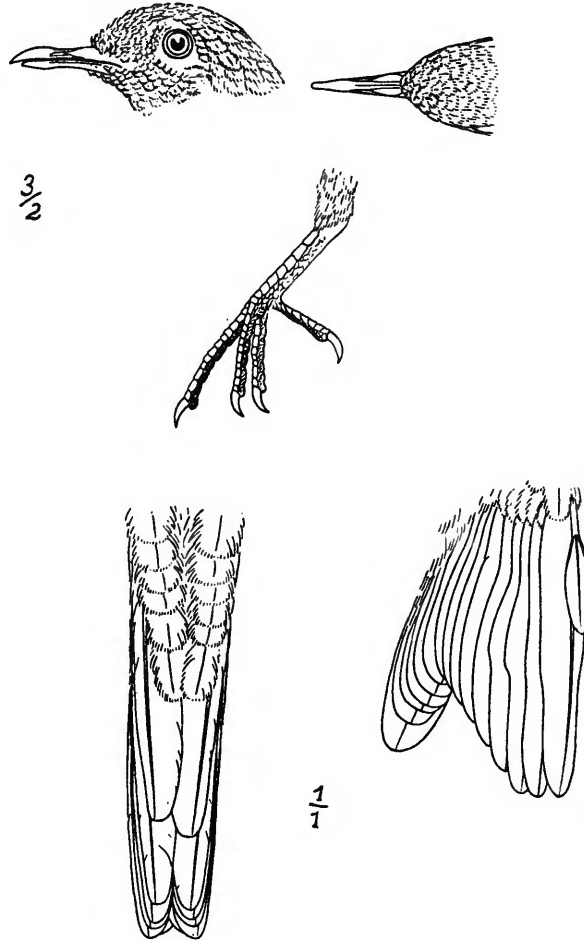


Fig. 3 — *Scardafella squammata squammata* (LESSON). ♀ de Caipe (Bahia).

bia e da Venezuela e consta diferir da brasileira apenas pela maior largura do debrum das penas, pescoço e alto do peito ordinariamente mais intensamente lavados de vinho, bico algo mais grosso e em geral mais longo (HELLMAYR).

Scardafella squammata squammata (Lesson).

Columba squamosa (não de BONNATERRE, 1792), TEMMINCK, 1813, *Hist. Nat. des Pigeons et des Gallinacées*, I, pp. 336 e 484: Bahia. — WIED, 1821, *Reise nach Brasilien*, II, pp. 160 e 232: Barra da Vareda (Rio Pardo, nos confins da Bahia e Minas Gerais) e Poções (perto de Conquista); idem, 1883, *Beitr. Naturges. Bras.*, IV, (2), p. 469: Sertão da Bahia e Minas.

- Columba squamosa* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebersicht Thiere Brasiliens, III p. 298: Fazenda das Carrancas (a sudoeste de Lagoa Santa). — REINHARDT, 1870, Videnks. Medd. Naturhist. Foren., 1870, p. 55: Franca (LUND), Paracatu, Rio São Francisco, Curvelo, Fazenda das Carrancas, Sete Legoas, Taboleiro Grande.
- Scardafella squamosa* BONAPARTE, 1854, (= 1857), Conspect. Gen. Av., II, p. 85: Brasil. — PELZELN, 1870, Zur. Ornith Brasil., III, p. 277: Irisanga (= Orissanga), Sítio do Baú, Fazenda José Dias (NATTERER col.), Minas Gerais (SCHÜCH). — FORBES, 1881, The Ibis, p. 356: Paraíba e Pernambuco (entre Macuco e Garanhuns). — SALVADORI, 1893, Catal. Birds of Brit. Mus., XXI, p. 464, em parte: Bahia (WUCHERER), José Dias (NATTERER), Pernambuco (FORBES). — IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 400: São Paulo. — NICOLL, 1904, The Ibis, p. 40: Bahia. — REISER, 1910, Denks. math-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Joazeiro, Serra de Soledade; idem, 1925, loc. cit., p. 190: Fazenda da Serra (no Rio Grande, Bahia). — SNETHLAGE, Bol. Mus. Nacional, II N.º 6, pp. 48 e 68: Ceará e Maranhão (São Bento).
- Scardafella brasiliensis* SZTOLCMANN, 1826, Ann. Zool. Mus. Polon. Hist. Nat., V, p. 117: Invernadinha.
- Scardafella ridgwayi brasiliensis* BEEBE, 1907, Zoologia, I, N.º 1, p. 21, fig. 5, c: costa norte do Brasil. — RIDGWAY, 1916, Bull. Un. St. Nat. Museum, I, pte. VII, p. 389 (em chave): Brasil.
- Scardafella squammata squammata* HELLMAYR, 1908, Novitates Zoologicae, XV, p. 92: cid. de Goiaz, Bahia e Rio Jordão (ROBERT); idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 465: Filadélfia (no Rio Tocantins), Cocos (perto de Codó), São Francisco (no alto Parnaíba), Ibiapaba, Deserto, Arara, Quixadá, Juá (perto de Igatu). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Piraputanga. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., pp. 106, 711 e 801: Sant'Ana do Paranaíba e Porto Tibiriçá (Rio Paraná); idem, 1935, loc. cit., XIX, p. 63: Ilha de Madre de Deus, Caipe, Cidade de Barra; idem., 1936, loc. cit., XX, p. 38: Rio das Almas; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 160: Boa Vista, Bonfim, Cid. de Barra, Ilha de Madre de Deus, Caipe, Rio Pandeiro, Cana Brava, Jaraguá (= Rio das Almas), Caconde, S. José do Rio Pardo, Jaboticabal, Rincão, Bauru, Capivari, Presid. Epitácio, Porto Tibiriçá, Rio Pardo. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 050: Macaco Seco (pto. de Andaraí), São Marcelo, Joazeiro, Soledade, Lamarão, Quixadá, Juá, São Francisco (alto Parnaíba), Cocos (pto. de Codó), Ibiapaba, Deserto, Arara, Rios das Velhas, Rio Jordão, Água Suja, Orissanga (col. NATTERER), Invernadinha, Faz. Morungaba, Goiaz, Filadélfia (Rio Tocantins), Cavalcante, Veadeiros, Piraputanga. — PINTO, 1943, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, III, pp. 273 e 282: Ilha de Madre de Deus e Caipe. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Nov. Ser., Zoologia, N.º 65, p. 2: Recife. — PINTO & CAMARGO, 1948, Papéis Avulsos do Dept. de Zool., VIII, p. 302: Rio das Mortes (H. SICK col.).

Entre as rolas, como são vulgarmente os pombos menores, esta logo se reconhece, não só pelo elegante desenho escamoso da plumagem, que é ornada de riscos transversais semilunares escuros, sobre fundo cinzento muito claro, como ainda pela voz característica, muito bem representada na onomatopéia “fogo-apagou”, pela qual é em toda parte conhecida. O nome de “rola cascavel”, conquanto incluído pela generalidade dos autores na sinonímia vulgar da espécie, e alusivo ao ruído peculiar de chocalho ou guiso, que ela produz ao levantar vôo, é de uso muito pouco comum, não nos ocorrendo tê-lo ouvido alguma vez dos habitantes do interior. Graças a MARCGRAVE, sabemos que entre os índios da costa nordestina ela era chamada “picui-pinima”, que quer dizer rola pintada¹.

Descrevê-la-emos com base num macho adulto por nós próprio coligido na Bahia (Ilha de Madre de Deus), pátria típica da espécie: partes superiores de colorido fundamental cinzento-pardo, mais claro no

1) — “Picui-piuna”, registrado por E. GOELDI (Aves do Brasil, p. 380), não passa, com toda probabilidade, de lapso do autor, ou simples erro tipográfico.

alto da cabeça do que no dorso, com todas as penas orladas de debrum semilunar preto, dando ao conjunto aspecto escamoso característico; coberteiras superiores externas das asas quase inteiramente brancas, debruadas de preto na ponta; mento e garganta brancos, com discos transversais semilunares pouco distintos; partes inferiores restantes brancas, com as penas oureladas de forte debrum semilunar escuro e tingidas de leve banho vináceo no peito e nos lados do pescoço; subcaudais brancas, com a ponta debruada de preto; rêmiges primárias pardo-escuras, com o lado superior do pogônio externo denegrido e os dois terços basais do pogônio interno cor intensa de canela; coberteiras inferiores das asas pretas, ou cor de canela em maior ou menor extensão; rectrizes centrais cinzentas no lado superior e anegradas no inferior e na ponta; as do segundo par inteiramente pretas, com a base cinzenta; as do terceiro semelhantes às do segundo par, com uma estreita mancha apical branca; as do quarto, quinto e sexto par pretas, respectivamente com o quarto, o terço e a metade terminais brancos; bico pardo-escuro, mais claro na base; patas cor de rosa clara. Medidas: asa 96 mms.; cauda 98 mms.; bico (culmen) 18 mms.

Há muito pouca variação entre os indivíduos das várias populações, que podem diferir na quantidade mais ou menos apreciável de vináceo no peito, na largura dos debruns semilunares, ou na extensão do branco nas rectrizes. Entre estas variações só as do último caso assumem em certas populações constância capaz de lhes emprestar sentido zoogeográfico. O branco nas rectrizes atinge o seu máximo nas aves do Recôncavo da baía de Todos os Santos, não só porque abrange maior extensão da pena nos três pares externos, como ainda se acha sempre presente nas do terceiro par, onde não raro ocupa apreciável porção do trecho terminal. Nas aves do interior de São Paulo, pelo contrário, as rectrizes externas são brancas em menor extensão, as do terceiro par sendo inteiramente pretas ou apenas manchadas de branco na orla terminal.

A fogo-apagou que já ocorre no norte do Paraguay, frequenta as zonas secas e descampadas do planalto e do nordeste brasileiros, estendendo-se ao sul até o interior de São Paulo e o norte do Paraná. Na porção mais septentrional de sua área de dispersão chega até a costa, sendo, por exemplo, na Bahia, comuníssima em toda a orla do Recôncavo, onde vive em boa vizinhança com as duas rolinhas comuns do gênero *Chaemepelia*. Aos casais, ou em pequenos bandos, é vista a qualquer hora do dia, catando no solo pedregoso e seco as sementinhas de que se sustenta. Não obstante, temos muito poucas informações sobre os seus hábitos, e particularmente sobre a sua reprodução em vida livre. Segundo o príncipe NEUWIED, o ninho feito de gravetos como na generalidade dos pombos, fica na espessura de arbustos copados e contém dois ovos brancos. Tolerava bem o cativeiro posto que os dois sexos estejam representados, reproduzindo-se até às vezes nesta condição.

DISTRIBUIÇÃO: Norte do Paraguay (Vila Rica, Horqueta, Cerro Amambay, Nueva Germania, colinas do Apa)¹ e regiões descobertas do Brasil central e oriental: Maranhão (*Boa Vista, São Bento, Cocos, São Francisco), Piauí (Ibiapaba, Deserto, Arara), Ceará (Quixadá, Juá), Pernambuco (Recife, próx. de Macuco), Bahia (Joazeiro, Soledade, *Barra do Rio Grande, *Bonfim, *Ilha de Madre de Deus, *Caípe, Macaco Seco, Poções, Barra da Vareda), Minas Gerais (Curvelo, Paracatu, Sete Lagoas, Taboleiro Grande, *Rio Pandeiro, Rio Jordão, Água

1) — Cf. ALFR. LAUBMANN, Anz. Orn. Gesells. Bay., II, p. 389 (1933).

Suja), centro e oeste de São Paulo (Orissanga, *Capivarí, *São José do Rio Pardo, *Monte Alegre, *Caconde, *Jaboticabal, *Rincão, *Lins, *Assiz, *Lucélia, *Botucatu, *Bauru, *Porto Marcondes, *Presidente Epitácio, *Porto Tibiriçá), Paraná (Invernadinha, Faz. Murungaba), Goiás (*Rio Claro, Goiás, *Nova Roma, *Jaraguá, *Rio das Almas, Veadeiros, Cavalcante, Filadélfia), sul de Mato Grosso (Sant'Ana do Paranaíba, Piraputanga, *Corumbá, *Salobra, *Rio das Mortes, Vacaria).

Gênero UROPELIA Bonaparte

Uropelia BONAPARTE, 1855, Comp. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 1, p. 24. Tipo, por monotipia *Columbina campestris* SPIX.

As rolas de que agora nos iremos ocupar são ainda mais rabilongas do que as do gênero *Scardafella*, e destas à primeira vista se distinguem: pela plumagem imaculada (sem manchas semilunares), parda em cima e quase branca nas partes inferiores; pela presença de um espelho metálico nas coberteiras superiores das asas, e ainda pela muito mais forte diferença de comprimento das rectrizes, cujo tamanho é aproximadamente o mesmo nos três pares centrais, e depois diminui gradativamente nos três pares laterais, de modo que as externas têm apenas cerca de dois terços de comprimento das centrais.

Compõe-se este gênero de uma única espécie, aparentemente insusceptível, ela própria, de divisão em raças geográficas.

Uropelia campestris (Spix)

- Columbina campestris* SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, pl. 75, fig. 2: "in campis Bahiae" (cf. HELLMAYR, 1906, Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 697). — REISER, 1910, Denks. math.-naturw. Kl. Akad. Wiss., LXXXVI, p. 87: Santa Filomena, Lagoa do Saco; idem, 1924, loc. cit., p. 192: Piauí.
- Columba venusta* TEMMINCK, 1825, Nouv. Rec. Pl. Color., livraison 57, pl. 341, fig. 1: "dans la province de Goyas" (AUGUSTE ST. HILAIRE col.).
- Columbula campestris* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Thiere Brasil., III, p. 299: "in Innern Brasiliens, auf dem Camposgebiet". — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 54: Paracatu (LUND). — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 276: Rio Uruú, Bacalhau, Estrela, Cuiabá (NATTERER). — SCLATER & SALVIN, 1878, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 141: "Arare" (= Arari, na Ilha de Marajó). — ALLEN, 1893, Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Cachoeira (H. SMITH).
- Uropelia campestris* BONAPARTE, 1857, Comp. Gen. Av., II, p. 85: Minas Gerais. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds. of Brit. Mus., XXI, p. 489: Rio Uruú (NATTERER), Chapada (H. SMITH). — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lagoa do Amapá. — HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: Rio Tesouras, Goiás; idem, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 469: Cocos (pto. de Codó), Filadélfia (baixo Tocantins). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Pacoval, Pindobal, Rio Arari, São Natal (na Ilha de Marajó); idem, 1926, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, p. 48: Ceará. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Tapirapoá. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 164: Pirapora, Rio das Almas, Coxim; idem, 1938, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes e Rio Cristalino (W. GARBE col.); idem, 1941, Arquivos de Zoologia do Est. de S. Paulo, II, p. 9: Cuiabá. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 551: campos de Marajó, Arari, Codó, Filadélfia, Cuiabá, Cambará, São Marcelo etc. (material revisto). — PINTO & CAMARGO, 1943, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, VIII, p. 303: Chavantina, (Rio das Mortes, DR. H. SICK col.). — PINTO, 1949, Bol. Mus. Goeldi, X, p. 346: Cuiabá, Rio Aricá.

Uropelia campestris figginsi OBERHOLSER, 1931, Proc. Colo. Mus. Nat. Hist., X, p. 24: Descalvados.

Uropelia campestris campestris PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 39: Fazenda Formiga (Rios das Almas).

À falta de espécimes topotípicos, baseia-se a seguinte descrição num ♂ adulto por nós próprio coligido no Rio das Almas, umas dez léguas a nordeste da cidade de Jaraguá (sul de Goiaz): a metade ante-

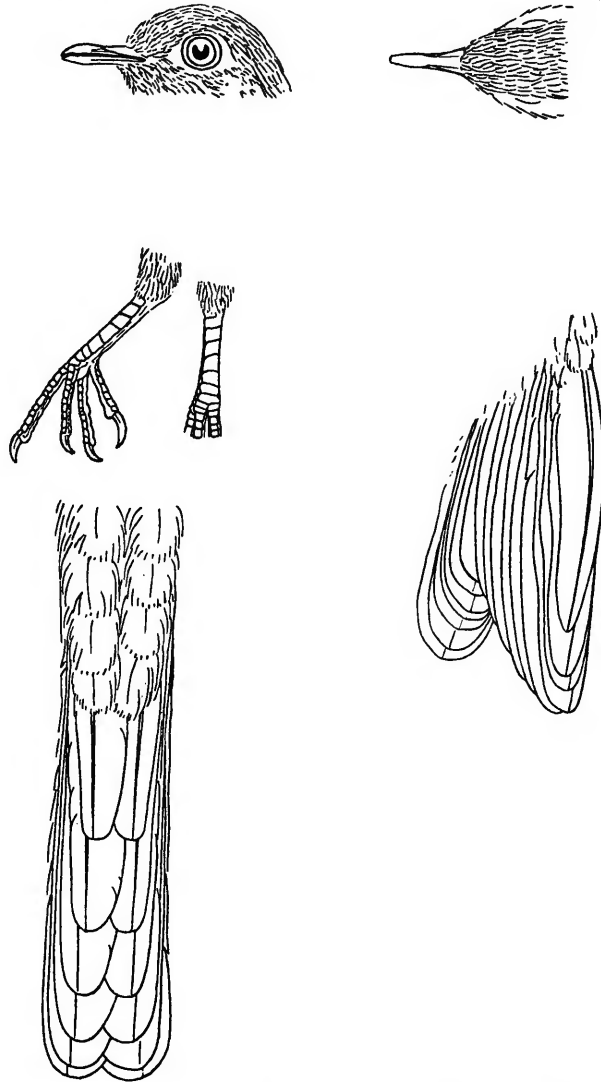


Fig. 4 — *Uropelia campestris* (SPIX). ♂ de Pirapora (Rio São Francisco, Estado de Minas Gerais).

rior do píleo, desde a base ao bico até próximo ao vértice, é cinzento-plúmbea, contrastando com o resto das partes superiores pardo-azeitoadas, mais carregadas no dorso anterior e na região occipital do que no pescoço e nas coberteiras superiores das asas; os lados da cabeça, acinzentados à volta dos olhos e pardos na região auricular, passam

insensivelmente ao cinzento-vináceo em direção à garganta, cuja porção central é mais clara, como também o mento; lados do pescoço, colo e porção adjacente do peito branco-avinhados, sombreados levemente de cinza; abdome branco, tingido de pardo-cinzento claro nos flancos; infracaudais brancas, sem mancha; grandes coberteiras superiores das asas, algumas delas com a barba externa caracteristicamente manchada no trecho médio de larga nódoa metálica violeta, a que se seguem, antes da ponta pardo-olivácea, uma estreita faixa transversal negra e outra branca; rémiges terciárias, algumas com intensa nódoa subterminal negra, lustrada de azul ferrete, na barba externa; primárias pardo-oliváceas, passando a branco na metade basal; coberteiras subalares pretas; rectrices pardo-escuras, quase pretas na página inferior, as dos três ou quatro pares laterais terminadas obliquamente em branco; bico pardo-escuro e patas amarelas. Medidas: asa 69 mms.; cauda 81 mms.; culmen 10 mms. Na ave viva o rebordo palpebral é amarelo e a iris azul.

A área de distribuição desta rola se estende a partir do leste da Bolívia (Santa Cruz) pelos campos descobertos do interior seco do Brasil, coincidindo em parte com a de *Scardafella squammata squammata*, cujo habitat e regime são muito semelhantes; mas é consideravelmente mais restrita do que a desta última, que não só se estende muito mais para o sul, como abrange no nordeste brasileiro larga faixa litorânea, onde *Uropelia campestris* é desconhecida. No Estado de Mato Grosso as duas espécies possuem cada qual o seu domínio geográfico, excluindo-se mutuamente em quase toda parte; em Goiás e no interior do Piauí, pelo contrário, apresentam larga zona de distribuição praticamente comum.

Ficou-nos lembrança viva da ocasião em que pela primeira vez a encontramos em estado de liberdade, ao percorrermos às primeiras horas da manhã o chapadão cortado pelo Rio das Almas, no sul de Goiás. Em grupos de uma meia dúzia de indivíduos, catavam no chão as pequenas sementes de que se sustentam, escolhendo de preferência as trilhas despidas de qualquer vegetação. Nada de particular parece ter sido observado sobre os seus hábitos, inclusive a nidificação.

Segundo HELLMAYR & CONOVER, os caracteres se mantêm constantes em todas as populações da espécie, desaparecendo em face de séries adequadas as diferenças que conduziram à separação das aves de Mato Grosso como *Uropelia campestris figginsi* OBERHOLSER.

DISTRIBUIÇÃO: Leste da Bolívia (Santa Cruz) e zonas do campo do centro e norte do Brasil: norte e centro de Mato Grosso (Tapirapõã, *Cuiabá, *Santo Antônio, *Barra do Rio Aricá, Cachoeira, Cambará, *Coxim, *Rio das Mortes, *Rio Cristalino), Goiás (Rio Uruú, Rio Tessoras, Bacalhau, Estrela, *Rio das Almas, Filadélfia), oeste de Minas Gerais (Paracatu, *Pirapora) e da Bahia (São Marcelo do Rio Preto), sul do Ceará e do Piauí (Santa Filomena, Lagoa do Saco), Maranhão (Cocos), Ilha do Marajó (Arari, Pacoval, Pindobal), norte do Pará (Amapá).

Gênero COLUMBINA Spix

Columbina SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57. Tipo, designado por GRAY (1841), *Columbina strepitans* SPIX.

Nas rôlas deste gênero a cauda é mais curta do que a asa e de 12 rectrices; destas só as externas são decididamente mais curtas do que as dos pares restantes e, como também as do par vizinho, completamente brancas; as centrais, e não raro também as subcentrais, são cinzen-

tc-pardas até a extremidade; as dos pares intermédios seguintes são brancas, com a base e a margem externa escurecidas, em extensão variável, mas sempre decrescente das mais centrais para as laterais. No lado externo das asas, que são eutáxicas (5.^a rêmige secundária presente), alinham-se várias coberteiras com a ponta azul-negra, formando um espelho transversal e oblíquo.

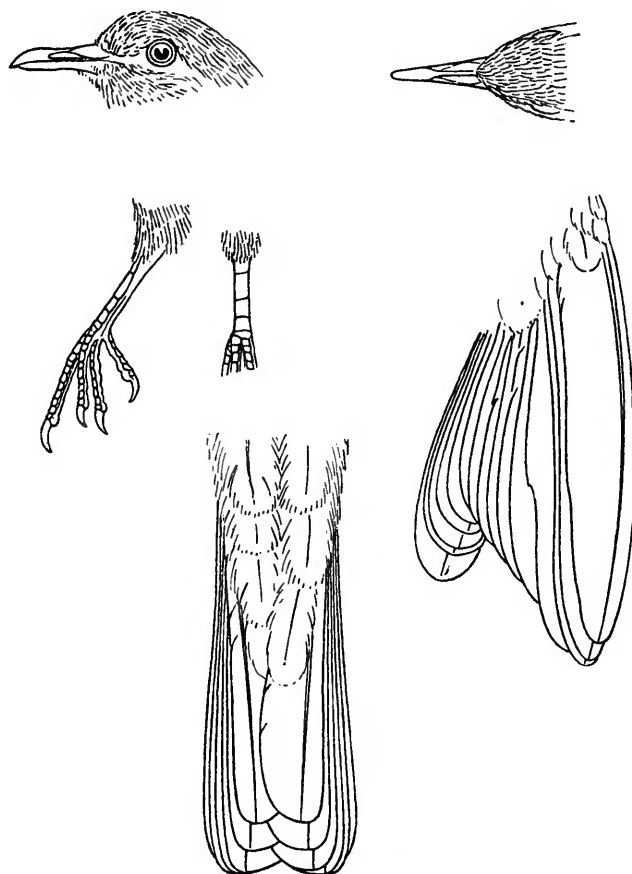


Fig. 5 — *Columbina picui picui* (TEMMINCK). ♀ de Aquidauana (Mato Grosso).

A espécie única ocorre em quase toda a porção da América Meridional situada ao sul e a leste da bacia Amazônica, e também, a oeste dos Andes, na região central do Chile.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES E SUBESPÉCIES DO GÊNERO *COLUMBINA* SPIX

- a. Tamanho médio maior (machos adultos com 90 a 94 mms. de asa); colorido geral mais carregado; as partes superiores, inclusive as rectrizes centrais, são pardo-acinzentadas, uniformes, ou quando muito com mistura ténue de tons ardoziados no alto da cabeça (Argentina, Paraguay, Brasil meridional e ocidental) *C. picui picui*

- aa. Tamanho pouco inferior (machos com menos de 90 mms. de asa); colorido geral mais desbotado; as partes superiores são de colorido cinzento claro passando ordinariamente a ardosiado ou plúmbeo na região interescapular e no alto da cabeça (norteste do Brasil) *C. picui strepitans*

Columbina picui (Temminck)

Columba picui TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Fig. Gallin., I, ps. 435 e 498 (baseada em "Paloma Picui" de AZARA, Apunt., N.º 324): Paraguay.

E' esta uma das muitas aves sul-americanas cuja primeira descrição se deve a FELIX AZARA, que escrevendo nos primeiros anos do século passado nos disse ser ela "muito comum no Paraguay e nas regiões banhadas pelo Rio da Prata". Não muitos anos depois, a espécie foi encontrada no nordeste do Brasil por SPIX, que a batisou com o nome de *Columbina strepitans*. Todavia, como as populações a que respectivamente correspondem as descrições de AZARA e de SPIX apresentem algumas diferenças apreciáveis, razão existe para serem separadas como subespécies, sob os nomes que os direitos de prioridade conferem a cada qual.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos. (Col. do Dept. de Zoologia)	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
Columbina picui picui						
60, La Plata (Argentina)	92	78	12			
9.105, Itaqui (Rio G. do Sul)	94	82	12			
30.117, Corumbá (Mato Grosso)	88	73	13			
30.119, (idem, idem)	91	80	12			
30.121, (idem, idem)	87	78	13			
10.090, (idem, idem)				91	81½	13
30.120, (idem, idem)				86	72	12
18.319, Salobra (idem)	93	82	13			
12.416, Miranda (idem)	89	78	14			
12.334, (idem, idem)				91	80	13
12.597, Aquidauana (idem)				85	72	13
17.110, Cuiabá (idem)	93	84	13			
17.111, (idem, idem)	89	78	13			
30.122, (idem, idem)	86	77	13			
30.118, (idem, idem)				92	76	13
30.123, (idem, idem)				90	75	13
Columbina picui strepitans						
7.373, Bonfim (Bahia)				88	79	13
7.378, Joazeiro (idem)	90	80	14			
7.376, (idem, idem)	87	74	12			
7.375, (idem, idem)				89	76	14

Columbina picui picui (Temminck)

*Columbula*¹ *picui* BURMEISTER, 1856, Uebers. Thiere Brasil., III, p. 300: Brasil meridional, Montevideo, Paraguay. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 276: São Paulo (Apiá, perto do Rio Paranapanema), Mato Grosso (Cuiabá, Vila Maria, Caiçara). — J. A. ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada (perto de Cuiabá, col. H. SMITH). — IHERING, 1899, Anuário do Est. do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Rio Grande do Sul (Mundo Novo, Rio Grande, Pedras Brancas); idem, 1902, Rev. Mus. Paul., V, p. 284: São Paulo

1) *Columbula* BONAPARTE, 1855 Compt. Rend. Acad. Sci. Paris. XL, p. 22 — nome novo

(Iguape). — HELLMAYR, 1907, Novit. Zool., XIV, p. 408: Amazonas (Humaitá, no alto Maceira). — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Orn., p. 25: São Luiz de Cáceres (antiga Vila Maria).

Columbina picui picui PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2.^a parte, p. 711 — Mato Grosso (Aquidauana). — PINTO, 1940, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Mato Grosso (Cuiabá, Santo Antonio). — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXV, p. 377: Mato Grosso (Descalvados).

Para descrever os caracteres desta raça servir-nos-emos de um ♂ adulto (N.º 30.121 da col. do Dep. de Zoologia) procedente de Corumbá: alto da cabeça cor cinzento-plúmbea clara (com algumas penas pardas da plumagem juvenil de permeio), exceção feita da porção anterior brancacenta e levemente tocada de vinho; dorso pardo, levemente arruivado; coberteiras superiores da cauda muito mais claras do que o dorso, passando ao cinzento claro; mento e meio da garganta brancos, passando a claro cinzento-avinhado nos lados da cabeça, peito e porção alta do abdome; baixo abdome mais claro do que o peito, passando gradativamente a branco quase puro nas coberteiras infracaudais; coberteiras superiores das asas um pouco mais claras do que o dorso, as medianas com a ponta manchada de azul-negro, de modo a formar um espelho transversal oblíquo muito distinto; as externas marginadas de branco; primárias escuras, quase pretas as mais externas com a margem de fora distintamente tingida de canela claro; secundárias escuras, com a barba interna debruada de branco; terciárias da cor do dorso, com a barba interna largamente tingida de preto junto à borda; rectrizes centrais cinzento-ardosiado claro; rectrizes do segundo par cinzento-ardosiadadas, com a porção terminal quase branca; as do terceiro, quarto e quinto pares brancas, com a porção basal cinzenta e a barba externa escurecida até próximo à ponta; rectrizes do sexto par inteiramente brancas, como as infracaudais imediatamente superjacentes; coberteiras inferiores das asas negras, como também as do bordo da asa. O bico é pardo-escuro e as patas, agora desbotadas, deviam ser róseas no animal vivo. Medidas: asa 87 mms. cauda 78 mms. culmen 13 mms.

As variações observadas nos caracteres acima descritos são muito pequenas nos ♂ ♂ tanto do sul de Mato Grosso, como da região de Cuiabá. Elas residem: na tonalidade do dorso, ora mais cinzenta, ora mais pardo-arruivada; na cor do píleo, mais intensamente plúmbeo em alguns exemplares do que noutros; no rebordo externo das primárias, às vezes escuro como o resto da pena etc.. As ♀ ♀ se distinguem principalmente pela ausência de banho vináceo no peito e a falta de cinzento no píleo, que é pardo. São também, em regra, um pouco menores.

Colecionamos esta pombinha em Cuiabá, junto às margens do rio homônimo; mas não temos nenhuma nota sobre seus hábitos, semelhantes aliás aos das outras rolas. WETMORE, que a encontrou em todos os lugares do Paraguay, Uruguay e República Argentina por onde viajou, conta-nos que “a espécie é social e decididamente gregária onde quer que haja alimentação em abundância”. Apareciam geralmente em grupos de uma meia dúzia de indivíduos, não sendo raros os bandos de 25 ou 30. Segundo ainda o mesmo autor, frequentam a beira das moitas de vegetação, como também os campos descobertos, afastando-se raramente dos pontos onde hajam árvores em que se abriguem e mostrando atração particular pelo chão arado de fresco. Aparece também nos centros habitados, sem exceptuar as ruas e praças de grandes cidades como Buenos Aires, onde teve ocasião de observá-la o sagaz ob-

servador de cujo livro¹ estamos tirando estes apontamentos. Faz ninho nos primeiros meses do ano, de gravetos e palha, a cerca de dois metros do chão, à beira das moitas, entre garranchos. Põe dois ovos, brancos, e de mais ou menos 23 mms. de diâmetro longitudinal.

DISTRIBUIÇÃO: República Argentina (Tucumán, Jujuy, Mendoza, Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba, Rio Negro, Entre Rios, Formosa), Chile (Valparaizo, Santiago), Uruguay (Montevideo, Maldonado, Paysandú), Paraguay (Chaco, Vila Rica, Sapucay, Alto Paraná, Rio Pilcomayo, Rio Apa), leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Cochabamba, La Paz, Chuquisaca) e zonas descampadas do Brasil oeste-meridional, com ocorrências na Amazônia (alto Madeira) e oriental: Mato Grosso (*Corumbá, *Salobra, *Miranda, *Aquidauana, Descalvados, *Cuiabá, São Luiz de Cáceres, Rio Guaporé), Rio Grande do Sul (Itaqui, Mundo Novo, Pedras Brancas), sul de São Paulo (Iguape, Apiaí).

Columbina picui strepitans Spix

Columbina strepitans SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 57, pl. 75, fig. 1: campos do Piauí. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Bahia (Joazeiro, Soledade), Piauí (Lago Parnaguá, Pedrinha).

Columbula picui (não *Columba picui* TEMMINCK) SALVADORI, 1893, Catal. Birds. Brit. Mus., XXI, p. 470, em parte: Ceará. — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro, II, p. 48: Ceará.

Columbina picui strepitans HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 466: Piauí (Arara, Ibiapaba), Ceará (Varzea Formosa, Quixadá). — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 162: Bahia (Joazeiro, Bonfim, Cidade da Barra).

Difere esta subespécie da precedente pelo colorido geral mais claro, mais desbotado, especialmente nas partes superiores. Suas características podem ser assim descritas, um ♂ adulto de Joazeiro tomado por tipo: o dorso, a porção adjacente das asas e as rectrizes centrais, são pardo-acinzentadas claras, com fraca mistura de pardo; o manto, cinzento-azulado ou plúmbeo, faz visível contraste com o dorso e continua-se sem limite preciso com o alto da cabeça, mais ou menos tingido de pardo; a borda externa das terciárias e coberteiras superiores vizinhas é de um branco puro, em intenso contraste com as primárias, pretas e sem nenhum rebordo arruivado distinto. No lado inferior o abdome e as infracaudais são alvos, como raros tons de creme; o peito é de cor levemente avinhada, quase sem mistura de cinza. Como se infere da nossa tabela de medidas, nas aves nordestinas o porte parece um pouco inferior, em média, ao das de Mato Grosso.

Como vimos, pertencem a esta forma as populações de *Columbina picui* distribuídas pelo interior dos Estados este-septentrionais do Brasil, desde as margens do Rio São Francisco no Estado da Bahia, até o sul do Maranhão, o Piauí e o Ceará. Não há registros de sua presença no oeste de Pernambuco, onde todavia seguramente ocorrerá.

DISTRIBUIÇÃO: Maranhão, Piauí (Lago Parnaguá, Ibiapaba, Arara), Ceará (Varzea Formosa, Quixadá), norte da Bahia (Rio São Francisco, Soledade, *Bonfim, *Joazeiro).

1) ALEX. WETMORE, "Observations on the Birds of Argentina, Paraguay, Uruguay, and Chile", em Bull. Un. St. Nat. Museum. N.º 133, p. 178 e segs. (1926).

Gênero COLUMBIGALLINA Boie

Columbigallina (não de OKEN, 1817, *nomen nudum*) BOIE, 1826, Isis, Heft 10, col. 977. Tipo, por monotípia, *Columba passerina* LINNÉ.

Chaemepelia SWAINSON¹, 1827, Zool. Journ., III, p. 361. Tipo, designado por GRAY, 1841, *Columba passerina* LINNÉ.

Este gênero conta no Brasil com três espécies, incluindo-se neste número as duas pombas rolas mais comuns e de mais larga distribuição. De hábitos sociáveis, passam a maior parte do tempo no chão, onde procuram o alimento constituído essencialmente de sementinhas e grãos.

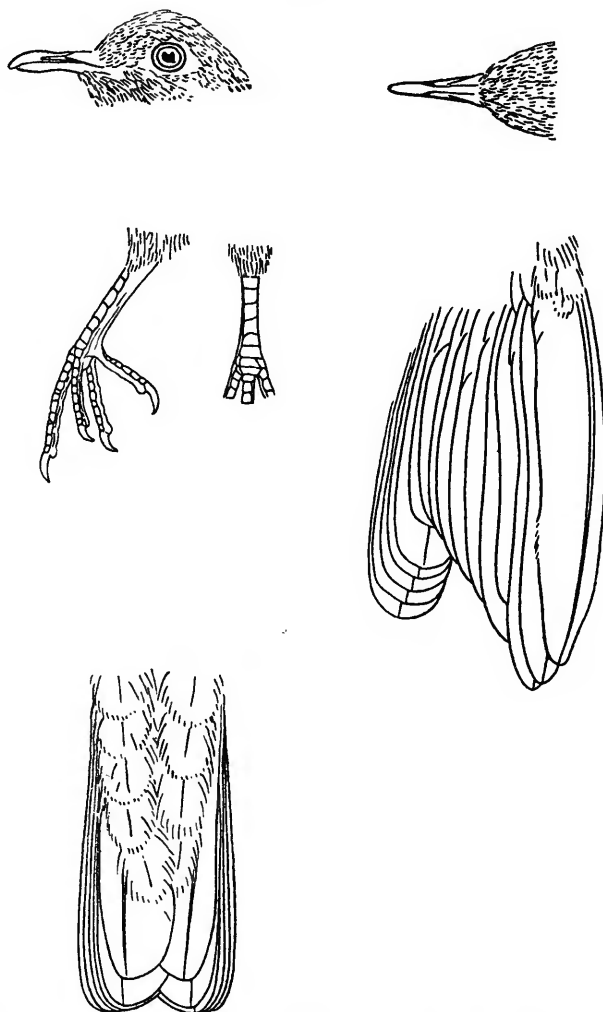


Fig. 6 — *Columbigallina passerina griseola* (SPIX). ♂ de Belém (Pará).

A falta de características morfológicas de valor diagnóstico si tomadas isoladamente, o grupo em conjunto se reconhece, antes de tudo, pelo comprimento relativamente pequeno da cauda (que nunca excede aos três quartos da asa), cujas rectrizes diminuem leve e gradualmente de

1) O nome de SWAINSON é encontrado sob inúmeras formas, umas decorrentes de lapsos dos autores, outras do intuito de corrigir a grafia original, que é a única sancionada pelas regras de Nomenclatura.

tamanho das centrais para as laterais (cauda arredondada) e, quando não de todo escuras, nunca têm branco mais que a orla terminal; pelas rêmiges externas largas até a ponta; pela presença de entalhe brusco, delimitando um dente no bordo da barba interna da quarta primária (a contar de fora). Os sexos diferem sempre no colorido da plumagem, que é sempre mais viva, mais intensa, nos machos do que nas fêmeas.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO
GÊNERO *COLUMBIGALLINA*

- A. Bordos laterais dos tarsos guarnecidos de uma escova longitudinal de minúsculas penas; axilares e coberteiras inferiores das asas, pelo menos as proximais, pretas *C. talpacoti*
- AA. Tarsos inteiramente implumes; axilares e coberteiras inferiores das asas cor de canela intenso.
- B. Pescoço e peito de colorido uniforme, sem indício de desenho escamoso (América meridional cisandina, das Guianas ao Paraguai, através do Brasil este-septentrional e central) *C. minuta*
- BB. Penas do pescoço e do peito esbranquiçadas nos bordos e escuras no centro, dando à plumagem aspecto escamoso característico (Guianas e Brasil septentrional, da Amazônia ao norte da Bahia) *C. passerina*

Columbigallina talpacoti (Temminck)

Entre as congêneres brasileiras distingue-se esta espécie facilmente pelos tarsos, guarnecidos em cada lado de uma fileira de penas curtas e densas. Na subespécie típica, que é a única de distribuição larga no Brasil, as coberteiras inferiores das asas são pretas, o mesmo acontecendo com as rêmiges, que só muito excepcionalmente se mostram tingidas de canela na orla interna. Isso a distingue de *C. t. rufipennis* (BONAPARTE) e outras raças mais septentrionais, em que subalares e rêmiges ferruginosas são carácter saliente.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
COLUMBIGALLINA TALPACOTI

- A. Rêmiges inteiramente escuras (América do Sul cisandina, das Guianas ao norte da Argentina) *C. talpacoti talpacoti*
- AA. Rêmiges parcialmente cor de canela (do sudeste do México ao sul da Venezuela, através da América Central e leste da Colômbia) *C. talpacoti rufipennis*

Columbigallina talpacoti talpacoti (Temminck).

Columba talpacoti TEMMINCK, 1811, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, Columbigallines, p. 22: América do Sul (posto que o tipo se admite ser procedente do Brasil, a Bahia foi por nós escolhida como pátria)¹. — WIED, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 465: Rio de Janeiro, Cabo Frio, Espírito Santo etc. — EULER, 1867, Journ. f. Orn., XV, pp. 189, 190, 196 e 198: Cantagalo.

Columba minuta (não de LINNÉ, 1766) WIED, 1821, Reise nach Brasil, II, p. 341 (340 na ed. in-8vo): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte).

Columbina cabocolo SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, pl. 75a, fig. 1: Brasil (local. não especificada).

1) PINTO, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 163 (1938).

- Columbina talpacoti* HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 416: Rio Madeira (Calama) e Rio Machados (Maruim); idem, 1910, Abhandl. Math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, pp. 80, 96 e 122: Peixe-Boi, Mexiana.
- Chamaepelia talpacoti* BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 297: Rio de Janeiro. — EULER, 1867, Journ. f. Orn., XV, p. 417: Cantagalo. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Rio Tocantins. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 277: Rio de Janeiro, Sapitiba, Ipanema, Tijuco, São Vicente (perto do Rio Guaporé), Forte do Rio Branco, Pará. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., 1870, p. 56: Lagoa Santa. — HAMILTON, 1871, Ibis, p. 309: Itapetininga. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 396: Nazaré (= Belém). — BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 274: Blumenau. — ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst. VIII, p. 82: Santarém. — FORBES, 1881, Ibis, p. 357: Pau d'Alho, Paraíba. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Gesam. Orn., II, p. 176: Taquara do Mundo Novo, Arroio Grande. — BOUCARD & BERLEPSCH, 1892, The Humminh Bird, II, p. 41: Porto Real. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 485: Guiana Inglesa, Guiana Francesa, Bolívia, Brasil (Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Nova Friburgo (Jhapada, Baião)). — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lagoa Grande do Amapá. — H. IHERING, 1897, Rev. Mus. Paul., II, p. 166: Ilha de São Sebastião; idem, 1899, III, p. 400: São Sebastião, São Paulo. — SALVADORI, 1897, Bol. Mus. Zool. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Urucum. — NICOLL, 1904, Ibis, p. 40: Bahia. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, pp. 516 e 538: Guiana, Alcobaga. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, p. 87: Pau d'Alho (perto de Recife), Rio São Francisco, Cidade da Barra. — GRANT, 1911, Ibis, p. 460: Rabicho (Rio Paraguay). — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franc. d'Orn., p. 25: São Luiz de Cáceres, Poconé. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 151: Castanhal. — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 281: Serra do Itatiaia.
- Columbigallina talpacoti* RIKER & CHAPMAN, Auk, VIII, p. 162: Santarém. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 129: Chapada. — IHERING, 1907, Catal. Fauna Bras., Aves, p. 22: Ipiranga, São Sebastião, São José do Rio Pardo, Jaboticabal. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 65: Rio Tocantins (Alcobaga), Rio Tapajós (Goiana), Rio Maecuru, Arumanduba; idem, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 48: Ceará.
- Chamaepelia talpacoti talpacoti* HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII p. 468: Rio Tocantins (Filadélfia), Maranhão, Piauí, Ceará. — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Mato Grosso (Urucum), Rio Solimões. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 712: Valparaizo, Sant'Ana do Paranaíba.
- Columbigallina talpacoti talpacoti* PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 66: Bahia (Madre de Deus, Caípe, Curupeba, Rio Jucuruçu, Bonfim, Joazeiro); idem, 1936, loc. cit., XX, p. 39: Goiaz (Jaraguá); idem, 1938, XXII, (Catal. Aves Bras., 1a. pte.), p. 163: Rio Juruá, Rio Tapajós, Rio Matipoó, Maria da Fé, Itatiba, São José do Rio Pardo, Capivari, Campo Grande, Corumbá; idem, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 9: Coxim, Santo Antônio, Cuiabá, Chapada. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 536: Boa Vista (Rio Branco), Ressaca (Rio Capim), Ipomonga (id.), Igarapé da Piava, Boim, Óbidos, Carolina, Barra do Corda, São Francisco, Alto Parnaíba, Ibiapaba, Arara, Serra de Baturité, Varzea Formosa, São Marcelo, Macaco Seco, Terezópolis, Araçatuba, Vacaria, Urucum, Fazenda Morungaba, Filadélfia. — PINTO, 1943, Pap. Avulsos do Dept. Zoologia, III, pp. 273, 278 e 282: Ilha de Madre de Deus, Curupeba, Caípe; idem, 1944, loc. cit., p. 138 Monte Alegre. — BRODKORB, 1937, Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan, N.º 349, p. 6: Arari (Ilha de Marajó).

Muito comum em quase toda parte, até mesmo nos arredores das grandes cidades, é esta rolinha vulgarmente conhecida por vários apelidos, alusivos na sua grande maioria à viva cor avermelhada dos machos adultos. Assim, é costume chamá-la de rola “caldo-de-feijão” em São Paulo, “sangue-de-boi” na Bahia e “rola roxa” no Rio Grande do Sul. Pertence também seguramente às que os tupis do nosso litoral denominavam “picuipebas”, termo registrado por GABRIEL SOARES e, ao que pa-

rece, ainda usado no Rio de Janeiro até o começo do século passado¹. AZARA, o primeiro autor a descrever a espécie, conheceu-a entre os índios guaranis do Paraguay pelo nome de "picuipita" (rola vermelha) cujo significado está mais de acordo com a zoonímia atualmente em voga.

Para descrever a rolinha "caldo-de-feijão", tomaremos um ♂ adulto de Curupeba (No. 14.398 do Dept. de Zoologia), lugarejo da orla marítima da chamada Bahia de Todos os Santos (próximo à Ilha de Madre de Deus): coberteiras superiores da cauda e dorso de intenso colorido chocolate-avinhado, com mistura de pardo na região interescapular e nos lados; pescoço posterior e alto da cabeça cinzento-plúmbeos, desmaiando em direção à frente, que é clara, levemente lavada de vinho; rêmiges terciárias e coberteiras superiores internas das asas pardo-avinhadas, muitas delas com uma nódoa azul-negra na barba externa; primárias e coberteiras superiores respectivas escuras, quase pretas; partes inferiores vináceo-cinzentas, clareando no peito e passando a branco quase puro na garganta e no mento; rectrizes centrais pretas, com a base mais ou menos extensamente tingidas de vinho; as laterais com uma larga ourela vinácea na ponta e no trecho adjacente da barba externa. Bico pardo-escuro e patas vermelhas.

Estas características se mantêm constantes em todas as populações da raça brasileira; não obstante, observam-se sensíveis variações individuais no tocante à intensidade do colorido, que ora é mais desmaiado, ora muito carregado, tirante a ruivo. Em certos indivíduos a barba interna das primárias é mais ou menos tingida de canela, preludiando o que em *C. t. rufipennis* é carácter constante e muito conspícuo. Como esta variação ocorre irregularmente até nas populações meridionais da espécie, não há razão para manter-se *Chaemepelia arthuri* BANGS & PENARD², a qual teve por base exemplares com a referida peculiaridade³.

As ♀ ♀ diferem dos ♂ ♂ logo à primeira vista; a plumagem é pardo-cinzenta, com as partes superiores muito mais escuras e mais ou menos tingidas de oliva; a tinta vinácea, quando presente, limita-se de ordinário a leve banho nas coberteiras inferiores da cauda e superiores das asas.

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
20.844, Itacoatiara (Amazonas) ...	89	66	13			
22.653, (idem, idem)				86	68	13
22.670, Rio Eiru (idem)	91	72	13			
22.655, (idem, idem)				88	66	13
14.637, Aveiro (Rio Tapajós)	92	74	13			
14.638, Marai (idem)				87	70	13
18.132, Tapera (Pernambuco)	86	66	12			
13.960, Caipe (Bahia, Reconc.) ...	94	71	13			
14.398, Curupeba (idem)	90	68	13			
24.537, Rio Piracicaba (Minas) ..	88	65	14			

1) PELZELN (Zur Ornithol. Brasiliens, p. 277) escreve *Picuypeon*; mas temos pouca dúvida de que houve aqui erro na cópia do manuscrito de NATTERER.

2) *Chaemepelia arthuri* BANGS & PENARD, 1918, Bull. Mus. Compar. Zool., LXII, p. 45; vizinhanças de Paramaribo (Guiana Holandesa).

3) Cf. HELLMAYR & CONOVER, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 539, nota 1 (1942).

24.538, (idem, idem)				88	70	13
17.113, Cuiabá (Mato Grosso)	94	74	14			
17.112, (idem, idem)				91	62	13
12.736, St.'Ana do Paranaíba (idem)	92	71	13			
14.722, Jaraguá (Goiaz)	90	68	13			
31.882, Porto Marcondes (S. Paulo)	90	70	12			
26.804, Ipiranga (idem)	91	70	12 ½			
26.149, Lins (idem)	90	70	13			
26.145, (idem, idem)				89	66	13
28.995, Ibiti (idem)	90	68	13			
28.891, (idem, idem)				85	63	12
27.259, Serra da Bocaina (idem) ..				91	70	12 ½
29.558, Ubatuba (idem)				91	68	13

DISTRIBUIÇÃO: América Meridional cisandina (acidentalmente também no Chile), das Guianas ao Paraguay e norte da Argentina, através da Amazônia e de todos os Estados do Brasil. Guianas Inglesa (Georgetown, Demerara, Quonga, Annai, Rio Ituribisci, Rio Abary, Rio Anarica, Rio Bonasika, Bartica, Supenaam); Holandesa (Surinam, Panamaribo) e Francesa (Cayenne), leste do Peru (Rio Marañon, Amable Maria, La Merced) e da Bolívia (Rio Beni, Vitoria, Riberalta, Santa Cruz, Rio Surutu, Chaco boliviano), Paraguay (Alto Paraná, Sapucay, Rio Pilcomayo, Villa Rica, Itaño), norte da Argentina (Salta, Tucumán, Formosa, Misiones, Buenos Aires) e do Chile (Malleco), Brasil: Rio Solimões (Manacapuru), Rio Branco (Boa Vista, Forte do Rio Branco), e norte extremo do Pará (Amapá), Rio Juruá (*João Pessoa) e Eiru (Sto. Antônio, *Santa Cruz), baixo Rio Amazonas (*Itacoatiara, Óbidos, *Igarapé Boiuçu, Arumanduba, Serra do Erêrê), Rio Tapajós (Boim, Santarém, *Marai, *Aveiro, *Caxiricatuba, Goiana), Rio Tocantins (Alcobaça, Baião), Ilha do Marajó (Arari), Ilha Mexiana, distrito este-paraense (Belém, Castanhal, Rio Capim, Peixe-Boi), Estado do Maranhão (Carolina, Barra do Corda, São Francisco, Alto Paranaíba), Piauí (Arara), Ceará (Várzea Formosa, Serra de Baturité), Paraíba, Pernambuco (*Tapera, Pau d'Alho), Bahia (Rio São Francisco, *Joazeiro, São Marcelo, Cidade da Barra, *Bonfim, Macaco Seco, *Ilha de Madre de Deus, *Curupeba, *Caípe, *Rio Jucuruçu), Espírito Santo (Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sapitiba, *Manguinhos, Porto Real, Nova Friburgo, Cantagalo, Itatiaia, *Rio Muriaé), Minas Gerais (Lagoa Santa, *Maria da Fé, *Rio Matipoó, *Rio Doce, *Rio Piracicaba), São Paulo (Ipanema, Tijuco, Itapetininga, Jaboticabal, *São José do Rio Pardo, *Batatais, *Serra da Bocaina, *Ubatuba, *São Sebastião, cid. de São Paulo, *Ipiranga, *Embu, *Capivari, *Monte Alegre, *Itatiba, *Mogí das Cruzes, *Rio Juquiá, *São Miguel Arcanjo, *Rio Paranapanema, *Assiz, Vitória, *Lins, Araçatuba, *Valparaizo, *Macaúbas, *Ribeirão Mato Grosso, *Porto Cabral), Paraná (Faz. Murrungaba), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, Arroio Grande), Mato Grosso (*Sant'Ana do Paranaíba, *Campo Grande, *Salobra, *Corumbá, Urucum, Rabicho, *Coxim, *Cuiabá, *Santo Antônio, *Rio Aricá, *Chapada, São Vicente, Cáceres, Poconé, *Rio das Mortes), Goiaz (*Jaraguá, Filadélfia).

***Columbigallina talpacoti rufipennis* (Bonaparte)**

Chamaepelia rufipennis BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 22; arredores de Carthagena (Colômbia). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 487: México, América Central, Colômbia, Venezuela.

Columbigalina talpacoti rufipennis FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Mus., XCVII, p. 401: Cucuí (alto Rio Negro).

Não conheço de visu esta rolinha, que em data muito recente pode ser incluída na avifauna brasileira, através de um único exemplar, ♂

adulto, colecionado em Cucuí, margem esquerda do alto Rio Negro, junto à fronteira com a Venezuela. O conde SALVADORI descreve-a como semelhante a *C. t. talpacoti*, mas com as rêmiges e as coberteiras inferiores das asas cor de canela, exceção feita da extremidade das primárias, que são pardas, como também a barba externa das secundárias. O exemplar de Cucuí, conforme observou FRIEDMANN, possui a barba externa da primária inteiramente pardo-escuro. Isso, de par com a ocorrência de indivíduos da última com vestígios de canela na margem das rêmiges (*C. arthuri*), reduz o hiato existente entre *C. rufipennis* e *C. talpacoti*, que assim adquirem novos títulos para serem tratadas como raças geográficas de uma mesma espécie.

Atingindo a custo, como vimos, os últimos limites septentrionais do Brasil, a sua área de dispersão dilata-se para o norte até o sudeste do México (Vera Cruz), através da Venezuela (vale do Orenoco) e ilhas adjacentes (Tobago, Margarita, Trinidad), do norte e leste da Colômbia (Santa Marta, Cartagena, Bogotá, Bucaramanga etc.) e da América Central. Desta área estão excluídas as populações da região ocidental da Colômbia (vale do Rio Cauca) e do oeste do México, as quais, com base em diferenças mínimas, está-se geralmente de acordo em separar de *C. t. rufipennis*, sob as denominações respectivamente de *C. t. caucae* e *C. t. eluta*.

Columbigallina minuta (Linné)

Muito apropriadamente chamada por AZARA de Pomba anã, é esta a menor de todas as rolinhas encontradas no Brasil. Ela convive na maioria dos lugares com *C. talpacoti*, mas desta ainda se distingue à primeira vista pela plumagem, que é cinzento-avinhada clara nos machos adultos, e pelo acanelado intenso da barba interna das primárias e das coberteiras inferiores das asas. A espécie, cuja distribuição, bem mais larga do que a da rola vermelha, se estende do norte do Paraguai ao sudeste do México, deixa-se dividir em três raças geográficas, das quais apenas uma pertence ao nosso território.

Columbigallina minuta minuta (Linné)

Columba minuta LINNÉ, 1766, Syst. Nat., 12a. ed., I, p. 285: baseada em "Turtur parvulus (sic) fuscus americanus" de Brisson, Ornithol., I, p. 116 (descrição da fêmea, ou senão do macho jovem): "in Dominicopoli Insula" (Ilha de São Domingos), localidade errônea, que BERLEPSCH & HARTERT (Novitates Zoologicae, IX, 1902, p. 119) substituíram por Cayenne.

Chamaepelia amazilia BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, p. 21: Peru. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 277: São Paulo (Marambicu, Itararé) e Mato Grosso (Cuiabá, Engenho do Gama, Vila Bela).

Chamaepelia griseola (não *Columbina griseola* SPIX) FORBES, 1881, Ibis, p. 357: Recife e Paraíba.

Columbigallina griseola ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada.

Chamaepelia minuta SALVADORI, 1893, Catal. Birds of Brit. Museum, XXI, p. 481, em parte: Trinidad, Guiana Inglesa, Peru, Brasil (Pernambuco, Bahia, Chapada). — IHERING, 1902, Rev. Mus. Paulista, V, p. 235: Piracicaba, Bahia. — REISER, 1910, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wien, LXXVI, p. 87: Pernambuco (Pau d'Alho), Bahia (Joazeiro, Barrinha, Barra do Rio Grande, Sta. Rita do Rio Preto) e Piauí (Rio Parnaíba, Estreito).

Columbigallina minuta IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 22: Bahia, São Paulo (Piracicaba, Vitória do Botucatu). — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, pp. 48 e 68: Ceará e Maranhão (São Bento).

Chamaepelia minuta minuta HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 467: Maranhão (Codó e alto Parnaíba), Piauí (Arara, Ibiapaba). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 68: Mato Grosso (Pal-

meirás, Urucum). — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 712: Três Lagoas.

Columbigallina minuta minuta PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 65: Bahia (Ilha de Madre de Deus, Curupeba, Joazeiro, Bonfim); idem, 1936, loc. cit., XX, p. 38: Goiaz (Inhumas); idem, 1938, Bol. Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes; idem, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 162: localids. da Bahia, São Paulo, Goiaz e Mato Grosso¹ idem; 1940, Arquivos de Zoologia, I, p. 234: Pernambuco (Tapera). — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, 531: Tomé Açú (Rio Acará), Vitória, Alto Parnaíba, Ibiapaba, Arara, Vazee Formosa. — PINTO, 1943, Papéis Avulsos, III, pp. 273, 278: — Ilha de Madre de Deus, Curupeba. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Zool., N.º 65, p. 7: Usina São José (no município de Igarapu). — PINTO & CAMARGO, 1948, loc. cit., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes).

As características da raça sul-americana de *C. minuta* serão descritas tomando por base um ♂ adulto (No. 13.954, da Col. orn. do Dept. de Zoologia de São Paulo) de Curupeba, coligido por W. GARBE em fevereiro de 1933.

Alto da cabeça cinzento-plúmbeo, com mistura de pardo na região da nuca e clareando gradualmente em direcção à frente, que é clara, levemente tingida de róseo; lado posterior do pescoço e manto cinzento-azulado (cor clara de chumbo), passando gradualmente a pardo no dorso e adjacentes coberteiras superiores internas das asas; uropígio e coberteiras superiores da cauda cinzento-plúmbeos; coberteiras superiores das asas plúmbeo-pardacentas, as centrais lavadas de vináceo e muitas delas com a barba externa ornada de grande nódoa preta, intensamente lustrada de violeta; rêmiges primárias pardo-escuras, com a barba interna cor de ferrugem até próximo à extremidade; coberteiras inferiores da asa cor de ferrugem; partes inferiores muito mais claras do que as superiores, quase brancas no mento e na garganta, passando gradualmente a cinzento-avinhadas no peito; abdome brancacento no centro e acinzentado nos lados; infracaudais brancas, mais ou menos tingidas de cinza; tíbias pardas, com mescla de penas escuras; rectrizes centrais cinzentas no lado superior e escuras no inferior; demais rectrizes pretas em baixo e em cima cinzento-plúmbeas até o trecho sub-terminal, que é enegrecido, principalmente nas mais laterais, e passa novamente a cinzento na orla extrema; as do par externo com a ponta e vizinho trecho da barba externa orladas de branco; bico pardo-amarelo; patas cor de rosa, tornadas amarelas no exemplar conservado. Medidas: asa 76 mms.; cauda 57 mms.; culmen 11 mms.

As ♀ ♀ diferem dos ♂ ♂ com terem todo o lado superior, do píleo às supracaudais, pardo, levemente lustrado de azeitona, e ausência praticamente completa de tons vináceos, tanto nas asas, como nas partes inferiores, que são pardo-amareladas, à excepção da garganta, quase branca.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	Col. orn. Dept. de Zoologia	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
13.953,	Ilha Madre de Deus (Bahia)	80	55	11			
18.133,	Tapera (Pernambuco)	77	54 ½	11			
13.953,	Ilha Madre de Deus (Bahia) ¹	80	55	11			
13.956,	(idem, idem)	76	52	11 ½			
13.954,	Curupeba (idem)	76	57	11			
27.942,	(idem, idem)	78	57	10			
7.381,	Joazeiro (idem)	81	53	12			
7.389,	Bonfim (idem)				73	56	11

1) Os exemplares de Manacapuru pertencem a *C. passerina griseola*.

30.126, Cuiabá (Mato Grosso)				74	55	11
32.276, Rio das Mortes (idem)	79	56	12			
32.277, (idem, idem)				78	54	11
14.721, Inhumas (Goiaz)	71	61	11			
28.232, Guaraparim (Espto. Santo)	76	54	11			
28.233, (idem, idem)				75	55	11½
32.996, Manguinhos (R. de Janeiro)	74	54	11			
32.991, (idem, idem)				75	55	11
26.155, Lins (São Paulo)	78	54	11 ½			
26.159, (idem, idem)	77	58	11			
26.156, (idem, idem)				76	56	11

DISTRIBUIÇÃO: Zonas campestres e descobertas da metade oriental da América Meridional cisandina¹, da Venezuela e Guianas ao norte e leste do Paraguay, através do Brasil este-septentrional e central: Venezuela (Rio Orenoco, Ciudad Bolívar, monte Roraina) e Ilha de Trinidad, Guianas Inglesa (Rio Yurari, monte Tacutu, Rio Abary, Quonnga, Annai, Georgetown), Holandesa (Surinam) e Francesa (Cayenne), leste do Peru (Xeberos, Huánuco, vale do Urubamba), Paraguay (Rio Pilcomayo, Alto Paraná), centro e leste do Brasil: leste extremo do Pará (Rio Acará), Maranhão (Cocos, São Bento, Estreito, Alto Paraíba), Piauí (Ibiapaba, Arara, Estreito), Ceará (Várzea Formosa), Paraíba, Pernambuco (Recife, Pau d'Alho, *Tapera), Bahia (*Joazeiro, *Bonfim, Barra do Rio Grande, Santa Rita do Rio Preto, *Ilha de Madre de Deus, *Curupeba), Espírito Santo (*Guaraparim), Rio de Janeiro (Distrito Federal, *Manguinhos), interior de São Paulo (Marambicu, Itararé, Piracicaba, Botucatu, *Vitória, *São José dos DouRADOS, *Lins), Mato Grosso (*Tres Lagoas, *Rio das Mortes, Urucum, Corumbá, *Cuiabá, *Cáceres, *Rio das Mortes, Chavantina, Goiaz, (*Inhumas).

Columbigallina passerina (Linné)

Columba passerina LINNÉ, 1758, Syst. Nat., 10a. ed., I. p. 165 — nome composto, que se admite, com BONAPARTE (Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, 1855, p. 21) ter essencialmente por base "The Ground Dove" de CATESBY (Nat. Hist. Carolina, I, p. e pl. 26): Carolina do Sul (Estados Unidos).

Repartida em múltiplas raças geográficas, às vezes de distribuição muito restrita, é esta rolinha comum nas regiões quentes da América Septentrional, América Central e Antilhas. No hemisfério meridional estende-se ainda pelas zonas quentes d'aquém e além Andes, dividindo-se também em numerosas subespécies, das quais apenas uma existe no Brasil.

Parece-se muito com *C. minuta*, assim no colorido ferrugíneo das rêmiges e coberteiras inferiores das asas, como na tonalidade geral da plumagem, que nos machos adultos é cinzento-avinhada; mas é muito fácil de reconhecer entre as congêneres pelo desenho escamoso do peito e do pescoço, cujas penas apresentam a porção central escura, em forte contraste com as margens, avinhadas nos machos e brancacentas nas fêmeas.

Columbigallina passerina griseola (Spix)

Columbina griseola SPIX, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 58, pl. 75a., fig. 2: "in sylvis fl. Amazonum".

1) Também a costa pacífica do norte do Peru, caso se admita com ZIMMER (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XVII, 1930 p. 259) e HELLMAYR & CONOVER, a inseparabilidade de *Columba minuta amazilia* (BONAPARTE, 1855), cujo tipo é de Lima (Peru).



Estampa V

- Columbina picui picui* (TEMMINCK). — ♂.
Oxápelis cyanopsis (PELZELN). — ♂.
Uropelia campestris (SPIX). — ♂



Estampa VI

Columbigallina passerina griseola (SPIX). — ♂.

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMMINCK). — ♂.

- Chamaepelia passerina* CABANIS, 1849, em Schomburgk, Reis. Brit. Guiana, III, p. 743: Rio Demerara. — SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Pará. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 277: Borba, Manáus, São Joaquim, São Gabriel, Forte do Rio Branco. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 395: Pará (= Belém). — ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst., VIII, p. 82: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 473, (em parte): Borba, Pará, Pernambuco. — GOELDI, 1903, Ibis, pp. 481 e 499: Aroá. — SNETHLAGE, 1908, Journ. f. Orn., LVI, p. 496: Ilha Goiana. — REISER, 1910 e 1925, Denks. mathem.-naturwiss. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, pp. 87 e 190: Amarração.
- Columbigallina passerina* RIKER & CHAPMAN, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarém. — BERLEPSCH, 1892, Journ. f. Orn., XL, pp. 97 e 102: Bahia.
- Columbigallina passerina griseola* HELLMAYR, 1906, Abhandl. 2 Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXII, p. 697, em parte: Bahia, Pará; idem, 1906, Novit. Zool., XIII, p. 384: Santo Antônio do Prata, Benfica. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 65: Pará (= Belém), Quatipuru, Vitória, Ilha de Maracá, Monte Alegre; idem, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará. — PINTO, 1937, Rev. Mus. Paul., XXIII, p. 543: Manacapuru; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 162: Belém. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 136: Rio Tapajós ("várias localidades"), Lago Cupeva, Boca do Iparapé Piaba, Óbidos, Benevides, Santarém. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 519: Boa Vista (Rio Branco), Ressaca, Ipomonga, Boca do Igarapé Piava, Santarém, Tauari, Boim, Rio Manacapuru, São Luiz, Turiaçu. — BERLA, 1946, Bol. Mus. Nacional, Zool., N.º 65, p. 6: Dois Irmãos (pto. de Recife). — PINTO, 1948, Arquivos de Zool., V, p. 336: Rio Pracupi, Aveiro, Santarém, Aramanai, Capanema, Itacoatiara, Igarapé Anibá, Igarapé Bravo, Ig. Boiussu, Belém. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Uu. St. Nat. Mus., XCVII, p. 400: São Gabriel. — LAMM, 1948, Auk, LXV, p. 268: Pernambuco.
- Columbina passerina griseola* HELLMAYR, 1912, Abh. math.-phys. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, p. 96: Pará (= Belém), Benfica, Rio Capim, Santo Antônio.
- Chaemepelia passerina griseola* TODD, 1913, Ann. Carnegie, Mus., VIII, p. 548 (monografia).
- Chamaepelia passerina griseola* STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 150: Pará (= Belém). — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 467: Turiaçu. — FRIEDMANN, 1948, Proc. Uu. St. Nat. Mus., XCVII, p. 400: São Gabriel.

Tida por SALVADORI e outros como *C. minuta*, houve longa divergência na identificação da ave, evidentemente imatura, descrita e figurada por SPIX; mas o exame do tipo permitiu a HELLMAYR confirmar a velha suposição de BERLEPSCH (Journ. f. Ornith., 1887, p. 34) quando nela reconheceu a presente rolinha.

Descreve-la-emos a seguir, tomando por base um ♂ adulto de Itacoatiara (No. 22.677 do Dept. de Zoologia): dorso, uropígio e coberteiras superiores da cauda cor de cinza, com mescla de tons pardo-oliváceos, e passando a cinzento-violáceo claro na região interescapular; alto da região interescapular, pescoço posterior e alto da cabeça cinzento-azulados, levemente banhados de púrpura e enfeitados de manchas semilunares sombrias, correspondendo à orla das penas; fronte avinhada, com o centro e a orela das penas escurecidos; região superciliar, auricular e lateral da cabeça avinhadas, com as bordas das penas levemente sombreadas; coberteiras superiores das secundárias cinzento-avinhadas, muitas delas com uma grande nódoa preta, lustrada de brilho metálico, violáceo, no trecho subterminal da barba externa; coberteiras superiores das primárias negras, as marginais tingidas de ferrugem na metade basal; primárias cor intensa de ferrugem, com a borda externa e a ponta escurecidas; coberteiras inferiores das asas castanho-ferruginosas; mento e meio da garganta brancos, distintamente lavados de vinho; lados do pescoço e peito de aspecto escamoso,

graças à disposição imbricada das penas, que são pardo-escuras, com a orelha cor clara de vinho; abdome cinzento-avinhado, tornando-se mais cinza nos flancos e no crisso; infracaudais branco-avinhadas, com a base escurecida; retrizes centrais cinzentas no lado superior e pretas no inferior; demais retrizes pretas, com a porção basal do lado superior cinzenta; as do par lateral com a ponta e o trecho adjacente da barba externa marginados de branco. Bico pardo-escuro e patas vermelhas, desbotadas em amarelo no exemplar conservado. Medidas: asa 80 mms.; cauda 60 mms.; culmen 12 mms.

As ♀ ♀ são um pouco menores do que os ♂ ♂ (alguns mms. menos nas medidas da asa e da cauda) e destes diferem pela plumagem desbotada, pardo-olivácea na fase dorsal e pardo-esbranquiçada na ventral, sem nenhuma tonalidade vinácea distinta; no peito e no pescoço as penas são pardo-anegradas no centro e branco-sujo nas bordas, dando à região o aspecto escamoso característico da espécie.

DISTRIBUIÇÃO: Zona equatorial e oriental da América do Sul, das Guianas à Amazônia e ao nordeste do Brasil: Guianas Inglesa (Georgetown, Rio Demerara, Rio Abary, alto Rio Tacutu, Quonga, Pirara) Holandesa (Surinam, Paramaribo) e Francesa (Cayenne), Brasil amazônico e este-septentrional: Ilha de Maracá, Rio Branco (Forte do Rio Branco), Rio Negro (São Joaquim, São Gabriel, Manaus), baixo Solimões (*Manacapuru, *Rio Manacapuru), Rio Madeira (Borba), baixo Amazonas (*Itacoatiara, *Rio Anibá, Óbidos, Monte Alegre, *Igarapé Boiuçú, *Ig. Bravo, Lago Cuipeva), Rio Tapajós (Boim, Santarém, Tauari, Ilha Goiana), Rio Xingu (Vitória), Rio Pracupi (*Portel), Rio Capim (Aproaga, Ipomonga, Ressaca), Rio Acará (Serraria Cabral), distrito de leste do Pará (*Belém, Prata, Benevides, Benfica, Quati-puru), norte do Maranhão (São Luiz, Turiaçu) e do Piauí (Amarração), Ceará, Pernambuco e, ao que parece, o norte adjacente da Bahia¹.

Gênero LEPTOTILA Swainson

Leptotila SWAINSON,² 1837, Classif. of. Birds, II, p. 345. Tipo, por monotipia, *Peristera rufaxilla* SELBY (= *Columba rufaxilla* RICHARD & BERNARD).

Compreende este grupo colúmbidas de porte relativamente grande ou mediano (pelo menos nunca inferior ao das rolas maiores), por toda parte do Brasil conhecidos pelo nome de "juritis" (ou "juritis"), herdado dos índios. Reconhecem-se facilmente pela forma particular da primária externa, muito mais estreita do que as outras e abruptamente adelgada no terço terminal, de par com o colorido pleno da plumagem, sempre mais escura nas partes superiores e isenta de qualquer mancha, com as coberteiras inferiores das asas cor de canela e as retrizes ter-

1) HELLMAYR (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 467) é quem amplia para o sul a distribuição de *C. p. griseola* até "vizinhanças da Bahia", com base em espécimes de origem comercial existentes nos museus.

2) *Leptotila* foi emendado por GRAY (List. Gen. Bds., 2a. ed., 1841, p. 75) para *Leptoptila*, forma que passou a ser adotada pela generalidade dos autores, até pouco tempo atrás. Hoje, cedendo à tendência de voltar à grafia primitiva toda vez que seja impossível provar decorra ela de simples erro tipográfico, está-se de acordo em restabelecer definitivamente o nome de SWAINSON, tal como viera à publicidade. Entre os sinônimos de *Leptotila* SWAINSON merecem referência *Homoptila* SALVADORI (1871), *Engyptila* SUNDEVALL (1873) e *Aechmoptila* COUES (1878).

minadas em branco. Abrange cerca de uma dezena¹ de espécies, distribuídas, a partir do sul dos Estados Unidos, México e América Central

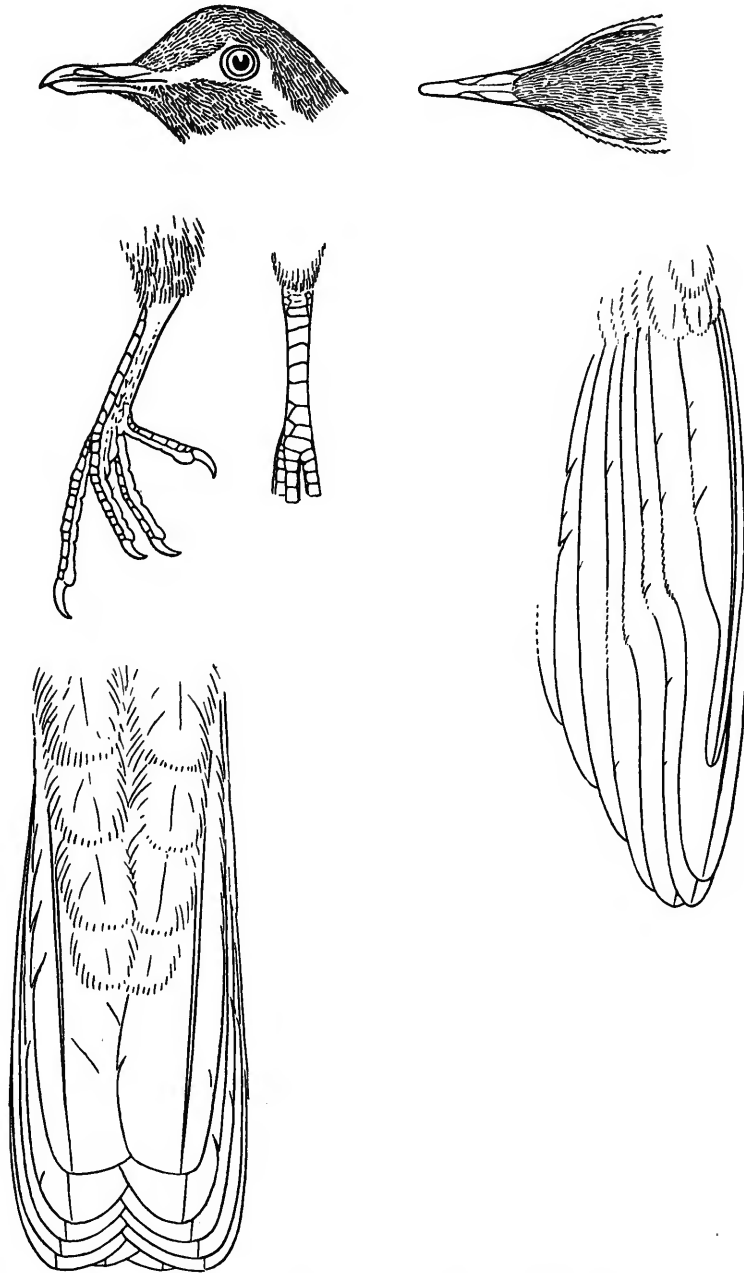


Fig. 7 — *Leptotila verreauxi decipiens* (SALVADORI). ♂ de Curupeba (Bahia, Recôncavo).

por quase toda América Meridional, exceção feita da vertente pacífica do Equador para o sul, e do sul da República Argentina. Destas apenas

1) Oito segundo PETERS (Check-List Bds. World, III, 1937), e nove para HELLMAYR & CONOVER (Catal. Bds. Americas, I, pte. I, n.º 1, 1942), que reconhecem como espécie autônoma *L. pallida* (BERL. & TACZANOW.), do oeste colombiano.

ocorrem no Brasil, diferenciadas ambas em raças geográficas de caracterização difícil, de vez que as mudanças de coloração e de tamanho, bastante evidentes nas populações extremas, sempre se processam de modo gradual, ao longo de uma área de distribuição praticamente ininterrupta.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DE *LEPTOTILA*

- A. Parte trazeira do pescoço, desde a nuca até o manto, acatassolada de intensos reflexos metálicos verde-bronze e cúpreos; bochecha e região auricular de colorido cinzento-avinhado, semelhante ao das partes adjacentes (América cisandina, desde o México até o Uruguay e o norte da Argentina) *L. verreauxi*
- AA. Parte trazeira do pescoço e manto ocráceo-cinzentos, lustrados de violenta (sem mescla de bronze), em forte contraste com o alto da cabeça, cor de chumbo; bochecha e região auricular mais ou menos tingidas de ocre ou ferrugem, destacando-se nitidamente do peito vináceo-ruivo, com mescla variável de cinza (zonas quentes da América Meridional desde a Colômbia até o Uruguay, exceção feita da vertente meridional pacífica) *L. rufaxilla*

Leptotila verreauxi (Bonaparte)

Leptotila verreauxi BONAPARTE, 1855, Comptes Rendus de l'Acad. de Sciences de Paris, LX, n.º 3, p. 99: "Nouvelle Grenade" (= Colombia).¹

Um carácter marcante permite distinguir com segurança todas as formas desta espécie: é o brilho metálico verde bronzeado, com cambiantes de cobre, da região trazeira do pescoço e do manto. Esse brilho varia bastante de intensidade, mas é sempre fácil de verificar, examinando-se o exemplar sob conveniente incidência de luz². Não obstante, erros de determinação amiúde encontrados nos exemplares dos museus recomendam cuidado na verificação desta característica diagnóstica, constante em todas as raças de *L. verreauxi*, porém de todo ausente em *L. rufaxilla*.

De acordo com este conceito, *L. verreauxi* ocorre desde o sul dos Estados Unidos (Texas) até o leste da Argentina (Buenos-Aires), sendo no gênero a espécie de mais extensa distribuição e ao mesmo tempo a mais rica em raças geográficas. A forma típica vive no extremo noroeste do continente sul-americano (norte e leste da Colômbia) e ilhas adjacentes, estendendo-se para o norte até uma parte da América Central (Panamá; Costa Rica); é todavia estranha ao Brasil, de cujas populações, mesmo amazônicas, se distingue à primeira vista em mais de um ponto, merecendo destaque particular a cor avermelhada do píleo, que é decididamente cinzento-plúmbeo em todas as formas brasileiras.

No Brasil, o tamanho dos indivíduos diminui progressivamente de tamanho do norte para o sul, e sob este particular, as populações amazônicas se distinguem à primeira vista das dos Estados centrais e meridionais, extremado-se em raças geográficas de fácil caracterização e reconhecimento. As populações intermédias, mercê de certas diferenças, permitem o reconhecimento de uma forma particular de área correspon-

1) A descrição da espécie, muito omissa, foi posteriormente feita com pormenor em *Conspect Gen. Avium*, II, ç. 73 (dado a lume em 1857).

2) Demonstra a experiência que a melhor maneira de evidenciar os reflexos verdes do pescoço é colocar a ave horizontalmente e examiná-la de trás para diante, em frente à claridade.

dente aos Estados do nordeste e sem limites precisos com as das duas outras. Finalmente, as aves do extremo sul experimentam um aumento brusco de tamanho, de par com algumas diferenças de plumagem, filiando-se a uma raça particular, peculiar à região platina.

Com ser a que, além de mais conhecida, possui maior área de dispersão e conserva maior homogeneidade, descreveremos em primeiro lugar a raça este-brasileira, utilizando as suas características como termo de comparação para o estudo das demais. Antes disso, o quadro de medidas abaixo, organizado com base em exemplares adultos escolhidos entre os da coleção do Depart. de Zoologia de São Paulo, dará idéia do valor e sentido da variação de tamanho experimentada pelas diversas populações brasileiras da espécie, com a respectiva discriminação sistemática.

MEDIDAS (em milímetros)¹

N.os	(Col. do Depart. de Zoologia)	♂ ♂		♀ ♀	
		asa	cauda	asa	cauda
20.731,	Itacoatiara (Rio Amaz., norte)	128	104		
17.990,	Silves (idem)	129	104		
23.083,	Igarapé Boiçu (Baixo Amaz., norte) ...			130	102
21.386,	Lago do Batista (Amazonas, sul)	136	112		
14.628,	Aveiro (Rio Tapajós)	129	110		
23.073,	Santarém (idem)			128	103
6.653,	Primeira Cruz (Maranhão)	136	111		
33.004,	Serra de Baturité (Ceará)			132	108
7.601,	Bonfim (Bahia)	144	114		
13.945,	Ilha Madre-Deus (Bahia)	138	115		
13.946,	Curupeba (idem)	138	118		
27.741,	(idem, idem)			132	110
13.947,	Rio Gongogi (idem)	138	115		
29.247,	Rio Muriaé (Rio de Janeiro)	(137)	(106)		
24.559,	Colatina (Espírito Santo)	142	115		
33.005,	Pau Gigante (idem)			140	115
24.527,	Rio Doce (Minas)	141	112		
24.525,	(idem, idem)	142	(108)		
24.526,	(idem, idem)	143	(107)		
24.524,	S. José da Lagoa (idem)			145	117
N.os	(Col. do Depart. de Zoologia)	♂ ♂		♀ ♀	
		asa	cauda	asa	cauda
15.799,	Rio S. Francisco (Minas)	147	114		
14.715,	Jaraguá (Goiás)	139½	115		
26.468,	Rio Claro (idem)			142	115
14.713,	Rio das Almas (idem)	140	114		
32.286,	Rio das Mortes (Mato Grosso)	139	116		
32.287,	(idem, idem)			136	104
12.344,	Miranda (idem)	146	111		
30.098,	Corumba (idem)			145	115
30.107,	(idem, idem)			141	108
30.103,	Cuiabá (idem)	139	110		
17.106,	(idem, idem)	141	113		
30.105,	Rio Aricá (idem)	141	113		
30.106,	(idem, idem)			144	(98)
26.184,	Lins, (São Paulo)	140	113		
26.186,	(idem, idem)	144	114		
26.185,	(idem, idem)			145	109
26.187,	(idem, idem)	142	115		
29.707,	Batatais (idem)	142	109		

1) As medidas postas entre parênteses denotam crescimento incompleto das penas, não servindo para comparação.

29.806, Ibiti (idem)	148	112		
8.271, Piassaguera (idem)	146	118		
30.996, Iporanga (idem)	153	116		
30.997, (idem, idem)			150	116

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
LEPTOTILA VERREAUXI

- A. Tamanho maior (asa de ordinário com mais de 140 mms.)
mais de 140 mms.)
- B. Peito mais claro, com predominância habitual dos tons vináceos; asa com menos de 150 mms. de comprimento (do norte da Argentina e do Paraguay ao leste do Perú, através do Brasil central e médio-oriental) *L. verreauxi decipiens*
- BB. Peito mais sombrio, antes plúmbeo do que vináceo; asa de regra com mais de 150 mms. de comprimento (do extremo sul do Brasil ao Uruguay e leste da Argentina) *L. verreauxi chlorauchenia*
- AA. Tamanho menor (asa só excepcionalmente com
- C. Dorso mais claro, pardo-oliváceo distintamente lavado de amarelo-ruivo (nordeste do Brasil) *L. verreauxi approximans*
- CC. Dorso mais escuro, cinzento-oliváceo, sem mescla distinta de tons amarelos ou arruivados (baixo Amazonas) *L. verreauxi brasiliensis*

Leptotila verreauxi decipiens Salvadori

Homoptila decipiens SALVADORI, 1871, Atti R. Accad. Sci. Torino, VI, p. 131: Brasil (como pátria típica sugerimos o sul do Estado de Mato Grosso).

Leptotila verreauxi decipiens NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 71: Urucum, Rio São Lourenço, Tapirapuã (Exped. Rondon — Roosevelt). — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 22: Valparaizo, Sant'Ana do Paranaíba, Aquidauana (PINTO col.); idem, idem, p. 801: Porto Tibiriçá. — STONE & ROBERTS, 1937, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila. LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1948, Papéis Avuls. Dept. Zool., VIII, p. 303: Chavantina (H. SICK col.).

Leptotila ochroptera PELZELN (ex manuscr. de NATTERER),¹ 1870, Orn. Bras., III, p. 278, em parte: Sepitiba, Mato Dentro,² Jaguaraiá, Ipanema (NATTERER col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 555, em parte: Bahia, Sapitiba, Corumbá (H. SMITH), Chapada; idem, 1895, Bol. Mus. Zool. Torino, XV, p. 5: Urucum. — MÉNÉGAUX, 1917, Rev. Franç. d'Ornith., p. 25: Paconé.

Leptotila ochroptera IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brasil, Aves, p. 24: Cachoeira, São Sebastião.

Leptotila ochroptera ochroptera HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: cid. de Goiaz e Rio Araguaia.

- 1) *Leptotila ochroptera* PELZELN, embora desacompanhado de descrição, tem sido longamente usado como nome mais antigo da presente juriti. Rejeitou-o todavia HELLMAYR (1929), como indeterminável, em proveito de *L. decipiens* SALVADORI, que teve por base um exemplar do museu de Turim, sem duas primárias externas, e vagamente oriundo do Brasil. Sua aceitação ainda hoje me parece defensável, posto que se lhe dê por base o N.º 320 de AZARA (primeira citação), cuja descrição, ao nosso ver, não cabe senão à juriti de pescoço acatassolado de reflexos dourados e violáceos,
- 2) É incerto haver NATTERER colecionado *L. v. decipiens* em Mato-Dentro, por isso que, segundo verificou o conde SALVADORI (cf. Cat. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 554, nota margin.), o exemplar dessa localidade recebido do museu de Viena pelo British Museum pertencia a *L. r. reichenbachii*.

- Leptiptila verreauxi ochroptera* PINTO, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 68: Rio Gongogi, Curupeba, Ilha de Madre de Deus; idem, 1936, loc. cit., XX, p. 40: Rio das Almas, Rio Meia Ponte; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 168: Barro Preto, Cachoeira, São Sebastião, Piassaguera, Presid. Epitácio, Glicério, São Miguel Arcanjo, Porto Tibiriçá, Itatiba, Miranda, Aquidauana, Sant'Ana do Paranaíba, Rio das Almas, Inhumas; idem, 1941, Arquivos de Zocologia, II, p. 9: Coxim, Sto. Antonio.
- Leptoptila chlorauchenia* (não GIGLIOLI & SALVADORI) IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 403: Cachoeira, São Sebastião. — GRANT, 1911, Ibis, p. 460: Porto Murinho.
- Engyptila chalcachenia* BOUCARD & BERLEPSCH, 1892, The Humming Bird, II, p. 41: Porto Real.
- Engyptila erythrothorax* (não *Columba erythrothorax* TEMMINCK, 1811) ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. V, p. 149: Chapada.
- Peristera rufaxilla* (não *Columba rufaxilla* RICH. & BERNARD, 1792), REINHART, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., ps. 57 e 454: Mogi das Cruzes, Itu, Campinas, Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo.

Na descrição a seguir utilizamos um ♂ adulto (N.º 13.043 da Col. orn. do Dept. de Zoologia de São Paulo) procedente de Miranda, no sul do Estado de Mato Grosso, que poderemos considera a pátria típica da raça em estudo. Manto, lado posterior do pescoço, nuca e parte posterior do píleo de colorido fundamental cinzento plúmbeo, lustrados de intensos reflexos metálicos verdes e dourados, com cambiantes de cobre e violeta, consoante a incidência dá luz; região frontal muito mais clara, vináceo-acinzentada, sem nenhum brilho metálico; loros bochechas cinzento-avinhadadas; lados do pescoço de igual cor, com leve lustro de cobre; dorso, uropígio, coberteiras superiores de cauda, rêmiges terciárias e coberteiras superiores das asas cinzento-azeitonadas, com leve lustro oliváceo; mento branco; garganta da mesma cor, com leve mistura de vinho; porção dianteira do pescoço, colo e peito de colorido fundamental muito claro, tirante a cinza, fortemente lavados de vinho; abdome muito mais claro, quase isento de tonalidade vinácea, passando a branco no centro, e atrigueirando-se de tons pardos nos lados e nas tíbias; infracaudais brancas, um pouco tismadas de pardo ou cinza nas margens; primárias pardo-escuras, com a barba interna tingida de canela desde a base até pouco além do meio nos mais externas, e, nas demais, cada vez mais perto da ponta; coberteiras inferiores das asas e auxiliares cor intensa de canela; rectrizes centrais paro-escuras, levemente lustrada de oliva no lado superior; rectrizes laterais extremas pretas, com a ponta branca (numa altura de mais de 1 cm.) e a orla da barba externa brancas; rectrizes intermédias semelhantes às laterais, mas com menos branco na ponta e sem qualquer orla distinta. Medidas: asa 146, cauda 111, culmen 16 mm. O bico é escuro, quase preto; a pele nua à volta dos olhos é vermelho sanguíneo na ave viva; as patas são também vermelhas, desbotando em amarelo no exemplar conservado. Não há diferença apreciável entre os dous sexos, quer em tamanho, quer em colorido.

As características acima descritas se mantêm suficientemente constantes nas populações do Brasil central e este-meridional; seguindo em direção ao nordeste elas experimentam gradual modificação, tanto no que diz respeito à cor da plumagem, que adquire uma tonalidade mais olivácea (menos cinzenta), quanto às medidas, consideravelmente menores em média. Por outro lado, nos limites meridionais do país observa-se um progresso mais rápido no aumento de tamanho, de par com alguma alteração no colorido, que adquire uma tonalidade uniformemente mais sombria, tanto nas partes superiores, como nas inferiores.

DISTRIBUIÇÃO. Norte da Argentina (Formosa, Tucumán, Jujuy, Santa Fé, Córdoba); Paraguay (Chaco, Rio Apa, Rio Pilcomayo, Sapucay etc.); leste da Bolívia (Santa Cruz, Tarija, Cochabamba) e do Perú (Rio Urubamba, Chanchamayo, Urubamba, Huánuco, Moyobamba); Brasil ocidental e este-meridional: sul do Amazonas (alto Purus), Mato Grosso (Tapirapuã, *Cuiabá, *Sto. Antônio, *Rio Aricá, Chapada, Poconé, Descalvados, *Corumbá, Urucum, *Miranda, *Aquidauana, Piraputanga, *Coxim, *Chavantina, *Santana do Paranapba, Vacaria), Goiás (cid. de Goiás, *Jaraguá, *Rio das Almas, *Inhumas, Rio São Miguel, Veadeiros, *Rio Claro), centro e sul da Bahia (Macaco Seco, *Rio Gongogi), Minas Gerais (Lagoa Santa, Sete Lagoas, Curvelo, Água Suja, Barro Preto, *Rio Doce, *Rio Sussui, *São José da Lagoa), Espírito Santo (Colatina, *Pau Gigante), Rio de Janeiro (Sapitiba, Porto Real, *Cardoso Moreira, *Manguinhos) e quase todo o Estado de São Paulo (Mogí das Cruzes, Itú, *Batatais, *Cachoeira, *São Sebastião, *Piassaguera, *Itatiba, *Ibiti, *Lins, *Glicério, *Valparaíso, *Rio Paranapanema, Fazenda Caióá, *Lucélia, *Presidente Epitácio, *Porto Tibiriçá).

Como sempre sucede em casos tais, não é possível estabelecer limites geográficos muito precisos para *L. v. decipiens*, devendo existir inevitavelmente alguma divergência entre os autores sobre este particular, já porque baseie cada qual o seu juízo em material diverso, já pela variabilidade do critério pessoal no interpretar as diferenças observadas.

O material em mãos se acomoda em linhas gerais à distribuição adotada por HELLMAYR & CONOVER. Parece-nos conveniente adotá-la, embora persuadido de que o seu estudo, si feito independentemente, só por acaso nos levaria a apresentar uma imagem dos factos exatamente coincidente.

Leptotila verreauxi chlorauchenia (Giglioli & Salvadori)

Leptotila chlorauchenia GIGLIOLI & SALVADORI, 1870, Atti R. Accad. Sci. Torino, V, p. 274: Estancia Trinidad, perto de Montevideo (Uruguay).

*Leptotila chalcauchenia*¹ BERLEPSCH, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 243: Blumenau. — BERLEPSCH & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177: Taquara do Mundo Novo.

Leptotila chloroachenia IHERING, 1892, Annuário do Rio Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, Pedras Brancas, São Lourenço.

Leptotila ochroptera chloroachenia HELLMAYR, 1915, Novit. Zool., XVI, p. 94 (no texto): Roça Nova. — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rendus Soc. Scient. Varsovie, V, ps. 461 e 492: Vera Guarani.

Leptotila ochroptera PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 278, em parte: Jaguaraiaba.

Leptotila ochroptera ochroptera SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Terezina (Rio Ivaí), Cândido de Abreu, Faz. Concórdia (na vert. ocid. da Serra da Esperança), Faz. Firmiano (Rio da Areia, afl. do Iguaçu), Invernadinha (pto. de Guarapuava).

E' esta uma das raças melhor caracterizadas de *L. verreauxi*, compreendendo todas as populações meridionais da espécie, desde o sul extremo de São Paulo, onde ela cede gradualmente o terreno a *L. v. decipiens*, até o Uruguay e o leste da República Argentina. Como o provam um ♂ e uma ♀ de Iporanga (N.os 30.996 e 30.997 do Dept. de Zoologia), afora o avantajado das dimensões (asa habitualmente com mais de 150 mms., de comprimento, podendo chegar a 164 mms.), ela difere da raça centro-brasileira pela plumagem mais escura, em que predominam os

1) *Leptotila chalcauchenia* SCLATER & SALVIN (ex manuscr. de SALVADORI), 1870, (março), Proc. Zool. Soc. Lond., ano de "1869", p. 633: Conchitas (Argentina, Buenos Aires).

tons cinzentos, em detrimento do vináceo; o alto da cabeça é decididamente plúmbeo, lustrado de verde, clareando progressivamente na metade dianteira, até a fronte, que todavia é muito mais escura do que em *L. decipiens*, antes cinzenta, do que vináceo-brancacenta; as bochechas, loros inclusive, e os lados do pescoço são também mais escuros, cor de cinza, quase sem vinho; as partes inferiores, da mesma forma, apresentam tonalidade fortemente acinzentada no peito, e muita mistura de pardo do abdome.

DISTRIBUIÇÃO. Leste da Argentina (Misiones, Entre Rios, Corrientes, Buenos Aires), Uruguay (San Vicente, Lazcano, Rio Negro)¹ e sudeste extremo do Brasil: sul de São Paulo (*Iporanga), Paraná (Jaguaraíba, Guarapuava, Terezina, Cândido de Abreu, Invernadinha, Rio da Areia etc.), Santa Catarina (Blumenau), Rio Grande do Sul (Taquara, Mundo Novo, São Lourenço, Pedras Brancas).

A área de distribuição da raça *chlorauchenia* interfere largamente com os limites meridionais da de *decipiens*, a determinação de exemplares isolados oferecendo não raro grandes dificuldades ao sistematista; estas dificuldades são particularmente evidentes nas aves de leste de São Paulo, podendo ser apontado como exemplo um ♂ de Itibi, perto de Amparo (N.º 29.806 do Dept. de Zoologia), que apenas difere dos de Iporanga pelas medidas um pouco menores.

Leptotila verreauxi approximans (Cory)

Leptotila ochroptera approximans CORY, 1917, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser. XII, p. 7: Serra de Baturité (Ceará).

Leptotila ochroptera FORBES, 1881 (não PELZELN, 1870), Ibis, 4a. Ser., XIX, p. 357: Garanhuns. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 555, em parte: Pernambuco (FORBES col.). — REISER, 1910, Denkschr. mathem-naturwiss. Kl. Bayr. Akad. Wiss., LXXVI, p. 88: Sambaíba (Rio São Francisco), Lagoa Parnaíba.

Leptotila verreauxi SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará; idem, 1926, loc. cit., p. 68: Anil, Turiaçu.

Leptotila verreauxi approximans HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 470: Turiaçu, São Luiz, Grajaú, alto Parnaíba, Lagoa Parnaíba, Ibiapaba, Deserto, Arara, Serra de Baturité. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 579: Rio do Peixe (perto de Queimadas), São Marcelo, São Luiz, Serra de Baturité, Grajaú, Turiaçu, Deserto, Ibiapaba, Arara. — LAMM, 1948, Auk, LXV, p. 269: Patos.

Leptotila verreauxi approximans PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., p. 168, em parte: Primeira Cruz (SCHWANDA col.).

Leptotila v. approximans abrange as populações espalhadas pelo nordeste do Brasil, inclusive toda a porção septentrional do Estado da Bahia, até a zona do Recôncavo, onde faz transição insensível com *L. v. decipiens*. Estas duas raças são fáceis de distinguir quando representadas por exemplares topotípicos, caracterizando-se *approximans* não só pelas suas dimensões muito inferiores em média (asa só muito excepcionalmente com mais de 40 cm.), como por diferenças bastante sensíveis no colorido da plumagem, tais como a tonalidade amarelada, menos cinzenta, das partes superiores, a região frontal muito mais clara, quase branca junto do bico, as partes inferiores geralmente também mais pálidas etc.

DISTRIBUIÇÃO. Nordeste do Brasil: norte da Bahia, inclusive o Recôncavo (Rio São Francisco, São Marcelo, Queimadas, *(Bonfim, *Ilha

1) Cf. WETMORE, Bull., 133 Un. St. Nat. Mus., 177 (1926).

de Madre-Deus, *Curupeba), Pernambuco (Garanhuns), Paraíba (Patós), Ceará (*Serra de Baturité), Piauí (Ibiapaba, Arara, Deserto, Lagoa Parnaguá, Maranhão (São Luiz, Turiaçu, *Primeira Cruz, Grajaú, alto Parnaíba).

GRISCOM & GREENWAY (Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, 1941, p. 138) consideraram também como *approximans* as aves de ambas as margens do baixo Amazonas, atendendo o mesmo ponto de vista por nós esposado ao inventariar os exemplares da coleção do Museu Paulista (Rev. Mus. Paul., XXII, 1938, p. 168). Material mais abundante levamos hoje a restringir a área geográfica da raça nordestina, excluindo-a da bacia Amazônica, tal como fizeram HELLMAYR & CONOVER (Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, 1942, p. 580).

Leptotila verreauxi brasiliensis (Bonaparte)

Peristera brasiliensis BONAPARTE,¹ 1856, Compt. Rendus Acad. Sci. Paris, XLIII, p. 945: sem indicação de localidade (como pátria típica proponho o Rio Branco, no extremo norte do Estado do Amazonas).

Leptotila verreauxi SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Ilha de Marajó, Ilha Mexiana, Monte Alegre, Faro.

Leptotila verreauxi approximans PINTO (não COR), 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 168, em parte: Santarém, Prainha, Aveiro. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 138: Rio Tapajós, Benevides, Santarém.

Leptotila verreauxi brasiliensis HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 578: Rio Branco (Serra Grande, Boa Vista, Serra da Lua), Lago Cuipeua, Óbidos, Boca do Ig. Piava, Ipomonga, Boim, Tauari, Caxiricatuba, Manacapuru.

Leptotila rufaxilla PELZELN, 1870, Orn. Bras., III, p. 279, parte (*teste* HELLMAYR): Rio Muriá.

Nas populações baixo-amazônicas de *Leptotila verreauxi*, o dorso e as asas têm, de regra, colorido predominantemente cinzento, mais ou menos como em *L. v. decipiens* ao invés de apresentarem a tonalidade baía ou amarelada peculiar às aves do nordeste brasileiro. As partes inferiores são também um pouco mais claras, especialmente o abdome e as infracaudais; todavia nunca chegam a ser pròpriamente brancos, como às vezes acontece na raça típica da espécie, aparentemente estranha ao Brasil. No trecho inferior do Rio Amazonas, essas características são muito mais evidentes na margem septentrional do que na do sul, onde, a partir do baixo Tapajós, elas experimentam forte tendência no sentido das de *L. v. approximans*. Ainda assim, a julgar pelo material que podemos estudar, as aves das duas margens do baixo Amazonas, consideradas em globo, se assemelham mais entre si do que com as do Maranhão e norte da Bahia, não havendo razão bastante para referí-las à raça nordestina, de preferência à do resto da Amazônia brasileira.

Segundo HELLMAYR (1929), o tipo de *Peristera brasiliensis* Bonaparte foi levado de Lisboa para o Museu de Paris por ET. GEOFFROY ST. HILAIRE, por ocasião do saque levado a efeito pelas tropas napoleônicas comandadas por Junot. Como se sabe que o material brasileiro existente então no museu lisbonense procedia, em quase sua totalidade, das coleções feitas por ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA em fins do século XVIII, podemos presumir, com grande dose de probabilidade que a ave em questão deve provir de alguns dos grandes afluentes do Rio Amazonas viajados por aquele célebre explorador. A escolha do alto Rio Branco como pátria típica da raça amazônica tem a seu favor a dilatada permanência do citado viajante naquele rio, e a verificação, feita por HELLMAYR, de que o exemplar do Museu de Paris concorda com os das Guianas.

DISTRIBUIÇÃO. Guianas Francesa (Cayena, Roche-Marie), Holandesa (Lelydorp)¹ e Inglesa (Rio Demerara, Rio Abary, Quonga)², Brasil amazônico: Rio Branco (Boa Vista, Serra da Lua, Serra Grande), Rio Solimões (Manacapuru), baixo Amazonas (*Itacoatiara, *Silves, Faro, Óbidos, Monte Alegre, *Igarapé Boiuçu), baixo Madeira (*Lago do Batista), baixo Tapajós (Boim, *Santarém, *Aveiro, Caxiricatuba, Tauari), Rio Capim (Ipomonga), Rio Acará (Serraria Cabral).

Não há dados positivos sobre as relações zoogeográficas entre *L. v. brasiliensis* e *L. v. verreauxi*, que conhecemos através de um ♂ e duas ♀♀ adultas de norte da Colômbia (La Playa, Rio Magdalena e La Canela), recebidas pelo Museu Paulista do American Museum (col. respect. por CHAPMAN e L. MILLER), em permuta.

A julgar por essas amostras as diferenças que separam a forma típica da raça amazônica são decididamente mais acentuadas do que as existentes entre a última e suas irmãs brasileiras, merecendo destaque o colorido muito mais claro das partes inferiores, a extensão maior da porção terminal branca das rectrizes, o tom vináceo-avermelhado dos lados da cabeça, e a decidida predominância dos reflexos cúpreos sobre os verde-bronze no manto e pescoço adjacente.

Leptotila rufaxilla (Richard & Bernard)

Columba rufaxilla RICHARD & BERNARD, 1792, Act. Soc. Hist. Nat. Paris, I, (1), p. 118: Cayenne (Guiana Francesa).

Afora outras diferenças, a ausência completa de reflexos verde-bronze na região posterior do pescoço distingue, com segurança, esta juriti de qualquer das raças de *L. verreauxi*. Não obstante, o reconhecimento das duas espécies escapa geralmente ao observador comum, que as engloba sob o nome típico de “juriti verdadeira”, ou simplesmente “juriti” (ou ainda “juruti”, pronúncia habitual em São Paulo), distinguindo-se apenas das chamadas “juritis da mata”, nome aplicado às pombas do gênero *Oreopeleia*. Também os próprios naturalistas incidiram na mesma falha, descrevendo sob os mesmos nomes ora uma, ora outra, na suposição de que a ave fosse a mesma. O príncipe MAXIMILIANO, por exemplo, que longamente viajou numa região onde as duas espécies ocorrem com grande frequência, conheceu apenas a de que agora nos ocupamos, não obstante seja ela em quase toda parte menos abundante do que a sua similar. O mesmo aconteceu a BURMEISTER, cuja *Peristera frontalis*, única espécie de juriti por ele descrita em seu “Thiere Brasiliens” corresponde inequivocamente à juriti de pescoço posterior violáceo, sem reflexos verdes.

L. rufaxilla tem distribuição mais restrita do que *L. verreauxi*, e conseqüentemente, não apresenta mais que uma meia dúzia de raças geográficas espalhadas pela América Meridional cisandina, desde o norte extremo da Colômbia e da Venezuela (inclusive a Ilha de Trinidad), até o Uruguay e o nordeste da República Argentina.

1) Pátria típica de *Leptotila verreauxi tenella* PENARD, 1923 (Proc. New England Zool. Club, VIII, p. 35), inseparável de *L. v. brasiliensis* BP.

2) *Leptotila verreauxi macconnelli* CHUBB, 1917, (Bull. Brit. Orn. Cl., XXXVIII, p. 32), nome proposto para as aves da Guiana britânica, entra na sinonímia da raça amazônica.

A discriminação das subespécies de *L. rufaxilla* apresenta as mesmas dificuldades que apontamos em *L. verreauxi*, nas duas a variação se processando em sentido e de maneira semelhantes. O tamanho médio dos indivíduos, como o demonstra a nossa tabela, aumenta de norte para o sul; mas entre as populações amazônico-nordestinas e as do resto do Brasil há um salto bastante forte para explicar a antiga praxe de separá-las como espécies autônomas.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	(da Col. do Dept. de Zoologia)	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cau- da	cul- men	asa	cau- da	cul- men
21.904,	Itacoatiara (R. Amazonas, norte)	136	96	15			
21.745,	(idem, idem)				137	96	16
21.260,	(idem, idem)				134	95	16
21.365,	(idem, idem)				135	93	16
23.078,	João Pessoa (Rio Juruá)				135	103	15
23.074,	Santa Cruz (Rio Eiru)				135	103	14½
16.086,	Rio Arapiuns (R. Tapajós, oeste)	127	97	15			
23.068,	Santarém (R. Tapajós, leste)	133	91	14			
14.631,	Aveiro (idem)	137	98	15			
32.999,	Serra de Baturité (Ceará)	135	99	15½			
12.343,	Coxim (Mato Grosso)	152	104	17			
26.467,	Rio Claro (Goiás)				144	101	15½
33.002,	S. João de Petrópolis (E. Santo)				151	114	16
26.183,	Lins (São Paulo)	146	110	16			
447,	Rio Mogi (idem)	145	112	15½			
8.180,	Ituverava (idem)	148	112	16			
8.181,	(idem, idem)				152	110	16
7.061,	Itatiba (idem)	148	112	15½			
31.539,	Boracéia (idem)	159	119	16			
30.995,	Iporanga (idem)	155	109	16			
31.402,	Serra Negra (idem)	145	102	16			
24.392,	Juquiá (idem)				148	109	17
10.491,	Ilha dos Alcatrazes (idem)				155	111	16½
1.834,	Jacarèzinho (Paraná)	146	110	16			

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
PEPTOTILA RUFAXILLA

- A. Tamanho muito menor (asa com menos de 140 mms. de comprimento)
- B. Partes inferiores mais claras; peito vináceo claro, sem mistura de camurça (Guianas, baixo Amazonas, norte do Maranhão) *L. rufaxilla rufaxilla*
- BB. Ditas de um vináceo menos puro e distintamente tingidas de tons acamurçados ou cervinos (alto Amazonas) *L. rufaxilla dubusi*
- AA. Tamanho maior (asa com mais de 140 mms. de comprimento)
- C. Plumagem relativamente clara, com as partes superiores menos oliváceas, e o abdome quase branco no centro (Brasil este-septentrional e central, Paraguay) *L. rufaxilla bahiae*
- CC. Dita de tonalidade mais carregada, intensamente pardo-olivácea nas partes superiores, com a região trazeira do pescoço de um violáceo mais brilhante, e as partes inferiores de cor mais carregada, especialmente no peito (Brasil este-meridional, Uruguay, nordeste da Argentina) *L. rufaxilla reichenbachii*



Estampa VII
Leptotila verreauxi decipiens (SALVADORI). — ♂.



Estampa VIII

Claravis pretiosa (FERRARI-PEREZ). — ♂

Zenaidura auriculata chrysauchenia (REICHENBACH). — ♂.

***Leptotilla rufaxilla rufaxilla* (Richard & Bernard)**

Leptotilla rufaxilla SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana (WALLACE). — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 279, em parte (fide HELLMAYR): Borba. — ALLEN, 1876, Bull. Essex Instit. VIII, p. 82: Santarém. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 551, em parte: Mexiana, Pará, "Pernambuco". — GOELDI, 1897, Ibis, p. 164: Lag. Gr. do Amapá. — HAGMANN, 1907, Zool. Jahrb. (Syst.), XXVI, p. 42: Mexiana. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 67: Óbidos, Faro, Goiana, Mararu. — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Nacional, II, p. 68: Turiaçu.

Leptotilla rufaxilla HELLMAYR, 1910, Novit. Zool., XVII, p. 416: Calama. — STONE, 1928, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXX, p. 151: Pará (= Belém), Pinheiro. — BRODKORB, 1937, Occas. Papers Mus. Zool. Univ. Michigan, N.º 349, p. 2: Caviana.

Engyptila rufaxilla CHAPMAN & RIKER, 1891, Auk, VIII, p. 162: Santarém.

Leptotilla rufaxilla rufaxilla HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 470: Turiaçu. — PINTO, 1947, Arquiv. Zoolog., V, p. 336: Macapá.

Leptoptila rufaxilla rufaxilla PINTO, 1939, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 166: Rio Arapiuns, Aveiro. — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., LXXXVIII, p. 138: Santarém, Rio Tapajós, Lago Cuipeua, Benevides.

Tomaremos por base de nossa descrição um ♂ adulto de Aveiro (N.º 14.631 da col. do Dept. de Zoologia de São Paulo), localidade situada ao sul do baixo Amazonas, na margem direita do Rio Tapajós. Píleo cor de chumbo, clareando progressivamente em direção à frente, que é quase branca; parte trazeira do pescoço cinzenta, com leve tinta de ruivo, passando gradativamente ao cinzento-violáceo no manto e região interescapular; dorso e coberteiras superiores das asas pardo-azeitonadas, com reflexos de cobre ou violeta, particularmente evidentes na porção alta do dorso; bochechas e lados da cabeça tingidos de ferrugem, com mistura de cinza junto à nuca e nos lados do pescoço; mento e meio da garganta brancos, passando gradualmente ao ferruginoso nos lados e em direção ao pescoço; peito cinzento-avinhado muito claro, com mescla de tons de camurça; abdome esbranquiçado, mais claro no centro, e tingido irregularmente de pardo-aleonado nos flancos e no crisso; coberteiras inferiores da cauda brancas, com a barba externa escurecida até próximo à extremidade e, particularmente as menores, tismadas levemente de camurça; primárias pardo-escuras, com a porção basal da barba interna cor de canela clara, até além da metade; rectrizes pretas, as dos três pares centrais até a ponta, e com o lado superior visivelmente tingido de oliváceo e vinho; as dos pares laterais com a extremidade branca, em extensão muito maior no par externo do que nos dois outros. Medidas: asa 137 mms., cauda 98 mms., culmen 15 mms.

Todos estes caracteres estão sujeitos a variações individuais, às vezes bastante fortes para sugerir a existência de variedades geográficas, quando escasseie material adequado das populações correspondentes. Mais do que isso, o repetido confronto e minuciosa análise das fugidias diferenças sempre presentes entre as unidades de cada série, não raro conduzem a impressão diversa no tocante à sua importância e significação. Tais considerações vêm de um novo exame do material amazônico de *L. rufaxilla* pertencente ao Departamento de Zoologia de São Paulo, onde, infelizmente, a região septentrional do baixo Amazonas continua a carecer de representação adequada, pois o único exemplar praticamente topotípico, uma ♀ do Rio Vila Nova (Macapá) é demasiado imatura para servir de base à conclusão.

Em que pese as conclusões expendidas por nós em trabalho anterior (Arquivos de Zoologia, V, 1947, p. 337), e admitindo-se que a separação das populações este-peruanas tenha apenas praticamente por base a tonalidade amarelo-cervina (menos vinácea) do peito, os exemplares de Itacoatiara apresentam diferenças individuais de tal ordem que, considerados em globo, tanto se poderia referir-los a *L. r. rufaxilla*, com os do baixo Amazonas, como a *L. r. dubusi*, com as do alto Juruá.

Um ♂ adulto da Serra de Baturité (Ceará) doado ao Depart. de Zoologia de São Paulo pelo Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela permite estender consideravelmente para leste a área geográfica de *L. r. rufaxilla*, a menos que ulteriores investigações venham revelar naquela porção árida do extremo nordeste do Brasil a presença de uma raça não descrita. Com efeito, o referido exemplar não encontra nenhum exatamente semelhante entre os da forma típica por nós examinados; mas, além de concordar com os últimos no tocante às dimensões, no que respeita ao colorido da plumagem apresenta em grau máximo uma tendência já verificada nas aves do trecho mais baixo do Rio Amazonas (Macapá, baixo Tapajós), e que se traduz na tonalidade acentuadamente arruivada (tirante a ferrugem) das partes superiores e no colorido ferruginoso das bochechas e lados do pescoço.

DISTRIBUIÇÃO. Guianas Francesa (Cayenne, Camopi, Approuage, Ipousin), Holandesa (Paramaribo) e Inglesa (Rio Demerara, Rio Essequibo, Bartica Grove, Quonga, Rio Mazaruni, Roraima etc.) e norte do Brasil, das margens ambas do baixo Amazonas até o norte do Maranhão: Amapá, *Macapá, Óbidos, Rio Jamundá (Faro), *Itacoatiara, Rio Madeira (Borba, *Lago do Batista, Calama), Rio Tapajós (*Rio Arapiuns, *Santarém, *Aveiro, Goiana, Caxiricatuba, Tauari etc.), ilhas do delta amazônico (Mexiana, Caviana), leste do Pará (Rio Acará, Belém, Utinga, Rio Capim), norte do Maranhão (Turiaçu).

***Leptotila rufaxilla dubusi* (Bonaparte)**

Leptotila dubusi BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Sci. Paris, XL, p. 99: Rio Napo.

Leptotila rufaxilla dubusi HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, 590: Canutama, Lábrea (alto Purus), — GYLDENSTOLPE, 1945, Kungl. Sv. Vet. Akad. Handl., XXII, n.º 3, p. 47: João Pessoa, Lago Grande, Igarapé do Gordão (no alto Juruá) e Santo Antônio (no Rio Eiru). — FRIEDMANN, 1948, Proc. Un. St. Mus., XCVII, p. 401: foz do Rio Maturacá, São Gabriel.

A característica principal, se não única, em que se baseia esta raça é a tonalidade amarelo-camurça ou cervina das partes inferiores; e particularmente do peito, cuja tinta vinácea é conseqüentemente muito menos pura do que em *L. r. rufaxilla*. Duas ♀ ♀ da região do alto Juruá (João Pessoa e Santa Cruz) participam destas diferenças, concordando fielmente neste particular com uma do Peru, que presumo tipicamente pertencente a *L. r. dubusi*; diferem contudo desta última pela tonalidade muito mais olivácea (menos ruiva) do dorso e das asas, como pela menor quantidade de reflexos cúpreos no manto. Uma das ♀ ♀ de Itacoatiara (N.º 21.260 da Col. do Dept. de Zool.) conforme já referimos, quase não se pode distinguir das do Juruá, diferenciando-se apenas pela cor mais clara, menos ocráceo-pardacenta do abdome.

***Leptotila rufaxilla bahiae* Berlepsch**

Leptotila reichenbachi bahiae BERLEPSCH, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177 — baseada em *Leptotila reichenbachi* BERLEPSCH, 1874 (não de PELZELN), Journ. f. Orn., XXII, p. 264: Bahia (exemplar provavelmente do Recôncavo).

- Leptoptila bahiae* SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XX, p. 553: Bahia.
- Engyptila rufaxilla* ALLEN (não RICHARD & BERNARD), 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada.
- Leptotila rufaxilla reichenbachii* NAUMBURG (não PELZELN), 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Rio São Lourenço.
- Leptoptila reichenbachii* IHER. & IHERING (não PELZELN), 1907, Cat. Faun. Brasil, Aves, p. 24, em parte: Rincão, Rio Mogi-Guaçu.
- Leptoptila rufaxilla reichenbachii* PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 33: Inhumas; idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 167, em parte: Rio Mogi-Guaçu, Itatiba, Ituverava, Lins, "Braunau", Inhumas.
- Leptotila rufaxilla bahiae* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, n.º 1, p. 593: São Marcelo (Rio Preto), Vacaria, Veadeiros (perto de Cavalcante), Rio São Miguel (id.).
- Leptotila rufaxilla reichenbachii* HELLMAYR & CONOVER, opt. cit., p. 593, em parte: São Francisco, Rio Jordão (perto de Araguari).

As populações de *L. rufaxilla* distribuídas pelo Brasil este-meridional e central oferecem ao ornitologista problema ainda mais árduo do que as amazônico-nordestinas, contrastando com a facilidade com que a forte diferença nas dimensões, para não mencionar outras diferenças, permite distinguir as primeiras das últimas. Comparadas com as da faixa costeira de sudeste do Brasil, as aves do Brasil central se distinguem evidentemente pela tonalidade muito mais clara, mais desmaiada, da plumagem, com serem as costas muito menos oliváceas (mais pardo-amareladas), o peito menos tingido de vinho, e o abdome mais claro, às vezes quase branco no centro. Estes caracteres experimentam todavia variações muito largas, parecendo relacionar-se antes de tudo com as condições ecológicas das várias regiões, predominando, como de regra, tonalidade mais carregada e coloração mais brilhante nos exemplares provenientes das zonas húmidas, vestidas de mata, enquanto que nas áreas descobertas observam-se cores apagadas e pouco lustrosas. A região trazeira do pescoço e o manto, cujo colorido é tão importante na caracterização desta espécie, difere também bastante em cada caso, a tinta violácea sendo muito mais intensa e brilhante na generalidade dos indivíduos da faixa litorânea florestada, do que nos do planalto central e adjacências.

Com base nestas diferenças, que a comparação de certos exemplares pode tornar gritante, é aceitável a separação de duas raças geográficas no complexo primitivamente formado por *L. reichenbachii*. Entretanto, a julgar pelo material ao nosso dispôr, força é admitir que a área da raça meridional deve ser consideravelmente ampliada para o norte, de maneira a alcançar, através da faixa montanhosa que perlonga a costa meridional do Brasil, o sudeste florestado da Bahia. Isso nos permitirá referir à forma sulina um ♂ adulto de Ilhéus (N.º 33.000 do Dept. de Zoologia), que pelos seus caracteres de plumagem concorda muito mais com os de sudeste de São Paulo do que com os de Goiaz e Mato Grosso. No sul, pelo contrário, torna-se necessário restringir os limites classicamente aceites para *L. r. reichenbachii*, em proveito da raça bahiana, de cujos característicos decididamente participam, com raras exceções, os exemplares do centro e oeste de São Paulo.

O tipo de *L. r. bahiae* terá procedido muito provavelmente da região adjacente à bahia de Todos os Santos, mais comumente conhecida por Recôncavo, a partir de onde é de crer que *L. r. reichenbachii* seja substituída pela raça centro-brasileira, infelizmente não representada por espécimes topotípicos nas coleções em estudo. Por motivos óbvios, referiremos à *bahiae* as localidades do norte da Bahia (Rio Preto etc.) mencionadas pelos autores.

DISTRIBUIÇÃO. Paraguay (Sapucay, Vila Rica, Santa Bárbara, Itapé), Brasil oeste-meridional e central: norte e oeste da Bahia (São Marcelo, Recôncavo?), Goiaz (*Inhumas, *Rio Claro, Veadeiros, Rio São Miguel), Mato-Grosso (Chapada, Vacaria, *Coxim), este de São Paulo *Ituverava, *Lins, *Braunau, Rio Mogi-Guaçu, *Itatiba).

Leptotila rufaxilla reichenbachii (Pelzeln)

Leptotila reichenbachii PELZELN, 1870, Orn. Bras. III, pp. 279 e 337: Tipos de Ipanema (sudeste de São Paulo), colecionado por NATTERER entre abril e agosto de 1819 (ou 1820).

Leptotila reichenbachii BERL. & IHERING, 1885, Zeits. Ges. Orn., II, p. 177: Taquara do Mundo Novo. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 553: Mato-Dentro (NATTERER), Cantagalo (EULER). — IHERING, 1899, Anuário R. Grande do Sul, XVI, p. 146: Mundo Novo, São Lourenço; idem, 1893, Rev. Mus. Paul., III, p. 402: Iguape (KRONE). — CHROSTOWSKI, 1912, Compt. Rend. Soc. Scient. Varsovie, V, ps. 461 e 492: Vera Guarani. — SZTOLCMAN, 1926, Ann. Zool. Mus. Pol. Hist. Nat., V, p. 117: Fazenda Firmiano, Fazenda Ferreira, Terezina, Cândido de Abreu.

Leptotila reichenbachii IHER. & IHERING, 1907, Cat. Faun. Bras., Aves, p. 24, em parte: Iguape, Ourinho (= Jacarézinho). — MIRANDA-RIBEIRO, 1923, Arch. Mus. Nacional, XXIV, pp. 243 e 253: Caminho do Couto (Itatiaia). — HOLT, 1928, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LVII, p. 282: Serra do Itatiaia.

Leptotila rufaxilla reichenbachii PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 167, em parte: Ilha dos Alcatrazes, Jacarézinho.

Columba iamaicensis WIED (não *C. jamaicensis* LINNÉ), 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 341 (340 na ed. in-oct.), no texto: Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte).

Columba rufaxilla WIED (não RICHARD & BERNARD), 1833, Beitr. Naturges. Bras., LV, (2), p. 474 (não refere localidades).¹

Leptotila rufaxilla reichenbachii HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 593, em parte: Fazenda Caióá (Rio Paranapanema), Ipanema, Vitória, Roça Nova (Serra do Mar). — H. F. A. CAMARGO, 1946, Pap. Avulsos do Dept. de Zool., VII, p. 157: Boracéia.

Entre os exemplares de São Paulo, tomaremos como base de descrição uma ♀ adulta, em esplêndida plumagem, procedente de Poço Grande, no alto Rio Juquiá (vertente oriental da Serra do Paranapiacaba) zona de matas semelhantes às que havia em Ipanema, ao tempo da viagem de NATTERER. Alto da cabeça cinzento-plúmbeo, clareando progressivamente em direção à frente; que é quase branca, e tingem-se levemente de ocráceo junto ao bico; nuca, região trazelra do pescoço de colorido violáceo-purpurino brilhante, sobre fundo cinza-claro; dorso e lado superior das asas pardo-oliváceos, com cambiantes fracos de ruivo e distintamente lustrados de reflexos brônzeos e cúpreos; primárias pardo-escuras, com a metade basal da barba interna tingida de canela até próximo ao raque, exceção feita da mais externa, que é acanelada apenas na orla; coberteiras inferiores das asas e axilares cor intensa de canela; bochechas, região auricular e lados do pescoço pardo-ocráceos, passando a violáceo em direção à nuca e à região interescapular; mento e garganta brancos passando a pardacento nos lados e tingindo-se de vináceo em direção ao peito; peito cor clara de vinho, sobre fundo acinzentado e lustrado de reflexos violáceos; abdome esbranquiçado, quase alvo no centro e fortemente tingido de pardo-cinza nos lados; tíbias pardas, com abundante mistura de penas escuras, quase

1) A descrição corresponde a *L. r. reichenbachii*; mas convem não esquecer que o príncipe de Wied não chegou a fazer distinção entre as duas juritís do gênero *Leptotila* encontradas na zona em que ele viajou.

pretas; crisso branco, lavado de ocre; infracaudais alvas, com a barba interna e a porção basal da externa sombreadas de pardo-escuro; rectrizes centrais pardo-azeitonadas, com o lado superior lustrado de violeta; as subcentrais, semelhantes às do primeiro par, porém menos brilhantes e com a orla terminal distintamente desbotada; as dos demais pares escuras, com a extremidade branca, em extensão crescente das mais centrais para as laterais. Bico pardo-escuro; patas cor de rosa, mudadas em amarelo pela dessecação. Medidas: asa 148 mms; cauda 109 mms; culmen 17 mms.

Como acontece em todas as populações de *L. rufaxilla* e já antes ficou dito é muito grande a variação individual verificada na subespécie de que agora nos ocupamos, exemplares havendo, como um ♂ de Jacarèzinho (norte do Paraná) e uma ♀ da Ilha dos Alcatrazes (litoral de São Paulo), em que as características da subespécie sulina se acham acentuadas, por assim dizer, até o exagero, ao lado de outros, como um ♂ de Iporanga (sudeste de São Paulo), praticamente inseparáveis dos de Goiaz e oeste de São Paulo. As populações da faixa litorânea do Brasil meridional mantêm as características das do sul de São Paulo, assim acontecendo até as proximidades do Recôncavo, onde *L. reichenbachii* passa provavelmente a ser substituída por *L. r. bahiae*.

DISTRIBUIÇÃO. Nordeste da Argentina (Misiones), Uruguay (Payсандú), sul e sudeste do Brasil: Rio Grande do Sul (Mundo Novo, São Lourenço), Paraná (Vera Guarani, Terezina, Rio Putinga, Cândido de Abreu, Roça Nova, *Jacarèzinho), sul e leste de São Paulo (Ipanema, Mato Dentro, *Iguape, Ilha dos Alcatrazes, *Iporanga, *Juquiá, *Boracéia), Rio de Janeiro (Cantagalo, *Terezópolis, Itatiaia), Espírito Santo (*São João de Petrópolis), sul da Bahia (Rio Belmonte, Ilhéus).

Gênero CLARAVIS Oberholser

Claravis OBERHOLSER, 1899, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LI, p. 203 — nome novo para *Peristera* SWAINSON.

Peristera (não de RAFINESQUE, 1815) SWAINSON, 1827, Zool. Journ., III, p. 360. Tipo, por designação original, *Columba cinerea* TEMMINCK (= *Peristera pretiosa* FERRARI-PEREZ).

Compreende este gênero colúmbidas de porte pequeno ou mediano, menor que o das pombas e juritis, e maior que o das rolas comuns, sexos profundamente diferenciados no colorido da plumagem (cinzenta nos ♂♂ e parda nas ♀♀), e primeira (a contar de fora) rêmige primária bruscamente afilada na parte terminal.

Das três espécies incluídas neste grupo neotrópico (sul do México ao norte da Argentina) duas ocorrem no Brasil, conservando ambas eminentemente constantes as respectivas características, em todas as populações.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS DO GÊNERO CLARAVIS

- A. Partes superiores cinzento-ardosiadas; lado inferior muito mais claro (♂♂ adultos).
- B. Rectrizes laterais (exceptuada a porção basal extrema), coberteiras inferiores da cauda e baixo abdome brancos, passando a cinzento-azulado no peito; lado externo das asas ornado de largas manchas (ou espelhos) transversais, normalmente dispostas em três faixas, de colorido cas-

- tanho-escuro, lustradas de violeta e debruadas posteriormente de branco, com estreita faixa preta de permeio .. *C. godefrida*
- BB. Rectrizes pretas até a extremidade; coberteiras inferiores da cauda cinzento-ardosiadas, como também o baixo abdome, sempre muito mais claro que o peito; lado externo das asas manchado de nódoas negras, de forma arredondada, e dispostas, mais ou menos regularmente, em séries transversais *C. pretiosa*
- AA. Partes superiores pardo-arruivadas, distintamente lustradas de oliva no mento e no dorso; as inferiores muito mais claras, especialmente no abdome (♀ ♀ ad. e ♂ ♂ jov.)
- C. Rectrizes pretas até a extremidade, as laterais apenas tingidas de ruivo na orla externa; manchas das asas relativamente pequenas e dispostas em numerosas faixas irregulares *C. pretiosa*
- CC. Rectrizes (lado inferior) pretas, com a parte terminal branco-arruivada, como as coberteiras inferiores da cauda; manchas das asas grandes, regularmente dispostas em três faixas (espelhos) transversais *C. godefrida*

Claravis pretiosa (Ferrari-Perez)

Peristera pretiosa FERRARI-PEREZ,¹ 1886, Proc. Un. St. Nat. Mus., IX, p. 175: Jalapa (Vera Cruz, México).

Peristera cinerea. BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 303: Nova Friburgo. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Meddel. naturhis. For., p. 57: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Orn. Bras., p. 278: Porto do Jacareí, Ipanema, "Irisanga", cid. de Mato Grosso (NATTERER col.). — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 230: Cantagalo. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., V, p. 149: Chapada (H. SMITH col.). — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 491: Rio Capim (WALLACE col.), Bahia (WUCHERER), Chapada (H. SMITH). — IHERING, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 401: Piracicaba (VALENCIO BUENO col.). — SALVADORI, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, N.º 378, p. 14: Carandázinho.

Claravis cinerea REISER, 1910 e 1925, Denks. mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens. Wien, LXXVI, pp. 88 e 192: Amarração, Queimadas.

Claravis pretiosa IHER & IHERING, 1907, Catal. Fauna Bras., Aves, p. 23: Rio Mogi-Guaçu (HEMPER col.), Rincão (LIMA), Espírito Santo (= Pau Gigante, E. GARBE col.), Mariana (J. B. GODOY). — HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 93: Rio Araguaia (G. A. BAER col.). — SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 66: Rio Maicuru (SNEHTLAGE col.); idem, Bol. Mus. Nacional, II, N.º 6, p. 48: Ceará. — HELLMAYR, 1929, Field Mus Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 470: Tranqueira (Col. de CONOVER), Amarração (REISER col.). — NAUMBURG, 1930, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., LX, p. 69: Urucúm (Exped. ROOSEVELT-RONDON). PINTO, 1932, Revist. Mus. Paul., XVII, 2a. pte., p. 711: Valparaizo (PINTO col.). — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci., Phila., LXXXVI, p. 378: Descalvados. — PINTO, 1935, loc. cit., XIX, p. 67: Rio Gongogi (PINTO col.), Bonfim (GARBE col.); idem, 1938, loc. cit., XXII, p. 165: Rio Feio (GÜNTHER col.), Braunau (LIMA col.), Miranda (JOSÉ LIMA col.), afora velhos registros; idem, 1938, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, p. 103: Rio das Mortes (W. GARBE col.). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Comp. Zool., p. 137: Santarém (CARNEGIE Mus.), Vila Braga. — HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII, Pte. 1, N.º 1, p. 554: Santarém, Tauari, Pinhel, Acará, Tomé-açu, Tranqueira.

Entre a gente do campo, o nome trivial mais comumente usado para esta linda pombazinha parece ser "rola azul"; como só caiba apropriadamente aos indivíduos do sexo masculino, impossível não é que as fêmeas sejam havidas em muitos lugares por ave diversa. Segundo GOELDI (As Aves do Brasil, 1894, p. 373), a ela corresponderia o nome "picui-peha", usual entre os primitivos habitantes.

1) Nome novo para *Columba cinerea* (não de SCOPOLI, 1786) TEMMINCK, 1811, em TEMM. & KNIP, Les Pigeons, 1, Colombes, p. 126, pl. 58 (♂): "au Brésil".

As características do ♂ adulto são a seguir descritas, utilizando-se um exemplar do Departamento de Zoologia, (No. 26.170), procedente da Fazenda Varjão, no oeste de São Paulo (município de Lins). Todo o lado superior é cinzento-azulado (cor clara de ardósia), muito mais claro na região interescapular e no alto da cabeça do que no dorso, e passando gradualmente a branco quase puro na fronte; coberteiras superiores das asas e rêmiges terciárias cinzento-azuladas, um pouco mais claras do que o dorso, muitas com a barba externa enfeitada, pró-

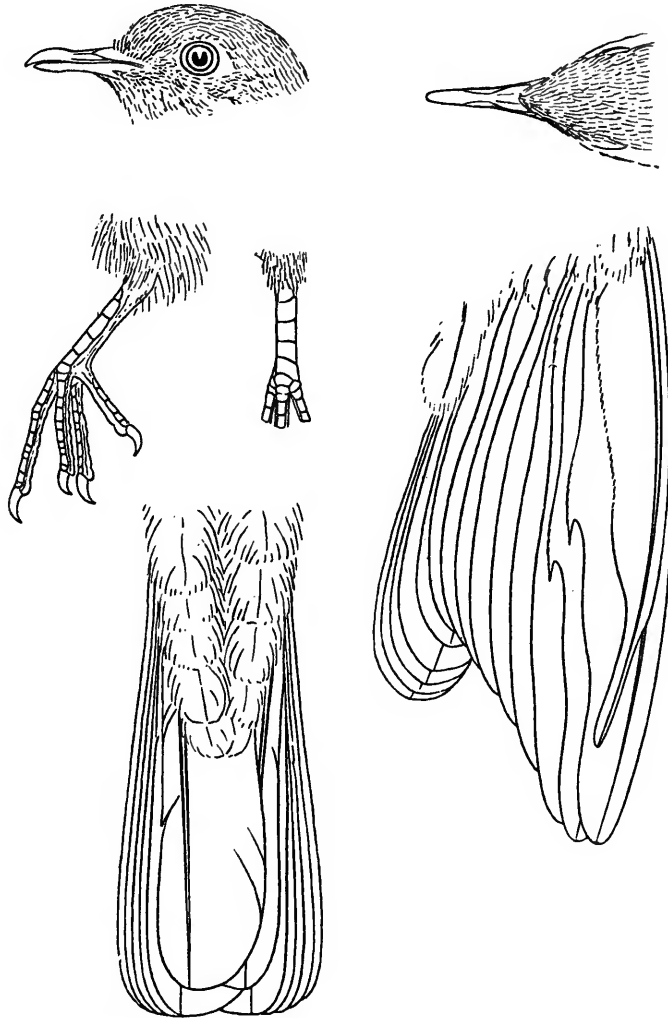


Fig. 8 — *Claravis pretiosa* (FERRARI — PEREZ). ♂ de Bonfim (Bahia).

ximo à ponta, de uma nódoa negra, arredondada (nas penas menores) ou retangular, e lustrada de azul ferrete; rêmiges primárias e asa bastarda pardo-escuras, com o lado de baixo mais claro; partes inferiores muito mais claras do que as superiores, com as infra-caudais cinzento-azuladas, e esmaecendo progressivamente em direção ao peito a ponto de tornar-se perfeitamente branca na garganta; coberteiras inferiores das asas da cor do abdome, cinzento-azulado muito claro; rectrizes centrais

cinzento-azuladas no lado superior e pretas na inferior; as demais com o lado superior cinzento-azulado até próximo a ponta, que é preta, como todo o lado inferior. Medidas: asa 114 mms., cauda 82 mms., culmen 15 mms.

A fêmea, como difira muito do sexo oposto, será descrita em pormenor, com base num exemplar adulto de Porto Cabral (Rio Paraná, Estado de São Paulo) pertencente à coleção do Departamento de Zoologia (No. 27.517): partes superiores pardo-sepiáceas, levemente lustradas de oliváceo e passando a ruivo-pardacento no uropígio e nas coberteiras superiores da cauda; coberteiras superiores das asas e rêmiges terciárias da cor do dorso, muitas com a barba externa manchada de nódoa transversal cor de canela, com as bordas limitadas por interstício branco, ou pelo menos mais claro do que o colorido geral; primárias e asa bastarda escuras, como também as coberteiras superiores respectivas; garganta branca, sem limites definidos com o pescoço e o peito, pardo-acanelados; abdôme muito mais claro, lavado de cinza; infra-caudais cinzento-azuladas, com intensa mescla de canela; rectrizes centrais ruivo-acaneladas, com o lado superior lustrado de reflexos verde-purpúreos; demais rectrizes pretas, com o lado superior mais ou menos extensamente tingido de ferrugem, as laterais extremas com a orla da barba externa descorada, quase branca.

No que respeita às medidas, sua média se mantém, praticamente invariável nas diferentes populações brasileiras da espécie, e é quase nula a diferença existente neste particular entre os dois sexos.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	<i>(Col. do Dept. de Zoologia)</i>	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
23.087,	Caxiricatuba (Rio Tapajós) .	110	77	14			
22.686,	(idem, idem)	116	80	13			
22.687,	(idem, idem)				110	80	15
22.689,	(idem, idem)				110	79	14
7.390,	Bonfim (Bahia)	117	85	15			
7.278,	(idem, idem)	114	84	13			
13.951,	Rio Gongogi (idem)	114	82	13½			
7.388,	Bonfim (idem)				111	75	14½
13.952,	Rio Gongogi (idem)				115	83	13
24.534,	Barra do Sussuí (Minas) ..	116	82	15			
6.061,	Mariana (idem)	114	80	15			
24.535,	Barra do Sussuí (idem) ..				113½	79½	14½
32.997,	Pau Gigante (Esp. Santo) ..	114	79	14½			
32.998,	(idem, idem)				111	77	14½
6.318,	Espírito Santo (Rio Doce?) .				110	80	14½
26.169,	Lins (São Paulo)	113	79	15			
26.170,	(idem, idem)	114	82	15			
26.167,	(idem, idem)				110	80	13
27.514,	Porto Cabral (São Paulo) ..				112	80	15
27.895,	Rio Verde (Goiáz)	116	80	15			
27.896,	(idem, idem)				112	77	15
17.539,	Rio das Mortes (Mato Grosso)	115	76	15			
12.331,	Miranda (idem)				116	79	14
17.108,	Coxim (idem)				114	79	15

DISTRIBUIÇÃO. Esta espécie habita as zonas quentes do continente Americano a partir do sudeste do México (Vera Cruz, Tampico, Yucatan, etc.), através de toda América Central, da Colômbia (Rio Magdalena, Rio Cauca, Bonda, Santander, Villavicencio, Florencia, etc.), Venezuela (Rio Orenoco, Rio Caura), Ilha de Trinidad, Guiana Inglesa

(Rio Demerara, Quonga, Bartica, Ourumee, etc.), Guiana Francesa (Cayenne), Equador (Chimbo, Balzar, Rio Peripa, Santo Domingo, Esmeraldas) e Peru (Xeberos, Chamicuros, Tarapoto, Rio Ucayali), até a Bolívia (Rio Beni, Santa Cruz), o Paraguai (Rio Pilcomayo, Alto Paraná), e norte da Argentina (Tucumán, Misiones), inclusive quase todo o Brasil: Rio Tapajós (Santarém, *Caxiricatuba, Tauari, Pinhel, Vila Braga), Rio Acará (Tomé-açu), Rio Capim, Rio Maicuru, Maranhão (Tranqueira), Piauí (Amarração), Ceará, Bahia (*Bonfim, Queimadas, *Rio Gongogi), Espírito Santo (*Pau Gigante), Minas Gerais (Lagoa Santa, *Mariana, *Rio Piracicaba, *Rio Sussuí), Rio de Janeiro (Nova Friburgo, Terezópolis, Cantagalo), São Paulo (Ipanema, Jacareí, Orisanga, *Rio Mogi-Guaçu, Piracicaba, *Rio Feio, *Braunau, *Lins, *Valparaizo, *Ribeirão Mato Grosso, *Rio Tietê, Rio Paraná, *Porto Cabral), Santa Catarina (*teste* HELLMAYR & CONOVER), Goiaz (Rio Claro), Mato Grosso (Urucum, *Miranda, *Coxim, Vila Bela de Mato Grosso.

Claravis godefrida (Temminck)

Columba godefrida TEMMINCK, 1811, em TEMMINCK & KNIP, Les Pigeons, I, Colombes, p. 125 (descrição do macho adulto): "Brésil".¹

Columba geoffroyi TEMMINCK & KNIP, 1811, Les Pigeons, I, Colombes, pl. 57. — TEMMINCK, 1813, Hist. Nat. Pige. et Gallin., I, pp. 297 e 476: "Brésil".

Columba geoffroyi WIED, 1821, Reise nach Bras., II, p. 341 (340 na ed. in-oct.): Ilha Cachoeirinha (Rio Belmonte); idem, 1833, Beitr. Naturges. Bras., IV, p. 461: Rio Belmonte, Rio Mucuri.

Peristera geoffroyi BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Bras., III, p. 304: Nova Friburgo. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 57: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., pag. 278: Luiz d'Almeida, Mato-Dentro, Ipanema (NATTERER). — CABANIS, 1874, Journ. f. Ornith., XXII, p. 230: Cantagalo. — BERLEPSCH, 1874, loc. cit., p. 242: Blumenau. — SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 494: Bahia (WUCHERER). — IHERING, 1892, Rev. Mus. Paul., III, p. 402: Piracicaba (VALENCIO-BUENO).

Claravis geoffroyi IHERING & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 23: Alto da Serra (HEMPEL col., 1899), Piracicaba.

Assemelha-se muito esta pomba à anterior; mas é bem maior do que ela e de distribuição geográfica mais restrita, conquanto em grande parte coincidente. Também, apesar de tê-la BURMEISTER encontrado na Serra dos Orgãos (Nova Friburgo) em maior abundância do que a sua congênera, é seguramente em quase toda parte muito menos comum, donde a sua relativa raridade nas coleções dos museus. O Museu Paulista, por exemplo, em cinquenta anos de atividade, não conseguiu reunir mais de dois exemplares, aos quais o Departamento de Zoologia pode acrescentar apenas um, através da liberalidade do Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela.

O Príncipe de WIED, de cujo informe se têm apropriado todos os autores subsequentes, ouviu chamar esta espécie no sul da Bahia de "pomba espelho", nome que muito bem lhe cabe, e é ainda hoje o único autenticamente registrado.

A descrição que se segue tem base num macho adulto da Serra da Cantareira (a cerca de duas léguas a oeste da cidade de São Paulo),

1) Desconhece-se a pátria típica desta pomba, e tampouco se encontra na literatura ornitológica qualquer elemento que permita desvendar de onde teria o Museu de Paris recebido o exemplar utilizado por TEMMINCK em sua descrição. Todavia, é quase certo ter ele procedido de algum ponto do litoral do Brasil, e mais provavelmente do Rio de Janeiro, que formalmente propomos como localidade típica da espécie.

colecionado pelo Dr. FLAVIO DA FONSECA, em outubro de 1937: partes superiores cinzento-ardosiadas, com o manto mais claro do que o dorso e as supracaudais; píleo cinzento-ardosiado na metade posterior e clareando gradativamente em direção à frente, branco-acinzentada; rêmiges terciárias e coberteiras superiores das secundárias cinzento-ardosiadas, as menores com uma nódoa azul-ferrete formando juntas uma primeira faixa no alto da asa; as maiores, dispostas em duas faixas, com larga mancha acatassolada de reflexos violáceo-arruivados na porção subterminal da barba externa (interessando também por vezes a porção adjacente da barba interna), e separada da extremidade clara (às vezes quase branca) da pena por uma faixa preta, estreita, e de limites mal definidos; primárias e coberteiras superiores respectivas escuras, aquelas com a fimbria externa esbranquiçada, estas com a barba externa quase preta; mento e porção alta da garganta brancos, levemente tingidos de cinza; partes inferiores restantes cinzento-ardosiado claro no pescoço, no peito e nos flancos, clareando no abdome, e passando a branco imaculado no crisso e nas coberteiras inferiores da cauda; rectrizes centrais cinzento-ardosiadas, com o lado inferior mais desmaiado; as do segundo par muito mais claras, e quase brancas no lado inferior; demais rectrizes brancas, com a base cor de cinza em extensão decrescente das mais centrais para as laterais, em que quase não há cinza; coberteiras inferiores das asas e axilares escuras, quase pretas. Medidas: asa 124 mms., cauda 89 mms., culmen 16 mms.

O bico é anegrado na ave viva, as patas vermelho-sanguíneas e a iris pardo-escura, com a orla alaranjada (WIED).

A fêmea tem as partes superiores pardo-arruivadas, lustradas de bronze no dorso, e com predominância do ruivo na frente e nas coberteiras superiores da cauda; asas pardo-acaneladas, enfeitadas de três faixas transversais, a primeira, correspondendo às coberteiras superiores menores, azul-negra, com cambiantes de ruivo, e as duas outras violáceo-ferruginosas, muito mais largas e constituídas por grandes manchas situadas na barba externa das coberteiras superiores e médias, próximo à ponta, que, via de regra, é esbranquiçada, com um interstício escuro de permeio; primárias sepíáceas escuras; coberteiras superiores das primárias e asa bastarda pardo-acaneladas, com o peito sombreado de cinza, o abdome brancacento, e acentuada tinta de ruivo na garganta, tibia e coberteiras inferiores da cauda; rectrizes centrais pardo-acaneladas; as demais pretas até próximo à ponta, que é clara, com mescla de canela. As medidas dos exemplares ao nosso dispôr demonstram também nesta pomba diferença apreciável de tamanho entre os dois sexos.

MEDIDAS (em milímetros)

Nos.	(da Col. do Dept. de Zoologia)	asa	cauda	culmen
17.040,	♂, Serra da Cantareira (São Paulo)	124	89	16
33.003,	♀, Terezópolis (Rio de Janeiro)	118	83	15½
333,	♀, Alto da Serra (São Paulo)	117	80	15½

DISTRIBUIÇÃO. Nesta espécie as populações de máxima densidade parece corresponderem nos dias de hoje à faixa costeira montanhosa do Brasil meridional; essa área todavia se estende para o sul até as zonas fronteiriças do Paraguai e da Argentina, chegando também, por outro lado, até a Bahia. Leste do Paraguai (Rio Paraná), nordeste extremo da Argentina (Misiones), sudeste do Brasil: Santa Catarina (Blume-

nau), São Paulo (Mato-Dentro, Ipanema, *Alto da Serra, Piracicaba, *Serra da Cantareira), Rio de Janeiro (São Luiz d'Almeida, Nova Friburgo, *Terezópolis, Cantagalo), sul de Minas (Lagoa Santa), sul da Bahia (Rio Mucuri, Rio Belmonte).

Gênero **OXYPELIA** Salvadori

Oxyptelia SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 490. Tipo por designação original *Peristera cyanopsis* PELZELN.

As afinidades deste gênero monotípico afigura-se-nos serem principalmente com *Claravis*, de que tem em comum o brusco adelgaçamen-

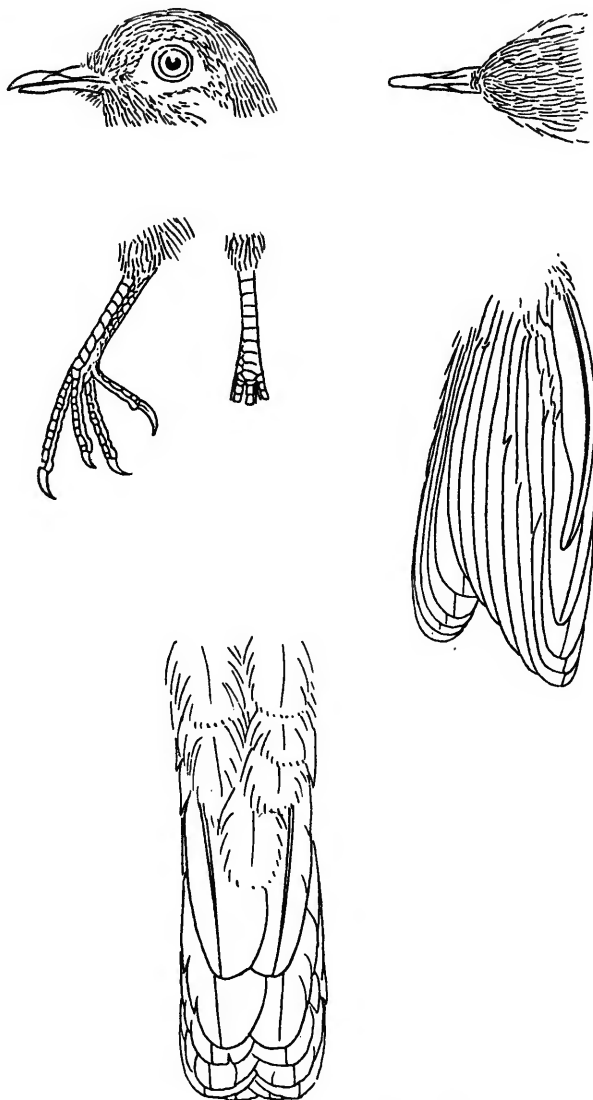


Fig. 9 — *Oxyptelia cyanopsis* (PELZELN). ♂ de Itapura (São Paulo, Rio Paraná).

to da porção terminal da primária externa; mas difere do último em muitos pontos importantes, entre os quais merecem destaque a cauda

proporcionalmente mais longa (apenas mais curta do que a asa), o comprimento muito menor das rectrizes laterais (cauda graduada), a ausência, nos dois sexos, de entalhe ou dente em qualquer das rêmiges primárias, e a muito maior semelhança no colorido da plumagem de ambos os sexos. A primária externa, afora o afilamento da parte terminal, e seu tamanho muito menor do que o das demais, chama ainda a atenção pela sua forma especial, arqueada em lâmina de alfange.

Oxyptelia cyanopsis (Pelzeln)

Peristera cyanopsis PELZELN, 1870, Zur Orn. Brasil., XXI, pp. 277 e 336: Cuiabá (Mato Grosso, NATTERER col.).

Oxyptelia cyanopsis SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 490, pl. X, fig. 1: Cuiabá (exempls. de NATTERER). — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Faun. Brazil., Aves, p. 23: Itapura (E. GARBE col.). — PINTO, 1941, Arquivos de Zoologia, II, p. 1, nota 2: "zona do Rio Verde" (sul de Goiaz, W. GARBE, 1940); idem, 1945, loc. cit., VI, art.º 8, p. 276, nota 1: Rio Claro (Goiaz, W. GARBE, 1941).

Entre os colúmbidas do Brasil merece este particular atenção, já pelas suas características muito próprias, já, e muito principalmente, pela extrema raridade.¹

Conta-se esta espécie entre as rolinhas menores, podendo sob este particular ser equiparada apenas a *Uropelia campestris*, de que todavia logo se distingue pela cauda mais curta, muito menos graduada, como pelo colorido assás diferente da plumagem. Durante muito tempo, quase nada se soube a respeito de sua distribuição, pois até 1904, quando E. GARBE obteve, em Itapura, no extremo oeste de São Paulo, um ♂ aduto para o Museu Paulista, não consta que se conhecessem outros indivíduos além dos cinco, ♂ ♂ e ♀ ♀, coleccionados oitenta anos antes por NATTERER em Cuiabá, no centro de Mato Grosso. Procedem deste primitivo lote os exemplares existentes em alguns museus da Europa, que os receberam do de Viena, provavelmente por permuta. Nos anos que se seguiram à redescoberta da ave em Itapura, apesar do afã com que a procuraram sucessivas expedições, dentre as quais a grande Expedição Roosevelt-Rondon (1913-14), todos os esforços para obter novos espécimes para os museus foram completamente infrutíferos. Só em fins de 1940 voltou ela a ser inesperadamente encontrada no sul de Goiaz, não longe do Rio Claro (Fazenda Transwaal, munic. do Rio Verde), por W. GARBE (filho do primeiro). O único exemplar coligido nesta ocasião, um ♂ adulto em perfeita plumagem, foi adquirido por TH. BARBOUR para as colecções do Museum of Comparative Zoology (Harvard College), de Boston. No ano imediato, voltando à mesma localidade, teve W. GARBE a felicidade de conseguir uma ♀ adulta, hoje pertencente à coleção ornitológica (Nº 27.800) do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Segundo nos informou esse colecionador, os seus exemplares foram mortos pela manhã, em campo descoberto. Além destes, teve ocasião de vêr outros, sempre no chão, à maneira das rolas comuns, ora aos casais, ora solitários. Nenhuma outra observação biológica foi possível fazer, tudo se ignorando com respeito à reprodução da espécie.

O ♂ de Itapura servir-nos-á de base à descrição que damos a seguir. Alto da cabeça e pescoço posterior chocolate, com cambiantes de vinho, e

1) O. PINTO, Boletim Biológico, Nov. Ser., III, n.º 5, p. 7 (1937).

passando a ferrugem em direção à frente; região superciliar e loros de cor ferruginosa, passando a vináceo-cinza na região auricular e lados do pescoço; dorso, rêmiges terciárias e uropígio pardo-oliváceos, passando insensivelmente a vináceo-arruivado no manto e base do pescoço; coberteiras superiores da cauda cor de canela intensa, com cambiantes leves de vinho; grandes coberteiras superiores das asas pardo-oliváceas; pequenas e médias coberteiras vináceo-acaneladas, muitas delas com uma grande nódoa azul-ferrete na barba externa, às vezes (pequenas coberteiras) de forma elíptica, ou arredondada, porém mais geralmente sub-retangular, com o bordo posterior limitado por estreita orla mais clara; primárias cor de canela, com as extremidades pardo-escuras, e a barba externa mais ou menos extensamente da mesma cor; coberteiras inferiores das asas cor de ferrugem; peito ocráceo-ferruginoso, com abundante mistura de vináceo em direção ao pescoço, e dos lados; garganta muito mais clara, brancacenta, com leve tinta de ferrugem; abdome muito mais claro do que o peito, esbranquiçado no centro, e tingido de ocre e cinza nos flancos; infracaudais brancas, sombreadas irregularmente de ocráceo; rectrizes centrais pardo-acaneladas, com a ponta escurecida; as laterais extremas pretas, com a borda da barba externa branca junto à extremidade; rectrizes dos pares intermédios escuras, com a barba externa cor de canela até próximo à ponta, que é preta, com forte lustro azul-ferrete no lado de cima. Bico escuro, quase preto; pés cor de rosa, amarelados no exemplar seco. Medidas: asa 69 mms., cauda 67 mms., culmen 11 mms.

A ♀ de Goiaz assemelha-se em quase tudo ao ♂ de Itapura; mas tem o abdome muito mais claro, branco imaculado no centro, como também as infracaudais. O peito, pardacento, quase não tem ocre; a tinta vinácea é mais fraca, tanto na cabeça e pescoço, como nas coberteiras superiores das asas. Mede 67 mms. de asa, 64 mms. de cauda e 10 mms. de culmen.

DISTRIBUIÇÃO. Só é conhecida no Brasil central: Mato Grosso (Cuiabá), sul de Goiaz (*Fazenda Transwaal, na região do Rio Claro), extremo oeste de São Paulo (*Itapura).

Gênero *ZENAIDURA* Bonaparte

Zenaidura BONAPARTE, 1855, Coptes. Rendus de l'Acad. Sciences de Paris, XL, N.º 3, p. 96: tipo, por designação original, *Columba carolinensis* LINNÉ.

E' este de todos os gêneros de *Columbidae* representados na fauna brasileira o único a possuir 14 rectrizes (em vez de 12). De porte meão, inferior ao das juritis (*Leptotila*), porém bem maiores do que as rolas comuns, cauda mais ou menos longa e acentuadamente escalariforme, dedos pouco longos (o médio apenas mais comprido do que o tarso), são fáceis de reconhecer pela presença de uma nódoa azul-negra, brilhante, de cada lado do pescoço, logo abaixo da região auricular. As secundárias, além disso, são de colorido uniforme, ao contrário do que acontece no vizinho gênero *Zenaida* BONAP.¹, cujas espécies, estranhas aliás ao Brasil, têm as secundárias brancas na ponta.

A tendência hoje é reconhecer em todo território brasileiro uma única espécie, *Zenaidura auriculata* (DES MURS), com raças geográficas, mais ou menos diversificadas no colorido e tamanho médio.

1) *Zenaida* BONAPARTE, 1838, Geogr. & Comp. List. Bds. Eur. & N. Amer. p., 41: tipo, por tautonímia, *Zenaida amabilis* BONAPARTE (= *Columba zenaida* BONAPARTE).

Zenaidura auriculata (Des Murs)

Peristera auriculata DES MURS, 1847, em Gay, Hist. Fis. Pol. Chile, Zool., I, p. 381, pl. 6: Chile (região central).

Conforme o conceito atual, esta espécie, cuja forma típica é própria do Chile, acha-se representada por uma dezena de raças geográficas ditribuídas por todo o continente sul-americano, inclusive as Ilhas Falkland e as Pequenas Antilhas meridionais. HELLMAYR & CONOVER (1942), aos quais se deve a última revisão do assunto, admitem no Brasil nada menos de cinco, três das quais circunscritas à bacia Amazônica, e duas ao resto do país. As diferenças entre aquelas e estas, tomadas as populações em globo, são muito mais importantes do que as que separam entre si tanto as primeiras como as últimas. Dai resulta serem consideradas ainda por muitos espécies diversas. No que se refere particularmente às raças extraamazônicas, e a julgar pelo material em mãos, a nós se afigura bastante difícil na prática distinguir as aves dos Estados meridionais e centrais, rotuladas como *Z. a. chrysauchenia* REICHENB., das nordestinas, não obstante haver HELLMAYR, desde 1929, proposto anexar estas últimas às de Fernando de Noronha, sob a denominação de *Z. a. noronha*, a princípio privativa das desta remota ilha atlântica. A falta porém de material topotípico da raça ilhêa, que nos habilite a melhor ajuizar sobre o assunto, leva-nos a adotar o ponto de vista do sábio ornitologista de Viena, hoje seguido pela generalidade dos autores. A chave abaixo resume, na medida do possível, os caracteres diagnósticos das formas encontradas no Brasil.

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DE
ZENAIIDURA AURICULATA

- A. Extremidades das rectrizes brancas (ou levemente branco-acinzentadas), sem mistura de tons vináceos ou acanelados perceptíveis.
- B. Baixo abdome e coberteiras infracaudais de colorido acanelado claro ou camurça, com mistura muito variável de tons vináceos.
- C. Tamanho médio um pouco maior (asa dos ♂♂ ordinariamente com cerca de 140 mms. de comprimento) e plumagem em regra mais acentuadamente tingida de tons vináceos (Brasil meridional e central) *Z. a. chrysauchenia*
- CC. Tamanho algo menor em média (asa dos ♂♂ com cerca de 135 mms.) e plumagem mais desbotada, com tons vináceos ordinariamente apenas perceptíveis (nordeste do Brasil e Ilha de Fernando de Noronha) *Z. a. noronha*
- BB. Baixo abdome e coberteiras infracaudais de cor francamente vinácea, mais clara embora que a do peito (delta Amazônico e circunjacências) *Z. a. marajoensis*
- AA. Extremidades das rectrizes distintamente tingidas de canela ou vinho; baixo abdome e infracaudais de colorido vináceo intenso.
- D. Extremidades das rectrizes laterais e coberteiras infracaudais de colorido francamente vináceo ordinariamente sem mistura distinta de ferrugem (baixo Amazonas) *Z. a. jessieae*
- DD. Extremidades das rectrizes laterais de cor canela ou ferrugínea mais ou menos intensa, assim como as coberteiras infracaudais (leste da Colômbia, Venezuela, Guianas, alto do Rio Branco) *Z. a. stenura*

***Zenaidura auriculata chrysauchenia* (Reichenbach)**

Peristera chrysauchenia REICHENBACH, 1847, Syn. Av. Columbariae, p. 3 (baseada em REICHENBACH, Columbariae, pl. 161, fig. 1429): pátria típica suposta, Brasil meridional.¹

Columba maculata (não de GMELIN, 1789) VIEILLOT, 1818. Nouv. Dict. d'Hist. Natur., nouv. édit., XXVI, p. 367 (com base na "Paloma parda manchada" de AZARA): Paraguay.

Zenaida maculata BURMEISTER, 1856, Syst. Uebers. Th. Brasil., III, p. 259: Lagoa Santa. — REINHARDT, 1870, Vidensk. Medd. Naturhist. Foren., p. 55: Lagoa Santa. — PELZELN, 1870, Zur Orn. Bras., III, p. 276: Mato-Dentro, Ipanema, Itararé, Curitiba, Rio Borrachudo, Pitangui, Cuiabá. — CABANIS, 1874, Journ. f. Orn., XXII, p. 230: Cantagalo. — ALLEN, 1893, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.: Chapada.

Zenaida auriculata (não de DES MURS) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Mato Grosso; idem, 1900, Bol. Mus. Torino, XV, p. 14: Urucum. — IHERING, 1899, Anuário do Rio G. do Sul, p. 146: Pedras Brancas; idem, 1899, Rev. Mus. Paul., III, p. 399: São Paulo; idem, 1900, loc. cit., p. 163: Cantagalo. — IHERING & IHERING, 1907, Cat. Faun. Brazil., Aves, p. 20: Iguape, São Sebastião.

Zenaida auriculata auriculata HELLMAYR, 1908, Novit. Zool., XV, p. 92: Goiaz.

Zenaida virgata BERTONI, 1901, Anales Cient. Parag., I, p. 24: Puerto Bertoni (Alto Paraná).

Zenaida auriculata virgata NAUMBURG, 1930, Bull. Mus. Nat. Hist., LX, p. 67: Mato Grosso. — PINTO, 1932, Rev. Mus. Paul., XVII, pte. 2, p. 711: Aquidauana. — STONE & ROBERTS, 1934, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., LXXXVI, p. 377: Descalvados. — PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159, em parte: Iguape, São Sebastião, Itaqui, Aquidauana, Inhumas; idem, 1940, Arquivos de Zoologia do Est. de S. Paulo, II, p. 9: Coxim, Cuiabá.

Zenaida auriculata noronha (não CHUBB) PINTO, 1936, Rev. Mus. Paul., XX, p. 38: Jaraguá, Inhumas.

Zenaidura auriculata chrysauchenia HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 485: Cavalcante (e outras locals. estranhas ao Brasil). — PINTO & CAMARGO, 1948, Pap. Avulsos Dept. Zool., VIII, p. 302: Chavantina (Rio das Mortes). — PINTO, 1949, Bol. Mus. Goeldi, X, p. 345: Corumbá, Cuiabá.

Para descrever esta pomba, a "parari" (também chamada "pararu", ou "bairari") dos nossos sertanejos, escolheremos um ♂ adulto de Aquidauana (sudoeste de Mato Grosso), colecionado em 3 de agosto de 1931 (No. 12.580 do Dept. de Zoologia): vértice da cabeça cinzenta, cor de chumbo, passando gradualmente a vináceo na frente e nos lados; nuca e parte superior do pescoço cor clara de cinza, com lustro metálico violáceo, passando a violeta-bronzeado intenso nos lados do pescoço; lados da cabeça cinzento-avinhados, com uma larga nódoa negra, lustrada de azul-ferrete, na região retro-auricular, e outra em seguimento ao ângulo posterior do olho; região interescapular, dorso, coberteiras superiores internas das asas e terciárias cinzento-azeitonadas, muitas destas com larga nódoa ovalar negra na barba externa, às vezes substituídas por simples mancha longitudinal ao longo da borda; coberteiras superiores externas das asas cinzento-plúmbeas, com mescla variável de azeitona; baixo dorso plúmbeo-azeitonado, passando a pardo-azeitona nas coberteiras superiores da cauda; lado superior das rectrizes centrais pardo-azeitonado, com uma faixa preta pouco distinta não longe da extremidade; as do par contíguo cinzento-plúmbeas, com faixa transversal negro-intenso; as demais rectrizes, pelo contrário, plúmbeas, com a parte basal mais ou menos tingida de azeitona, a ponta

1) A procedência do tipo é hipotética, mas aceitável com base nas razões invocadas por HELLMAYR & CONOVER (Catal. Bds. Americas, XIII, pte. I, N.º 1, p. 485, nota 2)

alva, e intensa faixa negra de permeio; primárias cinzentas, com a margem externa e a porção terminal escuras; mento branco, tocado levemente de tons róseos, e passando progressivamente ao vináceo na garganta; pescoço, peito e porção alta do abdome cor clara de vinho, com leves tons de chumbo; baixo abdome vináceo-camurça, passando ao camurça claro, quase branco, nas infracaudais; flancos e coberteiras inferiores das asas cor de chumbo, muito clara; bico pardo-escuro; patas amarelo-avermelhadas. Medidas: asa 139 mms.; cauda 91 mms.; bico 15 mms.

A ♀ difere do ♂ pelo colorido geral muito mais desmaiado, em que predomina o pardo-azeitonado e quase desaparece o banho vináceo.

Os caracteres acima descritos experimentam sensíveis variações, especialmente no que diz respeito à intensidade do banho vináceo das partes inferiores. Sob este particular, merece destaque um ♂ de Corumbá, cuja plumagem é de coloração mais carregada do que em qualquer outro exemplar de Mato Grosso, e possui as infracaudais decididamente tingidas de vinho. Dados os hábitos migratórios destas pombas, é muito possível pertença este exemplar à raça *marajoensis*, com cuja descrição combina. No que toca às dimensões, sempre um pouco maiores nos machos, igualmente oscilam elas entre limites largos, descendo a 35 mms. de asa e 82 de cauda num ♂ adulto de Corumbá, e ascendendo a 151 mms. de asa e 90 de cauda num de Jaraguá (sul de Goiás), em idênticas condições.

MEDIDAS (em milímetros)

N.º	<i>Z. a. chrysauchenia</i>	♂ ♂			♀ ♀		
		asa	cauda	bico	asa	cauda	bico
9.104,	Itaqui (Rio Grande do Sul) ..	138	85	15			
28.724,	Lins (São Paulo)	140	84	17			
28.725,	(idem, idem)				129	82	16
26.188,	(idem, idem)				134	82	14
28.684,	Silvânia, (idem)	140	89	15			
30.108,	Corumbá (Mato Grosso)	135	82	15½			
30.110,	(idem, idem)				131	86	15½
12.580,	Aquidauana (idem)	139	91	15			
17.107,	Coxim (idem)				140	93	15
30.109,	Cuiabá (idem)				139	83	15
14.711,	Jaraguá (Goiáz)	151	90	16			
14.710,	Inhumas (idem)	140	86	16			
26.469,	Rio Claro (idem)	149	90	16			
26.506,	(idem, idem)				133½	86	—
	<i>Z. a. noronha</i>						
8.581,	Barra do Rio Grande (Bahia)	135	85	15			
8.580,	(idem, idem)				135	85	16
7.395,	Joazeiro (idem)	135	86	17			
	<i>Z. a. jessieae</i>						
14.633,	Santarém (Rio Tapajós)	135	90	14½			
16.092,	(idem, idem)	130	88½	14½			

A área atribuída a esta raça se estende do norte da Argentina ao Brasil meridional e central, incluindo o leste da Bolívia. Nesta extensa distribuição nunca aparece em bandos consideráveis, como a forma nordestina, sendo vista com mais frequência, pelo menos no interior de São Paulo, durante os meses de verão. Ao contrário também da última, a raça sulina faz ninho sempre sobre árvores, à maneira das outras

pombas silvestres¹; costuma todavia, aproveitar os ninhos abandonados deste ou daquele pássaro, adaptados aos novos fins com o acréscimo de mais alguns fiapos e gravetos. Alimenta-se quase exclusivamente de sementes, catadas no chão, onde são vistas ordinariamente aos casais, ou em pequeno bando. Nos países de clima temperado, à aproximação do inverno emigra certos anos mais para o norte, em levadas maiores ou menores, conforme foi observado na Argentina por W. H. HUD-

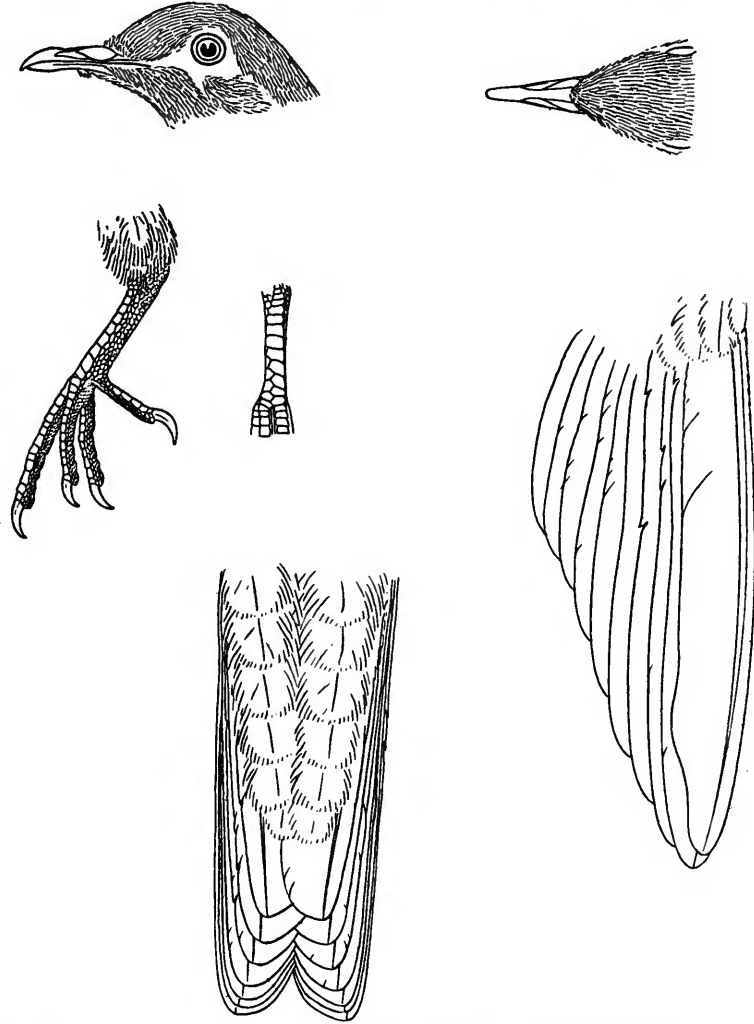


Fig. 10 — *Zenaidura auriculata chrysauchenia* (REICHENBACH). ♂ de Itaqui (Rio Grande do Sul).

SON. Este movimento deve estar relacionado com a irregularidade de seu aparecimento nas zonas de latitude mais septentrional do que aquelas em que tem o seu verdadeiro habitat. Pessoalmente, lembramo-nos de tê-la observado em quantidade excepcional nas cercanias de Silvânia, ao norte de Araraquara (São Paulo), em janeiro de 1943.

1) Cf. H. v. IHERING, Rev. Mus. Paulista, IV, 1900, p. 281; A. WETMORE, Bull. 133 Un. St. Nat. Museum, p. 182.

DISTRIBUIÇÃO. República Argentina (Buenos Aires, La Plata, Catamarca, Tucumán, Jujuy, Salta, Corrientes, Formosa, Entre Rios, Córdoba, Santa Fé, Mendoza, Rio Negro); Uruguay (Maldonado, Paysandu, Flores, Rocha, Cerro Largo, Santa Helena, Arroyo Grande); Paraguay (Puerto Bertoni, Alto Paraná, Sapucay, Villa Rica, Rio Pilcomayo; leste da Bolívia (Santa Cruz, Cochabamba, Checo, Tarija); Brasil meridional e central: Rio Grande do Sul (Pedras Brancas, *Itaqui), Paraná (Curitiba, Rio Borrachudo, Pitangui); São Paulo (*Iguaçupe, Itararé, *São Sebastião, *Silvânia, *Lins), Rio de Janeiro (Cantagalo), Minas Gerais (Lagoa Santa); Mato Grosso (*Corumbá, Uruçum, *Aquidauana, *Campo Grande, *Coxim, Descalvados, *Cuiabá, Chapada, Rio das Mortes, Vila Bela de Mato Grosso).

Zenaidura auriculata noronha (Gray)

Zenaida noronha G. R. GRAY, 1856, List. Bds. Brit. Mus., Columbae, p. 47: Fernando de Noronha (provavelmente exempls. trazidos por FITZROY da Voy. of Beagle). — RIDLEY, 1888, Zoologist., p. 44: Fernando de Noronha (exempls. de RIDLEY).

Zenaida auriculata noronha CHUBB, 1919, The Ibis, 11a. Ser., I, p. 36: Ilha de Fernando de Noronha. — HELLMAYR, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 464: Tranqueira, Ibiapaba, Arara, Rio do Peixe (perto de Queimadas). — NAUMBURG, 1933, Amer. Mus. Novit., N.º 648, p. 5: nordeste do Brasil (monograf.).

Zenaida maculata (não de VIEILLOT, 1818), SHARPE, 1888, Journ. Linn. Soc. London, (Zool.), XX, p. 479: Fernando de Noronha.

Zenaida auriculata (não DES MURS, 1847), SALVADORI, 1893, Catal. Birds Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Fernando de Noronha (exempls. de RIDLEY etc.), Ceará (JESSE col.). — IHER. & IHERING, 1907, Catal. Fauna Brazil., Aves, p. 20, em parte: Ceará, Fernando de Noronha. — REISER, 1910, mathem.-naturw. Kl. Akad. Wissens., LXXVI, p. 87: Joazeiro, Lagoa Parnaguá, Sto. Antônio de Gilboez. — MURPHY, 1915., Auk, XXXII, p. 49: Fernando de Noronha. — SNETHLAGE, 1926, Bol. Mus. Nacional, II, p. 48: Ceará. — R. v. IHERING, 1935, El Hornero, VI, p. 37: Campina Grande, etc.

Zenaida auriculata virgata (não de BERTONI, 1901) PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 159, em parte: Joazeiro, Bonfim, Cidade da Barra.

Zenaidura auriculata noronha HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field. Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 488: Flores, Tranqueira (Rio Paraíba), Arara, Ibiapaba, Rio do Peixe (perto de Queimadas).

Esta raça compreende as populações nordestinas da espécie, de par com as da Ilha Fernando de Noronha; ela se distingue da precedente em diferenças muito fracas, apenas reconhecíveis quando comparadas em globo as séries de cada qual. Os exemplares da Bahia acusam geralmente medidas um pouco inferiores às de Mato Grosso e sul do Brasil; além disso, os ♂♂ têm comumente cor mais desbotada, com o peito menos tingido de vinho e o abdome mais acamurçado. Não obstante, à vista das variações individuais, é às vezes praticamente impossível reconhecer a raça com base nestas diferenças, pelo que se torna duvidosa a identidade de certos exemplares, mormente nas zonas intermédias. Acha-se precisamente neste caso um ♂ adulto da cidade da Barra (confl. do Rio Grande com o Rio São Francisco, Est. da Bahia), em que as partes inferiores, pelo menos na metade anterior, são intensamente tingidas de vináceo, tais como nos exemplares de São Paulo.

Muito se tem escrito a respeito desta pomba, que em certos anos, na época da reprodução, invade as caatingas do Nordeste, particularmente no interior do Ceará e da Paraíba, sob a forma de imensos bandos, reproduzindo em escala apenas inferior o espetáculo outrora descrito nos Estados Unidos com relação à Pomba migratória, *Ectopistes*

canadensis (LINN.), hoje extinta. E. GODLDI, em seu muito conhecido livro "As aves do Brasil" (p. 381), reproduz o interessantíssimo relato que em fins do século passado nos deixara ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES sobre "a excessiva, a fabulosa, a incrível quantidade de Pombas, conhecidas do vulgo pelo nome de *avoantes*", as quais, no interior do Ceará, foram por ele vistas todas as tardes "passar de Sul para Norte, desde cinco e meia até a noite, como uma coluna cerrada que não deixava o mínimo sinal de interrupção". Em data muito mais próxima o notável fenômeno foi presenciado por R. v. IHERING em Campina Grande, nos sertões da Paraíba, entre cujos naturais esta pomba é ainda conhecida pelos nomes de "pomba de arribação", ou simplesmente "ribaça", "pomba do sertão", "cardigueira", "cardinheira", "pairari", "bairari" etc. Durante uma excursão feita com o fito de melhor observá-las de perto, ao penetrar na espessura do bosque em que haviam acampado, e de onde às centenas levantavam vôo ao menor ruído, viu como os ovos eram postos sobre o chão, agrupados dois a dois, mais raramente aos três, contrastando pela alvura com a cor da terra, e dando a impressão de haverem sido simplesmente sobre ela esparramados. Por ninho, quando muito, leve camada de palhinhas ou de gravetos, sem qualquer concaividade incubadora; às vezes nem isso, cabendo a defesa dos ovos à folhagem emaranhada e espinhosa das macambiras, bromeliáca característica da caatinga nordestina, entre as quais são postos, e em tão grande quantidade que em certos lugares se podiam contar 6 ou 7 posturas por metro quadrado.

A incubação, ao contrário do que supuzera BEZERRA DE MENEZES, se processa normalmente, segundo IHERING, sob o calor da ave. Não admira que em tais circunstâncias as ribaçãs se tornem vítimas das populações sertanejas, sofrendo caça de extermínio, na qual todos os meios se empregam, desde as armas de fogo até às armadilhas, e o envenenamento pelo suco da mandioca expremida, rico em ácido cianídrico. Aves e ovos aparecem então nos mercados próximos aos milhões, estes vendidos aos litros, e aquelas aos centos, secas, depois de convenientemente depenadas, estripadas e ligeiramente salgadas.¹ Diante desse quadro, não é difícil prever para a nossa avoante o mesmo destino trágico de sua similar norte-americana. Nada porém de positivo se sabe sobre o determinismo a que obedeceu estas migrações massiças das ribaçãs para as caatingas do Nordeste, ocasionando profunda alteração nos hábitos nidificantes da espécie e suscitando dúvidas no tocante às relações existentes entre as duas raças até aqui estudadas.

DISTRIBUIÇÃO. Ilha de Fernando de Noronha (no Oceano Atlântico, ao largo da costa de Pernambuco) e nordeste do Brasil: norte da Bahia (*Joazeiro, Rio do Peixe, *Bonfim, *Cidade da Barra), Pernambuco, Paraíba (Campina Grande), Ceará, Piauí (Ibiapaba, Arara, Lagoa Parnaguá, Sto. Antônio de Gilboez), Maranhão (Tranqueira, Flores).

***Zenaidura auriculata marajoensis* (Berlepsch)**

Zenaida jessiae marajoensis BERLEPSCH, 1913, Ornith. Monatsber., XXI, p. 149: Fazenda Santo André (Ilha do Marajó).

Zenaida maculata (não *Columba maculata* VIEILLOT, 1818) SCLATER & SALVIN, 1867, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 591: Ilha Mexiana. — LAYARD, 1873, Ibis, p. 395: São João (perto de Belém).

1) Vide R. VON IHERING, "La Paloma, *Zenaida auriculata*, en el Nordeste del Brasil", en El Hornero, vol. VI, 1935, pp. 37-47.

- Zenaida auriculata* (não *Peristera auriculata* de DES MURS, 1847) SALVADORI, 1893, Catal. Bds. Brit. Mus., XXI, p. 384, em parte: Pará (= Belém, LAYARD col.), Ilha Mexiana (WALLACE).
- Zenaida auriculata jessieae* (não de RIDGWAY) HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 96: São João, Boa Vista (Ilha de Marajó, STEERE col.); idem, 1912, loc. cit., p. 22: Ilha Mexiana.
- Zenaida iessiae* (sic) SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, pp. 64 e 499: Pindobal, Livramento (I. de Marajó), I. Mexiana.
- Zenaida auriculata marajoensis* NAUMBURG, 1933, Amer. Mus. Novit., N.º 648, p. 6: Belém, I. de Marajó (São Natal, Santo André, Boa Vista), Maranhão (Anil, Ilha São Luiz).
- Zenaidura auriculata marajoensis* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 489: Ilha de Marajó etc. (exempls. reexaminados).

Esta raça que pessoalmente não conhecemos, ocupa segundo HELLMAYR & CONOVER posição intermediária entre *Z. auriculata noronha* e *Z. a. jessieae*, assemelhando-se à primeira pelas extremidades brancas das retrizes, e à segunda no vináceo carregado das partes inferiores.

DISTRIBUIÇÃO. Norte do Maranhão (Anil), nordeste do Pará (Belém), Ilha de Marajó (São Natal, Boa Vista, Santo André), Ilha Mexiana.

***Zenaidura auriculata jessieae* (Ridgway)**

- Zenaida jessieae* RIDGWAY, 1888, Proc. Un. St. Mus., X, p. 527: Diamantina (perto de Santarém, margem direita da boca do Rio Tapajós).
- Zenaida ruficauda* (não de BONAPARTE) ALLEN, 1876, Bull. Essex Inst., VIII, p. 82: Santarém.
- Zenaida auriculata jessieae* HELLMAYR, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wissens., XXVI, N.º 2, p. 96 (nota 6), em parte: Paricatuba (perto de Santarém). — GRISCOM & GREENWAY, 1941, Bull. Mus. Compar. Zool., LXXXVIII, p. 136: Santarém.
- Zenaida iessiae* SNETHLAGE, 1914, Bol. Mus. Goeldi, VIII, p. 63: Ereré (perto de Monte Alegre).
- Zenaida ruficauda jessieae* PINTO, 1938, Rev. Mus. Paul., XXII, p. 160: Santarém.
- Zenaidura auriculata jessieae* HELLMAYR & CONOVER, 1942, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. I, N.º 1, p. 489: Vila Acará, Tomé Açu, Santarém, Óbidos, Lago Cuipeva.

A cor decididamente avinhada das extremidades claras dos cinco pares de retrizes laterais distingue facilmente as aves do baixo Amazonas das de Marajó e mais ilhas do delta, justificando a sua separação sob a denominação de *Z. a. jessieae*, aplicada inicialmente por RIDGWAY a exemplares de Diamantina, nas cercanias de Santarém. Esta raça é-nos conhecida através de dois ♂♂ e uma ♀ desta última localidade, caçados em junho de 1934. As partes superiores pouco diferem das de *Z. a. chrysauchenia*, destacando-se apenas pela tonalidade um pouco mais escura e a menor quantidade de cinzento no pileo; mas o lado inferior, abstraindo mesmo o colorido vináceo das extremidades das retrizes laterais, distingue-se à primeira vista pelo colorido muito mais carregado, francamente avinhado, com mistura de cinza, não só do peito, como de todo abdome; as coberteiras infracaudais são também avinhadas, embora um pouco mais claras. Segundo os autores, *Z. a. jessieae* habita as duas margens do baixo Amazonas, desde a região ao sul de Belém (Rio Acará), até pelo menos a zona de Óbidos.

DISTRIBUIÇÃO. Rio Acará (Tomé-Açu, Vila Acará), baixo Amazonas (Óbidos, Monte Alegre, Lago Cuipeva), baixo Tapajós (*Santarém, Diamantina, Paricatuba).

Zenaidura auriculata stenura (Bonaparte)

Zenaida stenura BONAPARTE, 1855, Compt. Rend. Acad. Sci. Paris, XL, N.º 3, p. 98: "Columbia" (= Colômbia).

Zenaida ruficauda BONAPARTE, 1855, op. cit., p. 97: Colômbia.

Zenaida rubripes LAWRENCE, 1885, Auk, II, p. 357: "Grenada" (= Colômbia) e Pequenas Antilhas.

Esta raça, cuja copiosa e baralhada sinonímia é fornecida por HELMAYR & CONOVER, é-nos conhecida apenas através da literatura. Habita a porção oeste-septentrional da América do Sul, inclusive a região fronteira do Brasil com a Venezuela (alto Rio Branco) e quase que só difere de *Z. a. jessieae* na cor das extremidades das rectrizes laterais, a cujo tom vináceo se mistura quantidade apreciável de canela.

XENARTROS E MARSUPIAIS
DO ESTADO DE SÃO PAULO

p o r

C. VIEIRA

Continuando a revisão das várias ordens dos mamíferos até agora encontrados dentro dos limites do Estado de São Paulo, tratamos aqui dos Xenartros (tatus, tamanduás e preguiças) e dos Marsupiais (gambás e cuicas).

São os Xenartros uma ordem quase exclusivamente sul-americana, bem representada no Estado de São Paulo, onde, sobretudo os tatus, são muito conhecidos e caçados por toda a parte.

O mesmo porém não acontece com a maioria dos Marsupiais, dos quais, a não ser os gambás, habituais moradores dos centros povoados, as restantes minúsculas espécies são pouco conhecidas pelas populações rurais do interior que, em geral, as confunde com os ratos.

Como nas revisões precedentes, (1) tomamos por base a coleção de peles e crânios atualmente existente no Departamento de Zoologia, re-descrevendo várias espécies e subespécies e atualizando, na medida do possível, a nomenclatura.

Ordem X E N A R T H R A

Sub-ordem LORICATA

Super-família D A S Y P O D O I D E A

Família DASYPODIDAE

Gênero DASYPUS Linnaeus

Dasypus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed. pg. 50.

GENÓTIPO: *Dasypus novemcinctus* Linnaeus (2).

Cabeça alongada com focinho truncado; orelhas grandes e pontiagudas, bem aproximadas e situadas no occiput.

1) Cf. VIEIRA, 1944, *Os Símios do Estado de São Paulo*, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. V, pg. 1; e "Carnívoros do Estado de São Paulo"; *Arquivos de Zoologia*, 1946, vol. V, pg. 135.

2) Selecionado por O. THOMAS, 1911, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 141.

Dentes pequenos e cilíndricos, em número de $\frac{8}{8}$ ou $\frac{7}{7}$ = 32 ou 28.

Escudo cefálico munido de placas lisas poligonais bem unidas; escudos escapular e pélvico quase do mesmo tamanho e munidos de placas pequenas e de forma mais ou menos poligonal.

Cauda longa e com ponta fina, revestida de anéis com duas ou três filas de placas distintas.

Unhas estreitas, mais fracas que as dos tatus de outros gêneros; quatro dedos nas patas anteriores e cinco nas posteriores.

Carapaça muito convexa, com sete a nove cintas móveis e com unhas em forma de V; placas marginais sem pontas.

Compreende várias espécies na América do Sul, das quais duas no Brasil, ambas ocorrendo no Estado de São Paulo.

Dasypus novemcinctus novemcinctus Linnaeus

Dasypus novemcinctus LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 51 (América Meridional).

Dasypus longicaudatus WIED, 1826, Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien, vol. II, pg. 531 (Bahia).

Tatusia peba GRAY, 1869, Catalogue Edentata in the British Museum, pg. 377.

Praopus novemcinctus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 99 (Rio de Janeiro, Ipanema e Mato Grosso); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 22; idem, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catalogo, pg. 17.

Tatusia novemcincta GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 128; MIRANDA RIBEIRO, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 46 (Caceres, Mato Grosso).

Tatus novemcinctus TROUËSSART, 1905, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 814.

Dasypus novemcinctus YEPES, 1928, Los "Edentata" Argentinos; Revista de la Universidad de Buenos Aires, 2a. série, seção V, tomo I, pg. 46 (Misiones e Chaco).

LOCALIDADE TÍPICA: América Meridional. (1)

NOMES VULGARES: "Tatu galinha", "Tatu verdadeiro", "Tatu de folha".

E' a maior espécie do gênero, caracterizada pela carapaça munida de nove cintas móveis e a comprida cauda, tão longa quanto o corpo. Escudo da cabeça de forma oblonga, prolongando-se até a extremidade do focinho e formada por placas irregulares justapostas; parte superior triangular e separada por forte depressão. Escudo cefálico quase igual em tamanho ao escudo pélvico e alcançando o peito, munido de placas pequenas e poligonais, sendo sua borda formada de placas iguais às das cintas móveis.

Escudo escapular muito semelhante, munido de placas iguais e profundamente recortadas na base da cauda.

Nove cintas móveis, munidas de placas retangulares formando desenhos em forma de V; nas bordas, escassos pêlos muito finos.

Cauda comprida, munida de onze anéis bem definidos, constituídos por três séries de placas hexagonais justapostas.

1) O exemplar tipo ainda é conservado no Museu de História Natural de Estocolmo; sua procedência é porém desconhecida. Cf. THOMAS, 1911, Proceedings Zoological Society of London, pg. 142 e LÖNNBERG, 1928, Arkiv for Zoologi, band 20, n.º 10, pg. 9.

Carapaça de coloração geral marron escura, principalmente no dorso; flancos e membros anteriores e posteriores, amarelados.

Unhas compridas e agudas, mas pouco recurvas.

Esta raça é de vasta distribuição, sendo encontrada por quase toda a América do Sul, do norte da Argentina às Guianas e Venezuela.

E' bem conhecida em todo o Brasil, sendo talvez, no Estado de São Paulo, o tatu mais frequentemente encontrado no interior e mesmo nos arredores da capital.

Além desta raça típica, são reconhecidas mais as seguintes:

Dasybus novemcinctus aequatorialis LÖNNBERG, do Equador

Dasybus novemcinctus fenestratus PETERS, própria à região leste da América Central.

Dasybus novemcinctus texanus BAILEY, no Texas.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Comprim. palatal	Largura bizig.	Largura caica craniana	Compr. mandib.
5113 ♀ — Pará	420	350	98	86	65	40	30	74
5109 ♂ — Amazonas	375	345	92	85	62	38	30	72
2711 ♂ — Ubatuba	450	350	98	88	65	43	31	75
6276 ♂ — São Paulo	450	350	95	87	65	40	30	75
496 ♂ — Baurú	—	—	98	88	65	43	31	75
2051 ♀ — São Lourenço .	—	—	101	92	68	43	32	81

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

1082, Franca, São Paulo, O. DREHR col., 1903 (carapaça).

1279, 1288 e 1281, Avanhandava, São Paulo, GARBE col., 1904 (carapaças).

3711 e 3244, ♂ ♂, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1905 e 1909 (exemplares montados).

6166 ♀, Campestre, Estado de São Paulo, OLALLA col., 1941 (carapaça cheia).

6276 ♂, Água Funda, Capital, oferta, 1943 (carapaça cheia).

3249 ♀, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1904 (carapaça).

4129 e 2130, ju. Cana Brava, Goiaz, BLASER col., 1932 (carapaças).

3245 e 3246, Chapada, Mato Grosso, col. antiga (carapaças).

5109 ♂, Lago Canaçari, Amazonas, OLALLA col., 1937 (carapaça).

5113 ♀, Caxiricatuba, Estado do Pará, OLALLA col., 1936 (carapaça).

Dasypus septemcinctus Linnaeus

- Dasypus septemcinctus* LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. edição, vol. I, pg. 51. (1)
- Dasypus hybridus* DESMAREST, 1804, *Nouveau Dictionnaire D'Histoire Naturelle*, vol. XXVI, pg. 28.
- Tatusia hybrida* GRAY, 1869, *Catalogue of Edentata Mammalia in the British Museum*, pg. 379; TROUESSART, 1904, *Catalogus Mammalium, Supplementum*, pg. 1114.
- Praopus hybridus* PELZELN, 1883, *Brasilische Säugethiere*, pg. 99 (Ipanema e Itararé, São Paulo); H. IHERING, 1892, *Os Mamíferos do Rio Grande do Sul*, pg. 12; idem, 1894, *Os Mamíferos de São Paulo*, pg. 17.
- Dasypus hybridus* YEPES, 1928, *Los "Edentata" Argentinos*; *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, 2a. série, seccion V, tomo I, pg. 48 (Patagonia, Rio Negro, Buenos Aires, Entre Rios, Santa Fé, Cordoba, Mendoza e Salta).
- Muletia hybrida* M. RIBEIRO, 1914, *Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas*, anexo 5, *Zoologia*, p. 46 (Alto Gi-Paraná, Mato Grosso).
- Dasypus septemcinctus* LÖNNBERG, 1928, *Arkiv for Zoologi*, band 20a., n.º 10, pg. 8; DEVINCENZI, 1932, *Mamíferos del Uruguay*, pg. 86; CABRERA e YEPES, 1940, *Mamíferos sud-americanos*, pg. 253.

LOCALIDADE TÍPICA: América Meridional.

NOMES VULGARES: "Tatu etê", "Mulita" (Rio Grande do Sul); "Tatu galinha" (São Paulo).

Muito semelhante no aspecto a *Dasypus novemcinctus* LINNAEUS, porem de menor tamanho, orelhas menores, cauda muito mais curta e carapaça com sete cintas móveis.

A cabeça, assim como o escudo cefálico, escapular e pélvico, inteiramente semelhantes; coloração muito mais escura.

Este pequeno tatu é raro e pouco conhecido no Estado de São Paulo, sendo mais encontrado nos Estados sulinos, principalmente no Rio Grande do Sul.

Não é raro em Mato Grosso, onde foi encontrado por MIRANDA RIBEIRO até ao norte, no alto Gi-Paraná; para o sul do continente, sua área de dispersão atinge até a Patagônia.

DIMENSÕES: n.º 1600 ♂, Estado de São Paulo, cabeça e corpo 270; cauda 150; n.º 5857 ♂, Orlandia, São Paulo, cabeça e corpo 290; cauda 150; n.º 2253 ♂, crânio, comprimento total 69; comprimento condilo basal 51; comprimento palatal 43; largura zigomática 28; largura da caixa craniana 24; n.º 2254 ♂, crânio, comprimento total 70; comprimento condilo basal 51; comprimento palatal 45; largura zigomática 30; largura da caixa craniana 25.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 1600 ♂, Estado de São Paulo, coleção antiga (montado).
- N.º 2253 e 2254, ♂ ♂, Estado de São Paulo coleção antiga (crânios).
- N.º 5857, ♂, Orlandia, Estado de São Paulo, oferta do Dr. F. FONSECA, 1940.
- N.º 3247 e 3248, Chapada, Estado de Mato Grosso, A. ROBERT col., 1902; adquirido de ROSEMBERG, 1905.

1) Muitos autores como GRAY (*Catalogue of Edentata Mammalia in the British Museum*, 1869, pg. 379) puseram em dúvida a identidade de *Dasypus septemcinctus* de LINNEU, preferindo o nome específico *hybridus* creado por DESMAREST (*Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, 1804, pg. 28). LÖNNBERG, em 1928 (*Arkiv for Zoologi*, band 20a. n.º 10, pg. 8) demonstrou plenamente que a denominação lineana refere-se exclusivamente a este pequeno tatú.

Gênero **EUPHRACTUS** Wagler

Euphractus WAGLER, 1830, Nat. Syst. Amphibien, pg. 36.

GENÓTIPO: *Dasypus sexcinctus* LINNAEUS.

Com seis a sete cintas móveis; escudo cefálico triangular; orelhas de tamanho médio, ovais e dispostas lateralmente.

Compridos e espessos pêlos hirsutos revestem a carapaça, os membros e o ventre.

9

Dentes —, subcilíndricos, levemente comprimidos, diminuindo de tamanho para as extremidades das séries; os dois últimos são menores e mais compridos.

10

Caixa craniana larga e achatada; focinho triangular, muito largo posteriormente e truncado na extremidade; bula timpânica completamente ossificada.

Mandíbula com ramus ascendente muito elevado, sendo o largo côndilo situado transversalmente e o processo coronoide muito delgados.

Euphractus sexcinctus flavimanus (Desmarest)

Loricatus flavimanus DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XXIV, pg. 28.

Dasypus sexcinctus GRAY, 1869, Catalogue of Edentata in the British Museum, pg. 381 (em parte).

Dasypus setosus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 101 (Ipanema, São Paulo e rio das Velhas, Minas Gerais); GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 128.

Euphractus sexcinctus H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 19; idem, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 18.

LOCALIDADE TIPO: Paraguai.

NOMES VULGARES: "Tatu peludo" (São Paulo); "Tatu aiva" (São Paulo); "Tatu de mão amarela"; "Tatu milheiro".

Cabeça grande e achatada, coberta por escudo triangular munido de grandes placas irregulares; uma série de pequenas placas sob os olhos; focinho rombo.

Carapaça pouco convexa com placas marginais de bordas terminadas em ponta; escudos escapular e pélvico curtos em relação ao corpo, revestidos de cerdas esbranquiçadas; seis cintas móveis revestidas de cerdas mais compridas e hirsutas situadas nas bordas.

Orelhas ovais, escuras e inteiramente nuas, implantadas ao lado do escudo cefálico.

Cauda com cerca de metade do comprimento do corpo, revestida de escudos de diferentes tamanhos em toda sua extensão, formando anéis distintos perto da base.

Membros anteriores e posteriores com cinco dedos, sendo o primeiro sempre muito menor que os outros; unhas dos anteriores muito menores que os dos outros; unhas dos anteriores muito menores, pouco recurvas e cortantes.

Além das cerdas da carapaça, outras revestem os membros, o ventre, a garganta e o mento.

Esta raça é própria do Brasil central e meridional, de onde se estende até o Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. (1)

E' bem comum no Estado de São Paulo, principalmente nas zonas de campos e cerrados.

A forma típica *Euphractus sexcinctus sexcinctus* (LINNAEUS), é própria da Amazônia e a outra raça *Euphractus sexcinctus setosus* (WIED), é da zona costeira do sudeste do Brasil.

MEDIDAS EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Compr. palatal	Larg. bizigom.	Larg. inter.	Série mol. sup.	Compr. mandib.
6490 ♀ — Itatinga — S. Paulo	460	190	110	99	65	60	25	50	86
1099 ♂ — Franca — S. Paulo	—	—	125	109	73	71	25	55	95
495 ♂ — Baurú — S. Paulo	—	—	130	115	72	74	27	55	100
6358 ♂ — rio Aricá — Mato Grosso	450	210	113	105	—	62	—	50	—
6359 ♂ — rio Aricá — Mato Grosso	442	205	110	102	—	61	—	50	—

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- 1099 ♂, Franca, Estado de São Paulo, O. DREHR col., 1903 (carapaça).
 2844 ♂, Avanhandava, Estado de São Paulo, GARBE col., 1910 (carapaça).
 3890, 3894 e 3895, Estado de São Paulo, coleção antiga (carapaças).
 6490 ♀, Itatinga, Estado de São Paulo, oferta do Dr. F. FONSECA, 1944 (carapaça).
 6614, ♂, Cajuru, Estado de São Paulo, oferta do Dr. P. FREITAS, 1946 (carapaça).
 4561 ♂, Barra do Paredão, rio Paraná, Mato Grosso, C. VIEIRA col., 1939 (carapaça).
 1005 e 3892, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1899 (carapaças).

Gênero PRIODONTES Cuvier

"Priodonte" CUVIER, 1822, Histoire Naturelle des Mammifères IV, tome XXVIII, pg. 2.

Priodontes CUVIER, 1825, Dents des Mammifères, pg. 198, pl. XXXI.

GENÓTIPO: *Priodontes giganteus* CUVIER (= *Dasypus gigas* CUVIER).

1) SANBORN, 1929, Mammals of Uruguai, pg. 163.

Compreende uma única espécie, que é a maior desta família.

Carapaça com numerosas cintas móveis, algumas das quais com bifurcação lateral; escudos escapular e pélvico relativamente curtos; cauda quase do mesmo tamanho do corpo.

Crânio e focinho largos, mandíbulas muito delgadas.

Número de dentes variável, geralmente diferindo em cada maxilar, quase sempre de 20 a 25 dentes de cada lado, chegando assim a atingir 100 dentes que, com a idade, caem, desaparecendo os vestígios dos alvéolos.

Esses dentes são muito pequenos; os anteriores fortemente comprimidos e os posteriores quase cilíndricos e com superfícies lisas.

A série dentária começa bastante atrás da raiz anterior dos zigomas e, o que é raro entre os dasipodídeos, nenhum dente está implantado nos premaxilares.

Priodontes giganteus (E. Geoffroy)

Dasyopus giganteus E. GEOFFROY, 1803, Catal. Mus. Paris, pg. 107.

Prinodon gigas GRAY, 1869, Catalogue of Carnivorous, Pachydermatous and Edentata Mammalia in the British Museum, pg. 380.

Cheloniscus gigas PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 100 (Jacobina, Bahia).

Prionodontes gigas GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 126; H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 18; GOELDI & HAGMANN, 1914, Catálogo de Mamíferos do Museu do Pará, Boletim do Museu Goeldi, pg. 98 (região entre os rios Cunani e Cassiporé).

Priodontes giganteus J. A. ALLEN, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Amer. Mus. of Nat. History, vol. XXXV, pg. 564 (Corumbá); YEPES, 1928, Los "Edentata" Argentinos; Revista de la Universidad de Buenos Aires, 2a. série, tomo I, pg. 25 (Chaco, Misiones, Cordoba); TATE, 1939, Mammals of the Guiana Region; Bull. Amer. Mus. of Nat. History, vol. LXXVI, pg. 169 (Guiana Inglesa); CABRERA & YEPES, 1940, Mamíferos sudamericanos, pg. 253.

LOCALIDADE TIPO: América do Sul (provavelmente Guiana Francesa).

NOMES VULGARES: "Tatu canastra", "Tatu açú".

Corpo massiço, mas flexível, dado a presença de grande número de cintas móveis; cabeça alongada, focinho cônico; orelhas curtas e ovais, cobertas de tubérculos ósseos arredondados.

Escudo cefálico relativamente pequeno, mais ou menos oval, composto de placas irregulares; escudo escapular e pélvico curtos em relação ao tamanho do corpo, sendo este mais curto que aquele; 12 a 13 cintas móveis revestidas de placas retangulares em cujas bordas existem apenas raros pêlos.

Membros muito robustos, cobertos de pequenas placas irregulares e unidas de cinco dedos também revestidos de placas.

Unhas dos pés grandes, chatas, largas e arredondadas; unhas das mãos muito grandes e falciformes, principalmente a do terceiro dedo.

Colorido da carapaça muito escuro nas partes superiores e amarelado nas partes inferiores laterais da cauda.

Apresenta-se com dois coloridos distintos; as partes superiores da carapaça muito escuras e as inferiores laterais amarelas.

Esta espécie é de larga distribuição, sendo conhecida desde as Guianas (1), por todo o território brasileiro, até o Paraguai e o norte da Argentina (Chaco, Formosa e Misiones) onde já é bastante escasso. (2)

E' também hoje bem raro dentro dos limites do Estado de São Paulo, parecendo estar restrito às regiões do extremo oeste onde foi constatado em Valparaíso, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. (3)

Ainda é encontrado com mais frequência nas regiões mais ou menos desabitadas do Brasil central, principalmente em Goiaz e Mato Grosso.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Comprim. palatal	Largura zigom.	Largura caixa craniana	Compr. mándib.
2680 ♂	1020	600	195	179	124	85	65	158
3681 ♀	880	500	190	178	123	81	65	155
3682 ♀	820	470	—	—	—	—	—	—
994 ♀	1020	550	—	—	—	—	—	—
3666 ♂	1020	59	—	—	—	—	—	—

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 994 ♀, Argentina, permuta do Museu Nacional de Buenos Aires, 1903 (montado).

Nos. 3666, 3680, ♂ ♂; 3681 e 3682, ♀ ♀, Estado de Mato Grosso, oferta, 1921 (exemplares montados e carapaças abertas).

Gênero CABASSOUS Mac Murtrie

Cabassous MAC MURTRIE, 1831, Cuvier's Animal Kingdom, vol. 1, pg. 164.

GENÓTIPO : *Dasypus unicinctus* LINNAEUS.

Caracterizado pela cauda curta e quase toda nua e pelo grande número de cintas móveis.

Tatus grandes, de carapaça muito flexível e pouco convexa; escudo escapular e pelviano de tamanho desigual; escudo cefálico oval; orelhas grandes, quase ovais e colocadas lateralmente.

Membros anteriores e posteriores com cinco dedos de tamanho desigual, munidos de robustas unhas, principalmente a terceira e a quarta dos membros anteriores que são muito grandes e falciformes.

1) TATE, 1939, Bulletin Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 169.

2) YEPES, 1928, Los "Edentata" argentinos, pg. 26.

3) AGENOR C. MAGALHÃES, 1939, Ensaio Sobre a Fauna do Brasil, pg. 228.

8
Dentes em número de $\frac{\quad}{9} = 34$, pequenos e subcilíndricos.

Crânio alongado, com profunda constrição detrás das órbitas e forte entumescimento em frente; mandíbula delgada e com processo coronoide muito pequeno e aguçado.

Compreende quatro espécies, todas representadas no Brasil. No Estado de São Paulo é conhecida somente *Cabassous unicinctus* (LINNAEUS).

Cabassous unicinctus (Linnaeus)

Dasypus unicinctus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. edição, pg. 50.

Xenurus unicinctus GRAY, 1869, *Catalogue of Carnivorous, Pachydermatous and Edentata in the British Museum*, pg. 384.

Dasypus 12 - cinctus SCHREBER, 1854, *Säugethiere*, II, pg. 225; Burmeister, *Thiere Brasiliens*, vol. I, pg. 282.

Xenurus gymnurus PELZELN, 1854, *Brasilische Säugethiere*, pg. 102 (Ipanema, São Paulo); H. IHERING, 1893, *Os Mamíferos do Rio Grande do Sul*, pg. 14; idem, 1894, *Os Mamíferos de São Paulo*, pg. 18.

Cabassous unicinctus YEPES, 1928, *Los "Edentata" Argentinos*; *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, 2a. série, seccion V, tomo I, pg. 29 (Formosa e Misiones); idem, 1932, *PHYSIS*, tomo XI, pg. 440.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

NOME VULGAR: "Tatu-de-rabo-mole".

Com doze a treze cintas móveis; cabeça um tanto convexa, fociño rombo, grandes orelhas.

Depois de *Priodontes giganteus*, com o qual se assemelha no aspecto externo, é o maior tatu da América.

A cauda que tem mais ou menos um quarto do comprimento total do animal, é revestida de pele nua, entremeada de pequenas placas ósseas arredondadas.

Pêlos curtos e finos revestem as bordas das cintas móveis, assim como as partes inferiores do corpo; a cauda e os membros anteriores e superiores.

O colorido geral é amarelado nas partes superiores e marron escuro nas inferiores, assim como na cauda.

E' bem conhecido por toda a América do Sul, onde é encontrado desde as Guianas (1) até o Paraguai e o norte da Argentina.

No Estado de São Paulo parece ser mais raro que o "Tatu-aíva".

1) TATE, 1939, *Mammals of Guianas*, *Bull. Amer. Mus. Nat. History*, vol. LXXXVI, pg. 163.

MEDIDAS EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Comprim. palatal	Largura bigag.	Largura caixa craniana	Compr. mandib.
6491 ♂	520	160	116	114	72	59	41	90
1083 ♂	510	170	115	111	72	59	40	89
2159 ♂	—	—	105	95	67	52	40	80
2053 ♀	—	—	106	95	62	50	40	80

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- 1083 ♂, Franca, Estado de São Paulo, DREHER col., 1903 (carapaça).
 1282 ♀, Avanhandava, Estado de São Paulo, GARBE col., 1904 (carapaça).
 1598 ♂, Estado de São Paulo (Coleção antiga, montado).
 6023 ♂, Valparaíso, Estado de São Paulo, H. SERAPIÃO col., 1934 (carapaça).
 6491 ♂, Estação do Ouro, Estado de São Paulo, of. Dr. F. FONSECA, 1944 (carapaça).
 2053 ♀, São Lourenço, Estado do R. G. Sul, ENSLEN col., 1905 (crânio).
 3521 e 3893, São Lourenço, Estado R. G. Sul, ENSLEN col., 1905 (carapaças).
 2159 ♂, Ponte do Ipê Arcado, Goiaz, DREHER col., 1904 (crânio).

CHAVE PARA OS GÊNEROS, ESPÉCIES E SUBESPÉCIES BRASILEIRAS DA FAMÍLIA DASYPODIDAE

1 — Carapaça completa	1
Carapaça incompleta	SCLEROPLEURA (1)
	(única espécie <i>S. bruneti</i>)
1 — Orelhas implantadas posteriormente; dedos simétricos; escudo cefálico trapezoidal	2
Orelhas implantadas lateralmente; dedos assimétricos; escudo cefálico oval	DASYPUS — 3
3 — Com 9 cintas móveis	<i>D. novemcinctus novemcinctus</i>
Com 7 cintas móveis	<i>D. septemcinctus septemcinctus</i>
2 — Com cauda longa	4
Com cauda curta	5
4 — Carapaça abundantemente revestida de longos pêlos	EUPHRACTUS — 6
Carapaça quase toda nua	PRIODONTES
	(única espécie <i>P. giganteus</i>)
6 — Menor (maior comprimento do crânio do ♂ ad. 95 mm.)	<i>E. sexcinctus sexcinctus</i>
Maiores (maior comprimento do crânio do ♂ ad., de 114 a 130 mm.)	7
7 — Cor parda; escudo cefálico 123 x 88	<i>E. sexcinctus flavimanus</i>
Cor amarelo-clara; escudo cefálico 103 x 77	<i>E. sexcinctus setosus</i>
5 — Cauda toda nua	CABASSOUS — 8
Cauda toda revestida de placas	TOLYPEUTES 9

1) Este gênero fundado por MILNE EDWARDS em 1871 (Nouveau Archive du Musée de Paris, VII, 4.º fasc., pg. 177) e baseado numa única pele proveniente de Fortaleza, Ceará, e enviada ao Museu de Paris, tem sido posto em dúvida por vários autores. WINGE considera-o simplesmente como baseado num exemplar patológico.

8 — Maior (comprimento da cabeça e do corpo, 52 cents. no máximo)	<i>C. unicinctus</i>	
Menores (comprimento da cabeça e do corpo, 35 cents. no máximo)		11
10 — Com orelhas curtas	<i>C. loricatus</i>	
Com orelhas compridas		11
11 — Orelhas em forma de funil	<i>C. hispidus</i>	
Orelhas arredondadas	<i>C. lugubris</i>	
9 — Com 4 unhas anteriores	<i>T. mataco</i>	
Com 5 unhas anteriores	<i>T. tricinctus</i>	

Sub-ordem PILOSA

Superfamília BRADYPODOIDEA

Família BRADYPODIDAE

Gênero BRADYPUS Linnaeus

Bradypus LINNAEUS, 1758, *Systema Naturae*, 10a. ed., pg. 34.

GENÓTIPO: *Bradypus tridactylus* LINNAEUS (selecionado por ILLIGER, 1811).

Mãos e pés com unhas muito grandes, pontiagudas e fortemente arqueadas.

Corpo recoberto de espessa pelagem; cabeça arredondada; focinho truncado; orelhas muito reduzidas; cauda rudimentar; olhos pequenos.

Crânio arredondado, com mandíbula de ramos muito curtos e bordo anterior da sínfise quase no mesmo plano do focinho, que é truncado.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{ccc} 0 & 0 & 5 \\ i & - & c & - & m & - & = & 18 \\ 0 & 0 & 4 \end{array}$$

Compreende quatro espécies e algumas subespécies ainda controversas, das quais somente uma ocorre no Estado de São Paulo.

Bradypus tridactylus brasiliensis Blainville

Bradypus brasiliensis BLAINVILLE, 1839, *Osteographie*, Brad., t. 2 e 3.

Arctopithecus blainvillii GRAY, 1869, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 71; idem, 1869, *Catalogue Edentata in the British Museum*, pg. 365.

Bradypus palidus PELZELN, 1883, *Brasilische Säugethiere*, pg. 97 (Ipanema, Estado de São Paulo).

Arctopithecus tridactylus H. IHERING, 1894, *Os Mamíferos de São Paulo, Catalogo*, pg. 16.

LOCALIDADE TÍPICA: Rio de Janeiro (1).

NOMES VULGARES: "Preguiça", "Preguiça de bentinho".

As preguiças amazônicas do gênero *Bradypus* diferem bastante das preguiças da zona litorânea do Brasil meridional, o que foi reconhecido por O. THOMAS em 1917 (2) que as separou em várias espécies. . . .

A forma típica *Bradypus tridactylus tridactylus* LINNAEUS (3) se não tem grande diferença no colorido geral do corpo, distingue-se ime-

1) O. THOMAS, 1917, *Some notes on the three-toed Sloths*; *Ann. Mag. Nat. History*, série 8, vol. XIX, pg. 352.

2) Designada por THOMAS, idem, pg. 354.

3) Localidade típica: América do Sul, restrita por THOMAS ao Surinan; *Proceed. Zool. Soc. London*, 1911, pg. 132.

diatamente em ter o "especulum" com o colorido alaranjado vivo e o crânio maior; a região frontal é muito mais intumescida.

Os dentes, embora sujeitos a variações, apresentam-se de tamanho normal, sendo os pseudo caninos maiores que os molares e os pseudo-incisivos muito menores.

Os machos adultos desta forma litorânea medem de 56 a 60 centímetros de comprimento do focinho à raiz da cauda que é rudimentar, medindo apenas de 3 a 5 centímetros.

O colorido geral é cinza claro, mais escuro na cabeça; fronte branco-amarelada; na região ocular, duas listras quase pretas que se prolongam até o pescoço; focinho preto.

Região dorsal cinza esbranquiçada e região lombar com largas manchas branco-sujas que se prolongam até as pernas.

Os machos adultos possuem uma singular mancha amarelada na região dorsal (especulum), atravessada por uma listra preta. As fêmeas são distituidas desse carácter.

Esta raça é bem comum em todas as grandes matas do litoral do Brasil meridional, parecendo estender-se do Espírito Santo a Santa Catarina.

Animais exclusivamente arbóreos, entretanto não temem nadar como erroneamente acreditaram alguns autores antigos, pois conforme as observações de BEEBE, (1) são capazes de atravessar rios mesmo muito largos em busca de seu alimento predileto, folhas das várias espécies de "embaubas" (*Cecropia*).

MEDIDAS CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Largura zigomát.	Largura interorb.	Compr. patatal	Série dent. superior
4287 ♂ Pernambuco	74	70	50	23	20	26
5426 ♀ Pará	74	70	47	23	21	26
1869 ♂ Ubatuba — S. Paulo	75	72	48	25	20	25.
3534 ♂ Santos — S. Paulo	76	73	49	26	20	20
3535 ♀ São Paulo	74	72	48	25	20	26
6639 ♀ Londrina — Paraná	81	76	49	26	21	28

1) WILLIAM BEEBE, 1926, The three-toed Sloth; Zoologica, Scientific Contributions of the New York Zoological Society, New York, vol. VII, pg. 1.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- Nos. 3535 e 3687, ♀ ♀, São Bernardo, São Paulo, LIMA col., 1919 (peles abertas).
 Nos. 3421, 3253 e 2819, Altos do Ipiranga, LIMA col., 1906 e 1930 (peles abertas).
 Nos. 1812 e 1892, ♂ ♂; 1869, ♀, Ubatuba, Estado de São Paulo, GARBE col., 1906 (peles abertas).
 N.º 3534 ♂, município de Santos, São Paulo, GARBE col., 1906 (pele aberta).
 N.º 6460 ♂, município de Guaratinguetá, São Paulo, oferta do Instituto Butantã, 1944 (pele cheia).
 Nos. 6461 e 6462, ♂ ♂, Cubatão, São Paulo, oferta do Instituto Butantã, (peles cheias).
 N.º 6639 ♀, município de Londrina, Estado do Paraná, comprado, junho de 1946 (pele cheia).

Super-família M Y R M E C O P H A G O I D E A

Família MYRMECOPHAGIDAE

Gênero MYRMECOPHAGA Linnaeus

Myrmecophaga LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, pg. 35.

GENÓTIPO: *Myrmecophaga tridactyla* LINNAEUS (1)

Crânio muito alongado, cilíndrico; ossos nasais muito mais longos que a caixa craniana; arcada zigomática incompleta; ausência absoluta de processos post-orbitais; ossos palatais extremamente alongados; mandíbula também muito alongada e delgada, com sínfise muito curta e nenhum processo coronoide distinto.

Mãos com quatro dedos dos quais o terceiro e o quarto são muito desenvolvidos, com unhas extremamente alongadas, recurvas e aguçadas como garras. Orelhas muito pequenas, ovais e erectas; olhos muito reduzidos.

Pêlos longos, ásperos e flácidos; cauda não preensil, tão longa quanto o corpo e recoberta de espessa pelagem.

Compreende uma única espécie, com duas subespécies: a típica *M. tridactyla tridactyla* LINNAEUS, da América do Sul e *M. tridactyla centralis* da América Central.

Myrmecophaga tridactyla tridactyla Linnaeus

Myrmecophaga tridactyla LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. edição, pg. 35.

Myrmecophaga jubata LINNAEUS, 1766, Systema Naturae, 12a. edição, pg. 52; GRAY, 1869, Catalogue of Edentata in the British Museum, pg. 390; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 104 (Ipanema, Itararé, Rio Jaurú e Cuiabá); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 11; GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 131; H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 17.

Myrmecophaga tridactyla M. RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 48 (Piroculuina, Mato Grosso); YEPES, 1928, Los "Edentata" Argentinos, pg. 51; LÖNNBERG, 1942, Notes on Xenarthra from Brasil and Bolivia (rio Tapajóz, rio Madeira e rio Beni).

1) THOMAS, 1901, American Naturalist, XXXV, pg. 575, selecionou *Myrmecophaga tridactyla* para este gênero, ficando *Myrmecophaga didactyla* para o gênero *Cyclopes* e *M. tetradactyla* para *Tamandua*.

LOCALIDADE TÍPICA: Pernambuco (1).

NOMES VULGARES: "Tamanduá bandeira", "Tamanduá guaçú", "Tamanduá cavalo".

Colorido geral de tonalidade cinza muito escura, mesclada de branco.

Da nuca à cauda, pêlos muito compridos e eriçados, formando uma espécie de juba. Pernas dianteiras esbranquiçadas e pernas posteriores pretas; flancos esbranquiçados; duas faixas pretas do peito ao dorso, bordadas por duas estreitas faixas brancas.

Cauda tão longa quanto o corpo e com pêlos de coloração cinza escura, mesclados de pelos esbranquiçados muito longos e flácidos.

Os onze exemplares adultos do Departamento de Zoologia, de ambos os sexos e de diferentes regiões do Brasil, nenhuma diferença apreciável de colorido apresentam.

Os jovens são muito esbranquiçados, principalmente na cabeça e na cauda.

Esta forma típica é distribuída por todas as regiões tropicais e subtropicais da América do Sul, sendo seu limite meridional o norte do Rio Grande do Sul, Paraguai e norte da Argentina.

Foi outrora comum nos campos do Estado de São Paulo, onde cada vez mais escasseia, estando ameaçado de completa extinção.

Na América Central ocorre a raça *Myrmecophaga tridactyla centralis* LYON que difere desta em ter o focinho mais curto e apresentar notáveis diferenças cranianas.

MEDIDAS CRANIANAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Compr. palatal	Maior larg. caixa craniana	Compr. nasais	Largura interorb.	Compr. mandíb.
3683 ♂ .	370	368	330	65	170	47	350
1170 ♂ .	368	366	325	61	170	47	330
3727 ♀ .	370	368	325	60	180	46	330
5275 ♀ .	350	348	310	60	170	46	310

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1170, 1172 e 1173, ♂ ♂, Itararé, Estado São Paulo, GARBE col., 1903 (peles abertas).

Nos. 3377, 3683 e 3684, ♂ ♂, Estado de Mato Grosso, oferta, 1922 (peles abertas).

N.º 4064, São João da Boa Vista Estado de São Paulo, oferta, 1935 (pele aberta).

1) THOMAS em 1911, Proceedings of Zoological Society of London, pg. 132, fixou Pernambuco como localidade típica, por ser *Myrmecophaga tridactyla* baseada no "Tamanduá guacú" de MARCGRAF.

Nos. 2415 e 2416, Rio Doce Estado Espírito Santo, GARBE col., 1906 (peles abertas).

N.º 4132, Cana Brava, Estado de Goiaz, BLASER col., 1932 (pele aberta).

N.º 5275 ♀, Lago Canaçari, Amazonas, OLLALA col., 1937 (pele aberta).

N.º 3727 ♀, Pto. Sapé, rio Pardo, Mato Grosso, LIMA col., 1927 (crânio).

Gênero TAMANDUA Frisch

Tamandua FRISCH, 1775, Das Natur-System Vierfüß, Thiere in Tab. pl. V.

GENÓTIPO: *Myrmecophaga tetradactyla* LINNAEUS.

Crânio cilindriforme, semelhante ao do precedente gênero, porém com os ossos nasais mais curtos que a caixa craniana.

Orelhas bem maiores, focinho mais curto e reto; pêlos curtos e cerdosos.

Cauda arredondada e preensil, recoberta em mais da metade de pêlos hirsutos, terminada em ponta escamosa.

Mãos com quatro dedos munidos de fortes unhas, das quais a do terceiro é muito grande e forte; pés com cinco dedos munidos de unhas menores e mais ou menos semelhantes.

Hábitos arborícolas em contraste com os de *Myrmecophaga* que são exclusivamente terrícolas.

Tamandua tetradactyla tetradactyla (Linnaeus)

Myrmecophaga tetradactyla LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, 10a. ed., pg. 35.

Myrmecophaga bivittata DESMAREST, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XII, pg. 107.

Tamandua bivittata GRAY, 1869, Catalogue Edentata in the British Museum, pg. 391; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 105 (Ipanema e Itararé, São Paulo); GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil pg. 132.

Tamandua straminea COPE, 1889, American Naturalist, vol. 23, pg. 132 (Brasil).

Myrmecophaga tetradactyla H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 12; idem, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catalogo, pg. 18.

Tamandua tetradactyla YEPES, 1928, Los "Edentata" Argentinos; Revista do Museu de Buenos Aires, série V, tomo I, pg. 52 (Corrientes e Chaco, Argentina); MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 46 (São Luiz de Cáceres, Mato Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Guianas¹

NOMES VULGARES: "Tamanduá colete", "Tamanduá-mirim".

Muito menor que a espécie precedente, alcança somente 62 centímetros da ponta do focinho à raiz da cauda que pode atingir até 50 centímetros.

Pelagem áspera; colorido da cabeça, membros anteriores e posteriores e parte da cauda, pardo amarelo luzidio; resto do corpo negro luzidio que se prolonga até o peito, em forma de duas faixas.

Cauda recoberta de pêlos pretos e amarelos, terminada em ponta escamosa de colorido muito escuro.

Nos exemplares jovens a cor amarela apresenta-se muito descorada, só se tornando brilhante à medida que o animal cresce.

Exemplares melânicos e albinos são comuns nas formas amazônicas e muito mais raras nas do Brasil central e meridional.

1) Designada por TATE, 1939 Mammals of The Guiana Region; Bull. Amer. Museum of Natural History, vol. LXXVI, pg. 171.

A distribuição geográfica deste pequeno tamanduá excede a de *Myrmecophaga tridactyla* pois existe desde o México e América Central, por toda a América do Sul, até o norte da Argentina e Uruguai.

E' bem conhecido por todo o litoral e interior do Estado de São Paulo onde ainda existam grandes matas, pois sendo animal exclusivamente arborícola tende a desaparecer com a devastação das mesmas.

Tendo tão vasta distribuição, várias espécies e raças têm sido descritas baseadas em variações cranianas, diferenças de coloração e até no tamanho das orelhas e da cauda.

São atualmente consideradas válidas no Brasil, além de *Tamandua tetradactyla tetradactyla* LINNAEUS, mais *Tamandua tetradactyla chapadensis* THOMAS, do norte de Mato Grosso e *Tamandua tetradactyla longicaudata* (WAGNER) do oeste do Amazonas. (1)

MEDIDAS COMPARADAS

N.º	Compr. total	Compr. condilo basal	Compr. palatal	Maior larg. caixa craniana	Largura inter-orbital	Compr. mandíb.
5440 ♂ Cameté	132	133	115	42	26	110
5234 ♀ Cameté	131	125	118	42	26	110
4989 ♂ Santa Cruz — Rio Juruá	143	136	119	41	26	120
5138 ♀ Santa Cruz — Rio Juruá	140	131	115	41	24	115
6334 ♂ Cuiabá — Mato Grosso	132	128	112	41	26	112
6335 ♀ Cuiabá — Mato Grosso	127	123	117	40	26	105
5765 ♂ Juquiá — S. Paulo	145	141	125	40	27	120
1769 ♂ Piracicaba — S. Paulo	132	130	115	40	25	110
1442 ♂ S. Lourenço — R. G. Sul	138	135	118	50	30	115

1) KRUMBIEGEL, em 1940 (Zool. Anzeiger band 131, pg. 161) descreveu uma nova espécie que denominou *Tamandua kriegi* baseada em exemplares do norte da Argentina, Paraguay e Rio Grande do Sul.

LÖNNBERG (Arkiv for Zoologi, 1943, band 34, pg. 43) considera-a apenas raça de *Tamandua tetradactyla*.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- Nos. 54, 1813, ♂♂; 1862, ♀; Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1905 (peles abertas).
 N.º 792 ♀, Franca, São Paulo, Dreher col., 1902 (pele aberta).
 N.º 1823 ♀, Avanhandava, São Paulo, Dreher col., 1902 (pele aberta).
 N.º 4062 ♀, São João da Boa Vista, São Paulo, dádiva, 1915.
 N.º 5765 ♂, Juquiá, São Paulo, oferta Dr. F. LANE, 1942 (pele cheia).
 N.º 2463 ♀, Estado do Paraná, GARBE col., 1907.
 Nos. 3111 ♂ e 3065 ♀, Pirapóra, Minas Gerais, GARBE col., 1912 (peles abertas).

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE *MARSUPIAIS DO BRASIL MERIDIONAL*

- | | |
|---|--------------------|
| 1 — Fêmeas com bolsa marsupial imperfeita ou inteiramente ausente | 1 |
| Fêmeas com bolsa marsupial completamente desenvolvida | 2 |
| 1 — Com vestígios de bolsa marsupial | 3 |
| Sem vestígios de bolsa marsupial | 4 |
| 3 — Com orelhas grandes e inteiramente nuas | 5 |
| Com orelhas pequenas e em parte revestidas de pêlos .. | <i>LUTREOLINA</i> |
| 5 — Pêlos curtos, cauda quase inteiramente nua e escamosa <i>METACHIRUS</i> | |
| Pêlos compridos e lanosos; metade da cauda revestida de pêlos | <i>CALUROMYS</i> |
| 4 — Cauda maior que o comprimento do corpo | <i>MARMOSA</i> |
| Cauda menor que o comprimento do corpo..... | <i>MONODELPHIS</i> |
| 2 — Com pés palmados | <i>CHIRONECTES</i> |
| Com pés não palmados | 6 |
| 6 — Maiores (pé posterior com mais de 40 mm); pêlos do dorso hirsuto e de colorido preto ou esbranquiçado | <i>DIDELPHIS</i> |
| Menores (pé posterior com menos de 40 mm); pêlos do dorso macios e de colorido cinza | <i>METACHIOPS</i> |

Ordem *MARSUPIALIA*Super-família *DIDELPHOIDEA*Família *DIDELPHIIDAE*Gênero *DIDELPHIS* Linnaeus (1)

Didelphis LINNAEUS, 1758, Systema Naturae, I, pg. 54.

GENÓTIPO: *Didelphis marsupialis* LINNAEUS.

Compreende os maiores marsupiais da América.

Fêmeas com bolsa ventral completamente desenvolvida e com onze a treze mamas dispostas em forma de ferradura.

Orelhas grandes, ovais, nuas e membranosas; focinho comprido e pontudo, munido de grandes vibrissas; membros curtos; cauda longa e prensil, nua e escamosa, excepto na base que é revestida de pêlos.

Pés e mãos com cinco dedos munidos de fortes unhas, excepto os polegares dos pés que são curtos, grossos e oponíveis aos outros.

Pelagem espessa e macia, entremeada de compridas e ásperas cerdas.

1) Muitos autores corrigiram a grafia original *Didelphis*, evidentemente um erro tipográfico (PALMER, 1904, Index Genera Mammalium) para *Didelphys*. Conforme a Opinião n.º 91 da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, 1929, entretanto *Didelphis* foi colocado na lista oficial de nomes genéricos.

Crânio com crista sagital muito desenvolvida nos indivíduos velhos e caixa craniana muito estreita.

A fórmula dentária deste gênero como aliás a de todos os outros

$$\text{desta família é a seguinte: } i \frac{5}{4} - c \frac{1}{1} - pm \frac{3}{3} - m \frac{4}{4} = 50$$

Incisivos pequenos e cortantes; caninos grandes; premolares com corôas compridas e cortantes, assim como os molares.

Compreende sete espécies e várias subespécies, largamente distribuídas por toda a América, das quais somente três ocorrem no Brasil: *Didelphis marsupialis* LINNAEUS, da Amazônia e Nordeste; *Didelphis aurita* WIED e *Didelphis paraguayensis* OKEN, ambas comuns por todo o Brasil Meridional.

Didelphis aurita Wied

NOMES VULGARES: “Gambá”, “Raposa” (Brasil Meridional); “Mucura” (Norte).

Didelphis aurita WIED, 1826, Beitrage zur Naturgeschichte Brasiliens II, pg. 393; BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, III, pg. 130; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 109 (Ipanema e Rio de Janeiro); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 10; GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 138; H. IHERING, 1914, Revista do Museu Paulista, vol. I, pg. 343; MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 336.

Didelphis koseritzi H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 99; idem, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 10

Didelphis cancrivora BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, III, pg. 120.

Didelphis marsupialis var. típica O. THOMAS, 1882, Catalogue Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 323 (em parte).

Didelphis marsupialis aurita J. A. ALLEN, 1902, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XVI, pg. 265 (Brasil Meridional).

LOCALIDADE TÍPICA: Vila Viçosa, rio Peruibe, Espírito Santo.

A pelagem apresenta duas qualidades de pêlos diferentes na estrutura e no colorido: curtos e lanosos, de cor branco-creme, ásperos e compridos, com extremidades negras, principalmente ao longo do dorso.

Os pêlos dos membros anteriores e posteriores porém têm somente cor negra. Nesse caso, o animal apresenta colorido geral cinza muito escuro, quase negro.

Nos indivíduos mais jovens, os longos pêlos do dorso apresentam-se alvadios, tendo então o animal a coloração geral cinza esbranquiçada.

As orelhas são grandes e largas, nuas e inteiramente negras.

A cabeça também revestida de pêlos bicolores apresenta coloração mais ou menos esbranquiçada, com uma listra enegrecida do focinho à nuca. Sobre os olhos duas manchas esbranquiçadas. Focinho e beijos cor de carne, sendo aquele revestido de compridas vibrissas negras.

Cauda de comprimento igual ao da cabeça e corpo, nua escamosa, negra na metade basilar e cor de carne na extremidade.

Tem larga distribuição pelo sudoeste do Brasil, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul. E' muito comum por todo o Estado de São Paulo, sendo encontrado até mesmo em cidades populosas.

MEDIDAS EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condão basal	Larg. bizigom.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
6146 ♂	420	392	111	110	60	54	24	37	92
6204 ♀	415	375	101	99	55	50	22	31	84
2573 ♂	—	—	120	118	65	56	24	36	97
4278 ♂	—	—	120	118	66	57	24	38	97
3494 ♂	—	—	115	111	62	56	25	38	92
1651 ♂	—	—	110	98	60	48	21	35	82
271 ♀	—	—	103	111	54	49	22	36	82

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- Nos. 18, 19 e 20, juv.; 639, 2573, 3709 e 4278, ♂ ♂; 4318, ♀, Ipiranga, São Paulo; LIMA e BICEGO col., 1896 e 1926.
 Nos. 21, 22, 23 e 24, Ipanema, São Paulo, BICEGO col., 1896.
 Nos. 129, 130 e 131, ♂ ♂; 134 ♀; Piquete, São Paulo, BICEGO col., 1897.
 Nos. 44 e 87, ♂ ♂, São Sebastião, São Paulo, BICEGO col., 1896.
 Nos. 1809 e 1800, ♀ ♀, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1905.
 Nos. 2989, 2990 e 2991, ♂ ♂, Ituverava, São Paulo, GARBE col., 1911.
 Nos. 3707 e 3708, ♂ ♂, Itatiba, São Paulo, LIMA col., 1926.
 Nos. 6163 e 6164, ♂ ♂, Lins, São Paulo, OLALLA col., 1941.
 Nos. 6546, ♂, São Francisco Xavier, Est. São Paulo, DENTE col., 1944.
 Nos. 6204 ♂ e 6205 ♀, Santa Teresa, Espírito Santo, OLALLA col., 1942.
 N.º 3494 ♂, Bahia, GARBE col., 1919.
 N.º 2732 ♀, Teófilo Otoni, Minas Gerais, GARBE col., 1908.
 Nos. 1661, 1662 e 2808, ♂ ♂, Serra de Macaé, Rio de Janeiro, GARBE, col. 1909.
 N.º 168, Santa Catarina, GROSSMANN col., 1904.
 Nos. 1651 ♂ e 271 ♀, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1904.

Didelphis paraguayensis Oken

- Didelphis paraguayensis* OKEN, 1816, *Leherbuch der Naturgeschichte*, Theil III, Abt. II, pg. 1147.
Didelphis azarae TEMMINCK, 1827, *Monogr. Mamm.*, vol. I, pg. 30; BURMEISTER, 1854, *Thiere Brasiliens*, III, pg. 61; H. IHERING, 1893, *Os Mamíferos do Rio Grande do Sul*, pg. 98; GOELDI, 1893, *Os Mamíferos do Brasil*, pg. 138.
Didelphis poecilotis PELZELN, 1883, *Brasilisch Säugethiere*, pg. 109 (Cuiabá, Mato Grosso).
Didelphis marsupialis var. *azarae* THOMAS, 1888, *Catal. Marsupialia and Monotremata in the British Museum*, pg. 328 (Taquara, Rio Grande do Sul).

Didelphis albiventris LUND, 1841, Blik Bras. Dansk. Afh., VIII, pg. 326 (Lagoa Santa, Minas Gerais); H. IHERING, 1914, Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 345 (Estado de São Paulo).

Didelphis paraguayensis J. A. ALLEN, 1902, Bull. Amer. Museum Nat. History, XVI, pg. 267 (em parte); H. IHERING, 1914, Revista do Museu Paulista, tomo IX, pg. 344; M. RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Marsupialia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 339.

LOCALIDADE TÍPICA: Assuncion, Paraguay.

NOMES VULGARES: "Gambá, "Raposa".

Menor que a espécie precedente e muito semelhante no aspecto e no colorido geral.

As principais diferenças, além do tamanho, são as seguintes: orelhas menores, esbranquiçadas e ligeiramente róseas, tendo apenas as bases escuras; cabeça e pescoço brancos, com forte listra preta do focinho à nuca, confundindo-se com o dorso escuro; ao redor dos olhos, manchas também pretas.

A coloração da pelagem do corpo é semelhante à das espécies precedentes e sujeita a variação individual, não sendo raro encontrar-se exemplares quase negros e exemplares semi-albinos, isto é, inteiramente esbranquiçados.

Esta espécie é de maior distribuição, sendo conhecida desde o centro e norte do Brasil (1) até o Rio Grande do Sul e norte da Argentina. E' bem comum por todo o Estado de São Paulo.

MEDIDAS EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. bizigom.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
6170 ♂	320	283	80	78	45	39	16	27	62
6172 ♂	322	283	81	80	43	38	16	28	65
3717 ♂	370	285	89	86	48	38	17	29	70
3719 ♂	380	290	91	88	50	40	20	29	74

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 3716, 3717 e 3719, ♂ ♂; Presidente Epitácio, São Paulo, LIMA col., 1906.

N. 4085, ♂, Cananéa, São Paulo, CAMARGO col., 1934.

Nos. 6167 e 6168, ♀ ♀; 6169, 6170, 6171 e 6172, ♂ ♂; Lins, São Paulo, OLALLA col., 1941.

Nos. 6473 e 6474, ♂ ♂, Estado de São Paulo, oferta do Inst. Butantã, 1944.

Nos. 36, 88 e 2036, ♂ ♂, São Lourenço, Rio Grande do Sul, sem data.

N.º 3779 ♂, Campo Grande, Mato Grosso, LIMA col., 1936.

N.º 3712 ♀, Marituba, Maranhão, SCHWANDA col., 1914.

N.º 2605, ♀, Vila Nova, Bahia, GARBE col., 1906.

Nos. 4133 e 4134, ♀ ♀, Goiaz, BLASER col., 1933.

1) Cf. MOOVÉN, 1943, Boletim do Museu Nacional, n. 1, pg. 2.

Gênero **METACHIROPS** Matschie

Metachirops MATSCHIE, 1816 Uebersicht Untergattungen der Didelphiden Sitzber. Gesellsch. Naturf. Freunde Berlin, n.º 8, pg. 528.

GENÓTIPO: *Didelphis opossum* LINNAEUS.

Bolsa marsupial bem desenvolvida e com sete mamas.

Pelagem curta, espessa e macia, sem cerdas compridas sobre o dorso como em *Didelphis*. Facinho pontudo, orelhas de regular tamanho, nuas e arredondadas; olhos muito salientes com mancha branca muito nítidas sobre cada um deles. Cauda nua e escamosa em quase toda sua extensão.

Crânio robusto, com arcadas zigomáticas largas e crista sagital saliente.

Processos post-orbitais bem desenvolvidos; nasais compridos, mais largos posteriormente. Palatal alongado, com quatro forâmens característicos.

Das várias raças de *Metachirops opossum* existentes, apenas duas ocorrem no Brasil:

Metachirops opossum opossum LINNAEUS, maior e de colorido mais vivo, própria da Amazônia e norte do Brasil; *Metachirops opossum quica* (TEMMINCK), menor, ocorre no Brasil central e meridional.

Metachirops opossum quica (Temminck)

Didelphis quica TEMMINCK, 1827, Monographie des Mammifères, I, pg. 36; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 110 (Sapitiba, Rio de Janeiro; Ipanema, São Paulo).

Didelphis (Metachirus) opossum THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 329 (em parte).

Metachirus opossum H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 10; idem, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 6 (Mundo Novo, Estado do Rio Grande do Sul).

Didelphis (Metachirus) quica GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 399.

Metachirops opossum quica J. A. ALLEN, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XXXV, pg. 562 (Urucum, Mato Grosso); MIRANDA RIBEIRO, 1936, Marsupialia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 340 (Terezópolis, Rio de Janeiro).

NOMES VULGARES: "Cuica", "Quaiquica".

LOCALIDADE TÍPICA: Sapitiba, Rio de Janeiro.

Colorido das partes superiores cinza com reflexos prateados, muito escuro no dorso e na cabeça; muito mais claro nos flancos e membros; partes inferiores creme com tons amarelados, cor esta acentuada na região ventral.

Cabeça cinza muito escura, da nuca à extremidade do focinho duas manchas brancas sobre os olhos; bochechas e mento, branco-amarelado; cerdas do focinho muito compridas e negras.

Pêlos da base da cauda da mesma cor do dorso; parte nua da cauda em quase toda sua extensão, preta; extremidade branco-amarelada.

Como os gambás, esta cuica é muito comum tanto na zona litorânea como no interior do Estado de São Paulo.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomat.	Comprim. nascis	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandib.
6543 ♂	270	320	70	69	40	30	14	22	54
6190 ♀	250	290	63	62	32	29	12	22	49
1781 ♂	260	310	67	65	33	30	12	23	50
124 ♀	250	290	65	64	31	29	12	22	50
6207 ♀	—	—	66	64	33	30	12	23	51

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 123, 124 e 3513, ♀ ♀, Piquete, São Paulo, ZECH col., sem data.
 N.º 1781 ♂, Alto da Serra " " GUNTHER col., 1905.
 N.º 2843 ♀, Avanhandava " " GARBE col., 1910.
 N.º 6190 ♀; 6303, 6304, ♂ ♂, Monte Alegre, São Paulo, J. LIMA col., 1944.
 N.º 6285 ♀, Mogí das Cruzes, São Paulo, LIMA col., 1943.
 N.º 6372 ♂, Butantã, São Paulo, oferta 1944.
 N.º 6373 ♂, Serra da Cantareira, São Paulo, oferta, 1944.
 N.º 4543 ♂, Iporanga, São Paulo, DENTE col., 1944.
 N.º 3512, 3513 e 3514, ♀ ♀, Rio Matipóo, Minas Gerais, J. P. FONSECA col., 1919.
 N.º 6206 ♂ e 6207 ♀, Santa Teresa, Espírito Santo, OLALLA col., 1942.
 Nos. 6342 ♂ e 6343 ♀, Palmeiras, Mato Grosso, AGGIO col., 1944.

Gênero *CHIRONECTES* Illiger

Chironectes ILLIGER, 1811, Prodrömus Systema Mammalium et Avium.

GENÓTIPO: *Lutra minima* ZIMMERMANN.

Com bolsa marsupial completa, é caracterizado pelos pés posteriores palmados e pela presença nos pés anteriores de tubérculos proeminentes formados pela dilatação dos ossos pisciformes, que simulam um sexto dedo rudimentar.

Pêlos curtos, espessos e macios; cerdas do focinho muito desenvolvidas; orelhas grandes, nuas e arredondadas.

Cauda maior que o comprimento da cabeça e do corpo, grossa, recoberta de pêlos na base, nua em quase toda a extensão, recoberta de escamas, entre as quais nascem pequeninos pêlos quase imperceptíveis.

Dedos dos pés posteriores inteiramente reunidos por membrana interdigital.

Crânio muito semelhante ao do gênero *Didelphis* com processos post-orbitais bem desenvolvidos, crista sagital saliente nos adultos, arcadas zigomáticas bem expandidas lateralmente.

Dentes também muito semelhantes aos de *Didelphis* sendo porém os caninos menores em proporção.

E' a única forma de marsupial adaptada à vida aquática.

Chironectes minimus (Zimmermann)

Lutra minima ZIMMERMANN, 1780, Geograph. Geschichte, vol. II, pg. 317.

Chironectes minimus THOMAS, 1888, Cat. Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 368 (Pará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul); MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 390 (Pará, Estado do Rio de Janeiro e Santa Catarina).

Chironectes variegatus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 118 (Ipanema, São Paulo).

Chironectes palmatus GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 139; H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 12; idem, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 8 (Serra do Herval, Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Caiena, Guiana Francesa.

NOMES VULGARES: “Cuica água” (São Paulo); “Cuica-pé-de-pato”, “Quiara”, “Mucura chichica” (Amazônia).

Colorido geral cinza-esbranquiçado, malhado de preto nas partes superiores; branco-amarelado nas inferiores.

Cabeça preta na nuca e no focinho, cortada transversalmente por uma faixa branco-acinzentada na região frontal, de uma orelha à outra, sobre os olhos.

Quatro largas malhas pretas sobre os ombros, meio do corpo e região sacra, todas unidas ao longo do espinhaço por uma estria também preta.

Orelhas intensamente pretas, assim como as compridas cerdas do focinho.

Todas as partes inferiores, do mento e garganta até a região anal, inteiramente brancas, às vezes com tons amarelados.

A comprida e robusta cauda é toda negra, com diminuto espaço branco na extremidade.

Espécie largamente distribuída por toda a América do Sul, é rara no Estado de São Paulo onde é pouco conhecida das populações do interior.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. bizgom.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
3916 ♂	280	350	70	68	40	33	14	28	57
4654 ♂	270	340	70	67	41	33	14	28	57
4664 ♀	305	340	70	66	40	35	14	27	57
4837 ♂	350	360	70	66	40	34	14	27	56

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1007 e 2819, ♂ ♂, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1903 e 1910.

Nos. 3020 e 3021, Poços de Caldas, Minas Gerais, 1912.

N.º 3916, ♂, Inhumas, Goiaz, JOSÉ LIMA col., 1934.

N.º 6583 ♀, Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, TRAVASSOS FILHO col., 1945.

Nos. 4654, 55, 56, 58 e 6759, ♂ ♂; 4671, 72, 73, 74, 4755, 56 e 4837, ♀ ♀, Cametá, Estado do Pará, OLALLA col., 1935.

Gênero **CALUROMYS** J. A. Allen

Caluromys, 1900, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. III, pg. 188.

Philander THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the Collection of the British Museum, pg. 336 (subgênero).

Mallodelphis THOMAS, 1920, Ann. Mag. Nat. History, série 8, vol. 3, pg. 195 (em parte).

GENÓTIPO: *Didelphis philander* LINNAEUS.

Com bolsa rudimentar em forma de pregas laterais; pêlos abundantes, espessos e lanosos; cabeça pequena, focinho pontudo; olhos muito grandes.

Tamanho mediano; orelhas grandes; cauda mais comprida que a cabeça e o corpo, quase toda nua.

Crânio curto e largo, com processos post-orbitais bem desenvolvidos; arcada zigomática larga, bem expandida e contorcida; crista sagital ausente mesmo nos machos adultos (como no gênero *Marmosa*); ossos nasais alargando-se bastante posteriormente; palato sem grandes foramens posteriormente.

Caninos grandes e compridos, premolar muito reduzido.

Compreende três espécies na América do Sul, das quais duas ocorrem no Estado de São Paulo.

Caluromys philander dichrurus (Wagner)

Didelphys dichrura WAGNER, 1842 Archiv fur Naturgeschichte, VIII, pg. 358; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 112 (Ipanema, São Paulo).

Didelphys (Philander) philander THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 357 (em parte).

Metachirus philander H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 11.

Caluromys philander M. RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 358 (em parte).

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Colorido geral pardo-acinzentado nas partes superiores do corpo e amarelado nas inferiores.

Cabeça com colorido pardo mais intenso na nuca, de onde parte uma estria escura longitudinal até a extremidade do focinho; região supra-ocular ligeiramente esbranquiçada; bochechas, mento, garganta, peito e região ventral amarelados. Nas fêmeas, o abdômen é ferrugíneo.

Pernas e pés cinzentos; cauda pardacenta, salpicada de branco-carneio em toda a sua extensão; extremidade da mesma cor.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Compr. im. condil. basal	Larg. zigomat.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandib.
6670 ♂	200	240	45	43	26	20	9	14	33
6361 ♂	210	250	—	—	—	—	—	—	—
122 ♀	210	250	47	46	28	21	9	15	35

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 122 ♀, Pequete, São Paulo, ZECH col., 1897.
 N.º 2142, Ilha de São Sebastião, GUNTHER col., VIII-1906.
 N.º 6361, ♂, Butantã, São Paulo, oferta do Dr. FLAVIO FONSECA, 1944.
 N.º 6670, ♂, Ibití, São Paulo, LIMA col., II-1947.

Caluromys laniger laniger (Desmarest)

- Didelphys laniger* DESMAREST, 1820, Mammalogie, pg. 258.
Didelphis lanigera THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 339 (em parte).
Monodelphis lanigera MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 354 (em parte).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

Maior que a precedente espécie, distinguindo-se pela comprida e espessa pelagem e pela esquisita cauda que é recoberta de pêlos em mais da metade de sua extensão na parte superior e somente em sua base na parte inferior.

Pêlos lanosos e macios, muito compridos no dorso inferior e na base da cauda, muito mais curtos na cabeça.

Colorido geral das partes superiores pardo-ferrugíneo, mesclado de cinza; partes inferiores pardo-cinéreas; região ventral ferrugínea.

Orelhas grandes, nuas e de cor sepíacea; cabeça ferrugínea na nuca e na região ocular; esbranquiçada nas bochechas e no focinho que é revestido longitudinalmente por uma estria ferrugínea escura; pêlos da cauda da mesma cor do dorso; parte da nuca parda com manchas esbranquiçadas.

A raça amazônica *Caluromys laniger ochropus* WAGNER distingue-se desta em ser maior e ter a coloração geral muito mais avermelhada.

DIMENSÕES: n.º 3.766 ♂, cabeça e corpo 250; cauda 320; crânio: comprimento total 55; largura bizigomática 32; comprimento dos nasais 26; largura interorbital 11; série molares superiores 17; comprimento da mandíbula 40.

Exemplar único: n.º 3.766 ♂, Araraquara, Estado de São Paulo, oferta do Sr. PIO L. CORRÊA, XI-1930.

Gênero MARMOSA Gray

- Marmosa* GRAY, 1821, London Medical Repository, XV, pg. 308.
Micoureus (subgênero de *Didelphis*) THOMAS, 1888, Catalogue of Edentata and Monotremata in the British Museum, pg. 340.

GENÓTIPO: *Didelphis murina* LINNAEUS (por monotipia).

Abrange este gênero formas medianas e minúsculas de marsupiais americanos.

Orelhas de regular tamanho ou grandes; cauda comprida, quase toda nua e preensil; pelagem macia e quase sempre lanosa.

Sem bolsa marsupial, apresenta de sete a dezenove mamas dispostas circularmente ou em duas séries paralelas.

Crânio com caixa craniana bem desenvolvida, quase sempre desprovida de processos post-orbitais ou apenas com vestígios.

Dentes robustos; caninos de tamanho moderado; terceiro molar superior quase sempre maior que o primeiro.

Compreende para mais de cinquenta espécies distribuídas desde o centro do México para o sul, através de toda a América Meridional, até a Patagônia.

Destas, somente dezoito estão representadas no Brasil, ocorrendo apenas quatro no Estado de São Paulo.

- A) Maior (comprimento da cabeça e do corpo com mais de 120 mm); colorido das partes superiores cinzento ou sem mescla *Marmosa cinerea paraguayana*
- B) Menores (comprimento da cabeça e do corpo com menos de 120 mm); colorido das partes superiores pardacento ou mesclado.
- a) Cauda comprida (com mais de 130 mm).
- b) Dorso canelino vivo *Marmosa microtarsus microtarsus*
- c) Dorso pardo cinza *Marmosa agilis agilis*
- d) Cauda mais curta (com 70 mm no máximo) *Marmosa velutina*

Marmosa cinerea paraguayana Tate

Marmosa cinerea paraguayana TATE, 1931, American Museum Novitates, n.º 493, pg. 1; idem, 1933, A Systematic of Genus *Marmosa*; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXVI, pg. 58.

Marmosa cinerea travassosi M. RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, pg. 366 (Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro)..

LOCALIDADE TÍPICA: Vila Rica, Paraguai.

E' a maior espécie do gênero, sendo provida nas partes superiores de pêlos compridos, muito finos e lanosos.

Dorso cinzento, levemente lavado de pardacento; partes inferiores pardo-amareladas; mãos e pés rosados.

Mancha preta ao redor de cada olho; focinho, bochechas, mento e garganta, pardacentos. Orelhas grandes e escuras.

Cauda de comprimento maior que a cabeça e o corpo, densamente pilosa somente na base; cerca de um terço de sua extensão escuro e o restante branco.

Distingue-se da raça típica *Marmosa cinerea cinerea* (TEMMINCK) cuja localidade tipo é o Morro da Arara, rio Mucuri, Estado do Espírito Santo, em ter o palatal muito mais curto e a arcada zigomática expandida.

Tambem difere no colorido do abdômen que é pardo muito mais intenso.

Marmosa cinerea cinerea é conhecida desde a ilha de Marajó, por todo o norte do Brasil e nordeste até o Estado do Rio de Janeiro.

Marmosa cinerea paraguayana, desde o Paraguai e o Brasil Meridional até o Rio Grande do Sul (1).

1) TATE, 1933, A Systematic Revision of the Genus *Marmosa*; Bull. Amer. Mus. of Nat. History, vol. LXVI, pg. 59.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. bizigom.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
1876 ♂	172	200	41	40	24	18	8	17	32
1875 ♂	172	200	43	42	25	20	8	16	33
1857 ♂	172	200	41	39	23	17	8	16	30
1856 ♂	172	200	42	40	23	19	7	16	31
3420 ♀	120	150	38	35	22	16	7	14	28

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 169 ♀, Itapetininga, São Paulo, BICEGO col., 1897.

N.º 1528 ♀, Baurú, São Paulo, GARBE col., 1901.

Nos. 1856, 1857, 1875, 1876, ♂ ♂; 1858, ♀, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1905.

N.º 3420, ♀, Joinville, Santa Catarina, 1904 (em álcool).

N.º 6429 ♀, Tambaú, São Paulo, oferta do Inst. Butantã, 1945.

Marmosa agilis agilis (Burmeister)

Grymaeomys agilis BURMEISTER, 1854, *Thiere Brasiliens*, I, pg. 139.

Grymaeomys pusillus WINGE, 1893, *Jordf. Nulevende Pungdyr Lagoa Santa*, E. Museu Lund, II, pg. 27 (Lagoa Santa, Minas Gerais; Paraguai).

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa, Minas Gerais.

Assemelha-se à precedente espécie no aspecto geral e no colorido, diferindo nos seguintes caracteres: tamanho pouco maior; orelhas e pés relativamente menores e alto da cabeça da mesma cor do dorso.

DIMENSÕES EXTERNAS: exemplar n.º 2.509 ♀; cabeça e corpo 110; cauda 130; pé posterior 16.

DIMENSÕES CRANIANAS: comprimento total 31; largura zigomática 17; comprimento dos nasais 11; menor largura interorbital 6; série de molares superiores 6; comprimento da mandíbula 23.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 384 ♂, Jaboticabal, Estado de São Paulo, J. LIMA col., 1897.

Nos. 2143, 2444 e 2509 ♀ ♀; 3363 e 2521, Ilha Vitória, São Paulo, GUNTHER col., 1906 e 1907.

Marmosa velutina (Wagner)

Didelphis velutina WAGNER, 1842, *Wiegmann Archiv für Naturgeschichte*, I, pg. 360; PELZELN, 1883, *Brasilische Säugethiere*, pg. 115 (Ipanema, São Paulo); O. THOMAS, 1889, *Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum*, pg. 352 (Ipanema, São Paulo).

Peramys velutina TROUSSART, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 856; TATE, 1933, A Revision of the Genus *Marmosa*; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVI, pg. 233 (Ipanema, São Paulo; Lagoa Santa, Minas Gerais).

Thylamys velutinus M. RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 388.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Colorido geral cinza-pardacento nas partes superiores; pardo-amarelado nas inferiores, principalmente no ventre.

Manchas ao redor dos olhos muito mais reduzidas que nas precedentes espécies do gênero.

Orelhas relativamente grandes e de cor pardo-escura. Cauda mais curta que o comprimento da cabeça e do corpo, bem grossa na base e de cor parda superiormente, esbranquiçada inferiormente.

Membros anteriores e posteriores da mesma cor do ventre.

DIMENSÕES EXTERNAS: n° 2431 ♂, comprimento total 95; cauda 85.

DIMENSÕES DO CRÂNIO: Comprimento total 26; côndilo basal 25; largura zigomática 14; comprimento dos nasais 12; menor largura inter-orbital 5; série dos molares superiores 9; comprimento da mandíbula 18.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 2431 ♂, São Paulo, FRIEDERICH col., IX-1906 (pele cheia e crânio).

N.º 6675 ♀, Butantã, São Paulo, MARTINS col., VII-1940 (pele cheia).

Marmosa microtarsus microtarsus (Wagner)

Didelphis microtarsus WAGNER, 1842, Archiv für Naturgeschichte, VIII, pg. 359; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 114 (Ipanema, São Paulo).

Didelphis pusilla DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XXVI, pg. 19; THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 348 (em parte).

Micoureus pusillus GOELDI, 1894, Proceedings of Zoological Society, of London, pg. 46, (Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro); H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 11.

Marmosa microtarsus MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 381 (Terezópolis e Minas Gerais).

Marmosa microtarsus microtarsus TATE, 1933, Systematic Revision of Genus *Marmosa*; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. LXVI, pg. 190 (Ipanema, Estado de São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

Colorido geral canelino vivo nas partes superiores, mais claro nos flancos e nas partes inferiores, principalmente no tórax e no ventre, que é cor de creme.

Alto da cabeça com o mesmo colorido do dorso, focinho muito mais claro; ao redor de cada olho, um anel preto que atinge as orelhas que são relativamente curtas e escuras. Pés anteriores e posteriores, de cor parda, muito clara.

Cauda nua desde a base, pardacenta e com pêlos quase imperceptíveis.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Comp. total do corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomal.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandib.
3009 ♀	83	98	25	24	15	10	5	8	20
1531 ♀	—	—	26	25	15	10	6	9	20
1536 ♀	80	95	24	23	14	9	5	6	17

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- Nos. 479, 1536 e 1537 ♀ ♂, Piracicaba, São Paulo, V-1907 (peles cheias e crânios).
 Nos. 1531 e 2445 ♀ ♀, Perús e Ipiranga, subúrbios da Capital, V-1897.
 N.º 3009 ♀, Ituverava, São Paulo (exemplar em álcool).
 N.º 1977 ♀, Ilha Grande, Rio de Janeiro, GARBE col., X-1905.

Gênero *METACHIRUS* Burmeister

Metachirus BURMEISTER, 1854, Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, I, pg. 135.

GENÓTIPO: *Didelphis myosurus* TEMMINCK = *Didelphis nudicaudatus* GEOFFROY (por subsequente designação de PALMER, 1904).

Assemelha-se bastante ao gênero *Metachirops*, mas distingue-se imediatamente pela ausência de bolsa marsupial nas fêmeas, sendo esta substituída por pregas laterais entre as quais acham-se nove mamas rodeadas de espessa pelagem.

Cauda mais comprida que a cabeça e o corpo, munida de pêlos ásperos em limitada extensão da base, o restante, escamoso.

Crânio diferindo de *Metachirops* em ter a região interorbital mais larga e os processos post-orbitais muito reduzidos ou mesmo ausentes conforme a idade do animal.

Dentes menores e mais fracos, principalmente os caninos.

Compreende uma única espécie: *Metachirus nudicaudatus* GEOFFROY, da qual distinguem-se duas subespécies: *Metachirus nudicaudatus nudicaudatus* GEOFFROY, norte do Brasil e Amazônia e *Metachirus nudicaudatus myosurus* (TEMMINCK) do Brasil meridional.

Metachirus nudicaudatus myosurus (Temminck)

Didelphis myosurus TEMMINCK, 1826, Monographie de Mammalogie, vol. I, pg. 38; WIED, 1826, Beitrage Naturg. Brasiliens, II, pg. 400 (Bahia); PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 111 (Ipanema, São Paulo).

Didelphis nudicaudata GRAY, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 332 (em parte); TROUESSART, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 584.

Metachirus myosurus H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 11.

Metachirus nudicaudatus J. A. ALLEN, 1916, Mammals of the Roosevelt Brazilian Expedition; Bulletin of American Museum of Natural History, vol. XXXV, pg. 562 (Tapirapoã, Mato Grosso).

Metachirus nudicaudatus myosurus M. RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 345.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

NÓME VULGAR: "Cuica".

Colorido geral pardo-acinzentado claro; partes superiores mais escuras; cabeça escura com duas manchas muito claras sobre cada um dos olhos; mento e garganta pardo-amarelado claro; peito e ventre da mesma cor.

Orelhas grandes, sem pêlos, arredondadas e escuras.

Patas anteriores e posteriores muito claras; cauda comprida, bem maior que o comprimento da cabeça e do corpo, pardo-acinzentada e com extremidade branca.

Esta raça distingue-se da típica *Metachirus nudicaudatus nudicaudatus* (GEOFFROY) do norte do Brasil em ser maior e ter coloração muito mais intensa.

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomat	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
1165 ♂	—	—	64	63	34	30	12	23	52
1874 ♀	—	—	60	59	30	27	10	22	45
1896 ♀	260	280	—	—	—	—	—	—	—
3158 ♀	230	260	—	—	—	—	—	—	—

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 471 ♂, Baurú, Estado de São Paulo, GARBE col., 1901.

N.º 3158 ♀, Lins, Estado de São Paulo, LIMA col., 1914.

N.º 1896 ♀, Araranguá, Estado de Santa Catarina, SCHILITLER col., 1905.

Gênero LUTREOLINA Thomas

Lutreolina THOMAS, 1910, Annals and Magazine Nat. History, série 8, vol. 5, pg. 247.

GENÓTIPO: *Didelphis crassicaudata* DESMAREST.

Caracteriza-se este gênero pela sua aparência musteloide; tamanho regular; corpo muito alongado; cabeça pequena e cônica; orelhas pequenas e peludas; membros curtos e patas pequenas.

Não apresenta bolsa marsupial, somente pregas laterais com nove mamas.

Pêlos curtos, espessos e macios, de colorido mais ou menos uniforme.

Cauda muito grossa e peluda na base, diminuindo gradualmente até a extremidade, recoberta de raros pêlos curtos.

O crânio diferencia-se notavelmente do dos outros gêneros da família: é alongado e estreito, o que torna as arcadas zigomáticas pouco expandidas e bastante retas.

Processos post-orbitais bem desenvolvidos; nasais curtos; forâmen occipital muito aberto.

A dentição não apresenta caracteres muito diferenciados dos demais gêneros da família.

Compreende a única espécie *Lutreolina crassicaudata* (DESMAREST) da qual são reconhecidas cinco raças. (1)

Destas, somente duas parecem ocorrer no Brasil: *Lutreolina crassicaudata crassicaudata* (DESMAREST), cuja localidade típica é o Paraguai; *Lutreolina crassicaudata lutrilla* THOMAS, localidade típica, São Lourenço, Rio Grande do Sul.

Lutreolina crassicaudata crassicaudata (Desmarest)

Didelphys crassicaudata DESMAREST, 1804, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, vol. XXIV, pg. 19; GRAY, 1888, Catalogue Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 334 (em parte).

Didelphys (Metachirus) crassicaudata TROUSSERT, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 854 (em parte).

Lutreolina crassicaudata crassicaudata O. THOMAS, 1923, Annals and Magazine of natural History, série 9, vol. 11, pg. 584 (Chaco, Paraguai); MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 400.

Lutreolina crassicaudata travassosi M. RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 402 (Guariba, São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

NOME VULGAR: "Cuica".

Esta forma aberrante de didélfida apresenta a curiosa particularidade de mudar inteiramente de cor depois de morta, o que tem dado lugar a certa confusão quanto à descrição de seu colorido.

Quando vivo, o colorido geral é uniformemente pardo-avermelhado ou pardo-escuro. Morto, a pelagem apresenta a seguinte coloração: cabeça pardo-olivácea muito escura, principalmente no focinho; pequena mancha esbranquiçada nos lábios superiores; dorso até a base da cauda, pardo-oliváceo mais claro; partes inferiores amarelas, cor essa mais intensa na garganta.

Pêlos da base da cauda da mesma cor do dorso; parte nua da cauda, preta até quase a ponta que é cor de carne.

Membros anteriores e posteriores com o mesmo colorido do dorso; pés e mãos negros.

1) THOMAS, 1923, Ann. Mag. Nat. History, série 9, vol. 11, pg. 584.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomat.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
2946 ♀	300	—	60	59	32	21	10	22	47
3674 ♂	320	260	68	62	35	24	11	23	52
4283 ♀	280	—	60	59	32	21	10	22	24
6469 ♂	—	—	72	70	37	25	12	24	55

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

- N.º 2496 ♀, Ituverava, São Paulo, GARBE col., 1911 (pele aberta).
 N.º 3674 ♂, Franca, São Paulo, DREHER col., 1920 (pele aberta).
 N.º 4283 ♀, Ribeirão Preto, São Paulo, Dr. CARINI col. e of., 1938 (pele cheia).
 N.º 6469 ♂, Ribeirão Bonito, São Paulo, A. LEÃO col., 1938 (pele cheia).
 N.º 6676 ♀, Baurú, São Paulo, oferta Inst. Butantã, 1944 (pele aberta).

Gênero MONDELPHIS Burnett

Monodelphis BURNETT, 1830, Quart. Journ. Sc. Lit. and Art. XXVIII, pg. 351.

GENÓTIPO: *Monodelphis brachyura* SCHREBER, por subseqüente designação de MATSCHIE, 1916.

Peramys LESSON, 1842, Nouveau Tableau du Règne Animal, Mammifères, pg. 187.

GENÓTIPO: *Peramys brachyurus* EXRLEBEN. (1)

Caracterizado pela cauda curta, pouco mais comprida que metade do corpo, quase toda nua e muito pouco preensil.

Orelhas nuas, curtas e arredondadas; pêlo curto e áspero. Marsupiais de pequeno porte, sem bolsa marsupial, pouco adaptados à vida arborícola.

Crânio largo e achatado na parte superior.

Compreende dez espécies no Brasil, das quais somente cinco ocorrem no Estado de São Paulo.

Animais essencialmente noturnos e ariscos, são pouco conhecidos e vulgarmente confundidos com os ratos silvestres.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES DO ESTADO DE SÃO PAULO

- A) Sem estrias longitudinais no dorso
 a) Alto da cabeça com o mesmo colorido do dorso *M. tricolor*
 a) Alto da cabeça cor de ferrugem *M. scalops*

1) MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 320 considerou o nome genérico *Monodelphis* pre-ocupado por *Monodelphia* ordem de BLAINVILLE, 1816, usando *Peramys* para este gênero, o que está em desacordo, conforme TATE, 1939, Bull. Amer. Museum Natural History, vol. LXXVI, pg. 166, com o artigo 34 das Regras Internacionais de Nomenclatura.

B) Com estrias longitudinais no dorso

b) Com uma única estria *M. unistriata*

b') Com três estrias

c) Maior (cabeça e corpo medindo no máximo 111 mm) *M. americana*c') Menor (cabeça e corpo medindo no máximo 88 mm) .. *M. iheringii***Monodelphis iheringii (Thomas)**

Didelphis (Peramys) iheringii THOMAS; 1888, Annals and Magazine of Natural History, série 6, vol. I, pg. 159; LYDEKKER, 1894, A Handbook of the Marsupialia, pg. 220; TROUËSSART, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 857.

Didelphys iheringi THOMAS, 1888, Catalogue of the Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 364 (Brasil).

Peramys iheringi H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 8.

Peramys iheringii MIRANDA RIBEIRO, 1936, revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 415 (Juparanã, Est. Espírito Santo; Humboldt, Est. Santa Catarina).

LOCALIDADE TÍPICA: Taquara, Est. Rio Grande do Sul.

NOME VULGAR: "Catita".

Bem menor que a precedente espécie e também com três estrias pretas sobre o dorso. Assemelha-se muito no colorido geral, mas difere nos flancos que são oliváceos, em lugar de ferrugíneos e nas estrias que são menos largas e mais ou menos uniformes, em toda a extensão.

Cauda como na espécie anterior, diferindo no crânio que apresenta o focinho mais largo e região frontal mais achatada.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomat.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
1521 ♀	82	45	25	24	13	10	5	10	18
3421 ♂	83	47	25	25	13	12	5	12	18
6674 ♀	87	52	26	—	—	11	5	10	18
873 ♂	88	52	26	25	13	12	5	12	18

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 847, 873, 874, ♂ ♂, Col. Hansa, Santa Catarina EHRARDT col., 1903 (peles abertas).

N.º 3417 ♂, Hamonia, Santa Catarina, EHRARDT col., sem data (em álcool).

N.º 3421 ♂, Joinville, Santa Catarina, EHRARDT col., sem data (em álcool).

N.º 1521 ♀, Iguape, Estado de São Paulo, KRONE col., 1897.

N.º 6674 ♀, Chaves, Estado de Espírito Santo, OLALLA col., 1942 (pele cheia).

Monodelphis unistriatus (Wagner)

Didelphys unistriata WAGNER, 1842, Archiv fur Naturgeschichte, VIII, pg. 360; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere pg. 116 (Itararé, São Paulo); O. THOMAS, 1888, Catalogue Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 365 (São Paulo); LIDEKKER, 1894, A Handbook of the Marsupialia, pg. 220; GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil pg. 139.

Peramys unistriata H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 11.

Didelphys (Peramys) unistriata TROUESSART, 1904, Catalogus Mammalium, pg. 857.

Peramys unistriatus M. RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Marsupialia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 417.

LOCALIDADE TÍPICA: Itararé, Est. São Paulo.

Espécie rara, caracterizada por ter o dorso riscado por uma única estria castanho-escura.

Colorido geral cinza e ferrugem; flancos e membros anteriores e posteriores cor de ferrugem; ventre ocráceo. (1)

DIMENSÃO DO TIPO: cabeça e corpo 140 mm; cauda 63; pé posterior 13; orelha 5.

MIRANDA RIBEIRO em sua monografia (2) dá as seguintes dimensões de um exemplar cuja procedência não cita: cabeça 38; corpo 106; cauda 55; pé 15; orelha 9.

Nenhum exemplar desta espécie possui atualmente o Departamento de Zoologia.

Monodelphis americanus (Muller)

Sorex americanus MULLER, 1776, Linnaeus Natursystem, Supplem., VII, pg. 36.

Didelphis tristriata PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 116 (Ipanema, São Paulo); GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, pg. 139.

Didelphis americana O. THOMAS, 1888, Catalogue of Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 303 (Brasil).

Peramys americana H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 12; MIRANDA RIBEIRO, 1936, Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 414.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

Dorso cinza-pardacento, riscado por três estrias pretas, das quais a mediana começa no focinho e, alargando-se no meio do corpo, estreita-se ao atingir a base da cauda. As duas outras estrias laterais começam nas espáduas e vão confundir-se com a estria mediana na base da cauda. Estas riscas pretas em geral são muito nítidas, mas às vezes apresentam-se muito apagadas, mas perceptíveis; mento, garganta e ventre pardacentos; cauda escura na parte superior e rufescente na inferior.

1). Descrição baseada na de THOMAS (Catalogue Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 365) que examinou o tipo no Museu de Viena.

2) Revista do Museu Paulista, 1936, tomo XX, pg. 914.

DIMENSÕES EXTERNAS E CRANIANAS

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comprim. total crânio	Comprim. condilo basal	Larg. zigomat.	Comprim. nasais	Menor larg. interorb.	Série mol. sup.	Compr. mandíb.
1855 ♀	110	48	30	29	16	14	6	12	22
1523 ♀	100	42	30	29	16	13	6	11	22
1525 ♂	111	48	31	30	16	14	6	12	22

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

Nos. 1516 e 1523, ♀ ♀, Piracicaba, Estado de São Paulo, V. BUENO col., 1904 (exemplares em álcool).

N.º 1525, ♂, Baurú, Estado de São Paulo, GARBE col., 1901 (exemplar em álcool).

N.º 1855, ♀, Ubatuba, Estado de São Paulo, GARBE col., 1905 (exemplar em álcool).

N.º 1874, ♂, Ilha Grande, Estado do Rio de Janeiro, GARBE col., 1905 (pele cheia).

Nos. 2139 ♂ e 3418 ♀ ♀, Mariana, Minas Gerais, J. B. GADOI col., 1906 (exemplares em álcool).

Monodelphis tricolor paulensis subesp. n.

TIPO: exemplar número 2557, ♂ adulto, coletado em Pirituba, subúrbio da cidade de São Paulo em 13 de Janeiro de 1908 e oferecido ao Museu Paulista pelo Sr. L. P. BARRETO.

PARÁTIPOS: nos. 25 e 128 ♀ ♀, Piquete, Estado de São Paulo, coletados por ZECH em 1897; 4146 ♂, Mogí das Cruzes, Estado de São Paulo, JOSÉ LIMA col., 1933; 6612 ♂ e 6611 ♀, Ibití, Estado de São Paulo, JOSÉ LIMA col., XII-1945.

Colorido geral das partes superiores do corpo, da ponta do focinho às ancas, cinza-esbranquiçado; base da cauda, flancos, membros anteriores e posteriores, ferrugíneo desbotado; mento, garganta até o peito e meio do ventre até a cauda, lavados de ferrugíneo.

Orelhas pequenas e arredondadas, de colorido pardo.

DIMENSÕES EXTERNAS: cabeça e corpo 130 mm.; cauda 62; pé posterior 16.

DIMENSÕES CRANIANAS: comprimento total 37 mm.; comprimento condilo basal 36; largura da caixa craniana 11; largura bizigomática 20; comprimento dos nasais 19; menor largura interorbital 5; série molares superiores 10; comprimento da mandíbula 32.

O. THOMAS considerou *Didelphis tricolor* E. GEOFFROY como sinônimo de *Didelphis brevicauda* EXRLEBEN o que é explicado pela grande semelhança externa das duas espécies e a escassez de material proveniente do Brasil de que dispunha então o Museu Britânico. (1)

1) Catalogue of the Marsupialia in the British Museum, 1888, pg. 357.

Mais tarde o mesmo autor reconheceu (1) o exemplar da Bahia citado como *brevicauda* como nova espécie: *P. rubida* THOMAS.

MIRANDA RIBEIRO em sua monografia (2) separou os exemplares considerados como *M. brevicaudatus* e de colorido vivo, provenientes do Pará e Bahia como outra espécie, *Peramys tricolor* E. GEOFFROY, considerando três outras formas distintas: *P. tricolor rubidus* THOMAS; *P. tricolor tricolor* E. GEOFFROY e *P. tricolor emiliae* THOMAS.

Destas três formas de *P. tricolor*, a que mais se aproxima dos exemplares do Estado de São Paulo conservados nas coleções do Museu Paulista e erroneamente determinados como *P. brevicaudatus*, é *P. tricolor emiliae* THOMAS, do Pará e que, segundo MIRANDA RIBEIRO ocorre também no Estado do Rio de Janeiro.

Esta raça do Estado de São Paulo difere porém da raça amazônica em ter todo o alto da cabeça até a ponta do focinho a mesma coloração do dorso, cinza-esbranquiçado e região da base da cauda, ferrugíneo muito apagado.

Monodelphis scalops (Thomas)

Didelphis (Peramys) scalops THOMAS, 1888, Annals and Magazine of Natural History, série 6, vol. 1, pg. 158; idem, 1888, Catalogue of the Marsupialia and Monotremata in the British Museum, pg. 359 (Brasil); TROUSSERT, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 858.

Peramys scalops MIRANDA RIBEIRO, 1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 412 (Terezópolis, Rio de Janeiro).

LOCALIDADE TÍPICA: Terezópolis, Rio de Janeiro. (3)

Assemelha-se bastante no aspecto à precedente espécie, mas distingue-se logo em ter toda a cabeça, bochechas e mento coloridos de ferrugíneo muito vivo.

Dorso e espáduas grisalhos; parte posterior e região da base da cauda, vivamente coloridas de castanho, coxas, pernas e pés com o mesmo colorido.

Cauda com cerca de metade do comprimento da cabeça e do corpo, pilosa na base e nua em todo o resto de sua extensão, que é coberta por raros pêlos de colorido castanho.

DIMENSÕES EXTERNAS: exemplar n. 1528 ♀, cabeça e corpo 125 mm; cauda mm; pé posterior 20 mm.

DIMENSÕES CRANIANAS: comprimento total 36 mm; comprimento côndilo basal 34; largura da caixa craniana 10; largura zigomática 19; comprimento dos nasais 17; menos largura interorbital 6; série dos molares superiores, 11; comprimento da mandíbula 27.

EXEMPLARES NO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

N.º 1528 ♀, São Sebastião, Estado de São Paulo, BICEGO col., 1898 (pele cheia).
N.º 48 ♀, Piracicaba, Estado de São Paulo, NIHERING col., 1901 (pele cheia).
N.º 118 ♀, Piquete, Estado de São Paulo, ZECH col., 1896 (pele cheia).

- 1) Annals and Magazine of Natural History, 1899, série 7, vol. 3, pg. 155.
- 2) Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, 1936, tomo XX, pg. 408.
- 3) THOMAS mencionou apenas "Brasil" como procedência de seu exemplar tipo. Designamos como localidade típica Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro, de onde existe, segundo MIRANDA RIBEIRO, um bom exemplar no Museu Nacional.

B I B L I O G R A F I A

- ALLEN, J. A.
1902, A Preliminary Study of the South American Opossums of the Genus *Didelphis*; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XVI, pg. 249.
- ALLEN, J. A.
1904, The Tamandua Anteaters; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XX, pg. 385.
- ALLEN, J. A.
1916, Mammals Collected on the Roosevelt Brazilian Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XXXV, pg. 559.
- AZARA
1802, Apuntamientos para la Historia Natural de los Quadrupedos del Paraguay y Rio de La Plata.
- BLAIR
1936, The nine banded Armadillo; Journal of Mammalogy, n.º 17, *Burmeister*, 1854, Systematische Ueberisch der Thiere Brasiliens, Mammalia.
- CABRERA & YEPES
1940, Mamíferos sud americanos, História Natural Ediar.
- ELLIOT
1904, The Land and the Sea Mammals of Middle America and West Indies; Field Museum Colombian, Chicago Zoological Series.
- GOELDI
1893, Os Mamíferos do Brasil.
- GRAY
1869, Catalogue of Carnivorous, Pachydermatous and Edentata Mammalia in the British Museum.
- GRAY
1871, Notes on the Species of Bradypodidae in the British Museum; Proceed. Zoological Soc. London, pg. 128.
- GRAY
1873, Hand-list on the Edentata in the British Museum.
- GRAY
1874, On the short tailed *Armadillo (Muletia)*.
- HAMLETT
1939, Identity of *Dasyopus septemcinctus* L; Journal of Mammalogy, 20, pg. 528.
- IHERING
1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul; Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- IHERING
1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo.
- IHERING
1914, Os Gambás do Brasil; Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 338.
- LONNBERG
1928, Notes on some South American Edentates; Arkiv for Zoologi, band 20 a, n.º 10, pg. 1.
- LONNBERG
1943, Notes on *Xenarthra* from Brasil and Bolivia; Arkiv for Zoologi, band 34.a, n.º 3, pg. 1.

LYDEKKER

1891, An Introduction to the study of mammals Living and Extincts.

LYDEKKER

1894, A Hand-book to the *Marsupialia* and *Monotremata*.

MIRANDA RIBEIRO

1914, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas Matto Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia.

MIRANDA RIBEIRO

1936, Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, tomo XX, pg. 245.

MOOJEN

1943, Alguns Mamíferos Colecionados no Nordeste do Brasil; Boletim do Museu Nacional, nova série, n.º 1.

POCOCK, R. I.

1924, The External Characters of the South American Edentates; Proceedings of the Zoological Society of London, pg. 697.

SANBORN, COLIN C.

1930, Distribution and Habits of the three banded *Armadillo* (*Tolypeutes*) Journal of Mammalogy, n.º 11, pg. 51.

TATE

1933, A Systematic Revision of the Genus *Marmosa*; Bull. Amer. Museum of Natural History, vol. 66, pg. 1.

TATE

1939, The Mammals of the Guiana Region; Bull Amer. Museum of Natural History, vol. LXXVI, pg. 151.

THOMAS

1888, Catalogue of the Marsupialia and Monotremata in the British Museum.

THOMAS

1923, The Geographic Races of *Lutreolina*; Annals and Magazine of Natural History, série IX, vol. 11, pg. 581.

TROUËSSART

1904, Catalogus Mammalium, Supplementum.

YEPES

1928, Los Edentata Argentinos; Revista de la Universidad de Buenos Aires, 2a. série, seccion V. tomo I, pg. 461.

YEPES

1936, Las especies Argentinas del genero *Cabassous*, Physis, Buenos Aires, n.º 11.

WIED-NEUWIED

1826, Beitrage zur Naturgeschichte von Brasiliens, II, Mammalia.

WINGE

1893, Jordfundene og Nulevende Pungdys (*Marsupialia*) fra Lagoa Santa; Museu Lund.

CERAMBYCÍDEOS NEOTRÓPICOS

II

SOBRE A POSIÇÃO SISTEMÁTICA DE ALGUNS GÊNEROS

p o r

FREDERICO LANE

Visa o presente trabalho, principalmente, colocar em posição sistemática mais adequada alguns *Cerambycidae*, sobre os quais perduram dúvidas, mesmo no que diz respeito à sua colocação em família, não havendo, até o presente, acordo entre os diversos entomologistas interessados em esclarecer as questões aqui levantadas. Não parece muito lógico incluir, forçadamente, espécies divergentes ou, como diziam os antigos tratadistas, "aberrantes", em grupos onde a sua permanência quebra a homogeneidade existente. Este o motivo de algumas subfamílias novas aqui erigidas para acomodar espécies de difícil disposição. Sem pretender ter esgotado o assunto, fica ele aberto à discussão dos especialistas. O critério aqui adotado, de estabelecer subfamílias em vez de tribos, talvez tenha que ser modificado futuramente, mas o certo é que a tendência em considerar *Prionidae*, *Cerambycidae* e *Lamiidae* na categoria de famílias, e não simplesmente como subfamílias de *Cerambycidae* em senso mais lato, parece ganhar terreno e, assim sendo, as antigas tribos terão forçosamente que ser reagrupadas em subfamílias. Infelizmente, as coleções latino-americanas são, na maior parte das vezes, de representação meramente local e pobres em espécies exóticas, o que dificulta ou impossibilita uma divisão de conjunto. Resta aos que não podem superar a dificuldade apontada acima, lançar mão do expediente provisório de elevar as antigas tribos à categoria de subfamília, seguindo o critério de BATES, até que estudos de maior âmbito permitam escalonar os diversos grupos segundo a maior ou menor importância dos seus caracteres filogenéticos.

Para o aproveitamento de clichês, conservo o plano original deste trabalho, elaborado há já vários anos, incluindo nele figuras e redescrições de várias espécies de *Torneutinae* descritas em nota prévia em 1939.

TORNEUTINAE

Torneutitae THOMSON, 1860: 271-274; THOMSON, 1864: 253-255.
Torneutides LACORDAIRE, 1869: 202-203, 237--243.
Torneutinae BATES, 1870: 249.

Lingueta córnea, palpos mediocres, mandíbulas robustas; antenas de 12 artículos; olhos grossamente granulados, profundamente re-

cortados no bordo anterior; protórax globoso, lateralmente inerte, quando muito com pequenos tubérculos; pernas mediocres, subiguais, os fêmures médios e posteriores inermes com espinhos apicais; coxas anteriores ovulares e angulosas lateralmente, as cavidades angulosas externamente e abertas atrás; cavidades cotiloides médias abertas externamente; último segmento abdominal curto, largo no ápice, recortado no meio e arredondado nos lados.

Nos *Torneutinae* que ocorrem no Brasil, o último segmento do abdômen varia de espécie para espécie, mas principalmente como carácter dimórfico entre os dois sexos. De um modo geral, nas ♀ ♀ é ele pouco estreitado para o ápice, aí largamente truncado e fundamentalmente recortado no meio da margem, os cantos laterais bem arredondados, conjunto de caracteres que dá ao segmento um aspecto bilobado; nos ♂ ♂ há um estreitamento mais acentuado para o ápice, com consequente truncatura mais curta, os cantos laterais menos arredondados e o recorte central de margem menos profundo. Essa reintrância da margem distal pode faltar, porém, como em *Psigmatocerus*, onde o ápice é quase retamente truncado nos dois sexos; ou pode ser mais acentuada nos ♂ ♂, como parece ser o caso em *Coccoderus novempunctatus* (GERMAR, 1824).

Praxithea travassosi F. Lane, 1939: 73-74.

(Estampa 1, fig. 1)

♂. — Cabeça, antenas, tórax e escutelo, de um castanho-avermelhado escuro; meso e metasterno, abdômen e pernas de um castanho-avermelhado mais claro; élitros de um castanho-fulvo pálido, cada um com dois pequenos pontos escuros, o 1.º no limite da metade do comprimento dos élitros e o 2.º entre esse limite e os ápices; bordos externos e suturais quase tão escuros como o protórax.

Cabeça esparsamente cerdosa, as cerdas amareladas; fronte curta, saliente, espessa, confundindo-se com as faces internas dos tubérculos das antenas; com um profundo, mas curto, sulco longitudinal, que apenas alcança o nível dos lobos superiores dos olhos; tubérculos das antenas divergentes, moderadamente projetados nos ápices; clipeo estreito, o bordo reto; processos jugulares moderadamente salientes; olhos muito globosos, os lobos superiores bastante largos e afastados no vértice, este um pouco deprimido no centro; palpos delgados, mediocres; mandíbulas relativamente curtas, muito curvas, os ápices agudos, no gume interno com dente mediano saliente; região gular transversalmente rugosa. Antenas esparsamente pilosas, alcançando o ápice do 4.º segmento do abdômen; o escapo lustroso, esparsamente pontuado e cerdoso, um pouco achatado e curvo na base, de largura quase uniforme, um pouco espessado no ápice, este arredondado e lustroso no bordo; 2.º artículo curto, lustroso, esparsamente pontuado e cerdoso; artículos 3-12 progressivamente mais achatados e estreitos; o 3.º com pontuação esparsa e cerdosa apenas no terço basal, o resto do artículo e os artículos seguintes, de 4 a 12, finamente escabrosos e pilosos, foscos tanto no dorso como inferiormente, quilhados em gume fino no lado inferior, mas as carenas laterais distintas, que delimitam as áreas poríferas de algumas das outras espécies do gênero, aqui são obsoletas; artículos 3-12 no lado inferior apenas fracamente angulosas no ápice; o 3.º artículo 1/5 mais longo que o escapo; 4-7 com 2/3 do comprimento do 3.º, sub-

iguais; 8-11 um pouco menores, subiguais; o último artículo com a metade do comprimento do 3.º.

Protórax globoso, transversal, a largura cerca de 1 1/ vezes o comprimento; a superfície irregular, fortemente escabrosa, com pontuações grossas, desiguais e confluentes; com esparsa pilosidade cerdosa amarelada, aqui e ali mais densamente agrupada; os bordos anterior e posterior subretos; nos lados, na parte anterior, o protórax excede a sua própria margem lateral, avançando sobre ela; na parte posterior os lados são fortemente constrictos; no disco do pronoto encontra-se uma área central, circular, mais ou menos ampla, lisa na faixa mediana longitudinal e com apenas algumas pontuações grossas laterais; prosterno com pontuação menos grossa que a dos lados e disco, sem sulco transversal, mas com uma pequena área porífera, finamente pontuada, com a forma de uma amêndoa, situada junto à base do processo prosternal; a margem anterior do prosterno constricta.

Escutelo mais largo que longo, arredondado, o ápice levemente sinuoso, no meio densamente piloso, os bordos desnudos.

Élitros quase cinco vezes o comprimento do pronoto, paralelos, muito finamente rugosos, sublisos e revestidos de pubescência muito diminuta e escassa; nos ápices, na sutura, levemente deiscentes, no bordo externo uniformemente arredondados; cada um com dois espinhos, os externos fortes, agudos, quase direitos, os suturais pequenos, finos e oblíquos para a linha mediana do corpo; a chanfradura elitral fortemente oblíqua.

Mesosterno, metasterno, abdômen e fêmures com pilosidade mais longa e sedosa, de cor acinzentada; tíbias e dorso dos tarsos com pilosidade mais cerdosa e esparsa; sola dos tarsos de cor amarela.

Processo prosternal muito estreito, levemente globoso e recurvo no ápice; processo mesosternal largo na base e estreitado em cunha para o ápice, este fundido ao metasterno; metaepisternos levemente curvos, arredondados e gradual e moderadamente estreitados para o ápice. Abdômen com os três segmentos intermediários subiguais, os extremos um pouco mais longos, o distal estreitado para o ápice e levemente sinuoso no bordo.

Pernas quase subiguais, as médias um nada mais longas que as anteriores, as posteriores um pouco mais longas que as médias; fêmures robustos, um tanto achatados, inermes, moderadamente curvos dorsal e inferiormente e estreitados nas extremidades basal e apical, as médias arqueadas, acompanhando a curvatura do metasterno; tíbias lineares, um pouco achatadas e levemente alargadas para o ápice, as anteriores e posteriores subiguais aos respectivos fêmures, as médias um pouco mais curtas.

Comprimento : 27 mm.; larg. umeral, 7 mm.

HOLÓTIPO ♂, no Departamento de Zoologia, sob o n.º 22.927.

LOCALIDADE-TIPO : Estado de Mato Grosso, Salobra, 26-X-1938, Prof. LAURO TRÁVASSOS col.

DISCUSSÃO TAXIONÔMICA : Esta espécie distingue-se pela cor pálida dos élitros; pelas antenas delgadas, apenas angulosas nos ápices dos artículos 3-11, e curtas em relação ao sexo; pela área central, lisa, subplana, circular em contorno e apenas esparsamente pontuada do pronoto; de resto apresenta mais afinidades com *P. derourei* (CHABRILLAC,

1857) do que com qualquer das outras espécies do gênero. Na diagnose original afirmei, por engano, alcançarem as antenas "a base do 4.º segmento do abdômen", e, levado pelo fato das antenas não ultrapassarem os élitros, e ainda pela falta da fosseta transversal do prosterno, considere quando na realidade alcançam o ápice desse segmento. Levado pelo fato das antenas não ultrapassarem os élitros e ainda pela ausência da fosseta transversal do prosterno, considere o holótipo como ♀. A dissecação da genitália mostra, no entanto, ser ♂ o exemplar tipo.

Psygmaterus elegans F. Lane, 1939: 74.

(Estampa 1, fig. 2)

A diagnose original que dei para esta espécie foi a seguinte:

"♂. Facilmente separada de *P. wagleri* Perty, por ser muito mais delgada, pelo tegumento negro generalizado e pela pubescência acinzentada dos élitros. Os artículos das antenas são avermelhados mas bastante mais escuros que na espécie de Perty, os olhos muito mais aproximados no vértice e apenas separados por um fino sulco. A pontuação do pronoto é também mais regular e menos grosseira.

Comprimento: 32 mm.; larg. umeral: 8 mm.

HOLÓTIPO ♂ no Museu Paulista sob o n.º 22.928.

LOCALIDADE TIPO: Estado de Mato Grosso, Salóbra, 26-X-1938".

Espécie difícil de caracterizar, talvez não mereça senão a categoria de subespécie, mas devo ponderar que um único exemplar não pode fornecer os requisitos essenciais para as deduções zoogeográficas indispensáveis à discriminação de uma subespécie; restaria o expediente clássico e cômodo de designar a nova forma como uma variedade, mas sempre me esquivei dessa categoria nomenclatural, por julgá-la, na maior parte das vezes, inexpressiva.

O tegumento é antes castanho-avermelhado escuro que negro, e de um modo geral concorda com *wagleri*, exceção feita aos élitros que são de um castanho-avermelhado apenas um pouco mais claro. Os exemplares de *wagleri* invariavelmente mostram os élitros amarelados e bem mais claros que o resto do corpo, quando muito de um castanho-avermelhado bem claro restrito à base. No que diz respeito ao colorido das antenas, a côr descrita na diagnose original ocorre também em alguns exemplares de *wagleri*, ainda que em geral seja de um castanho-vermelho mais claro. A pubescência hialina e francamente acinzentada do exemplar recentemente coletado, mostra agora, com o ressecamento, uma tonalidade amarelada. No protórax, que é mais globoso, os pêlos são escassos tal como em *wagleri*, mas o revestimento dos élitros é muito mais denso. O comprimento dos élitros é cerca de três vezes a largura umeral, relação que parece não ter significância, pois em *wagleri* ocorre também. Os ápices dos élitros são retamente truncados e armados de espículos longos nos cantos suturais e nos externos; em *wagleri* o chanfro é geralmente mais oblíquo, mas varia bastante, assim como a forma dos espículos, mesmo entre os dois élitros de um único exemplar.

A variedade de *wagleri* descrita por BRUCH em 1926 sob o nome de *pubescens*, da República Argentina (Chaco santafecino e Catamarca), distingue-se de *elegans* pela côr, pela estrutura e pubescência do protórax e pelas antenas mais curtas, robustas e densamente pubescentes.

Coccoderus teixeirai F. Lane, 1939: 74

(Estampa 1, fig. 3)

♂. — Tegumento flavo, pálido nos 3/4 distais dos élitros, mais alaranjado na base e resto do corpo; escapo das antenas e 2.º artículo, assim como as peças bucais, de tom avermelhado; olhos e ápices das mandíbulas de côr negra; 6 pequenos tubérculos do protórax de um castanho-avermelhado.

Cabeça e tórax com pilosidade muito curta e espessada; antenas com pilosidade idêntica no escapo e artículos 2-3, o 3.º artículo franjado inferiormente com cerdas esparsas, o 4.º com cerdas mais raras; os artículos seguintes desnudos, com apenas algumas cerdas raras nos ápices; o 12.º artículo com um pincel ralo de cerdas no ápice; lado inferior do corpo com pilosidade mais longa, adensada e sedosa; segmentos do abdômen com uma franja regular de pêlos retos em tôda a extensão dos bordos distais; pernas mais esparsamente pilosas, nas tíbias e tarsos a pilosidade mais cerdosa; élitros desnudos, com exceção de curta pilosidade nos bordos externos; pilosidade da cabeça e tórax amarelada, no resto de tom mais esbranquiçado.

Cabeça densamente pontuado-rugosa, a pontuação confluyente; a fronte curta, perpendicular, côncava entre os tubérculos das antenas, obsoletamente sulcada entre êstes e os lobos superiores dos olhos; vértice proeminente, muito convexo; processos jugulares agudos; clipeo com pilosidade mais longa que a da fronte, irradiante do centro, o bordo distal subreto; labro largo-arredondado, curto-cerdoso; mandíbulas espessas, uniformemente curvas, o ápice agudo, o bordo interno com um dente subapical, a margem externa densamente rugosa; olhos medianamente convexos, os lobos inferiores estreitados para baixo, junto à base dos processos jugulares, o bordo posterior subreto; lobos superiores medíocres, estreitos, curvos para a base dos tubérculos das antenas, bem afastados no vértice, esse afastamento igual à distância que separa os tubérculos do pronoto; tubérculos das antenas espessos, divergentes, sub-horizontais no bordo superior, na frente profundamente recortados, os ápices superiores proeminentes, agudos. Antenas 1 1/3 vezes o comprimento do corpo, ultrapassando os ápices dos élitros já com o 10º artículo; o escapo robusto, apenas alcançando o bordo do pronoto, subcilíndrico, um pouco achatado na base, densamente pontuado-rugoso, esparsamente piloso, o bordo distal liso; de resto delgadas, inermes, o 3º artículo anguloso no ápice e insignificamente denteado, cerca de 1 4/5 o comprimento do escapo; o 4º artículo apenas anguloso no ápice, um pouco mais longo que o escapo; os seguintes cada vez mais delgados e muito insensivelmente decrescentes, os três últimos artículos subiguais; o 12º um tanto afilado e curvo no ápice; o 3º artículo apenas no ápice e os seguintes em tôda a extensão longitudinal, no lado inferior, com duas áreas poríferas estreitas, separadas por uma carena aguda, lisa; o lado dorsal arredondado, apenas com vestígios de áreas poríferas nos últimos artículos.

Protórax muito convexo, globoso, mais largo que longo, um tanto irregular, densamente pontuado-rugoso, a pontuação confluyente; junto à margem posterior, na linha mediana do pronoto, com um entumescimento bem marcado; lados entumescidos; a margem anterior leve-

mente avançada sobre a cabeça, a posterior levemente bissinuada; nos lados, tanto anterior como posteriormente, fortemente constricto; armado com 6 tubérculos pequenos: 2 dispostos transversalmente no disco do pronoto, mais próximos da margem anterior; os restantes laterais, dois de cada lado, sendo um cerca do meio, mais saliente, e outro entre este e o bordo látero-anterior, mais impreciso.

Escutelo um tanto ascendente, pequeno, arredondado.

Élitros um pouco mais largos que o protórax, cerca de quatro vezes o comprimento do pronoto, paralelos, os úmeros arredondados; arredondados nos ápices e aí reto e obliquamente truncados e armados de um pequeno e curto espinho sutural; a superfície lisa, sub-lustrosa, muito finamente rugosa no terço basal, de resto obsoletamente; com 6 manchas ovais, ebúrneas (mais propriamente branco-amareladas), 3 de cada lado: a primeira basal, a segunda um pouco anterior ao meio, e a terceira posterior ao meio dos élitros; a parte posterior das manchas basais escurecidas, as outras manchas aureoladas de um pardo-avermelhado. Asas inferiores hialinas.

Cavidades cotiloides anteriores angulosas externamente e fechadas estreitamente para trás; processos prosternal estreito e levemente arqueado entre as coxas, granuloso, depois entumescido em tubérculo e com queda abrupta para o mesosterno, nessa parte final mais largo, um pouco côncavo e arredondado distalmente. Cavidades cotiloides médias abertas exteriormente; o processo mais largo, bilobado, superposto no ápice pelo metasterno. Abdômen com os segmentos intermediários subiguais em comprimento; o basal mais longo, com o ápice anterior agudo; último estreitado para o ápice, truncado e levemente cortado.

Pernas anteriores um pouco mais curtas e as posteriores um pouco mais longas que as médias; os fêmures achatados, largos, a linha dorsal arqueada, despontados anterior e posteriormente; inermes, os médios e posteriores angulosos no ápice interno, principalmente os posteriores; fêmures médios arqueados com a curva do metasterno; tíbias mais curtas que os respectivos fêmures, mui gradualmente engrossadas para os ápices; tarsos com os três primeiros artículos quase subiguais, o 2º um pouco mais curto e anguloso que o 1.º; o 4.º igual em comprimento a 2-3 tomados em conjunto.

Comprimento 25 mm.; largura umeral 6,5 mm.

HOLÓTIPO ♂, no Departamento de Zoologia, sob n.º 22.929.

LOCALIDADE-TIPO: Estado de Mato Grosso, Camisão, 18-X-1938, Dr. J. TEIXEIRA DE FREITAS col.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA: Trata-se de um exemplar ♂ e não ♀ como consta da diagnose original. A espécie, como afirmei anteriormente, é muito afim de *C. speciosus* GOUNELLE, 1909, da qual se distingue pelos élitros não pontuados e pelos fêmures médios e posteriores inermes, além das antenas que podem também ser consideradas como inermes.

Tenho ocasião, agora, de examinar outro ♂, coletado no Estado de Goiaz, Jaraguá, X-1934, Dr. OLIVÉRIO M. DE OLIVEIRA PINTO col., que seguramente pertence à mesma espécie. Mede 23 mm. de comprimento por 6 mm. de largura umeral e, confrontando com exemplar de Salôbra, apresenta as seguintes diferenças: teguamento da cabeça, antenas,

protórax, base dos élitros, lado inferior do corpo e pernas mais escuros e avermelhados; élitros menos transparentes e lustrosos, mais amarelados e com as manchas ovais realmente ebúrneas; tubérculos do protórax de cor negra; lobos superiores dos olhos mais largos, se bem que igualmente afastados no vértice; o 3.º artigo das antenas armado com um forte e agudo dente no ápice e com as regiões poríferas inferiores ocupando toda a metade distal; no lado dorsal das antenas, do 7.º artigo em diante as regiões poríferas dorsais tornam-se mais precisas do 8.º artigo em diante; os ápices dos fêmures médios e posteriores são mais caracteristicamente denteados; a truncatura apical dos élitros menos precisa.

Tenho também em mãos dois exemplares ♀ ♀. O primeiro coletado no Estado de Mato Grosso, Chavantina, margem direita do Rio das Mortes, XI-1946, Dr. HELMUT SICK col., pertence à coleção HERMANN ZELLIBOR, de São Paulo, e mede 29 mm. de comprimento por 8 de largura umeral. Este exemplar corresponde perfeitamente, no colorido e na estrutura, ao exemplar de Salôbra, mas apresenta diferença, algumas apenas de dimorfismo sexual, como os olhos, muito mais volumosos e convexos; os lobos superiores também mais aproximados no vértice, sendo a distância menor que a que separa os tubérculos do pronoto, cerca de 3/5 dessa distância; o último segmento do abdômen também mais largo e mais largamente truncado no ápice, apenas sinuoso no meio do bordo. Nos dois ♂ ♂ os élitros medem cerca de quatro vezes o comprimento do pronoto, neste exemplar ♀ de Chavantina os élitros medem cerca de 4 1/2 vezes o comprimento dos élitros. As antenas parecem um pouco mais curtas que nos ♂ ♂, mas talvez o maior comprimento dos élitros justifique essa diferença; de resto as antenas conservam praticamente as mesmas proporções, entre os artigos, que se observam nos ♂ ♂. São, porém, mais armadas ainda que no exemplar ♂ de Jaraguá, pois além do 3.º artigo forte e agudamente denteado ou espiculado, o 4.º também é armado de um dente menor, agudo, e o 5.º ainda denteado, os seguintes angulosos.

O segundo exemplar ♀ foi recentemente coletado no Estado de Mato Grosso, São Domingos, margem direita do Rio das Mortes, IX-1949, pelo Sr. WERNER BOKERMAN, um dos funcionários do Departamento de Zoologia integrando a Expedição do Instituto Butantã àquelas paragens. Já este exemplar, no colorido, mostra grande semelhança com o ♂ de Jaraguá, especialmente os élitros de brilho apagado e com a pontuação, se bem que obsoleta, mais aparente que nos exemplares de Salôbra e Chavantina; a truncatura dos ápices dos élitros é idêntica; a cor da cabeça e tórax é porém mais alaranjada que avermelhada. Os caracteres sexuais são idênticos aos observados para o exemplar acima, apenas a aproximação dos lobos superiores dos olhos, no vértice, é mais acentuada. As antenas são menos armadas que em qualquer dos outros exemplares, de ambos os sexos, com a exclusão do holótipo de Salôbra. Os fêmures são armados como no ♂ de Jaraguá.

Em resumo, esta espécie parece extremamente variável e de extensa distribuição geográfica no Brasil Central: Goiás e Mato Grosso. A cor varia do flavo ao avermelhado; os élitros são lustrosos, pálidos, quase transparentes e de pontuação obsoleta, as manchas branco-amareladas; ou mostram-se menos lustrosos, com uma pontuação já um pouco mais evidente, especialmente na base, e de amarelo mais escuro, e com as manchas ebúrneas; os ápices são ora retos e obliquamente truncados,

ou imprecisamente truncados; as antenas são praticamente inermes, ou possuem o 3º artigo bem armado, e às vezes mesmo o 4º e o 5º; os fêmures médios e os posteriores também se apresentam mais ou menos armados no ápice interno, às vezes quase inermes.

O dimorfismo sexual é quase nulo nas antenas, o caráter sexual secundário mais utilizado pelos especialistas; parecem ser um tanto mais curtas nas ♀♀ que nos ♂♂. Os olhos são bem mais aproximados no vértice nas ♀♀, nos ♂♂ bastante distantes; os élitros na ♀ são mais longos em relação ao comprimento do pronoto; e, finalmente, o último segmento do abdômen é mais largo e truncado na ♀. Os palpos, ainda, parecem ser um pouco mais robustos na ♀ que no ♂; em ambos os sexos, porém, são longos, subiguais em comprimento e com os artigos basais diminutos; nos maxilares os artigos 2 e 4 são subiguais e o 3º um pouco menor; nos labiais os artigos 2-3 são subiguais entre si e mais longos que os correspondentes nos palpos maxilares.

Eu não hesitaria em considerar *Coccoderus teixeirai* como sinônimo de *Coccoderus speciosus* GOUNELLE, 1909, não fôra a pontuação densa dos élitros, indicada na diagnose original de GOUNELLE. Ambas ocorrem na mesma região central do Brasil e tais são as afinidades que apresentam, que estou certo que a pontuação indicada por GOUNELLE é força de expressão, ou essa característica também obedece a uma extrema variabilidade.

BOTHRIOSPILINAE, subfam. nov.

Próxima de *Torneutinae*, com a qual apresenta em comum a mesma forma do último segmento abdominal, largo e largamente truncado na fêmea, assim como as cavidades coxais anteriores abertas atrás e as médias abertas lateralmente.

Difere, porém, principalmente, pela forma menos robusta e mais achatada; pelas antenas longas em ambos os sexos e 11 articuladas; pelo protórax fortemente armado nos lados; pelos fêmures médios e posteriores fortemente espiculados no ápice; pelas cavidades coxais anteriores nulamente angulosas externamente.

TIPO: *Bothriospila* AURIVILLIUS, 1923.

Esta nova subfamília deve ser colocada entre os *Torneutinae* e os *Metopocoilinae*. O próprio AURIVILLIUS, quando descreveu o gênero *Bothriospila*, colocou-o duvidosamente entre os *Torneutinae*, salientou a maior parte dos caracteres diferenciais especificados acima, e sugeriu que "talvez fosse melhor tratá-lo como o tipo de um novo grupo." BLACKWELDER, 1946, coloca o gênero como o último dos *Torneutinae*.

Bothriospila elegans Aurivillius, 1923

Bothriospila elegans AURIVILLIUS, 1923: 1-3, fig.; BLACKWELDER, 1946: 560.

(Estampa 1, fig. 4)

Espécie descrita originariamente da Bahia (Cachimbo), de um exemplar com 25 mm. de comprimento e, a julgar pela descrição do abdômen, ♀.

Desta mesma espécie possui o Departamento de Zoologia uma ♀, proveniente de Amparo, no Estado de São Paulo (Ex-coleção ED. NAVARRO DE ANDRADE), que mede 22 1/2 mm. de comprimento por 6 1/4 de largura umeral. As antenas são longas, cerca de 1 2/3 vezes o comprimento do corpo; o 3º artículo mede cerca de 1 1/2 vezes o comprimento do escapo, artículos 4-7 subiguais ao 3º; 8-10 um pouco mais curtos, subiguais entre si; o 11º o mais longo, com cerca do dobro do comprimento do escapo. Os últimos quatro artículos excedem os ápices dos élitros.

Tenho agora a oportunidade de particularizar o sexo oposto, baseado em três exemplares ♂♂ da Coleção H. ZELLIBOR, de São Paulo, um dos quais por gentileza me é dado incorporar ao patrimônio do Departamento de Zoologia.

♂. — Diverge da Fêmea principalmente pelo enorme comprimento das antenas, que excedem o dobro do comprimento do corpo; já o 6º artículo atingindo os ápices dos élitros; o 3º artículo obedece à mesma proporção, em relação ao escapo, notada na ♀, mas o último mede cerca de 2 1/2 vezes o comprimento do escapo; artículos 4-10 muito gradualmente mais longos; o último segmento do abdômen mais estreitado para o ápice, o truncamento mais curto.

ALÓTIPO ♂, na Coleção do Sr. HERMANN ZELLIBOR, de São Paulo. Comp. 23 mm., larg. umeral 6 mm.

PARÁTIPOS ♂♂: Estado de São Paulo, Andradina, 7-XI-1947, na Col. H. ZELLIBOR, e outro exemplar da mesma localidade, 1-XI-1947, na Coleção do Departamento de Zoologia. Comp. 25 3/4 — 26 3/4 mm.; larg. umeral 7 1/4 — 7 1/2 mm.

As partes escuras, nesta espécie, podem variar do negro, da descrição original, para o castanho escuro; nas antenas essa cor escura pôde estender-se ao dorso de toda a metade basal do 3º artículo; a região gular pôde também ser toda escura. Nos exemplares frescos, as manchas ebúrneas circunscrevem uma área de um alaranjado vivo e fina, esparsa e curtamente pilosa, cor essa que parece desbotar ou desaparecer com o tempo. Particularidade digna de nota, que ocorre nos dois sexos, é uma depressão alongada, curtamente pilosa, localizada no ápice dos metaepisternos.

PLEIARTHROCERINAE, subfam. nov.

Entre *Metopocoilinae* e *Cerambycinae*. Difere da primeira, principalmente pelos olhos grossamente granulados, muito convexos e volumosos, com a margem anterior pouco recortada e os lobos superiores muito largos e desenvolvidos; pela armação lateral mediana do protórax; pelo escutelo de lados paralelos e ápice arredondado; pelas epipleuras dos élitros, abaixo dos úmeros, com um duplo espessamento marginal; pelos epímeros metatorácicos, no lado externo, salientes para fora e excedendo a margem elitral; pelo processo prosternal apenas arqueado, não excedendo o nível das coxas anteriores. No ♂, as antenas são flabeladas, não excedem o comprimento do corpo e o número de artículos é superior a doze; na ♀ são mais curtas e de onze artículos; em ambos os sexos o último artículo é espessado.

Alguns destes caracteres servem também para distingui-la de *Cerambycinae*, com a qual parece ter mais afinidade, apresentando a lingueta

membranosa e quase que o mesmo tipo de palpos. Os olhos de *Cerambycinae*, apesar de grosso-granulados e volumosos, são no entanto profundamente recortados na frente, com os lobos superiores bem distintos; o tórax em ambos póde ser armado nos lados, mas em *Cerambycinae* é geralmente aplicado em sentido transversal, nunca armado no pronoto, como em *Pleiarthrocerinae*. Ainda, as epipleuras e epímeros metatorácicos são normais em *Cerambycinae*; o processo prosternal também difere, caindo abruptamente para o mesosterno, em vez de arqueado como na nova subfamília.

Quanto às cavidades coxais, *Pleiarthrocerinae* apresenta as anteriores angulosas lateralmente e fechadas atrás, ou quase fechadas; as médias abertas lateralmente.

TIPO : *Pleiarthrocerus* BRUCH, 1914.

BRUCH, em 1914, não definiu a posição sistemática do seu novo gênero *Pleiarthrocerus*, mas, apesar das semelhanças na estrutura da cabeça, do tórax e das antenas, com os *Prionidae*, verificou com acerto tratar-se de um verdadeiro *Cerambycidae* pelo tipo das coxas anteriores e, ainda, pela lingueta membranosa. Pelo exame de alguns exemplares provenientes do nordeste do Brasil, posso confirmar a observação de BRUCH. Já em 1915, em seu Suplemento ao "Catálogo Sistemático de los Coleópteros de la Republica Argentina", BRUCH coloca *Pleiarthrocerus* entre *Uragus* GUÉRIN e *Hamaticherus* SERVILLE, posição perfeitamente admissível até que se possa fazer um estudo comparativo mais detalhado.

Não procede o critério de BLACKWELDER, 1946, colocando o gênero no fim dos *Prionidae*, sob o título de "Incertae Sedis".

Pleiarthrocerus opacus Bruch, 1914

Pleiarthrocerus opacus BRUCH, 1914: 340-345, figs. 1-5, ♂; BRUCH, 1915: 553-554; BRUCH, 1921: 363-354, fig. 6, ♀; CARVALHO ET CARVALHO, 1941: 18; BLACKWELDER, 1946: 557.

(Estampa 1, fig. 5)

Esta espécie foi descrita pelo saudoso entomologista argentino CARLOS BRUCH, baseado em dois exemplares ♂♂ provenientes da Província de Tucuman, na República Argentina. Em 1921 descreveu a ♀ baseado num exemplar proveniente da Província de Salta.

Em 1941 tivemos ocasião de identificar, como pertencendo a esta espécie, dois exemplares ♂♂, provenientes do Estado de Pernambuco e enviados do Instituto de Pesquisas Agronômicas, pelo Dr. MARIO B. DE CARVALHO (Vide Carvalho & Carvalho, 1941 : 18). O primeiro, de Fazenda Nova, X-1935, L. CASTRO col., mede 27 1/2 mm. de comprimento, por 8 1/4 mm. de largura umeral; o segundo, de Pesqueira, 28-IX-1935, mede 21 1/4 mm. de comprimento, por 6 1/2 de largura umeral. Este segundo exemplar tem 19 artículos antenais, em vez de 18, o que indica poder haver uma certa variação no número de artículos nos ♂♂, o que não é infrequente nos insetos de antenas multissegmentadas.

Mais recentemente, examinei um outro exemplar desta espécie, pertencente à Coleção HERMANN ZELLIBOR, de São Paulo, e proveniente do Estado de Alagoas, Pedra, VII-1939, com 25 1/2 mm. de comprimento,

por 7 3/4 mm. de largura umeral. Este também apresenta antenas com 19 artículos.

A côr do tegumento, nesta espécie, pode variar para o castanho escuro, ou avermelhado. De especial interêsse é constatar a distribuição desta espécie, com um enorme salto da República Argentina ao Nordeste Brasileiro, uma extensão diagonal de cerca de 3.500 quilômetros, e com uma diferença de 15 gráus de latitude. Será talvez uma broca com acentuada especificidade para alguma essência florestal comum às duas regiões.

DIORINAE, sufam. nov.

Entre *Cerambycinae* e *Hesperophaninae*. Cabeça com a fronte muito curta; olhos volumosos, grossamente granulados, com o lobo inferior acentuadamente globoso e ultrapassando para baixo o nível das mandíbulas e processos jugulares até atingir a região gular; processos jugulares pouco salientes; protórax inerme nos lados e armado no disco do pronoto; escutelo alongado, arredondado no ápice; aberturas coxais anteriores angulosas lateralmente, fechadas atrás; aberturas médias abertas lateralmente; processo prosternal uniformemente recurvo até o ápice; antenas mais curtas que o corpo nos dois sexos, de 12 artículos, o último mais curto que o penúltimo.

TIPO: *Diorus* WHITE, 1853.

DIORUS White, 1853

Diorus White, 1853: 135; THOMSON, 1860: 379; THOMSON, 1864: 246, 452; LACORDAIRE, 1869: 258, 273; GEMMINGER ET HAROLD, 1872: 2.807; AURIVILLIUS, 1912: 65; SALOBRA F. LANE, 1939: 74-75; BLACKWELDER, 1946: 562.

WHITE erigiu o seu gênero para uma única espécie descrita na mesma ocasião, e procedente do Brasil, sem maior discriminação de localidade. Aliou êle o gênero a *Criodion*, mas no catálogo colocou-o depois de *Xestia*.

THOMSON, em 1860, apenas menciona *Diorus* numa lista de gêneros que não teve ocasião de conhecer. Já em 1864, indica o tipo e coloca o gênero entre *Eurysthea* e *Eligmoderma*.

LACORDAIRE, 1869, coloca o gênero com os seus "*Cerambycides vrais*" como o último dêste agrupamento, junto a *Sebasmia*, dois gêneros que discrimina como "genres incertae sedis". Não acha provável a analogia de WHITE, relacionando o gênero a *Criodion*, e cita a disposição dada por THOMSON.

GEMMINGER ET HAROLD, AURIVILLIUS e BLACKWELDER, conservam a mesma disposição de LACORDAIRE; isto é, no fim dos *Cerambycinae*.

Conquanto vários caracteres do gênero permitam a sua inclusão entre os *Cerambycinae*, outros, no entanto, são tão peculiares que tornam essa disposição genérica por demais forçada. O processo prosternal indicaria mais uma afinidade com os *Hesperophaninae*, exceção feita a alguns gêneros dêsse agrupamento, dando assim uma certa razão ao ponto de vista esposado por THOMSON em 1864.

São êstes os motivos que me levam a criar para êste gênero uma subfamília, que penso deve ficar entre os *Cerambycinae* e *Hesperopha-*

ninae até que possam ser feitos estudos mais acurados. Segundo LACORDAIRE, pelo menos nos ♂♂, as antenas dos *Hesperophaninae* são mais longas que o corpo.

O material que serviu à descrição de WHITE, apesar dêsse autor não especificar o sexo, é evidentemente ♀.

LANE, 1939, não atinando com a disposição do gênero dada pelos autores acima e baseando a sua descrição em material do sexo oposto, com acentuado dimorfismo sexual, descreveu como novo o gênero *Diorus*, sob a denominação de *Salobra*. Colocou mal o gênero entre os *Torneutinae* e errou na identificação do sexo, levado pelo exame das antenas muito mais curtas que o corpo. O exame da genitália e o confronto dos dois sexos torna possível identificar o tipo de *Salobra* como um exemplar ♂, e estabelecer a seguinte sinonímia:

Diorus biapiculatus White, 1853

♀ *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853: 135-136, pl. 4, fig. 3.

♂ *Salobra discreta* F. LANE, 1939: 75.

(Estampa 2, figs. 6, 7 e 8)

Esta espécie é muito característica, apesar de alguma variação. O colorido escuro pode ser quase negro, castanho escuro, ou castanho mais pálido; os tons claros variam de um amarelo côr de palha até o quase alaranjado; a distribuição de côr é também diversa: em alguns exemplares os tubérculos do pronoto apresentam apenas o ápice escuro, circundado de amarelo; noutros uma estreita faixa escura liga o ápice, pela face anterior, ao escuro da margem anterior do pronoto; e ainda em outros espécimes a côr escura estende-se pela face anterior e pela interna; o escuro da parte mediana dos élitros forma, às vezes, uma faixa transversal quase contínua e pouco entremeada de amarelo. Estruturalmente, além de pequenas variações nos comprimentos relativos de artículos e segmentos, espículos elitrais e armação dos fêmures, nota-se que os tubérculos do pronoto podem ser mais afilados para o ápice, ou mais robustos e cônicos, como acontece com as ♀♀ examinadas, caráter que pode ou não ser aspecto de dimorfismo sexual. O espaço entre os tubérculos pode ser mais ou menos livre de pontuações, em estreita faixa longitudinal; ou pode ser grossa e confluentemente pontuado; o processo prosternal pode ser arqueado e apenas alargado para o ápice, sem diferença de côr, ou pode ser mais ou menos espessado na parte distal que cai para o mesosterno, formando quase que um tubérculo achatado, a côr geralmente amarelada.

Nos ♂♂ as antenas são mais longas, alcançando pelo menos o bordo distal do 2º segmento do abdômen; os artículos 3-10 são fortemente dentados em serra no ápice; o 3º artícolo mais curto ou subigual ao 4º; os fêmures anteriores relativamente curtos, os médios e posteriores cerca de 1 1/2 vezes mais longos, subiguais; as tíbias decrescentes em comprimento das anteriores às posteriores; as anteriores e as posteriores lineares, apenas alargadas para o ápice; as médias (Estampa 2, fig. 8) muito engrossadas na parte mediana, retorcidas distalmente, profundamente encavadas na face inferior, a escavação ocupando quase tôda a face e densamente revestida de pilosidade amarelada; em comprimento as tíbias médias são bem mais curtas que as posteriores e cerca do comprimento dos fêmures anteriores.

Nas ♀ ♀ as antenas são mais curtas, alcançando apenas cerca do nível das coxas posteriores; o 3º artículo (às vezes também o 4º) não denteado, ou apenas fracamente denteado no ápice; o 4º um pouco mais curto que o 3º; em relação ao escopo, os artículos decrescem muito mais rapidamente em tamanho, de modo que em exemplares do mesmo comprimento, na ♀ o último artículo é visivelmente mais curto. Todas as tíbias são normais, lineares, apenas alargadas para o ápice; as médias apenas um pouco mais curtas que as posteriores, mas sempre mais longas que os fêmures anteriores.

Em ambos os sexos as tíbias são todas mais curtas que os respectivos fêmures; os tarsos anteriores são mais curtos e largos, os três primeiros artículos quase subiguais, o 4º mais longo; os médios e os posteriores são mais longos, mais lineares, e subiguais em comprimento e proporção dos artículos: 1 e 4 os mais longos, 2 e 3 mais curtos e com uma pequena diferença em comprimento, geralmente o 2º um nada mais curto; em uma das duas ♀ ♀ examinadas os tarsos médios são um pouco mais curtos que os posteriores, mas só uma série maior de exemplares poderá firmar êsse carácter como dimórfico; o último segmento abdominal estreita-se para o ápice em ambos os sexos, truncado e sinuoso ou recortado no bordo distal, parecendo mais recortado na ♀. Em alguns exemplares o abdômen fica bem aquém dos ápices dos élitros e em nenhum deles êsse limite é ultrapassado; os segmentos abdominais são decrescentes, o 1º o mais longo, mede quase o comprimento de 2-3 em conjunto; o 2º um pouco mais que a metade do 1º; 3-5 quase subiguais em comprimento.

Comprimento: 23 1/2 — 29 mm.; largura umeral 6 1/4 — 8 mm.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil (Estados de São Paulo, Mato Grosso e Espírito Santo), onde ocorre durante os meses de Outubro e Novembro.

MATERIAL EXAMINADO :

- 1 ♂ de Mato Grosso, Salobra, 24-X-1938, Holótipo de *Salobra discreta*, no Departamento de Zoologia.
- 1 ♂ de Espírito Santo, Condurú, Novembro (A. MALLER n.º 454), no Departamento de Zoologia.
- 1 ♂ do Espírito Santo, Condurú, XI-1939,, na Coleção H. ZELLIBOR.
- 1 ♂ do Espírito Santo, Vargem Alta, X-1949, na Coleção H. ZELLIBOR.
- 1 ♂ de São Paulo, Piracicaba, no Departamento de Zoologia.
- 1 ♀ de São Paulo, Piracicaba, 1915, GREGORIO BONDAR col., MELZER det., no Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, Rio de Janeiro.
- 1 ♀ de São Paulo, Amparo, X-1925, NAVARRO DE ANDRADE col., MELZER det., no Inst. Ecol. e Exp. Agríc., Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. DARIO MENDES, do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, Rio de Janeiro, Drs. MARIO B. DE CARVALHO e ROMILDO F. DE CARVALHO, do Instituto de Pesquisas Agronômicas, Pernambuco, Sr. HERMANN ZELLIBOR, de São Paulo, os meus agradecimentos pelo emprés-

timo de exemplares das espécies aqui discutidas; ao Sr. GIRO PASTORE fico mais uma vez grato e penhorado pelas excelentes fotografias.

ABSTRACT

The present paper deals with notes and redescrptions of some *Torneutinae* that were summarily published by the author in 1939 : *Praxithea travassosi*, *Psygmato-cerus elegans*, *Coccoderus teixeirai*, and *Salobra discreta*. The last species is the male of *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853, and this synonymy is established.

Three new subfamilies are proposed : *Bothriospilinae* (type *Bothriospila* AURIVILLIUS, 1923), *Pleiarthrocerinae* (type *Pleiarthrocerus* BRUCH, 1914), and *Diorinae* (type *Diorus* WHITE, 1853). The author feels that probably some of these groups merit only a tribe category, but at present, until the tribes of the old subfamilies of *Cerambycidae* (sens. lat.), are regrouped, the process of automatically elevating the tribes to a subfamily status, as practised long ago by Bates, has to be used by those who have not large representative collections at their disposal.

BIBLIOGRAFIA

- AURIVILLIUS, CHR., 1912, Col. Cat. Junk et Schenkling, 22 (pars 39) : 42-44, 65. Berlin.
- AURIVILLIUS, CHR., 1923, Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia, 19, Arkiv för Zool., 15 (25) : 1-3, fig. 113. Stockholm.
- BATES, H. W., 1870, Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley, Trans. Ent. Soc. London : 249.
- BLACKWELDER, R. E., 1946, Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico, Central America the West Indies, and South America, Part 4, Bull. U. S. Nat. Mus., 185 : 560 e 562. Smithsonian Institution, Washington.
- BRUCH, C., 1914, Descripción de un Cerambícido Extraordinario de la República Argentina *Pleiarthrocerus apocus* n. gen. n. spec., Rev. Mus. La Plata, 19, 2 : 340-345, figs. 1-5.
- BRUCH, C., 1915, Suplemento al Catálogo Sistemático de los Coleópteros de la República Argentina 1 (Addenda, Corrigenda y Resumen), Rev. Mus. La Plata, 19, 2 : 553-554.
- BRUCH, C., 1921, Algunos interesantes Cerambícidos, Rev. Mus. La Plata, 25 : 353-354, fig. 6.
- BRUCH, C., 1926, Cerambícidos nuevos o poco conocidos, Physis, 8: 388-339, Lám. 1, figs. 1-3.
- CARVALHO, M. B. DE, & CARVALHO, R. F. DE, 1941, Segunda Contribuição Para Um Catálogo Dos Insetos de Pernambuco, Arq. Inst. Pesq. Agron. Pernambuco, 3 : 18.
- GEMMINGER ET HAROLD, 1872, Cat. Col., 9 : 2797, 2807. Monachii.
- GOUNELLE, E., 1909, Listes des Cérambycides de la Région de Jatahy, État de Goyaz, Brésil, Ann. Soc. Ent. France, 77 : 606-607. Paris.
- LACORDAIRE, TH., 1869, Gen. Col., 8 : 202-203, 237-248, 257-258, 273. Paris.
- LANE, F., 1939 Descrições de Longicórnios Neotrópicos (Nota prévia), Bol. Biol. (Nov. sér.), 4 (1) : 73-75. São Paulo.
- THOMSON, J., 1860, Classif. Céramb. : 271-274, 379. Paris.
- THOMSON, J., 1864, Syst. Ceramb. : 246, 253-255, 452, 456. Paris.
- WHITE, A., 1853, Cat. Col. Brit. Mus., 7 : 135-136, pl. 4, fig. 3, 3^a. London.

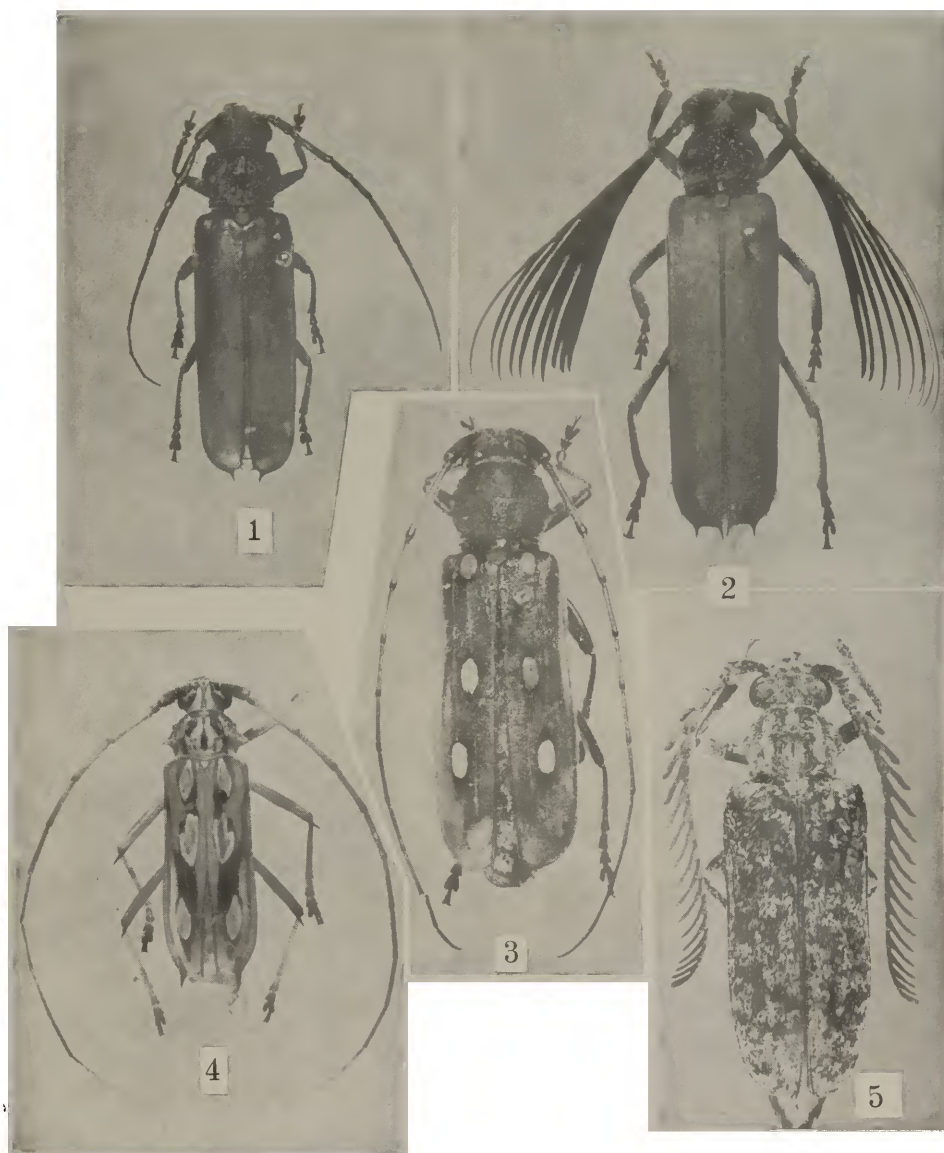
EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS

Estampa 1

- Fig. 1 — *Praxithea travassosi* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 2 — *Psygmatocerus elegans* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 3 — *Coccoderus teixeirai* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 4 — *Bothriospila elegans* AURIVILLIUS, 1923, ♀.
Fig. 5 — *Pleiarthrocerus ypacus* BRUCH, 1914, exemplar ♂ de Pedra, Estado de Alagoas, mostrando as antenas com 19 artículos. (Colecção H. ZELLIBOR).

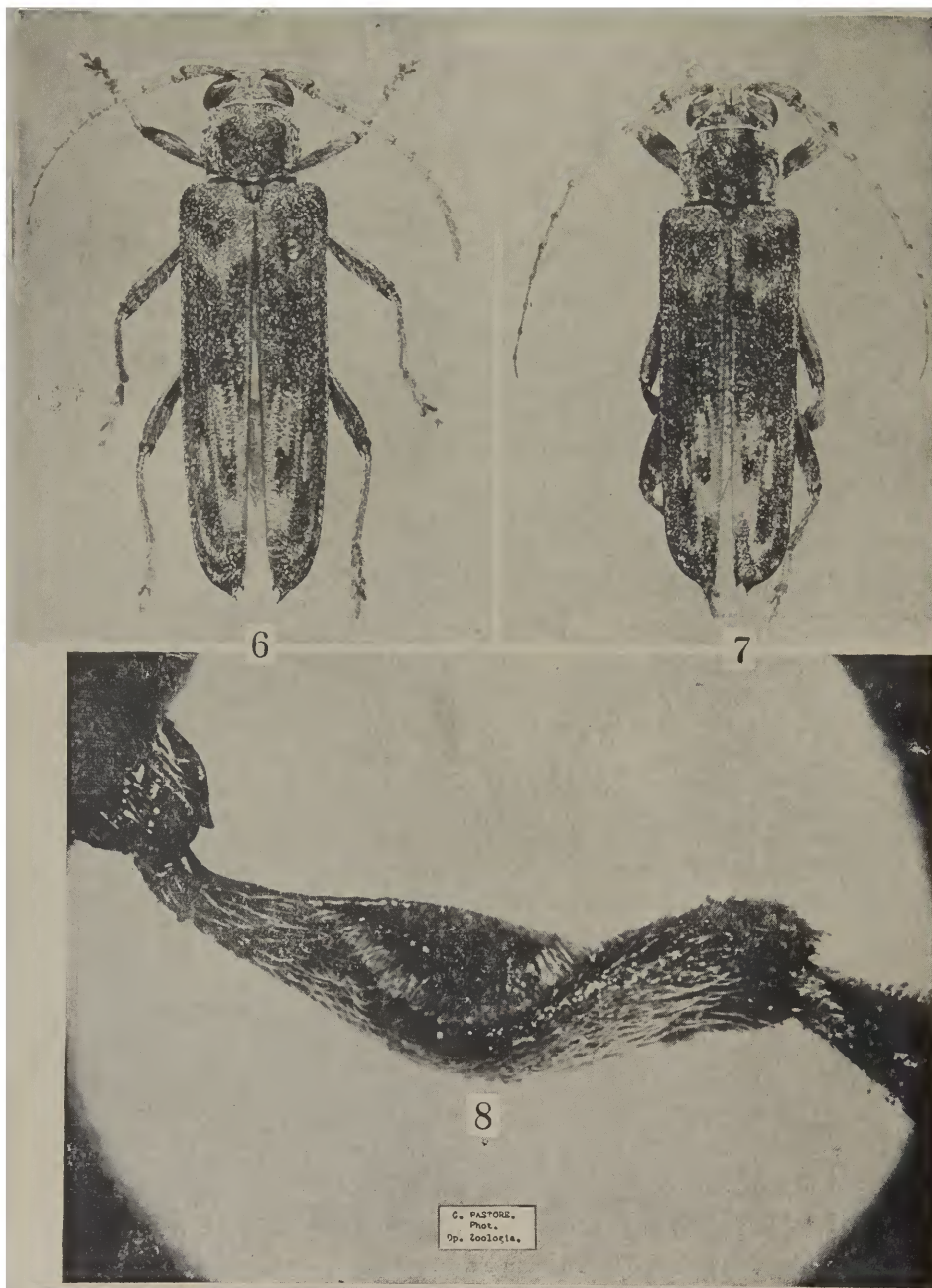
Estampa 2

- Fig. 6 — *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853, ♀, Piracicaba, Estado de São Paulo.
Fig. 7 — *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853, ♂, Holotipo de *Salobra discreta* F. LANE, 1939.
Fig. 8 — Detalhe do exemplar da fig. 7, mostrando a estrutura da tibia média.



Estampa 1

- Fig. 1 — *Praxithea travassosi* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 2 — *Psygmatocherus elegans* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 3 — *Coccoderus teixeirai* F. LANE, 1939, Holotipo ♂.
Fig. 4 — *Bothriospila elegans* AURIVILLIUS, 1923, ♀.
Fig. 5 — *Pleiarthrocerus opacus* BRUCH, 1914, exemplar ♂ de Pedra, Estado de Alagoas, mostrando as antenas com 19 artículos. (Coleção H. ZELLIBOR).



Estampa 2

Fig. 6 — *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853, ♀ Piracicaba, Estado de São Paulo.

Fig. 7 — *Diorus biapiculatus* WHITE, 1853, ♂, Holotipo de *Salobra discreta* F. LANE, 1939.

Fig. 8 — Detalhe do exemplar da fig. 7, mostrando a estrutura da tíbia média.

CODIFICAÇÃO DA NOMENCLATURA ZOOLOGICA

p o r

AFRÂNIO DO AMARAL

Contém :

Págs.

I — Histórico e estado atual das regras de Nomenclatura	379
II — Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica	388
III — Opiniões 1-194 emitidas pela C. I. N. Z.	404
IV — Importantes resoluções sobre Nomenclatura Zoológica	433

I

HISTÓRICO E ESTADO ATUAL DAS REGRAS DE NOMENCLATURA

I N T R O D U Ç Ã O

Antes do século XVIII já se tornara demasiado evidente que não seria jamais possível haver entendimento entre os cultores da zoologia se cada qual sempre se ativesse à prática rotineira que consistia em aplicar aos diversos seres os nomes vigentes nas pátrias respectivas e na língua dos correspondentes especialistas, nomes êsses que, ainda por cima, eram muitas vezes dos mais disparatados e de nenhum modo obedeciam a qualquer critério sistemático.

Por volta de 1735, o médico e naturalista CARLOS LINEU, mais tarde professor na Universidade de Upsala, sentiu a necessidade de sistematizar as designações dos seres vivos (e dos minerais) de maneira inteligível a todos os homens cultos da época. Para isso tratou de exprimí-las em latim, língua então em voga nos meios médicos e científicos e entre as classes eruditas. Fê-lo também de maneira consistente, contribuindo dêsse modo para emprestar a necessária estabilidade ao próprio método que resolvera promover.

E assim diria êle no prefácio de sua conhecida e por todos os títulos famosa obra, *Systema Naturae* (ed. X, reform., 1758, Holmiae, Imp. dir. Laurentius Salvius) :

“Notitia consistit in vera *idea* objectorum, qua familia a dissimilibus distinguuntur *notis* propriis, a Creatore rebus inscriptis: hanc notitiam ut cum aliis communicet, *nomina* propria non confundenda singulis diversis imponat; nomina enim si pereunt, perit et rerum cognitio”.

E acrescentaria logo depois :

“Nomina respondeant Methodo Systematicae; sint itaque: Nomina *Classium*, *Ordinum*, *Generum*, *Specierum*, *Varietatum*...”

Introduzira-se por tal arte em Biologia a maneira eficaz de distinguir-se, dentro de determinado grupo, cada ser, mediante a combinação

fixa de dois nomes latinos, dos quais o último exprimiria a própria espécie (nome específico) e só terá valor real e certo quando precedido da designação do grupo imediato e mais importante (nome genérico), a que tal espécie estivesse ligada no consenso geral dos cientistas. Instituiu assim o sábio sueco o método binominal em Nomenclatura.

Houvesse tal nomenclatura surgido em qualquer dos idiomas falados na ocasião e não trouxesse o próprio cunho glotológico de neutralidade imanente ao latim —que, embora fôsse então, por via de regra, o veículo usual do pensamento das classes cultas em suas publicações, era considerado língua morta e se tornara apátrida para todos os efeitos,— e é pouco provável houvessem os arroubos de nacionalismo da época, exacerbado por perenes rivalidades e conflitos, permitido que a idéia do binominalismo devida a LINEU se mantivesse e se generalizasse por todos os países.

Mesmo assim, muito teria custado preparar tal nomenclatura de modo a resistir aos embates das tendências divisionistas e esquismáticas que por vários modos se manifestariam. Esse preparo consistiria no estabelecimento de algum sistema que, sendo de fácil interpretação e aplicação, pudesse dirimir as dúvidas, resolver as divergências e liquidar os conflitos que surgissem mormente no terreno movediço da conceituação dos limites das espécies. Certo, tais dúvidas agravar-se-iam quando se tratasse de decidir a quem cabia a *prioridade*, quer na ocupação de qualquer combinação de nomes para designar mais de um ser, quer no uso de mais de um arranjo de designações para nomear o mesmo ser.

Com a rápida expansão da cultura por todo o mundo civilizado, verificada no fim do século XVIII e pelo século XIX afora, e por efeito do desenvolvimento dos estudos zoológicos em diversos centros, cedo se patenteou a necessidade de fixar-se uma orientação certa e inflexível que impusesse a necessária disciplina às soluções a serem adotadas, com o consentimento geral, na criação e na rejeição de nomes. Começaram então os zoólogos a trocar idéias, a manter correspondência uns com os outros, até que resolveram promover a realização de conferências internacionais, onde poderiam afinal apresentar de viva voz os seus trabalhos e submetê-los à livre crítica dos colegas. Nasceu também daí o plano de dar-se corpo às regras que iriam disciplinar as questões ligadas com a nomenclatura.

Assim é que surgiu a iniciativa da realização periódica, trienal, de Congressos Internacionais dos quais iriam os zoólogos haurir a necessária autoridade e receber poderes conducentes à codificação da nomenclatura de cuja falta tanto se ressentiam. Não é, pois, de estranhar esteja diretamente ligada às decisões tomadas em tais certames, pelos delegados plenipotenciários das diversas nações, a evolução do sistema binominal promovido por LINEU.

E V O L U Ç Ã O

Ante a situação de estreita dependência que assim se criou para a Nomenclatura Zoológica, devemos estudar-lhe a evolução à luz das próprias decisões dos Congressos Internacionais, de que foram até agora realizados os seguintes:

Congressos Internacionais de Zoologia (C. I. Z.)

ORDEM	S E D E	ANO
I	Paris, França	1889
II	Moscú, Rússia	1892
III	Leyden, Alemanha	1895
IV	Cambridge, Inglaterra	1898
V	Berlim, Alemanha	1901
VI	Berna, Suíça	1905
VII	Boston, Estados Unidos	1907
VIII	Gratz, Austria	1910
IX	Principado de Mônaco	1913
X	Budapest, Hungria	1927
XI	Pádua, Itália	1930
XII	Lisboa, Portugal	1935
XIII	Paris, França	1948

Ao Congresso de Paris (1889) foi presente o primeiro projeto de sistematização da nomenclatura zoológica.

Devemo-lo a RAPHAEL BLANCHARD, professor da Faculdade de Medicina de Paris e Secretário geral do certame. Do texto desse trabalho, que reproduzia muitas das regras até então seguidas na França, constavam 17 artigos divididos em uma centena de parágrafos a compreenderem os seguintes assuntos: 1 a 5 — Generalidades; 6 a 23 — Nome genérico; 24 a 25 — Nome específico; 26 a 40 — Grafia de nomes genéricos e específicos; 41 a 50 — Nome de autor de espécie; 51 a 55 — Subdivisão e fusão de gêneros; 56 a 67 — Designação de gênero resultante da fusão de outros; 68 — Nome de família; 69 a 85 — Lei de prioridade; 86 a 88 — Rejeição de nome genérico; 89 a 91 — Rejeição de nome específico; 92 — Revalidação de nome genérico e específico antes rejeitado; 93 — Irrejeitabilidade de nome genérico ou específico, já publicados; 94 a 99 — Rejeição de barbarismos criados com inobservância das diretrizes ortográficas das Regras de Nomenclatura; 100 — Rejeição de nomes novos quando semelhantes a antigos.

Na sistematização dessa matéria, BLANCHARD conseguiu sintetizar-lhe o corpo de doutrina em 53 artigos, distribuídos por 7 capítulos, a saber :

- I — Da nomenclatura dos seres vivos.
- II — Do nome genérico.
- III — Do nome específico.
- IV — Da grafia de nomes genéricos, ou específicos.
- V — Subdivisão e fusão de gêneros, ou de espécies.
- VI — Do nome de família.
- VII — Lei de prioridade.

Esse projeto foi igualmente discutido no 1º Congresso e, apesar de aprovado, suscitou algumas críticas.

Porisso mesmo, BLANCHARD tratou de refundi-lo. E ao 2º C. I. Z. ofereceu novo relatório sobre a "Nomenclatura dos seres vivos".

Este seu trabalho era dividido em 3 partes: Esclarecimentos complementares sobre as Regras; Comentários a alguns artigos de Nomenclatura; Proposta de codificação.

Na Proposta de codificação eram os artigos ampliados para 63, que se agrupavam em 8 capítulos, a saber:

- I — Da nomenclatura dos seres organizados.
- II — Do nome genérico.
- III — Do nome específico.
- IV — Da grafia de nomes genéricos, ou específicos.
- V — Subdivisão e fusão de gêneros, ou espécies.
- VI — Do nome de família.
- VII — Da lei de prioridade.
- VIII — Questões conexas.

A êsse conclave os delegados compareceram com o espírito já mais preparado para admitir a idéia de uniformização da nomenclatura zoológica mediante a adopção de um sistema que se tornasse mundial: o relatório minudente que BLANCHARD preparara já então foi adoptado, com menores restrições mentais, pelo plenário do Congresso.

Isto não impediu, todavia, que dois anos mais tarde, em 1894, a prestigiosa Sociedade Alemã de Zoologia (Deutsche zoologische Gesellschaft) adoptasse novo código, mostrando-se assim nacionalisticamente propensa a desconhecer as Regras propostas pelo francês BLANCHARD. Tal atitude da representação germânica tornou-se clara logo depois, quando, perante o 3º C.I.Z., F. E. SCHULZE (de Berlim), sob a alegação de que o Código projetado era criação meramente gaulesa, sugeriu fôsse nomeada uma comissão para estudar as idéias e propostas existentes e apresentar novo projeto, que tivesse carácter verdadeiramente internacional.

ORIGEM E PODERES DA C.I.N.Z.

Sem embargo das dificuldades que surgiram no curso da discussão e do azedume de que esta se revestiu, acabou por prevalecer o bom senso, que se estribava no desejo geral da uniformização de nomenclatura. Foi aceita a sugestão de SCHULZE e nomeada uma comissão de carácter permanente, integrada de 5 especialistas, inclusive um representante do Novo Mundo, com incumbência de estudar os vários textos existentes sobre nomenclatura zoológica e opinar a respeito.

Esse grupo de zoólogos, que escolheu para Presidente o próprio Prof. RAPHAEL BLANCHARD (França) e para Secretário o Dr. CHARLES W. STILES (E. U. A.), representou o núcleo da actual Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (C. I. N. Z.). Havendo conseguido ultimar os estudos, preparou o competente relatório em tempo de levá-lo a Cambridge, para apresentação ao 4º C. I. Z. (1898).

Infelizmente, tal relatório não pode ser subscrito pela unanimidade da Comissão, de vez que no seio dela surgira certa divergência de pontos de vista. Por êste motivo, isto é, por não exprimir o pensamento de todos os membros da Comissão de Nomenclatura, não alcançou o trabalho a aprovação do plenário do 4º Congresso. Resolveu então o

Congresso conferir poderes adicionais à aludida Comissão para escolher livremente mais 10 especialistas para integrá-la, passando assim a 15 (*) o número de seus membros, número êste que foi conservado até a celebração do 13º C. I. Z. em Paris, 1948. Dest'arte foi atendida a necessidade de ficar a Comissão mais representativa quanto às especializações nos diversos grupos zoológicos e satisfeito o imperativo de emprestar-se carácter mais internacional à sua própria constituição, de maneira a diluïrem-se as possíveis rivalidades de feição nacionalística.

Assim reforçada, a C. I. N. Z. conseguiu elaborar o novo texto da codificação encomendada. Embora subscrito pela quase totalidade dos membros da Comissão, êsse trabalho, por não aparecer ainda unânime, não logrou ser adoptado na íntegra pelo 5º C. I. Z., a cujo plenário foi presente (1901).

Estabelecida, por tal arte, tácitamente, pelo que entre os nomenclaturistas se passou a chamar de "acôrdo de Berlim", o princípio de unanimidade como base para as deliberações da C. I. N. Z. incorporou-se nos próprios Estatutos da Comissão, que foram então promulgados (1901). Mediante o "acôrdo" foram, porém, aceitos em Berlim (5º C. I. Z.) aqueles dispositivos que no novo texto de codificação haviam logrado unanimidade de votos no seio da Comissão.

Já por ocasião do 6º C. I. Z. (1904) teve a Comissão de deter-se no exame de certa crítica que surgira à falta de clareza de um artigo constante do texto e que fôra aprovado em Berlim. E da minuciosa reconsideração de tôda a matéria resultou afinal a almejada harmonização dos principais pontos de vista, seguida sem demora pela divulgação (1905) do texto definitivo das Regras em francês com a competente versão em inglês e alemão.

Por ocasião do 7º Congresso (1907), a C. I. N. Z. iniciou o sistema, que seria em seguida adoptado oficialmente, de redigir "Declarações" e emitir "Opiniões", cuja finalidade consiste em esclarecer dúvidas e resolver dificuldades oriundas da interpretação do sentido de quaisquer dispositivos das Regras em sua aplicação à prática, sempre mediante prévio e metucioso estudo de questões concretas que lhe sejam apresentadas pelos zoólogos. Passou-se assim tácitamente a conferir encargos de natureza judiciária à Comissão permanente, dentro dos poderes que emanam das resoluções tomadas pelos Congressos Internacionais.

O 8º Congresso (1910) aprovou os Estatutos definitivos da Comissão, cometendo-lhe finalmente a função fundamental de estudar todos os problemas de ordem geral pertinentes à teoria e prática da nomenclatura zoológica e de submeter, sob a forma de relatórios periódicos, o resultado de seus estudos à soberana decisão dos Congressos Internacionais.

E, mercê de resolução adoptada pelo 9º Congresso (1913), tornaram-se ainda mais amplas as atribuições da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, convindo notar que as decisões tomadas nos Congressos Internacionais de Zoologia pelos delegados das diversas nações investidos de plenos poderes pelos respectivos governos têm o valor de obrigações livremente contraídas, cumprindo, pois, às altas partes contratantes pô-las em execução e velar por sua fiel observância.

(*) Os encargos de direcção continuaram a ser desempenhados cumulativamente por 3 dêsses membros, com os títulos de Presidente, Secretário (executivo) e Secretário-assistente da C. I. N. Z.

Desde então passaram a ser as seguintes as principais atribuições da C.I.N.Z.:

- 1) apresentar periodicamente ao C.I.Z. "Recomendações" atinentes à adoção de "Emendas no Código Internacional de Nomenclatura Zoológica" ou à introdução de "Recomendações" aditivas a determinados artigos do Código;
- 2) redigir "Declarações" e emitir "Opiniões" sobre assuntos pertinentes à nomenclatura zoológica, que lhe sejam submetidas ao estudo;
- 3) preparar a "Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia";
- 4) usar de plenos poderes, quando preciso fôr, para dirimir dificuldades ocorrentes, mediante a suspensão da aplicação dos dispositivos do Código ("Suspensão das Regras") e sob determinadas condições.

ATIVIDADES DA C.I.N.Z.

Investida desses amplos e difíceis encargos, a C.I.N.Z., que trabalha a título gracioso em benefício coletivo, assim os tem desempenhado:

1. Recomendações e Emendas

Agindo sempre com a necessária prudência e cautela e bem ponderando as vantagens e desvantagens de qualquer iniciativa que pretenda tomar, a Comissão teve até agora ensejo de recomendar as seguintes providências aos Congressos de Zoologia e dêles obteve as competentes autorizações para agir, conforme se pode verificar pelo texto das Regras ou Código:

- a) do 7º Congresso (1907), que se inserisse no Código nova versão do Artigo 30, quanto ao método a observar-se na designação de tipos de gêneros;
- b) do 8º Congresso (1910), que se fizesse no Artigo 35 o necessário aditamento no tocante à maneira de se determinarem os homônimos;
- c) do 10º Congresso (1927), que na redação do Artigo 25 se introduzisse importante alteração, a cuja luz nenhum nome genérico ou específico, publicado após 31 de Dezembro de 1930, será considerado aproveitável e, pois, gozará de validade, se não aparecer acompanhado de um resumo de caracteres que diferenciem, de gêneros ou espécies já conhecidos, as formas correspondentes;
- d) do 11º Congresso (1930), que se adoptasse importante recomendação a ser apensa ao Artigo 36 relativamente a homônimos da mesma data, passando-se a dar sempre preferência ao nome de gênero sobre o de subgênero e ao de espécie sobre o de subespécie;
- e) desse mesmo Congresso, que, para efeitos práticos, se estabelecesse a data de 1º de Janeiro de 1758 como o ponto de partida da Nomenclatura Zoológica e da Lei de Prioridade.

Todavia, de tôdas as decisões neste particular a de maior repercussão foi sem dúvida aquela tomada pelo 9º Congresso (1913), que, mediante a invocação do princípio de "Suspensão das Regras", permitirá

alcance a Comissão, gradativamente, a desejada solução para a velha controvérsia que mantém a maioria dos zoólogos em campos opostos, em um dos quais se alinham quantos não transigem na defesa da Lei de Prioridade, e no outro se agrupam os que favorecem a ampla adoção das listas de *nomina conservanda*. Dessa decisão, que conferiu à C.I.N.Z. plenos poderes para dirimir dificuldades, trataremos em próximo parágrafo.

2. Opiniões sôbre Nomenclatura

Desde 1907 vem a Comissão incluindo em seus relatórios e em número sempre crescente os textos de Opiniões interpretativas de questões de nomenclatura, para cuja adoção e observância tem obtido a necessária aprovação dos Congressos Internacionais.

Assim, ao 7º Congresso submeteu as 5 primeiras Opiniões (1 a 5), divulgadas em Outubro de 1907; 8º Congresso — 20 Opiniões (6 a 25); 8º e 9º Congressos — 31 Opiniões (26 a 56); 9º e 10º Congressos (cujo intervalo, em lugar de triênio costumeiro, foi de cêrca de 14 anos devido à interveniência do 1º conflito mundial, que virtualmente suspendeu as atividades da Comissão) — 41 Opiniões (57 a 97); 10º e 11º Congressos — 17 Opiniões (98 a 114); 11º e 12º Congressos (cujo interregno foi de 5 anos por efeito de graves ocorrências políticas verificadas na Europa) — 9 Opiniões (115 a 123); 12º e 13º Congressos (entre os quais mediaram 13 anos por fôrça do agravamento das relações políticas internacionais que culminaram na 2ª grande guerra mundial) — 71 Opiniões (124 a 194).

3. Lista Oficial de Nomes Genéricos

Graças ao apôio e à cooperação recebidos de muitos zoólogos e sistematistas, pôde a Comissão preparar desde 1912 o texto justificativo de numerosos acréscimos a serem feitos na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, com indicação dos respectivos genótipos.

Esses trabalhos, aprovados pelos Congressos de Zoologia (do 9º ao 12º) que se realizaram no entretanto, compreendem ao todo 624 nomes, assim distribuídos pelo Reino Animal (Vide Opiniões: Nos. 66, 67, 75, 77, 81, 84, 85, 91-95, 103, 104, 106, 108-111, 113, 117, 119, 121, 122, 127-130, 139, 142, 144, 146, 149, 151, 153-156, 161-163, 166, 167, 171, 174, 178, 180, 186-189, 192 : enunciado, texto ou resumo) :

Protozoários	11	Moluscos	26
Celentérios	3	Braquiópodos	2
Plati-helminhos	16	Asteroideos	1
Nematódios	12	Holoturoideos	1
Nematóforos	2	Clonoideos	5
Acantocéfalos	1	Urocordados	6
Quetópodos	2	Peixes	49
Hirudíneos	3	Anfíbios	3
Crustáceos	197	Répteis	11
Insetos	82	Aves	103
Arácnidas	26	Mamíferos	62

4. Suspensão das Regras

De tôdas as atribuições que os Congressos Internacionais conferiram à Comissão a mais grave, a mais delicada e de mais difícil desempenho, é certamente aquela que se refere ao uso de plenos poderes para suspender, sob determinadas condições, a aplicação das Regras ou seja não recorrer aos dispositivos do Código, sempre que haja de dirimir dúvidas quanto à vantagem ou desvantagem da estricte observância da Lei de Prioridade ou, pelo contrário, da manutenção de velhos nomes que se achem consagrados pelo uso, embora sem observância dos preceitos já codificados (*nomina conservanda*).

Inúmeras e desagradáveis controvérsias têm-se originado da aplicação desses poderes na prática, dado que a maioria dos zoólogos continua dividida em duas correntes antagônicas, as quais se mostram intransigentes na defesa de suas respectivas razões e pontos de vista.

Por isto mesmo, há-de a Comissão agir com certa lentidão. apesar de serem numerosíssimas as solicitações que lhe têm sido feitas para que se decida pelo abandono da Lei de Prioridade. Decorre daí o ser relativamente pequeno o número de Opiniões em que se valeu dos plenos poderes de que goza, para invocar a "Suspensão das Regras" dentro da letra e do espírito de Resolução formalmente adoptada pelo 9º Congresso Internacional de Zoologia (Principado de Mônaco, 1913). Dita Resolução encontra-se, sob o título de "Suspensão das Regras em certos casos", incorporada ao texto do "Código Internacional de Nomenclatura Zoológica", que reeditamos em outra secção da presente monografia.

As Opiniões que decorrem do uso desses poderes são até agora as seguintes: 80, 82, 89, 93, 100, 105, 108-111, 114, 115, 117, 123, 127-130, 137, 142, 144, 146, 151, 153-159, 161-163, 166, 167, 169, 171, 173-175, 177-181, 185, 186, 188, 189, 192, 194. E as Opiniões que, em resposta a consultas, emitiu a Comissão, declinando do uso desses poderes, são as de Nos. 74, 76, 90, 107, 112, 121, 126, 137, 152, 165, 170.

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral de quantos dedicam suas horas de lazer à árdua tarefa de facilitar o trabalho das gerações futuras mediante a remoção dos inúmeros e traiçoeiros escolhos encontrados no caminho dos zoólogos da geração passada e presente, consiste essencialmente em conseguir a estabilidade das Regras Internacionais de Nomenclatura. Ou, conforme diria, em seu inspirado artigo "Is an International zoological nomenclature practicable?" (*in Science*, 1931, 1892 : 349 — 354), o saudoso CHARLES W. STILES, que durante tantos anos exerceu as ingratas funções de Secretário geral da C.I.N.Z. :

"The immediate future of international rules depends primarily upon coming to a definite international understanding on the generic point as to how much importance is to be attached to the unanimous agreement of the past and upon this understanding deductions can be based as to how much confidence is justified in majority (namely less than unanimous) agreements in the future".

PERSPECTIVAS FUTURAS

Apesar de todos os melhoramentos que nos últimos anos se tem podido introduzir no corpo do Código, nele ainda se notam alguns senões, certas omissões e ambiguidades, cuja eliminação, correção e esclarecimento nem sempre se conseguem com a rapidez que seria para desejar.

Veze sem conta, a Comissão se defronta com problemas que, embora de natureza nomenclatural, pertencem essencialmente ao domínio da taxonomia. Nalguns casos, conforme aventou em seu trabalho, "The functions and powers of the International Commission on Zoological Nomenclature" (*in* Bull. Zool. Nomenclature, 1943, 1, 1 : 25), nosso confrade FRANCIS HEMMING, dedicado Secretário geral da C.I.N.Z.

"the two subjects are so intimately intertwined that it would be impossible for the Commission to refuse to deal with any part of a given problem on the ground that the problem was primarily one of taxonomy without at the same time neglecting to deal with an important question of nomenclature".

É mesmo de esperar que de futuro os zoólogos se vejam na contingência de procurar uniformizar igualmente a nomenclatura de agrupamentos mais amplos do que as famílias ou mais restritos do que as subespécies. Ou que, ante a mudança de conceito que se venha a verificar com relação a qualquer dos cinco grupos e cujo âmbito limita a Comissão suas atividades no presente, se veja esta forçada a sugerir a modificação do Código em certos pontos, afim de que êle não se torne obsoleto ou anacrônico.

Dada a evolução que necessariamente se processará (por se tratar de ciência — e é da essência mesma de qualquer ciência a idéia de progresso) em nossas concepções sobre os limites desses agrupamentos, é de mister esteja sempre a Comissão ao corrente de eventuais transformações que neste particular se manifestem, afim de poder, quando solicitada, opinar com perfeito conhecimento de causa. Não lhe cabe só debruçar-se sobre o passado e cotejar alfarrábios e rebuscar dados pretéritos. Impõe-se-lhe também o dever de estar alerta e projetar-se sobre o futuro, acompanhando de perto as repercussões que as pesquisas, por exemplo, da Genética, possam ter no domínio da Zoologia.

Pôsto isto, cumpre-nos manter bem vivo o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica. Neste sentido, não se cansa a Comissão de apelar para todos os zoólogos, solicitando-lhes continuada colaboração e a necessária simpatia para que possa ela desempenhar-se menos mal das espinhosíssimas incumbências que lhe vêm sendo sucessivamente cometidas pelos Congressos Internacionais.

ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO DA C.I.N.Z.

Conforme se verá em outra secção desta monografia, ficou decidido, no 13º Congresso (Paris, 1948) fôsse alterada a constituição da Comissão Internacional de Nomenclatura. Até então, era a Comissão integrada por 18 membros, dos quais 3 eram eleitos à parte, cabendo-lhes o desempenho das funções administrativas. À luz da resolução de Paris, passou a Comissão a ter 18 como limite mínimo de seus membros, cujo número será acrescido de modo variável mediante inclusão de represen-

tantes de zoológicos de quaisquer países onde, a juízo dela, se esteja realizando considerável soma de pesquisas no domínio da especialidade.

De qualquer modo, a direção geral dos trabalhos cabe a três membros, os quais exercem, respectivamente, os cargos de Presidente, Vice-Presidente e Secretário (executivo).

Os atuais (Maio de 1949) titulares desses cargos são os seguintes:

Presidente: JAMES L. PETERS (*Museum of Comparative Zoölogy, Harvard University, Oxford St., Cambridge 38, Mass., Estados Unidos*).

Vice-Presidente: AFRÂNIO DO AMARAL (755, *Rua da Bela Sintra, São Paulo, S.P., Brasil*).

Secretário (executivo): FRANCIS HEMMING (28, *Park Village East, Regent's Park, London, N. W. 1, Inglaterra*).

Enderêço do Secretariado da Comissão: Secretariat, International Commission on Zoological Nomenclature (41 *Queen's Gate, London, S.W. 7, Inglaterra*).

I I

REGRAS INTERNACIONAIS DE NOMENCLATURA ZOOLOGICA

JUSTIFICAÇÃO DA 1.^a EDIÇÃO *

Há muitos annos se vem fazendo sentir nos meios scientificos do Brasil e de Portugal a necessidade duma edição portuguesa das Regras Internacionaes de Nomenclatura Zoologica, obrigados como se vêem os technicos dos dois países ao manuseio constante de edições em linguas estrangeiras, com cujas particularidades nem sempre têm elles a ventura de estar familiarizados. A crescente contribuição, oriunda de Portugal e especialmente do Brasil, ao progresso da zoologia em geral e da zoologia medica em particular, justifica por sem duvida o esforço que resolvi fazer ao traduzir aquellas Regras para a nossa lingua.

Na verdade, deste assumpto já me venho occupando ha alguns annos. Assim é que, em 1925 e 1926, publiquei, na Revista do Museu Paulista, varias notas sobre Questões de Nomenclatura Ophiologica, para justificar a passagem, para a synonymia, de algumas especies de ophídios consideradas até então como validas. Tambem em 1925 o Harvard Institute for Tropical Biology and Medicine reuniu no volume II de suas "Contributions" uma serie de artigos meus, em alguns dos quaes tratava eu de repôr em seus devidos termos outras questões attinentes á nomenclatura de ophídios neotropicos.

Ao ter conhecimento desses trabalhos que estavam a revelar um provavel interesse por este assumpto em nosso meio, o Secretario da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoologica e membro do Instituto Nacional de Saude de Washington, Prof. Charles W. Stiles, me convidou, em fins de 1927, a traduzir para o português o importante Codigo, que tão precioso auxilio tem prestado a quantos trabalham em systematica zoologica.

(*) Terceira edição revista e atualizada da versão portuguesa, respeitada a grafia original da primeira edição (Setembro de 1930).

Parece-me desnecessario encarecer a necessidade da introdução de um Codigo dessa natureza em nossa lingua, porquanto ao nosso meio é perfeitamente applicavel, a opinião, expressa por aquella Commissão, de que se pode com segurança asseverar que relativamente poucos zoologos, ao começarem a sua carreira profissional, fazem uma idéia, perfunctoria que seja, das questões de nomenclatura, devido especialmente a que não se exige ainda, em nossos Collegios ou Faculdades, qualquer conhecimento de grammatica zoológica por parte daquelles que se candidatam a um diploma scientifico. Por isso mesmo, é de esperar que a presente edição, receba benevolo acolhimento da parte dos zoologos brasileiros e portugueses, cujas suggestões serão tomadas no devido apreço para a progressiva melhora do trabalho em futuras edições.

São Paulo, Setembro de 1930.

REGRAS E RECOMENDAÇÕES

Considerações gerais

ARTIGO 1 — A nomenclatura zoológica é independente da nomenclatura botânica no sentido de que o nome de um animal não se rejeita simplesmente por ser idêntico ao nome de uma planta. Se, todavia, um organismo é transferido do reino vegetal para o animal, seus nomes botânicos devem ser aceitos em nomenclatura zoológica com seu valor botânico original; e se um organismo é transferido do reino animal para o vegetal, seus nomes retêm o valor zoológico.

Recomendação — Faz-se bem em evitar a introdução em zoologia de nomes genéricos já em uso em botânica.

ARTIGO 2 — A designação científica de animais é uninominal para subgêneros e todos os grupos mais altos, binominal para espécies e trinominal para subespécies.

Vide Opiniões Nos. 19, 20, 24, 35, 43, 46, 50, 54, 89, 96, 118.

ARTIGO 3 — Como nomes científicos de animais se devem usar palavras que sejam latinas ou latinizadas, ou então consideradas e tratadas como tais no caso de não serem de origem clássica.

Nomes de famílias e subfamílias

ARTIGO 4 — O nome de uma família se forma pela adição da terminação *idae** e o de uma subfamília, pela adição de *inae*, à raiz do nome de seu gênero tipo.

Vide Opiniões Nos. 133, 140, 141, 143.

ARTIGO 5 — O nome de uma família ou subfamília deve ser mudado quando se troca o nome de seu gênero tipo.

Nomes genéricos e subgenéricos

ARTIGO 6 — Os nomes genéricos e subgenéricos estão sujeitos às mesmas regras e recomendações e, do ponto de vista da nomenclatura, são coordenados, isto é, possuem o mesmo valor.

Vide Opiniões Nos. 13, 72.

ARTIGO 7 — Um nome genérico torna-se subgenérico, quando o gênero correspondente passa a subgênero, e *vice-versa*.

[* NOTA DO TRADUTOR: O *i* de *idae* é breve ou átono, dada sua origem latina. Assim deve-se pronunciar, por exemplo, *Crotálidae* (em português *Crotalidas* ou *Crotalideas*) e não *Crotalídae*].

ARTIGO 8 — Um nome genérico deve consistir de uma só palavra, simples ou composta, escrita com letra maiúscula inicial e empregada como substantivo no nómínativo singular. Exemplos: *Canis*, *Perca*, *Ceratodus*, *Hymenolepis*.

Recomendação — Certos grupos biológicos, propostos distintamente como grupos coletivos e não como unidades sistemáticas, podem ser tratados por conveniência como se fôsem gêneros, mas sem requererem espécie tipo. Exemplos: *Agamodistomum*, *Amphistomulum*. *Agamofilaria*, *Agamomermis*, *Sparganum*.

Vide Opiniões Nos. 44, 89, 183.

Recomendações — As seguintes palavras podem ser usadas como nomes genéricos:

a) Substantivos gregos, com os quais se devem seguir as regras de transcrição latina [transliteração (vide Apêndice, letra F)]. Exemplos: *Ancylus*, *Amphibola*, *Aplysia*, *Pompholyx*, *Physa*, *Cylichna*.

b) Vocábulos gregos compostos, nos quais, o atributivo deve preceder a palavra principal. Exemplos: *Stenogyra*, *Pleurobranchus*, *Tylodina*, *Cyclostomum*, *Sarcocystis*, *Pelodytes*, *Hydrophilus*, *Rhizobius*.

Isto, todavia, não exclui vocábulos formados à maneira de *Hippopotamus*, isto é, vocábulos em que o atributivo segue a palavra principal. Exemplos: *Philydrus*, *Biorhiza*.

c) Substantivos latinos. Exemplos: *Ancilla*, *Auricula*, *Dolium*, *Harpa*, *Oliva*. Adjetivos (*Prasina*) e participios passados (*Productus*) não são recomendados.

d) Vocábulos latinos compostos. Exemplos: *Stiliger*, *Dolabrifer*, *Semifusus*.

e) Derivados gregos ou latinos que exprimam diminuição, comparação, semelhança, ou posse. Exemplos: *Dolium*, *Doliolum*; *Strongylus*, *Eustrongylus*; *Limax*, *Limacella*, *Limacia*, *Limacina*, *Limacites*, *Limacula*; *Lingula*, *Linguella*, *Lingulepis*, *Lingulina*, *Lingulops*, *Lingulopsis*; *Neomenia*, *Proncomenia*; *Buteo*, *Archibuteo*; *Gordius*, *Paragordius*, *Polygordius*.

f) Nomes mitológicos ou heróicos. Exemplos: *Osiris*, *Venus*, *Brisinga*, *Velleda*, *Crimora*. Se não forem latinos, tais nomes devem receber uma terminação latina (*Aegirus*, *Göndulia*).

g) Nomes próprios usados pelos antigos. Exemplos: *Cleopatra*, *Belisarius*, *Melania*.

h) Patronímicos modernos, aos quais se junta uma terminação que denote dedicatória:

α. Nomes que acabam por uma consoante, recebem a terminação *ius*, *ia*, ou *ium*. Exemplos: *Selysius*, *Lamarckia*, *Köllikeria*, *Mülleria*, *Stalia*, *Kroyeria*, *Ibañezia*.

β. Nomes que acabam pelas vogais *e*, *i*, *o*, *u*, ou *y*, recebem a terminação *us*, *a* ou *um*. Exemplos: *Blainvillea*, *Wyvillea*, *Cavolinia*, *Fatioa*, *Bernaya*, *Quoya*, *Schulzea*.

γ. Nomes que acabam por *a*, recebem a terminação *ia*. Exemplo: *Danaia*.

δ. Em nomes genéricos formados de patronímicos, omitem-se as partículas que não estejam ligadas com o nome, mas retêm-se os artigos. Exemplos: *Blainvillea*, *Benedenia*, *Chiajea*, *Lacepedea*, *Dumerilia*.

γ. Com patronímicos que consistam de dois vocábulos, apenas um destes se usa na formação de um nome genérico. Exemplos: *Selysius*, *Targionia*, *Edwardsia*, *Duthiersia*.

γ. E' objetável o uso de substantivos próprios na formação de nomes genéricos compostos. Exemplos: *Eugrimmia*, *Buchiceras*, *Heromorpha*, *Möbiusispongia*.

i) Nomes de navios que se devem considerar como mitológicos (*Vega*) ou como patronímicos modernos. Exemplos: *Blakea*, *Hirondellea*, *Challengeria*.

j) Nomes bárbaros, isto é, de origem não clássica. Exemplos: *Vanikoro*, *Chilosa*. Tais palavras podem receber uma terminação latina. Exemplos: *Yetus*, *Fossarus*.

k) Palavras formadas por combinação arbitrária de letras. Exemplos: *Neda*, *Clanculus*, *Salifa*, *Torix*.

l) Nomes formados por anagrama. *Dacelo*, *Vertusia*, *Linospa*.

ARTIGO 9 — Se um gênero é dividido em subgêneros, o nome do subgênero típico deve ser o mesmo que o do gênero (vide Art. 25).

ARTIGO 10 — Quando se desejar citar o nome de um subgênero, coloca-se êsse nome entre parênteses depois do genérico e antes do específico. Exemplos: *Vanessa (Pyrameis) cardui*.

Vide Opinião No. 124.

Nomes específicos e subespecíficos

ARTIGO 11 — Os nomes específicos e subespecíficos estão sujeitos às mesmas regras e recomendações e, do ponto de vista da nomenclatura, são coordenados, isto é, possuem o mesmo valor.

ARTIGO 12 — Um nome específico torna-se subespecífico, quando a espécie correspondente passa a subespécie, e *vice-versa*.

ARTIGO 13 — Embora substantivos específicos derivados de nomes de pessoas se possam escrever com letra maiúscula inicial, todos os demais nomes específicos devem ser escritos com minúscula inicial. Exemplos: *Rhizostoma Cuvieri* ou *Rh. cuvieri*, *Francolinus Lucani* ou *F. lucani*, *Hypoderma Diana* ou *H. diana*, *Laophonte Mohammed* ou *L. mohammed*, *Oestrus ovis*, *Corvus corax*.

ARTIGO 14 — São nomes específicos :

a) Adjetivos que gramaticalmente devem concordar com o nome genérico. Exemplo: *Felis marmorata*.

b) Substantivos no nominativo em oposição ao nome genérico. Exemplo: *Felis leo*.

c) Substantivos no genitivo. Exemplos: *rosae*, *sturionis*, *antillarum*, *galliae*, *sancti-pauli*, *sanctae-helenae*.

Se o nome é escolhido como dedicatória a uma ou mais pessoas, forma-se o genitivo de acôrdo com as regras de declinação latina, desde que o nome tenha sido empregado e declinado em latim. Exemplos: *plinii*, *aristotelis*, *victoris*, *antonii*, *elisabethae*, *petri* (nome dado).

Se o nome é um patronímico moderno, forma-se sempre o genitivo pela adição, ao nome exato e completo, de *i* se a pessoa for homem, ou de *ae* se a pessoa for mulher, mesmo que o nome tenha uma forma latina; coloca-se no plural se a dedicatória compreende várias pessoas do mesmo nome. Exemplos: *cuvieri*, *möbiusi*, *nuñezi*, *sarasinorum*, *bovi* (não *bovis*), *salmoni* (não *salmonis*).

Recomendação — O melhor nome específico é um adjetivo latino, curto, eufônico e de fácil pronúncia. Vocábulo gregos, latinizados ou bárbaros podem, todavia, ser usados. Exemplos: *gymnocephalus*, *echinococcus*, *ziczac*, *aguti*, *hoactli*, *urubitinga*.

E' bom evitar-se a introdução dos nomes *typicus* e *typus* para designar espécies ou subespécies novas, porquanto tais nomes são sempre capazes de produzir confusão futura.

Vide Opiniões Nos. 8, 50, 64.

ARTIGO 15 — O emprêgo de nomes próprios compostos que indiquem dedicatória, ou de vocábulos compostos que indiquem comparação com um objeto simples não representa exceção ao Art. 2. Nestes casos, os dois vocábulos que compõem o nome específico são escritos como uma só palavra com ou sem hífen. Exemplos: *Sanctae-Catharinae* ou *sanctaecatharinae*, *jan-mayeni* ou *janmayeni*, *cornu-pastoris* ou *cornu-pastoris*, *cor-anguinum* ou *coranguinum*, *cedo-nulli* ou *cedonulli*.

Expressões como *rudis planusque* não são admissíveis como nomes específicos.

Vide Opinião No. 50.

ARTIGO 16 — Nomes geográficos devem ser empregados como substantivos no genitivo, ou colocados em forma adjetiva. Exemplos: *sancti-pauli*, *sanctae-helenae*, *edwardiensis*, *diemenensis*, *magellanicus*, *burdigalensis*, *vindobonensis*.

Recomendação — Nomes geográficos usados pelos romanos ou escritores latinos da idade média devem ser adotados de preferência a formas mais recentes. Palavras como *bordeausiacus* e *viennensis* são más; todavia, não devem ser rejeitadas por isso.

ARTIGO 17 — Se se deseja citar o nome subespecífico, deve-se escrever tal nome imediatamente após o específico, sem a interposição de qualquer sinal de pontuação. Exemplo: *Rana esculenta marmorata* Hallowell, mas não *Rana esculenta (marmorata)* ou *Rana marmorata* Hallowell.

ARTIGO 18 — A notação de híbridos pode-se fazer de várias maneiras; em todos os casos o nome do pai precede o da mãe, com ou sem os símbolos do sexo:

a) Os nomes dos dois pais são unidos pelo sinal de multiplicação (\times). Exemplo: *Capra hircus* ♂ \times *Ovis aries* ♀ e *Capra hircus* \times *Ovis aries* são formas igualmente boas.

b) Podem-se também citar híbridos sob forma de fração, ficando o pai como numerador e a mãe como denominador. Exemplo: *Capra hireus*

Ovis aries. Este segundo método é preferível, tanto mais quanto permite a citação da pessoa que primeiro publicou a forma híbrida como tal.

Exemplo: $\frac{\text{Berniela canadensis}}{\text{Anser cygnoides}}$ Rabé

c) A forma de fração também é preferível quando um dos pais é híbrido. Exemplo: $\frac{\text{Tetrao tetrrix} \times \text{Tetrao urogallus}}{\text{Gallus gallus}}$. Todavia, para o último caso se podem usar parênteses. Exemplo: $(\text{Tetrao tetrrix} \times \text{Tetrao urogallus}) \times \text{Gallus gallus}$.

d) Quando os pais do híbrido não são conhecidos como tais [pais], o híbrido recebe provisoriamente o nome específico como se fôsse uma verdadeira espécie e não um híbrido; todavia, o nome genérico é precedido pelo sinal de multiplicação. Exemplo: $\times \text{Coregonus dolosus}$ Fatio.

Formação, derivação e ortografia de nomes zoológicos

Artigo 19 — A ortografia original de um nome deve ser conservada, a menos que deixe transparecer um erro de transcrição, um *lapsus calami* ou um erro tipográfico.

Vide Opiniões Nos. 8, 26, 27, 29, 34, 36, 41, 60, 61, 63, 70, 116.

Recomendação — Na grafia de nomes científicos é aconselhável o uso de caracteres diferentes dos empregados no texto. Exemplos: *Rana esculenta* [itálicos] Lineu, 1758, vive na Europa.

Artigo 20 — Na formação de nomes derivados de línguas em que se usa o alfabeto latino, deve-se conservar exatamente a grafia original, inclusive sinais diacríticos. Exemplos: *Selysius*, *Lamarckia*, *Köllikeria*, *Mülleria*, *Stålia*, *Kroyeria*, *Ibañezia*, *Möbiusi*, *Medici*, *Czjzeki*, *spitzbergensis*, *islandicus*, *paraguayensis*, *patagonicus*, *barbadensis*, *färöensis*.

Recomendação — Os prefixos *sub* e *pseudo* devem ser usados somente com adjetivos e substantivos, *sub* com vocábulos latinos, *pseudo* com vocábulos gregos e não devem aparecer ligados a nomes próprios. Exemplos: *subviridis*, *subchelatus*, *Pseudacanthus*, *Pseudophis*, *Pseudomys*. Palavras como *sub-Wilsoni* e *pseudo-grateloupana* não são recomendadas.

As terminações *oides* e *ides* só devem ser empregadas em combinação com substantivos gregos ou latinos; não o devem em combinação com nomes próprios.

Nomes geográficos e patronímicos de países que não têm ortografia reconhecida ou que não usam o alfabeto latino, devem ser transcritos para o latim de acôrdo com as regras adotadas pela Sociedade Geográfica de Paris (Vide Apêndice, letra G).

Na criação de novas designações baseadas em nomes próprios de pessoas, escritos algumas vezes com ä, ö ou ü, outras vezes com ae, oe e ue, recomenda-se que os autores adotem, ae, oe, e ue. Exemplo: *muelleri* de preferência a *müllerli*.

Vide Opinião No. 64.

Nomes do autor

ARTIO 21 — O autor de um nome científico é aquela pessoa que primeiro publica o nome ligado a uma indicação, definição, ou descrição, a menos que esteja claro, no texto da publicação, que alguma outra pessoa é responsável por tal nome e sua indicação, definição, ou descrição.

ARTIGO 22 — Desejando-se citar, o nome do autor deve seguir o nome científico sem interposição de qualquer sinal de pontuação; outras citações que se desejem (*data*, *sp. n.*, *emend.*, *sensu stricto*, etc.) devem seguir o nome do autor, ficando dêle separadas por vírgula ou parênteses. Exemplos: *Primates* Lineu, 1758, ou *Primates* Lineu (1758).

Recomendação — Na abreviação do nome do autor de uma designação científica, o escritor andarà bem se seguir a lista de abreviaturas publicada pelo Museu Zoológico de Berlim (1).

ARTIGO 23 — Quando se transfere uma espécie para um gênero diferente do original ou se combina o nome específico com qualquer nome genérico diferente daquele com que o primeiro foi publicado originalmente, deve-se reter na notação, mas colocar entre parênteses, o nome do autor de tal designação específica. Exemplos: *Taenia lata* Lineu,

(1) . Liste der Autoren zoologischer Art- und Gattungsnamen zusammengestellt von den Zoologen des Museum für Naturkunde in Berlim. Berlim, 2. vermehrte Auflage, 8°, 1896.

1758, e *Dibothriocephalus latus* (Lineu, 1758); *Fasciola hepatica* Lineu, 1758, e *Distoma hepaticum* (Lineu, 1758).

Desejando-se citar o autor da nova combinação, escreve-se-lhe o nome depois das parênteses. Exemplo: *Limnatis nilotica* (Savigny, 1820) Moquin-Tandon, 1826.

ARTIGO 24 — Quando se divide uma espécie, as espécies restritas, a que estava ligado o nome específico original da espécie primitiva, podem receber uma notação que indique, tanto o nome do autor original, quanto o de revisor. Exemplo: *Taenia solium* Lineu, *partim*, Goeze.

Lei de prioridade

A. CONCEITUAÇÃO

ARTIGO 25 (1) — O nome válido de um gênero ou espécie só pode ser aquele sob que um gênero ou espécie foi primeiro designado, contando que :

- a) Tal nome tenha sido publicado e acompanhado de uma indicação, ou definição, ou descrição; e
- b) O autor tenha aplicado os princípios de nomenclatura binária (2).

Vide Opiniões Nos. 1, 2, 4, 5, 9, 10, 12, 13, 15-17, 19-21, 24, 28, 37-40, 46, 48-54, 56-69, 65,67, 73-78, 84, 85, 87, 88-90, 138, 145, 148, 182, 184, 190, 191, 193.

(1) NOTA DO TRADUTOR: Devo frisar aqui que a redação deste artigo 25, sobre a lei de prioridade, foi modificada e ampliada pelo Congresso Internacional de Zoologia reunido em Budapest, Hungria, de 4 a 9 de Setembro de 1937. Com as modificações introduzidas, conforme recomendação unânime da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, este artigo 25 ficou assim redigido:

ARTIGO. BE — O nome válido de um gênero ou espécie só pode ser aquele sob que um gênero ou espécie foi primeiro designado, contanto que:

- a) tal nome (antes de 1.º de Janeiro de 1931) tenha sido publicado e acompanhado de uma indicação, ou definição, ou descrição; e
- b) o autor tenha aplicado os princípios da nomenclatura binária;
- c) Todavia, qualquer nome genérico ou específico publicado após 31 de Dezembro de 1930 só terá carácter de aproveitabilidade (e, portanto, também, de validez) à luz das Regras, se for, e somente depois que for publicado.

(1) com um resumo de caracteres (ou diagnose; ou definição; ou descrição condensada) que diferencie ou distinga o gênero ou a espécie, de outro gênero ou espécie;

(2) ou com uma clara citação bibliográfica de tal resumo de caracteres (ou diagnose; ou definição; ou descrição condensada). Ainda mais,

(3) tratando-se de um nome genérico, com a designação definida e clara da espécie tipo (ou genótipo; ou autogenótipo; ou ortótipo).

Outrossim, a Comissão adotou ainda a seguinte resolução:

a) pede-se a qualquer autor que, ao publicar um nome como novo, declare positivamente (isto é, na primeira), e que não junte a data ao nome no momento de sua primeira publicação.

b) pede-se a qualquer autor que, ao citar um nome genérico, específico, ou subspecífico, indique pelo menos uma vez o do autor e o ano da publicação do nome citado, ou forneça uma indicação bibliográfica completa.

(2) NOTA DO TRADUTOR: — A nomenclatura é binária no sentido de que ela repousa no sistema (s. binário) de sempre se designar, para efeito de distinção, qualquer forma animal mediante a combinação de um nome genérico e qualquer específico (Art. 25). A designação de qualquer forma animal é binominal (denominação binominal) quando nela se apresenta o nome da espécie ligado ao do gênero correspondente (Art. 2).

DECLARAÇÃO No. 2 DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 9.º C.I.Z., 1913):

SÔBRE A IMPORTÂNCIA DE EVITAR-SE A REMESSA DE REIMPRESSOS DE AUTORES OU SEPARATA DE QUALQUER ESTUDO ANTES DA PUBLICAÇÃO DO TRABALHO OU REVISTA EM QUE VAI APARECER TAL ESTUDO.

Fica resolvido que — se exprima desaprovação ao costume de distribuir-se separata antes do aparecimento da publicação original e se apele praa os editores no sentido de suprimi-lo, de vez que tal costume determina muita confusão desnecessária em nomenclatura.

DECLARAÇÃO No. 3 DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 9.º C.I.Z., 1913):

— SÔBRE A IMPORTÂNCIA DE QUALQUER PUBLICAÇÃO ZOOLOGICA TRAZER INDICAÇÃO DA DATA DA SAÍDA.

Fica resolvido que — se solicite aos editores indicarem, em cada edição de qualquer publicação, a data exata (ano, mês, dia) do aparecimento de dita publicação.

DECLARAÇÃO No. 8 DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 10.º C.I.Z., 1927):

— SÔBRE A NECESSIDADE DE AS REVISTAS ZOOLOGICAS FORNECEREM INDICAÇÃO CLARA DA DATA DE PUBLICAÇÃO DE CADA NÚMERO OU PARTE.

Fica resolvido que — tendo em vista a importância do conhecimento da data exata da publicação de nomes, e da fixação dessa data em certas publicações, se solicite às revistas zoológicas fornecerem, seja, na 1.ª página de cada número, a data real da publicação, seja, na última página de cada volume, a relação das datas de publicação dos números ou partes saídos parceladamente.

DECLARAÇÃO No. 11 DA C.I.N.Z. (firmada em seus poderes e redigida após o 12.º C.I.Z., 1935):

— SÔBRE A NECESSIDADE DE QUALQUER DESCRIÇÃO DE NOVO GÊNERO OU ESPÉCIE TRAZER INDICAÇÃO DA ORDEM E FAMÍLIA CORRESPONDENTES.

Fica resolvido que — é sumamente desejável que cada autor ao publicar nova descrição, indique claramente a que Ordem e Família pertence o gênero ou espécie dela constante. Solicita-se especialmente aos editores de revistas e aos autores de publicações zoológicas, que observem está exigência.

B. APLICAÇÃO DA LEI DE PRIORIDADE

ARTIGO 26 — A décima edição do *Sytema Naturae* de Lineu (1758) é o trabalho que iniciou a aplicação geral consistente da nomenclatura binária em biologia. Portanto, para fins práticos, a data de 1.º de Janeiro de 1758 é aceita neste Código como ponto de partida da Nomenclatura Zoológica e da Lei de Prioridade.

Vide Opiniões Nos. 3, 12, 13, 15, 16, 51, 52, 57.

ARTIGO 27 — Prevalece a Lei de Prioridade e por consequência se retém o mais antigo nome aproveitável :

- a) quando se designa qualquer parte de um animal antes do próprio animal;
- b) quando se designa qualquer fase evolutiva antes do adulto;

c) quando os dois sexos de um animal se têm considerado como espécies distintas ou mesmo como pertencentes a gêneros diferentes;

d) quando um animal representa sucessão regular de gerações dissemelhantes que se têm considerado como pertencentes a espécies distintas ou mesmo a gêneros diferentes.

Vide Opiniões Nos. 44, 48 89, 101, 102.

ARTIGO 28 — Um gênero formado pela fusão de dois ou mais gêneros ou subgêneros recebe o nome válido mais velho, genérico ou subgenérico, de seus componentes. Se os nomes tiveram a mesma data, prevalecerá o escolhido pelo primeiro revisor.

A mesma regra é aplicável quando se unem duas ou mais espécies ou subespécies para formar uma só espécie ou subespécie.

Recomendação — Na ausência de qualquer revisão prévia, recomenda-se o estabelecimento da precedência pelo seguinte processo:

a) Um nome genérico acompanhado de especificação de um tipo tem precedência a um nome sem tal especificação. Se todos os gêneros tiverem, ou nenhum tiver, tipos especificados, dá-se preferência àquele nome genérico cuja diagnose for a mais apropriada.

b) Um nome específico acompanhado de descrição e gravura tem preferência a outro acompanhado só de diagnose, ou só de gravura.

c) Em igualdade de condições, deve-se preferir aquele nome que aparece primeiro na publicação (precedência de página).

Vide Opiniões Nos. 40, 58, 59, 87, 97, 99, 134, 150, 152.

ARTIGO 29 — Se se divide um gênero em dois ou mais gêneros restritos, o nome válido deve ser retido para um dos gêneros restritos. Se um tipo tiver sido estabelecido originalmente para tal gênero, retém-se o nome genérico para o gênero restrito que contenha êsse tipo.

Recomendação — Para facilitar a citação, recomenda-se que, quando se tomar uma espécie mais antiga como tipo de um gênero novo, se combine realmente o nome dela com o novo nome genérico que se citará também com o nome antigo do gênero. Exemplo: *Gilbertella* Eigenmann, 1903, *Smithsonian Misc. Coll.*, v. 45, p. 147, tipos *Gilbertella alata* (Steindachner) = *Anacyrtus alatus* Steindachner.

Vide Opinião No. 10.

ARTIGO 30 — A designação das espécies tipo de gêneros deve obedecer às seguintes regras (a-g), aplicáveis na seguinte ordem de precedência:

Vide Opiniões Nos. 11, 14, 18, 23, 31-33, 42, 43, 45, 62, 65, 68, 69, 71, 79, 81, 86, 136, 164, 168, 172, 176.

I. Casos em que o tipo genérico é aceito *apenas* por motivo da publicação original:

a) Quando, na publicação original de um gênero, uma das espécies é positivamente designada como tipo, essa espécie será aceita como tipo, a despeito de quaisquer outras considerações (Tipo por designação original). (Vide Opiniões Nos. 7, 116, 120).

b) Se, na publicação original de um gênero, o termo *typicus* ou *typus* for usado como um *novo* nome específico para uma das espécies, êste será tomado como “tipo por designação original”.

c) Um gênero proposto com uma só espécie original toma essa espécie como tipo (Gêneros monotípicos). (Vide Opiniões 6, 9, 22, 30, 42, 47, 98, 112, 120).

d) Se um gênero, sem tipo originalmente designado (como em *a*) ou indicado (como em *b*), contém entre suas espécies originais uma que possua com o caracter específico ou subespecífico o nome genérico, seja êle válido ou sinonímico, tal espécie ou subespécie torna-se *ipso facto* tipo do gênero (Tipo por tautonímia absoluta). Vide Opiniões Nos. 16, 33, 35, 103).

II. Casos em que o tipo genérico não é aceito apenas por motivo da publicação original:

e) Excluem-se de consideração as seguintes espécies na determinação de tipos de gêneros. (Vide Opiniões Nos. 14, 32, 35, 56):

α. Espécies que não estavam incluídas sob o nome genérico por ocasião da publicação original.

β. Espécies que eram *espécies* no ponto de vista do autor do nome genérico, por ocasião da publicação.

γ. Espécies que o autor ligou em dúvida ao próprio gênero por êle criado.

f) Caso um nome genérico sem tipo originalmente designado seja proposto como substituto para outro nome genérico, com ou sem tipo, o tipo de qualquer dos dois, uma vez estabelecido, torna-se *ipso facto* tipo do outro. (Vide Opiniões Nos. 9, 46).

g) Se um autor, ao publicar um gênero com mais de uma espécie válida, deixa de designar (como em *a*), ou indicar (como em *b* e *d*) o tipo, êste pode ser escolhido por qualquer autor subsequente e tal designação não está sujeita a mudança (Tipo por designação subsequente). (Vide Opiniões Nos. 6, 9, 10, 32, 45-47, 54-56, 99, 106, 113, 131).

O sentido da expressão “escolher o tipo” deve ser tomado ao pé da letra. Menção de uma espécie como ilustração ou exemplo de um gênero, não constitue seleção de tipo.

III. *Recomendações* — Na escolha de tipos por designação subsequente, os autores farão bem em seguir as seguintes recomendações:

h) Em caso de gêneros lineanos, escolher como tipo a espécie mais comum ou a medicinal (Regra lineana, 1751).

i) Se um gênero sem tipo designado contém entre as suas espécies originais uma que possua como designação específica ou subespecífica, quer válida, quer sinônímica, um nome que seja virtualmente o mesmo que o genérico, ou da mesma origem ou da mesma significação que êle, a escolha deve recair em tal espécie no ato da designação do tipo, a menos que tal escolha seja fortemente contraindicada por outros fatores (Tipo por tautonímia virtual). Exemplos: *Bos taurus*, *Equus caballus*, *Ovis aries*, *Scomber scombrus*, *Sphaerostoma globiporum*; contraindicada em *Dipetalonema* (comparar com a espécie *Filaria dipetala*, de que apenas foi descrito um sexo, baseado em um exemplar e não estudado minuciosamente).

j) Se o gênero contém espécies exóticas e não exóticas no ponto de vista do autor original, a escolha do tipo deve recair em espécie não exótica.

k) Se algumas das espécies originais tiverem sido classificadas em outros gêneros, deve-se dar preferências às espécies que houverem permanecido no gênero original (Tipo por eliminação).

l) Espécies baseadas em exemplares sexualmente maduros devem ter precedência a espécies baseadas em formas larvárias ou imaturas.

m) Dar preferência a espécies designadas pelos nomes *communis*, *vulgaris*, *medicinalis* ou *officinalis*.

n) Dar preferência à espécie mais bem descrita, figurada, ou conhecida, ou mais facilmente obtível ou àquela de que se pode obter um exemplar tipo.

o) Dar preferência a uma espécie pertencente a um grupo que contenha um número tão grande possível de espécies (Regra de De Candolle).

p) Em gêneros parasitários escolher, se possível, uma espécie que ocorra no homem ou algum animal usado como alimento, ou em alguma espécie hospedeira muito comum e espalhada.

q) Em igualdade de condições, preferir uma espécie que o autor do gênero tenha realmente estudado quando, ou antes que, tenha proposto o gênero.

r) Tratando-se de escritores que costumam colocar como cabeça ("chef de file") uma certa espécie principal ou típica e descrever as demais por meio de citação comparativa com ela, a escolha do tipo deve recair na aludida espécie.

s) Tratando-se de autores que adotaram a "regra da primeira espécie" como critério para a fixação dos tipos genéricos, as primeiras espécies por eles designadas devem ser tomadas como tipos dos respectivos gêneros.

t) Em igualdade de condições, deve prevalecer a precedência de página na escolha do tipo.

ARTIGO 31 — A divisão de uma espécie em duas ou mais espécies restritas está sujeita às mesmas regras que a divisão de um gênero. Mas um nome específico que indubitavelmente se baseie em um erro de identificação, não pode ser retido para a espécie mal determinada mesmo que ela seja mais tarde colocada em gênero diferente. Exemplo: *Taenia pectinata* Goeze, 1782 = *Cittotaenia pectinata* (Goeze), porém a espécie erroneamente determinada por ZEDER, 1800, como "*Taenia pectinata* Goeze" = *Andrya rhopalocephala* (Riehm); a espécie de ZEDER não recebe o nome de *Andrya pectinata* (Zeder).

Vide Opinião No. 13.

C. REJEIÇÃO DE NOMES

ARTIGO 32 — Um nome genérico ou específico, uma vez publicado, não pode ser rejeitado por motivo de falta de propriedade, nem mesmo por seu autor. Exemplos: Nomes como *Polyodon*, *Apus*, *albus*, etc., uma vez publicados, não devem ser rejeitados sob alegação de que indicam caracteres contraditórios aos apresentados pelos animais assim denominados.

Vide Opinião N.º 88.

ARTIGO 33 — Um nome não deve ser rejeitado por causa de tautonímia, isto é, por serem idênticos ao nome genérico o nome específico ou o subespecífico. Exemplos: *Trutta trutta*, *Apus apus apus*.

ARTIGO 34 — Um nome genérico deve ser rejeitado como homônimo quando houver sido previamente usado para algum outro gênero (1) de animais. Exemplo: *Trichina* Owen, 1835, nematoide, é rejeitado como homônimo de *Trichina* Meigen, 1830, inseto.

Vide Opiniões Nos. 12, 29, 83, 147, 148.

D. CÓDIGO DE ÉTICA

(a ser observado na renomeação de homônimos e aprovado pelo 9.º C.I.Z., 1913)

Sem se arrogar o árbitro de pontos de ética geral, a Comissão está persuadida de que há uma face dêste assunto sobre que ela é competente para falar, e, assim, a respeito sugere ao Congresso a adoção da seguinte resolução:

Considerando que — a experiência tem demonstrado que autores não raramente publicam por inadvertência, como novas designações de gêneros ou espécies, nomes que estão preocupados, e

Considerando que — a experiência tem demonstrado que outros autores, ao descobrirem tal homonímia, têm publicado novos nomes para substituir aqueles homônimos,

Fica resolvido que — quando algum zoólogo notar que o nome genérico ou específico publicado como novo por qualquer autor vivo é realmente um homônimo e, pois, inaproveitável à luz dos artigos 34 e 36 das Regras de Nomenclatura, sua ação no caso deve ser, do ponto de vista da ética profissional, notificar ao aludido autor os fatos encontrados e dar-lhe ensejo amplo de propôr um nome em substituição.

ARTIGO 35 — Um nome específico deve ser rejeitado como homônimo quando tiver sido previamente usado para alguma outra espécie ou subespécie do mesmo gênero. Exemplo: *Taenia ovilla* Rivolta, 1878 (sp. n.) é rejeitado como homônimo de *T. ovilla* Gmelin, 1790.

(1) Além de revistas e “nomenclatores” especiais sobre vários grupos, as seguintes publicações são de grande utilidade para os autores, porque indicam se um dado nome subgenérico, genérico ou supergenérico, está preocupado e, assim, sua consulta antes da criação de novos nomes evitará muita confusão e futura mudança de designações:

— C. D. SHERBORN. *Index animalium sive index nominum quae, ab A. D. 1758, generibus et speciebus animalium imposita sunt. Societatibus eruditorum adjuvantibus a Carlo Davis Sherborn confectus. Sectio I a kalendis januariis, 1758, usque ad finem decembris, 1800. Cantabrigiae, 1902, 8º.*

A continuação sobre 1801-1850 está agora aparecendo em partes.

— S. H. SCUDDER. *Nomenclator zoologicus*. Lista alfabética de todos os nomes genéricos que têm sido empregados por naturalistas para animais recentes e fósseis desde os tempos mais remotos até o fim do ano de 1879. Em 2 partes. I. Lista suplementar. II. Índice universal. Washington, 1882, 8º.

— C. O. WATERHOUSE. *Index zoologicus*. Lista alfabética de gêneros e subgêneros propostos para uso em zoologia e citados no Zoological Record, 1880-1900 e 1901-1910, juntamente com outros nomes não incluídos no Nomenclator zoologicus de S. T. Scudder. Compilado *** por Charles Waterhouse e editado por David Sharp. Londres, 1902, e 1912, 8º.

— *The Zoological Record, XXXVIII (et seq.)*. Contém citações de literatura zoológica relativa sobretudo ao ano de 1901 (*et seq.*). Londres, 1902 (*et seq.*). 8º. Índice de nomes de novos gêneros e subgêneros.

— *Register zum zoologischer Anzeiger*. Publicado por J. V. Carus, Anos 1-10(1878-1887), 11-15(1888-1892), 16-20(1893-1897), 21-25(1898-1902). Lípsia, 1889, 1893, 1899, 1903. 8º.

— *Nomenclator animalium generum et subgenerum*. Está agora (1926 (*et seq.*) sendo publicado pela Preussische Akademie der Wissenschaften zu Berlin.

Quando, por consequência da união de dois gêneros, dois animais diferentes, que possuam o mesmo nome específico ou subespecífico, são incluídos em um gênero, o nome específico ou subespecífico mais recente deve ser rejeitado como homônimo.

Nomes específicos da mesma origem e significação serão considerados homônimos se se distinguirem entre si apenas pelas seguintes diferenças:

- a) Uso de *ae*, *oe* e *e*, como *caeruleus*, *coeruleus*, *ceruleus*; *ei*, *i* e *y*, como *chiropus*, *cheiropus*; *c* e *k* como *microdon*, *mikrodon*.
- b) Aspiração o unção aspiração de uma consoante, como *oxyrynus*, *oxyrhynchus*.
- c) Presença ou ausência de um *c* antes de *t*, como *autumnalis*, *auctumnalis*.
- d) Consoante simples ou geminada: *litoralis*, *littoralis*.
- e) Terminações *ensis* e *iensis* em nomes geográficos, como *timorensis*, *timoriensis*.

ARTIGO 36 — Homônimos rejeitados não podem ser usados. Sinônimos rejeitados podem ser usados de novo no caso de restauração de grupos erroneamente supressos. Exemplo: *Taenia giardi*, 1879 foi supresso como sinônimo de *Taenia ovilla* Rivolta, 1878; mais tarde foi descoberto que *Taenia ovilla* estava preocupado (*Taenia ovilla* Gmelin, 1790). *Taenia ovilla*, 1878 é supresso como homônimo e não pode ser mais usado; considerado "natimorto", não pode ser revivido mesmo que a espécie seja colocada em outro gênero (*Thysanosoma*). *Taenia giardi*, 1879, que foi supresso como sinônimo, torna-se válido como resultado da supressão do homônimo *Taenia ovilla* Rivolta.

Recomendações — E' conveniente evitar a introdução de novos nomes genéricos que difiram de nomes genéricos já em uso, pela terminação ou por uma pequena variação na ortografia que possa determinar confusão. Todavia, uma vez introduzidos, tais nomes não devem ser rejeitados por essa razão. Exemplos: *Picus*, *Pica*, *Polyodus*, *Polyodon*, *Polyodonta*, *Polyodontas*, *Polyodontus*; *Macrodon*, *Microdon*.

A mesma recomendação aplica-se a novos nomes específicos em qualquer gênero. Exemplos: *necator*, *necatrix*; *furcigera*, *furcifera*; *rhopalocephala*, *rhopaliocephala*.

Se dois ou mais adjetivos são derivados da radical de um nome geográfico, não é aconselhável usar mais de um deles como nome específico no mesmo gênero, mas, uma vez introduzidos, não se devem rejeitar por essa razão. Exemplos: *hispanus*, *hispanicus*; *moluccensis*, *moluccanus*; *sinensis*, *sinicus*, *chinensis*; *ceylonicus*, *zeylanicus*.

Esta recomendação aplica-se também a outras palavras derivadas da mesma radical e distintas entre si apenas pela terminação ou por uma simples mudança na ortografia.

Quando ocorrerem homônimos da mesma data, liguem-se eles ao mesmo autor ou a outros diferentes, qualquer nome proposto para designar um gênero tem precedência sobre um nome (homônimo) proposto para um subgênero. Este princípio é aplicável a homônimos entre espécies e subespécies da mesma data.

Vide Opinião N.º 125.

SUSPENSÃO DAS REGRAS EM CERTOS CASOS

(proposta aprovada pelo 9.º C.I.Z., 1913)

DECLARAÇÃO No. 4 DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 9.º C.I.Z., 1913):

— Na opinião da Comissão, é distintamente desfavorável à solução de controvérsias nomenclaturais a tendência de entreterem-se polêmicas sobre assuntos que

podem ser resolvidos por pessoas educadas e profissionais cavalheiros, mediante correspondência amistosa e diplomática. Pode-se presumir que a grande maioria dos zoólogos concorre com o desejo da Comissão de obter antes resultados do que discussões; assim, a Comissão toma a liberdade de lembrar que se podem obter resultados mais facilmente, dando-se a máxima consideração às regras usuais de cortesia, na discussão de opiniões alheias.

FICA RESOLVIDO QUE — por êste documento, se confere poder plenário à Comissão Internacional sôbre Nomenclatura Zoológica, para, em nome dêste Congresso, suspender as Regras quando aplicadas em um caso dado qualquer, desde que, em seu julgamento, da estrita aplicação das Regras resulte claramente maior confusão do que uniformidade, a) *com a condição*, todavia, de que, durante pelo menos um ano, se dê notícia, em duas ou mais das seguintes publicações: Bulletin de la Société Zoologique de France, Monitore Zoologico, Nature, Science (N. Y.) e Zoologischer Anzeiger, de que se está considerando a possibilidade da suspensão das Regras aplicadas a tal caso, tornando-se assim possível a zoólogos, principalmente especialistas no grupo em jôgo, apresentarem argumentos a favor ou contra a suspensão em estudo; b) e também *com a condição* de que a votação na Comissão resulte unânime em favor da suspensão; c) e finalmente *com a condição* de que, se da aludida votação resultar uma maioria de dois terços da Comissão completa, mas não unanimidade a favor da suspensão, a Comissão fique desde logo autorizada a submeter os fatos à consideração do primeiro Congresso Internacional;

FICA RESOLVIDO QUE — no caso de uma questão ser afecta ao Congresso nas condições acima descritas, com uma maioria de dois terços da Comissão em favor da suspensão, mas sem um voto unânime, caberá ao Presidente da Secção de Nomenclatura nomear um conselho especial de 3 membros, dos quais dois pertencentes à Comissão (um que tenha votado de um modo e outro que o tenha feito de modo oposto na questão) e o terceiro um ex-membro da Comissão que não tenha expresso em público sua opinião sôbre o caso; e que êste conselho especial deverá rever os fatos apresentados e seu relatório, adotado por maioria ou por unanimidade, será final e inapelável no que concerne ao Congresso;

FICA RESOLVIDO QUE — a autoridade precitada trate, na primeira ocasião e especialmente, de questões de nomes de fases larvárias e da transferência de nomes de um gênero para outro; e

FICA RESOLVIDO QUE — o Congresso não sômente aprova inteiramente o plano que foi iniciado pela Comissão, de tratar com comités especiais a respeito de determinados grupos em qualquer caso, mas ainda autoriza e instrui a Comissão a continuar e desenvolver essa orientação.

Vide Opiniões Nos. 74, 76, 80, 82, 89, 90, 100, 105, 108-111, 114, 115, 117, 123, 127-130, 135, 142, 144, 146, 151, 153-156, 161-163, 166, 167, 169, 171, 173-175, 177-181, 185, 186, 188, 189, 192, 194.

DECLARAÇÃO No. 9 DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 10.º C.I.Z., 1930):

— SÔBRE A DESEJABILIDADE DE AS UNIVERSIDADES INCLUIREM NOMENCLATURA ZOOLOGICA EM SEUS CURSOS DE ZOOLOGIA GERAL E SISTEMÁTICA.

A C.I.N.Z. sugere que pelo menos em cada curso de conferência sôbre Zoologia Geral seja referida a existência das Regras incorporadas no Código Internacional de Nomenclatura Zoológica e que nos cursos avançados sôbre Zoologia Sistemática se discutam pelo menos os princípios e aplicação de nomenclatura zoológica.

DECLARAÇÃO No. DA C.I.N.Z. (aprovada pelo 12.º C.I.Z., 1935):

SÔBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE GRUPOS DE ESPECIALISTAS PARA O ESTUDO DA NOMENCLATURA DE DIVISÕES DO REINO ANIMAL.

A C.I.N.Z. deposita muita esperança na organização de especialistas em determinados grupos do reino animal com o objetivo de aprofundarem-se no estudo de nomenclatura conforme tem acontecido no domínio da entomologia e, mais recentemente, da ornitologia. A C.I.N.Z. dá grande importância a recomendações, apresentadas por grupos de especialistas assim formados, embora se reserve, em todos os casos, o direito de decidir se as recomendações por tal sorte apresentadas se acham conformes com o espírito do Código e se compreendem nos poderes conferidos à Comissão em reuniões sucessivas do Congresso Internacional de Zoologia.

APÊNDICE (1)

A. — E' muito desejável que a proposta de cada novo grupo sistemático seja acompanhada de uma diagnose, tanto individual quanto diferencial, do grupo, em inglês, francês, alemão, italiano, ou latim.

Esta diagnose deve declinar o nome do museu em que o exemplar tipo foi depositado e dar o número (catálogo do museu) do referido exemplar.

Recomenda-se que nas descrições publicadas de uma nova espécie ou subespécie, se designe e rotule como *tipo* apenas um exemplar, ficando como *parátipos* os demais exemplares examinados pelo autor na mesma ocasião.

B. — Em publicações feitas em outras línguas que não o inglês, francês, alemão, italiano ou latim, é desejável que a explicação das gravuras apareça traduzida em uma destas línguas.

C. — O sistema métrico de pesos e medidas e o termômetro centígrado de Celsius são adotados como padrão. O *micon* (0,001 mm.), representado pela letra grega μ , é adotado como unidade de medida em trabalhos de microscópio.

D. — A indicação de aumento ou de redução, tão necessária à compreensão de uma ilustração, deve ser expressa antes em algarismos do que pela menção do sistema de lentes usado.

E. — A indicação de aumento ou redução de um objeto é geralmente linear. Usa-se o sinal de multiplicação para aumento e o de fração para redução. Exemplos:

1

$\times 50$ indica que o objeto está aumentado 50 vezes. — significa que êle está reduzido 50 vezes.

Se se deseja especificar que o aumento é em linha, superfície, ou massa, deve-se representar assim: $\times 50^1$ para indicar aumento numa dimensão; $\times 50^2$ para indicar aumento em área; $\times 50^3$ para indicar aumento em volume.

F. — *Transliteração de palavras gregas* — A seguinte lista indica a maneira por que se devem transliterar palavras gregas:

G. — *Transliteração de nomes geográficos e próprios* — Os nomes geográficos de países que empregam caracteres latinos se devem escrever com a ortografia da região em que se originam.

(1) NOTA DO TRADUTOR: Algumas das indicações dirigem-se naturalmente aos povos de língua inglesa. A resenha bibliográfica que se segue, versa casos particulares de nomenclatura e presume-se útil aos interessados.

Os seguintes parágrafos aplicam-se somente aos nomes geográficos de países que não têm alfabeto verdadeiro ou usam letras diferentes das latinas.

Nomes de lugares, estabelecidos por longo uso, conservam sua ortografia usual. Exemplos: *Argel, Moscou*.

1. As vogais *a, e, i* e *o* pronunciam-se como em francês, italiano, espanhol [e português], ou alemão. A letra *e* nunca é muda.

2. O som francês *u* é representado por *ü*, com diérese, como em alemão.

3. O som francês *ou* é representado por *u*, como em italiano, espanhol [português], alemão, etc..

4. O som francês *eu* é representado por *oe*, pronunciado como na palavra francesa *oeil*.

5. O som longo de uma vogal é indicado por um acento circunflexo; o som interrompido é indicado por um apóstrofo.

6. As consoantes *b, d, f, j, k, l, m, n, p, q, r, t, v*, e *z* são pronunciadas como em francês.

7. As letras *g* e *s* têm sempre o som duro, como nas vogais francesas: *gamelle* e *sirop*.

8. O som representado em francês por *ch* é designado por *sh*. Exemplo: *Shérif, Kashgar*.

9. *Kh* representa a gutural áspera e *gh*, a gutural branda dos árabes.

10. *Th* representa o som com que termina a palavra inglesa *path* (v em grego). *Dh* representa o som inicial do vocábulo inglês *those* (x em grego).

11. Fora de tal emprêgo (9 e 10) da letra *h*, a modificar a que a precede, *h* é sempre aspirado; o apóstrofo, por conseguinte, não se usa jamais antes de uma palavra que comece por *h*.

12. A semivogal representada por *y* é pronunciada como em *yole*.

13. A semivogal *w* é pronunciada como no vocábulo inglês *William*.

14. Os sons duplos *dj, tch, ts*, etc., indicam-se por letras correspondentes aos sons que os compõem. Exemplo: *Matshim*.

16. As letras *x, c* e *q* não se usam, por serem duplicatas de outras letras que representam os mesmos sons; mas *q* pode servir para indicar o árabe *qaf* e a aspirada branda pode ser empregada para representar o árabe *ain*.

Deve-se tentar indicar, tão exatamente quanto possível, por meio das letras citadas acima, a pronúncia local, sem procurar dar uma representação completa de todos os sons que se ouvem.

BIBLIOGRAFIA

1. AMARAL, A. DO — Sôbre o emprêgo do nome genérico *Micrurus* em vez de *Elaps* — Rev. Mus. Paulista 14: 3-6. 1926.
2. AMARAL, A. DO — Sôbre o emprêgo do nome genérico *Sibynomorphus* em vez de *Leptognathus, Cochiophagus, Stremmatognathus, Anholodon*, etc. — loc. cit. 14: 7-9.

3. AMARAL, A. DO — Sôbre a preferência do nome genérico *Pseudoboa* Schneider, 1801, a *Clelia* Fitzinger, 1826 e *Oxyrhopus* Wagler, 1830; Sôbre a preferência do nome específico *Pseudoboa petola* (L., 1758), a *P. petolaria* (L. 1758) — loc. cit.: 10-16.
4. AMARAL, A. DO — Sôbre a diferenciação dos nomes genéricos *Lachesis*, *Trimeresurus* e *Bothrops* — loc. cit.: 34-40.
5. AMARAL, A. DO — Sôbre os nomes genéricos de ofídios *Liophis* Wagler, 1830 e *Leimadophis* Fitzinger, 1843 — loc. cit. 15: 77-78. 1926 (1927).
6. AMARAL, A. DO — Da invalidez do nome genérico de ofídios *Erpetodryas* ou *Herpetodryas* — loc. cit.: 81-82.
7. AMARAL, A. DO — Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica (tradução para o português, 1.^a edição) — Mem. Inst. Butantã 5: 235-264. 1930.
8. AMARAL, A. DO — Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica (tradução para o português, 2.^a edição) — loc. cit. 11: 241-274. 1937.
9. AMARAL, A. DO — Nota sôbre Nomenclatura Zoológica — Pap. Avulsos Dept^o. Zoologia Sec. Agr. S. Paulo 7 (14): 181-194. 1946.

I I I

OPINIÕES 1 A 194 EMITIDAS PELA COMISSÃO INTERNACIONAL
DE NOMENCLATURA ZOOLOGICA *

OPINIÃO 1 — Significação da palavra "indicação" no Art. 25-a. — A palavra "indicação" no Art. 25-a deve ser interpretada como segue:

A. Em relação a nomes específicos, corresponde a uma "indicação": (1) uma citação bibliográfica, ou (2) uma gravura publicada (ilustração), ou (3) uma citação definida de nome anterior para o qual se propõe nova designação.

B. Em relação a nomes genéricos, corresponde a: (1) uma citação bibliográfica, ou (2) uma citação definida de nome anterior para o qual se propõe nova designação, ou (3) a citação ou designação de uma espécie tipo.

Em caso nenhum se deve considerar a palavra "indicação" como correspondente a rótulos de museu, exemplares de museu, ou nomes vernáculos.

OPINIÃO 2 — Natureza de um nome sistemático. — A Comissão é de opinião unânime que um nome, no sentido do Código, corresponde à designação pela qual são conhecidos os objetos reais. Em outras palavras, nós designamos os próprios objetos, e não a nossa concepção de tais objetos. Nomes baseados em formas hipotéticas, por conseguinte, não têm significação em nomenclatura e de nenhum modo merecem consideração à luz da Lei de Prioridade. Exemplos: *Pithecanthropus* Haeckel, 1866, sendo o nome de um gênero hipotético, não tem significação à luz do Código e, portanto, não invalida *Pithecanthropus* Dubois, 1894; *Gigantopora minuta* Looss, 1907, g. n., sp. n., não tem significação alguma à luz do Código, porquanto é considerado como nome de uma unidade fantástica, baseada em nenhum objeto real.

(*) Para referência do texto da versão portuguesa das *Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica* e das *Opiniões 1* — 156, consulte-se AMARAL, ARÂNIO DO — Nota sôbre Nomenclatura Zoológica, in *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, Sec. Agríc. S. Paulo, 7 (14): pp. 181-194, 1946.*

OPINIÃO 3 — Situação de publicações datadas de 1758. — A décima edição do “Systema Naturae” de LINEU apareceu muito cedo no ano de 1758 e, por motivos práticos, pode-se presumir que esta data seja: primeiro de Janeiro de 1758. Assim, quaisquer outras publicações zoológicas, datadas de 1758, se podem presumir como tendo aparecido depois do dia primeiro de Janeiro. No que respeita à data, todas essas publicações podem, portanto, ser julgadas merecedoras de consideração à luz da Lei de Prioridade.

OPINIÃO 4 — Situação de certos nomes publicados como manuscritos. — Nomes manuscritos têm entrada em nomenclatura quando impressos em ligação com as disposições do Art. 25, e a questão de sua validade não é influenciada pelo fato de tais nomes serem aceitos ou rejeitados pelo autor responsável por sua publicação.

OPINIÃO 5 — Situação de certos nomes pre-lineanos reimpressos após 1757. — Um nome pre-lineano, inelegível por causa de sua publicação antes de 1758, não se torna elegível simplesmente por ser citado ou reimpresso, com sua diagnose original, depois de 1757. Para tornarem-se elegíveis ante o Código, tais nomes devem ser reforçados por adoção ou aceitação por parte do autor que publica a reimpressão. Exemplos: A citação, posterior a 1757, de uma referência bibliográfica sobre um trabalho anterior a 1758 não firma nomes técnicos por ventura contidos na aludida referência; a situação sinonímica de nomes pre-lineanos, como ocorre na décima edição do “Systema Naturae” de LINEU, não firma tais nomes ante o Código.

OPINIÃO 6 — No caso de um gênero A Lineu, 1758, com duas espécies Ab e Ac. — Quando um autor subsequente divide o gênero A, espécies Ab e Ac, deixando o gênero A apenas com a espécie Ab e o gênero C, monotípico, com a espécie Cc, esse autor deve ser considerado como tendo fixado o tipo do gênero A [Vide Artigo 30a].

OPINIÃO 7 — Sobre a interpretação da expressão “g.n., sp.n.” à luz do Artigo 30a. — A expressão “g.n., sp.n.” usada na publicação de um novo gênero, do qual nenhuma outra espécie é aliás designada como genótipo, deve ser aceita como designação, à luz do Artigo 30a.

OPINIÃO 8 — Sobre a retenção de ii ou i em nomes específicos patronímicos ante o Artigo 14c e Artigo 19. — Patronímicos específicos, publicados originalmente com a terminação *ii* (como *schrankii*, *ebbesbornii*) devem, de acordo com o Artigo 19, ser conservados em sua forma original, a despeito do Artigo 14c que estabelece que eles deviam ter sido formados apenas como um *i*.

OPINIÃO 9 — Aplicação do nome de um gênero composto a um dos seus elementos que necessite de nome. — Depende de várias circunstâncias a decisão sobre se o nome de um gênero composto, quando formado inteiramente de gêneros mais velhos, é aplicável a um dos seus elementos componentes que necessite de um nome. Há circunstâncias em que tal nome pode ser usado, outras em que não o pode ser (Art. 30).

OPINIÃO 10 — Designação de genótipos para gêneros publicados com idênticos limites. — Se dois gêneros com os mesmos limites são formados independentemente por diferentes autores, sem designação de genótipos, qualquer autor subsequente pode designar os genótipos (Art. 30g), e, se os tipos designados não são idênticos especificamente, os dois nomes genéricos podem (em igualdade de condições) ser usados para gêneros restritos que contenham os aludidos tipos [Vide Art. 25].

OPINIÃO 11 — Designação de genótipos por LATREILLE, 1810. — A “Table des genres avec l’indication de l’espèce que leur sert de type”, in “Considérations générales” de LATREILLE (1810), deve ser aceita como designação de tipos dos gêneros nela incluídos [Vide Art. 30].

OPINIÃO 12 — *Stephanoceros fimbriatus* (Goldfuss, 1820) vs. *Stephanoceros eichhornii* Ehrenberg, 1832. — O nome genérico *Stephanoceros*, 1832 deve ser usado de preferência a *Coronella*, 1820 (preocupado, 1768); o nome específico *fimbriatus*,

1820 tem precedência a *eichhornii*, 1832, que é considerado (Ehrenberg, 1832 b, 125 e 1838 a, 400-401) como red denominação de *fimbriatus*, 1820. EHRENBURG teve razão em rejeitar *Coronella*, 1820, mas errou em rejeitar *fimbriatus*, 1820, não havendo razão aparente para perpetuar o seu erro.

OPINIÃO 13 — Nome específico do carangueijo da areia. — O nome pre-lineano (1743) *arenarius* de CATESBY não é aproveitável à luz do Código, embora tenha sido “reimpresso” em 1771; *quadratus*, 1793 afirma-se que está preocupado; *albicans*, 1802, sendo o nome específico imediato na lista, torna-se válido diante dos argumentos apresentados.

OPINIÃO 14 — Espécie tipo de *Etheostoma* Rafinesque, 1819. — A designação de *E. blennioides* Rafinesque, 1819, como tipo de *Etheostoma* Rafinesque, 1819, conforme fez AGASSIZ em 1854, não é invalidada, por ter AGASSIZ usado, como base para sua diagnose genérica, caracteres tirados de uma errônea determinação específica de 1839. Não somente AGASSIZ afirmou claramente que “*Eth. blennioides* Raf.” era tipo de “*Etheostoma* Raf.”, mas ainda, mesmo que se tome em consideração a questão da identificação errônea de *E. blennioides* por KIRTLAND, a conclusão a tirar é que tal identificação errônea não excluiu deste nome específico os exemplares originais de *E. blennioides*; pelo contrário, o nome usado por KIRTLAND, 1839, ainda incluía os exemplares tipo; retirando-se agora os exemplares errôneamente determinados em 1839, os quais pelo Artigo 30e (α) são excluídos de consideração na designação de genótipo, permanecem os exemplares tipo originais, de 1819, os quais diante dos argumentos apresentados, representam o tipo do gênero.

OPINIÃO 15 — *Craspedacusta sowerbii* Lankester, 1880, g.n., sp.n. vs. *Limnocoelum victoria* Allman, 1880, g.n., sp.n., Medusa de água doce. — *Craspedacusta sowerbii* Lankester, 17 de Junho de 1880, tem nítida prioridade sobre *Limnocoelum victoria* Allman, 24 de Junho de 1880. A apresentação de um trabalho a uma sociedade científica não constitui publicação no sentido do Código. A Comissão não tem autoridade para sancionar uso que infrinja as disposições do Código. [Vide Capítulo “Suspensão das Regras”].

OPINIÃO 16 — Situação de nomes específicos pre-binominais (publicados antes de 1758) ante o Art. 30d. — Ao se decidir sobre a presença de um caso de absoluta tautonímia (ante o Art. 30d), deve-se aceitar a citação, em sinonímia, de um nome específico prebinominal claro, como prova de sua conformidade com as exigências do Art. 30d. Exemplos: *Equus caballus* (*Equus* citado em sinonímia no sentido do “cavalo”), *Alca torda* (*Alca* citado em sinonímia no sentido de “Alca” ou “pinguim”).

OPINIÃO 17 — Devem aceitar-se os gêneros de Weber, 1795? — O Nomenclator Entomologicus de WEBER, 1795, satisfaz os requisitos do Artigo 25 e, pois, devem ser aceitos os gêneros nele incluídos desde que individualmente estejam de acordo com as condições do Código.

OPINIÃO 18 — Tipo de *Hydrus* Schneider, 1799. — De acordo com os argumentos, *caspicus* Schneider, syn. *hydrus* Pallas, é o tipo de *Hydrus* Schneider. [Vide Art. 30d].

OPINIÃO 19 — *Plesiops* vs. *Pharopteryx*. — Diante dos dados, não está claro se, por sua natureza, este caso é de nomenclatura ou de zoologia. Tanto quanto a evidência permite julgar, a pergunta sobre se RÜPPELL errou em aceitar *Plesiops* como idêntico a *Pharopteryx* deve ser respondida do ponto de vista sistemático. Se, em face de nossa atual concepção dos limites genéricos, RÜPPELL tinha razão, não há motivo aparente para não se aceitar a sua decisão no terreno da nomenclatura.

OPINIÃO 20 — Devem-se aceitar os gêneros de GRONOW, 1763? — Gronow, 1763 é binário, embora não consistentemente binominal. O Artigo 25 requer que um autor seja binário e o Artigo 2 requer que os nomes genéricos sejam uninominais. À luz destes Artigos, os gêneros de GRONOW devem ser aceitos como preenchen-

do as condições prescritas pelo Código para competente aproveitamento de um nome. [Vide Opinião 89].

OPINIÃO 21 — *Devem-se aceitar os gêneros de KLEIN, 1744, reimpressos por WALBAUM, 1792?* — Quando WALBAUM em 1792 reimprimiu em forma condensada (mas não aceitou) os gêneros de KLEIN de 1744, êle com êsse ato não deu aos gêneros de KLEIN situação alguma em nomenclatura e, por conseguinte, os gêneros de KLEIN não se tornam aproveitáveis à luz do presente Código, pelo fato de terem sido citados por WALBAUM.

OPINIÃO 22 — *Ceraticthys vs. Cliola.* — Quaisquer que tenham sido as intenções originais de BAIRD, êle e GIRARD publicaram inicialmente (1853) *Ceraticthys* como gênero monotípico, descrevendo o genótipo (*C. vigilax*) e não dando indicação alguma de que não pretendiam com isso publicar um “g.n., sp.n.”. Diante do Artigo 30c, *vigilax* é o tipo de *Ceraticthys*.

OPINIÃO 23 — *Aspro vs. Cheilodipterus ou Ambassis.* — Diante dos argumentos apresentados, *Centropomus macrodon* pode ser considerada tipo de *Aspro* 1802, suprimindo-se êste último como sinônimo de *Cheilodipterus* e salvando-se, assim, *Ambassis*.

OPINIÃO 24 — *Antennarius Commerson, 1798, e Cuvier, 1817, vs. Histrio Fischer 1813.* — *Antennarius* Commerson é um nome uninominal (Art. 2) de um autor que usou uma nomenclatura binária (embora não binominal) (Art. 25). Adquiriu valor nomenclatural em virtude de sua publicação por LACÉPÈDE em 1798 e deve trazer esta indicação ao invés de CUVIER, 1817. Portanto, não é necessário suprimi-lo em benefício de *Histrio*, 1813. [Vide Opinião 89].

OPINIÃO 25 — *Damesiella Tornquist, 1899, vs. Damesella Walcott, 1905.* — Diante das Recomendações do Artigo 36, não é necessário rejeitar *Damesella*, 1905, em virtude da existência de *Damesiella*, 1898 (1899?).

OPINIÃO 26 — *Cypsilurus vs. Cypselurus.* — Em vista do número de êrros tipográficos em Swainson 1838 e 1839, a Comissão é de opinião que *Cypsilurus* é um êrro tipográfico evidente que deve ser correto para *Cypselurus*.

OPINIÃO 27 — *Ruppelia e Rupellia vs. Ruppellia.* — Desde que é evidente um êrro tipográfico, *Ruppelia* e *Rupellia* devem ser corretos para *Ruppellia*.

OPINIÃO 28 — *Deve-se dar prioridade à “Nouvelle Classification” de MEIGEN, 1800, em relação à sua “Versuch” de 1803?* — Os nomes genéricos contidos na “Nouvelle Classification” de MEIGEN, 1800, devem ter precedência aos usados em sua “Versuch” 1803 em todos os casos em que os primeiros forem considerados válidos ante o Código Internacional.

OPINIÃO 29 — *Pachynathus vs. Pachygnathus.* — Baseada no argumento constante da Opinião 26 e na existência do nome anterior *Pachygnathus*, 1834, Arac., a Comissão é de parecer que *Pachynathus* Swainson, 1839, deve ser supresso.

OPINIÃO 30 — *Gêneros de aves de SWAINSON, 1827.* — Os gêneros de aves, publicados por SWAINSON no Philosophical Magazine de 1827, são monotípicos e, de acôrdo com o Artigo 30c, as espécies ali mencionadas são tipos dos seus respectivos gêneros. Por consequência, êstes tipos devem ter precedência aos tipos de SWAINSON designados, mais tarde, no Zoological Journal de 1827.

OPINIÃO 31 — *Columbina vs. Chaemepelia.* — Em 1840 GRAY designou *Columba passerina* Lineu como tipo de *Columbina* Spix. Como esta espécie não é uma das originais de *Columbina* Spix, a designação do tipo por GRAY não é válida e *Colum-*

bina (*) permanece sem tipo designado. O tipo válido de *Chaemepelia* SWAINSON é *Columba passerina* Lineu, designado por GRAY em 1841.

OPINIÃO 32 — Tipo do gênero *Sphex*. — De acôrdo com os argumentos apresentados, *sabulosa* é o tipo de *Sphex* Lineu, 1758.

OPINIÃO 33 — Tipo do gênero *Rutilus* Rafinesque, 1820. — *Cyprinus rutilus* é o tipo de *Rutilus* Rafinesque, 1820. *Rutilus plargyrus* é o tipo de *Plargyrus* Rafinesque, 1820.

OPINIÃO 34 — *Aeshna* vs. *Æschna*. — Desde que a publicação original não evidencia a derivação da palavra, a grafia original *Aeshna* deve ser conservada.

OPINIÃO 35 — Tipos de gêneros de autores binários mas não binominais. — Na determinação do tipo de um gênero, a seleção deve limitar-se às espécies incluídas no nome genérico por ocasião de sua publicação original, tivessem ou não elas sido designadas binominalmente. Se, todavia, um nome genérico é proposto distintamente como substituto para outro nome genérico anterior, as espécies dêste devem ser tomadas em consideração.

OPINIÃO 36 — Emenda de *Trioxocera*, *Dioxocera* e *Pentoxocera*. — A Comissão é de parecer que a publicação original de *Trioxocera*, *Dioxocera* e *Pentoxocera* evidencia a presença de um êrro de transcrição (ou transliteração) e que êstes nomes devem ser emendados para *Triozocera*, *Diozocera* e *Pontozocera*.

OPINIÃO 37 — Deve-se aceitar os gêneros da "Ornithologia" de BRISSON, 1760? — Os nomes genéricos de aves usados por BRISSON (1760) são aproveitáveis ante o Código.

OPINIÃO 38 — Situação dos nomes latinos em Tunstall, 1771. — Os nomes latinos usados na Ornithologia Britannica de TUNSTALL, 1771, são aproveitáveis desde que sejam identificáveis por meio das referências que fez de bibliografia, páginas e ilustrações, ou pelas citações de nomes ingleses de PENNANT, 1768, ou de nomes franceses de BRISSON, 1760.

OPINIÃO 39 — Situação dos nomes latinos em Cuvier, 1800. — Os nomes latinos dos quadros sistemáticos usados por CUVIER, 1800 ("Leçons d'anatomie comparée") são aproveitáveis desde que sejam identificáveis por meio das citações bibliográficas constantes da página xix da Introdução.

OPINIÃO 40 — *Salmo eriox* vs. *S. trutta* e *S. fario*; *Eniochus acuminatus* vs. *H. macrolepidotus*. — Diante dos argumentos apresentados, não é necessário substituir *fario* ou *trutta* por *eriox*; a seleção de *macrolepidotus* por CUVIER (1817) tem precedência sôbre a seleção de *acuminatus* por JORDAN & SEALE, 1908.

OPINIÃO 41 — *Athlennes* vs. *Ablennes*. — Desde que a publicação original revela um evidente *lapsus colami*, o nome *Athlennes* deve ser correto para *Ablennes*.

[(*) Nota escrita por STEJNEGER (então membro da Comissão): "Ao ser redigida a Opinião 31, o autor não tinha visto a segunda edição dos Gêneros de Aves de GRAY, publicada em 1841, nem os documentos apresentados na ocasião tratavam claramente da questão e, porisso, lhe escapou que *Columbina strepitans* Spix fôra designada por GRAY em 1841, p.75, como tipo de *Columbina*. Este ato de GRAY é indubitavelmente válido e, portanto, o tipo de *Columbina* é *C. strepitans* Spix. Em vista dêste fato trazido ao conhecimento da Comissão pelo Sr. W. E. CLYDE TODD, a Opinião 31 fica aqui mudada, de acôrdo com êle, e será submetida aos membros para a devida aprovação.

ALLEN, 1911, Science, 336, designou *griseola* Spix como tipo de *Columbina* Spix, 1825"]].

OPINIÃO 42 — Tipo de *Carapus Rafinesque*, 1810. — *Carapus Rafinesque*, 1810 é monotípico, tipo *Gymnotus acus* Lineu.

OPINIÃO 43 — Situação de gêneros cujas espécies tipo estão citadas sem descrição adicional. — Os caracteres atribuídos a *Teleogmus*, *Isoplata*, *Alloderma*, e *Aphobetoideus* abrangem os gêneros e as espécies tipo, e os nomes genéricos específicos respectivos estão publicados no sentido do Código.

OPINIÃO 44 — *Leptocephalus* vs. *Conger*. — *Leptocephalus* Gronovius, 1763, e Gmelin, 1789, tipo *Morrisii*, tem precedência a qualquer nome genérico posterior, pelo qual se tenha designado a fase adulta desse animal. [Vide Opinião 89].

OPINIÃO 45 — Tipo de *Syngnathus* Lineu, 1758. — Até onde se pode julgar pelos argumentos apresentados, o tipo de *Syngnathus* Lineu, 1758 não foi jamais claramente designado e não há objeção a que se designe como tal a espécie *acus* Lineu, em observância ao costume e conveniência gerais.

OPINIÃO 46 — Situação de gêneros publicados originalmente sem designação clara de alguma espécie. — Em gêneros publicados sem menção nominal de qualquer espécie, nenhuma espécie é aproveitável como genótipo, a menos que possa ser reconhecida pela publicação genérica original; se apenas uma espécie está em jôgo, a descrição genérica é equivalente à publicação de "*X-us albus, g.n., sp.n.*"; se várias espécies são referidas, mas não mencionadas pelo nome, uma delas deve ser tomada como tipo; se (como em *Aclastus* Foerster, 1868) na publicação original do gênero não há evidência de quantas ou quais espécies estão em jôgo, esse gênero contém todas as espécies do mundo que possam caber na descrição genérica, conforme foi publicado originalmente, e a primeira espécie publicada em ligação com o gênero (como *Aclastus rufipes* Ashmead, 1902) *ipso facto* torna-se tipo.

OPINIÃO 47 — *Carcharias*, *Carcharhinus* e *Carcharodon*. — *Carcharias* Rafinesque, 1810 é monotípico, tipo *Carcharias taurus* Rafinesque.

OPINIÃO 48 — Situação de certos nomes genéricos de aves publicados por BREHM in ISIS 1828 e 1830. — Desde que os nomes de BREHM, 1828 e 1830 dependem exclusivamente de designações vernáculas, eles são *nomina nuda* e não merecem citação.

OPINIÃO 49 — *Siphonophora asclepiadifolii* vs. *Nectarophora asclepiadis*. — Diante dos dados apresentados, *asclepiadifolii* Thomas, 1879 é preferível a *asclepiadis*, Cowen, 1895.

OPINIÃO 50 — *Aphis aquilegiae flava* vs. *Aphis trirhoda*. — Desde que o nome *Aphis aquilegiae flava* Kittell, 1827 é multinominal e inaproveitável sob o Código, *Aphis trirhoda* Walker, 1849 é o nome correto para esta espécie.

OPINIÃO 51 — Deve-se aceitar os nomes do "Museum Calonnianum", 1797? — O "Museum Calonnianum", 1797 não é aceitável como base para qualquer trabalho nomenclatural.

OPINIÃO 52 — *Semotilus corporalis* vs. *Semotilus bullaris*. — Diante dos argumentos apresentados, *corporalis* tem prioridade sobre *bullaris*. Não é possível à Comissão exarar uma opinião sobre a pergunta: Que constituiu uma descrição adequada? A citação da localidade tipo de uma espécie não é suficiente para estabelecer um nome à luz do Art. 25-a do Código. Se são apresentados caracteres específicos em aditamento à localidade tipo, esta se torna uma parte da descrição e deve ser considerada como elemento importante na determinação da identidade da espécie.

OPINIÃO 53 — *Halicampus koilomatodon* vs. *Halicampus grayi*. — O nome específico *grayi* Kaup, 1856 tem prioridade sobre *koilomatodon* Blecker, "cêrca de 1865".

OPINIÃO 54 — *Proxinus Rafinesque vs. Phoxinus Agassiz*. — Os gêneros *Dobula*, *Phoxinus* e *Alburnus* foram criação de RAFINESQUE, 1820. JORDAN & EVERMANN, 1896, alegam que *Phoxinus* Agassiz, 1835 é idêntico a *Phoxinus* Rafinesque 1820, e, portanto, proclamam ter reconhecido *Phoxinus* 1820. Esta alegação deve ser considerada correta até que se prove o contrário e *Cyprinus phoxinus* fica como tipo de *Phoxinus* 1820 e de *Phoxinus* 1835. Se se alega que *Alburnus* 1820 é idêntico a *Alburnus* 1840, *Cyprinus alburnus* torna-se tipo de *Alburnus* 1820.

OPINIÃO 55 — Tipo do gênero *Ondatra* Link. — Diante dos argumentos apresentados, *zibethicus* é o tipo de *Ondatra* Link.

OPINIÃO 56 — Tipo de *Filaria* Mueller, 1787. — MUELLER (1787, pp. 64 e 70) citou, visivelmente por erro, a mesma gravura (estampa 9, fig. 1) de Redi para *Ascaris renails* Gmel. e *Filaria martis* Gmel. GMELIN (1790a, pp.3032 e 3040) conservou este lapso. RUDOLPHI (1809a, p.69) reconheceu e corrigiu o erro e, desde então, *Filaria martis* tem sido consistentemente distinguida de *Ascaris renails*, não havendo atualmente motivo para não se reconhecer a correção do lapso de MUELLER por parte de RUDOLPHI. Assim sendo, *F. martis* fica como tipo de *Filaria* e *Filaria* não é mudada para *Dioctophyme*, *Dioctophyma* ou *Eustrongylus*.

OPINIÃO 57 — Nomes oriundos do "Iter Palaestinum" de HASSELQUIST, 1757. e da tradução de 1762 são insustentáveis. — O "Iter Palaestinum" foi publicado antes de 1758 e editado, em relação à sua nomenclatura, por LINEU. A tradução alemã por GADEBUSCH, publicada em 1762, não confere validade aos nomes publicados na edição original de 1757.

OPINIÃO 58 — *Esox*, *Licius* e *Belone*. — "Considerando-se com severidade" nem RAFINESQUE (1810, "Caratteri", p.59), nem CUVIER (1817, p.183) designou o tipo de *Esox* Lineu, 1758; JORDAN & GILBERT, 1882, p. 352, escolheram *Esox lucius* Lineu como tipo de *Esox*.

OPINIÃO 59 — Data de *Amphimerus*. — O nome de trematódio *Amphimerus* Barker não data do aparecimento das separatas ("tirés à part"), mas do tempo da publicação dos Studies from the Zoological Laboratory, The University of Nebraska, No. 103.

OPINIÃO 60 — *Salmo iridia* vs. *Salmo irideus*. — *Salmo iridia* é evidentemente um lapsus calami ou um erro tipográfico e pode ser emendado para *Salmo irideus*.

OPINIÃO 61 — Emenda de *Chaemepelia* para *Chamaepelia*. — A palavra *Chuemepelia* Swainson, 1827 deve ser emendada por *Chamaepelia*.

OPINIÃO 62 — Espécies tipo de outros gêneros não estão excluídas de consideração na seleção do tipo de um gênero. — Desde que o Artigo 30 não exclui de consideração as espécies tipo de outros gêneros na seleção do tipo de um gênero dado, as seguintes espécies tipo, designadas por GRAY, são, em face dos dados apresentados, os tipos válidos dos seguintes gêneros: *Fulmarus*, tipo *Procellaria glacialis*; *Thalasseus*, tipo *Sterna cantianca*; *Herodias*, tipo *Ardea garzetta*; *Catharista*, tipo *Vultur aura*; *Morphnus*, tipo *Falco urubitinga*; *Helinaia*, tipo *Motacilla vermivora*.

OPINIÃO 63 — *Leuciscus hakuensis* vs. *Leuciscus hakonensis*. — *Leuciscus hakuensis* deve ser correto para *Leuciscus hakonensis*, em virtude de ter ocorrido ccm o primeiro, seja um lapsus calami, seja um erro tipográfico.

OPINIÃO 64 — Letras seriadas tais como a, b, c, etc. não são aceitáveis como nomes específicos. — Letras seriadas como a, b, c, etc., não se devem considerar como verdadeiros nomes específicos.

OPINIÃO 65 — Caso de um gênero baseado em espécie erroneamente determinada. — Se um autor designa uma certa espécie como genótipo, deve-se presumir que sua determinação da espécie esteja correta; se se apresenta um caso em que pareça

que um autor baseou o seu gênero sôbre determinados exemplares, ao invés de o fazer sôbre uma espécie, seria bom submeter-se o caso, com todos os pormenores, à Comissão. Presentemente é difícil estabelecer-se uma regra geral para tais casos

OPINIÃO 66 — Nomes de Nematódeos e Gordiáceos colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes de *Nematoda* e *Gordíacea* são por êste meio colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos: *Ancylostoma*, *Ascaris*, *Dracunculus*, *Gnathostoma*, *Necator*, *Strongyloides*, *Trichostrongylus*, *Gordius* e *Paragordius*.

OPINIÃO 67 — Cento e dois nomes de Aves colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os cento e dois nomes seguintes de Aves são por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: *Acryllium*, *Æchmophorus*, *Ægithina*, *Ægotheles*, *Æpyornis*, *Aix*, *Alauda*, *Anas*, *Apaloderma*, *Aptenodytes*, *Apteryx*, *Aramus*, *Ardea*, *Astrapia*, *Asturina*, *Aulacorhynchus*, *Balaeniceps*, *Batrachostomus*, *Brotogetis*, *Bubo*, *Burhinus*, *Cairina*, *Campephaga*, *Capito*, *Cathartes*, *Centrocerus*, *Cephalopterus*, *Cereopsis*, *Chauna*, *Chrysolophus*, *Cicinnurus*, *Circæetus*, *Clamator*, *Coccyzus*, *Coereba*, *Colaptes*, *Colluricincla*, *Coturnix*, *Crotophaga*, *Diomedea*, *Dromas*, *Ectopistes*, *Egretta*, *Elanus*, *Eurylaimus*, *Eurynorhynchus*, *Eurypyga*, *Fulmarus*, *Gallinago*, *Gampsonix*, *Goura*, *Gypæetus*, *Haematopus*, *Haliaeetus*, *Haliastur*, *Helionis*, *Ibidorhyncha*, *Jynx*, *Lanius*, *Leistes*, *Manucodia*, *Musophaga*, *Neophron*, *Notornis*, *Numida*, *Nyctea*, *Ædicnemus*, *Opisthocomus*, *Oriolus*, *Pachycephala*, *Pandion*, *Parotia*, *Parus*, *Pezoporus*, *Phaëthon*, *Pharomachrus*, *Phoenicopterus*, *Platalea*, *Platycercus*, *Polyplectron*, *Porzana*, *Psittacus*, *Psophia*, *Pteroglossus*, *Ptiloris*, *Rallus*, *Recurvirostra*, *Sericulus*, *Sitta*, *Sphenorhynchus*, *Spindalis*, *Strigops*, *Struthio*, *Sturnella*, *Sturnus*, *Surnia*, *Syrnhaptus*, *Tachyphonus*, *Thamnophilus*, *Trichoglossus*, *Uratelornis*, *Vireo*.

OPINIÃO 68 — Espécies tipo de *Pleuronectes* Lineu, 1758a. — FLEMING, 1828, 196 não designa o tipo de *Pleuronectes*.

OPINIÃO 69 — Espécie tipo de *Sparus* Lineu, 1758. — FLEMING, 1828, 211 não designa o tipo de *Sparus*.

OPINIÃO 70 — Caso de *Libellula americana* L., 1758, vs. *Libellula americanus* Drury, 1773. — Em virtude de ser *Libellula americanus* Drury, 1773, um *Lapsus calami* evidente, em lugar de *Gryllus americanus*, êste lapso deve ser correto e o nome específico no caso, *americanus* 1773, não está invalidado por *Libellula americana* 1758.

OPINIÃO 71 — Interpretação da expressão “espécies típicas” na *Synopsis* de WESTWOOD, 1840. — As espécies citadas por WESTWOOD, 1840 (“An Introduction to the Modern Classification of Insects”, Vol. 2, *Synopsis*, paginação separada, págs. 1 a 158), como “espécies típicas”, devem ser aceitas como designações claras de genótipos para os gêneros respectivos. Quanto ao fato de uma determinada espécie considerada representar ou não o genótipo válido, isto depende de dois fatores: primeiro, de ser a espécie aproveitável como genótipo; segundo, de ser a sua designação em 1840 precedida por qualquer outra denominação.

OPINIÃO 72 — Fórmulas zoológicas de HERRERA. — As designações de animais de acôrdo com o sistema proposto por HERRERA, no caso submetido a consideração, são fórmulas e não nomes. Portanto, elas não têm valor em nomenclatura e, assim, não estão sujeitas a consideração sob a Lei da Prioridade. Nenhum autor é obrigado a citar essas designações em qualquer quadro de sinonímia, índice ou outras listas de nomes. [Vide Opinião 132].

OPINIÃO 73 — Cinco nomes genéricos de Crinódeos, oitenta e seis nomes genéricos de Crustáceos e oito nomes genéricos de Acarinos, colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: *CRINOIDEA*: *Antendon*, *Bathycrinus*, *Holopus*, *Metacrinus*, *Rhizocrinus*. *CRUSTACEA*: *Acanthocyclus*, *Actaea*, *Actaeomorpha*, *Actumnus*, *Arca-*

nia, Archias, Arenaeus, Atergatis, Atergatopsis, Banareia, Bathynectes, Bellia, Benthochascon, Caphyra, Carpilius, Carpilodes, Carpoporus, Carupa, Chlorodopsis, Coenophthalmus, Corystoides, Cryptocnemus, Cycloëius, Cymo, Dacryopilumnus, Daira, Deckenia, Domecia, Ebalia, Epilobocera, Epimelus, Erinacrus, Erimetopus, Euphyllax, Favus, Gecarcinucus, Hepatella, Heterolithadia, Heteronucia, Heterozius, Hydrothelphusa, Iliacantha, Iphiculus, Iphis, Ixa, Leucosilia, Lissocarcinus, Lithadia, Lupocyclus, Merocryptus, Myrodes, Nucia, Nursia, Nursilia, Onychomorpha, Oreophorus, Osachila, Paracyclois, Parathelphusa, Parathranites, Parilia, Pariphiculus, Persephona, Phlyxia, Pirimela, Platymera, Podophthalmus, Polybius, Portumnus, Potamocarcinus, Potamonautes, Pseudophilyra, Pseudothelphusa, Randallia, Scylla, Spelæophorus, Sphaerocarcinus, Telmessus, Thalamita, Thalamitoides, Thalamonyx, Tlos, Trachycarcinus, Trichodactylus, Trichopeltarion, Valdivia. ACARINA: Amblyomma, Argas, Dermacentor, Haemaphysalis, Hyalomma, Ixodes, Rhipicentor, Rhipicephalus.

OPINIÃO 74 — Lista de Nomina Conservanda de APSTEIN, 1915. — A Comissão não tem poderes para adotar em bloco a lista proposta de Nomina Conservanda de APSTEIN, mas está pronta a considerar separadamente nomes que lhe forem apresentados com provas razoavelmente completas.

OPINIÃO 75 — Vinte e sete nomes genéricos de Protozoários, Vermes, Peixes, Répteis e Mamíferos incluídos na Lista Oficial de Nomes Zoológicos. — Os vinte e sete nomes genéricos seguintes são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Zoológicos, com as espécies tipo dadas no corpo desta Opinião: **PROTOZOA: Volvox.** **VERMES: Hirudo, Lumbricus.** **PISCES: Ammodytes, Anarhichas Atherina, Fistularia, Mugil, Myxine, Trachinus, Uranoscopus, Xiphias.** **REPTILLIA: Draco.** **MAMMALIA: Balaena, Bos, Castor, Delphinus, Erinaceus, Hippopotamus, Hystrix, Monodon, Moschus, Ovis, Phoca, Sus, Talpa, Ursus.**

OPINIÃO 76 — Situação de Pyrosoma vs. Monophora; Cyclosalpa vs. Holothuria; Salpa vs. Dagysa; Doliolum, Appendicularia e Fritillaria. — O Secretário está autorizado e aconselhado a insistir sobre o seguinte: — casos apresentados em busca de opinião devem ser acompanhados de dados razoavelmente completos que permitam uma consideração justa dos pontos em jôgo. *Pyrosoma* 1804 tem prioridade sobre *Monophora* 1804. *Cyclosalpa* 1827 não é invalidado por *Holothuria* 1758 (tipo *physalis*), que, todavia, invalida *Physalia* 1801. O uso atual de *Holothuria* (tipo *tubulosa*) em relação a equinodermas não está de acôrdo com as Regras, mas é aconselhável que os autores usem *Phylasia* 1801 para o sifonóforo português e *Holothuria* 1791 como gênero do “pepino marinho” (“sea cucumber”), até que se resolvam possivelmente suspender as Regras nestes dois casos. Como a apresentação dos casos de *Salpa*, *Appendicularia*, *Doliolum* e *Fritillaria* é incompleta e contém êrros, êstes casos ficam lançados na lista indefinidamente, mas sem juízo formado; as Regras devem ser impostas nestes casos, a menos que fique demonstrado que de sua aplicação resultará maior confusão do que uniformidade. [Vide Opiniões 77 e 80].

OPINIÃO 77 — Trinta e cinco nomes genéricos de Protozoários, Celentéreos, Trematódeos, Cestódeos, Cirripédios, Tunicados e Peixes colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: **PROTOZOA: Arcella.** **COELENTERATA: Hydra.** **TREMATODA: Hemiuirus, Schistosoma.** **CESTODA: Anoplocephala, Hymenolepis, Moniezia, Stilesia, Thysanosoma.** **CIRRIPIEDIA: Lepas.** **TUNICATA: Pyrosoma.** **PISCES: Acipenser, Callionymus, Chimaera, Clupea, Coryphaena, Cottus, Cyclopterus, Cyprinus, Diodon, Gadus, Gasterosteus, Gobius, Lophius, Mormyrus, Mullus, Muraena, Osmerus, Perca, Salmo, Scomber, Scorpaena, Silurus, Syngnathus, Zeus.**

OPINIÃO 78 — Caso de Dermacentor andersoni vs. Dermacentor venustus. — Diante dos argumentos apresentados, a Comissão é de opinião que *Dermacentor venustus* procede de MARX in NEUMANN, 1897, exemplar tipo — No. 122 da Coleção

Marx (Museu Nacional dos Estados Unidos), colhido de *Ovis aries*, Texas, e que *Dermacentor andersoni* provém de Stiles, 1908, holótipo No. 9467 U.S.P.H. & M.H.S. (Serviço da Saúde Pública e do Hospital de Marinha dos Estados Unidos), oriundo de Woodman, Montana.

OPINIÃO 79 — Caso do “Système des Animaux sans Vertèbres” de LAMARCK, 1801a. — “Considerando-se com severidade”, o “Système des Animaux sans Vertèbres” de LAMARCK, 1801a, não deve ser aceito como designação de espécies tipo.

OPINIÃO 80 — Suspensão das Regras no caso de *Holothuria* e *Physalia*. — Ficam por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos o gênero de Equinodermos *Holothuria* Lin., 1767, restr. Bruguière, 1791, tipo *H. tremula* 1767=*H. tubulosa* 1790, e o gênero de Sifonóforos *Physalia* Lamarck, 1801, tipo *P. pelagica* 1801=*Holothuria physalis* 1758.

OPINIÃO 81 — Genótipo de *Cimex*, *Acanthia*, *Clinocoris* e *Klinophilos*. — Diante dos argumentos apresentados à Comissão, o percevejo comum da Europa, *Cimex lectularius*, é o genótipo de *Cimex* 1758, *Acanthia* 1775, *Clinocoris* 1829 e *Klinophilos* 1899 (*Clinophilus* 1903) e a sua designação técnica apropriada ante as Regras é *Cimex lectularius*. *Cimex* Lin., 1758, tipo *C. lectularius*, é por êste modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 82 — Suspensão das Regras para *Musca* Lineu, 1758a, tipo *M. domestica* — Por fôrça dos poderes conferidos à Comissão pelo 9.º Congresso Internacional de Zoologia para suspender as Regras em qualquer caso determinado, quando, a juízo seu, da aplicação restrita das Regras resulte claramente maior confusão do que uniformidade, o Artigo 30 fica aqui suspenso em relação a *Musca* Lineu, 1758; e *Musca domestica* Lineu, 1758, passa a ser designado como tipo de *Musca*, sem opinião preformada em relação a outros casos.

OPINIÃO 83 — *Acanthiza pyrrhopygia* Vigors & Horsfield, 1827, vs. *Acanthiza pyrrhopygia* Gould, 1848. — A Regra de Homônimos tem por princípio que qualquer nome idêntico, regularmente publicado, de data posterior, é “nati-morto e não pode ser revivido”. *Acanthiza pyrrhopygia* Vigors & Horsfield, 1827 invalida *Acanthiza pyrrhopygia* Gould, 1848.

OPINIÃO 84 — Nomes de Trematódios, Cestódios e Acantocéfalos colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: TREMATODA: *Dicrocoelium*, *Fasciola*, *Gastrodiscus*, *Heterophyes*. CESTODA: *Davainea*, *Dipylidium*, *Echinococcus*, *Taenia*. ACANTHOCEPHALA: *Gigantorhynchus*.

OPINIÃO 85 — Noventa e oito nomes genéricos de Crustáceos colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por êste meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: CRUSTACEA: *Acmaeopleura*, *Asthenognathus*, *Bathyplox*, *Camptandrium*, *Camptoplax*, *Catoptrus*, *Ceratoplax*, *Chasmagnathus*, *Chasmocarcinus*, *Clistocoeloma*, *Cyrtograpsus*, *Dissodactylus*, *Durckheimia*, *Epixanthus*, *Euchirograpsus*, *Eucrate*, *Eucratodes*, *Eucratopsis*, *Euryetisus*, *Euryplax*, *Eurytium*, *Fabia*, *Galene*, *Geryon*, *Glyptograpsus*, *Glyptoplax*, *Gomezia*, *Goneplax*, *Halimede*, *Helice*, *Hepthopelta*, *Hexapus*, *Holometopus*, *Holothuriophilus*, *Homalaspis*, *Lachnopodus*, *Leptodius*, *Liagore*, *Libystes*, *Liomera*, *Lipaesthesius*, *Litocheira*, *Lophopanopeus*, *Lophopilumnus*, *Lybia*, *Melybia*, *Metasesarma*, *Metopocarcinus*, *Micropanope*, *Notonyx*, *Oedioplax*, *Ommatocarcinus*, *Opisthopus*, *Orphnoxanthus*, *Panoplax*, *Paragalene*, *Parapanope*, *Parapleurophrycoides*, *Paraxanthus*, *Percnon*, *Perigrapsus*, *Pilumnoides*, *Pilumnus*, *Pinnaxodes*, *Pinnixa*, *Pinnotherella*, *Pinnotheres*, *Planes*, *Platychiropsus*, *Platypilumnus*, *Platyxanthus*, *Polydectus*, *Prionoplax*, *Pseudocarcinus*, *Pseudopinnixa*, *Pseudorhombila*, *Psopheticus*, *Ptychognathus*, *Pyxidognathus*, *Rhithropanopeus*, *Rhizopa*, *Ruppellioides*, *Sarmatium*, *Scalopidia*, *Scleroplax*, *Speo-*

carcinus, Sphaerozius, Tetraxanthus, Tetrias, Thaumastoplax, Utica, Varuna, Xanthasia, Xanthodius, Xenophthalmodes, Xenophthalmus, Zosimus, Zozymodes.

OPINIÃO 86 — *Conulinus von Martens, 1895.* — O nome genérico *Conulinus von Martens, 1895* toma como tipo *Buliminus (Conulinus) conulus Rv.*, e não é necessariamente invalidado pelo nome *Conulina Bronn.*

OPINIÃO 87 — Situação de páginas de prova em nomenclatura. — Páginas de prova de impressor não constituem publicação e, portanto, não têm valor diante das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica.

OPINIÃO 88 — *Otarion diffractum vs. Cyphaspis burmeisteri.* — O nome de uma espécie não se desqualifica, simplesmente porque o autor incluiu em sua concepção partes de corpo de mais de uma espécie. O nome de um gênero baseado em tal espécie é, portanto, aproveitável. *Otarion diffractum* Zenker é válido. *Otarion* deve ser preferido a *Cyphaspis*; e *C. burmeisteri* Barr. é sinônimo de *O. diffractum*.

OPINIÃO 89 — Suspensão das Regras no caso de Gronow 1763, Commerson 1803, Gesellschaft Schauplatz 1775 a 1781, Catesby 1771, Browne 1789, Valmont de Bomare 1768 a 1775 — Em virtude da Suspensão das Regras em qualquer caso em que tal suspensão possa ser considerada necessária de acordo com a interpretação adotada, agora e mais tarde, pela Comissão, declaram-se os seguintes trabalhos ou publicações eliminados de consideração no que concerne aos seus nomes sistemáticos e segundo as respectivas datas: Gronow 1763, Commerson 1803, Gesellschaft Schauplatz 1775 a 1781, Catesby 1771, Browne 1789, Valmont de Bomare 1768 a 1775.

OPINIÃO 90 — Relatório sobre dezesseis nomes genéricos de Mamíferos para os quais se solicitou Suspensão das Regras. — Nenhum dos dezesseis nomes recebeu voto unânime para Suspensão: por consequência, a Comissão não tem poderes para suspender as Regras em relação a êles. Seis nomes (a saber *Cercopithecus, Gazella, Hippotragus, Lagidium, Nycteris* e *Manatus*) receberam a maioria de dois terços ou mais para suspensão e, pois, devem ser levados à decisão final de um comitê especial de três membros, a ser nomeado pelo Presidente da secção de nomenclatura do próximo Congresso Internacional. Dez nomes (a saber: *Echidna, Anthropopithecus, Coelogenys, Chiromys, Dasypus, Dicotyles, Galeopithecus, Hapale, Rhytina* e *Simia*) deixaram de receber na votação a maioria de dois terços para a suspensão e, pois, a Lei de Prioridade não se aplica em tais casos. (1).

OPINIÃO 91 — Trinta e cinco nomes genéricos de Mamíferos colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por este modo colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: MAMMALIA: *Alces, Arvicola, Ateles, Bison, Bradypus, Canis, Capra, Cebus, Cervus, Choloepus, Condylura, Cricetus, Crocidura, Cystophora, Dasyprocta, Didelphis, Erethizon, Felis, Gulo, Halichoerus, Lepus, Lynx, Mus, Myrmecophaga, Nasua, Oribos, Phyllostomus, Procyon, Putorius, Rangifer, Rhinolophus, Rupicapra, Sciurus, Sorex, Vespertilio.*

OPINIÃO 92 — Dezesseis nomes genéricos de Peixes, Anfíbios e Répteis colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: PISCES: *Blennius, Echeineis, Esox, Ophidion.* AMPHIBIA: *Cryptobranchus, Desmognathus, Siren.* REPTILIA: *Alligator, Calamaria, Chelydra, Crotalus, Dermochelys, Eremias, Lacerta, Mabuya, Phrynosoma.*

(1) NOTA DO TRADUTOR: — Veja-se a respeito a notável monografia publicada pelo então Secretário da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, Dr. CH. WARDELL STILES, com a colaboração de M. B. ORLEMAN in *Hygienic Laboratory Bulletin* No. 145 (U. S. Public Health Service).

OPINIÃO 93 — Doze nomes genéricos de Peixes colocados na Lista Oficial por força de Suspensão das Regras. — Os seguintes 12 nomes genéricos de peixes são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos, de acôrdo com o Poder Plenário para Suspensão das Regras: *Conger* Cuv., 1817 (*Muraena conger* L.); *Coregonus* Lin., 1758 (*Salmo lavaretus* L.); *Eleotris* Bloch & Schneides, 1801 (*gyrinus* Cuv. & Val.); *Epinephelus* Bloch, 1792 (*marginalis* Bloch); *Gymnothorax* Bloch, 1795 (*reticularis* Bloch); *Malapterurus* Lacépède, 1803 (*Silurus electricus* L.). *Mustelus* Linck, 1790 (*Squalus mustelus* L. = *Cheilodipterus aquila* Lacép., segundo restr. de CUVIER, 1815); *Serranus* Cuv. (*Perca cabrilla* L.); *Stolephorus* Lacép., 1803 (*commersonianus* Lacép.); *Teuthis* Lin., 1766 (*javus* L.).

Os nomes agora correntes não devem ser abandonados a menos que haja razões indiscutíveis para sua mudança.

OPINIÃO 94 — Vinte e dois nomes de Moluscos e Tunicados colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por este modo colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: MOLLUSCA: *Anodonia*, *Argonauta*, *Buccinum*, *Calyptrea*, *Columbella*, *Dentalium*, *Helix*, *Limax*, *Mactra*, *Mya*, *Mytilus*, *Ostrea*, *Physa*, *Sepia*, *Sphaerium*, *Succinea*, *Teredo*. TUNICATA: *Botrillus*, *Clavelina*, *Diazona*, *Distaplia*, *Molgula*.

OPINIÃO 95 — Dois nomes genéricos de Protozoários colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos — PROTOZOA: *Endamoeba*, *Trypanosoma*.

OPINIÃO 96 — Museum Boltenianum. — A Comissão aceita o Museum Boltenianum 1798 como sendo aproveitável do ponto de vista nomenclatural à luz das Regras Internacionais.

OPINIÃO 97 — O "Tentamen" de HÜBNER 1806 criou gêneros monotípicos? — O Tentamen de HÜBNER, 1806 foi sem dúvida preparado essencialmente como um manuscrito múltiplice, ou como uma página de prova (Vide Opinião No. 87), para exame e crítica por um grupo restrito de peritos, isto é, em *Lepidoptera*, e não para distribuição geral como um registo em zoologia. Por consequência, é discutível a conclusão de que foi publicado em 1806. Mesmo que se admita como premissa sua publicação em 1806, é discutível que os binômios nele contidos se devam interpretar como nomes genéricos ligados a específicos. Mesmo que se admita que tais binômios representem combinações de nomes genéricos com específicos, êles são essencialmente *nomina nuda* (tendo-se em vista a data que trazem), desde que os autores, que não possuem informações esotéricas a seu respeito, não podem interpretá-los definitivamente sem consultarem a literatura mais recente. Se publicados mais tarde com dados mais positivos, êsses nomes passam a ser aproveitáveis na data de sua republicação.

OPINIÃO 98 — Brauer e Bergenstamm. — Interpretando com rigor, BRAUER e BERGENSTAMM (1889 a 1894) não fixaram os tipos para os nomes genéricos mais antigos, exceto nos casos em que afirmam claramente que a espécie mencionada é o tipo do gênero.

OPINIÃO 99 — *Endamoeba* Leidy, 1879, vs. *Entamoeba* Casagrandi & Barbagallo, 1895. — *Entamoeba* 1895, com *blattae* como tipo por designação subsequente (1912), é absolutamente sinônimo de *Endamoeba* Leidy, 1879a, p.300, tipo *blattae*, e invalida *Entamoeba* 1895, tipo por designação subsequente (1913): *hominis=coli*.

OPINIÃO 100 — Suspensão das Regras para *Spirifer* e *Syringothyris*. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Anomia striatta* Martin fica estabelecida como genótipo de *Spirifer* Sowerby, 1816, e *Syringothyris typa* Winchell (= *Spirifer carteri* Hall) fica estabelecido como genótipo de *Syringothyris* Winchell, 1863.

OPINIÃO 101 — Situação nomenclatural de DANILEWSKY — “Contribution à l'étude de la microbiose malarique” in *Annales de l'Institut Pasteur*, 1891, Vol. 5, páginas 758-782. — As designações técnicas latinas, usadas por DANILEWSKY, 1891, *Annales de l'Institut Pasteur*, Vol. 5 (12), pp. 758-782, não estão em harmonia com as Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica e, portanto, não se acham sujeitas a citação ou à Lei de Prioridade, à luz da aludida publicação.

OPINIÃO 102 — *Proteocephala* Blainville, 1828, vs. *Protecephalus* Weinland, 1858. — Um nome genérico (exemplo *Proteocephalus*, 1858) não é invalidado pela publicação anterior de um nome idêntico ou semelhante de colocação sistemática mais elevada (exemplo *Proteocephala*, 1828). Se *Taenia ambigua* (tp. de *Proteocephalus*, 1858) é congênica de *ocellata* (tp. de *Ichthyotaenia*, 1894), *Ichthyotaenia* é sinônimo subjetivo de *Proteocephalus*.

OPINIÃO 103 — O nome genérico *Grus*, tipo *Ardea grus*. — O tipo de *Grus* Pallas, 1767 é *Ardea grus* Lin., 1758, por tautonímia absoluta. *Grus* é por este modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 104 — Cincoenta e sete nomes genéricos colocados na Lista Oficial. — Os seguintes 57 nomes genéricos, com as espécies tipo citadas, são por este modo colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: PROTOZOA: *Bursaria*, *Eimeria*, *Laverania*, *Plasmodium*, *Sarcocytis*. CESTODA: *Ligula*. NEMATODA: *Filaria*, *Heterodera*, *Rhabditis*, *Strongylus*, *Syngamus*. OLIGOCHAETA: *Enchytraeus*. HIRUDINEA: *Haemadipsa*, *Limnatis*. CRUSTACEA: *Armadillidium*, *Astacus*, *Cancer*, *Diaptomus*, *Gammarus*, *Homarus*, *Nephrops*, *Oniscus*, *Pandalus*, *Penaeus*, *Porcellio*. XIPHOSURA: *Limulus*. SCORPIONIDEA: *Scorpio*. ARANEAE ou ARANEIDA: *Avicularia*, *Dendryphantas*, *Dysdera*, *Latrodectus*, *Segestria*. ACARINA: *Cheyletus*, *Chorioptes*, *Demodex*, *Dermanyssus*, *Glyciphagus*, *Polydesmus*, *Psoroptes*, *Rhizoglyphus*, *Trombidium*. THYSANURA: *Lepisma*. COLLEMBOLA: *Podura*. ORTHOPTERA: *Blatta*, *Ectobius*, *Gryllus*, *Periplaneta*. ANOPLURA: *Pediculus*, *Phthirus*. HEMITERA: *Anthocoris*, *Nabis*, *Notonecta*, *Reduvius*, *Triatoma*. DERMAPTERA: *Forficula*. SUCTORIA ou SIPHONAPTERA ou APHANIPTERA: *Pulex*. MAMMALIA: *Cercopithecus*.

OPINIÃO 105 — Nomes de Crustáceos por DYBOWSKI (1926), supressos. — Fica resolvido que os novos nomes publicados no trabalho de DYBOWSKI, “Synoptiches Verzeichnis mit kurzer Besprechung der Gattungen und Arten dieser Abteilung der Bakal-flohkrebsse” (Bul. internat. Acad. polonaise d. Sci. et d. Lettres, 1926, No. 1-2b, Jan.-Fev., pp. 1-77) são por este meio supressos, de acordo com Suspensão das Regras, por isso que a aplicação das Regras para sua aceitação “resultará evidentemente em maior confusão que uniformidade.

OPINIÃO 106 — O tipo de *Oestrus*, Lin., 1758 é *O. ovis*. — O tipo de *Oestrus* Lin., 1758 é *O. ovis* (Art. 30g). A designação de *Oestrus equi* Fabr. por LATREILLE como tipo de *Oestrus* não é válido (Art. 30g). Os 5 seguintes nomes de gêneros de Dípteros são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos: *Cephenemyia* (tipo *trompe*), *Gasterophilus* (tipo *equi* de CLARK, sinônimo de *intestinalis* de GEER), *Hypoderma* (tipo *bovis*), *Oedemagena* (tipo *tarandi*), e *Oestrus* (tipo *ovis*).

OPINIÃO 107 — *Echinocyamus pusillus* vs. *Echinocyamus minutus*. — O caso de *Echinocyamus pusillus* vs. *Echinocyamus minutus* é objeto de duas interpretações diametralmente opostas. Baseando-se no princípio de que um nome em uso corrente não deve ser suplantado por um anterior mas raramente adotado, ou por um nome não adotado, a menos que o argumento seja ambíguo e que as premissas não estejam sujeitas a diferenças de opinião, a Comissão, tendo em vista a situação algo incerta de *minutus*, é de Opinião que *pusillus* 1776 não deve ser supresso por *minutus* 1774.

OPINIÃO 108 — Suspensão das Regras para *Gazella* 1816. — De acordo com a Suspensão das Regras, *Gazella* Blainville, 1816, espécie tipo *Capra dorcas* Lin., 1758a,

é adotado de preferência a *Oryx*, e por este modo é colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 109 — Suspensão das Regras para *Hippotragus* 1846. — De acordo com a Suspensão das Regras (se for preciso), *Hippotragus* Sundevall, 1846, espécie tipo *Antilope leucophaea* Pallas, 1766 é adotado de preferência a *Egocerus* Desmarest, 1822, e a *Ozanna* Reichenbach, 1845 (não *Aegoceros* Pallas, 1811), sendo por este modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 110 — Suspensão das Regras para *Lagidium* 1833. — De acordo com a Suspensão das Regras, *Lagidium* Meyen, 1833, espécie tipo *Lagidium peruanum* Meyen, é adotado de preferência a *Viscaccia* Oken, 1816, genótipo "*Lepus chilensis* Molina", e por este modo é colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 111 — Suspensão das Regras para *Nycteris* 1795. — De acordo com a Suspensão das Regras, *Nycteris* Cuvier & Geoffroy, 1795, espécie tipo *Vespertilio hispidus* Schreber, 1774, é adotado de preferência a *Petalia* Gray, 1838, genótipo *Nycteria javanica* Geoffroy, e é por este modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 112 — Não foi aceita a Suspensão para *Manatus* 1772 vs. *Trichechus* 1758. — Não foi aceita a Suspensão das Regras para o caso de *Manatus Brünnich*, 1772, espécie tipo *Trichechus manatus* Lin., 1758a, localidade tipo Antilhas, versus *Trichechus* Lin., 1758a, monótipo *T. manatus*; por consequência, o nome *Trichechus* é aplicado ao peixe-boi em vez de à morsa. *Trichechus* Lin., 1758a, tipo *T. monatus*, é por este modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 113 — *Sarcoptes Latreille, 1802, tipo scabiei, colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.* — *Sarcoptes* Latreille data de 1802 em vez de 1804 ou 1806, como é frequentemente citado. Foi originalmente monotípico, contendo somente *Acarus scabiei*. A designação, feita em 1810, do tipo de *Acarus passerinus* é inválida de acordo com o Artigo 30c e 30e α . A aceitação de *Acarus scabiei* como espécie tipo de *Acarus* é inválida pelo Artigo 30g, donde *Acarus siro* (sin. *farinae*) é o tipo de *Acarus*. *Sarcoptes* Latr., 1802, tipo *scabiei*, é por este modo colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 114 — De acordo com a Suspensão, *Simia, Simia satyrus* e *Pithecus* são supressos. — De acordo com a Suspensão das Regras, os nomes *Simia, Simia satyrus* e *Pithecus* são por este modo supressos, baseando-se em que sua retenção, de acordo com as Regras, produzirá maior confusão do que uniformidade.

OPINIÃO 115 — Situação de *Leucochilus*. — A Comissão suprime *Leucochilus* von Martens, 1881, em favor de *Leucochila* von Martens, 1860, tipo *Pupa fallax* Say. Qualquer outra orientação neste ponto traria o risco de gerar confusão duradoura e constante entre dois gêneros afins.

OPINIÃO 116 — *Bulimus Scopoli, 1777, vs. Bulinus Mueller, 1781, vs. Bulimus Brugière, 1792.* — A Comissão não interpreta *Bulimus* Scopoli, 1777 como óbvio erro tipográfico; os argumentos não mostram que o genótipo (que deve ser escolhido dentre as quatro espécies originalmente incluídas) tenha sido definitiva e convenientemente designado. *Bulimus* Mueller, 1781 tem por tipo *Bulinus senegalensis* e não está invalidado por *Bulimus*, 1777. *Bulimus* Brugière, 1792, tipo *haemastomus* ou *oblonga*, é homônimo morto de *Bulimus*, 1777.

OPINIÃO 117 — Tipo de *Lithostrotion*. — De acordo com a Suspensão das Regras, *Lithostrotion* é por este meio adotado, com *Lithostrotion striatum* como espécie típica, e é colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 118 — *Scalpellum gabbi* Wade, 1926, *nomen nudum*. — O nome *Scalpellum gabbi* Wade, 1926 é um *nomen nudum* na data de 1926, desde que seu próprio autor claramente o tornou dependente de exemplares hipotéticos. [Vide Opinião 2].

OPINIÃO 119 — Seis nomes genéricos de Moluscos, colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes seis nomes genéricos de *MOLLUSCA* são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos, com os tipos citados entre parênteses: *Cerion (uva)*, *Oleacina (voluta)*, *Neritina (pulligera)*, *Clausilia (rugosa)*, *Vitrina (pellucida)*, *Tornatellina (clausa)*.

OPINIÃO 120 — Situação de *Achatinus*, 1810. — *Achatinus*, 1810 representa emenda de *Achatina*, 1799, sendo-lhe, pois, sinônimo objetivo; a designação de *zebra* como tipo de *Achatinus* contraria o artigo 30a e c. *Achatinus*, 1810 invalida qualquer uso ulterior de *Achatinus* em sentido diferente.

OPINIÃO 121 — Necessidade não provada da Suspensão das Regras no caso de *Agasoma* Gabb, 1869, tipo *sinuatum*. — Desde que os argumentos apresentados para a Suspensão das Regras no caso de *Agasoma* não convenceram os sete consultores concologistas e paleontologistas que estudaram a questão, a Comissão não tem base para aprovar a proposta de Suspensão. *Agasoma* Gabb, 1869, tipo *sinuatum*, é por este meio colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 122 — Sete nomes genéricos de Primatas colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os seguintes nomes genéricos de *PRIMATA* são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos, com as espécies tipo citadas entre parênteses: *Colobus (polycomos)*, *Galago (galago)*, *Gorilla (gorilla)*, *Hylobates (lar)*, *Lemur (catta)*, *Pithecia (pithecia)*, *Tarsius (spectrum)*.

OPINIÃO 123 — Supressão de "Onomatologia Historiae Naturalis Completa" de P. F. GMELIN. — Em vista de causar divergência de opinião a interpretação de muitos dos nomes usados em Onomatologia Historiae Naturalis Completa de P. F. GMELIN (1758-77), a adoção deles em nomenclatura produziria maior confusão do que uniformidade. Por este motivo, todo esse trabalho (vols. 1 a 7) é assim excluído de uso, de acôrdo com a Suspensão das Regras (se preciso for), à luz das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica.

OPINIÃO 124 — Subdivisão de gêneros de LINEU, 1758. — As várias subdivisões de gêneros publicadas por LINEU em 1758 não são aceitas como possuidoras de valor sub-genérico na data referida (1758), à luz das Regras Internacionais.

OPINIÃO 125 — *Boros* Herbst, 1797, e *Borus* Agassiz, 1846, vs. *Borus* Albers, 1850. — *Borus* Agassiz, 1846 representa emenda de *Boros* Herbst, 1797, sendo-lhe, pois, absoluto sinônimo; *Borus* Albers, 1850 é homônimo morto.

OPINIÃO 126 — Novos nomes em "Prodrome" de D'ORBIGNY, 1850 são nomenclaturalmente aproveitáveis. — À luz da evidência e da opinião de eminentes especialistas consultados, a Comissão não tem base para declarar inaproveitáveis ou como *nomina nuda* os novos nomes aparecidos em "Prodrome" de D'ORBIGNY, 1850, de acôrdo com as Regras.

OPINIÃO 127 — Suspensão das Regras para *Lepidocyclina* Gumbel, 1868, tipo *Nummulites mantelli*. — À luz do opinião de especialistas, consultados no grupo correspondente, a Comissão por este meio suspende as Regras e coloca *Lepidocyclina* Gumbel, 1868, tipo *Nummulites mantelli*, na Lista Oficial de Nomes Genéricos, com *Cyclosiphon* Ehrenberg, 1856, tipo *Nummulites mantelli*, como seu sinônimo objetivo. Os consultores são quase unanimemente acordes em declarar que a aplicação das Regras neste caso produziria maior confusão do que uniformidade.

OPINIÃO 128 — *Nycteribia*, 1796, *Pupipara*, e *Spinturnix*, 1826 (*Acarina*). — À luz da Suspensão das Regras, *Nycteribia* Latreille, 1796, com *pedicularia* Latreille, 1805 como tipo, e *Spinturnix* von Heyden, 1826, *myoti* Kolenati, 1856 como tipo são por este meio colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. O nome específico *vespertilionis* de todos os autores é por este meio invalidado para os seguintes

nomes genéricos: *Acarus*, *Acrocholidia*, *Celeripes*, *Dermanyssus*, *Diplostaspis*, *Gamasus*, *Hippobosca*, *Ichoronyssus*, *Liponyssus*, *Listropoda*, *Megistopoda*, *Nycteribia*, *Pediculus*, *Penicillidia*, *Periglischrus*, *Phthiridium*, *Pteroptus*, *Sarcoptes*, *Spinturnix*, *Strebla*, à base de que a aplicação das Regras produziria maior confusão do que uniformidade.

OPINIÃO 129 — *Bipinnaria* 1835 vs. *Luidia* 1839. — As Regras são por êste meio suspensas no caso de *Bipinnaria* 1835, vs. *Luidia* 1839, à base de que da aplicação estrita das Regras resultaria indiscutivelmente maior confusão do que uniformidade. *Luidia* Forbes, 1839, com o monótipo *fragilissima* 1839 (sinônimo subjetivo de *Luidia ciliaris* 1837), é por êste meio colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos. Os nomes *Auricularia*, *Bipinnaria*, *Brachiolaria* e *Pluteus* são por êste meio excluídos de aproveitabilidade como nomes genéricos e reservados como designações de frases de desenvolvimento.

OPINIÃO 130 — *Lytoceras* Suess, 1865, colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — À luz da Suspensão das Regras, *Lytoceras* Suess, 1865 (genótipo, *Ammonites fimbriatus* Sowerby) é por êste meio colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos.

OPINIÃO 131 — Espécie tipo de *Tromikosoma* Mortensen, 1903. — A espécie tipo de *Tromikosoma* é *T. koehleri*.

OPINIÃO 132 — Situação das "Gattungsbezeichnungen" de SOBOLEW, 1914. — As "Gattungsbezeichnungen" publicadas por SOBOLEW, em 1914, são da mesma natureza que as designações publicadas por HERRERA, isto é, fórmulas, e não nomes genéricos, não tendo, pois, situação em Nomenclatura. [Vide Opinião 72].

OPINIÃO 133 — *Urothoe* Dana e *Phoxocephalidae* Sars. — À luz das Regras, o tipo de *Urothoe* é *U. rostratus*. O autor original de um nome de família tem liberdade de escolher qualquer gênero incluso como tipo nomenclatural de tal família. Não lhe é necessário escolher o mais velho gênero incluso como gênero tipo para essa família. À luz dos presentes argumentos, é desnecessário substituir pelo novo nome *Urothoidea* 1932 o mais antigo *Phoxocephalidae*.

OPINIÃO 134 — Sobre o método a ser adotado na interpretação dos nomes genéricos destinados por FREYER a espécies descritas em suas "Neuere Beiträge zur Schmetterlingskunde", 1833-1858. — Na interpretação dos nomes genéricos destinados por FREYER, em suas "Neuere Beiträge zur Schmetterlingskunde", às espécies ali descritas, deve-se considerar cada espécie como tendo sido descrita por FREYER e pertencente ao gênero por êle citado no tópo da descrição e não ao gênero com que êle realmente associou o nome específico.

OPINIÃO 135 — Supressão da chamada "Erlangen List" de 1801. — A chamada "Erlangen List" de 1801 deve ser tratada com se jamais tivesse sido publicada.

OPINIÃO 136 — Opinião suplementar à Opinião 11 sobre a interpretação ao trabalho de LATREILLE "Considérations générales sur l'ordre naturel des animaux composant les classes des crustacés, des arachnides et des insectes avec un tableau méthodique de leurs genres disposés en famille", Paris, 1810. — A Opinião 11 da Comissão Internacional, — a qual determina que a "Table des genres avec l'indication de l'espèce qui leur sert de type", anexada a "Considérations générales" de LATREILLE (1810), deve ser aceita como constituinte, à luz do Artigo 30 do Código, de uma designação dos tipos dos gêneros nela incluídos —, aplica-se apenas àqueles, dentre os gêneros nela citados por LATREILLE, nos quais êle colocou somente uma das espécies incluídas no gênero pelo respectivo autor.

OPINIÃO 137 — Sobre a relativa precedência a conferir-se a certos nomes genéricos publicados em 1807 por FABRICIUS e HÜBNER, respectivamente, para gêneros idênticos nos *Lepidoptera Rhopalocera* (Insetos). — A menos que e até que se

apresente nova evidência quanto às datas precisas em que, em 1807, foram publicados (a) o trabalho de FABRICIUS sôbre nomes genéricos de Lepidópteros no 6.º volume do "Magazin für Insektenkunde" de ILLIGER e (b) certas táboas da "Sammlung exotischer Schmetterlinge" de HÜBNER, os nomes propostos por FABRICIUS terão precedência aos propostos por HÜBNER. Caso surja mais tarde evidência que prove terem as táboas de HÜBNER sido publicadas antes do trabalho de FABRICIUS, três nomes genéricos (citados no texto da presente Opinião) propostos por HÜBNER nas aludidas táboas devem, por Suspensão das Regras, ser supressos em favor dos nomes (também citados no texto da presente Opinião) propostos por FABRICIUS para os mesmos gêneros (Insetos, Lepidópteros).

NOTA: — Os três nomes genéricos suprimíveis são os seguintes:

- a) *Potamis* Hübner, tipo *P. leonte* Hübner, 1807, em favor de: *Morpho* Fabricius 1807, tipo *Papilio achilles* L., 1758, de que *P. leonte* Hübner, 1807 é sinônimo;
- b) *Rusticus* Hübner, tipo *Papilio gnidus* Fabricius, 1787, em favor de: *Helicopsis* Fabricius, 1807, tipo *P. cupido* L., 1758, com que *P. gnidus* é congênica;
- c) *Mancipium* Hübner, tipo *Papilio hellica* L., 1767, em favor de: *Pontia* Fabricius, 1807, tipo *Papilio daphidice* L., 1758, com que *P. hellica* é congênica.

NOTA: — Em face desta Opinião (cf. Opinions and Declarations rendered by the I.C.Z.N., vol. 2, pt. 30A, 1945), os nomes *Morpho* Fabricius, 1807, *Helicopsis* Fabricius, 1807 e *Pontia* Fabricius, 1807, com os respectivos tipos supra-citados, devem ser colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nomes Nos. 564, 565 e 566.

OPINIÃO 138 — Sôbre o método por que se deve interpretar a emenda ao Artigo 25 do Código Internacional, adotada na reunião de Budapest do Congresso Internacional de Zoologia, quanto à substituição de nomes inválidos. — A fim de observar o Artigo 25 do Código Internacional emendado na reunião do Congresso Internacional de Zoologia realizada em Budapest em 1927, é preciso que um autor, ao publicar um novo nome em lugar de um nome inválido e depois de indicar o nome a ser substituído e o do respectivo autor, cite igualmente o ano em que foi publicado tal nome, indique o título do trabalho ou revista em que o nome substituindo foi primeiro publicado, e que, sendo numeradas as páginas do mencionado trabalho, refira o número da página em que foi impresso o nome substituindo.

OPINIÃO 139 — Os nomes *Cephus* Latreille, [1802-1803] (*) e *Astata* Latreille, 1796, nos Himenópteros, colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — A supressão da "Erlangen List" (Opinião 135) invalida o nome *Astata* Jurine, 1801 (tipo: *Sirex pygmaeus* Linnaeus, 1758) e, conseqüentemente, o nome *Cephus* Latreille, [1802-1803], cujo tipo é aquela mesma espécie, torna-se nomenclaturalmente aproveitável. O nome *Cephus* Latreille, com o tipo indicado, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos, juntamente com *Astata* Latreille, 1796 (tipo: *Tiphia abdominalis* Panzer, [1798], como Nomes Nos. 567 e 568.

NOTA DA COMISSÃO: — "No momento da reunião da Comissão Internacional em Lisboa em 1935, acreditava-se que fôsse 1802 a data da publicação do volume 3 de LATREILLE, in BUFFON — Hist. nat. gén. part. Crust. Ins. (de SONNINI), no qual apareceu pela 1.ª vez o nome *Cephus* Latreille. No entanto, GRIFFIN desde então

(*) Sempre que a verificação da data de qualquer trabalho não se pode basear em indicação desse mesmo trabalho, mas em outro posteriormente publicado ou mediante investigação especial, tal data aparece aqui entre colchetes: [1802-1803], e não: 1802-1803.

(1938), J. Soc. Bibl. Nat. Hist. 1: 157) mostrou que, apesar de estar datado do "Ano X", esse volume não foi seguramente publicado antes do "Ano XI"; e que, portanto, êle deve ter sido publicado na mesma data, no período de 22-IX-1802 a 21-IX-1803. Para pormenores sôbre a conversão de datas do Calendário da Revolução Francesa em datas do calendário cristão, veja-se GRIFFIN, idem 1: 249".

OPINIÃO 140 — Sôbre o método de formação de nomes de família para *Merops* Linnaeus, 1758 (Aves) e para *Merope* Newman, 1838 (Insetos). — O nome de família para *Merops* Linnaeus, 1758 [Syst. Nat. (ed. 10): 117] em Aves é *Meropidae*; o nome de família para *Merope* Newman, 1838 [Ent. Mag. 5 (2): 180] em Insetos é *Miropeidae*.

OPINIÃO 141 — Sôbre os princípios a serem observados na interpretação do Artigo a do Código Internacional, relativamente à formação de nomes de famílias e subfamílias. — Os seguintes princípios devem ser observados na interpretação do Artigo 4 do Código Internacional, relativamente à formação de nomes de famílias e subfamílias:

1) Não é preciso que se tome como gênero tipo da família o mais antigo nome aproveitável na família.

2) Ao estabelecer nova família, um autor pode livremente escolher como gênero tipo dessa família qualquer unidade genérica que êle considere mais apropriada.

NOTA: — Tanto quanto possível, o nome escolhido deveria ser o mais conhecido e comum das unidades taxonômicas consideradas, isto é, deveria ser o mais central nos gêneros propostos para inclusão na família assim estabelecida.

3) O nome de uma família é baseado no nome de seu gênero tipo. A seleção de determinado nome genérico para formar o nome de uma família constitui, *ipso facto*, designação definida desse gênero como gênero tipo de tal família. Exemplo: O gênero *Musca* Linnaeus, 1758 é designado, de modo definido e não ambíguo, como o gênero tipo da família *Muscidae*, pela razão de se usar na formação do nome da família o tema da palavra *Musca*.

NOTA: — Alguns bem estabelecidos nomes de família, propostos por autores anteriores, há em que êste princípio não foi observado. Tais nomes deveriam ser tratados como exceções. Qualquer caso de dúvida deveria ser lembrado à Comissão para que decida.

4) Os princípios fixados acima em (1) a (3) com relação aos nomes de família são igualmente aplicáveis aos nomes de subfamílias.

OPINIÃO 142 — Suspensão das Regras para *Satyrus* Latreille, 1810 (Insetos, Lepidópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio actaea* Esper, [1780] fica designada como tipo de *Satyrus* Latreille, 1810 (Insetos, Lepidópteros) e êste gênero, assim definido, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nome No. 569.

OPINIÃO 143 — Sôbre o método de formação do nome de família para *Tingis* Fabricius, 1803 (Insetos, Hemípteros). — O nome de família para *Tingis* Fabricius 1803 (Syst. Rhyng.: 124), Hemípteros, é *Tingidae*.

OPINIÃO 144 — Sôbre a situação dos nomes *Crabro* Geoffroy, 1762, *Crabro* Fabricius, 1775, e *Cimbex* Olivier, 1790 (Insetos, Himenópteros). — Em virtude de Suspensão de Regras: I) o nome *Crabro* Geoffroy, 1762 é supresso; II) tôdas as existentes designações de tipo para *Crabro* Fabricius, 1775 e *Cimbex* Olivier, 1790 ficam relegadas; III) *Vespa cribraria* Linnaeus, 1758 fica designada como o tipo de *Crabro* Fabricius; IV) — *Tenthredo lutea* Linnaeus, 1758 fica designada como o tipo de *Cimbex* Olivier. Os nomes *Crabro* Fabricius e *Cimbex* Olivier, com os tipos acima indicados, ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nomes Nos. 570 e 571.

OPINIÃO 145 — **Sôbre a situação de nomes publicados pela 1.^a vez em trabalhos rejeitados por motivos nomenclaturais e ulteriormente publicados em outros trabalhos.** — Desde que um trabalho seja rejeitado por motivos nomenclaturais, quer à luz do Artigo 25 do Código Internacional, quer sob os poderes plenários conferidos à Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, quaisquer nomes (sejam genéricos, sejam específicos), pela 1.^a vez publicados em tal trabalho, devem ser tidos como não havendo jamais sido publicados. Portanto, desde que um autor ulteriormente estabeleça um gênero ou espécie a que êle aplique um nome dentre os incluídos no trabalho rejeitado, o nome então aplicado é aproveitável nomenclaturalmente e não deve ser rejeitado como homônimo, por motivo de sua publicação anterior no trabalho rejeitado.

OPINIÃO 146 — **Suspensão das Regras para *Colias* Fabricius, 1807 (Insetos, Lepidpteros).** — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio hyale* Linnaeus, 1758 fica designada como o tipo de *Colias* Fabricius, 1807 e êste nome assim definido fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nome No. 572.

OPINIÃO 147 — **Sôbre os princípios a serem observados na interpretação do Artigo 34 do Código Internacional quanto à rejeição, como homônimos, de nomes genéricos e subgenéricos com a mesma origem e significado de nomes prèviamente publicados.** — Os seguintes princípios devem ser observados na interpretação do Artigo 34 do Código Internacional quanto à rejeição, como homônimo, de nomes genéricos e subgenéricos da mesma origem e significado:

1) — Um nome genérico, da mesma origem e significado que um nome genérico prèviamente publicado, deve ser rejeitado como homônimo dêsse nome se dêle se distingue apenas pelas seguintes diferenças:

- a) uso de *ae* ou *oe* e *e*; uso de *ei*, *i* e *y*; ou uso de *c* e *k*;
- b) aspiração ou não aspiração de consoante;
- c) presença ou ausência de *c* antes de *t*;
- d) uso de consoante simples ou dupla;

2) — Os princípios fixados acima em (1) com relação aos nomes genéricos são igualmente aplicáveis aos nomes subgenéricos.

OPINIÃO 148 — **Sôbre os princípios a serem observados na interpretação dos Artigos 25 e 34 do Código Internacional quanto à aproveitabilidade de nomes genéricos propostos como emendas ou substituições a nomes genéricos prèviamente publicados com a mesma origem e significado.** — Os seguintes princípios devem ser observados na interpretação dos Artigos 25 e 34 do Código Internacional quanto à aproveitabilidade de nomes genéricos propostos como emendas ou substituições a nomes prèviamente publicados com a mesma origem e significado:

1) — Um nome genérico publicado como emenda de nome anterior da mesma origem e significado deve ser rejeitado como sinônimo dêsse nome anterior (quando êste por si mesmo é aproveitável) e o tipo do gênero portador do nome emendado é automaticamente a mesma espécie que o tipo do gênero portador do nome anterior, que assim se propôs emendar. Exemplo: Na suposição de ser *Achatina* Lamarck, 1799, por si mesmo, nome aproveitável, *Achatinus* de MONTFORT, 1810, por ser emenda de *Achatina* Lamarck, 1799, deve ser rejeitado como sinônimo de *Achatina* Lamarck; o tipo de *Achatinus* de MONTFORT é automaticamente a mesma espécie que o tipo de *Achatina* Lamarck.

2) — Um nome genérico deve ser rejeitado como homônimo se tiver sido publicado prèviamente como emenda de outro nome genérico de data anterior. Exemplo: *Borus* Albers, 1850 (Moluscos) deve ser rejeitado como homônimo de *Borus* Agassiz, 1846, que é emenda de *Borus* Herbst, 1797 (Coleópteros).

3) — Um nome genérico, publicado como substituto (*nomen novum*) de um nome rejeitado por motivo de sua homonímia, não deve ser rejeitado sob o fundamento de ter a mesma origem e significado do nome para cuja substituição foi proposto. Exemplo: *Protodryas* Reuss, 1928, foi publicado como substituto de *Prodryas* Reuss, 1926, que é inválido, por ser homônimo de *Prodryas* Scudder, 1878; como tal, *Protodryas* Reuss é aproveitável, embora tenha a mesma origem e significado que *Prodryas* Reuss.

4) — Os princípios fixados acima em (1) a (3) com relação aos nomes genéricos são igualmente aplicáveis aos nomes subgenéricos.

OPINIÃO 149 — Vinte e um nomes de Ortópteros (Insetos) colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia. — Os seguintes nomes de Ortópteros (Insetos) ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, com os tipos indicados no parágrafo 10 do texto da presente Opinião, como Nomes Nos. 573 a 593.

Ei-los:

Bacillus Le Peletier de Saint Fargeau & Serville, 1825 (tipo: *Mantis rossia* Rossi, 1790, Faun. etrusc. I: 259; monotípico);

Chelidura Berthold, 1827 (tipo: *Forficula aptera* Charpentier, 1825, Hor. Ent.: 69, tipo designado por SERVILLE, 1831, Ann. Sci. Nat. 22: 36, sob o nome de *Chelidoura*);

Eumastax Burr, 1899 (tipo: *Mastax tenuis* Perty, 1832, Del. Anim. artic. Brasil (2): 123; monotípico);

Gampsocleis Fieber, 1852 (tipo: *Locusta glabra* Herbst, 1786, in FUESSLY, Arch. Ins. 7: 193; monotípico);

Gryllacris Serville, 1831 (tipo: *Gryllacris maculicollis* Serville, 1831, Ann. Sci. Nat. 22 (86): 139, tipo designado por REHN, 1905, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila, 57: 827);

Gryllotalpa Latreille, [1802-1803] (tipo: *Gryllus gryllotalpa* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 428; monotípico);

Hemimerus Walker, 1871 (tipo: *Hemimerus talpoides* Walker, 1871, Cat. Dermapt. Saltat. Brit. Mus. 5 Suppl. Dermapt. Saltat.: 2; monotípico);

Labia Leach, 1815 (tipo: *Forficula minor* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 423; monotípico);

Leptophyes Fieber, 1852 (tipo: *Locusta punctatissima* Bose, 1792, Actes Soc. Hist. Nat. Paris I. (1): 45; monotípico);

Mantis Linnaeus, 1767 (tipo: *Gryllus religiosus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 426; tipo designado por LATREILLE, 1810, Consid. Gén. Anim. Crust. Arach. Ins.: 433);

Myrmecophilus Berthold, 1827 (tipo: *Blatta acervorum* Panzer, [1799], Fauna Ins. Germ. (68): tab. 24; monotípico);

Oedipoda Latreille, 1829 (tipo: *Gryllus coeruleus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 432; tipo designado por KIRBY, 1910, Syn. Cat. Orthopt. 3: 238);

Phyllium Illiger, 1798 (tipo: *Gryllus siccifolius* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 425; monotípico);

Prophalangopsis Walker, 1871 (tipo: *Tarraga obscura* Walker, 1869, Cat. Dermapt. Saltat. Brit. Mus. 1: 100; monotípico);

Proscopia Klug, 1820 (tipo: *Proscopia gigantea* Klug, 1820, Hor. Phys. Berol.: 18; tipo designado por GUÉRIN, 1828, Dict. Class. Hist. Nat., 14: 297);

Psophus Fieber, 1853 (tipo: *Gryllus stridulus* Linnaeus, 1758, Syst. Nat.: 432; monotípico);

Saga Charpentier, 1825 (tipo: *Locusta serrata* Fabricius, 1793, Ent. Syst. 2: 43, monotípico);

Schizodactylus Brullé, 1835 (tipo: *Gryllus monstrosus* Drury, 1773, Ill. Nat. Hist. 2: index & 81; monotípico);

Sphingonotus Fieber, 1852 (tipo: *Gryllus caeruleans* Linnaeus, 1767, Syst. Nat. 1 (2): 701; monotípico);

Stenopelmatus Burmeister, 1838 (tipo: *Stenopelmatus talpa* Burmeister, 1838, Handb. Ent. 2 (2) (N.º 1): 721; tipo designado por KIRBY, 1906, Syn. Cat. Orthopt. 2: 111);

Tridactylus Olivier, 1789 (tipo: *Tridactylus paradoxus* Latreille [1802-1803] (in Buffon, de SONNINI), Hist. Nat. Gén. partic. Crust. Ins. 3: 276; monotípico).

OPINIÃO 150 — Sobre as datas de publicação das várias porções de HÜBNER (J.) Verzeichniss bekannter Schmettlinge (sic) 1816 [1826]. — As datas de publicação de JACOB HÜBNER — Verzeichniss bekannter Schmettlinge (sic) deveriam ser determinadas à luz da evidência oferecida pelo resultado do descobrimento dos manuscritos de HÜBNER. As conclusões a tirar dessa evidência acham-se resumidas no parágrafo 8 da presente Opinião.

Eis o quadro correspondente ao resumo:

Assinaturas	Páginas	Espécies N.ºs	Data de publicação
Verzeichniss			
1	[1]-[3]-4-16	1- 96	1816
2- 8	17-128	97-1379	[1819]
9-11	129-176	1380-1822	[1819]
12-13	177-208	1823-2084	[1820]
14-15	209-240	2085-2388	[1821]
16	241-256	2389-2531	[1821]
17-19	257-304	2532-2936	[1823]
20-27	305-431	2937-4198	[1825]
Anzeiger			
1- 9	1- 72	—	[1826]

OPINIÃO 151 — Sobre a situação dos nomes *Lasius* Panzer [1801-1802], *Podalirius* Latreille, 1802, *Lasius* Fabricius [1804-1805] e *Anthophora* Latreille, 1903 (Classe: Insetos; Ordem — Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: I) o nome *Lasius* Panzer [1801-1802]; II) nome *Podalirius* Latreille, 1802 (Classe: Insetos; Ordem: Himenópteros) são supressos; III) tôdas as existentes designações de tipo *Lasius* Fabricius, [1804-1805] e *Anthophora* Latreille, 1803 ficam relegadas; IV) *Formica nigra* Linnaeus, 1758 fica designada como o tipo de *Lasius* Fabricius; e V) *Apis pilipes* Fabricius, 1775 fica designada como o tipo de *Anthophora* Latreille. Os nomes *Lasius* Fabricius e *Anthophora* Latreille (Classe: Insetos; Ordem Himenópteros), com os tipos acima indicados, ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nomes Nos. 594 e 595.

OPINIÃO 152 — Sobre a situação de nomes genéricos na Ordem: Dípteros (Classe: Insetos) publicados primeiro em 1800 por J. W. MEIGEN em sua "Nouvelle Classification des Mouches à deux ailes". — Os nomes genéricos na Ordem: Dípteros (Classe: Insetos) publicados em 1800 por J. M. MEIGEN em sua "Nouvelle Classification des Mouches à deux ailes" (*) devem ser tratados como possuidores de priori-

(*) NOTA DO TRADUTOR: — Dada a grande raridade dêste trabalho de MEIGEN, resolveu FRANCIS HEMMING, secretário da Comissão de Nomenclatura Zoológica, reproduzi-lo em *fac-simile*. Êste já se acha à venda, pelo preço de 10 chelins, no escritório da Comissão (41, Queen's Gate, S.W. 7, Inglaterra).

dade fixada por essa data. Tratando-se de qualquer nome primeiro publicado no trabalho acima, desde que especialistas no grupo correspondente sejam de opinião que a estrita aplicação das Regras resultaria claramente em maior confusão do que uniformidade, ditos especialistas deveriam apresentar dados completos à Comissão Internacional com as recomendações que julgassem mais acertadas para a Suspensão das Regras com relação a êsse nome genérico.

OPINIÃO 153 — Sobre a situação dos nomes *Bethylus* Latreille, [1802-1803], e *Dryinus* Latreille, [1804] (Classe: Insetos, Ordem: Himenópteros). — Em virtude de suspensão das Regras: I) tôdas as existentes designações de tipo para *Bethylus* Latreille, [1802-1803], são supressas; e II) *Omalus fuscicornis* Jurine, 1807 fica designada como o tipo de *Bethylus* Latreille. Os nomes *Bethylus* Latreille, com o tipo assim indicado, e *Dryinus* Latreille, [1804], com o tipo *Dryinus formicarius* Latreille, [1804-1805] (Classe: Insetos; Ordem: Himenópteros) ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nomes Nos. 596 e 597.

OPINIÃO 154 — Sobre a situação dos nomes *Phaneroptera* Serville, 1831, e *Tylopsis* Fieber, 1853 (Classe: Insetos; Ordem: Ortópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, *Gryllus falcata* Poda, 1761 fica designada como tipo de *Phaneroptera* Serville, 1831. O nome *Phaneroptera* Serville com o tipo acima indicado, e o nome *Tylopsis* Fieber, 1853, com o tipo *Locusta lilifolia* Fabricius, 1793 (Classe: Insetos; Ordem: Ortópteros) ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nomes Nos. 598 e 599.

OPINIÃO 155 — Sobre a situação dos nomes *Callimome* Spinola, 1811, *Misocampe*, Latreille, 1818, e *Torymus* Dalman, 1820 (Classe: Insetos; Ordem: Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: I) o nome *Callimome* Spinola, 1811 e II) o nome *Misocampe* Latreille, 1818, são supressos; III) tôdas as existentes designações de tipo para *Torymus* Dalman, 1820, ficam relegadas; e IV) *Ichneumon bedeguaris* Linnaeus, 1758 fica designada como o tipo *Torymus* Dalman. O nome *Torymus* Dalman, com o tipo acima indicado (Classe: Insetos; Ordem: Himenópteros), fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 600.

OPINIÃO 156 — Suspensão das Regras para *Vanessa* Fabricius, 1807 (Classe: Insetos; Ordem: Lepidóptero). — Em virtude de Suspensão das Regras, fica declarado que não se deve invocar a precedência de página para se preferir *Cynthia* Fabricius, 1807 (Classe: Insetos; Ordem: Lepidópteros) a *Vanessa* Fabricius, 1807. *Vanessa* Fabricius, com o tipo *Papilio atalanta* Linnaeus, 1758, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nome No. 601.

OPINIÃO 157 — Três nomes na Ordem Himenópteros (Classe Insetos) colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos. — Os nomes *Cryptus* Fabricius, [1804-1805], *Arge* Schrank, 1802, e *Diprion* Schrank, 1802 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros), com os tipos especificados no parágrafo 7 da presente Opinião, ficam assim colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nomes Nos. 602 a 604:

(§ 7.º) NOME DO GÊNERO

TIPO DO GÊNERO

Cryptus Fabricius, [1804-1805],
in Syst. Piezat.: 70

Cryptus viduatorius Fabricius, [1804-1805], (ref. idêntica à do nome genérico *Cryptus*), (tipo designado por CURTIS 1837, in Brit. Ent. 14: tab. 668).

Arge Schrank, 1802
in Fauna boic. 2 (2): 209

Tenthredo enodis Lineu, 1767, in Syst. Nat. (ed. 12), 1 (2): 922, (tipo designado por ROHWER, 1911, in Tech. Ser. U. S. Bur. Ent. 20 (2): 74).

Diprion Schrank, 1802
in Fauna boic. 2 (2): 209

Tenthredo pini Lineu, 1758, in Syst. Nat. (ed. 10), 1: 556, (tipo designado por ROHWER, 1911, in Proc. U. S. Nat. Mus. 39: — 103).

OPINIÃO 158 — Sôbre a situação do nome *Locusta* Lineu, 1758 (Classe Insetos, Ordem Ortópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, fica declarado que o nome *Locusta* Lineu (Classe Insetos, Ordem Ortópteros) deve ser aceito como valor subgenérico como datado de 1758 (Syst. Nat., ed. 10, 1: 431), e que seu tipo é *Gryllus migratorius* Lineu, 1758. O nome *Locusta* Lineu, assim validado e com o tipo acima referido, é colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 605.

OPINIÃO 159 — Sôbre a situação dos nomes *Ephialtes* Schrank, 1802, *Ichneumon* Lineu, 1758, *Pimpla* Fabricius [1804-1805], e *Ephialtes* Gravenhorst, 1829 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: I) o nome *Ephialtes* Schrank, 1802, é supresso; II) todas as existentes designações de tipo para *Ichneumon* Lineu, 1758, *Pimpla* Fabricius, [1804-1805], e *Ephialtes* Gravenhorst, 1829 ficam relegadas; III) *Ichneumon extensorius* Lineu, 1758 fica designada como o tipo de *Ichneumon* Lineu, 1758; IV) *Ichneumon instigator* Fabricius, 1793 fica designada como o tipo de *Pimpla* Fabricius, [1804-1805]; V) *Ichneumon manifestator* Lineu, 1758 fica designada como o tipo de *Ephialtes* Gravenhorst, 1829. Os nomes *Ichneumon* Lineu, *Pimpla* Fabricius e *Ephialtes* Gravenhorst (Classe Insetos, Ordem Himenópteros), com os tipos respectivamente indicados acima, ficam colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nomes Nos. 606 a 608.

OPINIÃO 160 — Sôbre a situação dos nomes *Anguina* Scopoli, 1777, *Anguillulina* Gervais et van Beneden, 1859, e *Tylenchus* Bastian, 1865 (Classe Nematódios). — Enquanto forem reconhecidos como observantes do Artigo 25 do Código Internacional os nomes genéricos publicados por autores que usem o sistema binário, embora não binominal, de nomenclatura, devem ser aceitos como aproveitáveis nomenclaturalmente os nomes genéricos publicados por SCOPOLI em 1777 em sua "Introductio ad Historiam Naturalem"; esta orientação, todavia, prcisará de ser objeto de re-exame se mais tarde fôr decidida a rejeição de nomes genéricos publicados por autores que não aplicam o sistema binominal. Não se tem decidido pela suspensão das Regras para o fim, seja de invalidar *Anguina* Scopoli, 1777, e validar *Anguillulina* Gervais et van Beneden, 1859, seja de invalidar *Anguina* Scopoli, 1777 e *Anguillulina* Bastian, 1865 (Classe Nematódios).

OPINIÃO 161 — Suspensão das Regras para *Argynnis* Fabricius, 1807 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, declara-se por êste meio que: (1) *Argyreus* Scopoli, 1777 (tipo: *Papilio niphe* Lineu, 1767 = *Papilio hyperbîus* Lineu, 1763) não deve substituir *Argynnis* Fabricius, 1807, (tipo *Papilio paphia* Lineu, 1758); (2) *Argynnis* Fabricius, 1807 é portanto válido; todavia, esta decisão não afetará a validez de *Argyreus* Scopoli, 1777 no que toca a diversa aproveitabilidade dêste nome, se por acaso se vier a achar desejável, por motivos taxonômicos, colocar *Papilio niphe* Lineu e *Papilio paphia* Lineu em gêneros diferentes. O nome *Argynnis* Fabricius 1777 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), com o tipo *Papilio paphia* Lineu 1758, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 609.

OPINIÃO 162 — Suspensão das Regras para *Bracon* Fabricius, [1804-1805] (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) afastam-se todas as existentes designações de tipo para *Bracon* Fabricius, [1804-1805] e (2) *Ichneumon minutator* Fabricius, 1798 é por êste meio designada tipo dêste gênero. O nome *Bracon* Fabricius, [1804-1805] (Classe Insetos, Ordem Himenópteros), com o tipo indicado acima, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 610.

OPINIÃO 163 — Suspensão das Regras para *Euploea* Fabricius, 1807 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio corus* Fabricius, 1793 é por êste meio designada tipo de *Euploea* Fabricius, 1807 (Classe

Insetos, Ordem Lepidópteros). O nome *Euploea* Fabricius, com o tipo indicado acima, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 611.

OPINIÃO 164 — **Sôbre os princípios a serem observados na interpretação do Artigo 30 do Código Internacional quanto aos tipos de gêneros quando se unem dois ou mais gêneros, por motivos taxonômicos.** — Os seguintes princípios devem ser observados na interpretação do Artigo 30 do Código Internacional quanto aos tipos de gêneros quando se unem dois ou mais gêneros, por motivos taxonômicos: (1) quando dois ou mais gêneros são unidos por motivos taxonômicos, tal ação não afeta o tipo de tais gêneros; (2) o gênero mais amplo, assim formado, recebe como denominação o mais velho nome disponível, baseado em qualquer espécie nele inclusa; (3) o gênero portador de tal nome conserva como tipo a espécie que assim se tenha previamente estabelecido.

OPINIÃO 165 — **Necessidade de suspensão das Regras para *Strymon* Hübner, 1818 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), não estabelecida.** — Não fica estabelecida a necessidade de Suspensão das Regras para *Strymon* Hübner, 1818 (tipo: *Strymon melinus* Hübner, 1818) (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 166 — **Sôbre a situação dos nomes *Pompilus* Fabricius, 1798, e *Psammochares* Latreille, 1796 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros) e do suposto nome *Pompilus* Schneider, 1784 (Classe Cefalópodos, Ordem Nautilódios).** — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) o nome *Psammochares* Latreille, 1796 é por êste meio supresso; (2) o nome *Pompilus* é por êste meio supresso como nome genérico no que toca a possibilidade de ter sido usado antes da publicação do nome *Pompilus* Fabricius, 1798; (3) o nome *Pompilus* Fabricius, 1798 é, por êste meio, validado; (4) todas as designações de tipo para *Pompilus* Fabricius, 1798, feitas em data anterior à da presente Opinião, são por êste meio relegadas; e (5) *Pompilus pulcher* Fabricius, 1798 é por êste meio designada tipo de *Pompilus* Fabricius, 1798. Não existe como tal o nome genérico *Pompilus* Schneider, 1784 (Classe Cefalópodos, Ordem Nautilódios), tendo "*Pompilus*" sido publicado por SCHNEIDER como o nome específico trivial de uma espécie que êle próprio ligou ao gênero *Octopodia* Schneider, 1784. O nome *Pompilus* Fabricius, 1798, dest'arte validado e com *Pompilus pulcher* Fabricius, 1798, como tipo, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome no. 612.

OPINIÃO 167 — **Suspensão das Regras para *Euthalia* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).** — Em virtude de Suspensão das Regras, declara-se por êste meio que se não deve invocar prioridade de página para obter-se precedência para *Symphaedra* Hübner, [1819] (tipo: *Symphaedra alcandra* Hübner, [1819]) sôbre *Euthalia* Hübner, [1819] (tipo: *Papilio lubentina* Cramer, [1777]) e, por êste motivo, é válido o nome *Euthalia* Hübner. Esta decisão não afeta a validez de *Symphaedra* Hübner, se e quando fôr desejável, por motivos taxonômicos, colocar *Symphaedra alcandra* Hübner e *Papilio lubentina* Cramer em gêneros diversos. O nome *Euthalia* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 613.

OPINIÃO 168 — **Sôbre os princípios a serem observados na interpretação do Artigo 30 do Código Internacional quanto aos nomes de gêneros baseados em espécies erroneamente determinadas (Opinião suplementar a Opinião 65).** — O Artigo 30 do Código Internacional deve ser interpretado no sentido de que uma espécie é o tipo de um gênero do mesmo modo que um exemplar é o tipo de uma espécie. A *Opinião 65* deve ser interpretada como orientação no sentido de que: (1) na ausência de evidência em contrário, se deva presumir que o autor original de um gênero identificou corretamente a espécie por êle ligada a tal gênero, haja a espécie em apreço sido designada como o tipo do gênero por êsse autor, ou, na ausência de espécie que assim tenha

sido designada, seja uma espécie escolhida como tipo por autor subsequente que siga a regra (g) inclusa no Artigo 30 do Código; e (2), no caso de ocorrer essa escolha por autor subsequente, se deva ainda presumir que o autor subsequente identificou corretamente a espécie assim escolhida; (3) havendo, porém, evidência de que uma destas presunções (ou ambas) se afaste dos fatos, o caso deveria ser submetido, com todos os pormenores, à consideração da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica; e (4), na dependência da resolução correspondente, se deva considerar tal gênero como de situação duvidosa.

OPINIÃO 169 — Sobre o tipo do gênero *Lycæides* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gênero baseado em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio argyrognomon* Bergsträsser, [1779] é por este meio designada como o tipo de *Lycæides* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 170 — Necessidade de Suspensão das Regras para *Prosopis* Jurine, 1807 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros), não estabelecida presentemente. — Foi estudada uma proposta submetida ao Comitê Internacional de Nomenclatura Entomológica em favor do uso, pela Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica, de seus poderes plenários para o fim de suprimir os nomes *Hylæus* Fabricius, 1793, e *Prosopis* Fabricius, [1804-1805], e de designar *Sphex signata* Panzer, [1798], como o tipo de *Prosopis* Jurine, 1807 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). Essa proposta foi aprovada pela Comissão Internacional em sua reunião celebrada em Lisboa em 1935, dependente de anúncio a ser feito pelo período de um ano antes de ser emitida a Opinião correspondente. As representações recebidas por efeito desse anúncio têm revelado certos dados e considerações que não haviam sido claramente expostos na reunião da Comissão em Lisboa. Consequentemente, ficou decidido adiar-se a decisão final deste caso até que se termine novo exame de todas as provas disponíveis. Nestas condições, são convidados a comunicar-se com a Comissão os zoólogos que estejam, quer a favor, quer contra, a Suspensão das Regras nesse caso.

OPINIÃO 171 — Suspensão das Regras para *Nymphidium* Fabricius, 1807 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras, declara-se por este meio que: (1) o nome *Nymphidium* Fabricius, 1807 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), (tipo: *Papilio caricae* Lineu, 1758), não deve ser rejeitado em favor de *Limnas* Hübner, [1806], (tipo: *Limnas leucosia* Hübner, [1806]); (2) o nome de *Limnas* Hübner deve ser tratado como supresso para todos os efeitos; e (3) o nome *Nymphidium* Fabricius é, por este motivo, validado. O nome *Nymphidium* Fabricius, 1807, com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 614.

OPINIÃO 172 — Sobre a interpretação do Artigo 30 do Código Internacional quanto à designação, em resumos e publicações semelhantes, dos tipos de gêneros, cujos nomes foram publicados em, ou antes de, 31 de Dezembro de 1930. — Não é desejável que os tipos de gêneros sejam designados em Resumos, Memoriais e publicações semelhantes. Quando, todavia, o tipo de um gênero, cujo nome foi publicado em, ou antes de 31 de Dezembro de 1930, está claramente designado em tal publicação, deve-se aceitar essa designação como compreendida na finalidade do Artigo 30 do Código.

OPINIÃO 173 — Sobre o tipo do gênero *Agriades* Hübner, [1819], e seu sinônimo *Lattiorina* Tutt, 1909 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gêneros baseados em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio glandon* Prunner, 1798 é por este meio designada como o tipo de *Agriades* Hübner, [1819] e de seu sinônimo *Lattiorina* Tutt, 1909 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 174 — Sobre a situação dos nomes *Ceraphron* Panzer, [1805], e *Ceraphron* Jurine, 1807 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) o nome *Ceraphron* Panzer, [1805] é supresso; (2) são relegadas

todas as designações do tipo feitas, antes da data desta Opinião, para *Ceraphron* Jurine, 1807; e (3) *Ceraphron sulcatus* Jurine, 1807, é por êste meio designada como o tipo de *Ceraphron* Jurine, 1807 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). O nome *Ceraphron* Jurine, 1807, com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 615.

OPINIÃO 175 — Sobre o tipo do gênero *Polyommatus* Latreille, 1804 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gênero baseado em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio icarus* Rottemburg, 1775, é por êste meio designada como o tipo de *Polyommatus* Latreille, 1804 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 176 — Sobre o tipo de *Conulinus* von Martens, 1895 (Classe Gastrópodos, Ordem Estilomatóforos) — (Opinião suplementar a Opinião 86) — A decisão, constante de Opinião 86, de que *Bulimus conulus*, Reeve, 1849 (Classe Gastrópodos, Ordem Estilomatóforos) é o tipo de *Conulinus* von Martens, 1895, não é afetada pelo descobrimento de a designação, feita em 1897 por von MARTENS, desta espécie como o tipo, ser precedida pela designação, feita em 1896 por WOODWARD, de *Buliminus* (*Conulinus*) *ugandae* von Martens, 1895, de vez que a decisão constante de Opinião 86 não é dependente da ação de von MARTENS em 1897.

OPINIÃO 177 — Sobre o tipo do gênero *Euchloë* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gênero baseado em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Euchloë ausonia* Hübner, var. *esper* Kirby, 1871, é por este meio designada como o tipo de *Euchloë* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 178 — Sobre a situação dos nomes *Serphus* Schrank, 1780, e *Proctotrupes* Latreille, 1796 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) o nome *Serphus* Schrank, 1780 é supresso para todos os efeitos menos o do Artigo 34 do Código Internacional; (2) são relegadas todas as designações de tipo feitas, para *Proctotrupes* Latreille, 1796, antes da data desta Opinião; e (3) *Proctotrupes brevipennis* Latreille, [1802-1803] é por êste meio designada como tipo de *Proctotrupes* Latreille, 1796, (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). O nome *Proctotrupes* Latreille, 1796, com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 616.

OPINIÃO 179 — Sobre o tipo do gênero *Princeps* Hübner, [1807], e seu sinônimo *Orpheides* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gêneros baseados em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio demadocus* Esper, [1798] é por êste meio designada como o tipo de *Princeps* Hübner, [1807], e de seu sinônimo *Orpheides* Hübner, [1819] (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 180 — Sobre a situação dos nomes *Sphex* Lineu, 1758, e *Ammophila* Kirby, 1798 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros). — À luz das Regras, o tipo de *Sphex* Lineu, 1758 (Classe Insetos, Ordem Himenópteros) é *Sphex sabulosa* Lineu, 1758, conforme consta de Opinião 32, emitida pela Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica antes de lhe terem sido conferidos, pelo Congresso Internacional de Zoologia em Mônaco, em 1913, plenos poderes para suspender a aplicação das Regras a qualquer caso, quando a juízo dela, da estrita aplicação das Regras resultasse claramente maior confusão do que uniformidade. A juízo da Comissão, tal é o caso com *Sphex* Lineu, 1758. Concordemente, em virtude de Suspensão das Regras: (1) são relegadas todas as designações de tipo feitas, para *Sphex* Lineu, 1758, e *Ammophila* Kirby, 1798, antes da data desta Opinião; (2) *Sphex plavipennis* Fabricius, 1793 é por êste meio designada como o tipo de *Sphex* Lineu, 1758; e (3) *Sphex sabulosa* Lineu, 1758 é por êste meio designada como o tipo de *Ammophila* Kirby, 1798. Os nomes *Sphex* Lineu, 1758, e *Ammophila* Kirby, 1798 (Classe Insetos, Ordem

Himenópteros), com os tipos acima referidos, ficam assim colocados na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nomes Nos. 617 e 618.

OPINIÃO 181 — Sobre o tipo do gênero *Carcharodus* Hübner, [1819], e seu sinônimo *Spilothyrus* Duponchel, 1835 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros), gêneros baseados em espécie erroneamente determinada. — Em virtude de Suspensão das Regras, *Papilio alceae* Esper., [1780] é por êste meio designada como o tipo de *Carcharodus* Hübner, [1819] e de seu sinônimo *Spilothyrus* Duponchel, 1835 (Classe Insetos, Ordem Lepidópteros).

OPINIÃO 182 — Sobre a situação dos nomes publicados por Gumbel (C.W.) em 1863 para subdivisão do gênero *Clymenia* Münster, 1832 (Classe Cefalópodos, Ordem Amonódios). — Os nomes publicados no nominativo plural por C. W. Gumbel em 1863 para subdivisões do gênero *Clymenia* Münster, 1832 (Classe Cefalópodos, Ordem Amonódios) não são aproveitáveis como nomes subgenéricos com aquela data. Tais nomes são aproveitáveis como sendo de 1883, quando foram publicados por HYATT no nominativo singular. HYATT deve ser tratado como o autor desses nomes.

OPINIÃO 183 — Sobre os princípios a serem observados na interpretação do Artigo 8 do Código Internacional quanto à forma sob que devem ser publicados nomes genéricos e subgenéricos. — O disposto no Artigo 8 do Código Internacional, quanto a que um nome genérico deve consistir de um substantivo no nominativo singular, deve ser interpretado como prescrevente de que não se deva aceitar como genérico nome algum antes de sua publicação no nominativo singular. Um nome, primeiro publicado em número ou em caso diferente do nominativo singular, só se torna aproveitável, à luz do Artigo 25 do Código Internacional, como nome genérico a partir da data em que primeiro apareceu no nominativo singular. Em virtude do Artigo 7 do Código Internacional, tais disposições são igualmente aplicáveis à forma sob que devem ser publicados nomes subgenéricos.

OPINIÃO 184 — Sobre a situação de nomes primeiro publicados nos volumes 1 a 11 de MARTINI (F.H.W.) e CHEMNITZ (J.H.) — *Neues systematisches Conchylien-Cabinet*, Nuremberg, 1769-1795. — Enquanto são aceitos como observantes das exigências do Artigo 25 do Código Internacional nomes genéricos publicados por autores que empregam sistema de nomenclatura, que, conquanto não binominal, seja do tipo até agora aceito como compreendido na definição de nomenclatura binária, — qualquer novo nome genérico publicado nos volumes 1 a 11 de MARTINI (F.H.W.) e CHEMNITZ (J.H.), *Neues systematisches Conchylien-Cabinet*, Nuremberg, 1769-1795, deve ser aceito como nomenclaturalmente aproveitável, no caso de satisfazer de per si as exigências do Código Internacional. Dess'arte, a fim de ser aproveitável como nome genérico ou subgenérico, cada nome desse tipo: (1) deve estar acompanhado de uma indicação, conforme consta da Opinião 1, ou de uma definição, ou de uma descrição; (2) deve satisfazer as exigências da Opinião 5, no caso de ter sido originalmente publicado antes de 1758; (3) não deve ter sido usado por MARTINI e CHEMNITZ como termo intermediário do tipo rejeitado pela Opinião 124; e (4) deve ter sido publicado no nominativo singular (Opinião 183). Nenhum dos nomes triviais específicos ou subespecíficos publicados em tais volumes ocupa qualquer posição em nomenclatura. A situação relativa a nomes genéricos publicados nos aludidos volumes precisará de novo exame caso se decida mais tarde pela rejeição de nomes genéricos publicados por autores que não empregam o sistema binominal.

OPINIÃO 185 — Suspensão de BOHADSCH (J.B.) — *De quibusdam Animalibus marinis*, 1761, e da respectiva tradução alemã publicada por LESKE (N.G.) em 1776. — Em virtude de Suspensão das Regras, Bohadsch (Joannes Baptista), 1761 — *De quibusdam Animalibus marinis* e a respectiva tradução alemã publicada por LESKE (NATHANIEL GOTTFRIED), em 1776, são por êste meio supressas para todos os efeitos nomenclaturais.

OPINIÃO 186 — Suspensão das Regras para *Squilla* Fabricius (J.C.), 1787 (Classe Crustáceos, Ordem Estomatópodos). — Em virtude de Suspensão das Regras, toma-se por este meio a seguinte iniciativa: (1) suprimir o nome *Squilla* Gronovius, 1760, e o nome *Squilla* usado por O. F. MÜLLER, 1776, por SCOPOLI, 1776, por OTTO FABRICIUS, 1780 e qualquer outro autor antes de J. C. FABRICIUS, 1787; (2) validar o nome *Squilla* Fabricius (J. C.), 1787; (3) relegar todas as designações de tipo feitas, para *Squilla* Fabricius, 1787, antes da data desta Opinião; e (4) designar *Cancer mantis* Lineu, 1758, como o tipo de *Squilla* Fabricius, 1787 (Classe Crustáceos, Ordem Estomatópodos). O nome *Squilla* Fabricius, 1787, com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 619.

OPINIÃO 187 — Sobre o tipo do gênero *Hypselopus* Burmeister, 1835 (Classe Insetos, Ordem Hemipteros). — *Hypselopus gigas* Burmeister, 1835 é por este meio designada como o tipo de *Hypselopus* Burmeister, 1835 (Classe Insetos, Ordem Hemipteros) e o nome genérico *Hypselopus* Burmeister, dest'arte definido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 620.

OPINIÃO 188 — Supressão do nome *Cobra Laurenti*, 1768, e Suspensão das Regras para *Bitis* Gray, 1842 (Classe Répteis, Ordem Escamados). — Em virtude de Supressão das Regras: (1) é por este meio supresso o nome *Cobra Laurenti*, 1768; (2) são relegadas todas as designações de tipo feitas, para o gênero *Bitis* Gray, 1842, antes da data desta Opinião; e (3) *Vipera (Echidna) arietans* B. Merrem, 1820 é por este meio designada como o tipo de *Bitis* Gray, 1842 (Classe Répteis, Ordem Escamados). O nome *Bitis* Gray, 1842, dest'arte definido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia, como Nome No. 621.

OPINIÃO 189 — Suspensão das Regras para *Arca* Lineu, 1758 (Classe Pelecípodos, Ordem Filibranquiados). — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) são relegadas todas as designações de tipo feitas, para o gênero *Arca* Lineu, 1758 (Classe Pelecípodos, Ordem Filibranquiados), antes da data desta Opinião; e (2) *Arca noas* Lineu, 1758 é por este meio designada como tipo dêsse gênero. O nome *Arca* Lineu, com o tipo acima referido, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia com Nome No. 622.

OPINIÃO 190 — Sobre a situação do nome *Rhynchonella alta* (Classe Branquiópodos, Ordem Telotrêmatos) geralmente atribuído a SAMUEL CALVIN e tratado como tendo sido publicado em, ou cerca de, 1878. — (1) O nome *Rhynchonella alta* aplicado a uma espécie da Classe Branquiópodos não ocupa posição como sendo datado de, ou cerca de, 1878, quando uma nota impressa, portadora de tal nome para explicação de fotografia a ela apensa, foi distribuída por SAMUEL CALVIN a alunos presentes a suas aulas ou a colegas seus, ou foi por S. CALVIN presa a separatas de seu artigo publicado em 1878 sob o título "Notes on Fossils from Devonian Limestones at Independence, Iowa" (CALVIN, 1878, in Bull U.S. geol. geogr. Survey, 4 (3): 725-730) e no qual não apareceu o nome *Rhynchonella alta*. O nome *Rhynchonella alta* foi primeiro publicado, dentro do sentido do inciso (a) do Artigo 25 do Código Internacional, por WILLIAMS (H. S.) em 1890 (Bull. geol. Soc. America 1: 495, tab. 12, figs. 5-7). O nome desta espécie é, portanto, *Rhynchonella alta* Williams (ex Calvin), 1890. O horizonte do tipo e a localidade da espécie é "Iowa beds, Solon, Iowa".

OPINIÃO 191 — Sobre a questão de o uso de novo nome, para explicação de fotografia ou outra ilustração que um autor distribua a estudantes ou colegas, constituir ou não "publicação" no sentido do inciso (a) do Artigo 25 do Código Internacional. — Não constituiu publicação no sentido do inciso (a) do Artigo 25 do Código Internacional ou uso de novo nome em nota (seja impressa ou não) feita para explicar fotografia ou outra ilustração de um organismo, quando o autor correspondente se limita, quer a distribuir exemplares da nota explicativa e da fotografia ou outra ilustração: (1) a estudantes presentes a suas aulas, e (2) a colegas seus, (3) quer a juntar exem-

plares da nota e da fotografia ou outra ilustração ao distribuir separatas de trabalho que se relacione, mas não contenha, o novo nome em apreço.

OPINIÃO 192 — Suspensão das Regras para *Nummulites* Lamarck, 1891 (Classe Rizópodos, Ordem Foraminíferos). — Em virtude de Suspensão das Regras: (1) o nome *Camerina* Brugière, 1789 é por êste meio supresso para todos os efeitos menos o do Artigo 34 do Código Internacional, e (2) o nome *Nummulites* Lamarck, 1801 (Classe Rizópodos, Ordem Foraminíferos) é validado com *Camerina laevigata* Brugière, 1789, por tipo. O nome *Nummulites* Lamarck, 1801, dest'arte validado, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 623.

OPINIÃO 193 — Sobre a situação do nome *Procheneosaurus* Matthew, 1920 (Classe Répteis, Ordem Ornitisquios). — É aproveitável à luz das Regras o nome *Procheneosaurus* Matthew 1920 (Classe Répteis, Ordem Ornitisquios), pois satisfaz as exigências do Artigo 25 das Regras Internacionais quanto a nomes publicados antes de 1.º de Janeiro de 1931. MATTHEW incluiu neste gênero uma única (não nomeada então) espécie, que LULL & WRIGHT (1942) identificaram, à luz da Opinião 46, como *Tetragonosaurus praeceps* Parks, 1931. Esta espécie é, portanto, o tipo de *Procheneosaurus* Matthew, 1920, por monotípia. O nome *Procheneosaurus* Matthew, 1920, com a definição supra, fica assim colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 624. O nome *Tetragonosaurus* Parks, 1931, não é aproveitável com a data de publicação de 1931, porquanto, na forma em que apareceu, não satisfaz as exigências do Artigo 25 do Código quanto a nomes publicados, a, ou depois de, 1.º de Janeiro de 1931.

OPINIÃO 194 — Sobre a situação de nomes *Ophiceras* Griesbach, 1880 (Classe Cefalópodos, Ordem Amonódios). — Em virtude de Suspensão das Regras Internacionais: (1) o nome *Ophiceras* Suess, 1865 é por êste meio supresso para todos os efeitos nomenclaturais; e (2) o nome *Ophiceras* Griesbach, 1880 (Classe Cefalópodos, Ordem Amonódios) é validado com *Ophiceras tibeticum* Griesbach, 1880, por tipo. O nome *Ophiceras* Griesbach, 1880, dest'arte validado, fica colocado na Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia como Nome No. 625.

—o0o—

2. AVISO AOS INTERESSADOS

Para facilitar a tarefa dos zoólogos, o Escritório da Comissão preparou e tem à venda as seguintes publicações, cuja aquisição pode ser feita mediante pedido endereçado a

“The International Commission on Zoological Nomenclature
Publications Office

41, Queen's Gate. London S. W. 7, Inglaterra”.

I. TÍTULO: “Opinions and Declarations rendered by the International Commission on Zoological Nomenclature”

ASSUNTO: Texto integral da correspondência trocada, discussões havidas e resoluções tomadas a propósito de cada questão.

VOLUMES PUBLICADOS: 1 (1943 —), 2 com Secção A (1939-1945) e Secção B (1945-1947) e 3 (1944-1947).

CONTEÚDO: o vol. 1 compreende as Declarações 1-9 (9 partes) e (re-editadas, as Opiniões 1-20 (partes 10-29);

o vol. 2, Secção A, compreende as Opiniões 134-150 (partes 1-16) as Declarações 10-11 (partes 18-19), as Opiniões 151-152 (partes 20-21), a Declaração 12 (parte 22) e as Opiniões 153-160 (partes 22-30), além de Índices, etc. (parte 30-A); Secção B compreende as Opiniões 161-181 (partes 31-51), além de Índices, etc. (parte 52);

o vol. 3 compreende até agora as Opiniões 182-194 (partes 1-13).

II. TÍTULO: "Bulletin of Zoological Nomenclature"

ASSUNTO: propostas sobre nomenclatura zoológica submetidas à Comissão Internacional para deliberação e decisão; comentários recebidos de zoólogos e correspondência entre eles e o Secretário trocadas, a respeito das propostas publicadas; artigos sobre assuntos nomenclaturais com reflexo de progressos na teoria e prática da taxonomia.

PARTES PUBLICADAS: 1 a 7 do vol. 1.

III. TÍTULO: "Règles Internationales de la Nomenclature Zoologique"

("International Code of Zoological Nomenclature"),

nova edição (em preparo) com o texto inglês em cotêjo com o texto francês.

VI. TÍTULO: "The Official List of Generic Names in Zoology",

edição completa (em preparo) em forma de livro, com referências bibliográficas completas sobre cada nome no total de cerca de 700 que até agora foram colocados na Lista Oficial.

I V

IMPORTANTES RESOLUÇÕES

SÔBRE NOMENCLATURA ZOOLOGICA

TOMADAS NO 13.º CONGRESSO INTERNACIONAL
DE ZOOLOGIA (*)

I N T R O D U Ç Ã O

No decurso do 13º Congresso Internacional de Zoologia (C.I.Z.) cujo encerramento se deu no dia 27 de Julho de 1948, a Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (C.I.N.Z.), celebrando sua primeira reunião desde o término do recente conflito mundial, apresentou o plano inteligível para a reforma e o desenvolvimento da nomenclatura zoológica.

Todas as treze sessões realizadas pela C.I.N.Z. estiveram abertas aos membros do C.I.Z., o que lhes permitiu tomar parte na discussão das propostas apresentadas pela Comissão. Dessa ocorrência resultou a possibilidade, não somente de se alcançarem decisões sobre maior número de questões do que doutro modo teria sido realizável, mas ainda de se conhecerem muito mais rapidamente as necessidades e anseios gerais dos zoólogos. O plano geral então adotado foi aprovado unanimemente pela Comissão e, mediante recomendação da Secção competente, pelo próprio Congresso em sua sessão final plenária.

(*) Comunicado expedido pela Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (Paris, julho de 1948), redigido em inglês por FRANCIS HEMMING, Secretário executivo, e traduzido por AFRÂNIO DO AMARAL, Vice-presidente.

Antes da reunião realizada em Paris, a Comissão já havia estabelecido extensa discussão com as principais instituições científicas em diversas regiões do mundo, no duplo propósito de traçar-se um plano que conferisse à Comissão o maior possível caráter representativo e internacional e desse a certeza de que na reunião de Paris seriam adotadas todas as medidas de feição prática, destinadas a melhorar e desenvolver as Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica (R.I.N.Z.)

MEDIDAS ADOTADAS PARA CONFERIR A C.I.N.Z. AMPLO CARÁTER REPRESENTATIVO INTERNACIONAL

Até agora a Comissão Internacional tem tido o número fixo de 18 membros, mas futuramente êsse número não terá limite máximo; a C.I.N.Z. conservará apenas o limite mínimo de 18 membros.

Pelo novo sistema será, portanto, possível aos zoólogos de qualquer país onde se esteja realizando considerável soma de trabalho do ramo, terem representação direta na Comissão. A alteração agora efetuada possibilitará igualmente à Comissão incluir entre seus membros, sem preocupação de regionalismo, especialistas destacados em determinados assuntos. Ao mesmo tempo, estabeleceu-se o necessário mecanismo para consulta com as principais instituições científicas de qualquer país no tocante à escolha de seu representante na Comissão.

MEDIDAS ADOTADAS PARA A REFORMA DA ATUAÇÃO DA C.I.N.Z.

A grande série de alterações introduzidas na atuação da Comissão visa a habilitá-la futuramente a alcançar decisões muito mais rúpidamente do que lhe foi possível no passado. Neste particular a reforma mais importante diz respeito ao abandono do *veto liberum*, mediante o qual, seja no decurso de uma reunião, seja quando o assunto é encaminhado por meio de correspondência, um único membro da Comissão podia evitar que por ela fôsse tomada determinada decisão, não somente no preparo de recomendações para a melhora das Regras, mas no uso dos plenos poderes que à C.I.N.Z. foram conferidos para conservar nomes zoológicos que, embora tècnica-mente defeituosos, são de emprêgo geral.

Outras reformas aceitas objetivam a eliminação de tãda demora desnecessária na consideração de problemas nomenclaturais submetidos à Comissão por especialistas.

É de esperar que, mediante essa revisão no modo de agir, fique a Comissão habilitada normalmente a proferir, sôbre qualquer questão que lhe tenha sido proposta, sua decisão dentro de 18 meses a contar da data da respectiva apresentação.

REFORMA E DESENVOLVIMENTO DAS REGRAS

No momento da abertura da reunião de Paris, as *Regras* vigentes eram substancialmente as mesmas que haviam sido adotadas no Congresso de Zoologia realizado, em Berlim, em 1901.

As reformas agora aceitas têm por objetivos: clarificar o texto das *Regras*, o qual a experiência tem demonstrado ser em muitos pontos obscuro; tornar as *Regras* mais inteligíveis mediante a introdução de

estipulações sobre assuntos ainda não incluídos até agora nesse instrumento; e, quando preciso fôr, estabelecer alterações nas *Regras* no intuito de harmonizar-lhes as prescrições com o desejo geral. Espera-se, pela adoção destas providências, reter tudo aquilo cuja utilidade nas *Regras* a experiência demonstrou, eliminar todos aqueles passos que se tem provado serem insatisfatórios, e ir ao encontro das necessidades dos zoólogos, mediante a introdução de estipulações sobre assuntos que até agora não têm sido objeto de regulamentação internacional.

CODIFICAÇÃO DA LEI INTERNACIONAL SOBRE NOMENCLATURA ZOOLOGICA

Grande parte da presente lei internacional sobre nomenclatura zoológica não consta das próprias *Regras*, mas das *Opiniões* emitidas pela Comissão Internacional no desempenho das funções judiciárias que lhe foram atribuídas pelo C.I.Z. reunido em Boston em 1907.

O complexo corpo de leis de natureza casuística, desenvolvida durante os últimos 40 anos, tem tornado extremamente penosa a tarefa dos zoólogos. Portanto, considerar-se-á grandemente bem-vinda a resolução agora adotada em Paris, de codificar-se a lei mediante a incorporação, nas próprias *Regras*, das decisões até hoje incluídas apenas nas *Opiniões* da C.I.N.Z..

Outra reforma de grande valor prático prende-se à resolução de registarem-se em Cédulas especiais, anexas às *Regras*, as decisões tomadas pela Comissão em casos particulares.

Com relação ao futuro, as decisões a serem tomadas pela C.I.N.Z. dividir-se-ão em 2 tipos: (1) decisões sobre questões de princípio e que, proferidas a título de *Declarações*, tomarão a forma de propostas de emendas a serem incorporadas às *Regras* depois de aprovadas pelo próximo C.I.Z.; (2) decisões sobre casos particulares e que, proferidos a título de *Opiniões*, serão insertas, após o próximo C.I.Z., na Cédula apropriada, anexa às *Regras*.

Dest'arte tenciona a Comissão assegurar futuramente aos zoólogos a possibilidade de encontrarem em um só volume todo o corpo de lei internacional, relativo à nomenclatura zoológica.

PREPARO E PROMULGAÇÃO DO REVISTO TEXTO SUBSTANTIVO FRANCÊS DAS REGRAS

Levando em consideração os problemas sobremaneira técnicos, inevitavelmente decorrente de um texto substantivo que abranja as numerosas alterações agora aceitas, o C.I.Z., a conselho da C.I.N.Z., decidiu que essa tarefa seja confiada a juristas, aos quais seriam apresentadas as resoluções do Congresso: o texto preparado pelos consultores jurídicos, será submetido aos membros da C.I.N.Z. para aprovação final; da missão de tomar em consideração quaisquer esboços que possam surgir de precitada consulta ficou encarregado um comité especial de 3 membros, a saber: Sr. FRANCIS HEMMING (Reino Unido), Secretário da C.I.N.Z., Sr. VAN STRAELEN (Bélgica) e Prof. ROBERT L. USINGER (Estados Unidos).

CONFRONTO DE ESTIPULAÇÕES: TRATO DE NOMES
ANTIGOS E DE NOMES NOVOS

As *Regras* depois de emendadas entrarão em vigor logo após sua promulgação. Entrementes, fazem-se preparativos para a publicação, tão pronto quanto possível, dos *Processos Verbais* da Comissão durante sua reunião em Paris, no "Bulletin of Zoological Nomenclature" da Comissão.

Achar-se-á em geral que, afim de evitar os riscos decorrentes do uso de legislação retroativa, as estipulações relativas a nomes já publicados são mais simples e menos rigorosas do que as referentes a nomes a serem de futuro publicados. Doravante, à disposição de trabalhadores prestas a aplicar novos nomes achar-se-ão regras acessíveis, claras e de fácil manejo.

Necessariamente será um tanto mais complicada a situação no tocante a nomes já publicados — e especialmente àqueles divulgados antes da publicação das *Regras* há 50 anos atrás. Espera-se, no entanto, que, relativamente a nomes genéricos, tais dificuldades serão vencidas por um aumento rápido e substancial da "Lista Oficial de Nomes Genéricos em Zoologia": realmente, à luz dos dispositivos agora aceitos, um nome, uma vez colocado nessa "Lista", não deve ser mudado por qualquer motivo puramente nomenclatural (ao contrário de taxonômico) sem prévia aprovação da Comissão Internacional. Estipulação semelhante foi introduzida quanto aos nomes triviais de espécies para os quais foi agora estabelecida uma "Lista Oficial", que incluirá nomes que de futuro não devem ser mudados, por motivos puramente nomenclaturais, sem prévia aprovação da Comissão.

O estabelecimento dessas duas Listas Oficiais possibilita a especialistas a redação de propostas, a serem submetidas à Comissão, para o efeito de se inserirem nessas Listas Oficiais os nomes dos gêneros e espécies nos respectivos grupos e, por êsse mecanismo, concorre para proteger tais nomes contra mudanças que obedeçam a motivos diversos dos taxonômicos.

VALOR DE ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE PROBLEMAS ESPECIAIS

O trabalho na presente reunião foi grandemente facilitado, em duas questões importantes, pela decisão tomada no Congresso anterior (reunido em Lisboa em 1935) no sentido de fazer-se, antes da presente reunião, estudo minucioso dessas duas questões importantes, as quais haviam sido, durante muitos anos, causa de dificuldades. Em qualquer dos casos os relatórios apresentados à reunião de Paris ofereceram base para o acôrdo alcançado.

O 1.^o desses relatórios dizia respeito ao significado da expressão "nomenclatura binária" empregada nas *Regras*: neste caso, a Comissão e o Congresso concordaram em colocar a expressão "nomenclatura binominal" em lugar daquela (nomenclatura binária), dependente da incorporação de ressalva para nomes genéricos publicados por autores "binários" embora não "binominais".

O 2.º relatório versava o problema da nomenclatura de formas de posição abaixo de subespecífica, assunto para o qual nenhuma prescrição fôra até agora estabelecida nas *Regras*: neste caso (tendo igualmente, conforme ficou dito, o relatório respectivo oferecido base para o acôrdo alcançado) a Comissão e o Congresso ficaram tão impressionados com o valor da providência tomada, que convieram em que Relatórios semelhantes deverão ser preparados para consideração do próximo Congresso, no tocante a outros difíceis problemas, inclusive (1) tratamento de nomes de Famílias, (2) nomenclatura de Ordens e de grupos mais elevados, (3) regras que deveriam orientar a emenda de nomes, e (4) problemas decorrentes do pedido do reconhecimento de "neótipos".

SOLUÇÃO DE IMPORTANTES CASOS INDIVIDUAIS

Por fôrça da guerra e de outras causas, a Comissão achou-se, no início da reunião de Paris, diante de pesado acúmulo de trabalho atrasado relativamente a propostas individuais, que lhe haviam sido dirigidas de diferentes partes do mundo. No decurso da recente reunião, tomaram-se decisões sôbre quase todos êsses casos e tais decisões serão próximamente promulgadas.

PERSPECTIVA FUTURA

O efeito das reformas que nas *Regras* foram introduzidas durante a reunião de Paris consistirá em proporcionar aos zoólogos um sistema de lei de emprêgo muito mais fácil e capaz de assegurar estabilidade e uniformidade na nomenclatura zoológica.

Ao mesmo tempo, as alterações feitas na constituição e na atuação da C.I.N.Z. assegurarão aos zoólogos a existência de uma autoridade central, muito mais representativa e internacional do que até agora, para todos os assuntos atinentes à nomenclatura zoológica e, como tal, susceptível de prestar serviço mais amplo e muito mais valioso do que lhe tinha até hoje sido possível.

AVISO AOS ZOÓLOGOS

Brevemente deve aparecer o texto inteiramente revisto e modernizado das Regras (Código Internacional de Nomenclatura Zoológica) e das Opiniões e Declarações emitidas pela C.I.N.Z.. Êsse texto difere, em diversos pontos, do atual, convido aos interessados conservar o presente trabalho para cotejá-lo com o futuro e, assim, acompanhar a evolução histórica dos princípios que norteiam a codificação dos nomes zoológicos.

São Paulo, Maio de 1950.

LÍQUIDO PARA PRESERVAÇÃO DAS ESTRUTURAS INTERNAS DE LEPIDÓPTEROS E DEMAIS INSETOS QUE HABITUALMENTE SE MONTAM EM ALFINETES

p o r

LAURO TRAVASSOS FILHO

O processo comum de colecionar lepidópteros, consiste em matá-los, ou por meio de forte compressão torácica, ou então pelos vapores desprendidos pelo éter, clorofórmio ou cianeto de potássio, em ambiente confinado, ou ainda pela injeção de doses mínimas de certos líquidos tóxicos voláteis, como amônia, gasolina, xilol, etc., que matam rapidamente o inseto e evaporam rapidamente.

Depois de mortos, são espetados em alfinetes próprios e montados em fôrmas especiais, para que conservem uma atitude favorável à observação de seus característicos; essa posição é obtida pela secagem de tôdas as partes moles do inseto.

Quando a coleta é feita longe do laboratório, são os exemplares, depois de mortos, guardados em envelopes de papel forte, e estes conservados, por até três ou quatro dias, em latas bem fechadas, com grandes doses de desinfetantes (naftalina, cânfora, ou mesmo cianeto de potássio); isso permite que os espécimes cheguem ao laboratório ainda suficientemente moles para a montagem na forma.

Nas excursões mais demoradas porém, é uso serem os envelopes postos a secar, isto é, colocados algumas horas ao sol ou em lugar aquecido, para que os lepidópteros neles contidos sequem sem sofrer putrefacção, o que nem sempre se consegue nos exemplares volumosos. Chegados ao laboratório, são os envelopes colocados em câmara húmida, e tão logo fiquem "amolecidos", deverão ser montados, e mais uma vez postos a secar.

De qualquer modo porém, há sempre uma desintegração quase total dos tecidos do animal, em geral agravada por fenómenos de putrefacção, que nem sempre se exteriorizam graças ao revestimento quitinoso do inseto; nos exemplares volumosos é sempre difícil evitar que a desintegração post-mortem não se acompanhe de putrefacção, o que acontece ao menor descuido na secagem e na desinfecção, com o que se soltam todos os apêndices, devido à destruição das membranas articulares, perdendo-se geralmente o exemplar.

Contudo, embora se tenham tomado todos os cuidados, sempre que se vai dissecar um exemplar seco, de coleção, encontra-se grande dificul-

dade, motivada pela desintegração dos tecidos, que fatalmente ocorreu antes do exemplar ter ficado completamente seco; quando a porção a dissecar entra em contacto com os reativos habituais, geralmente solução aquosa de potassa (KOH) ou de carbonato de sódio (Na_2CO_3), as peças internas soltam-se ou mostram-se de tal modo retraídas e frágeis, que nos obriga a requintes de cautela para que não se perca ou a peça ou suas relações com as outras; sempre se notam, entretanto, a falta de membranas, ligamentos e outras organelas delicadas, que são destruídas quando da desintegração post-mortem, principalmente nos espécimes em que chegou a haver putrefacção franca.

Nos exemplares volumosos, principalmente nas fêmeas, em que ocorreu a putrefacção, vamos encontrar posteriormente apenas as partes bem esclerosadas, e assim mesmo é necessário bastante cautela para evitar a dissociação inoportuna das diversas peças. Outras vezes porém, acontece terem certos exemplares grandes reservas de gordura, e essa substância, extravasando das células depois da morte do inseto, acarreta uma boa preservação das organelas, mas sempre em caráter accidental.

Diante destas dificuldades procuramos achar um líquido que não só matasse rapidamente o lepidóptero como também fosse capaz de fixar suas partes moles, permitindo por meio de uma secagem lenta, a conservação dos elementos morfológicos não encontrados ou conservados precariamente nos exemplares secos habituais.

Na longa série de excursões mensais que realizamos de abril de 1947 a março de 1950 na região de Boracéia (Município de Salesópolis, Estado de São Paulo), tivemos oportunidade de experimentar em material abundante diversas fórmulas, até chegarmos a uma, que nos pareceu satisfatória, e que passamos a adotar com bons resultados. É a seguinte:

Ácido acético glacial	1 cm ³
Formalina (40 %)	2 "
Glicerina	10 "
Álcool 95°	12 "
Água destilada	75 "
Nipazol sódico	5 g

A injeção de uma pequena dose desse líquido na região torácica mata rapidamente o lepidóptero, fixando praticamente tôdas as partes moles torácicas e abdominais; naturalmente, quanto maior e mais volumoso for o lepidóptero, maior deverá ser a quantidade de líquido a injetar, para garantir uma fixação satisfatória.

A glicerina condiciona uma secagem lenta, dando uma condição oleosa às partes fixadas, impedindo, por exemplo, retrações prejudiciais por dessecação completo; depois de seco, toma o inseto consistência pergaminhosa, não friável, o que permite sua manipulação sem riscos de fraturas. A glicerina oferece ainda a vantagem de permitir um humedecimento mais rápido quando é requerido o uso da câmara húmida, dada a sua grande avidez pela água; isso confere ao líquido grande facilidade de penetração, o que todavia torna perigoso seu uso em excesso, pois nesse caso há possibilidade dele vir a espalhar-se pela superfície do inseto, o que não é aconselhável. A glicerina remanescente permite ainda mais rápida miscibilidade com outros reativos utilizados em microtécnica.

Houve dificuldade no acerto da percentagem de glicerina; o material injetado com as fórmulas iniciais, mesmo depois de uma permanência de 30 dias na fôrma de montagem, ao ser dela retirado, ia abaixando as asas pouco a pouco, até atingirem o fundo da caixa, obrigando-nos a reconduzir os exemplares às fôrmas, onde tinham que permanecer por muito tempo; na percentagem indicada, porém, uma permanência de 15 dias na fôrma é tempo suficiente para boa secagem de lepidópteros grandes, assegurando-lhes a atitude imposta, mesmo para os que receberam dose considerável de fixador; apenas os de abdômens muito volumosos é que devem ficar na fôrma por cerca de 20 dias à temperatura ambiente.

Contudo, não é bastante injetar o lepidóptero e guardá-lo no envelope; é importante, para facilitar a montagem posterior, que o lepidóptero permaneça de asas abertas, horizontais, pelo menos durante duas horas após a injeção, ao abrigo de acidentes. A razão é a fixação da musculatura das asas efetuada pelo líquido; para verificarmos isso basta deixar o lepidóptero fixar com as asas abertas, e sentiremos a resistência apreciável que estas oferecem quando forem levantadas para guardar-se o espécime no envelope; quando daí o retirarmos para a montagem, as asas tenderão logo a voltar para a posição aberta em que haviam sido fixadas.

Si o lepidóptero injetado for envelopado imediatamente, iremos encontrar grande dificuldade na montagem, que exigirá uma permanência muito demorada na fôrma, para que com a secagem completa as asas não mais se levantem, buscando a posição imposta pelo envelope aonde foram fixadas.

Na montagem tardia, mesmo em exemplares quase secos, mas que foram fixados de asas abertas, tendem estas a atitude em que foram fixadas, assim que se tira o inseto do envelope, facilitando a operação.

Essa condição de fixar de asas horizontais, é aparentemente pouco prática para coleta de pequeno prazo, mas nesses casos não é obrigatória a fixação imediata; pôde matar-se o lepidóptero com os processos habituais (compressão torácica, amónia, cianeto de potássio, etc.), e mais tarde, no laboratório, ainda em tempo hábil, injetar o líquido fixador, deixando os exemplares fixar de asas abertas.

E' esse o processo que usamos nas capturas de lepidópteros diurnos; na coleta são mortos e acondicionados em envelopes; ao regressarmos da excursão, são retirados dos envelopes, injetados e deixados em caixas fechadas, de asas abertas, para serem reacondicionados horas mais tarde; si a montagem pôde ser feita logo após a injeção do líquido fixador, não há evidentemente necessidade de espera alguma. Nas coletas noturnas, são injetados à medida que os vamos apanhando no fóco luminoso e depositados com asas horizontais em caixas de madeira ou lata, bem tampadas, para serem acondicionados durante o dia seguinte; não verificamos qualquer inconveniente nos exemplares injetados que permaneceram de asas abertas desde as primeiras horas da noite, e que só foram acondicionados no dia imediato.

Nas coletas muito numerosas não é obrigatória a montagem imediata dos exemplares colecionados. Tivemos oportunidade de deixar os envelopes em latas bem fechadas, por cerca de 20 dias, para só então procedermos à montagem; o material encontrava-se perfeitamente

“mole” e bem conservado, sem o menor sinal de putrefacção, o que não acontece com os processos habituais. Naturalmente é necessária uma quantidade grande de desinfetante (cânfora, naftalina — empregamos naftalina em pó em boa quantidade) dentro da lata e por entre os envelopes, para evitar o desenvolvimento de cogumelos nas superfícies externas dos lepidópteros, o que seria facilitado pela humidade reinante na lata. Essa possibilidade do material poder esperar tanto pela montagem é muito conveniente nos casos de escassez de tempo ou de espaço para a montagem imediata.

Por outro lado sempre que o material tiver secado nos envelopes, será fácil a montagem depois de amolecidos na câmara húmida, pois a glicerina promoverá uma absorção generalizada e rápida de água, sem qualquer perigo de putrefacção. E' evidente, porém, que não se pode deixar indefinidamente o material na câmara húmida, pois a humidade irá, pouco a pouco, enxarcando os lepidópteros, inutilizando o efeito da fixação, e prejudicando a aparência e o colorido por aglutinar pêlos e escamas. Nas latas de transporte isso não ocorre porque o excesso de humidade está, por assim dizer, restrito ao interior do corpo do inseto.

Um problema sério foi o combate aos cogumelos que se desenvolviam com extrema facilidade nos exemplares injetados e guardados nos envelopes, em virtude da humidade no interior das latas; o problema foi contornado afinal, pela associação do “Nipazol sódico” (Eter propílico do ácido para-oxy-benzóico-sódico), solúvel em água, e que se dissolve bem na fórmula aqui apresentada.

EMPREGO EM OUTROS INSETOS

A medida que iam experimentando as diversas fórmulas em lepidópteros, procuramos verificar sua ação também em exemplares de outras ordens.

De espetacular valor mostrou-se essa técnica para os *Mantodea*, insetos que devido ao seu regimen carnívoro, apresentam sempre uma violenta putrefacção post-mortem, principalmente nas fêmeas prestes a desovar. Em 1945 (*) havíamos chamado a atenção para a putrefacção destruidora, que é completamente evitada com a injeção do líquido fixador, devendo a agulha ser espetada ventralmente entre os primeiros segmentos abdominais.

Para os *Coleoptera* também a fixação mostrou-se imprescindível; uma vez injetados —os de grande porte requerem grande dose— são deixados secar, livres da necessidade de calor para secagem rápida, pois não haverá nem riscos de putrefacção nem perigo de serem assaltados por insetos necrófagos tão prejudiciais, principalmente larvas de certos dípteros. Ainda mais, mesmo em excursões demoradas, podem ser acondicionados em latas bem fechadas e assim chegarão ao laboratório ainda suficientemente moles para a conveniente montagem.

De grande valor é o uso desta fixação em *Odonata*, cujos representantes ficam com o abdômen extremamente quebradiço depois de secos.

(*) — TRAVASSOS FILHO, L. — Técnicas gerais seguidas no estudo da ordem *Mantodea* Burm., 1838. *Arq. Zool. Est. S. Paulo*, 4 (5): 113-156, 1945.

Os exemplares secos após a injeção do fixador, mostraram consistência pergaminhosa e apreciável resistência no abdômen longo e delgado, permitindo relativa mobilidade.

Em resumo experimentamos a fixação em grande número de insetos, *Orthopteroides*, *Blattariae*, *Homoptera*, *Hemiptera*, *Neuroptera*, etc., desde que o porte permitisse a introdução de agulha de injeção bastante fina. Os resultados foram sempre muito bons, não só com a garantia de conservação das estruturas moles internas, como geralmente conseguimos que os exemplares conservassem melhor aparência do que os secos habitualmente, onde não raro o colorido próprio é substituído por colorido escuro decorrente de putrefacção interna. Depois de seco, o abdômen membranoso de certos neurópteros (*Sialidae*) apresenta-se completamente corrugado; fixado contudo pela injeção, a aparência do abdômen, ao secar, é muito mais próxima da que tinha em vida, embora ainda persista algum enrugamento.

TÉCNICA DE INJEÇÃO

O preparo da solução é simples, devendo o Nipazol-sódico ser dissolvido em água para ser depois juntado ao resto da solução. Após a mistura total deve agitar-se bastante, e em seguida filtrar, pois o Nipazol-sódico não se mantém completamente dissolvido devido à presença de álcool.

O líquido deve ser distribuído em frascos pequenos, que tenham capacidade para encher a seringa apenas três ou quatro vezes; isso porque toda vez que enchemos a seringa há possibilidade de caírem partículas no líquido, tais como escamas de lepidópteros, pó, etc., detritos comuns em lugares onde se colecionam insetos, como a prática nos demonstrou. Tais detritos acabarão indo à seringa e entupindo a agulha.

O uso de frascos pequenos diminui as possibilidades de se sujar o líquido, pois o frasco será aberto poucas vezes. Convém esclarecer que, para encher a seringa, deve retirar-se o êmbolo e nunca aspirar pela agulha, que sempre contém resíduos dos insetos que perfurou.

A seringa por nós empregada com êxito foi a seringa de uso veterinário, de 10 ou 20 cm³ de capacidade, toda metálica, inclusive o êmbolo; alguns modelos com êmbolo de metal ajustado por anel de borracha não servem porque a glicerina e o ácido acético dilatam a borracha impedindo o funcionamento. O fato de ser metálica é uma garantia contra as quedas; durante os três anos que excursionamos em Boracéia usamos uma única seringa de 20 cm³ que levou seguramente mais de uma dezena de quedas.

A seringa veterinária (Fot. 1) traz a graduação volumétrica no eixo do êmbolo, e por meio da arruela ajustável, que desliza nesse eixo, pôde injetar-se a quantidade requerida com bastante facilidade. Segura-se a seringa com a mão direita, entre os dedos indicador e médio, onde se apoiam as hastes do cilindro; com o polegar faz-se caminhar a arruela por rotação, graduando a quantidade de líquido indicada em cada caso e em seguida o polegar comprime a haste do êmbolo, completando a injeção. O inseto é seguro ou imobilizado com a mão esquerda.

Empregamos sempre agulhas finas, das habituais para injeção subcutânea, ou seja 25-5 ou 30-6. Estes calibres são finos para coleópteros

grandes e insetos muito esclerosados, mas com certa habilidade se consegue enfiar estas agulhas através de ligamentos articulares, seja nas inserções das pernas no tórax, seja no ligamento da articulação da cabeça ao tórax. Também entre os segmentos abdominais conseguem-se pontos facilmente vulneráveis.

Para facilidade de uso a seringa deve ser ajustada em um cilindro de metal ou madeira (empregamos um gomo de bambu), com fendas de encaixe para as hastes laterais de prensão (Fot. 2); este cilindro será suspenso a tiracolo, como uma bainha, para estar sempre ao alcance do capturador. A arruela do eixo do êmbolo, mantida junto do corpo da seringa depois desta cheia, permite que a seringa permaneça suspensa verticalmente dentro do estojo-bainha, com a agulha voltada para baixo, sem haver perda de líquido; ao mesmo tempo é evitada a entrada de ar na seringa. Isso nos obriga a recuar a arruela toda vez que se pretende injetar um inseto, calculando-se a dose a injetar em cada caso.

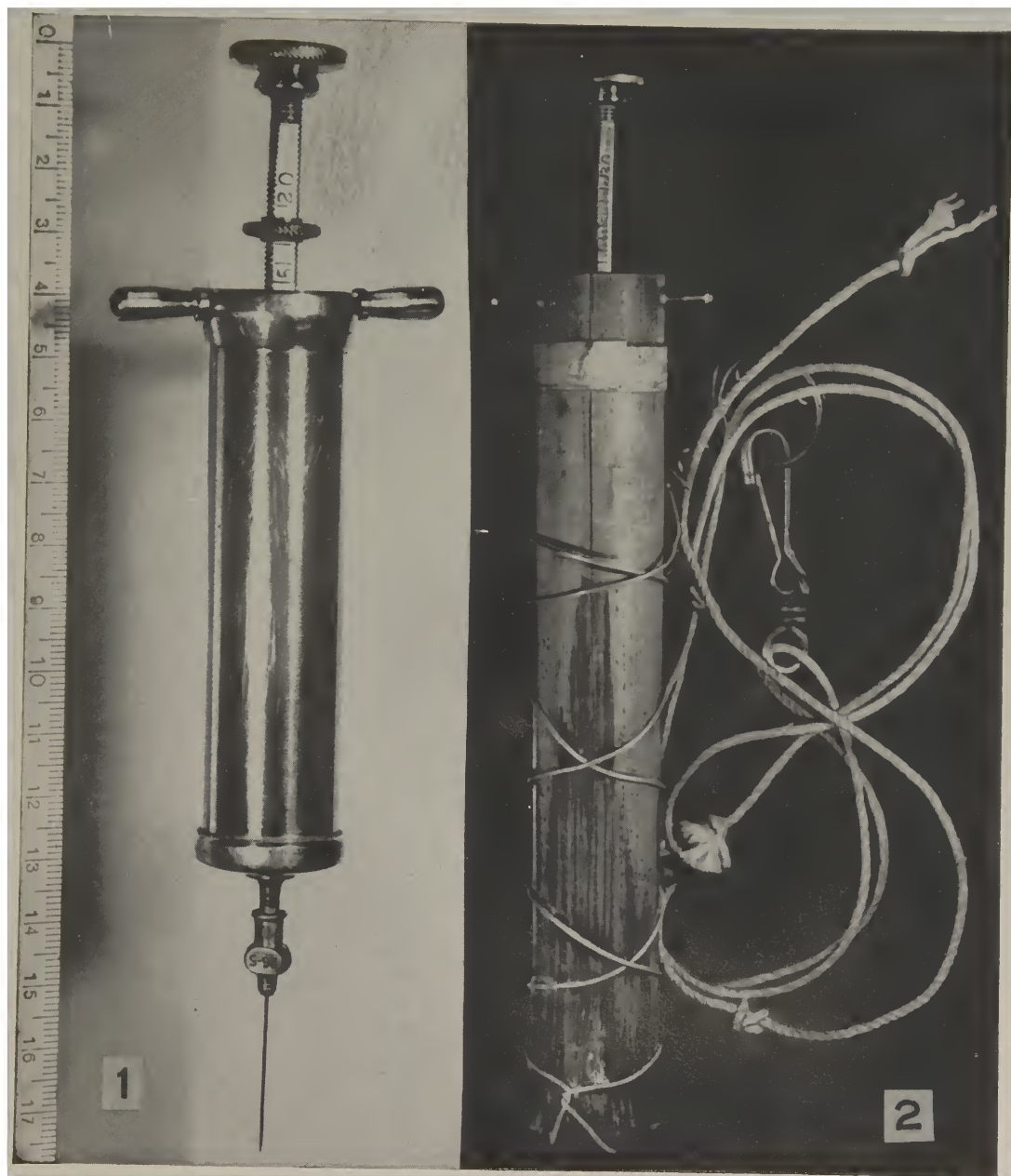
Somos muito gratos ao Sr. Ernesto X. Rabello, do Departamento de Zoologia, que foi nosso constante companheiro nas excursões a Boracéia, e que muito cooperou na coleta e injeção dos milhares de insetos observados.

A B S T R A C T

In this paper a new formula for killing insects, especially *Lepidoptera*, is given. It allows a good preservation of internal structures, usually destroyed in pinned dry specimens. This liquid showed very good results for the various orders generally pinned for preservation.

Insects mounted with the spread wings should be injected and mounted immediately, or left for at least two hours with the wings open horizontally if to be kept in envelopes, as happens during field work. Details are given as to the material, such as syringes, needles, preparation of solution, etc., to be employed in collecting excursions.

(Apresentado na II Reunião Anual da S.B.P.C., em Curitiba, Paraná, em 8-XI-1950).



Fotografia 1

Seringa veterinária metálica, de 20 cm³. Notar a arruela no eixo do êmbolo, entre 15 e 20 (G. Pastore fot.).

Fotografia 2

A mesma seringa no estojo-bainha de bambu. Notar as hastes salientes. A arruela não é visível por estar ajustada ao cilindro. (G. Pastore fot.).

DESCRIÇÃO DE DOIS ALÓTIPOS E ALGUMAS ANOTAÇÕES
MORFOLÓGICAS SOBRE ARANHAS BRASILEIRAS
(ARACHNIDA -- ARANEAE [*DYSDERIDAE*, *ARGIOPIDAE*,
SELENOPIDAE E *CLUBIONIDAE*])

p o r

HÉLIO F. DE ALMEIDA CAMARGO

I N T R O D U Ç Ã O

Prosseguindo nossos estudos sobre aranhas, descrevemos, aqui, os alótipos de *Ariadna crassipalpus* (BLACKWALL) e *Micrathena henseli* REIMOSER, e tecemos algumas anotações morfológicas sobre certas espécies as quais, até o presente, não eram suficientemente conhecidas. Como se verá no decorrer deste trabalho, tais anotações, ao lado dos respectivos desenhos, outro intuito não têm sinão aquele de, acrescentando algo ao que já fora escrito por outros, procurar trazer, ao estudioso, a possibilidade de uma determinação segura.

Ariadna crassipalpus (Blackwall)

(Fig. 3, h)

Dysdera crassipalpus BLACK., Ann. Mag. Nat. Hist., 1863, vol. XI (3.^a série): 43.

D. crassipalpus PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 132.

Ariadna crassipalpus MELLO-LEITÃO, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI: 234.

♀ — Comprimento do cefalotórax : 5.135 (*)

Largura do cefalotórax : 3.116

Largura da frente : 2.231

Comprimento do abdômen : 5.489

Cefalotórax longo, regularmente convexo, de bordos laterais discretamente ondulados, se estreitando muito pouco ao nível das ancas I, frente truncada. Fosseta torácica rasa, pouco perceptível e sob a forma de um traço longitudinal, sulco torácico não muito pronunciado, visível apenas lateralmente. Toda a superfície do cefalotórax com minúsculas granulações, sobre as quais se vêem, na porção mediana da região cefálica, vários

(*) Todas as medidas em micra. Agradecemos ao Prof. Dr. BENEDICTO A. MONTEIRO SOARES, da Escola Nacional de Agronomia, e ao Dr. JOSÉ L. DE ARAUJO FEIO, naturalista do Museu Nacional, pelo auxílio bibliográfico que gentilmente nos prestaram durante a feitura deste.

grânulos maiores, arredondados; pêlos mais ou menos longos e irregularmente distribuídos, porém na zona anterior da região cefálica, eles são mais longos que os restantes. Seis olhos mais ou menos do mesmo tamanho, ocupando espaço mais estreito que a fronte, havendo dois medianos posteriores, juntos, e os quatro restantes, dispostos dois a dois ao lado dos primeiros, em ligeiro tubérculo. Dos olhos laterais, os O.L.P. formam com os O.M.P. —que deles se separam por uma distância pouco maior que o diâmetro— uma linha ligeiramente procurva, e os O.L.A. se orientam numa linha oblíqua à zona mediana do cefalotórax. Clípeo levemente arredondado, provido de inúmeros pêlos longos, e cerca de uma vez e meio mais largo que o diâmetro dos O.L.A.. Quelíceras robustas, cônicas, providas de pêlos muito longos (tão longos quanto aqueles das tíbias I), a maioria deles se implantando perpendicularmente à superfície, garra desenvolvida e bem curta; margens oblíquas, promargem com uma fileira de longas cerdas, quelícera esquerda com quatro dentes, sendo dois ímpares e um par, três deles pequenos e arredondados a igual distância um do outro e quase em linha (segundo um pouco desviado para dentro), e o quarto, que forma par com o último deles, muito pequeno e quase junto. Promargem da quelícera direita com três dentes, menos desenvolvidos que os da quelícera esquerda, o segundo, que é menor que os outros dois, bem mais próximo do primeiro que do terceiro, e mais voltado para dentro que o seu correspondente da outra quelícera (esquerda). Ambas as quelíceras tendo na retromargem, próximo à articulação da garra, um dente que, na quelícera direita é mais forte e arredondado que os demais da promargem, e, na quelícera esquerda, pouco menos robusto. Retromargem com poucas cerdas longas na sua porção inicial. Lâminas maxilares longas, muito pouco convergentes, dilatadas e convexas na base (onde se inserem os trocanteres), depois ligeiramente côncavas, fortemente comprimidas no bordo externo, dilatadas e pouco convexas na região final, bordo superior arredondado e com escópula bem desenvolvida, ocupando mais da metade interna, bordo externo reto e oblíquo, bordo interno de concavidade pouco perceptível e escópula de pequenos pêlos no terço terminal, toda a superfície das lâminas com abundantes e longos pêlos escuros. Lábio livre, muito mais longo que largo, de bordos paralelos, aproximadamente nos dois terços basais, e, no terço restante, pouco atenuados, ápice um tanto côncavo, ultrapassando a metade da altura das lâminas maxilares, todo ele revestido de pêlos idênticos àqueles das lâminas. Esterno nitidamente mais longo que largo (2.833 x 1.452), atenuado na porção anterior (ao nível da margem prolateral das pernas I) onde ultrapassa as ancas I, depois se arredonda ligeiramente e termina num bordo superior que mede 0.850 de largura, côncavo, porção final obtusa, sem se prolongar entre as ancas IV que distam, uma da outra, de 0.389, as porções laterais do esterno com uma série de zonas côncavas alternadas com outras arredondadas (cavidades cotiloides, de Simon), estas últimas para articulação com as ancas. Comprimento das pernas na ordem 2143. Pernas I mais robustas que as demais, fêmures I e II tendo, na região prolateral, uma concavidade rasa que ocupa, aproximadamente, os dois terços basais, o terço restante, convexo; no fêmur III, também prolateralmente, a porção côncava parece ser mais profunda e a convexa mais longa, fêmur IV de concavidade discreta, na porção retrolateral. Pernas I e II com pêlos muito longos e abundantes, no fêmur (com exceção da porção prolateral côncava, deles desprovida), patela e tibia, atingindo, neste último segmento, maior número e tamanho (mais de

um milímetro), a ponto de dificultar, bastante, a visão dos longos espinhos inferiores; a partir de, aproximadamente, o trecho médio basal do protarso, os pêlos diminuem de tamanho e número, se dispondo, na zona inferior do tarso, sob a forma de uma escópula não muito densa. Nas pernas III e IV os pêlos são, de uma maneira geral, mais curtos e menos abundantes que nas outras duas, formando na região terminal-inferior do protarso, e em toda a porção inferior do tarso, uma escópula não muito densa.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total
I	3.754	4.639	2.691	0.814	11.898
II	3.612	4.781	2.656	0.850	11.899
III	2.833	3.187	1.912	0.850	8.782
IV	3.400	4.002	2.125	0.779	10.306

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 0r-1r-1, prolateral 2-1, ventral e retrolateral, sem. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1d-1d, ventral 2-2-1-1 (esses dois ímpares são os maiores espinhos da região inferior da tibia) e 2 (apicais), retrolateral sem. Protarso — Apenas ventral 2 (longos)-2-0-0-1-1-2-1-1 (longos)-1-1-1-1-2-2. Perna II. Fêmur — dorsal 1 r-1r (muito pequenos) e 1, prolateral 1-1, ventral e retrolateral sem. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1-1, ventral 1-1-1-1-1 (todos longos e numa expansão da cutícula)-2 (apicais e pequenos), retrolateral sem. Protarso (direito) — ventral 2 (longos)-2 (pequenos)-2-1-1-1-1 (longo)-1-2 (pequenos)-2-1-1-1-1-1 (os dois últimos, apicais e de tamanho médio). Protarso (esquerdo) — ventral 2 (longos)-2 (pequenos)-2-2-1-1 (pequenos e do mesmo lado)-1-1 (longos)-1-1 (pequenos)-1-1-1-1-2 (apical). Perna III. Fêmur — dorsal 1r, prolateral 0-1. Patela sem. Tibia — dorsal sem, prolateral 1d-1d, ventral 1-1 (longo)-1 (apical e menor que o primeiro), retrolateral 1 (muito pequeno). Protarso — dorsal sem, prolateral 1-1-0-1 (o menor deles sendo o terceiro que está em nível abaixo daquele dos dois primeiros, e no mesmo nível que o último), ventral 1-0-1-2 (apicais), retrolateral 1-1 (pequenos). Perna IV. Apenas 1 cerda espiniforme no dorso do fêmur.

Tarsos com três unhas, sem tufo de pêlos, duas delas (o par) possuindo, inferiormente, dentes, e a unha ímpar desprovida deles. Esses dentes são em número de seis no tarso I, numa das unhas o último é quase imperceptível e na outra, apenas menor que os demais; tarso II também com seis dentes, sendo cinco do mesmo tamanho e o último, muito pouco notável; tarso III com cinco, o quinto bem menor e mais delgado que os outros quatro; tarso IV com quatro dentes, o segundo maior e pouco mais robusto que os outros três, e o quarto muito pequeno e bem mais delgado que os demais. Dois estigmas traqueais, cada um deles abaixo do estigma pulmonar e mais próximos, que estes, da fenda genital. Fiandeiras como em *Dysderidae*. Palpo com a patela, tibia e tarso com muito mais pêlos que o fêmur; na patela e tibia, os pêlos são mais longos que no tarso, onde, além de mais curtos e mais rígidos, são em maior quantidade que na patela e tibia, formando uma espécie de escópula. QUETOTAXIA DOS PALPOS: Patela — retrolateral 1. Tibia — retrolateral 2-2 (separados entre si por distância menor que os do primeiro par)-1-1 (todos pequenos). Tarso — ventral, verticilo apical de três espinhos, um deles menor que os outros dois, retrola-

teral 2 (pequenos)-2-1d-1-1d. Tarso com unha sem dentes. Tíbia (esquerda) — retrolateral 2-2-1-2 (o primeiro e o último par estão na mesma linha, e os espinhos estão separados por maior distância que aqueles do segundo par). Tarso (esquerdo) — retrolateral 2-2-2-2 (os espinhos do primeiro par são os menores, primeiro e segundo pares, na mesma linha, terceiro e quarto, idem, separados por espaço maior que aquele que separa, entre si, os espinhos do primeiro e segundo pares).

COLORIDO EM ÁLCOOL. Cefalotórax, de um modo geral, vermelho claro, ligeiramente mais escuro (Brazil red)* na região cefálica que na torácica (scarlet), esta última percorrida por raias mais escuras, que convergem para a fosseta torácica. Clipeo amarelado (capucine yellow). Quelíceras vermelhas, com brilho escurecido (victoria lake). Lâminas maxilares alaranjadas (orange chrome) e com o ângulo superior interno, esbranquiçado. Lábio com mais da metade basal escurecida, e a região terminal, bem como a maior parte da zona ventral e retrolateral das ancas I e II, de um tom pouco menos carregado que o das lâminas (orange rufous). Esterno com o bordo anterior e as saliências que servem para a articulação com as ancas, de colorido mais intenso (mars orange) que o das partes do parágrafo imediatamente anterior, o restante dele, manchado de pardacento (burnt sienna), com exceção de uma zona mediana, onde tais manchas são em número muito pequeno, quase inexistentes. Porção prolateral, apical ventral e estreita faixa mediana ventral das ancas I e II, pardacento escuro (mahogany red); ancas III e IV nitidamente mais descoradas que as duas anteriores. Pernas I e II muito mais escuras que III e IV, sendo que as duas primeiras apresentam, entre si, a mesma distribuição das cores nos vários segmentos. Perna I de colorido ligeiramente mais acentuado que perna II, de maneira que nos limitaremos a descrever apenas aquela, cuja porção prolateral do fêmur é escurecida e com brilho avermelhado (claret brown) na porção côncava e negra na convexa, porção retrolateral mais escura (bay), cortada por uma lista longitudinal, vermelho-claro (morocco red) que não atinge o ápice do segmento; a esta lista seguem-se mais duas, do mesmo colorido, dispostas entre a face dorsal e a retrolateral e separadas, uma da outra, por linhas muito delgadas e escurecidas. Patela, dorsalmente, de colorido idêntico àquele das listas mencionadas atrás, prolateral do mesmo colorido da tíbia, pardacento escuro com discreto brilho avermelhado (bay), metade terminal da porção retrolateral, vermelho pardacento, ventral idem, anel basal da tíbia, porção apical dorsal da mesma, pequeno anel basal do protarso, grande trecho final deste último (no protarso são escurecidas a maior parte da metade basal e pequena porção apical dorsal e lateral) e tarso, do mesmo colorido que o das listas do fêmur (morocco red). Colorido fundamental das pernas III e IV, amarelo, as primeiras —principalmente na face prolateral— um pouco mais escuras que as segundas. Fêmur da perna III, com a face retrolateral alaranjado-pardacento (xanthine orange), cortada por uma lista longitudinal alaranjado intenso (orange rufous) que atinge o ápice do segmento e se separa apenas por ligeiro traço mais escuro, de uma zona do mesmo colorido, situada entre a face retrolateral e a dorsal, face prolateral mais clara que a retrolateral, face dorsal, boa parte da retro-

(*) O colorido dos exemplares estudados foi comparado, o máximo possível, com as cores que figuram em ROBERT RIDGWAY (Color Standards and Color Nomenclature, III + 43 pp., with fifty-three colored plates and eleven hundred and fifteen named colors. Washington, D.C. 1912. Published by the author).

lateral e da ventral da patela, faixa retrolateral basal da tibia e uma outra, dorsal, do mesmo colorido (orange rufous) que as faixas do fêmur, e as regiões restantes escurecidas (mars orange), face retrolateral, pequena mancha dorso basal e boa parte do dorso do protarso, e todo o tarso, amarelo claro brilhante (deep chrome), as partes restantes com pontuações pardacento-claro. Perna IV com a região dorsal do fêmur amarelo-alaranjado (orange), bem como grande parte da face retrolateral e uma pequena lista longitudinal basal da face proteral que, assim como a ventral, é pardacenta com pontuações amareladas (orange rufous); pouco mais claro que o colorido da face proteral (xanthine orange) é a lista que se encontra entre a face dorsal e a retrolateral. Maior porção da patela, anel basal e face dorsal da tibia, alaranjado intenso (orange chrome), as faces proterais destes dois últimos segmentos e a ventral da tibia, mais claras (xanthine orange) que a respectiva do fêmur, face retrolateral da tibia, apenas sombreada de pardacento. Colorido geral do protarso e tarso, mais claro que o dos segmentos anteriores, e o tarso, por sua vez, mais claro ainda que o protarso (light orange yellow), este último com uma pequena porção basal e um trecho mais largo, terminal, amarelo carregado (entre orange e cadmium orange), a região intermediária com pontuações pardacento claro. Abdômen verde muito pálido, com reflexos amarelados (entre picric yellow e pale greenish yellow), tendo, no bordo anterior, uma mancha chocolate (cinnamon brown), de onde sai uma lista do mesmo colorido, mediana e dorsal que, aproximadamente pouco antes da metade do comprimento do abdômen, se divide em dois curtos ramos, descorados e não muito perceptíveis, aos quais se seguem uma série de quatro ou cinco pequenas manchas transversais, mais claras que a lista mediana, a forma das quais lembra a de um \wedge Fiandeiras amarelas, notando-se em torno da base delas, um colorido chocolate (cinnamon brown), o qual se prolonga de cada lado do ventre e em pequena extensão, apenas como uma sombra muito pouco visível. Porções laterais do epigástrio, amarelo-claro brilhante (apricot yellow), e a porção mediana com uma mancha mais comprida que larga, chocolate, interessando o bordo superior da fenda genital.

ALÓTIPO fêmea, nº E. 945 C. 1409, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, coligida pela Sra. HELGA URBAN, em Dezembro de 1949.

PROCEDÊNCIA: Bairro das Perdizes, Cidade de São Paulo, Brasil.

COMENTÁRIO. O presente exemplar é, ao que nos consta, o segundo conhecido. Na sua chave das espécies brasileiras do gênero *Ariadna* AUDOIN, 1825, MELLO-LEITÃO (1947 : 234) não traduziu, exatamente, o trecho da descrição original de BLACKWALL (1863 : 44), correspondente ao colorido do abdômen. Neste último autor se lê: "The abdomen is short, and of a dull olive-green hue;"; isto é, o abdômen é de colorido verde oliva apagado, insensível, com o que está de acordo o nosso exemplar, e não "oliváceo escuro" como quer MELLO-LEITÃO. Relativamente às faixas do abdomen, a tradução do saudoso aracnólogo patricio está incompleta. BLACKWALL escreve (: 44): ". . . . a large semicircular mark at its anterior extremity, from which a fusiform band, bifid at its termination. . . .", mas MELLO-LEITÃO omite, na sua chave, aquela "grande mancha semicircular da porção anterior" e se refere apenas a ". . . . uma faixa castanha no terço anterior, bifida no terço médio, . . .".

Micrathena henseli Reimoser

(Fig. 1, a e c. Fig. 2, a a f) (*)

Micrathena henseli REIMOSER, Ver. K.-K. zool.-bot. Ges. Wien, 1917, vol. LXVII: 121; MELLO-LEITÃO, An. Acad. Bras. Cienc., 1932, vol. IV (2): 85; idem, Arq. Inst. Biol., 1940, vol. 11: 241; idem Arq. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 189; idem, Rev. Mus. La Plata, n. s., Zool., 1945, vol. IV (N.º29): 219.

Acrosoma henseli MELLO-LEITÃO, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI (6) : 239.

♂ — Comprimento do cefalotórax (do bordo anterior dos O.L.A. à porção posterior) : 2.700.

Largura do cefalotórax (entre os pontos onde se inicia a convexidade dos bordos) : 1.275.

Maior largura do cefalotórax : 1.650.

Largura entre os bordos laterais internos dos O.L.A. : 0.900.

Comprimento do abdômen : 3.262.

Largura do abdômen no bordo anterior : 0.975.

Largura do abdômen na sua porção média : 1.200.

Largura do abdômen (entre as bases laterais internas dos dois espinhos póstero-superiores) : 1.462.

Cefalotórax mais longo que largo, de região cefálica em nível mais elevado que a torácica. Esta última apresenta fosseta torácica bem desenvolvida, sulco discreto, superfície rugosa, principalmente na porção látero-inferior, onde existem abundantes e minúsculas granulações. De cada lado da região torácica, observa-se uma série de sulcos muito rasos, que não chegam a alcançar a região látero-inferior. Olhos em duas fileiras, a primeira ou anterior, muito mais recurva que a segunda, que é muito pouco, quase reta. O.M.A. pequenos, pouco maiores que os O.L.A., separados entre si de uma distância igual ao diâmetro, e dos O.L.A., de, aproximadamente, quatro vezes e meia. O.M.P. distanciados de meio diâmetro, maiores que os O.M.A., e separados dos O.L.P., que são menores que os O.L.A., por quatro diâmetros, mais ou menos. Quadrângulo mais longo que largo, mais estreito atrás que na frente. Clípeo retro oblíquo, uma e meia vez maior que o diâmetro dos O.M.A., desprovido de pêlos, presentes apenas em pequena extensão da região cefálica, pequenos, finos e brancos; no restante do cefalotórax, eles são muito curtos, quase imperceptíveis. Quelíceras curtas, com bossa, muito robustas, de forma aproximadamente cônica, com uma forte dilatação na base da região látero-externa, pouquíssimos pêlos, longos, quase que restritos a essa última porção e às margens do sulco oblíquo, garra medianamente robusta, curta, não ultrapassando, ou ultrapassando em pouca coisa, o sulco oblíquo na altura do quarto dente da retromargem, que tem quatro dentes, separados um do outro por menos da largura, o terceiro

(*) As convenções usadas nos desenhos, indicam as seguintes peças:

A = Apófise maior	EM = Êmbolo
B = Apófise menor	ES = Estipe
T = Tíbia	FN = Fundus
AM = Apófise mediana	PC = Pecíolo
AP = Apófise paramediana	RA = Radix
AT = Apófise terminal	RE = Reservatório
CO = Condutor	ST = Sub-tegulum
DJ = Ducto-ejaculador	TG = Tegulum

sendo pouco mais largo e mais alto que os restantes, o quarto é o menor, promargem com três dentes, os dois primeiros, aproximadamente pouco maiores que os da retromargem, e o último é o menor. Lâminas maxilares ligeiramente inclinadas, com a metade interna basal, côncava, e a terminal, reta, com abundante escópula também existente em mínima porção limítrofe do bordo superior com aquele que é discretamente arredondado; bordo lateral externo, em sua maior parte, muito pouco arredondado, com exceção da porção basal (articulação do trocanter do palpo) onde se dilata levemente mais. Superfície dorsal das lâminas com alguns pêlos mais ou menos longos, e uma concavidade rasa, na metade superior. Lábio tão largo quanto longo, de lados arredondados e ápice não pontiagudo, alcançando a metade da altura das lâminas maxilares. Esterno mais longo que largo (1.162 x 0.675), truncado na frente, começando a se estreitar na altura das ancas II e III, e se intrometendo, em ponta, entre as ancas IV, que se distanciam, uma da outra, de 0.112. Superfície do esterno com inúmeras rugosidades e vários pêlos, regularmente longos, de implantação oblíqua. Comprimento das pernas na ordem 2143, as pernas I e II —maximé as ancas, trocânteres e fêmures— visivelmente mais robustas que III e IV. Pernas com pêlos muito finos e em pequena quantidade, nos fêmures; nas tíbias, protarsos e tarsos, eles são em quantidade e espessura pouco maiores que naquele segmento, nas tíbias, os pêlos são menos espessos que nos dois últimos, isto é, protarsos e tarsos, onde a espessura se mantém uniforme. Tricobótrias apenas nas tíbias, não mais que três.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

<i>Pernas</i>	<i>Fêmur</i>	<i>Patela + Tibia</i>	<i>Protarso</i>	<i>Tarso</i>	<i>Total</i>
I	2.625	2.550	2.025	0.712	7.912
II	2.550	2.625	2.100	0.711	7.986
III	1.425	1.200	0.862	0.487	3.974
IV	2.700	2.175	1.950	0.637	7.462

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 1-1-1 (grandes)-1 (pequeno, apical e um tanto curvo), prolateral 0 (pequeno)-1-0-1-1-1 (esses três, longos)-1 (apical e pequeno), ventral 1-1-1-1-1-0-1-1-2 (apicais, sendo 1p e 1r), na perna direita, os espinhos 2 a 5 estão mais próximos de formar par que os correspondentes da perna esquerda, retrolateral 0d-1d-1d. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1 (na metade distal), prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1-1 (apical), na perna esquerda o espinho prolateral e o primeiro retrolateral, estão quase que diametralmente opostos. Protarso sem espinhos. Perna II. Fêmur — dorsal 1-1-1 (longos)-1 (pequeno apical), prolateral 1-1-1-1 (menor deles), ventral (esquerdo) 1-1-1-1 (estes dois quase formando par)-1-1-2 (sendo 1p e 1r) e (direito) 1-1-1-1-2 (sendo 1p e 1r) os espinhos da porção ventral do fêmur direito, ocupando menor extensão desse segmento, retrolateral 1d-1d-1d. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1, prolateral sem, ventral 1p-0p-1p, retrolateral 1-1 (pequeno e apical). Protarso sem. Perna III. Fêmur — dorsal 1-0-1 (apical), prolateral 1-0-1, ventral 0, retrolateral 1. Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal 1, prolateral 1 (apical), ventral sem, retrolateral 1 (apical), esses dois espinhos na mesma altura do segmento. Protarso — dorsal 1, prolateral, ventral e retrolateral sem. Perna IV.

Fêmur — dorsal 1-1-1-1-1 (menor de todos, e apical) sendo que entre os dois primeiros e os três últimos espinhos, há, os separando, um espaço correspondente, mais ou menos, a duas e meia vez a distância entre eles, prolateral 1-1-1-1-1, ventral 0 (menor)-1 (maior)-1, os dois primeiros quase formando par, retrolateral 1 (apical). Patela — dorsal sem, prolateral 1, ventral sem, retrolateral 1. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-1-1, ventral sem, retrolateral 0-1. Protarso — dorsal 1-1p, prolateral, ventral e retrolateral sem. Tarsos com três unhas, a ímpar desprovida de dentes. Abdômen nitidamente mais longo que largo, com oito espinhos, sendo dois minúsculos, dorsais (representados, no desenho, por dois pequenos círculos), situado cada um deles na terceira mancha branca, e a uma distância do bordo cranial do abdômen igual a 1.087, e, posteriormente, seis, dispostos aos pares, um superior, um inferior e o último, minúsculo, ventral, disposto cada um dos seus espinhos na porção lateral interna basal do espinho inferior correspondente; os espinhos do par superior são menos desenvolvidos e menores que os do par inferior, e formam com o bordo caudal do abdômen, um ângulo pouco maior que noventa graus, os espinhos inferiores, de base arredondada, se implantam na porção inicial inferior do bordo caudal, quase que perpendicularmente. O dorso do abdômen, visto de perfil, é, em pequena porção inicial —até a altura do primeiro par de minúsculos espinhos— muito ligeiramente convexo, quase plano, torna-se, após, discretamente côncavo, e, no seu terço final, convexo mais pronunciado que na porção inicial. Os pêlos, no dorso do abdômen, são perceptíveis apenas no terço final, onde são em pequena quantidade, não muito longos e deitados; no ventre, nota-se número bem maior deles. Fiandeiras como em *Argiopidae*, cólulo presente.

PALPO : Fêmur : 0.450. Patela + Tibia : 0.337. Fêmur pouco curvo, patela com um único pêlo, longo, dorsal, tibia mais larga que longa, cymbium* de base larga, afinando-se, porém, na altura da base do tegulum e terminando, mais ou menos, na região média deste, paracymbium curto, excavado inferiormente, com a sua porção basal, estreita, e a final, larga, aproximadamente mais larga que o comprimento dele, com o seu ângulo externo bem mais robusto que o ângulo interno, que forma um ângulo com a margem interna da porção basal. Subtegulum bem desenvolvido, tegulum com uma calosidade na porção lateral, conforme se poderá ver nos desenhos. Fundus na altura da metade inferior do subtegulum; porção inicial do reservatório, logo ao penetrar na altura do tegulum, fazendo uma curva, que depois se inflete, passa a correr junto ao bordo inferior deste, até a altura da região do tegulum situada inferiormente à zona onde o estipe e o radix estão muito próximos um do outro, quando o reservatório, ao atingir a porção lateral, faz uma curva suave para dentro, abandona a altura do bordo do tegulum e passa a correr na porção média, atinge a altura da região superior, a partir daí, se superpõe, num pequeno trecho, àquela porção do reservatório imediatamente após a inflexão da curva, afina bruscamente o seu diâmetro —que vinha sendo mais ou menos uniforme— na altura da porção lateral da apófise mediana, e passa a ser o ducto ejaculador, que mergulha num pequeno trecho da hematódoca distal, se inflete, protegido pelo radix faz duas curvas, uma, pequena e de concavidade supe-

(*) Nomenclatura das diferentes peças do bulbo genital, de acôrdo com a adotada por J. H. COMSTOCK (Ann. Ent. Soc. Am., Sept. 1910, vol. III, n.º 3 : 161 — 185, 25 figs..)

rior, a outra, tomando três quartos, aproximadamente, do radix, de concavidade inferior.' Saindo da altura do radix, o ducto ejaculador sofre outra inflexão, penetra no estipe e, em seguida, no êmbolo, que é do tipo coniforme, situado num plano ligeiramente inferior a este último. No seu trajeto, o diâmetro do ducto ejaculador, bem menor que o do reservatório, não se mantém constante, sendo muito fino ao penetrar na hematódoca distal —na altura da apófise mediana— e no estipe e êmbolo, e um pouco maior no trecho em que corre protegido pelo radix. Apófise mediana ligada ao radix que, sob a forma de uma placa, protege quase que toda a região ventral inferior do bulbo genital e se prende, apenas por um ponto, ao tegulum. Articulando-se com o radix, está o estipe, peça membranosa, bem mais comprida que longa, como se poderá ver no desenho. O início do condutor é quitinoso, segue-se, após um estrangulamento, uma porção membranosa e, em plano inferior à sua porção terminal, outra porção quitinosa.

COLORIDO EM ÁLCOOL. Região torácica do cefalotórax com duas largas faixas pardacentas (amber brown), laterais, longitudinais, respeitando, inferiormente, uma fita amarela-rufescente clara (orange), e, atrás da fosseta torácica, u'a mancha, mais comprida que larga, pardacenta clara (mars yellow), região cefálica e clipeo, de colorido idêntico ao da faixa lateral inferior da região torácica. Porção dorso basal da quelícera, côr de cobre (morocco red) e o restante, negro brilhante com algum reflexo avermelhado. Lâminas maxilares e lábio pardo escuros (argus brown), mais claros que o colorido geral da quelícera, esterno, por sua vez, mais claro (burnt sienna) que as lâminas e o lábio. Fêmures I e II mais intensamente coloridos que os fêmures III e IV, o fêmur I, rufescente alaranjado (entre orange chrome e orange rufous) e o fêmur II, alaranjado (cadmium orange), patela e tibia I e II, fêmur, patela e tibia III e IV, amarelo pálido com ligeiríssimo brilho esverdeado (empire yellow) e com zonas mal definidas, pouco escuras, base das tibias com anel claro, protarsos e tarsos I e II e tarsos III e IV, amarelo ouro (entre cadmium yellow e deep chrome), na base dos protarsos e tarsos de todas as pernas, um anel claro; protarso III com a metade terminal pouco mais escura que a basal, mais clara, contudo, que o tarso, protarso IV apenas com um pequeno anel apical amarelo ouro, o restante desse segmento, amarelo pálido (empire yellow). Colorido fundamental do dorso do abdômen, pardacento claro (raw sienna), com zonas mais escuras no bordo anterior, na porção média, terminal, e bordos laterais internos dos espinhos póstero-superiores. Oito pares de manchas brancas, laterais, o quinto par formado de manchas mais altas que as demais, quase que se unindo à do lado oposto, no sexto, sétimo e oitavo pares, as manchas são pouco evidentes. Exceção feita da porção média do epigástrico, que é amarela com discreto brilho pardacento (entre dresden brown e buckthorn brown), o restante do ventre é bem mais escuro, com algumas pontuações amarelas.

ALÓTIPO macho, nº E. 246 C. 1410, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, coligido por FREDERICO LANE, em 4 de abril de 1942.

PROCEDÊNCIA: Bosque da Saúde, cidade de São Paulo, Brasil.

COMENTARIOS. O exame de mais dois exemplares dessa espécie, ambos machos (E. 241 C. 1411, F. LANE col. em Bosque da Saúde, cidade de São Paulo, Brasil, em 22-III-1942 e E. 946 C. 1412, H. URBAN col. em Cocaia, Represa Nova de Sto. Amaro, São Paulo, Brasil, em abril de

1950), mostrou pequena variação no colorido do abdômen e das patelas, tíbias, protarsos e tarsos das pernas I e II. No segundo daqueles exemplares, os espinhos dorsais do abdômen são quase que inexistentes.

*
* *

O Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo tem em sua coleção de aracnídeos, trinta e dois exemplares fêmeas desta espécie, todos eles provenientes, como se verá na lista abaixo, do Estado de São Paulo, Brasil. A descrição suficientemente precisa que REIMOSER nos legou, bem como as figuras que a acompanham, possibilitam, ao especialista, uma determinação segura de *M. henseli*. Há, porém, uma variação no ângulo de abertura dos espinhos posteriores do abdômen, o superior, maior, e o inferior, menor. De todas as fêmeas examinadas, a maioria delas, adultas, e mesmo nos jovens, apenas um exemplar apresentou um ângulo semelhante àquele figurado por REIMOSER, em perfil. Nas restantes, essa abertura é bem menor, havendo também variação na forma e tamanho dos mencionados espinhos. Tudo o que dissemos atrás, poderá ser melhor apreciado nas figuras que ilustram este trabalho (Fig. 1, letras *c*, *d*, *f* a *q*).

Fêmeas de *M. henseli* examinadas

E. 241 (8 ♀ ♀) — Bosque da Saúde, S. P. (Capital), F. LANE col. em 22-III-1942.

E. 246 (5 ♀ ♀) — Bosque da Saúde, S. P. (Capital), F. LANE col. em 4-IV-1942.

E. 263 (3 ♀ ♀) — São Paulo (Capital), J. DAMICO col. em 26-IV-1942.

E. 271 (4 ♀ ♀) — Carvalho de Araujo (E. F. Central do Brasil), E. S. Paulo, A. ZOPPEI col. em 3-V-1942.

E. 946 (11 ♀ ♀) — Cocaia (Repr. Nova Sto. Amaro), E. S. Paulo, H. URBAN col. em abril de 1950.

1 ♀ — Itaim (E. F. Central do Brasil), E. S. Paulo, W. BOKERMANN col. em 7-V-1950.

*
* *

SOBRE O TIPO DE *Micrathena* SUNDEVALL, 1833. Nossa designação (1950 : 244) de *Micrathena cornigera* (CAMBR., 1890) como tipo de *Micrathena*, não encontra apoio nas Regras Internacionais de Nomenclatura. Contudo, um novo exame do assunto nos convenceu que *M. clypeata* (C. KOCH), escolhida por SIMON (1895 : 859) como tipo do gênero, não pode ser mantida como tal, pelos motivos que passamos a expôr. Em 1833, SUNDEVALL creou o novo gênero *Micrathena* para duas espécies: *Epeira clypeata* WALCK., 1805 e *Aranea spinosa* LINEU, 1758. Acontece, porém, que *E. clypeata* WALCK., foi publicada sem diagnose alguma. C. KOCH, em 1838, descreveu, sob o nome de *M. clypeata*, aquela espécie que WALCKENAER nomeara de *E. clypeata*. Foi justamente, *M. clypeata* C. KOCH, 1838, que SIMON designou para tipo do gênero *Micrathena*. Ora, *M. clypeata* C. KOCH, não era uma das espécies incluídas, originariamente, no gênero, e *E. clypeata* WALCK., publicada como foi, é *nomina nuda*.

Assim sendo, si, das duas espécies originais do gênero, uma é *nomina nuda*, e a outra (*A. spinosa*) é válida, o gênero é monotípico e, portanto, o seu tipo não poderá ser outra espécie, senão esta única, isto é, *A. spinosa* (= *M. spinosa* [L.]). Resumindo, temos:

MICRATHENA Sundevall, 1833

Micrathena SUNDEVALL, 1833 (Abril?), Consp.-Arach.: 14.

TIPO: *Micrathena spinosa* (LINEU, 1758).

PSEUDÓTIPO: *Micrathena clypeata* (C. KOCH).

Selenops Cocheleti Simon

(Fig. 3, a a g)

Selenops Cocheleti SIMON, Act. Soc. Linn. Bordeaux, 1880, vol. XXXIV (Quatrième serie), tome IV: 235; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 509; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1918, vol. II (1-2): 29 e 31; idem, Arq. Inst. Biol., 1940, vol. 11: 243; idem, Rev. Mus. La Plata, n.s. (Zool. 16), 1942, vol. II: 387; idem, Arq. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 215; idem, Notas del Mus. La Plata, 1946, vol. XI (Zool. n.º 91): 47.

Transcrevemos a diagnose original da espécie, uma vez que a revista onde ela foi publicada, não é de fácil encontro. "17. *Selenops Cocheleti* sp. nov.

♂) Céph. th., long. 5,5; larg. 6,4 — Pattes: 1re. paire 25,8; 2e paire 30,2; 3e paire 28; 4e paire 26,5. Céphalothorax brun-rouge à pubescence fauve assez longue et mêlée de crins, à strie longitudinale et rayonnantes profondes. — Yeux: antérieurs: les quatre médians gros, égaux, en ligne presque droite, intervalle des médians un peu plus étroit que leur diamètre, celui des latéraux plus étroit que leur rayon; yeux latéraux antérieurs petits, presque arrondis, situés un peu plus bas que les médians, leur intervalle aux médians environ égal au diamètre de ceux-ci. Yeux de la seconde ligne au moins aussi gros que les médians antérieurs. Chélicères brun-rouge garnies de forts crins fauves inégaux. Pièces buccales et plastron brun-fauve pubescent; pièce labiale un peu plus longue que large, arrondie en avant. Pattes brunâtre fauve, garnies de pubescence et de longs crins fauve; tibia I et IV un peu plus longs que le céphalothorax; tibia IV sans épines dorsales, pourvu de 2-2 épines latérales et de 2-2 épines inférieures; fémur I pourvu de deux épines très espacées sur sa face antérieure et de trois très longues épines dorsales; scopulas peu serrées formées de poils longs. Patte-mâchoire brun-fauve; patella plus longue que large, presque parallèle et inerme; tibia plus long que la patella, plus étroit, parallèle, pourvu à l'extrémité de deux apophyses noires, une externe dirigée en avant, un peu arquée, robuste, non atténuée et obtuse, concave et peu rebordée en dedans, et une apophyse inférieure un peu plus courte, également arquée et dirigée en avant mais comprimée; tarse ovale, court, assez large; bulbe discoïde avec un rebord rougeâtre et une lame médiane arquée en demi-cercle. ♀) Céph. th., long. 5,5; larg. 6,3 — Abd. long. 8; larg. 5,8. Pattes: 1re paire 20,3; 2e paire 22,8 (1re 3e paire manque); 4e paire 21. Céphalothorax un peu plus court que fémur I mais un peu plus long que tibia IV. Abdomen très déprimé, assez large, presque parallèle, arrondi en avant et en arrière, fauve obscur finement et peu densément ponctué de brun, marqué en avant d'une bande médiane obscure peu indiquée et en arrière d'une bordure brune ponctuée; ventre testacé (Epigyne non développée). Paraguay (Muséum, rapporté par M. Cochelet). Voisin de *S. SPRIXI* Perty, il en

diffère par les yeux latéraux antérieurs presque arrondis, tandis qu'ils sont ovales très plus étroit et plus long, son apophyse externe est de même forme, mais le tibia présente aussi une apophyse inférieure presque aussi longue, tandis que, chez *S. SPIXI*, il n'offre en dessous qu'une forte carène oblique et tranchante."

PALPO : Quanto às duas apófises da tibia do macho, nós nos abstermos de descrevê-las, uma vez que já foram estudadas por SIMON, na sua diagnose, acima transcrita, e MELLO-LEITÃO (1918 : 32). Bulbo genital bem protegido pelo cymbium, amplo e profundo, com a porção inferior de um dos seus bordos laterais, muito reforçada e com uma calosidade. Paracymbium ausente. Subtegulum com, aproximadamente, seis "anneli" bem visíveis, tegulum atingindo sua largura máxima na porção caudal da apófise terminal, depois, ao nível da apófise mediana, sofre uma constrição e prossegue, com a sua largura maior que a do trecho inicial, conforme se poderá ver pelos desenhos anexos, até articular-se com o estipe. Desde o nível da porção anterior da apófise mediana, até a articulação com o estipe, observa-se uma expansão, para dentro, do bordo superior do tegulum. Radix ausente. Estipe com a porção basal dilatada, articulando-se, de um lado com a porção inicial do tegulum, e, de outro, com a final do mesmo, a porção distal mais comprida que longa, mais ou menos cilíndrica, com exceção de um ligeiro trecho, que precede imediatamente ao êmbolo, e que é achatado lateralmente. O êmbolo, ligeiramente curvo, de concavidade voltada para baixo, também sofre o mesmo achatamento, e forma um ângulo com a porção final do estipe. A apófise terminal tem duas partes : uma quitinosa e outra membranosa. A primeira é a maior, e sua zona superior tem a forma da cabeça de uma ave com o respectivo rostro tipo palmípede; inferiormente, essa zona superior tem uma espécie de canal por onde deve correr o êmbolo na ocasião da cópula. A porção membranosa é bem desenvolvida, e serve de apoio ao êmbolo. Fundus protegido pela porção inicial do tegulum, reservatório de diâmetro desenvolvido, uniforme, correndo na altura da porção basal do tegulum, trajeto do ducto ejaculador, como se vê no desenho correspondente. Apófise mediana com a sua maior porção, larga, e o ápice, mais fino e ligeiramente curvo, formando pequena saliência.

MACHO nº E. 947 C. 1413 no Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo, coligido por MÁRIO AUTUORI, em Fevereiro de 1949.

PROCEDÊNCIA : Santo Amaro, Est. de São Paulo, Brasil.

Corinna capito (Lucas)

(Fig. 4, a a g)

Drassus capito LUCAS, Expéd. part. centr. Amérique du Sud... (Francis de Castelnau), 1857, vol. III (animaux sans vertèbres) : 22, pl. I (Arachnides), figs. 8, 8 a, 8 b e 8 c.

Corinna capito SIMON, Hist. Nat. Araignées, 1897, vol. II : fig. 174; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX : 465; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1922 (1923), vol. VI (1. 2) : 52 e 54 (chave); idem, Arq. Mus. Paran., 1947, vol. VI : 288.

LUCAS descreve o macho e, no final, aborda, em duas linhas, os caracteres que diferenciam a fêmea. Figura, contudo, apenas a fêmea, a disposição dos olhos e o comprimento relativo das suas pernas. A diagno-

se de LUCAS é omissa em vários pontos, de maneira que, uma determinação precisa só foi possível com a ajuda dos trabalhos de SIMON (1897) e MELLO-LEITÃO (1922). SIMON estuda *C. capito*, ligeiramente, ao fazer um balanço das espécies do gênero, e reproduz a figura 8 da diagnose original da espécie. MELLO-LEITÃO descreve um exemplar fêmea, coligido por ele em Petrópolis (Est. do Rio, Brasil), e o situa, páginas adiante, na sua chave para determinação das espécies brasileiras do gênero *Corinna* C. KOCH. De posse de dois indivíduos adultos de *C. capito*, um macho (E. 949 C. 1415), e outro fêmea (E. 948 C. 1414), ambos depositados na coleção de aracnídeos deste Departamento de Zoologia, e apanhados pela Sra. HELGA URBAN, no alto do bairro das Perdizes (cidade de São Paulo, Brasil), em 11 de junho e fevereiro de 1950, respectivamente, procuramos caracterizar melhor a espécie, estudando alguns pormenores que, ou não haviam sido ainda analisados, ou, em caso afirmativo, apenas muito pela rama.

♀

Comprimento do cefalotórax : 6.000*

Largura do cefalotórax (na altura da porção lateral externa das quelíceras) : 4.500.

Maior largura do cefalotórax (altura das ancas II) : 5.000.

Comprimento do abdômen : 6.000.

Largura do abdômen (tomada no ventre, na região epigástrica) : 3.000.

Comprimento do esterno : 2.962.

Largura do esterno : 2.325.

Distância entre as ancas IV : 0.337.

QUETOTAXIA : Perna I. Fêmur — dorsal 1 cerda espiniforme, prolateral 1, ventral e retrolateral sem. Patela — sem espinhos. Tíbia — apenas ventral onde temos 0 cerda espiniforme longa-1-1 c.e. longa-1. Protarso — apenas ventral 1-1 (quase formando par)-1-1. Perna II. Fêmur — dorsal 1 c.e., prolateral 0, ventral e retrolateral sem. Patela — sem. Tíbia — apenas ventral 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — apenas ventral 1-1-1-1. Perna III. Fêmur — dorsal 1 c.e.-1 (apical), prolateral, ventral e retrolateral sem. Patela — sem. Tíbia — dorsal sem, prolateral 1 c.e., ventral 2-2 (sendo 1 e 0) cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 2 cerdas espiniformes -1-1-0 (apical). Perna IV. Fêmur — dorsal 1 c.e.-1, prolateral, ventral e retrolateral sem. Patela sem. Tíbia — dorsal sem, prolateral idem, ventral 1-1 cerdas espiniformes, retrolateral 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 1-1 cerdas espiniformes -1-1 (no protarso esquerdo, 2)-1 (apical), retrolateral 1.

DENTIÇÃO : Retromargem das quelíceras com cinco dentes, aproximadamente molariformes, de ápice discretamente arredondado, o quinto sendo mais robusto que os outros, promargem com três, também molariformes, o segundo — aproximadamente tão robusto quanto o quinto da retromargem — sendo bem maior que os outros dois, e o terceiro sendo o

(*) As medidas do cefalotórax e do abdômen, na fêmea e no macho, foram tomadas com auxílio de compasso.

menor deles, separado do segundo de uma distância pouco menor que a sua largura, e situado na porção vertical da quelícera.

MEDIDAS DO PALPO :

Comprimento do fêmur : 2.250.
 " da patela + tibia : 2.400.
 " do tarso : 2.137.
 Total : 6.787.

QUETOTAXIA DO PALPO: Fêmur — dorsal 2 (pequenos e apicais), prolateral 0d (pequeno), ventral varias cerdas longas, retrolateral sem. Patela — dorsal 1 cerda espiniforme *p*. Tibia — dorsal sem, prolateral 1-0-1d-1d cerdas espiniformes, ventral sem, retrolateral 0d cerda espiniforme. Tarso — dorsal sem, prolateral 1 c.e.-1 c.e.dorsal-0 c.e.dorsal, ventral 1 c.e. (apical).

PERNAS : Tanto na fêmea como no macho, todos os fêmures com pêlos muito curtos e de implantação oblíqua, em pequena quantidade, principalmente existentes na superfície dorsal; superfície ventral com alguns pêlos longos, implantados perpendicularmente, dispostos numa ou duas séries longitudinais, com exceção da perna IV, onde eles são praticamente ausentes. Nos demais segmentos de todas as pernas, há associação de pêlos longos, uns de implantação perpendicular, outros de implantação oblíqua, com pêlos curtos, e oblíquos, mas todos esses pêlos são em pequena quantidade. Escópula da superfície ventral do tarso I, muitíssimo reduzida, quase ausente; no tarso II ela se restringe à metade final e nos tarsos III e IV, é bem desenvolvida, ocupando toda a extensão da superfície. Escópula dos protarsos I e II, bem desenvolvida, restrita apenas a quase toda a superfície ventral do segmento — faz exceção, pequeníssimo trecho basal, dela desprovido — ao passo que, nos protarsos III e IV, a escópula está presente somente no terço ventral, final, avançando para as superfícies prolateral e retrolateral.

♂

Comprimento do cefalotórax : 6.500.
 Largura do cefalotórax (altura das margens laterais das quelíceras) : 4.500.
 Maior largura do cefalotórax (altura das ancas II) : quase 5.500.
 Comprimento do abdômen : 6.000.
 Largura do abdômen (tomada no ventre, na altura da região epigástrica) : 3.000.
 Comprimento do esterno : 3.187.
 Largura do esterno : 2.400.
 Distância entrè as ancas IV : 0.375.

QUETOTAXIA: Perna I. Fêmur — Idêntico ao da fêmea. Patela — Idem. Tibia (direita) — dorsal sem, prolateral 1v, ventral 1 cerda espiniforme-1cerd.espinif., retrolateral sem. Tibia (esquerda) — ventral 1 c.e. — 1 -1 c.e. — 1. Protarso — Idêntico ao da fêmea. Perna II. Fêmur — dorsal 1 c.e., prolateral 0 c.e., restante, ventral e retrolateral idênticos à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tibia — Idem. Protarso (direito) — Idem. Protarso (esquerdo) — 1-1-1-1-1.

Perna III. Fêmur (direito) — dorsal 1-1 cerdas espiniformes, o resto idêntico à fêmea. Fêmur (esquerdo) — dorsal 1-1-1p-1, tôdas cerdas espiniformes, o restante idêntico à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tíbia — dorsal sem, prolateral (direita) — Idêntica à da fêmea, (esquerda) sem cerdas espiniformes, ventral 1-1-1-1 cerdas espiniformes, retrolateral (direita) — 1-1 cerdas espiniformes. Protarso — dorsal sem, prolateral 1, ventral 1-1 cerdas espiniformes -1-1-1 (apical, oculto no meio da escópula), retrolateral 1. Perna IV. Fêmur — dorsal 1 c.e.-0 c.e. o restante idêntico à fêmea. Patela — Idêntica à da fêmea. Tíbia — dorsal e prolateral idem da fêmea, ventral e retrolateral idem. Protarso — como no protarso direito da fêmea.

DENTIÇÃO: Promargem da quelícera com três dentes triangulares, que guardam a mesma distância entre si e se dispõem de modo idêntico àqueles da promargem da quelícera da fêmea, o segundo é o maior dêles, aproximadamente tão longo e robusto quanto o quinto da retromargem, o menor é o terceiro. Retromargem com cinco dentes triangulares, muito difíceis de serem observados sem que a quelícera seja destacada do animal, pois, além de terem o mesmo colorido escuro daquela, são, em grande parte, ocultos pela escópula, bastante desenvolvida, das lâminas maxilares. Esses cinco dentes são igualmente distanciados por um espaço muito pequeno, o quinto é mais robusto que os outros quatro, os quais têm o mesmo desenvolvimento.

TÍBIA DO PALPO: LUCAS, ao descrever a tíbia do palpo do macho, diz que ela possui, *inferiormente*, (*) no seu bordo látero-externo, um "crochet allongé et assez fortement recourbé" (êle se refere, aqui, à apófise superior, maior, e omite qualquer referência à apófise inferior, bem menor). Ora, a localização exata da citada apófise, conforme se poderá ver nos desenhos anexos, é na porção superior da tíbia, ou melhor, como diz SIMON (1897: 194), que descreve concisa e precisamente essas apófises, elas são "apicales externes". A margem externa da maior apófise, logo em seguida à menor apófise, se arredonda e, depois, passa a correr paralelamente à margem interna dela. Na porção ventral da maior apófise, nota-se como que uma goteira, formada pelo rebatimento, no plano ventral, do revestimento dorsal da citada apófise.

MEDIDAS DO PALPO: Comprimento do fêmur: 2.587. Patela + Tíbia: 2.175.

QUETOTAXIA DO PALPO: Fêmur — dorsal 2 (pequenos e apicais) e ventral — inúmeras cerdas mais ou menos longas.

BULBO GENITAL: Cymbium com pequeno tubérculo num dos lados da sua porção ventro-basal, alvéolo muito desenvolvido, ocupando mais da metade da região ventral do cymbium, subtegulum incompleto, isto é, não protegendo a porção basal do bulbo genital em toda a sua volta, mas apenas uma parte, como se vê no respectivo desenho. Tegulum existente na região dorsal e numa das porções laterais do bulbo. Na primeira, o tegulum é muito quitinizado e convexo, e, na segunda — do lado onde se situa a origem do reservatório — êle é menos quitinizado. Fundus com a forma de uma retorta, trajeto do reservatório e ducto ejaculador, no bulbo genital, como se vê no desenho, apófise mediana, cuja forma imita, grosseiramente, a do dedo indicador humano, situada

(*) O grifo é nosso.

na porção superior do bulbo, próxima a uma das inserções da apófise terminal e se articulando com o tegulum. Radix ausente, estipe de forma triangular, com a base voltada para o tegulum, êmbolo — que está em continuação ao estipe — longo e muito fino, em sua maior parte alojado numa espécie de canaleta da porção membranosa da apófise terminal; a extremidade final do êmbolo, também se aloja numa pequena depressão da porção afilada, quitinosa, da apófise terminal, porção esta que o protege, fazendo as vezes de condutor o qual, nesta espécie e no seu verdadeiro sentido, é inexistente.

DIMORFISMO : Como se vê, linhas atrás, o macho, além de ter comprimento total e largura máxima do cefalotórax, maiores que o correspondente, na fêmea, ainda se diferencia desta pelas maiores dimensões do esterno, maior afastamento das ancas IV, e forma dos dentes. Quer parecer-nos, contudo, que o macho se distingue da fêmea também por outros caracteres, a saber : no macho, a promargem da quelícera tem muitos pêlos longos, rufescentes, ausentes na fêmea; no macho, a porção supero interna das lâminas maxilares tem escópula constituída de abundantes pêlos longos, ao passo que, na fêmea, os pêlos são muito curtos; no macho, a garra da quelícera é mais longa que a da fêmea, ultrapassando, ligeiramente, quando em repouso, o quinto dente da retromargem, enquanto que, na fêmea, ela alcança o nível do quinto dente da retromargem. Além da diferença de comprimento, a garra do macho ainda se distingue daquela da fêmea, por ter a extremidade final aguçada, e na fêmea, dita extremidade é mais robusta, não aguçada, mas sim arredondada. Quanto ao colorido, não há diferença apreciável entre macho e fêmea. Em ambos, o dorso do abdômen é fusco-arroxeadado uniforme (no material tipo, segundo se lê em LUCAS, êle é “d’un noir rougeâtre brillant”), como na fêmea descrita por MELLO-LEITÃO. O ventre é mais claro no macho que na fêmea, e as duas faixas laterais do mesmo, são esbranquiçadas no macho e amarelas na fêmea. A porção anterior do dorso do abdômen do macho é recoberta por um pequeno escudo, ausente na fêmea.

COMPRIMENTO DAS PERNAS (em micra)

♂						♀					
Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total	Pernas	Fêmur	Patela + Tibia	Protarso	Tarso	Total
I	5.625	6.900	4.012	2.137	18.674	I	4.650	5.887	3.375	1.912	15.824
II	4.762	6.000	3.712	1.875	16.349	II	4.237	5.325	3.337	1.725	14.624
III	4.087	4.612	3.337	1.462	13.498	III	3.750	4.275	3.112	1.425	12.562
IV	5.137	6.112	4.800	1.537	17.586	IV	4.650	5.887	4.312	1.575	16.424

O macho, portanto, tem pernas mais longas que as da fêmea. Na fêmea mantém-se a relação IV, I, II e III do gênero *Corinna*, o mesmo não sucedendo com o macho, onde a perna IV é ligeiramente menor que

I. O exame das tabelas de comprimento das pernas de cinco espécies de *Corinna* (*), cada uma destas representadas pelo macho e fêmea respectiva, nos mostrou apenas um caso (*C. nitens* [KEYS., 1891]), semelhante ao nosso, ou seja, a perna IV menor que a perna I, e o fêmur e a patela + tibia IV, do macho, também menores que os correspondentes da perna I. Isto talvez signifique um caráter de dimorfismo sexual em *C. capito*, cujos machos teriam I, IV, II e III, e as fêmeas IV, I, II e III, sendo que, nos machos, o fêmur e a patela + tibia IV, são menores que aqueles da perna I, e na fêmea esses mesmos segmentos IV, são iguais ou maiores que em I. Apenas com o fito de alertar os estudiosos, queremos aproveitar a oportunidade para fazer algumas considerações sobre o comprimento das pernas no gênero *Corinna*. A observação de vinte e sete (**) tabelas de medidas do comprimento das pernas, nos mostrou que, com exceção do macho de *C. bonneti* CAPORIACCO, o protarso da perna IV é sempre maior que o protarso da perna I, tanto nos machos como nas fêmeas, atingindo essa diferença a quase três milímetros (2,9 mms.) no macho de *C. apophysaria* CAP., por exemplo. Os outros segmentos da perna IV variam, em dimensões, relativamente àqueles da perna I, sendo ora maiores, ora menores, ora iguais. Seria mais um característico a se acrescentar aos do gênero *Corinna*, onde a perna IV seria, quase sempre, maior que I, e o protarso IV, especialmente, maior que o protarso I. Quanto ao comprimento das pernas II e III, o exame das vinte e sete tabelas de medidas das pernas (***) mostrou que, com exceção de *C. tridentina* MELLO-LEITÃO, a perna II é sempre maior que III. Esta espécie, a julgar pela sua resumida descrição, parece, de fato, pertencer ao gênero *Corinna*. Talvez, por mero equívoco, tenha havido uma transposição, isto é, as medidas das pernas II colocadas na linha reservada às da perna III e vice-versa.

Para SIMON (1897: 192), *Corinna capito*, juntamente com *C. rubripes* C. KOCH, 1842, *C. loricata* BERTKAU, 1880 e *C. nitens* (KEYS.,

(*) *C. bonneti* CAP., 1947, *C. apophysaria* CAP., 1947, *C. humilis* (KEYS., 1887), *C. nitens* (KEYS., 1891) e *C. pennata* CAP., 1947.

(**) *C. abnormis* PETRUNK., 1930 (♂), *C. bulbosa* CAMBR., 1899 (♀) (in PETRUNKOVITCH, 1925 Trans. Conn. Acad. Arts. and Sciences. vol. 27: 157), *C. cleonei* PETRUNK., 1926 (♀), *C. guanicæ* PETRUNK., 1930 (♂ jov.), *C. jayuyee* PETRUNK., 1930 (♀), *C. luteomaculata* PETRUNK., 1925 (♀), *C. wheeleri* PETRUNK., 1930 (♂), *C. annamæ* GERTSCH e DAVIS, 1940 (♂), *C. bonneti* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. apophysaria* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. flavipes* (KEYS., 1891) (♂), *C. gracilipes* (KEYS., 1887) (♀), *C. humilis* (KEYS., 1887) (♂ e ♀), *C. nitens* (KEYS., 1891) (♂ e ♀), *C. parva* (KEYS., 1891) (♀), *C. pennata* CAP., 1947 (♂ e ♀), *C. spinifera* (KEYS., 1887) (♀), *C. vitiosa* (KEYS., 1891) (♀), *C. vertebrata* M. L., 1939 (♀) (= *C. stigmatica* SIMON, 1897), *C. pennicillata* M. L., 1939 (♂), *C. travassosi* M. L., 1939 (♀) e *C. tridentina* M. L., 1937 (♀). As tabelas, consultadas, de medidas do comprimento das pernas das espécies de CAPORIACCO, são as constantes do seu trabalho publicado em Proc. Zool. Soc., 1948, vol. 118, part. III: 674, 675 e 676.

(***) Com exceção de *C. annamæ* (os autores dão apenas as medidas das pernas I e IV) e o acréscimo de *C. botucatensis* (KEYS., 1891) (♀), as tabelas examinadas são as mesmas das espécies já nomeadas na nota (**). Deixam de ser analisadas as demais espécies do gênero, ou por carência bibliográfica, ou pela ausência, nas descrições, das medidas que nos interessavam. Essas ausências são freqüentes nas descrições de SIMON, N. BANKS e E. BRYANT. CAMBRIDGE se limita a anotar, relativamente às medidas dos comprimentos das pernas, as dimensões da patela tibia I, III e IV e protarso IV — às vezes, protarso I — e BERTKAU somente se refere ao comprimento total de cada perna.

1891), "ne porte que 4 dents contigües". A afirmação de SIMON, parece-nos, é baseada apenas no exame do casal que serviu para LUCAS descrever a sua nova espécie. Os exemplares, ora estudados, mostram como pode haver uma variação no número de dentes da retromargem da quelícera. O mesmo sucede com *C. loricata*, cujo tipo, por exemplo, conforme se lê na descrição original (1880: 52), tem, na margem inferior, "...5 gleich starken Zähnen...". A distribuição geográfica de *Corinna capito*, até hoje só notificada no Brasil, passa a ser a seguinte: Proximidades do Rio de Janeiro (CASTELNAU, 1857), Petrópolis (Estado do Rio, MELLO-LEITÃO, 1922), Curitiba e Volta Grande (Estado do Paraná, MELLO-LEITÃO, 1947) e cidade de São Paulo (Estado de São Paulo).

*
* *
*

Castaneira varia Keyserling

(Fig. 5, a a g)

Castaneira varia KEYSERLING, Spinnen Amerikas (Brasilianische Spinnen), 1891: 69, pl. II, figs. 38 e 38 a; PETRUNKEVITCH, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., 1911, vol. XXIX: 456; MELLO-LEITÃO, Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 1922, vol. VI (1-2): 44 e 47; idem, Rev. Mus. Paul., 1927, vol. XV: 398; idem, Arch. Mus. Nac., 1943, vol. XXXVII: 218.

Abstração feita do bulbo genital, que MELLO-LEITÃO (1922: 44) se limita a assinalar ser "muito grande e de estrutura muito complicada", o palpo do alótipo macho desta espécie é descrito, por esse autor, sumariamente. Das duas apófises da tibia do palpo, a inferior ou menor, parece ser formada por duas porções, isto é, uma lâmina quitinizada, superior, e outra porção maior, como que membranosa, inferior, com uma ligeira canaleta ventro apicalmente e ultrapassando, em comprimento, muito pouco, à lâmina quitinizada. Essa apófise inferior forma, com a apófise superior da tibia, um ângulo aproximadamente reto. A apófise superior, além de ser muito maior e truncada, como já o acentuou MELLO-LEITÃO (1922: 44), possui, na sua metade final, ventral, dois tubérculos, dos quais o segundo é bem maior que o primeiro. Esses tubérculos são bem visíveis quando a dita apófise é examinada de perfil, conforme se verá no desenho correspondente. Na descrição original, lê-se que a fêmea possui, na porção dorsal anterior do abdômen, uma placa oval, extremamente pequena. No macho, dita placa é maior, ocupando, aproximadamente, a metade daquela região. Retromargem da quelícera com dois dentes, separados um do outro de uma e meia vez, mais ou menos, a largura do primeiro, que é um pouco mais robusto que o segundo; promargem com três dentes, dos quais o segundo, de forma triangular, é o maior de todos os dentes da quelícera, e o terceiro, muito pequeno, é o menor deles.

Exemplar macho n.º E. 126 C. 1416, na coleção de aracnídeos do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, JOÃO DAMICO colecionou em Dezembro de 1941.

PROCEDÊNCIA: Vila Ema, São Paulo (Capital), Brasil.

*
* *
*

Julgamos caber aqui um apêlo aos aracnólogos, no sentido de procurarem ilustrar os seus trabalhos com desenhos do bulbo genital dos

machos, dissecados, e as peças que o formam, relacionadas e nomeadas. Até o momento, os sistematas, em sua grande maioria, têm se limitado a dar um simples desenho daquela estrutura, tal qual ela se apresenta no animal, isto é, sem dissecá-la, visando apenas a separação da forma em estudo. Mesmo assim, êsses desenhos, sem dúvida que grosseiros, pois que nos possibilitam somente uma visão de conjunto, têm constituído, quando corretamente executados, um precioso auxiliar na diagnose das espécies. Esta comodidade que nos permite, com pequeno esforço, obter o resultado almejado, é, a nosso ver, a grande responsável pelo absoluto descaso com que os sistematas têm tratado, nos seus trabalhos, da estrutura do órgão copulador dos machos. Temos nos guiado, até aqui, por um imediatismo muito prejudicial, que nos leva a pôr de lado, como desnecessário, tudo o que é mais complexo e demorado, em proveito do que é mais rápido e mais simples. Êsse procedimento, convenhamos, não é científico. Desenhar, como vimos fazendo, um bulbo genital fechado, sem nos esforçarmos por conhecer quais as peças que estão em nossa presença, quais as variações que sofreram, como se relacionam entre si, é contribuir para o atraso da aracnologia. É desenhar um conjunto de pequenas estruturas que o próprio autor não sabe o que significam. Forçoso se nos parece, portanto, que estudemos, minuciosamente, a morfologia do órgão copulador masculino das aranhas. E, publicando os nossos trabalhos, com os respectivos desenhos — onde as várias peças se achem denominadas — tenhamos a oportunidade de não só expor as conclusões, como também aquela de receber críticas construtivas. Somente assim, acreditamos, é que estaremos contribuindo, realmente, para o progresso de um importantíssimo capítulo da aracnologia. Se os aracnólogos do mundo todo, que se dedicam à sistemática, se compenetrassem das vantagens desse procedimento, fácil será avaliarmos das numerosas e valiosíssimas observações sobre a estrutura do bulbo genital dos machos, que ficaríamos conhecendo. Não nos faltam, para orientarem nossos trabalhos, algumas contribuições morfológicas relativas àquele órgão (HARM, SZOMBATHY, OSTERLOH, GERHARDT, EWING, BACELAR, COMSTOCK, etc.). Resta-nos, apenas, aplicar êsses ensinamentos à caracterização das espécies que estudamos. O que — repetindo — ainda é muito pouco praticado na sistemática aracnológica.

A B S T R A C T

Under the title "Description of two alotypes and a few morphological annotations on brasilian spiders (Arachnida — Araneae (*Dysderidae*, *Argiopidae*, *Selenopidae* and *Clubionidae*)), the author describes tre alotypes of *Ariadna crassipalpus* (BLACKWALL) and *Micrathena henseli* REIMOSER, and studies a few morphological characters of *Selenops Cocheleti* SIMON, *Corinna capito* (LUCAS) and *Castaneira varia* KEYSERLING, with the intention of making them better known. For the description of the alotypes, he frequently uses ROBERT RIDGWAY's color album, to give a better presentation of color diversity. After describing the alotype of *M. henseli*, some observation is made on size and structural variation of the abdominal spines — the superior one larger, and the immediately inferior one smaller — as well as the angle variation between them in the females of the species. The anterior type designation of the author for the genus *Micrathena*, is corrected. The author concludes that *M. clypeata* C. KOCH, cannot be maintained as the type of *Micrathena*, and that the true type should be *M. spinosa* (LINEU, 1758). A transcription is given of the original diagnosis of male and female of *Selenops Cocheleti*, on account of

the rarity of the volume that contains the description. In sequence, the genital bulb is described, based on dissection. In relation to *Corinna capito*, and based on both sexes, collected in São Paulo, Brazil, body measures, chetotaxy, palp measurements, and mandible dentition are given. The superior and inferior apophyses of the palp tibia of the male is described, with an observation on Luca's incorrect description on their localisation. The genital bulb of *C. capito* was also dissected and is described. The author establishes a comparison between female and male characters, and adds other dimorphic structures. After giving leg measures in both sexes, he concludes, based on his own table numbers, and information from five other charts of species of *Corinna*, also based on both sexes, that in the male of *C. capito*, the legs follow the order I, IV, II and III, and the femur and patella + tibia IV, are smaller than those of the first leg, whereas in the female the legs are in order IV, I, II and III, and the same segments IV are equal or larger than that of leg I. Based on the information of 27 charts of leg measurements of species of *Corinna*, collected from various authors, he tries to establish the order IV, I, II and III, and the predominance of length of protarso IV, in relation to protarso I. A little observation on the size of legs II and III on *Corinna*, is made. Finally the study of *C. capito* is completed with some comment on Simon's opinion in relation to the number of teeth of the inferior margin of the mandible, and the geographical distribution of this species, restricted up to now to Brazil, is given. A study of the apophysis of the male palp tibia of *Castaneira varia* is made, together with a description of the mandible dentition. The paper is illustrated with 45 figures and all specimens studied come from Brazil. The author also stresses the importance of bulb dissection for the correlation of structures and their nomenclature. He is of the opinion that the custom still followed by most contemporary authors of drawing the bulb in a closed aspect, without the examination of internal structure has largely contributed to delay the advancement of arachnological systematics.

B I B L I O G R A F I A

- BERTKAU, Dr. PH., 1880, Verzeichniss der von Prof. Ed. van Beneden auf seiner Reise nach Brasilien und La Plata I. J. 1872 — 75 Gesammelten Arachniden. Mémoires couronnés et Mémoires des savants étrangers, publiés par l'Acad. R. Sc. Belgique, vol. XLIII: 1 — 120, pl. I — II, 41 figs..
- BLACKWALL, J., 1863, Descriptions of newly discovered Spiders captured in Rio de Janeiro by John Gray, Esq., and the Rev. Hamlet Clark. Ann. Mag. Nat. Hist., vol. XI (third series): 29 — 45.
- CAMARGO, HÉLIO F. DE ALMEIDA, 1950, Contribuição ao Estudo das Aranhas Brasileiras (Arachnida — Araneae) Três Espécies Novas e Uma Pouco Conhecida. Pap. Av. Dep. Zool., vol. IX (15): 223 — 248, 4 est., 22 figs..
- MELLO-LEITÃO, 1918, Drassoideas do Brasil. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., vol. II (1-2): 17 — 74, 43 figs..
- MELLO-LEITÃO, 1922, Novas Clubionidas do Brasil. Arch. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., vol. VI (1-2): 17 — 56.
- MELLO-LEITÃO, C. DE, 1947, Aranhas do Paraná e Santa Catarina, Das Coleções do Museu Paranaense. Arq. Mus. Paranaense, vol. VI: 231 — 304, ests. XXXIII-XLII, 54 figs..
- SIMON, EUGÈNE, 1892 — 1895, Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Premier, VII + 1084 pgs., 1098 figs.. Librairie Encyclopédique de Roret, ed.. Paris.
- SIMON, EUGÈNE, 1897 — 1903, Histoire Naturelle des Araignées, Deuxième Édition, Tome Second, 1080 pgs., 1122 figs.. Encyclopédie Roret, L. Mulo, Libraire — Éditeur. Paris.

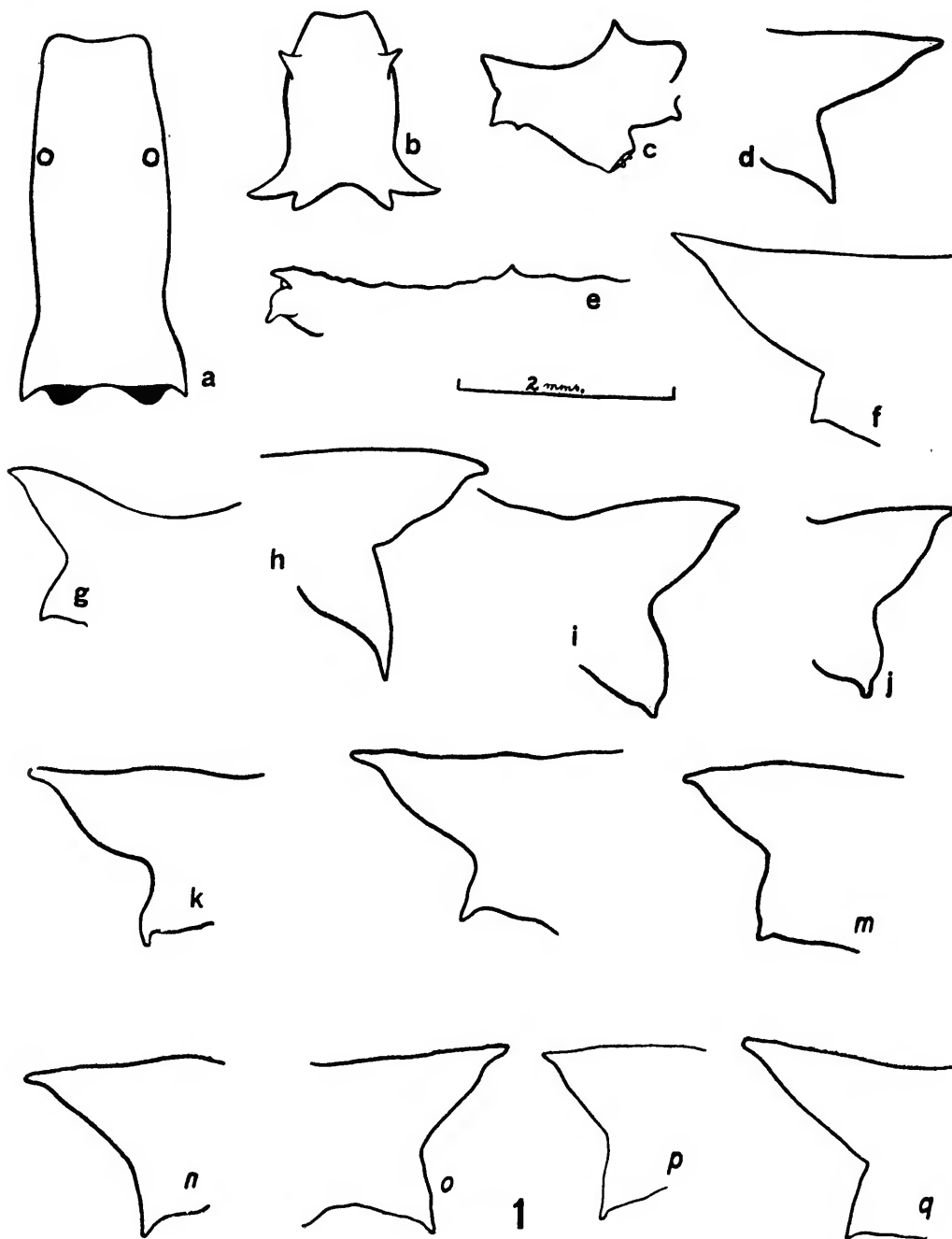


Figura 1

a) Vista dorsal do abdômen de *M. henseli* (♂); b) Vista dorsal do abdômen de *M. henseli* (♀) (apud REIMOSER, op. cit., taf. VII, fig 19); c) Perfil do abdômen de *M. henseli* (♀) (apud REIMOSER, idem); d a q) Perfil dos espinhos superior e inferior (maior), posteriores, do abdômen das ♀♀ de *M. henseli*, afim de mostrar, entre eles, a variação de tamanho, forma e ângulo.

d, f, g, h = E. 246
 i, j, k, l = E. 241
 m, q = E. 263
 n, o, p = E. 271

e) Perfil do abdômen de *M. henseli* (♂). Com exceção de b e c, todos os desenhos na mesma escala.

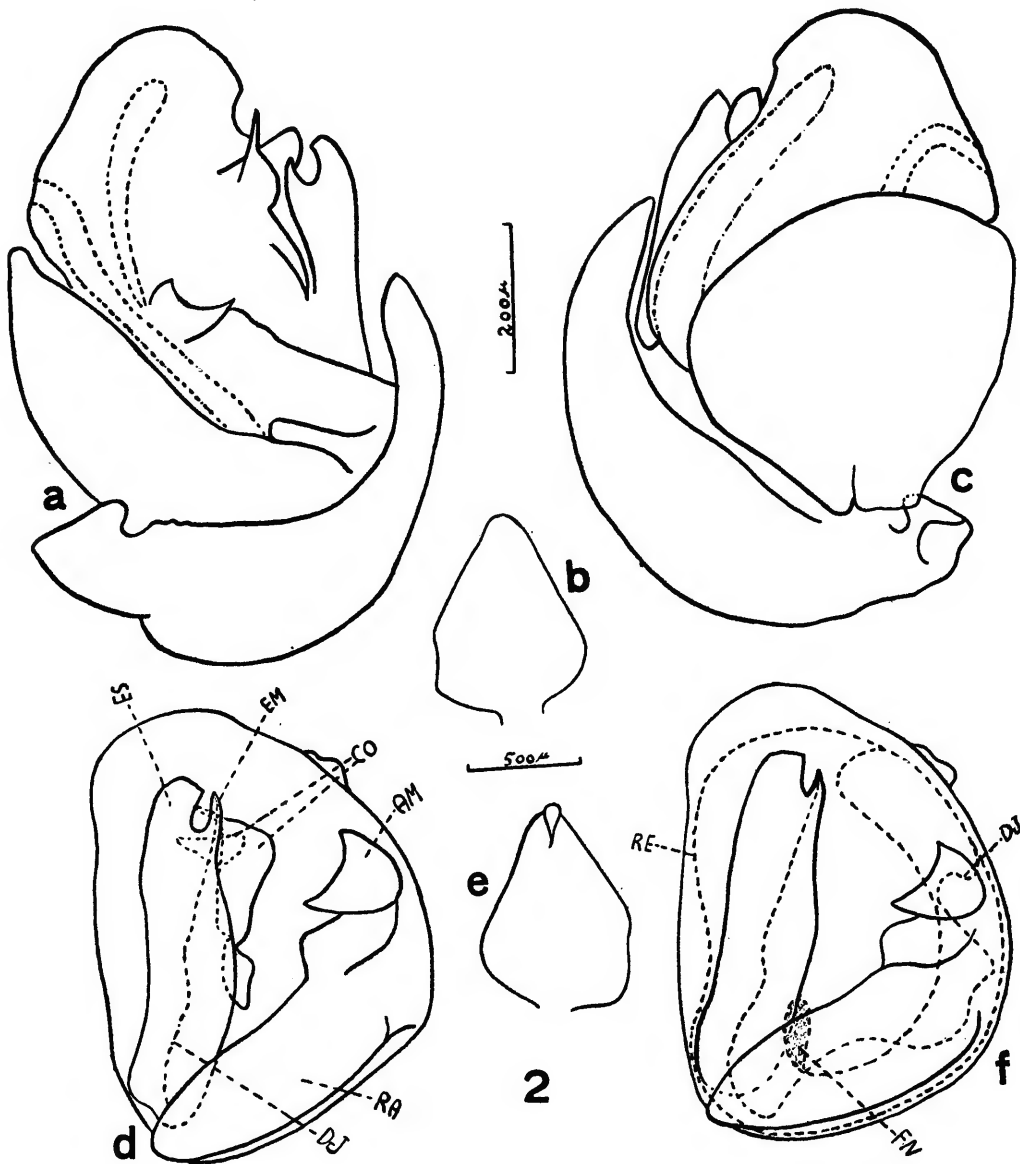


Figura 2

- a) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*; b) Vista dorsal da quelícera de *M. henseli* (δ); c) Vista dorsal do bulbo genital de *M. henseli*; d) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*, porém dissecado. Sub-tegulum não representado; e) Vista ventral da quelícera de *M. henseli* (δ); f) Vista ventral do bulbo genital de *M. henseli*, dissecado, evidenciando a posição do *fundus* e o trajeto do *reservatório* e *ducto ejaculador* (vide descrição). Para maior clareza, deixam de ser figurados o condutor e o sub-tegulum.

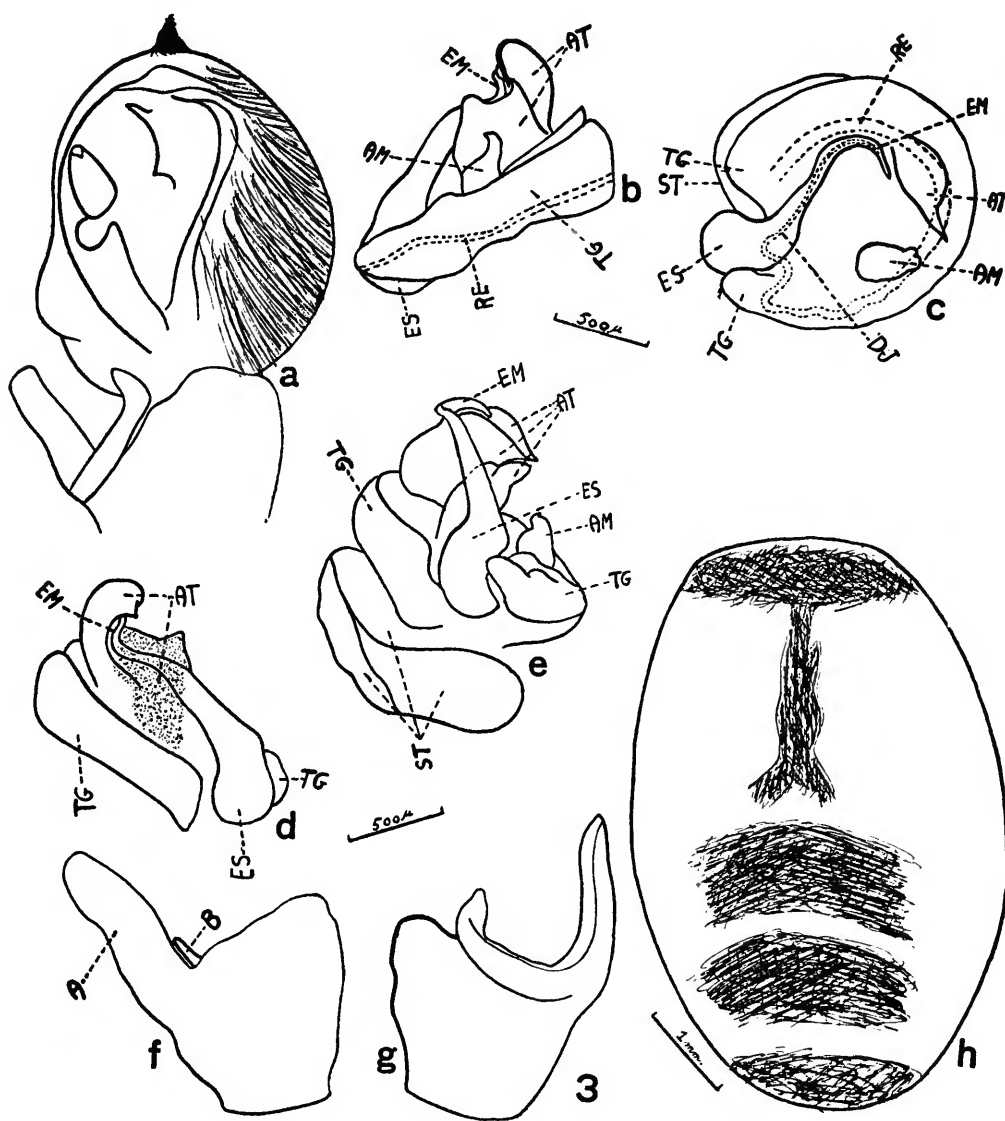


Figura 3

- a) Vista ventral do bulbo genital de *S. Cocheleti*; b) Detalhe do tegulum e subdivisão embólica do bulbo genital, dissecado, de *S. Cocheleti*; c) Bulbo genital de *S. Cocheleti*, dissecado, visto por cima, mostrando o trajeto do reservatório e ducto ejaculador; d) Idem b, porém ventral; e) Vista ventral do bulbo genital de *S. Cocheleti*, porém dissecado; f) Vista dorsal da tíbia do palpo do ♂ de *S. Cocheleti*, evidenciando as duas apófises, a maior e a menor; g) Idem, porém vista ventral; h) Dorso do abdômen de *A. crassipalpus* (♀), para mostrar a disposição das faixas (vide descrição).

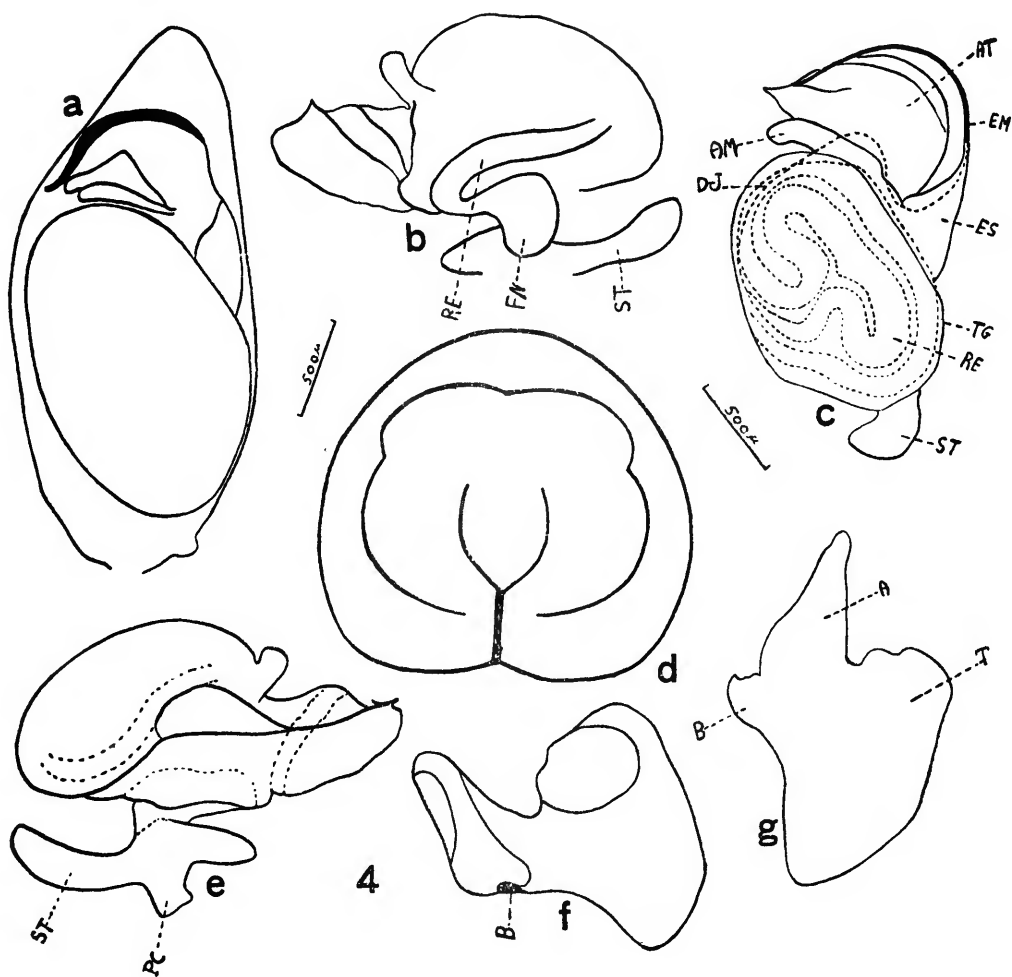


Figura 4

- a) Vista ventral do bulbo genital de *C. capito*; b) Vista lateral do bulbo genital de *C. capito*, dissecado, mostrando a localização e a forma do *fundus* e o início do *reservatório*. Hematódoea basal bastante afastada para permitir boa visão do *fundus*; c) Vista ventral do bulbo genital de *C. capito*, dissecado. Embolo, consequentemente, um tanto afastado de sua posição normal (vide descrição). Subtegulum representado apenas em parte; d) Epigino de *C. capito*; e) Vista lateral do bulbo genital de *C. capito* para mostrar o subtegulum que não é completo; f) Vista ventral da tíbia do palpo do ♂ de *C. capito*, evidenciando as suas duas apófises, a maior e a menor, que, nesta posição é vista com dificuldade (vide descrição); g) Vista látero-ventral-interna da tíbia do palpo do ♂ de *C. capito*, para mostrar a menor apófise, bem visível nesta posição. Exceção feita de d, todos os demais desenhos na mesma escala.

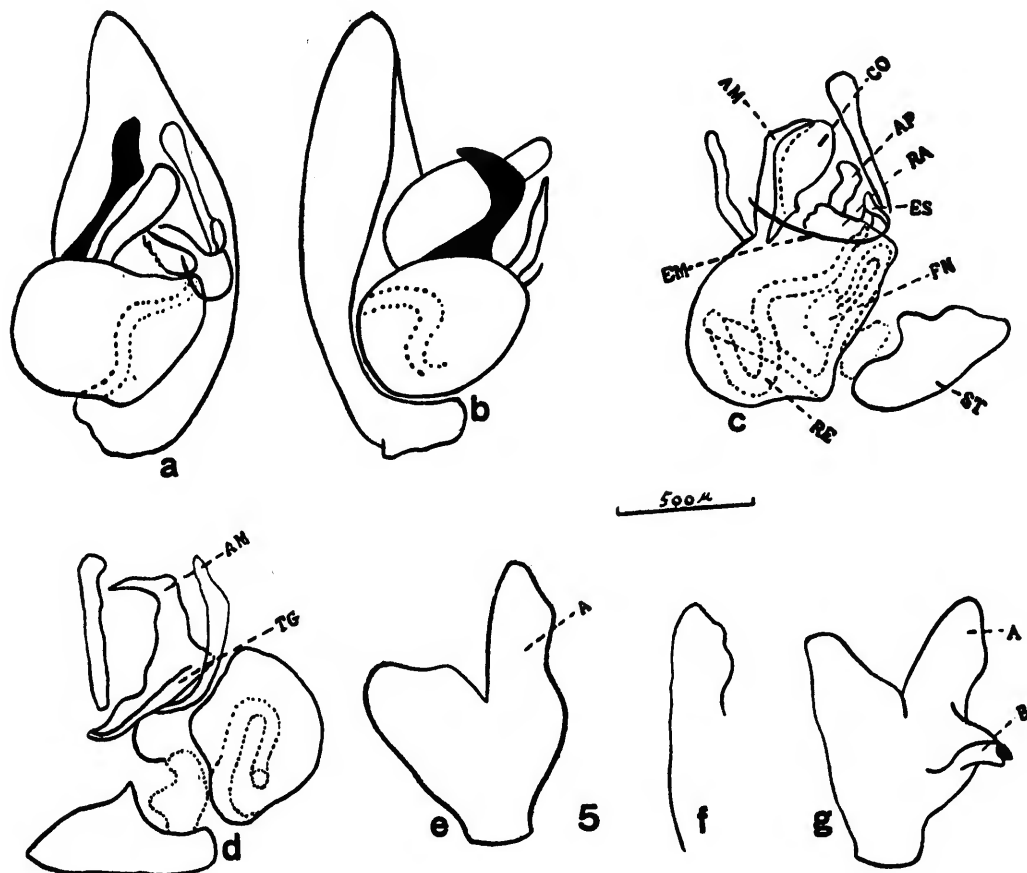


Figura 5

- a) Vista ventral do bulbo genital de *C. varia*; b) Idem, vista lateral; c) Vista ventral do bulbo genital de *C. varia*, porém dissecado; d) Idem, vista dorsal; e) Vista ventral da tibia do palpo do ♂ de *C. varia*. Apenas se vê a apófise maior; a menor deixa de ser representada; f) Perfil da apófise maior da tibia do palpo do ♂ de *C. varia*, mostrando os seus dois tubérculos ventrais; g) Apófises superior e inferior da tibia do palpo do ♂ de *C. varia* (vide descrição).

O GÊNERO *PULCHROSOMA* TRAVASSOS, 1916 E SUA SITUAÇÃO NO SISTEMA DE TREMATÓDEOS

p o r

LAURO TRAVASSOS (*)

Quando, em 1916, descrevemos o gênero *Pulchrosoma*, incluímo-lo erroneamente na subfamília *Omphalometrinae* LOOSS, 1899; este critério foi mantido nos trabalhos de 1928 e 1939.

Estudos posteriores nos demonstraram que se tratava de gênero muito mais próximo dos *Echinostomatidae* pela ausência de uma espermateca e pela estrutura da vesícula excretora, caracteres que o afastam de *Omphalometra*. Em 1929 tivemos oportunidade de capturar e examinar exemplares de *Cathaemasia* e verificar o parentesco entre *Cathaemasia* e *Pulchrosoma*. HARWOOD, em 1936, reestudou o *Distomum reticulatum* WRIGHT, 1879 e julgou dever incluí-lo no gênero *Cathaemasia* LOOSS, 1899. OLSEN, em 1940 e ZELIFF, em 1941, são da mesma opinião. MANTER, em 1949, também considera os gêneros *Cathaemasia* e *Pulchrosoma* idênticos. CABALLERO & FLORES, em 1949, vão ainda mais longe, considerando não só o gênero *Pulchrosoma* idêntico à *Cathaemasia*, como as espécies *reticulata* e *pulchrosoma* igualmente idênticas; em seu trabalho dão ótima figura de *Pulchrosoma pulchrosoma* que denominam de *Cathaemasia reticulata*.

Discordamos da identidade dos gêneros e quanto à diversidade específica é evidente. Para que fique estabelecido de modo preciso a posição dos gêneros *Pulchrosoma* e *Cathaemasia* faremos um estudo geral dos trematódeos incluídos atualmente na família *Cathaemasiidae* FUHRMANN, 1928, família esta já aceita por BAER, DAWES e DOLLFUS.

A família *Cathaemasiidae* foi proposta por FUHRMANN, em 1928, sendo nela implicitamente incluído o gênero *Cathaemasia* LOOSS, 1899. No mesmo trabalho, à página 125, inclui na sua família, além do gênero *Cathaemasia*, o gênero *Mehlisia* JOHNSTON, 1913. Aceito este critério, a família de FUHRMANN não poderia permanecer, visto ter JOHNSTON, em 1913, ao estabelecer o gênero *Mehlisia* incluído em nova subfamília, *Mehlisiinae*, ao lado de *Fasciolinae*, *Echinostominae* e *Psilochasminae*, subfamílias que hoje são consideradas com valor de família. A família *Cathaemasiidae* somente poderá ser mantida se dela fôr afastado o gênero *Mehlisia* ou se a considerarmos com duas subfamílias *Cathaemasiinae*

(*) Do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

DOLLFUS 1950 e *Mehlisinae* JOHNSTON, 1913. Julgamos a primeira hipótese a mais aceitável, devendo-se dar valor de família a *Mehlisinae*.*

Em 1939 incluímos na subfamília *Omphalometrinae* LOOSS, 1899 os gêneros *Omphalometra* LOOSS, 1899, *Cathaemasia* LOOSS, 1899, *Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916, *Pulchrosomoides* FREITAS & LENT, 1932, *Trifolium* TRAVASSOS, 1922, *Ribeiroia* TRAVASSOS, 1939 e, com dúvida, *Mehlisia* JOHNSTON, 1913 e *Testifrondosa* BHALERAO, 1924.

CHATTERJI, em 1943, julga que *Testifrondosa* é idêntico a *Paryphostomum sufrartifex* (LANE, 1915). BAER, em 1932, demonstra que *Omphalometra* muito se afasta de *Cathaemasia* devendo antes se aproximar de *Lepodermatidae* (= *Plagiorchidae*). *Mehlisia* também nos parece não ficar bem colocada ao lado de *Cathaemasia*. Para não sobrecarregar a nomenclatura com nomes que venham a não ser mantidos por melhores estudos posteriores, visto não ser conhecida a evolução de muitas espécies deste grupo de trematódeos, colocaremos o gênero *Mehlisia* em subfamília de *Cathaemasidae*. O trematódeo descrito em 1940 por OLSEN sob o nome de *Cathaemasia nycticoracidis* não pode ser incluído em *Cathaemasia* pela disposição dos vitelinos bem como pelo grande desenvolvimento do setor ímpar do intestino e grande desenvolvimento das ventosas.

Caso se venha a confirmar nesta espécie a ausência de espinhos circum-oraes ela deverá ser incluída em gênero à parte. *Pulchrosomoides* FREITAS & LENT, 1932 é um *Echinostomatidae* como verificamos pelo exame dos parátipos (fig. 30).

Resumindo, consideramos a família *Cathamasidae* FUHRMANN, 1928, fazendo parte da grande superfamília *Echinostomatoidea* FAUST, 1929 e situada ao lado de *Echinostomatidae* (DIETZ, 1909); *Rhopallidae* (LOOSS, 1899); *Chaunocephalidae* n. fam.; *Balfouridae* n. fam. e provavelmente de outras que serão estabelecidas quando se fizer uma revisão cuidadosa dos *Echinostomatidae*.

Definimos *Chaunocephalidae* n. fam. do modo seguinte: *Echinostomatoidea* com corôa circum-oral de grandes espinhos, corpo fortemente dilatado adiante do acetábulo; vitelinos ocupando toda a área da porção dilatada do corpo e também o segmento post-acetabular; esôfago enormemente dilatado e sacciforme, ocupando grande parte da porção dilatada do corpo; útero post-acetabular. Gênero tipo: *Chaunocephalus* DIETZ, 1909.

HABITAT — Glândulas de Lieberkühn do intestino delgado de aves.

Definimos *Balfouridae* n. fam. do modo seguinte: *Echinostomatoidea* com corôa circum-oral de grandes espinhos; com a porção mediana do corpo enormemente dilatada; acetábulo e vitelinos laterais situados na porção dilatada do corpo; útero muito desenvolvido, em grande parte pre-acetabular e adiante do poro genital. Gênero tipo: *Balfouria* LEIPER, 1908.

HABITAT — Glândulas de Lieberkühn do intestino de aves.

(*) As regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica não cogitam de casos idênticos ao presente. Não é lógico, porém, que no caso de família e subfamília seja adotado critério diverso do estabelecido para os casos de gênero e subgênero ou de espécie e subespécie.

Estas duas famílias apresentam um certo número de caracteres convergentes pois ambas apresentam uma parte do corpo muito dilatada e habitam as paredes do tubo intestinal. Em oposição, a situação dos vitelinos em *Chaunocephalidae* é peculiar pois ocupam toda a área do corpo pre-acetabular e se estendem também à porção posterior, onde se localizam os órgãos de reprodução. Em *Balfouridae* existe uma grande dilatação da porção média do corpo que é ocupada em grande parte pelo útero muito desenvolvido e que apresenta a peculiaridade de ficar em grande parte pre-acetabular e adiante do poro genital. Os vitelinos ficam situados exclusivamente nas partes laterais da porção dilatada do corpo.

Na família *Cathaemasiidae* FUHRMANN, incluímos os seguintes gêneros: *Cathaemasia* LOOSS, 1899; *Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916; *Cathaemasioides* FREITAS, 1941; *Ribeiroia* TRAVASSOS, 1939 e *Trifolium* TRAVASSOS, 1922. Estes gêneros são nitidamente separados em dois grupos.

O gênero *Cathaemasia*, *Pulchrosoma* e *Cathaemasioides* apresentam grandes afinidades e constituem um grupo bem característico. *Trifolium* e *Ribeiroia* são igualmente afins. O primeiro grupo apresenta esôfago normal ou muito curto e os vitelinos não ultrapassam a zona acetabular e os testículos são mais ou menos ramificados. Habitam o esôfago ou os sacos aéreos dos hospedadores. O segundo grupo se caracteriza por apresentar no esôfago dilatações laterais, formando fundo de saco e os vitelinos ultrapassam a zona acetabular; os testículos são redondos ou apenas lobados. Habitam o esôfago ou glândulas do estômago.

Pulchrosomoides, como referimos atrás, apresenta uma coroa circun-oral de espinhos rudimentares. Examinamos o tipo e parátipos desta espécie e pudemos verificar que em alguns exemplares os espinhos estão presentes, porém no tipo faltam inteiramente, provavelmente em virtude da compressão violenta do corpo. Damos o desenho da extremidade anterior de um parátipo (fig. 30).

O gênero *Mehlisia* também incluído nesta família muito se afasta dos outros gêneros pelo grande desenvolvimento do acetábulo e pela estrutura da bolsa do cirro. Não nos foi possível ver a descrição de duas outras espécies incluídas no gênero. Parece-nos que este gênero não tem afinidades com *Cathaemasiidae*.

Em seguida damos uma lista dos gêneros e espécies da família *Cathaemasiidae* acompanhadas das referências bibliográficas e das observações que julgamos úteis.

Família CATHAEMASIIDAE Fuhrmann, 1928

Omphalometrinae LOOSS, 1899, pp. 543, 562, p.p.

Omphalometrinae STOSSICH, 1901, p. 93, p.p.

Omphalometrinae PRATT, 1902, p. 887, p.p.

Omphalometrinae TRAVASSOS, 1928, p. 310, p.p.

Cathaemasiidae FUHRMANN, 1928, pp. 96, 125.

Omphalometrinae TRAVASSOS, 1929, p. 301, p.p.

Cathaemasiidae BAER, 1932, p. 23.

Cathaemasiidae SZIDAT, 1939, pp. 240, 276, 278.

Omphalometrinae VIGUERAS, 1940, p. 16, p.p.

Omphalometrinae FREITAS, 1941, p. 589, p.p.

Cathaemasiidae DAWES, 1941, pp. 99, 348.

Cathaemasiidae DOLLFUS, 1950, pp. 9, 69.

Echinostomatoidea sem disco circum-oral; com ventosas relativamente pequenas e cutícula revestida de grandes espinhos escamiformes. Esôfago sem pre-faringe, curto ou ao contrário muito desenvolvido e com divertículos laterais. Cecos se estendendo até perto da extremidade posterior do corpo, algumas vezes com pequenos divertículos laterais. Poro genital logo adiante do acetábulo. Bolsa do cirro volumosa e concentrada, com longo cirro e vesícula seminal sacciforme. Testículos equatoriais ou post-equatoriais, ramificados ou lobados. Vitelinos extra-cecais ou extra e intra-cecais, podendo invadir toda a área do corpo. Ovário pequeno, pre-testicular. Glândula de Mehlis muito desenvolvida, sem espermateca. Canal de Laurer presente. Ovos operculados.

HABITAT — Tubo digestivo ou sacos aéreos de aves.

GÊNERO TIPO — *Cathaemasia* LOOSS, 1899.

Esta família pode ser dividida em duas subfamílias do modo seguinte:

Cathaemasiinae DOLLFUS, 1950 — Esôfago normal, curto ou relativamente longo; vitelinos extra-cecais, na metade anterior do corpo e algumas vezes invadindo a área intra-cecal post-testicular. Testículos ramificados mais ou menos profundamente. Gênero tipo: *Cathaemasia* LOOSS, 1899. Outros gêneros: *Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916, *Cathaemasioides* FREITAS, 1941.

Ribeiroiinae n. subfam. — Esôfago muito desenvolvido e com divertículos laterais; vitelinos extra e intra-cecais e pre-acetabulares. Testículos redondos ou lobados. Gênero tipo: *Ribeiroia* TRAVASSOS, 1939. Outro gênero: *Trifolium* TRAVASSOS, 1922.

Mehlisiinae JOHNSTON, 1913 — Esôfago muito curto; vitelinos post-acetabulares nas áreas extra-cecal, cecal e intra-cecal, abaixo dos testículos. Testículos na porção mediana do corpo, lobados. Acetábulo muito desenvolvido. Bolsa do cirro alongada. Gênero tipo: *Mehlisia* JOHNSTON, 1913.

A subfamília *Mehlisiinae* apresenta uma organização bem diversa de *Cathaemasia* devendo ficar como anexo da família *Cathaemasiidae* até melhores estudos.

Subfamília CATHAEMASIINAE Dollfus, 1950

Cathaemasiinae DOLLFUS, 1950, pp. 69, 70.

Cathaemasiidae. Esôfago normal; testículos ramificados; vitelinos post-acetabulares e extra-cecais ou invadindo a área cecal, algumas vezes invadindo a área intra-cecal, principalmente abaixo dos testículos.

GÊNERO TIPO — *Cathaemasia* LOOSS, 1899.

Os três gêneros incluídos nesta subfamília se diferenciam pela estrutura dos cecos e dos vitelinos. Em *Cathaemasia* os vitelinos nunca invadem a área cecal ficando sempre abaixo da zona acetabular, os testículos estão na porção posterior do corpo, sendo os cecos de contorno apenas sinuoso.

Em *Pulchrosoma* os vitelinos que ficam abaixo da zona acetabular invadem a área cecal e parcialmente a área intra-cecal, adiante dos testículos. Abaixo destes órgãos invadem e ocupam inteiramente a área intra-cecal. Os cecos são largos e de contorno uniforme, sendo o esôfago muito curto.

Em *Cathaemasioides* os cecos apresentam divertículos na porção distal, divertículos estes que podem apresentar um esboço de ramificação. Os vitelinos são extra-cecais, podendo alguns folículos invadir a área cecal, e não atingem o nível da terminação dos cecos.

Gênero CATHAEMASIA Looss, 1899

(Figs. 1-2)

- Cathaemasia* LOOSS, 1899, pp. 62, 563.
Cathaemasia BRAUN, 1901, p. 33.
Cathaemasia BRAUN, 1901, p. 896.
Cathaemasia PRATT, 1902, pp. 887, 896, fig. 34.
Cathaemasia ODHNER, 1926, p. 1.
Cathaemasia POCHE, 1925, p. 158.
Cathaemasia TRAVASSOS, 1928, pp. 310, 344.
Cathaemasia FUHRMANN, 1928, p. 125.
Cathaemasia BAER, 1932, p. 23.
Cathaemasia HARWOOD, 1936, pp. 252, 253.
Chataemasia TRAVASSOS, 1939, p. 301 (erro).
Cathaemasia SZIDAT, 1939, pp. 240, 277, 281.
Cathaemasia OLSEN, 1940, pp. 325, 326, p. p. z
Cathaemasia FREITAS, 1941, p. 589.
Pulchrosoma ZELIFF, 1941, p. 510, p. p.
Cathaemasia DAWES, 1946, pp. 99, 348.
Cathaemasia MANTER, 1949, p. 21, p. p.
Cathaemasia DOLLFUS, 1950, pp. 37, 69, 70, 71.

Cathaemasiinae. Esôfago curto com ligeiras saliências laterais. Vitelinos extra-cecais, abaixo da zona acetabular e nunca invadindo a área cecal e se estendendo geralmente até o fim dos cecos.

HABITAT — Esôfago de aves Ardeiformes.

ESPÉCIE TIPO — *Cathaemasia hians* (RUDOLPHI, 1809).

São incluídos neste gênero as seguintes espécies: *hians* (RUDOLPHI, 1809), *fodicans* BRAUN, 1901, *spectabilis* ODHNER, 1926, *famelica* ODHNER, 1926, *nycticoracis* OLSEN, 1940. Também foi nele incluído *reticulata* WRIGHT, 1879 e *pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916. As duas últimas devem ser incluídas em *Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916. *C. nycticoracis* como referimos atrás não corresponde nem a *Cathaemasia* nem a *Pulchrosoma* e carece ser melhor estudada. As quatro espécies restantes são muito parecidas.

Assim *fodicans*, conhecida de um único exemplar, deve ser considerada como sinônimo de *hians*, da qual difere apenas pelas dimensões dos ovos ligeiramente menores (mas dentro dos limites de variação observada neste grupo), pela maior ramificação dos testículos e diversidade de hospedeiro. O argumento da forma dos testículos parece ter sido baseado na figura de MÜHLING (1896) que não corresponde à rea-

lidade como demonstraram ODHNER (1926) e YOSHIDA & TOYODA (1930). Quanto à referência do hospedador — *Sterna nigra* pode ter sido um equívoco com *Ciconia nigra*.

C. spectabilis, além de apresentar um tipo de ramificação testicular bem característico e diverso de *hians*, tem ovos muito grandes (0,160 a 0,170 mm. por 0,100 mm.); tem como hospedeiro *Leptoptilos crumeniferus* (LESSON), espécie africana.

C. famelica é descrita de exemplar que parece ser anômalo; tem os testículos de tipo de ramificação semelhante à *spectabilis* porém os ovos são muito menores (0,057 a 0,062 mm. por 0,032 a 0,037 mm.); o hospedador é *Pseudotantalus ibis* (L.), da África e Madagascar.

DOLLFUS, em 1950, representa e dá alguns caracteres de uma *Cathaemasia* de *Ardea goliath* (CRETZSCH) sob o nome de *C. hians* que apresenta morfologia parecida à de *spectabilis*, porém os ovos são muito menores (0,099 mm. por 0,056 mm.) e correspondem ao de *C. hians*. Temos vários exemplares de uma espécie de *Cathaemasia* colhidos em *Xenorhynchus asiaticus* (LATH.), proveniente da Índia (coletados em Hamburgo), que correspondem exatamente ao único exemplar examinado e representado por DOLLFUS. O argumento da distribuição geográfica do hospedador não prevalece visto ser *A. goliath* também assinalada na Índia. Julgamos se trate de uma outra espécie. Consideramos o gênero *Cathaemasia* atualmente constituído pelas seguintes espécies: *hians*, *spectabilis*, *famelica* e *dollfusi* n. sp. *Cathaemasia nycticoracis* não pertence a este gênero.

Quanto ao *Lyperosomum squamatum* v. LINSTOW, 1906 que ODHNER julga ser uma *Cathaemasia* e que DOLLFUS denomina *C. squamata* não parece justificável esta interpretação, nem pela descrição nem pela figura. Julgamos dever esta espécie ser considerada *esp. inq.* até melhores estudos.

Cathaemasia hians (Rudolphi, 1809) Looss, 1899

(Figs. 11-14)

- Distoma hians* RUDOLPHI, 1809, p. 359 (não verificado).
- Distoma hians* RUDOLPHI, 1814, p. 101 (não verificado).
- Distoma hians* OLFERS, 1816, p. 44 (não verificado).
- Distoma hians* RUDOLPHI, 1819, pp. 94, 366.
- D. [istoma] hianti* RUDOLPHI, 1819, p. 680.
- Distoma hians* NORDMANN, 1832, p. 90, 93 (não verificado).
- Distomum hians* SIEBOLD, 1835, pp. 66, 73, 82.
- Distomum hians* DIESING, 1836, p. 248.
- Distoma hians* NATHUSIUS, 1837, pp. 53, 65.
- Distom. hians* CREPLIN, 1837, pp. 311, 316, 324 (não verificado).
- Dist. [oma] hians* DUJARDIN, 1845, pp. 386, 399.
- [*Distoma*] *hians* GURLT, 1845, p. 267.
- Distomum hians* DIESING, 1850, p. 337.
- Dist. hians* BAIRD, 1853, p. 51 (não verificado).
- Dist. hians* KUECHEMEISTER, 1855, p. 192 (não verificado).
- Dist. hians* WAGNER, 1857, p. 26 (não verificado).
- Dist. hians* v. BENEDEEN, 1858, p. (não verificado).
- Distomum hians* DIESING, 1858, p. 333.
- Dist. hians* COBBOLD, 1860, p. 10 (não verificado).

- Distomum hians* v. BENEDEN, 1861, pp. 171, 202.
Dist. hians v. BENEDEN, 1868, pp. 295, 296, 298, 299, 300, est. 1, figs. 5-6 (não verificado).
Dist. hians WILLEMOEH-SUHM, 1876, pp. 337, 339.
D. [istomum] hians WRIGHT, 1879, p. 55.
Dist [oma] hians LEUCKART, 1879, pp. 14, 15 nota.
Dist. hians LEUCKART, 1886, p. 11 (não verificado).
Dist. hians PARONA, 1887, p. 331, p.p. (não verificado).
Dist. hians STOSSICH, 1891, p. 111 (não verificado).
Dist. [omum] hians BRAUN, 1891, p. 424.
Distomum hians BRAUN, 1892, pp. 584, 662, 699, 764, 768, 776, 784, 785, 786.
Distomum hians LOOSS, 1892, p. 14 (não verificado).
Distomum (Dicrocoelium) hians STOSSICH, 1892, p. 160 (18).
Distomum hians BRAUN, 1893, p. 873.
Dist [omum] hians BRAUN, 1894, p. 354.
Dist. hians BRAUN, 1895, p. 17 (não verificado).
D [istomum] hians GAMBLE, 1896, p. 63.
Distomum hians MUEHLING, 1896, p. 588.
Distomum hians MUEHLING, 1897, [1896], pp. 243, 252, 253, 255, est. 16, fig. 3, est. 18, fig. 10.
Distomum hians MUELLER, 1897, pp. 15, 16, est. 2, fig. 6 a-c.
Dist. hians CONDORELLI, 1897, pp. 118, 124 (não verificado).
Distomum hians MUEHLING, 1898, p. 28.
Distomum hians BRAUN, 1899, p. 465.
Distomum hians BRAUN, 1899, pp. 485, 486.
Dist. hians LOOSS, 1899, pp. 562, 563 (não verificado).
Dist. hians MCCALLUM, 1899, p. 706 (não verificado).
D. [istomum] hians BRAUN, 1900, p. 24.
Dist. [omum] hians BRAUN, 1900, pp. 14, 15, 17, 19.
Dist. [omum] hians BRAUN, 1901, pp. 17, 18, 23.
Dist. [omum] hians BRAUN, 1901, p. 33.
Distomum hians BRAUN, 1901, p. 896.
Cathaemasia fodicans BRAUN, 1901, p. 896.
Distomum hians BRAUN, 1901, pp. 561, 565.
Dist. hians STOSSICH, 1901, p. 93 (não verificado).
Cathaemasia hians BRAUN, 1902, p. 5.
Distoma hians BRAUN, 1902, p. 4.
Cathaemasia fodicans BRAUN, 1902, pp. 4, 5, est. 1, fig. 1.
C. [athaemasia] hians ODHNER, 1926, pp. 1-4, fig. 3.
C. [athaemasia] fodicans ODHNER, 1926, p. 1.
C. [athaemasia] hians HARWOOD, 1936, pp. 252, 253.
C. [athaemasia] hians OLSEN, 1940, p. 326.
C. [athaemasia] hians ZELIFF, 1941, p. 510.
Cathaemasia hians DAWES, 1946, p. 348.
Cathaemasia fodicans DAWES, 1946, p. 348.
Cathaemasia hians YOSHIDA & TOYODA, 1930, pp. 85, 91, 92, text. fig., s. n., est. 2, fig. 1.
C. [athaemasia] fodicans YOSHIDA & TOYODA, 1936, p. 91, fig. 31.
Cathaemasia hians DOLLFUS, 1950, p. 70.
Echinocercaria choanophila U. SZIDAT, 1936, p. 304.
Cercaria choanophila U. SZIDAT, 1936, pp. 305, 307, 308, 310, figs. 1-7.
Echinocercaria choanophila SZIDAT, 1939, pp. 239, 241.
Cercaria choanophila SZIDAT, 1939, pp. 243-245, 281.
Cathaemasia hians SZIDAT, 1939, pp. 240, 241, 243, 244, 245, 246, 276, 277, figs. 1 a-b, 2 a-b, 3 a-f.

C. [athaemasia] fodicans SZIDAT, p. 240.

Echinocercaria choanophila DOLLFUS, 1950, p. 73.

HABITAT — Esôfago de *Ciconia alba* (L.) e *C. nigra* (L.).

Partenitas em *Planorbis planorbis*, *P. contortus*, *P. septemgyratus*,
Limnaea palustris.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Europa e norte da África

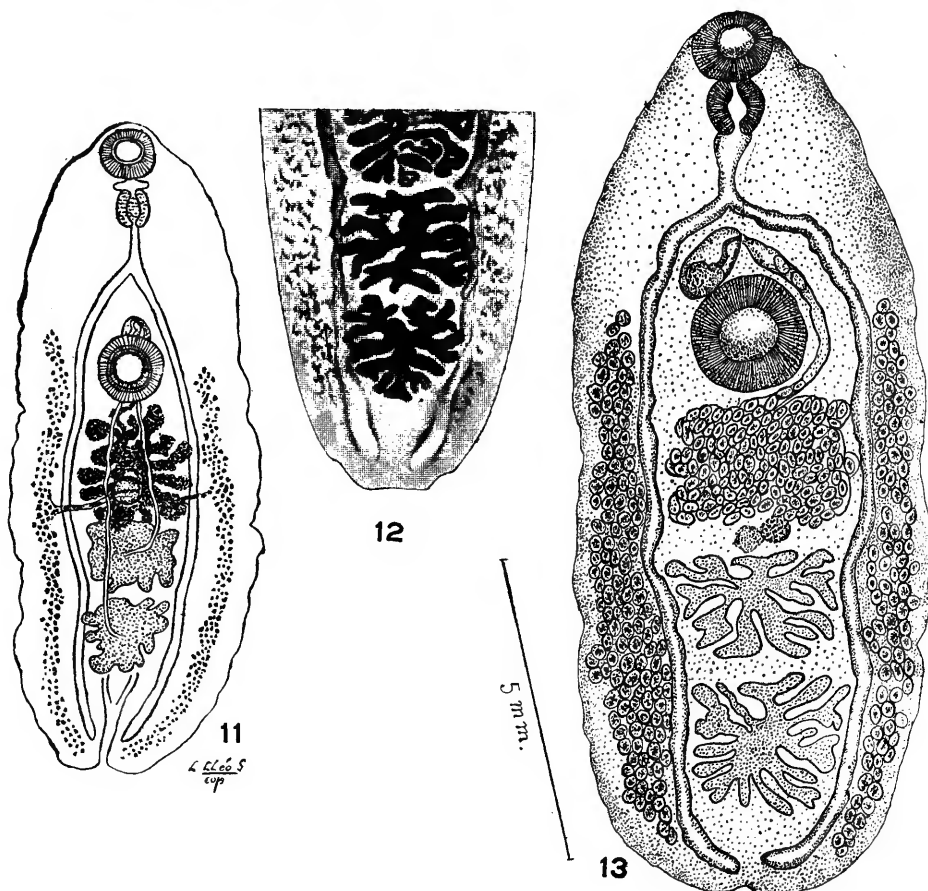


Fig. 11 — *Cathaemasia hians* (segundo MUEHLING). — Fig. 12 — *Cathaemasia hians* extremidade posterior (segundo ODHNER). — Fig. 13 — *Cathaemasia hians* (segundo YOSHIDA & TOYODA).

Cathaemasia spectabilis Odhner, 1926

(Fig. 15)

Cathaemasia spectabilis ODHNER, 1926, pp. 2, 4, fig. 1.

Cathaemasia spectabilis FUHRMANN, 1928, p. 123, fig. 165.

C. [athaemasia] spectabilis HARWOOD, 1936, p. 253.

C. [athaemasia] spectabilis SZIDAT, 1939, p. 240.

C. [athaemasia] spectabilis OLSEN, 1940, p. 327.

C. [athaemasia] spectabilis ZELIFF, 1941, p. 510.

C. [athaemasia] spectabilis DAWES, 1946, p. 348, fig. 53 E.

C. [athaemasia] spectabilis YOSHIDA & TOYODA, 1930, pp. 91, 92, fig. 2.
Cathaemasia spectabilis DOLLFUS, 1950, pp. 70, 72.

HABITAT — Esôfago de *Leptoptilos crumeniferus* (LESSON).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — África.

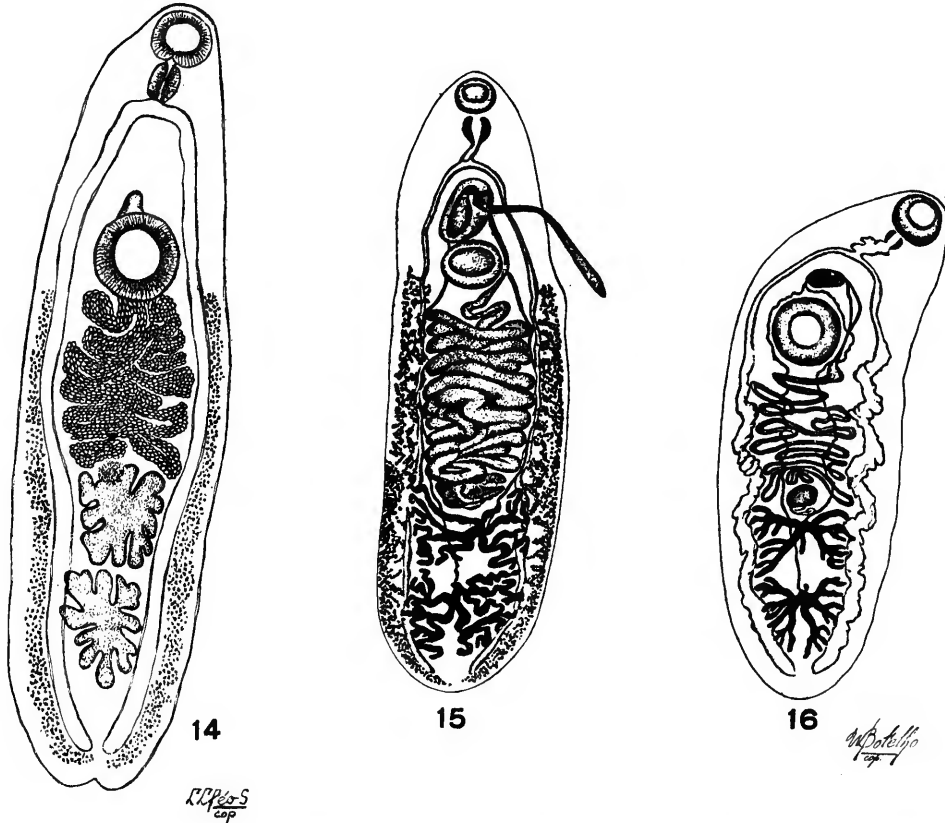


Fig. 14 — *Cathaemasia fodicans* (segundo BRAUN). — Fig. 15 — *Cathaemasia spectabilis* (segundo ODHNER). — Fig. 16 — *Cathaemasia famelica* (segundo ODHNER).

Cathaemasia famelica Odhner, 1926

(Fig. 16)

- Cathaemasia famelica* ODHNER, 1926, p. 3, fig. 2.
C. [athaemasia] famelica YOSHIDA & TOYODA, 1930, p. 91, fig. 3.
C. [athaemasia] famelica HARWOOD, 1936, p. 253.
C. [athaemasia] famelica SZIDAT, 1939, p. 240.
C. [athaemasia] famelica OLSEN, 1940, p. 327.
C. [athaemasia] famelica ZELIFF, 1941, p. 510.
C. [athaemasia] famelica DAWES, 1946, p. 348.
Cathaemasia famelica DOLLFUS, 1950, p. 70.

HABITAT — *Pseudotantalus ibis* (L.).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — África.

Cathaemasia dollfusi n. sp.

(Figs. 17-21)

Cathaemasia hians DOLLFUS, 1950, pp. 9, 71, 72, 73, fig. 50.

Comprimento 13 a 18 mm. por 6 a 8 mm. em exemplares fixados sob compressão.

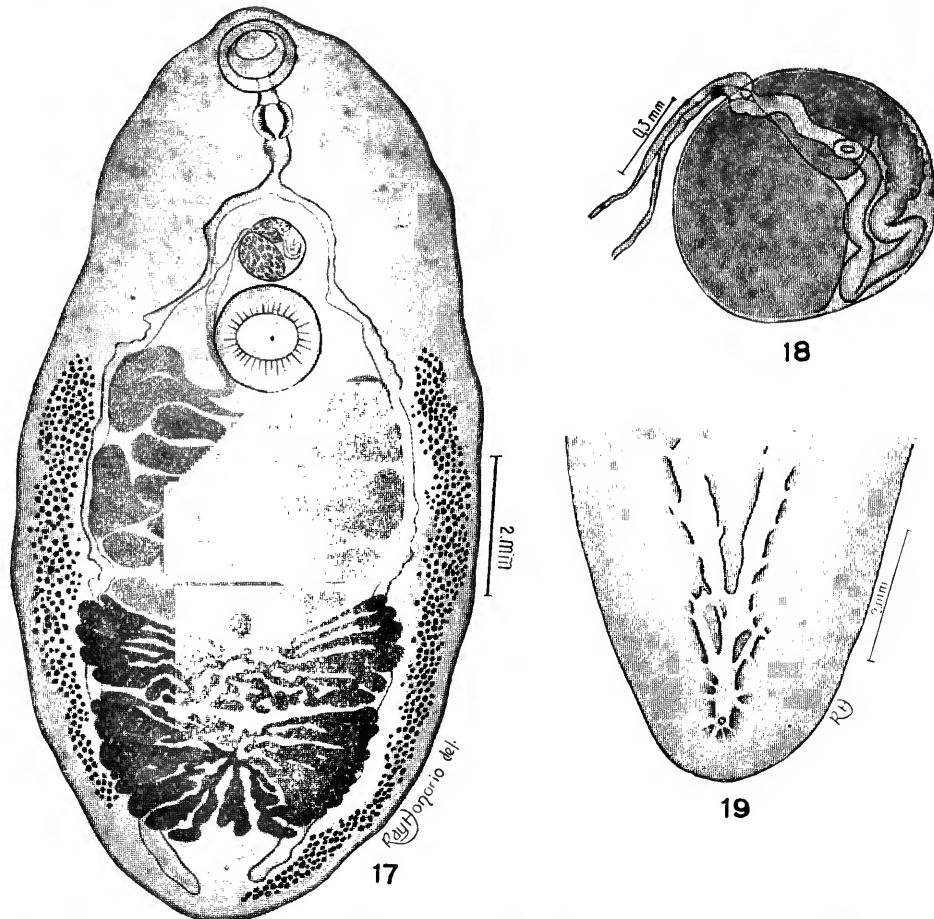


Fig. 17 — *Cathaemasia dollfusi* total (n. 6.859 tipo). — Fig. 18 — *Cathaemasia dollfusi* bolsa do cirro (n. 6.859). — Fig. 19 — *Cathaemasia dollfusi* terminação do aparelho excretor (n. 6.859).

Cutícula guarneçada de espinhos de 0,024 a 0,028 mm. Ventosa oral subterminal e medindo cerca de 1 mm. a 1,3 mm. de diâmetro. Acetábulo no fim do terço anterior do corpo e com 1,5 a 2,1 mm. de diâmetro; fica situado a cerca de 2,3 a 3,8 mm. da ventosa oral. Esôfago muito curto com cerca de 0,32 a 1,1 mm. de comprimento. Faringe com cerca de 0,57 por 0,57 mm. a 0,65 por 0,73 mm. Cecos delgados e longos com pequenas saliências no contorno externo e se estendendo até perto da extremidade posterior. Poro genital situado no meio da distância que vai da margem anterior do acetábulo à bifurcação intestinal. Bolsa do cirro relativamente pequena e contendo delgado cirro, próstata e vesícula seminal sacciforme; mede cerca de 0,84 por 0,86 mm. a 1,18 por 0,92 mm. Testículos ramificados apresentando de cada lado dois ou

três troncos que se bifurcam em dois ou três ramos; ficam situados no terço posterior do corpo ocupando toda a área intra-cecal e cecal e invadindo ligeiramente a área extra-cecal. Ovário relativamente pequeno, redondo, mediano, situado logo adiante dos testículos e medindo cerca de 0,39 a 0,65 mm. de diâmetro. Espermateca ausente, tendo a porção inicial do útero a função de espermateca. Canal de Laurer não observado. Glândula de Mehlis bem desenvolvida. Vitelinos constituídos por pequenos folículos situados na área extra-cecal e desde a parte posterior da zona do acetábulo até a extremidade posterior. Útero constituído por alças transversais situadas inteiramente na área intra-cecal e desde a zona testicular até a zona acetabular. Vagina longa com cerca de 1,3 a 1,8 mm. de comprimento. Ovos medindo cerca de 0,090 a 0,108 mm. de comprimento por 0,048 a 0,056 mm. de largura. Vesícula excretora com divertículos laterais..

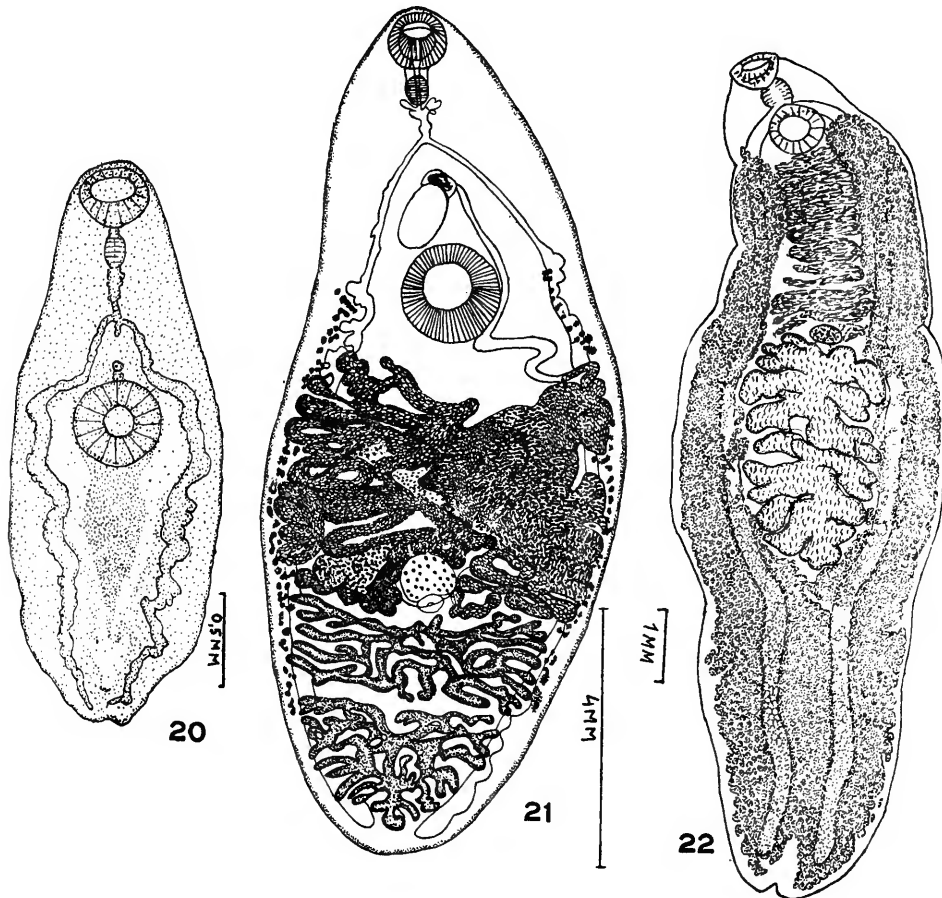


Fig. 20 — *Cathaemasia dollfusi* exemplar jovem (n. 18.105). — Fig. 21 — *Cathaemasia dollfusi* (segundo DOLLFUS). — Fig. 22 — *Pulchrosoma pulchrosoma* — exemplar fixado sem compressão (n. 17.925).

HABITAT — Esôfago de *Xenorhynchus asiaticus* (LOTH.) e *Ardea goliath* (CRETZSECHM).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Índia e África (Congo Belga).

Esta espécie aproxima-se muito de *spectabilis* ODHNER, 1926 da qual se distingue pelas dimensões dos ovos que são cerca de 40 % me-

QUADRO I

Cathaemasia dollfusi n. sp.

(MEDIDAS EM MILÍMETROS)

	a	b	c	d	e	f	Jovem
Comprimento	13	15	13	18	16	10 *	4,45
Largura	6,5	6	8	7	7	5	1,65
Ventosa oral	0,920 x 1,078	1,130	0,115	1,341	1,183	1	0,489 x 0,535
Acetábulo	1,578	1,578	1,709	2,104	1,709	1,2	0,734 x 0,795
Dist. entre as ventosas	2,630	3,629	2,367	3,812	3,786	2	—
Faringe	0,578	0,578	0,710	1,183	0,657 x 0,578	—	0,306 x 0,193
Esôfago	0,789	1,052	0,526	0,578	1,183	—	0,367
Ovário	0,394	0,256 x 0,360	0,657 x 0,867	0,657 x 0,736	0,447 x 0,368	—	—
Vagina	1,318	1,315	1,578	1,841	1,578	—	—
Ovos	0,112 x 0,056 0,104 x 0,052	0,104 x 0,052 0,096 x 0,043	0,104 x 0,056	—	0,104-0,108 x 0,048	—	—
Espinhos	0,024 - 0,028	—	—	—	0,032	—	—
Bolsa do cirro ...	0,841 x 0,867	0,784 x 0,578	0,999 x 0,789	1,183 x 0,920	0,815 x 0,657	—	—

nores e pela maior espessura das ramificações dos testículos. No exemplar de DOLLFUS os vitelinos não atingem a extremidade posterior. Pelo tamanho dos ovos corresponde a *C. hians* da qual se distingue pelo tipo de ramificação testicular. Quanto à hipótese de *Lyperosomum squamatum* v. LINSTOW, 1906 ser um exemplar novo desta espécie, não procede. Em nosso material existe um jovem com as dimensões do parasito de LINSTOW, (4,4 mm. de comprimento por 1,6 de maior largura, fig. 20) e fixado sem compressão. Neste exemplar não existe nada que se possa interpretar como gônadas nem vitelinos e os cecos têm aspecto bem diverso do representado por LINSTOW. Este autor descreve e representa um trematódeo com três massas glandulares medianas e vitelinos extra-cecais e observou os ovos dos quais dá as dimensões.

Damos no Quadro I as medidas de sete exemplares desta espécie, incluindo um jovem.

(*) Exemplar não comprimido.

(**) Exemplar jovem.

Examinamos o seguinte material da coleção helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz. N.º 6859, *Xenorhynchus asiaticus*, Esôfago, Hamburgo, Aut. 4.903, 16-4-929, TRAV. & VOGELSANG, formol acético (6 exemplares, incluindo o tipo que está isolado); n.º 9.346, *Xenorhynchus asiaticus*, esôfago, Hamburgo, aut. 4.906, 16-4-929, TRAV. & VOGELSANG col., bálsamo; n.º 9.347 a-b, *Xenorhynchus asiaticus*, esôfago, Hamburgo, aut. 4.903, 16-4-929, TRAV. & VOGELSANG col., bálsamo; n.º 18.105, *Xenorhynchus asiaticus*, jovem, esôfago, aut. 4.903, 16-4-929, TRAV. & VOGELSANG col., bálsamo.

Cathaemasia (?) nycticoracis Olsen, 1940

(Fig. 7)

Cathaemasia nycticoracis OLSEN, 1940, pp. 325, 326, est. 1, fig. 1.

Cathaemasia nycticoracis DOLLFUS, 1950, p. 70.

HABITAT — Intestino delgado de *Nycticorax nycticorax hoactii* (G. M.) e *Herodias herodias herodias*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Michigan, U. S. A.

Esta espécie evidentemente não pertence ao gênero *Cathaemasia* no qual foi descrita, aproximando-se mais de *Pulchrosoma*; como vimos parece se tratar de um *Echinostomatidae* no qual se tenham destacado ou não tenham sido vistos os espinhos circum-orais.

Gênero **CATHAEMASIOIDES** Freitas, 1941

(Fig. 3)

Cathaemasioides FREITAS, 1941, p. 589.

Cathaemasioides DOLLFUS, 1950, p. 69.

Cathaemasiinae — Esôfago curto, cecos delgados e se estendendo até perto da extremidade posterior do corpo, apresentando divertículos laterais mais desenvolvidos na porção terminal, onde são ramificados. Vitelinos abaixo da zona acetabular, extra-cecais e cecais e não ultrapassando a zona do testículo posterior.

ESPÉCIE TIPO — *Cathaemasioides callis* FREITAS, 1941.

Com uma só espécie.

Cathaemasioides callis Freitas, 1941

Cathaemasioides callis FREITAS, 1941, pp. 589, 590, figs. 1-2.

Cathaemasioides callis DOLLFUS, 1950, p. 70.

HABITAT — Esôfago de *Euxenura galeata* (MOLINA).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Mato Grosso, Brasil.

Gênero **PULCHROSOMA** Travassos, 1916

(Figs. 4-6)

Pulchrosoma TRAVASSOS, 1916, p. 314 (4).

Pulchrosoma TRAVASSOS, 1922, p. 187 (2).

- Pulchrosoma* TRAVASSOS, 1928, pp. 310, 344.
Pulchrosoma FREITAS & LENT, 1937, p. 57.
Pulchrosoma TRAVASSOS, 1939, p. 301.
Cathaemasia OLSEN, 1940, pp. 325, 326, p.p.
Pulchrosoma FREITAS, 1941, p. 589.
Pulchrosoma ZELIFF, 1941, p. 510, p.p.
Pulchrosoma CABALLERO & FLORES, 1948, p. 226.
Cathaemasia CABALLERO & FLORES, 1948, p. 226, p.p.
Pulchrosoma MANTER, 1949, p. 221.
Pulchrosoma DOLLFUS, 1950, p. 69.

Cathaemasiinae — Esôfago muito curto; vitelinos situados abaixo da zona acetabular e na área extra-cecal e cecal e invadindo parcialmente a área intra-cecal adiante das zonas testiculares e confluindo na linha mediana abaixo dos testículos.

ESPÉCIE TIPO — *Pulchrosoma pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916.

Neste gênero são incluídas duas espécies dos sacos aéreos de *Alcedinidae*: *P. pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916 e *P. reticulata* (WRIGHT, 1879).

Estas espécies facilmente se distinguem pela situação dos testículos relativamente à extremidade posterior do corpo. Em *P. pulchrosoma* os testículos são distantes da extremidade posterior sendo suas zonas muito ultrapassadas pelos cecos. A grande área post-testicular é inteiramente invadida pelos vitelinos. Em *P. reticulata* a área post-testicular é muito reduzida havendo portanto poucos folículos do vitelino nesta área. Esta conformação da extremidade caudal do corpo motivou enganos de vários pesquisadores que julgaram pertencer ela ao gênero *Cathamasia* com o qual se parece em exame superficial. A situação anterior das ventosas, a disposição dos vitelinos, os cecos largos, o esôfago curto, o tipo de ramificação dos testículos demonstram as afinidades desta espécie com o gênero *Pulchrosoma*. Nos grupos com numerosas espécies estas são separadas em gêneros distintos por caracteres de menos significação que os existentes entre *P. pulchrosoma* e *P. reticulata*. Quanto a aproximar *reticulata* do gênero *Cathaemasia* também não existe fundamento. Nas espécies atualmente incluídas neste gênero, de morfologia muito uniforme, os vitelinos apenas tocam a área cecal e um outro folículo a invade, os cecos são delgados e o segmento ímpar do tubo digestivo é bem mais longo, determinando um afastamento relativamente maior das ventosas.

Pulchrosoma pulchrosoma Travassos, 1916

(Figs. 22-23)

- Pulchrosoma pulchrosoma* TRAVASSOS, 1916, p. 314 (4).
P. [ulchrosoma] pulchrosoma TRAVASSOS, 1922, p. 187 (2).
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, PINTO & MUNIZ, 1927, p. 264.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, 1928, pp. 310, 345, est. 4, figs. 1-2.
Pulchrosoma pulchrosoma LUTZ, 1928, p. 122.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, 1939, p. 301.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, FREITAS & LENT, 1939, p. 236.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, 1940, p. 714.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS & FREITAS, 1940, p. 623.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS & FREITAS, 1943, p. 404.
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, 1945, p. 158.

Cathaemasia reticulata CABALLERO & FLORES, 1948, pp. 223, 226, figs. 1-2, nec WRIGHT, 1879.

Pulchrosoma pulchrosoma CABALLERO & FLORES, 1948, p. 226.

Cathaemasia pulchrosoma MANTER, 1949, p. 221.

Pulchrosoma pulchrosoma MANTER, 1949, p. 221.

Pulchrosoma pulchrosoma DOLLFUS, 1950, p. 70.

Cathaemasia pulchrosoma DOLLFUS, 1950, p. 70.

HABITAT — Sacos aéreos de *Ceryle torquata* (L.) e *Ceryle amazonica* (Lath.).

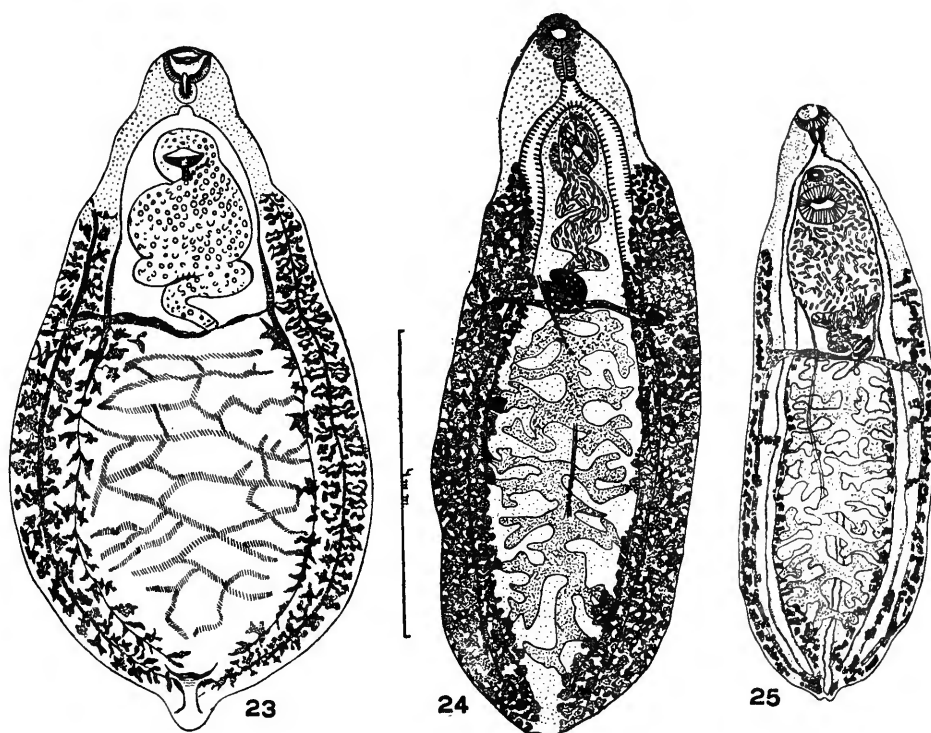


Fig. 23 — *Pulchrosoma pulchrosoma* - exemplar muito distendido (n. 17.926). — Fig. 24 *Pulchrosoma reticulata* (segundo WRIGHT). — Fig. 25 — *Pulchrosoma reticulata* (segundo HARWOOD).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — América do Sul e Central.

Faremos nova descrição desta espécie: Corpo chato e alongado, medindo de comprimento 12 a 26 mm. (em exemplar fixado sob compressão e muito distendido). Largura máxima na zona dos testículos de cerca de 4 a 8 mm. Cutícula inteiramente revestida de escamas fortes de cerca de 0,022 a 0,038 mm. de comprimento e dispostas em séries oblíquas. A extremidade posterior apresenta uma chanfradura mediana onde se abre o poro excretor. Acetábulo relativamente pequeno e situado a pequena distância da ventosa oral; mede cerca de 0,9 a 1,3 mm. de diâmetro. Ventosa oral subterminal, forte, menor que o acetábulo e com cerca de 0,7 a 0,9 mm. de diâmetro. Relação entre as ventosas 1 : 1,3. Faringe em seguida à ventosa oral com 0,47 mm. por 0,41 mm. a 0,48 mm. por 0,58 mm. Esôfago curto, de 0,30 mm. de comprimento. Cecos largos e sub-retilíneos e estendendo-se até perto da extremidade posterior; terminam a 0,3 a 1 mm. da extremidade. Poro

genital pre-acetabular situado logo abaixo da bifurcação do tubo digestivo e muito próximo da margem anterior do acetábulo. Bolsa do cirro compacta, com 0,53 por 0,38 mm. a 0,76 por 0,38 mm; contém cirro, próstata e vesícula seminal sacciforme dobrada ao meio. Testículos situados na porção mediana do corpo, na área intra-cecal, ficam no mesmo campo e têm zonas contíguas; são ramificados, apresentando cerca de sete ramos grossos, mais ou menos longos e alguns divididos na extremidade. O conjunto dos testículos mede 3,37 a 7,98 mm. de comprimento por uma largura de 2 a 4 mm., ocupando toda a área intra-cecal. Ovário relativamente pequeno, elipsóide, transversal; fica situado logo adiante do testículo anterior e mede cerca de 0,76 a 1 mm. por 0,30 a 0,61 mm. Glândula de Mehlis muito desenvolvida, na zona ovariana. Canal de Laurer presente, difícil de observar em preparados totais. Espermateca ausente, ficando os espermatozoides acumulados na porção inicial do útero. Vitelinos muito desenvolvidos, constituídos por grupos de pequenos folículos situados desde o nível posterior da zona acetabular até a extremidade posterior do corpo; ocupam toda a área extra-cecal e cecal invadindo a área intra-cecal adiante dos testículos; abaixo da zona testicular confluem na linha mediana. Útero inteiramente intra-cecal e formando alças transversais que ocupam toda a área adiante das gônadas até a zona do acetábulo. Ovos amarelos, com opérculo e medindo cerca de 0,129 a 0,148 mm. de comprimento por uma largura máxima de 0,068 a 0,083 mm.

HABITAT — Sacos aéreos dorsais de *Megaceryle torquata* (L.) e *Chloroceryle amazona* (Lath.).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — América do Sul e Central até o México.

É frequente terem os exemplares muitos ovos nos cecos, naturalmente por deglutirem os ovos contidos nos sacos aéreos. Damos no Quadro II as medidas de cinco exemplares de aspectos bem diversos, fixados sob compressão ou sem serem comprimidos.

Examinamos o seguinte material da coleção helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz. — N.º 3.421, *Megaceryle torquata* (L.), sacos aéreos, São João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.289, 30-6-922, TRAV. col., formol acético; n.º 3.422, *Megaceryle torquata* (L.), sacos aéreos, São João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.341, 16-7-922, TRAV. col., formol acético; n.º 3.428, *Megaceryle torquata* (L.), sacos aéreos, São João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.377, TRAV. col., formol acético; n.º 3.479, *C. torquata* (L.), sacos aéreos, São João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.377, 5-7-922, TRAV. col., bálsamo; n.º 4.114 a-u, *C. torquata* (L.), sacos aéreos, S. João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.541, 16-7-922, TRAV., col. córtes seriados; n.º 9.169, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Angra dos Reis, Est. do Rio, Brasil, aut. 337, 29-2-916, TRAV. col., formol acético, parátipos; n.º 9.316 a-c, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Angra dos Reis, Est. do Rio, Brasil, aut. 337, 29-2-916, TRAV. col., bálsamo, tipo e parátipos; n.º 9.388, *M. torquata* (L.) sacos aéreos, Angra dos Reis, Est. do Rio, Brasil, aut. 337, 29-2-916, TRAV. col., álcool a 70, parátipos; n.º 11.084, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato Grosso, Brasil, aut. 6.277, 19-10-938, Com. I.O.C. col., formol acético; n.º 11.259, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato Grosso, Brasil, aut. 7.458, 5-3-940, Com. I.O.C. col., bálsamo; n.º 12.005, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato Grosso, Brasil, aut. 7.458, 5-3-940, Com. I.O.C. col., formol acético; n.º 12.927, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato

QUADRO II
Pulchrosoma pulchrosoma TRAVASSOS, 1916
(MEDIDAS EM MILÍMETROS)

Número	8.388	17.927	17.926	17.924	17.925
Comprimento	13,582	26,750	15,750	15,503	12,894
Largura	3,990	8 830	—	4,236	—
Espinho da cutícula . .	0,022	—	0,028 a 0,022 ã 0,038	0,038	—
Acetábulo	1,224 x 1,040	1,147	1,300 x 1,147	1,224	0,918 x 0,641
Ventosa oral	0,994 x 0,627	0,994 x 0,688	0,734 x 0,994	0,765 x 0,641	0,765 x 0,612
Relação das vent.	1,37	1,37	—	—	—
Pré-faringe	ausente	—	—	—	—
Faringe	0,459 x 0,474	0,489 x 0,581	0,520 x 0,504	0,474 x 0,620	0,474 x 0,413
Esôfago	virtual	idem	0,306	0,306	—
Cecos da extremidade posterior	0,765 0,734	0,520 0,383	0,641 0,918	0,918 1,071	—
Poros genitais	pré-acetabular	—	—	—	—
Bolsa do cirro	0,765 x 0,382	—	—	0,535 x 0,382	—
Testículos	Conjunto 4,590 x 2,995	Conjunto 6,273 x 2,448	Conjunto 7,982 x 3,991	2,619 x 1,995 1,688	Conjunto 3,377 x 2,149
Ovário	1,070 x 0,612	0,994 x 0,612	0,765 x 0,612	0,948 x 0,459	0,612 x 0,306
Espermoteca	ausente	—	—	—	—
Vitelinos	desde a zona acetabular até a extremidade posterior	—	—	—	—
Vitelinos da extr.-posterior	atinge	idem	—	—	—
Útero	entre os testículos e acetábulos	—	—	—	—
Ovos	0,133 x 0,083 0,152 x 0,083	0,148 x 0,076 0,136 x 0,076 0,136 x 0,072 0,136 x 0,068	0,136 x 0,076	sem ovos	0,129 x 0,076

Grosso, Brasil, aut. 7.681, 27-8-940, TRAV. col., formol acético; n.º 15.241, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato Grosso, aut. 9.252, 21-5-942, TRAV. & FREITAS col., formol acético; 15.633, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Barranco Alto, Mato Grosso, Brasil, 7-9-941, PRZYJEMSKI col., formol acético; n.º 15.722, *M. torquata* (L.) sacos aéreos, Porto Cabral (Rio Paraná), S. Paulo, Brasil, aut. 9.771, 2-4-944, TRAV. col., formol acético; n.º 17.924, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Porto Cabral (Rio Paraná), S. Paulo, Brasil, aut. 9.771, 2-4-944, TRAV. col., bálsamo; n.º 17.925, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, S. João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.289, 30-6-922, TRAV. col., bálsamo; n.º 17.926, n.º 17.927, *M. torquata* (L.), sacos aéreos, Salobra, Mato Grosso, Brasil, aut. 9.252, 21-5-942, TRAV. & FREITAS col., bálsamo; n.º 18.099 (1-22), *M. torquata* (L.), sacos aéreos, S. João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.377, 5-7-922, TRAV. col., cortes seriados; n.º 18.100 (1-43), *M. torquata* (L.), sacos aéreos, S. João, Mato Grosso, Brasil, aut. 2.289, 30-1-922, TRAV. col., cortes seriados; n.º 18.101, n.º 18.102, *M. torquata* (L.), Porto Cabral (Rio Paraná), S. Paulo, Brasil, aut. 9.771, 2-4-944, TRAV. col., bálsamo.

Pulchrosoma reticulata (Wright, 1879), Travassos, 1939

(Figs. 24-29)

Distomum reticulatum WRIGHT, 1879, p. 58, est. 1, fig. 6.

Distomum (Brachylaimus) reticulatum STOSSICH, 1892, p. 154 (12).

Distomum reticulatum BRAUN, 1892, pp. 570, 698.

[*Distomum*] *reticulatum* BRAUN, 1893, p. 876.

Distomum reticulatum LOOSS, 1894, p. 171.

Fasciola reticulata LOOSS, 1899, p. 557.

Dist. [omum] trapezium = *F. reticulata* PRATT, 1902, pp. 954.

Cathaemasia reticulata HARWOOD, 1936, pp. 251, 252, 253, fig. 1.

Distomum reticulatum TRAVASSOS, 1939, p. 301.

Pulchrosoma reticulata TRAVASSOS, 1939, p. 301.

C. [athaemasia] reticulata OLSEN, 1940, p. 326.

Cathaemasia reticulata ZELIFF, 1941, p. 508, figs. 1-2.

Cathaemasia reticulata MANTER, 1949, p. 221.

Cathaemasia reticulata DOLLFUS, 1950, p. 70.

HABITAT — Cavidade do corpo (sacos aéreos) de *Megaceryle alcyon* e *Megaceryle torquata*. (L.).

QUADRO III

Características de *Pulchrosoma reticulata* (WRIGHT, 1879) segundo diversos autores:

(MEDIDAS EM MILÍMETROS)

	WRIGHT	HARWOOD	ZELIFF	TRAVASSOS
Número de exemplares	2	1	2	1
Comprimento	14	9,2	17-18	16,1
Larg. máxima	8	3,4	6-8	6,7
Espinhos da cutícula .	0,025	0,010	0,015 a 0,020	0,019
Ventosa oral	0,9	0,57 x 0,64	0,85	0,7 x 1
Acetábulo	1,3	0,70	1,2 a 1,3 x 1 a 1,2	1,5
Relação entre as ventosas	1:1,44...	1:1,16	1:1,3	1:1,76
Faringe	0,48 de comprimento	0,35 x 0,30	0,39 0,45	0,90 x 0,49
Esôfago	curto	0,24	—	1,2
Ovos	0,110 x 0,065 em média	0,110 x 0,070	0,120 x 0,075	—

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — América do Norte e Brasil (São Paulo).

Comprimento 16 mm. (9,2 a 18 mm.).

Largura máxima ao nível da zona testicular 6,7 (3, 4 a 8 mm.). Cutícula revestida de espinhos de cerca de 0,019 mm. de comprimento (0,010 a 0,025 mm.). Corpo chato e alongado terminando posteriormente por pequena chanfradura. Ventosa oral subterminal forte, medindo 0,7 por 1 mm. de diâmetro (0,57 por 0,64 mm. a 0,9 mm.). Acetábulo afastado da ventosa oral cerca de duas vezes o seu diâmetro e medindo cerca de 1,5 mm. de diâmetro. Relação entre as ventosas 1:1,76 (1:1,16 a 1:1,44). Faringe em seguida à ventosa oral, alongada e medindo cerca de 0,90 por 0,49 mm. (0,35 por 0,30 mm. a 0,48 mm.). Esôfago com a mesma estrutura dos cecos, curto; mede cerca de 1,2 mm. de comprimento (0,24 mm.). Cecos largos estendendo-se até perto da extremidade posterior, terminando a 0,76 a 0,49 mm. da extremidade. Poro genital mediano, situado entre a bifurcação intestinal e a margem anterior do acetábulo. Bolsa do cirro concentrada e contendo cirro e vesícula seminal sacciforme; mede cerca de 0,73 por 0,40 mm. Testículos ramificados, intra-cecais e se estendendo por cerca de metade do comprimento do corpo sendo o posterior sensivelmente maior. O conjunto dos testículos ocupa uma área de cerca de 7,06 mm. de com-

primento por 3,77 mm. de largura. Canais deferentes tendo origem no tronco central dos testículos e correndo paralelamente aos cecos, convergindo na bolsa do cirro. Ovário relativamente pequeno e alongado obliquamente; mede cerca de 0,82 por 0,39 mm. (0,54 por 0,29 mm.). Útero formando alças transversais entre o ovário e o acetábulo e terminando por vagina pouco musculosa. O exemplar que examinamos não tinha ovos não obstante ter desenvolvimento completo. (Os ovos, segundo os

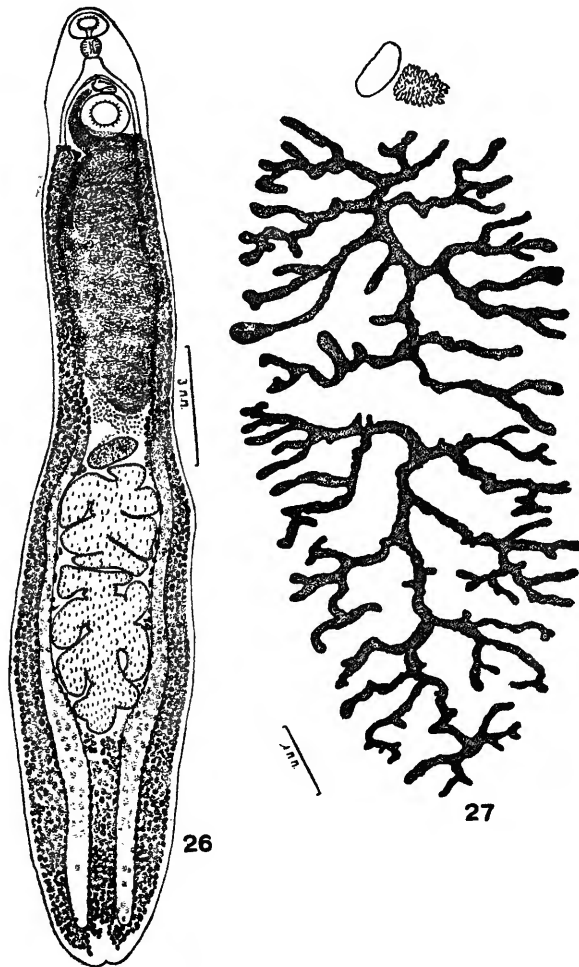


Fig. 26 — *Pulchrosoma reticulata* (segundo ZELIFF). — Fig. 27 — *Pulchrosoma reticulata* (n. 18.103) — testículos.

autores, medem de 0,100 a 0,120 mm. por 0,065 a 0,75 mm. de largura). Glândula de Mehlis submediana e abaixo e ao lado do ovário. Vitelinos com numerosos folículos situados lateralmente desde a zona acetabular até a extremidade posterior e ocupando tôda a área extra-cecal, dorsalmente a cecal e invadindo a área intra-cecal. Os dutos vitelínicos convergem para a linha mediana ao nível do ovário. Poro excretor subterminal. Vesícula excretora com um longo tronco ímpar que ultrapassa

o meio do testículo posterior onde se divide em dois ramos que parecem atingir a zona acetabular no único exemplar examinado e fixado sob compressão.

Desta espécie, na literatura, há referência, apenas, a seis exemplares.

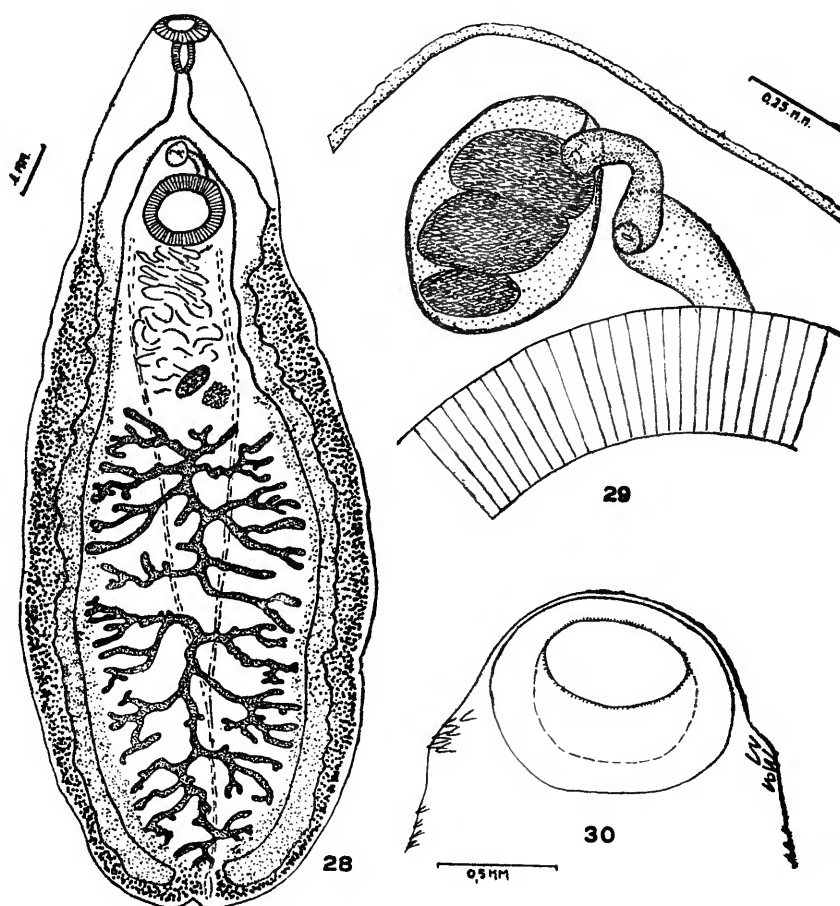


Fig. 28 — *Pulchrosoma reticulata* (n. 18.103). — Fig. 29 — *Pulchrosoma reticulata* — bolsa de cirro (n. 18.103). — Fig. 30 — *Pulchrosomoides elegans* — extremidade anterior (n. 8.951 e.).

Descrito inicialmente de modo deficiente, foi redescrito por HARWOOD e ZELIFF, que deram boas figuras. O exemplar que examinamos se aproxima muito da figura de HARWOOD pela topografia geral mas as ramificações dos testículos estão mais de acôrdo com a figura original de WRIGHT. O nosso exemplar foi encontrado em um hospedador que estava parasitado com vários exemplares de *P. pulchrosoma*. A vesícula excretora não pode ser convenientemente estudada por falta de um exemplar em condições que permitissem cortes seriados. O exemplar examinado era estéril, não obstante serem normais os *pulchrosoma* com ele encontrados.

Damos, no Quadro III, as medidas referidas pelos diversos autores. Em nossa descrição estas medidas estão entre parêntesis. O exemplar examinado está depositado na coleção helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz: n.º 18.103, *Megaceryle torquata* (L.), Porto Cabral (Rio Paraná), São Paulo, Brasil aut. 9.771, 2-4-944, TRAVASSOS col., bálsamo.

Subfamília RIBEIROIINAE n. subfam.

Cathaemasiidae. Esôfago muito desenvolvido e apresentando um par de divertículos laterais sacciformes. Vitelinos ocupando tôda a área do corpo desde a zona da ventosa oral até a extremidade posterior. Testículos apenas lobados.

HABITAT — Esôfago e glândulas gástricas de aves.

GÊNERO TIPO — *Ribeiroia* TRAVASSOS, 1939.

Esta subfamília encerra dois gêneros.

Gênero RIBEIROIA Travassos, 1919

(Fig. 8)

Ribeiroia TRAVASSOS, 1939, pp. 301, 302.

Ribeiroia FREITAS, 1941, p. 589.

Ribeiroia DOLLFUS, 1950, pp. 69, 73.

Ribeiroiinae. Vitelinos constituídos por folículos volumosos, na área extra-cecal e cecal e invadindo a área intra-cecal e desde a zona da faringe até a extremidade posterior. Testículos grandes, transversais, mais ou menos lobados, situados na metade posterior do corpo.

HABITAT — Esôfago de aves Ardeiformes.

ESPÉCIE TIPO — *Ribeiroia insignis* TRAVASSOS, 1939.

Este gênero encerra atualmente duas espécies muito próximas: *R. insignis* TRAVASSOS, 1939 e *R. congolensis* DOLLFUS, 1950.

Ribeiroia insignis Travassos, 1939

Ribeiroia insignis TRAVASSOS, 1939, pp. 301, 302, figs. 1-5.

Ribeiroia insignis DOLLFUS, 1950, pp. 9, 70, 73.

HABITAT — Esôfago de *Chasmerodius albus egretta* (Gm.).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Brasil (Mato Grosso e Distrito Federal).

Desta espécie examinamos o seguinte material da coleção helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz — N.º 10.686 tipo n.º 10.687 a-c parátipos, *Chasmerodius albus egretta* (Gm.), Salobra, Mato Grosso, aut. 6.128, 10-938, Com. Inst. Osw. Cruz col., bálsamo; n.º 16.664, *Chasmerodius albus egretta* (Gm.), Rio de Janeiro (Manguinhos), aut. 10.261, 7-4-940, FREITAS col., bálsamo.

Ribeiroia congolensis Dollfus, 1950

Ribeiroia congolensis DOLLFUS, 1950, pp. 70, 73, fig. 51.

HABITAT — Esôfago de *Ardea goliath* (L.).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — África (Congo Belga).

Gênero TRIFOLIUM Travassos, 1922

(Fig. 9)

Trifolium TRAVASSOS, 1922, p. 187 (2).*Trifolium* TRAVASSOS, 1928, pp. 311, 345.*Trifolium* VIGUERAS, 1940, pp. 16, 18.*Trifolium* FREITAS, 1941, p. 589.*Trifolium* DOLLFUS, 1950, p. 69.

Ribeiroinae. Vitelinos constituídos por folículos pequenos e ocupando toda a área do corpo desde a zona da ventosa oral até a extremidade posterior do corpo, exceto a área do útero. Glândula de Mehlis muito volumosa. Testículos situados obliquamente e muito pequenos. Ovário relativamente grande.

ESPÉCIE TIPO — *Trifolium trifolium* TRAVASSOS, 1922.

Este gênero encerra uma só espécie, visto considerarmos a descrita por VIGUERAS idêntica à *T. trifolium*.

Trifolium trifolium Travassos, 1922*Trifolium trifolium* TRAVASSOS, 1922, p. 187.*Trifolium trifolium* TRAVASSOS, PINTO & MUNIZ, 1927, p. 261.*Trifolium trifolium* TRAVASSOS, 1928, pp. 311, 346, est. 44, fig. 3.*Trifolium trifolium* VIGUERAS, 1940, pp. 16, 17.*Trifolium trifolium* VIGUERAS, 1940, p. 16 (erro).*Trifolium travassosi* VIGUERAS, 1940, pp. 16-18, fig. 6.

HABITAT — Glândulas de Lieberkuehn do estômago de *Anhinga anhinga* (L.).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — Brasil. (Mato Grosso e Distrito Federal) e Cuba.

VIGUERAS, em 1940, tendo encontrado exemplares desta espécie ainda não completamente desenvolvidos julgou tratar-se de outra espécie; para afastar dúvida quanto a possível dualidade específica damos no Quadro IV as dimensões de vários exemplares de uma mesma amostra. Nossa descrição original foi baseada em exemplares muito desenvolvidos. Tivemos oportunidade de examinar dois parátipos que o Dr. VIGUERAS teve a gentileza de oferecer ao nosso laboratório.

Examinamos o seguinte material da coleção helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz — N.º 3.588, n.º 3.590, *Anhinga anhinga* (L.), S. João, Mato Grosso, aut. 2.631, 22-7-922, TRAV. col., formol acético; n.º 3.749, tipo, n.º 3.750 parátipo, *Anhinga anhinga* (L.), aut. 2.631, 22-7-922, S. João, Mato Grosso, TRAVASSOS col., bálsamo; n.º 7.031, n.º 7.032, *Anhinga anhinga* (L.), Rio de Janeiro (Manguinhos), aut. 5.203, 19-8-930, TRAVASSOS col., formol acético e álcool a 70; n.º 7.038, *Anhinga anhinga* (L.), Rio de Janeiro (Manguinhos), aut. 5.203, 19-8-930, TRAV. col., formol acético; n.º 8.445, *Anhinga anhinga* (L.), S. João, Mato Grosso, TRAV. col. aut. n.º 2.631, formol acético; n.º 13.614, *Anhinga anhinga* (L.), Cuba, VIGUERAS leg.; n.º 17.928, n.º 17.929, *Anhinga anhinga* (L.), S. João, Mato Grosso aut. 2.631, 22-7-922, TRAV. col., bálsamo; n.º 17.930 a 17.932, *Anhinga anhinga* (L.), Rio de Janeiro, Brasil, aut. 5.203, 19-8-930, TRAV. col., bálsamo; n.º 18.104, *Anhinga anhinga* (L.), Cuba VIGUERAS leg., bálsamo.

QUADRO IV
Trifolium trifolium TRAVASSOS, 1922
(MEDIDAS EM MILÍMETROS)

Número	17.929 a	17.929 b	17.929 c	17.930 a	17.930 b	17.932	18.104 *
Comprimento ...	5,049	3,855	3,167	4,447	3,976	4,207	3,658
Largura	1,805	1,147	0,994	1,300	1,040	1,224	1,071
Espinho da cutí- cula	0,030	0,022	0,030	0,026	0,030	0,026	0,026 - 0,030
Acetábulo	0,244	0,319	0,243	0,420	0,380	0,433	0,342
	x	x	x	x	x	x	x
	0,321	0,304	0,319	0,456	0,357	0,433	0,342
Ventosa oral	0,320	0,144	0,228	0,243	0,220	0,228	0,190
	x	x	x	x	x	x	x
	0,258	0,174	0,266	0,250	0,190	0,258	0,190
Relação das ven- tosas	1:1	1:1,9	1:1,1	1:1,7	1:1,7	1:1,7	1:1,8
Pré-faringe	ausente	idem	idem	idem	idem	idem	idem
Faringe	0,235	0,182	0,159	0,228	0,205	0,212	0,190
	x	x	x	x	x	x	x
	0,228	0,091	0,136	0,182	0,136	0,174	0,159
Esôfago	0,760	0,380	0,304	0,418	0,304	—	—
Cecos da extremi- dade posterior .	0,456	0,349	0,304	0,190	0,304	0,243	0,228
	0,418	0,342	0,266	0,228	0,364	0,304	0,281
Poros genital do acetábulo	0,190	0,106	—	0,106	0,083	0,083	0,030
Bolsa do cirro ..	0,114	0,342	0,091	0,228	0,152	0,162	—
	x	x	x	x	x	x	—
	0,083	0,167	0,068	0,098	0,091	0,114	—
Testículos	0,228 x 0,091	—	—	0,190 x 0,114	0,167 x 0,091	0,114	0,083
	0,190 x 0,114	—	—	0,167 x 0,198	0,190 x 0,091	x	x
					0,091	0,076	
Ovário	—	—	0,380	0,494	0,235	0,228	0,114
			x	x	x	x	x
			0,228	0,304	0,380	0,380	0,091
Ovos	0,114	0,114	0,114 x 0,030	0,114	0,114	0,114	0,110
	x	x	0,106 x 0,022	x	x	x	x
	0,030	0,045	—	0,030	0,030	0,030	0,030

(*) Exemplar fixado sem compressão.

Subfamília MEHLISIIINAE Johnston, 1913

(Fig. 10)

JOHNSTON em 1913 quando descreveu o gênero *Mehlisia* estabeleceu para êie uma subfamília fazendo parte dos *Fasciolidae* ao lado de *Echinostomatidae* e outras. Agregamos esta subfamília às *Cathaemasidae*, com a qual não nos parece ter afinidades, não obstante o gênero *Mehlisia* ter sido incluído por vários autores nesta família.

B I B L I O G R A F I A

- BAER, J. G., 1932, Contribution a la faune helminthologique de Suisse (Deuxieme partie), Rev. Suisse de Zool., 39 (1): 1-56, 32 figs. est. I, 8 figs.
- BAIRD, J., 1853, Catalogue of the species of entozoa, or intestinal worms, contained, in the collection of the British Museum. 132 págs. 2 ests., London.
- BENEDEN VAN, P. Y., 1858, Mémoire sur les vers intestinaux. 376 págs. 28 ests. Paris.
- BENEDEN, P. J., 1861, Mémoire sur les vers intestinaux. Supl. Compt. Rend. Acad. Sci. Belgica: 1-376, est. 1-28.
- BENEDEN, P. J., 1868, Sur la cigogne blanche et ses parasites. Bull. Acad. Roy. d. sc. de Belg. Ann. 37, 25. v. 25 (4): 294-303, est. 1, figs. 1-7, est. 2, figs. 2-13.
- BRAUN, M., 1891, Bericht uber die Fortschritte in der thierischen Parasitenkunde. Centr. f. Bak. u. Paras. 10 (13): 421-430.
- BRAUN, M., 1892, Vermes-Trematoden in Braun's Klassen und Ordenungen des Thiers-Reichs. 4 (1a) 1879.
- BRAUN, M., 1894, Ueber die Distomen in der Leber der Hauskatzen. Zool. Anz. 16 (428): 347-354.
- BRAUN, M., 1895, Die thierischen Parasiten des Menschen. 2a. ed. 283 págs. 147 figs. Wuerzburg.
- BRAUN, M., 1899, Wissenschaftliche Mittheilungen. Zool. Anz. 22 (602): 465-648.
- BRAUN, M., 1899, Ueber Clinostomum Leidy. Zool. Anz. Leipz. 22: 484-488; 489-493.
- BRAUN, M., 1900, Die Fascioliden-Gattung Clinostomum Leidy. Centr. f. Bakt. Paras. et. 27 (1): 24-37.
- BRAUN, M., 1900, Die Arten der Gattung Clinostomum Leidy. Zool. Jahrb. Syst. 14: 1-48, ests. 1-2, figs. 1-20.
- BRAUN, M., 1901, Zur Revision der Trematoden der Vogel. I. Centr. Bakt. Paras. Zufekt. 29 (13): 560-568.
- BRAUN, M., 1901, Zur Revision der Trematoden der Vogel. II. Centr. Bakt. Paras. Zuf., 29 (23): 895-897, 941-948.
- BRAUN, M., 1901, Die Arten der Gattung Clinostomum Leidy. Zool. Jahrb. Syst. 14: 1-58, 2 ests., 32 figs.
- BRAUN, M., 1901, Trematoden der Chelonier. Mitt. Zool. Mus. 2 (1): 1-... , 1-2 ests., 2 figs. text.
- BRAUN, M., 1902, Fascioliden der Vogel. Zool. Jahrb. Syst. 16 (1): 1-162, est. 1-8, figs. 1-99.
- CABALLERO, E. & FLORES, L., 1948, Parasitismo de Streptoceryle torquata torquata por Cathaemasia reticulata (WRIGHT, 1879) HARWOOD, 1936. Ann. Esc. Nac. Sc. Biol., 5 (3/4): 223-227, figs. 1-2.
- CHATTERJI, R. C., 1938, Annotated list of the helminths from domesticated animals of Burma. Part. I. Trematoda. Proc. Nat. Acad. Sci. India, 8 (4): 93-104.
- COBBOLD, T. S., 1879, Parasites; a treatise of the entozoa of man and animals. 508 págs., 85 figs.
- COBBOLD, T. S., 1860, Synopsis of the Distomidae. Journ. Proc. Linn. Soc. Lond. Zool. 5: 1-56.
- CONDORELLI-FRANCAVIGLIA, M., 1897, Elminti trovati in un Hydrocolaeus minutus (PALLAS). Boll. Soc. rom. per gli stud. zool. Roma, 6 (3/5): 118-124.

- CREPLIN, F. C. H., 1937, Distoma in Allg. Encycl. d. WISSENSCH. u. KUNSTE LEIPZIG, v. 29: 309-329.
- DAWES, B., 1946, The trematoda with special to British and other European forms. 1v. 644 págs. 80 figs.
- DIESING, K. M., 1836, Monographie der Gathungen Amphistoma und Diplodiscus. Ann. d. Wien. Mus. d. Naturg. 1 (2): 235-260, est. 22-24.
- DIESING, K. M., 1850, Systema helminthum. v. 1, Vindobonae, 679 págs.
- DIESING, K. M., 1858, Revision der Myzhelminthen. Abtheilung: Trematoda.
- DOLLFUS, R., 1950, Trematodes récoltés au Congo Belge par le Professeur PAUL BRIEN (mai-août, 1937). Ann. du Mus. du Congo Belge. Tervuren (Belgique). Zool., Ser V, vol. 1, fasc. 1: 1-130.
- DUJARDIN, F., 1945, Histoire Naturelle des Helminthes on vers intestinaux. 654 págs. 1 atlas com 12 ests. Paris.
- FREITAS, J. F. T., 1941, *Cathaemasioides callis* n.g. n.sp., trematódeo parasito de *Euxenura galeata* (MOLINA). Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 35 (3): 589-592.
- FREITAS, J. F. T., 1937, Sobre um novo trematodeo parasito de Iguana tuberculata (LAUR.). Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 32 (1): 55-58.
- FUHRMANN, O., 1928, Trematoda, Handbuch der Zoolog. Kuekenenthal, 2 (2): 1-140, 175 figs.
- GAMBLE, F. W., 1896, Platyhelminthes and Mesozoa. Cambridge Nat. Hist. Lond. 2: 1-96, figs. 1-47.
- GURLT, 1945, Verzeichnis der Thiere, bei welchen Entozoen gefunden worden sind. Arch. f. Naturg. 11: 223-336.
- HARWOOD, P. D., 1936, Notes on Tennessee helminth III. Two trematodes from a kingfisher. J. Tennessee Acad. Sc. XI (4): 251-256, 1 fig.
- JOHNSTON, S. J., 1901, On a new species of Distomum from the Platypus. Proc. Linn. Soc. N. S. Wales.
- JOHNSTON, S. J., 1901, Contribution to a knowledge of Australia Entozoa. N. 1. On a new species of Distomum from the Platypus. Proc. Linn. Soc. New South Wales, 26: 334-338.
- JOHNSTON, S. J., 1913, On some trematodes parasites of Marsupials and of a Monotremata. Proc. Linn. Soc. New South Wales, 37 (4): 727-740, est. 75-77, figs. 1-11.
- KUECHENMEISTER, F., 1855, Die thierischen Parasiten. 486 págs. 9 ests. Leipzig.
- LEIDY, J., 1890, Notes of Entozoa. Proc. Acad. Nat. Sci. Phila: 413, in Smithsonian Miscellaneous collection v. 46, J. LEIDY, 1904: 528.
- LEUCKART, R., 1879, Allgemeine Naturgeschichte der Parasiten mit besonderer berucksichtigung der bei dem Menschen schmarotzenden Arten. LEIPZIG u HEIDELBERG, 216 págs. 92 figs.
- LEUCKART, R., 1886, The parasites of man, and the diseases which proceed from them. Tradução inglesa com cooperação do autor, 771 págs. 404 figs. Edinburgh.
- LINSTOW, O., 1906, Helminthes from the collection of the Colombo Museum. Spolia Zeylanica, 3: 163-188.
- LOOSS, A., 1892, Schmarotzertum in der Tierwelt. Zool. Vortraege. Leipz. 180 págs.
- LOOSS, A., 1894, Die Distomem unserer Fische und Froesche. Neue Untersuchungen ueber Bau und Entwicklung des Distomenkorpers. 296 págs. 9 ests., 192 figs. Bibliotheca Zoolog. 16.
- LOOSS, A., 1899, Weitere Beitrage zur Kenntniss der Trematoden. Fauna Aegyptus, zugleich Versuch einer natuerlichen Gliederung des Genus Distomum Retezius. Zool. Jahrb. Syst. 12: 521-784, ests. 24-32, 90 figs.
- LUTZ, A., 1928, Estudios de Zoologia y Parasitologia Venezolanas. 133 págs. 25 ests. 166 figs.
- MAC CALLUM, W. G., 1899, On the species Clinostomum heterostomum. J. Morph. Bost. 15 (3): 697-710, est. 39, figs. 1-7.
- MENDHEIM, H., 1940, Beitrage zur Systematik und Biologie der Familie Echinostomatidae (Trematoda). Nova Acta Leopoldina, Neu Folge. 8 (54): 487-588, figs. 1-41.
- MENDHEIM, H., 1943, Beitrag zur Systematik und Biologie der Familie Echinostomatidae. Arch. fur Naturg. Zeitsch. f. wisswel. Zool. Abt. B. Neue Folge, 12 (2): 175-302.

- MUELLER, A., 1897, Helminthologische Mitteilungen. Arch. f. Naturg. 63: 1-26, ests. 1-3.
- MANTER, H. W., 1949, The trematode *Cathaemasia pulchrosoma* (TRAVASSOS, 1916) n. comb. from the body cavity of a kingfisher (*Megaceryle alcyon*) in Nebraska, J. Parasit. 35 (2): 221.
- MUEHLING, P., 1896, Beitrage zur Kenntnis einiger Trematoden. Centr. f. Bakt. Paras. et 20 (16/17): 588-590.
- MUEHLING, P., 1896, Beitrage zur Kenntniss der Trematoden. Arch. f. Naturg. 62: 243-279, est. 16-19.
- MUEHLING, P., 1898, Die Helminthen-Fauna der Wirbeltiere Ostpreusens. Arch. f. Naturg. 64 (1): 1-118, est. 1-4, figs. 1-28.
- NATHUSIUS, H., 1837, Helminthologische Beitrage. Arch. f. Naturg. 3: 52-65.
- NORDMANN, A., 1832, Mikrographische Beitrag zur Naturgeschichte der wirbellosen Thiere. 118 págs. 10 est. Berlin.
- NORDMANN, A., 1840, Les ver in Lamarsk. J. Histoire naturelle des animaux sans vertèbres. Paris 2 ed. 3: 542-686.
- ODHNER, T., 1926, Zwei neue Arten der Trematodengattung *Cathaemasia* LOOSS. Arkiv for Zoologi, 18 (10): 1-4, figs. 1-3.
- OLFERS, I. F. M., 1816, De vegetatives animatis corporibus in corporibus animatis reperi undis commentarius 112 págs. 1 est. 20 figs. Berlin.
- OLSEN, O. W., 1940, Two new species of trematodes (*Apharyngastrigea bilobata*: Strigeidae and *Cathaemasia nycticoracis*: Echinostomidae) from herons, with a note on the occurrence of *Clinostomum companulatum* (Rud.). Zoologica 25 (3): 323-328, est. 1. New York.
- PARONA, C., 1887, Elmintologia sarda. Contribuzione allo studio dei vermi parassiti in animali di Sardegna. Ann. Mus. civ. di storia nat. di Genova 24-20, v. 4: 275-384, est. 5-7, figs. 1-58.
- POCHE, F., 1925, Das System der Platyzoaria. Arch. f. Naturg., 91 (23): 1-459, figs. 1-16, est. 1-7, 126 figs.
- PRATT, H. S., 1902, Synopses of North-American invertebrates. XII. The Trematodes. Amer. Natur. 36: 887-910, 953-979, 150 figs.
- RUDOLPHI, C. A., 1809, Entozoarum sive vermium intestinalium historia naturalis. 2 (1): 457 págs. ests. 7-12. Amsterdami.
- RUDOLPHI, C. A., 1814, Erste Nachtrag zu meiner Naturgeschichte der Eingeweidewurmer. Mag. f. d. n. Entdek. in d. ges. Naturk. Berlin 6 (2): 83-113.
- RUDOLPHI, C. A., 1819, Entozoarum synopsis, 811 págs. 3 est. Berlin.
- SIEBOLD, C. T., 1835, Helminthologische Beitrage. Arch. f. Naturg. 1: 45-83, est. 1, 4 figs.
- STILES, C. W. & HASSALL, A., 1894, Notes on Parasite, 21. A new species of fluke (*Distomum complexum*). Veterinary Magaz.: 413.
- STOSSICH, M., 1891, Elminti veneti raccolti dal Dr. ALEXANDRO CONTE DE NINNI. Seconda serie. Boll. Soc. adriat. di sc. nat. in Trieste, 13 (1): 109-116, est. 1, figs. 1-6.
- STOSSICH, M., 1892, I distomi degli uccelli. Boll. Soc. Adriat. Sci. natur. Trieste, 13: 143-196, Separata (1-54).
- SZIDAT, U., 1936, Ueber eine Echinostomidem cercarie, *Echinocercaria choanophila* n. sp. Zool. Anz., 116 (11-12): 304-310, figs. 1-7.
- SZIDAT, U., 1939, Beitrage zum aufbau eines Naturlichen. Systems der Trematoden. I Die entwicklung lung von *Echinocercaria choanophila* U. SZIDAT zu *Cathaemasia hians* und die ableitung des Fasciolidae von den Echinostomidae. Zeits. f. Parasitenk. 11 (2/3): 239-283, figs. 1-37.
- TRAVASSOS, L., 1916, Informações sobre a fauna helminthologica sul-fluminense. Brasil-Medico, 30 (40): 313-314.
- TRAVASSOS, L., 1917, Espécies brasileiras do gênero *Lyperosomum* LOOSS, 1899. Prim. Conf. Sud Americana de Hyg., Microb. & Patol. 17/24, Set. 1916: 737-745, figs 1-6.
- TRAVASSOS, L., 1922, Informações sobre a fauna helminthologica de Matto Grosso. Folha Medica, 3 (24): 187-190.

- TRAVASSOS, L., 1928, Fauna helminthologica de Matto Grosso (Trematodeos la parte). Mem. Inst. Oswaldo Cruz 21 (2): 309-341, ests. 42, 43, figs. 1-17, ests. 44-54, figs. 1-44.
- TRAVASSOS, L., 1939, Um novo trematodeo parasito das garças: *Ribeiroia insignis* n.g., n.sp. Bol. Biol. (n.s.), 4 (2): 301-304.
- TRAVASSOS, L., 1940, Relatório da quarta excursão do Instituto Oswaldo Cruz a zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, realizada em Agosto e Setembro de 1940. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 35 (4): 697-722.
- TRAVASSOS, L., 1944, Revisão da familia *Dicrocoeliidae* ODHNER, 1911. Monogr. Inst. Oswaldo Cruz, 2: 1-VI, 357 págs., 124 ests. 429 figs.
- TRAVASSOS, L., 1945, Relatório da excursão do Instituto Oswaldo Cruz ao Rio Paraná (Porto Cabral) em março e abril de 1944. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 42 (1): 151-165.
- TRAVASSOS, L. & FREITAS, J. F. T., 1940, Pesquisas helmintologicas in Relatório da terceira excursão a zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil realizada em Fevereiro e Março de 1940. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 35 (3): 610-634.
- TRAVASSOS, L. & FREITAS, J. F. T., 1943, Relatório da sétima excursão científica do Instituto Oswaldo Cruz, realizada à zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Maio de 1922. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 38 (3): 385-412.
- TRAVASSOS, L., FREITAS, J. F. T. & LENT, H., 1939, Pesquisas helmintologicas in Relatório da excursão científica do Instituto Oswaldo Cruz realizada na zona da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em Outubro de 1938, Bol. Biol. (n.s.), 4 (2): 221-249.
- TRAVASSOS, L., PINTO, C. & MUNIZ, J., 1927, Excursão científica ao Estado de Matto Grosso na zona do Pantanal (Margens dos rios S. Lourenço e Cuyabá) realizada em 1922. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, 20 (2): 249-269, ests. 128-149.
- WAGENER, G. R., 1857, Beitrage zur Entwicklungs-Geschichte der Eingeweidewurmer. Naturk. Verhandl. v.d. Holland. Maatssch. d. Wetensch. te Haarlén, 2 Verzaamel., Deel 13, 112 págs. ests. 1-36 A.
- WILLEMOES-SUHM, RUD., 1873, Helminthologische Notizen. Ztschr. f. wissensch. Zool. 23 (3): 331-345, est. 17, figs. 1-11.
- WRIGHT, R. R., 1879, Contributions to American Helminthology. J. Proc. Canad. Inst. 1 (n.s.): 54 e 74, 2 ests., 22 figs.
- VIGUERAS, I. P., 1940, Notas sobre algumas especies nuevas de trematodes y sobre otras poco conocidas. Rev. Univ. de la Habana, 28 págs. 16 ests., 21 figs.
- YOSHIDA, S. & TOYODA, K., 1930, Notes on *Cathaemasia hians* (RUDOLPHI) from the mouth of *Cicciaia nigra*. Ann. Trop. Med. and Paras. 24 (1): 85-94, fig. 1, est. II, figs. 1-6.
- ZELLIFF, C. C., 1941, Observations on *Cathaemasia reticulata*, a trematode from the belted kingfisher. Ann. Natur. 75: 508-511, figs. 1-2.

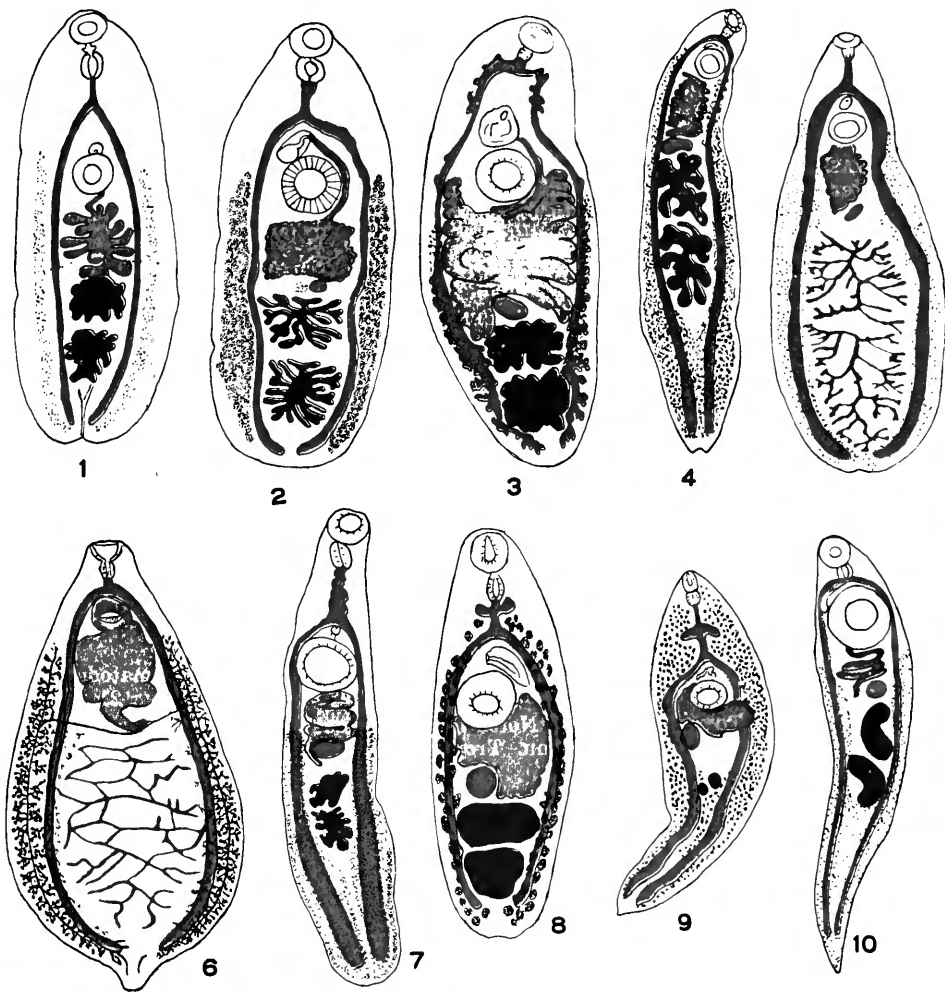


Fig. 1 — Esquema de *Cathaemasia* (segundo a figura de MUEHLING). — Fig. 2 — Esquema de *Cathaemasia* (segundo a figura de YOSHIDA & TOYODA). — Fig. 3 — Esquema de *Cathaemasioides* (segundo a figura de FREITAS). — Fig. 4 — Esquema de *Pulchrosoma* (original). — Fig. 5 — Esquema de *Pulchrosoma reticulatum* (segundo a figura de WRIGHT). — Fig. 6 — Esquema de *Pulchrosoma reticulatum* (original). — Fig. 7 — Esquema de *Cathaemasio nycticoracis* (segundo a figura de OLSEN). — Fig. 8 — Esquema de *Ribeiroia* (segundo a figura de TRAVASSOS). — Fig. 9 — Esquema de *Trifolium* (segundo a figura de TRAVASSOS). — Fig. 10 — Esquema de *Mehlisia* (segundo a figura de JOHNSTON).

LIGEIRAS OBSERVAÇÕES SOBRE O GÊNERO *CITHAERIAS*
HÜBNER, 1819. (Lep. SATYRIDAE)

p o r

R. FERREIRA D'ALMEIDA (*)

Com a publicação desta ligeira nota, temos tão somente em vista prestar aos nossos colegas alguns esclarecimentos que lhes possam ser úteis no estudo das espécies deste pequeno gênero da família *Satyridae*. Não temos a pretensão de considerar o nosso trabalho como perfeito, como cousa definitiva. Muito ao contrário, ele é falho, deixando sem solução certas questões importantes do grupo. Até mesmo as opiniões que emitimos sobre certas espécies são talvez suscetíveis de modificações futuras. Reconhecemos, pois, que a nossa contribuição para um melhor conhecimento do gênero é muito pequena.

Um bom trabalho de revisão do grupo seria o ideal. Para tanto, porém, faltam-nos material e os necessários, digo antes, imprescindíveis dados sobre os tipos das espécies descritas anteriormente. Sem o exame desses tipos afigura-se-nos humanamente impossível identificar essas espécies com segurança, visto que as dificuldades com que deparamos no estudo deste gênero são precisamente motivadas pelas deficientíssimas descrições que os autores fizeram das suas espécies. Atribuir a espécie *A* ou *B* a fulano ou beltrano sem poder provar é agir descriçionalmente. Não estamos de acordo com esse modo de proceder. Se de todo não for possível identificar uma espécie, que seja ela considerada espécie dúbia.

Vejamos por exemplo a descrição da espécie mais antiga do gênero — *Cithaerias andromeda* (FABRICIUS, 1775) — e o que dela diz o seu autor:

“*P. P. andromeda* alis rotundatis, integerrimis, hyalinis albis: posticis ocello utrinque unico.”

“Habitat in India. Mus. Gronovii.”

“Statura praecedentis, (1) at paulo minor. Alae posticae ad marginem posticum litura parva, coerulea, ocelloque unico pupilla alba.”

Mais tarde, em 1793, na sua “Entomlogia Systematica”, escreve o mesmo autor referindo-se ainda a *andromeda*: “*P. P.* alis rotundatis hyalino-albis: posticis apice rubris: ocello utrinque unico.”

“*Papilio menander* Drury Ins. 3 tab. 38.”

“Habitat in India Mus. Dom. Gronovii.”

(1) *rhea*.

(*) Do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

"Alae posticae ad marginem posticum litura parva, coerulea ocelloque unico, pupilla alba."

Na primeira descrição podemos fazer entrar duas espécies: *philis* CR. e *esmeralda* DOUBLEDAY, sobretudo a forma *bandusia* STGR.; na descrição de 1793, além dessas duas espécies, ainda entrarão outras, como por exemplo, *pireta*, *phantoma*, enfim tôdas as espécies que têm a côr rósea avermelhada na margem externa das asas posteriores.

Vejamos outro autor mais moderno, FELDER, por exemplo. Transcrevamos o que êle diz sôbre a sua espécie *aurora* na Wiener Entomologische Monatschrift, 6 (6), pp. 175-175. (1862):

"*Haetera pireta* Cram. var. *aurora* nob."

"*H. andromeda* Bates in litt. var."

"Figura crameriana *H. piretae* (Pap. exot., 4, pl. 315, A) vel pessime confecta est, vel singularem sistit speciem. *H. philis* Cram. surinamensis ab auctoribus cum *H. pireta* (= *andromeda* Fabr., *menander* Drury?) confundebatur, sed species est valde diversa, *H. esmeraldae* Doubldy., potius affinis. Cellulae ejus discoidales angustiores sunt, quam in *H. pireta*. Nostrum speciem ex antiqua collectione Sylvii van Lennep inter ramos primores medianos alarum posticarum ocellum exhibet minutum."

"Species nostra, quam vere *H. piretae* Cram. formam esse, haud certe scimus, in tota Columbia et Brasilia boreali provenit."

"Dom. Bates duos nobis transmisit mares. Totidem ex regione negrina accepimus. Hi autem multo magis iridescunt (praesertim in colore virescente), strigae fuscae alarum valde obsoletae sunt, alarum posticarum regio posterior haud purpureo sed pallide lilacino et ochraceo squamata ocellusque magis elongatus."

Francamente, na nossa opinião a descrição de FELDER é pior que a de FABRICIUS acima transcrita. Que diz êle afinal da sua espécie *aurora*? Que ela pôde ser uma espécie ou variedade de *pireta* CRAM. e que apresenta entre os primeiros ramos medianos das asas posteriores um pequeno ocelo. Não diz si a sua espécie é descrita de um macho ou de uma fêmea, apenas que o seu material é proveniente da Colômbia e do norte do Brasil. Mais abaixo fala sôbre exemplares diferentes de *aurora* que êle recebeu de BATES, isto é, dois machos e outros tantos da região do Rio Negro, os quais são mais iridescentes, sobretudo no que concerne à côr esverdeada. As estrias fuscas das asas são muito obsoletas; a região marginal das asas posteriores não é purpúrea, porém de um lilacino pálido, com escamas ocráceas; o ocelo é mais alongado. Na primeira descrição o autor parece referir-se a exemplar macho pela comparação que faz com *pireta* CRAMER. Na segunda descrição, isto é, quando descreve os machos recebidos de BATES e da região do Rio Negro, êle alude a exemplares que têm na borda externa das asas posteriores uma coloração de um lilacino pálido com escamas ocráceas. Não conhecemos machos de qualquer espécie de *Cithaerias* que concordem com a descrição de FELDER. Há, porém, fêmeas de uma espécie que vôa no rio Solimões, em Iquitos (Peru) e em Jauareté no Alto Rio Negro que podem ser a espécie de FELDER. A estas fêmeas é que BROWN chama de *aurora*?

Com descrições como a que acabamos de ler, é impossível determinar qualquer espécie de *Cithaerias*. Não podemos, por isso mesmo, criticar o trabalho do nosso distinto colega, Sr. F. MARTIN BROWN, ("Notes

on Ecuadorian Butterflies" 5, publicado em "Journal of the New York Entomological Society", 50, pp. 309-333. (XII/1942) pelas falhas que contem.

Quanto às figuras das espécies de *Cithaerias* publicadas pelos autores, as melhores que conhecemos são as de BUTLER em 1866, as de GODMAN & SALVIN e as de WEYMER in SEITZ.

BROWN não conseguiu identificar a verdadeira *phantoma* de FASSL. Na sua descrição êle fala de exemplares "merely a very pale or faintly colored *aurora*." E mais adiante: "the pink scaling is greatly reduced."

Ora, *phantoma* FASSL é precisamente o contrário do que diz BROWN. Tôda a metade externa das asas posteriores, isto é, da extremidade da CD. até a margem da asa, apresenta uma coloração de um vermelho róseo muito vivo. Esta região assim colorida não é transparente. Eis o que diz FASSL sobre a sua espécie: "Diese Falter sehen *Call, aurorina* Weyn. ähnlich; doch ist *derpurpurrote Fleck niemals bis in die Mittelzelle ausgedehnt, sondern auf die äussere Hinterflügel-Hälfte beschränkt. Von pireta* Cr. ist die Form durch das viel lebhaftere Rot verschieden sowie auch dadurch, dass der Prachfleck beim ♀ nicht braun sondern ebenfalls purpurfarbig ist". (1).

Os exemplares que consideramos como sendo *phantoma* FASSL, alguns capturados pelo próprio FASSL em São Paulo d'Oliveira, no Amazonas, são de um vermelho róseo muito vivo, não transparente, na metade externa das asas posteriores, isto é, da extremidade da CD. até a borda externa. As fêmeas têm geralmente uma côr de um vermelho purpurino carregado e não côres pálidas como os exemplares que BROWN descreve como fêmeas de *aurora*. Parece-nos que as fêmeas claras e as escuras pertencem a uma só espécie. Não sabemos se pertencem a *C. aurora* FELDER. Que os machos e as fêmeas escuras acima descritos são bem *phantoma* de FASSL, não temos dúvidas.

É possível que *aurora* FELDER seja a mesma *phantoma* FASSL. Só vendo o tipo da primeira poder-se-á resolver a questão.

Cithaerias aurora (BUTLER, 1866) publicada nos "Proceedings of the Zoological Society of London", 1866, p. 42, t. 3, fig. 7 e 8, macho e fêmea, é a mesma *C. phantoma* de FASSL.

Cithaerias pireta (CR., 1780) é, na nossa opinião, igual a *Cithaerias menander* (DRURY, 1782). Temos um exemplar macho do rio Maroni, Guiana Francesa, que concorda com a figura de CRAMER. O tom róseo da região externa das asas posteriores é menos vivo que o dessa figura, aliás grosseira como são tôdas as outras do mesmo autor, mas avança em direção à base da asa pelo lado da borda abdominal, carácter que se nota na supracitada figura e também em *C. menander* (DRURY). Outro carácter comum é a região marginal das asas posteriores de côr mais carregada.

Não sabemos como foi que BROWN descobriu na figura de CRAMER as diferenças que cita para a sua *pireta*.

Já em 1937 (D'ALMEIDA, Excursão científica aos rios Cuminá e Trombetas, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 32 (2) : 252-253) con-

(1) Os grifos são nossos.

siderávamos *Cithaerías pellucida* (BUTLER) como sendo a fêmea de *Cithaerías philis* (CRAMER). É a única espécie que vÔa nas regiões do rio Cumíná. Capturamos vários casais desta espécie em dois únicos pontos: Cachoeira do Tronco, onde era comum e Cachoeira do Mel, onde era bem escassa. *Cithaerías harpalyce* (BUTLER) deve ser a mesma *philis* de CRAMER, tendo porém uma minúscula mancha ocelar entre Cu-1 e Cu-2 das asas posteriores. Não possuímos nem um macho que tenha êsse ocelo, mas temos três fêmeas que o possuem.

BROWN não tem razão em considerar *rubina* FASSL como sinônimo de *pireta* CRAMER. A espécie de FASSL é uma variedade individual ou quando muito uma subespécie de *C. esmeralda* (DBLD). Nada tem que ver com *pireta* CR. ou espécies afins.

Cithaerías esmeralda (DBLD), foi descrita de uma fêmea. Esta espécie é intermediária entre *bandusia* STAUDINGER e *rubina* FASSL. As diferenças entre essas três formas são as seguintes: *esmeralda* tem as manchas róseas situadas em uma área de tom violáceo escuro e são circundadas por uma coloração pardacenta um tanto esbatida. Os machos têm essa mesma área mais reduzida. A forma que se aproxima mais de *esmeralda* é *bandusia*. Esta tem (nos machos) duas manchas brancas ou de tom branco rosado, situadas sÔbre uma área de um lindo azul escuro, enquanto que *rubina* tem as referidas manchas de um róseo pálido, com ligeiros reflexos purpurinos, colocadas em uma área de um róseo purpúri-no vivo, daí o nome de *rubina* que recebeu do seu autor.

Examinamos exemplares de *Cithaerías esmeralda* de Belém e Alcobaca, no Pará; *C. bandusia* dessa última localidade e de Maués, no Amazonas; *C. rubina* também de Maués, Amazonas e Itaituba, Tapajós, no Pará. Vacilamos em considerar estas duas últimas como subespécies da primeira, preferindo citá-las como formas individuais de *esmeralda*. Há formas intermediárias.

Hesitamos, outrossim, em considerar *C. esmeralda* (DBLD., 1845) como sinônimo de *C. andromeda* (FABR., 1775). É bem possível que ambas sejam a mesma espécie. Entretanto, só podemos determinar com segurança a *C. esmeralda* de DOUBLEDAY; a *C. andromeda* de FABRICIUS, não.

Cithaerías pireta (Cram., 1780)

Papilio pireta ♂ CRAMER, 1780, Pap. Exot., 4, p. 52, t. 315, f. A. (*sine patria*).

Papilio menander ♀ DRURY, 1782, Ill. Exot. Ins., 3, t. 38, f. 3 (*P. Hel. Parnass.*).
Jamaica.

Papilio andromeda FABRICIUS, 1793 (nec 1775), Entom. Syst., 3 (1), p. 184.
(Part.). *P. Parnass.*

Callitaera menander ♂, ♀ GODMAN & SALVIN, 1880, Biol. C. Amer., Lep. Rhop.,
1, p. 63, t. 6, f. 1, 2.

Callitaera menander ♂, ♀ WEYMER, 1911, in Seitz Macrol. Globe, 5, p. 174, t. 42 a.

As duas estrias fuscas transversais das asas são nítidas. Área externa das asas posteriores de um róseo purpúrescente claro, transparente, estendendo-se esta cÔr da borda abdominal até o ocelo apical e da borda externa até a extremidade da CD., avançando um pouco mais

para a base da asa junto à borda abdominal. A margem das asas posteriores de um róseo mais escuro, formando estreita bordadura, limitada internamente pela estria submarginal; a estria posmediana é bem nítida, mesmo sobre a côr rósea, e menos afastada da submarginal que a de *phantoma*. A fêmea é muito semelhante ao macho.

Cithaerias phantoma (Fassl, 1922)

(Est. 1, fig. 1, 2; est. 2, fig. 1.)

Callitaera phantoma ♂, ♀ FASSL, 1922, Ent. Zeit. Frankf., 36, p. 22.

Haetera aurora ♂, ♀ BUTLER, 1866, Proc. Zool. Soc. London p. 42, t. 3, figs. 7, 8. ♂, ♀.

Estrias transversais menos nítidas, sobretudo a proximal que é apenas vestigial junto à borda interna das asas anteriores e à borda abdominal das posteriores. Área externa das asas posteriores de um vermelho róseo purpurescente muito vivo, não transparente, abrangendo tôda a extensão que vai da borda abdominal ao ocelo apical e da margem da asa à extremidade da C.D. podendo, mesmo, invadir um pouco a referida célula; na borda abdominal ela não avança além do meio da asa. As estrias submarginal e posmediana são mais afastadas uma da outra, principalmente no meio e aparecem com menos nitidez devido à opacidade da área rósea; a margem da asa não apresenta bordadura de côr mais carregada, como em *pireta*. Genitália do ♂. — *Saccus* extremamente curto, *aedaeagus* pequeno, *valvas* pontudas distalmente, *scaphium* (*uncus* dos autores) menos curvado que o de *similigena*. A fêmea é bem diferente do macho. Asas bem mais largas. A área externa das posteriores é de um róseo purpurescente, porém sombreada por escamas fuscas nas partes onde é atravessada pelas estrias posmediana e submarginal, as quais são largas, unidas uma a outra por escamas da mesma côr, colocadas ao longo das nervuras cubitais e mediana 3. A estria submarginal, quer na fêmea, quer no macho, é mais afastada da margem que a de *pireta*. A área rósea purpurescente é mais reduzida que no macho; nunca atinge a extremidade da C.D. e a sua largura vai do ângulo abdominal até M 3, a célula M 3 é, pois, transparente e incolor.

Cithaerias aurorina (Weymer, 1911)

Callitaera aurora form. *aurorina* WEYMER, 1911, in Seitz Macrol V, p. 174, t. 42 a.

As estrias fuscas transversais são evanescentes, mesmo a distal das asas anteriores. As asas posteriores são totalmente de um róseo purpurescente não carregado, transparente. Esta côr atinge geralmente a base da asa, às vezes porém não vai além do meio da C. D. As estrias posmediana e submarginal são mais finas, mais aproximadas entre si que as de *phantoma*, mantendo largura uniforme em tôda a sua extensão, a submarginal é bem afastada da linha marginal mais escura, diferindo neste particular de *pireta*. Tôdas as nervuras de um róseo purpurino mais carregado. Não conseguimos descobrir a fêmea de *aurorina*. Serão os exemplares semelhantes à ♀ de *phantoma* aqui descrita mas apresentando a área externa das asas posteriores de um róseo fusco pálido?

Cithaerias similigena sp. nov.

(Est. 1, fig. 3, 4; est. 2, fig. 3, 4.)

É uma cópia da fêmea de *phantoma* FASSL. Os exemplares que consideramos, aliás na dúvida, como fêmea da nossa espécie, não apresentam externamente a menor diferença das fêmeas da espécie de FASSL. As diferenças, porém, que existem entre os machos da nossa espécie e os de *phantoma* são tão grandes que não é possível considerá-los como formas machos desta última espécie. As genitálias de ambos são muito diferentes e por isso não vacilamos em considerar os nossos machos como uma espécie à parte.

Macho. Comprimento de uma asa anterior 30 mm. Asas um pouco mais largas e menos alongadas que as dos machos de *phantoma* FASSL, semelhantes, porém, às das fêmeas desta mesma espécie, transparentes como as das outras espécies do gênero, as anteriores com as duas estrias fuscas transversais nítidas, a externa mais larga do que a interna, esta penetrando ligeiramente na C. D. no ponto de inserção da Cu-2, aquela quase atingindo a extremidade inferior da mesma célula. Borda costal, borda externa e nervuras fuscas como nas demais espécies do gênero. Asas posteriores tendo na borda externa uma área não transparente de um vermelho róseo purpurino vivo, muito semelhante à da fêmea de *phantoma*, estendendo-se do ângulo anal até M-3 e não atingindo também a extremidade da C.D., mas ultrapassando a estria posmediana. A célula M-3 é vítrea e incolor, tendo porém para a margem externa uma bordadura fusca, como nas fêmeas de *phantoma*.

As estrias posmediana e submarginal aparecem em tom mais escuro, são mais espessas e mais aproximadas do que as do ♂ de *phantoma*, apresentando entre elas três manchas de um róseo purpurino mais claro. Franjas de tom pardo escuro, margem externa com ligeiro debrum esbatido pardacento que se dilata na célula M3 para unir-se a estria posmediana que é bem marcada deste ponto até à borda costal. Ocelo apical como nas demais espécies. Ponto branco da célula M-3 faltando. Estria fusca proximal nestas asas é pouco nítida, indo da borda abdominal à borda costal, atravessando a C. D. junto da Cu 2: as *dc* ligeiramente bordadas de pardo. Corpo pardo escuro superiormente, brancacento inferiormente. Antenas pardacentas, mais claras para a face inferior.

A face inferior é semelhante à superior, com a área externa das asas posteriores rósea e as estrias submarginal e posmediana largas e de um pardo café.

Genitália do ♂. *Saccus* muito longo, *aedaeagus* extremamente longo e fino, tendo o comprimento do *saccus* + *valvas*, cinco vezes maior que o de *phantoma*; *valvas* menos pontudas distalmente, *scaphium* pouco maior e mais curvado que os de *phantoma*. Há ainda diferença no *vinculum* e na *transtilla*, como podem ser observadas nas fotografias que reproduzimos aqui. Fêmea de *C. similigena*? Os exemplares que consideramos como fêmeas da nossa espécie são semelhantes ao macho acima descrito. A área rósea purpurina das asas inferiores talvez um pouco mais clara: a célula M-3 com um ponto branco. Não cremos possível separar essas fêmeas das de *phantoma* pelos caracteres externos. Notamos uma pequena diferença, que talvez não seja constante, entre as fêmeas de *similigena* e as de *phantoma*: nestas últimas a área de um vermelho purpurino muito raramente ultrapassa a estria posmediana, quando ultrapassa,

não apresenta a nitidez como em *similigena*. A estria transversal interna é mais próxima talvez da posmediana na borda abdominal em *phantoma* do que na nossa espécie.

Holótipo macho, n.º 4970 capturado em São Joaquim, rio Içana, afluente do Rio Negro, Amazonas. Col. D'ALMEIDA. Parátipo: 2 ♂ rio Paporí, 1 ♂ Alto Rio Negro, 1 ♂ Jauareté, col. Museu Nacional. Parátipos ♂ 4980, Jauareté, Uaupés, 2 ♂ 5127, 5128 de São Joaquim, Rio Içana, Afluente do Rio Negro, Amazonas. Col. D'ALMEIDA.

Alótipo ? fêmea, n.º 4982, São Joaquim, Rio Içana. Parátipo: ♀ 4981 Jauareté, Uaupés, col. D'ALMEIDA.

Cithaerias juruaënsis sp. nov.

(Est. 1, fg. 5)

Talvez seja *juruaënsis* apenas uma subespécie de *aurorina* WEYMER. Comprimento de uma asa anterior 27 mm. Muito semelhante a *aurorina*, tendo vestígios da estria transversal externa nas proximidades do ângulo inferior das asas anteriores; a estria interna falta.

Asas posteriores com a borda externa de um róseo purpurescente menos vivo que o de *phantoma*, mas semelhante ao de *pireta*; esta área colorida transparente é muito estreita, não ultrapassa a estria posmediana, estendendo-se do ângulo anal até M-3 e em seguida prolongando-se pela margem da asa até M-2; as estrias posmediana e submarginal finas, aproximadas como em *aurorina*, a margem externa com ligeira bordadura de côr mais escura como nesta última espécie, mas não atingindo a estria submarginal como em *pireta*. Os ramos da cubital e o M-3 quase inteiramente róseo-purpurinos. Estria transversa proximal fusca aparecendo mui ligeiramente na borda abdominal, a posmediana é pouco perceptível no trecho compreendido entre M-3 e a borda costal. Ocelo semelhante ao de *aurorina*, seguido inferiormente de um ponto branco na célula M-3; esta célula não é rósea, como dissemos acima, senão na margem da asa. Antenas e corpo semelhantes aos de *aurora*.

Holótipo n.º 4983 ♂ capturado em Porto Walter, Alto Rio Juruá, Acre. EDUARDO MAY leg. Col. D'ALMEIDA. Paratipo: 1 ♂ Alto Rio Juruá Col. Museu Nacional.

NOTA — O exemplar figurado por BUTLER em 1866 sob o nome de *andromeda* FABR. parece-nos um pouco com *juruaënsis*. Será a mesma espécie?

Gênero CITHAERIAS Hübner, (1819)

Cithaerias HÜBNER, 1819, Verz. bek. Schmett., p. 53.

Callitaera BUTLER, 1868, Cat. Satyr. B. Mus., p. 101.

Cithaerias pireta (Cramer, 1780)

Papilio pireta ♂ CRAMER., 1780, Pap. Exot., 4, t. 315, f. A. (sine patria).

Papilio menander ♀ DRURY, 1782, Ill. Ex. Ent. 3, t. 38, f. 3.

Callitaera menander GODMAN & SALVIN, 1880, Biol. C. Amer. Lep. Rhop., 1, p. 63, t. 6, figs, 1 e 2.

Callitaera menander WEYMER, 1911, in Seitz Macrol. V, p. 174, t. 42 a ♂, ♀.

Papilio andromeda FABRICIUS, 1793 (nec 1775) Ent. Syst. 3 (1), p. 184 (part.).

Cithaerias phantoma. (Fassl, 1922)

Callitaera phantoma ♂, ♀ FASSL, 1922, Ent. Zeitschr., Frankf., 36, p. 22 (Manicoré, Tefé,, São Paulo d'Oliveira).

? *Haetera pireta*? var. *aurora* FELDER, 1862, Wien. Ent. Monatschr., 6, p. 175-176 (partim?).

Cithaerias aurorina. (Weymer, 1911)

Callitaera aurorina WEYMER, 1911, in Seitz Macrol., 5, p. 174, f. 42 a.

Cithaerias philis. (Cramer, 1780)

Papilio philis ♂ CRAMER, 1780, Pap. Exot., 4, p. 201, t. 387, f. E.

Callitaera philis ♂ WEYMER, 1911, in Seitz Macrol., 5, p. 175, t. 42 b.

Haetera pellucida ♀ BUTLER, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 41, t. 3, f. 5.

Callitaera pellucida ♀ WEYMER, 1911, in Seitz Macrol., p. 175, t. 42 b.

= form. *Haetera harpalyce* (♂ ?)

BUTLER, 1866, Proc. Zool. Soc. London, p. 42, t. 3, fig. 6.

= form. *Callitaera pellucida* f. ♀ *archeops*

LE CERF. 1926, Encycl. Ent., Ser. B, Lep. 2, p. 45. Venezuela.

Não conhecemos a forma *archeops* Le Cerf.

Cithaerias esmeralda. (Doubl., 1845)

Haetera esmeralda ♀ DOUBLEDAY, 1845, An. Mag. Nat. Hist. (1) 16, p. 306.

Haetera esmeralda ♀ DOUBLEDAY & WESTWOOD, 1851, Gen. D. Lep., 365, t. 62, f. 4 (Pará).

= form. *Cithaerias esmeralda* var. *bandusia*

STAUDINGER., 1888, Exot. Tagf., 1, p. 219 (Maués).

= form. *Callitaera rubina* (Est. 2, fig. 1, ♂)

FASSL, 1922, Entom. Zeit. Frankf., p. 22 (Tapajós, Santarém, Tapeirinha, Altamira no Rio Xingú).

= ? *Papilio andromeda*

FABRICIUS, 1775, Syst. Entom., p. 467 (partim).

Cithaerias pyropina. Godm. & Salv., 1868

Cithaerias pyropina GODMAN & SALVIN, 1868, Ann. Mag. Nat. Hist., (4), 2, p. 141, n.º 1 Est. do Peru.

Callitaera pyropina WEYMER, 1911, in Seitz Macrol., 5, p. 175, t. 42 b.

Espécie característica voando na Bolívia e Peru.

Cithaerias mimica. (Rsnbg. & Talb., 1914)

Callitaera mimica ROSENBERG & TALBOT, 1914, Trans. Ent. Soc. London, 1913, p. 677. Colombia.

Não conhecemos esta espécie.

Cithaerias similigena sp. nov.

Cithaerias juruaënsis sp. nov.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS ESPÉCIES.

MATERIAL EXAMINADO POR NÓS

C. pireta CR.

2 ♂♂ e 1 ♀ de Costa Rica; 2 ♂♂, 4 ♀♀ de Muzo, Colômbia; 1 ♂ do rio Maroni, Guiana Francesa.

C. phantoma FASSL.

1 ♂, 1 ♀ de Manicoré; 2 ♂♂, 2 ♀♀ do Amazonas superior; 3 ♀♀ de Iquitos, Peru (das quas duas são pálidas); 3 ♂♂, 1 ♀ do Alto Juruá, Acre; 1 ♀ de Jauareté, Amazonas (de cor pálida); 12 ♂♂, 2 ♀♀ de São Paulo d'Oliveira, Amazonas; 2 ♀♀ de Tabatinga (1 exemplar pálido); 5 ♂♂, 4 ♀♀ (1 ♀ pálida) de Benjamin Constant, rio Solimões; 1 ♂, 1 ♀ do rio Itacoai, Amazonas, (= ? 1 ♂ do Rio Verde, Mato Grosso e outro da Cachoeira Samuel, rio Jamari, Guaporé (em ambos os exemplares o róseo não atinge a extremidade da CD.).

C. aurorina WEYMER.

2 ♂♂ do Amazonas superior; 2 ♂♂ de Iquitos, Peru; 2 ♂♂ de São Paulo d'Oliveira, Amazonas; 1 ♂ Tabatinga, Rio Solimões; 3 ♂♂ rio Uaupés, afl. do Rio Negro.

C. similigena sp. nov.

1 ♂ de Jauareté; 2 ♂♂ do rio Papori; 1 ♀ do Alto Rio Negro; 1 ♂, 1 ♀ do Içana, afl. do Rio Negro; 1 ♂, 1 ♀ de Jauareté, rio Uaupés, Amazonas.

C. juruaënsis sp. nov.

1 ♂ Alto Juruá, Acre; 1 ♂ Porto Walter, Alto Juruá, Acre.

C. philis CR.

3 ♂♂ de Obidos; 5 ♂♂, 4 ♀♀ da Cachoeira do Tronco, Rio Cuminá; 2 ♂♂ da Cachoeira do Mel, Pará.

C. esmeralda DOUBLD.

2 ♀♀ de Alcobaça; 1 ♂, 1 ♀ de Murutucu, Belém, Pará.

f. bandusia STGR.

1 ♂ Alcobaça; 1 ♀ Itaituba, Tapajós, Pará; 8 ♂♂, 4 ♀♀ Maués, Amazonas; 2 ♀♀ Ega, Amazonas.

f. rubina FASSL.

1 ♂ Amazonas Superior; 4 ♂, 1 ♀ Maués, Amazonas; 1 ♂ Taperinha; 3 ♂♂, 3 ♀♀ Tapajós; 1 ♀ Uaratinga, Santarém; 1 ♀ Rio Amazonas inferior; 1 ♂ Victoria, rio Xingu, Pará.

Gênero **DULCEDO** gen. nov. (1)

Asas vítreas não alongadas, as anteriores triangulares. CD. das asas posteriores bem mais curtas do que a das espécies do gênero *Cithaerias*, não atenuada para a extremidade. Genitália do macho relativamente muito pequena; o *aedaeagus* e o *saccus* curtos; *socii* presentes; *valvas* largas, não afiladas para a extremidade distal; o *tegumen* avan-

(1) Palavra latina que significa doçura, encanto, suavidade, etc.

ça inferiormente unido ao *vinculum*, formando larga faixa que termina na metade da distância entre a base dêste último e o *tegumen*. *Transtilla* ausente.

GENÓTIPO: *Haetera polita* HEWITSON, 1869. (Estampa 2, fig. 2; fig. 1, texto).

As ótimas fotografias que ilustram êste trabalho foram tiradas pelos nossos prestimosos amigos, Oiticica Filho (microfotografias das genitálias) e Moacir Leão (fotos dos imagos), a quem apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

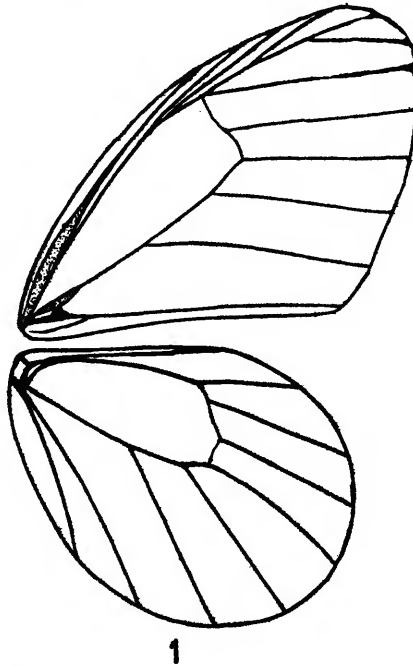


Fig. 1 Nervação das asas de *Dulcedo polita* (HEW.).

As microfotografias das genitálias foram tiradas pelo nosso amigo, Dr. J. Oiticica Filho com um aumento de 19 vêzes.

As valvas esquerdas foram removidas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, R. FERREIRA D'

1937 — Excursão científica aos rios Cuminá e Trombetas. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 32 (2): 255-298, ests. 1-5.

BATES, HENRY WALTER

1864-5 — New species of butterflies from Guatemala and Panama, collected by Osbert Salvin and F. du Cane Godman, Esqs. The Entomologist's Monthly Magazine, 1: 1-6, 31-35, 55-59, 81-85, 113-116, 126-131, 161-164, 178-180, 202-205.

BOISDUVAL, JEAN ALPHONSE

1870 — Considérations sur des lépidoptères envoyés du Guatemala à M. de l'Orza. In-8º, 100 pp.

BROWN, F. MARTIN

- 1941 — Some notes on four primary reference works for Lepidoptera. *Ann. Ent. Soc. Amer.*, 34: 127-138.

Traz as datas da publicação dos seguintes livros: LATREILLE & GODART. *Encyclopédie Méthodique* v. 9; DOUBLEDAY & WESTWOOD, *Genera Diurnal Lepidoptera*; CRAMER & STOLL, *Papillons Exotiques* e GODMAN & SALVIN, *Biologia Centrali Americana, Lepidoptera Rhopalocera*.

- 1942 — Notes on ecuadorian butterflies, 5. *Cithaerias*, *Haetera* and *Pseudohaetera* n.g. (*Satyridae*). *Journal New York Entomological Society*, 50 (4): 309-331, t. 19-20.

BUTLER, ARTHUR GARDNER

- 1866 — Description of some new exotic butterflies in the National Collection. *Proceedings of the Scientific Meetings of the Zoological Society of London*: 39, plate 3 (colorida).

- 1868 — Catalogue of diurnal Lepidoptera of the family *Satyridae* in the collection of the British Museum. London, in-8°. VI+211 pp., 5 ests.

BUTLER, ARTHUR GARDNER & DRUCE, HERBERT

- 1874 — List of butterflies of Costa Rica, with description of new species. *Proc. of the Zoological Society of London* (part 2): 330-370.

CRAMER, PIETER

- 1775-1784 — Description de Papillons Exotiques des trois parties du monde l'Asie, l'Afrique et l'Amérique etc. 4 volumes in 4°. Amsterdam. 400 pl. col. Para as datas de publicação dos volumes ver BROWN, 1941.

DOUBLEDAY, EDWARD & WESTWOOD, JOHN O.

- 1846-1852 — *The Genera Diurnal Lepidoptera*. 2 volumes in folio. 534 pp., 81 pl. (color). Ver BROWN, 1941, para as datas de publicação dos volumes.

DRUCE, HERBERT.

- 1876 — List of Butterflies of Peru, with Descriptions of new Species, with some Notes by Edward Bartlett. *Proceedings of the Zoological Society of London*; 205-250, ests. color. 17-18.

DRURY, D.

- 1770-1782 — *Illustrations of Natural History Figures of Exotic Insects*. 3 vols. in-4°. 150 ests. col.

FABRICIUS, JOH. CHRIST.

- 1775 — *Systema Entomologiae, sistens insectorum classes ordines, genera, species, adiectis synonymia, locis, descriptionibus observationibus*. In-8°. Flensburgi et Lipsiae. 32+832 pp.

- 1793-1798 — *Entomologia Sistematica emendata et aucta. Lepidoptera*: vol. 3 (1): 487; vol. 3 (2): 349. *Supplementum* 572 pp. e *Index* 52 pp.

FASSL, A. H.

- 1922 — Zwei neue *Callitaera*-Formen (Lep.) *Entomologische Zeitschrift*. Frankfurt a. M., 36: 22.

FELDER, C. & R.

- 1862 — *Specimen faunae lepidopterologicae riparum fluminis Negro Superioris in Brasilia Septentrionali. (Continuatio)*. *Wiener Entomol. Monatschrift*, 6 (6): 175-192.

GAEDE, M.

1931 — *Lepidopterorum Catalogus, pars 43, 46, 48, Satyridae 1-3.* 759 pp. W. Junk, Berlin.

GODART, JEAN BAPTISTE

1819-1823 — *Encyclopédie Méthodique*, 9: 828.

GODMAN, FREDERIC du CANE & SALVIN, OSBERT

1868 — *On some new diurnal lepidoptera from South America.* *Ann. Mag. Nat. Hist.* (4) 2: 141-145.

1879-1901 — *Biologia Centrali-Americana, Insecta Lepidoptera Rhopalocera:* 46+ 1269, 112 ests. color. (3 vols., sendo um de atlas).

HAYWARD, KENNETH J.

1939 — *Ropaloceros de las Yungas de Bolivia.* Coleccionados em 1931 por P. C. L. DENIER. *Physis*, 17: 175-384.

HERBST, JOHANN FRIEDRICH WILHELM & JABLONSKY, CARL GUSTAV.

1783-1804 — *Natursystem aller bekannten in-und ausländischen Insecten; nach dem System des Ritters Carl von Linné bearbeit (von Jablonsky), fortgesetzt von J. F. W. Herbst.* Berlin, Pauli, 1785-1806, in 8°, 21 vols. Bande 11-21, *Schmetterlinge* Bd. 1-2 (1783-84), 3-11, von Herbst, 1788-1804, Tab. 1-327, Titelkpf.

Tom. 1 (1783): 216 pp., tab. 6,	Tom. 2 (1784): 295 pp., tab. 14,
" 3 (1788): 232 pp., " 32,	" 4 (1790): 208 pp., " 28,
" 5 (1792): 230 pp., " 37,	" 6 (1793): 162 pp., " 36,
" 7 (1794): 178 pp., " 28,	" 8 (1796): 304 pp., " 43,
" 9 (1798): 206 pp., " 30,	" 10 (1800): 334 pp., " 36,
" 11 (1804): 391 pp., " 30,	

HEWITSON, W. C.

1869 — *Descriptions of six new species of diurnal Lepidoptera from Nicaragua.* *Trans. Entom. Soc. London*, pp. 33-35.

HÜBNER, JACOB

1816-1827 — *Verzeichniss bekannter Schmettlinge.*
In 8° Augsburg 431 pp. e Index 72 pp.
Ver datas em Hemming, Hübner 1937.

KIRBY, W.

1871-77 — *A synonymy Catalogue of Diurnal Lepidoptera.*
Londres in 8° with suppl. 883 pp.

KRÜGER, E.

1932-1933 — *Verbreitung und Ableitungseiniger Tagfalterfamilien des tropischen Amerikas (Rhop Le.)* *Deut. Ent. Zeits.*, Berlin, Jahrg. n. 2/3 Janeiro, p. 149-194.

LE CERF, FD.

1926-1927 — *Lépidoptères nouveaux du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris et notes diverses.*
Enc. Entomol., ser. B., Lep. 2: 44-58.

MÖSCHLER, H. B.

- 1876-1877 — Beiträge zur Schmetterlings. — Fauna von Surinam. I
Verhandlung der K. K. zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien,
26: 294-352, t. 3-4.

RIBEIRO, VICTOR DE MIRANDA.

- 1931 — Lepidopteros de Matto Grosso (Rhopalocera).
Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 7, p. 31-52.

ROSENBERG, W. F. & TALBOT G.

- 1913 — New South American Butterflies.
Trans. of the Entomological Society of London, p. 671-682.

STAUDINGER, OTTO

- 1888 — Exotische Tagfalter Bayern in 4^o, 333 pp. Atlas in 4^o, 100 est. color.

WEYMER, G.

- 1910-1912 — In Seitz, the Macrolepidoptera of the World. vol. V (Satyridae)
pp. 173-283, ests. col. 42-60.

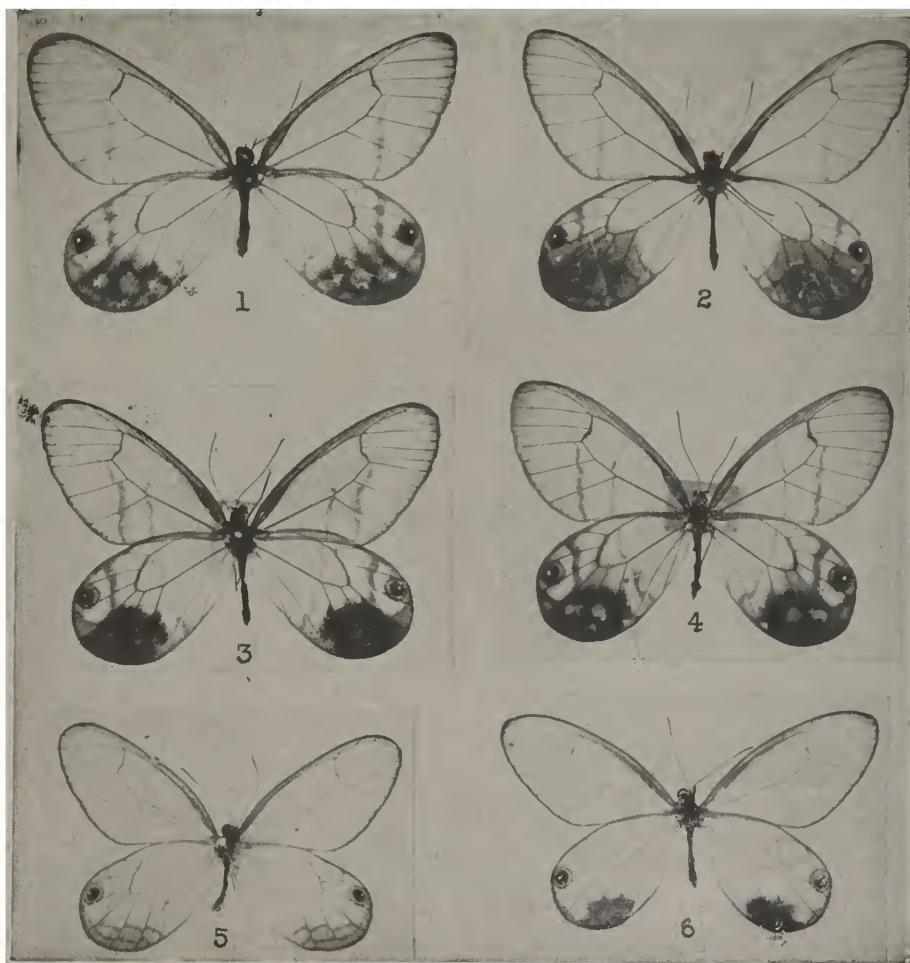


Fig. 1 *Cithaerias phantoma* (FASSL) ♀ Rio Itacoáí, Amazonas.
Fig. 2 " *phantoma* (FASSL), ♂ Rio Itacoáí, Amazonas.
Fig. 3 " *similigena* sp. n. ♂ holótipo. Rio Içana, Amazonas.
Fig. 4 " " sp. n. ♀ alótipo. Rio Içana, Amazonas.
Fig. 5 " *juruaënsis* sp. n. ♂ holótipo, Juruá, Acre.
Fig. 6 " *rubina* (FASSL), ♂ Taperinha, Pará.



- Fig. 1 *Cithaerius phantoma* (FASSI) Genitália do ♂.
Fig. 2 *Dulcedo polita* (HEW.) Genitália do ♂.
Fig. 3 *Cithaerius similigena* sp. nov. Genitália do ♂. (O *saccus* acha-se partido na extremidade).
Fig. 4 " " Genitália do ♂ (1/4 de perfil).

ÍNDICE

— A —

aberrans, Diogmites	82
absconsus, Geraecormobius	167
acanthopus, Gonyleptes	175
acanthoscelis, Geraecormobius	167
Acrogonyleptes	157
Acrogonyleptoides	157 e 153
aculeata, Tumbesia	217
Adhynastes	158 e 159
Adelphobunus	158
agilis, Marmosa agilis	351
Albicirculatus, Paragonyleptes	201
albilineatus, Comboyus	163
albimanus, Mirolestes	114
albipunctata, Jupuvura	188
albipunctatus, Mitobates	234
albipustulata, Huasampillia	185
albomarginatus, Lastauroides	98
alexanderi, Lastauroides	95
Allogonyleptes	159
Allopogon	40 a 45
almeidai, Gonyleptes	175
almeidai, Senobasis	26
alticola, Paragonyleptes	201
alvesi, Diogmites	79
americanus, Monodelphis	358
analís, Stygnoleptes	223
analís, Senobasis	19
Ancistrotellus	226 a 230
androgynus, Geraecormobius	167
Angistripygus	159
Annamiya	131 e 132
anomala, Xundarava	220
anomalus, Ancistrotellus	226
anomalus, Diogmites	68
anomalus, Geraecormobius	167
anomalus, Metagonyleptoides	194
anomalus, Uracantholeptes	219
anthracinus, Lastaurus	90
antiquus, Paragonyleptes	202
Aphamartania	126 a 130
apicalis, Senobasis	28
approximans, Leptotila verreauxi	299
Araiopogon	122 a 124
Araucanoleptes	160
ardens, Lastaurina	106
argyrocineta, Caenarolia	36
Ariadna	374
arlei, Urodiabunus	219
armata, Orguesia	199
armatifrons, Metagonyleptes	191
armatissima, Mitobatulina	235
armatissimus, Pachylibunus	199
armatus, Bunoleptes	161
armatus, Geraecormobius	168
armatus, Gonyleptes	175
asperulus, Paragonyleptes	202
Asarcus	230 e 231
Aspidopyga	132 a 134
atrolutea, Quixaba	210
atroluteus, Geraecormobius	168
atrus, Gonyleptes	175
attenuatus, Cyrtophrys	121
auricola, Paragonyleptes	202
auriculata, Zenaidura	316
aurilimbata, Saramacia	222
aurita, Didelphis	342
aurorina, Cithaerias	497 e 500

— B —

bacillifera, Cleptomyia	125
baeri, Columba plumbea	251
bahiae, Leptotila rufaxilla	304
bahiensis, Triaenosoma	216
barbiellini, Gonyleptes	175
barbiellini, Mirolestes	113
barrettoí, Macrocolus	120
basalis, Caenarolia	37
bassleri, Blepharepium	58
bellus, Ancistrotellus	226
biapiculatus, Dorius	374

<i>bicalcaratus</i> , <i>Metagonyleptoidea</i>	194	<i>capito</i> , <i>Corinna</i>	456
<i>bicolor</i> , <i>Macrocolus</i> ,	119	<i>carinatus</i> , <i>Metagonyleptes</i>	191
<i>bicolor</i> , <i>Pseudorus</i>	15	<i>carioca</i> , <i>Geraecormobius</i>	168
<i>bicuspidatum</i> , <i>Collonychium</i>	220	<i>Carlotta</i>	162
<i>bicuspidatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	202	<i>castanea</i> , <i>Mitobatula</i>	235
<i>bifasciatus</i> , <i>Diogmites</i>	72	<i>Castaneira</i>	462
<i>bifurcatus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	227	<i>castaneus</i> , <i>Diogmites</i>	85
<i>bimaculata</i> , <i>Ihaia</i>	186	<i>castaneus</i> , <i>Progonyleptoidea</i>	209
<i>bimaculatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	202	<i>catharinensis</i> , <i>Sadocus</i>	211
<i>bimaculatus</i> , <i>Stephanocranion</i>	213	<i>Cathaemasioidea</i>	477
<i>bipustulatus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	227	<i>Cathaemasia</i>	470 a 477
<i>bisignatus</i> , <i>Geraecormobius</i>	168	<i>Caxambusia</i>	162 e 168
<i>bispinifrons</i> , <i>Geraecormobius</i>	168	<i>cayannense</i> , <i>Blepharepium</i>	50
<i>bittencourti</i> , <i>Roeweria</i>	239	<i>cayannensis</i> , <i>Columba cayannensis</i>	263
<i>Blepharepium</i>	45 a 57	<i>Centroleptes</i>	163
<i>Bocaina</i>	160	<i>cervicornis</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>bolivianus</i> , <i>Metasarcus</i>	234	<i>cervifrons</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>bombimorpha</i> , <i>Lastaurus</i>	92	<i>cervus</i> , <i>Gonyleptes</i>	176
<i>borellii</i> , <i>Progonyleptes</i>	208	<i>cheloides</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>borgmeieri</i> , <i>Gonyleptes</i>	175	<i>Chironectes</i>	346 a 348
<i>Bothriospila</i>	370	<i>chilensis</i> , <i>Neogonyleptes</i>	196
<i>Bradypus</i>	335 e 337	<i>chlorauchenia</i> , <i>Leptotila verreauxi</i>	298
<i>brasiliensis</i> , <i>Bradypus tridactylus</i>	335	<i>chrysauchenia</i> , <i>Zenaidura auriculata</i>	317
<i>brasiliensis</i> , <i>Leptotila verreauxi</i>	300	<i>Cithaerias</i>	496 a 501
<i>bressloui</i> , <i>Deltaspidium</i>	165	<i>Claravis</i>	307 a 313
<i>bressloui</i> , <i>Geraecormobius</i>	168	<i>claripennis</i> , <i>Senobasis</i>	25
<i>brieni</i> , <i>Gonyleptes</i>	176	<i>clavifemur</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>bristowei</i> , <i>Ancistrotellus</i>	227	<i>Cleptomyia</i>	124 a 126
<i>bromleyana</i> , <i>Senobasis</i>	22	<i>Cnemoleptes</i>	231 e 232
<i>bromleyi</i> , <i>Diogmites</i>	78	<i>coarctatum</i> , <i>Blepharepium</i>	55
<i>brunneus</i> , <i>Diogmites</i>	81	<i>Coccoderus</i>	367
<i>bufo</i> , <i>Neosadocus</i>	197	<i>Cocheleti</i> , <i>Selenops</i>	455
<i>Bugabitia</i>	231	<i>coffeatus</i> , <i>Diogmites</i>	65
<i>Bullaepus</i>	160	<i>Collonychium</i>	220
<i>Bunoleptes</i>	160 e 161	<i>Columba</i>	246 a 266
<i>bunoweyhioides</i> , <i>Gonyleptes</i>	176	<i>Columbigallina</i>	283 e 292
<i>busiris</i> , <i>Phonicocleptes</i>	59	<i>Columbina</i>	278 a 282
— C —			
<i>Cabassous</i>	332 e 334	<i>Comboyus</i>	163
<i>Cadeadoius</i>	161	<i>congolensis</i> , <i>Ribeiroia</i>	486
<i>Caenarolia</i>	33 a 39	<i>conspersus</i> , <i>Mitobates</i>	234
<i>calcar</i> , <i>Metagonyleptes</i>	191	<i>conspersus</i> , <i>Styloleptes</i>	213
<i>calcaratus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	203	<i>conspicillatus</i> , <i>Sadocus</i>	211
<i>calcaripes</i> , <i>Gonyleptes</i>	176	<i>convexus</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>calcartibialis</i> , <i>Triaenoplus</i>	216	<i>cophuroidea</i> , <i>Aspidopyga</i>	133
<i>Caldasius</i>	161 e 162	<i>corallipes</i> , <i>Asarcus</i>	230
<i>callis</i> , <i>Cathemasioidea</i>	477	<i>Corinna</i>	456
<i>Caluromys</i>	348 e 349	<i>Corralia</i>	163 e 164
<i>campestris</i> , <i>Uropelia</i>	276	<i>costaricensis</i> , <i>Glysteroides</i>	221
<i>cancellatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	176	<i>coxalis</i> , <i>Mitobatula</i>	235
<i>cancellatus</i> , <i>Metamitobates</i>	233	<i>crassicaudata</i> , <i>Lutreolina crassicaudata</i>	355
<i>capichaba</i> , <i>Liogonyleptoidea</i>	189	<i>crassipalpus</i> , <i>Ariadna</i>	445
		<i>crassitarsis</i> , <i>Doryclius</i>	10
		<i>crassitarsis</i> , <i>Lastauroidea</i>	100

<i>crassus</i> , <i>Gonyleptes</i>	176
<i>cribrum</i> , <i>Syncranus</i>	224
<i>Cryptomeloleptes</i>	164
<i>crypturocytia</i> , <i>Crypturocytia</i>	164
<i>cunhai</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>cupidensis</i> , <i>Metagonyleptoides</i>	195
<i>curitibae</i> , <i>Melloleitania</i>	190
<i>curitibae</i> , <i>Paraprowaeyhia</i>	207
<i>curticornis</i> , <i>Liogonyleptoides</i>	190
<i>curvicornis</i> , <i>Geraecormobius</i>	169
<i>curvicornis</i> , <i>Gonyleptes</i>	177
<i>curvifemur</i> , <i>Geraecormobius</i>	170
<i>curvifemur</i> , <i>Liogonyleptoides</i>	189
<i>curvipes</i> , <i>Gonyleptes</i>	177
<i>curvispina</i> , <i>Paragonyleptes</i>	203
<i>curvispinosus</i> , <i>Metagonyleptes</i>	192
<i>cuspidata</i> , <i>Ilhaia</i>	186
<i>Cyrtophrys</i>	121
<i>cyanopsis</i> , <i>Oxypelia</i>	314

— D —

<i>d'andrettae</i> , <i>Pseudorus</i>	15
<i>damicoi</i> , <i>Gonypernoides</i>	181
<i>Dasyopus</i>	325 a 328
<i>decipiens</i> , <i>Leptotila verreauxi</i>	296
<i>decoratus</i> , <i>Promitobates</i>	237
<i>defensa</i> , <i>Haversia</i>	182
<i>Deltaspidium</i>	164 e 165
<i>depressa</i> , <i>Corralia</i>	164
<i>Deromyia</i>	121 e 122
<i>dichrurus</i> , <i>Caluromys philander</i>	348
<i>Diconospelta</i>	165
<i>Didelphis</i>	341 a 334
<i>difficilis</i> , <i>Promitobates</i>	237
<i>digna</i> , <i>Aphamartania</i>	128
<i>dilatatus</i> , <i>Sadocus</i>	211
<i>Diogmites</i>	62 a 85
<i>Diorus</i>	373 a 377
<i>distendes</i> , <i>Doryclus</i>	9
<i>divaricatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	203
<i>docilis</i> , <i>Neogonyleptes</i>	196
<i>dollfusi</i> , <i>Cathaemasia</i>	474
<i>Doryclus</i>	8 a 13
<i>Drastus</i>	165
<i>dubia</i> , <i>Carlotta</i>	162
<i>dubius</i> , <i>Ancistrotellus</i>	227
<i>dubius</i> , <i>Paragonyleptes</i>	203
<i>dubusi</i> , <i>Leptotila rufaxilla</i>	304
<i>Dulcedo</i>	501 e 502

— E —

<i>editus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	203
<i>elegans</i> , <i>Bothriospila</i>	370
<i>elegans</i> , <i>Psamatocerus</i>	366

<i>elegantulus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	227
<i>enteodon</i> , <i>Gonyleptes</i>	177
<i>enoplus</i> , <i>Bullaepus</i>	160
<i>esmeralda</i> , <i>Cithaerias</i>	500
<i>espiritasantensis</i> , <i>Gonyleptes</i>	177
<i>Eugonyleptes</i>	165 e 166
<i>Euphractus</i>	329 e 330
<i>examinans</i> , <i>Diogmites</i>	82
<i>exceptionalis</i> , <i>Araucanoleptes</i>	160
<i>exochus</i> , <i>Acrogonyleptoides</i>	158

— F —

<i>fallax</i> , <i>Lastaurus</i>	91
<i>fallax</i> , <i>Paragonyleptes</i>	204
<i>famelica</i> , <i>Cathaemasia</i>	473
<i>fascialis</i> , <i>Mirolestes</i>	116
<i>fenestratus</i> , <i>Lastaurus</i>	92
<i>ferrugineus</i> , <i>Diogmites</i>	83
<i>fidelis</i> , <i>Ilhaia</i>	186
<i>flavimanus</i> , <i>Euphractus sexcinctus</i>	329
<i>flavus</i> , <i>Centroleptes</i>	163
<i>Fonckia</i>	166
<i>fragilis</i> , <i>Gonyleptes</i>	177
<i>fragilis</i> , <i>Gonypernoides</i>	181
<i>franciscoi</i> , <i>Therezopolis</i>	215
<i>frauenfeldi</i> , <i>Aphamartania</i>	127
<i>frontalis</i> , <i>Neogonyleptes</i>	196
<i>frontalis</i> , <i>Paragonyleptes</i>	204
<i>fuliginosa</i> , <i>Tumbesia</i>	217
<i>fulvigranulatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	204
<i>furcata</i> , <i>Carlotta</i>	162
<i>fuscipicta</i> , <i>Gonazula</i>	173

— G —

<i>gallardoi</i> , <i>Diconospelta</i>	165
<i>gayi</i> , <i>Araipogon</i>	123
<i>genusulphureus</i> , <i>Metamitobates</i>	233
<i>Geraecormobius</i>	166 a 172
<i>gertschi</i> , <i>Gonyleptes</i>	178
<i>gibbosa</i> , <i>Gonazula</i>	174
<i>giganteus</i> , <i>Priodontes</i>	331
<i>Giltaya</i>	172 e 173
<i>Glysteroides</i>	221 e 222
<i>Glysterus</i>	173
<i>godefrida</i> , <i>Claravis</i>	311
<i>gofferjéi</i> , <i>Tupacarana</i>	218
<i>gomesianus</i> , <i>Pachylibunus</i>	200
<i>Gonazula</i>	173 e 174
<i>Gonyleptellus</i>	174
<i>Gonyleptes</i>	174 a 181
<i>Gonyleptidae</i>	151 a 157
<i>gonyleptoides</i> , <i>Stephanocranion</i>	213

Gonypernoides	181	incisa, Ilhaia	187
gonypernoides, Paragonyleptes	205	incerta, Melloa	190
gracilipes, Metamitobates	233	incerta, Nichteroya	198
gracilis, Ancistrotellus	227	incertus, Metagonyleptes	192
gracilis, Deromyia	122	inclusus, Diogmites	76
grandis, Metagonyleptes	192	indivisus, Guascaleptes	181
grandis, Pachylibunus	200	inermis, Liogonyleptoides	189
granulata, Theliospelta	214	ingenus, Asarcus	230
granulatus, Gonyleptes	178	Inhuma	188
granulosissimus, Promitobates	237	insignis, Metaroezeria	233
granulosus, Geraecormobius	170	insignis, Ribeiroira	486
griseola, Columbigallina passerina ..	290	insignitus, Allogonyleptes	159
guapimirim, Ancistrotellus	228	insperatus, Ancistrotellus	228
Guascaleptes	181 e 182	intactus, Diogmites	82
guatemalensis, Glysteroides	222	intermedia, Ilhaia	187
guentheri, Doryclus	13	intermedius, Ancistrotellus	228
guttatus, Gonyleptes	178	Iporangaia	232
guttatus, Sadocus	211		
gyrophora, Senobasis	29		
		— J —	
— H —		jessieae, Zenaidura auriculata ...	322
hamatus, Metagonyleptes	192	Jupuvura	188
hamatus, Pachylibunus	200	juruaënsis, Cithaerias	499 e 500
hamiferus, Paragonyleptes	205		
Hanseniella	182	— K —	
hatschbachi, Promitobates	237	karschii, Neogonyleptes	196
Haversia	182		
Heliella	183	— L —	
heloisae, Prowoyhia	210	labiata, Megapoda	7
hematus, Drastus	165	laevibunus, Stylopisthos	213
hensell, Micrathena	450	laeviscutatus, Glysterus	173
hermanni, Pseudorus	14	lanei, Gonyleptes	179
Hernandaria	222	lanei, Lastaurax	110
Hernandria	183	lanei, Senobasis	23
heteracanthus, Promitobates	237	langei, Phonicocleptes	61
Heterocranus	223	laniger, Caluromys laniger	349
Heterogonyleptes	183 e 184	Lastaurax	109 a 111
hexacanthus, Promitobates	237	Lastaurina	106 e 107
hians, Cathaemasia	470	Lastauroides	95 a 104
hirtuosus, Lastauroides	97	Lastauronia	104 a 106
Hoggellula	184	Lastauropsis	107 a 109
holacantha, Xundarava	220	Lastaurus	88 a 94
Holoversia	184	latus, Neosadocus	197
horridus, Gonyleptes	178	Leptocnemus	232
huadquinae, Progonyleptoides	209	Leptotila	292 a 307
Huasampillia	185	lineola, Diogmites	83
		Liogonyleptoides	189 e 190
— I —		longipennis, Caenarolia	35
iheringii, Monodelphis	357	longipes, Asarcus	230
Ilhaia	185 a 188	lopesi, Senobasis	19
impar, Hanseniella	182	lucida, Ilhaia	187
inca, Blepharepium	57	lugubris, Lastaurus	91

<i>luridum</i> , <i>Blepharepium</i>	47
<i>lutescens</i> , <i>Asarcus</i>	231
<i>lutescens</i> , <i>Ilhaia</i>	187
<i>lutescens</i> , <i>Miradorius</i>	224
<i>Lutreolina</i>	354 a 356
<i>lynchi</i> , <i>Blepharepium</i>	51
<i>lynchii</i> , <i>Mirolestes</i>	116

— M —

<i>Macrocolus</i>	118 a	120
<i>maculipalpi</i> , <i>Ancistrotellus</i>	228	
<i>maculipennis</i> , <i>Aphamartania</i>	128	
<i>maculipennis</i> , <i>Blepharepium</i>	49	
<i>maculosa</i> , <i>Columba maculosa</i>	262	
<i>maculatus</i> , <i>Caldasius</i>	161	
<i>maculatus</i> , <i>Diogmites</i>	81	
<i>magnifica</i> , <i>Therezopolis</i>	215	
<i>mallophoroides</i> , <i>Lastaurus</i>	91	
<i>mamillatus</i> , <i>Metagonyleptes</i>	192	
<i>marajoensis</i> , <i>Zenaidura auriculata</i> ..	321	
<i>marem</i> , <i>Annamyia</i>	131	
<i>marga</i> , <i>Aphamartania</i>	130	
<i>margaritatus</i> , <i>Promitobates</i>	237	
<i>margaritipalpis</i> , <i>Heterocraneus</i>	223	
<i>marginalis</i> , <i>Columba picazuro</i>	261	
<i>marmorata</i> , <i>Bocaina</i>	160	
<i>marmorata</i> , <i>Tupacarana</i>	218	
<i>marmoratus</i> , <i>Progonyleptes</i>	209	
<i>Marmosa</i>	349 a	353
<i>marumbiensis</i> , <i>Geraecormobius</i>	170	
<i>Manaosbia</i>	224 a	226
<i>maxima</i> , <i>Hanseniella</i>	182	
<i>maxima</i> , <i>Mitoperna</i>	236	
<i>Megapoda</i>	6 e	7
<i>melacanthus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	228	
<i>melaleucus</i> , <i>Lastauroides</i>	98	
<i>melanogaster</i> , <i>Neodiogmites</i>	86	
<i>melanostomus</i> , <i>Geraecormobius</i> ..	170	
<i>Melloa</i>	190	
<i>Melloleitania</i>	190 e	191
<i>mendax</i> , <i>Promitobates</i>	238	
<i>mendax</i> , <i>Senobasis</i>	21	
<i>meridionalis</i> , <i>Ilhaia</i>	187	
<i>Metachirops</i>	345 e	346
<i>Metachirus</i>	353 e	354
<i>Metagonyleptes</i>	191 a	193
<i>Metagonyleptoides</i>	193 a	195
<i>Metamitobates</i>	232 e	233
<i>Metaroeweria</i>	233 e	234
<i>Metasarcus</i>	234	
<i>metropolitanum</i> , <i>Gonyleptes</i>	179	
<i>Micrathena</i>	455	
<i>microtarsus</i> , <i>Marmosa microtarsus</i> ..	352	
<i>mimica</i> , <i>Cithaerias</i>	500	

<i>minimus</i> , <i>Chironectes</i>	347	
<i>minor</i> , <i>Neosadocus</i>	197	
<i>minuta</i> , <i>Columbigallina minuta</i> ..	238	
<i>Miradorius</i>	223 e	224
<i>Mirolestes</i>	111 a	118
<i>misandrus</i> , <i>Metagonyleptes</i>	192	
<i>Mischonyx</i>	221	
<i>Mitobates</i>	234 e	235
<i>Mitobatula</i>	235	
<i>Mitobatulina</i>	235 e	236
<i>Mitoperna</i>	236	
<i>mixtus</i> , <i>Lastauroides</i>	101	
<i>modestus</i> , <i>Lastauroides</i>	103	
<i>Monocerodynus</i>	195	
<i>Monodelphis</i>	356 a	362
<i>montana</i> , <i>Oreopeleia</i>	270	
<i>montana</i> , <i>Oreopeleia montana</i>	270	
<i>montis</i> , <i>Geraecormobius</i>	170	
<i>moreirae</i> , <i>Geraecormobius</i>	170	
<i>multimaculatus</i> , <i>Gonyleptellus</i>	174	
<i>mundatas</i> , <i>Senobasis</i>	28	
<i>mutabilis</i> , <i>Lastaurus</i>	90	
<i>muticus</i> , <i>Heterogonyleptes</i>	184	
<i>mutilatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	205	
<i>myosurus</i> , <i>Metachirus nudicaudatus</i> ..	353	
<i>Myrmecophaga</i>	337 a	339

— N —

<i>nanus</i> , <i>Geraecormobius</i>	171	
<i>necans</i> , <i>Allopogon</i>	43	
<i>Neodiogmites</i>	85 a	88
<i>Neogonyleptes</i>	195 e	196
<i>Neosadocus</i>	196 a	198
<i>Nichteroya</i>	198	
<i>niger</i> , <i>Geraecormobius</i>	171	
<i>niger</i> , <i>Lastauroides</i>	99	
<i>niger</i> , <i>Paragonyleptes</i>	205	
<i>nigra</i> , <i>Holoversia</i>	184	
<i>nigricauda</i> , <i>Diogmites</i>	66	
<i>nigrifemur</i> , <i>Ilhaia</i>	187	
<i>nigrimanus</i> , <i>Xenoleptes</i>	220	
<i>nigripes</i> , <i>Ancistrotellus</i>	228	
<i>nigripes</i> , <i>Caldasius</i>	162	
<i>nigroconspersus</i> , <i>Asarcus</i>	231	
<i>nigroides</i> , <i>Ancistrotellus</i>	228	
<i>nigromaculatus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	228	
<i>nitidus</i> , <i>Promitobates</i>	238	
<i>noronha</i> , <i>Zenaidura auriculata</i>	320	
<i>novemcinctus</i> , <i>Dasypus novemcinctus</i> ..	326	
<i>nycticoracis</i> , <i>Cathaemasia</i> (?)	477	

— O —

<i>obscurus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	229	
<i>obscurus</i> , <i>Diogmites</i>	67	

<i>oedipoda</i> , <i>Pegada</i>	208
<i>oligvie-granti</i> , <i>Columba subvinacea</i> ..	255
<i>olivaceus</i> , <i>Trienomeros</i>	216
<i>oliverioi</i> , <i>Ubatubesia</i>	218
<i>opacus</i> , <i>Pleiarthrocerus</i>	372
<i>Opisthoplites</i>	198
<i>Oreopeleia</i>	267 a 272
<i>Orguesia</i>	199
<i>ornata</i> , <i>Senobasis</i>	30
<i>ornatus</i> , <i>Promitobates</i>	238
<i>Oxypelia</i>	313 a 315

— P —

<i>Pachyleptes</i>	199
<i>Pachylibunus</i>	199 e 200
<i>pallescens</i> , <i>Columba plumbea</i>	252
<i>pallidipalpis</i> , <i>Metagonyleptes</i>	193
<i>pallidimanu</i> , <i>Geraecormobius</i>	171
<i>pallidus</i> , <i>Asarcus</i>	231
<i>Paragonyleptes</i>	200 a 207
<i>paraguayana</i> , <i>Marmosa cinerea</i>	350
<i>paraguayensis</i> , <i>Didelphis</i>	343
<i>Paraproweyhia</i>	207
<i>parcigranulatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	179
<i>parvus</i> , <i>Diogmites</i>	75
<i>parvus</i> , <i>Geraecormobius</i>	171
<i>passarellii</i> , <i>Cnemoleptes</i>	232
<i>passerina</i> , <i>Columbigallina</i>	290
<i>patellaris</i> , <i>Angistripygus</i>	159
<i>paucigranulatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	179
<i>paulensis</i> , <i>Monodelphis tricolor</i>	359
<i>pectinatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	179
<i>pectinifemur</i> , <i>Melloleitania</i>	191
<i>pectiniger</i> , <i>Metagonyleptes</i>	193
<i>pectinipes</i> , <i>Gonyleptes</i>	179
<i>perdita</i> , <i>Hanseniella</i>	182
<i>Pegada</i>	207 e 208
<i>perlatus</i> , <i>Ancistrotellus</i>	229
<i>perlatus</i> , <i>Metagonyleptoides</i>	195
<i>Pertyana</i>	208
<i>pessoai</i> , <i>Inhuma</i>	188
<i>phantoma</i> , <i>Cithaerias</i>	497 e 500
<i>philis</i> , <i>Cithaerias</i>	500
<i>Phonicocleptes</i>	58 a 62
<i>picazuro</i> , <i>Columba</i>	258
<i>piceus</i> , <i>Pseudorus</i>	14
<i>pictus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	205
<i>picui</i> , <i>Columbina picui</i>	280
<i>piraquarensis</i> , <i>Acrogonyleptoides</i>	158
<i>pireta</i> , <i>Cithaerias</i>	496 e 499
<i>placidus</i> , <i>Allopogon</i>	45
<i>plumbea</i> , <i>Columba plumbea</i>	250

<i>polyacanthus</i> , <i>Sadocus</i>	212
<i>Praxitheia</i>	364
<i>pretiosa</i> , <i>Claravis</i>	308
<i>princeps</i> , <i>Geraecormobius</i>	171
<i>Priodontes</i>	339 a 332
<i>pritchardi</i> , <i>Aphamartania</i>	129
<i>processigera</i> , <i>Fonckia</i>	166
<i>Proctobunoides</i>	208
<i>Progonyleptes</i>	208 e 209
<i>Progonyleptoides</i>	209 e 210
<i>Promitobates</i>	236 a 238
<i>Pronomopsis</i>	8
<i>Proweyhia</i>	210
<i>pseudogranulatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	179
<i>pseudoguttatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	180
<i>Pseudorus</i>	13 a 15
<i>Psymatocerus</i>	366
<i>pugilator</i> , <i>Gonyleptes</i>	180
<i>pulcher</i> , <i>Adelphobunus</i>	158
<i>pulcher</i> , <i>Paragonyleptes</i>	206
<i>Pulchrosoma</i>	477 a 486
<i>pulchrosoma</i> , <i>Pulchrosoma</i>	478
<i>pungens</i> , <i>Cadeadoius</i>	161
<i>purpureotincta</i> , <i>Columba subvinacea</i> ..	254
<i>pustulatus</i> , <i>Gonyleptes</i>	180
<i>pustulosa</i> , <i>Iporangaia</i>	232
<i>pustulosus</i> , <i>Progonyleptoides</i>	209
<i>pygoplus</i> , <i>Metagonyleptes</i>	193
<i>pygoplus</i> , <i>Paragonyleptes</i>	206
<i>pyropina</i> , <i>Cithaerias</i>	500

— Q —

<i>quica</i> , <i>Metachirus opossum</i>	345
<i>Quixaba</i>	210

— R —

<i>recentissimus</i> , <i>Gonyleptes</i>	180
<i>recondita</i> , <i>Columba subvinacea</i>	255
<i>reichenbachii</i> , <i>Leptotila rufaxilla</i> ..	306
<i>reticulata</i> , <i>Pulchrosoma</i>	482
<i>rhombungulata</i> , <i>Senobasis</i>	20
<i>Ribeiroia</i>	486
<i>riodariensis</i> , <i>Melloleitania</i>	191
<i>robustus</i> , <i>Lastaurus</i>	93
<i>Roeweria</i>	238 e 239
<i>rohri</i> , <i>Geraecormobius</i>	171
<i>ronae</i> , <i>Pertyana</i>	208
<i>rosae</i> , <i>Ancistrotellus</i>	229
<i>roseus</i> , <i>Therezopolis</i>	215
<i>rufaxilla</i> , <i>Leptotila rufaxilla</i>	303
<i>rufipennis</i> , <i>Columbigallina talpacoti</i> ..	287
<i>rugosus</i> , <i>Thaumatoleptes</i>	214

— S —

<i>Sadocus</i>	211 c	212
<i>salebrosus</i> , <i>Geraecormobius</i>		172
<i>saprophilus</i> , <i>Gonyleptes</i>		180
<i>Saramacia</i>		222
<i>Sarapogonini</i>		30
<i>Sawayai</i> , <i>Therezopolis</i>		215
<i>scaber</i> , <i>Eugonyleptes</i>		166
<i>scabricula</i> , <i>Hernandaria</i>		222
<i>Scardafella</i>	272 a	276
<i>scalops</i> , <i>Monodelphis</i>		360
<i>schubarti</i> , <i>Geraecormobius</i>		172
<i>scopulata</i> , <i>Manaosbia</i>		224
<i>scotia</i> , <i>Huasampillia</i>		185
<i>scutatus</i> , <i>Glysterus</i>		173
<i>secabile</i> , <i>Blepharepium</i>		53
<i>Selenops</i>		455
<i>Senobasis</i>	16 a	30
<i>septemcinctus</i> , <i>Dasyopus</i>		328
<i>serranus</i> , <i>Paragonyleptes</i>		206
<i>serratipes</i> , <i>Carlotta</i>		162
<i>serratus</i> , <i>Metagonyleptes</i>		193
<i>serrina</i> , <i>Tupacarana</i>		218
<i>serrulatum</i> , <i>Stephanocranion</i>		213
<i>silvarum</i> , <i>Geraecormobius</i>		172
<i>similigena</i> , <i>Cithaerias</i>	498 e	500
<i>simoni</i> , <i>Paragonyleptes</i>		206
<i>singularis</i> , <i>Adelphobunus</i>		158
<i>singularis</i> , <i>Heliella</i>		183
<i>singularis</i> , <i>Triaenosoma</i>		217
<i>soaresi</i> , <i>Paragonyleptes</i>		206
<i>Sodreana</i>		212
<i>sodreana</i> , <i>Sodreana</i>		212
<i>solitaria</i> , <i>Giltaya</i>		173
<i>speciosa</i> , <i>Columba</i>		256
<i>spectabilis</i> , <i>Cathaemasia</i>		472
<i>spectans</i> , <i>Phonicocleptes</i>		60
<i>spinifrons</i> , <i>Acrogonyleptes</i>		157
<i>spinifrons</i> , <i>Geraecormobius</i>		172
<i>spinifrons</i> , <i>Progonyleptoides</i>		209
<i>spinosa</i> , <i>Hernandria</i>		183
<i>spinus</i> , <i>Cryptomeloleptes</i>		164
<i>spitzii</i> , <i>Caenarolla</i>		39
<i>squalidus</i> , <i>Ancistrotellus</i>		229
<i>squalidus</i> , <i>Mischonyx</i>		221
<i>squammata</i> , <i>Scardafella squammata</i>		273
<i>staurophora</i> , <i>Senobasis</i>		21
<i>stenura</i> , <i>Zenaidura auriculata</i>		323
<i>Stephanocranion</i>	212 e	213
<i>strepitans</i> , <i>Columbina picui</i>		282
<i>stygnoides</i> , <i>Mitobates</i>		235
<i>Stygnoleptes</i>	222 e	223
<i>Styloleptes</i>		213
<i>Stylopiethos</i>	213 e	214

<i>subcontractum</i> , <i>Blepharepium</i>		52
<i>subvinacea</i> , <i>Columba</i>		253
<i>sulina</i> , <i>Ihala</i>		188
<i>sulphureus</i> , <i>Leptocnemus</i>		232
<i>sylvestris</i> , <i>Columba cayannensis</i>		264
<i>Syncranaus</i>		224

— T —

<i>talpacoti</i> , <i>Columbigallina talpacoti</i> ..		284
<i>Tamandua</i>	339 a	341
<i>teixeirai</i> , <i>Coccoderus</i>		367
<i>tenebrosus</i> , <i>Neodiogmites</i>		87
<i>tenuis</i> , <i>Adhynastes</i>		159
<i>terribilis</i> , <i>Huasampillia</i>		185
<i>tessellatus</i> , <i>Allopegon</i>		44
<i>tetracanthus</i> , <i>Pachyleptes</i>		199
<i>tetradactyla</i> , <i>Tamandua tetradactyla</i> ..		339
<i>Theliospelta</i>		214
<i>Thaumatoleptes</i>		214
<i>Therezopolis</i>	214 e	215
<i>therezopolis</i> , <i>Therezopolis</i>		215
<i>Theromyia</i>	130 e	131
<i>thiacanthus</i> , <i>Ancistrotellus</i>		229
<i>tibialis</i> , <i>Senobasis</i>		27
<i>tijucae</i> , <i>Ancistrotellus</i>		229
<i>transiens</i> , <i>Lastaurus</i>		91
<i>travassosi</i> , <i>Lastauronia</i>		104
<i>travassosi</i> , <i>Praxithea</i>		364
<i>travassosi</i> , <i>Ubatubesia</i>		218
<i>Triaenomerus</i>		216
<i>Triaenoplus</i>		216
<i>Triaenosoma</i>	216 e	217
<i>triacantha</i> , <i>Bugabitia</i>		231
<i>triacanthus</i> , <i>Paragonyleptes</i>		207
<i>tridactyla</i> , <i>Myrmecophaga tridactyla</i> ..		337
<i>Trifolium</i>	487 e	488
<i>trifolium</i> , <i>Trifolium</i>		487
<i>trochanteralis</i> , <i>Caldasius</i>		162
<i>torulosus</i> , <i>Metagonyleptes</i>		193
<i>tuberosus</i> , <i>Proctobunoides</i>		206
<i>Tumbesia</i>		217
<i>Tupacarana</i>	217 e	218

— U —

<i>ubatubae</i> , <i>Gonyleptes</i>		180
<i>Ubatubesia</i>		218
<i>umbonatus</i> , <i>Paragonyleptes</i>		207
<i>una</i> , <i>Proweyhia</i>		210
<i>unicinctus</i> , <i>Cabassous</i>		333
<i>unicus</i> , <i>Angistripygus</i>		159
<i>unistriatus</i> , <i>Monodelphis</i>		358

Uracantholeptes	218 e	219
Urodiabunus		219
Uropelia	276 a	278

— V —

vallentini, Hoggellula		184
varia, Castaneira		462
variabilis, Mitoperina		236
variabilis, Neosadocus		197
variegata, Caxambusia		163
variolosus, Monocerodinus		195
varipennis, Doryclus		11
vatius, Gonyleptes		180
vazferreirae, Diconospelta		165
velutina, Marmosa		351
ventralis, Hernandria		183
venturiana, Columba picazuro		260
venustus, Metamitobates		233
verreauxi, Leptotila		294
villosus, Lastauroopsis		108
violacea, Oreopeleia violacea		268
virescens, Jupuvura		188
viridigranulatus, Ancistrotellus		230
viridiornata, Wygodzinskyia		219
viridisagittatus, Gonyleptes		181

vittatus, Allopogon		41
vorax, Blepharepium		56
vulgaris, Diogmites		69

— W —

wallacei, Columba plumbea		253
weyenberghi, Allopogon		45
winthemi, Diogmites		73
Wygodzinskyia		219
wygodzinskyi, Diogmites		77

— X —

Xenoleptes	219 e	220
Xundarava		220

— Y —

ypsilon, Opisthoplites		198
------------------------------	--	-----

— Z —

Zenaidura	315 a	323
-----------------	-------	-----

